



# O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XI

TERCEIRO DA TERCEIRA SERIE.



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1854.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA, TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1854.

# INDICE ALPHABETICO

DOS

ARTIGOS CONTIDOS

NO

VOLUME UNDECIMO— TERCEIRO DA TERCEIRA SERIE.

(Os asteriscos denotam as gravuras.)

875124

<p>Adeus! (poesia) . . . . . 64</p> <p>Academia celtica * . . . . . 93</p> <p>Akalis (os) * . . . . . 360</p> <p>Alicante * . . . . . 329</p> <p>Allemanha.</p> <p style="padding-left: 20px;">Vid. Cidade de Praga.</p> <p style="padding-left: 20px;">Cidade de Trento.</p> <p style="padding-left: 20px;">Dresde.</p> <p style="padding-left: 20px;">Ratisbonna.</p> <p style="padding-left: 20px;">Salzburgo.</p> <p style="padding-left: 20px;">Trieste.</p> <p>America.</p> <p style="padding-left: 20px;">Vid. Banhos de Saratoga.</p> <p style="padding-left: 20px;">Mont-Vernon.</p> <p>Anno bono (poesia) . . . . . 37</p> <p>Antiguidades de Beja (das) . . . 199</p> <p>Antiguidades egypcias * . . . 260</p> <p>Antiguidades de Santarem . . . 263</p> <p>Antiguidades scandinavas * . . 308</p> <p>Apontamentos de uma viagem a Italia. 74, 83, 93, 101, 319</p> <p>Aqueducto da Carioca * . . . 409</p> <p>Araruta . . . . . 184</p> <p>Archeologia Portugueza.</p> <p style="padding-left: 20px;">Vid. Ceremonias da aclamação de el-rei D. João IV.</p> <p style="padding-left: 40px;">Memorias da villa de Arraxolos.</p> <p>Arquipelago de Cabo Verde. 46</p> <p style="padding-left: 20px;">49, 238, 243.</p> <p>Armas do mameluko Toumanbey * . . . . . 197</p> <p>Arsenal de Veneza . . . . . 249</p> <p>Asia menor.</p> <p style="padding-left: 20px;">Vid. Tumulo de Midas.</p> <p>Atoula kan-Mesjid na India * 204</p> <p>Ausencia (poesia) . . . . . 284</p> <p>Austria. — Vid. Trieste.</p> <p>Bahia.</p> <p style="padding-left: 20px;">Vid. Bahía de todos os Santos.</p> <p style="padding-left: 40px;">Capella de S. Gongalo.</p> <p style="padding-left: 40px;">Cathedral da Bahia.</p> <p>Bahía de todos os Santos . . . 41</p> <p>Banhos de Saratoga . . . . . 333</p> <p><i>Bibliographia.</i></p> <p style="padding-left: 20px;">Aviso ao povo relativamente a cholera-morbus . . . . . 352</p> <p style="padding-left: 20px;">Catalogo dos manuscritos portuguezes existentes no museu britannico . . . . . 400</p> <p style="padding-left: 20px;">Collecção de legislação desde 1003 até 1826 . . . . . 264</p> <p style="padding-left: 20px;">Ensaio sobre a cholera-mor-</p>	<p>bus epidemica, pelo dr. F. J. da Cunha Vianna, e A. M. Barbosa . . . . . 56</p> <p>Estudo moral e politico sobre os Lusíadas. . . . . 304</p> <p>Fastos da Igreja . . . . . 264, 383</p> <p>Instrucções contra a cholera-morbus epidemica, pelos auctores do ensaio. . . . . 56</p> <p>Natureza das Coizas, de T. Lucrecio Caro, trad. por Lima Leitão . . . . . 80, 231</p> <p>Passaio de sete mil leguas (um) . . . . . 192</p> <p>Poesias de L. A. Palmeirim . . . . . 376</p> <p>Poesias de M. M. de Barbosa du Bocage. . . . . 80, 216</p> <p>Bibliotheca de el-rei D. Duarte. — Vid. Memoria ácerca da bibliotheca de el-rei D. Duarte.</p> <p>Bolonha * . . . . . 209</p> <p>Brazil.</p> <p style="padding-left: 20px;">Vid. Aqueducto da Carioca.</p> <p style="padding-left: 40px;">Bahía de todos os Santos.</p> <p style="padding-left: 40px;">Capella de S. Gongalo.</p> <p style="padding-left: 40px;">Cathedral da Bahia.</p> <p style="padding-left: 40px;">Serra dos Orgãos.</p> <p>Bubi. — Vid. Ilha de Fernando Pó.</p> <p>Bulla de 1536. . . . . 224</p> <p>Burro aguadeiro * . . . . . 408</p> <p>Caldas de Vizella no Minho (as) . . . . . 255</p> <p>Canoa da Java fugindo ao tuharão * . . . . . 113</p> <p>Cão do Cego (poesia) . . . . . 8</p> <p>Capella de S. Gongalo * . . . . 97</p> <p>Capri * . . . . . 385</p> <p>Carro de carga equilibrada * 125</p> <p>Carro magnetico dos chinas * 164</p> <p>Cartuxa (a) de Dijon * . . . . 81</p> <p>Caseta gelada de Giesbach . . . 289</p> <p>Cathedral da Bahia . . . . . 273</p> <p>Cathedral de Lincoln . . . . . 101</p> <p>Ceremonias da aclamação de el-rei D. João IV. . . . . 2, 9</p> <p>Chafariz de Saint-Maclood = 164</p> <p>China. — Vid. Ponte sobre pitlares.</p> <p>Cidade de Luxemburgo * . . . . 9</p> <p>Cidade de Praga * . . . . . 225</p>	<p>Cidade de Trento * . . . . . 281</p> <p>Cocoroco. — Vid. Ilha de Fernando Pó.</p> <p>Cocus hesperidum * * * . . . 284</p> <p>Collodion. — Vid. Emprego do —</p> <p>Commercio do gelo nos Estados Unidos . . . . . 384</p> <p>Conde Soberano de Castella. 106</p> <p style="padding-left: 20px;">127, 146.</p> <p>Construcções militares no Indostão * . . . . . 33</p> <p>O Corsario (poesia) . . . . . 270</p> <p>Costumes moldo-valaquijs * . . 57</p> <p>Costumes dos kalmukos * . . . 393</p> <p>Criméa * . . . . . 337</p> <p>Crime (o) quadro de Prudhon * 233</p> <p>Descobrimto da communicação entre dous mares ao norte do continente americano. . . . . 126</p> <p>Descripção da cidade de S. João d'el-rei . . . . . 30</p> <p>Descripção e recordações historicas do pago e quinta de Queluz. . . . . 365, 370, 393</p> <p>Desertor polaco. . . . . 390, 398, 407</p> <p>Destruição dos parasitas dos vegetaes. . . . . 398</p> <p>Dre-de * . . . . . 361</p> <p>Doas notabilidades . . . . . 143</p> <p>Ece Homo * . . . . . 113</p> <p>Embaixada de el-rei D. Manuel ao papa Leão X. 219, 253</p> <p style="padding-left: 20px;">261, 271, 274.</p> <p>Embarcações e pessoas empregadas na pesca maritima e fluvial em Portugal, no anno de 1853 . . . . . 280</p> <p>Embocadura do Bosphoro * . . 158</p> <p>Emprego do collodion na agricultura . . . . . 184</p> <p>Emprego vantajoso da ferrugem das chaminés. . . . . 72</p> <p>Esboctos da vida militar . . . . 39</p> <p style="padding-left: 20px;">47, 136, 212, 247, 278, 358</p> <p>Escola normal de Paris * . . . 121</p> <p>Escolas de la Martinière * . . 400</p> <p>Escrittores portuguezes contemporaneos. — Vid. Poetas lyricos da geração nova.</p> <p>Estadística dos cultos em França. . . . . 188</p> <p>Estadística dos invernos . . . . 191</p> <p>Estadística da população dos</p>
--	--	--

## INDICE ALPHABETICO.

principaes estados da Europa. . . . .	120	Inglaterra. — Vid. Cathedral de Lincoln.		Parau de Achem * . . . . .	352
Estremadura (na) Cartas. 193, 202	302	Inscrição de S. Cotto e S. Prisco * . . . . .	304	Pedro Subleyras * . . . . .	150
Estribo-lanternas * . . . . .	33	Insomnia (poesia). . . . .	85	Pescadores indianos * . . . . .	205
Estudos litterarios.		Instrução dos habitantes dos campos em Wurtemberg. . . . .	367	Pharol de Cordouan * . . . . .	169
Vid. M. M. de B. du Bo-cage.		Instrução publica e desenvolvimento intellectual na Grecia. — 280, 288, 303, 312, 327, 335, 351, 360.		Poesia (a). . . . .	178
Padre Manuel Bernar-des.		Introdução . . . . .	1	Poesias.	
Estudos sobre os diferentes methodos de ensino de ler em Portugal. 22, 31, 79, 87	87	Italia.		Vid. Adens!	
Eteoclo e Polynice * . . . . .	252	Vid. Arsenal de Veneza.		Anno bom.	
Exequias da rainha de Portu-gal na cidade da Bahia * 264	264	Bolonha.		Ausencia.	
Familia do Senhor Capitão-mór. 277, 286, 291, 300, 308	308	Capri.		Cão do Ceo.	
317.		Palacios do canal gran-de em Veneza.		Corsario (o).	
Fragmento (poesia). . . . .	252	Pozzuolo.		Descripção da cidade de S. João d'el-rei.	
França.		Veneza.		Fragmento.	
Vid. Cartuxa de Dijon.		Kalmukos. — Vid. Costumes dos kalmukos.		Garrett.	
Chafariz de Saint-Ma-cloud.		Kronstadt * . . . . .	324	Gloria e Saudade.	
Escola normal de Pa-ris.		Lista completa dos pequenos planetas, com a data em que foram descobertos . . . . .	272	Insomnia.	
Igreja de S. Martinho d'Ainay.		Loanda * . . . . .	339	Vida (a).	
Pharol de Cordouan.		Loterias (as). . . . .	390	Poetas lyricos da geração nova. — Mendes Leal. — 60, 69, 78, 83, 91, 99, 109.	69
Francisco Arago * . . . . .	345	Macao. — Vid. Pagode chinez.		Politica (a) e a agricul-tura. . . . .	188
Futuros (os) pintores do Por-to. . . . .	307	Macrobia celebre * . . . . .	320	Ponte sobre pilares * . . . . .	49
Gallipoli e os Dardanellos. . . . .	139	Manometros * * * . . . . .	213, 224	Porteiro de Cromwell. . . . .	296
Garrett (Visconde de Almei-da —).		Manuel Maria de Barbosa du Boeage. 6, 11, 19, 23, 31, 42	53	Portugal.	
Vid. Garrett.		Margarida Finch * . . . . .	149	Vid. Evora. quartel de ca-vallaria.	
Gloria e Saudade.		Memoria acerca da bibliotheca de el-rei D. Duarte . . . . .	315	Hospital de S. José.	
Morte do sr. Vis-conde d'Almeida		Memorias da villa de Array-los. 17, 34, 58, 69, 135, 163, 180, 190, 198, 206, 229, 234, 250, 283, 290, 301.		Moumento de Gomes Freire.	
Garrett.		Minha lyra (a) poesia . . . . .	192	Padrão em Belem.	
Garrett (poesia) . . . . .	412	Molesta das vinhas. . . . .	80	Palacio do duque de Aveiro.	
Gloria e Saudade (poesia) . . . . .	462	Monstruoso pelo mechanico. 238		Possessões portuguezas.	
Grandes calores * . . . . .	160	Mont-Vernon * . . . . .	217	Vid. Loanda.	
Habitantes de Bilbao * . . . . .	244	Monumento de Gomes Freire. 308		Praça d'Aguada.	
Hannah Snell * . . . . .	61	Monumentos. . . . .	210	Povos ichtyophagos e creó-plagos. . . . .	339
Henrique o liberal * . . . . .	68	Mortalidade da raça humana. 103		Pozzuolo * . . . . .	193
Herules (a) germanico * . . . . .	210	Morte do sr. Visconde de Almei-da Garrett. . . . .	402	Praça d'Aguada * . . . . .	73
Hespanha.		Navio do decimo terceiro se-culo * . . . . .	13	Preservativo contra as mo-cas que perseguem o gado. . . . .	352
Vid. Alicante.		Nota estatistica do gado exis-tente em Franca e Ingla-terra. . . . .	88	Pretos jalofos (os) * . . . . .	189
Templo de S. Miguel.		Nota sobre o consumo da car-ne em Paris e Lisboa. . . . .	16	Principe Schamyl (o) * . . . . .	305
Tumulo de S. Sidro.		Novo betume . . . . .	149	Prodrosos portuguezes. Vid.	
Tumulo do XV secu-lo.		Originalidade da navegação do oceano atlantico septen-trional e do descobrimento de suas ilhas pelos portu-guezes no seculo XV. 40, 48, 55, 62, 67.		Padre Manuel Bernardes.	
Valencia.		Padrão de pedra em Belem * 101		Quadro de Pedro Subleyras * 137	
Hollanda. — Vid. Cidade de Luxemburgo.		Padre Manuel Bernardes . . . . .	322	Quadros maritimos . . . . .	318, 323, 332, 340, 348.
Horroroso successo na Africa. 314	314	Pagode chinez * . . . . .	63	Quanto custam os leões aos habitantes de Argel . . . . .	376
Hospital de S. José * . . . . .	297	Palacio antigo do duque de Aveiro em Belem * . . . . .	177	Quartel de cavallaria em Evo-ra. . . . .	5
Hypopotamos (os) e musica. 32	32	Palacio de recreio * . . . . .	380	Raínda de Portugal (a) S. Mag-estade a Senhora D. Maria II. . . . .	129, 150, 150, 155, 162, 170.
Igreja de S. Martinho d'Ai-nay * . . . . .	17	Palacios do canal grande em Veneza * . . . . .	105	Ratisbonna . . . . .	89
Ilha de Fernando Pó * * 77, 84	84	Parau de Achem * . . . . .	352	Receita e despoza do reino unido da Grã Bretanha e Irlanda no anno de 1833. 64	64
Imperios bysantio e ottama-no (os). 66, 70, 82, 90, 138, 172, 181, 186, 229, 258, 294, 298, 309, 314, 320, 338, 346, 356, 374, 378, 386, 403, 409.		Pedro Subleyras * . . . . .	150	Reflexões relativas à videira, suas doenças e meios de as curar . . . . .	148
India portugueza. — Vid. Pra-ça d'Aguada.		Pescadores indianos * . . . . .	205	Reis (os) de Franca e os tri-butos . . . . .	276
Industria. — Vid. Construcções militares.		Pharol de Cordouan * . . . . .	169	Residencia de Washington. — Vid. Mont-Vernon.	

INDICE ALPHABETICO.

Desertor polaco.	Schamyl. — Vid. O principe Schamyl.	Tumulo de Bonchamp * . . . 344
Sausão na vingança.	D. Sebastião o Desejado. 380, 388 396, 405, 413.	Tumulo de S. Isidro * . . . 336
Scenas de escravatura.	Sebastopol * . . . . . 313	Tumulo de Midas * . . . . 25
D. Sebastião o Desejado.	Semana santa em Roma. 114, 122	Tumulo do XV seculo * . . . 392
Russia.	Serra dos Orgãos * . . . . 377	Typographia franceza (a) . . . 248
Vid. Crimea.	Siluro ou bagre da Europa * . 173	Uso do tabaco de fumo nos campos . . . . . 248
Eronstadt.	Soldado de cavallaria grego * 20	Valencia * . . . . . 237
Sebastopol.	Soldados de infantaria gregos * * . . . . . 29	Viagem ao Minho. 104, 110, 159 166, 174.
Russos (os no decimo seculo. 383)	Suissa. — Vid. Cascata gelada de Giesbach.	Viagens na Africa e na America. 176, 182, 187, 205, 222, 227, 236, 244.
Sabão proprio para tirar nozinhos. . . . . 24	Stearina economica. . . . . 320	Vida (a) poesia. . . . . 350
Salomão e o agricultor . . . . 232	Templo de S. Miguel * . . . . 328	Virgem dos Druidas (a) * . . . 108
Sablarço . . . . . 185	Thomaz Guy * . . . . . 229	Vocação. . . . . 333
Sansão na vingança. 2, 14, 20 27, 30, 44, 51	Touros (os) de Guizando * . 181	Vocação (uma). . . . . 373
Sapho . . . . . 376	Trento. — Vid. Cidade de Trento	Volume dos planetas . . . . 256
Scenas de escravatura. 259, 268 275, 282, 292	Trieste * . . . . . 241	Yak (o) ou boi com cauda de cavallo * . . . . . 416



# O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

## INTRODUÇÃO.

**N**O MOMENTO solenne em que vae abrir-se para o Panorama uma nova e auspiciosa epocha não deve estranhar-se, antes é mui natural, que nos dirijámos aquelles que o trato de longos annos e uma benevolencia nunca desmentida, converteram de simples subscriptores em protectores e amigos mui intimos d'este jornal, assim para lhes agradecer a approvação com que têm honrado as nossas pagas (approvação que val um incentivo poderoso) como para lhes communicar o nosso pensamento, e revelar-lhes as nossas esperanças, indicar-lhes a estrada, que havemos de seguir n'esta não ingloria, mas trabalhosa peregrinação que vamos emprender, quando ainda apenas tínhamos repousado das lidas, e das contrariedades que nos accommetteram na que acaba de terminar com o numero 53 do 10.<sup>o</sup> volume.

Em primeiro logar confessaremos com toda a ingenuidade que o Panorama não foi, no anno de 1853, nem podia ser talvez, aquillo que desejáramos ardentemente que fosse, aquillo que confiamos que elle ha de ser um dia. Depois da existencia atribulada que levou, durante a publicação de uma parte do 9.<sup>o</sup> volume, a difficuldade da nossa empreza subia de ponto: era mister attenuar a influencia perniciosa de uma serie de circumstancias desfavoraveis, que semeavam de abrolhos o caminho que deviamos forçosamente de trilhar, e na realidade nos embaraçaram os primeiros passos. Não era possível applicar sobre um só ponto o esmero e a attenção divertidas no empenho maximo de salvar o credito da publicação, e restabelecer a sua regularidade, posta em duvida pelas ultimas vicissitudes. O anno de 1853 foi pois de verdadeira provação e experiencia, e por isso talvez não satisfizesse inteiramente os mais exigentes.

Sem que porém nos deixemos cegar do amor proprio, parece-nos poder asseverar que o volume, agora concluido, não enveredou a epocha mais brilhante d'este semanario. Alguns dos nomes de que mais se ufana e gloria a litteratura portugueza contemporanea ali figuram, a par de outros muitos menos illustres de certo, mas ja largamente eredores á publica estimação.

Se se podem laxar de menos variados as columnas do Panorama, se este periodico, pela sua indole grave e sisuda, repelle esses escriptos fugitivos, que a moda hoje applaude, que amanhã ninguém lê, porque mui pouco ou nada valem, lá se encontram bastados alguns trabalhos de mais severo lavor, e bastante transcendencia, que sempre hão de ser lidos

com interesse. Fallámos com os documentos á vista. Percorra-se a collecção, e reconhecer-se-ha a verdade.

Pois que temos a consciencia de que o Panorama nos não deslustra; se é nossa convicção intima, que elle não trahiu a missão, que lhe está confiada; e se, apesar de modesto nas aspirações, ninguém pôde negar que ha concorrido, e continua a concorrer, obreiro diligente e zeloso, para a civilização intellectual do nosso bom povo; deixando praguejos e murmuradores, que de tudo sentenciam e de cousa alguma entendem, alonguemos os olhos desassombrados por mais vastos horisontes, e cheios de confiança prosigamos na tarefa a que voluntariamente nos consagramos.

Como até aqui o Panorama procurará ser bom e legitimamente portuguez, na direcção, no caracter, na linguagem; estudos sobre historia e archeologia; quadros de costumes, que retratom o viver e o erer de outras eras, biographias de personagens notaveis pela sciencia, pela litteratura, por suas virtudes (principalmente nacionaes) são assumptos, que hão de occupar de preferencia as suas columnas, sem prejuizo contudo de outras materias.

Daremos a descripção artistica de alguns dos monumentos, que existem pelo reino, acompanhada dos respectivos desenhos, o que se nos affigura tanto mais necessario quanto é certo o inqualificavel desprezo em que são tidas as nossas cousas por estrangeiros e *strangers*.

Alguns dos mais interessantes pontos da instrucção publica hão de ser no presente anno tratados por uma penna mui competente.

Quando todos reconhecem a necessidade de instruir o povo; quando em todos calou a convicção de que um povo ignorante não pôde ser um povo feliz, estudos de similhante ordem parecem-nos ser de uma alta importancia.

As noções mais elementares das sciencias, toda a especie de uteis conhecimentos, que entram no quadro de uma publicação d'esta ordem, figurarão n'ella, a par das composições mais amenas e agradaveis de alguns dos melhores prosadores e poetas contemporaneos.

Como é nosso desejo que o Panorama constitua uma especie de bibliotheca selecta, que possa em todo o tempo consultar-se com algum proveito, continuaremos a excluir d'elle todo o trabalho, que unicamente se recomende pelo interesse do momento.

Escripto por portuguezes e dedicado a todos os portuguezes, o Panorama conservar-se-ha como até aqui estranho absolutamente aos partidos politicos, que nos tem infelizmente dividido. As allusões, quaesquer que sejam, evitar-se-hão cuidadosamente; se recordar alguma vez as lutas civis, que ensanguentaram o nosso solo, e atraçaram por muitos annos a nossa civilização, fal-o-ha unicamente para as lamentar,

Posto que os factos abonem o escrupulo com que a redacção d'este semanario respeita ainda a mais melindrosa susceptibilidade, rectificaremos aqui a declaração solenne de que a moralidade será severamente guardada, e que o sentimento religioso transpirara sempre nas suas paginas. Verdadeiro livro das familias, o Panorama procurará offerecer a todas as idades uma leitura substancial, deleite e sã.

Comprehenderiamos n'este pequeno quadro a missão do Panorama? Sera este o modo por que devemos dirigir os nossos esforços na nova epocha? A consciencia diz-nos que sim. Do que ella porém não está segura e de que as forças nos não fallagem no empenho. Felizmente ja temos dado algumas provas do que pôde a boa vontade e a diligencia, ainda quando desajudadas d'aquelles dotes eminentes que a Providencia concede a poucos dos seus escolhidos.

Pelo que respeita á parte material procuraremos gradualmente approximar o Panorama, na execução artistica, do melhor que nos vem de paizes estranhos.

A gravura em madeira, que este jornal introduziu em Portugal, ha de successivamente aprimorar-se, sob a direcção do insigne artista a quem até hoje tem sido committido este trabalho.

Resta-nos appellar para a protecção do publico intelligente, sem a qual nenhuma empreza é possível.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### CEREMONIAS DA ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. JOÃO IV.

O ALVARO em que estava Lisboa pelo feliz arroyo, que libertara Portugal do dominio de Castella; o prazer que inundava no povo a presença do augusto chefe da casa de Bragança, sobre cuja frente pousavam as sympathias e esperanças de uma nação inteira; o enthusiasmo, finalmente, que todos sentiam ao ver cultre si um rei portuguez depois de sessenta annos de reis intrusos, depois de tantas humilhações ao decoro nacional; todas estas circumstancias deram ás ceremonias da acclamação d'el-rei D. João IV. uma solemnidade como até ali não presenciara esta capital. A este immenso interesse veio ainda juntar-se todo o apparato da realza, e toda a pompa de uma função popular.

O primeiro de dezembro de 1640 foi o dia do desagravo nacional. O brado de independencia, levantado dentro dos muros de Lisboa por quarenta corajosos patriotas, havia resoado desde o Guadiana até ao Minho. Seis dias depois desembarcava no Terreiro do Paço el-rei D. João IV., e a 13 do mesmo mez celebrava-se a sua solenne acclamação.

Teve por theatro esta função a grande praça do Terreiro do Paço, que estava situada onde hoje vemos a Praça do Commercio, e na qual se erguiam os paços da Ribeira. Esta vasta residencia real, edificada por el-rei D. Manuel, augmentada por Philippe II de Hespanha, muito afortunada por D. João V., e completamente destruida pelo terremoto do 1.<sup>o</sup> de novembro de 1755, guarnecia quasi metade da praça da parte do norte, e todo o lado occidental até ao rio, terminando ali em um bello torreão todo de cantaria, e bastante semelhante ao que serve actualmente de secretaria da guerra.

Levantou-se pois junto ao palacio um grande tablado até a altura de uma varanda ou galeria de arcos, que ficava no primeiro andar. Sobre o tablado

construiu-se um throno com seis degraus mui largos, que se cobriram com ricas alfaias de seda. O tablado estava armado interior e exteriormente de veludo carmesim e outras telas. Sobre o ultimo degrau via-se uma magnifica cadeira coberta com um panno de brocado. A parede a que se encostava achava-se armada de veludo carmesim bordado de ouro, e de igual estofa e bordadura era o ducel, que a cobria. As paredes de um e outro lado do throno até ao fim do tablado eram guarnecidas de panos de raze de seda e ouro, tendo no centro, o da direita a figura da *Justiça* e o da esquerda a da *Prudencia*.

Como era pouco espaço o que distava da camara d'el-rei ao tablado, vieram primeiro tomar n'elle logar, segundo a sua cathedra, e funções que tinham a desempenhar, os grandes do reino, os fidalgos sem titulo, os membros dos tribunaes, os prelados, os alcaides-móres, os reis d'armas, arautos e passavantes, porteiros da camara, etc.

Logo depois appareceu el-rei, entrando no tablado pela varanda do paço, a que ficava contiguo. Trajava vestes de côr parda, e de uma fazenda chamada rizzo, bordadas de ouro, com abotoadura de diamantes, e mangas de tela branca com ramos de ouro e prata. Trazia ao pescoço um collar de pedras de muito prego, do qual pendia o habito da ordem de Christo em um circulo de diamantes. Tinha ao lado uma riquissima espada, e lançada aos hombros o manto real, de purpura e ouro.

Precediam sua magestade o alleres-mór Fernão Telles de Menezes, trazendo enrolada a bandeira real; o mordomo-mór D. Manrique da Silva, marquez de Gouvea, empunhando a negrihua, divisa do seu cargo; D. Francisco de Mello, fazendo de condestavel, com o estoque desembainhado e levantado com ambas as mãos; e os mais officiaes-móres com as suas respectivas insignias. João Rodrigues de Sá, camareiro-mór, segurava a cauda do manto real.

Assim que el-rei entrou no tablado tocaram as charanetas, trombetas e atabales, e o reposteiro-mór, Bernardim de Tavora, descobriu a cadeira. Sua magestade subiu ao throno, sentou-se, e empunhou o sceptro de ouro, que lhe foi apresentado pelo camareiro-mór, e o trazia em uma rica salva o thesoureiro do real thesouro.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.

## SANSÃO NA VINGANÇA!

1839)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas ruiu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

JUZES, cap. XVI, v. 30.

I.

UM BAIRRO DE MACAÉ.

Em todas as cidades ha um bairro immundo, de construcções mesquinhas, de miseravel apparencia, habitado pela parte mais indigente da população, e que é todavia o pedago mais poetico, mais monumental d'esses grandes corpos, e quasi sempre o seu berço. Ao approximar de uma cidade antiga, o viajante avizinha logo onde começou a nascer essa povoação;

os signaes são característicos. Enxergue-se uma alta montanha coroada de ameias, erigida de canhões, se é christã a terra, vêr-se-ha tambem ali o emblema eterno da redempção; essa eminencia domina a planície, que em outros tempos estaria exposta a correrias de inimigos, logo as primitivas habitações deviam ser a abrigo da artilharia, pendurarse pela collina até ao sobpé do monte, e só mais tarde se espraíariam pelo valle. E assim que a primitiva Lisboa desce pela encosta do castello até se abysmar em Alfama; o velho burgo do Porto circunda os pagos acastellados do seu bispo soberano; e em Macau, de que ora vamos tratar, a *baieira do Monte* espriguica-se aos pés da sua antiga cidadella. Esta parte, a mais nobre de cada povoação, pelo seu fóro de antiguidade, é, por uma triste contradicção das cousas humanas, votada pelo andar dos tempos a ser o receptaculo de todos os vícios e torpezas, de mistura com todas as miserias, uma como excrecencia da sociedade, um logar maldito, que a cidade nova repelle de si, como os sãos engeitam o leproso. Ainda esta circumstancia se da no sitio de Macau, já apontado, onde tem logar a primeira scena do pobre drama, que nos propomos esboçar, tão pobre como o seu auctor e o seu palco.

Macau é uma cidade formosa, elegante mesmo, mas de poucas recordações historicas; e esse mesmo pouco que pode ainda interessar ao antiquario, está vinculado á fortaleza de S. Paulo do Monte, que abre o seu manto de muralhas para acoutar os feios que repousam nas humildes pousadas da encosta. Nunca houve um alvoroço popular, uma sedição de chins, uma conspiração do senado, que para ali se não recolhessem as autoridades da terra, a tropa e os habitantes pacíficos; e o fogo de uma só bombarda, dirigido pelos frades da companhia de Jesus, foi bastante para fazer parar os holandezes de Cornelio Reyerszoen, quando em 23 de junho de 1622 assaltaram a cidade, facto o mais glorioso da historia de Macau, que é até hoje commemorado com procissão e festa annual.

A este lado da cidade encaminharemos pois o leitor. Supponha que desembarcou na praia Grande, que sobe pela calçada de S. João, que atravessa o largo da Sé, sem se demorar na contemplação da estranha architectura da cathedral, siga pela travessa do Bispo, volte a rua do Hospital, e verá a pouca distancia o rotulo de uma esgrima a dizer-lhe:



Esta triplice indicação do nome da rua encontra-

se em todos os angulos da cidade; e a segunda do lunna traz-luz em caracteres chins o pensamento capricheira; e a terceira da a pronuncia aproximada dos referidas caracteres.

Galgando por essa ladeira chega-se á *baieira do Monte*, logar mais ariscado no transitto noturno do que o lazal chinez da mesma cidade. E ali que se refugiam os desertores e outros quaesquer criminosos, que fogem ao encontro da justiga, e que acham guardada nas miseraveis barraças e palhoças de mulheres sem nome, e quasi sem classificação no genero humano, pela sua heidionda fealdade.

Entremos em um d'esses miseraveis alcouces, habitação de uma filha de Timor, e observemos o que ali se passa ao declinar do dia 26 de outubro de 1850.

A meio da casa está uma tosea branca, ladeada por dous assentes de bambu já quasi inúteis; é toda a mobilia da casa. Sobre a meza vê-se uma botija de aguardente, duas canecas da mais ordinaria louça da china, e uma escudela com restos de peixe; é todo o provimento da habitação. Em um dos bancos está sentida uma mulher de vinte e cinco annos, tez cobreada, olhos pequenissimos, e corpo rachitico; traja hajú e quimão, ao uso das ndonhas, (nativas de Macau) e como ellas, tem pendente da cabeça a desbotada saraga, que já fóra amarella com larra de varias cores; os pés nus e escuros estão apenas apontados em velhos chinelos, e uma das mãos segura o indispensavel cigarro chím. De fronte d'esta miseravel creatura, está igualmente sentado um homem de figura repulsiva, e que parece atingir o estado de embriaguez completa. Alto, trigueiro e sordido, João Antonio, um dos feios d'artilharia da fragata D. Maria II, mostra no rosto, largo e enfurruçado, a ferocidade de uma alma perversa. Levando á boca o tarro cheio de aguardente, no momento em que nos aproximámos d'aquella porta, dizia o *condestavel* (outro modo de designar o field'artilharia de um navio de guerra):

— «Floriana, bebámos mais um trago d'esta infernal beberagem, que talvez nos não tornemos a ver.»

— «Porque, João,» respondeu a timora na sua estranha linguagem, que tem pretensões a chamar-se portugueza, «não voltas? E porque a fragata vai a Wampu, como se diz?»

— «Não,» replicou o homem com ar sinistro, e despejando de uma vez o liquido contido na caneca, «o conselho do governo quer mandar a fragata a Wampu, mas eu hei de mandala ao inferno!»

E ergueu-se, cerrando os punhos e erguendo-os para o céu em ar de ameaça; porém a embriaguez aniquilou-lhe o esfôrço, e caiu de novo sobre o banco. Proseguiu todavia:

— «Hei de incendiar a fragata para me vingar dos máos tratos do commandante...»

— «E que culpa têm os outros que estão a bordo, para morrerem tambem?» atreveu-se a dizer Floriana.

— «Que me importam os outros; todos me desprezam, porque sou velho e asqueroso... menos um, oh! esse hei de eu salvar. É uma boa creanca, conheci seu pae, que sempre me estimou; não morrera. Esperarei por um dia em que elle venha para terra, e então... então, hão de ter fogo de vista, e ha de ser mais breve do que pensam!»

— «Pagar o justo pelo culpado! Melhor obrou meu marido. Não sabes como elle se vingou de uma affronta?»

— «Eu não,» respondeu o velho com enfado.

— «Pois ninguém o ignora na cidade: ha um

mez que se não falla de outra cousa em Macau; depois da morte do governador é o objecto mais fallado.»

— «Sim? pois conta-me isso,» balbuciou João Antonio, fechando os olhos, e dispoude-se para dormir encostado á fraca meza.

Floriana repetiu ás gretadas anteparas da barraça o seu lamentavel conto (1) n'estes termos:

— «Haverá mez e meio que casei, triste união de um dia só! Na manhã seguinte ao noivado, ergueuse meu marido muito cedo, e foi carregar uma pistola, que sempre o acompanhava; chegou-se perto do leito em que eu ainda decañava, e disse-me com voz firme, mas com um gesto diabolico: «Floriana, fui enganado, mas tu não és culpada n'esta traição, porque foste obrigada por teu padraсто a casar comigo... diz-me quem foi que te deshonrou?...» — «Perdão! clamei eu, unindo as mãos, e sulfocada pelas lagrimas.» — «O nome do seductor, ou morres!» retruquiu elle, encostando-me á frente a fria bôca da pistola. Vendo a morte de tão perto, pobre mulher, fraca como sou, não pude hesitar, confessei a verdade, disse um nome: Albino!... «Teu padraсто!» replicou elle espantado; — «Sim,» lhe tornei eu, quasi desfallecida, e Bernardino correu para fóra da porta. Cai prostrada no leito; mas d'ahi a pouco despertou-me o estrondo de um tiro; corro á janella, olho em roda da casa, e a principio nada vejo, nada ouço; no momento porém em que ia a fixar a vista sobre a habitação de Albino, que ainda na vespera fóra a minha habitação tambem, enxergo um tenue fumo que se escapava da porta entre-aberta, e quasi simultaneamente ouço uma segunda detonação. Eis aqui o que depois me contaram. Bernardino apenas me deixou atravessar a rua e entrou em casa de meu padraсто... o pobre almoçava tranquiilamente! Sem uma palavra de explicação, disparou-lhe a pistola contra a cabeça, e depois de pausadamente se haver assegurado de que estava bem morto, carregou de novo a arma, e desfechou consigo mesmo, caindo immediatamente ao lado da sua victima. Viuva depois de um dia de consorcio, sem amparo algum no mundo. Vim acutar-me a esta pobre barraça... porém deixemos isso: que te parece, João, a vingança do meu Bernardino não foi mais nobre do que essa em que meditas?»

João Antonio resonava; não respondeu, porque dormia desde o começo da historia. N'esse momento um novo interlocutor enpurrou a esteira que servia de porta á barraça, e penetrou na triste habitação de Floriana. Era um soldado do batalhão naval.

— «Cú está quem eu procurava,» disse o recém-chegado ao vêr João Antonio; «ó amigo, vamos para bordo.»

«E scendi o abrigo do condestavel, que ficou immovel, assoviando as harmonias de um somno de embriaguez.»

«O velho está tonto,» disse Floriana para o soldado, «é melhor deixalo ficar ali, e pela manhã ira.»

— «Sim? e as chilistas que lá estão a bordo? Como o commandante gosta muito d'elle!» accrescentou ironicamente o naval.

— «Olhe, *ahoi*, melhor fóra que este maldito velho não tornasse ao navio. Mettem-se-lhe na cabeça meendiara a fragata, e é capaz d'isso! Elle mesmo

m'o disse; veja se previne os officiaes, para evitar uma tal desgraça.»

— «Historias, *nhonha!* Assim se bota fogo a uma fragata? As chaves do paiol da polvora não estão em seu poder, e quando lá desce é sempre acompanhado, e com um official á vista.»

— «É bom ter cuidado...»

— «Ora adeus! Se eu conheço o João Antonio, falla, falla, e mais nada. Quantas ameaças lhe tenho eu ouvido desde a saída de Lisboa, ha mais de um anno? Já em Gôa era o mesmo: faço, aconteço, e por fim, ainda cá estamos todos. Porém é preciso acordar este diabo...»

— «Não vai assim, *nhon*, em quanto não dormir algumas horas.»

— «Pois que fique, e lá lhe ajustarão as contas amanhã; eu vou-me até á Taipa, adens, *nhonha!*»

E o soldado saiu cantando, sem contudo deixar de pensar nas palavras de Floriana relativas ás ameaças do condestavel, e fazendo projectos de avisar um official de quem era protegido. Em quanto elle caminhava para o caes do embarque, e que Floriana se prepara para dormir ao som dos roncões de João Antonio, deixemos a baixa do Monte, e vamos n'um relancear de olhos observar o estado de Macau na epocha a que nos referimos, para melhor intelligencia d'esta pequena, mas veridica historia.

Havia mais de um anno que o governador Amaral fóra assassinado por alguns chins. Deus sabe mandados por quem... é esse um ponto mysterioso, em que não nos atrevemos a fallar, sem provas na mão!... Diziamos pois que havia mais de um anno que tivera logar esse barbaro sacrificio, fiando a cidade em um estado de confusão e anarchia difficil de descrever. Um joven official de artilharia salvou por então Macau, collocando-se á frente de trinta soldados, e arrancando ao poder dos chins a fortaleza de Passaleão, com o que afugentou para longe os inimigos; porém a attitude da povoação portugueza, isolada ali a um canto do immenso imperio celestial, estava longe de offerecer garantias de segurança aos seus proprios habitantes, e corria o risco de se perder para a corôa dos nossos reis. O conselho do governo, que tomara o leme da administração n'estas tristes circumstancias, mal podia com o pezo de tão difficil encargo; protestou, fez o que poudo em desagravo das cinzas d'Amaral, mas não poudo tentar nenhuma empreza contra os chins, por falta de recursos, de instruccões e de chefe; para aggravar mais esta precaria posição, revoltou-se a guarnição da cidade, por falta de pagamento, e foi mister arranjar um emprestimo para apaziguar com dinheiro a soldadesca. É inivel como os chins se não aproveitaram d'esta optima oportunidade, para lançar de uma vez os portuguezes fóra da ilha de Hian-Shan! Já tarde, e bem tarde, chegou a Macau o honrado e intelligente governador Pedro Alexandrino da Cunha, a bordo da corveta D. João I, e pouco depois surgiu na rada a fragata D. Maria II; era pequena fogta, mas ainda se esperava do Rio de Janeiro outra corveta, a Iris, que vinha reforçar a esquadra, e o novo governador dispunha-se animoso a exigir uma satisfacção aos mandarins pela morte do seu antecessor, quando elle mesmo foi victima de uma curta enfermidade, ao cabo de quarenta dias de governo. Outro conselho, quasi composto dos mesmos vogues, tomou conta da gerencia dos negocios, e sem instruccões da côrte, sem meios pecuniarios, sem unidade, sem pensamento de accção, olhava com susto para aquelles tres navios, tripulados por setecentos homens, que reclamavam soldo e mantimentos: para a tropa da cidade, a quem era mis-

1. O que se vai ler e historico, como grande parte d'esta narraçào; mudei porém os nomes dos actores, que alias se poderão ver no *Bobém do Governo da Macau*.

ter pagar; para os empregados, que morriam à mingua de pagamento; e langava avidos olhos para o horizonte, procurando enxergar o paquete, que lhe trazia as letras do governo da metropole, e almeçando por um novo governador que os alliviasse de tão incommoda auctoridade.

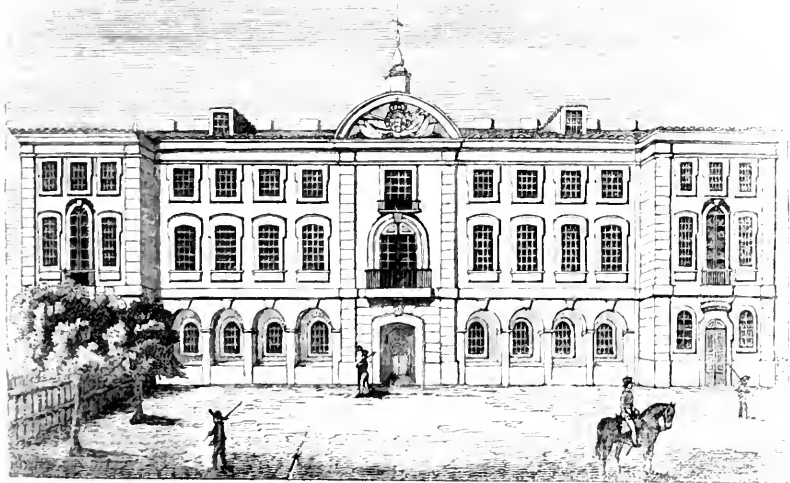
Os chins entretanto nada haviam tentado contra a cidade; muitos ali habitavam pacificamente e continuavam o seu trafico commercial e artistico. Mas quem salvaria Macau de uma subita invasão, quando o mandarim da cidade havia fugido, e os nossos se tinham apposado, pela força, de Passaleão? A guarda da porta do *Cêrco* ou do *Limite*, tinda sido abandonada pelos imperiaes, que se fortificavam na *Casa Branca*, e podiam de um momento para outro avançar sobre Macau; não havia declaração de guerra, é verdade, mas todos conhecem a boa fé dos chins, e de mais já tinha havido fogo de parte a parte, estavam pois suspensas as hostilidades, mas em paz não se podia considerar a cidade.

Tal era o estado anomalo de Macau, quando aquelle soldado da *celincta brigada*, o fiel d'artilharia da fragata, se dispunha a fazer voar um optimo navio de teca, artilhado e petrechado convenientemente, e com mais de duzentas pessoas de tripulação, para se vingar de um homem, para lavar uma affronta, exaggerada por elle, senão imaginaria! Era mais um recurso que se tirava a parca delizia da colonia, mais um motivo de gloria para o inimigo, mais um ensejo para os chins, supersticiosos como são, creem na justiça da sua causa, mais um padirão de vergonha e de immoralidade para a nossa pobre marinha, já tão perseguida e aviltada!

O desfecho d'esta tragedia nenhum leitor o ignora, ainda esta bem fresco na memoria de todos, e principalmente d'aquelles que têm a lamentar nas victimas da fragata D. Maria II um pae, um filho, um esposo, um irmão, um protector, um amigo.... Porém nós propomos a agrupar em roda d'esse grande quadro algumas scenas de interesse dramatico e de costumes; feliz, ao menos, se considerara o homem que escreve esta historia, se encontrar na approvação dos leitores a paga de haver emprehendido uma narrativa, cujo objecto ainda hoje lhe faz derramar pungentes lagrimas, porque soffreu com elle uma perda irremediavel.

(Continúa.)

L. M. PORDALO.



EVORA — QUARTEL DE CAVALLARIA.

ESTE magnifico quartel, onde hoje se acha o regimento de cavallaria n.º 5, foi edificado sobre o castello comprehendido na cêrca de murallas, com que o mal afortunado D. Fernando I mandou cingir a cidade de Evora.

O *celviro cantium*, creado em 1576, teve seu assento n'uma parte do mesmo castello, onde se conservou até 1733. Neste anno o governador da provincia do Alemtejo, conde d'Alvalaia, mandou intimar os deputados do celviro para que despejassem o castello, a fim de se realisar o pensamento, de ha-

muito concebido, de construir n'aquelle lugar aquartelamentos para um corpo de cavallaria.

Ignora-se quem deu a traça do edificio, bem como quem dirigira as obras, no principio. Parece porém averiguado que os trabalhos, comecados logo depois de 1733, estiveram interrompidos até 1793, anno em que novamente proseguiram sob a direcção do tenente coronel de engenheiros Thomaz de Villa Nova, que poucos annos depois foi substituido pelo major do mesmo corpo Antonio José de Santa Anna.

O quartel concluiu-se por 1807, e o vulgo ficou

denominando-o dos *castellos*, por ser construído sobre o castello novo da cidade, assim chamado para se distinguir do castello antigo ou romano, onde os nobres se tiveram fortes para resistir á aclamação do mestre d'Aviz, feita pelo povo.

Tem esta, até certo ponto, sumptuosa fabrica a forma de um rectangulo, com 334 palmos de frente e 322 de lado. Em cada angulo sobresaie um torreão, sendo maiores os da frente, ou lado do norte. Consta do pavimento terreo em que se acham as cavalariças, e de dous andares para alojamento dos officiaes e praças de pret. arreadações, etc. No centro ha um pateo quadrado de 86 palmos por lado, que facilita a ventilação das diferentes officinas.

A fachada principal, que a estampa representa fielmente, não pôde de certo considerar-se isenta de defeitos architectonicos, mas tem certa nobreza e elegancia que agrada.

Não sabemos se este edificio reúne todas as condições hygienicas, que hoje se julgam com razão indispensaveis nos alojamentos militares, e que infelizmente se não encontram na maxima parte dos que existem; é porém opinião geral que o quartel de cavallaria n.º 5 em Évora é um dos melhores do reino, a todos os respeito.

#### MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOUAGE.

##### *Na Arcadia Emano Saldino.*

Entre ferros cantei defeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

#### VII. (1)

CHEGAMOS a parte espinhosa deste estudo. Temos de reproduzir a physionomia de um talento difficultoso de colher com expressão fixa.

Os traços proprios para esboçar a carreira de Bouage não chegam para o desenho das feições delicadas e caprichosas da musa, que voo do seu lado, depois dos ultimos e bello canticos. A morte, pousando sobre a fronte do poeta, roubou o segredo das milagrosas harmonias, que não esmorecia mesmo o frio da sua mão, já levantada, em quanto a vida respirou.

Apreciando em Elmno o homem arrebatado e sedento de applausos, prompto em conceber e exprimir, tão nobre de alma pelas prendas, como fragil de caracter pelas fraquezas, fez-se a pintora de um grande vulto, imperfeita e rude sim, mas só por culpa do pincel. Descrevendo a luta satyrica dos areas, e pateando o animado drama das suas discordias, linha-se a tradição, e com ella presente não deviam trocar-se as cores, nem errar-se os traços.

Agora não. Acabou o que dependia da escolha, e principiam as perplexidades e as conjecturas.

Na elevação de Manuel Maria as figuras historicas não se medem sem receio, e as manifestações da actividade poetica não se continham a uma vista geral sem desafiar o perigo. É como um painel de Murillo feito para se olhar de longe. Ao pé tintas e toques empastam-se e representam grosseiras mascararas, levado ao seu ponto de perspectiva tudo se adelgaca e se embelleza, até offerecer a admiração o primor que era!

Ignorámos ainda, se a distancia basta para julgar o auctor de Leandro e Hero, e se a nossa epocha será já verdadeira posteridade para cumprir sem illusão os deveres da critica.

Querendo penetrar com seguro conhecimento na intimidade d'aquelle engenho, não estaremos muito afastados? Querendo avaliá-o unicamente pela voz do seu tempo, e pelas paginas dos seus livros, será bastante? De qualquer lado é quasi inevitavel a queda. Os passos escoreeram com o declive; e a claridade, menos distincta á proporção que se caminha, se não occulta, tambem não descobre o precipicio.

Es o motivo porque lavar uma sentença sobre a indole e a influencia de Bouage assusta a propria audacia. O escriptor viveu proximo, as suas idéas foram diversas das de hoje, e interrompido no meio d'ellas, ficou maior o nome do que as obras. Os admiradores hão de tomar o exame imparcial por um ultrage, ao menos por um deslorço, da nossa epocha. Os zelosos da seita romantica (se é seita e se chama assim!) exclusivos no culto hão de assentar a censura opposta, argoindo a equidade como acto reaccionario. Estas exagerações não pezam, e convem desprezal-as? de certo! Sómente duvidamos que se consiga com a facilidade com que se diz!

As revoluções litterarias operam, como as politicas, por meio de abalos fortes, derrubando uns e elevando outros. Os que descem não perdoam; os que sobem, forçando o passo, não transigem. No meio do cortejo, que a fortuna ajunta aos dominadores, os gritos do amor proprio não se calam na bóca da geração trilhada com a passagem do triumpho. O resentimento envenena-se; e como o seculo não volta para traz, a impotencia vingá-se sonhando injusticias e encarecendo agravos.

Ha mais. Se o cantor expirou, tocando a idade, em que os fructos da intelligencia são mais perfectos; se a morte o atalhou na occasião de exaltar o genio, obrigada a notar a circumstancia, a critica não pôde admittir o que não existe para se louvar, nem dar á probabilidade o logar guardado aos factos. O que faria um poeta do valor de Elmno, se a imaginação cheia de seiva e de riso aprendesse a moderar o excessivo ardor, unindo a força á correcção? Eis justamente o problema, que não é dado resolver! Era extensa, como foi radiosa e vehemente, a sua inspiração? O calor e o brilho do estylo, dourando tanto a phrase quasi epica, aquercentam com o mesmo sol os cantos de um poema longo? Ousaria o poeta subir á lingua tragica, cunhando nas paixões a interpretação do sentimento, e não dos livros?

Quem responderia a taes perguntas? Nem o mesmo Bouage sendo vivo. Antes de ensaiar a luta não se dá o sim da victoria. Antes de medir os instinctos e o alcance da vocação, não se estende a cabeça ao louro de Sophocles, ou á palma de Virgilio.

Observando-se todavia o que Manuel Maria produzia entre desgostos e distrações, não ha temeridade em dizer que devia exceder-se a si proprio uma vez chegado a quadra mais serena. E aonde pode chegar a asserção. O resto cae no dominio das conjecturas. Sucegado o espirito depois da fogosa juventude, e applicado o coração pela sociedade, a vista offuscouse menos, o orgulho préza a arte mais do que a vaidade, e o gosto mette-se adiante dos excessos para os conter. A experiencia e os desgostos, ensinando a vida, não passam debalde, nem deixam o homem, qual estava. A transformação interior acompanha a outra. Sente-se mais o que se pode, vêem-se melhor os obstaculos. A imaginação

(1) Os primeiros seis capitulos d'este estudo acham-se publicados nos numeros 12 e segg. do 19.º vol. d'este semanario.

já não se crê absoluta, cede à razão, amolda-se, e deixa-se castigar por ella. Escutando as melodias intimas procura o tom, em que deve afinar os hymnos. Admirando a natureza foge dos livros para ella, regenerando-se no seu seio e engrandecendo-se pela sua contemplação. O estro, como os bocagianos diziam, ainda rompe em desordenados impulsos, ainda lança fugazes clarões; porém a reflexão, graduando luz e sombras, refreia os impetos, e sustenta a regularidade, sem desvanecer o matiz ás formas, nem lhes desbotar o lustre.

N'esta epocha de equilibrio entre as facilidades da razão e o thesouro da phantasia é que os grandes mestres colhem os seus primores. É a hora das composições, em que circula o repente lyrico, ou transborda a veia epica: mas em que a critica já prevalece, adoptando as asperzeas, reprimindo o demasiado fogo, e contendo a arte na sua unidade natural para não rasgar o véu e desmanchar a formosura, delirando com a exaggeração, que assignala as vergonhosas devassidões da intelligencia!

Infelizmente, chegado a este ponto, Manuel Maria não teve o tempo de provar aonde podia aspirar. se os mezes de meditação não fossem curtos comparados aos annos de desassoeço. Faltou-lhe a vida, quando o engenho prometia mais. Entre duas escolas, uma que expirava gasta da imitação, outra que ia nascer do odio á servidão classica, Elmano pelo molde e pelo colorido pertenceu á primeira, em quanto no rasgo das ideas, no arrojio do estylo, e na viveza em pintar e sentir muitas vezes pareceo antever a segunda. Quando se esquece dos modelos e se eleva com a commoção interior, ou diga as saudades do amor, ou tropeje queimado de ciúmes, a ternura e a dôr cantam na sua harpa, como se os dedos de algum bardo moderno lhe fizessem estremecer as cordas. São momentos, são lampejos dirão? Mas quem senão Bocage conseguiu adivinhar assim?

A prova foi que, posta a lapide sobre o seu sepulchro, a escola elmanista, no que tinha de bello, acabou com elle. As tradições do mestre declinaram rapidamente. Aquella inspiração, que em diversos vãos quasi alcançou os nossos tempos, ficou sem herdeiro. Para as qualidades não houve continuador: para os defeitos é que sobejaram copistas. Os imitadores excederam-se em exaerbar os excessos, substituindo a timidez á nobreza da dicção, ou o estrepito á harmonia do traductor de Ovidio.

Bocage estudava pouco: o seu cabelal de saber foi por tanto limitado; com os dons naturaes, pela espontanea illuminação, e á força de genio, suppria geralmente o que os outros ganhavam a custa de vigilias. Versado na lingua franceza e na latina, apropriava á nossa com rara felicidade as bellezas do seculo de Augusto e as dos auctores parisienses, realçando-as a mimdo, e ostentando na magnificencia do verso toda a pompa que o portuguez comporta. Preço no grilhão classico, pouco feito para meditar uma revolução na arte, o seu merito consistiu mais no que deixou escapar do coração, retratando as scenas da natureza e os lanceos d'alma, do que nas reminiscencias romanas e estrangeiras, embara as vestimentas as galas de um estro admiravel.

A lima nas suas obras é de escudada, e em repetidas occasiões ate omisa. A perfeição do metro, seduzido, occulta no primeiro instante que o pensamento, ou não é novo, ou não está bastante desenvolvido. A abundancia excessiva effusa e suspende; mas um exame demorado mostra que nem sempre existe a necessaria e intima relação do estylo com o assumpto.

O Gargão, tão severo consigo como rigoroso para os outros, reflectia muito sobre os traslados, que se propunha, tirava de Horacio a flor e o gosto, e dos bons exemplares a conceição e o traço incisivo. Era um antigo peotando entre os modernos. Notasse-lhe certo enleio, sentese que a formosura e igualdade da côr, que o acabado do desenho, são imitativos; mas não é possível negar que o effeito corresponde ao labor, e que nas litteraturas da renascença raras possuiram a sua pureza e primor de formas.

Philinto, horaciano desde a infancia, confidante das musas latinas, e incansavel em as introduzir, sem o support servir de activo instrumento a sua queda. Censor austero das modas, que deturpavam a lingua de Camões, tratando o metro como escravo, bem alleio de prever o exito innocoulo o principio da reforma no seio da geração, que ouvia de longe os seus oraculos. Nas odes, nas versões, e nas epistolas, admira-se um grande vigor em sujeitar, e ao mesmo tempo enriquecer a phrase, e por vezes muita novidade e gentileza em adornar o conceito. Quando o sol, adalgaçando o nevocio de Paris, lhe reanimava a mente; quando o apertavam as memorias da patria e a dôr das injustiças, tomava o subito o enthusiasmo lyrico, o espirito sacudia-se dos geios do desterro, e a mão do velho com a idade e com o arlor das sensações fazia correr na tela figuras cheias de fogo, e pensamentos tocados de graça. Sensível a gloria e aos adiletos, a sua musa, coroando-se das rosas de Anacreonte, não fugiu de entrelaçar com brio o louro heroico de Pindaro, ou de gemer uma elegia debaixo do egypteste, ajelhada na pedra dos tumulos.

Tão aspero e ingrato metrificador, como o Gargão foi correcto e Manuel Maria era harmonioso. Philinto vulgarisou a poesia romantica e concedeu carta de naturalisação a Wieland e Chateaubriand, trasladando o Oberon e os Martyres. Intimo desde os tetras annos com o amigo de Mecenas, a longa familiaridade revelou-lhe os mais delicados segredos d'aquella elegancia flexivel e sobria, d'aquella imaginação aonde o juizo e o gosto caminham juntos para o sublime.

Mas o sul picante e fino da satyra cortezã passando por Francisco Manuel carregasse de mais amargor; e o eclectismo polido e amavel do philosopho de Tibur, se tambem desanruça com frequencia a testa do traductor de Gresset, perde muito do sabor ironico, e folga mais no que elle chama o saulheiro dos bons ditos, annexos, e allusões mordazes. No seu rancor aos gallicistas, flagellos do idioma luso, sacera-lhes a ignorancia com tanta variedade de chascos, que parece inextinguivel. Na escolha dos originaes foi inconstante e infiel. Como que ao acaso os adoptava, e com igual indifferença os deixava em fragmento. O capricho e a penuria decidiram quasi sempre do destino da sua penna; e milhares de versos engeitados a nascerem avultam apesar de tudo nas collegas, desculpando se com a necessidade do poeta, que era o primeiro a condemnal-os.

Espanta mais a falta da facultade inventiva, e o curto alcance da inspiração. Na atmosphera mais litteraria, no meio do contínuo movimento de livros e discussões, em Paris, o cerebro intellectual da Europa, Francisco Manuel não colheu animo para tentar uma obra de proporções maiores, em que a saudade do berço, e o sentido nacional, que trazia tão fundos e ardentes, estampassem a imagem do genio! E não pode aproveitar-lhe a desculpa, que soccorre a Bocage.

Philinto gosouse de uma larga existencia, e nos

dias tristes carecia de ter o estudo por allivio, e a reflexão por companheira. Sem dizer que a desgraça acere o ingenho, e faça rebelar mais cedo e mais fragrantas as flores da phantasia, o exemplo mostra que o espirito, se é fecundo, fertilisa as horas de solidão. Entretanto, o que se observa? Mais de metade das suas obras accusam o nome de auctores estranhos, ou attestam a invencivel propensão para distrahir as forças em imitações, trabalho sempre inferior no merito á difficuldade! Um talento mais productivo, com a aurora que principiava a raiar nas letras, gastaria menos os logares communs da poesia na repetição dos episodios e arrebiques mythologicos. Era de esperar, que procurasse a verdade á medida que se lhe dilatava o saber, e que aos encaçados andames da fabula e da allegoria substituísse a novidade das ideas e dos lavores, do mesmo modo que esmerava a phrase atrevida e o vocabulo curioso.

A mudo lhe succede porém ir ao lado da verdade, e desencontra-la, perdendo dos olhos rasgadas e brilhantes perspectivas. A guerra aos corruptores da lingua, travada com valentia, e depois mantida com acinte, desvia-lhe da contemplação do ideal os scattidos poeticos, mutilando a percepção e discernimento das bellezas e defeitos nas mais elevadas manifestações da arte. A força de corrigir, implacavel e assidua, as barbaridades do idioma, e de apagar das folhas dos seus livros a mais pequena macula á correção, vein a cair no erro opposto. Os seus periodos arrepiam pelo escabroso estylo e forçado verniz de antiguidade; e a sua construcção contrafeita e carregada de obscuros archaismos torna-se pezada, desairosa e dura. Exaltado pela perezia da lingua, tomou-a para dama dos seus pensamentos, e por excesso de idolatria, cravou a bandeira mais longe do que era razoavel. Justando com bizzarria para lhe defender a formosura, não socegou de a trazer em competencia com as mais opulentas, e não foram poucas nem desvaliosas as corças que lhe mereceu o forneco. Cegou-se comtudo como acontece aos que se enthusiasmam por uma causa; contentou-se com o menos e perdeu o mais, julgando que a victoria n'este ponto equivalia á palma, queos engenhos inventivos recebem das mãos das graças.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### O CÃO DO CEGO.

Oh! vem meu pobre cão; é mais um dia  
Que a já trilhada senda ensinarás  
A quem não tem no mundo outra alegria  
Que não seja a que tu meu cão lhe dás.

Se os meus dias, Senhor, foram contados  
E de tanto soffrer cheguei ao fim;  
Não queiras dous amigos separados,  
Não deixes o meu cão longe de mim.

Na mesma sepultura, á mesma hora,  
Nossos dias se vão por fim quebrar  
Na extrema jazida, estreita embora,  
Para amigos assim sempre há logar.

Se no chão do repouso o não houvera,  
Tambem no mundo não Senhor meu Deus,  
Mas sempre junto a mim o meu cão era;  
Os males que soffreu foram os meus.

Se do coveiro a mão sem piedade  
Lançar ao vento as cinzas d'um de nós,  
Separados por elle inda a amizade  
Nos eecos achará sentida voz!

Elle era o meu amigo; outro não tinha  
Depois que o mundo em mim lançou seu fel:  
Se me via chorar de rastos vinha,  
E na mudez dizia: — Eu sou fiel!

Se desdenhosa mão vendida ao ouro  
Me punha em almoeada o coração,  
No sentido latir melhor thesouro  
Me parecia apontar meu pobre cão.

E nunca se enganou! Se a vil mentira  
Dava a protestos vão nome d'amor,  
Como se o pobre cão tudo já vira  
Olhava para mim com magua e dor.

Se em torpes lutas de civis contendas  
Me via o pobre cão com fé entrar,  
Dizia-me chorando: Oh! não attendas  
A quem longe te afasta do teu lar.

Se um parente, um amigo, a crua morte  
Me roubava, deixando-me mais só;  
Sempre a meu lado o via. A mesma sorte  
Partilhamos na dor, na fé, no dó!

Até que um dia de chorar cangado  
A luz dos olhos d'uma vez perdi.  
A mão estendo, pela fé guiado,  
E n'ella um beijo murmurar senti!

Tentei-o as trevas, e a meu lado eu vejo  
Co'os olhos d'alma, submerso em dor  
Quem resumira n'um fervente beijo  
Um só conselho — Precisas valor!

Era um amigo! Recupero o tino  
De perto o affago, com a voz, co'a mão;  
Eu vou mais baixa soletrava o hymno  
Que aos dous amigos valerá de pão!

Desde esse dia, companheiro e amigo,  
De mim a sorte o separou jámais:  
O frio e a fome partilhou commigo,  
Ouviu-me as queixas, recolheu meus ais.

Velho e mendigo, se é chegada a hora  
Que o impio teme que offendeu a Deus;  
Por mim quizera que chegasse agora,  
Sendo cumpridos os desejos meus:

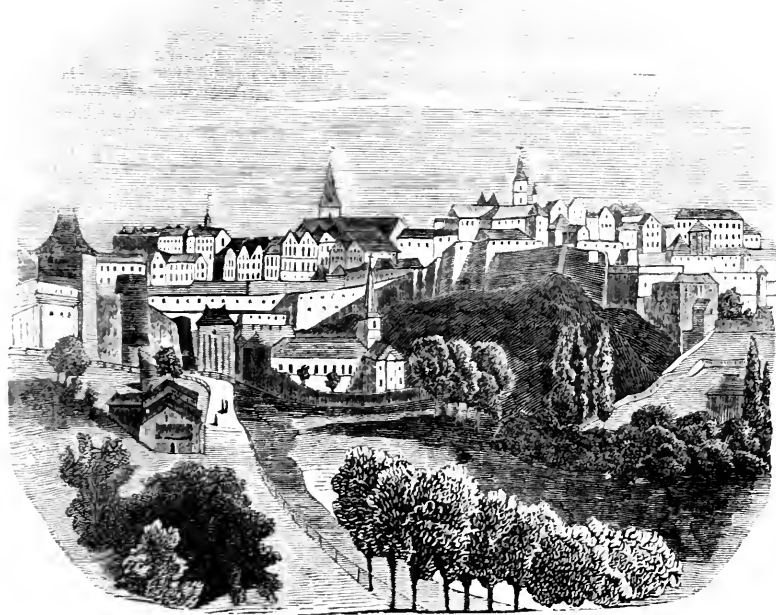
Na mesma valla mão robusta e forte  
Pode d'um golpe profundar o chão;  
E o somno eterno a que chamam morte  
Dormirmos juntos — o mendigo e o cão.

E d'este mundo sem levar saudades,  
Rirei na campa d'essas mil fieções,  
Orgias torpes, pueris vaidades,  
Que o mundo alcunha de leaes paixões.

Oh! vem meu pobre cão; e n'este pego  
Onde ao termo final se encontra a dor,  
Condaz inda uma vez o pobre cego;  
Cifra n'um ten latir mundos d'amor!

L. A. PALMEIRIM.





HOLLANDA — CIDADE DE LUXEMBURGO.

A cidade de Luxemburgo, capital do grão ducado d'este nome (parte hollandeza) divide-se em cidade *alta* e *baixa*. A alta, sem duvida mais importante, é edificada sobre a extremidade de uoa cordilheira de montanhas, cujas summidades formam uma vasta planura: a cidade baixa essa acha-se situada no meio de um profundo valle, por onde serpêa, formando graciosas curvas, o pequeno rio denominado *Alzette*.

É Luxemburgo praça de guerra de primeira ordem. Doas das mais valiosas obras de arte que ali se encontram não se emprehenderiam talvez se não fôra aquella circumstancia: a primeira é um profundo poço artesiano, para abastecer de agua toda a população, quando os sítiantes intentem e consigam desviar a corrente do *Alzette*; a segunda são os vastos subterraneos abertos no seio da montanha sobre que está assente a cidade alta, onde podem recolher-se com toda a segurança e até commodidade muitos milhares de pessoas, ficando assim ao abrigo das bombas e outros projectis.

Ainda que esta praça, pelas suas fortificações verdadeiramente formidaveis, pareça inexpugnável, tem contudo soffrido alguns sitios cujo resultado desmente até certo ponto a sua reputação. Em 1557 foi atacada por Philippe, duque de Borgonha, que conseguiu, n'uma noite tenebrosa, tomal-a d'assalto.

Em 1542 e 1544 foi conquistada e saqueada pelos francezes, e em 1543 pelos imperiaes. Em 1684 Luiz XIV apoderou-se da cidade, e a separou do resto da Belgica. Este ultimo sitio deu assumpto a um quadro, que se conserva no museu do Louvre. Em 1802 Luxemburgo, expugnada pelos francezes, caiu novamente em seu poder. Sob a republica e o imperio foi esta notavel povoação incorporada à França, goando por algum tempo das preeminencias de capital do departamento de *Forêts*.

A origem do Luxemburgo é mui incerta. Suppõe-se porém que fôra seu fundador o imperador Galliano, Sigifredo, seu primeiro conde, com o intento de a preservar da invasão dos normandos, mandou levantar as muralhas, que em grande parte ainda hoje existem.

#### ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

CERIMONIAS DA ACCLAMAÇÃO  
DE EL-REI D. JOÃO IV.

Em seguida collheu-se o condestavel a direita do throno, e dois degraus abaixo gallêros-mór, os arce-

bispos de Lisboa e Braga, o inquisidor geral, e o bispo de Targa, deão da capella real. Tomaram lugar á esquerda o mordomo-mór e os mais officiaes-móres, e os titulares. O camareiro-mór e o guarda-mór postaram-se por detraz da cadeira real. Os reis d'armas, arautos, passavantes, e porteiros de maça estavam no segundo degráu junto ao tablado. Seguiam-se a estes os senhores de terras, alcaides-móres, fidalgos, e membros de tribunaes. Como é do estylo em taes actos só el-rei estava sentado; todos os mais de pé e descobertos.

Logo que todos tomaram os seus respectivos lugares o rei d'armas Portugal disse em alta voz: «Manda el-rei nosso senhor que n'este acto vão jurar e beijar a mão os grandes, títulos seculares e ecclesiasticos e mais pessoas da nobreza, assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo de alguém.» E pouco depois bradou tres vezes: «Ouvide, estae attentos.»

Subiu immediatamente alguns degráus do throno o desembargador Francisco d'Andrade Leitão, e d'ahi recitou um discurso, em que expoz os direitos que o duque de Bragança tinha á corôa d'este reino, e as injustiças e desgraças sobrevindas ao paiz com o dominio de Hespanha. Acabou por certificar o soberano da firme resolução em que estavam os povos de consagrar suas vidas e fazenda á defesa do seu throno. acrescentando estatuaveis palavras: «Porque todos estão persuadidos, certificados, e muito inteirados que defendem justiça, e que os ha vossa magestade de governar com justiça, porque sem ella nenhuma republica pode ir em crescimento; que os ha vossa magestade de sustentar e manter em paz quanto for possível, porque com ella crescem as cousas pequenas, as grandes se fazem maiores, e com discórdia e máu governo se extinguem, perecem e acabam os imperios; e que lhes guardará e fará vossa magestade guardar suas leis, seus usos e costumes louvaveis, seus foros, seus privilegios e isenções, suas liberdades, prerogativas, preeminencias e franquezas, fazendo-lhes em tudo honra e merecê, porque com ellas se concilia mais o amor dos vassallos, em que consiste a maior riqueza e a maior opulencia dos reis.»

Acabado o discurso collocou o reposteiro-mór junto d'el-rei uma cadeira coberta com pannos de veludo. Póz n'ella uma almofada e outra aos pés do soberano. Sobre a primeira vein o capellão-mór depositar um missal aberto e um crucifixo. Aproximaram-se então os archebispos de Lisboa e Braga e o bispo inquisidor geral, e ajoelharam junto á cadeira em que estava a cruz e o missal em frente d'el-rei, ficando no meio o primeiro d'aquelles prelados. Sua magestade ajoelhou immediatamente, e tendo passado o sceptro para a mão esquerda, e com a direita pensada sobre a cruz e Evangelho, proferiu alto e em voz clara o seguinte juramento: *Jurámos e juramos de novo, com agrada de Nosso Senhor, vos reverer e governar bem e diligentemente, e vos admittiremos tal e qual ordem de justiça, quanto a humana permittir, e a vossa guarda vossos bons costumes, privilegios, honras, merces, liberdades, franquezas, que por vossos passados e nossos antecessores foram dados, outorgados e confirmados.»*

Tendo se sentado o monarcha, e voltando os prelaos á dos seus respectivos lugares, passou o secretario d'estado Francisco de Lucena a ler a formula do juramento, preito e menagem, que os representantes dos dois estados, clero e nobreza, deviam prestar. Feito isto ajoelhou junto da cadeira em que estavam o missal e a cruz, os quaes o reposteiro-mór e capellão-mór tinham adastado mais para o lado esquerdo a fim de deixarem lugar para o beijamão.

D. Miguel de Menezes, duque de Caminha, foi o primeiro que prestou juramento, dizendo em alta voz: *Juro aos Santos Evangelhos, corporalmente com minha mão tocados, que eu recibo por nosso rei e senhor verdadeiramente e natural ao muito alto e muito poderoso rei D. João II, nosso senhor, e lhe faço preito e menagem segundo o foyro e costume d'estes seus reinos.* Depois foi beijar a mão a el-rei. Todas as mais pessoas, á maneira que iam chegando, sem precedencias, junto do missal ajoelhavam, e com a mão sobre o Evangelho repetiam unicamente estas duas palavras: *Assim o juro*, indo em seguida beijar a mão do soberano. O marquez de Ferreira, porque estava servindo do condestavel, e o secretario d'estado Francisco de Lucena, por estar assistindo ao acto do juramento, foram os ultimos a jurar.

Concluida esta cerimonia disse el-rei ao seu ministro, que aceitava o juramento, que os dous estados acabavam de lhe fazer, e logo o mesmo secretario d'estado dirigiu-se aos circumstantes n'estes termos: *El-rei nosso senhor aceitou os juramentos, preitos e menagens, que os grandes, títulos seculares e ecclesiasticos, e mais pessoas da nobreza, que estaes presentes, agora lhe fizestes.*

O rei d'armas Portugal bradou então por tres vezes — Ouvide — e alferes-mór, desenrolando a bandeira, ergueu o brado: *Real, real, real, pelo muito alto e muito poderoso senhor D. João II rei de Portugal.* Este brado foi repetido pelos reis de armas, atautos e passavantes. E descendo estes e o alferes-mór até á extremidade do tablado, ali postos em pé sobre bancos, e voltados para o povo, tornaram a repetir as mesmas palavras, a que correspondeu a immensa multidão, que enchia a praça. Com as vozes entusiasticas do povo veiu misturar-se o som festivo dos atabales, trombetas e charamelas.

Concluidas as ceremonias do juramento e aclamação dispoz-se sua magestade para ir á Sé dar graças a Deus por tão feliz successo.

Saíu el-rei pela mesma varanda ou galeria do paço por onde entrara para o tablado, e desceu para a praça por uma escada, que havia na dita galeria. Junto ao ultimo degráu estava a camara de Lisboa com um rico pallio de ouro varas, para receber sua magestade. Montou o soberano em um bello cavallo castanho, ajazeado de veludo preto e ouro. Deu-lhe o estribo o estribeiro-mór, e levando de rodea o cavallo D. Pedro Fernandes de Castro, na ausencia do conde de Monsanto, a quem pertencia fazel-o na qualidade de alcaide-mór de Lisboa, poz-se o prestíto em marcha. Era este mui numerozo e luzido, pois se compunha de todas as pessoas, que haviam tomado parte nos actos do juramento e aclamação, que deixámos mencionados. Iam todos a pé e descobertos excepto el-rei.

Todas as janellas e portas do Terreiro do Paço e ruas do transitio até á Sé estavam ricamente armadas. Arvê e flores faziam alcatifa ás ruas, que a tropa goarnesca em alas. Apesar de não ser curto o trajecto, era ainda assim pequeno o espaço e poucas as janellas para accomodar a immensa multidão de povo, que affluira de toda a cidade, dos arrabaldes, e até de terras distantes para ver tão solenne funcção, e participar do regosijo e enthusiasmo que a todos embriagava.

Dirigiu-se o prestíto do Terreiro do Paço ao largo do Pelourinho velho, onde devia ter logar a entrega das chaves da cidade. Assim que el-rei chegou diante de um estrado com tres degráus, que haviam levantado para esta cerimonia á entrada da dita praça, parou o acompanhamento. Subiu então ao estrado um dos vereadores da camara, e recitou um dis-

curso em que patenteava o alvorogo e a alegria dos habitantes da cidade pela entrada e aclamação de seu novo e legitimo soberano, e a decidida resolução em que todos estavam de concorrer para a sustentação de tão gloriosa e patriótica empresa.

Acabado o discurso o conde de Cantanhede, presidente da camara, pegou nas chaves da cidade, as quaes trazia o vedor das obras do municipio em uma bandeja de prata doada, e ajoelhando as entregou a el-rei, que as aceitou e restituiu logo.

Proseguiu o prestito para a cathedral, a cuja porta veiu receber el-rei o arcebispo de Lisboa em vestes pontificas, acompanhado de todo o seu cabido, e com a reliquia do Santo Lenho nas mãos. Depois de ajoelhar e beijar a reliquia, entrou no templo, que se achava armado com grande magnificencia, e foi direito á capella-mór, onde se achava exposto o Santissimo Sacramento. Terminados os hymnos, orações e benção, que a Igreja destina para estas solemnidades, voltou sua magestade para o palacio com o mesmo acompanhamento.

Assim terminou uma das maiores solemnidades nacionais de que a historia portugueza guardou memoria. Tem havido n'este paiz funcões em que a realza tem ostentado mais magnificencia, mas nenhuma como esta em que aos esplendores do throno viessem accrescentar tanto brilho as galas e enthusiasmo do povo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOGAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VII.

O serviço foi immenso, e o sacrificio generoso; mas a fama do escriptor padecem com as fadigas e violencias do combate. Na luta que travou, e que se agravou com a resistencia, a perfeição e a originalidade do poeta offuscaram-se. Para acudir á dicção desaceurou o plano e a contextura; desaprendeu o tacto delicado em adequar as proporções ao assumpto, e fugiu-lhe o *mens divinator*, que povoa de figuras proprias as ficções que o talento faz viver. Estas faculdades superiores debalde se procuram em Francisco Manuel. As suas Galathéas são estatuas, e a chama do genio, principio da individualidade e do sentimento na criação intellectual, não visita senão de longe, e por assomos, as composições do velho Philinto. Por muito conversar os mortos, decorando as suas feições immoveis, perde a flor da vida em si; e a fria imitação poucos raios de luz encontrou para se aquecer. Os seus Apollos, Dianas, Joves e Cyprias, cortejo vulgar com mais de duzentos annos de uso, satisfaziam-no cabalmente. Apresenta-os sobre moldes como se fossem remogados em milagrosa juventude. Taaes como os acha, assim os introduz!

A admiravel Velleda dos Martyres, e o risendo phantastico de Oberon, parece que o não obrigaram a meditar. Traduzidos e como execução, e gostosos só como difficuldade? Por elles não antevim o novo mundo, que descobriam, no maravilhoso, nos affectos, e na elegante liberdade? Accessivel em tantos raptos á delicia melancolica christi, sensível de coração, e facil na ternura pela experiencia do infor-

tunio, embecendo-se-lhe o pincel não poucas vezes nos prantos amoveis da tristeza, porque recia de morar-se, e tão depressa esconde a nodosa de uma lagrima, voltando costas aos thesouros, que a veia encerra?

Coincidencia notavel! E do mais romano dos nosos vates que tira uma das suas origens a escola moderna. O poema de D. Branca quiz a Philinto por padrinho: o de Camões ufana-se de o lembrar. Como se explica uma influencia tão contradictoria no sentido? Em que se fundam os titulos do auctor das odes aos *Novos Gamas*, no *Albuquerque*, e a *Washington*, para o seu vulto se erguer no limiar de uma epocha de renascimento e innovações — elle o poeta classico na fé e na essencia — elle o conservador zeloso das tradições do Parnaso?

A sua gloria consistiu em concluir o que Boage principiou, em completar pelo cunho nacional, battido nas obras, a revolução, de que Elmano venceu metade. O auctor do Tritão e da Medea, plebeu e ardente, appeteceu os applausos do povo, e para os obter veiu das aulas de Minerva aos auditorios da praça publica. Como o verso era a sua lingua, aonde elle acudia o enthusiasmo, e o assaltava o delirio do estro, ahí saltava o canto, aceitando sem exame os precitos dos restauradores das letras no reinado do marquez de Pombal. Em Philinto, pelo contrario, inutilmente lutavam os desejos e as intenções romanas contra a indole do eugenio. Esta prevalecia. E facil indicar até nas idéas e trechos imitados o reflexo especial de que se coram. Toda a sua poesia, sem elle sentir, lhe tomava esta feição particular, e debaixo do falso traje das divindades pagãs, guardava o ar, o gesto e o dizer da patria. O influxo das suas versões romanticas não concorreu menos para nacionalisar a arte. O cabedal de vocabulos e as riquezas de phrase que ostentou, em emulação com os originaes, provaram as posses da lingua para tudo; a verdade dos sentimentos e a propriedade e franqueza das formas attrahiram as sympathias e a curiosidade. Se Francisco Manuel, tímido ou fanatico, não concebeu o que prometiam estes bellos horizontes, ou não teve animo de voar para elles; homem do passado, se a mudança lhe agradava nos outros, e o assustava em si, preferindo ficar e morrer com o seculo, em que nascera, fervia á impaciencia no peito de uma geração nova avulsa de pensamentos, e embigosa de sacudir o jugo de todas as unidades poeticas e litterarias.

Entrando na carreira, reputou-a acanhada; asbailizas eram tão perto, que não havia espaço para a liberdade dos movimentos. Por outro lado, ainda lhe soavam nos ouvidos as vozes dos auditorios, applaudindo em Boage o plebismo da poesia, e nas obras de Philinto o sabor e a tendencia portugueza. D'ahi á revolução distava um passo. Dense-se. Dous poemas nacionaes pelo assumpto e colorido foram o signal: e o povo, que não ama e entende bem senão o que lhe lalla na sua lingua e das suas cousas, o que o entretém das suas saudades e das suas crengas, correu a abraçar a novidade e a reconhecer-se nella. Os classicos durante a invasão dormiam ao som das bucolicas e das versões do theatro francez; e quando acordaram, aclearam-se sós. A fortuna tinha passado com o successo para o campo inimigo. O que restava aos pastores virgilianos e aos ex-consules da republica de Aristoteles? Apenas o arco e os frechas do padre José Agostinho!

Em poucos annos a reacção triumphou, e a poesia propriamente portugueza tomou posse da influencia, de que a esbullaram os commentadores dos chamma-dos codigos grego-romanos. Mucedo, o ultimo repre-

sentante da Arcadia, achando o throno vago pela morte de Bocage, occupou-o, e foi da sua geração o que se demorou para encerrar a epocha. Antes d'elle fechar os olhos tinham-se calado os antigos combatentes, uns na sepultura, outros, como D. Gastão e o Morgado de Assentiz, recolhendo-se ás locubrações modestas. Assim, desafrontado de emulos, Elmiro Tagideio dispoz com inteiro arbitrio da censura e do louvor, dictou leis absolutas, e Juvenal pleben saciou-se a tiros de setta e a rasgões de satyra nos maus auctores, dos quaes fez uma verdadeira carnificina. Nunca o hospital das letras recebeu tantos feridos e estrepados como durante a dictadura do critico tonsurado.

Os adversarios, que offendia e provocava, rodeavam-no, batendo as palmas com apupos; este beliscava-o em metros paralyticos ou em maseavadas prozas; aquelle exauctorava-lhe a erudição e a competencia em analyses enopadas de fel, e exaltadas na aversão. Uns copiando-lhe o feito do chapéu e o talho quasi talar da casaca ecclesiastica, traziam-no em vera effigie por meio de Antonio Xavier no «Mau Amigo» para as taboas do palco, expondo-o, como alvo, á risada publica; outros forjando os versos vingadores da Agostinheida, penduravam o flagellador incorregivel no patibulo heroi-comico de um libello á luz dos relampagos de engenho, que o odio fuzilava do coração de Pato Moniz!

De que servia isso tudo? Macedo não succumbiu; e quando mais o accossavam virava as prezas aos imprudentes, e desforrava de uma vez as pequenas contusões de muitas semanas: já não existia nenhum dos athletas dotados de pulso para o conter, sabia-o, folgava com a impunidade, aparando em sebio facil os arremessos de toda a seita bocagianã, armada contra o zoilo, ingrato detractor da gloria de Manuel Maria.

O que devia assustar a José Agostinho, se vise ao longe, era outro rebate serio, que ameaçava não sómente a pessoa, mas as instituições poeticas e o Parnaso, em que pronunciava os seus decretos. As vantagens da escola, então denominada romantica, destacavam-se da Allemanha, da Inglaterra, e da França, onde foram as primicias e grandes batalhas, e vinham tocar os clarins victoriosos ás margens do Tejo. Já nos ultimos annos do seu reinado, Macedo encontrou-se com os campeões da heresia da arte, como diriam os Flamines de Horacio, e alguns titos voaram de parte a parte. Se o cantor da Meditação possesse ler no porvir, e adivinhasse o destino das obras, que mal honrava talvez com um sorriso sceptico, ou com um movimento de hombros, a dor de ver proxima a declinar a sua fama, e a inveja da gloria alheia, de que raiva lhe não envenenariam o orgulho para carregar o retrato dos *illuminados* da litteratura! Quantas paginas acerbas iriam augmentar o archivo das suas vindictas, o poema dos Burros, aonde o verso nervoso e a expressão pungente agravavam o delicto ao genero!

Mas o porvir tem adiante espesso véu. Torneando as escuras, e não medindo o alcance dos hotes, o satyrico, fiado na fortuna, recostou-se nos louros, suppondo-os eternos. Para covar as iras desguarneceu as posições impartantes, e instaurando processo aos grandes nomes da poesia, desde Homero e Virgilio até Camões, ciumento da reputação dos mortos, como do louvor dos vivos, ajudou a abater os altares da auctoridade classica. Creadas forças para substituir ás ficções gastas, a poesia nacional adiantou-se mais levemente encontrando a estrada sem guardas, e o accesso livre para o tribunal do gosto. Depois era comparativamente facil. Estavam os elementos

promptos e a occasião madura. Bocage, Philinto, José Agostinho, tinham entre os tres acabado o mais arduo da campanha. Nenhum percebeu para si na bôca de Virgilio o famoso verso da quarta ecloga:

Jam nova progenies coelo dimittitur alto!

Obedeciam á indole, serviam o capricho, e, sem o quererem, eram as vezes de um pensamento ainda confuso. Francisco Manuel nacionalisando a poesia, Elmano trazendo-a das academias para o meio do povo, e José Agostinho escarneckendo o respeito dos traslados impostos, e a pobreza dos copistas. Como acontece vulgarmente, trabalhando por conta do futuro, todos ignoravam que transpunham as fronteiras da sua epocha!

Mas nenhum receberá em dote os favores, com que as musas enriqueceram Bocage. De todos os poetas do seculo anterior e dos principios do actual, o seu valido, o seu eleito foi Elmano. Disseram-lhe segredos que os outros não souberam; prendaram-no com o maravilhoso dom de engrandecer o assumpto. Calor da alma para realçar a paixão, pompa de phrase e magestade de metro para a pintar, ninguém as possuuiu em maior grau. Ouvido para afinar a harmonia dos sons, para sentir a melodia dos affectos, e inspiração para infundir a vida em ambas descendo radiosa, nunca lhe faltaram, antes sempre o soccorreram.

Na effervescencia dos primeiros annos, entusiasta e cantor arrebatado, transportou para o verso o natural violento e insoffrido, que foi em parte o incentivo dos milagres d'aquella ardente phantasia, e que era na existencia pratica o cruel inimigo do seu socego, e o precipicio facil do mais espantoso talento. Olhado de cima, e fora da rigorosa analyse, os raios, que despede, cegam e paralisam a critica. Os artificios, a riqueza e a elevação da forma poetica, não deixam ver senão as bellezas. Atraz da atropellada torrente, solta dos labios em cachêos de fogo, mesmo as almas prosaicas, desejavam azas para subirem por momentos ás espheras por onde vagava ao vate a mente endeusada. Escutando-o fugia da vista o jugo da imitação, cuja sombra a miudo escurece o lustre dos seus cantos, e parecia que o espirito, não cabendo no mundo conhecido da arte, e superior a elle queria romper por novos trilhos! Era o effeito seductor da viveza das cores, da illusão da palavra, e da magia dos sons restaurando o antigo quadro em galas proprias. Se a idéa se remontasse á altura dos arrojos da palavra, se a intuição do bello se animasse do mesmo poder, se a concepção, e a sciencia igualassem a lingua e o ouvido, o maximo poeta da sua epocha fôra Manuel Maria, e o pedestal, que lhe levantaram os applausos dos auditores, seria o throno, d'onde reinam com os seculos Virgilio e Homero, Ariosto e o Dante, Camões e Milton. Infelizmente não! O pensamento inventivo empalideceu ao pé do esplendor do estro. A facultade de crear emsoreceia, ou pouco ousava: e os traços, que fazem immortaes as ficções da imaginação, quasi sempre sujeitos, e raras vezes emulos e livres, davam o reflexo da belleza alheia, em lugar de expressarem o typo ideal da propria musa.

Igneas canções brotei, co'um deus na mente!

Exclamava devorado de orgulho e despeito contra os zoilos, que o deprimiam. E assim era. Ao repentista assistiam a alma e o genio nas promptas explosões. Pela segunda vista interior, a virtude por excellencia do poeta, passavam arremessados e im-

petuosos os affectos; o metro, fremente e audaz, vestia de inflammasdas imagens os filhos da lyra, gerados de um repente fascinante: mas pouco depois, e apagados como visões da exaltação febril, o que restava d'elles? Uma qualidade mais fatal, do que proveitosa á verdadeira gloria, não lhe podia dar o que não encerra. E embora dissesse

Sinto no coração, na voz, na mente  
Tropel de affectos, borbotões de idéas!

A fria razão, e o gosto não adoptaram, nem deviam, os fructos na verdura, que o delirio fez cair, e não colheu amadurecidos com o aroma e graça natural.

A originalidade, digna de durar, e a formosura, que não perece, atravessando as idades, nunca se deixam profanar aos olhos do vulgo, nem cedem menos castas aos amplexos da ebriedade poetica. Aquelle amor, sorriso e encanto dos primores nas artes, como o perfume de certas plantas, esvae-se, quando o tacto menos illudroso lhes magoa as folhas. A claridade que illumina os grandes monumentos, e a luz divina, ser e vida das creações do pensamento, não chegam á posteridade, fuzilando relampagos de enthusiasmo ephemero. Revelam-se no silencio, crescem no recato, e flores do sentimento, não formam a corôa do genio, senão depois do sol da inspiração, alto e continuo, lhes rosar as petalas, e desenvolver as formas. E a lima de dez annos perdida por Horacio. E a reflectida e sublime composição de Virgilio; é em fim, com menor esmero, e com menos perfeição tambem, o lavor das obras modernas merecedoras da sua fama.

Entretanto, de não confundir a facilidade perigosa com a fecunda criação, vae longe a negar-se absolutamente o dom da invenção. Já se disse e importa repetil-o; em Boage ha duas phisionomias, que se distinguem, e dous poetas, que se contradizem. O repentinista e o grande auctor. O primeiro altea-se e precipita-se, paira sobre as nuvens, e arasa a terra, conforme a vehemencia da exaltação, e o instantaneo vigor do impeto. O segundo, apaixonado e magestoso, teve lagrimas para a dor, rasgos profundos para o euime, suspiros para a ternura, desenho e colorido para as paixões.

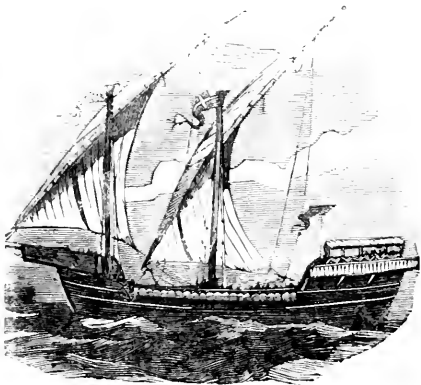
Ninguem sabe o que lhe reservava o futuro. Ninguem hoje inclinado sobre um tumulo é capaz de sondar nas cinzas frias as poses d'aquella intelligencia extinta antes de se revelar inteiramente, nem os prodigios de um engenho, que não entrou nunca em luta, que perdesse, julgalo pelas suas obras, não é se não soletrar incompletamente em um epitaphio, que a morte vedou acabar. Os defeitos foram os excessos das suas qualidades. As prendas, que lhe enobreciam o talento, eram joias admiraveis da vocação feliz; o exame e meditação dos modelos, a pausa e a reflexão do trabalho, na idade propria deixam determinar uma phase nova, a das produções de longa e esmerada execução. A tragédia e a epopéa, para as quaes voltava ja o ardor, olherciam-lhe baze bastante vasta, para se dispartarem facilidades, que talvez estivessem adormecidas esperando pela sua hora.

Não é no arruado e no vicio dos annos de inquietação, que os pensamentos d'esta grandeza têm occasião de tomar corpo. Antes de fallar a lingua de Homero, ou de Virgilio, o vate mais favorecido ensaia as forças, e degrau por degrau sobe as escadas, que levam á maior elevação da forma e da idéa. A copia de noticias e de saber que requer o poema epico; e o conhecimento profundo e geral do coração humano, que exige a interpretação dramatica,

não se adivinham, adquirem-se consecutivamente. Qualquer das duas manifestações mede a difficuldade a que se abalanga, e por uma absorpção lenta e continua, vae colliendo na experiencia, no estudo e no espectaculo da vida das nações e dos individuos o immenso cabedal de que precisa.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA



NAVIO DO DECIMO TERCEIRO SEculo.

Desde a epocha semi-barbara da idade media até ao nosso seculo, em que se applicou o vapor á marinha, descoberta importantissima e verdadeiramente civilisadora, que, encurtando as distancias, aproximou os homems todos uns dos outros, a forma e apparelho dos navios empregados no trafego commercial, ou no serviço militar, tem soffrido immensas modificações.

Basta lançar os olhos para a nossa gravura, que representa um dos navios que faziam parte da armada com que S. Luiz, rei de Franga, se dirigiu á Terra Santa, para combacer, de um golpe de vista, a grande e enorme differença que apresenta com relação ás actuaes construcções maritimas, ainda as mais imperfeitas; e todavia o navio do decimo terceiro seculo symbolisava um grande progresso, comparado aos que se usavam nos seculos anteriores.

Pouco temos que dizer sobre a forma e dimensões do navio do 13.º seculo. A maxima parte dos que foram na frota de S. Luiz regulavam pela força do *Santa Maria*, fretado aos venezianos. Este era de duas pontes e dous masts, tinha uma especie de galeria de combate á pópa, e á proa outra construcção quasi similhante. Tripulavam-no 110 marinheiros.

Toda a armada de S. Luiz compunha-se de mil e oitocentas velas, conduzindo 40.000 infantes e 2.800 cavalleiros: os almirantes eram os dous genovezes Lercari e Levanto.

O resultado d'esta expedição foi, como todos sabem, desastroso, para o santo rei, que em subsequente campanha a Tunes, morreu victima do seu fervor religioso, no dia 25 de agosto de 1270.

## SANSÃO NA VINGANÇA!

1850)

E sacudindo (Sansão) com grande força as colunas caiu a casa sobre todos os príncipes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

JUZES, cap. XVI, v. 30.

## II.

## O BAZAR DE MACAU.

APENAS começava a alvorecer o dia 27 de outubro, saiu João Antonio de casa da timora, e dirigiu-se para a alfandega. Este edificio grandioso, que serviu em outro tempo de casa fiscal do porto, estava agora repartido para diferentes usos, visto que Macau havia sido declarado porto franco; á cerca d'este enorme erro governativo, bastante e bem se tem escrito, e uma tal discussão está fora do nosso programma. O motivo que levava João Antonio n'aquella direcção era ser o espacoso cas da alfandega o lugar em que communmente embarcavam e desembarcavam as tripulações dos navios de guerra, tanto dos surtos no rio como dos ancorados na Taipá, pequeno porto de frente da cidade, onde então se achava a fragata D. Maria II.

Ligeiros *tancós* (pequenos barcos, cujo nome se traduz por *casa d'ovo*) guarnecidos por engraçadas mulheres chinezas, que fallam um *patois* portuguez divertidissimo, não pronunciando o *r* e substituindo-o sempre pelo *l*, e fazendo ainda outras transformações, tudo em eadencia musical, conduzia a bordo os nossos maritimos, alguns dos quaes morriam de amores pelas bellas tripulantes. E em verdade que tinham razão; aquellas carinhosas morenas das tancareiras, molduradas em optimos cabelos, escuros como os seus olhos pequeninos, mas vivos, com lindos dentes, mãos pequenas, pés delicados, apesar de costumados a andarem descalças, estatura baixa mas esleita, traço assis pintoresco; cabella e calça azul ou preta, lenço de cores vivas na cabeça, sapatos de prodigiosa altura, um certo requebro no andar, era tudo isto de certo muito mais bonito do que os rostos colorados das timoras, e d'essas ragas cruzadas de malaio, chinim e europeu, que parecem haver sido achatadas ainda no berço. Até aquelles barquinhos, onde ellas vivem de dia e de noite, parecem chamar os passageiros pelo seu extraordinario aereo; e com tudo dentro de um fraco tancá, tem uma familia o seu pazote, especie de deuses penates, sempre alumado e hornido; cozinha, cama, bancos, em fim a mobilia completa de uma pobre casa; as tancareiras ali vivem, ali cozem o seu arroz e o comem, ali dormem, rezam e folgam. A sua religião manda-as dedicar á alegria até encontrarem marido, e ellas cumprem á risca este preceito, em quanto um esposo feliz não oppõe a barreira do hymeneu a essa torrente de loucuras; desde então a tancareira tornou-se uma mulher seria; não ri para o viandante, nem responde a nenhuma provocação, sendo mostrando uma fita preta que lhe cinge o pescoço, e que quer dizer: sou casada. A variedade acabou por ella!

Os nossos marinheiros e soldados gostavam apaixonadamente de tudo isto, e João Antonio, que contemplava agora algumas d'ellas, empregadas a lavar escrupulosamente os seus barquinhos, comparava-as com Floriana, e dava lhes a preferença; porém, se

elle fugia para a baixa do Monte, é porque a heidiondez da sua figura causava terror aquellas acedias creaturas, que fogiam d'elle chamando-lhe *diabo*, e não sei quantos nomes mais, que haviam aprendido em portuguez, para insultarem os que se portavam mal. As pobres tancareiras até tinham medo de o conduzir a bordo, mas com isso se importava elle pouco; e lá saltar para dentro de um barco, para obrigar as raparigas a levá-lo á fragata, quando enxergou a *lorcha* do servigo do seu navio, que vinha atracado ao caes, para receber a razão da maruja. Um fiel de generos, que vinha na pópa da lorcha, saltou immediatamente para terra, e vendo o fiel d'artilharia, disse-lhe:

— «O João Antonio, não vás para bordo sem arranjar alguma carta de empenho para o commandante; olha que está desesperado contigo, por ficares em terra. Bem sabes que elle não pernoita fóra do navio, por mais duro que seja o tempo.»

— «É verdade,» respondeu o velho fleugmaticamente; «mas é que elle se adormece em casa dos seus amigos acordam-n'o a horas de ir para bordo; e eu adormeci em casa de Floriana, e só acordei ha meia hora. Em todo o caso, sigo o teu conselho, não vou para a Taipá.»

— «Mas toma conta em arranjar a carta quanto antes.»

Dizendo isto, o fiel de generos encaminhou-se para a porta da alfandega; em quanto o patrão da lorcha, um velho chinim, tendo desembarcado, contemplava de perto, com o sorriso peculiar aquella raça especuladora e hypocrita, o rosto macilento do condestavel, e adivinhava, atravez da mascara de placidez que o cobria, qual era a porção de fel que havia n'aquelle coração, e que ia a trasbordar-lhe dos labios. Não se enganou. João Antonio, julgando-se só, e possuindo em alto grau o defeito dramático dos monologos, começou a vociferar por entre dentes:

— «Maldito homem! Nada perdó!... Pois tambem eu lhe não perdoarei. Aquella timora contou-me uma historia de não sei que vingança, do marido ou de outro... Talvez fosse uma boa idea, mas se eu nada ouvi, deu-me o somno! E o mesmo, seguirei o primeiro pensamento.»

O chinim acompanhava com o sorriso, tornado cada vez mais boudoso, as palavras meio confusas do *christão* (termo para designar qualquer estrangeiro na China, quando lhe não chamam *diabo*, o que tambem é muito vulgar). Aproximou-se lentamente d'elle, e tocou-lhe muito de leve no hombro; ainda assim João Antonio virou-se sobresaltado.

— «Que queres tu, Ahuy!» perguntou o velho em tom desabrido.

— «Penso como tu, e como tu desejo vingar-me, João Diabo.»

— «Quem te disse...»

— «Adivinhei eu tudo,» atalhou o chinim, adoeitando ainda mais o seu já assuegado risinho.

João Antonio mediu de alto a baixo este homem, miseravelmente coberto por uma meia cabia de cor duvidosa, e esfarfapada, descalço, e com a cabeça apenas tapada por um chapéu de palha, já roto tambem. Isto foi o que elle viu quanto ao vestuario, porém no rosto não pôde ler cousa alguma. O sorriso do chinim chegara a ponto de rebugado, porém nenhum de seus musculos se contrahiou ou dilatou sob o olhar do soldado; os olhos pequenos e enviados, enxergavam-se como atravez de uma rara lamina de gello, e elle atagava com as mãos callosas alguns cabellos brancos que lhe pendiam da barba, eu torcia a ponta do rabicho, que acabava em um

cordão de torçal vermelho. João Antonio esteve quasi a dar-lhe um furioso cachagão, maneira amigavel de todo o bom christão tratar um chim!... porém teve curiosidade de saber o que aquelle homem lhe queria. Apesar de estúpido de seu natural, e embruteado pelo uso immoderado de bebidas alcoholicas, o fiel d'artilheria comprehendia perfeitamente que o patrão da larcha não viera despendar aquella somma de sorrisos, e afrontar as suas iras, sem para isso ter fundados motivos. Resolveu-se pois a perguntar a Ahuy o que queria.

— «Vingar-me. Não t'o disse já?» respondeu o homem do Cathay. «Tu desejas ver morto o commandante, e eu preciso que morra o tenente Osorio. Queres que nos ajudemos mutuamente?»

— «De que me podes tu servir?» replicou o condestavel com ar de desprezo.

— «De tudo, porque pertenco a uma sociedade inimiga dos christãos, que tem uma casa filial em Macau, e que trata de inutilisar a esquadra portugueza.»

— «Sim?»

— «É a verdade, e tu podes vingar-te, ganhando ainda muito dinheiro.»

— «Isso é magnifico, estou tentado com a tua sociedade!»

— «Pois se queres, o conselho dos anciãos deve estar reunido, e é occasião de seres admitido. Porém toma conta; quem falta ao juramento morre!»

— «Sei d'essas cousas. Lá na minha terra tambem dizem que ha sociedades secretas.»

— «Nas vossas terras tudo se abastardea, não ha santidade de juramento, nem se guardam segredos. Na China é diferente. Existem d'estas associações ha quatro mil annos, e nunea os mandarins descobriram uma só. São ellas que vão nuilar a face do império, restituir o throno da China á dynastia Ming, e só os associados o sahem!... Mas que te estou eu contando, que te importa a ti com as nossas desavenças; nem talvez as do teu paiz te incomodam.»

O rosto do chim, que por um instante brillara com a luz do entusiasmo, caiu na sua habitual placidez. João Antonio, cada vez mais impellido pela curiosidade, apressou-se a responder:

— «Que tenho eu com essas desordens dos grandes, o ganho é para elles só. Vamos nós a tua sociedade, e pelo caminho me contaras o motivo da aversão que tens ao tenente Osorio... que ainda assim, não é dos peiores officiaes da fragata.»

Saindo do edificio, o chim e o christão seguiram pela rua da Alfandega, e viraram a primeira travessa á esquerda, uma das entradas do bazar chinês.

Em quanto cruzavam aquellas ruas estreitissimas e immundas, orladas de boticas de commercio e de industria, só coroadas por pequenas sobrelojas, e que arrostando com o turbilhão da gente, e aturdidos pelos gritos dos vendilhões, e dos homens carregados, que podem lograr n'essas acanhadas lojas, chamando aos passantes que se arrodem, iam os nossos homens dirigindo os passos para o sitio de *Matapan* carpinteiro, em dialecto luso-chim, e contava Ahuy ao companheiro a promettida historia do seu odio ao tenente Osorio, pouco mais ou menos n'estes termos:

— «O chim é reservado, e mostra rosto alegre ao seu inimigo, até ao momento em que possa cravar-lhe o punhal no coração, ainda que seja atravessando-lhe as costas. É mais longo o transitio, mas chega-se do mesmo modo, e é mais seguro!»

O soldado, apesar da sua natural ferocidade, não gostou d'este prologo.

— «Surpreendi um segredo de Luiz Osorio, e

lembro-me de tirar partido d'esta descoberta. Armar os christãos contra os christãos é o nosso melhor meio de triumphar.»

— «Por isso me convidaste?»

— «Tu eras dos nossos ha muito; tens coragem e és inimigo dos teus; o que eu quero é aproveitar-te, para que a vingança se não limite a fragata. Estão cegos esses homens do occidente, não viram nos teus olhos que és capaz de comprehender tudo para lavar uma afronta... cegos! riem-se das tuas palavras, chamam-te fallador... e os seus dias estão contados!»

João Antonio mal podia crer que estava ouvindo fallar o patrão da larcha, que elle tinha por um idiota; Ahuy proseguiu:

— «Eu podia dizer-te que era o amor das *sapças* que me guiava, que era a necessidade de comprar arroz que me impellia... mas não, prefiro contar-te a verdade toda. Eu soube que o tenente Osorio se correspondia com a mulher do Murray, um viajante escocez que vive ali na praia Grande, e lembrei-me de avisar o marido, pedindo-lhe segredo. Era uma boa maneira de armar um contra o outro... não era?»

— «De certo. E então?»

— «Então? Enganei-me.» O escocez não fez caso do que eu lhe disse, nem me guardou o promettido segredo. A um chim? não merecia a pena!... Em logar de se acautellar e esperar, como um de nós faria, foi-se direito a Osorio, a primeira vez que o encontrei, e disse-lhe tudo. Osorio negou, como era de crer; elle riuse, e convidou-o para jantar, e eu...»

— «Pobres costas d'Ahuy.»

— «Adivinhaste... pobres costas! Hoje, antes de romper o dia, fui amarrado na proa da fragata, e surrado sem piedade, na presença e por mandado de Luiz Osorio. Ainda me escorre o sangue das costas...»

— «Isso não é novo para mim, estou bem marcado da chibata; e quem sabe se ainda me espera a bordo.»

Chegavam a Matapan. Enfiando por um bico mais estreito ainda, e, se é possível, mais lamacento do que os precedentes, Ahuy fez parar o portuguez, e disse-lhe que o aquar fesse em quanto la prevenir os anciãos. João Antonio cruzou os braços, e esperou, sem poder adivinhar o desfecho d'esta estranha aventura. Ahuy entrou na porta de um *chah*, especie dos nossos pateos antigos, e sumiu-se por uma das muitas portas de miseraveis habitações, que para ali abriam: passados por em alguns minutos, voltou a buscar o condestavel, e com elle entrou de novo na mesma casa.

A scena que se passava lá dentro deixou estupefacto o nosso João Antonio. Era uma orgia incrível para elle, que, do genero, só concebia as mais torpes saturnias. Alguns homens deitados em pequenos leitos, destinados especialmente para se fumar o amphião, chegavam a luz, collocada em pouca distancia, as extremidades do tubo por onde aspiravam aquelle agradável narcotico, a qual continha a pequenina bola de opio: pareciam estar em uma perfeita beatitude. Outros, ja embriagados pelo fumo da mesma droga, jaziam em diferentes posições, olhando fixamente para o que os rodeava, mas parecendo não terem a consciencia de que viam nem de que sentiam; no meio da sala algumas *hopais* executavam as mais voluptuosas danças, e outras tocando em uns pequenos bandolins, e cantando endievas simples mas apaixonadas, acabavam de embriagar os fumadores. O portuguez ficou em extase perante este quadro, totalmente novo para elle, e Ahuy, aproveitando esse emção, foi-se arrastando machinalmente para um

canto da casa, tocou em uma mala imperceptível na parede, e no mesmo momento desapareceram os dous em um algapão, não sem que João Antonio se agarrasse fortemente ás guelias de Ahuy, por que recebeu uma tração.

Apenas chegados ao pavimento inferior, a taboa que os conduzia theatralmente voltou ao seu logar, e não puderam ver senão as trevas, segundo a expressão de Delisle.

— «Aonde me conduzes?» perguntou o soldado, não largando o pescoco de Ahuy.

— «E preciso esperar um momento; eu já venho.»

— «Queres-me deixar só e ás escuras?»

— «Tens medo?» disse o chim, dando uma sonora gargalhada.

— «Não, não tenho medo,» tornou o portuguez largando-lhe a guelias; «vae-te com os diabos, e volta breve.»

João Antonio não viu por onde passára Ahuy, mas ouviu-lhe a voz já detraz de uma antepara, advertindo-o de que se não movesse do logar em que estava, porque haviam algapões perigosos em roda d'elle. O fiel d'artilharia, que pensava a sangue frio, poucas horas antes, em imitar Sansão n'uma estrondosa vingança, quasi que tremia de medo agora; não se moveu e esperou. Passados alguns instantes sentiu cousa que mais aindá o aterrorou. O pavimento em que se achava começou a mover-se lentamente; não sabia se devia ficar parado ou mudar de posição, convencia-se de que o chim o atraíra, e que algum inimigo seu o queria matar. Figuravam-se-lhe na imaginação esses mil castigos barbaros dos chins, de que ouvira fallar, entre os quaes não é contado como um dos mais dolorosos o rolar orcinioso, ou a victima, dentro de uma pipa cravejada de pregos!... João Antonio quasi que se lembrou de resar, e pedir perdão a Deus dos seus peccados.

Emfim, este estado de perplexidade acabou, como tudo acaba, porém de uma maneira com visos de prodigiosa, o que poucas vezes succede. Os olhos do condestavel foram de repente feridos pela luz de um enorme fogacho, no meio da completa escuridão que o cercava; e quando ponde descerral-os encontrou-se no meio de uma assembléa de anciãos, alguns dos quaes mostrando no peito a agulha dos mandarin, e todos de longos bigodes postiços, que lhe caíam pur um e outro lado da boca, como se vécem nos quadros chinezes, mas não nas ruas e praças de Macau ou de Cantão. O fiel d'artilharia procurou o seu amigo Ahuy, mas não o ponde distinguir entre aquellas caras tão parecidas, graças á tinta e ao cabelo postiço, que pareciam irmãos gêmeos.

A um signal do presidente (chamemos assim ao que occupava o centro da assembléa, e pensava em logar mais elevado) cada um dos anciãos se armou de dous *taifos*, algando-os com um movimento burlesco; João Antonio, que já havia readquirido a sua serenidade com a presença da luz, e que tinha um solemne desprezo pelos fillos do celestial imperio, deu uma gargalhada, e disse:

— «Se isso é para me assustar, estão perdendo o seu tempo; tomara eu apanhar Ahuy, para lhe perguntar o fim com que aqui me trouxe.»

— «O fim, eu t'ó digo,» respondeu o presidente, em mau portuguez. «Nós queremos incendiar toda a esquadra portugueza, e casta-nos, por um de nossos irmãos, que teus em vista servir aos nossos fins, ainda que por diferentes razões; queremos que sojas dos nossos, e que a troco de alguns milhares de patecas, estendas a tua vingança as duas corvetas tambem.»

— «Pensarei n'isso...»

— «E guardas segredo?»

— «Como vós guardareis o meu.»

— «Quem responde por este homem?»

— «Eu,» disse um dos anciãos. Era Ahuy.

— «Bem, podes partir.»

E a casa ficou instantaneamente ás escuras.

Seguido o mesmo processo da entrada, João Antonio achou-se á porta da rua, e encontrou o seu amigo Ahuy, que accendia placidamente um cigarro chinez.

— «Metteste-me em boa,» disse o soldado; «os barbaças queriam assustar-me, mas enganaram-se. Vamos para bordo.»

— «Vamos,» respondeu Ahuy; e accrescentou *in pectore*; «este é nosso de corpo e alma.»

Ao mesmo tempo pensava consigo o fiel d'artilharia:

— «Uma tal revelação vale bem a melhor carta de empenho!»

E regressaram á Alfandega. (Continúa.)

F. M. BORDALO.

#### NOTA SOBRE O CONSUMO DA CARNE EM PARÍS E LISBOA.

O consumo da carne (carneiro, vacca, vitella, porco etc.) (1) em Paris, no anno de 1851, foi de 69.673.932 kilogrammas, ou de 190.886 kil. e 663 grm. por dia. Tendo a capital do imperio francez, como consta do *Annuaire du Bureau des Longitudes pour 1851*, 996.067 habitantes; segue-se que cada habitante, n'aquella cidade, consumiu por anno kil. 69, 94873, ou grm. 191, 640 por dia.

O imposto sobre as carnes produziu, no referido anno, para o cofre da municipalidade, 6.794.779 francos e 5 centimos, ou réis 1.087.164.8648, calculando cada franco por 160 réis. Foi o rendimento diario, termo medio, de réis 2.978.8533. Se distribuirmos o producto do imposto pelo numero de habitantes, acharemos que cada um concorreu, no dito anno, com 1.8181 réis, que vent a ser 3 réis e 16 avos por dia.

Segundo os mapps officiaes, publicados pela alfandega municipal de Lisboa, respectivos ao anno economico de 1852-1853, vemos que o consumo das carnes, na nossa capital, foi de 396.984 arrobas, ou 5.830.900 kil. e 992 grm., ou de kil. 15.975, 071 por dia.

Excluindo os dous novos concelhos de Belém e dos Olivares calculámos que a cidade de Lisboa terá 180.000 habitantes. Logo cada habitante consumiu kil. 32,70990992 por anno, ou grm. 87,1957090992 por dia.

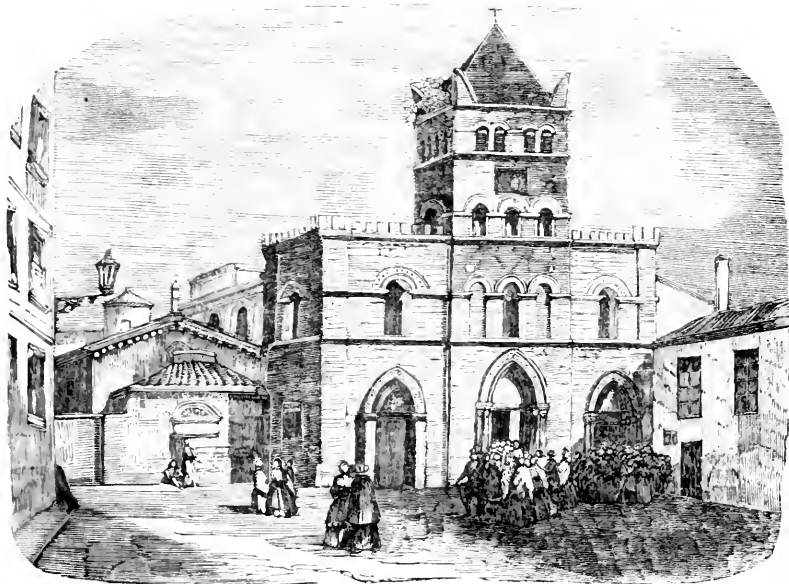
Dos documentos apontados consta igualmente que os impostos lançados sobre as carnes, produziram, na mesma epocha, réis 329.389.8787, ou 902.8977 réis e 182 avos por dia.

Distribuindo aquella somma pela população conhecemos ter cada habitante contribuido com 1.8831 réis por anno, ou 3 réis por dia!

Por esta nota insustitica, colligida com escrupulo de documentos inoperticos, prova-se a grande desvantagem em que acha collocado o habitante de Lisboa com relação ao de Paris: pois que o cidadão lisboense consome menos de metade da carne com que se alimenta o parisiense, e paga ao fisco, proporcionalmente, tres vezes mais!! As publicações especiaes cumpre estudar estes factas importantes com relação a economia e hygiene publicas.

(1) Cada kilogramma equivale a 2 arrateis, 2 onças, e 6 oitavas e meia.





FRANÇA — IGREJA DE S. MARTINHO D'AINAY.

SESENTA tribus gauleras originam em Lyão de França (Lugduni) um soberbo templo a Augusto. Com o decorrer dos annos este testemunho insigne do reconhecimento das Gallias ao famoso imperador, que, segundo a expressão dos escriptores romanos, fez as delicias do mundo, teve a sorte das outras muitas construcções semelhantes; isto é, caiu em ruínas! Nos primeiros seculos da nossa era, no mesmo lugar do templo pagão, consagrou-se uma pequena capella a S. Blandina, virgem e martyr.

No tempo de Constantino para ali foi viver como solitario S. Radulpho, que pouco depois fundou um convento: a igreja d'esse convento, edificada sobre a capella subterranea de S. Blandina, recebeu a invocação de S. Martinho.

Destruida no fim do 5.<sup>o</sup> seculo pelos vandalos, que saquearam a cidade de Lyão, foi reconstruida pouco depois por S. Anselmo, alcade de Ainay, que d'esta vez a dedicou a S. Pedro.

Mas a segunda igreja teve a sorte da primeira, as mãos dos lombardos. A rainha Brunehent, de França, a restaurou depois, dando-lhe novamente por orago S. Martinho.

Esta igreja, opulenta pela munificencia de alguns pontifices, é nomeadamente de Eugenio III e Innocencio IV, cheou aos nossos dias orfã do contiguo mosteiro, e tal qual a vemos representada na lousa gravura.

Infelizmente os que tiveram, em diferentes epochas, a seu cargo o reparo de tão precioso monumento de piedade christã cuidaram em o preservar das maiores injurias dos seculos, sem contudo respeitarem os primitivos desenhos. Todavia ainda assim a igreja de S. Martinho de Lyão é mui digna do exame do archeologo e do architecto.

Do antigo templo de Augusto existem as quatro columnas que sustentam a cupula do altar-mór, e um baixo relevo sobre a portada, figurando tres divindades do paganismo, que o povo em sua singularza poria em venerar como tres santas, de que julgam serem as devotas imagens.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

## MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XVI

*Requerimento de Arrayolos aos cônsules de Sautarem de 1468.*

Vimos como, em tempo do conde D. Alvaro Pires de Castro, os moradores de Arrayolos se queixaram a elle das vexações, que padeciam, mórtamente de pensar

com elles em suas casas a familia do conde, e lhes tirar mantimentos e forragens: e vimos igualmente como se despachou essa controversia ao principio por composiçao, e ao depois por isençao da villa do senho-rio do conde.

Alguns dos senhores da villa, que se foram succedendo, continuaram a exercer as mesmas vexações, até que novamente a villa se queixou a el-rei por seus procuradores nas côrtes de Santarem de 1468, de que o conde de Guimarães (que tambem o era de Arrayolos, por ser herdeiro da casa de Bragança) pousava com os vassallos e privilegiados, o que nunea fizera o duque seu pae; e pediram que tal não consentisse el-rei; e que sómente pudessem pousar com elles quando o proprio rei estivesse na villa. Ao que el-rei respondeu, que lhe aprazia que assim se fizesse; e mandava que fossem guardados aos moradores seus privilegios. E se porventura o dito conde, quando estivesse na villa, lh'os não guardasse, lh'o escrevessem a elle rei, e elle escreveria ao dito conde por manci-rra que lh'os guardasse.

Do que tudo lhe passou carta em Santarem, a 24 de maio de 1468. (1)

### XVII.

#### *Demarcações do termo.*

QUAES fossem as demarcações primitivas do termo de Arrayolos está visto no cap. III, por occasião d'el-rei D. Alfonso II fazer doação d'esta terra ao bispo e cabido d'Evora em 1217.

Vejamos agora como pelo deurso dos tempos foram novamente demarcados os seus limites com algumas das terras vizinhas.

#### *Demarcação com Evora.*

Por sentença do anno de 1535 se determinou a demarcação de Arrayolos com Evora pelo modo seguinte: Começando nos limites do termo de Arrayolos com Vimieiro, segue o caminho que sae das casas da herdade das Pigneiras, onde está o alamo, assim como vae por detraz das costas das casas e moradas dos lavradores das herdades de Luiz Mendes de Oliveira e dos frades de S. Domingos, ficando ellas no termo d'Evora; e d'ahi atravessando o Divor pelo açude do moinho dos ditos frades, e pelo cabeço alto da serra direito as casas da quinta da torre do Adayão, ficando a torre no termo da cidade (3); e da dita torre pelo cabeço onde está o azambugeiro, que está sobre o valle da junça por junto do dito azambugeiro, e d'ahi atravessando o dito valle, e pomar da Sempre-noiva por entre os paços e a casa do pomareiro direito ao curral, que está na herdade da Pedra da Missa contra o caminho de valle de Sobrados, o mais chegado a lagoinha junto da estrema da herdade da Sempre-noiva, ficando os paços no termo d'Evora, e a casa do pomareiro no de Arrayolos. (2)

#### *Demarcação com o Vimieiro na tra de 1458. pela parte do monte do Alcaide.*

Por averça feita entre os dous concelhos ficou li-

mitado entre ambos o termo desde o padrão grande, que está nas cimalhas do valle das Chiarruadas, como se vae direito para a cumiada da Anta, e vem-se á dita Anta, que está em direito do monte, que foi de João Alcaide, e da dita Anta ao ribeiro do Pi-geiro para cima até ao marco da cruz; e desde dito ribeiro para Arrayolos é termo d'Arrayolos, e do dito ribeiro para além é termo do Vimieiro; e do dito marco da cruz vae-se a um padrão, que jaz derribado áquem das quelhas, onde está o curral, e d'ali vae-se direito traz o pardieiro, que está áquem da Murteira, e vae entrar no Ribeiro da Murteira. (1)

#### *Outra demarcação entre os mesmos termos em 1572, pela parte de Castello Picão e Ilha Fria.*

Por sentença d'este anno se decidiu partir o termo de Arrayolos com Vimieiro por um zambugeiro, que está em cabeça de Castello Picão, e d'ahi por uma linda contra os freixos da fonte da Ilha Fria, e d'ahi valle abaixo direito ao canto da vallada dos Silvestres, que agora é de Alvaro Ferreira, e d'ahi aguas correntes até um alamo, que está no ribeiro, e ficando a vallada no termo de Arrayolos toda, e d'ahi até chegar á herdade da Murteira, que parte com herdade dos Silvestres, onde está uma barroqueira, onde se diz que arranearam um marco por onde partiam os termos, e d'ahi vae até cabeça de Bardeira. (2)

Com as outras terras limitrophes não ha no cartorio da camara confrontação.

### XVIII.

#### *Foral d'el rei D. Manuel.*

Os chronistas e jurisconsultos contam como el-rei D. Manuel encarregára a Fernão de Pina a reformação dos foraes das villas e cidades do reino, e como elle se desempenhára d'este encargo.

Pelo que toca particularmente ao da villa de Arrayolos sabe-se que o proprio Fernão de Pina fôra em pessoa á mesma villa, e ali dentro na fortaleza d'ella, a 7 de outubro de 1509, inquirira as testemunhas, que julgou bastantes para alcançar cabal conhecimento dos usos e costumes antigos a respeito do pagamento dos direitos reaes, e outras cousas, de que havia de fazer menção o novo foral; visto como na arca do concelho se não achou foral anterior pertencente á dita villa. Foram presentes a este auto de inquirição Diogo Lopes e Gaspar Martins, escudeiros e juizes ordinarios; João Nunes e João Ledo, vereadores; e Fernão Martins Grangeiro, procurador do concelho; e outrosim Diogo Bayão, e Gil Pires de Carvalho, cavalleiros e outros homens bons, todos moradores em a dita villa; e estando mais presente Lançarote Rodrigues, escudeiro e almoxarife do sr. duque de Bragança na dita villa. (3)

A 29 de março de 1511 se passou em Lisboa o novo foral, e se publicou em Arrayolos a 3 de abril de 1515, sem que conste o motivo de tamanha demora. Já vimos que o chamado antigo foral, dado por el rei D. Diniz, não passa de ser uma simples

(1) Torre do Tombo, Liv. 23 de D. Alfonso V, fl. 47.  
(2) Em tempos mais antigos houve dvida sobre se a villa da Torre do Dayão está no termo de Arrayolos, ou no de Evora; e por inquirição de testemunhas se decidiu que está no termo de Arrayolos. (Doc. no cartorio da camara)

(3) Documento no cartorio da camara.

(1) Outro *ibid.*

(2) Outro *ibid.*

(3) Torre do Tombo, corpo chronologico, parte 2.ª, masso 12, doc. 126, que contém a inquirição para este Foral. No mesmo arquivo consta 20, masso 11, n.º 13 está outro papel, pertencente a mesma inquirição, mas nada adianta.

carta de fóro do reguengo da Vide a seus povoadores. 1. O novo fóral porém ordenado por Fernão de Pina abrange as condições dos colonos dos dous reguengos de Vide e do Cavallo; designa que pensão hajam de pagar os dous tabellães da villa; regula os tributos da açougueira, e do celloya (tributo sobre o pão cozido); a dezima da execução das sentenças; como se darão os maninhos; que retribuição se pagará pelos montados; como se arrecadará o zado do *vento*, como se cobrará a pena d'arma; e finalmente dá um extenso regimento sobre o imposto da portagem. (2.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na *Arcadia Elmano Sadino*.

Entre ferros cantei defeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VII.

SE é exacto, como se afirma, que Bocage tinha em projecto um poema sobre o *descobrimento da America*, e uma tragedia de Vasco da Gama, a mesma escolha dos assumptos inculca o distincto poeta. De todos os factos modernos, que se prestam para a tela da epopéa, este da contraposição de duas civilizações, da revelação do mundo velho ao mundo novo, é o que apresenta as proporções gigantescas, o maravilhoso, e as tintas esplendidas, que o genero imperiosamente pede. Chateaubriand concede apenas ás cruzadas e ao descobrimento da America a capacidade de inspirarem fabula e episodios dignos de rivalisarem na harpa christã com a lyra de Homero, e com o cantor de Eneas.

Quem, melhor do que Elmano, como Camões, desde a mocidade o haldi da fortuna, e o escolhido das musas, tendo visto na immensidade das aguas a imagem do infinito, na tempestade os horrores sublimes da natureza, e nas regiões da Asia o antigo theatro da gloria portugueza, descobriria no assumpto os paineis admiraveis, as scenas meigas e patheticas, as pinturas atrevidas e maviosas? Harmonia, pompa, traços e cores, no verso: sentimento lyrico, phrase epica, expressões cunhadas com um sello distincto, onde se funde a graça na energia, tudo o que se deo-ja e raramente se alcança assim reunido, concorreria para lhe alargar e enobrecer a carreira. Poderia percorrel-a? O plano do edificio, e a symetria das partes corresponderia ás decorações? A imaginação, transportada a tão amplo lavor, acudiria poderosa e igual ao interesse, a regularidade, e ao acabado que elle demanda? O drama, que está sempre no fundo da epopéa, seria concebido e desempenhado na altura precisa?

Se nos quirmos superficialmente pelo que ficou de Elmano parece licito duvidar. Se nos de perto contemplarmos alguns longos dos seus hymnos, notando a invenção original, que vislumbra a travez do tecido mythologico, não faltam motivos para acreditar que sim.

Quem ler attento a admiravel cantata de Leandro e Hero, e tirar a suspeita de um furto ás Heroïdes de Ovidio, confrontando as duas pegas, achará no gosto e na imaginação, que a dictaram, mais do que os dotes limitados do imitador classico. O toque e o primor do episodio autorisam a suppor que, apurada a critica e concentrado o genio, a inspiração não seria infiel a Bocage, se a chamasse cheio de respeito pela propria gloria, e de admiração pela elevação da arte. Comprehenderia o vate assim os deveres do talento, e as condições do genero? Daria ao assumpto a liberdade regrada; daria á poesia o sentimento da verdade, e ao maravilhoso o sentido christão?

O que José Basilio da Gama entendeu e conseguiu no Uruguay, o moderno poema de maior merito, apesar dos defeitos e da brevidade contrahida, a grande e bella execução descriptiva das scenas naturaes, e o quadro magnifico dos homens da Europa occidental aborquando a um mundo, que nunca suspiraram, como cre o barão de Humboldt, estava na indole e nos artificios poeticos de Manuel Maria despi-o inteiramente do repintado verniz das tradições da epopéa antiga, e do falso luzente da allegoria pagã?

Se nos induz a crer que não, por um lado a influencia da escola dominante, e a servidão consentida ás suas leis; por outro notamos nos arrebatamentos religiosos do poeta, nos seus extasis lyricos curvado á fé, a decidida victoria do espirituallismo, na invocação de um Deus ethereo e immaterial, Deus do Golgotha! mas embora e com a sua ancía de gloria era inexplicavel, elle não houvesse afogado na mente o plano de mais altas composições, a obliquação da critica seria julgado pelos titulos que deixou, e que são de mais para lhe grangear elevado logar. O que ficou por acabar, se excede as dimensões do que poude concluir, unicamente prova a pausa com que aguardava o momento proprio de conversar as musas no recolhimento, indispensavel aos pensamentos grandes.

O padre José Agostinho, estampando na analyse da Pena de Talião as noções do seu rancor, varia a accusação com o requinte de maldicencia, que não esquecia, quando se molestava com o merecimento alheio. Bocage, diz elle, foi um auctor sem methodo e ligação de idéas, por genio incapaz de symetria, por ignorancia desconhecedor de todos os preceitos communis da rhetorica. Não tinha senão fogachos sem a força e ordem do discurso logico ou rhetorico!

O censor queria introduzir as regras do syllogismo na poetica? Se outra era a sua intenção tinha lido as cantatas, os idyllios e as elegias de Elmano? Afirmaria em presença de taes paginas que o cantor de Medéa, do Tritão, e da morte de Maria Antonieta não passava de clarões, deslumbrantes, mas ephemeros? Mau conselheiro é o odio, e Elmiro Tagide, peccando contra a consciencia, morria ás escuras na sepultura aquelle, que exaltara vivo, reputando pequenos os maiores benvores.

Em Manuel Maria sobrava o que em toda a sua carreira Macello, poeta de arte, buscou debalde, a commoção profunda, a sensibilidade dolorosa, a vocação espontanea, e aquella segunda vista prodiziosa do vate, que illumina as trevas do futuro, e accende na mais remota posteridade o resplendor de um astro, que não se eclipsa.

Bulleau, mais instruido critico do que Elmiro, nunca impoz ao genio o frio compasso das mathematicas. D'elle são os formosos versos apreados a obo, mais verdadeiros para a imitação dos outros generos, guardada proporção convenientemente.

(1) Atrazcap. VI.

(2) Está no cartorio da camera o original, que lhe pertence. E na Torre do Tombo se ha um registado no Livro de Foyes Novos do Alentejo, Ed. 723, fol. 2.

Son stile impétueux souvent marche au hasard :  
Chez elle un beau desordre est effet de l'art.

É ficar bastante longe do molde impertinente do raciocínio logico, e da severidade do problema algebrico. Horacio queria a mesma cousa, e Macedo, tirado o fumo da inveja, seria do voto de ambos. Desgraçado poema da Meditação, e infelizes vãos lyricos das suas odes, se o raio, que fulminava, caísse em casa a um detractor!

Em Philinto, se é estranhavel ao cabo de uma longa existencia a falta de uma composição original, digna do seu nome, a observação não se exaggera a ponto de lhe negar inteiramente as forças de a conceber e executar. Sem ella não ficou menos illustre, nem menor poeta do que foi. Atravendo-se a desempenhal-a, de imitador classico subiria ás eminencias do genio, dilatando os reinos da phantasia. É a differença!

Virgilio, parando nas Eclogas e Georgicas levaria consigo ao tumulo o segredo da Eneida, e com elle o da capacidade epica. Perdia por isso o louro de Theocrito? Lembrou-se algum de diminuir na gloria de Corneille por não commetter a empreza da epopéa, ou na de Milton por não calçar o cothurno de Sophócles? Um engenho nobre e privilegiado porque abraça os domínios todos da arte, já de distraído, já por falta de sentido especial de um genero, já por lhe não chegar a vida para o lavor, ha o direito de estabelecer, que não podia o que não tentou, ou que baixa de valor intellectual pela medida do que lhe ficou intacto?

Os talentos encyclopedicos, os Voltaires e os Goethes, são raros como Cesar e Napoleão. Não se dispõem com igual triumpho os poderes da imaginação pelas extensas provincias da poesia e do saber, sem o perigo de repetir as quedas, e de ser os primeiros Boeage pode crer-se menos inventivo e menos fecundo no pensamento e no risco das suas obras; mas o que não deve é condemnar-se como esteril em nome de sonhada impotencia, quando os dias lhe correram curtos e angustiados, e a idade dos primos lhe despontava apenas! No que fez examinem-se os defectos e as bellezas. No que traduziu ou imitou procure-se o grau de merito da difficuldade vencida, e os assomos de idealidade e invenção propria. No que temeu, ou no que destinou para a epouca viril do talento na sua plenitude, quando muito aventuramos conjecturas. Não se percorre de nma só respiração, nem com um simples volver de olhos a manifestação da sua actividade poetica. Seguindo-a com o exame vê-se que alcançou muito adiante do que geralmente se acreditava.

Reservemos para o ultimo artigo a apreciação mais unida ás obras. Depois das hulas geraes entram as feições, e succum-se os toques que dão a expressão, e constituem a vida, nas physionomias litterarias.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### SOLDADO DE CAVALLARIA GREGO.

Os antigos gregos distinguiam-se pela superioridade da sua organização militar, a qual deveram, em grande parte, a sua prosperidade, e a supremacia que alcançaram entre as nações do mundo.

Costumados desde a infancia ás mais rudes fadigas, os gregos frequentavam com enthusiasmo, na puerbidade, os jogos publicos que podiam augmen-

tar-lhes as forças physicas, tornando-se finalmente soldados robustos, aguerridos e sobrios, que os generaes e dictadores conduziam facilmente á victoria.

Os gregos combatiam em geral defendidos apenas por um capacete de metal, dous *acemides* (coxotes) para defeza das pernas, e a couraça; esta ou era de escamas de ferro, ou de fio do mesmo metal, formando uma especie de tecido.

Filippe de Macedonia, Alexandre o grande, e Philopemon fizeram grandes reformas, assim na organização, como no equipamento e armamento das tropas gregas.

Os exercitos gregos constavam de infantaria e cavallaria; mas esta arma, como aconteceu sempre até á invenção da polvora, considerava-se como a mais importante, assim pela qualidade dos individuos de que se compunha, como pela sua quasi decisiva influencia nos combates.

A cavallaria dividia-se em *cataphractas* (homens d'armas) lanceiros, e *aerobolistas*.

Os lanceiros, armados apenas de uma lança comprida, tinham por missão nas batalhas carregar sobre o inimigo, forçando por lhe desordenar as fileiras.

Os *cataphractas* e *aerobolistas* eram destinados especialmente para o serviço a que hoje se applica a cavallaria pezada.



A nossa estampa representa um lanceiro grego, montando a cavallo: serve-lhe de estribo uma pequena travessa pregada na parte inferior da lança.

#### SANSÃO NA VINGANÇA!

(1830)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

JUZES, cap. XVI, v. 30.

#### III.

A BORDO.

Como tantas vezes succede no mundo, o soldado e o chin caminhavam para a alfandega, conversando amigavelmente, e mostrando reciprocamente um ar risonho, ao passo que cada um d'elles odiava de coração o outro; que este contava sobre os maus sen-

timentos d'aquelle, para se vingar, á custa da sua honra; e aquelle imaginava esquivar-se a um castigo merecido, e alcançar as sympathias dos seus chefes, denunciando este. Triste quadro que de continuo passa ante os olhos da humanidade!

A lorchá esperava no caes o seu patrão, Ahuy e João Antonio saltaram para dentro d'ella, e a prôa do barco dirigiu-se á fragata ancorada na Taipa. Ao portaló do navio estava o official de serviço; era o tenente de marinha *Samgi*, um bom musulmano, que viera de Goa na guarnição da fragata. Apenas elle viu o fiel d'artilheria, deu-lhe a voz de prezo á ordem do commandante, e mandou que o levassem para o porão, e lhe lançassem ferros aos pés. João Antonio declarou ao official que tinha graves revelações a fazer; porém o mouro, que conhecia a severidade do commandante, e era um cego observador da disciplina, não atendeu a mais do que executar a ordem recebida; enviou o soldado ao seu destino, e contentou-se em dizer-lhe que elle informaria o chefe da necessidade que tinha de fallar-lhe.

Quando João Antonio descia os degraus da escotilha grande, viu o guarda-marinha Innocencio, aquelle mancebo que elle estimava profundamente, e a quem se referira no dialogo com Floriana, e disse-lhe de passagem:

— «Senhor guarda-marinha, salve-me mais uma vez, como tantas outras tem feito.»

Innocencio fez-lhe um signal de assentimento com a cabeça, e dirigiu-se para a tolda, onde chegavam no mesmo momento o commandante e o tenente Osorio.

O commandante era um homem de quarenta annos, elegante, de maneiras delicadas, mas de uma severidade militar a toda a prova; trajava como sempre rigoroso uniforme, e conversava com o seu official predilecto, Luiz Osorio, igualmente uniformizado, mais moço do que o commandante, porém serio como elle. O tenente *Samgi* e o guarda-marinha Innocencio, apenas os viram, cortejaram militarmente o superior, e apertaram a mão do camarada.

— «Então,» disse o commandante, «já chegou o tal João Antonio?»

— «Sim, senhor,» respondeu *Samgi*, «acaba agora mesmo de descer para o porão, aonde se lhe estão pondo os ferros, porém...»

— «Porém o que?» replicou o interrogante, de um modo brusco.

— «Porém,» acrescentou o mahometano com a placidez de um fatalista, «o homem diz que tem graves revelações a fazer, e peço para fallar a v. s.<sup>a</sup>»

— «Não estou para o aturar. Quer-me contar historias?... que as conte aos ratos do porão.»

— «É um pobre velho,» disse o guarda-marinha acereando-se e com voz doce, «tem trabalhado muito, está cansado e quasi demente.»

— «Cá temos o nosso advogado geral *ex-officio*,» interrompeu o commandante rindo; «d'onde conhece o sr. Innocencio aquella perola?»

— «Embarcou com meu pae quando eu ainda era pequeno, sempre me mostrou muita affeição...»

— «Pois não se desfaça d'aquella boa amizade!»

E dizendo isto o commandante travou do braço de Luiz Osorio, e separou-se dos outros dous officiaes, acereando-se.

— «Então vai hoje a casa de Murray?»

— «Sim, senhor, espero ir á noite.»

— «É porque não vem já comigo? eu vou jantar com elle.»

— «Mas eu entro de serviço ao meio dia, e só ás quatro horas estarei desembargado.»

— «Então lá o espero para uma partida de vultarete.»

— «Com todo o gosto.»

— «*Samgi*,» bradou o commandante, «mande-me apromptar o escaler.»

Poucos minutos depois formava a guarda do batalhão naval, e o chefe saía, recebendo as continencias do estylo. Os tres officiaes ficaram na tolda conversando a respeito de João Antonio, como o fariam acerca de outro qualquer objecto, que reputassem insignificante.

Um soldado do batalhão naval, aquelle mesmo que vimos no pardieiro da timora, chegou-se ao grupo, e com a mão direita collocada horizontalmente junto ao boné, disse ao tenente Osorio que lhe de-sejava fallar.

— «É segredo?» perguntou Osorio.

— «Não, senhor; mas é um aviso que preciso fazer a v. s.<sup>a</sup>»

— «É a nós todos, porque não?»

— «Se assim o determina, não tenho duvida em fallar diante d'estes senhores.»

— «Pois falla, H. f. . . nunca te soube outro nome senão este de H. f.; venha da esse aviso salutar.»

— «Senhor, o João Antonio disse que queria incendiar a fragata, lançando fogo ao paiol da polvora.»

— «Isso é romantico!» bradou Osorio dando uma estrondosa gargalhada, á qual fizeram cõro *Samgi* e Innocencio.

— «V. s.<sup>a</sup> ri-se?... tambem eu me ri; mas é que tenho pensado, e...»

— «É então?» (novo riso).

— «É então?... o homem não é boa rez; quem sabe se é capaz de cumprir o que prometten. Elle está meio maluco, a polvora corre-lhe pelas mãos, e pode aqualquer dia...»

— «Vae dormir, H. f., isso é somno; deixa-nos com os teus prognosticos. Taldos havemos de tornar a Lisboa, se estes malditos elms nos não matarem lá por terra.»

O pobre soldado, *desapantado*, fez nova continencia aos superiores, rodou sobre os calcachares, e dirigiu-se para a prôa. Acompanhar-mos o H. f., em prejuizo do poeta Osorio, do joven Innocencio e do mahometano *Samgi*.

O leitor já viu a prôa de um grande navio de guerra? Faz idéa do que sejam aquellas conversações do fogão? Passou-lhe pela cabeça que pudesse haver poesia n'um dialogo de marinheiros? Se não viu, se não faz idéa, se nunca imaginou estas cousas, e vive contente porque conhece a boa sociedade, e já viu *fizerem espirito* quatro bonifrates de casaca, então ha de ser difficil que lhe interesse estas scenas. E não é porque seja nosso proposito ir desenhar esse variado quadro, que os limites d'esta composição não comportam, mas porque as exigencias d'esta historia nos levam imperiosamente á prôa da fragata D. Maria II. e teremos que rogar pela jaqueta alcatroada do grumete, e pela fardeta já russa do soldado; se se sente com animo acompanhemos ao fogão.

O preto cozinheiro manipula conscienciosamente o frugal jantar da companhia; cereamos varios marujos, de diferentes idades, uns fumando, outros limpando as espadas, ou a ferragem das suas bandejas de comer; outros finalmente cozendo a propria roupa, ou conversando de seus amores pouco platonicos, de seus banquetes em dia de pagamento, de suas longas viagens e naufragios, dos bons ou maus officiaes com quem serviram. O H. f. chegou ao meio d'esta assembléa, e tomou a palavra.

— «Vou tratar de ir destacado para a fortaleza da Taipa,» disse elle; «não me fio no João Antonio.»

— «Então que ha de novo? por onde faz agua o barco?» perguntou um velho cabo de marinheiros, depondo o cachimbo sobre o fogão.

— «Meu velho *Madeira*, não te querem deixar passar pela decima quarta vez o cabo da Boa Esperança.»

— «Que é lá isso,» replicou o *Madeira* (que tirava a alcunha da sua terra natal) «as treze vezes já cá estão, e não se me dava ainda de tornar a ver a *Bica*. Morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho; esta naifa ainda tem ponta, apesar da ordem, e o braço não perdeu o vigor... saibámos quem é o valente.»

— «Eu não o queria acreditar, porém tive um sonho esta noite...»

— «Ah! elle é historia de sonhos? pois sempre ouvi dizer que succede o contrario do que se sonha... ó *Sopa de massa*, dá-me fogo, que se apagou o cachimbo.»

O moço ou grumete a bordo é criado do marinheiro; por isso o *Sopa de massa*, um rapaz de quinze annos, correu a buscar o murrão para servir o *Madeira*. Antigamente nem os moços podiam fumar diante dos marinheiros, nem passar por elles de chapéu na cabeça, hoje tem-se relaxado essa disciplina; os velhos lobos de mar clamam contra a inovação, mas debalde.

— «É o caso,» continuou o soldado. «O João Diabo é fiel d'artilharia, e prometeu lançar fogo ao paiol; agora está prezo e talvez leve pau; mais exasperado ha de ficar. Avisei os officiaes, e elles riram-se... pois eu vou tratar de mudar-me para ali.»

E apontava com o dedo para o forte da Taipa, construido pelo governador Amaral em territorio inhóspito para proteger a cobrança do imposto do sal.

— «Vae, que és soldado, estás melhor em terra; eu cá não tenho medo do João, nem de todos os diabos juntos. Em morrendo fago trinta annos á justa. Mas assim mesmo em lhe andarei na cola, e se o apanho em rascada não lhe queiras tu estar na pelle.»

— «Em quanto elle estiver prezo não ha dúvida,» disse sentenciosamente o *Cara Linda*, marinheiro fofo, mas ainda novo, «a porém logo que esteja solto é não lhe largar a alhetta.»

— «O homem ha de ter amor ao corpo,» proseguiu o *Madeira*, puchando com força uma fumaga; «se elle não morresse tambem...»

— «Lá isso é um calhar,» replicou o *Cara Linda*, que era... que se chama a boi lo um *letrado de fogão*, um *sabo de cuberta*; homem lido em *Carlos Mayno* e na *Imperatriz*; *Porcina*; isso é um calhar repetiu, como o outro que diz: Morra São-ão e quantos aqui estão. Tem-se visto d'isso.»

A voz do oráculo fez sensação na assemblea. *Sopa de massa* ficou boqui-aberto de murrão em punho, *Madeira* deixou apagar novamente o cachimbo, e o 114 meneava a cabeça com signaes de afflicção. Ouviu-se porém um toque de corneta, que chamou a alegria aos rostos, e a falla aos labios. Era a hora de jantar. Não estava desvanecida a fatal impressão, mas esquecia-se momentaneamente, para voltar mais tarde, e talvez mais pungente, porque os homens de mar são em geral supersticiosos.

O chim Ahuy, que ouvira a conversação que narámos, e a quem não escaparam as expressões de João Antonio no acto da prisão, entendeu que era preciso sair de bordo, e confiar a outro companheiro o leme da lancha e a missão de se corresponder

com o prezo, antes que descobrissem o seu verdadeiro nome e a causa d'aquelle disfarce, o que lhe parecia estar eminente.

— «O christão quer-me atraiçoar,» murmurou elle, «nunca tal pensei! Aquelle monstro quer mostrar patriotismo á minha custa; porém está só no porão, é necessario fugir antes que elle falle.»

E dirigiu-se ao official de quarto, já então o tenente Osorio, dizendo-lhe com ar risonho, apesar das chibatadas que por sua ordem receberá, que tinha precisão de ir a terra, e pedia licença para embarcar em um tancá que lá largar de bordo.

Osorio concedeu sem difficuldade a licença, e Ahuy ia escapar ao perigo que via sobreaneiro, quando assomou á boca da escotilha o vulto esqualido e repugnante do fiel d'artilharia. Vinha elle fumar, com auctorisação do official, e arrastava-se pensosamente com as pernas unidas pelos ferros, quando enxergou o chim, que tranpunha o portão.

— «Não deixem fugir esse homem,» gritou elle com toda a força dos pulmões, «agarrem esse chim, que trata de incendiar todos os nossos navios.»

Este brado achou eco em toda a tripulação, ainda impressionada pela historia do 114, e meia dúzia de soldados e marinheiros se lançaram sobre o patrão da lancha. Osorio, que não tinha motivos para patrocinar Ahuy, revogou a ordem, e chamou á sua presença o accusador e o accusado. O leão e o tigre achando-se face a face, não se olham com mais rancor, não têm maior desejo de se dilacerarem mutuamente do que estes dous homens tinham; um d'elles porém estava agelhado; o outro era filho do celestial imperio, e por consequencia dissimulou o seu odio.

— «Que temos?» perguntou seccamente o official.

— «Este homem,» respondeu João Antonio, levou-me a uma reunião de ebrios, que querem dar cabo da fragata e das duas corvetas aqui estacionadas.

— «Que dizes a isto, Ahuy?»

— «Senhor, esse homem está embriagado, como costuma; não falla direito.»

— «Eu bem sei onde é a casa, em Matapau, posso lá conduzir a v. s.<sup>a</sup>»

— «Se elle provar o que diz,» respondeu o chim tranquillamente, ao menos na apparencia, «façam de mim o que quizerem.»

— «Muito bem,» concluiu o tenente; «fique para o commandante a investigação d'este negocio; mas como o porão é largo, e não faltam machos de ferro, ponham tambem um par d'elles a este chim fallador, e que conversem ambos lá em baixo, sem todavia se approximarem demasiado.»

Que se figure o leitor a deliciosa noute que passariam estes dous malvados, defronte um do outro, praguejando cada qual em seu idioma, na presença da sentinela, que os impedia de se chocarem: era um supplicio anticipado pelos crimes que meditavam.

Em quanto elles ali jazem, vamos nós acompanhar a terra o tenente Osorio, que nos encontraremos em melhor sociedade.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ESTUDOS SOBRE OS DIFERENTES METHODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

I.

JOÃO DE BARROS.

O PRIMEIRO monumento que a imprensa nos conservou de methodos de ensino de ler nas escolas de Por-

tugal, é a cartilha de João de Barros, publicada pela primeira vez em 1539, e impressa em casa de Luiz Rodrigues, impressor d'el-rei. Quem conhece os methodos roneiros e irracionaes, que nas escolas de Portugal têm quasi geralmente dominado desde longos annos, e que ainda hoje imperam na maioria das escolas, ha de suppor que o celebre escriptor das *Decadas*, escrevendo a primeira cartilha, ou methodo de ler em portuguez, escreverá um syllabario mais rude e mais rotineiro que aquelles que geralmente conhecemos. João de Barros porém, que foi, como sabemos, um historiador sincero e elegante, mostra-se tambem na philologia um homem que se levantou acima do seu seculo, e que soube prever muitas observações e muitas idéas, que depois se haviam de colher e formular nas idades de mais florente civilização.

A cartilha, ou mais propriamente a *cartilha* de João de Barros, começa por apresentar o alphabeto minuscuro, contendo as vinte e duas letras, *a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, v, x, z*; collocadas cada uma dentro de uma pequena moldura, ou quadro gravado em madeira, e tendo cada um d'estes quadros pela parte superior a figura de um objecto familiar e muito conhecido, cujo nome começa pela letra a que pertence. Assim por cima do quadro do *a* está gravada uma *arvore*, por cima do *b*, uma *bêsta*, arma de arenego mui usada n'aquelle tempo, ao *c* corresponde um *cesto*, ao *d* um *dado*, ao *e* um *espelho*, ao *f* um *fogareiro*, ao *g* um *galo*, ao *h* um *homem*, ao *i* um *jarro*, ao *k* um *kajado*, ao *l* um *livo*, ao *m* um *mochô*, ao *n* uma *navi*, ao *o* um *olho*, ao *p* um *pente*, ao *q* um *quadrante*, ao *r* uma *raposa*, ao *s* uma *serçia*, ao *t* uma *lesoura*, ao *v* uma *viola*, ao *x* um *xarvão*, ao *z* um *zôlivo*.

Vê-se aqui apparecer pela primeira vez a idéa de acompanhar cada letra com uma figura, artificio de que não consta haver exemplo antes d'elle, e que é o fundamento de todos os alphabetos figurados, que depois se usaram, e que ainda hoje se empregam em toda a parte como deleitação e como auxilio mnemonico. A razão pela qual João de Barros empregou este methodo engenhoso para o seu tempo senão duvida, foi a de que as creangas tivessem na figura um auxilio immediato para a memoria. N'aquelles tempos o ensino do ler estava muito pouco propagado, e os mestres eram raros, e esses mesmos, como se deprehe da queixas de João de Barros, nem satisfazião pelas suas habilitações a altura da sua missão, nem seguião os methodos mais adequados ao ensino da infancia. A creanga precisava de ter na ausencia do mestre signaes figurados, pelos quaes pudesse distinguir perfectamente as letras, depois de lhes saber os nomes. A creanga, olhando para o *a* por exemplo, poderia entrar em duvida se lhe devia dar o som de *a*, ou o som de *b*, ou o de *c*. mas olhando ao mesmo tempo para a figura, que era sempre de um objecto mui conhecido e difficil de confundir com outro, achava-lhe immediatamente o nome, que era *arvore* no caso supposto, e por este nome de *arvore* deduzia muito naturalmente que o som da letra não poderia ser nem *b*, nem *c*, nem *d*; mas forçosamente *a*, som muito pronunciado e muito aberto, por que começa a palavra *arvore*. A creanga com mais ou menos trabalho chegava, depois de uma ou duas ligêças, a conhecer por si mesma, ao menos n'um grande numero de casos, o nome e o som da letra que estudava. Uma outra vantagem d'este methodo era pronunciar primeiro a letra não com o nome, mas com o seu verdadeiro valor, quando dizia o nome do objecto, antes de deduzir o nome da letra. Assim no caso de *f*, a creanga tinha de pronunciar

*fogareiro*, onde o *f* entra com o seu verdadeiro valor, e só depois d'esta primeira operação intellectual, que era por assim dizer instinctiva, e de que a creanga não tinha a consciencia, é que ella dava ao *f* o seu nome *efe*, como n'aquelles tempos se dizia, e ainda hoje se diz, posto que erradamente, na maioria das escolas. Não ousamos dizer que todas estas considerações viessem ao espirito de João de Barros; que elle porém presentira a vantagem de suas figuras como meio mnemonico, inferise-se das suas formaes palavras no prologo da cartilha. «E ante que se trate da grammatica poerey os primeiros elementos das letras em n'ollo de arte memorativa, para mais facilmente se aprender a ler.» Quem sabe que n'aquelles tempos se chamava a mnemonica arte memorativa ficará plenamente convencido de que João de Barros tivera a mira mais longe do que n'uma simples amenidade, e quizera de proposito facilitar a mnemonisação das letras, quando dedicára a cada uma a figura de um objecto conhecido. E que não fora por simples apparato, mas pelo conhecimento profundo do que convinha aos principiantes, que elle empregára as figuras, deprehe-se do que elle mesmo diz, quando confessa que omitira tudo o que não era essencial, e só olhára ao que era indispensavel, «e a», diz elle, «seria mais mostrar-me, que aproveitar... e tratarei sómente do necessario aos principiantes.»

Depois de conhecida a forma de cada letra, passa João de Barros a ensinar ás creangas uma coisa que senão ensina na maior parte das cartilhas que hoje se usam nas nossas escolas, e é o indicar os valores de cada uma das letras, de modo que o seu alphabeto perfeito se compõe de trinta e uma letras da maneira seguinte: *á, a, b, c, e, d, ê, é, f, g, h, j, i, k, l, m, n, ó, o, p, q, r, s, f, t, u, v, x, z*.

D'estas trinta e uma letras, diz João de Barros, oito servem de vogaes, *á, a, ê, é, i, ó, o, u*.

D'este simples enunciado se infere que João de Barros ha trezentos annos soubera elevar-se á analys e dos seus fundamentos da lingua portugueza, e se não ponde achar tolos os de que ella se compõe, não foi por falta de seu engenho, senão pelo atraso em que estes estudos se achavam no seu tempo. Reconhecendo que além dos seus representados pelas letras vogaes, havia outros que não tinham signal particular no alphabeto romano, elle diz expressamente: «Serue-se têm a nossa linguagem de algumas letras á maneira dos Gregos, as quaes nós té ora temos c'uoç, e não ã figura, e são estas *á, ê, é, ó, u*.» E continuando diz ainda: «Temos mais estas tres prolações, *ch, th, nh*, as quaes são proprias da nossa lingua, e usam d'ellas ês suprimimento de tres letras de que não temos figura e assi temos esta letora *ç* que parece ter sido invetada para pronunciação Hebraica ou Monrisca; e assim que podemos dizer, temos vinte e tres letras em poder e vinte e quatro em figura.»

O *a*, segundo João de Barros, tem dous valores, que ambos antes d'elles escrever se representavam pela mesma figura. João de Barros designa o primeiro valor por *á*, o segundo por *a*, e chama a estes dous signaes, duas figuras differentes, como quem diria que o *á* com accento ficou sendo um novo signal até alli nunca empregado. Devemos fallar o nosso auctor, para que elle nos entenda, na sua linguagem singular, mas elegante, o que antes d'elle se usava, e o que elle se propoz substituir na sua cartilha.

«Os Latinos... tem sómente estas cinco (vogaes) *a, e, i, o, u*. Nós... temos oito. O *á* grande, o pequeno, *ê* grande, e pequeno, *i* commum, *ó* grande, o pequeno, *u* commum. E a este modo os Gregos e os Chaldaes tem letras vogaes grandes e pequenas

de que usam em sua escriptura. Nós té ora em a nosa não usamos d'esta differença de figuras, que chamamos grandes. É dado que a sintamos na prolação da uoz. com as lettras dobradas a este modo *aa, cc, oo*, suprimos o logar onde seruem, como n'estas dições, *Muas, pccs, ppos*, as quaes devemos escrever a este modo, *mas, pcs, pps*. . . E bem sei que por ser novidade, e o uso estar em contrario será cousa trabalhosa, ser logo estas nouas figuras recebidas em nosa orthographia; mas o tempo as fará tão proprias como são as outras de que usamos."

É mais adiante acrescenta João de Barros: «A que é nosa primeira letra do *abc* tem duas figuras, uma d'este *á*, que chamamos grande, e outra de pequena. Ambos seruem em composição de dições, e cada um tem seu officio em que o outro não entende, porque não escrevêdo as dições onde cada um serviriam amfibologicas e duvidosas, dando que o modo da construção as mais vezes nos ensina tirar essa amfibologia, como n'estas e n'outras dições, *mas* e *mas*."

Entre as consoantes admitté João de Barros as que vamos dizer:

1.<sup>o</sup> o *b*; 2.<sup>o</sup> dous *cc*, o *c* forte e o *c* cedilhado, e a proposito d'estes diz elle: «e ajuntase sómente a estas tres vogaes, *ca, co, cu*; e o segundo a todas a este modo, *ca, ce, ci, go, gu*, com que as syllabas ficam çegeadas da maneira dos giganos. Nós parece que ouvimos estas lettras dos mouriscos que vençemos."

Na cartinha e na grammatica usa Barros do *ç*, qualquer que seja a vogal que se lhe siga, quando o *c* tenha o valor a que elle chama *çecado*, e que não é mais de que o som do nosso *s* em principio de dição.

Admitté depois como lettras sempre invariaveis *D, P, T, X, Z*, a respeito dos quaes diz: «Estas seis lettras não tem tão trabalhos nem mudanças e servir os officios como uemos que tem as outras. . . E por isso as atamos em mólho sem guardar a ordem que tem nem fazemos d'ellas muita menção.

Do *G* admitté dous valores, dos quaes escreve: «*G* tem differença em seu seruiço quando se ajunta ás vogaes, porque não pronunciamos *ga, go, gu*, como *ge, gi*; cá estas tem prolação de *jé* e *ji*. E para ajuntarmos a letra *g*, estas duas vogaes *e* e *i* com que faça a prolação de *ga, go, gu*, é necessario esta letra *u*, a este modo *guerra, Guithelue*."

Admitté o *h* como aspiração, e como signal para formar os signaes das tres prolações *ch, lh, nh*. Sobre o *l*, não há novidade alguma. Quanto ao *m*, e ao *n*, admitté-lhe dous valores, o primeiro quando é consoante propriamente dita, o segundo quando serve a exprimir as vogaes nasas.

É notavel o modo por que João de Barros trata do *q*, fazendo sentir a inutilidade d'esta letra, e a necessidade de o substituir pelo *c*.

«Esta letra *q* pelo nome que tem, e assy pela pouca necessidade que á d'ella (como vimos atraz na letra *c*) a nós convinha mais que a outra nação d'esterrala da nosa orthographia, e em seu logar emposar esta letra *c*, mas já disse quan reçoço sou de nouidades dão que as proveitosas tenham muita força para serem recebidas. Como cres que se faria a esta letra *c*, se fizesse profusão de isso e diz: pois este *q* tem tão proversa natureza, além do mão nome, que se nã ajuíta ás lettras vogaes senão mediante esto *u*, que lhe é semelhael. Ou são ellas tan límpas que senã prezem ajuntar a elle, cá não dissemos, *qa, qe, qi*, e dizemos *qua, que, qui*, e assim fica aquella letra *u*, sempre ligada sem força, principalmente acerca de nós, n'estas dições *que, qui*, etc."

Admitté dous *rr*, o fórte *r*, e a brando para o qual

elle inventa um signal particular, que não podemos aqui apresentar pelos nossos typos, o que torna desnecessario o emprego de dous *rr*. Ha aqui uma innovação revolucionaria de João de Barros, a qual nem elle mesmo se atreveu a popularisar, pois que na sua grammatica, empregando sempre o signal *c*, que inventaria para o som de *é* aberto, escreve comtudo sempre dous *rr* e não o novo signal do *r* forte. A este chama *erre*, e ao brando *érr*.

Segue-se finalmente o *s*, de que não accusa os diferentes valores, limitando-se apenas a apontar as figuras por que era representado n'aquelle tempo, as quaes são *s* e uma letra semelhante ao *f*, eliminado o traço horizontal, letra mui commum na typographia d'aquelle tempo, e ainda usada nas typrenhas mais antigas d'este nosso seculo.

Depois da explicação do alphabeto passa João de Barros a tratar da soletrografia, dividindo as syllabas nos seguintes grupos: 1.<sup>o</sup> *Syll. per ajuntamento de duas lettras*, com a consoante antes ou depois da vogal, taes como *ba, be, bi, bo, bu, e ar, er, ir, or, ur*, etc. 2.<sup>o</sup> *Syllabas per ajuntamento de tres lettras*, como *bal, bel, bil, bol, bul*, etc. 3.<sup>o</sup> *Outra maneira de syll. de tres lettras a meya das quaes é liquida*, taes como *bla, ble, bli, blo, blu*, etc. 4.<sup>o</sup> *Syllabus per ajuntamento de quatro lettras*, taes como *bral, bret, bril, brol, brul*, etc. 5.<sup>o</sup> *Outra maneira de syll. dilatadas*, taes como *bai, bei, boi, bui*, etc. 6.<sup>o</sup> *Outra maneira de syll. propria da lingua portuñueza*, taes como *cha, che, chi, cho, chu; tha, the, thi, tho, thu; nha, nhe, nhi, nho, nhu*.

Reduzindo assim o syllabario portuguez a uma ordem methodica e racional, João de Barros não se contentou de ensinar simplesmente as syllabas de que se compõem as palavras portuguezas. Além d'isto previu e formulou claramente a necessidade de industrialisar as creanças nas syllabas, que, não pertencendo á lingua materna, podem comtudo formar palavras estrangeiras. Esta pratica, como é hoje sabido, tem duas grandissimas vantagens. A primeira, que o leitor pode pronunciar ao menos com o valor que as lettras tem na sua lingua as vozes peregrinas que occorrem em todos os livros, onde os nomes estranhos de personagens, de nações, e de logares apparecem com multissima frequencia; adquirindo o ledor ao mesmo tempo summa facilidade em ler as palavras estrangeiras, quando se dedica a estudar um idioma em que aquellas syllabas são frequentes. Estas vantagens apreciam-se quando diante nos nossos dias os leitores mais peritos estacarem n'os mais simples nomes estrangeiros, sem saberem ao menos pronuncial-os ao modo portuguez; e quando vemos difficiltar-se a leitura do latim e do grego, pelo apparecimento de syllabas que no portuguez jámais occorrem, taes são no latim *spiritus* por exemplo, e no grego *muenonia*, cujas primeiras syllabas são difficeis de pronunciação a quem só com o genuino syllabario portuguez se contenta.

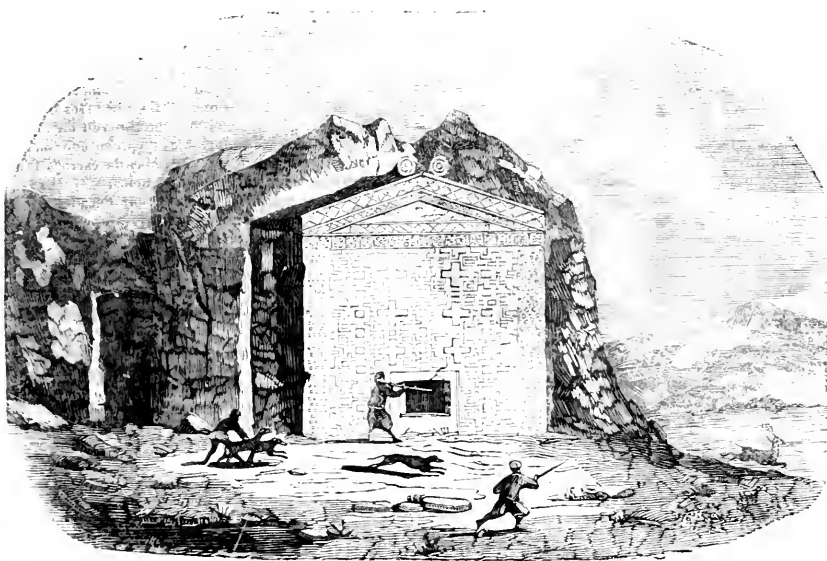
(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

#### SABÃO PROPRIO PARA TIRAR NODOS.

MISTURE-SE uma libra de sabão de Veneza com seis gemmas de ovos, meia colher de sal bem moído e sufficiente quantidade de summo de acaças, e façam-se dous bolos, que devem pôr-se a secar á sombra. Molhe-se a nodosa, esfregue-se com este sabão de ambos os lados, depois enxugue-se muito bem, e a nodosa desaparecerá.





ASIA MENOR — TUMULO DE MIDAS.

NA Asia Menor encontram-se muitos tumulos que podem com certeza attribuir-se aos tempos heroicos de Priamo e de Agamemnon. Homero descreveu o tumulo erigido por Achilles ao seu amigo Patroclo (*Iliada*, l. xxiii, v. 252). O tumulo erigido pelo proprio Achilles era da mesma natureza: porque Euripedes (*Hecuba*, act. I) diz que a sombra d'este heroe apparece sobre o tecto do seu tumulo, e Seneca (*Troas*, act. V, v. 1149) assevera que, para immolar Polixena aos manes de Achilles, Pyrrus subira a alta montanha, que formava o tumulo, *arcti sublimi montis tetigit*. Este tumulo ainda existe, ou pelo menos crêem os archeologos reconhecê-lo em certas ruínas que se encontraram no cabo de Sigea, e que mr. de Choiseul fez examinar em 1787.

De idades menos remotas existem n'aquella região não menos curiosos monumentos.

Nas cercanias de Koutaich encontram-se construcções funerarias de bastante interesse: são os mausoléus dos reis da Phrygia, que se admiram em Nicoletia, hoje Doganlou, a este da antiga *Colyrium*. A edificação d'estes monumentos effectou-se talvez entre os annos 570 e 730 antes de Jesus Christo. A nossa gravura representa o que a tradição attribue ao rei Midas: compõe-se de uma fachada lavrada na mesma rocha, onde se observam duas inscripções, em uma das quaes Leake pode ler o nome de Midas, o que de certo modo confirma a tradição. O desenho d'este tumulo é mui singelo, e contudo existem bastantes mais simples ainda, em que o contorno rectangular e o fron-

tão são unicamente indicados, sem especie alguma de decorações.

MARULL MARIA DE BARBOSA DE BOCAGE.

Na *Avallia Emano Sadino*.

Entre ferros cantei desfeito em pranto:  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VIII.

Bocage não era proprio para conceber uma revolução na arte, e que o fosse, não tinha soado a hora opportuna de ella ralar.

Encaminhavam-se a uma renovação os sentimentos e os costumes: mas faltavam ainda as ultimas transições, fora das quaes todo o impulso anticipado deslallece.

Em quanto os individuos e as cousas se não agitam, a semente escondida não rebenta. O tempo e as circunstancias, é que levantam as bases as reformas. A occasião faz a sorte das idéas activas: e se tudo estyva disposto, o que ballava na no principio e era tímido, ganha audácia com a resistencia, e termina firmando o eunho da sua victoria. Os homens, que a gloria privilegia para voz e acção d'estas immensas batallas do mundo intell. etual, quasi sempre pendem entre as duas epochas. Saem do passado para o futuro favorecidos com os dons das musas, e dotados de amplos thesouros de saber e reflexão. Os

primeiros para o exemplo: os segundos para a luta.

Elmiano tão socorrido de vocação carecia do cabedal de sciencia, da perseverança no gosto e no juizo critico, e do olhar longo e penetrante, qualidades distinctivas dos chefes. Vindo mais tarde, a indole fogosa de certo o atrahiria aos arraiaes da liberdade; mas ser elle o primeiro, não estava nas posses do seu engenho, e excedia muito ainda a altura do horizonte litterario em Portugal.

O seculo, herdeiro do esplendor de Luiz XIV, veio com a missão de demolir, e não de edificar; chegou para duvidar e discutir, e não para deduzir as consequências da sua obra, confisa e cega, como todo o esforço moral, trabalhando por um plano, que a Providencia não deixa ler a cada geração, senão na parte que lhe respeita propriamente. A austera disciplina da escola de Arnaud, de Pascal, de Boileau, de Racine, de Corneille e Molière succedia a ironia picante, a facilidade correcta de Voltaire, e o incessante movimento da seita philosophica, de que foi o vulgarizador applaudido, e o activo instigador.

Na esphera politica Montesquieu, não arrastando a sua toga, e sem querer abalar as columnas das antigas instituições com o esforço da critica, ajudava no mesmo sentido a direcção do espirito humano. Rousseau começava a abrir as portas á famosa catastrophe de 1789, illuminando com eloquencia igual a apologia do paradoxo, e a defeza das verdades sociaes. As sciencia, a poesia e a historia baixavam do pedestal do seculo anterior aos espirituosos torneos em verso e prosa, que douravam a decadencia, levantando-se como exhalações inebriantes dos banquetes dissolutos e dos prazeres insaciáveis, que assignalam a Regencia e o apogeo de Luiz XV. Uma velhice risinha e incredula, disfarçando as rugas no apuro juvenil, e dando aos vicios a graça e a nobreza, que sabia tomar, carcomia o coração e as forças, enancecendo nos homens e nas consas.

A fidalguia, recostada nos privilegios, fazia da satura elegante o seu recreio, e do vorniz aristocratico uma superioridade na devassidão; e entre dous sorrisos, um de orgulho, outro de scepticismo, philosophava á meia e nos bailes sobre os volumes de João Jacques e do utopista Saint-Pierre. As paixões diluidas e reputadas queriam uma poesia, como ellas, que voasse á superficie, rogando-as apenas com a ponta d'aza. O amor e a ambição, as damas e os cortejos, passejavam pelos jardins de Delille, embelezando os idylls de Trionno, em que as pastoras eram Colletes de chapins borlados e collar de perolas, e os Nemorinos marquezes, camaristas e grancreuzes. A natureza estudava-se da janella ou pela portinhola dos cochões, extasiando-se a moda na fé e palavra dos Virgílios e Columellas de meia do seda e salto escarlate no sapato. As grandes transformações dos estados concebidas pelos livros, commentavam-se nos tratados de moralistas Lyceugos na livraria, e pensionistas da corte, apenas o emseguiam!

A arte divulgada, e juntamente nobilitada, tinha de direito as suas entradas na Bastilha, nos touca-dores, e nas salas. Depois da ovação de Voltaire os poetas gloriam-se de guiar os reis e os povos, moendo um palmito de flores. Os ideologos negavam a immortalidade, a lei revoluta, e a aspiração do infinito, propagando a theoria das sensações. Entre a agonia do mundo, que lá expirar, e o baptismo de sangue da era que vinha annunciando, Beaumarchais fazia estalar na boca de Figaro aquella risada do bellador, que escarnece pintando os desvarios da decorepidez enfeitada da Frauge, proxima a deliciar nos horrores da Convenção!

Mais abaixo, o povo ansioso queixava-se, escutando os risos e as festas em que as Aspásias e as Cleopatras de 1788 derretiam as ultimas perolas feudaes; e com a mão grosseira limpava as lagrimas da oppressão e da orphanada. Uma inquietação vaga incutia-lhe desejos e impaciencias desconhecidas antes; e sem saber porque principiava a contar-se, e a medir os que viviam do ocio, dos privilegios e do fausto herdado. A ponte, que, arrazada a Bastilha, ignou-lou o throno com o cadafalso, ainda não surtira nos sonhos delirantes dos jacobinos; mas o mais virtuoso dos Bourbons, victima expiatria dos erros e vicios da sua raga, já tinha sobre a coroa o véu da morte. Do Jogo da Péla ás conclusões do procurador da sanguinaria alçada de París, as rodas da carroça funebre depressa encurtaram as distancias.

O gosto e a correção caíam em decadencia; e dos modelos mais estimados restavam apenas as tradições e a saudade! Tudo se desmembrava e dissolvia! Homens, idéas e formas, em confusão, e atropelando-se, sullocavam no aperto, forçando a voz para vencer o clamor geral. O ultimo vale inspirado, o auctor do poema da *Invenção*, pagava com a ealhega as illusões do engenho, e a generosidade da alma. Delille homisiava no silencio a sua gloria da vespera; Lebrun comprava a tolerancia, vendendo covarde luvoy aos algozes dos benefiteiros. Lalarhe na solidão dos carceres, entre a dor e o materialismo, aprendia a confessar a Deus. Lavoisier, Condorcet e André Chénier, o sabio, o philosopho, e o poeta, frontes que excediam o nivel da tyrannia da plebe, ese honravam de protestar contra ella, caíam de baixo do cutello da guilhotina, porque a republi-ca não carecia de sabios, nem de chimicos para ser illustre! O despotismo da monarchia suppozera o contrario: o seu orgulho foram os louros das letras na testa de Racine, de Molière e de Boileau!

Todos os elementos desenfreados se combateram até serenarem de repente ao gesto de um soldado, e as paixões civis, curvando-se á prancha da sua espada, e ao esplendor do seu poder, foram espreitar nas antecamaras de Bonaparte a hora de lhe voltar as costas, promptas a dobrarem aos Bourbons proscriptos o joelho, calloso pelas prostrações, se a fortuna os restituise ao throno. As artes que o governo militar comprime, e que a aspeza dos acampamentos assusta, as artes, desterradas e perseguidas em uns, protegidas por ostentação em outros, estudavam nas discussões intellectuaes da Allemanha, com M. de Stael, ou suspiravam pela patria, com o auctor de René, nas florestas virgens da America, e de baixo das nebrinas do embaciado céu de Londres.

Os tres gigantes, destinados a dominarem a era do renascimento. Goethe, Chateaubriand e Byron, nascidos no seculo dezoito, tinham assistido á decomposição da sociedade, e recebido as grandes lições dos movimentos de uma prodigiosa epocha padecendo das injustiças e violencias do tempo. Quando veiu o clarão de uma risinha aurora depois do passado tempestuoso, como a aguija já podiam encetar o sol com a vista feita. A idea triumphante, que acabava de modificar o mundo, erguia-se emfim plena e radiosa das genuinias da Convenção, e dos campos de batalha, consummada a Iliada de Bonaparte!

De todo o terremoto, que das margens do Sena abalando a Europa alcançou as fronteiras nevadas da Russia, e ao dedo de Deus só parou na ultima baliza de Moscow, chegavam apenas a Portugal, rompendo a censura, os successos de mais vulto, e os gemidos de maior força. Os thronos alhuidos, desabavam; quinhentos canhões, troando em Austerlitz e Friedland; um rei decapitado como criuinoso; sua

esposa, uma dama, assassinada juridicamente, eram infelizes que tinham um echo muito triste para não atravessarem todos os mares, ou para deixarem de soar ao coração e ao ouvido da Península!

Entretanto apenas uma ou outra pagina allude aos acontecimentos, que assombram hoje a nossa idade, e que alguns dias mais tarde talvez se figurem fabulosos ás gerações seguintes. De que procede este silencio, que se interrompe apenas e que nos custa a explicar? Como fugiam pela face do espirito os revezes illustres, as catastrophes repentinas, e as sublimes convulsões da ambição, sem despertarem na sensibilidade, ou na imaginação as grandes imagens de Pindaro, ou a melancolia relexiva de Virgilio?

E que na hora, em que a epopéa está nas cousas, a lyra mais audaz acanha-se e o talento mais arrogante prostra-se. Quando dons Titães, um do horror como Robespierre, outro da gloria como Napoleão, encham a scena, e impõem um sélio quasi sobrenatural na successão dos factos, a voz do medo ou da lisonja ainda pode balbuciar um hymno; mas o canto livre, sente, porque se acha perto, que para as acções de Deus, assim reveladas, não chega a barpa de um vate, senão depois das harmonias de dous seculos.

E a razão, porque se tem negado a faculdade inventiva a esta epocha e á anterior. Tivemos tambem uma idade heroica, e os olhos de nossos paes contemplaram com espanto vultos d'aqueles, que, segundo a palavra do poeta, já do meio da sua carreira lançavam a sombra sobre a posteridade como grandes monumentos. Achamo-nos porém ainda perto da scena epica. O presente quasi que dá a mão ao passado; e o ideal quer-se menos proximo e mais alto do que as sociedades.

Além d'isso a ode, a illuminação lyrica, depois dos dias em que se arrebatava com as maravilhas de Jehovah nos cantos de Debora e de Moysés, ainda não fez senão declinar. Mesmo em Pindaro esmorece um pouco o ardor atraz da pompa, e o impeto é mais artificioso do que espontaneo. Pelo contrario em Sapho. As queixosas estrophes deixam correr o canto, languido se é de amor, e tempestuoso, se os ciúmes o abraçam. Quer chame desvaivado o ingrato amante, quer invoque para morrer a deusa, que a não escuta, a vehemencia agita-lhe o verso, o seio palpita com os affectos, e a paixão todo delirio assalta o peito, porque vem da alma. Percebe-se por entre o desalinho gracioso da ternura, ou na explosão das imprecações frementes aquelle toque admiravel, aquelle fogo subtil, que melhor do que ninguém descreve Horacio:

Est Deus in nobis, agitante callestimus illo  
Impetus hic sacra semina mentis habet.

Depois dos grandes mestres, a imitação de Pindaro, diluida em uns, e amaneirada em outros, puliu o stylo, combinou os metros; mas sempre escrava, como nota Villemain, nunca arremessou o voo isento, que é a perfeição real do genero. Dir-se-ia que o Prometheu moderno perdeu o segredo de animar a estatura. Nas diversas escolas classicas, vê-se o talento percorrendo o circulo, mas não se atrevendo a ultrapassal-o: João Baptista Rousseau e Lebrun em França, Chiabrera em Italia, Gargão e Diniz entre nós, esmerando o engenho, conseguiram colher algumas flores na lyra dos antigos. O rythmo, a phrase ornada, a profusão das imagens e os desordenados e estudados transportes estão nos seus poemas; porém a commoção inspirada, e a ebridade sublime do enthusiasmo no hymno dos hebreus, a ce-

sencia e o bello da ode, se gemem uma rota divina, ou se tentam fazer um esforço andaz logo sentem o pezo das azas abater-lhes o desfallecido cantico. A fresca natal não veeja por elle, os attractivos originaes não coram a idea e osimulantes. Ha trechos famosos pelo gosto e correção; ha lances de expressão vivente: mas a simplicidade na invenção, a riqueza desafectada, e o esmalte da allusão moral, ou do traço heroico dos primores antigos deixam longe pela superioridade sustentada os ensaios da arte moderna, como certos fructos perdem o perfume e a graça, creando-se fora do eeu, que primeiro os viu nascer!

(Continua.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## SANSÃO NA JINGANCA!

(1850)

E sacudindo (Sansão) com grande  
força as columnas com a casa sobre  
todos os príncipes, e sobre todo o  
povo que estava n'ella; e foram mu-  
tos mais os que matou morrendo, do  
que os que matara antes quando vivo.

JUZES, cap. XVI, v. 30.

## IV.

### UM SALÃO NA PRAIA GRANDE.

De qualquer das alturas de Macau se gosa um bello panorama, mas os viajantes, em geral, preferem ver do mar esta formosa cidade. Dos navios ancorados no porto interior, abrea-se uma perspectiva magnifica: começando na abbéa de Patane, sobre a qual se ergue a decantada gruta de Camões, e correndo ao longo do rio, aqui orlado de casas chinezas, acolla de edificios christãos, e todo semeado de embarcações de varios tamanhos e de diversissimas formas, desde o ligeiro *gig* britannico até á pezada *sóna* chineza; vendo mais para o interior da povoação as torres da cathedral, o zimbório de S. José (collegio das missões, sem missionarios) boas casas e jardins, e lá no fundo do quadro as fortalezas do Monte e da Guia, campeando sobre seus elevados outeiros; o grandioso edificio da alfandega, de que já fallamos, d'onde se continúa ainda com optimas habitações, em diferentes planos, até á fortaleza de S. Tiago da barra, antes de chegar a qual está um dos mais venerados pagodes d'estas partes. Olhae que magestade apresenta o todo d'esse templo chinez, defieado apenas por algumas carantonhas, barbaramente pintadas nas suas portas: vêde como sobem essas ruas, costeando a montanha por entre uma vegetação prodigiosa, conduzindo o viajante a varias capellinhas na progressão da subida, um pouco no gosto do Senhor Jesus da Serra em Braga, e mesmo em Bellas: lá está sobranceira a tudo isto a ermida de Nossa Senhora da Penha de França, já meia derrocada, e sobre a fortaleza da barra o seu, pesadamente collocado, paiol da polvora. É encantador este quadro, mas todos lhe preferem, e eu com as massas, n'este ponto, o painel que apresenta Macau, visto do oceano, quando demandamos o seu porto. Logo para fora da barra se encontra outro forte (pouco forte) que tem a invocação de Nossa Senhora do Bom Porto (do bom porto teimam em chamar-lhe quasi todos os touristas d'estes sitios.) forma elle um angulo agudo, por um lado com a margem do rio, e por

outro com a Praia Grande, que se encurva por uma grande extensão até aos escolhos, que servem de antemural a fortaleza de S. Francisco.

A Praia Grande, brilhante aglomerado de palacetes com columnas ao gosto asiatico-bretão, é defendida em parte contra o oceano por muralhas de pedra, tem soffríveis caes, e proximo á residencia dos governadores a caricatura de um fortim á beira-mar, que incomoda os passeantes e não tem utilidade alguma. Por traz d'esse enorme renque de columnas, sobre as quaes assentam arcaçadas varandas, encobertas por ciosas gelosias, vêem-se os quintaes do Bom Parto, a encosta da Penha, e outros risinhos jardins: lá muito longe as montanhas do celestial imperio. Seguindo para o oriente tornase a ver a igreja das Missões, a Sé e o fronte-pieio magestoso do convento de S. Paulo, unica parte que resta da incendiada fabrica; para dentro d'esses cancellos está o campo da igualdade, o cemiterio christão. Depois lá seguem os fortes de D. Maria II, do Monte, e da Guia (onde nunca estiveram os paços episcopaes, erro que já li em mais de um viajante,) e descendo sobre o mar encontra-se a fortaleza de S. Francisco, fechando esta perspectiva, como dissemos, onde está aquartelada a força de linha. Seguindo então com a vista pela praia na direcção opposta, isto é do oriente para o occidente, temos a notar as igrejas de S. Francisco e de Santa Clara (convento de freiras), e junto á casa da legação traceza a entrada da principal rua de Macau, que conduz á porta do campo, uma das que fecham a cidade; continuando porém a examinar a beira-mar, deixando os assentos de pedra, que hoje estão assombrados por novas arvores, começa a longa fileira de habitações elegantes, apenas cortada aqui e ali pela entrada de uma estreita devexa. Negociantes portuguezes e estrangeiros occupam quasi todas essas casas, com excepção das duas peiores e mais abarracadas, que são as residencias do governador e do juiz de direito.

E tempo pois de conduzir o leitor a casa de mr. James Murray, o commerciante escocês que falamos em outro capitulo, e para que não deem por nós, aproveitaremos a entrada de Luiz Osorio e de outros officiaes da fragata e das corvetas, que não deixam de fazer um soffrível motim, e sentar-nos-hemos a um canto da sala, como meros espectadores.

Proximo ao Chumbeiro (extremidade occidental da Praia Grande), seriam sete horas da tarde do mesmo dia em que se passaram os successos que ficam referidos nos dous precedentes capitulos, enxergavam-se atravez das gelosias as salas illuminadas de uma casa, que Murray alugara já mobilada para passar dous meses n'aquelle cidade. E aqui que nos dirigimos, amigo leitor, antes porém de transpor o vestibulo, guardado por alguns criados chins, uniformemente vestidos de cabala azul e meta branca, será certamente do vosso agrado ter algumas noções de quem sejam os habitantes da casa, a julgar-vos por mim, que não gosto de visitar quem não conheço.

James Murray tinha, como muitos dos seus compatriotas, a mania de viajar, mais de viajar sem descanço de uma á outra extremidade da terra. Teria quarenta annos, e já a cataraeta do Niagara lhe era familiar como as montanhas dos Pampas; de volta de Moscow embarcara para Senegambia, e enfatiado de Ispahan correira para a encosta do Vesuvio; era sob o céu de Naples que elle encontrára Eugenia, uma formosa veneziana, que, como elle, tinha um amor decidido pelas viagens; apaixonou-se instantaneamente pela italiana, casou com ella ao

cabdo de poucas semanas de conhecimento mutuo, e partiram em seguida para o Egypto; depois de visitarem Calcutta, Bombaim e Ceylão, lembrou-se Murray de ir á China, e posto que sua mulher, já fatigada de tanto exercicio, e quasi curada da sua monomania, preferia voltar ao meio dia da Europa, elle, que se enfastiara da companhia como se enfastiava depressa das terras que visitava, propoz-lhe o seguirem diversos rumos nas suas perigrinações; Eugenia porém não aceitou, receiava expôr-se aos perigos de viajar sosinha, e acompanhou como uma irmã o homem por quem mezes antes tivera uma decidida paixão.

N'esta boa disposição vamos encontrar os conjugues sentados em macias otomanas, e cercados de varios amigos, entre os quaes está o commandante da fragata D. Maria II.

Luiz Osorio apenas entrou na sala correu para Eugenia, e apertou-lhe cordealmente a mão; depois trocou com James identico signal de amizade, e passou a conversar com o commandante, provavelmente acerca dos acontecimentos de bordo. Eugenia, que pareceu perturbar-se um pouco com a chegada do mancho, readqui riu logo o seu natural sangue frio, e continuou placidamente o seu dialogo com um official do batalhão de artilharia de Macau.

Eugenia não era uma d'estas italianas de punhal, que apparecem em tantos romances; não tinha o sobrolho negro e carregado como o d'esses eternos typos das filhas do Adriatico, mas antes uma physionomia melancolica, um ar de resignação nos seus olhos humidos e castanhos, que harmonisavam perfeitamente com cabellos quasi da mesma côr, e cujo unico enfeite era um laço de fita que se confundia com elles, formando cambiantes aos raios da luz visivissima, que espalhava na sala um rico candelabro. Pequena de corpo, ariusa, de agradável trato, a italiana era o enlevo de quantos a conheciam. O militar era elegante, sem ser adamado, e posto que tivesse um rosto severo, nem por isso era menos gentil. Fallavam da tragica scena de Albino e Bernardino.

— «É muito cruel, querido capitão,» dizia Eugenia sorrindo; «pois approva aquelle acto de ferocidade do marido?»

— «Certamente, senhora, e ainda mais,» respondia o official com modo grave, mas decidido; «em seu logar eu teria matado tambem a mulher que me enganasse.»

— «Meu Deus!... parece que nunca leu aquelle episodio de Ignez no immortal poema de Camões? Pois eu, com ser estrangeira, lhe recordarei dous versos:

Contra uma dama, ó peitos carneiros,  
Feros vos amostras e cavalleiros!

— «Bravo!» exclamou Osorio, largando o commandante, e correndo para Eugenia, «já troca es versos do seu Dante e do seu Ariosto, pelos do nosso Camões!»

— «Quero fazer mais humano este nosso guerreiro. Diga-me, Osorio, em identico caso obraria como esse pobre Bernardino, ou iria mais longe, assassinando igualmente a sua esposa?»

— «Eu respondo pelo nosso tenente,» atalhou Murray, tomando parte na conversação; «o melhor era dizer adeus á esposa, e embarcar para a outra extremidade do mundo.»

Eugenia doense mais d'esta indifferença, do que se sentira da crueldade do militar; Osorio não se achou com animo de imitar a sua opinião, seguir e

se-ia provavelmente um longo silencio se o commandante se não aproximasse tambem do grupo, e não tomasse a palavra.

— «Feio objecto tomaram para thema da conversação. Já Osorio fallava comigo de um assumpto semelhante; denunciava-me duas conjurações contra a fragata, e uma d'ellas por minha causa; não acham, meus senhores, que um homem que tem a queixar-se de mim, deve antes fazer como Bernardino, dar-me um tiro e outro em si, do que pretender assassinar duzentos innocentes de envolta com o culpado?»

— «Que está ali dizendo, commandante, não creia n'esses agouros,» apressou-se a responder Eugenia.

— «Não creio, não, e tanto que conservo a bordo o preconizado malféitor.»

Ainda se fallava n'estes objectos pouco divertidos, quando annunciaram o chá.

É vulgar por estas partes ir-se tomar o chá n'uma meza commum, onde ha mais do que os simples bolos, que costumam acompanhar aquella infusão; gasta-se por isso mais tempo á meza do que é usual na Europa; como porém o calor incommodaria os commensaes, ainda mesmo no mez de outubro, agita-se por cima da meza uma ampla ventarola, a que ali chamam *panedá*, a qual refresca com doçura o ambiente. Osorio deu o braço a Eugenia para a conduzir á sala da refeição, e aproveitou os momentos que esse pequeno transito lhe proporcionava, para pedir, em voz muito baixa, uma resposta já promettida de certo.

— «A manhã de tarde, na gruta de Camões,» balbuciu a italiana com voz quasi inintelligivel; e depois virando-se para as visitas com modo gracioso, convidou-as a tomarem lugar em roda da meza.

A conversação tornou-se mais alegre d'esse ponto em diante, e a noite passou-se agradavelmente: alguns dos convivas jogavam o voltarete, outros o whist; dous inglezes jogavam o xadrez em silencio; Eugenia cantou algumas arias, e Osorio acompanhava-a ao piano. Os mais jovens da companhia preferiam dançar, mas faltavam as damas, e resignaram-se a jogar o billar. Todavia o prazer brilhava em quasi todos os rostos... e muitos d'esses homens tinham a vida contada por horas!

Em fim por volta da meia noite recolheram para bordo os officiaes da fragata, e disse o commandante para Osorio:

— «A manhã pertence-lhe ir para a fortaleza da Taipa render o official ali destacado: é bom lugar para quem gosta de socego, para quem é poeta como o nosso Osorio; o peor é que por estes quinze dias não pode vir á Praia Grande.»

— «E se o camarada que lá está preferir continuar no mesmo posto, v. s.<sup>a</sup> consentira n'este arranjo?»

— «Certamente, até muito estimarei a troca; bem sabe que, de todos os officiaes, é o sr. Osorio quem eu mais aprecio, como merece.»

— «Obrigado, commandante; então creio que não irei para o degredo.»

— «Chama-lhe degredo?... o que é ser rapaz e ter amores!»

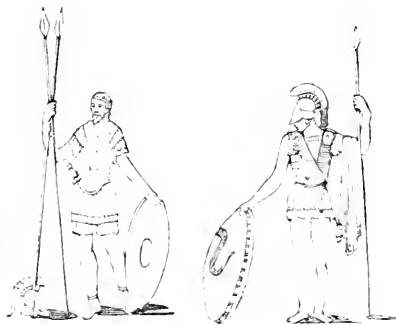
— «Não acredite...» começou a balbuciar Osorio, porém não continuou, temendo que apesar da escuridão da noite descobrissem a vermelhidão que lhe tingia o rosto.

— «Não acredite nada que lhe esteja mal,» proseguiu o commandante, «mas alegre-me que esteja amanhã a bordo para me ajudar na investigação d'aquelle negocio em que me fallou, e mesmo para tratarmos de preparar o navio com decencia, que depois de amanhã é o anniversario de el-rei.»

Seguiu-se um longo silencio, só interrompido pelo compassado remar dos marinheiros do escaler, até que atracaram á fragata; esse portabó que transpunham, era para quasi todos que ali iam como a porta do tumulto que se fechava sobre os seus cada-veres!

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



SOLDADOS DE INFANTARIA GREGOS.

Posto que a cavallaria, como dissemos no numero antecedente, constituiu-se a parte-seão a mais numerosa pelo menos a mais importante dos exercitos na antiguidade, nem por isso os que os commandaram desconheciam a utilidade do emprego das massas de infantaria nos combates, posto que não as souberam applicar de um tão vantajoso modo como o que a moderna tactica ensina.

Muito para estranhar seria que assim não acontecesse, sabendo-se que a tetraphalange, que fallando da Grecia constitua um exercito, contava entre 28-672 homens, apenas 4.096 cavalleiros: sendo por conseguinte a proporção entre as duas armas, como de 1 para 7.

Mas ainda na infantaria se reconheciam duas divisões; como entre nós, que temos a infantaria de linha e cagadores. Os *psilos*, combatiam sem couraça, nem escudo; as suas armas eram o arco e a funda, com que arrojavam sobre o inimigo pedras e flechas. formavam em frente dos *hoplites*, infantaria mais regularmente armada, e provavelmente composta de soldados escolhidos, que o general reservava para as occasiões decisivas, ou quando era mister restaurar a batalha compromettida pela imprudencia da peonagem.

Arriano falla ainda de uma outra especie de soldados de infantaria, que reunia as vantagens dos *hoplites* e dos *psilos*, chamavam-se *pelestas*; não eram tão pesadamente equipados como os primeiros; mas usavam ao mesmo tempo de um armamento que os habilitava a pelear com mais vantagem e segurança que os segundos.

Os gregos conheceram tambem a vantagem dos *quadros*. Timotheo, general atheniense, tendo de atravessar uma campina, onde devia esperar e recuar o ataque da numerosa cavallaria dos *olythienses*, formou o *pluthion*, ou quadro, mettendo no centro as bagagens, e de tal sorte se houve a sua gente que o inimigo não se atreveu a incommodar a sua marcha.

DESCRIPÇÃO DA VILLA, HOJE CIDADE DE S. JOÃO  
DE EL-REI NA PROVINCIA DE MINAS GERAES,  
IMPERIO DO BRAZIL.

Nas faldas d'agra montanha,  
Que o Tejuco vai banhando,  
Ternas moções despertando  
C'o seu doce murmurar :

N'um valle curvo e espraçado,  
Que aureas aréas povoam,  
Onde mil aves revoam  
Com seu canto enchendo o ar :

Onde aqui e ali dispersas  
Se observam toscas moradas,  
As mais d'ellas povoadas  
Por gente de negra cõr :

Onde em paz vive e respira,  
Nos braços da Natureza,  
A candura, a singeleza,  
E talvez tambem amor :

Em sitio ameno e risonho  
D'este valle delicioso  
No logar mais espagoso  
Jaz a minha habitação.

Tão simples, como a minha alma.  
Em moveis e architectura,  
Entre as moradas figura  
Da villa de S. João.

D'ella abaixo em curto espaço,  
Curvos meandros fazendo,  
Vae o ribeiro correndo,  
Té n'um triste rio entrar.

Do negro, funesto agouro  
Nome tem as suas aguas,  
Nome, que horrores, que maguas  
Só costuma despertar :

D'elle junto ás margens tristes  
Em já longa, escura idade  
Victimas mil sem piedade  
Cortou da parca o furor.

*R*o das mortes chamado  
Desde então té nossos dias,  
Desperta inda hoje agonia  
Inda hoje desperta dor

Mas ao ribeiro voltando,  
Que pelo valle serpeia,  
D'elle oh quanto a fugaz veia  
Límpida e bella não é !

N'ella a belleza espelhar-se  
Pode ver a imagem sua ;  
N'elle o sol, e a clara lua  
Copiada a vivo se vê :

Nas duas margens oppostas  
A illustre villa se assenta,  
E aqui activa alimenta  
Commercio rico e feliz.

Por duas formosas pontes  
De valente cantaria

Facil passo noute e dia  
Provida industria abrir quiz.

Por ella frequente entrada  
Tem do preço a abundancia,  
Que até de longa distancia  
Vem a villa abastecer.

O clima é doce e macio,  
Qual da Europa o mais ameno,  
Ar puro, limpo e sereno  
Convinda aqui a viver.

Os fructos d'outro hemispherio,  
As plantas mais preciosas  
Vegetam livres, vigoras  
N'este abençoado terrão

Da gente o trato é polido,  
É franco e hospitaleiro,  
Entre o indígena e o estrangeiro  
Não se observa distincção.

Gosam-se aqui as doguras  
D'uma justa liberdade ;  
A palavra *humanidade*  
Não é som, ou noção vã :

Vive em paz das leis á sombra,  
Quem do imperio as leis respeita ;  
Tranquillo á noute se deita,  
Tranquillo o encontra a manhã.

Do valle em torno vistosas  
Chacaras mil se descobrem,  
Cujo chão frondosos cobrem  
Lindos, uteis vegetaes.

Por entre as suas ramadas  
De nunca extincta verdura  
De modesta architectura  
Se erguem tectos desiguas :

Em varios d'elles habitam  
Almas candidas, singelas,  
Que ajuntam ao ser de bellas  
Milhares de perfeições.

Com suas mimosas graças,  
Com seus ditos innocentes  
Ateiam paixões ardentes  
Nos sensiveis coraçãoes.

Dos effeitos da ternura  
Se alguém quizer isentar-se.  
Quem pretender esquivar-se  
Do cego deus ao furor ;

Ah ! fuja d'estas moradas,  
Fuja do sexo mímoso,  
Aliás ser-lhe-ha forçoso  
Cingir os ferros d'amor :

São Circes mui perigosas,  
Irresistiveis Medéas ;  
Fazem coar pelas veias  
Veneno prompto e lethal.

Fuja do lar, onde habitam  
Thalia, Aglaura, Euprosina,  
Da joven, bella Erycina  
Fuja da estancia fatal.

Com seus divinas encantos  
Prendem tudo as tres primeiras,  
Mandam nas almas inteiras  
Co's suas prendas sem par.

Erycina attrahe, commove  
O mais intimo do peito,  
Gera amor, gera respeito,  
Chega as deusas a igualar.

De Cypris une á belleza  
De Juno o ar magestoso,  
Sem ostentar um vaidoso  
Frio, indifferente desdem.

É um céu limpo e sereno  
Em manhã de primavera,  
Que a esperança anima e gera.  
Sem dar audacia a ninguém.

Como a rosa fresca e pura  
Vence em fragancia as mais flores,  
A lua como em fulgores  
Vemos aos astros vencer :

Erycina assim vencendo  
Vae todas as formosuras,  
Todas deixando ás escuras,  
Mal que chega a apparecer.

Mas d'esta imperfeita copia  
Quem é a imagem divina? ...  
Só o diria a Erycina,  
A ninguém mais o direi :

Direi sim, sem que o segredo  
Meu tema ver divulgado,  
Que d'ella quem for amado,  
Por mihi feliz contarei.

Aqui chegava: eis que a musa,  
Que se dignou de inspirar-me,  
Cessando de bafejar-me,  
A penna me cae da mão :

Mas, se eu tenho desenhado  
D'esta villa deleitosa  
A produção mais mimosa :  
Acabou-se a descripção.

FRANCISCO FERREI DE CARVALHO.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES METHODOS  
DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

I.

JOÃO DE BARROS.

A SEGUNDA vantagem é desembaraçar a lingua e acostumar-a a todas as prolações, por desusadas e exóticas que sejam.

É tambem digno de se mencionar um pequeno circulo que João de Barros traz á frente das tabeellas da syllabação, em que se acham encobertamente expostas todas as syllabas da lingua portugueza.

Em outro lugar da obra que analysamos explica João de Barros muy judiciosamente, e como quem tinha leição profunda das letras classicas, os accidentes das syllabas, professando a theoria tantas vezes di-

latada e contrariada de existir verdadeira quantidade nas syllabas portuguezas, e de poder-se introduzir uma especie de canto na nossa linguagem, á maneira do que usavam na sua pronunciação os gregos e os romanos. E curiosa a razão com que João de Barros se escusa de entrar em mais particularidades sobre este assumpto, allegando que para o fazer lhe seria mister exemplificar as suas regras com trovas, que tem medida de pés e quantidade de syllabas; o que era impossivel para o escriptor, por haverem caído as trovas em tal descredito, que gente seria e si-zuda não ousava de as fazer sem arriscar a sua gravidade. Eis as proprias palavras d'elle :

« E dado que em alguma maneira nos poderamos estender cõ regras para a cantidade e agento das nossas syllabas: deixamos de o fazer, porque pera se bem exemplificar as suas regras, ouvera de ser em trovas, que tem medida de pés e cantidade de syllabas. E porque o tempo em que se as trovas fazã e os homẽs não perdiam sua autoridade por isso é degradado d'estes nossos reynos: ficará esta materia para quando o uso o requerer.»

Segue-se depois na cartilha de João de Barros a parte que elle intitula Preceitos e Mandamentos da Igreja com algũas doutrinas catholicas, em que os meninos devem ser doutrinados. Esta parte é composta em portuguez e em latim; e parece verosimil que Barros usasse d'esta ultima lingua n'uma cartilha de infancia, com o fim de industria as creanças na pronunciação de syllabas que na lingua portugueza não existem, facilitando-se-lhes assim a leitura do latim que era n'aquelles tempos aquillo a que se encaminhavam principalmente, e a que serviam de preparatorio indispensavel os estudos primarios.

Attentando, depois da analyse que temos feito, na tal ou qual perfeição a que João de Barros levára a cartilha no seu tempo, suscita-se naturalmente a questão de saber se fóra elle o primeiro que publicara alphabeto e syllabario de letra redonda, visto que desde a invenção da typographia até 1539, em que se a cartilha imprimiu, decorrêra já mais de um seculo.

A instrucção, considerada como encargo official do estado, não existia ainda n'aquelles tempos. A instrucção, que hoje chamamos primaria, existia unicamente nas Sés, onde o mestre-escola não era como hoje uma dignidade honorifica do cabido, mas um conego encarregado de ensinar os que se votavam ao estado clerical, e os estudantes pobres da diocese, e nos conventos instituidos com essa condigão. Fora d'estes lugares havia mestres particulares que educavam nas casas nobres e opulentas, incluindo o proprio pago dos nossos reis, especialmente o de el-rei D. Manuel, onde João de Barros aprendêra, e havia outros mestres que abriam escola, onde por um prego convencionado admittiã os que se dedicavam a officios de *papel tintado*, como lhe chama João de Barros, aos que se destinavam ás facultades academias de então.

Copiaremos aqui alguns trechos com que o nosso auctor ex-lacrae com dados preciosos, e judiciosas observações o estado da instrucção primaria no seu tempo.

« Nem todolos que ensinam ler e escrever, nã são pera o officio que tem, quãto mais entãdella, por crãa que seia. E ainda que isto nã seia pera ty, dilloey pera quem me ouvir, como hõnẽ zeloso do bem commuõ. Hãa das cousas menos oulhãda que á nestes reynos, é consentir ã todas nobres nillas e cidades, qualquer idiota e nã aproudo em costumes de hõ uiver, poer escola de insinar mininos. E

hũ gapeiteiro que é o mais baixo officio dos maenicos; nã põem tenda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz, é danar a sua pèlle, e nã o cabelado alheo, e mãos mestres leixam os discipulos danados pera toda a sua vida, nã somente com uicios d'alma, de que poderamos dar exemplos: mas ainda no modo de os ensinar. Porque auendo de ser por uma cartinha que aby á de letra redonda, porque os muiños leuemente saberã ler, e assy os preceitos da nossa fé, que nella estã emscriptos: conuertem os a estas doutrinas moraes de bõs costumes; *saibum quantos esta carta de uenula: E despois desto aos tãtos de tal mes: E perguntado pelo costume disse nichil.* De maneira que quando hũ moço say da escola, nã fica cõ nichil, mas pode fazer melhor hũa demanda, que hum solicitador dellas, porque mãma estas doutrinas cathõlicas no leite da primeira idade. E o que pior é, que per letra tirada andã hũ anno aprendendo por hũ feito: porque a cada folha começa nouamente conhecer a differença da letra que caeu ou o apũro da pena com que o escriuãm foy outro termo iudicial.

As audiencias e nã as escolas fizeram todolos iuristas destros em o ler dos feitos: e os officiaes publicos (cuja profissõ é papel e tinta) que a nam tiveram de letra redonda, nã sabem rezãr hũa oraçã per ella, e pela tirada tam mais corretes que hũ ceo na oraçã da eparadada. Assy que desta experiencia podẽs inferir *ler a escola õensina, desenvoltura os negocios á dano. Letra redonda se aprendu, e a tirada sem mestre se alcança.* Quẽ quizer filhos que lhe nã saiam da escola, desesperados de poder ir auante, per os barraucos que tem o caminho da letra tirada, per a redonda os manda primeiro caminhar, cá esta cõ pouco trabalho. e muito proceito, e em meos tẽpo se alcança, e ficã per ella abiles pera maiores doutrinas.

D'este lugar de João de Barros se conclue, que antes d'elle já existia uma tal ou qual cartinha de letra redonda. Porque nã é provavel que n'este lugar dos *Dialogos em louvor da nossa linguaçem*, se referisse á sua cartinha, mas sim a outra que devia já existir por onde se ensinaria nas Sãs e nas instituições religiosas. Porém que ade João de Barros necessariamente levaria grande vantagem ás do seu tempo, facilmente se deprehende do grande vulto e importancia que Barros occupava entãõ na cõrte de D. João III; confiando-se-lhe a historia da conquista da India, e os altos cargos que exercia no paço. Ainda se conjectura a excellencia da sua cartinha sobre todas do seu tempo, attendendo ter sido escripta para aprender por ella o principe D. Philippe, filho de D. João III, sendo seu mestre o bispo Fr. João Soares.

João de Barros tem por todos os titulos direito incontestavel a ser julgado um homem superior para o seu tempo, e para a illustraçã geral do seu paiz. A analyse das obras pedagogicas d'este escriptor insigne prova que elle, mais do que nenhum outro do seu seculo, e da sua terra, e talvez que da Hespanha toda, se applicou com uma intelligencia pouco vulgar, e com um fervor sem exemplo, a compor e a divulgar os livros de que a puericia havia mister para sua educaçã e ensino.

Vemos a João de Barros coordenar pela primeira vez uma cartinha systematica e facil de letra redonda, para remediar o danno que os mestres indoutos causavam com as suas cartilhas manuscritas. Nã se contenta o Pestalozzi portuguez do seculo 16.<sup>o</sup> em vulgarisar os primeiros elementos da litura. Era preciso que os meninos doutrinaados no ler tivessem em que exercitar esta arte preciosa. porque, diz Barros no prologo do  *dialogo da viciosa vergonha*, de-

pois que os meninos saem das letras, que é o leite da sua creaçã, comegam a militar em costumes, para que lhe convem armas convenientes aos vicios naturais de sua idade. João de Barros, para offerecer ás creangas um livro de leitura, que ao mesmo tempo fosse como catechismo de moral, escreveu o livro da *viciosa vergonha*. E para que a forma fosse amena e deleitavel para as imaginações dos leitores a quem o livro dedicãra, compo-o em forma dialogal, muito usada em livros de doutrinaçã e philosophia desde a maior antiguidade, e muito frequentada por todos os que quizeram tirar á sciencia e á moral as asperidades dogmaticas, e os rigores da dialectica. E logo em 1540 a obra veiu á luz publica, na officina de Luiz Rodrigues, typographo d'el-rei. Sobre este assumpto da viciosa vergonha, encommendãra Barros ao doutor Antonio Luiz, medico e philosopho mui nomeado n'aquella idade, e conhecido pela sua muita erudição nas letras, que lhe escreveu um tratado, em que a sciencia opinasse o que sobre tal assumpto se podia dizer. Antonio Luiz escreveu de feito o tratado, intitulado-o *De Pudore liber unus occulta quedam exhibens é Græcorum historiis excerpta*, o qual saiu em Lisboa em 1540 em casa de Luiz Rodrigues, livreiro d'el-rei. No mesmo anno de 1540 deu João de Barros a publico a sua *grammatica da lingua portugueza*, que é em parte o commentario, a explicaçã e desenvolvimento da sua cartilha, em tudo o que se refere aos valores das diferentes letras do alphabeto portuguez.

Estas tres obras, a cartilha, a grammatica, e o dialogo provam em João de Barros idéas luminosas e concretas sobre a educaçã primaria, e os meios mais racionais de a dirigir, e dão-lhe durante seculos, copiado e plagiado pelos seus continuadores, a preeminencia de mestre em todas as escolas de Portugal.

Sendo porém reconhecida a excellencia da sua doutrina sobre toda a do seu tempo, e dos que lhe seguiram, porque razão vemos nós a cartinha do escriptor das *Décadas* por tanta maneira esquecida e proscripta, que nas escolas rapidamente desapareceu o seu nome, e apenas entre eruditos ficou memoria de que o historiador profundo desceã da elevaçã do talento a encaminhar os meninos e idiotas na primeira doutrina? Como é que um methodo de ler, abonado pela sua propria bondade, recommendado pela auctoridade de tamanho nome, dedicado á educaçã de um principe, e necessariamente celebrado no seu tempo, poude cair tão depressa em tamanho esquecimento?

Parece-nos poder conjecturar alguma plausivel explicaçã a este caso.

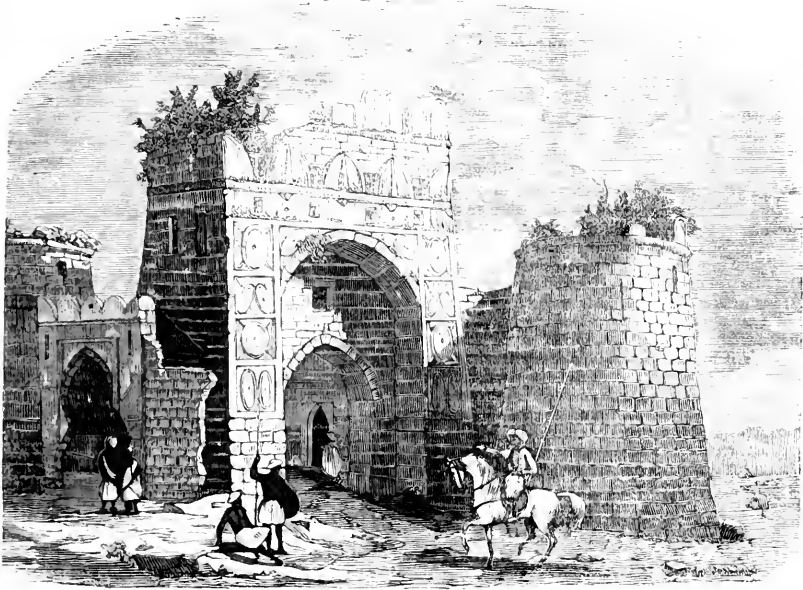
J. M. LATINO COELHO.

#### OS HYPOPOTAMOS E A MUSICA.

Escreve o major Denham, que os hypopotamos nã são insensiveis aos encantos da musica. «Ao nascer do sol,» diz elle, «quando nós iamos marchando ao longo das margens do Moggaby (lago de Bornu, na Africa central) os hypopotamos seguiam a nado os tambores dos diferentes chefes. Algumas vezes approximavam-se tanto da terra, que a agua, que expelliam das ventras, viãham alagar os que passavam pelas bordas do lago. Conteĩ uma vez quinze d'aquelles monstruosos animaes retougando á superficie da agua.»

— Um magistrado parcial é um homem perigosissimo, um inimigo publico, ou antes um monstruo da sociedade.





INDOSTÃO — CONSTRUÇÕES MILITARES.

O Indostão está litteralmente coberto de pequenos fortes de terra (*reductos*) construídos em diferentes períodos pelos *zemindars*, que ali se acceolham, quando pretendiam evadir-se ao pagamento dos tributos e ás extorsões dos nababos. Também se encontra n'aquella vasta região grande copia de fortalezas edificadas com grandeza, mas na realidade mais respeitáveis pela apparencia e desenho, que pelos meios de defeza: consistindo na maxima parte em varios recintos, comprehendidos uns dentro dos outros; mas que a disposição dos bastiões e a vastidão das cortinas permitia bater facilmente em brecha.

O forte mais antigo, de que saibamos a data, é o de Toglakshah, perto de Delhi, levantado por Toglakshah no 9.<sup>o</sup> seculo: a sua fabrica é de um genero imponente, e as suas muralhas enormes podiam zombar de todos os meios d'ataque conhecidos n'aquella epocha.

O forte de Chunar Gour, situado no Ganges, a 20 kilometros de Benares, é construido sobre um serro, e cingido de muralhas, flanqueadas de torres circulares. Na extremidade, que deita sobre o rio, ergue-se a vella cidadella, que n'outro tempo devia de offerecer facil defeza. No interior ha um altar, que consiste em uma mesa de marmoz negro, sobre a qual, segundo a tradição, a divindade tutelara do paiz esta assentada eternamente, salvo des do nascer do sol até ás 3 horas da manhã, que quando se acaba em Benares. Esta se pertence a suppr

que n'aquelle intervallo e possível tomar a batalha. Em varios sitios d'ella encontram-se esculturas antigas muito mutiladas, e inscripções em idioma persico, nas quaes se declara os nomes dos que, por diversas vezes, mandaram restaurar o edificio.

O forte de Gwalior, no centro do Indostão, a 89 millas de Agra, remonta a muy remota epocha, por quanto é notorio que soffria um assedio, e fora tomado em 1008. Os inglezes o conquistaram em 1783, e pelas successivas addições que lhe tem feito, tornaram-no uma das praças mais seguras do seu vasto imperio na India.

A nossa gravura representa um dos mais formos e monumentos do antigo systema de construcções militares dos indons: que vem a ser o magestoso portal do *colliyah* residencia fortificada, d' Firozshah, principe da segunda dynastia patana, que o levantou desde os fundamentos em 1192, a pouca distancia de Delhi.

E tambem a Ferozshah se deve o forte de Jounpour, sobre o County, a vinte e oito kilometros da sua capital, e com o Ganges, um dos mais importantes de todo o paiz, que durante todo ate Luknow, e Pizabad. Foi durante algum tempo sede de um imperio: Chaji Jahan, vizir do sultão Mahmudshah, na no nome de de s. o. Mo Mamoudshah, tomou o titulo de *Nabab chieft*, ou *rei da India*, e viveu a sua residencia em Jounpour, pelo anno 1304 de Jesus Christo.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMÓRIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XX.

*Forca e Pelourinho.*

Em todas as cidades e villas do reino havia sem falta dous symbolos da jurisdicção e independencia municipal; ambos instrumentos de justiça; a forca e o pelourinho.

A forca era situada sempre fora da povoação, em lugar alto, e formada mais ou menos singelamente de duas columnas de alvenaria, que sobre si sustentavam um arco da mesma materia. A de Arrayolos foi mandada fazer em 1523 pelo ouvidor João Alvres. A camara preferia se fizesse um chafariz á fonte da Arregaça para beberem bois e bestas, primeiro que fazer-se a forca. (1) Mas ou fosse formada então, ou algum tempo depois, ficou situada n'um oiteiro ao sul da villa sobre a estrada de Évora; e conservava-se em bom estado, quando foi demolida nos fins do anno de 1844 para se edificar no mesmo sitio o telegrapho. Não consta que houvesse n'ella execução alguma. Os curiosos de contrastes não deixarão de notar que se a forca, representando dos interesses Moraes da justiça, foi levantada em 1523, supplantando então o interesse material do chafariz; veio por sua parte a cair em 1844 debaixo da influencia do novo invento do telegrapho, que pertence por igual aos interesses materias e moraes.

O pelourinho, transformação christã da estatua pagã de Sileno, que era o symbolo da liberdade burguezia nos municipios romanos (2), é outro appellido d'alta justiça, tambem classico e indispensavel nos nossos municipios. Sua situação é sempre na praça principal da povoação. A forma dos pelourinhos e um obelisco ou columna, executada ás vezes com capricho e elegancia, atravessada superiormente de braços de ferro com ganchos, e levantada do chão sobre alguns degraus. Os ganchos superiores serviam para espetar as cabeças ou mãos dos condemnados, quando assim o mandava sua sentença. Em laixo junto á base, e sobre os degraus se atavam os sentenciados á exposição publica, ou a outros castigos corporaes, e para isso havia argolas de ferro em altura proporcionada. O pelourinho de Arrayolos é um bom obelisco de marmore de Estremoz, fabricado em 1634. (3)

Tal respeito merecia ainda no seculo passado este symbolo da justiça d'el rei, que acontecendo no dia 14 de outubro de 1757 apparecer derribado e posto por terra o pedestal do mesmo pelourinho, e quebrada a esphera do remate superior, ordenou el-rei, por provisão da junta do estado de Bragança de 26 de novembro do mesmo anno, que o juiz de fora tirasse de vassa d'este caso, e ajeitasse logo horrosa e offensiva ao respeito da justiça, e a remettesse á mesma junta sem pronunciar. (4)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

(1) Livro das verações de 1523 a fl. 48, na veração de 12 de abril.

(2) A opinião do sr. Alexandre Hercolano, no 4.º vol. da sua *Historia de Portugal*, a pag. 11.

(3) Em veração de 30 de dezembro de 1634 foi arrematada a condução e arreito do pelourinho de Estremoz para Arrayolos por 2 \$ 700 rs. (L.º das verações de 1634 a 1636, fl. 27 v.)

(4) L.º de registo da camara de 1756 a 1674, fl. 32.

## MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei defeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

## VIII.

BOCAGE nas formas lyricas não excedeu a arte do seu tempo desviando-se dos modelos proximos da poesia franceza, e varias vezes dos traslados da latina; e a sorte com que tentou a ode não foi igual. Eleva-se em algumas a grandes alturas; ao passo que, segundo succede a Rousseau e a Lebrun, se offusca ou balbucia em outras. A formosa invocação á *Esperança*, de um cinzel delicado e de uma imaginação mimosa, nas primeiras estrophes, recente-se de pouca lima nas seguintes, baixando a allegorias diffusas, cuja nudez disfarça apenas a versificação brilhante. O «Quadro da vida humana» abre por sua imagem descriptiva, que recorda as de Horacio e do Garção, mas aonde realça a energia de Elmano. É uma idéa usada, que a magia do estylo remogou embelezando-a; a pintura resae tão rica e natural que assistimos em espirito ás vicissitudes e tormentos do naufragio, enlagaos em episodios successivos os pallidos sustos, a ansiosa luta, e a alternativa da esperanza para a morte atê, arquejando desarvorado, se inclinar o navio ás ondas, sepultando-se com mil agonias congeladas em um só grito.

A ode á Fortuna, reminiscencia de Rousseau e de outros poetas, mal resgata a frieza do *logar commun* que atavia, e parece-nos inferior á elegancia, que atenua em parte os defeitos censurados ao lyrico francez. Mas o hymno «A Virgem» aonde pensamentos, figuras e metros não têm que invejar aos mais louvados, vingá depressa os momentaneos eclipses d'estas composições. No exordio fulgura um clareo de Milton, e a magestade lembra o Dante:

Além do firmamento, além do espaço,  
Que por lei summa, franqueára o seio  
A mundos sem medida, a sóes sem conto  
Immovel throno assoma:

De um lado e de outro lado é todo estrellas,  
Vençe ao diamante a consistencia, o lume;  
Absortos cortezões o incensam curvos,  
Tem por haxe e doce a eternidade.

N'esta poesia inspirada, em que circula o espiritalismo, a vellemeia cresce com o assumpto, e o enthusiasmo sobe de estrophe em estrophe. Leves nodos, em um ou outro verso, alguns epithetos impriosos destoando, não assombram as bellezas, nem diminuem o ardor da commoção. Eis como acaba:

Salve, oh! salve, immortall, serena Diva,  
Do Nume occulto incombustivel garça,  
Rosa de Jerichó por Deus disposta!

Flor ante quem se humilliam  
Os cedros de que o Libano alardê!

Ah! No teu gremio puro amina os votos  
As mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,  
Seus males abanone um teu sorriso.

Que doce e consoladora supplica á mãe de Deus e dos homens! Aquella que nos proprios martyrios conheceu o amargoso fel do infortunio! Que visto suave a da Virgem subjugando pelo amor as soberbas da tentação, e acollendo piedosa as lagrimas dos que padecem, e as esperanças que a imploram!

Raros dos nossos poetas comprehenderam assim a musa religiosa, ou sentiram passar-lhe pelo coração este sópro, que estremece sempre que entoa um hymno a Deus. Bocage adora e crê; pinta os diversos temores do coração. No soneto, na elegia, ou na ode, quando eala a apothese dos sentidos, e applaca a desesperação dos zelos, para vir ajocellar-se aos pés da cruz, não é o calculo, nem a arte, é a mais profunda fé, quem se eleva dos seus labios. Este homem consumido de desejos e paixões, que o orgulho dos applausos devorava, comprimia a consciencia para fingir a impiedade. Esta alma engolhada em deleites sensuaes, escrava do mundo e da vaidade, hypocrita de erros e de crimes, que delectava, como outros figuram as virtudes, rompendo o captivo, e prostrando-se deante do altar, adivinhava a unção e a melodia catholica de Chateaubriand e Lamartine, como parecia feita para antever a ironia pungente de Byron, e a opulencia da matizada estrophe de Hugo.

Entretanto (é forçoso dizelo) se parece demasiado severa a opinião de um distincto censor, collocando Bocage no ultimo logar como poeta lyrico, não pode contestar-se que ficou longe dos bons modelos, rivalisando apenas em uma ou outra pagina com as perfeições elegiadas nas odes de Diniz e de Philinto. O canto heroico não o favoreceu; e como advertimos, as catastrophes dos dias agitados da revolução franceza, soberbo thema para a magnificencia do estro, passaram pela lyra e rara vez acordaram as suas vozes.

Correndo-se a colleção mal se encontra poema, que reorde a elevação tão sublime em Francisco Manuel, quando entre esplendores a gloria lhe despenda com o volto de Albuquerque, ou o enthusiasmo accomette o assumpto dos Novos Gamas. Na imitação romana Bocage desce deante da graça correcta e sobria do Garçon! Na elegancia e variedade está distante do traductor do Oberon! Faltava-lhe o que distingue os dons familiares de Horacio, o gosto apurado pela lição do original latino. Lutava alem d'isso a indole com a reflexão dos primores classicos. Infundia-se-lhe pouco do perfume e do saber do imitativo lyrico de Augusto.

Nas anacreonticas o passo vai mais livre, e os requiebroes de amoroso júbilo casam-se com a melodia do verso, e com os risos da imaginação: e nesta parte assim mesmo Elmano não compete com o Diniz. Somente admira quanto a alento pindarico, que a leitura de Lebrun, tanto popular, e o estudo de João Baptista Rousseau, lhe não illuminassem mais o talento, quando em outras manifestações disputa a primazia, e não empallidece na presença das dos emulos.

As canções, aonde o genio de Camões, e de grandes vates, derramou tanta sensibilidade, sentimento e gentileza, em Manuel Maria tambem quasi nada se levantam. Tirados os bellos versos, e estes eram para elle esforço facil, e algumas expressões com accento lyrico, o geral do canto é pobre, surdo á voz sincera dos fortes effeitos, e moldado pelas exagerações de um estilo mais estudado do que verdadeiramente imaginoso. O uso desmodico da allegoria, e o emprego das machinas mythologicas, aonde o painel não admitta senão a eloquencia da alma e o colorido da natureza, esfriam o interesse e dissipam o que ha de agradável n'essas obras poucas e breves por felicidade da fama do auctor.

O *Delirio Amoroso* e o *Chamo* (II e IV) revelando a inexperiencia dos annos, em que foram escriptas, já deixam escapar contudo diversos traços que denunciam o dedo do futuro poeta. O apaixonado cantor dos zelos, já d'ali indica o seu vigor.

Os Cantos a Conceição da Senhora, pela nobreza, pela contrição, e pela riqueza dos pensamentos e ornatos, lutam com os modelos recentes mais applaudidos, se os não exceedem. Logo na invocação, o poeta do primeiro impulso mede a distancia, que ha do céu á terra, despindo as purpuras e os adornos profanos do paganismo. E nas azas refulgentes do cherubim da fé, que a radiosa inspiração accende; e tão alto se remonta, que parece fugirem lhe da vista os horizontes humanos. Extatico e deslumbrado inclina-se a visão da suprema e adoravel formosura da Virgem de Israel; e a cythara de David, como despertando, levanta estas harmonias:

Profana lyra, a molles sons affeita,  
Vil instrumento, minha mão te engeita.  
Cadueas perfeições, servis amores,  
Não mais, não maculeis os meus louvores.  
Tu doce chamma, angelica ternura,  
Que o Creador envia á creatura,  
Oh dadiva celeste, oh dom do Inmenso,  
Com que atterrámos Satanaz infenso,  
Baixa dos céus, e purifica esta alma.

Assim resoa a voz do Dante, quando o celeste clarão lhe vem dourar a fronte. D'este modo subia ao empyreo entre o incenso da oração, e perfumando a alma, o hymno dos prophetas, e dos solitarios nas grandes lidades do mundo, e no maior dos seculos da Igreja! Aqui, sim, existe não a forma, mas o ser, e a divina agitação da ode! E o coração fremente, é o espirito ansioso, é a commoção em transporte, e não a arte, quem adora e canta.

Manzoni, dos poetas actuaes, aquelle que respira mais sentimento religioso, apar de Lamartine, na Saudação ao nome de Maria, apresenta na dedução dos movimentos e no geral da veia lyrica incontestavel superioridade, sobre tudo pela correção do cantico; mas em compensação faltam-lhe os repentinos inspirados, que de curto em curto espago fuzilam da crenga inflammada de Bocage. Ha maior doçura e maior ternura espirital no italiano; as suas preces afinam-se por um tom suave e desalrocham da seriedade da alma; mas não as aquece tambem apellello fogo intimo, que dão á musa catholica de Bocage a contrição e a eloquencia. Em Manzoni a harpa maviosa suspira estas estrophas:

N'elle paore della veglia bruna  
Te noma il fanciulletto, a Te tremante  
Quando ingrossa rugendo la fortuna.  
Ricoerre il navegante.  
La femminetta nel tuo sen regale  
La sua spregiata lagrima depone,  
E a Te, beata, della sua immortale  
Alma gli affanni espone;  
A Te, che i preghi ascolti e le querelle  
Non come suole il mondo, ne degl'imi  
E dei grandi il dolor col suo crudele  
Discernimento estimi.

Elmano não matiza o hymno com tanta variedade de toques, mas em partes disere o voo ás maiores alturas epicas. No segundo canto a pintura do abysmo, aonde mora a eterna dor, d'onde a esperança fugiu para sempre, recorda na conceição o sombrio desenho da Divina Comedia. A personificação dos vícios e peccados, que rodeam em pavorosa confusão

O praguejado throno ao rei das sombras!

é de um vigoroso pincel: ali

A negra Inveja, que alarido arranca  
Das carcomidas fauces!  
Veneno em borbotões, lagrimas suas,  
O coração, cõr da morte, ao monstro escalda!  
A Desesperação lhe jaz ao lado,  
E no raivoso coração lhe enterra  
De quando em quando as lacerantes garras.

Do throno, cujos degraus de ferro ardente povoam as indomitas fúrias das paixões, Satan rebelde, levanta o orgulho contra a pezada pena, que o pune; e é da sua bôca assim fervendo em ira que rebenta constrangido o louvor d'aquella que lhe firmou a planta sobre a cerviz, encadeando-o aos pés da cruz, escravo do Messias.

Exceptuados pequenos descuidos, as audacias felizes abundam n'este poema, aonde a invenção e a forma se libertam dos moldes ordinarios! N'estas paginas, bem como em varias outras, vislumbram aquelles assomos de originalidade creadora, que muitos negam a Manuel Maria, e que o desleixo, e mais do que tudo, a falta de tranquillidade intellectual, lhe esterilizaram durante a sua breve e amargurada carreira.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

### SANSÃO NA VINGANÇA!

(1830)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os príncipes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.  
Juizes, cap. XVI, v. 30.

V.

#### A GRUTA DE CAMÕES.

O LEITOR, que teve a bondade de acompanhar-nos na contemplação exterior de Macau, que penetrou mesmo connosco até á Baixa do Monte, e não temeu perder-se na confusão do bazar, ha de certamente ter desejo de ser guiado para o mais poetico sitio da cidade, unico objecto que o estrangeiro é obrigado, por assim dizer, a visitar em Macau, logar delicioso, não só na China, mas em qualquer parte do mundo onde estivesse collocado, a gruta de Camões.

Para chegar a este Eden, que campêa junto a uma das portas da cidade, atravessam-se algumas das melhores ruas da povoação; vêem-se casas de bella apparencia, imitando as que já observamos na Praia Grande; igrejas acedias, porém despidas de ornatos architectonicos; e poucas lojas de insignificante valor. O que entretém mais o viajante n'este transitio, é a diversidade de raças humanas que encontra, e o seu variadissimo traje. O europeu, geralmente fallando, não se veste ali como em uma cidade de oeste; usa jaqueta branca ou *suit-au-barque* de phantasia, chapêu de cortiga forrado de seda, uma fita por lenço do pescogo, sapatos em vez de botins; na extravagancia do traje avantajam-se sempre os inglezes, como era de suppôr. Além d'estes encontra-se o malaio cobreado, o siamez pequeno e pardo, o japonês mais pequeno ainda, o chim de

varias cores, mas d'aquelle eterno typo que nenhum leitor desconhece, os nativos de Macau, mescla de europeu, chim e malaio, que ou são padres ou calafates, poucos marinheiros, e o resto vadios; nhonhas de saraga, chinas de pé quebrado, quasi pé de cabra, mal podendo suster-se sobre elles, e algumas senhoras europeas, americanas ou nativas, que trajam pelo figurino de Paris do anno anterior.

Estamos chegados ao campo de S. Antonio; além está a porta da cidade, o cemiterio inglez, o theatro em ruinas, e finalmente o portico de uma bella quinta; a entrada é livre, passemos; é aqui dentro que está a gruta, onde a tradição diz que o nosso immortal poeta compoz uma grande parte dos Lusíadas.

O meu amigo Caldeira acha com razão muito similhante esta quinta á de Penha Verde em Cintra. Lindas ruas de copado arvoredor, serpenteando em volta de uma montanha, e ladeadas por enormes massas de granito, d'entre as fendas das quaes surgem bellas arvores, não só das especies chinezas, mas de Java, das Phillipinas, da India e da peninsula malaia, tal é o caminho que conduz o viajante ao pinacero de um monte, sobranceiro á povoação chineza de Patane e ao rio, onde está a procurada gruta de Camões.

Eil-a, dous rochedos quasi perpendiculares e proximos um do outro, sustentam um terceiro, que serve de tecto á gruta. As entradas d'este recinto, que devêra ser sagrado, a acreditar-se que o grande cantorahi pousou alguma vez (do que não ha memoria escripta) estão fechados por gradarias de pau, e as suas paredes caídas! Lá dentro vê-se o busto de Camões, de côr bronzeadá, e tirado em greda por artistas chinezes: está assente sobre um pedestal tosco, onde se lê o nome do poeta, e as datas provaveis do seu nascimento e morte, bem como seis oitavas dos Lusíadas. Da parte do occidente tem um portico coroado por varios emblemas, taes como a lyra, o escudo, o capacete, a nau antiga, a trombeta da fama, a avena, a corôa de poeta, etc., e em volta do arco os seguintes caracteres chins collocados por esta forma:

奇	士	善	首	才
詩				德
大				超
興				人
立				因
碑				妒
傳				被
世				難

As tres letras do meio dizem: *O sabio por excellencia; nas columnas dos lados traduz-se: As qualidades do espirito e do coração o elevaram acima da*

maior parte dos homens. Os litteratos sabios o honraram e veneraram, mas a inveja o reduziu a miseria. Seus sublimes versos estão espalhados por todo o mundo. Este monumento foi erigido para perpetuar a sua memoria.

Não encontramos pessoa alguma n'essas poeticas ruas que vimos de percorrer com o leitor; ao chegar porém á gruta devisamos um mancebo, vestido com o uniforme da marinha de guerra portugueza, que escreve na parede caida estes versos do nosso Herculeano:

É tão doce esta vaga saudade  
Na solidão das montanhas colhida,  
Para quem entre mil tempestades  
Transitou pelos campos da vida!

E logo uma mulher formosa e elegantemente traida á européa, que pisando de leve sobre as folhas soltas da avenida, chega ao pé do mancebo, sem ser presentida, e o surprehe de agradavelmente lendo em voz alta o primeiro verso.

— «Eugenia!» exclamou o joven, voltando-se de repente; e segurando as mãos da enfeitadora mulher, heijou-as repetidas vezes.

— «Continue, Osorio; são tão lindos esses versos, que já sinto have-lo interrompido.»

— «Oh! não, essa poesia não me pertence; é de um amigo e mestre de nós todos os que prezamos as letras em Portugal. Mas não se trata agora d'isso. Veja-a, Eugenia, e a harmonia d'esse tolo, que fizera esquecer-se da sua Natercia o homem que geme n'esta gruta, tem para mim mais poesia do que todos os cantos dos poetas, ou mesmo os canticos dos anjos.»

— «Nada de exagerações! Sabe que o estimo muito... oh! muito! porém não desconhece que a minha posição na sociedade me impõe deveres.»

— «Tu és joven, bella, encantadora... e teu marido não te ama!»

— «Olha, Luiz, conheço bem o teu amor, e sei que és um moço honrado; confio-me de ti, e vou fazer-te uma confissão ingenua dos meus sentimentos; dizer-te o que tens a esperar de mim, desenganar-te.»

— «Oh! tu és uma santa!...»

— «Mas tu queres fazer-me peccadora. Esenta. Murray é uma excellente pessoa, muito meu amigo... e que o não fosse, é meu marido, e hei de guardarlhe aquella fidelidade que a mulher pode guardar... do coração só Deus dispõe.»

— «Então, o teu coração é meu?»

— «Sim; o meu coração, os meus pensamentos, pertencem-te; não sobreviverei á tua perda... porém tenho um esposo...»

— «Embora; sou muito feliz!»

— «Ainda me resta que dizer. Todos desconfiam da nossa intimidade, e nos apontam ao dedo nos bailes, nos passeios, até na igreja; tu sabes que as mulheres, principalmente as feias, são implacaveis, e então nas terras pequenas, aonde tudo se sabe; é mister pois afastarmos-nos.»

— «Afastarmos-nos? Pois não o estamos bastante?... Então que me resta?»

— «O meu amor, o meu coração, os meus pensamentos, já te disse, mas é necessario que um homem probó e leal como é James Murray, não soffra na sua reputação pela leviandade de uma mulher, que tem obrigação de honrar o nome, que é tambem o seu. E tu que me amas... muito, não o duvidas; quererias ver manchado o nome da tua amante?»

— «Mas que me resta... que me resta? A morte?»

— «Tanto como a mim; a resignação... mesmo a esperança.»

— «A esperança! oh! essa idéa seduz-me! E se eu me conservar por muito tempo na China?»

— «Estarei aqui...»

— «E se partir para Lisboa?»

— «Chegarei lá antes de ti.»

— «Terei resignação; soffrerei tudo o que quizeres; diz-me o que hei de fazer?»

— «É preciso frequentares menos a Praia Grande, não irés ao templo interromper as minhas orações, não me seguires quando vou passear a cavallo fora da porta do Córco, e visitar-me, o muito, uma vez por semana.»

— «Bem: não tornareí a desembarcar senão no caes da alfândega; só ouvirei a missa do capellão de bordo; poucas vezes voltarei a terra, porque Macau não tem outro passeio senão essa estrada do campo, que custou a vida a quem a mandou abrir; escrebre tudo contarei bem os dias, para só de sete em sete te visitar. Sou obediente?»

O mancebo fingia que estava risonho, mas viu que Eugenia tinha os olhos humidos de lagrimas, e não ponde sustar as suas; abraçaram-se, deram o primeiro e ultimo beijo... d'esses beijos que, apoz muitos annos de tormentos e decepções, parece que ainda escaidam os labios... e Eugenia, soluçando, correu pela avenida, e desapareceu á vista do mancebo por entre o copado arvoredado d'aquellas formosas ruas.

Osorio ficou um momento extatico, todo concentrado na felicidade do momento que passára, como que alheio ao presente; quando porem voltou a si e não encontrou Eugenia, só se lembrou de a procurar, de tornar a vel-a immediatamente, esquecendo todas as promessas que pouco antes fizera.

Desceu apressado o caminho em espiral que conduz á porta, e quando transpunha os cancellos viu ainda a sumir-se por detraz da igreja de Santo Antonio a cadeirinha de Eugenia, conduzida por dous chins... Não tinham de se encontrar mais na terra!

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ANN. BOM.

L.

HORA. é hora bemfadada  
A hora da meia noite.  
Como flor, que ao duro açoute  
Do tufão, meio tombada;  
Torna a si de madrugada;  
Remoça a vida cansada

Na encendida phantasia,  
Pinta-se mago horizonte;  
É a esperança, lá, defronte,  
Como sol, em claro dia,  
Brilhante luz irradiá,  
De ditosa prophécia.

N'esta hora, todos são  
Obreiros d'immensa mina;  
Só, ás leis da propria sina,  
Sujeitos na exploração;  
Mil raios, que a um centro vão,  
Por mil modos — ambição!

Quem, se o peito traz rendido,  
Em amorosa procella;  
Qual, no mar perdida véla.  
Vendo o porto appetecido;  
No futuro, não ha lido.  
O desejo seu cumprido?

Qual, se anheila os dons da fama  
Por corôa do seu lidar;  
Aberto, de par em par.  
Vê o templo, vê a chamma.  
Que ethereo fogo derrama,  
E seu nome alto proclama.

Este, em vasto, urdido plano,  
Interesses conta, regula,  
E montes d'ouro accumula.  
Qual medita novo engano,  
E prepara, deshumano,  
Vingança, em alheio damno.

Um, na cupula celeste.  
Engasta nova saphyra;  
A cadente, eburnea lyra.  
Outro, d'almos nos reveste:  
E gólo polar investe,  
Longo terra, explora este.

Qual, no filho estremeido.  
Na obra do seu querer,  
Vê novos dotes crescer.  
Seu nome reproduzido,  
Em doce echo, bem querido.  
Que lhe bafeja o ouvido.

## II.

Hoje, é hora bemfadada,  
Da meia noite o later.  
Quem receios ha de ter,  
Se mais encontros na estrada,  
Nem bruxas, na encruzilhada,  
Nem feitiços, não ha nada?

Que se quebre o seu encanto  
Espera a moura encantada;  
E donzella namorada,  
Enxugar o triste pranto,  
E curar-se de quebranto,  
Por milagre do seu santo.

A meia noite a bater,  
O anno bom começando,  
E todos mercês cuidando!  
Até a bruxa ha de ver  
A creancinha a nascer,  
Para o sangue lhe sorver.

E o lobis-homem, que o fado  
Obrigou, por avarento,  
A tornar-se n'um jumento;  
Vê o fato seu, deixado  
Ao sair do povoado,  
Já do avêssô mudado.

## III

Vê a velha presunhida  
Novos crêmes, *paschoullis*,  
Cabelleiras e *Vitrys*.  
Vê a *coquette* garrida,  
Via lactea indefinida,  
De seus galãs esculpida.

A beata, no rosario  
Conta as missas, procições,  
Jubileus, cirios, sermões.  
Vê juros o usurario,  
Postos o revolucionario,  
O padre . . . doces no armario.

Nas guerras do Oriente,  
Forma seu juizo critico,  
Vê triumphos o politico.  
Um a russa, amada gente,  
Eil-o abraça de contente,  
E a turcos vira o dente;

Vendo já, por toda a terra,  
Quaes, por festa, as espadanas,  
Chover aguias russianas.  
« Livre monstro, em crua guerra,  
Arda agora! » disse, berra,  
Mette a pique a Inglaterra.

Outro, arranca, ao braço enfia,  
As corôas de tolo mundo:  
Reis, rainhas vão ao fundo.  
Em republica harmonia,  
Une os povos á porfia,  
E desterra a monarchia.

E noviço deputado,  
As corôas da ovação,  
Vê na proxima sessão.  
Vê o *pinga*, prolongado  
O subsidio almejado;  
Vê *pastas*, o mais ousado.

E ministro, d'antes lhano,  
Da justiça defendente;  
(Que ora, ao triste pretendente,  
Rala a paciencia um anno,  
Só para ver do novo Jano,  
Fero rosto deshumano);

Vê, qual arca de Noé,  
Sobre as aguas do dilúvio.  
Em eterno plenilunio,  
Seu poder, alto, de pé;  
Cantado em almiré,  
Desde o pólo á Santa Sé.

Só venturas hoje deu,  
A todos o anno bom.  
D'empregados — *Cabrien*,  
O agiota — judeu;  
Até esse — appello eu!  
Vê *atravos*, por bem seu.

E já lucros augmentados,  
Nas mil cedulas, recibos;  
Que — tristes, humildes chibos,  
Em sacrificio levados;  
A' mingua deixam — coitados!  
Os captivos empregados. . .

## IV.

Meia noite que resôa,  
Vê-o andado, uma unidade,  
O cursor da eternidade.  
Passado, presente vôa;  
E voz do futuro echôa,  
No breve instante que sôa.

Qual a curva indefinida  
De cuniada distante,  
Como tinta cambiante,  
Que na onda colorida,  
A um tempo confundida,  
Tem a morte, tem a vida.

Oh! nos olhos d'alma então,  
Reflectem verde florir,  
As campinas do porvir:  
Dons de magia visão;  
Que vistos por todos são,  
Que hem poucos gosarão.

Mafra, 31 de dezembro de 1853.

J. DA COSTA CASCAES.

#### ESBOÇOS DA VIDA MILITAR.

### III

#### Perseverança.

E no decurso da vida, semeada de gosos e de sofrimentos, que a perseverança, esta virtude heroica, vem prestar-nos salutar egide: realisa os desgnios mais espinhosos; reanima os espiritos no meio das fadigas e das empenzas mais laboriosas; fortifica a constancia na luta com a adversidade; só para o indolente é que ella não tem valia; dorme o peido somno da indifferença; e por lhe faltar o valor preciso lá se despenha em total abandono. Na verdade o que não sente o fogo d'uma nobre ambigão, ou o influxo de generoso incitamento, não vive; sómente vegeta, mas sem desejos, sem a menor inspiração, habituado ao jogo estúpido d'uma vã mobilidade.

As artes e as sciencias, tanto moraes, e amo physicas na cadeia prodigiosa das suas produções, ollam a perseverança, como a sua columna inabalavel, como o seu poderoso talismão. Com effeito, se os vestigios inertes do homem, encetando a vereda do saber, não fossem dirigidos por essa radiosa luz, a nobre inspiração pela gloria e pela immortalidade, que ao passo que esclarece, electriza o espirito, debalde tentaria superar o elevado eume em que a sciencia repousa, quando o caminho que a ella nos conduz é costa arriba, frágil, semeado de embaragos, erigido de difficuldades, que é mister vencer com energia e decisão: alias tora o homem por menos resolute de passar pelo supplicio da incerteza e da hesitação, que attenuam o genio e constroem as melhores inspirações.

Um habil artista, que ao genio ajunta infatigavel ardor, vendo-se coroado pelo successo dos seus esforços, é o senhor, é o rei da sua obra; e elle ella impera. Sem duvida a perseverança immutavel, tudo pode. Primeiro que um pedaço de marmore se transformasse n'um Apollo de Belveder, saímo com perfeição eximia das mãos do abalizado artista; que a transfiguração, feita do pincel do grande Hamora da pintura, Raphael Sanzio, avultasse entre as maravilhas da arte; que um Sequoia fizesse a admiração de Roma; que o genio de um Pergolesi, de um Rossini fizesse desprender os encantos da harmonia, e os magos sons da lyra de Euterpe; primeiro que um Newton descobrisse as maravilhosas leis da attração no sistema do universo; que um Vauban, o grande triumpho, o typo respeitavel na arte da guerra, deixasse padrões indeliveis do seu profundo

saber e trabalho; finalmente que um Turenne, e um Condé se immortalissem na arte de commandar os exercitos, succederam na sua carreira brilhante a dias de estudos, dias de experiencias e de laboriosas lidas. Todos perseveraram no proseguimento das suas fadigas artisticas e litterarias; todos sacrificaram a mobilidade dos seus desejos, e talvez os desvios de uma imaginação fogosa e arrojada a um melhor sentir para o feliz acabamento das suas obras. — *Omnia labor vincit* — tudo cedo aos longos trabalhos.

Não se nutre a virtude do descanço:  
diz o nosso Boileau)  
Arduas empenzas, rispídos trabalhos,  
Em nobre coraçõ d'immortal gloria  
Accendem claro lume.

A perseverança é necessaria em todas as profissões ou estados da vida social; e tanto mais se acrisola esta virtude, quanto mais numerosos e difficilissimos os obstaculos que a combatem. Ora o estado militar deixa ver um contraste bem sensivel com todas as partes, ou classes da sociedade; certamente n'esta profissão o curso da vida é cheio de mais actividade e de mais accidentes, e submettido a uma influencia muito mais poderosa dos caprichos da fortuna.

A perseverança em relação á vida militar apresenta-se debaixo de dons aspectos; já no proseguimento e alcance da sciencia e conhecimentos preciosos, fazendo com que a pericia nas armas appareça sempre a par do exaltado patriotismo; já em relação com o estado moral da mesma profissão. E n'este sentido ou segunda referencia, que versa o presente bosquejo.

A vida das armas offerece, mais que nenhuma das outras, grandes e não poucas difficuldades a vencer, e não menor numero de sacrificios, que é mister tolerar com provado valor e decisão. Na verdade expõe aquelle que lhe consagra os seus dias a incidentes ou conjuncturas assaz penosas, e quasi sempre inevitaveis, attentos os laços de familia e de amizade em contraplanho dos interesses que polo trazer um estado feliz. Mas a causa que mais contribue para que appareçam na vida militar frequentes razões de desalento e de atroxinado servico, prende essencialmente com a honra, com o amor proprio, e com o desejo da gloria, por inspirarem estes sentimentos nobres a esperanza de futuras recompensas na esca da dos promoveos; sim, a comparação que qualquer faz da sua na estrella com a felicidade de um outro, é quasi sempre acompanhada de desgosto e de descorajamento. E sem duvida n'esta carreira militar que assaz nos surpreendem desapparecebidos as elevações rapidas, que apresentam em curto espaço de tempo grandes distancias entre aquelles que marcham nivelados na mesma linha. Não criticamos nem a epocha nem as cousas; em todos os tempos têm havido injustias e patronatos; os homens, dados as mesmas circumstancias, são sempre os mesmos.

O militar que ama sinceramente o seu paiz, não deve olhar jamais a vida das armas como um meio de chegar a certo termo, ou a fins absolutamente estranhos ao seu estado. O exercito, ou o corpo a que pertença, não sera para elle o ultimo dos seus pensamentos; mas antes occupara no seu espirito o primeiro e principal logar, importará um verdadeiro centro de unidade para onde faça convergir todas as suas affeições, habitos e esperanças. O homem que for essencialmente militar, e cujos servicos fo-

rem reacs e de reconhecido valor, não faz das armas que lhe são confiadas escala de ambições, nem olha a sua carreira como fonte inexaurível de gosos e vãos caprichos. Este é sem contradicção uma pessoa sobremaneira útil ao exercito, vivendo sempre com o soldado, estuda-lhe o seu espirito, conhece-lhe o seu caracter, precisões e habites; e por conseguinte sabe a maneira de bem se conduzir, não desmentindo jámais o seu comportamento, quer no remanso da paz, quer no meio do estrepito das armas; habituado a partilhar com o soldado todas as eventualidades e sacrificios, sabe tambem adquirir aquella philosophia que só pode caracterisar o verdadeiro cabo de guerra.

Uma boa lei de promeções, e de recompensas muito concorre para fazer nascer, e arregar estas bellas inspirações e conducta; importa a alma dos exercitos, mantêm a dignidade militar, e restaura a ordem e a disciplina, formando os bons militares. Não estas as nossas idéas, e as mesmas que envolvidas com outros objectos annunciámos já na Revista Militar. A gloria deverá ser olhada como a unica ambição do militar, sem duvida a mais apreciavel das compensações por todas as fadigas e arreceados trances; por ella renuncia a todos os prazeres e doçuras dos lares domesticos, preferindo uma existencia inquietada, agitada, e a todo o passo cheia de perigos e de privações. Cumpre por tanto, em vista do eterno principio de justiça — *suum cuique* — combinar os diversos direitos; recompensar o zelo e a duração dos serviços, dependendo assim o direito que todo o militar tem ao seu accesso, não só da antiguidade; mas da livre escolha em contemplação do seu merito, isto é, da sua intelligencia, e comprovada capacidade. Certamente a profissão das armas (distinta pelas paixões preclaras e magnanimas que em epochas gloriosas tem feito brotar do seu seio) alimenta-se com os sentimentos de nobre emulação, e com a esperanza de um melhor futuro, que inspira a coragem e a perseverança.

J. C. DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

IV.

DE-FE fins do seculo 16.<sup>o</sup> tem muitos escriptores nacionaes e estrangeiros tomado d'um nesso chronista a noticia de termos achado, quando descobrimos a ilha do Corvo, a menor e a mais septentrional das ilhas dos Açores, uma estatua equestre, talhada em pedra e sendo maciça d'uma lagea, sobre a rocha noroeste d'aquella ilha.

Grande escuridade e incerteza ha sobre as circumstancias, que acompanharam o descobrimento de todas as ilhas dos Açores, porque nenhum documento até hoje conhecido, nenhum escriptor contemporaneo, nos as transmittie. Da ilha do Corvo apenas se sabe que estava descoberta em 1432, porque ha na chancellaria d'el-rei D. Alfonso V carta de doação d'ella ao duque de Bragança, conde de Barcellos, D. Alfonso, tio do mesmo rei, datada de 20 de janeiro de 1432, onde nem se faz menção de quem a descobriu, nem do anno em que fôra achada. N'outra memoria particularisaremos as razões que nos levam a crer, que os descobridores, tanto d'esta ilha como da ilha das Flores, foram Diogo de Teive e seu filho João de Teive.

Só mais d'um seculo depois é que um chronista portuguez fallou do achado d'uma estatua equestre na ilha do Corvo. Referimo-nos a Damião de Goes, que na *chronica do principe D. João* (depois rei D. João II) por elle publicada em Lisboa em 1567, a fl. 9 v., col. 1.<sup>a</sup> e segg., tratando d'aquella ilha, escreve: — « Hos mareantes lhe chamam ilha do mar-quo; porque com ella (por ter hũa serra alta) se demarçã, quando vão demandar qualquer das outras. No cume d'esta serra, da parte do noroeste, se achou hũa statua de pedra posta sobre hũa lagea, que era hũ hemê encima de hũ cavallo em osso, e ho homê vestido de hũa capa quomo bedem, sem barrete, com hũa mão na coma do cavallo, e o brago direito stendido, e hos dedos da mão enculhidos, salvo o dedo segundo a que os Latinos chamam index, com que apontava para ho penêite. Esta imagem que toda sabia magica da mesma lagea m'hum el Rey dom Emanuel tirar pelo natural por mim seu criado debuxador, que se chamava Duarte darmas, e depois que vio ho debuxe, m'adou hum homê engenhoso natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fose a esta ilha pera cõ aparelhos que leon, tirar aquella antighalha, ho qual quãdo d'ella tornou dixeu a el Rey que ha achara desfeita de hũa tormenta que fezera ho inurno passado. Mas ha verdade foi que a quebrarã por mão azo, e trouxerão pedagos d'ella . s . a cabeça do homê, e ho brago direito cõ a mão e hũa perna, e ha cabeça do cavallo, e hũa mão que stava dobrada e aleuãtada, e hũ pedago de hũa perna, ho que tudo stene na guarda roupa del Rey algũs dias, mas ho que se depois fes destas cousas, on onde se puseram eu nam ho pude saber. Esta ilha do Corvo, e santamam foram de Joam da fONSECA, scriuam da fazenda del Rey dom Emanuel, e delle has herdou seu filho Pedro da fONSECA, scriuão da chancellaria do mesmo Rey, e del Rey dom Joam terceiro seu filho, ho qual Pedro da fONSECA no Anno de Mil DXXIX, has foi ver, e soube dos moradores que na rocha, abaxo donde stoeira ha statua, stauam talhadas na mesma pedra da rocha hũas letras, e por ho lugar ser perigoso pera se poder ir onde ho letreiro stã, fez abaxar algũs homês per cordas bem atadas, hos quaes imprimirão has letras que ainda ha antiguidade de todo nam tinha çegas, em çera que pera isso leuaram, com tudo has que trouxeram impressas na çera eram já mui gastadas, e quasi sem forma, assi que por serem taes, ou por ventura por na cõpanhia nã hauer pessoa que tiuesse conhecido mais que de letras Latinas, e este imperfecto, nhũ dos que se ali acharam presentes soube dar rezão, nem do que as letras dizã, nem ainda poderã conhecer que letras fossem. »

(Continúa.)

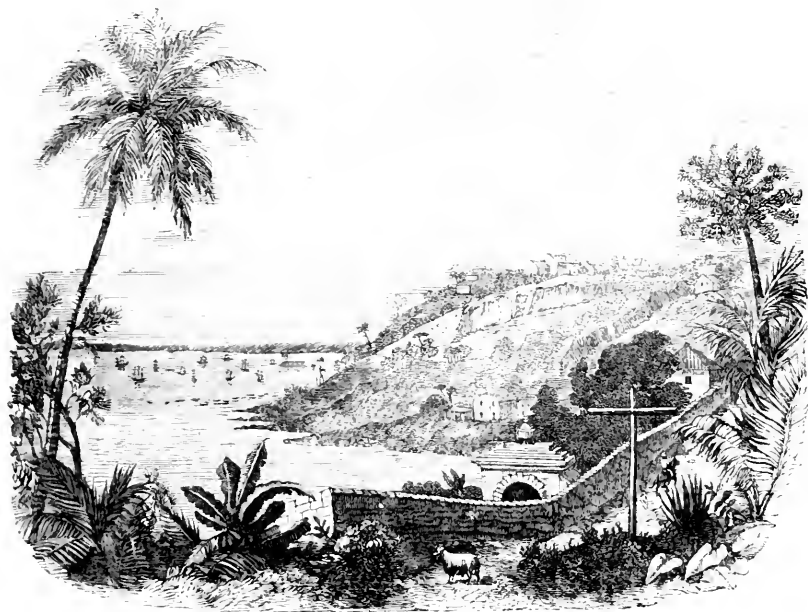
JOSÉ DE TORRES.

— Ninguém procure a felicidade pelas tortuosas veredas da injustiça. E esta regra é universal, e absoluta, não admittie limitação, não tem excepção alguma, nem em quanto aos individuos, nem em quanto ás sociedades; nem a respeito dos que mandam, nem a respeito dos que obedecem.

— Quando a fortuna te persegue, disse um sábio, a quem a adversidade ensinou a conhecê-la, refugia-te em teu coração; e se o asylo for puro, ella não poderá ali alcançar-te. Mas os homens injustos carecem d'este asylo, porque o seu coração não é puro.

BASTOS — MEDITAÇÕES.





BRAZIL — PORTO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

Na primeira serie d'este semanario (paginas 289 do 4.º volume) lê-se um mui curioso artigo acerca da cidade de S. Salvador, que é uma das mais importantes e mais ricas do florescente imperio do Brazil. Aquelle notavel escripto nada temos que corrigir ou acrescentar, e por isso para elle remettemos o leitor, que pretender conhecer a origem, fundação e lutos da Bahia.

Hoje apresentámos o desenho do magnifico porto d'aquella cidade, que é considerado pelo habil hydrographo francez, auctor do *Piloto do Brazil*, como um dos melhoes que existem na America do Sul.

«A bahia de Todos os Santos,» diz o auctor citado, «considerada em toda a sua extensão, forma um golfo mui profundo no continente, este golfo, conhecido pelo nome de *Recôncavo*, que os formosos versos de Dario eternisaram, tem cerca de trinta leguas de circunferencia, e recebe as aguas de varios rios, alguns dos quaes são consideraveis.

«As maiores esquadras podem surgir na Bahia com segurança. Em alguns pontos, os navios, ancorados em bom fundo, resistiriam a todos os ventos, proporcionando-lhes ao mesmo tempo as costas circumvizinhas abundantes recursos.

«Do lado do oriente da entrada principal, a terra levanta-se em amphitheatro: a cidade de S. Salvador occupa grande parte do littoral, e edificou em

terrenos desiguales, e dividiu-se em cidade *alta*, e cidade *baixa*. Depois do Rio de Janeiro a cidade da Bahia é a mais importante de todo o Brazil; calculam-se-lhe, pelo menos, cem mil almas. Alguns fortes, erigidos em diversos pontos da costa, dominam o porto e protegem a povoação; o arsenal da marinha é defendido pela fortaleza do *Muro*, situada em 12º 51' 23" de latitude S., e 50º 51' de longitude O., e construida sobre um banco de areia, a duzentas tozas da praia.

Para se fazer uma idéa da actividade mercantil do porto da Bahia basta dizer que os direitos arrecadados na sua alfândega e consulado, durante o anno financeiro de 1840-1841, subiram a enorme somma de 4,377,548,612 reis, moeda franca! Mas nem só é notavel a Bahia pela grossura do seu commercio exterior; a cultura intellectual não é ali desprezada como presenciam muitos talvez, pelo contrario a cidade de S. Salvador contém bastantes estabelecimentos litterarios de importancia, distinguindo-se entre todos a escola de medicina. Temos á vista um bom elaborado mappa estatística dos trabalhos d'esta escola, pelo qual se mostra que a frequentação no anno lectivo de 1840, 211 alumnos; dos quaes ficaram approvados 196, e reprovados 7. Se perdarmos o anno, e 4 deixaram de fazer acto. Este movimento consideravel mostra os seus esforços, e que os bahianes se dedicam aos estudos modicos.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VIII.

N'OUTRO genero, ainda ha d'elle um Canto, nas galas capaz de hombrear com produções analogas dos bons auctores. E o que celebra a intrepida ascensão do capitão Lunardi em 24 de agosto de 1794. A novidade da empreza, e do espectaculo arrebatam o poeta. O seu enthusiasmo leva-o com o navegador aereo pelos espaços do céu e do futuro, e no ardor das sensações e do espanto a admiração arranca-lhe da lyra um brado. As figuras e o estylo campeam em todo o lustre da fogosa phantasia; e a grandeza da scena corresponde a gallardia do verso. Dirigindo-se ao atrevido aerostata, Bocage com a viva commoção do perigo e do assombro exclama:

Teu espirito, insano, ah! que procura  
Pela estrada do Olympo alcantilado?  
Não temes despenhando-te dos ares,  
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?  
Não temes (quando exites o espumoso  
Campo, que é dos tofões theatro a guerra)  
Não temes que n'um baque pavoroso  
Teu sangue purpúreo a dura terra?  
Tentas, qual Prometheu, roubar vaidoso  
O sacro lume, que nos céus se encerra?  
Ah! não, não faças tão medonho ensaio:  
Ou teme o precipício, ou teme o raio.

A allusão aos Gamas e aos Colombes, que demandam os tremulos terrores, abriam os mares até ao berço da aurora, nasce do assumpto, e brilha com relevo. Outro bello rasgo aos filhos adoptivos da gloria, cujo berço é o theatro das fagunhas, termina por este nervoso verso:

O salio é cidadão do mundo inteiro!

Encerra-se o poema com uma impreciação á luta civil, que ardia em França, envergonhando a liberdade com a tyrannia da plebe desenfreada, e com o sangue que o delirio dos tribunos derramava para emmudecer a consciencia. E das poucas referencias ás afflicções do mundo, n'esta epocha, que se encontram nas obras de Bocage, e dos poetas contemporaneos portuguezes.

Fugi, fugi aos climas desditosos  
Onde, exposta á voraz ferocidade  
De monstros de impia garra, aguda preza,  
Estremeece, desmata a natureza.

Temos outro exemplo ainda n'elle de allusão historica: é a famosa elegia á morte de Maria Antónia, rainha de França, decapitada por ordem da convenção em 16 de outubro de 1794. A indignação da sensibilidade ferida estampa o cunho abraçado no verso do cantor. A ira derrega raios no atroz pellado epithetos, maculando na fronte os verdugos, mas é ira severa; não se desgrêua em impetu descompostos e maldigões. Não stigmatiza e não bramidos os que solta a lyra entumada de cypreste. A nobza das lagrimas, e o côrte do soluço, com

que a voz recua na garganta, realçam pela ternura viril o desabrimento da musa. Sobre as ruinas de uma sociedade em agonia, olhando para a sombra dos cadafalsos, manchas da liberdade, vendo um povo inteiro abrir as veias diante do medo de alguns furiosos, o poeta pede ao Dante austero o seu terceto, e faz retinir, como ago, os metros vingadores:

Que fataes produções, que azedos fructos  
Dás aos campos da Gallia abominados,  
Nunca de sangue ou lagrimas enchutos!...

Augmentando-se a vehemencia perante o espectaculo doloroso, exclama mais alto ainda:

Crimes soltos do inferno a terra atroam,  
E em torno aos cadafalsos lutosos  
Da sedenta vingança os gritos soam.

A brilhante nação que blasonava  
D'exemplo das nações, o throno abate,  
E de um senado atroz se torna escrava.

Vae grassando o furor sanguinolento,  
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,  
Qual rubra lavareda exposta ao vento:  
Não cede, não repousa, não se acalma,  
E a funesta, insolente liberdade  
Ergue no punho audaz sanguinea palma.

Que vigoroso buril! Como a elegia, d'entre os prantos funebres, ergue aqui a fronte coroada de goivos, recordando a angustia sublime da antiga Electra! Antes de se ajoelhar, beijando a lapide sepulchral com os labios pallidos, carrega como pé sobre o horror do crime, e alçando o tom, incendiada a face, altivo o gesto, faz curvar o futuro, que se avizinha, dictando-lhe a sentença dos nossos dias!

Vicenzo Monti, nos celebrados *Cantos da Basiliana*, tambem no rigido e acerbo terceto dantesco vingou com valentia igual o sangue de Hugo de Basseville, assassinado indignamente em 1793 em uma sedição da plebe romana. As proporções do seu poema abraçam maior perspectiva, do que a estreiteza do genero seguido por Elmano. O exordio sae por um movimento cheio de imagens, cujo effeito é deslumbrante:

Gia vinta dell'Inferno era la pugna,  
E lo spiro d'Abisso si partia,  
Vola stringendo da terribil ugnia.

Come lion per fame egli ruggia  
Bestemiando l'Eterno, e le commosse  
Idre del capo sibilâr per via.

Allor timide l'ali aperse e scosse  
L'anima d'Ugo alla segunda vita  
Fuor delle membra del suo sangue rosce:

E la mortal prigione ond'era uscita,  
Subito indietro a riguardar si volse  
Tutta ancor sospetosa e sbigolita.

A poesia de Bocage, que tem terceitos que não cedem a Monti, e versos de um impeto, que disputa comparações aos jambicos afamados de Chénier, suavisa-se por uma gradação habilmente conduzida, e contemplando a immortalidade consola-se das tristezas da orphanidade e do terror. A figura da rainha de França, resignada, e já ceeste pela formosura do martyrio, offerece encantos e doçura que suspendem. Com a opposição das tintas fortes e escuras na pintura dos algozes, ainda mais destaca a harmoniosa belleza da victima:

Já cerrados estas, olhos divinos;

Já voando cumpriste, alma formosa,

A ferrea lei de asperros destinos.

Do rei dos reis na corte luminosa

Revez o pio heroe, por nós chorado.

Que da excelsa virtude os louros gosa.

Na mente vos observo: eido-a teu lado

Implorando ao Senhor, que os meus flagella.

Perdão para seu povo hallucinado.

Despido o véu corporeo, oh alma bella,

No seio da immortal felicidade.

Só sentes não voar mais cedo a ella.

Eis a elegia moderna! De que serviria notar em outros do poeta os trechos, que as exaltam, e os defeitos, que as assombram? Dado assumpto grande e adequado, este canto não mostra quanto podia ousar o engenho, apezar de quasi captivo pelo molde? Se alcançasse a nossa idade, com a isenção e as liberdades que a arte conquistou, até aonde chegaria com o genio?

Quando assim se julga, e ao lido das obras filhas das idéas litterarias do seculo 18.<sup>o</sup> se collocam os nomes e as produções dos auctores actuaes, esta longe da mente o vicioso methodo de sair do merito intrinseco para o vago parallello de confrontações, que tiradas em rigor seriam erroneas pelo menos.

Bocage não podia ser senão Bocage. A discussão sobre as regras e os modelos dos antigos, travada entre a escola classica e os innovadores, não tinha passado a fronteira, deve supprir-se: ou se a atravessou, o homem menos apto para lhe colher o sentido era Elmano na mocidade, e com as impaciencias de repentista. Se lhe escapam algumas faíscas, se o calor dos sentimentos lhe inspira em diversas poesias os trechos, que excedem o estadio usualmente percorrido, e a indole do seu engenho, notando-as, não se quiz senão torturar sensível a transigão, que ia operando-se lentamente.

O que succedou com Philinto, Macedo e outros, aconteceu com Manuel Maria. Somente de todos elles (ousamos crelo!) este foi o que nasceu dotado de mais prendas para illustrar um periodo de renovação. Aonde lhe fogem da vista os traslados, e não encontra as machinas mythologicas para fazer firmeza, as graças com formosura propria sorriem nos seus versos. Attestam-no os exemplos citados, e o que falta expor não é provavel que o destrua. Não ha ainda no trama do tecido poetico a novidade de matiz, e a franqueza de episolios, que de Chateaubriand e Byron por diante sujeitam as formas a accão, o lavor á scena, e o estylo aos costumes em rasgadas pinturas da natureza; mas no fundo do quadro, gasto dos empréstimos de tantas gerações de videntes, entre as tintas desbotadas de tantas copias, sente-se já como um reflexo das idéas proximas, e uma atreção mais animada vem refrescar a aridez da imitação. A musa nacional ainda está distante dos heres da arte, segundo a phrase de um critico recente, porém o echo do seu canto, com aquelle timbre juvenil que sóa vivo, já se annuncia de longe, animado aqui e acolá uma nota feliz no meio da uniformidade.

Quando Elmano expirou em dezembro de 1805 havia cinco annos que o futuro ministro de Luiz XVIII tinha publicado *Atalaia*: e tres que o Genio do Christianismo levantara o m. a eloquencia da razão os alicerces da escola do maravilhoso christico. Estes ensaios, é duvidoso quanto se naturalissem desde logo, e a ponto de firmarem seita, mesmo no fôco intellectual de França, sobre tudo o ultimo, encontra a resistencia cantuariz dos inva-

lidos do Parnaso. Os *Martyres*, a epopéa da religião, e a demonstração plena da feundidade da nova doutrina, só viram a luz em 1809, sendo morto Bocage; e a sua vulgarisção na copiosa versão de Francisco Manuel, tão auspiciosa para os poetas da renascença romantica, veiu tarde de mais para o traductor de Delille e de Castel. As *letras allemans*, e a poderosa iniciativa de Goethe, estylo é dizer, que só quasi no fim do primeiro quartel do seculo 19.<sup>o</sup> principião a sentir-se em Portugal, e com bem fracas sympathias ainda. Lord Byron, o cantor com quem mais afinidade tomara o engenho de Bocage, não estampou os seus preludios metricos, as *Horas de Ociosidade* (*Hours of Idleness*) senão em 1805, no mesmo anno do fallecimento de Manuel Maria, e só em 1809 verificou a viagem a Hespanha e Portugal, de que o Child Harold é a recordação injusta e admiravel ao mesmo tempo. Assim as perspectivas da inspiração e do gosto não tinham mudado; porisso, no louvor e na censura, nunca separámos Elmano da sua epocha, nem o julgamos fora d'ella. Considerámo-lo sempre no ambiente, que respirou, e na sociedade, que o influio. O contrario era falsificá-lo a physiognomia, dando a critica uma direcção, que não comporta.

No apoloquo Curvo Semedo vence a Bocage, como no ditthrambo Belchior não cede a primazia a nenhum. Os toques de ingenuidade e malicia, e o relevo da conceitual moralidade, que alegam com a phrase, e o requello desalfectado do verso, tornam deliciosas as suas fabulas, dignas de se desvanecer com alguma d'ellas a propria pena do mestre. Francisco Manuel, na traducção de Lafontaine, prodigalisou os thesouros da lingua, cuidando supprir com esta gala um pouco forçaria o que falta em sabor picante á sua copia, comparada ao original. Semedo não; sem esforço sobresa com a naturalidade, e fica em pé, mesmo em presenca do traductor dos *Martyres*. Mas o soneto, o idyllio, e a cantata, tres generos cuja difficuldade nem sempre é reconhecida pelo exito, são a corôa de Elmano. Pode asseverar-se abundantemente que não teve competitor quanto ao primeiro, e que a respeito dos segundos não recia medir as composições com as melhores.

O soneto deveu-lhe uma superioridade, que depois, e antes n'ella teve. Rivalisando em o Petrarca, se a mudo o não offensa, faz passar a facilidade com que entra na estreita medida imposta pelas regras. Modulando os tons mais arduos zomba dos curtos limites concedidos a idéa, e a elegia, como se lhe não pesassem, as prições artificiosas da metricação. As suas victorias quasi que se contam pelos combates nos variados typos que deixou. A viveza unese a valentia do metro, e a opulencia da rima. É uma gloria de inimitaveis miniaturas, muitas respirando a malicia de um pinel de Hogarth, estas exprimindo os sentimentos, e os aff. tos d' ilicados em indimo apuro; aquellas, reproduzindo o movimento impetuoso do mar e do oceano em passos vehementes. Nestes quadros de espontanea perfeição, ou estale a risada de Juvencal, ou se percebe a ternura de Propertio, ou a aspiração catholica de v. o canto, a chave de ouro arremata sempre com raios, e corôa de brilhante conceito o verso ultimo.

Em Bocage achava-se realizado o dom de Apollo, a que allude o auctor da *Arte poetica*. Vencidos os obstaculos de proposito accumulados sobre principio dos tenerezos, a supremacia lloza desce sobre o poema; e n.36 csem motivo que Bollaen acrescenta no canto II

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme :  
Mais en vain mille auteurs y pensent arriver ;  
Et cet heureux phénix est encore à trouver.

Essa raridade, que o critico julgava impossivel, á força de a repetir, acostumou-nos Manuel Maria a reputar-lhe em menos a difficuldade. Nos repentes, nas maguas, ou nas iras, o soneto era a sua forma predilecta. Podem citar-se duzias d'elles excellentes ; e pelos rapidos esboços aonde a travessa malignidade carregou o retrato das suas victimas é ainda facil reanimar na figura e na expressão bastantes d'ellas. Algumas vivem ali eternamente por infelicidade sua, votadas á immortalidade do ridiculo, por um lapis sem rival !

Nos idyllios (e escreveu não menos de vinte) não observou tanto o exemplar de Virgilio, como se inclinou ás modificações introduzidas por Gesner. Esquece-lhe frequentemente o preceito capital, e rabeata-se em figuras superiores á modestia do assumpto, perdendo da vista a simplicidade, que é a flor do genero. Lendo-se alguns logares lembra logo a censura de Bernardes :

Está tão mal a um pastor de cabras  
Tratar de astrologia e medicina,  
Como a um grande rei de gado e lavras.

Quer adopte a narrativa, quer ponha em scena a ecloga dramatica, Elmano pouco sustenta a graça e a frescura dos quadros pastoris, disfarçando o que a forma envolve de falso e constrangido. A symetria, a repetição, e as descrições, as quaes um fio tenue conserva apenas o equilibrio entre a ingenuidade verdadeira e a affectação amaneirada, violentam-no, e a indole acaba sempre quebrando o molde em algum esforço mais rijo. Succede-lhe o que Boileau disse de outros. A illaustria impaciente-o com a monotonia, e pouco tarda que não emboque a trombeta no centro dos bosques, fazendo espavorir o medroso Pan, e os Sylvanos, e affugentando as nymphas assustadas. Bion e Moscho, se aceno o guiam, é de longe ; os mais bellos passos de Bocage não descendem da Morte de Adonis nem do Amor Fugitivo. O que se admira, por exemplo, no seu idyllio de Tritão, são qualidades de estylo estranhas a poesia campestre. Naquelle figura magestosa ha tudo, menos o que permittem as regras. A descripção toma a grande altura, e a voz do amante geme em accentos tragicos, embora um ou outro periodo mais flavellethe adece os tons. Nesta ecloga o poeta luta em elevação com os epicos, e recorda bem pouco a lição de Theocrito ou de Virgilio :

Luziam-lhe as espadas escamosas,  
Sustentava o maritimo instrumento,  
O Luzio atreador nas mãos callosas :  
Conchas da cor do liquido elemento  
Parte do corpo enorme lhe vestiam,  
Igual na ligeireza ao proprio vento :  
Da barba salzas gotas lhe caíam,  
E nos olhos, que amor afogava,  
Em borbotões as lagrimas ferviam.

Como estamos proximos do Adamastor de Camões ! Dos vaqueiros, ou dos pescadores, que disputam em contendas metricas nos dialogos de Rodrigues Lobo, e dos imitadores, que deixa bem distantes da sua harmonia singular, é que não achámos senão a sonbra. Vejamos agora como Lilia em um instante se apodera da alma apaixonada de Tritão :

Um dia a via na praia, e só de vel-a  
Seu coração feroz eufetigado  
Vouu, gemendo, para os olhos d'ella !

As imprecacões nascidas da contradicção entre a ternura e a ira das palavras, e os encurtados transportes do ciúme e da ameaça, estão pintados com o maior vigor n'este formoso poema. O mesmo defeito e a mesma elegancia, mas em diferentes proporções, se nota na contextura e execução das outras eclogas. Pelas suas tendencias, o poeta avizinhou-se mais do canto elegiaco de André Chénier, nos idyllios do Cego e da Liberdade, do que estudou a escola já reprehendida por Fontenelle. O perfume pastoril e sentimental de Gesner resceide ás vezes tambem nos seus versos, mas pouco activo.

Causa pena, que em uma forma tão facil de enriquecer pela representação de paisagens novas e rissonhas, como as da Asia e de Portugal, Bocage ficasse inferior ao Alvarenga, e não se mostre primoroso senão em lauces patheticos, e vãos epicos, que o genero dispensa, se não eoudeuma !

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## SANSÃO NA VINGANÇA !

(1850)

E saucindo (Sansão) com grande  
força as columnas caui a casa sobre  
todos os príncipes, e sobre todo o  
povo que estava n'ella; e foram muitos  
mais os que matou morrendo, do  
que os que matara antes quando vivo.

JUIZES, cap. XVI, v. 30.

VI.

O PELOCRINHO.

NEM todo o dia 28 de outubro de 1850 passára tão poeticamente para Luiz Osorio, como aquellas horas de colloquio com Eugénia, na gruta de Camões; antes e depois d'esses doces momentos, tivera muito que fazer a bordo com a denuncia dada pelo condestavel contra o patrião da loreba; aquelle persistindo na accusação, este negando com o maior saugue frio, nada se podia concluir ali, e era preciso mandal-os ambos, bem escoltados, ao lugar de Matapau, para ver se se descobria a casa, ou algum outro indicio da conjuração; foi isto o que aconselhou o tenente, e cuja execução se reservou para o dia 29: o resultado da indagação vai o leitor conhecer-o.

Eram oito horas da manhã. A fragata D. Maria II e a corveta americana Marion, fundeadas no porto da Taipa, estavam garbosamente embandeiradas em arco, da mesma forma que as corvetas Iris e D. João I, que ancoravam no porto interior, em proximidade da alfandega; e dia nascera formoso, um brilhante sol fazia luzir a artilharia dos navios, e avivava as cores das bandeiras: era um dia de festa, o anniversario de um príncipe sabio, parecia que tudo respirava alegria a bordo da nossa pequena esquadra.

Nem tudo, nem todos. Dous homens desciam a essa hora as escadas do portão da fragata, ambos de gesto sombrio; alguns soldados os escoltavam, e o guarda-marinha Innocencio seguia a comitiva, encarregado de dirigir as indagações em terra, e entregar

Ahuy ao procurador da cidade. O outro dos prezos, era, já se vê, o nosso João Antonio.

Deixaremos por agora os navios, e seguindo a lancha, que abica á Praia Grande, veremos desembarcar os prezos entre duas fileiras de soldados, e atraz d'elles alguns chins da tripulação do barco, que vão ser perguntados pelo interprete da lingua synica acerca do assumpto da denuncia; finalmente o guarda-marinha Innocencio, que vem conversando com o capellão e o escrivão da fragata, cuja boa estrella os guiou n'este dia para fora do navio!



(LORCHA CHINEZA.)

Encaminharam-se para o largo do Senado a buscar o procurador e o interprete, e logo que estes se incorporaram ao prestito seguiram direitos a Matapau. Ali repetiu João Antonio a sua deposição, e procurou debalde a casa em que estivera dois dias antes; entrou em muitos *chals*, penetrou em muitas barraças; todas se pareciam, mas nenhuma era a que elle buscava. Em vão carregava em quantas silencias via pelas paredes, buscando a molda do alapaço: por fim já lhe parecia que fora um s'culo tirado que vira no conselho dos anéis, e n'uma perplexidade estúpida declarou que não atinava com a casa, que a haviam tirado d'ali, ou que nunca existira.

Innocencio ficou bastante penalizado com este desfecho, porque antevia o que teria de soffrer o soldado, tomando-lhe porventura como d'effeito d'encumbrança aquella denuncia, que se não provava; João Antonio emudecera, e suspirava n'aquelle mysterioso tal forma, que teria encolheu-se se houera n'aquelle ordem pudessem enlanguescer; quanto a Ahuy, que havia mandado prevenir o chefe dos anéis por um dos marujos da lancha, estava certissimo que n'ella se encontraria a casa, por que tudo estaria mudado aquella hora. Assim succedeo; João Antonio carregava com as culpas, e em outro paiz qualquer s'ria logo posto em liberdade o accusado; porém em Macau ha um processo especial para administrar justiça aos chins, e os meus leitores vão ver por que forma Ahuy foi convencido de crime, e como se descobriu quem era este personagem.

O guarda-marinha despachou dois soldados de escolta ao condestavel, e disse-lhes que embarcasssem n'algum escaer que estivesse na affandega; escreveu a pressa um officio de poucas linhas, narrando

o resultado da investigação em Matapau, e entregou-o a um dos soldados; depois cortejou o procurador, e retirou-se, deixando-lhe Ahuy, os chins da lancha, e o resto da tropa.

Acompañe-nos o leitor a procuratura da cidade, e encontrará um tribunal como não podia suppor que existisse ainda no seculo 19.<sup>o</sup>, em um paiz que se diz portuguez e civilizado!

Em um dos lados de uma praça triangular estastuado o palacio da municipalidade; esta corporação ainda ali tem o pomposo titulo de Real Senado de Macau, mas nenhuma das suas antigas attribuições governativas; é porém composta pela seguinte forma: — um presidente, dois vereadores, dois juizes ordinarios e um procurador, todos de eleição popular; reunidos, não tem mais prerogativas do que qualquer camara do reino; funcionam porém, alternados, na junta de justiça, tribunal superior da provincia imaginaria de Macau, Timor e Solor; mas o procurador, por si só, exerce uma auctoridade sem limites sobre a população chinesa da cidade, isto é, sobre nove decimos dos seus habitantes. N'esse mesmo edificio do senado esta o terrivel tribunal da procuratura; tem um interprete superior do idioma chinez, e outros subalternos a que chamam *linguists*, tem meirinhos e carrascos; e tem além, no meio da praça, essa columna de pedra que, em outra parte, só denotaria o foro da povoação, mas que n'esta cidade é um logar de supplicio e exposição de criminosos; o pelourinho!

Ali se amarra com a propria traça, e de barrete na cabeça designando as culpas, á guisa de carocha da inquisição, o miseravel racioneiro que não teve com que ameaçar a policia! Ali se prende o infeliz que roubou um pão ou algumas sapecas, para levar centenas, milhares de pancadas com um grosso bambu! Ali se arranca a pelle ao criminoso que não tem dinheiro para se reunir. . . e tudo isto por sentença do procurador, que é graduado mandarin do imperio celestial, mas não graduado em leis, e mediante um processo verbal e summario, em que intervem o interprete em um dos linguas, porque o procurador vulgarmente não falla chinez, além de não saber mesmo as vezes escrever o seu nome, nem ter as menores noções de direito. Este funcionario tem, affora a sua agencia, trescentos taéis de ordenado, apesar de ser eleito pelos seus concidadãos, e gozar das honras de mandarin chinez.

Explica-lo pois o que é o procurador e a procuratura, vejamos entrar o esgoso mandarin *in paucibus*, seguido do interprete, dos linguas, dos meirinhos, da tripulação da lancha, dos soldados, e do povo que accede sempre a estes espectaculos *gratis*, com a curiosidade de gente ociosa. Mesmo no vestibulo do palacio começa o interrogatorio do réu e das testemunhas, e como n'ella se conclua de seus depoimentos, manda o procurador amarrar Ahuy ao pelourinho, e ordena que seja fustigado por outro alentejo chím. O peccante não grita muito; e como o geral dos seus compatriotas quando os flagellam, soffre calado aquelle insustentavel arbitrio, e todavia ja o sangue lhe escorre das feridas, e a pallidez lhe assoma ao rosto. Depois de receber uns duzentos agotes, manda o procurador retirar do pelourinho, e ameaça o resto dos tripulantes da lancha de soffrirem igual sorte se recusarem como Ahuy confessar aonde se reúne o conselho dos anéis, e que genero de relógios existe entre o proprio Ahuy e esse conselho.

Aterrado pelas ameaças, um dos mais jovens de entre os marinheiros chins depois que era verdade existir a casa mysteriosa em Matapau, mas que desde a vespera os seus moradores haviam fugido pa-

ra Cantão; que Ahuy se fizera patrão da lancha com a intenção de prejudicar os christãos, e que aquelle disfarce encobria o mandarim da cidade, que fugira por occasião do assassinato do *pidau* (palavra chinesa que designa um *cu-lilho*, chefe de soldados, e que elles applicam ao governador de Macau).

N'esse calamitoso dia o procurador teria receio só de encarar o mandarim, seu collega, mas agora era differente; resolveu elle em sua alta sabedoria reenviar para bordo o pobre Ahuy, mas antes, pelas duvidas, mandou-lhe dar outros duzentos agoutes, que o mi-ero soffreu com a maior resignação (1).

Era quasi uma hora da tarde quando se concluiu este auto de fé; já as fortalezas da cidade e os navios de guerra nacionaes e estrangeiros haviam salvado, e o conselho do governo recebia os cumprimentos dos ministros estrangeiros e das corporações nacionaes pela festividade do dia, quando compareceu no palacio o nosso procurador, que tambem pertence ao conselho, e que vinha dar parte aos seus collegas do famoso achado que fizera; e approvado o seu procedimento, resolveram entregar a causa ao juiz de direito, para desde o seguinte dia proceder ao competente processo.

Em quanto porém Ahuy e os outros chiús embarcavam na lancha sob a vista dos soldados, e se encaminhavam para a Taipa, outros successos tinham logar a bordo da fragata D. Maria II, que preparavam o tragico fim d'esta historia, como verá quem lê o seguinte e ultimo capitulo.

(Continua.)

F. M. BORDALO.

#### ARCHIPELAGO DE CABO VERDE. (2)

Como todas as ilhas d'este archipelago, a de Santiago, ou como disse a de Cabo Verde, é orlada de uma quantidade mui grande de calhetas, portulhos e abrigos (pela maior parte só proprios para lambotes e embarcações menores), os quaes me não demorei a designar pelos seus nomes para me não tornar fastidioso, e ate porque de uma grande parte até já elles me esqueceram: ha porem alguns que não são indignos de que faça d'elles menção especial, já pela sua tal ou qual importancia commercial, já pela capacidade do seu fundeadouro, onde podem ancorar bem a vontade escuras, brigues e até embarcações de maior lote; ainda que a todos faltem algumas das condições que são necessarias a qualquer fundeadouro para merecer o nome de porto.

Deixando para ultimo logar o que a todos os respectivos merece a primazia, estes portos são os seguintes:

O porto da *Cidade*, ao sudoeste da ilha, e que dista da villa da Praia umas seis milhas. Ainda que é ordinariamente procurado só pelos lambotes, e algumas pequenas escuras, podem n'elle fundear grandes embarcações, como brigues e até galeras; comtudo sómente é procurado por alguns estrangeiros, que ali vão enganados pela apparencia de rica e vasta povoação, que em distancia parece haver ali, ou para fazerem a salvo o contrabando. Era nos secu-

los 16.<sup>o</sup>, 17.<sup>o</sup> e ainda em grande parte do 18.<sup>o</sup> um porto frequentado: e só começou a decaír depois que a companhia do Grão-Pará e Maranhão prohibiu aos seus navios que demandassem aquelle ancoradouro; e que o governador Joaquim Salema de Saldanha Lobo, em 1770, transferiu de direito a sua residencia e a das repartições superiores para a villa da Praia, em observancia do alvará de 14 de agosto de 1612, que assim o tinha determinado, mas que até então ficára em letra morta. E' pouco abrigado no tempo das aguas, e muito cheio de rato, o que se attribue á incuria com que as autoridades toleravam que as embarcações, que ali iam carregar, lançassem ao mar os seus lastros de pedra (o mesmo ha de succeder a todos os outros portos da provincia se não se cuidar mais do que se tem até agora feito na observancia do regulamento dos portos de 23 de dezembro de 1812). Ainda hoje ao pé de terra, confrontando com as torres da Sé, ha um bom pedaço de ancoradouro de fundo de areia, onde não chegavam as embarcações grandes por a difficuldade e perigo da saída, nas occasiões de travessia, e que por isso escapou á má sorte do restante.

O porto da *Ribeira da Barca*, a oes-noroeste, e distante da cidade umas vinte milhas. E pequeno, pois apenas poderão estar n'elle fundeados quatro brigues ou cinco ao mesmo tempo; com o espaço necessario para carregarem, mas abrigado, e de bom fundo, e a pouca distancia da terra, o que é muito commodo para carga e descarga.

Ainda que todos os annos vão a este porto patachos e brigues carregar puzgeira e milho, e que ainda em principios de 1812 ali fossem algumas barcas estrangeiras, antes que o governador geral Bastos lizesse observar as leis que velam aos estrangeiros a entrada em portos sem alfandega, e os principios de direito publico, que lhes vedam o commercio e navegação de cabotagem, houve já um official da nossa marinha de guerra, que sendo commandante d'uma pequena escura, empregada no serviço da provincia, teve medo, ou fugiu tello, de demandar este porto e de n'elle ir fundear em cumprimento de ordens superiores, que força foi revogar por um motivo bem facil de apreciar, e que por isso é desnecessario que aqui o declare!

É um bom ponto de commercio pelos muitos artigos de produção do paiz que a elle se podem facilmente trazer, e que com a mesma facilidade se podem carregar a bordo dos navios. Se a capital da provincia se transferisse da villa da Praia para o sitio d'Achada-Falcão, que lhe fica a distancia apenas talvez de meia legoa, este fundeadouro cresceria em importancia pelo movimento maritimo que logo se havia de estabelecer; e a povoação proxima, que ha pouco mais de onze annos começou aqui a fundar-se, e que vai crescendo pouco a pouco, chegaria em pouco tempo a mui alto estado de grandeza e de prosperidade.

A *baía do Tarrafal* encostada ao moule do mesmo nome de Tarrafal, e situada a N. da ilha, offerece aos navios um bom porto, limpo, e que é seguro no tempo das aguas, ainda que bastante desabrigado, e por consequente não sem perigo no tempo das brizas. Tem bom fundo de areia fina de 8 a 12 brazas de profundidade, e é bastante frequentado pelos navios que vão buscar puzgeira, como d'antes o era pelos que iam carregar urzella. Os baleeiros tambem frequentavam muito este porto ha cousa de 14 annos, e não sei se ainda agora os deixam lá ir.

Não ha n'este sitio povoação alguma, o que tor-

(1) Esta scena de invenção não é menos verdadeira no fundo, posto que os accessorios o não sejam. No proprio boletim official da provincia se encontram d'estes julgamentos.

(2) Continuado do n.º 45 do vol. 2.º, serie 3.ª

na este porto muito accommodado as operações do commercio fraudulento por meio das quaes introduzem os contrabandistas generos prohibidos, e mercadorias que o não são, mas de que não querem pagar direitos. Desde 1842 até 1847 estas fraudes quasi que exclusivamente se realisavam por meio dos navios baleeiros, o que a tornava muito mais importante: depois que se permittiu aos estrangeiros que fossem a este e a outros portos chamados do interior, consta-me que as fraudes tomaram tamanhas dimensões, que o commercio licito da villa da Praia chegou a resentir-se. Mais modernamente não sei se se tomaram algumas providencias tendentes a fechar de novo este e os demais portos aos estrangeiros: ao menos eu tenho uma idéa confusa, de que assim se fez, a instancias do sr. deputado Arrobas. Desejo muito que seja assim.

O porto de *Pedra Balço*, situado a L. da ilha, dista da villa da Praia umas quatorze milhas, pouco mais ou menos. É porto seguro, e como tal muito frequentado, na estação das aguas e mezes proximos, mas e por isso mesmo de algum risco no tempo das brizas. Aqui costumam vir embarcações de reger de milho, e feijão chamado vulgarmente favona, assim como semente de pargueira, artigos que concorrem com muita abundancia para a exportação.

(*Continúa.*)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

#### ESBOÇOS DA VIDA MILITAR

#### IV.

#### O dever.

ESTUDANDO a marcha dos acontecimentos da Europa actual, que se apresenta cheia de vida, de actividade e de industria, assim como as phases ou circumstancias, que têm acompanhado o seu desenvolvimento, vemos uma politica menos relexiva trilhando veredas oppostas, e fazendo alentar com reconhecido estudo tendencias notaveis, ou para uma retrogradação insensata, ou para os excessos d'um maior impulso no espirito do progresso. Sabemos é verdade, que a lei que preside a este, é a lei da propria natureza; mas tambem conhecemos que esta lenta na sua marcha, que as suas forgas têm limites, e que só no equilibrio d'ellas esta a sua conservação. Pretender passar além sem pôr cadeas razoaveis a essa expansão, que tanto lisonja o coraço do homem, que pela sua natureza corrompida é mau, é querer igualmente retrogradar a influencia da sociedade, ou antes a um estado de liberdade solvatica. Pretender vincular em extremo as acções do homem, soffrendo contrariedade absoluta, e a reacção de idéas, que já formam para o mesmo homem um collizo, um dano, e elles conhecer no estado presente o imperio da superioridade intellectual e moral. Por tanto ambos os principios pela sua demasia poderão encontrar-se, ou atirar-se; ou por caminhar de mais, e porque a fôrça de se atirar, se desvirtua; outro porque a fôrça de trabalhar em procurar os mesmos elementos para a sua recomposição, que já não encontra; para este fallham completamente os recursos da syntaxe, e para aquelle tornam-se infructuosos os d'analyses, porque tambem a fôrça de tanto desluzir os direitos do homem, estancam de todos os matancias da sua real e solida felicidade. São verdadeiras utopias.

No meio de todas estas considerações, em que di-

vaga o nosso sentir, temos sempre a olhar o espirito militar, em razão dos diversos aspectos, que nos offerece, como o principal elemento a operar conjuntamente com os outros constitutivos da sociedade. Muito se tem agitado nos tempos modernos a importante questão dos exercitos permanentes; mas qual quer que seja a face, que possa apresentar, disenti da ella; nenhuma outra resolução poderia ter, que não fosse aquella, filha da necessidade, em que estão os povos de fazer a guerra, para repelli as aggressões, que lhes são feitas, e defenderem-se, ou para recuperar legitimamente direitos usurpados; e não para atacar e conquistar: as necessidades politicas equivalem ás melhores razões. Logo só devem fabricar o instrumento de guerra para aquelles fins, e já mais para transtornar os destinos pacificos dos povos, ou para sustentar os interesses de uma facção, ou de um poder.

Assim, para purificar o espirito militar em relação aos pontos de vista, em que o considerámos n'estes diversos quadros, que vamos tratando, da vida das armas, e mister evitar, e reduzir aquelles que a exercem ao desempenho absoluto dos deveres d'um acrisolado civismo. Com effeito ha uma lei de relações, que obriga todo o mundo; ninguém a desconhece: basta boa fé, e razão clara. Cada um em virtude d'esta lei deve praticar certas acções, e omitir inteiramente outras. A sua linguagem é na verdade imperativa; manda, ou prohibe; até violenta, e d'algum modo tyrannica a nossa vontade: n'isto se dá o bem do homem. Por tanto ha deveres para elle; e se fallham esta condição, este grande movel, nenhum sentimento haveria de condemnação, ou de premio; de bem, ou de mal; de vicio, ou de virtude: cada um só praticaria aquillo, que lhe aprouvesse.

Toda a moral, todos os deveres civicos se refundem nos seguintes preceitos fundamentaes, sancionados pelo tempo, pela razão eterna, e pelas tradições religiosas, e philosophicas, ainda as mais remotas.

— *Não juques a outrem aquillo, que vós não quereis, que se vos fizesse.*

— *Pratic os outros homens, como desejariis, que elles vos tratassem.*

— *Amad o vosso proximo como a vós mesmos.*

Esta triplix formula impoita regras de proceder, eminentemente santas e populares: é fecunda e luminosa em todas as suas generalidades.

Militares: Os vossos deveres são innumeraveis: a vossa intelligencia vos descortina os meios de procurar a maior somma de felicidade para os vossos semelhantes, fazem o reinar a fraternidade pelos bellos sentimentos de uma justa liberdade, e razoavel equidade; conformae-vos com as leis da razão, e da consciencia por ella illustrada. Olhae, que estas tambem vos detraem, que a humilhade, virtude tão apreciavel, bellamente se pode alliar, assim como todas, com o caracter militar. É necessaria em todos os instantes da vida do soldado; deve acompanhá-lo desde o momento, em que elle empunha as armas, até ao mais eleva lo grau da escala militar, a que possa ser chamado em razão do seu merito e servicos. A humilhade, de que aqui fallamos, não é a humilhade evangelica, que consiste n'uma sublime pureza, aquella que prescrevemos é tola philosophica: certamente não queremos mysticos; mas sim patriotas.

Os vossos direitos são tambem innumeraveis, mostrae-vos diligentes no exercicio d'elles, ou no modo de os fazer valer, isto é, na exigencia dos vossos, que possam corresponder-lhes da parte dos outros homens, sem lhes causar a menor quebra, ou detrimento. Sabei que o dever é o unico soberano; só elle

tem legitimo imperio sobre a nossa vontade. As paixões todas, e todos os sentimentos que podem agitar a alma, têm a ceder-lhe a preferencia, obedecendo-lhe, curvando-se diante d'elle, e até emmudecendo; é universal e immutavel, como a lei natural, donde elle nasce. «*Nec vero erit* (diz o immortal oraculo da liberdade romana) *lex alia Romæ, alia Athenis, alia nunc, alia posthac.*»

Felizes aquelles paizes, que têm produzido homens cheios de santo amor patrio, e de fidelidade militar, como um d'Assas, como os dous Regulos, romano e portuguez, como um Gonçalves de Faria, e outros. A historia geral e militar citarão sempre com interesse o nome d'estes heroes, admiraveis prototypos de virtudes civico-militares; assim o merito de taes acções, em tudo distinctas, dá-se na execução d'esse sagrado dever, que olhamos como verdadeiro eixo, em que gira a esphera da sociedade. E diremos mais, que esse dever da parte d'aquelle, que exerce a profissão das armas, não consiste unicamente em saber votar-se com brandura pela patria; mas em saber viver como homem, e como cidadão, isto é, de modo que contribua, quanto possa ser, para a prosperidade da nação, a que pertença. E pois ao militar, a quem mais cabe a guarda d'este posto glorioso, d'esta ara santa, onde só lhe cumpre ofertar incensos puros.

J. C. DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

IV.

N'ESTE ponto a autoridade de Goes não é tão absoluta nem tão incontestavel, como muitos irreluctadamente têm inculcado. A capacidade e agudeza do chronista não as negaremos, mas no seculo em que viveu a arte critica nas suas philosophicas applicações á historia era desconhecida, e o mister de chronista reduzia-se a cirgir noticias mais ou menos dispartadas ou contradictorias, sem discussão da verdade ou da verosimilhança, sem indocção, nem respeito ás consequencias emergentes. Goes foi coevo e domestico d'el-rei D. Manuel, que ordenou as diligencias a respeito da estatua: nasceu em Alemquer em 1501, passou em 1510, á corte onde se educou, e foi seu camareiro e guarda-roupa; mas não diz que viu o debuxo, que do monumento fizera Duarte de Armas, que pelos annos 1507 apparece empregado em commissões do rei, tempo em que proximamente, se effectuaria, se effectuou, a sua ida á ilha do Corvo; nem que vira os fragmentos da estatua, que alguns dias estiveram na guarda-roupa do rei; sendo provavel, que, quando taes cousas occorriam, nem ainda Goes tivesse entrado no paço, ou, por sua juventude, nem fosse empregado n'elle. Estas circumstancias diminuem, se não destroem, a possibilidade de o suppormos já por aquelle tempo em occasião proxima e contacto directo com as cousas de estado; tirando-lhe para o nosso caso a força que teria se pudesse ser, ou elle mesmo se confessasse testemunha presencial, como o faz, a respeito d'outro objecto, na IV parte, e. 20 da chronica do mesmo rei D. Manuel, relatando cousas que na camara real ouvira em 1517, quatro annos antes do fallecimento do monarcha. Finalmente tambem não contestámos a probabilidade do chronista, mas sim a dos de quem teve lição, e que abraçaram porventura a nuvem por

Juno, conservando-se até ao fim no primeiro engano, ou fazendo profissão d'elle com tão damnada consciencia, que sacrificavam a verdade ao amor proprio. A quem não mentiria quem assim mentia ao rei, accusando a tormenta invernal, do que só fóra impericia ou desleixo proprio? Uma mentira reconhecida dá margem á desconfiança, e a supporem-se outras. N'este caso a probabilidade de Goes porventura naufragou archivando sem consideração ou correcção palavras dos que mentiam ou por innocencia, ou por necessidade do orgulho revoltado contra o desengano; e não se leve a mal que procuremos corrigil-o, porque já no t. 5.º p. 474, 476 e seg. da *Historia genealogica da casa real portugueza*, o padre Antonio Caetano de Sousa se permittiu censurar-lhe pouca advertencia a respeito de outro ponto; e o sr. visconde de Santarém, a p. 27 da sua obra *Recherches sur la découverte des pays situés sur la cote occidentale de Afrique*, foi contra elle, apesar dos argumentos que produziu ácerca da data da primeira viagem de Cadamosto.

Parece-nos ter definido o que n'esta discussão deve valer a autoridade do chronista. As considerações feitas dão a quanto d'elle transcrevemos o caracter de noções recebidas d'outrem, e a favor das quaes está bem longe de empenhar o seu testemunho. Entraremos agora n'alguns reparos ao texto.

A cada passo nos revela Damião de Goes os poucos conhecimentos adequados que tinha no ponto que ora discutimos.

Como é que com a ilha do Corvo, por ter uma serra alta, se demarcam os navegantes, quando demandam qualquer das outras? A ilha é a menor e a mais septentrional das agorianas. Quem vai do norte, leste, ou sul; quem vai do velho mundo, topa primeiro com as outras, maiores, mais elevadas, mais grupadas enfim. Quem vem do sul ou de oeste; quem vem do novo mundo, succede-lhe outro tanto, ou primeiro avista a ilha das Flores, que se apenas está separada da do Corvo por um canal de nove milhas e meia, fica porém mais ao sul e mais a oeste, e é terra muito mais alta e volumosa. Só quem vem do norte ou nordeste da America, (o que n'aquelle tempo era errota desconhecida ainda) a pode avistar pelo noroeste, ou norte, e ainda assim não sabemos se a avistará primeiro ou independente da proxima ilha das Flores, quando a maior montanha d'esta (o *Morro grande* ao norte) mede 942 metros, em quanto a maior elevação da ilha do Corvo é de 777 metros, no pico pelo sul da *Caldreira*.

Escrévendo do achado da estatua na chronica de D. João II em quanto principe herdeiro, (chronica que no tempo só alcança até agosto de 1481) mostra Goes que não fóra contemporaneo do achado. E não será couza muito para admirar que tão singular antigualha fosse descoberta no reinado de D. Afonso V, atravessasse o de D. João II, e fosse perder-se no de D. Manuel, sem que nem um só documento ou escriptor contemporaneo falle n'ella, gloria que ficára reservada, a quem, depois de tudo consumado, e passado o reinado de D. João III, apparecesse no de D. Sebastião?

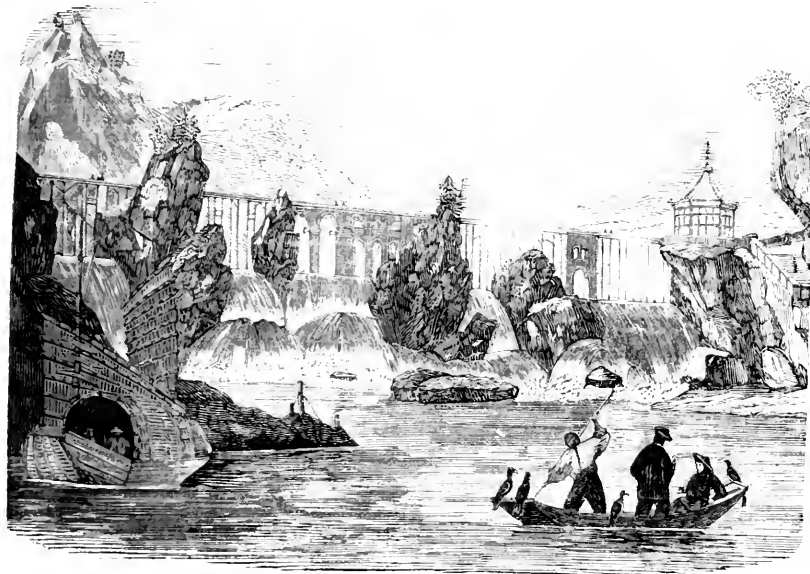
(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

— A justiça chama sobre nós as benções de Deus e dos homens: e o iman não atrahê mais o ferro, nem o conductor o raio, do que a injusta atrahê sobre as nossas cabeças todo o genero de males.

BASTOS — MEDITAÇÕES.





CHINA — PONTE SOBRE PILARES.

Os CHINEZES, povo verdadeiramente singular sob varios pontos de vista, distinguem-se muy particularmente pelo caracter, para assim dizer, typico de todas as suas construcções, ja religiosas, ja civis ou militares, algumas das quaes podem sustentar o parallelo com as mais arrojadas obras produzidas pela enzenharia moderna.

Em nenhuma edificacões contudo os chinezes mostram possuir tão extensos conhecimentos architectonicos como nas das pontes, que em grande numero se encontram pela superficie do imperio celestial.

A mais notavel de todas as pontes que existem na China é a de Suen-teheou-fou, na provincia de Fo-kien. Tem mais de mil e duzentos metros, é sustentada sobre duzentos e cincoenta grossos pilares, que terminam de uma e outra parte em angulo agudo. Todas as pedras empregadas são de dimensões enormes, custando a comprehendêr como se pudessem conduzir aos lugares em que se acham collocadas.

Em Fou-teheou-fou, capital da mesma provincia, existe uma outra ponte quasi tão admiravel como esta, por quanto o rio sobre o qual foi lançada não tem menos de dois kilometros de largura, mas excede a todas sem duvida, no arrojado, na ligeireza, e até na elegancia, a que existe na provincia de Chen-si. Pode compararse, pelas suas dimensões, aos mais excellentes trabalhos que nos legaram o christ-

genero os romanos, aos quaes alias é muy superior no systema geral da construcção. Aquella ponte é a que a nossa estampa representa com toda a fidelidade.

## ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

HAVIA tambem no seculo 17.<sup>o</sup> um porto chamado dos *Mangues*, que não parece hade ser o que actualmente se nomina *Moaqua*, conjectura que procede da muita simillanca de nome. Confesso porém que se a minha supposição é exatta ha hoje uma muy grande differença entre o que então era, e é hoje: aquelle tam, e fundeavam muy a vontade alteros navios, e este hoje apenas pode ser visitado por humildes lambotes. Se ambos não são realmente senão um só e mesmo porto, digo eu que as revoluções maritimas tambem tem aqui causado profundissimas alterações: mas se elles são distinctos, ainda essas alterações foram muy profundas, pois não ha quem dê noticia d'esse porto dos Mangues. Em todo o caso, ou como materia a estudos e averiguações, que podem ser de grande utilidade, ou como uma recordação historica, parece-me que não fiz mal em consagrar estas poucas linhas a este assumpto.

O porto da *Ilha da Praia*, que é sem contradicção o melhor da ilha, e que entre todos os da provincia occupa o segundo lugar, demora ao S. É uma

bahia, formada pela ponta das *Bicudas* a L., e a da *Temerosa* a O., que offerece espaçoso e limpo fundeadouro desde a ponta do *Isconde* e o illhéu de *Santa Maria* (já dentro da bahia), illhéu que está visinho da ponta da *Temerosa*. No tempo das brizas é porto seguro por ser abrigado dos ventos de N. O. a N. E. que reinam n'aquella quadra, com profundidade de 3 até 20 braças de bom fundo pela maior parte.

Os ventos de nordeste a les-sueste incommodam bastante por aguçarem muito o mar, ou causarem grande resaca na praia, o que torna difficil o desembarque das pessoas, e causa grandes avarias no de fazendas com prejuizo do commercio, e detrimento das rendas fiscaes. Este mal que se sente ha mais de um seculo, que ha quarenta annos pelo menos se lamenta, ainda está hoje fazendo os mesmos prejuizos, porque ainda se não quiz deversas fazer um caes. Entenda-me quem quizer.

Na estação das aguas em que frequentemente sopram os ventos dos quadrantes de sueste a sudoeste, este porto, por ser descoberto por esse lado, é perigoso para os navios que fundeam no ancoradouro ordinario a não ser que se possam encostar ao illhéu, dando contudo resguardo aos baixos que ha em roda d'elle; porém não aconselharia a que o façam capitães que não estejam bem praticos do porto, pois é necessario attender por uma parte ás trovoadas, que são aqui mui perigosas, e por outra ás restingas que o illhéu deita para fora, de sorte que se ficar mais ao mar do que deve para evitar as restingas corre grande risco com as trovoadas, e se para as evitar encostar-se ao illhéu mais do que convem, corre perigo de encalbar.

Como não sou maritimo, não me comprometto pela inteira exactidão d'estas informações que, como facilmente se presumirá, me foram fornecidas por pessoas que considero competentes, mas que poderiam enganar-se; o mais seguro portanto, é que os navios que demandarem este porto depois do plenilunio de julho, ou que n'elle se acharem por essa occasião, fundeem fora de pontas ao sul da ponta das *Bicudas*.

Lembro porém que não é conveniente levar a *prudencia* tão longe, que se siga o conselho que dá o auctor dos *Ensaes estatisticos*, no volume em que trata d'esta provincia, a pag. 10 da segunda parte, como si fazer a alguns officiaes da nossa marinha de guerra, que, logo nos principios de julho, não queriam fundear de pontas a dentro; servindo assim de ludibrio, não só aos officiaes da nossa marinha mercante, mas, o que é alguma coisa mais custoso, aos officiaes estrangeiros d'aibas as marinhas. Digo isto, porque bastantes vezes ouvi o que uns e outros diziam d'esses officiaes, e da sua sciencia e pericia; tendo assim, por culpa de alguns, em menor conta uma corporação tão respeitavel, o que já é um grande mal, posto que haja outro ainda peor, que é o deslavor que reflecte sobre todo o paiz, que não é culpado na ignorancia, ou na excessiva timidez d'aquelles a quem me refiro.

É possível que aqui ha 50 annos, quando a estação das aguas começava em maio e terminava em outubro, fosse necessario comparecer em *anchos* de maio as canellas que agora basta só que se tomem depois de meados de julho, mas essas alterações em paiz pertencente a Portugal, e tão proximo d'elle não devem ser ignoradas de quem nenhuma desculpa neces. quando as não saiba.

Nesta ilha ha somente duas povoações que mereçam uma descripção especial: e são a que ainda hoje se chama a *Cidade da Ribeira Grande*, e a *villa da Praia*. Aquella pelo que foi, esta pela sua im-

portancia actual, exigem que d'ellas diga alguma cousa.

A *Cidade da Ribeira Grande* foi por muito tempo a capital não só da ilha, mas de toda a capitania. O seu nome provem-lhe de ser o ponto aonde se reuniam duas caudalosas ribeiras, que assim formavam uma *ribeira grande*, a qual já desaguar no oceano.

Constava nos seus bons tempos, n'esses tempos de opulencia, de que hoje nem ao menos ha lembrança entre os seus moradores, de cinco mil visinhos para mais, distribuidos por duas freguezias que eram: a de Nossa Senhora do Rosario, e a da Sé. Havia aqui familias ricas e nobres, que habitavam em casas sumptuosas feitas de cantarias e marmores de Portugal, e ornadas com os seus brazões. Attestam-no os escombros que atulham aquellas ruas e praças, d'antes tão cheias de vida e de magnificencia, e hoje miseraveis de immundicie, e desertas; e attestam-no os marmores e cantarias, que em diversos tempos se têm tirado do entulho, e conduzido para a villa da Praia.

Dista por terra, da villa da Praia, cousa de tres leguas para O. Está situada n'uma baixa, entre serras a pique e o mar. Cortam-n'a duas ribeiras, que no tempo das aguas são caudalosas e medonhas, e que vão reunir-se formando uma lagoa a pouca distancia do mar. A estas duas ribeiras se deve em grande parte a destruição da cidade, porque depois de grandes chuvas faziam correntes tão violentas, que saindo de seu leito arrastavam consigo gente e até edificios, como aconteceu na noite de 18 de outubro de 1763, em que foram derribadas muitas casas, e pereceram nove pessoas de que nunca mais houve noticia. Ainda ha poucos annos se viam no fundo do porto cunhaes, pedras de sacada, e umbreiras, restos deploraveis d'estes e d'outros muitos edificios.

No dia de hoje apenas contém 94 fogos, pela maior parte miseraveis, com 500 a 600 habitantes, entre os quaes figuram os ecclesiasticos e outros empregados da Sé, e as suas familias, tudo gente tão pobre, que em 1839 ou 1840, não podendo pagar a decima de 14\$400 réis, que lhes estava lançada, e sendo por isso relaxados ao contencioso, o juiz de direito, o sr. Guardador, pagou por elles, para não augmentar mais a sua desgraça. Esta miseria, realmente digna de lastima, data do tempo em que pareceu abandonar-se inteiramente todo o culto religioso; mas deve actualmente estar mais melhorada, porque já na diocese ha um bispo.

A cada passo encontram-se restos de fortificações dos tempos anteriores a 1712, e de obras de pedra feitas depois: eram pela maior parte paredes de pedra e barro, que se concedoravam com pomposos nomes, e que serviam mais para augmentar lucros indevidos, do que para defeza e segurança da povoação. Estes destroços e os das casas dão ao terreno um aspecto sinistro, que magoa o coração.

Aquella de que as ruínas ainda captivam a attenção, é a fortaleza chamada real, que foi construída, segundo a tradição, no tempo do dominio hespanhol. Ainda hoje se conhece perfeitamente o seu traçado. Está assentada no topo da mais alta das serras que dominam a povoação, e constava de quatro baluartes, com seus competentes quartéis para a guarnição, cisterna, paiol e as demais officinas necessarias; hoje vêem-se ruínas sobre as quaes descancam algumas pedras de ferro (sem reparos, e encravadas desde a invasão dos huguenotes francezes), que dormem preguiçosamente um sonno de morte. Ainda em 1844 havia aqui um condestavel, que realmente não sei o que fazia, nem o que poderia fazer.

As igrejas de Nossa Senhora do Rosario e a da Misericórdia, que ainda existem, posto que n'um deploravel estado de ruina, principalmente a segunda, e a da Sé, ainda em sobreviver estado, parece que estão ali para condemnar os governos que Portugal tem tido ha um seculo atraz pelo seu criminoso desleixo, ou seu odio mal disfarçado, e para convidar a geração actual, tão descuidada e ingrata, e tão inimiga de si mesmo, a que volte a melhores sentimentos, mostrando-lhe o nada das grandezas humanas, e que só a religião catholica é eterna. Tudo caiu em derredor d'ellas, ha um seculo que as ruinas se amontoam por todos os lados, já pela acção destruidora dos tempos, já pela picareta demolitoria, só a cruz está ainda em pé, e estende os braços para que n'elles se lancem os homens se querem ser felizes mesmo n'este mundo.

Esta igreja do Rosario, que por alguns annos serviu de Sé, consta que foi mandada construir pelos christãos de Guiné (quando ainda lá havia christãos), aos quaes ajuntaram seus donativos os pretos naturaes da ilha. Era ella muito rica em ornamentos e alfaias preciosas, que os francezes saquearam em 1712.

Do grande numero de ermidas e capellas que havia, já nem uma se vê!

A igreja e o convento dos frades capuchos, cuja ordem foi extinta em 1831, pode dizer-se que já não existem pelo desleixo dos homens que governaram a provincia até 1840, e ainda mais que pela inclemencia das estações, e pelas estragas do cupim. Em 1842 mandou-se tirar uma porção de telha para se não perder como a outra que já tinha caido com a armação do telhado, e algumas poucas alfaias que haviam escapado á rapina, e em 1840 já somente se viam de pé algumas paredes, que se iam esboracando pouco a pouco. O seminario diocesano, que não chegou a concluir-se em 1820, apenas conserva a frontaria e as paredes lateraes com algum vigamento podre e carcomido; o palacio episcopal, inhabitavel, é de todos os edificios o que tem resistido mais, porque sendo abandonado no tempo do bispo D. Fr. Pedro Jacinto Valente em 1754, apenas com breves intervallos serviu de residencia aos srs. bispos, e desde 1826 nunca mais se fez caso d'elle. Pode por tanto dar-se muy bem a esta povoação o nome de *cidade das ruínas*, que lhe queda muito mais, que o fastoso de cidade da Ribeira Grande, com que ainda a appellidam, e que é uma ironia bem amarga, ou uma mentira bem inutil.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

## SANSÃO NA VINGANÇA!

(1850)

E sacudindo Sansão com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os príncipes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

JURIS, cap. XVI, v. 39.

VII.

### FATALIDADE!

Quando João Antonio caminhava de Matapau para os coes da Alfandega, lá calculando que o espera-

va a bordo um bem merecido castigo, como falso denunciante, e que parecia haver mofado dos seus superiores, ao passo que Aluy estaria livre e a rir-se da sua imbecillidade; aquelle projecto infernal de incendiar a fragata tornava de novo a apparecer-lhe como um meio de salvação, e resoldo a executar-o tratou de buscar coragem na embriaguez: os soldados que o acompanhavam não eram dos mais ceegos respeitadores da disciplina, e por isso entraram com o prezo em uma lotica chineza de vinhos e liciores, e a convite seu beberam largos tragos de aquardente. João Antonio preveniu-se ainda escondendo uma botija entre o capote e a fardeta, e já todos tres alegres, embarcaram n'um escalet, e atracaram á fragata depois da uma hora da tarde.

O commandante e Osorio nassavam na tolda, e o guarda-marinha Pereira, que estava de quarto, veio entregar-lhe o officio de Innocencio, que relata a historia de Matapau nos termos menos capazes de provocar a colera do chefe contra o fiel de artilharia; entretanto o caso era grave, e o commandante volven-se para João Antonio fallando-lhe irado, ate ao ponto de lhe lançar a mão ás barbas e sacudir-lhas com força:

— «Hoje é um dia solemne, e concluiu elle: «não ha castigos a bordo d'este navio... mas amanhã... oh! amanhã conhecerás se podes divertir-te impunemente comigo.»

— «Não ha polvora nos paioes volantes, a que havia gastou-se quasi toda na salva,» disse o guarda-marinha para distralir d'aquelle ponto a attenção do commandante; use v. s.<sup>a</sup> da licença vaese tirar ao paiol.»

— «Pois sim, mas tem em conta com esse fiel de artilharia, que está talvez já embriagado, não faça alguma das suas.»

— «Como o guarda-marinha Innocencio, que é o encarregado do paiol, está em terra, e eu deservico aqui, mando o cabo da guarda assistir a tirar a polvora.»

— «Pois sim,» respondem o commandante, e virando-se para a amurada encontrou Osorio de oculto em punho olhando attentamente para a Praia Grande.

— «Que ha ali, que tanto o attrahe?»

— «Oh! nada de valor, uma cavalgada, algumas senhoras...»

— «Vae Eugenia?»

— «Sim, parece-me que é aquella amazona da pluma branca no chapéu.»

— «Não ha em um dos seus dramas uma historia de uma dama de pluma branca no chapéu?»

— «Creio que sim, mas não vejo a que proposito...»

— «Foi uma lembrança como outra qualquer. E agora me recordo, a pobre dama morria ás mãos do marido por causa de um amante...»

— «Espero em Deus que não succeda o mesmo a pobre Eugenia.»

Osorio vira desaparecer a galope o cavallo que conduzia a bella italiana, ficou perturbado e as palavras do commandante augmentaram o seu enleio; tratou de mudar de assumpto, e continuou a passear pela tolda com o seu interlocutor.

Entretanto o guarda-marinha Pereira chamára o cabo da guarda, mandára apagar o fogo e qualquer luz que houvessa a bordo, e entregando-lhe as chaves do paiol da polvora que recebera das mãos do segundo commandante, recommendava-lhe a maior attenção para aquelle servico. Já o cabo d'esquadra ia na proa, e ainda o joven guarda-marinha bradava:

— Cuidado com o fiel, olhe que não desça ao paiol com sapatos de taixas; escusa de levar a lanterna propria do paiol; para tirar meia dzia de cartuxos vae bem mesmo.»

João Antonio retirou para a prôa logo que o commandante lhe largou as barbas, e ouviu a ordem para se ir mecher na polvora; disse consigo que era o diabo que encarregára de uma tal coincidência, e dirigindo-se ás fornalhas pegou de um pedaço de murrão, desceu para a despensa d'artilharia e meteu-o cuidadosamente dentro de um porta-cartuxo; depois sentou-se, e com um olhar desvaído como que interrogou aquellas anteparas; soltou uma palavra «seja!» com accento infernal, e pondo a boca a botija de agua-ardente, despejou-a até ao ultimo gole.

Mal tinha concluido, vieram dizer-lhe que trouxesse para a tolda alguns porta-cartuxos, o que elle logo executou, não se esquecendo de incluir o do murrão.

Fatalidade!... Se alguém se lembra de examinar os porta-cartuxos, salvava a fragata e duzentos homens!

Ao chegar á tolda, João Antonio viu cousa que lhe deu infernal prazer, e blasfemou:

— Deus ou o diabo está pela parte da minha vingança; ali está Ahuy para morrer tambem!»

De feito, a lorchá havia chegado, e Ahuy, pallido, desfeito, ouvia as poucas, mas incisivas palavras que lhe dirigia o commandante, ao mesmo tempo que alguns soldados do batalhão naval desciam para a lorchá; era o destacamento que ia para a fortaleza da Taipa... estavam salvos!

O commandante depois de fallar com o chim voltou-se de novo para Osorio, e disse-lhe apontando para a lorchá que largava de bordo:

— Lá vae o destacamento, o sr. não o quiz acompanhar, não quiz ir governar por quinze dias aquelle prezidio da Taipa.»

— E verdade que troquei esse serviço, com autorisação do commandante, mas hoje estou arrependido.»

— Rapazes! rapazes! Ora ande d'ahi, venha comigo para terra, vou mudar de roupa e não tardo aqui.»

— Não, não, commandante; não posso, não devo ir... desculpe-me.» E o pobre tenente afastou-se arrebatadamente do seu chefe, e correu para a prôa muito suffocado. O commandante sorriu-se, lançou um derradeiro olhar por todo o navio, e desceu para a sua camara.

Ao mesmo tempo o cabo da guarda dizia para João Antonio: «Vamos.» E o fiel de artilharia repetia com placidez: «Vamos.» O malvado deu alguns passos, parou, e com um sorriso satânico, acrescentou mentalmente: «Inocencio está em terra, o commandante a bordo, Ahuy tambem... é pena que aquelle pobre Osorio não se lembrasse hoje de ir passear, terá sina de morrer queimado!... Já o 114 foi muito feliz, que lá vae chegando á Taipa!...»

— Então vens d'ahi?»

— Ahi vou cabo d'escadua... Que pressa que elles têm!... Vamos.»

E desappareceram ambos pela escotilha de prôa. O sino dava duas badaladas, depois outras duas, e ainda mais uma; eram duas horas e meia da tarde.

De repente um estampido medonho, um abalo subito nas aguas do porto da Taipa, e nuvens de fumo e chamas que envolveram a fragata, chamaram as attentões de toda a gente da cidade para aquelle ponto... quando a fumarada foi impellido pelo vento, appareceu a nó a triste realidade! Al-

guns madeiros, que boiavam a par de muitos cada-veres, cabos e poleame que se enleavam em homens agonisantes... e entre estes viam-se desfigurados o tenente miouro Samgi e o guarda-marinha Pereira!... uma chuva de sangue, que tingia de vermelho os toldos da corveta americana Marion... gritos de agonia, estertor de moribundos, espanto, consternação, horror... eis-aqui o quadro que apresentava a Taipa! Os bravos americanos da Marion saltaram logo para dentro das ruínas da fragata, deli-genciando salvar ainda alguém que lá pudesse estar, e n'essa occasião rebentaram os paiões volantes, que pouca polvora tinham, é verdade, mas que assim mesmo fizeram uma pequena explosão... porém os valentes marinheiros dos Estados-Unidos proseguiram impavidos na sua philantropica tarefa. Foram elles que salvaram das ondas os poucos que escaparam da explosão, e alguns que pouco depois morreram... Honra a esses homens, que dignamente capitaneava o commandante Glendy.

Perante aquelle espectáculo horrivel do aniquilamento de um grande navio, e da sua numerosa guarnição, occorreu tambem aos homens corajosos que estavam na cidade a idéa de voarem em socorro de alguém que houvesse escapado do incendio, e que corresse o perigo de morrer nas aguas por falta de auxilio, entre esta gente que corria ás praias e embarcava para o logar do sinistro, appareceu aquelle official de artilharia, que encontramos em casa de Murray, o qual saltando ligeiramente para dentro de uma lorchá, lá mandar remar com força para a Taipa, quando outro objecto, horroroso tambem, o fez suspender junto ao caes.

Eis o que elle viu. Um cavallo corria desenfreado pela Praia Grande, trazendo sobre o dorso uma bella amazona; mas o notavel era, que em vez de o soffrear, a linda seuhora incitava o cavallo a galopar ainda mais com repetidas chicotadas! O official observou com horror aproximar-se essa mulher, e reconheceu que era Eugénia; quiz desembarcar para lhe acudir... mas já era tarde! O cavallo ebrou, voando, ao parapeito proximo do palacio do governo, e galgando-o de um pulo, cego como viuha da carreira, abysmou-se nas aguas com a sua dona, que não deu um só grito a pedir socorro! Então o official fez vogar a lorchá para o sitio em que se sumiram cavallo e cavalleira, e viu apparecer á superficie das ondas unicamente o cavallo; de um salto arremessou-se ao mar, mergulhou, e trouxe acima seguro pelos vestidos um corpo, que encontrou sem movimento... era o cadaver de Eugénia!

— Que amor! disse consigo mesmo o militar, «só eu comprehendo talvez este mysterio; o que o mundo lá de tomar por um desastre filho do acaso... foi um suicidio!»

Não sabemos se este homem se enganava, mas é certo que por muitos dias nenhuma seuhora de Mar-cau se atreveu a passear a cavallo. Murray partiu no dia seguinte para Hong-Kong, e não tardou a regressar a Europa.

Floriana, a pobre timora, que estava na praia chorando pelas victimas da fragata, abraçou-se soluçando ao cadaver da formosa veneziana... ella, collocada no ultimo degrau da escala social, teve lagrimas para dar ao infortunio albeio!... Quaes eram mais infelizes, os que partiam ou os que ficavam?

Com o desastre da fragata D. Marla II acabava a ultima idéa de guerra com a China, a derradeira esperanza de se vingar a Barbara e traiceira morte

do governador Amaral. As corvetas retiraram cada uma por sua vez d'aquellas paragens, e tratou-se unicamente de voltar ás antigas relações com o imperio celestial; deitou-se abaixo a porta do Cêrco, as forças chinezas não passaram para áquem da Casa Branca; e depois foram reconhecidos os nossos consulles nos portos do imperio abertos ao commercio europeu; e lá está de pé um toco pillar no sitio do assassinato, indicando a nossa vergonha, como degenerados netos que somos dos vencedores do Oriente!

F. M. BORDALO.



**ESTRIBOS-LANTERNAS.**

Em 1816 um parisiense, provavelmente de origem estrangeira, mr. Schwickardy, impressionado dos inconvenientes e perigos a que anda exposto quem tem de viajar a cavallo de noute, durante a estação invernosá, e por caminhos difficéis ou desconhecidos, inventou o *estribo-lanterna*, para o qual tirou privilegio de invenção.

O problema que mr. Schwickardy tinha de resolver não era tão facil como á primeira vista parece. Duas difficuldades de mor momento tinha elle a vencer: 1.<sup>o</sup> evitar que o azeite se extravasasse em consequencia do sacudimento preveniente dos movimentos do cavallo; 2.<sup>o</sup> assegurar a progressão regular da torcida.

As communicações necessarias da torcida com o deposito do azeite são mantidas por meio de um pequeno aparelho, que evita que aquelle se entorne. Para fazer subir gradualmente a torcida, servin-se mr. Schwickardy do machinismo que Lambertin e Desais haviam anteriormente applicado aos candieiros, que se usam nas nossas salas.

Todo o aparelho, que o inventor designa pelo nome de *pyrophoro*, apresenta a forma de um pão de assucar, ou cônc de folha de ferro: o azeite occupa o fundo (3); a parte superior está solidamente fixada ao estribo. Se o cavalleiro pretende empregar-o de dia para lhe aquecer os pés, conserva a lanterna fechada, salvo o numero de orificios necessarios (1) para a renovação do ar, e para dar saída ao fumo da luz. Se tem de se servir d'elle de noute, basta-lhe puxar uma pequena corrediça (2) por detrás da qual se acha um caixilho com vidro. O viajante, bem embrullhado em seu capote, com os pés sufficientemente aquecidos, vê o caminho, que va seguindo, e pode d'este modo percorrer de noute, ainda no tempo mais tempestuoso, quaesquer estradas, por más que sejam, com toda a segurança e commoidade possiveis.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOUAGE.

*Na Arcadia Elmáno Sadino.*

Entre ferros canti desfeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

### VIII.

Na cantata, o ingenho em liberdade e mais senhor de si, legou-nos paginas, que nem Rousseau, o aperfeicoador da forma, nem o brasileiro Caldas (A. P. de Sousa) nem o mesmo Gargão excederam, se é que as igualaram. Os segredos quasi milagrosos, que a arte e a natureza ensinam, fecundadas pelo estro, revelam-se nas composições que nos deixou com este nome. Para o que a dor e o affecto encerram de recondito, sublime e melindroso, nunca lhe fallece a expressão e o matiz; para as commoções, em meigas ou atrevidas vozes, se exhalarem animando de sentimento, ou de fremente indignação o canto, tambem nunca lhe faltou a phrase e a imagem. No meio da tempestade das paixões, quando as trevas mais profundas cegam a alma, como é doce a maviosa sensibilidade, que as atravessa! Que magnificencia no verso, que opulencia nas figuras, que variedade melodiosa nas combinações metricas!

Das cantatas escriptas por Bouage quatro merecem o primeiro logar: a Medea, a Morte de Ignez, Leandro e Hero, e a Conceição da Virgem; não têm que invejar a nenhuma lyra: sobre tudo a que celebra a desventura do nadador de Ahydos deixou tão longe mesmo as outras de Elmáno, quanto se avanta (em nosso ver) aos modelos nacionaes e estranhos pela originalidade, riqueza e movimento dos incidentes.

O Gargão, tomando para assumpto a desesperação de Dido, tira do livro IV da Eneida os traços mais correctos. Sua em rigor é só a ligeira moldura, em que o painel se imbebe. O esmero, a pureza, e a sobriedade attica, recebem-as da imitação, embora formosa, do epico romano; assim as mesmas lagrimas, de que se molha o episodio de Virgilio, posto que antigas, e meias cobertas pelo véu do genero, vão mais directas ao coração, do que as modernas, demasiado frias para a exaltação, d'onde relientam. Em Bouage não! A pintura nasce do ardor da alma, e da sensibilidade propria. Divisam-se em fugitivos accidentes as reminiscencias classicas, porém como accessorios unicamente. Lembra-se de Ovidio, e dos latinos; mas não os copia, nem se arrasta servilmente atraz dos seus vestigios. Comparada a

poesia portugueza com as duas heroïdes do auctor das Metamorphoses, o pensamento, o colorido, e o gosto attestam não deverem á musa pagã senão a indicação do motivo tragico. O amor e as suas tristezas, interpretado com sublime vehemencia, não dilue o interesse em conceitos aprimorados, que o amollegam como nas duas epistolas do Sulmonense. A narração dramatica entreteia os effeitos, e completa-se pelo terror. O theatro da catastrophe, o mar, embravecido em todos os seus horrores, é o immenso e espantoso fundo, aonde começa e se desata a acção. O pathetico procede da situação do mancebo, que buscando a luz nos olhos de Hero, encontra o Fado que

Punge, ameaça, desespera os ventos,  
Enrola a morte nas horrendas vagas!

e das ancias da terna donzella, que suspira longe, combatida pelos desejos da paixão, e pelos pre-agios do desastre.

O estylo flexivel e apropriado veste cada lance moral, e cada accidente physico, da energia, e da representação natural, que lhe quadra. O verso doce reflecte o toque mais fino da idéa, o cambiante mais transparente aviva na gradação do affecto. Ronca e trovêja com a tempestade, altêa-se e reuna como o nadador nas aguas; geme entre as róxas agônias, que o soffoçam; solga com a extrema dor de Hero, que se despeña. As delicadas transições, que a palavra mal pode tornar perceptivas, acham expressão, nobreza e suavidade na deliciosa metrificacão do cantor. A harmonia imitativa, como em Virgilio e Horacio, tira effeitos seductores da collocação das phrases, e da conjunção dos sons. Sentese, ouve-se e presencêa-se o doloroso espectaculo, desde a partida de Leandro, até ao instante em que Hero no seu delirio entrega o derradeiro gemido ao mudo amante. Na grandiosa visào dos phenomenos naturaes, Elmano fica a par dos maiores poetas descriptivos desde Camões; assim como elles retrata de vista a peiza dos elementos e o pavor do mais animoso peito deante d'ella. Esetemolo alguns momentos:

Eis manso e mauzo as nuvens se intumeceem  
Eis o liquido pezo  
Rompe os enormes, carregados bojos,  
Em torrentes susurra, e cae na terra.  
Rebantam furacões, flamejam raios,  
O estrondoso trovão no céu rebrama,  
O Hele-ponto nas rochas ferve e ronca.

Depois d'estes onomatopaicos versos, cuja excellencia uma analyse rigorosa faria sobre-sair ainda, a dieção acalma, e o vate mudando para as meias tintas, que exige o sentimento, endoucece o infeliz mancebo, e o arremessa ao pego, quando a sua perda é quasi certa.

Não menos vivo n'outro aspecto lhe saiu o quadro da morte de Leandro:

Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,  
O tardo movimento eis lhe sobp'a,  
Pelas aguas o imbebo, e d'Hero o nome  
Do aneado coração n'um ai lhe arranca.  
Abaixo, acima, com as envidas ondas  
Vae, vem mil vezes o infeliz mancebo. . .

Tra preciso transcrever tudo se quizessemos citar os trechos, tocados de notavel belleza. Iluminado de uma inspiração, que não desmaia, o engenho vence a arte, apesar da arte envidar todos os prologios. A

perfeição, com que foi acabado o canto, responde aos detractores, que rebaixando Bocage, o suppunham incapaz de uma obra de mais largas proporções. Na Medêa e na Igeuz de Castro admiram-se as mesmas qualidades, porém o grau que ascendem é menos elevado. A confrontação com a Morte de Leandro e Hero assombra-lhes o merito.

Resta considerarmos em Elmano o traductor, ou antes o quasi imitador, de Ovidio, de Delille, e de Castel nos combates de estylo, e na rivalidade de genio em que foi inimitavel. Ufanando-se com motivo dos seus triumphos, e fulminando na Pena de Talião a José Agostinho, que o accusava de verter por debilidade de invenção, o louvor foi então desculpavel, embora viesse da sua bôca. Transportar as riquezas de uma lingua para outra diversa, e algumas vezes opposta na indole e na construcção, ornaudo a phrase alheia de galas proprias, quando esmorece, sustentando-lhe o briho quando fulgura, e ao mesmo tempo fugir da exactidão infel e prosaica sem trahir o pensamento, requer um conhecimento tão intimo dos dous idiomas, e um tacto tão subtil em apreciar as opulencias e as pobreza de ambos, que torna o passo difficilissimo, e a victoria quasi mais gloriosa, do que se a palma se cortasse no lavor de composições originaes.

Bocage nada omittiu para o conseguir, honrando-se com as apuradas versões, que andam nas mãos de todos como typos. Do latim traduziu o Canto de Tripoli e a Elegia a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de Cardoso: o Consorcio das Flores de Lacroix; fragmentos das Metamorphoses de Ovidio; e alguns epigrammas de Marcial. Do italiano, transportou o Attilo Régulo de Metastasio, e trechos da Jerusalem do Tasso. Do francez verteu os Jardins por Delille, a Agricultura de Rosset, as Plantas de Castel, a Euphemia de Arnaud, a Vestal de D'Anchet, e varias poesias lyricas, novellas fugitivas, epigrammas, e fragmentos de poetas elogiados.

Para tornar mais sensivel o merito da difficuldade vencida, seria necessario cotejar o texto com a versão, e diante d'esta ultima, e verdadeira prova, preferir a sentença. Mas nem o espago o permite, nem um ensaio como este offerece a margem indispensavel para isso. De mais, para que serviria repetir o que passou em julgado e ninguém contesta? Não se escusaram relexões criticas e desenvolvimentos, aonde se descobriu alguma sombra mais escura, e menos justa; replandecendo porém sem nodos a formosura de que vale asseverar o que todos vêem? Severo, quando o deviamos ser, as qualidades e os defeitos do poeta foram sujeitos a uma balança imparcial; e se o erro tirou alguns quilates ao louvor inmerecidamente, foi a intelligencia quem falliu. Manuel Maria não carece de que a posteridade negue a verdade, e ultraje o gosto para o exaltar. Sustem-se na grande altura, que tomou com o seu equilibrio proprio. Se lhe falta a rara perfeição, que em Virgilio suppre a imaginação creadora de Homero, e se não se abalanga aos atrevimentos pasmusos de alguns auctores modernos, no seu tempo e na sua escola collocase entre principes da arte.

No capitulo IV indicamos as causas principaes dos lapsos, que disformam a elegancia e a concisão da sua phrase, a nobreza do estylo, e a harmonia da metrificacão. No capitulo VII avaliou-se a sua facilidade inventiva, e pelos trabalhos conhecidos ariscou-se a conjectura dos que seria capaz de apprehender. Agora cumpre-nos encerrar a longa excursão tentada em uma provincia das letras, das mais arduas de atravessar.

A leitura attenta do poeta é mais do que sufficiente para se observar o resto. O methodo de Lacharpe, o exame parcial e miúdo de cada trecho, desmembrado verso a verso, hestemichio por hestemichio, daria em resultado a lição pratica, que só minuciosa analyse facilita; mas essa excede os limites e o sentido de um simples estudo.

A Elmano para ser o primeiro, depois de Camões, talvez não faltasse senão a epocha propria, e a vida mais larga. E a conclusão que auctorizam as suas obras. Com os annos, em mais ampla esphera, os defeitos, n'elle quasi sempre produzidos pelo ardor das qualidades, haviam de gastar-se com a liama, e desaparecer com a reflexão. A medida que o repentista fosse o inspirado poeta Boeage, pelo esmero das suas composições, subiria novos graus até chegar (quem sabe!) aquella eminencia rara, d'onde reinam sobre a admiração dos seculos os conquistadores intellectuaes, qualquer que seja a manifestação, que escolham para agitarem o mundo pelas idéas!

L. A. RIBEIRO DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

IV.

A estatua saía toda maeça da lajea. Para isto o conhecimento d'uma arte ja adiantada era indispensavel. O emblematico destino do monumento, para que do mar fosse avistado pelos navegantes, parece obrigar-o a dimensões colossaes. O chronista não nos falla no primor ou na rudeza da obra. N'um ou n'outro caso a inverosimilhança pelas difficuldades in gloria não diminue. Mais improbabilidade no primeiro caso, e no segundo nunca a execução fora tão facil, nem a imperfeição tamanha, que não tivesse bem caracterisados a posição, o vestido, o cavallo, e a inscripção, o que tudo accusa grande trabalho e socorro d'arte, por menos correcta que a obra fosse. E tudo isto para que? com que fim, em mar de que não ha memoria ter sido jamais navegado antes de nós?

O dedo index da mão direita do cavalleiro apontava para o poente. Esta circumstancia parece estar dizendo que a idéa da estatua e d'esta attitude é posterior á descoberta de terras occidentaes, posterior a 1492, em que Colombo fez sua primeira viagem. Até então a tradição d'estatuas em ilhas desertas, ou oceanicas, que pela feira arabe nos passara dos gregos e romanos, não falla d'estatuas equestres; sendo constante em repetir, que apontavam para traz, como quem indicava que para diante (para o poente) não havia caminho: — tradição que estava d'accôrdo com a sciencia de então, que negava a possibilidade de navegar no alto mar Atlantico. Para comproval-o, além do testemunho de Ibn-Waridy, Ibn-Said, Bakri, Ben-Ayas, e Almakkari, que viveamos na II e III parte d'este trabalho, ainda agora diremos algumas palavras para maior illustração do ponto.

É hoje com a salubridade e incontestavel, que os povos, desde a maior antiguidade, costumavam erigir padroes, que marcam o termo de suas viagens. Muitos escriptores nos conservam memoria de se ter assim praticado, tanto na extremidade oriental, como na occidental da terra por então conhecida, erigindo columnellas, columnas, arcos, etc. Aos padroes

reales ou suppostos, que para o occidente assignavam termo á terra conhecida, collocados nos montes Calpe e Abyla, na boca do estreito de Gibraltar, chamaram os antigos columnas de Hercules, nome e idéa ja conhecidos antes dos tyrios, que em tres expedições successivas vieram procurar aquelle extremo logar da terra, na ultima das quaes, segundo se diz, fundaram Cadix.

Estes monumentos porém feitos pela arte, ou suppostos nos confins, foram-se multiplicando na razão das varias direcções das viagens. De columnas, tanto na Europa como em Africa, fallam Strabão, Scyllax, Hesiodo, Dionysio, Periégeta, Ethico, Prisciano, Posidonio, e Ptolephato. Ainda os portuguezes seguiram aquelle uso nas suas descobertas ao longo das costas africanas, deixando n'ellas padroes á proporção que proseguiram.

Ha varia accepção que no grego tinha a palavra *stèle* (que a principio significava columna, e depois significou estatua) foi a idea de columnas de Hercules passando de gregos e romanos aos arabes, que por uma vez as transformaram em estatuas. *Sanamon*, no arabe idolo, imagem, estatua: vindo d'ahi povoaram d'ellas terras e ilhas incognitas, nos confins da terra, de que dão testemunho muitos escriptores orientaes, (afôrç os ja apontados) de que faremos abreviada menção.

Masúdi, referindo-se a Ptolomeu, diz, que o Mediterraneo a principia no mar dos idolos de cobre *columnas de Hercules*, e accrescenta, que onde o Mediterraneo e o oceano confinam «levantou o rei Iliraki (o *gigante*) columnas de cobre e pedras, e sobre as columnas ha inscripções e figuras, que mostram com as mãos, que não se pode ir mais adiante. Dizem alguns que estas columnas não estão n'este estreito, mas n'umas ilhas do oceano, e das suas costas.» No fragmento d'um manuscrito arabe, que se conserva na bibliotheca real de Paris, com o titulo *Akhar az-Zemín*, que alguns attribuiram ao mesmo Masúdi, o que o sabio orientalista barão de Slane põe em duvida; se lo a respeito do mar Atlantico, que elle tem... idolos feitos por Abraham (*antigo rei dos arabes himyaritas*) uma d'estas estatuas é amarella, e faz signal e em a mão, como se se dirigisse a alguém, *ordenando-lhe que voltasse para traz*. A segunda estatua é verde, e tem o braço levantado e estendido, como se quizesse perguntar: *onde é que vas?* A terceira é negra, e aponta com o dedo para o mar, como para advertir que *quem passar d'este lugar várá afogado*. Esta estatua tem no peito a inscripção seguinte: Feita por Abraham Zul-Menar o Himyarita, a seu senhor o sol, para conciliar o seu favor.

Edrisi, fallando do Atlantico (*mar tenebroso*) e de suas ilhas, diz: «Ha n'elle duas ilhas chamadas as ilhas Afortunadas. Dizem que em cada uma ha uma estatua de cem covados d'altura feita de pedras, e sobre cada estatua uma figura de bronze, que indica com a mão o espaço que fica para traz. Os idolos d'esta natureza são seis, segundo se conta.» E continúa: «Quanto a Mastaban *ilha*, o auctor do *Livro das Maravilhas* refere, que no centro d'esta ilha ha uma montanha redonda sobre a qual se vê uma estatua de côr vermelha, elevada por Esad-abu-Kerib-el-Hairi na sua expedição... lo qual fez pôr ali aquella estatua, para indicar aos navegantes que, para além d'este ponto, não ha caminho, nem lugar onde se desembarque. Accrescenta-se que na ilha de Limgoch (*ou de Lagos*) se vê tambem uma estatua de miúdo solida construção, a que é impossível chegar. Diz se que aquelle que a fez erigir morreu lá...»

Além do que de Ibn-Wardy já transcrevemos a este respeito na 2.<sup>a</sup> parte, o mesmo auctor ainda repete no capitulo das ilhas o seguinte: «Entre as ilhas do mar circundante estão as ilhas Khaledat (*perennes, eternas*) e em duas d'estas ha duas estatuas de pedra muito dura, de altura de cem covados, e em cima de cada uma d'ellas está uma figura de bronze, apontando com a mão para traz, como quem diz: *Folta, que para ali não ha nada...*»

De Ibn-Said já transcrevemos o testemunho.

E não fica aqui a tradição de estatuas entre os arabes, já tambem em voga entre os cartographos europeus, antes das descobertas maritimas dos portuguezes, como tivemos occasião de notar fallando da carta dos irmãos Pizzigani de 1367, onde no extremo occidental, sobre um duplo circulo, assenta o meio corpo d'uma estatua rude e colossal, com o braço esquerdo levantado, e o direito, informe, apontando para traz, ao que os cartographos puzeram esta legenda: «*Ilec sont statua: q' stât â ripas Atullis quâr que o fundo at'segurtant hommes navegantes quare est fuso ad este maria q' uoz poxit navigare et foras porreta statua est Mare sordequo non poxit intrare nauS.*»

Ainda depois de nossos descobrimentos, ainda depois de Damião de Goes publicar a sua chronica, continuou seguida a tradição de estatuas entre escriptores arabes, mesmo dos principios do seculo 17.<sup>o</sup>, como já mostramos na III parte, citando Bakui, Ben-Ayâs, e Al-makkari, a que agora juntaremos um novo testemunho dos principios do 15.<sup>o</sup>.

Schems-eddên-Mo-hammed-ad-Dimiscki diz na sua cosmographia: «Na praia d'este mar (*o oriental*) ha tres estatuas de pedra para a parte do norte, de figura horrivel, e as pedras de que são feitas foram lavradas nas suas planicies, e tiradas das suas montanhas. Cada uma d'ellas está apontando com a mão para a face do mar, dando a entender que n'elle não ha caminho, da mesma sorte do que ha na ilha de Cadiz, na Hespanha, e nas ilhas Afortunadas, dentro do mar Alablâba, aonde as tres estatuas estão igualmente apontando para dentro do mar circundante occidental, que ali está proximo.»

Vê-se pois, que a idéa da preconizada estatua da ilha do Corvo não só era continuação das phantasias da antiguidade e da idade media, mas tambem desquitando-se da primitiva posição e significação, se inspirava já do moderno progresso da sciencia; e bem longe de advertir que a navegação occidental era impossivel, apontava, e chamava a attenção para o poente como para cousa conhecida! Parece-nos ver n'esta circumstancia o fio de uma fabula de sinistra tenção. Releve-se-nos que nos expliquemos sem rebuço, porque mal pôde ser tachado de desnatural, quem por amor da gloria portugueza se dá a tão infandonhas indagações. Só sacrificámos a verdade, e para entrar no caminho d'ella não ha poupar a menor conjectura, que proxima ou remotamente possa lá conduzir.

Ha uma suspeita que nos peza e tortura a consciencia se a calamos. Aquella estatua, aquelle apontar para o poente sobre tudo, não esconderá porventura uma inveja indigna, uma sinistra tenção de prejudicar á gloria de Colombo? Não seria que algum phariseu aproveitasse um boato innocente para o revestir de circumstancias calculadas, pondo até a patanha debaixo da egide real, com o fim de vincular de alguma forma á gloria portugueza, a gloria que Colombo acabava de ganhar para si e para Hespanha, quando a nossa fatal imprevidencia nol-a deixara primeiro sair das mãos? Se Goes o não explica pode bem ser que nem mesmo desse attenção ao al-

cance da noticia que archivava, ou que não tivesse força para resistir ao sophisma dos sacerdotes da mentira.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Ensaio sobre a cholera epidemica, pelo doutor Francisco da Cunha Vianna e Antonio Maria Barboza. Lisboa, 1834, 8.<sup>o</sup> Preço 480 réis. (1)*

*Instruções contra a cholera-morbus epidemica, pelos auctores do Ensaio. Ibid. Preço 100 réis.*

O terrivel flagello, que a Europa conhece desde 1817 sob a denominação de cholera-morbus asiatica, parece aproximar-se ás nossas fronteiras. Se n'esta sua quarta digressão se suppõe ter assumido um character mais benigno, nem por isso nos cumpre menos de prevenir-nos para a sua, infelizmente, possivel invasão. Christãos roguemos a Deus, que afaste de nós o flagello; mas se é nosso dever confiar tudo da misericordia divina, a religião não se oppõe, e a prudencia aconselha-nos a que nos preparemos com todos os meios de que a sciencia humana pode dispor para attenuar sequer os effeitos d'aquella enfermidade, já que os não temos para a extinguir e debellar.

A publicação do trabalho dos srs. Vianna e Barboza foi pois nas actuaes circumstancias mui oportuna, e cremos que será ainda mais util.

Estranhos absolutamente á sciencia medica não podemos emittir opinião segura sobre a parte scientifica do *Ensaio*: cremos porém, que a mais valiosa garantia da sua excellencia é a reconhecida capacidade e talento dos seus illustres auctores, ambos mui distinctos facultativos do hospital real de S. José. Podemos entretanto afirmar que de todos os trabalhos que se têm escripto em portuguez sobre a cholera-morbus é este sem duvida o mais completo, e mais rico de esclarecimentos estatísticos, que hão de ser de um grande auxilio para o estudo da epidemia.

Ha porém no *Ensaio* dos srs. Barboza e Vianna uma parte essencialmente popular, que consideramos do maior interesse, e são as instruções contra a cholera-morbus, de que mui avidamente fizeram uma edição em separado. Contêem aquellas instruções conselhos, que todos (qualquer que seja a posição social em que se achem collocados) podem entender, e devem aceitar, e cujas prescripções muito convirá que se cumpram escrupulosamente, por que a sua proficuidade está sancionada pela experiencia dos paizes estranhos, e mui especialmente da Inglaterra e da França.

Recommendamos pois com todo o empenho o *Ensaio* e as *Instruções* dos srs. Vianna e Barboza, que prestaram assim ao paiz, com o seu bello trabalho, um serviço impurantissimo.

O editor do Panorama declara que o unico individuo encarregado por elle de receber assignaturas para o dito semanario na cidade da Bahia (imperio do Brazil) é o sr. Justino Severiano Paiva.

Lisboa, 18 de fevereiro de 1854.

(1) Estas duas obras vendem-se na livraria do sr. J. P. M. Lavado, rua Augusta n.<sup>o</sup> 8.





COSTUMES — MOLDO — VALACHIOS.

A QUESTÃO do Oriente, por muitas vezes adiada, e reproduzindo-se sempre sob variadas formas, busca finalmente na guerra uma solução definitiva; não está realmente este meio muito em harmonia com as pretensões e tendências do século; mas também não sabemos que houvesse outro, depois de esgotados todos os recursos da diplomacia, empregados com perseverança e com intelligencia por espaço de muitos mezes. Seja porém como for os negocios do Oriente atraem a attenção geral; e por isso que nós, conservando-nos afastados do campo da politica, em jos limites temos por systema respeitar severamente, tencionâmos, em um pequeno trabalho, dar como de

da importantissima guerra, que hoje tem por theatro as margens do Danubio. Como introdução a esse trabalho começara no seguinte numero a publicação de um excellento artigo de um dos nossos collaboradores, sobre os imperios byzantino e ottomano.

A nossa estampa representa uma scena de costumes moldo-valachios. A Molavia e a Valachia, bem como a Servia, constituem os tres principados que se denominam do Danubio. A Servia é dividida em dezesseite circulos — capital Belgrado. A Valachia divide-se em dezotto districtos, e tem por capital Bucharest; a Molavia, é repartida em tres districtos, e a capital d'este ultimo principado é Jassy.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMÓRIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XIX.

*Arrayolos em côrtes.*

A VILLA de Arrayolos tinha assento nas antigas côrtes dos tres estados no banco 15.º do brago dos povos.

Bem desejára eu dar um exacto catalogo dos procuradores d'esta villa ás mesmas côrtes, com miuda noticia de suas eleições, da forma e poderes das procurações, e do teor dos artigos e capitulos particulares, que lhe foram commettidos. Porém só intermptivamente apparecem alguns documentos sobre a materia, dos quaes pude colher o seguinte :

Côrtes de Santarem de 1468. — Entre os capitulos especies foi o da queixa contra o conde de Guimarães, senhor da terra, o qual capitulo com a resposta d'el-rei forma a substancia da carta de 24 de maio do mesmo anno de 1468, e se viu no capitulo XV.

Côrtes de Evora de 1481. — A estas foi por procurador de Arrayolos e Evora-Monte Diogo do Valle.

Eleito por influencia do duque de Bragança, de cuja casa era criado, levou instrueções do mesmo duque para se oppor aos conhecidos planos de reforma d'el-rei D. João II, como se viu no capitulo XVI.

Côrtes de Evora (1) de 1535. — Foram procuradores Gallar Rodrigues, e Diogo Barreiros (2).

Côrtes de Almeirim de 1544. — Foi um só procurador, cujo nome todavia não acho declarado. São conhecidos dous capitulos especies. Um pedindo fosse abolida o couto do castello, o qual com a resposta d'el-rei forma a materia da carta de 21 de julho do dito anno. — Vid. o capitulo IX.

Outro sobre a Adua, consignado no alvará de 8 de julho de 1546. — Vid. o capitulo XXIV.

Côrtes de Lisboa de 1579. — Procuradores Antonio do Valle, e Francisco do Valle.

Côrtes de Almeirim de 1589. — Procurador Francisco do Valle.

Côrtes de Thomar de 1581. — Procuradores Pero Coelho, e Jeronimo Varella (3), cavalleiros da casa d'el-rei.

Côrtes de Lisboa de 1585. — Procuradores Francisco do Valle, e Pero Coelho.

Côrtes de Lisboa de 1619. — Procuradores Martin do Valle, e André Nunes.

Côrtes de Lisboa de 1641. — São as de que acho mais ampla noticia no que toca a esta villa.

Em 6 de janeiro d'este anno se leu em camara a carta d'el-rei em que manda se elejam dous procuradores para irem ás côrtes, que se devem fazer em Lisboa a 20 d'este mesmo mez. e logo foram eleitos Manuel Carneiro da Veiga, e Custodio de Vilalobos de Almeida, que sendo chamados acceitaram, e tornando a ser chamados no dia 12 foram notificados que estejam em Lisboa a 19; e prestaram juramento de requererem nas ditas côrtes todo o bem

commum e publico d'este reino, e em particular o d'esta villa; e outrosim tudo o que se contém nos seguintes

*Capitulos pera côrtes.*

« Ojuiz, vreadores, e procurador do concelho abaixo assignados pela confiança que temos dos procuradores de côrtes eleitos por nós, que no bem publico commum e particular d'esta villa tratarão pera que effielmente d'elles, fazemos inteira confiança pera que tudo o que lhes parecer havem de tratar; e só achamos o que pera este povo podem pedir a sua magestade n'esta occasião as cousas seguintes.

« Que não haja algadas de ajuntos.

« 1.º Tratarão de pedir a sua magestade que mande reparar os muros e castello e barbacã pera defensiva d'esta villa.

« 2.º Tratarão de pedir a sua magestade se conserve o castello com habitação de gente, para que obriague aos moradores d'esta villa, aos ricos e aboados, para que lá façam casas.

« 3.º Pedirão a sua magestade se faça igreja dos bens ecclesiasticos.

« 4.º Pedirão, que este povo está pobre, e que está muito carregado no cabeção geral, que se abata.

« 5.º E que as fintas lançadas por os reis de Castella se não use d'ellas.

« 6.º Pedirão armas, tambores, bandeiras, e peças de artilharia pera o castello.

« 7.º Pedirão a sua magestade faça esta terra privilegiada e livre de portagem.

« 8.º E que havendo fintas n'esta comarca, se não lance sem se achar presente huma pessoa d'esta terra, e não se achando presente, a não cumpram n'esta villa.

« 9.º Que não haja coudellaria, pois as não ha nas terras de sua magestade, e faz muita vexação a este termo e povo.

« 10.º Que n'este povo, e nos mais, ou a maior parte do reino costumavam eleger escrivão dos orçãos, e avaliadores, e pôr os poiteiros. Seja sua magestade servido conservar o que se costumou antigamente.»

Estes capitulos foram entregues aos procuradores, escriptos pelo escrivão, e assignados pelos officiaes da camara (4).

Elles porém, na forma da clausula geral de sua procuração e juramento, requereram além d'estes capitulos alguns mais que lhes pareceu, como se vê de uma memoria na Torre do Tombo (5), que diz :

Requereram — Art. 1.º Mandar reparar os pagos e muralhas, e limpar a cisterna. — Art. 2.º Fazer nova igreja á custa do prelado, por comer perto de 2 contos de réis em dízimos. — Art. 3.º O hospital chamado do Trolho de S. Pedro, e o hospital da mesma villa se remisse á Misericórdia.

Parecer das côrtes. — Parecer-lhes deve vossa magestade conceder esta mercê, assy como se fez em Evora, Leiria, Tentugal, e outras partes do reino, por quanto se tem experimentado que de se annexarem estes hospitales e albergarias resulta o maior e melhor aproveitamento dos bens d'elles, e utilidade aos pobres; que é a tenção, com que a maior parte d'elles foram instituidos.»

Assentou a camara que se desse aos procuradores o salario, que sua magestade lhes taxasse, assim dos dias de estada, como dos 6 dias de ida e vinda; de-

(1) João Pedro Ribeiro na sua *Disertação sobre as côrtes*. Memór. de litter. portug. da acad. real das sci. de Lisboa, tomo 2.º da estas côrtes por celebradas em Evora; em acbel algumas memorias, que as referem a Lisboa.

(2) Torre do Tombo, cart. da corôa, mazo 5, n.º 5.

(3) Este procurador esta assignado Jeronimo no original das mesmas côrtes. Torre do Tombo, casa da corôa, e 3.º do exemplar impresso.

(4) Tudo isto consta do liv. das vreações de 1640 a 1642, de fl. 43 até fl. 51.

(5) Liv. 3.º de Guadiana, fl. 23 r.

clarando logo os officiaes da camara que lhes seria tudo pago dos bens do concelho no 1.º quartel (1). E el-rei depois de concluidas as côrtes mandou, por provisão do dezembargo do pago de 20 de fevereiro de 1641, que se lhes pagasse aquillo que constasse ter-se pago aos procuradores que foram ás côrtes de 1619. e da mesma parte donde a estes se havia pago (2).

Em virtude d'esta provisão, e da certidão que trouxeram constou deverse aos ditos procuradores de ajuda de custo 1048 rs., que não receberam logo no 1.º quartel, como lhes fora promettido, mas em tres pagamentos (3).

Côrtes de Lisboa de 1642 — Neste anno chamou novamente el-rei os povos a côrtes, e em camara de 3 de agosto se abriu a carta, em que el-rei mandava a que se elejam dous homens, que vão á cidade de Lisboa por procuradores d'este povo aos quinze dias do mez de setembro d'este presente anno, em o qual tempo serão obrigados a estar em a dita cidade, de Lisboa, para assentarem o modo, com que esta villa hade contribuir pera os gastos da guerra, e as mais cousas, que por serviço de sua magestade se propuzerem nas ditas côrtes, pera o que levarão procuração bastante na forma, que sua magestade ordena.

« E tomados os votos dos officiaes da camara, assentaram que fossem por procuradores d'esta villa Custodio de Villalobos de Almeida, e Balthazar Quaresma; e porque esta materia envolve o bem commum do povo, feita a dita eleição chamaram os procuradores dous misteres, e lhe deram conta d'ella, e elles a approvaram, de que se fez este termo etc. E feita a dita eleição n'esta forma, vendo os ditos officiaes da camara que as rendas d'este concelho estavam esgotadas por este anno, e que ainda para o que vem fiava um grande empenho, assentaram que se não podia dar a cada um dos procuradores mais de um cruzado por dia, de que outrosim mandaram fazer este termo; e os ditos procuradores acceitaram o dito salario, e prometteram estar em a cidade de Lisboa no dito termo de 15 de setembro (4).

Apezar porém de prometterem os procuradores contentar-se com este salario: é certo que vindo das côrtes apresentaram em camara de 25 de outubro de 1642 uma carta regia, que mandava selhes pagasse ajuda de custo como nas côrtes do anno antecedente (5); e a camara em veração de 14 de março de 1643 lhe mandou pagar 40 dias na razão de dous cruzados por dia, e mais 248000 réis a cada um de merec., o que tudo monta em 1128000 réis para ambos (6). E se lhes pagou em prestações (7).

Côrtes convocadas para Thomar em 1643. — Para estas côrtes, que não chegaram a celebrar-se, escreveu a camara de Arrayolos á de Evora, pedindo que os procuradores d'esta cidade lhe acceitassem suas procurações (8).

Côrtes de Lisboa de 1668. — Procuradores Thome Rodrigues Santiago, e Christovão do Soveral Neto

Entre os capitulos particulares, que estes procuradores levaram, foi um sobre a queixa que havia nos moradores da villa azeira da baixa, a que tinha vindo a governança d'ella, admitindo-se ás eleições pessoas inferiores na qualidade, e de officios humildes, cujos paes e avós nunca tinham servido os cargos da republica, por cuja causa os mais homens nobres se escusavam de servir de vereadores: e o príncipe, por desejar favorecer em tudo a seus vassallos, e augmentar a nobreza, houve por bem fazer mercê que os ouvidores não mettessem nas eleições d'ali por diante cantaro de vereador a pessoa alguma, salvo áquellas cujos paes e avós tivessem servido de vereador; e em falta de sujeitos, que não possam chegar ao numero de doze em razão dos reprovados, a camara por sua escolha perfizesse o mesmo numero de doze cantaros de homens, que parecessem mais idoneos para o cargo, de maneira que a escolha não fosse dos ouvidores, que como não eram da terra, não tinham tanta razão de conhecer os moradores e nobreza d'ella, e costumavam fazer n'este particular alguns erros; advertindo que os taes elitos de novo não tivessem servido officios mechanicos, nem fossem casados com gente de nação. E tudo consta do alvará passado em Lisboa a 12 de dezembro de 1688 (9).

Côrtes de Lisboa de 1671. — Em camara de 22 de outubro de 1673 com reunião da nobreza e misteres foram eleitos para procuradores ás côrtes Manuel Rodrigues Lesso com 18 votos, e Manuel Carneiro da Veiga (filho) com 22 votos, e logo deram juramento, e prometteram estar em Lisboa no 1.º de dezembro, na forma da ordem de S. A. (10). A estes procuradores mandou a camara em 21 de novembro dar 408000 réis de ajuda de custo, que se pediram por emprestimo dos bens de raiz, até resolução de S. A. (11).

N'estas eleições, e nas seguintes se guardou differente estylo, convocando-se a nobreza e misteres, e votando todos com a camara; a qual nas outras fazia por si só a eleição.

Côrtes de Lisboa de 1679 e 1680. — Só consta de um procurador, que foi o doutor Manuel do Valle Cardozo, a quem foi passada a competente procuração em acto de camara, escripta pelo tabellião André da Veiga Pinna em suas notas, a 6 de novembro de 1679, com poder de substabelecer a um e muitos procuradores: na qual procuração lhe concedem todos os poderes, que a dita camara e povo tem em direito, e lhe são concedidos para elle assistir ás côrtes, que de presente o príncipe nosso senhor manda fazer, para que elle dito procurador de côrtes, ou cada um de seus substabelecidos possam requerer nas ditas côrtes tudo o que lhe parecer, assim a bem do príncipe, nosso senhor, como a bem d'estes reinos de Portugal, e bem commum do povo d'aquella villa, e lhe dão poderes para assignarem em tudo o proposto nas ditas côrtes sem limitação alguma; e em especial para o casamento da senhora princeza, e para todas as dependencias do dito casamento, e para bem d'elle convierem a estes reinos; e para de clarar e revogar as leis das côrtes de Lamego, tudo na forma da carta do príncipe, nosso senhor; e tudo por elle dito procurador feito, dito e requerido e assignado, ou por seus substabelecidos o ha a dita camara e povo por bem, firme e valioso d'aquella hora para todo sempre, e prometteram de não en-

(1) Liv. das verações de 1619 a 1642, fl. 46.  
(2) Registada no liv. das verações sobredito a fl. 66.

(3) Liv. 11, fl. 66 v. e fl. 106. E liv. das ver. de 1642 a 1645, fl. 34 v.

(4) Liv. das ver. de 1640 a 1642, fl. 141 v.

(5) Liv. das ver. de 1642 a 1645, fl. 9.

(6) Liv. id. fl. 35.

(7) Liv. id. fl. 98 e fl. 143 v.

(8) Cartorio da camara de Evora, liv. 9.º dos em 6, 292.

(9) Liv. de registro da camara de 1664 a 1674, fl. 38.

(10) Liv. das ver. de 1668 a 1674, fl. 170.

(11) Liv. id. fl. 177 v.

contrar em tempo algum a tudo por elles feito e assignado, para o que obrigavam suas pessoas e bens do concelho (1).

Côrtes de Lisboa de 1697. — Em camara de 28 de setembro de 1697, em consequencia de carta de sua magestade, se fez eleição de procuradores ás côrtes, que havia de celebrar na cidade de Lisboa, a 15 de novembro, para juramento do príncipe; e saíram eleitos o doutor Balthazar Mousinho do Valle com 29 votos, e o desembargador Manuel do Valle Cardozo com 23 votos. Este ultimo se offereceu para ir gratuitamente sem salario, nem ajuda de custo. Ao primeiro mandaram dar para ajuda de custo 50,8000 réis (2). E em camara de 7 de dezembro de 1698 apresentou ordem do desembargo do paço para lhe serem pagos os dias, e 30,5000 réis de ajuda de custo; e como assistiu nas côrtes 5 mezes e 23 dias, lhe mandaram pagar 5 mezes (por quanto requerem que os 23 dias se abatessen por duas jornadas, que veiu a este puto) a 800 réis por dia, que fazem 120,5000 réis (3).

Côrtes de Lisboa de 1828. — Em vereação extraordinaria de 16 de maio de 1828, em virtude de carta regia do sr. infante-regente de 6 de maio, que foi apresentada, se procedeu á eleição de procuradores para as côrtes, que dentro de um mez se haviam de celebrar em Lisboa, para reconhecer a applicação de graves pontos de direito portuguez; e á pluralidade de votos flearam eleitos Manuel José Mendes de Carvalho, capitão-mór d'esta villa, e cavalleiro de Christo, e Antonio Joaquim Farto, natural d'esta villa, cirurgião da real camara, cavalleiro de Christo, e ambos actualmte residentes em Lisboa (4). E em vereação de 24 de maio, prestaram juramento por seus procuradores (5). Não se lhes arbitrou salario, nem ajuda de custo, por serem residentes em Lisboa.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

#### ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

##### POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

###### VENDES LEAL

No mez de agosto de 1838, o theatro normal, homiziado no arruinado barracão da rua das Condes, corava de merecidas ovagões o *auto de Gil Vicente*, neste genero a obra mais animada do visconde de Almeida Garrett, depois de *Fr. Luiz de Sousa*. Drama e elegia igual na correção ao *Chabertou de Vigny*, e dizino na paixão do pathetico de Sophocles, as musas teceram-lhe a corôa n'um momento de risomba inspiração.

O *auto de Gil Vicente* foi o primeiro passo firme da escola moderna pela scena portugueza. Como interpretação historica subia as origens do theatro nacional no seculo 16.<sup>o</sup>, abrindo com ellas o quadro da nova epocha. Atava as tradições, e honrava a arte, começando a renovação pelo retrato do funda-

dor. Como pintura de paixões e de costumes, principiando em Bernardim Ribeiro, e acabando no Plauto portuguez e no seu Mecenas, el-rei D. Manuel, os personagens, todos no seu logar e no seu caracter, concorriam sem esforço para tornarem exacta a revelação do aspecto elevado de um dos maiores seculos de Portugal.

Hoje a distancia do triumpho não é facil conceber o ardor dos applausos, nem toda a razão d'elles. Os espectadores acordavam do pezelado de informes e desgrenhadas pegas, e vinham respirar o ar fresco e temperado que circula nas paizagens da patria. Escutando os eccos plangentes em que parece soluçara ainda a voz do cantor das saudades, a poesia meiga e sincera exprimia as penas do amor, deixando chorar o coração. Recollida na sua tristeza, não occultando o pranto das faces, disse a magua como a sentia, como ella commove, sem falsas contorções, sem freneticas imprecações. Vendo-a lacrimosa e terna, a alma foi atraz d'ella para a verdade; mais ou menos, a paixão quexosa nos seus labios, tinha sido e podia ser a paixão do todos.

Mas o *auto de Gil Vicente*, na mente do poeta, que estreou com elle a scena, mirava a um allo mais importante. Na sua idéa o drama devia ser um estímulo e um convite. O triumpho tinha-o regosijado como penhor da restauração do gosto, como fiança da futura carreira aberta. Tinham-lhe as artes cortado tantas palmas, que outra, mesmo a scenica, era inferior ao resultado que procurava. O seu objecto fora regenerar o theatro, purifical-das devassidões, e levantando-o com o culto das graças castas, salvai-o do desprezo pela estimação de boas obras. Se a decadencia precedeu o esplendor, se a imitação quasi que desvaizou logo á nascença, a culpa sera de todos menos do auctor de *D. Branca*.

E entretanto os primeiros dias prometliam mais do que o tempo veiu realizar. Da corôa dramatica, cingida essa noute pelo sr. Garrett, brotou uma esperanza, e d'ella floresceu a vocação do poeta, que mais victorias colheu no palco. Diante da gloria e da commoção dos seus triumphos, Mendes Leal sentiu na mente o impeto que Bocage chamava o estro, e que não é senão o enthusiasmo lyrico da alma, descobrindo subitamente em si o canto e a harmonia.

Perdido no silencio, era somente ainda um mancebo estudioso que frequentava os livros, via pouco o mundo, e conversando com o seu espirito na solidão ignorava as forgas de que nascêra dotado. Os grandes mestres da arte antiga foram os seus primeiros amigos de infancia. No trato pueril, e depois na relexão da idade mais adiantada, colheu a intimidade, já hoje rara d'elles, do vate moderno com a musa pagã. O esplendor de algumas estrophes, aonde brilha o primor desses modelos quasi inimitaveis, é devido a esta convivencia, que não se suppre, cuja falta se não remedeia.

Empregado em commissão litteraria na bibliotheca publica, desvalido da fortuna, e declinando visivelmente de saude, o talento serviu-lhe de introductor no mundo. Quanto é, deve-o a si. A sua maior gloria consiste em ser filho das suas obras. Vendo-se passar, alguns dias antes, um mancebo abatido, pallido, e com a fronte penidida, quem ousaria prever a carreira que auspiciosa o esperava? Parecia que no instante em que vivia mais pelo engenho, lhe lançava a morte no rosto as sombras do sepulcro!

Luctando com a apprehensão dos padecimentos, e com a fadiga do trabalho, cujo fructo applicava á satisfação das obrigagões filiaes, abriga quasi unico de uma familia, e esteio futuro d'ella, nas horas de descanso é que avivava sobre a tela as paixões exalta-

(1) O traslado authenticico da procuração, que serviu ao mencionado procurador, conserva-se em Arayolos no cartorio de seu descendente, o ill.<sup>mo</sup> sr. João José de Almeida Cardozo do Valle Mexia.

(2) Liv. das ver. de 1697 a 1700, fl. 111.

(3) Liv. id. fl. 159.

(4) Liv. das ver. de 1825 a 1830, fl. 109 v.

(5) Liv. id. fl. 112 v.

das da sua primeira peça os *Dous Renegados*. Se foram temerarias as esperanças concebidas ao desenhar esta pagina, o exito excedeu-as. Respondeu-lhe o triumpho! Naturalisando as liberdades da Melpomene, então mais que arrebatada de A. Dumas, e realçando a manifestação dos affectos com as galas e a magnificências da phrase poetica de V. Hugo, exgotou, como o auctor de Catharina Howard, as situações violentas, cujo interesse é a anciiedade; encheu de lagrimas e delirios o amor, como o auctor de Ruy Blas. Depois de tantos annos, Mendes Leal ha de sorrir-se das exagerações do primeiro ensaio; mas n'aquella noute, entre as palmas, as aclamações e as flores, nem o poeta nem a critica advertiram, que o bello e o sublime estão mais perto, na verdade da natureza e do coração; e que as fúses abrazadas, correndo para dentro de defeituosos modelos, quebrando estes, e frias ellas, ficam estatuas aonde a criação original não accendeu a chamma divina, que faz viver as grandes figuras das idéas e do sentimento. D'ali não pode sair nunca Desdemona nem Othello!

Filho da geração nova, recebido nos braços d'uma ovação á sua entrada nas letras, o auctor dos *Renegados* achou-se de repente exposto aos perigos e seducções da popularidade. Chegava em um periodo de revolução; e os seus primeiros triumphos eram-lhe decretados pelos caprichos do publico voluvel dos theatros, que todas as novidades atrahe, e que só a lição constante consegue fazer justo regulador do gosto. Não admira portanto que o poeta, pouco experiente e ainda verde para a analyse e a observação, preferisse as exagerações da forma á simplicidade grandiosa, que é a expressão tragica da paixão; e tomando a emphase e a antithese pela sublimidade natural, arriscesse a lyra ainda balbuciente, e a musa facil em illusões pelos precipicios que n'esse tempo nem os proprios mestres evitaram.

O exemplo e a consciencia da sua fecundidade enlevaram o poeta moço. Entregou-se ao publico, e seguiu-o em vez de o dirigir. Depressa lhe pareceu a scena curta para a actividade que o consumia, e veio pedir á imprensa horizontes vastos e mais largo campo. Cada dia foi uma lucta differente, uma empreza nova, uma aposta atrevida, parada com precipitação, e ganha ás vezes com mais fortuna que justiça. Na epocha feliz em que as imaginações ardentes, entendem que a pompa e o colorido resumem tudo, lançou-se á torrente e quiz atravessal-a em todas as direcções: as forças cedendo enganaram-lhe a vontade em umas occasiões; a onda passando-lhe por cima, ameaçou-o com o desastre em outras.

O verdadeiro exito consistiu em não se ter perdido; em chegar a tomar a terra, nos jardins menos phantasticos, aonde a voz dos grandes cantores, ou nas melodias imitadas da Grecia e Roma, ou nos suspiros e carmes da inspiração christã acompanha com as harmonias da natureza e da criação os typos eternos e admiraveis do bello!

Em poucos annos, raros escriptores terão percorrido como elle tão longo espaço, marcando a passagem de bastantes padroes. A facilidade repentista da invenção, e os thesouros inexauriveis d'uma phantasia quasi prodiga, permittiam-lhe tudo e animavam-no a tudo. Do drama á comedia, da ode á satyra, do romance historico á novella da actualidade, não houve genero que deixasse intacto, não houve corda na harpa que ficasse muda, nem difficuldade que o suspendesse. Combatou com todas ellas; passou pelos dominios de Walter Scott, e ao lado da interpretação physiologica de Balzac; pizou ao de leve e sem demorar os romaninhos e os goivos da meditação catholica de Chateaubriand!

Se o impeto o trahiui; se os poucos annos lhe faziam promessas temerarias; emfim se a confusão das linguas nas Babels da arte lhe desviaram a imaginação, propondo luctas em desproporção e com a idade e a indole poetica, não pôde desconhecer-se, que d'essa epocha de ensaios, ainda nos resta mais de um quadro foliz na galeria, denasado cheia das suas obras. Depois quando a reflexão corregiu as verduras; quando o poeta, ainda crente, mas já observador, e homem desenganado, voltou ao lar paterno, e viajante saudoso, veio assentar-se debaixo das sombras da sua infancia, ao lado da musa do primeiros amores, levantando os olhos e pousando-os nas feições inquietas da mocidade, havia de gosar certo deleite em correr com o sorriso melancolico muitos paineis do seu arrojio; devia tomal-o tambem certo orgulho achando dignos do seu nome de hoje alguns aonde vive a Lyrica expansiva do sentimento virgem. Não lhe acudiu aos labios um suspiro; não sentiu desejos de dizer ao presente os bellos versos de Lebrun:

Prend les ailes de la colombe  
Prends, disais-je à mon âme, et fuis dans les deserts!

Apezar das tentações da politica aos talentos elevados, Mendes Leal, mesmo cedendo algumas vezes, nunca abjurou o culto das letras. Voação espontanea, de repente suspende as armas da polemica, e solta a estrophe dourada, que sobe extatica e fremente de ternura como a de Sappho, queixosa e meiga como a *captiva* de Chénier, ou heroica, opulenta e enebriada como a de Victor Hugo. Estes carmes de uma aspiração tão firme e tão nobre, melodias da alma refugiada nas regiões superiores, vingam a musa do pugilato que se arrasta aos seus pés, e obrigam o clamor dos interesses a fazer silencio em volta dos seus altares.

(Continua.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



HANNAH SNELL.

HANNAH Snell nasceu em Worcester no anno de 1723. Aos vinte annos, orfã de pae e mãe, casou

com um marítimo hollandez. que em breve a abandonou. Privada de meios de subsistencia, sósinha no mundo, tomou a singular resolução de se vestir de homem, e debaixo d'este disfarce assentar praça de soldado. Pouco tempo depois, como chegasse ao regimento em que jurára bandeiras um joven recruta de Worcester, receando ser reconhecida por elle, desertou, e foi servir, como soldado de marinha, em um dos navios da esquadra do almirante Boscawen, que partia para as Indias. Hannah Snell distinguio-se ali pela sua agiliade, destreza, presenca d'espírito e valor, já n'os muitos temporaes, em que o navio se achou em grande perigo; já em diversos combates. Em Pondichery foi gravemente ferida, e para evitar que descobrissem o seu segredo, teve a constancia e a habilidade de extrahir a bala. Depois de andar exposta a innumeraveis perigos, regressou a Inglaterra, onde não tardou que não se divulgassem as suas aventuras. O governo, em recompensa dos seus serviços e coragem, concedeu-lhe uma pensão de 20 libras (965000 réis). A Snell acabou pacificamente os seus dias em uma pequena casa de pasto, que estabeleceu perto de Wapping, a que deveu de certo á eccentricidade do viver da heroica proprietaria grande parte da freguezia que tinha.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECCULO XV.

IV.

ANTES da descoberta de Colombo não apparece a menor memoria da estatua. Se ella existia, porque a junta composta de D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, mestre Rodrigo, e mestre Josep a a quem elle (*rei D. João II*) commettia estas cousas de geographia e seus descobrimentos, e com a qual á forca de importunações o mesmo rei mandára que Colombo conferisse sobre a sua empreza, teria por vaidade as palavras d'este „por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cyprango de Marco Paulo?“ Isto passava cerca de 1484, quando havia ao menos 32 annos que a ilha do Corvo era conhecida e possuida pelos portuguezes. A ser verdade o achado da estatua, fôra crível que a junta não descobrisse n'este monumento singular algum indício a favor da empreza de Colombo? Se esta vinha de imaginações de Marco Paulo, porque não acrescentava a junta a esta razão de decidir a de fazer o pretenhido fundamento não na estatua da ilha do Corvo?

Porque é que Behaim no seu globo de 1492, depois de ter casado e vivido na ilha do Fayal, apontando muitas circumstancias insignificantes a respeito do descobrimento das ilhas dos Açores, homem de sciencia em quem a geographia e cosmographia eram estudo de vocação, poude esquecer a memoria d'um facto tão espantoso e unico? Não queremos affrontar o chronista, dizendo que fôra o inventor da fabula, mas como historiador da escola da sua epocha accceitou tudo quanto ouvia, convertendo-o em escriptura em a menor sombra de critica.

Posta n'estes termos a invenção da estatua parece-nos cousa facil de explicar. Os offerecimentos de Colombo, primeiro desprezados por Portugal, depois accceitos por Hespanha, e coroados do successo promettido, foram uma accusação á ignorancia, á impvidencia, ou á má vontade de nossos sabios e poetas. Despitaram-se contra os novos descobrimentos, e não fôr em qualquer outra nãção rival. D'aqui

porventura inventarem ou apoderarem-se da noção popular e phantastica d'uma estatua na ilha do Corvo, com o intento secreto de tirar por este meio a Colombo a originalidade e prioridade de seus descobrimentos, que desde muito o dedo do cavalleiro apontando para o ponte indicava conhecer. Assim o descobrimento da America pelos nossos rivaes ficava reduzido á facil consequencia de um descobrimento portuguez, e da luz que d'elle emanava. Quando não podiam desluzir o feito por elles perdido, minavam-lhe a sua reputação de original, e queriam de algum modo associar Portugal, ao menos pela historia, á gloria d'aquella descoberta. Se a sua imprudencia não fizera perder o dominio d'aquellas importantissimas regiões, queriam, e em compensação, levantar ao orgulho nacional um falso monumento que attestasse a paternidade da idéa; contentar o descontentamento publico com a vangloria, e distrahir-lhe a attenção das accusações que tão bem mereciam os que aconselharam, e os que rejeitaram as propostas do aventureiro navegante genovez. Entretanto mal sabiam que, lionjeando as ruins paixões do seu tempo, combatendo surdamente a prioridade dos descobrimentos hespanhoes no novo mundo, também davam falsas armas com que os inimigos pudessem combater a originalidade da nossa navegação e descobrimentos molternos no alto mar Atlantico septentrional. Para salvarem o ciuime nacional dos martyrios da occasião, sacrificavam ás consequencias de uma fabula grande parte da nossa gloria passada.

E não se diga que as nossas conjecturas são sem precedente, porque obra de meio seculo depois de Góes, o infatigavel Manuel de Faria e Sousa nos seus commentarios aos *Lusiadas*, menos reservado, ou mais minucioso do que o primeiro chronista, nos parece dar a chave do segredo, quando diz não a echarémos mano de no faltar quien diga, que el (*Colombo para a descoberta da America*)... le pudo ayudar mucho da de aquella estatua (que con el indice apuntava al Occidente, como enseñando aquellas tierras) hallada por los portugueses en la isla del Cuervo... o que ainda no ultimo tomo dos mesmos commentarios repete nos seguintes termos: «Tambien es de creer le serviria de luz... al mismo Colon... aquella estatua equestre, hallada de los portugueses en la isla del Cuervo, una de las llamadas Azores, i la mas Occidental, i Septentrional dellas... cõ... el brazo derecho tendido, apuntando con el indice ázia Poniente: que sin duda mostrava essa America Occidental...» *Ruy de Pina na Chronica de el rei D. João II*, c. 66, fallando da chegada de Colombo ao Tejo, depois do seu primeiro descobrimento, bem deixa perceber a má vontade com que lhe estavam o rei e os cortezaes. A sua autoridade como contemporaneo é n'este ponto de grande valia. E sendo El-Rey logo disso avisado (*diz elle*), ho mandou lir ante si, e mostrou por isso receber nojo, e sentimento, assy por creer que o dicto descobrimento era fecho dentro dos mares, e termos de seu Senhorio de Guinee, em se ofrecia disensam, como porque o dicto Almirante, (*Colombo*) por ser de sua condigam hñ pouco levantado, e no reconramento de suas cousas excedia sempre os termos da verdade, fez esta cousa em ouro, prata, e riquezas muito maior do que era. Especialmente accusava El-Rey de negligente, por se escusar delle por mingoa de credito, e autoridade, acerca deste descobrimento pera que primeiro o viera requerer. E com quanto El-Rei foy cometido, que ouvesse por bem d'ho ali matarem; porque com sua morte o proseguimento desta empreza, acerca dos Reys de Castel-

la, por falecimento de descobridor cessaria; e que se poderia fazer, sem suspeita de seu consentimento e mandado; por quanto por elle ser descortes, e alvoraçado, podiam com elle travar por maneira, que cada hũ destes seus defectos, parecesse a verdadeira causa de sua morte. Mas El-Rey como era Príncipe muy temente a Deos, nom somente o defende, mas antes lhe fez honra, e muita merce, e co ella o despedio. E porem perseguido El-Rei em sua memoria deste cuidado, e tendo sobre isso primeiro conselho junto com Aldea-Gavinha, se foi a Torres-Vedras. . . » O que tudo repete com a mesma ordem, e pouca alteração nas palavras. Garcia de Rezende no c. 164 da *Fida e feitos del rey Dom Joham Segundo*; e João de Barros *Da Asia*, decada I, parte I, c. 11.

Continuaremos nas considerações que o texto de Damião de Góes nos suggere.

O rei mandou tirar o deluxo da estatua por Duarte d'Armas. No archivo nacional não ha o menor vestigio d'esta diligencia. Nenhum escriptor contemporaneo a menciona. No livro de Duarte d'Armas intitulado *Das fortalezas que stam situadas no extremo de Portugal e Castilla*, existente na Torre do Tombo, unica obra que d'elle nos resta, nada ha concernente ao deluxo da estatua. O sr. abbade Castro, quando na sua *Carta dirigida a Sabotio, amador de antiguidades*, disse que o deluxo estava n'aquelle obra, errou, á força de não a conhecer por inspecção propria. O livro e em folio de 4.º tamanho, com 139 folhas numeradas, afóra 4 primeiras sem numerção, occupadas com titulo e indices. Tem a folha numero 36 repetida. Faltam lhe as folhas numeros 37, 38, 39 e 40, mas consultado o indice nenhuma d'ellas contivera nada a respeito da estatua. Examinamolo attentamente, e d'isto damos testemunho. Góes em 1567 é o primeiro que falla em semelhante deluxo. E porque não faz d'elle menção na 2.ª parte c. 27 da *Chronica de D. Manuel*, que já primeiro computára (1558) o reino de direito devia notar-se, por ser coisa d'este reinado, a similhança do que, fallando do mesmo Duarte d'Armas, que em 1567 foi mandado a Africa sondar a barra d'Azamor, da Mamora, de Selé, e de Lixoche, diz que «tragou e debuxou as entradas d'estes rios, e a situação da terra?» Não parece isto indicar que a falsa importancia historica, que quizeram dar a precedente illusão da estatua, é de data posterior a composiçõ e publicação da 2.ª parte da *Chronica de D. Manuel*?

Quebraram a estatua por mau azo, mas de culpa ram-se com o rei que a tinham achado desfeita por tormenta do inverno passado. Esta falsidade, que o proprio chronista reconhece, é significativa, como ja tivemos occasião de notar. Quem ouzava mentir ao rei não é muito que mentisse ao clero, a nobreza e ao povo, auctorizando com o falso voto da sua inspecção enganosa que deviam desenganar, porque não fosse por diante o preconceito ou a malignidade que dera corpo, formas, e existencia real a uma visão. Foram talvez estes vicios originaes, que incluziram em erro o chronista.

Tronxeram ao rei fragmentos da estatua. Mas que perfeição accusavam? Eram propria ou vagamente caracterizados, a ponto de não deixarem duvida sobre a verdade e identidade de sua anatomia geral? As roclas volcanicas dos Açores, maxime nas suas cristas, apresentam a certa distancia formas tão phantasticas, e linhas tão pronunciadas de parte ou todo de figuras humanas, animaes, edificios, etc. que custa resistir a illusão que produzem. Como isto pode prender em a credença do inventor da estatua, obri-

ramente nol-o explica o sr. general Antonio Homem da Costa Noronha, no artigo *Estatua de ilha do Corvo*, que publicou no jornal litterario e historico, *Revista dos Açores*, t. I, p. 63. Seja permittido que corremos-nos ás palavras d'aquelle bom amigo.

«Nunca foi tenciono minha d'izo escriptor açoriano entrar na discussão historica do que se escreveu n'outro tempo a respeito do achado de uma estatua q'entre tre maciça de pedra, sobre a rocha do noroeste, em occasião em que a ilha do Corvo foi desolada, fact que unicamente, e como vaga memoria, o chronista Damião de Góes conta na chronica do príncipe D. João, e sobre o qual tem havido grande discordancia entre os escriptores posteriores, inclinados-se maior e a mais judicioso-a parte d'elles a cont-stal-o. Entretanto ainda esta materia não apparece no publico discutida como convinha a honra das novas descobertas e da nossa historia; sei que um meu amigo prepara sobre ella uma memoria especial *referese a este trabalho que agora se a luz*, cuja publicação eu aguardo impaciente-mente. Para satisfazer pois a esse amigo não me poupei a investigações locais, durante a minha ro-silencia na ilha do Corvo, no mez de julho do anno passado 1830. Eis o que alli colhi.

«Os naturaes, que não excedem mil annas, nenhuma tradição têm de haver na ilha nenhum vestigio d'aquelle estatua, sendo que, se o achado d'ella fosse historico, memoria de monumento tão notavel não deixaria de perpetuar-se de paes a filhos. O que porém é incontestavel é que ja sobre as rochas, ja na superficie do terreno, se avistam penedos, em certa distancia, ao olho nu, parecem figuras similhanes a organisadas. Nas immedições do Caldeirão, agradável cratera d'um vulcão extincto, colleta de lago e ilhotas, matizadas, como as margens, de bela verdura, ao norte da ilha, e já notada nas cartas maritimas do capitão Vidal, abundam os exemplares dos taes penedoss-estatuas.

«Nenhum outro resultado colhi nos meus trabalhos. Consultei paciente e aturadamente a tradição, que nada me respondeu: percorri e investiguei attento os logares ao noroeste, e tudo pareceu dizer-me que a estatua fora uma illusão optica.»

Este testemunho sincero de quem pessoalmente investigou os logares é d'um grande valor, e se não termina abertamente a questao da existencia ou não existencia da estatua, derrama incontestavelmente grande luz sobre o caracter dos fragmentos que dizem virem ao reino. O que vem porventura, não era mais do que borrelos de cristas volcanicas, com que, ainda depois do desenganço, se obstinavam sustentar o erro da primeira idéa, quando só por muy longe dariam visos dos membros que o chronista inventaria. Não seria por isso, por essa sua imperfeição extra-monumental, que ninguém os tomasse pelo que dizem ser, e fossem desprezados a tal ponto, que poucos dias estivessem na guarda-roupa do rei, desapparecendo d'ella para sempre, o que de certo não succederia, se n'elles claramente se reconhecessem fragmentos d'um monumento unico no origem, mo achado, e em todas suas circumstancias?

Os fragmentos estiveram na guarda-roupa. O chronista não diz que os viu. Bousou saber o que fora feito d'elles e não o abandonou. Pois das camaras reais desapareciam cousas importantes impunemente, e nem sequer ficava em memoria o occamio que levavam. Se entre 1517 e 1521 é que Góes foi guarda-roupa do rei, é de data anterior o extraviço dos fragmentos, porque não falla d'isso como de coisa occorrida no seu tempo. Logo a perda só pudera ter logar ali entre 1497 (em que ha memoria de trabalhos de Duarte d'Armas) e 1517. Será pois cri-

vel que em dez annos succedesse tudo isto, e a memoria do desaparecimento se perdesse de modo que ja nada constasse a tal respeito, quando Goes entrou no serviço da guarda-roupa? Na quitação que em Évora a 11 de maio 1333 D. João III passou a Pedro Carvalho da entrega de todos os objectos recebidos na guarda-roupa d'el-rei D. Manuel, desde 19 de dezembro 1520, até 21 de novembro 1521, não se faz nem menção nem allusão a fragmentos da estatua que no acto da transição da guarda-roupa lá estivessem, ou houvessem precedentemente estado.

Quando o donatario da ilha do Corvo Pero da Fonseca a foi ver em 1529, soube dos moradores que na rocha a baixo d'onde estivera a estatua havia umas letras. Só de dous modos podia descobrir-se inscripção: ou achando-a explorando a illa por terra, ou vendo-a contornando a costa pelo mar. Pelo primeiro modo de certo não foi ella descoberta, porque para ir ao logar onde diziam que ella estava foi necessario descer homens por cordas bem atadas: pelo segundo, descobrir do mar ou da praia letras gravadas n'uma alta rocha, negra e volcanica, como é a de toda a ilha, particularmente a do noroeste, fóra cousa inconcebivel, mesmo que allegassem o auxilio do melhor telescopio! Mas, se a estatua foi destruida pela tormenta, ou apeada, pelos emissarios, sempre no logar onde estivera ficaria vestigio da sua base: entretanto é o que nunca se poudo achar n'um trato de terra tão pequeno, nem a memoria do logar se conservou na tradição dos habitantes, o que de certo succederia se a primeira idéa d'esta visão ou realidade d'elles viesse originalmente. Tudo leva a crer que não foi dos corvinos que a phantasia da estatua partiu. Não repugna porém que da illusão optica, que porventura foi a origem primeira do falso monumento, derivasse a segunda illusão da inscripção: porque era facil, a quem tanto propendia a descobrir maravilhas, deixar-se seduzir pela geral apparencia da rocha volcanica do Corvo, que por sua natural porosidade, e sulcos que o rocio das ondas n'ella faz, encarando-a nas partes menos resistentes, pode facilmente induzir os desprecitados em erros semelhantes.

Taes são as considerações que o texto de Damião de Goes pedia que fizéssemos para illustração do ponto; e das contradicções e absurdos que notamos parece inferir-se logicamente que a auctoridade das palavras do chronista é n'este particual nenhuma, porque não dá testemunho pessoal de quanto relata da estatua, e é natural suppor-se fosse victima da geral credulidade, produzida pela invenção (innocente, ou damnada?) do estraubo monumento. Resta ainda apontar alguns argumentos geraes, já directos, já indirectos, que, na ausencia de vestigio, ou documento insuspeito da existencia real da estatua, tornem impossivel acreditar-se n'ella.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES

ADEUS!

ADEUS, eu volto ao mundo, e dentro em breve  
No turbilhão revoltado das paixões  
Quem da paz no remanso ind'hoje escreve  
A'manhã sondará tregos volcões.

Eu deixo a solidão hospitaleira  
Onde vim minhas lagrimas secar  
Pela confusa grita traigoeira  
Que os bandos soltam no confuso mar!

A's tão lindas manhãs d'um lindo outono  
Ao sol, á briza, ao campo, e mais á flor,  
A' quieta choupana do colono  
Resumo n'este canto um adeus d'amor!

Aqui, na solidão, ai como é bello  
Abrindo o coração fallar com Deus  
Pôr em nobre afeição nobre disvello,  
Na lyra modular segredos seus!

E eu vou deixar-te, solitaria estancia!  
Ao mundo das paixões volto outra vez!  
D'estes formosos campos a fragrancia  
Não voltarei a ter nunca talvez!

Adeus, ó solidão, meu grato asylo:  
Se a tormenta ámanhã me sepultar,  
Não reveles, não digas o sigillo  
De quanto, ó solidão, te vim contar.

Debaixo de meus pés vejo um abysmo!  
Ao mundo volto! — Solidão — adeus!  
Quanto mais em deixar-te eu penso e seismo  
Mais preso, ó solidão, encantos teus!

L. A. PALMEIRIM.

RECEITA E DESPEZA DO REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA NO ANNO DE 1853.

Recetta.

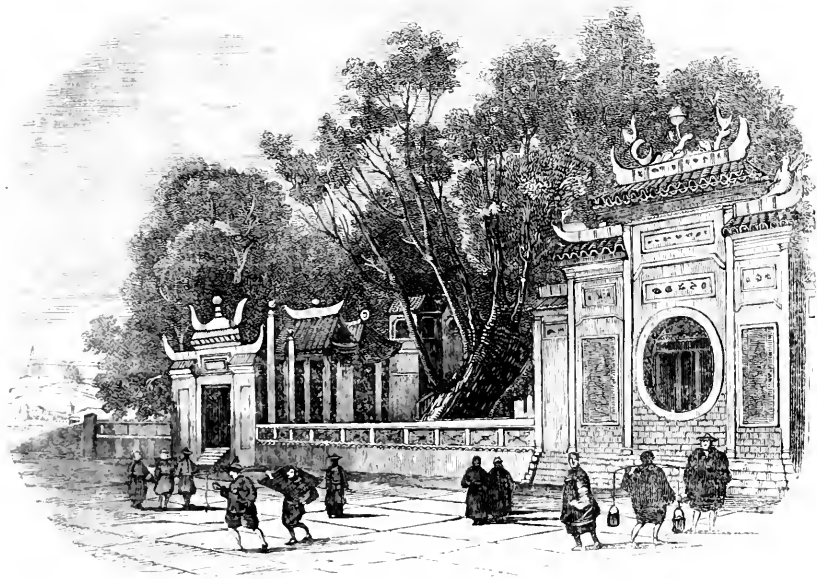
	Lib. str.	sh.	dms
Alfandegas . . . . .	20.902:734	4	8
Excise . . . . .	15.337:724	4	6
Tymbre . . . . .	6.975:416	19	9
Income-tax . . . . .	3.153:867	6	3
Contribuição territorial . . . . .	5.588:171	18	8
Correios . . . . .	1.104:000	"	"
Propriedades da corôa . . . . .	402:888	19	3
Entregue pela comp. <sup>a</sup> das Indias . . . . .	60:000	"	"
Recettas diversas . . . . .	905:540	16	5
	54.430:344	9	8

Despeza.

Divida consolidada . . . . .	27.436:193	8	4
Bilhetes do thesouro . . . . .	368:650	16	2
Lista civil . . . . .	399:572	10	"
Pensões . . . . .	352:435	2	5
Corpo diplomatico . . . . .	149:777	19	8
Tribunaes de justiça . . . . .	1.107:094	13	2
Exercito . . . . .	6.763:488	5	1
Mariuha . . . . .	6.640:595	19	6
Soldos civis . . . . .	4.463:690	3	8
Guerra da India . . . . .	260:000	"	"
Outras despezas . . . . .	3.233:340	16	11
	51.174:839	14	11
Sobras no anno de 1853 . . . . .	3.255:504	14	9

— O casamento é o acto mais grave da vida do homem, e contudo é communmente o que se pratica com maior irreflexão.





MACAU — PAGODE CHINEZ.

O nosso antigo estabelecimento de Macau é um dos mais gloriosos padrões da gloria portugueza; e em nenhum talvez a Providencia nos tem deparado tão frequentes occasiões de conhecermos o errado caminho que levámos, e quanto nos convem adoptar novo systema, senão queremos que se perca de todo a preciosa herança que nos legaram nossos avós a preço do seu generoso sangue.

Não trataremos porém agora da historia de Macau, aliás resumida no bello artigo publicado a paginas 183 do tomo quarto da primeira serie d'este semanario; nem faremos tão pouco n'este lugar as considerações philosophicas que a situação da remota provincia luso-sinica suscita, mas que exige tambem mais larga escriptura e mais abalísada penna. Limitar-nos-hemos ao objecto da estampa.

Representa ella a frontaria de um dos mais bellos pagodes de Macau; e porque não possuímos particulares noticias d'este monumento, extractaremos o que a respeito dos edificios chinezes de Macau em geral se lê no excellente livro do sr. Carlos José Caldeira, intitulado — *Apontamentos de uma Viagem de Lisboa a China*:

«Entre as construcções chinezas em Macau só são para notar quatro principaes pagodes, um em cada uma das aldeas de Moba e Patane, outro no caminho de Patane para a porta do Cêreo, e o quarto perto da fortaleza da Barra: os dois primeiros são de

honita architectura no estylo chinez, e muito bem situados, principalmente o da Barra, que tem diferentes nichos ou capellas em amphitheatro, por entre grandes penedos e frondosas arvores, que o fazem muito pittoresco. Os chinas escolhem com muito tacto e gosto os locas dos seus pagodes, construindo-os de ordinario por entre penedias e arvoredos, e em sitios romanticos: são muito amadores das arvores, e sendo grandes e bellas as conservam pelo meio dos muros e edificios, ou alleijando estes de modo que não tenham de as derrubar.

«Todos os edificios de Macau e na China estão sujeitos aos estragos da formiga branca, que ataca toda a qualidade de madeira e a destrue com incrível rapidez, chegando a fazer cair de repente os sobrados e tectos das casas, por novos que sejam, quando não haja a prevenção de fazer chegar a todas as partes do edificio o ar e a luz, unico meio conhecido até hoje para diminuir um pouco este flagello, que se estende a todos os objectos, e particularmente a livros e papeis.»

Cabe n'esta occasião recomendar a leitura do livro supracitado do sr. Caldeira. Com effeito em obra alguma se encontram tão copiosas e tão recentes noticias de algumas das nossas possessões ultramarinas, que o leitor visitou, e para cujo melhoramento aponta aivites, que alonam muito a sua illustração e patrio-tismo.

## O. IMPERIOS BISANTINO E OTTOMANO.

N'ESTE momento em que todas as atenções estão voltadas para o império ottomano, attraídas pela gravidade de uma questão e importância de acontecimentos, que ameaçam envolver a Europa em uma das mais porfiosas luctas por que tem passado, creio que será lida com algum interesse uma noticia historica sobre aquelle imperio.

O quadro será resumido, porque assim o pedem os limites d'este jornal: entretanto farei todo o possivel para que n'elle destaquem bem duas circumstancias muito necessarias a quem quizer apreciar todo o alcance da presente guerra, tanto em relação aos interesses da Russia, como aos da Europa. Fallo de duas grandes influencias contrarias, que avultam n'aquella historia; a que a cidade de Constantinopla exerceu pela sua posição geographica no rapido engrandecimento de dous imperios, e a que o gabinete de S. Petersburgo tem exercido, principalmente desde o meiodo do seculo passado, na progressiva decadencia do imperio ottomano.

A importancia pois de Constantinopla como porto commercial e como ponto strategico, e por outra parte a constancia e tenacidade com que a politica russiana tem ido desmembrando a Turquia, e minandando-lhe moral e physicamente a existencia, devem servir para a apreciação dos immensos interesses que se agitam e chocam no oriente da Europa, e tambem para se aguzar da extensão do empenho e esforgo que farão, a Russia para levar a cabo a empreza a que metteu hombros, e as potencias occidentaes para lh'a frustrar.

Ainda quando não se envolvesse n'essa guerra que ali está travada, a lucta de vida ou morte dos dous grandes princípios politicos, que tem abalado toda a sociedade, e na qual se resume por assim dizer a historia geral da civilisação, a desmembração da Turquia, e a occupação de Constantinopla pela Russia é de per si uma questão da maior transcendencia para a sorte futura da Europa, e principalmente para a supremacia da Franca e da Inglaterra.

## I.

*Fundação de Constantinopla; divisão do império romano; engrandecimento e decadencia do império do oriente.*

O IMPERIO romano havia tocado o apogeu da sua grandeza e esplendor. O immenso poder com que avassallara tantos povos, já não era bastante para guardar e defender fronteiras tão dilatadas, que se estendiam pela Europa, Asia e Africa. Começaram pois as invasões pelo lado do norte, e a estas succederam-se outras não menos perigosas, as que vinham da Asia, tanto mais temiveis quanto mais distava da fronteira ameaçada a séde do governo imperial, o centro de toda a acção.

Constantino o Grande viu o perigo em toda a sua extensão, e para o vencer, ou pelo menos afastar, resolveu transferir a capital para um ponto d'onde melhor pudesse velar pela segurança do imperio. Em tales circumstancias não podia deixar de lançar suas vistas sobre Bysancio. Assentada na Europa e junto as portas da Asia; banhada pelas aguas de uma vasta bahia, chamada mar de Marmara, que lhe proporcionava um dos mais bellos portos do mundo; collocada entre o mar Negro e o Mediterraneo, com os quaes se communicava por meio de dous canaes, o do Bosforo e o dos Dardanellos, que lhe serviam ao mesmo tempo de pontos naturaes de de-

feza e de caminhos de prosperidade, a antiga Bysancio era o lugar mais bem fadado pela natureza para servir de assento a uma grande cidade, assim como tambem o sitio mais apropriado aos desgnios do imperador Constantino.

Correndo pois o anno de 328 deu principio este monarcha á sua obra, e passados dous annos Bysancio tinha mudado completamente de aspecto. A sua área havia-se alargado extraordinariamente; as suas ruas estreitas e tortuosas tinham desaparecido para dar lugar a vastas praças e a magnificos edificios. Esplendidos palacios, theatros e aqueductos, columnas, arcos triumphaes e outros monumentos artisticos; sumptuosas igrejas, d'entre as quaes se extremava por sua vastidão e riqueza a basilica de Santa Sophia, um dos mais bellos e grandiosos templos que a piedade christã tem erigido, tudo isto metamorphoseára Bysancio em uma cidade romana, quando no dia 2 de maio do anno 330 foi dedicada á Virgem Maria, recebendo então o nome de Constantinopla.

As vantagens commerciaes e a importancia politica que lhe provinham da sua situação geographica, desenvolvidas ainda mais pelas instituições que já haviam feito de Roma a capital do mundo civilisado, imprimiram-lhe um tão grande progresso, que em menos de um seculo excedeu a antiga capital do imperio em população e riqueza.

As vistas politicas de Constantino o Grande foram sem duvida satisfeitas, pois que d'este novo centro de força communicou-se energia e vida ás provincias do imperio que mais d'ellas careciam. E d'esta arte ponde o governo imperial refrear por muitos annos a audacia de perigosos inimigos.

Por morte de Constantino dividiu-se o imperio entre seus tres filhos, mas fallendo logo depois um d'elles ficou aquelle immenso estado dividido em dous imperios, o do occidente com a cidade de Roma por cabeça; e o do oriente com a séde do governo em Constantinopla.

Passado pouco tempo voltaram as duas cordas a ornar uma só frente, mas pouco durou esta união, pois tornaram a separar-se para nunca mais se unirem.

Como bem se pode imaginar a divisão enfraqueceu os dous estados; todavia as suas consequencias fizeram-se sentir primeiro em Roma do que em Constantinopla. O imperio do occidente, envelhecido pelos seculos, quebrantado pelas luctas intestinas, amollecido pelo luxo, e pervertido por toda a casta de devassidões, correu com passos de gigante desde aquelle acontecimento pelo caminho da decadencia até se alluir completamente ao impulso dos que appellidava — barbaros do norte.

O imperio do oriente achou porém recursos com que neutralisar os terribes effeitos d'aquella separação. Achou-os na energia e vigor de um estado nascente, e na situação geographica de Constantinopla, tão vantajosa para a politica como para o commercio. Assim apesar d'aquelle successo viu ainda por algum tempo dilatar-se a sua influencia, augmentar o seu poder, e multiplicarem-se as suas riquezas.

Todavia nas veias d'aquelle corpo social tinhase inoculado um virus, que lhe minava a existencia. Juntamente com essa organização singular, que havia dado ao imperio romano tanta força e solidez; a par d'essa civilisação, que enchea Roma de tantas galas e magnificencias, e que a fizera celebre na posteridade, introduziu-se na capital do novo imperio, e lavorou com rapidez por todas as provincias, a relaxação de costumes, essa mesma demoralisação, que corrompéra o povo romano, e que por fim o en-

trégara fraco e entorpecido ao rancor e brutalidade dos vandalos e outras nações.

Não tardaram pois a começar as discordias civis. A morte de um soberano era o signal para o rompimento de porfiadas luctas. E da guerra a peito descoberto passou-se ás mais infames traições, aos mais covardes assassínios. Ora o punhal e o veneno abriam aos ambiciosos o caminho do throno; ora os mais cruéis tormentos despojavam da vida os rivaes do poder. A estes excessos vieram ainda acrescentar novos horrores as dissensões religiosas.

A eregção de Constantinopla em patriarchado deu origem, ou direi melhor, facilitou a propagação d'esse grande seisma, que dividiu a Igreja catholica em duas communhões, que se guerrearam phreneticamente, a latina e a grega, seisma que tanto sangue fez correr em toda a superficie do imperio do oriente.

Por este tempo despojava-se a Europa para correr á conquista da Terra Santa. E esses formidaveis exercitos, saídos pela maior parte de regiões agrestes e semibarbaras, onde a civilisação ainda não tinha levado as commodidades da vida e o progresso das artes, ao passarem por Constantinopla, na sua marcha para a Palestina, ficavam maravilhados e tão cheios de assombro como de inveja ao contemplarem as quatrocentas igrejas d'aquella soberba capital, e os seus magníficos palácios, obeliscos e arcos triumphaes, a riqueza das altaias consagradas ao culto divino, e finalmente a variedade e abundancia de todo o genero de provisões, e de toda a casta de mercadorias que affluíam de todos os paizes aquelle grande imperio.

Os exercitos da quinta cruzada não puderam resistir á tentação de se apoderarem de uma tão rica e facil preza. Corria pois o anno de 1204 quando ali chegaram e lhe puzeram cerco. Ao terceiro dia de assedio foi enterada a cidade, e feita a cubilha e satisfeita a inveja dos sitiantes. Foram roubados todos os templos, destruidos ou mutilados todos os monumentos e objectos de arte.

Os conquistadores aclamaram por imperador a Balduino, conde de Flandres, e seu general. Durante meo seculo esteve no throno a familia de Balduino, até que um aventureiro, Miguel Paleologo, a expulso, apoderando-se da corôa imperial no anno de 1261.

(Continúa.)

I. DE VALHENA BARROSA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DECOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

#### IV.

A DEDUÇÃO de provas que fizemos na primeira e segunda parte d'este trabalho levam a evidencia que até aos modernos descobrimentos marítimos dos portuguezes no 15.<sup>o</sup> seculo não ha memoria de que nenhum dos antigos povos, de que ha vestigio historico, fizesse a navegação do alto mar Atlantico septentrional. Se pois esta proposição e hoje irrecusavel, e se a primeira estatua equestre de que falla a historia e a romana levantada a Julio Cesar, a existencia d'uma estatua equestre n'uma ilha perdida no meio do oceano, e desconhecida não só na antiguidade, mas tambem na idade media, é historicamente impossivel.

O estado virgem em que todas as ilhas da Azo-

res foram achadas no acto de as descobrirmos tambem está depondo contra a realidade do monumento, que attesta a passagem do homem. E como não ficaria d'ella senão a estatua sem nenhum outro rasto? Azurara, chronista contemporaneo da descoberta d'estas ilhas, affirma, que achadas desertas n'ellas «nom avya outra povoação senão allymarias monteses.» As cartas de doação das capituladas d'algumas d'ellas, passadas pelo infante D. Henrique, ou pelos monarches portuguezes d'aquelle tempo, tambem não só não alludem a que n'ellas se achasse vestigio de mão de homem, mas são todas uniformes em declarar que não havia *ab initio* memoria de quaes ilhas fossem conhecidas. *Solitariae insulae* lhes chama a bulla do 6.<sup>o</sup> dia dos idos de janeiro de 1454.

Finalmente não é tambem razão de menor peso o silencio absoluto que, antes de Goes, todos os escriptores, nomeadamente os chronistas de D. Affonso V. D. João II. e D. Manuel, guardam a respeito do achado da estatua, Azurara, Ruy de Pina, Garcia de Rezende, Fernão Lopes da Castanheda, João de Barros, Maffion, etc. nem uma só palavra dizem d'ella. Todos os demais testemunhos que se queiram addazir a favor da estatua, são posteriores a Goes, e cegamente o seguiram. Fructuoso, historiador insulano que d'isto trata no l. 1.<sup>o</sup> e. 32 do inédito *Saudades da Terra*, é d'esse numero; assim como Cordeiro no l. 1. 9.<sup>o</sup> e. 3 da *Historia Insulana*. O sr. cardinal Saraiva, que sem grande estudo das contradições do facto, e sem cabal conhecimento da historia do lugar, quebrou no n.º 10 da *Revista Litteraria* do Porto uma lança a favor da realidade da estatua equestre da ilha do Corvo, fundado unicamente na fluctante e dvidosa autoridade d'aquelles auctores, emquanto advogou a causa gloriosa dos nossos descobrimentos, compromettera a credição da sua originalidade e prioridade á força de confiar demasiadamente em testemunhos equivocos e sem valia.

Muitos escriptores sizados dados ao estudo da historia dos descobrimentos marítimos, e guiados por luz de melhor critica, vem em abono da proposição que defendemos.

O sr. vice-almirante Ignacio da Costa Quintella, contando o *facto extraneo* do achado da estatua, que tinha por si o testemunho de Damião de Goes, acrescenta a p. 111, do t. 4 dos *Annos da Marinha Portuguesa*: «Não sei se isto basta para o acreditar.»

O sr. Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello, distincto escriptor michaelense, escreveu a p. 5 da *Memoria historica sobre as ilhas dos Açores*: «He quimérico o dizer-se . . . que no descobrimento d'estas ilhas se achára huma estatua de pedra, representando hum cavalleiro, que apontava com o dedo para o Occidente. Deo lugar a esta fabula huma rocha natural, que havia na ilha do Corvo. . .»

O sr. visconde de Sá da Bandeira, na parte historia que acompanha a interessantissima *Pollinha da Terceira para o anno de 1832*, é da mesma opinião.

O sr. conde Vargas de Bodemar, director do museu da historia natural, e socio da academia das sciencias de Copenhagen (Dinamarca) que fez em 1836 uma investigação scientifica em todas as ilhas dos Açores, a p. 4 do seu *Resumo de observações geologicas*, diz, referindo-se á sua viagem, que «ella servio para verificar, que é uma pura chymera a Estatua equestre, que se dizia existir na ilha do Corvo, com a mão estendida para o lado da America. . .»

E ja no principio do seculo 18.<sup>o</sup> o proprio padre Cordeiro, que na *Historia Insulana* compulso as *Saudades da Terra* de Fructuoso, crêndolo e sem critica a tantos outros respeito, sente tamanha diffi-

culde em justificar o achado da estatua, depois de confessar que na ilha não se achou *signal, ou indicio de genio humana*, que só com o *Deus ex machina* sae de tamanho aperto, escrevendo a p. 490, que «aquella fatal estatua do Cavalleyro apontador de outras Ilhas, foy obra do mesmo Author da natureza, e Provisor Divino...»

A' falta de noção authentica, que ainda um dia pode apparecer e dar á historia do facto as verdadeiras feições; seja-nos licito, depois de apontadas tantas contradicções e inverosimilhanças no texto do chronista, supprir com luz consiljante, não totalmente destituida de fundamento, as trevas da incerteza e da duvida, em que naturalmente se fica quando se vêem abalados presuppuestos fundamentos historicos.

Supponnos que depois de descoberta e começada a povar a ilha do Corvo, dos habitantes, ou navegantes que costumam fazer o contorno maritimo da costa noroeste lhes vein a primeira idéa de estatua equestre, originada da feição particular da crista de algum rochedo; idéa a que originalmente não dariam a importancia e significação que depois teve, porque bem veriam que ali não havia monumento, mas apenas mais ou menos remota similhaça d'elle. A principio a noção popular conter-se-ia provavelmente em seus justos limites. Não via producto d'arte no que era obra da natureza, até que estranhos novelleiros se apoderaram do pensamento e o entreteceram com imaginações calculadas. Só depois das descobertas de Colombo é que a pretendida estatua, de natural que era e se mostrava aos insulares, a transformou o conceito dos cortezaos em obra d'arte, aproveitando-se para isso da idéa vaga, sem mais attenção as circumstancias particulares e illustrativas do preconizado monumento; que só assim conseguiram chamar sobre elle a attenção d'el-rei D. Manuel. Não repugna que Duarte d'Armas fosse tirar o debuxo; que da propria natureza copiasse cousa, que em verdade se parecesse com estatua equestre; e que com isso demovesse o rei a mandal-a-sacar e conduzir ao reino. Nesta segunda diligencia porém é que nos parece descobrir falta de lealdade em quem operava, ou no chronista que a relatou, porque mal pode suppor-se que se não convencessem logo, e não desenganassem o rei, de que não havia ali monumento d'arte. Aquelles fragmentos que trariam do rochedo-estatua, e de que tão pouco cabedal se fez no fago, não parecem dizer que só á vista d'elles se desenganaram da illusão maligna em que tinham estado; desengano a que ainda assim por ferir o amor proprio e pundonor real se impoz silencio? Na opinião dos habitantes do Corvo supponem existir uma inscripção na rocha que era base do monumento, não foi talvez illusão original e gema com a da estatua, antes parece ser já consequencia da previa transformação d'esta. Illusão ou mentira, d'uma ou d'outra foi victima. Pero da Fonseca, como já o tinham sido da rocha metamorphoseada el-rei D. Manuel, e provavelmente mais alguém com elle.

Pôra assim pois, que ou adulteração ou inexactidão das primeiras noticias recebidas da ilha do Corvo depois do seu descobrimento, enganariam muitos dos contemporaneos, e archivadas meio seculo depois sem critica nem commentario por um chronista, tem induzido em erro grave muitos que confiaram n'esta unica auctoridade. «Quantas vezes tem succedido, escreve o sr. Costa de Macedo) mesmo nos tempos modernos, sem em as primeiras noticias que se recebem d'um paiz novamente descoberto bem diferentes do que depois se verificam em novas viagens?»

Concluímos esta quarta parte do nosso trabalho. Precisa-nos ter dito sufficientemente para convencer

de que é falso e sem fundamento o caracter que se dá á illusão que capitulou monumento d'arte o que fôra apenas capricho de fogos interiores. O pretendido achado d'uma estatua equestre na ilha do Corvo, sobre ser historicamente impossivel, ante a luz que o estado actual da sciencia projecta sobre elle; não tem por si provas relevantes; e estaria tão longe de ser obra da mão do homem, quanto em verdade mais proxima era de producto espontaneo da natureza. Tal feição não pode mais servir nem figurar na historia. Releguemol-a aos dominios da poesia. Contentese em inspirar ao poeta algum episodio mais ou menos brilhante, como já o fez a Chateaubriand, nos *Souvenirs d'Italie, d'Angleterre et d'Amérique*, nos *Natchez*, no *Genie du Christianisme*, e nas *Mémoires d'outré-tombe*: — a Frei José de Santa Rita Durão no canto 1.<sup>o</sup> do poema *O Caramarú*; e ao padre José Agostinho de Macedo no canto 3.<sup>o</sup> do poema *O Oriente*.

JOSÉ DE TORRES.



HENRIQUE I O LIBERAL.

APESAR da pequena importancia do seu reinado, Henrique I merece um logar distincto entre os condes de Champagne e de Brie. Filho de Thibeaut IV, succedeu a seu paé em principios de 1152. No anno de 1147, sob o titulo de conde de Meaux, fez parte da segunda cruzada pregada por S. Bernardo. Na sua volta casou com a princeza Maria, filha do rei de França Loiz o moço.

Com quanto merecesse o appellido de generoso ou liberal por sua grande piedade e innumeraveis doações a igrejas e conventos, o conde Henrique parece que não fôra de um procedimento irreprehensivel na sua mocidade. Existem cartas em que a princeza, sua mãe, se queixa muito amargamente d'elle ao abbade de Charavai; mas S. Bernardo, que exerecia sobre o moço principe grande influencia, soube reconduzilo ao cumprimento dos deveres filiaes.

Um dos seus primeiros actos de piedade foi a doação que fez aos religiosos de S. Remy. Depois e successivamente estabeleceu ricas conzeias na igreja de Sezanne, na de Pouzi, etc.; garantiu rendimentos sufficientes aos religiosos de Cluny, de Chamoié, de Andécies, de Soisi e muitos outros. Fundou quatorze ou quinze hospitaes, e além d'isto tetez igrejas, sendo a principal a collegiada de S. Estevão de Troyes. Fizou para esta igreja setenta e duas prebendas em honra dos setenta e dous discipulos de Jesus Christo; aos titulares d'estas prebendas, que chamava seus filhos, seus epallães (*filios meos*, ca-

*pellanos meos*) dou grandes bens, e muitas casas de habitação, situadas entre os dous braços do Sena, que atravessam a cidade. E o arrabalde que ainda hoje se chama o *claustru de S. Estevão*. Enfim as suas prodigalidades eram tão extraordinárias, que muitas vezes achava-se sem meios alguns de que pudesse dispôr.

Henrique repudiou, pelos annos de 1162, a condessa Maria, assim como Loiz o moço tinha feito á rainha Leonor; mas a instancias de S. Bernardo, a tornou a receber em 1164. O abade de Clara-val convidou-o a entrar na nova cruzada; e com effeito no anno de 1178 partiu pela segunda vez para a Terra Santa em companhia de Pedro de Courtenay, irmão do rei e de Philippe, bispo de Beauvais, sobrinho do mesmo principe. Esta nova expedição militar não surtiu resultado algum.

Sendo obrigado a voltar para França, ao atravessar em 1180 a Asia menor e a Illyria, Henrique I caiu em uma embuscada, e foi feito prisioneiro, com amaxima parte dos que o acompanhavam. Resgatado pelo imperador dos gregos, conseguiu regressar a França no mez de março de 1181; mas sete dias depois de reentrar nos seus estados, falleceu.

A condessa Maria, sua viuva, mandou erigir-lhe um tumulo na collegiada de S. Estevão, que depois foi substituído, talvez no 16.<sup>o</sup> seculo (?) por outro de bronze dourado, de um estylo e lavor admiráveis.

A nossa gravura representa o *sello* equestre de Henrique I, que pôde considerar-se um verdadeiro typo dos principes da idade media.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XX.

*Adua.*

Em que sentido se tome aqui a palavra *Adua*, claramente se conhece do primeiro capitulo, que a villa de Arrayolos deu aos seus procuradores ás côrtes de Almeirim de 1544, e é o seguinte:

«Primeiramente, que por ser esta villa de muitas vinhas e oliveas, e outras beneficiorias, e os moradores d'ella os mais honrados ordenarem layvoira, pera a qual tem boís, que damun as ditas beneficiorias, por não haver *Adua*, em que se recolham; que S. A. haja por bem que se tomem as herdades pertencentes pera ella, e que os senhores os não tollam, ainda que pera ella tenham posse e privilegios; e sejam avaliadas as herdades por tres ou quatro homens pera se pagarem, e se pagará como ora estão arrendadas; e que toda pessoa, que tiver boís dentro na villa, seja carreiros como layvadores, vão la pastar sob pena de pagar de vazio, e mais da postura da camara o que for ordenado.»

Em virtude d'este capitulo mandou el-rei um ministro a informar-se da justica e conveniencia do pedido, e com o fundamento d'essa informação expediu de Santarem a 8 de julho de 1545 uma alvará, por que ordenou se escolhesse para *Adua* a herdade de Sant'Anna, que é do hospital da mesma villa, e deu as providencias para ser paga pontualmente a renda, e não ser deteriorado o predio (1).

Com effeito foi a dita herdade escolhida para *Adua*, e d'ahi veiu que mudou o seu artigo nome de herdade de Sant'Anna, no de herdade da *Adua*, pelo qual ainda hoje é conhecida.

E porque pelo tempo adiante a descuidosidade ou a malevolencia destruiu o arvoredo e damnificava a herdade; e além d'isso os pastos d'ella eram comidos indevidamente por gados, a que não competiam; a camara proveu de remedio com uma postura de 20 de agosto de 1588 (2).

Em muitos e successivos accordãos do 1.<sup>o</sup> quartel do seculo 17.<sup>o</sup> continúa a camara as suas providencias para o bom regimen da *Adua* (3), a cuja obrigação se esquivavam principalmente os singelleiros, a quem era mais commodo e mais barato comer junto da villa as pastagens alheias, sem lhes importar os damnos, que assim faziam nas fazendas e fructificadas.

Ha mais de dous seculos porém que em camara se não falla em *Adua*, talvez não tanto por se considerar desvantajosa esta instituição, como por não haver copia de singelleiros e seareiros, que chegasse para pagamento da renda da herdade.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

## ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

### POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

#### MENDES LEAL.

QUEM estudar n'esta manifestação da arte o talento do joven poeta acha-lhe a sensibilidade melindrosa, o ardor e a saudade do ideal, que tornavam Bocage o rei da harmonia, e quasi o precursor da escola moderna. Na pintura dos affectos, nas descrições e no sentido moral, o coração do cantor palpita, a ternura vê-se que não é fingida; a alma inflammavel, prompta na admiração, facil no enthusiasmo não se esconde. Dorido ás vezes do contacto do mundo, desilludido pelas amarguras do desgano, e não conhecendo só de nome os revezes, Mendes Leal não chegou a ser o lyrico que é, senão, como Elmano, por saber de experiencia os horrores sublimes da tempestade, e as estreitezas e conflitos dos trabalhos da vida.

Se a sua tinta é forte, se o seu desenho é animado e exacto, se as arvores e penedias, as flores e as aguas, as estrellas e a noite têm viveza e cor; se retratam as paisagens e a villa meridional, é porque não copiou dos livros a natureza morta; é porque pelos seus quadros passa o reflexo visível do intimo abraço do céu com a terra; e reinam o mysterio e a elegia do coração com a existencia. As lagrimas correndo cusinaram-lhe a compadeecer nos outros as proprias maguas!

Por isso o echo da sua voz é tão sentido, e a lyra tanto acerta com as notas sensíveis, que só diz a alma lacrimosa, e o amor mais ternio. Só assim radioso da gloria do passado, ou melancolico pela catastrophe presente pode levantar o enthusiasmo da patria esses hymnos que não morrem. Como os côros de Eschylo formam exequias dignas dos deuses aos infortunios humanos.

(1) Liv. das posturas de 1588, a fl. 92 v.

(2) Vereação de 27 de março de 1621 — dita de 22 de Janeiro de 1622 — dita de 13 de agosto id. — dita de 12 de novembro id. — dita de 6 de setembro de 1625.

(1) Regi-tado no liv. das vereações de 1545 a 1547, fl. 60.

Leiam a *Juliana e Vasco da Gama*, e digam se o vulto heroico desceu no cantico. Veja-se a *Nenia* de Carlos Alberto, o *Ave César!* e n'aquelle gemido quasi epico, lembrando os funeraes de Achilles no epodo grego, cada traço re-une um dos martyrios e desastres da grande lueta da Italia.

Na contemplação religiosa, na meditação christã, que profundo sentimento se aspira para Deus; que fragrança perfuma a phrase elevada como o assumpto! Que harmonia no verso, que sobria grandeza na imagem, que vôo alto e rasgado na idéa moral! Como é largamente interpretada a vida espirital perante o mysterio da Redempção, como a magestade da religião reflecte a face consoladora, e a um raio de luz divina a poesia se levanta da terra apontando com a mão da esperanza o celeste refugio das miserias do mundo!

No cantico de amor, no devaneio elegiaco, a phrase soluça, o pranto escalda, a desordem dos sentidos falla; e o veir transparente da forma não faz senão tornar mais bella a dôr, não a offendendo com falsos artificios. Se estas qualidades, que mais ou menos nas ultimas obras caracterisam a inspiração do poeta, e que o seu gosto e observação todos os dias hão de aperfeicoar, pudessem ter sido os dotes da sua musa desde o principio; e se a precipitação ás vezes o não impedisse de corrigir o primeiro embo, que monumentos houvera erguido, e que esplendida epocha abria na poesia nacional!

O que lhe falta em diversas paginas não é o esplendor, não é o sentimento; mas a unidade, a igualdade, e a reflexão critica que tornam immortaes as odes de Horacio, e o hexametro de Virgilio. E o tempo, o amor da correcção e o respeito da arte, em que os antigos sobressaem pela castidade da forma, e por aquella belleza e graça dos seus quadros, na maior parte sublimes e originaes á força de esmerada elegancia.

A facilidade que melhor caracteriza Mendes Leal é a erecção lyrica. Antes de tudo fello Deus poeta! A sua lingua é o verso. Quando aceita a prosa para meio de vulgarisação, a sua phantasia achasse como constringida; e a viveza esmorece um pouco, e por vezes a periphrase affrouxa o nervo do periodo. A pureza e o calor de algumas paginas não salvam outras de certo frio e contração, que lhe assombram o estylo. O toque fino, o traço arrojado, a metaphora grandiosa, que dão o colorido epico a tantos dos seus canticos, não sustentam as qualidades correspondentes na construcção prosaica.

De certo o poeta é um dos escriptores mais correctos da lingua, a palavra obedece-lhe; diz quasi sempre imaginativamente o que deseja exprimir, porém a vista rasgada, que a sua musa levanta sobre horizontes cheios de magnificencia, tirada da altura poetica, e posta no plano inferior da terra perde muito da perspectiva magica.

No verso é o contrario. A arte sente-se, e não se vê. A harmonia é espontanea. Nunca apparece o esforço nem o martello do metrificador. Os rythmos mais difficeis deatam-se e cedentes, diaphanos, que se revê a idéa n'elles, flexiveis a pintura da paixão, que não deixam um suspiro sem voz, uma sombra, a mais leve, sem vêr. Senhor do instrumento lyrico não precisa forçallo para o fazer suave e brando como a saudade do amor ingenuo, elevado e heroico como a figura homérica dos vultos dos seus hymnos.

A melodia não faz a inspiração escrava, esta é que a domina. No systema poetico de Mendes Leal as odes e as estrophes em que a idéa parece enzealada; a opulencia do estylo em que circula a luz e o brilho do colorido oriental, e a phrase, de um la-

vor puro, onde fulgem, como diamantes, as imagens engastadas, são vestes ricas e pomposas sim, mas apenas involucros e accessorios do pensamento. Acima da variedade e cadencia dos metros e da perfeição da rima, superior aos artificios do verso e á harmonia dos sons, é raro deixar de se encontrar logo o sentido historico ou a formula philosophica, laço visível entre o ideal e a realidade! A superioridade das suas manifestações poeticas é esta união íntima da idéa com a forma; esta logica (permitta-se o termo) da imaginação e do sentimento; esta relação da imagem com o canto, e da phrase com a imagem. Repetimos, se mais de um descuido é facil notar ainda nas ultimas composições, deve acrescentar-se que o progresso tem sido constante, e á vista d'elle nenhum saberá prever aonde pode aspirar esta vocação, que na idade em que muitos nem começam, hombrêa já com os mestres da harmonia.

E sem pensamento o que diz ou o que significa a poesia?

As notas que deixam fugir as cordas da lyra, os rythmos em que o cantico se expande, as azas resplandecentes de matiz e de luz da invenção, cujo vôo sobe tão alto, e roubando um raio ao sol o vem pousar na harpa, se a expressão poetica tomar o meio vocal por termo, e fôr muda quanto ao fim transcendente, serão mais do que sons e cores, do que formas e metros vazios?

A interpretação da existencia, a eterna e ansiosa aspiração da alma, e a observação profunda e analytica da natureza e das paixões constituem a gloria dos grandes modelos desde Virgilio, no livro IV da *Eneida*, até Shakspeare e Milton, desde o Dante e Tasso até Camões e a Goethe! Da epopéa pagã ao drama philosophico e ao poema christão, da epopéa theocratica, e da epopéa de sentimento e de nacionalidade, até á formula geral e pantheista do *Pauso!*

Sem o affecto e o enthusiasmo, sem o pensamento e a contemplação, o verso é uma voz que lisonjeia vagamente o ouvido, adormecendo-o á força de melodias, enlevando-o pela dogura, sem dizer nada ao espirito, sem levantar uma só prega ao véu do destino humano. Pintar a paizagem e não sentir n'ella o sopro de Deus; importunar a magua em metros cadentes, e não lhe perceber nem os delirios nem o silencio; buscar nas joias do turbante mouro, no chaveco do pirata africano, na estrella pallida, na onda inquieto, na flor ou no regato o thema de variações perdidas, o pretexto de rimas pomposas, é confundir a espiritalidade com a mechanica da palavra, preferindo a copia do morto á expressão da alma.

A arte imita de certo; mas imita creando; o seu objecto não é trasladar servilmente, é interpretar a vida pela analyse do coração; e a natureza pelas maravilhas do universo, e pela sublimidade do Creator.

A deprecação de Priamo implorando ás iras de Achilles o cadaver de Heitor; os queixumes tão serenos á superficie, e tão agitados no fundo, da filha de Agamemnon, dizendo saudades á vida, despidos da forma harmoniosa commovem e arrebatam mesmo no pallido reflexo de uma lingua moderna. Homero e Euripides são os grandes autores que sabemos, porque a sua voz poderosa sem o auxilio do verso enterneceu, subjogou e fez sempre inclinar os seculos. Sapho, a amorosa poetisa de Lesbos, se tanto attrahe é porque a sua dor não está nos sons de uma lyra afinada, mas na expressão ardente da ternura, na desordem natural dos sentidos, na agonia verdadeira do coração cortado, cujo sangue vemos correr quasi,

cujas lagrimas depois de mais de dous mil annos ainda renascem, molhando os nossos olhos.

O defeito da poesia recente, da nossa sobre tudo, tem sido o culto exclusivo da harmonia, a eservidão da idéa á forma. O gosto é fructo da experiencia e da polidez do espirito: a correção da-a o estudo; o estylo vem da imaginação e do gosto; mas reúnem-se todos em um quadro, e negue-se ás figuras a alma, de que resulta o gesto e a expressão; o sópro que na criação faz eloquente o silencio nas solidões, e magestosa á noute a voz dos mares; deixe-se pender a flor sem os beijos do sol e os murmúrios da aragem; cale-se nas ramas inertes o gorgoejo das aves; apague-se a luz de repente, ou cortem-se-lhe as sombras; roube-se emfim á serenidade nocturna o branco sudário da lua; e o espectáculo da natureza muda, a repetição de uma só côr embora formosa, a pausa lugubre das harmonias do céu e da terra farão triste e inerte a propria belleza, provando que aonde falta a vida, não ha sublimidade nem poesia, mas só o horror do sepulchro. O agrado convencional e monotonico depressa cansa, como se a vista estivesse condemnada a não fitar senão um cadaver, mesmo que fosse o corpo gentil de Aspasia, ou a belleza incomparavel da Venus cyprica, mortos nos labios os travessos amores do sorriso.

Mendes Leal estima a forma, procura-a, mas não se deixa absorver por ella. O seu verso diz sempre alguma cousa ao espirito e ao coração. Ha nas poesias d'elle canticos, que o sentimento catholico de Lamartine não julgaria abaixo de alguma das elegias de *Jocelyn*. Tem estrophes, cujo impeto e pompa, cuja clamyde bordada de imagens fulgurantes, tida com o fio d'ouro e púrpura do estylo arabe. Victor Hugo julgaria dignas do phantastico bando das aladas irmãs, chamadas *Orientas*.

Se houvesse applicado tão ricas facilidades ao labor mais longo de um poema filho das grandes scenas do passado, ou do rasgo sublime de uma figura heroica, as guerras da Asia ou da Africa por exemplo, tão queridas do enthusiasmo epico, o monumento não daria melhor a altura do poeta, do que a pagina fugitiva ainda que esmerada, em que lançou o canto solto de alguma d'ellas?

Se perguntarmos d'onde procede a musa risonha, enlevada e ligeira umas vezes, pensativa, magoada e religiosa outras de Mendes Leal; se indagarmos a filiação do verso elegante e ornado; do metro harmonioso e viril; d'essa veia, que ora é funda como a paixão, ora vae tanto á superficie da vida, como a briza arrata ligeira o calice das flores, não seria facil marcar de leve as fontes donde deriva o seu talento, nem indicar de perto os modelos, em que formou o gosto e castizou o estylo.

Ouvindo-o suspirar e zalalude christão diriam que desde do melancolico trovador, cuja enleiva respira com graciosa siltura isenta dos artificios da forma. Ouvindo-o celebrar as armas e as conquistas, ou infortunios dos povos, e a leão dos reis, julgaria-se-lhe que roubou parte do segredo á perfeição classica, e que o seu canto é ainda um echo dos antigos lyricos. No seu verso, tenno como os enleivos d'alma quando os descreve; activo e potente como a phrase aberta em bronze dos prophetas quando a suscita; ha tons, ha luz e sombra; achasse a força unida a graça e á invenção. Para durar o que duram as obras dos mestros falta-lhe só unidade de desenhos, proporções mais amplas no quadro, e aquella tinta forte, que se não come com o tempo, antes se faz bella com a idade.

Nas suas mãos o instrumento tem dado todas as notas desde o cantico a Deus até ao suspiro mais ti-

mido do amor. A Hea anima e obra a estrophe, ou se eleva a Christo nas azas da fé, ou suba fulgurante, como os raios do sol, a gloria dos Albuquerque e dos Gamas. Porque não tira o poeta de tantos elementos uma criação completa?

Institimos neste ponto, porque nos fore desagradavelmente a indifferença com que tem sido tratada a musa até aqui; e a repugnancia com que deixam de lhe offerecer assumpto digno d'ella. Esta negligencia não é só de Mendes Leal. O desejo da publicidade e a sede do applauso, arrastam a revelações imprudentes alguns ver-judadores que não deviam forçar a inspiração; mas preparar-se para a receber castamente, quando ella os visita.

Se o poeta que analysamos chegou á idade dos pensamentos fundos e das obras fertéis, sem murchar a sua corôa, deve-o a inexgotavel riqueza das facultades. Prodigalou-se como os outros; esparziu os carmes por todos os caminhos; obrigou-os a seguil-o e a gemerem muita vez da violencia com que os humilhava, da precipitação com que os expunha á curiosidade, menos compastos, do que permittia o pudor da arte. Se a muitos fez bellos o proprio pejo; se assim mesmo, na forma nua e quasi primitiva da criação espontanea, ha que admirar n'elles, o que seria se a imaginação os affagasse mais nas azas carinhosas; e os não deixasse fugir de si sendo formados e robustos para as provas da critica e do gosto?

Hoje Mendes Leal já se não entrega com a mesma facilidade as seduccões da veia repentista. Sente-se no periodo sizudo da criação poetica; e nas bellas e correctas paginas, em que n'estes ultimos tempos tem experimentado as forjas já resoura o amor do seu nome, e o respeito do futuro. Homem de idéa e de intelligencia deve principiar a ver além do presente, e a trabalhar para a posteridade. Possui os dotes preciosos para subir; deve prezar a gloria porque tem direito a merecê-la.

O que desvia da inspiração original e prende dentro do circulo imitativo os talentos nascidos para maior destino, não é tanto o temor dos assumptos, como o horror da fadiga. Languem os olhos para o espaço que hão de percorrer, as usta-os o lavor que a obra pede, e empalidecem. Compor uma ode é mais breve do que urdir e levantar um poema. Imitar a idéa e a forma de uma poesia estranha custa menos, do que vestir de imagens, e illuminar de cores uma invenção propria, cujo sentimento seja o sentimento historico, cuja expressão de va tudo ao coração e ao puezil do cantor. A pergunta de pensar, é a grande inimiga das letras portuguezas; e a culpada da invasão estrangeira que as escravava. Mendes Leal, nos seus cantos mais puros, embora seja ainda estreito o quadro, libertou-se ja um pouco d'este captivo-treiro. Resta ver se tomara animo, pizando uma senda nova, em regios donde tudo esta por explorar.

O visconde de Almeida Garrett, no eclecticismo gracioso da sua musa, apresenta exemplos aproveitaveis. O *Canto* vem de pois de *D. Branca*; o *auto de Gil Vicente* foi escripto antes de *Pr. Luiz de Sousa*. A corôa que lhe cubria a harpa romantica não cede em primor a que adorna a fronte quasi classica de muitos cantos pagãos das suas lyricos. O grande vulto do sublime e inspirado cantor da *Illiada* portugueza não o fez recuar; mediu-se com a grandeza d'aquelle nome, immenso como a epocha, e ganhou a gloria de não succumbir, ficando igual ao arrojto. Porque não o imitam n'isto? Porque não vão tambem as tradições colher das flores e saudades que se conservam vigosas, para tirarem um livro nacional da fragrante e simples essencia d'ellas?

Tem sido fado da litteratura peninsular este erro de imitar os desenhos e pensamentos de fora.

Se applicarmos a analyse ao systema poetico de Mendes Leal, acharemos no verso, no metro e na phrase, mais de uma recordação feliz da boa escola portugueza. Lendo-o, sente-se algum sabor da arte classica, e ao mesmo passo o fino e agradável picante dos cantores a quem os homens da prosodia alatinada, e do compasso horaciano chamavam barbaros.

No seio da verdadeira originalidade de phrase que ha em muitos trechos do poeta, e acompanhando-o das transições juvenis á expressão actual, é possível caracterisar os elementos da appropriação successiva, e descobrir o laborioso tecido do estylo, a reflexão proveitosa dos bons modelos.

A sua harmonia e o seu impeto lembram o fogo-so Boeage, a firmeza do contorno e o cunho da idea, recordam Philinto, mas com a melodia, que pouco o favoreceu. Na vaga tristeza de algumas estances, na singeleza de alguns toques presentem-se uns longes de Bernardim Ribeiro; no relevo da pintura descriptiva, e na perspectiva mimosa de certos painéis passa como um sópro das elogos do Quita, do tom engraçado e puro de Rodrigues Lobo. Todos os escriptores offercem estas affinidades de parentesco intellectual, estas camadas, mais ou menos espessas, com que fecham a tinta da forma propria. Só o ignora, quem julga que os livros se fundem de um facto, e os periodos caem da penna como a publicação os mostra.

Mendes Leal portanto, no gráu a que chegou e com a docilidade a que trouxe o metro e a rima, está no caso de ser um poeta de criação, um continuador das tradições interrompidas no seculo 16.<sup>o</sup> pela renascença romana. Um leve esboço da physionomia das differentes epochas, e a rapida apreciação dos escriptores que as illustram, justificará a asserção que repetimos, censurando a indole imitativa, o ardor da versão e da paraphrase, que tanto entorpecem desde o principio em Portugal o desenvolvimento e o esplendor das artes.

A poesia nacional, ainda mimosa ao saír do ninho rustico das primeiras canções, encontrou logo as copias frias e quasi pedantes da renascença classica. Da suavidade singela, em um ou outro logar já tocada da sombra imitativa, com que se queixa amorosa e simples nos romances de Bernardim Ribeiro, até ao sol de Camões teria chegado até nós sem as affectações e enfeites estranhos, que lhe desmancham a belleza. Desde os cantos attribuidos a Gonçalo Hermigues até aos Echos, infelizmente perdidos, do vate das saudades (Bernardim) os cancioneiros, entre muita lamentação insulsa e descorada, deixam entrever, pelo rasgo espontaneo, muitas galas lyricas que a disciplina dos greco-romanos suffocou quasi no lergo.

Sá de Miranda e Antonio Ferreira, que vieram logo depois de Gil Vicente, sectarios do gosto italiano, e do traslado latino, foram em Portugal os promoveles da epistola aos Pisões, e os veredores do sublime pela pauta de Longino. Não pode negar-se-lhes o muito que aperfeiçoaram na lingua poetica e na correção da forma; deveria mesmo agradecer-se-lhes a introdução sapiente dos modelos toscanos e latinos: mas ha a censurar n'elles a intolerancia da escola. O seu influxo arrancou á musa aquella véu candido, mais negligente embora, com que nem escondia o rosto. Tocando-a dos enfeites venusinos deram-lhe ares de estrangeira, modos e seriedade de contrafeita; metteram-na em salas alheias, com requebros falsos; e separada do povo e da paizagem, em que nasceu, depressa lhe murchou o vi-

go, o encanto e a innocencia quasi travessa de virgem moça, esquecida dos primeiros e sinceros suspiros, com que disse amor e natureza! De toda a obra de Sá de Miranda sobreviveram as suas *Quintilhas*, que elle prezava menos talvez que nós; do verso de arte, e da inspiração quasi rebelde de Antonio Ferreira, em quanto a lingua existir, restam-nos os admiraveis côros da sua *Castro*, cujo perfume e sensibilidade parecem milagrosos na penna de tal poeta.

D'ahi até Camões, e do cantor do Gama até aos labirintos intrincados do gongorismo refinado, as boas obras, que temos, mais ou menos, são reflexos do estudo das letras romanas, das escolas italianas, e da hespanhola prevertida. Os episodios adoraveis, cuja saudade natal, cuja grandiosa paixão, é o primor da unica epopeia portugueza os *Luziadas*, luctam assim mesmo com a sombra de Homero e de Virgilio. O maravilhoso pagão trava-se com o maravilhoso do christianismo; e é pouco todo o genio de Camões para resistir ao perigo das imitações, que em tantas oitavas applaudidas teriam desviado outro. As suas canções, as elegias, sobre tudo a XI, alguns dos sonetos, e as inimitaveis redondilhas, em que parece rever-se a graça de Catullo, e voarem ossuapiros do Petrarcha, dariam nome a outro poeta, que não tivesse como elle gravado o seu na face d'um monumento.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### EMPREGO VANTAJOSO DA FERRUGEM DAS CHAMINÉS.

A FERRUGEM das chaminés e dos fogões, onde se queima lenha, compõe-se de um grande numero de corpos. Mr. Braconnot, que a analysou, achou vinte por cento de materia azotada, de alumina, de carbonato phosphato, sulphato e acetato de cal, diversos outros sees, tendo a cal por base, potassa, magnesia e ammoniaco, e materias carboniferas; é necessário acrescentar-lhe um oleo essencial empyreumatico, algumas vezes uma pequena porção de acido acetico, e outras carbonato de potassa em pequena dose.

Poder-se-ia augmentar a acção estimulante da ferrugem misturando-a com um volume igual de cinza de lenha.

Nas immediações de Lille servem-se da ferrugem de chaminés como adubo, e sobretudo com o fim de livrar os rebentos da couve dos insectos que os comem: 5 kecolitros chegam para distribuir por 10 are; algumas vezes deitam tambem a ferrugem nas folhas das couves picadas do bicho, no mez de março ou abril.

Se se dissolver a ferrugem em duas ou tres vezes o seu volume d'agua, e depois se filtrar por um paninho ou por outro meio equivalente, obtem-se uma dissolução, que poderá empregar-se com vantagem para conservar a carne dos animaes, dando-lhe um gosto semelhante ao da carne curada ao fumeiro.

A mistura da ferrugem com um volume igual de materias animaes puras, taes como o sangue coagulado e outras semelhantes é muy conveniente para retardar a putrefacção, diminuir o cheiro infecto, e livrar os adubos e as plantas dos animalculos e dos insectos.

A. PAVEN.

— Ha multos atheus por libertinagem; alguns por philosophismo; poucos por vangloria; talvez nenhum por convicção.





INDIA PORTUGUEZA — PRAÇA DA AGUADA.

Tomos os que nos prezamos do nome de portuguezes sentimos arfar o coração de nobre orgulho sempre que se falla dos estados da India. Com effeito o territorio que hoje os constitue foi o theatro dos espantos feitos dos nossos maiores; ali fizeram os nossos heroicos capitães respeitar a civilização européa e o nome de Portugal; ali pereceram muitos nossos conterraneos, uns pelejando pela religião do crucificado, pela sua patria e pelo seu rei; outros nas luctas não menos perigosas das missões; porque os portuguezes d'então, quando não triumphavam como soldados, sabiam morrer como heroes, ou como martyres!

É nosso proposito publicar uma noticia do estado actual da India portugueza, que apesar de decadente, ainda é uma das mais importantes partes da monarchia, para o que nos serviremos de trabalho muito curioso, que se têm recentemente publicado.

Hoje porém limitar-nos-hemos á descripção da fortaleza da Aguada, objecto da estampa, a qual extractamos dos *Bosques das possessões portuguezas no Oriente*, pelo sr. capitão de mar e guerra, J. P. Celestino Soares.

«A praça da Aguada é o ponto fortificado mais nobre da costa do norte de Goa, e talvez de todo aquelle territorio, ja pela natureza, ja pela arte com que o tornamos forte eavel. Occupa o extremo da península que forma o limite boreal da foz do Mandivim, e de baixo de cujas baterias todos os navios, que demandam o ancoradouro, são forçados a fundear, para o fôrto m o orizonte. Com effeito é uma bella e grande fortificação, consistindo principalmente d'um s. n. e de baterias á borda d'agua, ligadas entre si, que poderão comportar até dizen-

tas bôcas de fogo; protegidas por uma grande cidadella no cume da rocha sobranceira, ligada tambem e m a maior d'aquellas, onde está o palacio do governador por cortinas flanqueadas de bastiões, com seus terraplenos para morteiros. Esta cidadella é um rectangulo com seus baluartes, seus fossos e revelins, sua estrada coberta, seus quartéis a prova de bomba, e duas immensas cisternas, abertas na mesma rocha, de um acabamento perfeito. Domina toda a campanha ao maior alcance de canhão, pelas tenallhas do norte e nascente; e além d'ellas ha uma muralha ou recinto exterior da praça a tiro de fuzil, com seus baluartes, que completa a fortificação, e a fecha entre o mar e o rio de Singuerim, de maneira que ella ficaria isolada se o fosso que parte d'este rio estivesse concluido. Proximo ao angulo reintrante do baluarte do sudoeste, da parte exterior, mas dentro da cortina que desce da fortaleza, real para a bateria da praça, esta a torre circular do farol, bem construida e espagosa. No baluarte do noroeste ergue-se o mastro que supporta o mastarêo do telegrapho de bandeiras; tremulando só a portugueza no angulo mais saliente da bateria da praça, em outro mastarêo de immenso mastro. Dentro da praça ha uma nascente primorosa de agua, incorruptivel nas viagens de longo curso, com uma machina bem imaginada, que a deita em calhas, por onde corre até ao fim do caes, e d'onde commodamente a recebem as embarcações.

«Por cima da porta do primeiro recinto ha uma inscripção, da qual se prova que esta grandiosa fabrica foi obra do vizei-rei Rui Lourenço de Tavora, no reinado de Philippe II 1612.

«O farol era antigamente entretido por factos

ensopados em azeite, cujo costeiro faziam as camaras agrarias de Bardez. Hoje tem uma boa lanterna com eclipses regulados pela machina de um grande relógio, que bate as horas n'um sino de cento e cincoenta arrolas de pezo, transferido para ali da torre do extincto convento dos agostinhos de Gôa. Por portaria do governador geral interino Lopes de Lima (que tinha feito este melhoramento) de 20 de novembro de 1841, foi ordenado o seu serviço, que não tem soffrido alteração. N'uma das lombadas do terreno sobranceiro ao rio, e olbando para a barra, está a ermida de S. Lourenço de Linhares, que serve de parochia do mesmo orago, erecta pelo conde d'aquelle titulo em 1630.

«A guarnição d'esta praça foi sempre numerosa, e era residencia do general da provincia, quando os havia.»

Hoje compõe-se do regimento de artilharia (que em 1851 tinha mais de 500 praças) e da companhia de veteranos do norte.

O governador da praça da Aguada é um major; compõe-se o estado maior, além do governador, de um commandante do prezidio, de um ajudante, de um alferes, de um capellão, de um almoxarife e de um fiel.

Em 1852 havia montadas nas baterias d'Aguada noventa bocas de fogo, sendo de calibre tres, 1; de nove, 29; de doze, 33; de dezeses, 8; de dezoito, 17; e de vinte e quatro, 2.

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

RESOLVI finalmente fazer apparecer a publico os meus *Apontamentos de uma viagem á Italia*: ajuda que tardia seja a applicação nem por isso dispensa a indulgencia, que solicito.

A cargo da menos boa observação, do pouco tempo da viagem, e de qualquer informação inexacta, fique o menos preço d'este trabalho.

Para salvar a incoherencia que se possa notar na orthographia por mim usada n'estes *Apontamentos*, comparando-a com a que tenho empregado n'outros escriptos, direi: que annui a que se seguisse n'esta publicação a orthographia do Panorama.

Divididos os *Apontamentos* em differentes artigos lles poremos o ponto com a nossa assignatura em breve, bastando, que a ponhamos por exteixo ao cabo d'esta como introdução.

Lisboa, 22 de fevereiro de 1854.

D. ANTONIO DO SANTISSIMO SACRAMENTO  
THOMAZ DE ALMEIDA E SILVA SALDANHA.

#### I.

TARDE dizemnos algumas cousas, das que vimos na nossa viagem de Lisboa a Napoles, e ainda assim poucas.

Em quatro mezes e alguns dias, que abrangeram os ultimos de 1850, e os primeiros de 1851, não poderiamos adquirir jus ao que se applicou ao duque de Lafões, D. João — *Hic mores hominum multorum vidit et urbes*; mas tambem não foi tão curta a nossa viagem, que não possamos fazer algumas, ainda que abreviadas narrações, e não foi tão depressa, que não vissemos muitos homens e cidades, mais ou menos que o duque.

Em 2 de outubro de 1850 nos embarcamos no navio de guerra portuguez Infante D. Luiz, que

deitado de barra em fora se dirigiu para o sul, como lhe era necessario para buscar o Mediterraneo. Passamos a nossa costa, e na do Algarve encontramos, segundo informações do navio, duas baléas. Nas alturas da boca do *estreito* tivemos uma cerração, que nos obrigou a fazer algumas milhas desnecessarias.

Em occasião oportuna entramos o *estreito*, e encostando ao sul vimos de mais perto a Africa, que excita sentimentos tão grandes e tão differentes aos portuguezes. Avistamos Gibraltar, esse morro soberbo, que, quasi separado da terra, parece querer precipitar-se no mar.

Deitamos ferro na bahia de Gibraltar, porto largo e *porto franco* para o commercio, mas não de uma inteira confiança para ancoradouro.

Tivemos a visita da policia da *saude*, cujo officio, dando-nos a pratica, nos permittiu o desembarque, que effectuado e recebido o bilhete da policia, nos poz ao alcance de conhecermos a praça e a cidade, que é povoada por gentes mui differentes, porém recordando-se o viajante, que a Hespanha a dominou.

A condição de *porto franco* anima o commercio de Gibraltar, se bem que hoje se lhe sente a decadencia. Entretanto Portugal ainda faz um commercio importante com Gibraltar, e maior podia ser se algumas gousas ali chegassem mais aperfeiçoadas, como o disse o consul geral portuguez José Benso em suas interessantes informações de 5 de agosto de 1853.

O governo da praça é dado, como bem se antolha, a pessoa de grande confiança, e a cidade se mantem no pé de guerra, apenas modificado, porque o inimigo não está á vista. A sua população é de 20:000 a 24:000 almas, e tem sobre si uma legislação calculada que difficulta o seu augmento.

A guarnição ordinaria da praça é de uns 4:000 homens, e mette 500 a 600 sentinellas!

Deixando Gibraltar entramos no Mediterraneo, costeando a Hespanha, que por tanto tempo se projecta á beira d'este mar. Passamos em menos tempo a Franca, e chegamos á Italia.

A costa de Hespanha é montanhosa, e áquelle tempo estava desprovida de pharoes, que tanto servem para a navegação e para animarem os viajantes.

A corrente do estreito pelo centro é toda para *levantado*, e muito sensivel até defronte de Malaga. O Mediterraneo não tem marés, é um mar cuja ondulação é mais curta do que a do Grande Oceano.

O Mediterraneo é pouco frequentado pela navegação portugueza. Escambamos pouco com os povos, que se assentam ao derredor d'este mar, em parte porque elles e nós temos os mesmos productos, principalmente pelo que diz respeito á Italia, Franca e Hespanha; e em parte pela decadencia do nosso commercio e navegação, que ainda poderia dirigir as suas carroiras para o Mediterraneo em maior escala do que o faz actualmente.

Se se fizesse conhecer bem e mais geralmente o exquisito dos nossos vinhos, e se se animassem as nossas pescarias; ainda poderiamos abrir novos mercados ao nosso commercio, que chamassem para elles a sua marinha.

A respeito dos vinhos diremos, que a Italia não carece dos nossos vinhos communs, porque cultiva no seu solo os do seu gosto ordinario; porém isto não obsta a que deixemos de lhe fazer conhecer os vinhos de *gosto*, que serão apreciados para as mezas finas.

A este proposito diremos, que no Piemonte são

mais conhecidos hoje os vinhos portuguezes; não só porque a vinda do rei Carlos Alberto trouxe aqui alguns piemontezes, que quizeram fazer conhecer a excellencia de tal producto; mas porque se estabeleceu em Turim um portuguez, (1) que tem feito negocio com os nossos vinhos, e que assim presta tambem um serviço ao seu paiz.

Ainda poderíamos fazer outro negocio importante para a Italia, e seria o das pescarias, que lá são levadas pelos inglezes e francezes.

A França, querendo animar os seus pescadores, tem já concedido um premio de oito francos por quintal de bacalhau francez importado na Italia.

Portugal devia estudar este exemplo, e aproveitá-lo do modo possível. Os governos dos diferentes povos devem considerar a posição geographica dos mesmos povos como uma das bases, ou como um elemento, que tem sempre de entrar nos seus calculos e acção governativa. Assim a Inglaterra desenvolve a sua marinha, e o Piemonte, ou reino sardo, sustenta um exercito, que em tamanho augmento não reclamam as suas necessidades ordinarias; mas porque é um paiz intermedio para a politica austriaca e franceza, quando é decidida pelas armas, as quaes por isso mesmo carece de ter em pé de respeito.

Portugal, que se poderá dizer um litoral, não deve menos attender á importancia que lhe pode resultar do desenvolvimento da sua marinha, quando seja devidamente animada.

O animo que se fizer erocar á nossa marinha ha de ser a consequencia do estudo profundo sobre a decadencia do nosso commercio, e sobre os meios de o proteger com auxilios directos e indirectos.

Se se concedesse um premio animador ao proprietario de tantos navios; se se desse um premio por todo aquelle, que dentro de um certo prazo fosse deitado ás aguas; se se isentassem de direitos de saída as carregações que o nosso commercio fizesse para novos portos, e se se conservassem essas isenções, mais ou menos modificadas, até que se estabelecessem importantes relações commerciaes; com estas e outras medidas se animaria o nosso commercio, se augmentaria a nossa marinha commercial, e augmentada esta seria mais consideravel a marinha de guerra, e por isto mais em circumstancias de dar a devida protecção áquella.

Fallando do nosso commercio para o Mediterraneo lembraremos de preferencia, ou como aquelle de entre os productos da grande agricultura que poderá convidar á demanda d'aquelle mar, o vinho generoso, pois que os vinhos communs não encontrarão gasto, se bem que as nossas observações, pelo que respeita aos portos do Mediterraneo, se devem entender mais a respeito do sul da Hespanha, da França e mui principalmente da Italia, que se banha n'este mar.

Os nossos trigos, a não ser em algum caso de apuro e falta, ou a não se recommendarem por uma excellente qualidade, não acharão facil mercado nos portos de Hespanha. França ou Italia do Mediterraneo; e diremos facil, porque ainda o não julgamos impossível, porque a França recede em Marselha o trigo da Alexandria.

A Italia tem bello trigo, e a Toscana tem-no de tal qualidade, que o manda para Inglaterra, e por tal preço, que a anima a expôr-se a compral-o para o seu consumo se lhe fór necessario. Genova recebe-o excellentemente, para as suas magas, da ilha de Sardenha;

ilha que pertencendo a um paiz de civilização, o reino sardo, e tão perto de uma parte da Europa mui aliandada em policia, com tudo, ao menos em parte, está atrás do conceito que porventura farão aquelles que não tenham ouvido fallar d'ella de mais perto. Porém ultimamente tem recebido algum impulso para o seu desenvolvimento economico, promovendo-se-lhe as obras de estradas etc.

O nosso sal tambem não se exporta para o Mediterraneo, e nem para lá vai o azeite, que é um dos productos mais apreciáveis da Italia, e mui principalmente o de *Buti* e o de *Celci*. Pique entendido que tratamos das circumstancias ordinarias.

Como acabamos de fallar do azeite de Italia, diremos: que é importantissima a colheita que la se faz d'elle. As oliveiras em Italia passam tambem pela alternativa da *safra*.

A oliveira em Italia tambem é fustigada (ao menos em algum paiz) para a apanha do fructo; mas ou porque se lhe espera um estado de mais maturação, ou porque a sacodem com um instrumento menos pezado, não se achará tão ingrata a vista dos olivaeas.

A cultura da oliveira é mui cuidada na Italia, o pé da arvore é cavado de dous em dous annos, e tem-se por conveniente o cavar a terra que está em torno; o pé é estrumado com o mesmo intervallo, e não só com o estrame mais vulgar, mas juntando a este algum trapo de lã.

Os fabricantes do azeite em Italia não admittem a salga da azeitona antes de levar esta á moedura.

Para dar uma idea da importancia do azeite na Italia diremos: que a produção da Toscana não baixa de 300.000 barris; Napolés não produz menos de 200.000 a 300.000 ditos *finos*, porque a sua produção bruta excede muito isto. E o reino de Sardenha, incluindo por isso mesmo as ribeiras de Genova e Nizza, não produz menos do valor de trinta e cinco a quarenta milhões de francos, que divididos por dous annos, visto que a grande colheita é biennial, poderemos dizer, que o valor annual do azeite no reino sardo é o de vinte milhões de francos.

Tornando á pouca importancia do nosso commercio no Mediterraneo, diremos que tendo-nos encontrado com os consules ou agentes consulares portuguezes em diferentes portos do dito mar, e tendo tratado com seis d'elles, apenas encontramos n'este numero um portuguez, que era o consul de Barcelona.

Isto prova contra a importancia actual do nosso commercio para tais portos, porque sendo pequenos os ordenados que dá o governo portuguez, não é possível que um nacional possa sustentar-se e sustentar a dignidade do seu cargo com os emolumentos e interesses que porventura teria, se fossem a esses portos carregações importantes e amudadas do commercio portuguez.

Se se quizer fazer alguma transacção directamente de Napolés ou de Liorne, que são dous mercados importantes para Lisboa, não se encontrará meio de a fazer.

Não acontece assim em Genova, e não porque seja de muito vulto o commercio que para lá fazemos, mas porque é o unico porto de Italia d'onde ainda recebemos, ou para onde ainda mandámos mais alguma cousa.

N'outro tempo embarcavam em Genova para Portugal as massas; (estas ainda vêem, porém menos) o papel, o arroz (ha annos (2) que não o recebemos de

1. Chamou-se José de Carvalho.

2. Vind. desde 1275 até 1345 importamos de Geno

Italia), a seda que nos continúa a vir, ao menos a de melhor qualidade, pois que a cultura d'ella tem tido ultimamente um certo desenvolvimento no paiz, e assim ficámos com menos necessidade da seda estrangeira que não seja *especial*; entretanto é o ramo de commercio mais importante que conservámos com a Italia.

Estes e porventura alguns outros productos, mas de pouco valor, são os que a Italia nos manda. E dos outros portos do Mediterraneo pouco reebebemos, e d'esse pouco uma parte é por *bahleação* feita em Genova, v. gr. as drogas. Os productos que exportámos dos nossos portos para os do dito mar são: algum, mas pouco, vinho, a cera, a alfarroba, a grã de carasco, ou kermes, o peixe salgado; pouco ou nada mais nos recebe a Italia, isto é, dos productos portuguezes, pois que o marfim, a gomma copal e outros generos colonias, mandamos-lh'os como intermediarios.

A França recebe-nos, por Marselha, a urzella e os residuos da purgueira, e porventura a propria semente d'ella, a grã de carasco ou kermes, alcin de algumas outras insignificantes arregaças.

A Hespanha pouco importa dos productos do nosso commercio, a Catalunha compra-nos algum peixe salgado e pouco mais; parece-nos que nos recebe ainda menos que a França.

Para Marrocos tem muita saída o mel, porém se passa d'isto a pouco mais se estende o nosso escambo com a gente de Fez.

O nosso commercio feito por o mar Mediterraneo em navios nacionaes e estrangeiros não emprega muitas duzias de navios no decurso do anno.

Com este rapido estudo commercial e marítimo, e dizendo que a navegação quando é animada tambem se emprega nos carregamentos de commissão, ou de portos estrangeiros para portos estrangeiros, como os holandezes, dizendo isto, pedimos seria attenção para o commercio e navegação portugueza, e que se repare na sua pouca importancia no Mediterraneo.

E pedimos tambem que seja reebida com indulgencia esta nossa breve noticia, com a qual não se deseja offender a verdade.

Prestar-nos-hemos ás correções, e mui principalmente n'aquellas cousas em que nos fiamos na noticia d'outros, ou para que somos menos competentes, e menos o estamos pelo pouco tempo da nossa observação rapida e mui seguida.

Resharemos, fazendo sentir que apreciamos commercialmente as carreiras dos vapores francezes vindos do Mediterraneo, e ha pouco estabelecidas, porque podem motivar relações de commercio não lembradas, e outras menos possíveis sem taes carreiras.

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

## OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

### II.

#### Fundação e progressos do imperio ottomano.

COMEÇAVA então a levantar-se no horizonte para os olhos da Portugal a quantidade de arroz que vamos trazer:

Em 1836 — sacas —	1739
" 1837 — " —	2.380
" 1838 — " —	29.238
" 1839 — " —	8.328
" 1840 — " —	156
" 1841 — " —	12.211
" 1842 — " —	25.890
" 1843 — " —	9.949

lados da Asia o crescente ottomano. Erthrogroui, chefe de uma tribu que habitára nas margens do Eufrates, e que depois se fizera errante, tendo prestado importantes servicos a Aladino III (Ala-eddin) sultão d'Iconium, recebeu d'este em recompensa um pequeno territorio a E. do monte Olympe da Bythinia. Este modesto patrimonio onde Erthrogroui accomodou a custo a sua tribu, foi o berço do imperio ottomano. Osman Gashi, filho d'este valente chefe, foi o seu fundador.

Intrepido e corajoso como seu pae, por tal modo se distinguio na carreira das armas ao serviço d'aquelle sultão, que em pouco tempo se viu elevado aos primeiros cargos do estado, cheio de honras e acrescentado em possessões. Os seus repetidos triumphos contra os tartaros e outros povos não menos guerreiros, que infestavam continuamente os estados de Aladino, e as victorias que alcançava contra o imperio do Oriente nas amidiadas incursões que lhe fazia, e que sempre terminavam pela conquista de uma cidade ou de um castello, alcançaram-lhe o sobrenome de *Ghazi*, que quer dizer — o victorioso.

Assim havia chegado Osman á mais íntima privança do seu soberano, e ao maior grã de influencia no exercito, de que era commandante em chefe, e no povo que o idolatrava, quando rebentou uma sublevação contra Aladino, promovida pelos grandes da sua corte, cujo ciúme e inveja tinham sido excitadas pelos favores e valimento concedidos ao joven Osman.

O sultão, vendo-se desamparado do seu valido, que se achava em serviço longe da corte, fugiu para Constantinopla; mas o imperador Miguel Paleologo, em vez de um asylo que o infeliz lhe implorava, deu-lhe um carcere por hospedagem, e logo depois a morte.

Este passo errado da politica do imperador teve as mais fataes consequencias para o imperio do oriente. Julgando desfazer-se por meio d'este covarde assassinato do inimigo que mais inquietava os seus estados, não fez senão elevar outro mais temivel, agulhoando-lhe a ambição e excitando-lhe a coragem com o desejo da vingança.

Apenas Osman Ghazi soube da sorte do seu desditoso soberano correu á capital, aniquilou a revolta, e fez-se immediatamente aclamar sultão. Castigar os que tinham pretendido supplantal-o, derubando Aladino; restabelecer a ordem em todo o paiz; firmar o seu novo throno com varias medidas populares e actos de generosidade; e á frente do seu valente exercito transpor as fronteiras do imperio do oriente, foi tudo obra de pouco tempo.

A paz custou a Miguel Paleologo penosos sacrificios, entre outros a perda de uma boa parte das suas provincias asiaticas.

Osman, o victorioso, falleceu em 1326, deixando por successor a seu filho Orkhan. Creado nos campos de batalha, dotado de todas as grandes qualidades, que distinguiram e elevaram seu pae, e herdeiro finalmente da sua immensa gloria, o novo sultão proseguiu no caminho trilhado por Osman. N'esse mesmo anno da sua elevação ao throno, pondo-se á frente de seu aguerrido exercito, invade o imperio byzantino e toma Nicomedia, Nicea, a mais importante cidade depois de Constantinopla, Berghama, capital da Mesia, e Gallipoli, na margem européa do Hellesponto, e em tambem em poder do vencedor, que levou suas armas victoriosas até quasi ás portas de Scutari.

A importancia e influencia do imperio do grande Constantino já tinham acabado no meio das luctas civis, e das primeiras invasões dos turcos. Mas de-

pois dos triumphos alcançados por Orkhan, perdeu quasi inteiramente a sua independencia. Desde esta epocha ficou devendo a sua existencia ou a ruinosas alianças, ou a generosidade de seus inimigos, algumas vezes ainda mais cara, e sempre humilhante.

Tão precaria e miseravel situação foi agravada pelas consequências do procedimento criminoso de Andronico, filho do imperador João V Paleologo. Tendo-se ligado aquelle príncipe com um filho de Amurat I (Murad Kan, successor de Orkhan, para expulsarem do throno a seus paes, foram vencidos e presos pelo sultão. O príncipe ottomano foi condemnado á morte, e Andronico, enviado para Constantinopla, foi arremçado para o fundo de um carcere, e por exigencia do sultão mandou seu pae tirar-lhe a vista. Fallecendo pouco depois Murad Kan, esucedendo-lhe seu filho Bajazeto I, conseguiu Andronico fazer-lhe chegar ás mãos uma proposta para o libertar e collocar no throno, obrigando-se a pagar-lhe annualmente um immenso tributo em ouro e prata. Bajazeto acolheu com prazer uma proposta, quanto favorecia os seus projectos de ambição. Pôse á frente do exercito, marcha sobre Constantinopla, e sem uma unica batalha aprisiona o velho imperador, e conduz Andronico do carcere para o throno.

A fronte do parricida ornou-se, é verdade, com a corda imperial, mas o seu triumpho foi ephemero. João V pôde escapar-se da prisão, e apresentando-se tambem a Bajazeto alcançou facilmente contra seu filho o mesmo auxilio, que Andronico conseguira contra seu pae. Só no que houve differença foi no preço, que d'esta vez foi muito mais pezado e verghoso.

As meias luas do propheta tornaram a transpor triumphantes as portas de Constantinopla, e o monarcha desterrado empunhou de novo a insignia do poder. Mas desde esse momento o imperador não foi mais do que um delegado do sultão, de quem se declarou vassallo, obrigando-se a pagar-lhe todos os annos um tributo onerosissimo, e a fornecer-lhe um contingente de doze mil homens, quando l'he exigisse.

E não parou aqui tanta baixeza, o aviltamento foi muito mais longe quando Bajazeto, querendo apoderar-se da Philadelphia, a ultima cidade que restava na Asia ao imperio grego, e encontrando no governador e na guarnição uma resistencia tão loica, que zombava de todos os esforços dos sitiados, e desobedecia até ás ordens do imperador, que l'he mandava entregar a praça, quando Bajazeto, repito, obrigou a João V a ir com os seus soldados dar assalto á sua propria cidade!

Em quanto pois o imperio progrossava se n deteriorando com tanta rapidez, os exercitos do sultão caminhavam pela Asia e pela Europa de victoria em victoria, estendendo sempre as fronteiras do imperio ottomano. Por duas vezes veio Bajazeto por cerco a Constantinopla, e de ambas deveu esta capital a sua salvagão aos triumphos de Tamerlão (Timour-Leng) que obrigaram o príncipe mussulmano a levantar mão da praça, que tanto cubigava, para voar a defender seus estados, ameaçados na Europa pelos hungaros, e na Asia pelo celebre guerreiro da Tartaria.

A estrella de Bajazeto começou então a empallidecer. A fortuna, que sempre o acompanhara, desamparou-o nas planícies d'Angora, onde foi derrotado e aprisionado por Tamerlão 1402. A sua morte, que foi immediata a este successo, e filha do pesar, que elle lhe causou, largou o imperio ottomano nos horrores da anarchia. A fortuna do grande Bajazeto foi disputada por seus tres filhos Solimão, Mousa e Mahomet, que entr. si a dividiram, apoderando-se

cada um do mais que podia, e guerreando-se desesperadamente.

Durou onze annos esta lucta fratricida, que veio dar treguas a Constantinopla, e prolongar a existencia ao deilinhado imperio bysantino.

Mahomet, tendo suplantado seus irmãos, reuniu sob o mesmo sceptro todos os estados de seu pae 1413. Mas como os seus ultimos triumphos foram devidos em grande parte aos auxilios prestados pelo imperador Manuel II Paleologo, Mahomet, cheio de reconhecimento, prometteu-lhe paz e amizade. E cumpriu religiosamente a sua promessa. Em quanto este príncipe viveu gozou de paz o imperio grego, porém no reinado de seu filho Amurat II (Murad Kan), que lhe succedeu em 1421, começou novamente a guerra. Constantinopla foi outra vez sitiada; travou-se renhida pejeia, mas apezar do valor com que combatiam os sitiados, esta capital deveu unicamente a sua salvagão a uma revolta nas provincias asiaticas do imperio ottomano, que obrigou o sultão a levantar o cerco, para correr a aniquillar os rebeldes.

Amurat continuou depois as suas conquistas, de maneira que na occasião da sua morte o imperio do grande Constantino estava reduzido simplesmente a capital e arrabaldes, que comprehendiam um pequeno territorio.

*Continua.*

I DE VILHENA BARBOSA.



ILHA FERNANDO PÓ — BUBI.

A ILHA de Fernando Pó está situada no golfo de Guiné, a oito leguas da terra firme, e em frente das fozes dos rios Calabar, Benim e Camarões.

Esta ilha foi descoberta por um capitão portuguez, que se chamava Fernando Pó, no anno de 1486, segundo a opinião mais verosimil. Em nosso

poder se conservou esta descoberta do valoroso e ousado argonauta, até que foi esculida á Hespanha pelo tratado de 1778.

A ilha de Fernando Pó é montuosa em grande parte; entretanto contém alguns valles deliciosos, e planícies mui férteis, regadas por varios riberros, que vão desembocar na bahia de S. Isabel, onde se acha a povoação d'este nome, que é a capital da colonia. Dão-lhe uns as seguintes dimensões: 17 leguas de comprimento, 9 de largura, e 23 de circumferencia. Outros porém asseveram que ella tem 10 leguas de comprimento, 14 de largo, e 43 a 48 de circumferencia.

A temperatura é ali bastante elevada (34 a 45 graus); todavia a do continente proximo é menos benigna e saudavel. Nos mezes das chuvas, que são os de junho, julho, agosto e setembro, o calor diminhe bastante de intensidade. Não se conhecem em Fernando Pó certas enfermidades terribes proprias dos climas africanos, como a elephantiasis, a hydrocele e as escrofulas.

O numero de habitantes não excede a 15:000, segundo os calculos mais moderados. Dividem-se em raças, e as raças em familias; umas são originarias ou indigenas, e outras estrangeiras. Das primeiras não ha realmente mais que uma, a *bubi*, a qual goza de todos os privilegios e distincções. Das segundas as mais conhecidas são a dos Crumanos, Timané, Aera, Cabo-costa e Jamaica.

A *bubi* é dividida em familias, presididas por certos chefes, denominados *cocoracos*. Os costumes d'estes negros são, em geral, semelhantes aos das nossas possessões de Guiné.

O governo primitivo, ou patriarchal, é o que conhecem estes illheús. O *cocoraco*, chefe de familia, costuma aconselhar-se nos negocios graves com os anciãos da mesma, que constituem como uma especie de senado.

Os *bubis* adoram um deus cuja unidade reconhecem, e a que, por uma singular coincidência, dão um nome que sóa como Yehovah. São mais humanos e menos supersticiosos, que os naturaes do visinho continente, e por isso cremos que grande serviço prestariam ali á religião alguns missionarios catholicos.

Os negros de Fernando Pó aborrecem profundamente o adulterio, e o punem cortando os braços á mulher delinquente. Contudo a polygamia é ali tolerada, como acontece em toda a Africa.

A sua lei religiosa resume-se nos seguintes preceitos: *Não deis mentir; amae a Deus de todo o vosso coração; não deis tomar o alheio; se peccardes não vereis a Deus; fazei bem a todos os homens.*

Pelo que respeita ás outras raças pouco ha que dizer. A dos crumanos, que é pequena, procede de Serra-Leoa. A de Jamaica compõe-se de um pequenissimo numero de familias emigradas d'aquella possessão ingleza. Como os *bubis* são hospitaleiros todas aquellas raças encontraram proteccão e agazallo em Fernando Pó, sendo porém sujeitas á *bubi*, que é a verdadeira senhora da illa.

#### ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

##### POETAS LIRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

O que seriam os *Luzias* se o Camões puzesse metos os olhos na *Ilíada* e na *Enéida*? Que formas

e que traços acharia, com mais liberdade de estylo e de invenção, um pintor, que foi tão fino e desgraçado amante, tão heroico e entusiasmado poeta da gloria nacional? Se a invasão classica o tivesse deixado escutar só as palpitações do coração do povo, e tirar todas as cores e tons da palletta delicada das tradições, que ninguém melhor sabia admirar e restituir, que altura nova, que enlevo raro, que sentimento profundo e christão no seu livro immortal? O que seria o theatro, se depois de Gil Vicente, de Antonio Prestes, e de Simão Machado, viesse um talento observador, um poeta de paixão e de analyse, e fosse o Calderon e o Shakespeare da nossa scena, o homem da idéa, da tradição e da verdade, em vez dos plagiarios e prosaicos ensaios de Sá de Miranda e de Antonio Ferreira, cuja Thalia regelada não tem um sorriso, um movimento, uma posição que não seja copiada ao espelho de Plauto e Terencio? Que rica e florejante seára perdida no primeiro vigo! Que céu baixo e crasso abatendo sobre os horizontes, que eram d'antes tão altos e rasgados!

Veiu a poesia bucolica invadir tudo. As descrições falsas, as finezas dos Corydons e Menalcas, pastores de meia de seda e gurrão de veludo, os rebanhos monotonos, as avenas nada sylvestres, fizeram da rica e vigorosa natureza de Portugal uma cousa morta, um thema de inextricaveis requebros entre as Galatheas da corte e os presumidos Melibeus da sua insubsã paixão. Ao som vazio e martellado das eclogas adormecem a veia pura, a corrente pouco funda, mas tão enlevada ás vezes, da poesia original. Raramente, por uma aberta nos arvores d'estas paizagens tiradas de Virgilio e dos versos toscanos, se rasga alguma nesga do nosso puro céu recamado de estrellas. A fresca e amorosa viração, tão agradável de respirar, cujo picante tanto levanta o perfume ás verduras naturaes, nunca endoudeceu neni brincoo por aquellas ramas agitadas!

A periphrase, o tom precioso, e o odio do desenho e da cor exacta desterraram para os verdadeiros montes a nuca ingenua, ebamando em vez d'ella uma rhetorica artificiosa, que imitou em seda e arminhos o corte simples dos trajos pastoris! Tirando bellos trechos de prosa, e lindos versos de romance, na *Primavera* e no *Pastor Peregrino* de Rodrigues Lobo, exceptuada uma ou outra pagina de Fernão Alves do Oriente, quando é pintor e não copista, o resto quasi tudo é um pezadello incommodo de *silvas*, *madrigaes*, e desafios metricos, prodigos de conceitos e ócios de sentimento. Nenhuma observação dos sitios descriptos; nenhuma analogia dos costumes e da linguagem com a vida e o caracter dos interlocutores! Parece impossivel como taes bucolicas, generalisando-se, distrahiram engenheiros, aliás distinctos em diversos ramos do saber.

Pomos de parte as numerosas epopéas sem originalidade, ás quaes nunca foi dado seguir de longe mesmo o rasto luminoso de Camões; e com prazer saímos das epochas decadentes para o periodo em que a poesia começa a remir-se dos *labyrinthos* e *aerosticos*, e saltando um vôo alto, passa por cima dos enxames de versos, pousados á superficie dos brójos da *Phenix Renascida*, curioso epitome dos delirios da seita gongorista. É o periodo da Arcadia do *Quito* e do *Guaráo*. Esses sim, embora não subissem com a vista além dos horizontes da imitação, eram capazes de entender e exprimir o bello, de procurar a verdade e de asentir, purificando a forma. O Garção incorreu nas iras do Marquez de Pombal, talvez por alguma allusão satyrica; a vingança do ministro entristeceu em ferros os ultimos annos da

sua vida, e primeiro veiu a morte acabar-lhe o tormento, do que a liberdade. Em tudo o que escreveu sobressa a delicadeza e o gosto da musa mais casta. A famosa *Cantata de Dido* não sei que se lhe possa notar senão um verso unico mais negligente; todos os outros são de uma perfeição que desafia a critica. Essencialmente horaciano, as suas odes lutam alguma vez sem desmaiar com as do modelo latino. Ha n'ellas pureza e correcção que parecem milagrosas.

Antonio Diniz (Elpino Nonacriense) cuja inspiração se eleva mais arrojada, cujos impetos são mais pindaricos no geral, tira-lhe inferior, repete-se, entumescce; e perde a elegancia sobria que é o primor do Garção. As *Anacronicas* e o *Hyssepe* são os seus titulos solidos de gloria. Quita era um pobre cabelleireiro, que nasceu poeta e no genero buccolico foi o pintor mais natural, mais parente de Gesner que hão de citar as nossas letras. Pagaram-lhe com desprezo e miseria; deixaram-no consumir na indigencia; mas o seu nome viveu, e empallideceu hoje diante d'elle muitos aos quaes a inveja ou a ignorancia assopram brilho falso, concedendo-lhes o louvor que lhe negavam a elle.

Se as ultimas sombras da affectação gongorica ainda mancham algumas oitavas do poema de Fr. José Durão o *Caramuru*, ha quasi sublimidades em outras que o resgatam. A scena offerecia quadros excellentes a quem a pintasse com as cores do paiz. O auctor, nas que não desprezou, é feliz. O episodio de *Joana* seria irreprehensivel, se o pincel não fugisse ao de leve com as tintas fortes, e fosse menos fido em interpretar a vida e a natureza. As lyras de Gonzaga (arcade cujo pseudonymo pastoril era Direcção) peccam no mesmo defeito na sua *Marília*, apesar da graça e da rara forma de algumas. *Pavlo* e *Virgínia* estão revelando o que seria a *Marília* se o poeta a sentasse ao pé das bananaeiras entre a esplendida vegetação dos tropicos. O *Uruguay* de José Bazilio da Gama, depois dos *Luziadas* e da epopéa de Quevedo, *Affonso Africano*, é o melhor poema portuguez de tantos publicados. As descrições respiram verdade e animação; vê-se o paiz e todas as magnificencias da sua vegetação; a pintura muitas vezes tem o calor do céu e das verduras que retrata. O verso sente, e sabe dizer a paixão. Só lhe faltou mais extensão no quadro, e mais cuidado na lima, para ser um modelo.

Quando chegou Bocage, a escola da Arcadia declinava depois de consummada a sua revolução. Aos mestres succediam os copistas, e incapazes de crear, lançavam-se na importação fraudulenta de palavras e construcções francezas, oisiosas á lingua. Não contentes de tirarem tudo de fora, ainda pervertiam os traslados servis com as impurezas de uma incorrecção mais que devassa. Francisco Manuel do Nascimento (Philinto Elysio) nutrido no estudo e na admiração da antiguidade, feliz imitador de Pindaro e Horacio, do exilio aonde escapava aos rigores da Inquisição, continuou a disciplina do Garção, e com as famosas versões dos Martyres e de Oberon abriu as portas á renovação romantica. A sua luta com os piratas que polluiram a prosa e o verso, as odes á Virtude, a *Affonso de Albuquerque*, as *Novas Gamas*, em que a poesia é elegante, sublime, e cheia de entusiasmo; o *Hymno a Noute*, alguma das epistolas, e tantas obras primas são thesouros de linguagem, de estylo e de imaginação, que de direito o collocam no eminente logar que ha de occupar sempre.

Bocage, vivendo trinta annos depois, talvez fosse o Byron portuguez. Desgragado e entusiasta visitou

o theatro das proezas nacionaes, e como Camões viu o rosto ao fero Adamastor nas iras da tormenta. Irascivel e ardentissimo de temperamento, a hyperbole ainda era esmorecida alguma vez para o fozoso repentista. A excessiva sensibilidade tornava-o desconfiado, ingrato e quasi mysanthropo. Filho do povo, inquieto, negligente, dos dias de delirio passando aos dias de escaez; e em muitas occasiões prostituindo a musa por outeiros e cafés; em outras vingando em rasos quasi epicos, tinha as qualidades e os defeitos, que fazem a gloria e o infortunio dos poetas. Bocage imitou e traduziu admiravelmente, mas creou pouco. A invenção não o succorria como a harmonia, a ponto de não soltar um verso duro, frouxo, ou mal soante. Deixada a si mesma era terna e sensivel a sua alma; a graça e o pathetico da bella *Cantata de Leandro* e *Hero* não se excedem. Nas versões de Ovidio, em que o ignala, e nas primorosas de Castell e Delille, em que o vence, derramou riquezas poeticas, que em quadro seu (se o tentasse) lhe prometiam maiores triumphos. A inspiração espontanea, o ardor da phantasia, e o sentimento verdadeiro que lhe enobrecem algumas paginas, mostram que era talhado para ser maior vulto do que foi. Mais proximo, respirando as tendencias da nossa epocha, quem sabe o que poderia cantar esta vez poderosa; aonde subiria um engenho formado de tempestades e de harmonia, ora delirio e fogo, ora ternura e prantos? O seu fado condemnou-o a reinar sobre imitadores como primeiro imitador, e adivinhando quasi a arte moderna destinou-o a morrer sem deixar senão brilhantes copias, e soltos canticos, sombras apenas do monumento que deverá erguer!

A roda de Bocage, e depois d'elle, tudo tende ao occaso, menos a satyra de sociedade na quintilha de Nicolau Tolentino, cujo buril familiar grava o ridiculo pela felicidade do epitheto, cuja inspiração travessa ri sem odio, e com malicia, de todos, e de si proprio. Neste genero mesmo sepultado o mestre, decaiu o gosto alimentado só pelos gracejos de José Daniel, e pelas torpezas difamatorias do padre Macedo. As rimas de João Xavier de Mattos offerecem rasgos felizes, mas são desiguaes. Antonio Lobo de Carvalho, quando se levanta do cinismo habitual, e não imita a sordidez de Ballo, é critico engenhoso, e faz lamentar o talento polluido em levianas devassidões.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA

#### ESTUDOS SOBRE OS DIFERENTES METODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

II.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

ENTRE os litteratos e eruditos que no seculo 16.<sup>o</sup> cultivaram os estudos grammaticos e philosophicos figurou em eminente logar o celebre chronista e juriscônsulto Duarte Nunes de Leão. A sua *Origem da lingua portugueza* é a primeira obra que d'este genero se escreveu e publicou em nossa terra. E a sua *Orthographia*, posto que imperfeita, como devia ser n'aquelle tempo, é um livro que devemos comprehender na analyse que estamos fazendo dos methodos de leitura, e de todas as obras que a elles se referem. Na dedicatória que Duarte Nunes fez da Orthogra-

phía ao regedor das justiças Lourenço da Silva, dá elle a entender que fôra em sua mocidade que se resolveu a *reduzir a preceptos e regras* (como elle diz) a orthographia da nossa lingua. O que é certo porém é que só em 1376 aquella obra se publicou, seis annos depois da morte de João de Barros. Parece pois que Duarte Nunes, escrevendo-na na sua juventude, a guardára por muito tempo, seguindo o preceito de Horacio, e esperára pela morte do que podia ser seu emulo e competidor, nas cousas philologicas, para a seu salvo o refutar, posto que indirectamente, em algumas passagens da *Orthographia*, onde são transparentes as allusões ás doutrinas do illustre escriptor das *Decalogs*. Por aqui se vê já que Duarte Nunes, esperando que a arena estivesse deserta para apparecer então, dava um triste documento da idéa que de si fazia, e reconhecia tacitamente a superioridade do seu rival.

As novidades que João de Barros introduzira e propuzera na orthographia e na orthoepia da lingua portugueza acharam em Duarte Nunes um reaccionario decidido e opugnante e a aconsellar a retrogradação para os erros e preconceitos que João de Barros tinha condemnado. João de Barros distinguia dous *aa*, o pequeno e o grande, e fizera sabiamente a distincção das letras em quanto ao seu valor e á sua figura. Duarte Nunes insiste na idéa de que não existe mais do que uma, e de que as differenças de seu som são puramente accidentaes. E julga ter demonstrado a sua proposição com uma tautologia absurda que nada prova nem adianta.

João de Barros tinha proposto que o *e* tivesse sempre o valor de *g*, ainda mesmo quando estivesse antes de *e* e de *i*. E propunha que se usasse do *ç* cedilhado, todas as vezes que o *e* tivesse de pronunciar-se com o som brando, ainda nos casos em que ao *ç* se seguisse um *e* ou um *i*. Duarte Nunes recommenda e defende o erro antigo, e quer que o *e* tenha o som brando antes de *e* e de *i*, e que se lhe ponha cedilha só antes das tres vogaes *a*, *o*, *u*. *Aqual cifra* (cedilha) diz Duarte Nunes, *não poremos quando depois do e se segue c, i, como fizem os idiotas*. Esta qualificação de idiotas ía comprehender directamente a João de Barros, cojas obras Duarte Nunes conhecia e julgava assim acidentalmente de um modo mais injurioso para a sua propria intelligencia do que para a reputação do afamado historiador.

Além d'isso João de Barros assimilhára a pronuncia do *ç* a do ceceir das cigarras, e Duarte Nunes, com pouco exacto conhecimento da verdadeira pronuncia d'então, ensinava que o *ç* se devia proferir como fazendo uma especie de *z*; concordando com tudo com João de Barros, ou copiando d'elle a idéa, de que o *ç* nos vierá dos mouros e não da antiguidade classica.

A respeito do *e* segue Duarte Nunes a mesma opinião que estabeleceu sobre o *a*. Pensa pois Leão que não ha mais que um *e*; e aqui que a allusão a João de Barros se torna mais directa e aggressiva.

«É *e* letra vogal simples, e não de duas maneiras, como alguns cuidam, que fazem e pequeno como em *besta* por animal, e grande como em *besta* por arma e instrumento de tirar; o que não ha. Porque na pronunciação d'essa letra, nenhuma differença temos dos latinos. E a differença, que vai d'esse *e*, que nos vulgares parece longo, ao outro, a que erradamente chamam breve, notamos com acento agudo ou circumflexo, ou grave (como temos dito do *a*, e diremos adiante na letra *o*) ou com douse *e*.”

Aqui se vê na palavra *besta* que Duarte Nunes tinha a vista a *cartinha* de João de Barros, e que era a ella que se dirigia principalmente o epitheto de

*vulgares*, applicado como uma palavra injuriosa, e como que sendo o contrario de doutos e latinistas, aos que como João de Barros se queriam afastar da orthoepia e da orthographia latina, para crearem á lingua portugueza uma escriptura sua e mais consonante á sua pronunciação. E que estes vulgares como João de Barros era o contraposto dos seguidores da etymologia latina, deprehendese da insistencia de Duarte Nunes em comparar com as latinas as letras do alphabeto portuguez.

No trecho que citamos fica bem patente o pouco fundamento com que Duarte Nunes refuta a João de Barros, porque no fim sempre vem a confessar que o *e* tem dous sons, visto que reconhece a necessidade de distinguir pelo acento agudo e pelo circumflexo a differença de um d'esses sons do e ao outro som.

O que principalmente transparece em todo o discurso de Duarte Nunes é o seu ardor de desacreditar e combater as innovações ousadamente revolucionarias de João de Barros, cujo engenho superior parece n'estas cousas suffocar a musa acanhada e rasteira do chronista mais pueril, posto que elegante, d'entre todos os chroniqueiros portuguezes.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*A Natureza das Cousas*, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez pelo doutor Antonio José de Lima Leitão. — Lisboa, tomo 1.º 1851 — tomo 2.º 1853, 8.º — Preço 960 réis.

*Poesias de M. M. de B. du Bocage*, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. — Lisboa, 1853, 6 volumes grossos em 8.º francez. — Preço 48320 réis.

As duas obras acima indicadas vendem-se em Lisboa na Livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro n.ºs 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, e na do sr. Bravo, rua do Ouro n.º 212.

São correspondentes do editor no Porto o sr. Cruz Coutinho; em Coimbra o sr. A. H. Dardalho; em Braga o sr. A. de Freitas Guimarães; em Santarem o sr. J. F. d'Azevedo Pereira; em Penafiel o sr. M. Dias de Castro; em Setúbal o sr. Manuel José Ferreira; na ilha de S. Miguel o sr. Albergaria e Valle; na Terceira o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; na Madeira o sr. A. J. d'Araujo; em Loanda os srs. Lino & Pinto; em Pernambuco o sr. M. J. Alves; no Rio de Janeiro os srs. Sousa & Comp.ª; na Bahia o sr. Justino Severiano Paiva.

#### MOLESTIA DAS VIDÉIAS.

Suppõe Fox que o apparecimento do *oidium tuckeri* nas videiras é o resultado de uma molestia produzida pelo desenvolvimento de uma especie particular de vermes, cuja primeira geração se reconhece por pequenas picaduras nas folhas das videiras, nas quaes depõem os ovos. Aconsella portanto este autor que se arranquem as folhas logo que apresentarem signaes d'aquellas picadoras.





FRANÇA — A CARTUXA DE DIJON.

A celebre cartuxa de Dijon foi fundada em 1383, pelo duque de Borgonha, Philippe, o Atrevido, primeiro duque da terceira dynastia, e segundo do nome. O sítio escolhido para esta fundação, que fica a um kilometro da cidade, chamava-se *Campo-molle*. Philippe, o Atrevido, quiz tornar o mosteiro um estabelecimento modelo, e para esse fim destinou sommas enormes; recolheram-se ali vinte e quatro religiosos. A nada se poupou o duque para dar ao edificio uma vastidão e caracter dignos da capital dos seus estados. A igreja sobre tudo foi o objecto da sua munificencia, e o que ainda se conserva d'ella prova a riqueza das suas decorações. Designou-a Philippe para seu jazigo e dos seus descendentes. Com effeito ali foi o seu cadaver depositado, bem como o dos príncipes que lhe succederam. Trazia o seu mausoleu e o de seu filho João. Sem medo, foram os unicos erizados aos príncipes d'esta raça. Aquelles dous mausoleus, feitos de alabastro, vandalicamente profanados por occasião da revolução, foram depois restaurados com muito esmero, e transferidos para o museu de Dijon, onde têm sido objecto da admiração de antiquarios e artistas, porque na verdade são dous soberbos exemplares da arte da escultura do 15.º século.

A cartuxa de Dijon esta hoje convertida em um hospicio de alienados. A sua magnifica igreja quasi que desapareceu completamente: resta apenas uma torrinha isolada, de 20 metros de altura, pouco mais ou menos, e o portal onde se observa um grande numero de figuras esculpidas por Claux Sluter, hollandez de origem. Entre aquellas figuras tornam-se notaveis, mormente pelos personagens que representam, as do príncipe fundador e da duqueza sua esposa, Margarida de Flandres, postos de joelhos aos pés de Nossa Senhora.

O pateo do claustro esta agora transformado em pomar; no centro porém conserva-se ainda um monumento, conhecido pelo nome de *poço de Mysis*; é tambem obra de Claux Sluter, e os entendidos na materia fazem d'elle tão grande aprego, que bem mostram quanto val o trabalho do eminente esculptor da renascença.

O terreno sobre o qual estava assente a igreja e hoje um formoso vergel. Lá existe contudo uma excavação, que designa o lugar em que outrora existiram os tumulos de Philippe, o Atrevido, e do seu filho João.

Este cartão da cartuxa de Dijon foi Drouot e de 1845.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

## III.

*Cêreo e tomada de Constantinopla.*

Ao sULTÃO Amurat II succedeu seu filho Mahomet II [Muhamed Kan], ao qual seus vassallos deram o epitheto de *el Pathy*, o Conquistador. Guerreiro e ambicioso de gloria como seus antecessores, apenas subiu ao throno resolveu empregar todos os esforços possíveis para fazer de Constantinopla a sede de seus vastos estados.

Depois de muitos mezes consumidos nos preparativos para esta empreza, apresentou-se Mahomet ás portas de Constantinopla, capitaneando um numeroz exercito. Mandou logo levantar 14 baterias em que fez collocar muitos canhões de grosso calibre, entre os quaes avultava uma colubrina de extraordinarias dimensões, fundida expressamente em Adrianople para este assedio. Gastou dous mezes a percorrer o espaço de 35 leguas, sendo puchada por 50 juntas de bois, auxiliados por 400 homens. Eram necessarias duas horas para a carregar; não podia por conseguinte dar mais de oito tiros por dia. Logo no primeiro dia matou com a explosão o hungaro, que a tinha fundido, e não tardou Mahomet a reconhecer que o auxilio que esta peça lhe dava era muito menos effizaz do que esperava.

Em quanto o exercito musulmano se dispunha para o assalto, o imperador Constantino fazia os maiores esforços para lhe oppor a mais tenaz resistencia. Infelizmente porem esacecavam-lhe os meios, faltavam-lhe soldados, e peor do que tudo isto, a discordia entre as igrejas latina e grega, lavrando nas fileiras do exercito christão, vinha ainda annullar os poucos recursos que a cidade tinha para sua defeza.

No dia 15 de abril appareceu uma esquadra ottomana á entrada do Bosphoro. Compunha-se de mais de 400 embarcações de diversas grandezas. Para resistir a tão grande poder não havia mais do que cinco naus, e d'estas apenas uma era grega, nas outras fluctuava o pavilhão da república de Genova. Porém tal é a disposição do porto de Constantinopla, que estes cinco navios, collocados na estreita garganta por onde o Bosphoro derrama no mar de Marnara as aguas do Euxino, bastaram não só para embargar o passo a poderosa armada de Mahomet, mas tambem para lhe destruir uma divisão, que lhe offereceu combate.

Este successo reanimou o valor amortecido dos gregos. Julgando se seguros da parte do mar que banha as duas faces do triangulo, que a cidade apresenta na sua configuração, corriam cheios de ardor e confiança a guarnecer as muralhas, que a defendiam do lado da terra. Imaginó-se pois qual seria o seu assombro e terror, quando um dia ao alvorecer descobriram mais de 70 embarcações turcas fundeadas no porto, e junto aos muros da cidade! E o desalento cresceu ainda quando constou o modo por que ali viera ter a esquadra ottomana, quando souberam que era o resultado do projecto audacioso, que Mahomet concebera, de transportar por terra em sua noute e pelo espaço de duas leguas uma parte da sua frota, fazendo-a escorregar sobre pranchas de madeira unidas de gordura. Tão arrojada idéa e tão habil execução desconcertou os defensores da cidade, menos o imperador, que respondeu á proposta que lhe dirigiu o sultão para a entrega da cidade, dizendo que defenderia até ao derradeiro suspiro o imperio, que Deus confiara á sua guarda!

Assim que esta resposta chegou ao conhecimento

de Mahomet tomou as ultimas disposições para o assalto geral por mar e por terra, e para excitar o ardor de seus soldados prometteu grandes recompensas aos primeiros que escalassem os baluartes, e a todo o exercito o saque da cidade, não querendo d'esta mais do que o terreno e os edificios.

O alvoreço que esta promessa causou nas phalanges musulmanas foi tão grande que n'essa noute (28 de maio de 1453) resplandeceram com variadas illuminações as duas margens do Bosphoro, e atrozaram os ares mil cantigas festivas acompanhadas de dansas e outros folguedos com que os turcos pareciam festejar antecipadamente a tomada da cidade. E os echos do Bosphoro traziam a Constantinopla, d'envolta com a grita entusiastica do exercito ottomano, um sinistro presentimento, que apertava todos os corações, que fazia desfallecer todos os braços, e que impellia para dentro dos templos a implorar a protecção da Virgem homens e mulheres, velhos e criangas!

Entretanto o imperador percorria as fortificações e todos os postos militares, exhortava os soldados, ordenava novas obras de defeza, e organisava uma legião estrangeira composta de allemães, italianos, francezes e hespanhoes, collocando á sua frente o intrepido Giustiniani, aquelle mesmo valente genovez, que destrôgára a esquadra ottomana.

Ao despontar da aurora do dia seguinte [29 de maio] rompeu de todas as baterias turcas vivissimo fogo contra a cidade. E immediatamente o exercito musulmano se precipitou com tremendo impulso sobre as portas e baluartes.

Durante duas horas esteve indecisa a victoria. De uma e outra parte combatia-se freneticamente. Ao furor dos sitiados respondiam os sitiadores com o valor e coragem da desesperação. Mas em quanto nas muralhas se jogava a sorte do imperio, no interior da cidade era tudo desordem e confusão. Os partidos religiosos, lançando em rosto um ao outro os males publicos, accusando-se reciprocamente do perigo, que ameaçava a patria, travavam combate nas ruas e praças.

Não tardou a communicar-se ao exercito o effeito moral de semelhante lucta. Continuas rixas, ora motivadas pelo seisma, ora excitadas por um mesquinho sentimento de ciúme da legião estrangeira, vinham a cada passo pôr em ultimo perigo os pontos mais importantes da linha de defeza.

Todaya, apezar d'essas scenas de discordia, que paralisavam tanto a defeza da cidade; apezar da immensa desproporção de forcas entre sitiados e sitiadores, subindo aquelles a mais de 150 mil homens, em quanto que estes apenas contavam uns nove a dez mil, Mahomet esteve quasi a desesperar da victoria. Começava já a manifestar-se o desalento nas fileiras musulmanas, quando uns cincoenta soldados turcos, reparando que estava aberta uma das portas da cidade, chamada a Cercoporta, entraram repentinamente para dentro das muralhas. Por descuido bem singular ficára aberta na vespera do assalto. Os soldados pois que defendiam este lance do muro, tomados de sobresalto e atterrados á vista de semelhante apparição, fogem desordenadamente, e levam o terror por toda a parte.

Debalde tenta o imperador Constantino oppor um dique a torrente invasora. O grosso do exercito inimigo arrombeára-se com tal impeto sobre a Cercoporta, que não houve mais resistencia possível. Constantino vendo tudo perdido arroja-se ao meio das phalanges turcas, combate desesperadamente até conseguir morte de heroe, e d'est'arte alcança um fim glorioso para si e para o imperio do oriente.

Em um momento toda a cidade foi invadida, e logo entregue ao roubo, ao incendio, á carnificina e a toda a casta de profanações. O povo abandonára as casas para se refugiar nos templos a implorar a misericordia divina, ainda esperando na realisação de uma prophcia popular, que dizia que n'um caso extremo viria um anjo libertar a cidade do poder dos infieis. Mas em breve a vingança e cubia dos vencedores lá iam mesmo junto aos altares faltar-se de sangue e de ouro.

A cabeça do imperador Constantino separada do corpo, que fôra reconhecido entre os mortos pelos seus borzeguins de purpura bordados de aguias de ouro, foi exposta por alguns dias sobre a columna de Justiniano, e depois levada como trophéu a todas as cidades da Asia.

Assim acabou pois o imperio do oriente 1123 annos depois da fundação de Constantinopla. A maravilhosa situação geographica da sua capital deveu sem questão na prosperidade a rapidez e extensão do seu engrandecimento, e na decadencia a prolongação da sua existencia, já quando lhe faltavam todos os elementos de força, e todas as condições de independencia necessarias á vida das nações.

(Continúa.)

#### I. DE VILHENA BARBOSA.

### ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

#### POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

##### MENDES LEAL.

Nos versos do padre Macedo (José Agostinho), sobre tudo nos poemas descriptivos, acham-se lances de grande merecimento; admiram-se as idéas e o estylo muitas vezes; porém favorecia-o pouco a musa; e a inveja e o orgulho, mettendo-o em empresas atrevidas, acabaram de o desvaivar a ponto de não temer a lueta formal com o genio de Camões! A sua prosa, em geral correcta, e por occasiões elegante, aspira a uma erudição mais apparatus, do que real. Critico roaz e ciumento denegrir muito, e ensinou pouco. Vão passando, e ignorando-se as suas obras; e a posteridade, que tanto pedia e proclamava, todos os dias foge d'elle. Entretanto das suas obras algumas merecem viver, e hão de sobrenadar do esquecimento.

Tal era o estado decadente da poesia, e n'este crepusculo se apagava, quando principiou a revolução litteraria, e á testa d'ella o visconde de Almeida Garrett, entusiasta nos primeiros passos da escola do Gargão e de Philinto; um pouco severo com a harmonia locagiana, e o gosto pastoril de Gesner. D. Branca, publicada em 1826, deu o rebate entre nós do movimento geral; e a debil resistencia tentada pelos ultimos conservadores do Parauso orthodoxo succumbiu depressa, tornando mais estrondoso o triumpho.

Não é n'este artigo, que nos cabe apreciar com detido exame os dous chefes da escola nacional em Portugal, Garrett e Herculano. Pertence ao primeiro a gloria da iniciativa poetica; ao segundo a prioridade na introdução do romance e da philosophia historica. Outro poeta distincto e melolioso, o sr. Castillo, representa a transição elegante e primorosa da arte classica para a mosa christã.

O auctor de *D. Branca*, vulgarizador popular, com o exemplo, percorreu os dominios da poesia, e

assentou os padrões da forma moderna. O auctor de *Burico* e do *Monge de Cister*, interpretando a vida social com a paciencia e a critica do erudito e a phantasia do poeta, restituiu na manifestação ideal da scena-romance a physionomia das epochas, e ao mesmo passo no livro de sciencia ergueu o sudario ao passado, fazendo palpitar o coração dos reis e das gerações da meia idade. As qualidades de um completam-se portanto pelas do outro. Na *Perda de Arzilla*, por exemplo, ou na *Harpa do Crente*, Herculano funde a imagem no verso incisivo; illumina a estrophe de uma luz ardente, e quasi sempre a fecha pela formula, cujo sentido abraça o mysterio da existencia em qualquer dos estados da alma, ou a synthese social em um dado aspecto historico.

Hymno guerreiro ou meditação religiosa que entoe, o verso retine, a phrase é austera, e a aspiração elevada. A rima opulenta, os variados metros, e a harmonia viril e quasi aspera, são vestes apenas do pensamento; colorem-n'o, mas não o prendem. Filho da musa idealista do norte, pela profundidade da analyse, Herculano descende mais de Schiller e Byron, de Bürger e Shakespeare, do que dos poetas mais risonhos quasi sempre do meio-dia. N'elle a tendencia philosophica predomina. No seio de cada forma que molda, está sempre a idéa; e embandando-a o verso em imagens biblicas cheias de magestade; e a prosa fundindo-a em phrase epica, como no *Eurico*, accusam na contextura nervosa a mão do gigante!

Escriptor eminentemente nacional, e critico felicissimo em descobrir o verdadeiro sentido das saudades e tradições do povo, Garrett é grande pintor pela attica simplicidade dos quadros, e pela transparencia da cor. Demarcando os limites da independencia litteraria, evitando com igual certeza, a licença e a servidão, admira o passado, crê no futuro, e não exclue nem toma, como absoluta, para exprimir o bello, nenhuma das formas da arte, quer proceda do gosto classico, quer venha da infancia romantica. Depois de triumphar com a revolução, dá o exemplo da sobriedade na opulencia, mantendo pura a restauração da poesia e do theatro. Nas suas lyricas acham-se em agradável convivencia todas as escolas desde a imitação classica até a canção erotica e á satyra politica.

*As ficções risonhas da Grcia amavel, a creença linda de Venus rainha dos amores*, aljurada em «D. Branca» pelo vate catholico com certa ostentação, acharam-no depois menos austero, do que elle disse, e receberam mais de uma offerta nas suas aras. A Sestra, aonde se revêem as graças nias e melindrosas de Catullo, nada tem que invejar a uma pintura da antiguidade. E preciso lê-la para ver aonde chega o sorriso d'esta imaginação flexivel, e a ténua de um estylo tão habil em dizer tudo sem offender a castidade. Na cantiga popular, quem, não o collector do *Cancioneiro Portuguez*, o inspirado traductor do Bernal Francez e da Silvanilha (Adozinda) soube o segredo de a repassar de sentimento, requiebrando-a em uma formosura meiga; e com os eufetes e galas mais singelas, fazendo-a vistosa e galante, que ás vezes leva o passo adiante das sublimas?

As Poetas de Cintra offerecem um dos modelos do genero. E forma só, bem sei; mas que delicadeza, que sabor fino em contar, que infinita arte na propria simplicidade! O auctor da admiravel elegia do Camões, e da novella poetica de D. Branca, n'estas creações fugitivas tem o direito de ser cultor da forma. De mais, quem fez nunca sem ella obra digna de viver na estimação dos seculos?

D'este resumo de certo longo, mas não inútil, como vista geral das transições porque chegamos á renascença da poesia nacional, resulta que se imitou e trasladou quasi tudo havendo engenhos capazes de crear, se entrassem em nova e rasgada estrada.

Mendes Leal achou a revolução feita, e os dous chefes ainda encostados ás armas que lhes tinham dado a victoria. Estava-se no calor do enthusiasmo, os idolos proscriptos arrastavam consigo na queda os melhores paineis dos seus templos; e a plebedos imitadores em odio a Apollo ameaçava queimar os primores da lingua e da poesia, quasi não perdoando a Philinto nem a Bocage! Nos modelos romanos era crime fallar! Estavam no índice. A ignorancia e o horror do estudo, compondo o seu codigo penal, parodia das ordenações classicas, não se esqueceram de os condemnar. A muito custo traduziam-se nas aulas entre as fustigações da ferula; mas curso de latinidade, amor e comprehensão das suas bellezas era difficilissimo achar. Se alguém a conhecia, calava-se. Os aguazis da originalidade copiada de Paris eram vigilantes, e não parecia facil escapar-lhes com um volume de Horacio ou de Tibullo escondido no bolso.

Mendes Leal, mesmo lançando-se nos braços da revolução, conservou a familiaridade antiga com os amigos da adolescencia. Deixando clamar os arruadores continuou a tratal-os com respeito, como vellos e sabios conselheiros. Sómente não via em Horacio o inexoravel pedagogo inventado pelos bonzos classicos. Parecia-lhe quasi calumnia converter em legislação a epistola aos Pisões, escripta de um amigo para outros, picante de sabor grego a cada linha, e discorrendo com a elegancia negligente que está provando, que o critico conversava agradavelmente sem lhe passar pela idéa, que um dia fariam da sua carta a prisão perpetua dos poetas. A leitura dos escriptores naturaes, cujas obras não de viver em quanto viver a lingua, não a desprezou tambem Mendes Leal, apesar das zombarias e monices dos arrematantes de versões a vapor. Rindo-se d'elles, e da sua masevada prosodia, consultou sempre, como d'antes, as grandes e nobres paginas de Fr Luiz de Sousa, do padre Vieira, de Rodrigues Lobo, e de tantos insignes prosadores; colheu no verso de Camões, de Bernardes, de Philinto, de Bocage e dos mais harmoniosos cantores as delicadezas do engenho, e os segredos felizes do estylo. Por isso, logo dos primeiros ensaios, é facil notar certa opulencia, certa lima e certa facilidade de phrase, que tirando os dous chefes e poucos mais, raramente se descobrem nos caudatarios da reforma.

Conhecendo-os entretanto, e tendo com alguns dos mestres antigos convivencia assidua, igual á intimidade do espirituoso Janin com o epicurista Horacio, o joven poeta, se algum tempo deixou pendar certa inclinação á prosa lareira e envasada, que se quiz oppor como resurreição da pureza ver, nacula as deliciações dos gullieistas, salvou-se a tempo dos estragos d'esta depravel aberração, que ligava a idéa viva a periodos mortos, e fazia consistir a correção no diluir em boações apagadas de cujos os pensamentos e a originalidade moderna. É justo igualmente confessar, que accitando de Garrett e de Hercules o progresso da idéa e da forma, manteve a independencia, e dentro em pouco soube caracterisar-se por uma physionomia distincta. A sensibilidade e o sentimento inclinam-no para ouctor de *Canções* e *Florinda* em algumas composições; mas em outras o rapto lyrico, o traço epico, a imagem scintillante e a phrase incisiva appropradas a Horacio com mais harmonia de verso.

A experiencia e a madureza ensinaram-lhe a arte difficil de apropriar com originalidade os thesouros das linguas mortas e das litteraturas modernas. Na admiração do bello, na contemplação da vida e da natureza, e no enthusiasmo pelas glorias do seu berço, achou os suspiros, os hymnos, e a ode fulgurante, que ás margens do Tejo levantou um carme digno da harpa de Manzoni. O *Cinque Maggio*, uma das paginas admiraveis d'este seculo, não envergonha o Ave Cesar! a nenia da magestade decaída e do infortunio heroico. Cada um dos lyricos elevava-se á altura do assumpto, e deu o sentido profundo que elle encerra. Diante d'aquellas duas urnas, os gemidos da musa sobem para Deus com a religiosa aspiração que o sublime antigo desconhece, e de que só ha algum reflexo na tristeza pensativa de Virgilio e de outro dos cantores latinos. Napoleão, o Alexandre moderno, que dous seculos saudam; Carlos Alberto, o rei cavalleiro que a fortuna torna heroe pelo martyrio; novos Prometheus da idéa, prezos ao rochedo do exilio; lacerados do abutre da saudade, ambos com a dor de tanto projecto destruido sobre o coração; eram vultos que a lyra sacerdotal e aristocratica de Pindaro teria celebrado; mas vultos que a arte fria e a inspiração curta não profana sem castigo. Para se medir com o Titão é preciso ser de estatura adequada.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



ILHA FERNANDO PÓ — COCOROCO.

DEMOS no numero antecedente uma breve noticia da ilha de Fernando Pó e seus singelos habitantes;

hoje pouco temos a acrescentar ao que ali se es-creveu.

O cocoroco é o que nas nossas possessões de Africa occidental se chama *soba*, isto é, regulo ou chefe de um certo numero de familias.

As familias mais notaveis da raça *bubi*, que é a que domina na ilha de Fernando Pó, são as que se distinguem pelas denominações de — *patahuila*, *lé-bola*, *basipi*, *basilé* e *banapa*.

Estes insulares, como todos os povos para assim dizer primitivos, dão-se muito á caça e á pesca, d'onde tiram quasi que os unicos meios de subsistencia.

Não são muito afeiçoados aos trabalhos de lavoura; todavia cultivam algum inhame, café, tabaco e outras plantas indigenas. Como os seus visinhos do continente gostam de folgar e de adornar-se a seu modo: pintam o rosto, polvilham a carapinha de vermelhão, e usam furar o nariz e as orelhas. Invejosos das nossas barbas e bigodes, que a natureza avara lhes não concedeu, costumam trazel-os postigos, com o que se persuadem inspirar respeito, e imitar a dignidade europêa. Pobre gente!

### INSOMNIA.

ALTAS horas da noute, e quando a aldeã  
Em paz repousa, envolto no mysterio,  
De lugubres visões a mente cheia  
Em demanda me vou do cemiterio.

Ninguém que me pertença aqui repousa;  
N'este chão, onde dorme tanta gente,  
Não ha nem uma só rasteira lousa  
Onde o meu coração diga o que sente!

Mendigo de afeições venho p'grignio  
As campas consoltar. Mudas embora  
Venho aqui recompor o meu destino,  
E n'esta solidão minh'alma chora.

Ao orvalho que fresco se pendura  
Dos braços d'esta cruz, e cristalino  
Com meus prantos ferventes se mistura  
Contarei minha dôr — direi meu hymno.

Como a rollinha triste que se acouta  
Fugindo ao caçador entre os salgueiros,  
Minh'alma foge ao mundo, e vem aflouta  
Cantar aqui seus cantos derradeiros.

E como veia d'agua serpeando  
Pela verde campina o rio engrossa.  
As lagrimas que eu fôr aqui chorando  
Augmentarão, oh cruz! a gloria vossa.

Eu venho de tão longe e tão caçado  
Como ainda ninguém voltou do mundo.  
Foi penoso o caminho... eis-me chegado  
Aonde termo encontra um mal profundo

Busquemos d'estas campas a mais pobre  
Qual d'ellas o será? Talvez aquella...  
Um singelo chorão resguarda e cobre  
De brancas rosas virginal capella?

Convulso afasto do chorão as ramas,  
E as rosas todas com meus pés esmazo:  
Depois no peito que me ardia em chaminas  
Melhor idéa com amor afoço.

Talvez que as rosas innocentes, puras,  
Tecidas fossem pelas mãos amantes  
D'alguem que n'ellas virginaes doguras  
D'eras passadas memorou constantes.

O fogo ao rosto me subiu de pejo.  
Apanho as rosas com febril loucura.  
Ao peito as uno, com fervor as beijo  
Para as deixar depois na sepultura!

« Profano e torpe! Nem as pobres flores  
« Aqui te escapam das abjectas iras.  
« Trazes do mundo pueris rancores  
« E aqui, nas campas, infeliz deliras.

« Deixa na pedra do sepulchro as rosas  
« Já desmaiadas de perfume e cor.  
« Que foram postas pelas mãos piedosas  
« D'alguem que amava com fervente amor!»

Subito aos olhos me assomara o pranto.  
Envergonhado me sentira então,  
Ao Deus supremo murmurando um canto  
Do intimo d'alma lhe implorei perdão!

L. A. PALMEIRIM.

### AFONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

#### II.

Ao noso dia de viagem achavamo-nos nas aguas de Genova, aonde chegaramos mais cedo se fôra mais curta a arribada a Gibraltar, que pudemos observar por mais de vinte e quatro horas, e se alguns outros motivos nos não fizessem demorar, como por ex. a cerração que nos escondeu o rumo á entrada do estreito.

Demandamos o porto de Genova na manhã do dia 10 de outubro de 1850. Entramos o porto, por sem duvida acanhado para os numerosos navios que ali estão sobre ferro, e em uma certa ordem, para *economisar* a ancoragem. O porto (que é o de maior importancia commercial entre os da Italia) é pequeno e aberto, ficando assim exposto aos impetos da tempestade, como aliás não acontece em Marselha, cujo porto é fechado.

Demorado algum tempo a bordo, porque como inexperiente de viagens em paizes estrangeiros, não tinha feito *visar* o meu passaporte pelo ministro-sardo em Lisboa, tive de me deter até que a *policia* ficasse certa da minha boa fé attestada pelo bom cavalleiro *Sivori*, nosso *consul*, especie de empregados, cuja importancia melhor é avaliada pelos viajantes.

Depois de ter desembarcado do vapor, mas conservando grata recordação das attentões que nos foram dispensadas pelo seu digno commandante (o sr. Pedro Ollegario Alves), distincta officialidade, e demais pragas, tendo saltado em terra, e recebido as obsequiosas delicadezas do digno parochio Vial, e dos srs. marquezes de Paulluicini, propuz-me á viagem para Turim, que effectuei montando os *Appeninos* no Jughi, que depois se passariam subterraneamente, quando concluido o caminho de ferro de Genova a Turim (que já está acabado) e na minha viagem o aproveitei só desde Novvi a Turim, havendo ainda um pequeno intervallo em que se dividia o comboyo, e eram os *wagons* tirados por cavallos.

O caminho de ferro era, e não sei que agora deixo de o ser, do governo, sendo elle quem sustentava todo o movimento do serviço. Gostamos de ver como se mantinham as regras para a bem succedida celeridade, que não a observamos mais policiada nos outros caminhos de ferro da Italia, França e Hespanha. Offerecemos este argumento áquelles economistas e estadistas que só acreditam no bom exito das obras, quando entregues a particulares, ou a companhias formadas por elles.

Chegando a Turim esforcei-me por encontrar um bom irmão, que havia annos se achava ausente do nosso Portugal. Vim-nos durante a minha estada n'esta capital, porém guardo para mim as expansões de familia, embora aproveite de novo a occasião para dizer: que D. Manuel de Almeida confesso a religião, não emvergonhou a patria, e deixou-mi gratas recordações á sua familia, que lhe diz com resignação e fé: *Requiescat in pace.*

Muito a proposito se offerece agora a noticia de Turim, que daremos mais tarde, embora receiando que o bom empenho faça naufragio, mais de assustar ainda, quando tentarmos fallar de Roma, Napoles e Florença; tencionando nós o dar uma idéa d'estas tres e d'aquella capital em diferentes artigos, começando a fallar de Roma depois de passado este artigo, que vamos continuar com uma breve e interessante observação a respeito d'aquella grande parte da Italia, por onde passamos, se bem que a correr, e sem que tenhamos pretensões a que se diga no começo d'esta parte do nosso trabalho, e no começo de todo elle, o que o padre Vieira dizia a D. Rodrigo de Menezes, fallando-lhe de certo negocio: *A obra ha de ser larga, e já o começa a ser, e ainda não é obra.*

Apointando nós os pontos cardeaes com que marcamos a nossa viagem na Italia, ver-se-ha a extensão d'ella, que corremos desde outubro de 1850 a janeiro de 1851.

Fomos, como é já dito, de Genova a Turim, de Turim voltamos a Genova, e seguimos viagem para Liorne, Civitavecchia e Roma, de Roma saímos na diligencia para Napoles, d'onde emprehendemos e realisamos viagem para Liorne. Pisa e Florença, voltando pelo mesmo caminho para Liorne, onde embarcamos com grande risco e perigo, para seguir viagem para Genova; porém só fizemos embarcados uma parte d'ella, porque o máu tempo nos obrigou a arribar ao excellente porto da Spezia, o qual nos facilitou o desembarque, que foi aproveitado para a maior parte dos passageiros, que fizemos o resto da viagem para Genova por terra.

A Spezia, onde embarca o tão conhecido marmore de Carrara, é um bello e lindo porto, e com taes condições, que se tem dito, que o governo sardo tenciona mudar de Genova para Spezia os arsenaes de marinha, tornando este ultimo porto o primeiro da sua marinha de guerra. A apparencia do porto, sem prejuizo de estudados argumentos, defende a mudança, e ainda mais pelo acanhamento do de Genova.

Pela terceira vez chegados a Genova, tendo visto uma miú grande parte da bella ribeira d'este nome, tão pittoresca e arborizada com oliveiras, tornamos a Turim d'onde regressamos a Genova, seguindo viagem pelo outro lado da ribeira para Nizza; fizemos por terra toda esta parte da nossa jornada, subindo os Alpes marítimos em um dia de janeiro tão lindo como os nossos formosos dias de inverno. Descendo os Alpes na sua extrema com o Mediterraneo, depois de termos visto uma parte do principado de Monaco, entramos em Nizza, que é por-

to franco, e atravessamos o Vár para entrar em França.

Se fosse mais detalhada a noticia da nossa viagem teriamos de fallar d'esta ultima cidade, e de mil episodios do nosso roteiro; v. gr. d'aquelle frade que tomamos por companheiro de jornada, e que vestido com habitos de penitencia inculcava as virtudes da pessoa, e augmentava a esperanca da viagem. Fallariamos tambem d'aquella proveitosa conferencia que houvesmos em Nizza com um proprietario de oliveas, e com um negociante de azeite sobre a cultura d'aquelles, e sobre o processo para obter das azeitonas o melhor azeite. E não esqueceria a descripção d'aquella historica taberna, onde tinha estado Napoleão, quando no dia primeiro de março de 1815, desembarcou, vindo da ilha d'Elba, no golfo Juan, para começar o governo dos cem dias, e que demorando a pouca distancia da fronteira presta seu auxilio aos viandantes.

Deixemos pois estas e outras cousas, se é que estes *Apontamentos* para mais servem, do que para entreter horas menos afanosas; e vamos sempre em busca de alguma cousa que desculpe com mais clara prova o emprego do tempo.

Para conhecer bem um povo é necessario privar com elle, ouvir as suas conversações domesticas, e apagar com o proprio pé as suas pégadas, aliás a distancia entrará como despoento a deduzir no juizo pronunciado a respeito do seu caracter e das suas intenções.

Assim é necessario ir á Italia para fazer um verdadeiro conceito sobre o pensamento da *união italiana.*

Vêda-nos a natureza do jornal, onde publicamos estes *Apontamentos*, o irmos por diante n'esta questão; porém, nem com tanto rigor, que se nos reu-se o logar para perguntarmos, como, tendo tanta força na Italia o espirito municipal, e alentando-se de continuo esse espirito como a historia particular de cada uma das tantas cidades celebres d'aquella peninsula, será possível unil-a toda sob um só governo?!

O espirito municipal na Italia alpapa-se nas occasiões mais communs, e ouve-se e se conhece pela multiplicidade dos dialectos, que ainda não foram esquecidos, apezar da aproximação dos italianos, produzida pelas bellas estradas e pelo vapor.

Será mais possível á Italia a confederação? A Europa apresenta-lhe varios exemplos, e nós em todo o caso lhe desejamos a paz, que é bem do céu.

Gostosos presenciamos nós o espirito religioso da Italia, e a piedade do seu povo. Desobre aviso, e menos preparado estaria qualquer que prevenido com os acontecimentos recentemente occorridos antes da nossa viagem, não tivesse a critica necessaria para avaliar bem como, n'uma occasião de desordem, o menor numero acareta o desfavor sobre um maior numero de innocentes! Não podemos desenvolver-nos mais n'este ponto.

Assim como não é possível extirpar d'uma arrancada a religiosidade d'um povo, e apagar d'um sópro a sua piedade; assim tambem a não ser por força extraordinaria, não surgem de repente aquelles monumentos, que costumam attestar a creença dos nossos maiores. Esses monumentos, que por sua grandeza fazem elevar o homem em si mesmo, impellido-o para as considerações da eternidade, tem sido de ordinario começados n'uma geração, mas continuados e concluidos n'outras, testemunhando aos presentes a religiosidade dos passados, e convidando a ella os futuros.

Amudam-se na Italia os monumentos que exprimem os sentimentos religiosos do seu povo. Apre-

senta-se ella, por taes edificações, como penetrada do sentimento religioso; e cresce o convencimento, quando se tem allegado alguma noticia de suas instituições pias e de caridade.

Tendo estado em tantas povoações da Italia, fomos encontrando um povo piedoso, e orando com elle no templo, pudemos vêr que se congregava com devoção na casa de Deus. E se isto não equivale a dizer que muitos italianos se não tenham desmandado, ao menos serve para ajustar áquelle juizo geral, a que se chega por o estado feito sobre qualquer povo.

O templo é o lugar onde se toma muy exactamente a medida á piedade do povo, porque ali, desde a edificação d'elle até á oração em particular ou em commum, faz publica a idéa e o respeito, que tem á Divindade.

Se entrardes na cidade e virdes a igreja alevantada, e se, ultrapassando as portas, encontrardes o povo em oração e cheio do respeito do lugar, sem que mesmo o queiraes, sentiréis, que esse povo é. Porém, se virdes do templo derrocado, as portas da igreja feitas pedaços, e o povo sem o lago da oração commum, então exclamareis, como o fazia o bispo de Columbia a respeito de um templo de Pekin: *The Sion lugent; porta ejus destruetur, et ipsa oppressa amaritudinali* (1).

Vimos que o povo corria á igreja, fóra das occasiões, em que o fazia por força de especial preceito. E tanto mais observamos isto, quanto o povo das differentes cidades se aproveitava da indulgencia que o santo padre tinha concedido para supprir o jubileu, que se devia ter gaulo no anno anterior, senão foram os acontecimentos extraordinarios. O clero trabalhava para que o povo lograsse tão grande bem espiritual.

Um dos poucos monumentos que se erguem nas praças de Turim, é uma columna sobre a qual é adorada a Virgem Mãe, que ali collocou em imagem a povoação d'aquella capital em cumprimento de um voto, pois que pela intercessão da Senhora não foi a cidade flagellada pela *cholera-morbus*, quando pela primeira vez atacou com tanto impeto a Europa.

E cousa frequente na Italia o vêr nas lojas ou casas de commercio alguma imagem religiosa, collocada em lugar ostensivo, mostrando-se assim como a tutella da casa e negocio.

Na cidade de Napoles ha bairros, onde se guarda semanalmente a abstinencia de carne, além dos dias em que é prohibido o uso pela Igreja.

E serão estranhos a certas praticas religiosas os exercitos italianos? Não nos esqueceremos que em uma das vezes, que chegamos a Genova, nas proximidades do Natal, vimos que a guarnição militar da cidade em forma acudiu no templo para assistir a *norena*, com que a devoção antecede tão grande festa. Não deixaremos de applaudir o bom exemplo dado pelo duque de Genova, irmão do rei Victor Manuel, indo a pé a frente do corpo d'artillaria, que commanda, assistir á missa nos dias santificados: e menos admira isto uma vez que este príncipe pertence a uma familia real, a quem está confiada a guarda d'aquelle *sulario*, cuja tradição tão respeitavel o faz ter rousa o proprio, em que foi en-

volto o Relempor. E se o chefe d'esta familia se acha envolvido em questões religiosas, console-nos a lembrança da sua docilidade bem recente ante o pae commum dos fiéis em negocio de alta ponderação, e de interesse religioso.

Importa-nos ainda fallar de outros testemunhos de religião, dados por outro exercito; que tanto toza o coração o vêr os depositarios da força humana reconhecer a sua fraqueza ante o Senhor da força divina.

Quando chegamos a Napoles corria o exercito aos templos para gaular aquella indulgencia, de que já fallámos n'este artigo. E a poucos dias da nossa chegada veiu a festa da *Conceição*, que em Napoles é passada com grande e, digamos assim, nacional devoção.

Cumpre todos os annos um voto a corôa de Napoles, indo no dia da *Conceição* (8 de dezembro) ouvir uma missa no campo. Chegou esse dia no anno de 1850 e o voto foi cumprido.

Reuniu-se a tropa no campo chamado de Marte, e levantado o altar do verdadeiro Deus dos exercitos, se celebrou a missa a que assistiu o rei, a familia real, e treze brigadas de tropa em grande uniforme, e em numero que não baixaria de trinta mil homens. A tropa desfilou depois por diante do rei: vimos passar, tambem de perto, essa brillante parte do exercito napolitano, que comprehendendo o da ilha Sicilia, não terá menos de noventa mil homens.

Não querendo esquecer aquelles exercicios religiosos, que tanto a miudo são feitos pelo povo na pequena igreja dos Bergamastros, em Roma, e no templo da Consolata em Turim; diremos: que se quizessemos fazer conhecer mais cabalmente o espirito religioso da peninsula italiana, teriamos de fallar, por tempo mais deitado, dos templos, hospitaes, asylos, casas de educação, e de tantas instituições de socorro a humanidade, e filhas da caridade. O que publicámos são *apontamentos*, que não apontam tudo, e que deixarão ainda muito por dizer, quando se lhes puzer o ponto.

No seguinte artigo daremos alguma noticia de Roma.

(Continúa.)

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

#### ESTUDOS SOBRE OS DIFERENTES MATHODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

##### II.

DIARTE NUNES DE LEO.

DIARTE NUNES era, como se prova do seu livro, um homem erudito, e não um philosopho; tinha mais memoria do que engenho e observação. Tinha lido os auctores latinos, que trataram mais largamente da philologia; tinha lido os livros de Messala, que escreveu um tratado sobre cada uma das vinte e duas letras do alphabeto romano, tinha versado com mão diurna os livros de Varrão, e tinha-se imbuído de respeito e quasi idolatria pelas cousas da antiguidade classica, o que era desculpavel n'um seculo como o 16.<sup>o</sup>. avido de erudição; e tinha chegado a concluir que as letras do alphabeto latino deviam conservarse em toda a sua pureza, não só em quanto á figura, senão tambem em quanto ao seu valor. Ardia além d'isso no desejo immoderado de fazer erudição, vaidade que exaggerada mata a inspiração, acanhava a intelligencia e reduz o escriptor a ser um in-

(1) Este templo era dedicado a Immaculada Conceição de Nossa Senhora, e pertencia aos portuguezes. Permitta Deus, que terminem as negociações pendentes entre a Santa Se e o governo portuguez, a respeito do padroado, e que de futuro se não apresentem provas de desconfiança.

dice monotonos de textos e de citações estranhas. Duarte Nunes partia pois do principio de que a lingua latina era o modelo e a norma unica do fallar e do escrever portuguez; e uma vez assentada a sua theoria pouco lhe importava que os factos contra ella se rebellassem a cada passo.

Assim nós vemos o erudito desembargador empalhar como tres letras affins e coigeneres o *b*, o *p* e o *ph*, e estender-se em largas considerações sobre a differença radical do *ph* ou *f* grego e do *f* latino, sobre o digamma dos eolicos, sobre a letra inventada pelo imperador Claudio, e estabelecer como letra portugueza o *ph*, considerado como som differente do *f*. Infelizmente os factos vinham estorvar as idéas systematicas do chronista, e mais alguns paragraphos adiante Duarte Nunes tinha de confessar com grande constrangimento da sua alma, e com manifesta derrota da sua erudição, que o *f* e o *ph* eram de facto uma unica articulação, e que a pronuncia antiga se corrompêra e demudára a ponto de ser impossível achal-a de novo.

Eis aqui as palavras em que elle deplora a sorte do *ph*, condemnado, apesar da sua nobreza e da sua magestade grega, a ficar confundido com esta plebeia letra *f* de som horrído.

«Mas é de notar que entre o *f* latino, e o *ph* grego havia muita differença na pronunciação, que agora não sentimos. Porque (como escreve Quintiliano) o *ph* dos gregos tinha hum soído brando, e suave, e o *f* dos latinos horrído, que quasi não parecia de voz humana. Donde se pode colligir quam adalterada, e mudada sta a pronunciação de muitas letras, e quam delicada he a musica dellas.»

Sobre os valores do *g* nada fez Duarte Nunes senão dizer o que no seu tempo se usava e ainda hoje se segue. Mas é de notar o desdem com que elle falla do som do *g* antes do *e* e do *i*, dizendo que é som *alheio dos gregos e latinos e só proprio dos mouros de quem o recebemos*.

Duarte Nunes considera no *i* um só valor, e estranha a confusão que d'esta letra se fazia no seu tempo, usando-a indistinctamente como vogal e como consoante. Adduz como razão que nas palavras *janella, jejum, etc.* não sentimos na pronunciação alguma similhaça do *i* consoante dos latinos.

Leão propõe que se distingua em figura os dous *i*, consoante e vogal, e que n'aquelle tempo se designavam indistinctamente por uma letra unica, e acrescenta que se estivera em seu poder inventára uma figura particular para todas aquellas articulações que se escrevem erradamente com duas figuras, como *i, ch, lh, nh*. Esta proposta, que estava nas idéas de João de Barros, prova até certo ponto que Leão consentia em transigir com a pronunciação, e desprezava a etymologia, todas as vezes que se tratava de representar sons que não tinham equivalentes em latim.

Reconhece Duarte Nunes que o *k* é letra ociosa, mas conserva-a no alphabeto portuguez, citando em seu apoio esta razão:

«E porque não façamos differença do nosso alphabeto ao latino, a deixamos na posse e logar, que tinha: e para que os nossos a não estranhem, quando vierem a aprender as letras latinas. Que quanto na nossa lingua e scriptura portugueza, he letra so-beja, e ociosa.»

Assim como Nunes assigna um valor unico ao *a* e outro ao *æ*, contra a opinião de Barros, assim tambem combate a opinião dos que crêem distinguir no *o* dous valores differentes, um grande e um pequeno. E a razão que elle julga ter havido para se dar dous valores ao *o*, a exemplo dos gregos, nasceu. diz

Nunes, «de verem a differença da pronunciação d'esta letra que em uns logares a pronunciamos com grande hiato, e abertura da boça, e em outros com muito menos, como se veve nesta palavra *ouo*, no singular, que na primeira syllaba parece, que pronunciamos com um pequeno *o*, e quando dizemos *ouos*, no plural, o pronunciamos de maneira, que parece um *o* grande. Polo que pera mostrar a differença do *o* que chamão grande, escrevem muitos esta palavra no plural com dous *oo*, dizendo, *ooouos*, e assim *poouos*, e *oolhos*, e os mais d'esta qualidade.»

E facil de ver, avaliando bem as razões contidas n'este trecho, que a dialectica de Duarte Nunes nas questões philologicas não era mais elevada do que a sua critica nos assumptos historicos. Duarte Nunes, fazendo uma ostentação ociosa dos seus conhecimentos na philologia romana, insistido sobre a idéa dos accentos, morta já e inexplicavel para o seu tempo, suppondo que a lingua portugueza herdára da prosodia latina as differenças de longas e breves nas syllabas, cae quasi sem o querer na affirmação do que pretende confutar, e reconhece em despeito de todas as distincções e subtilizes que o *o* se pronuncia realmente, ao menos, de duas maneiras totalmente diversas.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

## NOTA ESTATISTICA DO GADO EXISTENTE EM FRANÇA E PORTUGAL.

França (em 1839).

Gado vaccum — cabeças . . . . .	9.936:538
„ lanigero „ . . . . .	32.151:430
„ suino „ . . . . .	4.910:721
„ cavallar „ . . . . .	2.818:496
„ muar „ . . . . .	373:844
„ asinino „ . . . . .	413:419
„ caprino „ . . . . .	946:300
	<hr/>
	51.550:745

Portugal (em 1851).

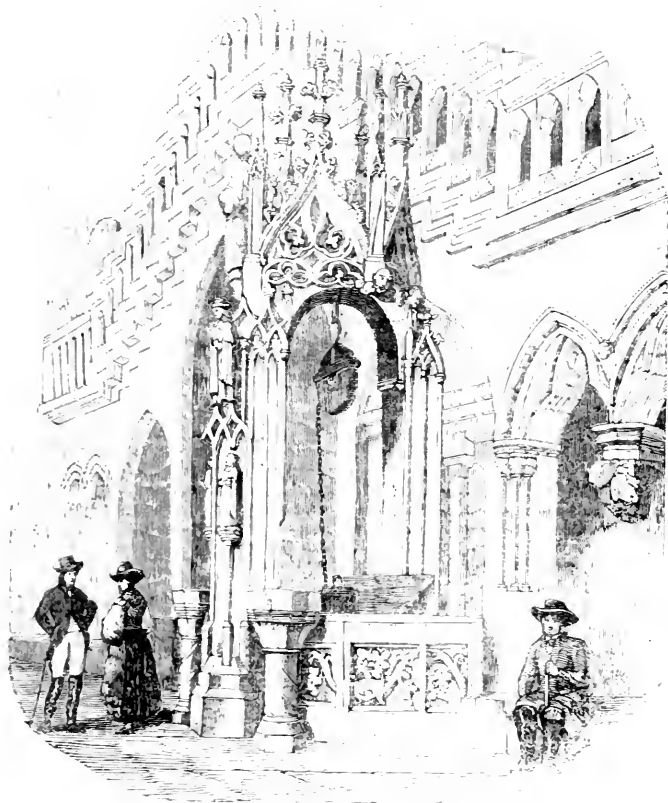
Gado vaccum — cabeças . . . . .	618:289
„ lanigero „ . . . . .	2.787:827
„ suino „ . . . . .	993:266
„ cavallar „ . . . . .	69:919
„ muar „ . . . . .	40:545
„ asinino „ . . . . .	126:623
„ caprino „ . . . . .	1.146:243
	<hr/>
	5.782:712

Convem advertir que a população da França era, em 1846, de 35.400:486 almas, e a de Portugal (em 1851) de 3.814:771 almas, isto é, pouco mais de um decimo.

— A boa fama que deixámos no mundo, dobra de alguma maneira a nossa existencia. Quem d'ella nos priva, commette um rigoroso furto, e pratica a maior das infamias.

BASTOS — MEDITAÇÕES





ALLEMANHA — RATISBONNA.

**RATISBONNA**, hoje capital do circuito de Regem, no reino de Baviera, é uma das mais antigas povoações da parte superior do Danubio. Esta situada na confluencia d'este rio e do Regem, em um terço fértil e delectoso.

Os romanos davam a esta cidade o nome de *Reginum* ou *Castra regina*; o imperador Tiberio ali mandou estanciar a 1.<sup>a</sup> legião.

A origem de Ratisbonna perdese na trece dos tempos. Os seus habitantes converteram-se ao christianismo em 189, mas somente no 8.<sup>o</sup> seculo fundou S. Bonifacio a sua primeira diocese episcopal. Pouco depois Ratisbonna tornou-se catedral, e começou de crescer em riqueza e importância. Ape-

sar do incendio, a que se tornou em 181 totalmente em cinzas, no anno de 1496, esta cidade foi durante a idade media uma das pragas de commercio mais importantes da Allemannha.

Depois que o usado aragonnuz portuguz e Vasco da Gama, abrindo o canal da Boa Esperanza, abriram um novo caminho para a India, Ratisbonna perdeu grande parte da sua importancia, e que de elle se pretendia depois restituir-lhe. Todavia por ainda que se uma povoação florescente. Contem actualmente 25 000 habitantes. Cingida de velhas muralhas e de um fosso largo fundida, como todas as antigas povoações, pertena de ruas irregulares, e de ruas estreitas, e de ruas largas. Tem poucos edificios

não só da Allemanha senão da Europa, se encontram tantos monumentos da meia idade; as mesmas habitações dos abastados, flanqueadas de torres, recordam a epocha em que estes tinham de defender-se e á sua propriedade e fazenda da aggressão dos proprios cidadãos.

Mas o edificio principal de Ratisbonna é a cathedra de S. Pedro, uma das maravilhas da architectura gothico-allema. Depois do desastroso incendio, a que acima nos referimos, começou-se desde logo a construcção da nova igreja. No 17.º seculo porém os trabalhos não tinham terminado, e ainda hoje estão por acabar as duas torres.

S. Pedro é um monumento notavel, tanto pelo gosto da decoracção interior, como pela imponente magestade do exterior.

O rei Luiz de Baviera ordenou modernamente que a cathedra de S. Pedro fosse completamente restaurada; os trabalhos que se executaram em cumprimento d'esta ordem são eloquente prova do gosto e intelligencia artistica do monarcha bavaro.

Um dos objectos mais curiosos da cathedra é seu duvido o poço gothico, que a estampa representa, e d'onde se extrahia a agua necessaria para os exercicios religiosos.

Existem em S. Pedro, entre outros muitos tumulos, o do grande Alberto (*Albertus Magnus*) famoso doutor do 13.º seculo, e o do celebre astronomo Joáo Képler, que falleceu em 15 de novembro de 1630.

Não é contudo S. Pedro o unico monumento que merece ser visitado em Ratisbonna. São dignos de attenção igualmente a velha igreja parochial de S. Úrlio, o convento dos beneditinos de S. Thiago, a igreja de S. Emerant, os antigos paços da municipalidade, que foram desde 1663 até o começo do presente seculo, a sede da dieta germanica, e a ponte de pedra lançada sobre o Danubio, que remonta ao 12.º seculo.

#### OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

#### IV.

##### *Fallida de Mahomet II, continuacção de suas conquistas, e sua morte.*

Pouco que a tomada de Constantinopla e queda do imperio do Oriente fivesse sido um acontecimento de ha muito previsto e esperado, causou porém em toda a Europa a mais profunda sensacção. Não houve um só governo, que ao receber tal noticia deixasse de se possuir de serios receos pela sorte do seu paiz. Tarde se arrependiam de não terem amparado e protegido esse imperio e de queella tanto os assistava. Tarde e muito tarde, porque tal amparo e protecção só podiam ser produzidos, quando aquelle grande colosso já começava a desmoronar-se, e a engrandecer com os seus despojos organte, que o devia devorar. Depois já não valiam os auxilios humanos para segurar a existencia de um corpo descupido e moribundo, como a villa se escapava independente mesmo de violencia estranha.

Uma vez de se unirem para oppôr uma barreira á transição mencionada, todos os soberanos permanceam na mais completa inercia em quanto progredia o desenvolvimento d'aquelle drama. Só depois da queda real é que viram seu patente o desequilibrio da Europa. Mas ainda então, em vez de se unirem contra o inimigo commum, apenas deram mais tempo ao terror, que os tomara e da fraqueza que

os possuia. Toda a Europa soffreu nas pessoas de centenas de auxiliares, pertencente a diversos paizes, que haviam corrido voluntariamente em defeza da causa grega, e entre os quaes se achavam nomes muito illustres, soffreu dizemos, nas pessoas d'elles quantas affrontas e humilhações foram precisas para saciar o orgulho e altivez do conquistador. E na resignação com que foram soffridas todas essas injurias viu Mahomet atravave do futuro as victorias, que o destino lhe guardava.

Illustrado na politica, como estremado na guerra, Mahomet tratou logo depois da tomada de Constantinopla de consolidar o seu governo no paiz conquistado. Fez voltar para a cidade os habitantes, que a tinham desamparado; promulgou leis adaptadas aos usos e costumes de seus novos subditos, em que lhes dava garantia para a segurança de suas propriedades e para a satisfacção de sua justiça; consentiu-lhes o culto da religião christã, mandando conservar e respeitar os seus templos, á excepção da basilica de S. Sophia e de mais algumas outras igrejas, que dedicou ao islamismo; finalmente reparou os edificios publicos das ruínas que a guerra lhes causara, e levantou outros de novo. E fez ainda mais para conciliar a boa vontade da população christã. Como tivesse morrido o patriarcha de Constantinopla, ordenou que se procedesse á nomeação do seu successor, observando-se n'este acto todas as ceremonias do costume. Apenas nomeado o prelado, convidou-o para um lauto banquete, durante o qual pôz todo o desvelo em obsequial-o e honral-o. E assim se perpetuou até nossos dias a successão e nomeação dos patriarchas de Constantinopla.

Tendo regulado d'est'arte os negocios internos de seus estados, preparou-se Mahomet para proseguir no caminho das conquistas, para onde o impelliam o seu caracter guerreiro, a sua ambição de gloria e de poder, e a sorte dos imperios que reservava para a raça ottomana um patrimonio immenso, e a mais brillante gloria.

Fortalecido pois moral e physicamente com a destruição do imperio bysantino; e cercado de um prestigio, que fazia caminhar o terror diante de suas armas, empunhou Mahomet o estandarte do propheta, e lançou a luva a toda a Europa.

Debalde lhe saíram ao encontro Hungados e Scanderberg (Iskender-Bey), dous illustres guerreiros, tão experimentados na arte da guerra quanto affeitos a vener. Nem os esforços do heroe da Hungria, nem o valor do chefe albanez puderam obstar a que a Servia, a Valachia, a Bosnia, o Peloponoso, Athenas e toda a Grecia, e o imperio de Trebissona curvassem o colo ao juizo musulmano. A Hungria viu-se continuamente talhada pelos exercitos turcos, e a moderna republica de Veneza, a soberba senhora dos mares, perdeu o Negroponto, viu offuscada a sua gloria maritima pelas esquadras ottomanas, e até desavassadas pelos vencedores as proprias margens do Tagliamento!

Enfim, depois de ter avassallado dous imperios, o do Oriente e o do Trebissona, sete reinos, e além d'isto mais de duzentas cidades e villas, Mahomet II morreu repentinamente junto a Máltépe, em frente da ilha dos Príncipes, a 3 de maio de 1481, achando-se então á frente de um poderoso exercito, cuja empreza ficou ignorada. Pouco tempo antes da sua morte teve o praz de ver edificada a meia lua do propheta junto aos muros de Rhodes, galhardamente defendidos pelos cavalleiros de S. João de Jerusalem. Mas nem por isso deixou de alimentar um projecto audacioso, a conquista da Italia, que o occupava seriamente quando a morte o surpreendeu

aos cincuenta e dous annos de idade, e trinta de reinado.

Mahomet, apesar de alguns graves defeitos, que de ordinario andam a par das grandes qualidades, reuniu em si quasi tudo quanto constitue o homem de genio. Conquistador e legislador, protector das artes e sciencias, que elle proprio cultivava; fundador de quantos estabelecimentos uteis a civilisação da epocha aconselhava: aadaz em conceber e metter hombros a emprezas arduas e grandiosas; valente e corajoso no campo da batalha; prudente e politico no gabinete; energico finalmente na paz e na guerra, Mahomet II pode ser julgado como um d'esses homens, que o destino envia ao mundo de seculos a seculos para fundar ou engrandecer imperios, e dar nova face á civilisação geral da sociedade.

Entretanto, apesar de todos esses dotes eminentes, que o distinguam sobremaneira, apesar de muitas circumstancias especiaes que favoreceram seus planos ambiciosos, não lograria por certo subir tão alto em poderio e gloria, que fez sombra a toda a Europa, nem veria tantas nações sujeitas ao seu sceptro, se Constantinopla o não habilitara pelo seu magnifico porto a crear esquadras, que elevaram a Turquia ao grau de primeira potencia maritima, e pela sua posição geographica a dominar na Asia e a estender pela Europa a sua influencia e poder.

## V.

*Principaes relações entre a Rússia e a Turquia,  
primeira revolta dos janizaros.*

A MORTE de Mahomet II veiu dar treguas á christandade, e paralisar os triumphos das armas ottomanas. Apenas seu filho Bajazeto II foi proclamado sultão rebentou a guerra civil entre este principe e seu irmão mais novo, chamado Djim, e mais conhecido na Europa pelo nome de Zizimo, que lhe disputava o throno. Duas vezes em campo, e outras tantas derrotado e obrigado a expatriar-se; ora refugiado no Egypto, ora acolhido se a protecção dos cavalleiros de Rhodes; prisioneiro em Paris, captivo em Roma; e umas vezes feito o joguete da diplomacia, victima outras vezes da perseguição de seu irmão, este desafortunado principe, depois de percorrer toda a escala do infortunio durante o longo espaço de quatorze annos, morreu envenenado em Napoles em 24 de fevereiro de 1495.

Só então Bajazeto se considerou seguro na posse do imperio e livre para proseguir no caminho trilhado por seu pae; livre, porque ali ali o recio do partido de Zizimo constrangia-o continuamente a ter differencias ou a fazer tratados desvantajosos com os diversos governos, que a seu turno disputavam da pessoa de seu irmão, ou podiam influir na sua sorte.

Tornou pois a accender-se a guerra, que durou bastantes annos com successo vario, e na qual tomaram parte a republica de Veneza, o papa, a Hungria, a Polonia, a Franca, Hespanha e outras nações. A tomada de Lepanto e algumas outras conquistas não indemnizaram contudo a Turquia das graves perdas que soffreu, quer no mar, quer em terra.

Infeliz no começo do seu reinado, e em quasi toda a continuada d'elle, Bajazeto não foi, nem desditoso no fim da sua carreira. Quando pelo janizaros a abdicar em Selim seu segundo filho, em prejuizo do primogenito, falleceu poucos dias depois envenenado, segundo dizem, por ordem de Selim em 1512.

N'esta occasião tiveram lugar os seguintes factos:

tes de pouca importancia ao primeiro intuito, mas que foram sem duvida o germen da decadencia do imperio ottomano. O começo das relações entre a Rússia e a Persia, e a parte que os janizaros tomaram na abdicção de Bajazeto II, foram esses dous successos de fataes consequencias para a prosperidade e independencia da Turquia. O primeiro, que se realizou no anno de 1190, quando o czar emão III (Ivan III) enviou um embaixador a Constantinopla para negociar um tratado commercial, que conseguiu concluir, foi o produgio d'essa sinistra influencia, que a Rússia tem exercido na sorte do imperio turco desde o reinado de Pedro o Grande ate nossos dias (1). O segundo, facto que não tomou as feições de um grave conflicto, pois que os janizaros se limitaram a pedir a Bajazeto a sua abdicção em favor de Selim, attendendo á sua idade avançada, foi o principio d'essa terrivel intervenção, que tão poderosa influencia exerceu d'alli por diante nos negocios do estado, fazendo pesar a sua força, sempre maleficamente, na balança dos interesses publicos (2).

(Continúa.)

## II. DE VILHENA BARBOSA

## ESCRITTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEO.

## POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

## MENDES LEAL.

AS POESIAS de Mendes Leal podem dividir-se em tres categorias: *Mitologias religiosas; Cantos heróicos; Paixão e Sentimento.* Ha uma quarta a *Satyra politica*, cuja indignação fremente, cujo verso armado de aculeos, desgrinha sem baixica as trunças da severa Nemesis, ainda bella apesar da ira. Começaremos pela Meditação.

O primeiro hymno religioso é á resurreição de Christo e foi escripto em 1842. Em verso endecasyllabo, a contemplação catholica exprime-se com a magestade propria da grande scena. Lutando com o cantico de Manzoni ao mesmo assumpto, Mendes Leal não lhe é inferior, se o não excede. A pompa e a proprieidade do metro, a opulencia viril da lingua, a harmonia do verso, e a cor severa e quasi biblica do estylo, não affrouxam acompanhando o espirito crente que estuda sobre o tumulo do homem Deus a *notissima verba* do futuro. Manzoni abre a primeira estrophe por uma interrogação:

E risorto: or come a morte.  
La sua preda fu ritolta?  
Come ha viute l'atre porte  
Come e vivo un'altra volta  
Quel che giace in forza altrui?

O poeta portuguez encerra-se no templo, e principia do crevendo o terror santo e a escuridão apenas cortada pela alampada agonizante que

(1) De 1492 que João III fez assinar, nos ditos termos para catubolar relações com a Turquia.

(2) O corpo dos janizaros foi creado por Orkan II. Em seu começo foi composto de mil moços de christãos-freitos prisioneiros e constrangidos a abraçar o islamismo, e todos os annos era pela mesma forma augmentado. De Mahomet II por diante o recrutamento para esta milicia foi sempre feito unicamente nos fillos dos janizaros e nos indigenas.

Em subito clarões intermitentes  
Quasi finge suspiro derradeira  
D'homem que vae morrer . . .

A hora é meia noite, hora sagrada ao mysterio e a meditação. A' medida que a descripção se aproxima do Sepulchro, a phrase anima-se, a idéa aviva, e a alma absorpta e reverente eleva o canto :

Na funda solidão sómente eu vélo.  
Dorme tudo em redor. A paz solemne  
Que me cerca, e me envolve, é paz do tumulo.  
Tumulo! . . . Acaso um tumulo não vejo  
Lá no extremo da nave tenebrosa?  
Não a vejo eu tambem crescer-me ao longe,  
E alongar-se, e alongar-se?... é certo! Ao fundo  
Os muros emblematicos do templo  
Deixam patente, como um véu, rasgados,  
Em deserta campina, calva e triste,  
De informes, cadavericos penedos  
Toda orlada em redor, o vulto grave  
D'um tumulo singelo. — Eil-o, que o vejo,  
Vejo-o d'aquí... A' lisa cabeceira  
Pendida a frente, o rosto annuveado,  
Com ar de quem magoado se lamenta,  
Um anjo d'azas candidas se assenta.

Quem jaz ali? . . . Eis subito refulge  
De viva luz, de immensa claridade  
O rosto ao Cherubim — celestes côros  
Suspensos os sentidos arrebatam  
O coração. — Os angulos do tumulo  
Raios lançam, que cezam deslumbrando,  
A pedra sepulchral partida estala  
Lume vivo golphando... é Elle!... o Eterno  
O Homem Deus, o Martyr da montanha.  
.....  
Fazes no chão, mundanos. Já por terra,  
Homens vaidosos. Universo exulta,  
Humilha-te ao teu Deus. Eil-o que surge  
Em toda a pompa, em toda a magestade  
Da sua eterna gloria. ....

Como é cheia de anecdade a antithese, e repassada de sentimento christão! Que esplendida imagem a que responde á pergunta: « Quem jaz ali? » com as torrentes de luz subito derramadas, com o clarão divino nas aureolas do cherubim, com os celestes côros saudando Christo rei da vida, e os raios fazeando das trevas do tumulo, cuja pedra estala á mão potente de Deus! Como o Messias, o Martyr, o Mestre, sac radioso da noite e do terror da morte, e o céu em jubilo abre os braços dos archanjos ás tristezas da terra! Que movimento de adoração na voz do poeta, como a estrophe tem um cantico para cada harmonia do mundo resgatado! É no meio do conceito mystico, descendo da montanha ao bosque, das trepidas fontes enteadas aos desertos suspirosos, como a vista deslumbrada segue nas alturas a grande victima do Golgotha, quando o vate no extasis exclama

..... Alumbra-o, estrellas,  
Astros do céu bordae-lhe o caminho.  
Curva-vos, gerages, e respeitosas,  
Suní no pó as frentes orgulhosas!

É menos pomposo, e não tão elevado o hymno de Manzoni. Falta-lhe igual amplitude nas imagens e nos tons. O sublime drama não passou pelo seu espirito, como o sêpro de Deus pela face de Job, fazendo aquelle estremeamento do coração, se o bello

nos arrebatava. Os versos finais da poesia portugueza dão o sentido catholico do mysterio a que a musa offerece o incenso. No dogma da remissão, a figura suave da esperança sobre o tumulo d'onde raiou a vida espirital, é uma idéa grandiosa que o genio theocratico do Dante faria sua.

E o Cherubim, que o tumulo guardava  
Permaneceu no mundo á voz do Eterno  
Para o velar sem fim — que n'esse tumulo  
Porta angusta dos céus ficou patente  
De Christo, Martyr, Deus, a estrema herança,  
O thesouros dos homens, a esperança!

Manzoni termina com unção evangelica, porém menos profundamente :

Oh, beati! a lor piu bello  
Spunta il sol de' giorni santi.  
Ma che fia di chi rubello  
Musse, ah! stolto! i passi erranti  
Su la via che a morte guida?  
Nel Signor chi si confida  
Col Signor risorgerà.

Outro hymno o *Christus sepultus!* composição posterior, parece-nos mais desigual. Nas descripções a interpretação da natureza liga-se com a formula catholica para chegar á contemplação do mysterio. Em um exordio cheio de vigor pinta o véu melancolico que peza sobre o mundo; as trevas descendo da cruz aonde o sacrificio se consumou sobre o coração do homem remido por elle. E o mesmo rythmo, a mesma palavra pittoresca, o mesmo verso nervoso. O campanario, erguendo-se na aldeia entre casas alvejantes, apparece ao poeta durante as meditações da paixão, em que á escuridão é profunda, e o silencio preenhe de terror:

Como o Apostolo da fé, que a fé pregou  
Entre um povo a seus pés, orando curvo.

.....  
Sobranceiro, de pé, erguido ao alto  
No anguloso contorno, recortado:  
Grave e austero, n'um céu austero e grave  
Só elle e mais ninguém — braço estendido  
D'entre o luto da terra á paz da noite!

Depois a imagem levanta os gemidos das ondas nas fragosas ribas da costa, e a figura do oceano embravecido :

..... Quando a pino  
Saeode sobre a terra a crespa juba  
E na juba o terror! .....

É de um effeito epico. Nada mais cunctrieto do que a exclamação da alma inclinada perante o Calvario, quando o homem :

..... Rei d'um momento  
Larga o throno mortal, roja o diadema,  
Depõe o sceptro seu, e pobre e humilde,  
Sobre aquella realza d'um captivo  
Por fraco se confessa, e nú se prostra!

Uma cousa nos desagradou n'esta pagina de tanta força lyrica: é a alteração repentina do metro, e o captivo da rima accedido sem necessidade. A estrophe de cinco versos quebrados (quintilha) destoa da amplitude magestosa do verso branco. A paixão severa e tragica em quadros taes não admittes estes

artifícios da forma. É uma belleza a variedade dos rythmos; é uma opulencia ás vezes o primor da rima e o labor da phrase; mas nem todos os assumptos as abraçam; sobre tudo se fôr preciso que o pensamento domine, e que alce o vôo sem grilhão. A expressão nas medidas curtas afrouxa e amollece; as desinencias uniformes e a symetria sacrificam a idéa ao ouvido, estreitam e descoram a imagem. Quando o espirito e a imaginação se elevam a Deus, e das alturas épicas contemplam o nada do homem e das suas vaidades a forma não deve apertar-as em proporções inferiores ao vigoroso raptó. Linguas ricas e numerosas dispensam estes ornatos, se a natureza e o movimento da obra os não suscitam.

Estamos longe porém de condemnar em absoluto a applicação dos metros rimados. O gosto e o assumpto dão a verdadeira lei aos segredos da forma. Na *Visão de Ezechiel*, composta depois, Mendes Leal sabe colher d'elles o exito. Exprimindo a desordem dos sentidos e o sublime horror do vidente, a variedade e a medida mais ou menos lenta do verso estão no seu lugar, e acompanham naturalmente os impetos da alma, e a imagem oriental em que se engasta a phrase bella.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



#### ACADEMIA CELTICA.

A ACADEMIA celtica, fundada em Paris no anno de 1804, tinha por fim reconstruir, quanto fosse possível, a historia dos celtas, com os elementos que se encontram nos escriptos dos antigos, procurar e estudar esmerpulosamente os seus monumentos, restaurar a sua lingua, e esclarecer por meio d'ella as origens dos diversos idiomas da Europa. Celebrou-se a sua primeira sessão no dia 15 de fevereiro de 1805.

A academia compunha-se de setenta e dois membros residentes, cento e quarenta não residentes, e sessenta e seis correspondentes. Entre os socios contavam-se algumas das maiores capacidades da epocha como, por exemplo: Lalande, Fontanes, Foureroy,

Lacepède, Pastoret, Volney, Humboldt, Fourier, etc.

Em 1807 publicou-se o primeiro volume das memorias da nova academia celtica, cujos trabalhos proseguiram com certa frouxidão nos annos seguintes, até que, reconhecendo-se que em França não existiam monumentos celticos em numero tal que pudessem fornecer exclusivamente assumpto para os estudos de tantos e tão abalisados antiquarios, foi extincta a academia celtica, ou, para melhor dizer, re-fundida na sociedade dos antiquarios de França, que ainda subsiste, e tem prestado importantissimos servigos ás sciencias historicas.

A medalha, reproduzida na nossa gravura, foi mandada cunhar pela academia celtica para coroar os trabalhos, por ella approvados. No reverso tinha uma corôa de carvalho e de agárico, o nome da academia, a data da fundação, e a inscripção: *Gloria majorum*.

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

##### III.

NO DIA 27 de outubro de 1850 navegámos por outra vez os mares d'Italia, tendo-nos embarcado em Genova no vapor francez *Languedoc*, que poucos dias antes tinha sido benzido pelo bispo de Marselha, o qual fez a bordo do mesmo uma pequena viagem, em desempenho das suas obrigações pastorales, e que se antecipou aquella, em que nós o aproveitamos, com perto de cento e quarenta e oito companheiros viajadores.

Sáimos de noite, que estava escura; viasse a distancia a trovoadá; o tempo correu contrario, porém Deus guardou-nos, e gastamos umas onze horas de Genova a Liorne, onde nos demoramos até por seis horas da tarde, reembareando, e seguindo viagem para Civitavecchia, que nos recebeu pela manhã, e com pouca differença do numero de horas, empregadas a navegar, de Genova para Liorne.

Muitos são os barcos de vapor que, differentemente embandeirados, partem d'uns para outros portos da Italia, e que por esta passam para mais longe. Não foi de muito tempo a nossa viagem, entretanto navegamos no Mediterraneo em quatro d'elles.

A nossa demora foi até a hora da partida da diligencia, que nos apresentou em Roma, com umas onze horas de caminho.

Rendidas as graças a Deus pelo successo da viagem, começamos a visitar, no mesmo dia da chegada, a cidade eterna, que o e realmente quando se considera como a séde do supremo pastor, do chefe visível d'este grande corpo moral, a Igreja catholica.

Para fazer a descripção de Roma, seria necessario residir ali por muitos annos, reunir muitos conhecimentos, ter um gosto delicado, uma imaginação viva, o talento de communicar aos outros os sentimentos por que se é penetrado, e escrever finalmente muitos livros. Roma só se assimelha a Roma.

Eis como começa uma das suas cartas o abade De Geramb, na sua *Joyage de la Troque a Rome*.

E continúa: Imagine uma cidade com trinta e cinco portas, contendo trinta basilicas, duzentas igrejas, cento e cincoenta grandes capellas, que são como igrejas, cincoenta palacios notaveis, sessenta templos antigos, dezeseiscentos de triumpho, muitos obeliscos trazidos do Egypto, um grande numero de muscus choios de estatuas, e um maior numero de galerias contendo milhares de quadros. N'esses monumentos, n'essas estatuas, n'esses quadros, que per-

teneam a diferentes seculos, que bellezas se não contêm, que genio se não revela?

Faltam-nos os elementos e a força para descrever e fazer sentir tanta arte, tanto esmero, tanto valor! Roma, que André Crénier cantou assim:

Rome antique, partout. Rome, Rome, immortelle,  
Vit et respire, et tout semble vivre par elle.  
De l'Atlas au Liban, de l'Euphrate au Betis,  
Du Taze au Rhin glacié, de l'Elbe au Tanar,  
Et des flots de l'Euphrate a ceux de l'Hyrcanie.  
Partout elle a gravé le sein de son génie.

Roma não admitta uma meia descripção.

O viajante, que entra n'esta capital vive em muitos seculos! Parece-lhe passarem antes seus olhos, ses exercitos de soldados romanos, gallos, germanos-gregos, africanos, armados e trajados a uso differente. Encontra-se com o *Capitolio*, e com o *Forum*; para ante o *Pantheon de Agrippa* e o *Collyseu*; vê o circo de *Nero* e a *Tibre*; e quando vê este, com as suas aguas turbidas, lembra-se como correm pressurosos os seculos, e como a ignorancia dos homems os confunde!

O viajante em Roma fita curioso os olhos sobre esse monumento de todas as fadigas: sobre esses trabalhos dos reis, dos consules, dos coaes e dos pontífices; sobre esses obeliscos arrebatados ao Egypto; sobre esses mausoleus tirados á Grecia, sobre essas thermas ornadas de bibliothecas; sobre esses palacios, uns em ruínas outros meio demolidos para se levantarem novas edificações, além dos que sustentam toda a sua magnificencia e elegancia; se o viajante mira a grandezza d'esse horizonte bem adequado as grandes linhas da architectura, e se ainda estende os olhos por sobre esses aqueductos, ao modo de raios de circulo, convergido em um só ponto, e dando passagem sobre arcos de triumpho as aguas, que deviam apagar a sede d'um povo rei; se o viajante se vê rodeado d'essa immensa quantidade de estatuas, que com a sua nudez parece quererem corrigir este seculo garbado; e se ouve esses ruidos fontanias; depois de de todo isto da razão a Chateaubriand, quando diz: Roma foi destinada para o dominio e duracao.

Roma ergue-se magosta, parecendo querer fazer gada do seu isolamento! sua sombra só quer abrigar *reconditas e memorias*; e assim o viajante depois de ter com fadiga superado a empulsa de *S. Pedro*, amostra-se lhe das varandas exteriores uma campina inculta e despoxada, enxergando aqui, acolá, ao longo, os fragmentos dispersos de algum monumento.

Mas o que importam as bellezas da campina, os risos do campo, o pratear dos rios, o verdejar dos bosques, e ainda o canto das aves, e o cheiro das flores, quando a alma entregue a meditação profunda, é arrebatada pelo desejo de saborear a historia, estudar as artes, e ver o papa? o papa, a cuja instituição divina se acha ligado tudo, que em Roma se encontra de notavel ou curioso?

E de facto, se Roma é visitada por todas as gentes e nações, é porque não só reside lá o chefe visível da Igreja, mas porque aos successores de S. Pedro deve essa cidade a conservação dos seus monumentos, a erecção de muitos d'elles, a riqueza de seus museus.

E nem se julgue, que isso é estranho aos desgnios da Providencia! Quantos são atraídas a Roma por a aprender e estudar archeologias, por a belleza da arte, e que extraviado do caminho de Pedro, recebem as impressões, que só se acalmam ao entrar no templo catholico! Em Roma vivemos nós com

uma familia, cuja dona da casa era protestante, e que não teria ido a Roma, senão fóra a nomeada que a aclama. Porém como as idéas catholicas actuam ali com tanta força, esta senhora, como tem acontecido a outras muitas pessoas, fez-se catholica: seu marido tinha sido tambem protestante.

A affluencia dos estrangeiros á Italia, e a Roma, é tal, que a sua falta se torna sensivel, se qualquer evento os afasta, como no tempo de *revolução*.

Depois dos ultimos acontecimentos, era o inverno de 1850 para 1851 o mais concorrido.

Na igreja, nos museus, nas ruínas, junto de qualquer pedra, se encontrava o observador do oriente e do occidente, do norte e do sul, e sempre a confissão de que a Igreja é *catholica*.

E boa descripção poderíamos fazer, se concertassemos com tanta gente discreta, que de continuo se reza em Roma, a noticia bem imperfeita, que vamos dando.

Comecemos por fallar de S. João de Latrão. S. João de Latrão, o primeiro, e principal templo de Roma e do catholicismo — *Ecclesia urbis et orbis mater et caput*, fundação de Constantino Magno, foi consagrada pelo papa S. Silvestre, no anno de 324. S. Silvestre a dedicou *Christo Salvatori*, a 9 de novembro de 324, e se lhe chamou *basilica d'ouro, basilica aurea*, em razão das preciosidades, que a enriqueciam. No seculo 12.º, foi dedicada a S. João Baptista, e depois ficou chamando-se communmente *Basilica de S. João de Latrão* (1).

Esta basilica, tambem celebre por os doze concilios, entre geraes e provinciaes, ali celebrados, depois de ter sido conservada por dez seculos, foi quasi toda destruida pelo fogo em 1308, no tempo de Clemente V. Porém o mesmo papa Clemente destinou uma grossa somma para a sua reedificação, e foi depois adornada por Urbano V, Alexandre VI, Pio IV e Sixto V, e d'ella tem continuado a curar seus successores.

Sobre o portal se collocou a estatua de Constantino o fundador; e foi tambem collocada, sobre a porta lateral, a de Henrique IV de Franga, como bemfeitor.

Clemente VIII, Innocencio X, Clemente XII e Alexandre VII, fizeram tambem sentir em S. João de Latrão a sua accão benéfica.

N'esta basilica se guardam duas venerandas e preciosas *reliquias*, que são as duas cabeças de S. Pedro e S. Paulo, fazendo parte de dois bustos de prata, que tem sobre o peito uma flor de lis em diamantes, presente feito á igreja por Carlos V, de Franga.

Ha em S. João de Latrão tres bellas capellas; a mais curiosa é a *Corsini*, dos principes d'este nome. Clemente XII, d'esta familia, lá desejava que uma urna de porphyro, que esteve por muito tempo debaixo do Pantheon, e crê-se ter guardado as cinzas de Agrippa. Esta capella é só per si digna d'uma descripção.

Em S. João de Latrão, sobre o jazigo de Bonifacio VIII, vê-se uma pintura a *fresco*, representando o pontífice no meio de dons cardeaes no acto de publicar o primeiro jubileo do anno santo, era de 1300.

A descripção exacta de tal basilica, a primeira igreja em que os papas se assentaram, e assentam, não cabe nos estreitos limites de um artigo de jornal. Passemos pois a dar uma breve noticia da igreja de S. Pedro.

1) É dedicada como se diz no texto, e tambem a S. João Evangelista. Não sabemos se esta ultima é de que fallamos foi feita pela mesma occasião no seculo 3.º

Este magestoso edificio, segundo a expressão de Geramb, não pode ser comparado com algum outro, nem na vastidão e regularidade das proporções, nem na riqueza e elegancia dos ornamentos. É necessario entrar alli muitas vezes, e ainda depois achareis novidade. A primeira visita ficará-se attonito da magnificencia da fabrica, da firmeza do pensamento, do arrego da traça, e do primor da execução artistica, que tornam a igreja de S. Pedro uma verdadeira maravilha.

No anno 323 tinha Constantino feito edificar, no mesmo lugar onde hoje está a basilica de S. Pedro, uma outra, em honra do principe dos apóstolos. No meado do seculo 15.<sup>o</sup> ameaçava ruina; o papa Nicolau V desde logo formou o proposito de a reconstruir, e Julio II lançou a primeira pedra nos fundamentos do templo que hoje admiramos, nos 18 de abril de 1506.

A praça que antecede esta basilica e com a qual vem a tão magestoso edificio. É circundada por columnas, formando uma balaustrada, que sustenta cento e trinta e seis estatuas de santos martyres e fundadores de ordens religiosas; estas estatuas são sustentadas por os escudos das armas (distinção de familia) dos pontífices que tiveram parte na edificação. No centro da praça ergue-se a cruz, que sobre uma só pedra de granito de setenta e quatro pés de altura annuncia o seu triumpho. As estatuas colossaes dos santos Pedro e Paulo, e duas elegantes fontes mui ricas d'agua affirmam-tam-tambem a bella praça de S. Pedro.

Foi tal o empenho na erecção do obelisco, que se levanta no meio da praça, que quando se viu concluído assentou-na base os sinos e canhões attingiram victoria! Diz-se que tendo-se organizado Pontana, o architecto, no tamanho das cordas, estivera para ser deastros o successo no acto de o erguerem, se um maritimo de San-Remo, chamado Bresca, não bradasse: *Acque alle funi...* Este epistolo achasse representado em um fresco da bibliotheca do Vaticano.

É grande a quantidade de obeliscos que se vem collocados em Roma, e que ornão as suas praças. Os imperadores romanos, dominando o Egypto, fizeram transportar muitos a Roma para decorar as praças publicas, os circos e outros lugares, onde queriam ostentar o seu poder.

A respeito das fontes que correm no meio da S. Pedro, conta-se, e farse-ha assim uma lenda da sua magnificencia e belleza) que quando a rainha Christina de Suecia as viu pela primeira vez, achou de tal effeito, que agradeceu o espectáculo nos officinas que a acompanhavam, julgando que lhe estava preparado, correndo alias ellas sempre assim e *coram omnibus*.

Se a praça de S. Pedro apresenta obeliscos magníficos da arte, não nutre com menos orgulho a terra a lembrança de que era o circo de *Nero*, o theatro de seus furros, onde se saciava do sangue dos heus.

A fachada da basilica, precedida por soberba esquadria, tem duzentos e cincoenta palmos de altura, sobre quinhentos e trinta e dois de largura, notase esta imperfeição, talvez calculada para que a maior elevação não assumbrasse a magnificencia da empresa.

Entrando-se na vestíbulo, que é tal que se conta haver satisfeito a curiosidade de um visco, que tinha ido a Roma para ver S. Pedro, vê-se a direita a estatua historica de Constantino, no acto da visão da Cruz, por cuja força da verdade e da crença de Carlos Magno, da mesma dinastia, e com a fronte laureada com os dios imperadores romanos.

Os dous imperadores são de grata lembrança nos annos da Igreja.

As cinco portas da fachada estão fronteiras as do templo, que conserva a clausura por uma Pella, e só a quebra no jubileu santo, como em um tempo especial de *gracia e indulgencia*. A essa porta, ainda quando fechada, são attrahidos os peregrinos, aproximando-se-lhe devotamente.

No ingresso no templo fica e surpreheo-lhe, este porque *parece* achar-se menos do que se esperava, e tudo isto resulta da impossibilidade de se comprehender em tão pouco obra tamanha! A boa medida, que outra coisa não é a proporção, e que duma das maravilhas de S. Pedro, illude agradavelmente o peregrino, que visita a basilica; e a riqueza tão variada deslumbrão.

O templo mede cento e trinta e sete palmos de comprimento e seiscentos e sete de largura!

Andando na basilica, fica da direita uma antiga estatua de bronze, que se venera, porque representa S. Pedro; e nós a veneramos, unindo-nos aos muitos outros peregrinos e viajantes que com seus osculos tem gastado alguns dos dedos dos pés da imagem.

Na extremidade da nave principal se levanta o altar maior ou pontifical, que foi benziado por Clemente VIII, em 1594. Neste altar se conserva, segundo uma boa tradição, um altar, dedicado a S. Pedro no tempo de S. Silvestre e de Constantino, no anno de 325. O papa officia n'elle tres vezes por anno: *Natal, Paschoa, e S. Pedro*; e só por um breve especial, e feito por uma só vez, ali pode celebrar um cardinal, como de ordinario acontece na festa da cadeira de S. Pedro.

Sobre o altar pontifical ha um tabernaculo precioso e de forma antiga, á maneira de sobrecoisa do cedel, e sobre quatro columnas espiraes. Esta obra, entre as de bronze a maior, foi executada por Bernini, no pontificado de Urbano VIII. A fundição de tal obra custou 60:000 escudos romanos; e a douradura 40:000. O metal foi comprado em Veneza, e empregaram-se 186:000 libras romanas de onze onças.

No fundo da igreja levanta-se o sumptuoso monumento, onde como em relicario se conserva a cadeira de S. Pedro; obra de Bernini, executada por ordem de Alexandre VII.

Inferiormente ao altar-mór encontra-se uma capella subterranea, allumada por oitenta e nove alampias de bronze dourado, onde é fama que os primeiros christãos iam orar; acham-se n'esta veneranda capella as reliquias dos dous apóstolos, e a estatua de Pio VI, feita ao primoroso cizel de Canova.

As alampias apagam-se na sexta feira santa, e antigamente eram sustituidas por uma cruz alluminada, que fazia tal effeito e admiração, que em 1824 L. do XII prohibiu a continuação d'este costume, para evitar os escandalos a que a curiosidade de a ver dava lugar.

Quando se entra no templo a primeira capella a direita é a de Nossa Senhora. Ahi se allimira um quadro representando a Virgem com o santissimo Filho morto nos braços, que é a primeira obra do grande Miguel Angelo.

Na capella chamada *graziosa* por ter sido construida no pontificado de Gregorio XIII, existe o corpo de S. Gregorio Nazianzeno, e o tumulo d'aquelle papa, morto em 1594 pela reforma do calendario, que effectou em 1582.

Tambem digno de se ver o mausoleo da rainha Christina de Suecia, que abjurou o lutheranismo em Inspruck, no anno de 1654, e da condessa Mathilde, celebre por suas d'agias a Lreja, e por ter defendido os papas.

Não nada ha mais admiravel em S. Pedro, que a famosa cupula, é esta sustentada por pilstras, que

medem em circumferencia tresentos e vinte palmos. Nos vãos das pilastras ha quatro capellas de coradas com as estatuas colossaes de S. André, da S. Veronica, de S. Helena e de S. Longuinhos. Estas estatuas tem relação com as reliquias preciosissimas, que ali se encontram, e são a *Santa Veronica*, uma parte da Cruz, achada por S. Helena; a Lança com que o soldado, conhecido depois por Longuinhos, feriu o lado de Jesus Christo, e a cabeça de S. André. Estas reliquias só se mostram em certos dias; e para se subir ao sitio em que se acham e mister ser conego em S. Pedro, ao menos titular; similhante título sómente é concedido a estrangeiros de alta jerarchia. Ladislau, depois rei de Polonia, o recebeu de Urbano VIII; Cosme III, grão-duque de Toscana, de Innocencio XII. E o imperador Frederico III, achando-se em Roma para a sua coroação, obteve de Nicolau V licença para ver, vestido de conego, a toalha da *Santa Veronica*.

A cupula é coroadá por uma como lanterna, que pode considerarse um segundo zimborio, e em torno da qual se passeia seguro. A esphera de que é sobrepuzada tem oito pés de diametro; sobre a esphera assenta a cruz, com treze pés de altura; desde a extremidade superior d'esta até o nível da praça não se contam menos de seiscentos pés!

Remataremos esta imperfeita descripção do templo de S. Pedro apontando os nomes dos pontífices que concorreram para tão pasmosa obra. Julio II, como já dissemos, lançou a primeira pedra a 18 d'abril de 1506. O desenho primitivo deveu-se a Bramante. Leão X mandou continuar a obra, alterando porém um pouco a antiga traça. Depois da morte d'este papa suspenderam-se os trabalhos, que Paulo III ordenou que proseguissem, escolhendo outro architecto, que propoz um novo plano. Estava porém reservada ao grande Miguel Angelo a gloria de conceber, e em grande parte executar, o pensamento de tão magestosa basilica. Miguel Angelo falleceu em 1566, mas os trabalhos continuaram em conformidade do seu risco.

Quarenta e seis annos depois, sob Paulo V, Moderno acabou a igreja, e levantou a fachada. No pontificado de Alexandre VII o cavalheiro Bernini construiu a galeria que circunda a praça. Pio VI mandou construir a sacristia, que Miguel Angelo não tinha incluído no seu plano. Desde que se lançou a primeira pedra no edificio de S. Pedro tem decorrido tres seculos, em que foi governada a Igreja de Christo por trinta e quatro pontífices!

Nem poderão esquecer entre estes Gregorio XIII, Sixto V, Clemente VIII e Innocencio X. Também são dignos de memoria os architectos Giacomo d'ella Porta, e Carlo Marchionni, cujos nomes se acham ligados á historia da basilica de S. Pedro.

Não é facil calcular as sommas que ella tem custado. Fontana orçou-as, até 1693, em quarenta e sete milhões de escudos romanos! Mas quanto se não teria despendido depois! A totalidade deve de ser enorme.

Hoje fiquemos aqui. (Continúa.)

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

ESTUDOS SOBRE OS DIFERENTES METHODOS  
DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

## II.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

A respeito do *y*, apesar de que os antigos o tivessem declarado ocioso, admittie Duarte Nunes a sua

necessidade, «para escrevermos todas as dieções que os latinos por ella escreviam, como por a adulterina pronunçiação que por ella viermos dar ao *e*, junto a estas letras *e*, *é*, de que nos ficou necessidade de socorrermos com *que*, *qui*, para correrem todas vogaes de um soid e pronunçiação, e dizermos: *ca*, *que*, *qui*, *có*, *ei* etc.»

O empenho de ir sempre contra as idéas professadas por João de Barros leva Duarte Nunes a negar o que todos geralmente tem hoje por incontraverso, a existencia de dous sons distinctos para a letra *r*. Duarte Nunes reconhece apenas um; mas como na questão dos *oo*, vem por fim a concluir que sendo apenas um em potestade se pronuncia realmente de dous modos, o que em ultimo resultado é exactamente a mesma cousa.

«R, diz Leão, é letra semi-vogal simples, e não de duas maneiras, como os vulgares cuidam, que poém no seu alphabeto duas figuras; uma que dizem ser de *r* singello, e outra de *r* dobrado, que se poem no principio das dieções, ou quando soa como dobrado. O que é grande erro. Porque d'essa maneira a todas as letras podiam dar duas figuras, uma pera quando são singellas, e outra pera quando são dobradas. Pelo que fomos de dizer, que não ha mais, que um *r* em potestade. O qual quando se dobra em voz, se dobra tambem em numero. E o que enganou aos vulgares foi, que aas vezes sem se dobrar, se pronuncia, quasi como dobrada, sendo na verdade singella, etc.»

Duarte Nunes nega tambem, contra João de Barros, que o *s* tenha dous valores, e estranha que os vulgares o representem de duas maneiras *s* e *f*.

«S, diz elle, é letra semivogal, e mais assovio que letra, segundo dizia Marco Messala. Donde veo, que a figura d'ella denotaram como uma cobra enroscada, por parecer mais pronunçiação de cobra, que de homens. A qual letra, ainda que os vulgares a figurem em seu alphabeto de duas maneiras, assim *f* *s*, em potestade e força, é uma só letra. Porque essa differença é para a graça da scriptura, mas não para fazer differença na pronunçiação. Esto lembro, porque ha alguns que cuidam que de *s* ha duas especies, isto é, um que se pronuncia dobrado, e que se usa no principio, que é o comprido *f*, outro curto, assim *s*, mais brando, para o cabo da syllaba. O que não é assim etc.»

O *v* é confundido por Duarte Nunes com o *u*, segundo era usança do seu tempo, distinguindo-os apenas no começo das dieções, e usando do *u* no meio das palavras, quer para representar vogal, quer para exprimir consoante.

Sobre o *x*, o *y* e o *z* não ha nada de particular na doutrina de Leão, tendo o *x* um valor unico, o *y* o som de *i*, e o *z* uma pronunçiação feita por uma maneira que soa entre *s* e *ç*.

Leão passa agora a tratar dos dithongos. Diz possuir a lingua portugueza dezeseis, que são *ão*, *ãe*, *ai*, *ão*, *au*, *êe*, *ei*, *eu*, *ij*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, *oi*, que divide em tres categorias. 1.<sup>a</sup> os latinos, que diz serem *ao*, *ei*, e *eu*. 2.<sup>a</sup> os communs, com os castelhanos: *ai*, *oi*, *ui*. 3.<sup>a</sup> os que são peculiares do nosso idioma, que são os restantes.

Passa depois a tratar das palavras em que elles se empregam; porém esta parte pertence mais á orthographia do que á arte de ler: portanto encerraremos por aqui a analyse de Duarte Nunes de Leão.

J. M. LATINO COELHO.

— Não ha cousa que nos possa enfadar, sendo feita de boa vontade.





BAHIA — CAPELLA DE S. GONÇALO.

Na estrada que vae da Bahia de Todos os Santos para o lindo arrabalde que chamam *Bom fim*, ergue-se ainda a capella de S. Gonçalo. E apenas decorrido um seculo que se ajustaram as ultimas pedras de sua fachada, e já as plantas liliaceas, as palmeiras, as bananeiras, até os coqueiros, cresem sem amanho em torno dos seus muros e vedam completamente a sua entrada. Mil outras plantas parasitas nascem nas roturas das suas paredes, abreviando a sua destruição. Esta capella, admiravelmente situada, foi construida pelos jesuitas em 1733, e acabada seis annos antes da extincção da ordem poltrona a quem pertencia. Foi abandonada logo depois, e já no começo d'este seculo Lendley descrevia as suas ruinas pittorescas como um dos sitios mais deliciosos da Bahia.

## OS IMPERIOS BYZANTINO E OTOMANO.

## VI.

*Tomada de Riondes, e outras conquistas pelos turcos. Apogeu da grandezza e poder do imperio ottomano.*

SULIM I subiu ao throno por meio de um grande delicto. Uma serie de crimes foram os primeiros actos

do seu reinado. Para que não viessem a perturbar a posse pacifica do imperio, mandou matar a seus irmãos e sobrinhos.

Os janisaros logo lhe patentearam as consequencias do passo, que elle lhes fizera dar, excitando-os á rebellião, pois que no proprio dia da sua elevação ao throno obrigaram-o a augmentar-lhes o soldo. E passado pouco tempo ainda tornaram a sua influencia mais pezáda e amarga ao sultão, e mais perniciosa aos interesses e gloria do paiz. Quando Selim, tendo transposto as fronteiras da Persia com um exercito de 200 mil homens, e depois de haver aniquilado nas planícies de Tchaldiran todo o poder dos persas, se dispunha a tomar posse de um reino, que a sorte das armas lhe entregára n'uma só batalha, foi constrangido pelos janisaros, queixosos das fadigas da guerra, a voltar costas á fortuna, e a regressar á patria, abandonando á fortuna o prezo. Entretanto o sultão sempre conseguiu como fructo d'ella caminhar a reunir a seus estados o Kurdistan, provincia importante da Persia. A conquista do Egypto, de Palmyra, Damasco e toda a Palestina foram os principaes successos do resto do seu reinado, que durou quasi 9 annos — 1612 a 1.29.

A epocha seguinte forma um dos periodos mais glo-

riosos dos annaes da Turquia. O longo reinado de Solimão I, Suleiman filho e successor de Selim I, correspondem perfeitamente ás esperanças populares. O seu nascimento no começo de um seculo [900 da Hegira] como aconteceu a Osman, o fundador do imperio; o seu nome de Solimão, ou Salomão, que recordava o príncipe propheta tão reverenciado dos musulmanos; o decimo logar, que ia occupar naseries dos sultões, sendo o numero dez considerado pelos turcos como o mais perfeito; todos estes felizes presagios levaram o povo a saudar com alvoroço o seu novo soberano, e a solemnizar a sua exaltação ao throno com grandes e prolongados festejos em toda a extensão do imperio.

O primeiro uso que o sultão fez da auctoridade real foi para exercitar a clemencia e a justiça. Logo depois tratou com singular actividade e desvelo de reorganisar e augmentar o exercito e marinha. E assim que se julgou aperechido para as grandes empresas, que meditava, aproveitando-se das querelas em que se achavam envolvidos, e em que se extenuavam reciprocamente o imperador Carlos V, e Francisco I, o papa Leão X e os sectarios de Luthe-ro, apresenta-se ás portas de Belgrado, empenha combate e assenhoreia-se d'essa invicta cidade, posto avançado da Hungria, que os seus antecessores por tantas vezes e tão baldadamente disputaram (29 de agosto de 1521).

No anno seguinte punha cerco a Rhodes, e ao quinto mez de assedio essa orgulhosa praça, que tinha visto despedaçar-se contra as suas muralhas todo o poder e valor das armas ottomanas, por tantas vezes quantas osaram affrontal-as; esse glorioso baluarte do Christianismo, que o heroico esforço dos cavalleiros de S. João de Jerusalem havia feito crer invencivel, abriu finalmente suas portas ao vencedor de Belgrado (21 de dezembro de 1522). Franqueou-as porém depois de uma defeza desesperada, em que os cavalleiros, e todos os habitantes, até as proprias mulheres, se illustraram por mil acções de verdadeiro heroismo; depois de eshaustas todas as forças, consumidos todos os recursos, e perdidas todas as esperanças.

Como a tomada de Constantinopla a conquista da ilha de Rhodes encheu de terror todas as côrtes christãs. Agora, como então, é que avaliavam a grandeza da catastrophe. Não se lembraram, durante o cinco mezes do cerco, da importancia d'aquella praça depois da queda de Constantinopla. So quando souberam que o crescente campeava sobre a velha sé de Rhodes, é que reconheceram, que a navegação do Mediterraneo ficava de hora avante á mercê dos turcos, e que a destruição d'essa barreira, que impedia a livre comunicação da Turquia com o Egypto, e que obstava a que os sultões tirassem d'esta sua recente presa todos os recursos e elementos de força, que ella lhe podia ministrar, ia augmentar consideravelmente o poder e influencia do imperio ottomano.

Rhodes na sua queda arrastou todas as pequenas ilhas, que a avizinhavam, as quizes se submeteram sem resistencia ao jugo do vencedor.

Envolhendo com tão assignalado triumpho Solimão volta as suas armas contra a Hungria; destruy nas planícies de Mohacz o exercito de Luiz II, que ali perdeu cora e vida, apodera-se da capital, e em pouco tempo todo esse paiz, que fóra campo de gloria do grande Hunyada e do celebre Corvino, e onde sempre naufragaram a ambição e esforços dos sultões, rende preito e homenagem ao successor de Solimão. Grande numero de fortalezas e praças de guerra da Escavania e da Croacia vem augmentar

os trophéus do conquistador. E finalmente um exercito de 250 mil homens com 400 peças de artilharia, penetrando no coração da Alemanha, vem acampar junto aos muros de Vienna d'Austria, e lançar a luva a toda a christandade (setembro de 1529).

Os prodigios de valor obrados pela guarnição de Vienna, levando o desanimo ás fileiras ottomanas, e a aproximação do inverno, ameaçando o exercito sitiador com mil desastres e privações, foram causa de que se levantasse o cerco, e o sultão renunciasse á sua empresa.

Foi este o primeiro eclipse da gloria de Solimão. Suas armas victoriosas nunca até ali tinham experimentado revez. Para o encobrir, ou pelo menos atenuar, invade a Persia, conta os triumphos pelo numero das batalhas, e conclue a campanha depois de reunir ao imperio Chirvan e outras provincias d'aquelle reino.

Em quanto os exercitos de Solimão devastavam a Persia, as suas esquadras commandadas pelo celebre Barbarouxa (Khair-uddin) assolavam as costas do Mediterraneo, triumphavam das esquadras alliadas das potencias christãs, e faziam eleger o terror até S. Marcos de Veneza. E ao mesmo tempo o governador do Egypto, á frente de numerosas tropas, atravessava a Arabia, invadia o reino de Aden, e ia disputar-nos na India a posse de nossas conquistas.

Finalmente, depois de uma tão longa e tão brilhante carreira, falleceu Solimão de uma apoplexia na sua barraca de campanha, sob os muros de Szigelch, que estava escalando. Contava 74 annos de idade e 48 de reinado.

Os seus subditos deram-lhe o epitheto de *legislador* (el-Kanouni), ao qual a historia acrescentou o de *grande*. E ambos mereceu. O príncipe que em pessoa conduziu á victoria os seus soldados durante treze campanhas; que conquistou Belgrado; que arrebatou aos cavalleiros de S. João de Jerusalem a ilha de Rhodes; que subjungo a Georgia e Chirvan; que submetten a Hungria; que retalhou a Persia; que zombou do poder de Carlos V, e dos seus alliados; que promulgou um codigo de leis, pelas quaes ainda hoje se governa aquella nação; que deu impulso ás bellas artes, ennobrecendo Constantinopla com magnificas construções; que protegen as sciencias, e que deu singulares exemplos de justiça e de moderação; o soberano em fim que elevou a tão alto grau de esplendor o imperio do Osman, adquiriu solennes jus a esses honrosos epithetos.

Solimão viu abatido a seus pés o orgulho de todos os potentados da terra, que a seu turno sollicitaram a alliança ottomana. A França foi a primeira, que concluiu com o sultão um tratado de alliança offensiva e defensiva (1). Quasi todas as outras nações,

(1) Antes de se effictuar este tratado, Francisco I mandou a Constantinopla um embaixador, portador de uma carta, em que pedia ao sultão soccorro contra o seu poderoso rival, o imperador Carlos V. A resposta de Solimão é tão notavel pelos titulos, que se arroga, que não posso resistir ao desejo de os transcrever:

Chah Sultão Solimão Khan  
Filho de Selim Khan, sempre victorioso.

«Eu, que sou o sultão dos sultões, o rei dos reis, o distribuidor das corôas aos príncipes do mundo, a sombra de Deus na terra, o imperador e senhor soberano do mar Branco e do mar Negro, da Rumeia e d'Anatolia, da Caramania, do paiz de Roum (*alta Armenia*), da provincia de Zulkadrija, do Diar-

que tanto estranharam este proceder ao monarcha que se intitulava christianissimo, viram-se mais tarde obrigadas a seguir o seu exemplo, posto que os seus esforços nem sempre foram coroados de bom exito. O czar da Russia diligenciou debalde obter as boas graças do sultão: ou fosse por desprezo para com este paiz, então semi-barbaro, ou por antipathia. Talvez presentimento das futuras injurias, Solimão não quiz tratar com aquelle príncipe.

Apezar todavia das eminentes qualidades de Solimão; apezar da ordem, economia e firmeza com que sustentou as redeas do governo, e com que debellou as revoltas de alguns pachás na Asia e dos janizaros em Constantinopla; apezar do poder e riqueza, que tantas victorias grangearam para a sua patria, introduziu-se e lavrou na administração um abuso, que concorreu poderosamente para no seguinte reinado se começarem a sentir os primeiros symptomas da decadencia do imperio. Consistiu tal abuso na venalidade dos empregos e cargos publicos, introduzida pelo grão-visir Roustan, e arvorada depois como systema financeiro para acudir ás necessidades do thesouro. Tambem n'este reinado teve principio a intervenção do harem nos negocios do estado, que tão funesta veiu a ser aos sultões e ao paiz.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

##### POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

A *Visão de Ezechiél*, cujo thema foi o capitulo 37 das Prophecias, é uma grandiosa pagina de sentimento christão. O sópro lyrico corre-a e anima-a da primeira á ultima estrophe. A palavra é cheia de poder e suspensão como o espectáculo. E que espectáculo! Os ossos unindo-se aos ossos, os mortos que se levantam; o pó da dissolução tomando forma e côr. Um povo de espectros em volta do homem vivo posto em espirito sobre o sepulcro das nações para ver o symbolo da redempção. Como o verso pinta o terror da natureza no instante em que um prodigio quebra as suas leis, entr'abre os sudarios a terra, e um momento arranca do silencio os que já viveram!

As harmonias da tremenda scena são os bramidos do mar, as tempestades do céu, o volcão e os relampagos:

bekir, do Kurdistan, do Azerbaidjan (*Medha*), do Adjem (*Persia*), de Cham (*Syria*), d'Alepo, do Egypto, de Mekke (*Mecca*) de Medina, de Jerusalem, de todas as regiões da Arabia e do Yemen, e além d'isto de muitas outras provincias, que têm sido conquistadas pelo poder victorioso de meus gloriosos predecessores, e angustios antepassados (que Deus cercar de luz a manifestação da sua fé), assim como tambem de muitos outros paizes, que minha gloriosa magestade tem submettido ao meu alfanje flamejante, a minha espada triumphante; eu, filho do sultão Solim, filho do sultão Bajazeto, Chah-Sultão-Solimão-Khan

a ti Francisco  
que és rei do reino de França

E o mar levanta-se afflicto  
Corre-lhe o funebre grito  
Longe, mais longe a soar,  
E o raio fulge e rebenta  
E o despedido bulcão,  
Sobre as azas da tormenta,  
Tingede fulvo claro  
A espuma da vaga alçada.  
Qual de chammias errigada  
Ignea juba afogueada  
N'um phantastico leão.

Começa a visão; como o horror da morte um instante imitando a vida, passa pelo espirito do poeta, e se retrata na expressão!

E o propheta no transporte  
D'um santo e mudo terror,  
Viu aquelle pó da morte  
Tomar vulto, forma e côr.  
.....  
E viu um povo de espectros  
Tornar-se um povo real.  
E ouso calcar temerario  
Em passo convulso e vario,  
O tenebroso sudario  
D'esse imperio sepuleral!

A formula christã, o dogma da remissão resplandece logo, quando erguendo a vista para Deus na cruz, com os braços abertos ao mundo, e prostrado diante da expiação divina, o poeta exclama:

Duas vidas lhe dá por um só trance,  
E off'ee-lhe rompendo o ceuro céu  
N'um verbo o mundo, n'um suspiro o céu.  
.....  
D'um tegurio fez um templo,  
D'um madeiro um mundo fez!

Nos cantos heroicos as bellezas não são inferiores. Sentandose como os antigos bardos junto da arca funeraria dos seculos, ou acompanhando de um gemido sublime a gloria e o infortunio, a aurora e o occaso das grandes scenas de hontem, quando passu os dedos pelas cordas, a lyra estremece, e o canto sobe para não morrer. O *Del' Cear!* que citamos, a *Indiana* a Vasco da Gama, *Febilis ille!* no anniversario da morte do imperador D. Pedro, e a *Negua* fremente ao coronel Cardoso, victima de uma selção militar, estão cheias de toques e de côres, que podem competir com o arrebatamento mais artificioso de Lebrun, ou com o jambico vingador de Chénier. Manzoni, o auctor da ode a Napoleão, não duvidaria adoptar algumas das estrophes consagradas á paixão de Carlos Alberto. Victor Hugo, o arrojado colorista, abria os braços a musa do meio dia repetindo os carnes da segunda Iliada, e saltando a cada verso as perolas e os rubis do diadema oriental.

Que desinho atrevido, que fogo, que rapto na grandiosa invocação de Vasco da Gama, o primeiro navegador portuguez! Como a luz se despe das azas da estrophe; como a imagem fulge no esmero do labor da phrase; como o poeta sente a agulha heroica, e com que voz a pinta!

Esse feito audaz, que illumina  
Foi preciso á nossa lamma  
Para commettero um Gama  
E um Camões por ele cantar!

Os dous maiores vultos da epocha, um entregando á patria o sceptro dos mares; o outro acabando de a tornar immortal pela creação do monumento epico, encontram-se no pensamento lyrico, ambos da mesma estatura, ambos eleitos da gloria! É nobre, diz bem o terror da admiração, a hesitação da musa quando, mais proxima da figura homérica, a estrophe pergunta suspensa:

O seu vulto venerando  
Quem o pode ir hoje erguer?  
Era Solon meditando,  
Era Ajax a combater!  
Não caça o brago possante:  
Ganha um mundo: marcha ávante  
E vae depois, como Athlante,  
O mesmo mundo suster.

A imagem alteia, a inspiração incende-se e paira radiosa. A palavra enche-se de luz como o solo oriental, theatro das proezas. O estylo desata-se em flores admiraveis, como as joias scintillantes de que a vegetaçãoorna os seios formosos da Asia. A phrase é sublime pela idéa, e sublime pela historia:

Apesar de salpicado  
Pelo sangue matiz,  
Traz o saio arregado  
Trashordando de rubis.  
.....  
Quando a juba saecudia  
O leão occidental,  
Goa arfava, Adem tremia  
No seu leito de cristal.  
.....  
Entre as dobras da bandeira  
Pendente do mastarço,  
Involta a figura inteira  
Como em novo, regio véu,  
Os castellos constellados  
Revistas como soldados  
Pela costa perfilados  
Pés no mar, frontes no céu.

E o final, a digna corôa de tão bella pintura!

D'esses oceanos atleta  
Veneste até no luvor;  
Poude a pena do poeta  
Mais que o ferro do esculptor:  
Em vão porque o Athos dóme  
Alexandre se consume;  
Mas Camões gravou teu nome  
Na face do Atlamastor!

Não citámos mais, o que se viu basta. A correção do verso quasi sempre é irreprehensivel. As idéas correspondem ao assumpto; a relação da imagem com o pensamento, a nervosa concisão da palavra, e a propriedade do estylo offerecem n'estas oitavas um primor raramente dado em manifestações, que o enthusiasmo e o ardor poucas vezes deixam assentar na perfeição da forma. É possível indicar algum verso menos esmerado, al'uma rima mais descuidada; mas sombras leves não empanam o esplendor da obra. São as negligencias, os senões com que o pincel se esquece de proposito para a uniformidade não caçar.

Ongámos agora o canção á catastrophe recente. Escutemos a voz plangente do vate, ajoelhado com virtuosa dôr aos pés de um tumulo, no qual a corôa partida e a espada solitaria ensinam mudamente

aos homens as vaidades do orgulho. Carlos Alberto, o vencido de Novara, repousa ali.

Não dobra a fronte suprema!  
Impondo o pé no diadema,  
Dos estranhos foge á lei,  
E holocausto derradeiro,  
Expia a dôr do guerreiro  
Na sepultura do rei!  
Foi longa aquella agonia,  
Foi curta aquella afflicção  
Desceu rapida n'um dia  
Da cabeça ao coração.

.....  
Pela Italia, Hespanha, e França  
Depois, calado, galgou;  
E por momentos descanga  
Onde o mundo lhe faltou.  
Chega, observa, seisma e pára:  
O soldado de Novara  
Quer ter por leito final,  
Quer por leito das batalhas  
Esse berço de muralhas,  
Que fez livre Portugal!

Com que traço firme e lyrico está aqui pintada a dôr! Como é bella a analogia do tumulo do rei soldado com o berço da liberdade! Os metros variam e amoldam-se ao movimento da acção. O poeta faz-nos assistir ao conflicto da ultima lucta, á agonia heroica da nação e do monarcha. São estrophes admiraveis como as do famoso côro do Carmagnola de Manzoni á guerra civil.

Ferve o sangue, treveja a batalha;  
Tine o ferro, rebomba o canhão;  
Pavorosa, sibilla a metralha,  
Varre as fillas, dispersa-as no chão.  
Lá galopam, se embebem, se enlaçam  
Uns nos outros rivaes esquadrões!  
Corpo a corpo! Ferventes se abraçam  
Em sanguentos, crueis turbilhões. . .

.....  
D'essa immensa procella de guerra  
D'esse ardente, confuso stridor  
Que ficou? Uma c'róa por terra,  
Uma bella captiva; um senhor!  
Pobre Italia, tão bella e tão triste  
No teu vasto florido jardim! . . .  
Foi-te ingrata a fortuna! Caíste!  
Mas a queda d'um povo tem fim!  
Mudos prantos os rostos consomem  
Dos valentes do Goito. — Que adeus! —  
Era a sombra de um rei, d'um homem  
Que passava em silencio entre os seus.  
E passava! — Expirar não lograra  
Sob o golpe que em vão procurou;  
Mas a vida que o céu lhe deixára  
Entre os braços da patria a deixou!

Não serão dignas de luctar com estas de Manzoni a Napoleão as estrophes que deixámos citadas?

Oh quante volte al tacito  
Morir d'um giorno inerte,  
Chinati i rai fulminei  
Le bracci al sen conserte  
Stete, e dei di che furono  
L'assalse il sovenir.  
Ei ripenso le mobili  
Tende e i percossi valli,  
E il lampo dei manipuli

E londa dei cavalli  
E il concitato imperio  
E il celere obbedir.

Cada um dos dous poetas, dando alma e voz á mesma interpretação da dor, não chegou á mais elevada esphera? Com que terna piedade suspira o canto na lyra portugueza, quando recolhe as lagrimas da vencida Italia! Que dogura e que esperanza n'esta apostrophe:

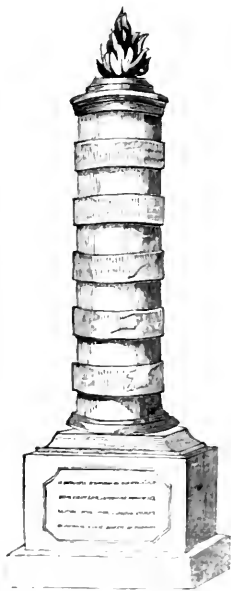
Foi-te ingrata a fortuna, caíste!  
Mas a queda d'um povo tem fim!

Como é vivo e onomatopaico o verso fazendo sentir o fragor das armas, a rapidez do embate, e o estampido do fogo! Como a musa curvando-se sobre o campo da ultima peleja, é concisa em resumir a lucta, dizendo tanto com o coração, e tão pouco com os labios:

Que ficou? Uma e'rã por terra;  
Uma bella captiva; um senhor!

(*Continúa.*)

L. A. REBELLO DA SILVA.



**PADRÃO DE PEDRA EM BELEM**

Este padrão, que o vulgo denomina *marco salgado*, foi erigido no sitio em que estavam as casas do duque de Aveiro, que foram demolidas até o chão, e salgado este. Compõe-se de uma columna de vinte palmos de altura, assente em um plintho ou pedestal, no qual se lê a inscripção do teor seguinte:

«Aqui foram as casas arrasadas, e salgadas de Joze de Mascarenhas, exauctorado da honra de duque de Aveiro, e outras; e condemnado por sentença proferida por a Suprema Junta da Inconfidencia em 12 de janeiro de 1759; e justigado como um dos chefes do barbaro, e execrando desacato, que na noite de 3 de setembro de 1758 se havia consumado contra a pessoa de el-rei N. S. D. Joze I. N'este terreno não se poderá edificar em tempo algum.»

Os pequenos predios de que se acha cercado este curioso monumentinho fazem com que elle não seja visto de todos os lados; descobrindo-se por cima de um tellhado apenas a parte superior do fogareo ou chamma, que se figura sair do cimo da columna. Só penetrando em um estreito hêco proximo se conseguira vê-lo todo, conhecendo-se então estar tão perto da parede de uma casa, que com muita difficuldade se pode ler a inscripção.

Ao principio observou se escrupulosamente a prohibição de edificar n'aquelle sitio: depois foram-se levantando em torno barraeas de madeira. Os proprietarios d'estas barraeas construíram-lhes interiormente paredes de alvenaria, e deixaram que o templo carcomisse e destruisse as taboas do foro exterior; de sorte que dentro em poucos annos o que eram barraeas de madeira appareceram predios, pequenos sim, mas de uma materia mais solida do que aquella. O mesmo nos consta que acontecêra em Mafra, onde tambem era primitivamente prohibido edificar quaesquer predios na proximidade do convento monumental.

Hoje, que é decorrido quasi um seculo, que teve logar o acontecimento mencionado na inscripção, parece-nos que se devera levantar o anathema ao pobre terreno, consentindo se que a camara municipal do recente concelho de Belem ali promova novas e mais elegantes edificações. Para memoria do attentado de 1758 julgámos sufficiente o padrão religioso isto é, a sumptuosa capella erigida nas terras de Alcolena.

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

#### IV.

PROSEGUINDO com os nossos *Apontamentos*, vamos continuar até seu termo a lousa noticia de Roma.

Findou o proximo anterior artigo com a descripção da Basilica de S. Pedro no Vaticano, e agora começaremos pelo palacio que lhe está contiguo. Dado por Constantino aos papas, o Vaticano foi de novo levantado por Eugenio III no meado do seculo 12.<sup>o</sup> Por o fim do seculo 16.<sup>o</sup> Sixto IV lhe ajuntou a capella chamada Sixtina, onde está o grande quadro a fresco de Miguel Angelo, o *Juizo final*, além d'outras pinturas n'arcs que a enriquecem. Paulo III, por meo da do seculo seguinte, acrescentou-lhe a capella Paulina. Sixto V, em 1588, collocou ali a bibliotheca, que se tornou a mais celebre da Europa, e que sem duvida é uma das repartições mais attendiveis do Vaticano, até pelas preciosidades e antigualhas que se guardam nos seus gabinetes. Sixto V começou um palacio, que acabaram os seus successores. E Urbano VIII ali fez tambem lembrado o seu nome.

Ao Vaticano, obra de muitos papas, falta-lhe a regularidade que poderia ser filha de um só pensamento, e supposto ser um todo em que tiveram parte os mais habiis architectos, não puderam estes supprir a falta de um risco geral, e assim de accres-

centamento em acerescentamento chegou aos dias de hoje tal como o vemos.

Nem fallaremos da *transfiguração*, representada pelo celebre Raphael Sanzio em um quadro cuja reputação é universal. Nem das *lojas* e *quartos* de Raphael cujos *frescos* se distinguem e avantajam sobre outros mais modernos, até na firmeza das cores.

Não descrevemos outros quadros classicos; nem as tapearias preciosas de *Gilbem*: nem as cartas geographicas, a *Guesco*, de Fr. Lourenço Dante; nem o museu de escultura consistente em estatuas, bustos, baixos-relevos, inscripções, e tantos outros trabalhos em pedra, fazendo-se admirar a delicadeza dos gregos, e o engenho dos romanos. E o que não deveria dizer do grupo formado por Laocoon e por seus dous filhos, exprimindo em perfeito caracter, a dor e a afflicção, que lhe causam, *i morsi di due orribili, e emiserati serpente mandati par Minerva*; trabalho dos tres excellentes artistas, de que Plinio faz menção, e cujos nomes são Agesandro, Polidoro, e Atenodoro de Rhodes. E como poderia obliterar o Apolo *di Bevedere*, estatua que passa por a mais sublimada da arte, e que se encontrou pelo fim do seculo 15.º? E como as estatuas dos dous gregos, Possitipo e Melandro? Como o *Persico*, e os dous gladiadores de Canova? E como os sarcophagos, os vasos antigos, e os mosaicos, e os basaltos, e tantas cousas que fazem unico tal museu?

Mas demos fim a tão desalinhada descripção do Vaticano, assim chamado por se achar sobre o campo d'este nome, occupando-nos por momentos das duas capellas Sixtina e Paulina.

A primeira, celebre por asceremonias, que ali se fazem na semana santa, e é tambem pelo quadro, a *fresco*, do juizo final, de que ja fallamos. Este quadro occupa todo o fundo da capella, e é quanto basta para dar uma idea do genio do seu auctor. No alto do painel vêem-se os anjos, que levam em triumpho os attributos da paixão; no meio esta Jesus-Christo, tendo a direita os escolhidos, e a esquerda os reprobos; mais abaixo estão anjos em grupo, tocando a tempestosa trombeta; á direita d'estes anjos sobem os justos ao céu, e a esquerda descem os reprobados ao inferno. Por baixo corre um rio, e o velho Caronte congrega os homens em sua barca. Ao fundo do quadro se vêem espectros, fúrias, figuras monstruosas, e imaginações do auctor. E apesar da mistura do divino com o profano, é tal o trabalho, que os entendedores sustentam não se haver por ludozido cousa mais bella em similante genero. Nota-se no quadro uma certa desordem, que segundo a opinião de alguns, tambem concorre para o successo d'esta composição.

A capella Paulina, que Gregorio XVI fez restaurar com tanto gosto como magnificencia, tem dous grandes quadros de Miguel Angelo a *Conversão de S. Paulo*, e o *martyrio de S. Pedro*. Nos setenta e cinco annos o pintor, julgando-se terem sido os seus ultimos trabalhos.

A basílica de Santa-Maria-Maior, assim chamada por ser o maior templo dedicado a Maria, foi fundada por João Pátricio Romano e sua mulher, no tempo do papa Liberio, e restaurada por Sixto III, substituiu uma pequena igreja erigida em memoria de um milagre.

Ha templos, cujo aspecto severo faz sustentar o caracter d'um tribunal supremo; ha outros cuja alegria parece chamar a alma pela misericordia. Santa-Maria-Maior é o templo da Virgem, e a Virgem intercede e não julga!

Nesta basílica tinham os reis de Hespanha (e te-

rão hoje?) o titulo e as prerogativas de primeiros conegos.

A igreja tem tres naves, formadas por trinta e seis columnas de marmore branco, d'ordem jonica. A nave do meio, a mais elevada, é d'uma riqueza e gosto exquisito. Foi dourada no tempo de Alexandre VI com o primeiro ouro, que Fernando e Isabel receberam da America.

O altar pontifical é isolado, como nas outras basilicas, e collocado sob um baldaquino que sustentam quatro columnas de porphido, e que assombra perpendicularmente uma grande urna, que se diz ter servido de catafaco ao fundador.

Perto do altar maior estavam duas magnificas capellas: uma fundada por Sixto V, onde se admira o mausoleu d'este papa, formado por quatro columnas de *verde antigo*, sustentando um doce, sobrepujado pela estatua de Sixto V. Fronteiro se vê o monumento de Pio V, cuja urna tambem de *verde antigo*, é de excellentes trabalho. Nesta capella está o Santissimo Sacramento, em magnifico tabernaculo.

A outra capella, a Borghesianna, guarda os restos de Paulo V, da illustre familia Borghese. Diz-se que talvez só este papa restaurasse a capella, porque Clemente VIII, que morreu antes, ali se acha soterrado. O altar é d'uma riqueza extraordinaria. O fundo do altar é de lapis-lazuli, e debaixo d'uma corôa de diamantes está a Virgem, cuja pintura se attribue a S. Lucas. Na frente do altar ha um baixo-relevo, representando um milagre. Nicolau V, e Clemente IX, ali descançam no somno do tumulo.

Deve-se fazer menção dos mosaicos, que no 5.º seculo foram collocados na igreja sobre o arco que separa o choro da nave, por ordem de Sixto III. Este papa mandou ali pôr a imagem da Santissima Virgem, para dar testemunho da sua qualidade de mãe de Deus, depois que o concilio geral de Epheso condemnou a heresia de Nestorio. Este monumento da antiguidade christã tem muito valor, e tão precioso, que no segundo concilio de Nicéa foi citado como uma prova da tradição da Igreja sobre o culto das imagens.

Alguns sabios asseguram, que a igreja de Santa-Maria-Maior está sobre a área, que antigamente era occupada pelo templo de Juno Lucina, e que das ruínas d'este templo procedem as columnas que o decoram. Outros porém combatem esta opinião.

A basilica de S. Paulo, que é tambem muito notavel, entre os templos de Roma, foi começada pelo grande Theodosio, acabada por seu filho Honorio, e enriquecida por muitos pontifices e imperadores. Consumiu-a um incendio em 1823. Trabalhava-se na sua reedificação. Destinava-se a ornar o templo quanto preciosas columnas com que Mehemet-Ali presentou Gregorio XVI.

Passaremos agora aos mais notaveis monumentos do paganismo.

O Pantheon é onde a antiguidade pagã pode melhor estudar-se.

Crê-se communmente que Agrippa, genro d'Augusto, o fizera construir, dedicando-o a Jupiter vingador, em memoria da batalha d'Actium. A fachada é nobre e sumptuosa; interiormente apresenta a forma circular d'onde lhe vem o nome de *Rotonda*. Tem cento e cincoenta e quatro pés de diametro, e outro tanto de altura. A luz recebe-a por uma ampla claraboia, ao meio da abobada que cobre o edificio.

Bonifacio IV obteve do imperador Phocas a permissão de tornar o Pantheon em igreja, dedicando-o em 607 a Santissima Virgem e a todos os martyres. Gregorio IV, em 830, consagrou esta igreja a todos os santos.

Descançam no Pantheon as cinzas de Raphael d'Urbino. Até certo tempo ali se guardou o seu busto, e os d'outros homens illustres; mas Pio VII os mandou transferir para uma das salas do palacio dos conservadores, onde, entre outros, vimos o de Pio VII, obra de Canova, o de Galileo, o de Beccaria, e o de Manuel Felisberto, duque de Savoia, e neto de el-rei D. Manuel. Ahí se admira tambem o monumento erigido a Canova. Neste mesmo edificio tinha fundado Benedicto XIV uma galeria de quadros comprados ás familias Sacchetti, e Carpi, que hoje se franqueia ao publico.

Quanto ao Colyseeu ha quem diga, que esta obra excedia por sua magnificencia as pyramides do Egypto, o templo d'Epheso e ainda outros maravilhas do mundo, era destinado aos combates dos gladiadores, e foi muitas vezes regado pelo sangue christão. Flavio Vespasiano, depois da sua volta da guerra judaica, o fez edificar, e d'aqui nasce o chamarse-lhe tambem amphitheatro Flavio. Foi edificado no anno 72 da era christã, e no penultimo anno do reinado d'este imperador, no logar onde estavam os jardins de Nero, pode-se dizer no meio de Roma antiga: foi terminado em quatro annos. Isto é, por Tito seu filho no ultimo anno do seu reinado. Adriano fez transportar para a praça d'este amphitheatro o celebre colosso de Nero, que este imperador tinha posto no vestibulo do seu palacio: porém não foi d'aqui que nasceu seu nome, vindo lhe antes de suas dimensões colossaes. Boda foi o primeiro escriptor que assim lhe chama. Tito ao acabar-o o dedicou.

A forma do Colyseeu é oval, sua circumferencia exterior é de dous mil quatrocentos e dezesseis palmos, e tem de altura duzentos trinta e dous. O sitio onde se combatia denominava-se arena, por a quantidade de arca que ali se deitava para o comodo dos luctadores, tendo a mesma forma que o exterior do edificio, e quatrocentos e vinte palmos de comprido sobre duzentos e sessenta e oito de largura e mil e cem de circumferencia. Havia o logar destinado ao imperador, sua familia, senadores, principes, magistrados, e ás vestaes, a que se chamava *Podio*. Os logares de entrada e saída se chamavam *Fomitorios*. Não accommodava menos de cento e setenta mil pessoas. Esta grande fabrica, apesar dos esforços que se têm feito para a sua conservação, achase contudo em ruínas, tendo porém elevadada uma parte mui sufficiente para fazer supprir pela imaginação o que lhe falta na realidade. Assim o diz o Itenerario de Vasi, acrescentado por Nilby, quando, ao fallar do Colyseeu, escreve: *... un bello pittoresco à insensibilmente a quasi nelle sue ruine medesime, che si giunge per via a non dissiere a ruine il restauro; potendo l'immaginazione supplire a ciò che manca, e così vedere tutto intero il sorprendente edificio.*

Hoje faz-se a via-sacra na arena, e ganha se indulgencia plenaria n'uma pequena capella, e é assim que aquelle logar esta santificado.

Pio V venerava tanto o Colyseeu, por ser ahí que milhares de christãos soffreram o martyrio, que atravessando-o uma vez com o embaixador polaco, e perdendo-lhe este por essa occasião algumas reliquias para o seu paiz, alçou-se, recollheu nas mãos uma pouca de terra, deitou a no seu logar, e disse ao embaixador: Toma, que não vos poderá dar cousa mais preciosa.

Nem nos levem a mal que não completamente fallemos dos monumentos do paganismo, porque é sobre as ruínas d'este que o christianismo ergueo triumphante os seus padroes: é de sobre a columna trajana, d'onde o famoso imperador apregoava outrora a

sua victoria alongada contra Decabolo, rei dos dacios, e d'ahi que a estatua de Pio Ito assombra as ruínas do forum do mesmo Trajano.

Os bronzes e os granitos, os arcos de triumpho e as columnas *rustratas*, os templos e os circos ainda não desappareceram, ainda existem de pois de uma lucta de tantas seculos.

A Providencia parece ter permittido que restem as injurias do tempo os vestigios d'energia d'esse povo, que soube alargar os seus domínios com o ferro, e com o ferro sustentar por tanto tempo um poder immenso, que ainda assim e pequeno se o compararmos com o que, tendo em Roma o seu chefe visível, se ha propagado, com constante e unicamente pelo esforgo da palavra, ha doze mil seculos.

As circumstancias e o espaço limitado de que dispomos não nos permittem dar uma noticia circumstanciada dos estabelecimentos de caridade que existem em Roma: limitar-nos-hemos por isso a offerer uma idea dos mais importantes.

Merece de certo esta publicação o *monte de piedade*. Devese a sua fundição a Barnabé de Terni, humilde irmão menor, e tem por fim salvar o pobre da tyrannia e da rapacidade dos usurarios. É um estabelecimento mui útil e interessante, que tem sempre sido patrocinado pelos pontífices romanos, e nomeadamente por Leão X, Paulo III, Gregorio XIII e Pio VII. Ha poucos annos tinha em circulação 1.450.000 francos, e recebia duzentos mil penhores por anno!

A congregação da *Divina Providencia* tem por intuito socorrer os desgragados, que a sua antiga posição na sociedade ou outras circumstancias inibem de mendigar. Foi fundada por João Stanelli de Castel Nuovo, e teve por primeiro protector o cardeal Carpegna.

Para os ecclesiasticos indigentes não faltam em Roma asylos e socorros: nem admira isto n'uma sociedade governada pelo primeiro dos padres, e em que estes são tão numerosos.

A confraria de Santa-Maria-Maior tem por obrigação socorrer as donzellas desvalidas e de honesto viver. A archiconfraria da Santissima Anunciação toma a seu cargo tambem as donzellas pobres. Estas confrarias serviram de modelo a de S. Apolenia, do S. Rosario, do S. Redemptor e da Immaculada Conceição, todas instituidas com fins eminentemente charidosos.

Ha tambem em Roma uma associação, que tem por fim defender perante os tribunaes os direitos do pobre, assegurando d'este modo o triumpho da justiça, sem que a execução d'esta fique dependente dos meios pecuniarios dos indelicados.

Existem igualmente n'aquella capital diversas confrarias que se dedicam a visitar, socorrer, consolar e instruir os presos. Finalmente os pobres acham ali recursos, os velhos amparo, os orphãos cuidado, as donzellas protecção, os presos alivio, e enfermos remedio.

Fallando dos estabelecimentos pios não pode deixar de se mencionar o hospital de *San-Spirito in Sassia*, que contém umas seis mil camas, o hospital de S. Salvador, o da Santa Trindade, que se abre aos peregrinos de todas as nações para aproveitarem as graças do thesouro da Igreja, e que em 1823 recebeu na la menos de duzentos mil peregrinos. Este hospital recebe tambem os expostos, e n'lado de vido a Immaculada III, que assim fundou o primeiro estabelecimento d'este genero que conheceu a Europa. Tambem ali se acham o *conventorio* dos catechumens, em he estes se preparam para a vida ecclesiastica. E a nossa estada em Roma tratavase de entrar um bra-

pital de alienados, com todas as condições que a sciencia require.

Em Roma existem muitos e importantes estabelecimentos de instrucção publica. O collegio romano confiado á companhia de Jesus por Leão XII, é o mais completo que Roma possui depois da universidade. Ali se ensinam gratuitamente as letras e as sciencias exceptuando o direito e a medicina. Corram ordinariamente o collegio romano uns dous mil estudantes; e n'elle se confere aos habilitados o grau de doutor em theologia e philosophia.

Na *Sapienza*, ou universidade, o ensino é exercido por professores ecclesiasticos ou seculares; é um estabelecimento de primeira ordem.

Além d'estes ha outros, secundarios, onde mestres escolhidos ensinam os elementos das bellas letras. Para os pobres ha muitas escolas de instrucção primaria, onde podem mandar seus filhos.

Devemos tambem fazer especial menção das damas do *Sacré-Coeur*, congregação estabelecida na *Trinità-del-Monte*, situada no monte *Pincio*, e que se emprega disveladamente na educação das meninas. Esta instituição parisiense foi introduzida em Roma pelo cardeal Lambroschini com approvação de Leão XII. Tem tres casas em Roma: a primeira é a de que fallamos, e em um convento antigo; a segunda é a de Santa Rufina em Transteveri, onde se educam as meninas pobres; e a terceira é a casa do noviciado na *Villa Santa*. A esta congregação respeitavel pertencem senhoras da mais alta gerarchia.

Cremos que muitas vantagens tiraria o nosso Portugal se ao menos nas suas primeiras cidades, Lisboa e Porto, recebesse esta instituição. Muito mais poderíamos dizer da cidade eterna e dos seus estabelecimentos pios se nos propozessemos fazer uma descripção minuciosa; nem nos esqueceríamos de fallar da nova Roma, onde se notam a bellissima praça del *Éspulo* e a comprida e formosa rua do *Corso*. Mas emfim se pouco dizemos, tambem as nossas promessas não foram grandes.

Poremos remate a este artigo, afirmando com a mais perfeita convicção que Roma, é sustentada pela religião, pela historia e pelas artes, ou para melhor dizer, Roma é sustentada sómente pela religião, pois nos papas se deve a conservação dos seus admiraveis monumentos.

(Continúa.)

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO V.

*O auctor pede desculpa de se ter demorado tanto a continuão d'esta interessante viagem. Depois de se haver justificado para com o leitor, prosegue finalmente na descripção de tudo que viu na sua exultosa peregrinação (1).*

ÀS VEZES ponho-me a meditar sobre os muitos defeitos de que me dotou a natureza, e concluo sempre de mim para mim, que sou um homem incorrigivel. Ora entre todos esses defeitos, ha dous que estremamente me penalizam. Eu creio mesmo, que sem os offender, se lhe podem chamar más qualidades. O que porém é bastante singular, é que estas duas más qualidades, de que me accusa a consciencia, são inteiramente oppostas uma á outra. A pri-

meira, de que faço confissão publica ao leitor, é uma preguiça monstruosa, que se apodera de mim durante muitos dias, ou muitos mezes, impossibilitando-me de escrever uma unica linha d'estas minhas interessantes viagens. E a segunda, a peor, a mais detestavel, e talvez a mais detestada, das minhas ruins qualidades, é a mania perniciosa de fazer litteratura. Tenho jurado muitas vezes, quando predomina a preguiça, de me consagrar todo a uma vida pacifica, no meio dos algarismos, que são o melhor antidoto para curar de poeta; mas vem depois o drama, o romance, o poema e todas essas fontes puras de finissimo veneno que se não prohibe, e que opera infiltrando-se no espirito; e eu bebo a longos tragos toda a seiva necessaria para alimentar a mania que me apouenta. Então o primeiro defeito desaparece, e o segundo domina cegamente. Faço como os chins, que fumam o seu amphyão com delicias, até se tornarem cor de pergaminho, e morrerem sob a influencia do veneno que sabem; com a differença, de que em mim não succede a morte ao periodo litterario, mas sim um ocio muito mais delectavel do que todo o opio com que se embriagam os subditos do filho do sol.

Tenho estado pois debaixo da maligna influencia do meu primeiro defeito va para dous mezes, sem que o leitor benevolo me possa condemnar, pois bem vê que a culpa não é minha. E aqui para nós, parece-me que o leitor não perdeu nada com esta interrupção da minha longa viagem, porque teve bastante tempo de reflectir, se lhe será ou não conveniente continuar a ler até ao fim. Affianço-lhe porém, que tenho gravissimos acontecimentos para lhe relatar, e revelações tão importantes, que de certo se ha de arrender, não passando comigo ao capitulo seguinte.

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

### MORTALIDADE DA RAÇA HUMANA.

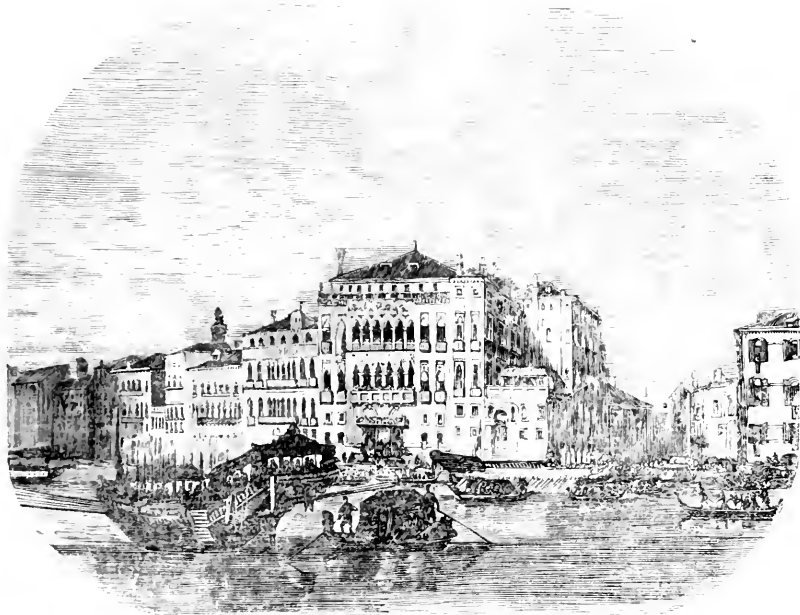
Por uma estatistica recente prova-se que, sobre mil individuos, morrem, termo medio, quinhentos de um a dezoenove annos de idade; cem, de dezoenove a trinta e sete; cem, de trinta e sete a cincoenta e um; cem, de cincoenta e um a sessenta e dous; cento e quarenta e quatro, de sessenta e dous a setenta e dous; cincoenta e um de setenta e dous a setenta e nove; vinte e cinco, de setenta e nove a oitenta e quatro; dezeseis, de oitenta e quatro a noventa; finalmente oito de noventa a noventa e seis.

O celebre medico e naturalista Haller organiso em 1777 um quadro estatistico dos casos mais extraordinarios de longevidade humana; n'esse quadro vê-se que mil individuos viveram de cem a cento e dez annos, sessenta de cento e dez a cento e vinte; vinte e quatro de cento e vinte a cento e trinta; quinze de cento e trinta a cento e quarenta; seis de cento e quarenta a cento e cincoenta; e um finalmente que alcançou a idade cento e sessenta e nove annos.

O excellente romance CONDE SOBERANO DE CASTELLA, interrompido infelizmente por doença do seu illustre auctor, ha de proseguir nos seguintes numeros.

1. Continuado de pag. 417 do 10.º volume.





**PALACIOS DO CANAL GRANDE EM VENEZA.**

O VIAJANTE, que porventura não pudesse demorar-se em Veneza mais de duas horas, deveria dedicar a primeira à praça de S. Marcos, basilica, e palacio ducal, e a segunda ao canal grande e palacios adjacentes. Este pouco tempo assim empregado lhe deixaria a alma penetrada de tantas imagens maravilhosas que a sua memoria ficaria poetizada no restante da vida. Parece um sonho extatico o passeio em gondola ao longo do canal grande desde a esplendida igreja de Santa Maria da Saude, erecta pela republica em cumprimento de um voto fida a peste de 1630, até a igreja de S. Simão e S. Judas. N'este espaço que andara por tres kilometros temos da direita e da esquerda dous renques de edificios todos quasi contiguos, que se estivessem separados e dispersos bastariam para ornamento de um reino inteiro. Toda a extensão do canal mede 3 750 metros; a architectura arabe ou sarracena e a da renascença ali ostentam profusamente os seus mais ricos e variados desenhos.

A nossa gravura offerece um typo famoso do primeiro d'estes estylos que excita principalmente a curiosidade do viajante europeu; e é talvez o que perdeu menos na decadência de Veneza. É o palacio Pisani construido no começo do 15.<sup>o</sup> seculo, tendo

ao pé o palacio Barbarigo, cujo frontispicio deita para uma rua lateral; n'elle se conserva o quadro de Paulo Veronese que representa a familia de Dario prostrada perante Alexandre. É um edificio tão bem ornado, e tão magnifico por sua composição, que é difficil imaginar todo o esplendor e enlevo que ás suas nobres e elegantes fachadas acrescentavam o ouro, as pinturas, os tapetes asiaticos, as flores, os trajos luzidos, o fausto dos senadores, as vozes, cantos e instrumentos, o movimento, a vida.

Defronte d'estes monumentos, certos viajantes só descortinam as injurias do tempo; reparam logo nos tectos estragados, nas fendas das paredes, nos degraus de marmore partidos ou deslocados, aqui as janellas e varandas tapadas com taboas, e onde outrora pendiam cortinados de purpura e seda, lhes revelam miseria e abandono; além um cartaz lhos annuncia que o antigo palacio de um almirante, de um senador, de um doge, está convertido em casa de aluguer mobilada. Com tal espectáculo é natural que os que vêm tudo só pelos olhos corporeos se sintam tristes e desiludidos; acharam-se enganados e voltam-se com indignação contra os poetas, os pintores, os guias.

Para esta classe de viajantes a vasta frontaria quadrangular de uma hospedaria suissa ou americana,

rebocada de frosco, e de lustrosas vidraças, tem de certo um aspecto mais agradável e jucundo, está muito mais em harmonia com o pensamento das commodidades e com a idéa da abastança: e na verdade é uma construção com o seu merecimento relativo, pois que perfeitamente corresponde ao seu destino. Mas, quem quizer ver justo lá de reconhecer também que os vetustos palácios do canal grande, na sua ancianidade e silencio, evocam melhor as recordações da sua passada gloria, a arte de quem os construiu, a grandeza de quem os habitou, do que se transformações recentes os amoldassem ao uso da opulencia moderna.

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA.

FERNÃO GONÇALVES.

SECCULO X.

IX.

Em quanto o califa delibera, vamos conduzir o leitor a presença de um personagem, que até agora lhe occultámos.

SILENCIO.

AFASTADO um pouco do campo militar erguia-se sobre collina de verdura um pavilhão magnifico de seda, branco e franjado de ouro. Rodeavam-no um vasto circulo de lanças, plantadas na terra, e uma guarda de cavalleiros negros da Africa, cujo rico uniforme fazia contraste á sua horrenda fealdade. De dentro das lanças, e correspondendo a ellas desenhava-se outra circumferencia bordada de cypresses e platanos, cujos troncos naturais se vestiam de ramagem e folhas, que a arte imitara com perfeita illusão dos olhos. Numa especie de attio interior viam-se elegantes vasos mouriscos de flores. Mais adiante deparavam-se grutas-mosgucas, estatuetas de alabastro, logisios artificiaes, onde nadavam cisnes mudos. Graçosas fontes portateis de prata, servidas de um reservatorio copioso, jorravam ali pe-reunemente as suas aguas em rinxoux com variedade de figuras, cabindo-recrezadas ora sobre tanques também de prata, ora sobre a relva. Postado ao vestibulo do pavilhão, como para defender-lhe a entrada estava um leão de mármore, de estatura e cor natural. A habitação tirada ao vivo, a soberba, e a cadaverosa terrível do animal eram realçadas por duas torrentes de luz, que despidia dos olhos. Salvas as dimensões, e a materia da fabrica, fazia lembrar o leão e a casa, de Cordova, que o califa reinante mandara assentar no re-ovatorio de agnos do palacio An-naháth, situado na parte occidental da cidade. Sobre o arco, coberto de cypresses e rosas, por onde se penetrava no interior d'aparelho aposento velado, levantava-se uma vaulta de fuso, onde o corcel do artista tinha esculpido as formas mais perfectas de mulher. Pente-el-ai-estya encantador das estatuas artífices da Syria, estava com o incline sobre os labios, parecendo dizer: *«Luz!»*

O silencio parecia com effeito ser a palavra de passe daquella sitio de mysterios. Os ay-Heiros negros da guarda exterior não conversavam senão em segredo, e os proprios officiaes davam as ordens em voz baixa. Continellas avançadas prohibiam mesmo a mais proximação aquelle logar sagrado. O ins-

tineto até as aves afugentava de um arvoredo mentiroso, em que só os troncos eram naturais. Os mesmos cavallos da guarda refolegavam menos do que é costume. Apenas se ouviam ali o cicio da viragem nas folhas, o murmuro suave das fontes, e o rumor afastado do acampamento. A agua, a verdura, as flores, o ponto de vista picturesque, os horizontes vastos, o sitio exposto aos quatro ventos do céu, diziam a paixão eterna, as afinidades intimas da raça mo-selemana com a natureza exterior, as mesmas afinidades que se desenhavam no aleacer de Cordova, e nas moradas regias e de recreio da Rissafa, as mesmas que se descobriam nas villas e casas de campo do califa mais admiradas por magnificencia de estructura, ou magia de situação, n'essas habitações voluptuarias, cujos nomes eram em quasi todas o symbolo do sentimento que as fundára, no palacio do confluyente, no palacio do jardim, no palacio das flores, no palacio dos amantes, no palacio dos afortunados, no palacio do contentamento, no palacio do diadema, e no palacio das novidades.

N'aquelle sitio estava o harem.

Harem em miniatura, que se compunha de apenas 300 pessoas de ambos os sexos, contendo o vigesimo do grande harem de Cordova que contava 6000 individuos, uns destinados aos momentos mais suaves de Ab-el-Rhamañ, outros que vigiavam, outros que serviam as esposas ou as servas do califa. Tendo ficado na sede do imperio o maior numero das odaliscas, escravas, e pessoal do serviço do vasto gineceu do emir, aquelle pequeno destacamento do grande exercito dos prazeres não faltavam quanto fusto e esplendor eram compatíveis com os embaraços de uma longa jornada, e de um campo militar. Cercavam a sultana validas as mesmas honras, commodos, e pompas, as mesmas adoragões, senão maiores, que na capital do califado.

Era hora do banho. Nos repartimentos do pavilhão apropriados para elle tinha o pintor fingido na tela os azulejos, que vestiam as paredes dos banhos de Cordova, e ainda hoje as foram em quasi todo o Oriente. Espiravam n'estes aposentos o aloes, a mirra, a cinnamon, o nardo de Palmyra, a essencia de rosas agradavelmente temperados, e o olfato não differenciava este aroma do que esparzia aquelle manucripto arabe, que o leitor viu na sala de armas do conde de Castella. No primeiro quarto estava uma vasta banheira portatil de alabastro encaixada em cedro com entalhes de ouro, que sustinham seis leões de mármore veado, em cujas garras prendiam as rodas d'este utensilio. A banheira sobrepuñha-se uma armagem de setim do empor da perola com folhagens e labores de prata. Sobre as cortinas da armagem abriam-se fendas em forma de estrellas com matiz exterior de azul celeste e prata, permitindo a meia luz do amanhecer. Eram similhaugas d'essas aberturas, que o artista rascou na abobada das casas de banhos, ainda hoje existentes nos pagos da Alhambra.

Azzarath estava reclinada nos coxins moribos do aposento. Desnuda do veu transparente que semeavam estrellas tremulas de ouro e rubins uma escrava andaluz. Destocava-lhe a coiffa mourisca e o ayron de ouro e saphiras uma joven donzella da Syria, cujas longas tranças se entreteciam de flores de laraujeira, de rosas, e dos lilazes da Persia, cujos ardelhos mis se enfiavam do braceletes de prata, e cujas vestes com a pompa do oriente molduravam uma d'essas bellezas serenas e ideaes, de que se afuma ainda hoje a patria de Semiramis. Desata-lhe as tranças perfumadas uma escrava armenia, cujo punho esbelto avantajavam enormes cadeias de ouro. Descendo do freixo a faixa de perolas uma nrisa filla

da cidade de Constantino. Desce-lhe o collar de brilhante — uma donzella nascida em Jaen. Desabroxa-lhe os braços letes uma insulana de Cadiz. Descalga-lhe as alpacas de seia uma africana do Atlas.

Uma a uma, e curvando-se, sahem as escravas do aposento. Ficam sós com a sultana Noiratedia, sua privada, Fatima, a quasi rival em formosura da formosa entre as formosas, e Tharub.

Azarath tira ella mesmo lentamente os aneis dos dedos. Noiratedia desfrange-lhe a capa mourisca, e desdalla as outras vestes, que cahem, ficando a grega adoravel velada somente pela camisa de ranzalí-nissimo, e puro e branco como a flor do lyrio. Cobre então o seio com as mãos de neve. Colla e seio se lhe afogocem no vivo carmin do pejo. Nunca a Praxitelles em seus sonhos de artista se lhe revelou appareição tão formosa. Nunca aos grandes estatuarios da Grecia as filhas de Ellensis e Mezara offereceram tão acabado modelo para desentranharem dos marmores de Paros as suas obras immortaes. E se a Venus pudica dos antigos ao sacerdote, que a corouva de myrto na vespera das suas festas, inspirava delirios de amor, aos encantos de Azarath animada da aura da vida quem resistiria? As tres mulheres voltam-se para não profanarem com a vista o que só podem ver os olhos do sublime califa, e a sultana entra no banho.

Pouco depois Azarath saindo do banho, tomava a harpa. Mas os dedos corriam machinalmente pelas cordas, porque o pensamento estava absorvido no conde de Castella.

#### O WALI.

O EMIR annunciou aos cabos de guerra que o rodeavam esta retirada dos almogoures. Escravavam os generaes que elle mandasse abalar ao encontro do conde de uma parte da almofala. E que ignoravam, que o oculo, de que o califa estava armado, correndo pelo horizonte, lhe trouxera outras novas, que elle quiz occultar aos seus tenentes, novas, que despertavam no animo do califa uma serie de idéas, impressões, e affectos, a que só elle, de quantos guerreiros ali se achavam, podia ser accessivel. E andou, portanto, o passo dos circumstantes, quando Abd-el Rhaman, sem expedir nenhuma tropa contra o inimigo que avançava, chamou de parte um dos walis que mais proximos estavam, conversou com elle alguns minutos, e o wali, sem mais delonga, partiu com uma pequena escolta na mesma direcção donde vinham os almogoures fugitivos.

Pela campina de Lerma vaé galopando o wali com o seu diminuto destacamento em ginetes, que d'riões alados. Assopram de continuo, porque o norte lhes peja a ventas: mansos como pombos, parcos como eremitas, mas na carreira são mais que gamos. Corredores da mais nobre linhagem arabia, quasi todos elles são fillos da comarca de Lash na Deserta, onde nascem as melhores rapas. Nobilissimo entre os de mais, o do wali desce em linha recta do famoso carrel Al-Awaydj.

Cortando o ar com o peito, como um vapor corta as ondas com a proa, o espaço é devorado por elles. Entretanto os ritos da guerra se acaesentam. Frelhas e panes, e quantos lazares fortificados são arremesadas sobre os cavallos, e cam sempre muitos passos a ritos, e os desses velozes, cuja carreira de agonia é a vida, e o alto das ameias os frescheiros castos, e os canchares os areos, em os fundimentos se abaloram os fuzis. Mas dão-lhes ma-

traça, capeam-nos com bandeiras, e grimmem-lhes espadas, tangem-lhes tambores: não podem em al vingar-se os soldados do conde.

Os pinhaes, e as florestas, as aldeias, e os castellos desaparecem como illusões fantasticas aos olhos dos cavalleiros ruféis. Os raleiros, que lhes hadram, ficam n'um relance de olhos a grande distancia, e o ecco de seus ladridos soa longinquo, e prole-se no espaço.

Rota batida pela planície, já os arabes avistam a retardada da hoste do conde. Quem é o wali, que capitanea a escolta dos selemans? Era tempo de romper-se este segredo. Mas continua a enodrilho uma visceira de ago pulido.

Ja o wali refreia a sua carreira fervida. Já avista a bandeira quadrada de Castella. Ja lhe divisa, ondeando em cada uma das quatro pontas, os donzões e os dons castellos. Ja os cavalleiros da saga castellana se voltam ao ouvir a estrupida nas suas costas. Os arabes apuram então as largas, e giram com os cavallos a meia relda de uma a outra parte para significarem, que vem em som de paz. Chegados à talle, e entendido que o wali desejava conferenciar a sós com Fernão Gonçalves, fez alto a escolta a breve distancia da hoste. Afastaram-se cada um do seu bando uns 200 passos o conde e o chefe arabe. Lutraram ambos n'um abrigo, cujas arvores copadas os recatavam a curiosidade. Uma sombra protectora temperava ali os ardores do signo de agosto, e o leve sussurro das folhas embaladas pelo vento mais persuadia ao repouso da meditação do que interrompia a solemnidade da conferencia.

Mas antes de assistirmos á conferencia dos dous personagens, vejamos o que occurria em Burgos depois do roubo do anel.

#### A RESOLUÇÃO.

- «Hontem era rei de Hespanha,
- «Hoje nem de pobre alioz;
- «Hontem torres e castellos
- «Juravam por minha voz,
- «Criados em tulla hontem,
- «Gente de serviço tulla;
- «Hoje não tenho uma tenda,
- «Que possa dizer: *É minha!*
- «Triste foi, hem, triste a estrella,
- «E o dia hem desditoso,
- «Em que nasci, em que herdei
- «Senhorio tão poderoso,
- «Pois tinha de perder tudo
- «N'um combate desastroso!
- «O' morte, se por piedade
- «Tu me levaras n'est' hora
- «A triste alma desolada,
- «Quão doce o morrer me fôr!»

Cantava Arzemyro este romance melancolico do rei Rodrigo. Ajustava com a alma do pagem a poesia cheia de tristeza. Da situação da Hespanha gothica depois da batalha do Chryssus não dessemelhava inteiramente a situação de Castella n'aquella crise. E ora no romance, ora n'estas palavras resumia o mancebo a sua dor profunda: «As esporas de esculpeiro perdestes, pobre pagem, e ainda antes de as ganhares!» E as suas montes veladas eram mais amargas do que os dias de luto de Arzemyro.

Aquella campina desportiva, que para elle se não cobria com o véu do rocío, aquella flor, que se abria toda para a liberdade e seus amores, Paquita, toda prante e desolada á primeira nova do

catástrophe do pagem, já já deitando um terço do olho em soslaio a Orbita Fernandes, cujo galanteio pertinaz, até ali sempre desdenhado, nunca ella o denunciara ao seu antigo, agora emerito, amante. Não era ainda um afaço, não era um *sim*; mas um: «Veremos» «Talvez» «Póde ser» que se prometia ao novo pretendente n'um certo olhar de mulher, isso era-o já. Passava um desdem fugitivo pelos labios da loireira, quando se fallava no valor do pagem. Mas se na conversação com as suas jovens amigas por acaso figurava o nome de Orbita... «porque Orbita fez... porque aconteceu... porque Orbita é... é um moço interessante...» o ouvido da ingrata não era já de marmore. Eram punhaes para Argemyro, que o sabia.

Ruy-Flaino, o recbedor de districto, esse enervava as mãos, e volteava os pollegares. E dobava, e desdobava a meada dos seus pensamentos, deitando contas á sua vida. Ao cabo de todo o seu esforço arithmetico-politico apparecia-lhe sempre um 8, e um exercito musulmano. Com isto sentia uma infernal constrição nas entranhas metallicas de agiota, o recbedor Ruy Flaino. Aquelle momento, em que lhe pareceu poderia ser substituido por um collecter arabe na tarefa paternal de eschorchar das bolgas do proximo, n'esse perdeu toda a elasticidade dos seus meueiros, e toda a poesia das suas meditações.

— «Não entendo... pois eu puxo bem as barbas á roca; e ainda me não sinto lá muito balda de forgas, mercê de Deus!» E admirava-se de fiar todos os dias boa meia quarta de linho de menos, todos os dias desde o toubo do anel, e a aproximação dos arabes; admirava se d'isto a pobre velha da Vejarua! Tinha esquecimentos mais que de costume: perdera o oso da lanceta: cahiam-lhe a mudo as cousas das mãos; na mesma semana quebrou um pucaro, duas escudellas, e um eangirão de barro, a maior perda de loiga, que desde muitos annos lhe acontecera. O orgão da avariza tinha-o porim mais alerta do que nunca. «Dinheiro é sangue.» Os tempos vão esquivos. «Não oha, não oha.» Uma pessoa não póde contar com o dia d'amanhã: «eliminava-os assim, muito sem cerimonia, aos freguezes habituaes da sua burra a tia Josefa, em cuja alma faziam uma excellente liga um terço de amor á sua terra com dous terços de affecto ao seu onro.

Para Sneyro Gaudiz não havia mãos a medir com uma safra de testamentos, que de memoria de homens ninguém se lembrava de a ter nunca havido tambã, como n'aquella conjunctura de desastres, perigos imminentes, e terrores da vida eterna, terrores que nas almas inculca a invasão estrangeira, que se appropinquava. Dia e noute lavrara o notario actas de ultima vontade. Impavam de soldos a sua arca, e de gloria a tia Anastacia, sua fiel companheira. Mas a Sneyro Gaudiz doiam-lhe no eração as desgraças do condado, e de vez em quando exclamava elle com o poeta, ainda que um tanto prematuramente:

«Fuinus Troes, fuit Hlium, et ingens gloria Teucrorum. Nunc scavo omnia Jupiter in Argos traulit.»

A multidão de peccadores buscando reconciliar-se aos pés do confessorario, a frequencia de offertas precipientorias aos altares e nichos dos santos, romarias de penitentes a S. Pedro de Atlanga, process publicas, orações, jejuns, mortificações e disciplinas conventuaes exprimiam a anciadade das almas, e era um espectáculo, que fazia dissonancia ao ar de satisfação, á alegria, mal reprimida, dos escravos mouros e judeus do burgo e vizinhanças.

Appareciam tambem signaes temerosos de infor-

tunio. Uma tarde veio frei Pedro, todo pallido e assustado, contar ao conde que as campainhas pendentes do altar de S. Millan tinham tangido per si mesmas, annuncio certo de grande desastre. Outra vez era Fruelindo, um maneebo doudo e dizidor, cuja loucura mansa e sempre jovial, e cujas historias divertiam muito a gente miuda do burgo, que de repente se tornara sombatico. De dia sumia-se, e de noute ouvia-se-lhe a voz fresca e argentina, eantando melancolicamente as preces dos mortos.

Muitas pessoas devotas attribuiam os perigos presentes ao não cumprimento dos votos de S. Millan, e referiam as villas e povoações, que estavam em divida ao santo de vinho, cevada, grãos, queijos, carneiros, soldos, alnas de sayal e lenço, quejando-as refecoes e excommungadas, que por culpa d'ellas, e em castigo de sua irreverencia com o bemaventurado servo de Deus pagava toda a provincia.

O episodio da fugida do judeu era muito commentado. Dos grupos do popular sabiam amovaveis accusações a Fernão Gonçalves, e entre os altos homens do condado soltavam-se meias palavras com as reticencias e reservas do estylo sobre a imprudencia de S. Houa.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.



A VIRGEM DOS DRUIDAS.

Por este nome era designada, segundo uma tradição extravagante e imi antiga, a esculptura que vai aqui representada, e que não passava de uma obra da arte imperfeita da idade media. Conservava-se na Sé de Chartres, e a creença publica porfiava em consideral-a como um trabalho dos antigos habitan-

tes das Gallias, que provavelmente nunca fizeram labores de estatuaría. O que mais admira é que essa lenda vulgar fosse autorisada pela penna de escriptores graves, que não duvidaram propalar a este respeito uma serie de destemperos: alguns ha que não se envergonharam de escrever que os ministros do paganismo n'esta região ineulta, tres ou quatro seculos antes do nascimento da Virgem Mãe de Deus, tinham levantado altar e estatua *virginí pariturae*, nas grutas onde faziam seus sacrificios, e onde d'alí a muito tempo os christãos acharam abrigo e refugio. A credulidade popular assim mantida attraía á igreja monumental de Chartres grandes romarias; acreditavam-se os milagres e penduravam-se pelas paredes documentos das promessas que obtiveram deferimento. A imagem foi queimada por occasião da tormenta revolucionaria de 1792; tinha de altura quasi quatro palmos, era de côr escura como ainda apparecem algumas mui antigas, feita de pau de pereira, symbolo da fecundidade, e de um lavor tão singelo que, segundo a expressão do padre Etienne, parecia obra afeiçoada com um podão. No inventario dos haveres da igreja de Chartres, formado em 1726, ha uma descripção d'esta imagem, e ali se diz que infundia respeito, e que até a coroa guardada de folhas de carvalho, a cadeira e de mais accessorios denotavam tempos remotos.

#### ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

##### POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

###### MENDES LEAL.

A NOBRE figura do rei vencido, sombra de si mesmo, passando em silencio por entre os seus; e os prantos consumindo o rosto aos valentes, são joias de estylo que não acodem senão ás grandes inspirações. São rasgos que os antigos comparavam em Pindaro ao raio fendendo a nuvem, e que o poeta latino explica pelo espirito divino accendendo a excitação na alma do cantor:

Est Deus in nobis, agitante calleseimus illo;  
Impetus hic sacrae semina mentis habet.

Falta-nos espaço para seguir a analyse com a mesma extensão. Na poesia á morte do imperador D. Pedro, as duas primeiras estrophes abrem á saudade e á magna um portico digno do heroe moderno. São as honras da guerra, e as lagrimas dos companheiros da sua illiada, que o poeta lhe offerece. O effeito é magestoso e severo.

Armas em funeral! Rolae tambores!  
Rufae lugremente!  
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,  
O gemido fremente!  
Dos olhos dos valentes do Mindello  
Corre o pranto caldo!  
Guerreiros não coreis: o pranto é bello  
Nas faces de um soldado!

É concisa e profunda igualmente a apreciação philosophica do príncipe guerreiro. Poucos traços pintam tudo.

Igual na sorte, ao vencedor do Egypto  
Caiste muito cedo:

Tropegaste na campá, (estava escripto)

Como elle n'um rochedo.

Escala de Titães, o teu projecto

Derribaram-t'o os fados;

Na base do edificio, não completo,

Ficamos nós . . . pasmados!

Nas poesias de *Sentimento* e *Paixão* Mendes Leal não deu ainda quadros do mesmo valor. N'elle a graça e o mimo da forma não nos parecerem por ora iguaes á forja e ao impeto lyrico dos hymnos heroicos. As suas tendencias procuram moldes mais amplos. Mesmo na *Rosa Branca*, poemeto de uma inspiração prodiga, inexperiente e quasi sempre abaxo da correção actual, as descripções grandiosas da tempestade e da natureza abundam sem vencer a difficuldade. Contudo n'esse ensaio, filho dos annos verdes, nota-se por vezes uma ternura affectuosa, e natural que enleva. Se a idéa estivesse mais desenvolvida, e as perspectivas fossem menos abafadas, se o pincel de luge retocasse nos sentimentos a verdade e a expressão, no estylo as florescencias juvenis e parvasitas, a *Rosa Branca*, facilmente limada de impurezas casuais, podia entrar na galeria das obras esculpidas do autor. Os *Suspiros de Abril* e o *Pacto no Seculo* atestam que a melancolia e o devaneio amoroso acclamam voz e canto na sua lyra quando se repousa do vôo ás espheras epicas; mas estas longe ainda da perfeição obtida nos outros carmes.

A relação da idéa com a forma, a constante aspiração para um destino melhor, a interpretação fecunda dos fins e deveres moraes do homem, a propriedade com que a imagem se adapta ao pensamento; são as qualidades mais caracteristicas do systema poetico de Mendes Leal. Por isso o enthusiasmo arrebatou, e o bello sol do passado vem dourar-lhe a estrophe e illuminar-lhe o verso. Por isso, poeta mais de sentimento epico e de idéa, do que de forma, o seu engenho sabe todas as notas, tem poder para todas as scenas, mas sobre tudo exulta quando as domina o vulto heroico dos grandes nomes. O suspiro da paixão confiado ás flores, e fugindo por ellas, como o halito embalsamado da aurora, faz soar na lyra a corda do amor, e tem um sorriso entre lagrimas doces no formoso rosto da arte; mas o pintor prefere ás harmonias um pouco vagas, aos deliquios estremosos, as explosões do coração que vivem no mundo ideal chamando-se Othello e Lear; os rasgos audazes que illuminam até no fundo dos seculos o tumulo das nações, fazendo estremecer no seu leito final á voz da gloria os ossos de Cesar, e a purpura real de Alexandre!

Na idade em que alguns principiaram, Mendes Leal percorreu o mais arduo na carreira lyrica, e mereceu o premio que trouxe das luctas do estro e da harmonia. Se ainda não disse o ultimo segredo do seu talento, se o gosto cada vez mais viril e castigado promette ao futuro obras mais altas, já occupa de direito um lugar distincto, e para ser um dos primeiros poetas entre a geração nova não precisa de novos titulos. O applauso que o saúda não é o grito ébrio das multidoes escravas dos sons e da rima; é o voto observador e critico dos que procuram no verso além da harmonia a aspiração moral e o pensamento philosophico.

João de Lemos entre os poetas moços é o mais robusto emulo que elle encontra; mas os generos apesar de proximos são distinctos, e com vocações diversas. Mais suave, mais cultor da symetria e da forma, o cantor da *Luz de Londres* e de tantas pagas deliciosas, distingue-se por outras qualidades de gosto e de imaginação. Harmonioso, esmerado, com

um toque de meiguice e de tristeza pensativa, a sua lyra não se fez (parece-nos por ora) para os impetos heroicos. Eleva-se muito, veste a phrase de pompa, alegre e verso de colorido, rico, mas o sópro das grandes inspirações do auctor do *Ave Cesar* encurta-se na sua voz.

Em João de Lemos a forma prevalece, em Mendes Leal o pensamento domina mais. Um é doce, reflexivo, envolto como a graga, afinado, melódico, e puro como o cantico de Lamartine. O outro arroja a estrophe, rege a invenção e funde pela imagem, quasi em bronze, o busto do heroe. Não tragamos circulos fataes, nem demarcamos fronteiras invencíveis, a nenhum dos dous, é apenas o contour no geral da sua physionomia. O *Beirão de Balthazar* e o *Túmulo de Nero* marcaram a passagem de João de Lemos pelas espheras da ode. Algumas estangas sentidas e maximas colheram os suspiros de amor da harpa de Mendes Leal nos mesmos jardins encantados aonde impera o cantor das *Innocências*.

Segue-se d'ahi que as aptidões sejam semelhantes e que um não brilhe como superior no mesmo assumpto, em que desfalce a voz ao outro? Ambos elles têm paginas admiráveis; ambos podem olhar-se e saudar-se como irmãos na gloria e na harmonia. Aonde vai a ternura do devaneo sobe a fogosa estrophe do hymno heroico, e encontram-se na sublimidade, emora pertencem de regiões oppostas. Na historia da poesia sera tão falso o paralis, como narrar a obra de Garrett sem lhe pôr ao lado o vigoroso impulo de Herculano.

Neste momento cada um d'elles applica a labor mais duravel as facilidades de que é dotado, e na propria escolha do assumpto grava o cunho particular da sua inspiração. João de Lemos orna da forma seductora e da harmonia ternu do seu verso o desastre de Alcaer e a perda do ultimo rei-cavalleiro, sepultando comisso a corôa e a monarchia. Mendes Leal tira do marmore da historia o grande vulto do Cesar francez, e na estrophe impetuosa e fremente d'enthusiasmo, entoa o maior hymno moderno *Napoleão no Kremlin. D. Sebastião! Bonaparte!* datas memoráveis, infortunios gigantescos; a elegia e a epopéa moderna! eis a idea que os agita e crescera talvez a altura de monumento na imaginação dos dous poetas. Não se deitarem elles a si mesmos pelo caracter das aspirações, justificando o logar que lhes assignamos? Não acharam o pensamento do poema segundo a natureza do seu talento e a cor da sua phantasia, um na dolorosa catastrophe, a que as illusões arrastam o neto de João III; o outro no esplendor e no occaso do maior astro, que viram sobre o horizonte da historia os seculos? Que mais se deve acerescentar, quando é o operario da idea, e não o critico, quem abre oistico descrevendo a origem e as feições de uma physionomia intellectual?

Cabemos introduzir aqui algumas noticias acerca da familia do poeta, e da sua carreira politica.

Por parte de seu pai o sr. Mendes Leal pertence a uma familia natural de Penafiel; seu visavô passou a Hespanha por violencias commettidas contra um parente, a proposito de administração de vinculos; voltou depois, e mudado o primeiro nome estabelecense na Estremadura.

Por parte de sua mãe foram seus tios, em terceiro grau, o abbade de S. Vitor Diogo Barbosa Machado, auctor da Bibliotheca Lusitana, o desembargador Ignacio Barbosa Machado, auctor do Catalogo das Bibliotecas Portuguezas, e D. Fr. Casiano de Barbosa

Machado, frade theatino, auctor da Historia Sebastica e outras obras estimadas.

O vigario de Loures o desembargador Francisco de Borja Ferreira, sacerdote modelo, foi tio segundo do poeta, e deixou um nome que recordam com saudade todos os moradores da parochia, á qual servia de conselho e de providencia com as suas virtudes e exemplos.

O abbade Barbosa Machado doou ao estado a sua copiosa livraria, formando-se com ella a base da bibliotheca nacional, em recompensa o governo concedeu uma pensão aos herdeiros, que foi paga até aos ultimos annos do avô do sr. Mendes Leal.

As desgraças do tempo, e os desastres particulares fizeram declinar a casa, e obrigaram o seu chefe actual a procurar no honroso exercicio de uma arte liberal a subsistencia de uma familia numerosa.

Quando supportado com nobreza o apuro das circumstancias illustra sempre; e para qualquer se elevar acima da fortuna, e a domar, é necessária uma lucta que representa numerosos sacrificios.

Ao poeta compete esse elogio. Fez-se a si. Combatu com obstaculos graves para sobresair, e triumphou apezar d'elles á custa de trabalho e de perseverança.

Agora cumpre-lhe não desmerecer o que tem adquirido. O mais arduo está vencido; e chegado ao ponto a que subiu, torna-se comparativamente facil respeitar nas obras e em si a consciencia das letras, e o decoro do engenho.

Os verdadeiros talentos na epocha da madureza é que produzem os mais bellos fractos; mas não os colhem senão do estudo, da reflexão, e da lima esculpadora que dá o gosto e rege a arte.

O sr. Mendes Leal serviu de governador civil em Vienna do Castello em 1817, merecendo ao governo de Lisboa approvação e louvor pelo seu procedimento em tão delicada conjunctura.

Mistado em um dos corpos organisados n'esse tempo, ás ordens do sr. conde do Casal, fez parte da campanha, tendo assistido dentro do castello de Vienna a outra parte durante o cerco.

Em 1818 recebeu a nomeação de secretario geral do conservatorio real da arte dramatica; e em 1850 foi promovido ao logar de bibliothecario-mór da bibliotheca publica de Lisboa. É membro de diversas academias e sociedades em Coimbra, nas ilhas, e no Brazil, começando pelo instituto historico.

Citamos estes factos como informação. Primeiro do que ninguém conhecemos que são indifferentes para a apreciação critica de qualquer poeta.

L. A. REBELLO DA SILVA.

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO VI.

*O Perlo ao Domingo. — A devoção. — Profissão de fé do auctor. — Mulheres bonitas. — Olhos pretos das padieiras de Avelãs, e olhos azues das padieiras de Vallouco. — Ora porque não haviam de ser pretos os olhos verdes da menina dos rouquinhos? — Simão Amada Botiquinês. — Os Panambulos. — S. Lazaro.*

O Ponto aos dias de semana é de uma barbara monomania para quem não tem que fazer. Eu confesso que não sou dos que se enthusiasmam por aquelle grande movimento commercial; interessa-me de cer-

to; como todo o bom portuguez, amo a prosperidade da minha patria, mas nunca senti a menor admiração ao ver carregar um carro com linho, ou atulhar um armazem com bacalhão. Por isso os meus dias eram inspidos como um *folhetim*, e mais aborrecidos do que um poeta moderno a fazer o seu elogio.

No theatro de Santa Catharina annunciouse-se um espectáculo *abeneficio*: graças a Deus! Corri a comprar um bilhete, mas a representação transferiuse. Entremos no Guichard até ás sete horas da tarde. Depois vamos fazer uma visita. Nem divertimentos publicos, nem particulares! Que gente tão bem morrerada! Lembraram-me os tempos de Sparta e Lacedemonia, mas os tempos de hoje differem muito, e suspirei pelo gremio litterario, apesar de nunca lá ir; lembrou-me o centro commercial, o club, as trinta phylarmonias de Lisboa, S. Carlos, a loja da neve; e tive saudades sinceras do repulho do passeio publico e do neptuno do Loreto! Oh! Lisboa! minha querida Lisboa! E ha barbaros que te abandonam! Deixa-os ir, deixa-os cevar a sua curiosidade nas misérias dos outros paizes, que lá esta o caos da alfandega para os receber, quando arrependidos e contrictos voltarem ao teu seio. Quando desembarquês no caos das columnas, dous moços depois da minha partida, e encarei com o vulto severo do Marquez de Pombal, que parecia lançar-me em resto uma garrafa de precioso vinho de encomenda, que eu trazia escondida, confesso que tive tentações de a beber, e beijar o chão do Terreiro do Paço! Oh! quanto me arrependo de o não ter feito. Então aborava todos os meus erros com aquelle sanguento holocausto e não me tinha averturado mais a viajar, como já me succedeu, por essas perigosas fragas do Alemtejo. Mas nós estamos no Porto, e eu acabo de commetter um attentado, infringindo as regras da arte, que prescrevem a unidade de tempo, de lugar, e d'ação. Já me não salvo da censura-libello de algum juiz de paz da litteratura, mas se assim succeder, peço humildemente perdão ao critico, ou critico, e prosigo a minha historia.

Seis horas a soar, e eu que entrava em uma casa das principaes do Porto, apresentado pelo meu amigo M. Tudo quanto a fortuna e o bom gosto podem reunir, ali estava n'aquelle salão. Todos os objectos eram d'uma riqueza elegante, e sem ostentação; não era necessario ver grande entendedor para tomar o dono da casa, logo á primeira vista, por um grande amator de bellas artes. Por toda a parte se viam livros, pequenas estatuas, gravuras magnificas, algumas copias a oleo, entre as quaes uma da *ceia*, de Leonardo da Vinci, e outra a *descida da cruz*, de Daniel de Volterra. Varios retratos de familia, palzaços, portos, tudo emfim respirava gosto, arte, e o verdadeiro sentimento do bello.

Uma das mais preciosas qualidades dos habitantes do Porto é a franqueza. Nesta casa fui recebido pelos donos d'elle, como se fosse um parente que não viam ha muito tempo. Trataram-me com a mais delicadeza e bondade, que sempre me lembrarei com orgulhoso honreiro que me foram, quando eu me julgava n'um paiz de barbaros. A primeira coisa que aquella familia e a varão de dentro da casa, que fizeram pensar a algumas damas bem agraciadas, e a barão portuense, em que a minha familia, que me estava n'uma loja de papel, me estava extravagando, ou terra, e a gente de dentro da casa, que apenas o portuense me reconheceu dez horas, duas horas mais e me tinham a manifestar o somno pelo modo de signalillo de comando. Aos primeiros abraços, a barão portuense, e a damas que a mim a

go intelligente, comprehendeu o melindroso, e n'essa situação, e despediu-nos.

Da rua de Cedofeita até a Praça nova não encontramos ninguém; parecia que atravessavam uma cidade abandonada.

Entramos no café. Estavam tres pessoas a beber, que eram estrangeiros. Assim que acabamos de tomar chá, puzeram-nos fora a todos, para fechar a porta... oh! Lisboa!... Que remedio! Vamos deitar-nos, e dormir, que no fim de contas é uma grande resolução que tomamos.

O dia seguinte amanheceu brilhante, como sempre são em Portugal os dias de agosto. O Porto é sincera e lealmente religioso. Entrei em alguns templos, todos estavam cheios de povo e rezava-se com grande devoção. Oh que bella esblyme que é a devoção! Em todos os pontos do orbe christão penetrae nas igrejas, durante as ceremonias augustas do nosso culto, e vêde-me como se reverbera n'esses rostos femininos, piedosos e contrictos, a humildade do coração! Vêde como esses olhos, postos quasi sempre no livro de orações, se voltam, por momentos sómente, a contemplar as misérias da terra. Fatigam-se das riquezas esplendidas do céu, que vem descriptas nas paginas bentas do livro; mas olhae quanta religião existe na expressão d'esse olhar furtivo, que procura e encontra outro ardente de penitencia, e brilhante de celestial esperanza! Com o elles se confessam entre si, aquelles olhos, e se entendem!... Oh! *matans* do universo, eu

De vós não conheçido, nem sonhado.

Aconselho-vos a que não deixeis nunca de mandar as meninas á missa. A alma purifica-se e robustece na assiduidade do culto, e ganha forças para resistir as tentações do peccado! A Igreja é a fonte de todo o bem; ella nos abençoá quando entramos na vida, e nos absolve os nossos erros, quando saímos do mundo. Mas o que ella tem de mais interessante para vós, oh! minhas jovens e amáveis leitoras, é ser a porta por onde muitas vezes penetra a realidade dos vossos sonhos... Isto é mais enigmatico do que uma figura do Apocalypse, mas apostava agora toda a gloria que me ha de provir d'esta famosa narração, em como as amáveis leitoras me pereberam!

Mas pereberem ou não, já li disse, e repito que a devoção é sublime. Eu vi os elegantes beatificamente apbeilhados, e lembrou-me o devoto e piedoso modo, por que Fernão Mendez Pinto e António de Faria atiraram ao mar com um homem vivo, até ao pé e de mãos! Porque me veio a memoria semelhante destempero, não o disse nunca, porque ainda hoje o não sei; mas era um espectáculo muito para ver e admirar, como as lunetas impias faziam partilhar ao nariz onte cavalgavam o peccado mortal que tentava os olhos! Como passavam aproximadamente aquellas vistas mundanas sobre o oceano de cabeças femininas que tinham diante! E ellas, as devotas, olhavam tam em para elles e olhavam sim, mas era para os lastimarem para se conhecerem de es ver tão endurecidos na impiedade, por que nós, os homens, somos todos impios. Olhavam ellas, e haviam rijamente no porto, pedindo a Deus que perdasse aquelles corações impudencidos, aquelles peccadores incontrictos, o crime que ellas mais adoravam, a contemplação em que elles estavam, não para Deus, mas para a mais perfeita, para a mais bella, a mais adoravel das suas obras, a mulher.

Só li tão compungido, tão christão d'aquelle tempo, onde tinha entrado e onde vi tão diligentes o amor de Deus e o amor do proximo, que me senti deveras penetrado por um sentimento religioso. Ali fiz um voto, a que sempre tenho sido fiel, a que

jámais deixarei de o ser; por que no meu coração, na minha alma, e em todo o meu ser, estão as tendências irresistíveis para essa verdade a que *me rotei*, e que até então seguia pelo instinto, pela relação *sympathica* que havia d'ella para mim.

É uma *profissão de fé*, que vou fazer, uma confissão publica, que escrevo sem receio do futuro, sem vergonha do passado, porque vivi, vivo, e espero que Deus me conserve sempre no gremio d'estes principios justos e santos, que se alimentam desde a criação do mundo com o *bello* e o *sublime* da natureza.

Jurei, no fundo da minha alma, de amar até ao derradeiro instante da vida *todas as cousas* que forem verdadeiramente *bellas*. É um juramento que tenho por tão sagrado, como se fosse feito a Deus, porque a *belleza* é um attributo inseparavel das maravilhas divinas. A minha religião é pois a religião *do bello*, cujos symbolos admiraveis (exceptuam-se as mulheres feias), estão por todas as superficies dos mundos. Uma estrella é um symbolo, como é symbolo a flor; symbolos a abobada celeste, a lua, o sol, o mar, e a terra. O mytho d'esta religião é o *sublime*. Acima do sublime está Deus, porque Deus é superior a tudo. D'elle dimana, por tanto, a religião do bello. As mulheres, e os anjos são symbolos diversos; por que estão uns no céu e outros na terra. Não sei bem quaes são os superiores, mas adoro as mulheres, na minha religião, mais do que os anjos. Não sei tambem até onde pode levar o fanatismo, sou apóstolo da *belleza*, e a minha ambição é poder illustrar o meu apóstolado pelo martyrio. Apesar de ter meditado bem nos dogmas e principios d'esta religião, de me nascer a fé espontaneamente, por convicção e acôrdo dos sentidos todos, a minha adoração é exaltada pela sublimidade dos symbolos.

Comigo nascero, comigo he hade morrer o grande horror que tenho ao feio. Se ha mais tempo não declarei as minhas idéas religiosas, não é por que fossem ellas indeterminadas, não; a minha irresolução provinha do receio de offender a religião que fôra de meus passados, substituindo-lhe um culto que julgava profano. Das lições da experiencia e dos annos colhi a solução do problema. A *belleza* vem de Deus, logo amo a Deus, amando tudo que é bello.

E aonde fui eu aprender esta verdade dogmatica? Aonde a sabedoria divina a collocou, muito de proposito. Nos olhos pretos de uma padeira de Avintes, e nos olhos azues de outra padeira de Vallongo.

Logo nos olhos das padeiras! estou d'aqui ouvindo dizer a algum dos bellos symbolos da minha religião. Porque não haviam de ser duas senhoras, e *elegantissimas*? Perdão, porque eram duas padeiras. Lá estavam na mesma igreja physionomias aristocraticas, e olhos formosissimos, porém que me fizessem esquecer tudo para me tornar ali mesmo sectario apaixonado da *belleza*, esse poder só o tiveram dous bellos pares de olhos de duas lindas padeiras. Mas que olhos!... Jurei, que d'ali em diante havia de adorar todos os bonitos olhos, todos quantos formosos rostos pudesse encontrar na minha vida; e tomo a Deus por testemunha, de que não faltei, e não espero faltar a esse juramento, para o cumprimento do qual me impellem todas as minhas facultades! *Belleza!* *belleza!* tenho-te invocado sempre nas minhas horas de angustia, e por ti, e para ti vivo, mais do que para mim proprio. Se alguma vez eu amar uma cousa feia, se commetter o sacrilegio de não ajoelhar a teus altares, permitta o anjo da vingança, que eu morra de nojo diante de um rato branco, e de um sapo negro, que são as peiores cousas que conheço depois de uma mulher feia.

Aqui vinha maravilhosamente a proposito uma

larga dissertação philosophica a respeito do *bello*, d'*après* Victor Cousin; mas eu antipathico com a pedantice que affecta erudição, e não quero imitar muita gente que anda *apanhando* idéas dos outros, para depois as dar como suas.

Duas formosas padeiras eram aquellas duas mulheres que vi no Porto! A de Avintes principalmente. Tremo de fazer a descripção com receio de que me chamem exagerado; mas a verdade é que nunca vi olhos mais negros n'um rosto mais branco e delicado! Já me não admira que os pastores da Arcadia tivessem a pachorra de fazer grossas de sonetos ás Marilias e Anardas. Se eu fosse poeta já direito ás margens do Douro, apaixonava-me por aquelles negros olhos, e passava o resto de meus dias n'uma lamuria de colchêas. Os olhos azues da outra eram tambem admiravelmente bellos, e de um cristalino purissimo! O rosto porém era trigueiro, e menos *artístico* do que o da primeira. Comtudo, valia bem um volume das rimas de João Xavier de Mattos.

Ambas ellas eram tentadoras, adoraveis mesmo com os seus tamanquinhos pequeninos, e as meias de linha fina e alvissima cobrindo os contornos de uma perna, trabalhada admiravelmente pela natureza! A trigueira ganhava em formas o que perdia em physionomia; quanto á *belleza* dos olhos, levei muito tempo a scismar por qual me decidiria, e no fim optei por ambas. Era o que tinha a fazer de melhor. Mas se me obrigassem positivamente a decidir-me por um dos lados, confesso o meu peccado, ia para os olhos pretos. O auctor das *Viagens na minha terra* tambem se confessou pelos olhos pretos... a proposito d'elle e das suas *viagens*; porque não haviam de ser pretos os olhos verdes da menina dos rouxinolles? Nos olhos verdes ha não se que predestinação para a fatalidade, que a gente não pode ver com prazer n'aquelles que ama. O verde é uma côr bonita, mas tão pouco duradoura, que ás vezes basta para desbotar uma pouca de sombra, um golpe de ar, ou um raio de luz. E por isso que eu sempre me temi dos olhos verdes, e logo disse comigo, lendo as *Viagens* do sr. Garrett, que a historia da Joanninha havia de acabar como acabou. E mais aquelle verde dos olhos da Joanninha era do mais vivo que ha! Mas quem se lembra de fazer olhos verdes a uma creanga tão formosa! Caprichos de poeta! No meio de tanta harmonia, depois da combinação admiravel do *todo*, onde não diziam bem senão un-olhos pretos, o artista, só porque era um grande mestre, creou os olhos verdes! E para que! Para imitar a natureza que produz d'esses phenomenos muitas vezes por um simples accidente de luz! Contemplar a gente um a um os encantos d'aquella figura toda proporcionada; ver tudo em perfeita harmonia de côr, de forma e de tom com a fina gentileza d'essas feições, para achar depois nos olhos aquella discordancia, a falta do *rythmo* que presidiu até ali, que ali se perdeu para gloria do artista; porque os entendedores chamam o *bello da arte* aquella nota discordante! Pobre da Joanninha! Feliz do romancista, se não tem remorsos de a haver deixado morrer, porque foi elle o culpado, porque *he deu* os olhos verdes. Era predestinação? Foi a fatalidade da côr!...

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

— O máu filho não espere ter bons filhos: seu exemplo sanciona a lei de Talião que o ha de punir.

M. CARVALHO — APHORISMOS





ECCE HOMO

## A SEMANA SANTA EM ROMA.

«Un volume ne suffirait pas pour peindre en détail les sentes cérémonies de la Semaine Sainte; on sait de quelle magnificence elles étaient dans la capitale du monde chrétien.»

CHATEAUBRIAND. Génie du Christ.

Um viajante, a quem um sentimento de gratidão moveu a acompanhar n'uma viagem ao norte de Italia um compatriota velho, enfermo e perseguido, que ali ao cabo de poucos mezes morreu, passando logo depois de experimentar esta perda á capital do mundo christão, para aliviar o espirito, e satisfazer uma pia e antiga curiosidade, vendo o espectaculo pomposamente religioso das ceremonias misteriosas da Semana Santa, fallava-me ha dias nas impressões, que lhe fizera esta romagem, pintando tanto ao vivo as magnificas scenas de que fôra espectador, que eu tomando notas de tudo o que vi, como que mesmo sem serm' limadas para o que me faltava o tempo poderiam appropriadamente ser reproduzidas n'este numero do Panorama.

Fôz no principio da primavera de 1842 que o viajante de que fallo se embarcou n'um navio que o transportou de Genova para Civita-Vecchia, d'onde por terra seguiu para Roma. O primeiro objecto que fêzo os olhos dos que, por qualquer estrada que tomassem, chegam aos contornos d'aquella cidade é o zimbório da basilica de S. Pedro do Vaticano, um dos immortaes monumentos do genio moderno, e no qual o christianismo, por bôca da architectonica que elle faz renascer e pelir, como que está bradando:

«Voici mon Orient, peuples, levez les yeux.»

Bem que o nosso viajante não entrasse pela porta e piazza del Popolo, magnifico atrio da antiga dominadora do Orbe, a sensação que lhe causou, ainda antes de contemplar os grandes monumentos, a simples idéa de se vêr em Roma, igualou o enthusiasmo que a mesma consideração excita em todos os animos, e que a meu illustre e saudoso amigo Chateaubriand exprimiu com uma elegancia de palavras que não cabe nas minhas, na interessante e bem conhecida descripção da sua primeira viagem áquella metropole tão rica de recordações gloriosas.

A multidão de gente de todas condições que allí afflue n'aquella occasião, tomando ainda mais solenne a pompa das funcções sagradas, dá a Roma moderna o mesmo ar senhoril de primizia do Universo, que tinha Roma antiga, quando dentro de seus altos muros recebia as homenagens de todas as nações.

Mas o meu em a es'isar o quadro annuciado no titulo d'este artigo.

## DESCRIPÇÃO DE RAVENNA.

N'este primeiro dia do S. n'uma Santa assiste o Papa nos côllegios Divinos na Basilica de S. Pedro do Vaticano. Esta ella para este fim ornada de ricas tapearias, que lemham n'grande rivo da igreja no lugar onde d'ant'g' se separou e separamo o todo do coro, que n'uma d'impozão d'este dia se ergue de sala onde esperam as pessoas empregadas no serviço de sua santidade, cujo solio armado áquelles tapearias se fia proximo ao sepulchro de S. Pedro. Dous tribunas reservadas em-bem o vazio das arcadas lateraes, das emre mais p'picias em que então se dá a b'ca, as do lado esquerdo são de f'aldas aos

príncipes de sangue real, da mesma banda em que está o estrado do corpo diplomatico. Á direita e á esquerda da chamada *confissão de S. Pedro*, isto é o lugar em que, segundo a tradição, o príncipe dos Apostolos foi martyrisado, ha lugar para as senhoras. Os musics da capella pontificia estão n'um coreto armado de-baixo da estatua da imperatriz Santa Helena. Um soberbo tapete cobre o espaço entre o altar-mór e o throno pontificio, desenhando o presbiterio, fechado de ambos os lados pela *quadatura*, ou as bancadas em que pelas suas ordens estão sentados os cardaes.

A's nove horas da manhã baixa o papa do palacio do Vaticano á basilica de S. Pedro, passando pela capella do Sacramento, e pela da Fidelade onde o esperam os cardaes revestidos dos paramentos roxos correspondentes ás suas respectivas ordens, e tomando ali sua santidade os ornamentos com que costuma assistir ás grandes solemnidades, sobre depois á *Sedia Gestatoria*, ou cadeira collocada sobre uma especie de aador, levado por doze palafreneiros vestidos de opas encarnadas, que o conduzem, precedido da prelatura e do collegio cardinalicio, ao solio, onde depois de sentado recebe a obediencia d'aquelle senado, cada um dos membros d'este, lhe beija reverentemente a mão coberta com o pluvial.

Imediatamente depois sobem ao throno, o monsenhor sacrista, e o diacono e o sobriacano da capella, levando cada um uma palma na mão, que ajoelhando no primeiro escabello (onde dous acolitos levam a caldeirinha e o thribulo) apresentam ao Papa, o qual, depois de se recitarem a antífona, a oração, ligo, gradual e evangelho, que se acham no ritual, benze, asperge, e incensa por tres vezes as palmas, que sendo tomadas pelo governador de Roma, são por este apresentadas ao cardeal deano, ou ao mais antigo dos cardaes bispos suburbicarios, que as entrega ao santo padre, que guarda uma, manda remetter a segunda ao príncipe assistente ao solio; e dispõe da terceira como lhe apraz. Sentando-se depois sua santidade, distribue todas as outras palmas, bentas na mesma acção e que lhe são offerecidas pelo primeiro cardeal diacono, pelos cardaes, patriarchas, archebispos, bispos, abbades mitrados, penitenciaris, governador de Roma, príncipe assistente ao solio, auditor da camara, mordomo, thesoureiro, protonotarios apostolicos, geraes das ordens religiosas, conservadores de Roma, chefe do santo hospicio, prelatura, caudatarios dos cardaes, porteiros da vara vermelha, masseiros, e quando o papa o permite, os estudantes que terminam o curso theologico no collegio Germanico, bem como os estrangeiros admittidos por bilhete do mordomo de sua santidade.

Durante a distribuição das palmas os musics da capella cantam a antífona *Pueri Hebræorum*, e logo que se conclue este acto, o príncipe assistente acompanhado de um auditor da rota, de dous escriptores da camara, e de dous masseiros, vão dar agua ás mãos ao papa, a quem o cardeal deano apresenta a toalha. Diz logo depois o soberano pontífice a oração final, que é immediatamente seguida da precesão, enviando antes d'ella pelo camareiro secreto, que serve de secretario das embaixadas, ás palmas bentas aos soberanos e príncipes de sangue real que se acham em Roma, levando na bussolante as palmas aos cardaes, que por motivo de molestia não puderam comparecer n'aquella cerimonia.

Quando o subdiacono toma a cruz pontifical ornada com uma palma, para com este emblema da redempção, e com a imagem de Christo, que devemos tomar por guia na nossa viagem terrestre, se

por a frente da procissão, que segundo os liturgistas significa a peregrinação do homem mortal à eternidade, o primeiro cardeal diácono, virando-se para o povo, diz: *Procedamus in pace*, e que o coro responde *In nomine Christi amen*; e começando os músicos da capella a cantar a antífona *Cum appropinquaverit*, põem-se a procissão em marcha na seguinte ordem: os criados de sua santidade, os procuradores geraes, os advogados consistoriaes, os cantores do papa, os capellães cantores, os abreviações, os votantes da assignatura, os clérigos da camera pontificia, os auditores da rota, o mestre do sacro palacio (que é sempre um dominicano); a cruz processional, os penitenciarios ou confesores da basilica de S. Pedro, os bispos, arcebispos e patriarchas, os cardeaes acompanhados dos officiaes da sua casa, o primeiro mestre de ceremonias, e o soberano pontífice coberto, não com a tiara, mas com uma mitra simples, levando uma palma na mão esquerda, e conduzido na sua *sede gestatoria* por doze palafreiros, ou *sedarii*, que lhe chamam em Roma. Logo que a procissão tem saído da basilica para a estupenda galiléa ou atrio d'aquelle portentoso edificio; fecha-se a porta do templo, dentro do qual ficam dous capellães cantores, que d'ahi entoam o bello hymno *gloria laus et honor*, composto na prisão de Angers por Theodulo bispo de Orleans, ou de Langes, que aquella sua composição, e à occasião em que foi feita deveu a sua liberdade. Ao cantarem os músicos o ultimo verso d'aquelle hymno, o subdiácono apostolico tóca com a haste da cruz na porta da igreja, que logo se abre para o regresso da procissão; e os cardeaes tanto que chegam ao presbyterio, despem os paramentos e tomam a capa magna violacea, com a qual na quaresma assistem aos officios que não são celebrados pelo Papa. Começa logo a missa de pontifical em que officia um cardeal presbytero, e na qual a paixão segundo o Evangelista S. Matheus é cantada, parte por tres sacerdotes em eautochão, e a outra parte pelos músicos da capella em cantochão figurado, composto em 1499 por Thomaz Luiz d'Avila, contemporaneo do famoso Palestrina, e cuja musica mouda la vir por el-rei D. João IV, para a sua rica collegio musical, e para se executar na antiga capella real, ainda não ha muitos annos se cantava na sé patriarchal de Lisboa. O motete *Stabat Mater dolorosa*, que nesta função se canta logo depois do *credo*, foi posto em musica por Palestrina e o *Hosanna*, a seis vozes com acompanhamento do coro, é composição de Baiú, mestre da capella do Vaticano. Acabada a missa, o cardeal celebrante publica uma indulgencia de trinta annos, e o pontífice volta com o mesmo ceremonial, com que entrou, à capella da Piedade, onde desce da *sede gestatoria* e deixa os ornamentos, que alli tomara, voltando pela capella do Sacramento para o seu palacio.

Segundo a opinião de Benedicto XIV, a cerimonia das palmas foi introduzida na liturgia no fim do 5.º seculo, ou no começo do 6.º, e nos primeiros tempos d'esta instituição commemorativa da entrada triumphal de Christo em Jerusalem, as palmas colhidas nos campos vizinhos da igreja de S. Silvestre *in carite*, e benzidas pelo cardeal levdoadario de S. Lourenço *extra muros*, eram levadas ao chamado *trichium* d' Leão III, a S. João de Laterão, onde o papa as distribuía pelos fiéis. As palmas que actualmente se usam para esta cerimonia vem de *San Remo*, pequeno paiz situado na ribeira de Genova, e são fornecidas ha mais de dous eculos ao meio pela familia *Bressa*, que obteve de Nisto V. este privilegio, por uma singular circumstancia,

que passo a referir. Acontecendo que na inauguração do magnifico obelisco de Rosstris-lavrado no Egypto, e que entre dous tanques, onde como diz Dupaty, eiem aguas immortaes, se ergue pomposamente em frente da basilica de S. Pedro, aquelle papa, que confiou uma tão dedicada eperação ao celebre architecto Fontana, decretou, porque ella se fizesse sem confusão, nem desordem, uma pena severa contra quem n'aquelle occasião levantasse a voz; e succedendo que, ao erguer-se a primo a magestosa aquilha estivessem para quebrares as guindalezas dos guindastes que a alçavam, um joven marinheiro genovez, a quem o perigo imminente fez esquecer a lei; gritou no meio da praça: *mollemus os cordis*, conselho que logo foi seguido, e de que resultou o bom exito da empreza; mas que nem por isso deixou, depois de evitado aquelle risco, de mover o auctor a pôr-se a salvo da o qualidade incorrida. Descoberto porém e chamado a presença do papa, que longe de o querer castigar, lhe ordenou que recompensasse a quem em paga do serviço por elle prestado, o moço marítimo respondeu: que a unica recompensa que desejava, era que sua santidade lhe concedesse e á sua familia o privilegio de sempre de fornecer as palmas para a basilica de S. Pedro do Vaticano. Privilegio que Nisto V. então lhe deu, e ainda hoje se conserva n'aquelle familia.

#### QUARTA FEIRA DE TREVAS.

Este segundo officio grande, que é para assim dizer a primeira parte da cerimonia do dia seguinte, toma o nome de *Matinas*, ou *Trevas*, ou *Nocturnos*, desde a meia noite até á madrugada, em que n'outro tempo era celebrado. A capella sistina, que faz parte do palacio do Vaticano, e cujas primorosas pinturas foram feitas pelo insigne Miguel Angelo Buonrotti, é onde se celebra o officio d'este dia. A hora daí, são o papa do seu aposento para a *sala regia*, onde toma a capa magna de sarja vermelha com o capuz forrado de arminhos, e seguido dos cardeaes vestidos de capa magna violacea entra na capella, e vai depois d'uma breve oração sentar-se no d'au, que ali está preparado. Começam logo as matinas, cujos salmos, antifonas e versiculos, são de musica de cantochão, hem como a segunda, e a terceira lamentação de Jeremias, e as ligões e responsorios dos tres nocturnos. A primeira lamentação de musica de canto figurado é composição do grande mestre Gregorio Allegri. Depois das matinas seguem-se as laudes. Dita a antífona *Traktor*, depois do *esticho* *Benedictus*, desce o papa e apellando no genitoriorio posto d'frente do altar-mór, permanece n'esta posição até á conclusão do officio que finda com a oração *Requies quiescat*, recitada em voz baixa pelo pontífice, e depois da qual sua santidade se retira com os cardeaes á sala regia, onde depois a capa magna, e d'onde acompanhado da possada do seu serviço se recolhe ao seu aposento.

A delibetosa musica do *Miserere* a vozes, d'este e dos dous dias subsequentes, foi composta por Gregorio Allegri e por Baiú.

Não posso deixar de notar aqui quanto a nossa musica d' igreja differa d'aquelle, de que acabo de falar, sendo forca confessar que ha já muitos annos que em Portugal o progressa n'esto ponto tem sido tão pouco feliz, como em outras muitas cousas, e com venia dos nossos tão habilidais compositores, dita primamente a que o instrumental, salvo o organo, não me parece apropriado aos templos; observando em segundo lugar, que os mestres de que fal-

lo, e em cujo numero entram alguns que muito admirei nas suas composições de musica de theatro, e de quem fui amigo, não se applicaram, como Palestrina, Orlando di Lasso, Avila, Leo, Durante, Scarlatti, Anerio, Bai, Allegri, Pergolette, Jomelli, Peres, Mozart, e outros grandes mestres, ao que eu tomarei a liberdade de chamar *verisimilhança religiosa*. Com effeito, e sobre tudo depois da mudança que tem havido na musica em geral, e que (perdoem-me, ou não me perdoem os cultos da moda) mais me parece feita para estrugir, que para deleitar os ouvidos, tenho assistido a *glorias*, que sô tême de celebres o serem eternas, e a *credos* em que os cantores christãos tême mais ar de fazer arremegos ao céu, do que de offerecer-lhe humildemente o symbolo de sua crença.

Tornando a tomar o fio da minha narração, farei tambem aqui menção do bodo, que por occasião das solemnidades d'este dia, e dos dous subsequentes os cardeaes, a nobreza, e as diferentes classes dos habitantes de Roma, bem como muitos estrangeiros, que formam a confraria do Hospicio, ou como nós d'antes chamavamos, Albergaria da Trindade, fundada em 1348 por S. Philippe Neri em favor dos homens e mulheres pobres, que affluem áquella cidade, dão a estes peregrinos: cujo numero n'estes dias costuma passar de tresentos. usando os principaes personagens lavar os pés dos forasteiros, e fazendo as princezas romanas o mesmo pio mister para com as pessoas do seu sexo.

#### QUINTA FEIRA SANTA.

CELEBRAVAM-SE antigamente duas, quatro, e mais communmente tres missas n'este dia, a primeira para a reconciliação dos penitentes publicos, a segunda para a benção dos santos oleos, e a terceira em memoria da instituição do Sacramento Eucharistico, na qual o clero e o povo eram admittidos á communhão. Hoje somente se celebra uma missa, em que se fazem as ceremonias, que tinham logar nas duas ultimas missas, de que acabo de fallar. N'esta solemnidade, que como a antecedente, é feita na capella xistina, primorosamente ornada com uma magnifica tapeçaria, que tem as armas de Clemente VIII, representando a imagem do Senhor morto, sustentado por dous anjos, a descida de Christo ao Limbo, e a sua apparição á Magdalena, o espaldar e doce do solio pontificio são de um estofo prateado e de brocado de ouro. O frontal do altar, e o véu que cobre a cruz da banquetta, são de seda branca.

O papa tendo tomado na *sala regia* o pluvial branco e a mitra aurifrigia, segua precedido dos cardeaes com a capa magna violaeae, e do acompanhamento costumado até a capella xistina, onde ora, e sobe ao olio, e depois de lhe ser prestada pelo sacro collegio a obediencia, como fica referido, começa o cardeal decano, que é o officiante n'este dia, a missa pontifical, na qual se observa o rito ordinario até á consagração. Então o celebrante consagra duas hostias, uma que elle ha de communhar, e outra que ha de ficar reservada para a função do seguinte dia, e que o diacono depõem dentro de um calix de prata dourada, e de cristal de roca lavrado com a maior perfeição, e em que se vê representada a figura de Christo no meio dos doze Apostolos. Continúa depois a missa segundo o ceremonial, e em que não communha pessoa alguma além do celebrante, contra o uso, que em todas as outras igrejas se pratica, de haver n'esta solemnidade communhão geral.

Depois de acabar a missa, revestem-se todos os cardeaes, patriarchas, arcebispos e bispos, dos orna-

mentos das suas respectivas ordeos, pondo-se a prelatura em duas filas. Dous cardeaes diaconos sobem ao throno pontifical para acompanhar o papa, que desce para vir ante o altar receber o calix, que contém as sagradas especies. Poem-se então a procissão em marcha atravez da *sala regia* alumada por doze magnificos candelabros de bronze. Cantam logo que começa a procissão os musicos da capella o *Pange lingua* de maneira a começar a estrophe *Verbum caro*, quando o Santissimo levado pelo pontifice, que n'esta occasião vae de pé debaixo do pallio, em cujas varas pegam oito bispos, entra na capella *Paulina*.

Logo que sua santidade chega ao altar d'esta capella entrega o calix ao cardeal diacono, que este poem nas mãos do monsenhor sacrista, que o vae depositar no cofre, que fecha á chave, entregando esta ao cardeal penitenciario mór, a quem compete officiar no dia seguinte.

Dito o *Tantum ergo*, passam todos á *Loggia*, ou varanda vaticana.

#### BENÇÃO PONTIFICIA.

A *Loggia* ou varanda de que fallo, situada no pontificio da basilica de S. Pedro está alcatafada com um tapete franjado de ouro e coberta com um grande toldo, que a preserva dos raios do sol. O santo padre chega ali levado na *sedia gestatoria* em que fica, e da qual pondo-se em pé lança a triplice benção apostolica, do modo que mais extensamente referirei quando tratar das ceremonias de domingo de Pascoa.

Dada a benção pelo santo Padre, dous cardeaes lêem, o primeiro em latim, e o segundo em italiano a indulgencia concedida por sua santidade a todos os circumstantes, e lançam na praça o breve d'este indulto. Era d'antes costume fazerem tambem n'esta occasião leitura da bulla *In Cena Domini*, depois da qual se deitava da varanda abaixo uma tocha de cera amarella, mas ha quasi um seculo que foi supprimido este uso.

#### LAVA PÉS DOS APOSTOLOS.

ESTA tocante e edificativa cerimonia, chamada em estylo liturgico *Mandatum* (por começar por esta palavra latina a antífona, que então se canta), e em italiano *la lavanda*, que hoje se faz na basilica de S. Pedro, no espaço que ha entre os dous pilastres da capella dos Santos Processus e Martiniano, tinha antigamente logar ou em S. Lourenço *ad Sancta Sanctorum*, (a *Scala Santa*, assim denominada por se conservar ali os vinte e cinco degraus da escada do Pretorio transferidos de Jerusalem para Roma), ou no pequeno mosteiro de S. Martinho, segundo acontecia que o papa habitasse o palacio de Latrão, ou o do Vaticano. Cencio Camerario quer mesmo que n'aquelles tempos remotissimos se fizessem dous lava pés, um logo no fim da missa a doze subdiaconos, e outro depois de jantar a treze pobres, acrescentando que as muitas ceremonias, que com o andar dos tempos se foram accumulando n'este dia, dessem motivo a supprimir-se um d'aquelles actos religiosos. Como quer que fosse, e sem fazer menção de outras particularidades menos interessantes, e ácerca das quaes os liturgistas não estão de accordo, direi que o papa lava em tal dia os pés no logar, que deixo indicado, a treze sacerdotes pobres para este fim designados pelos ministros das quatro côrtes de Portugal, França, Hespanha e Austria, pelo cardeal secretario de estado, pelo cardeal Camerlengo, pelo cardeal prefeito da Propaganda (que nomeia

dous sacerdotes), pelo cardeal protector dos armenios, pelo capitão das guardas suizas e pelo mordomo de sua santidade, que além da prerogativa de fazer tres nomeações tem o direito de approvar as outras.

A cadeira pontificia está para esta cerimonia collocada sobre um estrado elevado, servindo de espaldar uma tapeçaria, em que está representada a Providencia sentada sobre um globo terrestre entre as duas figuras allegoricas da Justiça e da Caridade, vendo-se tambem n'esta tela dous leões sustentando os estandartes da Santa Igreja Romana. A bancada dos treze sacerdotes pobres (a quem n'este acto se dá a denominação de Apostolos) está á direita do solio sobre um segundo estrado, que está unido e tem communicação com o primeiro. Por detraz da bancada d'aquelles presbiteros está encostada á parede a tapeçaria representando a ceia do Senhor, tela preciosa, fabricada em S. Miguel de Ripa-grande pelo excellentes desenho da famosa pintura a fresco de Leonardo de Vinci, que está no refeitório dos dominicos de Milão. Os cardeaes assistentes tomam lugar ao pé do throno. As tribunas dos principes de sangue real, e do corpo diplomatico, estão dispostas na arcada, que fica do lado esquerdo. As senhoras admittidas a vér esta funcção têm logares reservados na arcada do lado direito, e os homens vestidos de uniforme, ou de outro traço de côrte, podem circular no ambito interior do templo. Muito de proposito narro estas distribuições de logares, contra as quaes ninguém se levanta, para mostrar que podem mai bem muitos centenaes de individuos de todas as condições, e até de diversas religiões assistir a uma solemnidade no mais vasto templo do mundo sem fazerem a bulha mais que incommoda, e as escandalosas irreverencias, que ainda no anno passado pela semana Santa muita gente presenciou com dôr e com vergonha n'uma das nossas igrejas de Lisboa. Senão ha devoção, haja ao menos decencia.

Tornando á minha descripção mencionarei que o papa revestido de alva, cingulo, estola e pluvial de côr encarnada, e da mitra ornada de pedretas de prata, entra precedido da prelatura dos cardeaes e das demais pessoas, que formam o seu pre-tito, na basilica de S. Pedro, vindo primeiro á capella do Sacramento, d'onde pela porta que fica debaixo da tribuna dos principes passa a tomar o seu logar; e ali depois da benção do incenso, e da do diacono que revestido de estola e dalmatica branca ha de cantar o Evangelho, fica em pé, até que finda esta leitura beija o sagrado texto, e é incensado por tres vezes. Logo os musicos da capella levantam a primeira antífona, de que fallei; e sua santidade pondo-se de pé, largando o pluvial, e cingindo uma toalha, vae, levando ante si os maceiros, o primeiro mestre de ceremonias, e dous cardeaes diaconos, ao estrado dos apostolos, revestidos de uma tunica branca com capuz de forma conica, e tendo o pé direito descalço. O papa, pondo-se de joelhos diante de cada um d'elles, lava-lhes n'uma bacia de prata dourada os pés, que limpa e beija successivamente, recebendo logo ali cada um dos presbiteros, tanto do santo padre, como do cardeal diacono, e do thesoureiro do estado, que o acompanham, um ramallete de flores e duas medalhas, uma de ouro, e outra de prata em memoria d'esta acção.

Terminada ella com as orações indicadas na cerimonia, passa o pontifice com o cortejo e as pessoas, que assistiram áquella cerimonia, ao logar, onde desde os ultimos annos do pontificado de Gregorio XVI se põem a meza do jantar dos apostolos. Quando o viajor, realisando o projecto de uma peregrinação

de longo tempo sonhada, entra em Roma, e sobe com a emoção de uma pia curiosidade a grande e magnifica escada do Vaticano, chega depois de percorrer as maravilhas de todas as cidades, e de todos os paizes do mundo, juntas n'esta augusta morada, a um local, que pôde ser chamado o *Santuorio christão das bellas artes*, que são as salas conhecidas pelo nome artistico de *Loggia di Raffaello*, bem conhecidas pelas bellas callographias que d'ellas deu um celebre abridor italiano. Traçou ali aquelle grande pintor, n'uma serie de pinturas a fresco historicas e symbolicas, as illustrações e os beneficios do catholicismo. A meza de fórma rectangular e elevada sobre um estrado, está elegantemente ornada de flores e de primorosas peças de prata, algumas das quaes foram fabricadas no 16.<sup>o</sup> seculo pelo eximio pintor, escultor, gravador e ourives florentino, Benvenuto Cellini. ao valor do qual Clemente VII commetteu a defeza do castello de Sant'Angelo sitiado pelo condestavel de Bourbon. Chegando os apostolos um depois do outro aos seus respectivos logares, em torno da meza, ali esperam de pé a chegada do papa. Logo que o santo padre vestido de sotana de lã, roquete e murga branca forrada de arminhos, e acompanhado dos officiaes-môres de sua casa, em *mantellone* entra na *Loggia* destinada, põem-se os apostolos de joelhos o sua santidade depois de lhes dar agua as mãos benze a meza, depois do que um capellão secreto faz uma leitura analogo áquelle acto. Os pratos grandes em que se servem as viandas são trazidos pelos prelados, que de joelhos os apresentam ao papa, que os põem diante dos apostolos, aos quaes por algum tempo ministra o comer e o beber, e dando-lhes pela segunda vez a benção se retira.

#### MATINAS OU TREVAS.

A' HORA do costume vae o santo padre capitular as matinas, como no dia antecedente na capella xistina, onde a musica da primeira lamentação a quatro vozes é de Palestrina, e o miserere tambem de canto figurado da composição de um dos eximios mestres, Alexandre Scarlatti. Feliz Anerio, Bai, ou do que passa pelo melhor, de José Baiini. Ao tempo em que na sobredita capella pontificia se celebra este officio, cantam-se n'este dia, como no antecedente e no subsequente, matinas tambem com musica de capella na basilica de S. Pedro, onde pelo meio dia concorrem todas as confrarias da cidade para receberem a benção das santas reliquias do sagrado *Sudario*, do *Santo Lenho*, e da *lança*, com que o centuriado atravessou o lado de Christo: devoção que o cabido d'aquella basilica vae igualmente fazer depois das matinas, tendo precedido á purificação do altar papal, exclusivamente reservado ao santo padre e aos cardeaes. Faz-se esta cerimonia da maneira seguinte: depois das matinas o conego hebdomadario revestido de estola e da pluvial de côr preta, acompanhado dos seus conegos mais antigos vestidos de roquete, e precedido do cruciferario entre dous acólitos, os quaes vão collocar-se da parte do Oriente junto ao sepulchro que como disse tem o nome de *Confissão*, vem ajoelhar diante do mencionado altar, e entoando depois de orar a antífona *Diviserunt sibi*, continuada sem canto pelos capellães, aspergem os conegos com hyssopos molhados em vinho aquelle altar que o celebrante immediatamente limpa com estopa e toalhas subministradas pelo soto-altareiro, e feito isto e repetida a predita antífona diz a oração *Respice quosumus* e retira-se o cabido.

Apagam-se então todas as alampadas, e luzes dos

altares e dos telheiros, ficando toda a vasta basílica apenas alumada pela claridade que da a cruz latina colossal de fôrta d'arame illuminada, e pendente ante o altar do que acabo de fallar. Fêm esta cruz trinta e tres palmos de altura, e dezeseite de largura, e contém tresentas e quatorze avanças, cada uma com duas lizes, o que faz seiscentos e vinte e oito lumes. A bellissima estampa gravada no anno de 1783 pelo hab. el. senhor Piranesi, e onde se vê representado o prospecto interior d'aquelle templo nas noutes de quinta feira santa, e de sexta feira do paixão em que se repete a mesma illuminação, da apenas uma leve idea do grande effeito optico, que ella produz, parecendo duplicar as proporções d'aquelle grandioso edificio, que então mais fortemente do que em outra qualquer occasião imprime respeito e impressiona a alma. Anticamente havia outra cruz illuminada, e muito maior, contendo mil trescentos e oitenta lumes, dada por um dos papas que tomou o nome de Adriano. Chateaubriand o grand. pintor litterario, como investigador de origens, disse-me que fôrta o elevado e sensível Dante, quem na sua *Divina Comedia*, rica de imagens fortes, deu til a d'esta invenção symbolica da clara e civilisa fôrta luz do christianismo aclarando e esclarecendo o Orbe.

Entre as innumeraveis igrejzas de Roma onde se por sentimentos religiosos se vai fazer a visita do Santo Sepulchro, mencionarei a de S. Antonio dos portuguezes, de S. Thiago dos hospitaes, de *Torre di Spedali*, de S. Silvestre *in Capite*, do Bom Jesus, casa capitular dos Jesuitas, dos Santos Apostolos, dos Menores Conventuaes, donde até ao seu pontificado morou Ganganelli, que supprimiu a Companhia do Jesus e as de Santa Maria em Minerva, e de S. André *deli Tallei*, e a que aos olhos dos eremitas talvez agrade mais na sua simplicidade da a propagauda, onde o venerando cardenal Gorgia, amante e intelligente dos antigos symbolos dos christãos, fez pintar de fôrta do monumento do profeta Jonas saído das fôrtes da baleia com a lenda misteriosa:

« Plusquam Jonas Hic »

allus ao Salvador. Não se dá propriedade mais propria, nem inscripção mais conveniente.

#### SANTA FEIRA DE PAIXÃO.

Neste dia especialmente consagrado á memoria do Redemptor, e do instrumento da redenpção, costumavam n'outro tempo os papas fazer esta devota função de fôrta sexta *in Passione*, que em frase bella eu quer dizer vespera de sabado e na liturgia grega *Missa dos Presantificados*, em que o celebrante communica a hostia consagrada na missa do dia precedente na basílica de Santa Cruz em Jerusa-lem ou *S. Sophia*, onde a rubrica ainda marca a celebração deste dia: desceyendo eu porim a pratica que hoje se segue, direi que na capella xistina, onde actualmente se faz esta cerimonia, estão as velas e tochos amarellas dos castigos do altar e dos candellos apogeados, e a cadeira pontificia sem docei nem outros ornatos, heia como a quadratura cardiua-beia sem ornato e sem tapetes, quando o cardinal *penitenciario maior*, a quem toca officiar neste dia revestido do paramento de côr preta, e sem sandalias, vem e no diazono subliaciono, simultaneamente paramentado, e precedido do respectivo mestre de ceremonias e de sacristaos, que não levam cereias, nem thuribulo no encontro do papa, que entra na capella com phylax de saço encarado e mitra de llama de prata, sem trazer anel, nem dar bençoões, e assim avança ate

ao presbyterio, onde depondo a mitra faz uma breve oração ajoelhando no faldistorio. Passando então o cardinal celebrante para a esquerda da sua santidade, ajoelha ali tambem e ora, em quanto dous mestres de ceremonias estendem sobre o altar de pillo de ornamentos uma só toalha. Feita a oração, levantando-se e cobrindo-se o santo padre vai sentar-se na sua cadeira, ante a qual um bispo assistente lhe apresenta o missal, sem que outro ministro allumie, na fôrta do estylo, com candelas, ao passo que o celebrante sobe com o diacono e o subdiacono ao altar, e o beja, dirigindo-se logo depois ao seu faldistorio, onde se senta em quanto o musico mais moderno canta sem pronunciar o titulo a profecia de Oséas *Hec dixit Dominus*, a que segue o tracto *Domine audivi*, e a oração *Deus a quo et Judas*; terminada a qual o subdiacono lê em tom de epistola a segunda lição *In diebus illis*, tirada do Exodo e seguida do tracto, que como o precedente é cantado em canticão. Fimdo este chegam tres diaconos vestidos de alvas e de estolas e manipulos de côr preta, e depois de sahirem o altar e sua santidade, cantam a paixão segundo S. João na forma praticada em domingo de Ramos. Ao cantarem se as palavras *Eti inclinato capite misit spiritum*, porem-se todos de joelhos. Depois que no fim da paixão o diacono lê em tom de evangelho *Post huc*, sem bençoão, nem cereias, nem incenso, não se dá a beijar o texto sagrado ao papa nem ao celebrante. Começa logo depois o sermão em tom pregado por um jesuita, e no fim do qual o orador annuncia a concessão de uma indulgença de trinta annos. Em seguimento canta o cardinal officiante as dezoito orações ternas pela Igreja, pelo summo pontifice, pelo clero e os mais fieis, pela auctoridade civil, pelos catechumenos, pelos enfermos, pelos encarcerados, pelos viajantes, por todos os atribulados, pelos herezes, pelos judeos, pelos pagãos, n'uma palavra por todos os homens creados por Deus. Só quem, como o viajante de quem tomei estas notas, e como eu, estive por longo tempo longe da patria, é que pôde avaliar a impressão de grande, mas não esmorecida saudade, que a oração em que a Igreja pede pela volta ao ninho paterno de todos os peregrinos, por este tempo em que a natureza cobre os campos da côr da esperanza, fez em nossos animos, quando por diversas razões estivemos ausentes da nossa amada patria.

#### ADORAÇÃO DA CRUZ.

Dixas aquellas orações saem do coreto dous tenores escolhidos, que vão para o lado da epistola responder ao cardinal celebrante, que depondo a pianeta e posto d'aquelle banda, recebe do diacono na extremidade do altar a cruz da banqueta coberta com um véu preto, que se vai tirando nas repetições da antífona. Descoberta a parte superior da cruz, então o officiante *Ecce lignum crucis*, a que o diacono e o subdiacono accrescentam *In quo salus mundi pependit*, e os dous coristas respondem *Venite, adoremus*, todos ajoelham excepto o celebrante, que avangando alguns passos para o meio do altar descobre o brago direito da cruz, e repete-se a antífona acima citada. Quando o côr responde *Venite, adoremus*, o cardinal celebrante chegando ao meio do altar descobre inteiramente a cruz, e então pela terceira vez a referida antífona, e no mesmo ponto um acollito da capella tira o véu da cruz pontifical.

O cardinal celebrante desce então os degraus do altar, levando em suas mãos a cruz descoberta e a vai encostar sobre uma rica almofada preparada para este fim.



gal, e de S. Lourenço in Damaso; a sessão publica, que n'esta tarde ha da academia dos Arcades, tão favorecida dos nossos reis, e de que foram e são membros varios portuguezes, é consagrada á recitação de pegas de poesia, e de descriptos em prosa, em commemoração da morte do Redemptor. Esta sessão costuma ter lugar em casa do custodio geral da referida academia, chamada o Serbatojo.

## SABBADO D'ALLELUIA.

A PARTE da cerimonia d'este dia de *lavor* com *alegria*, que isso quer dizer o vocabulo hebraico *halleluia* que com pouca corrupção passou para todas as linguas, assiste o papa revestido de pluvial encarnado e mitra de lhama de ouro, e o sacro collegio de capa magna violacea na capella xistina, cujo frontal do altar, bem como a armação do solio, é ainda de côr roxa, mas onde já se vêem tapeçarias cobrindo o presbyterio, e a quadratura cardinalicia, e outros ornatos festivos.

Começa a funcção pela benção da agua, do fogo, e dos cinco grãos de incenso que se hão de collocar no cirio pascoal, cerimonia que se faz fóra da capella na *sala regia* visinha. Segue-se a benção d'aquelle cirio, para o que o prelado celebrante acompanhado dos ministros, dos acolitos, e dos maseiros vão primeiro á capella Paulina levando o *tricerco* ou cana com tres vellas, o incenso e uma tocha acesa. Chegando á porta ferrea, chamada a *cancela da sala regia*, accende o diacono uma das referidas vellas, e de joelhos canta *Lumen Christi*, a que o côro responde *Deo Gratias*. Accende-se a segunda vella do *tricerco* no meio da capella xistina, e a terceira junto ao solio pontificio. Canta em seguida o diacono n'um pulpito proximo ao cirio pascoal o hymno *Exultet*, attribuido por uns a S. Ambrosio, ou a S. Agostinho, e por outros ao papa S. Leão, ou a Pedro o diacono, e que passa na opinião das pessoas intelligentes pela mais bella pega d'este genero que se conhece; accendendo-se o cirio com o *tricerco* quando o diacono canta *in ignem accendit*.

Terminada esta benção recitam, o celebrante em voz baixa, e os capellães em voz alta, as lições das doze profecias, a primeira das quaes tirada do primeiro capitulo do *Genesis* era recitada antigamente em grego. Depois da ultima lição (que é quando de ordinario chega o papa e o sacro collegio) despe o monsenhor celebrante a planeta, e vae com os ministros ajoelhar-se por terra ante o altar, e dous coristas ajoelhados no presbyterio comegam a cantar a ladainha de todos os Santos. Dito o verso *Propitius esto* vão os ministros tomar os paramentos brancos na sacristia d'onde voltam quando os coristas cantam *Pecatores, te rogamus, audi nos*; e então o celebrante levanta-se e passa ao seu logar onde igualmente toma ornamentos brancos. Começa então a missa, chamada do *Papa Marcello II*, por uma circumstancia a que já alludi, e que passo a narrar.

Quando este papa, nos breves dias que em 1553 durou o seu pontificado aboliu da sua capella a musica de canto figurado, pediu o grande mestre Palestina ao pontifice que antes de tomar qualquer deliberação a tal respeito, lhe permittisse compor para se executar no sabbado d'Alleluia uma missa a seis vozes, o que lhe foi concedido, e tal foi a impressão que esta composição, que ainda n'este dia se executa na capella pontificia, fez no animo d'aquelle papa, que o dissuadiu do seu primeiro proposito.

havendo não pouca gente que se admire, por não saber a razão da commemoração de uma gloriosa resurreição em dous dias consecutivos. observarei aqui,

que a cerimonia que estou descrevendo, e que ainda hoje conserva em phrase liturgica o nome e rito de missa da noute de pascoa, celebrava-se antigamente antes de raiar a aurora n'aquelle grande dia, e que foi para evitar os inconvenientes que resultavam dos ajuntamentos nocturnos, que se antecipeou esta cerimonia, fazendo que tivesse logar no sabbado.

Passando a referir-lhe, que accesas as vellas da banquetta, assim como os tocheiros dos cancellos, tendo-se virado o frontal roxo e posto o branco, o papa, o cardeal celebrante, e os ministros revestidos dos respectivos paramentos da mesma côr. vão ao supedaneo, onde sua santidade diz com elles o Introito da missa, depois do que sobe ao solio e ali, tendo-lhe os cardeaes prestado obediencia na forma do costume, segue a missa de pontifical celebrada até quasi ao fim conforme o rito ordinario.

Quando o celebrante entõa a *Gloria* (que d'antes era n'esta missa e de Natal, cantado unicamente pelos bispos assistentes) dous acolitos correm o véu que até ali cobria o retabulo, os guardas nobres levantam as pontas das espadas, que traziam em funeral, e a um signal dado por meio de uma girandola, repicam os sinos da cidade, e as pegas de artilheria do castello de Sant' Angelo dão uma salva real.

O celebrante omittindo as palavras *Agnus Dei*, entõa logo depois da communhão nas especies a antifona *Alleluia*, cantando em seguimento os musicos o salmo *Laudate Dominum gentes*, depois do qual o mesmo cardeal officiante entõa bem assim a antifona *Vespere autem sabbati*, a que segue o cantico, *Magnificat* em musica de Lucas Maranzio; e termina com estas orações *inter solemnias* as vespersas, diz o diacono *Ite Missa est*, o santo padre tendo deitado a benção e concedido a indulgencia na forma costumada retrai-se ao seu quarto com o acompanhamento do estylo.

N'este mesmo dia celebra o bispo armenio a primeira missa de pascoa segundo o rito particular da sua igreja na basilica de S. João de Latrão, administra-se o baptismo aos judeus, e aos gentios adultos que entram no seio da Igreja catholica.

Passarei agora a dar uma breve noticia da grande solemnidade do seguinte dia.

(Continúa.)

## MARQUEZ DE REZENDE.

## ESTATISTICA DA POPULAÇÃO DOS PRINCIPAES ESTADOS DA EUROPA.

Datas	Estados	Numero de habitantes.
1850	— Russia . . . . .	68.000.000
1849	— Austria . . . . .	36.965:192
1851	— França . . . . .	35.781:628
1851	— Grã-Bretanha . . . . .	27.619:866
1849	— Prussia . . . . .	16.331:187
1849	— Confederação Germanica . . . . .	10.712:894
1849	— Hespanha (continente) . . . . .	13.715:000
1851	— Portugal . . . . .	3.814:771
1849	— Baviera . . . . .	4.504:874
1850	— Belgica . . . . .	4.426:202
1850	— Hollanda . . . . .	3.036:591
1848	— Suecia e Noruega . . . . .	4.467:355
1849	— Dinamarca . . . . .	2.239:077
1851	— Suissa . . . . .	2.392:740
1850	— Duas Sicilias . . . . .	8.652:458
1852	— Piemonte . . . . .	4.437:584
1849	— Estados Pontificios . . . . .	2.908:015
1849	— Toscana . . . . .	1.699:938
1851	— Grecia . . . . .	995:866
1849	— Turquia . . . . .	21.400.000





ESCOLA NORMAL DE PARÍS.

No intuito de diffundir a instrução de um modo uniforme em toda a França e preparar professores para todos os ramos do ensino, a convenção fundou a escola normal por decreto de 30 d'outubro de 1794. Os regulamentos relativos á organização d'este novo instituto foram promulgados em 13 de janeiro de 1795 e a 19 do mesmo mez teve lugar a solemne abertura dos cursos: 1:509 alumnos enviados de toda a parte da França deviam frequentar as aulas como discipulos externos, para depois estabelecerem escolas normaes secundarias nas principaes cidades. O ensino, sujeito a superior direcção de dois membros do poder legislativo, era confiado a illustres professores, entre os quaes se distinguiam Lagrange, Monge e Laplace nas cadeiras de mathematicas, Haüy na de physica, Berthollet na de chymica, Dautenton nas sciencias naturaes, Volney na historia, La Harpe na litteratura, Berardin de Saint Pierre na moral. Sob a influencia d'estes homens insignes começou a escola sua existencia. Nem o talento, nem o zelo dos professores faltaram aos discipulos: porém, mancos que pela maior parte não possuíam os elementos de tão superiores estudos não podiam seguir com aproveitamento as lições de tão abalizados mestres. Por um lado, estas dadas perante um numerozissimo auditorio, e

publicadas semanalmente n'uma folha periodica, degeneraram muitas vezes em discursos brillhantes, mais proprios para fazer sobresair o talento dos professores do que para amestrar os alumnos nos graves e severos habitos do ensino, por consequencia o resultado não correspondeu ás esperanças que se conceberam: desanimaram talvez muito depressa, e o certo é que a escola foi fechada em 29 d'abril de 1795, apenas tres mezes e alguns dias depois de abertos os cursos.

Contudo, a idéa que presidira a esta tentativa não podia perecer: todo o seu valor foi comprehendido pelo vigoroso engenho de Napoleão. Logo depois da creação da universidade em 1808 estabeleceu por um decreto um ensaio de escola normal para trezentos mancos destinados ao magisterio: não se chegou a preencher aquelle numero: porém, a escola desde o começo deu provas da sua utilidade. A maioria dos homens notaveis da Franca em nossos dias pertence áquella primeira promoção. Seguiram-se os melhoramentos que seria longo enumerar, e no tempo da restauração fizeram-se mudanças na organização interna da escola, submettida a uma disciplina cada vez mais rigorosa. Licenciada em 1822 por motivo de certa manifestação politica, foi de novo aberta em 1826: porém, só verdadeiramente

restabelecida em 6 d'agosto de 1830 por Luiz Philippe.

A escola divide-se em duas secções, litteraria e scientifica, em cada uma das quaes o curso dos estudos é de tres annos. A primeira comprehende os alumnos que se destinam ao ensino da philosophia, litteratura, historia e grammatica. Sendo bachareis em bellas letras ao entrar na escola devem obter o grão de licenciados nas mesmas disciplinas no fim do primeiro anno, que é dedicado exclusivamente a preparar este exame. Os estudos do segundo anno abrangem a historia das litteraturas grega, latina e franceza, a historia da philosophia antiga e moderna, e um curso de historia geral; estes dous primeiros annos são communs a todos os alumnos, qualquer que seja o ramo especial que pretendam adoptar; mas o objecto do terceiro é completar os conhecimentos de cada um nos estudos ou philosophicos, ou historicos, ou litterarios conforme o ensino a que se destinam.

A secção das sciencias comprehende os alumnos que se preparam para o ensino das mathematicas, da physica, da chymica e da historia natural. Os diversos cursos scientificos não podem ser distribuidos de um modo tão favoravel como os da secção litteraria. Os alumnos devem ter o grão de bacharel em sciencias mathematicas ao entrar na escola, e são obrigados sob pena de exclusão a obterem no deurso dos dous primeiros annos os dous grãos de licenciados em sciencias physicas e sciencias mathematicas. Não obstante o que acima ponderamos, o ensino scientifico é tão solido e fructifero como o litterario.

A escola normal superior, annexa a principio ao lyceu imperial, transportada depois para uma casa da rua dos Correios, mudada novamente para uns edificios velhos, de dependencia do collegio de Luiz XIV e local acanhado e insalubre, acha-se ha annos n'um sitio espaçoso e bello na rua de Um por detras da Val-de-Grace.

#### A SEMANA SANTA EM ROMA.

« Un volume ne suffirait pas pour peindre en details toutes ceremonies de la Semaine Sainte: on sait de quelle magnificence elles etaient dans la capitale du monde chretien. »

CHATEAUBRIAND. *Genie du Christ.*

#### DOMINGO DE PASCOA.

No ASSOMAR a aurora, quando as avos com os seus gorgeios dão no ar aromatizado das flores de primavera graças ao Creator, os sinos de todas as cento e trinta igrejas de Roma christã, e repetidas salvas do castello de Sant'Angelo, que na Roma pagã tinha o nome de *Mole Urbana*, aonde em diversos tempos estiveram fortificandos, além dos romanos ja em decadencia, os gregos, os godos, os alemães e os francezes, annunciam a grande solemnidade da resurreição do Homem Deus. Desde as oito horas da manhã os dragões, e os arabineiros pontificaes postados para manter a ordem nas ruas, que desembocam n'aquelle forte e na praça de S. Pedro, despertam como ne notava a imaginação viva, poetica e romantica de Chateaubriand) pelos ramos de buxo e de oliveira, que trazem nos capacetes em memoria do immortal Triunphador da morte, os antigos soldados legionarios romanos, que da outra banda do Tybre faziam praça no *intermedium*, ou via entre

o monte *Palatino* e o *Capitolino*, aos triumphadores do mundo, corçados de louros e de victorias. Pelas nove horas a guarda urbana e os guardas do capitolio guarnecem, pondo-se em alas, o vestibulo da basilica de S. Pedro, na qual se faz a funcção, e o espaço, que entre a arca de Constantino e a estatua collosal do Principe dos Apostolos, ha na bella e grandiosa nave principal d'este vasto e misterioso edificio, onde a architectura, a esculptura, a pintura, as artes de fabricar o mosaico e de fundir o bronze, a composição do estuque, o officio de dourador, em fim todas as artes inspiradas pelo christianismo contribuíram para esta obra de mão mestra, como o sensivel Ariosto lhe chamou nos seguintes versos:

« Siede un tempio, il piu bello e meglio adorno  
Che veggia il sol, fra quanto gira intorno. »

Pouco depois começam a chegar áquelle templo e ao palacio contiguo os cardeaes, a prelatura, o corpo diplomatico, e uma innumeravel multidão de pessoas de todas as classes, tanto nacionaes como estrangeiras, se é que, como com alto pensamento disse o já por mim tão citado Chateaubriand, alguém deve ser tido por estrangeiro em Athenas, Jerusalem, e Roma. Os cardeaes e prelatura, dirigindo-se á *sala ducal*, tomam ali os ornamentos correspondentes á festividade, e, as diferentes ordens, em que estão divididos, seguindo depois os membros do sacro collegio até á camera dita *letto de paramenti*, onde juntos com outras dignidades ecclesiasticas e seculares esperam o santo padre, a quem dous cardeaes diaconos assistentes, depois de servida a lavanda pelo condestavel Colonna, que n'esse dia é o principe dosolho, revestem de amito, alva, cingulo, estola, pluvial branco e *formalio precioso*, especie de brocha de ouro cravejada de brilhantes, que encaixa no alamar que aperta as duas bandas do pluvial. Posta depois a tiara, ou triregno, deita sua santidade por tres vezes incenso no thuribulo, que de joelhos lhe apresenta o decano da assignatura, e pegando-lhe na cauda o principe do solho, dirige-se precedido dos circumspectantes á *sala ducal*, onde toma assento na *sede gestatoria* ou andor, de que já fallei, em que vai levado por *doze seclarii* debaixo do pallio, nas varas do qual pegam oito referendarios da assignatura, indo de cada lado um capellão secreto com um *flabello*, ou grande leque aberto, de plumas de pavão, sobre uma haste forrada de veludo carmezim, e d'esta sala se põem em marcha o pomposo acompanhamento pela seguinte ordem. Vão diante de tudo os officiaes menores da casa pontificia seguidos dos procuradores geraes de todas as ordens religiosas, dos camareiros *extra muros*, dos capellães ordinarios, seis dos quaes levam quatro tiaras e duas mitras. Vêm depois os capellães secretos, os advogados consistoriaes, e os camareiros secretos. Seguem os cantores pontificios, os abreviadores *del Parco Maggiore*, os votantes da assignatura, os clerigos da camera apostolica, os auditores da rota, e o mestre do sacro palacio, que é sempre um religioso dominico. Atraz d'estes vem dous capellães secretos trazendo as mitras usuaes, o clerigo da camera, que leva o estoque, o votante da assignatura com o thuribulo e a naveta, e immediato a este entre sete acolitos ceroferarios o auditor da rota mais moderno, com vestes de subdiacono, levando algada, e com o crucifixo virado para o pontifice, a cruz processional de tres braços, indo dos dous lados dous mestres ostiarios, denominados de *virga rubra*, ou custodios da cruz. Seguem depois em dalmatica o auditor da rota, que ha de

fazer o ministerio de subdiacono latino entre o diacono e o subdiacono gregos (que sempre são d'esta nação; e apoz elles os penitenciaris ou confessores da basilica de S. Pedro vestidos de planetas; os albedes mitrados, os bishops, arcebispos e patriarchas, todos de mitra, à excepção dos prelados do Oriente, que segundo o rito privativo das suas igrejas, usam de um como diadema. Logo em seguida d'estes prelados, pela maior parte decorados com o titulo de assistentes ao solio pontificio, vão dous a dous os cardeaes diaconos de dalmaticas, os presbyteros de planetas, e os bishops, que são os prelados das seis igrejas suburbicarias, de pluvial, levando todos mitra. Seguem immediatamente os conservadores e o governador de Roma, o principe assistente ao solio pontificio, o vedor e o estribeiro mór de sua santidade, o primeiro e segundo mestre de cerimonia; o cardinal que ha de cantar o Evangelho entre os dous cardeaes diaconos assistentes, e o santo padre sentado na *sedes gestatoria*, e debaixo do pallio, entre os fribellos, como fica dito: indo dos dous lados d'aquella especie de andor os cadetes e communs da guarda nobre entre alas de arceiros trajando os uniformes feitos pelos desenhos de Buonarroti. Vão atrás do papa o fisco do tribunal da rota entre dous camareiros secretos e o archiato pontificio, que servem os ministerios mais conjunctos com a pessoa do pontifice, fechando o prestito o auditor da camera, o thesoureiro mór, o mordomo mór, os protonotarios apostolicos participantes e honorarios, o ajudante da chancellaria e o auditor *delle contabelle*. Entre os muitos prelados que no anno a que me reporto acompanhavam Gregorio XVI n'esta augusta cerimonia, iam o cardeaes Macchi e Franzoni muy conhecidos e estimados em Portugal, o cardinal Mezzofanti, polyglota prodigioso tão admirado de todos, o cardinal Monaco tão interessante pelo seu longo cativeiro em Africa, e no qual a graça homérica estava unida a graças do céu, e o cardinal Mai, a quem devo mais de outras muitas e muy importantes descobertas de manuscritos antigos algumas obras de Cicerone. Vinham ali tambem dous prelados, um portuguez, que apesar de pertencer a um partido contrario ao meu sempre respeitei pela sua profunda sciencia, e outro que só menciono por ter seis annos depois aceitado das mãos sujas dos carcereiros de Pio IX, e dos assassinos de Rossi um cargo na regencia da ephemera republica romana, deservindo a fiação que o elevava, para servir o desastro diadema da tyrannia de muitos. Quadram bem a este pouco idoneo, e muito idoso ex-decano da Rota, a quem os *barreles vermelhos* fizeram perder o romo, e o capello, dous textos frisantes, um de Vieira, que achou que haviam elevações, que não eram *crecimentos*, mas *crecenas*; e outro de Rivarol, que dizia que na vida ha duas infancia, e uma *primavera*.

Pedindo perdão aos meus leitores d'esta e de outras digressões, e tornando ao meu assumpto, direi que o melhor ponto para contemplar o apparatus cortejo, que acaba de descrever, é o patamar da escada de Constantino, pela qual se vê deozer pela *escada regia* o soberano pontifice sobressaindo n'uma espessura de mitras, e e tornam aquelle acompanhamento o mais magestoso, que pôde pintar-se na imaginação; e com que o papa entra pela porta principal da basilica, onde é recebido pelo cabido, avindose ao mesmo tempo os sons dos instrumentos das musicas militares, collocadas na parte inferior do portico, e das vozes dos musicos da capella, que cantam o verseto *Tu es Petrus*.

Chegando sua santidade pelo cruceiro a capella

do Sacramento exposto, deixa a *sedes gestatoria*, e ora ali algum tempo, passando depois ao altar da *confissão de S. Pedro*, cuja primorosa banqueta e imagens dos dous primeiros apostolos, foram feitas por Buonvenuto Cellini) torna a fazer oração, e levantandose, ao passo que as pessoas que o acompanhavam toman os seus respectivos lugares, vae sentar-se no throno de *Tertio*, onde depois de receber a obediencia do estylo, da principio aquella hora canonica; e em quanto ella é cantada de canthada se o acompanhamento d'orção pelos cantores da capella, diz o papa as orações preparatorias para a missa, e reveste-se para ella da seguinte maneira:

Depois de lavanda ministrada, pela ultimo nobre do solio, que no anno a que fallo, era o principe Ruspoli, acompanhado d'um auditor da rota, de dous massiros, chamados d'antes *orientes auro-rum*, o cardinal diacono do evangelho despe o santo padre das vestes sagradas, de que até ali estava paramentado, e o reveste do sobrecinto, de que prende um como manipulo, da cruz peitoral, do fanoze, ou murcha de tecido de ouro, que vae passando sobre todos os ornamentos, da estola, da tunica, da dalmatica, das chirotecas, ou livas, do planeta, do *pallium*, e finalmente da mitra; pondo-lhe o cardinal decano o anel pontificio. Depois de deitar incenso no thuribulo, baixa o summo pontificio o throno, em que estava, e precedido dos thuriferarios, dos sete coroferrarios, da cruz, do subdiacono latino, que leva o Evangelho, do diacono e subdiacono gregos, do cardinal diacono do evangelho, do cardinal decano, dos dous cardeaes diaconos assistentes, dos dous auditores da rota, que pegam nas fimbrias da loba de sua santidade, e do primeiro mestre de ceremonias, encaminha-se o papa seguido dos patriarchas, arcebispos, bishops, e mais prelados assistentes, ao throno maior, e voltando a mão direita, avança até á extremidade da qualratura cardinalicia, onde o esperam tres cardeaes presbyteros mais modernos, a cada um dos quaes abraça por duas vezes; e depois d'este rito antiquissimo a que os liturgistas dão varias interpretações mysticas, que omitto por não estender mais este ja assis longo artigo voltam os tres purpurados aos seus lugares, dirigindo-se o summo pontifice ao supedaneo do altar, onde tem de celebrar. Chegando ali, e tendo de posto a mitra, começa fazendo o signal da cruz o Introito e mais preces preparatorias, que nos primeiros seculos se faziam na sacristia, e que todo o clero presente ao mesmo tempo recita, dando o subdiacono grego o manipulo a sua santidade logo depois das palavras *Inclinationem et absolutum*, em quanto o coro canta o bello Introito *Resurrexerit* e o versiculo *Domine*, dizendo a *Gloria Patri* quando o papa tem subido ao altar, que elle heja, assim como o livro, que o subdiacono latino lhe apresenta, passando depois a incensar o mesmo altar, e recebendo em seguida a thurificação do cardinal diacono do Evangelho heja este, assim como aos dous assistentes, na face esquerda e no peito. Fim da esta cerimonia, sae elle do altar para o throno fronteiro, e tirada a mitra he o Introito, e diz com os assistentes os *Lyrics*, que no coro se cantam ao mesmo tempo, e apoz os quaes entoa o *Gloria in excelsis*, que os musicos seguem, e sua santidade recita de pé, sentando-se logo depois, bem como todos os que toman assento na sua presença.

Tanto que os musicos acabam de cantar o hymno angelico, levantam-se todos, e o santo padre tambem erguido e sem mitra diz: *Pax vobis*, a que o coro responde: *Et cum spiritu tuo*, canta a oração rica de eloquencia: *Deus, qui hodie die, per Unigenitum tuum, aterratisti nobis aeternam devicta morte*

*vescrasti* etc. no fim da qual se senta, e torna a tomar a mitra e o gremial, ou panuo que lhe cobre os joelhos. Sobee então o subdiacono latino, e junto ao throno, em que o papa se revestiu, canta em latim a epistola: *Frates, expurgate vetus fermentum*, que o subdiacono grego canta em seguimento no seu idioma, e que o pontífice lê em voz baixa, depois do que vão os dous ministros beijar os pés a sua santidade. Então immediatamente os musicos o gradual *Hæc dies* e a sequencia *Victimæ Paschali*, que o santo padre igualmente lê de vagar, sendo aquella sequencia cantada por musica de Mathews Simonelli. Tomando então o cardeal diacono o livro do Evangelho que pouco antes collocára sobre o altar, vae beijar a mão direita do papa, que finda esta acção, deita incenso no thuribulo, e voltando depois d'isto o mesmo cardeal ao altar, ante o qual diz de joelhos: *Munda cor meum*, levanta-se ditas palavras, e tomando o livro que ali pozera, levando á sua esquerda o subdiacono latino acompanhado dos sete ceroferarios, e precedido do thuriferario diz: *Jube, Domine, benedicere*, a que sua santidade respondendo, *Dominus sit in corde tuo*, lança-lhe a benção. Levantando-se todos os ministros, e dirigindo-se ao lugar competente, canta ali o cardeal diacono em latim o Evangelho do dia, que o diacono grego sómente assistido de cinco ceroferarios canta immediatamente depois na sua lingua, tendo antes pedido a benção ao pontífice. Este canto da epistola, e do Evangelho nas duas linguas, para mostrar a unidade das igrejas Latina e oriental, e a supremacia da primeira, sendo um uso antiquissimo e praticado d'antes, como refere Mabillon em todos os conventos beneditinos; marca tambem debaixo do ponto de vista litterario, a confraternidade d'aquelles dous idiomas, e quanto na antiga Roma e na parte da Italia meridional, que tinha o nome de *Grande Grecia*, era commun e bem aceita a linguagem da Grecia propriamente dita; pedindo eu licença ao falso ou enganado zelo de alguns catholicos que hoje, sem pedir venia ao papa se têm declarado tão cruaemente contra os classicos d'aquellas linguas, para acabar e dizer aqui que S. João Chrysostomo, S. Gregorio Magno, S. Ambrosio, S. Thomaz d'Aquino, Prudencio, Santenil e Ceffino, despertaram a lyra grega e a latina nas produções que nos deram nas linguas de Homero e de Virgilio.

Não costumando haver sermão nas funcções em que o papa officia, então elle logo depois de cantado o Evangelho o *credo*, e acabado elle diz sua santidade: *Dominus vobiscum*, e lê em voz baixa o offertorio: *terra tremuit*, que os musicos da capella ao mesmo tempo cantam n'uma admiravel musica de Felix Anerio, e o moteto de Victoria, que começa: *Quem vidistis*. Na capella real dos reis de Baviera, canta se em vez d'este moteto o setimo ramo do Salmo 23: *Allotite portas, principes, vestras, et elevamina porta aternales: et introibit Rex gloria*, poesia onde as ideas não mais longe que as expressões, e que a musa de Milton (que foi melhor poeta, que politico) imitou quanto lhe foi possível na sua deliciosa composição: *Open ye everlasting doors!* sendo aquellas palavras do profeta rei tão appropriadas á circumstancia, como o é á letra a composição da musica a vezes feita por Orlando Lasso.

Em quanto se canta o *offertorium* o moteto, fazem o que chamam a *propra das especies*, tomando o cardeal diacono duas das tres hostias, que lhe são apresentadas, e dando-as a engolir ao monsenhor sacrista, põem a terceira na patena, assim como pratica com o vinho e a agua de que o mesmo prelado toma uma porção antes de preparar com estes dous liquidos o

calix. Foi esta precaução tomada quando os envenenamentos eram muy frequentes em Italia, e em outras partes da Europa.

Feita esta prova, o pontífice, tirando o anel que tomara estando no throno de *Tertia*, e recebendo outro mais pequeno, desce do solio, e subindo ao altar, o beija no meio, e recebe do cardeal diacono a patena com a hostia e o calix, que offerece do modo ordinario, seguindo-se em tudo o mais até a elevação o que prescreve o ceremonial romano.

Depois da consagração e adoração da sagrada hostia, faz a elevação em fórma de cruz, no meio, á direita e á esquerda, e o mesmo faz com o calix; continuando a missa pontifical do modo ordinario até ao *Agnus Dei*. Dito este e dado o osculo da par, ajoelha reverentemente, e volta ao throno de mãos postas e sem mitra. Então o diacono do Evangelho, que ficou junto do altar do lado da epistola, com estas olhos postos de modo a vêr o Sacramento e o pontífice, assim que este tem chegado ao solio, faz genuflexão, e pondo sobre a patena, que contém a hostia consagrada uma estrella de ouro, a que em grego se chama *asteriscos*, com doze raios, em cada um dos quaes está gravado em caracteres semi-gothicos o nome de um Apostolo, e elevando a patena de fórma a ser vista pelo povo, a entrega ao subdiacono que está de joelhos do lado do Evangelho, que a leva ao papa, o qual ajoelhando adora o Sacramento e se levanta; logo o diacono pegando no calix, e elevando-o, o conduz ao pontífice, que o adora, como fez á hostia, e tornando a por-se de pé fica collocado entre aquelles dous ministros. Feito isto os dous bispos assistentes levam a candela e o missal a sua santidade, que n'elle lê as duas orações antes da communhão; e tirando o primeiro mestre de ceremonias o asterisco de sobre a hostia, o papa tomando-o com a mão esquerda, a divide em duas partes, e quando tem dito por tres vezes, *Domine, non sum dignus* recebe uma d'ellas, dividindo a outra em duas para dar a communhão ao diacono e ao subdiacono latino. Logo depois o diacono chega com o calix, e o cardeal decano beijando a mão do santo padre lhe entrega a *fibula aurea*, com a qual elle absorve uma parte do sangue. Quando o côro acaba de cantar o *Agnus Dei*, dá o papa a communhão ao diacono com uma parte da hostia, e com a outra ao subdiacono, os quaes voltam ao altar, trazendo o primeiro o calix com a *fibula aurea*, e o segundo a patena, e ali consomem o resto do sangue. O pontífice e todos os assistentes dobram os joelhos quando o ministro leva o calix para o altar, e o diacono voltando ao solio canta o *Confiteor*, e torna ao altar, onde toma a pyxide, que mostra ao povo, e depois entrega ao subdiacono, o qual a conduz ao pontífice, que dito o *Miseratur e Indulgentiam*, dá, como sempre que celebra, a sagrada Eucharistia a todos os cardeaes diaconos, admitindo tambem n'este dia a communhão o principe assistente ao solio, e outras pessoas seculares, que têm logar na capella pontifical. Feitas as purificações, vae o principe condestavel ao solio dar a lavanda a sua santidade, que, ao entôarem os cantores o *Communio* torna ao altar, onde na fórma prescripta pelo ceremonial acaba a missa.

Concluida esta, o pontífice despe os ornamentos com que se preparou para celebrar-a; e, tomando o pluvial e a tiara, vae, apoz uma breve oração, sentar-se na *sede gestatoria*, onde recebe os trinta Julios de ouro, que entrega ao cardeal diacono, que logo os dá ao caudatario pontifício, offerecidos pelo cardeal crepreste da basilica de S. Pedro, em nome do cabido, *pro Missa bene cantata*, como aquelle pre-

lado, conforme um antigo formulario, costuma dizer ao santo padre.

Segue depois d'isso o papa com o mesmo cortejo até ao meio da basilica, onde prostrado no genuflexorio venera as reliquias da paixão, que um conego expõem na tribuna chamada da Veronica, e logo depois d'esta devoção vae sua santidade á *Loggia* ou grande varanda sobre o portico da basilica de S. Pedro, onde dá a benção papal, que por delegação sua costumam tambem, os bispos dar, n'este mesmo dia, em todas as cathedraes do Orbe catholico.

Achando-se os principes de sangue real e os membros do corpo diplomatico nas tribunas para elles preparadas sobre o terrado da columnata do lado do palacio do Vaticano, onde Carlos V. Francisco I, Gustavo III, José II, Paulo I, Alexandre I, Napoleão, Christina, e tantas outras corôas, e sceptros levantados ou caídos, onde o Ariosto, o Tasso, Montaigne, Mabilion, Montesquieu, Barthelemy, Lalande, Chateaubriand, Milton, Nelson, Byron, Tristão da Cunha, Macedo, Vieira, Alexandre de Gusmão, e tantas outras pessoas eminentes em dignidade, saber, valor, e virtude, presenciaram e admiraram em diversos seculos esta devota e magestosa função, a que assistem muitos milhares de pessoas postas ao longo dos muros lateraes do portico, ou junto ao obelisco de Sesostris, nos entrecolumnios do peristyllo, e em todas as partes onde se pôde avistar o papa; eis-aqui o aspecto geral que presenta a praça de S. Pedro d'este alegre dia: Os camponezes dos montes de Sabina, e dos campos circumvisinhos de Roma, estão empilhados no terraplano da fachada e da escadaria que conduzem áquelle logar. A tropa, tendo as musicas militares no centro, está formada no grande espaço que ha entre aquelle terraplano e o obelisco, junto ao qual estão apinhados os transtiberinos, cujas feições e proporções são vislumbres dos antigos romanos, além dos habitantes de outros hairros pobres, como Borgo, e Monti. Os accessos para a columnata estão occupados pelos fieis de todas as classes; o resto da praça e as ruas adjacentes por quinzentas ou seiscentas carroagens. Quando ao soar meio dia se presume que vae dar-se a benção, para logo todos os olhos se fixam na *Loggia* ainda vazia, mas onde dentro em pouco tempo se vêem successivamente chegar a cruz processional, as tiaras e mitras que se collocam na balaustrada, e os cordeaes, dous a dous, que apparecem e se retiram, ficando a tribuna novamente desoccupada. Mas eis-que no fundo da *Loggia* se avista e se vê chegar á balaustrada, sobre um andor, um venerando ancão de vestes sagradas e cordado. Bem depressa os carrilhões e sinos que até ali repicavam, cessam de tocar; e a artilheria que trovejava emmudece. Dobra então aquella immensidade de gente reverentemente os joelhos, e o vigario de Christo na terra, elevando as mãos, como para attrahir sobre ellas as graças do céu, abençoá por tres vezes, em nome do Todo Poderoso, aquella piedosa multidão. Immediatamente o castello de Sant'Angelo salva com vinte e um tiros, e os sinos da Cidade Eterna tornam a dar signaes de alegria.

Logo depois da Benção papal um cardeal diacono publica em latim, e outro em italiano, a indulgencia plenaria concedida n'esta occasião pelo pontifice, que descansando um pouco na ponderação ou na vista d'este grande espectáculo, se conserva ainda por algum tempo aos olhos do povo. Levantando-se elle depois, e dando-lhes de novo a benção, sem a acompanhar de palavras, sae da *Loggia*, e volve ao *Letto de Paramenti* com o mesmo numero e vistoso cortejo com que d'aquella camara saiu.

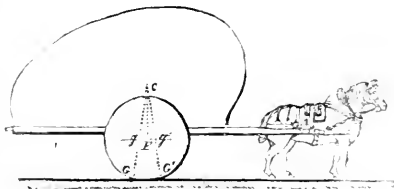
A fidelidade com que fiz esta narração pede que

eu observe n'este logar, que o nome tão pia e tão poetico de *Benção Solemne urbi et orbi*, que geralmente se dá em Portugal, em França, na Italia, e até mesmo em Roma, a esta acção religiosa, é, como outros muitos ditos vulgares, inteiramente destituido de fundamento, pois que nenhuma tradição authentica o justifica, nenhum liturgista de auctoridade o abona, e, finalmente, nem a formula da benção e da indulgencia o autorisa, nem (o que decide completamente a questão) o ceremonial romano o indica.

Em todo o caso, a impropriedade d'aquella expressão não faz que o papa não seja considerado, entre os catholicos, como o *primeiro dos reis*, e, o *primeiro dos sacerdotes*, como no seu Dictionario Philosophico diz Voltaire, que certamente não pôde ser suspeito d'ultramontanismo; provando elle assim que a raça charlatã do philosophismo usa da sua consciencia, como os que usam de luneta se servem do vidro, de quando em quando, e que nem sempre está de honra de dizer heresias.

Terminando este artigo, peço perdão aos leitores a quem elle desagradar por carecer da tinta ou sombra de romance que hoje é moda dar a todos os escriptos descriptivos ou historicos: mas eu penso, como muita gente, que os romances de hoje, terão pela maior parte, a sorte dos romanos antigos, que conquistaram o mundo, mas não o puderam guardar.

#### MARQUEZ DE REZENDE.



#### CARRO DE CARGA EQUILIBRADA.

Nem só em Portugal, mas em França os meios de transporte em carros são ainda os antigos, postoque entre nós muito mais grosseiros e pesados. O jornal d'onde tiramos a nossa estampa e que é datado de julho do anno passado, diz o seguinte:

«A carreta ou carro de duas rodas, em sua simplicidade inteiramente primitiva, é quasi o unico vehiculo empregado nos transportes em o nosso paiz; exceptuando alguns departamentos do norte e de leste não se conhece outro nos campos, e é restrictissimo o uso das carroças ou carros de quatro rodas.

«Não se ha de attribuir a usança velha esta preferencia; mas sim, á simplicidade de construção da carreta antiga, seu peso relativo á facilidade de manobrar, e o exigir menos esforço de tracção que os vehiculos de quatro rodas. Comtudo, a par d'estas vantagens tem um grave inconveniente. O carro de quatro rodas não exige do tiro senão esforços de tracção propriamente ditos parallelamente á superficie do caminho. Não é assim no outro carro:

o cavallo mettido nos varaes, e que em grande numero de casos é o unico motor do vehiculo, fórma com as duas rodas o terceiro ponto de apoio necessario a estabilidade do carro, resultando que a deslocação do centro de gravidade da carga, quer para diante quer para traz do eixo transmittie ao cavallo uma acção vertical, dirigida de cima para baixo ou ao inverso, a qual lhe carrega nos rins pela pressão ou tende a levantar-o em virtude da silba mestra.

«A figura dá a explicação d'estes effeitos.

«Estando o centro da gravidade da carga em C acima do eixo E quando o caminho é horizontal, o carro está em equilibrio, e o cavallo dos varaes não soffre outras impressões verticaes que não sejam as procedentes das pequenas desigualdades do caminho. Mas se a estrada desce e o carro se inclina para diante, a vertical partindo do centro de gravidade vem passar adiante do eixo na posição figurada pela linha CC. Se ao contrario o caminho sobe e inclinando-se o carro no mesmo sentido, a vertical passa atraz do eixo na posição marcada pela linha GG. D'alhi resultam sobre o cavallo os esforços successivos que marcamos. Suppondo a altura CE da carga acima do eixo igual a 1<sup>m</sup>, 20, a distancia EA do eixo ao ponto do varal onde prendem as correias igual a 4 metros, e o peso da carga a 4.000 kilogrammas, as impressões verticaes transmittidas ao ponto A são, para um declive ou rampa de 3 centimetros de inclinação por metro, de 60 kilogrammas, e augmentam perto de 12 kilogrammas, tanto n'um sentido como no outro, por cada centimetro mais de inclinação.

«Portanto, quando o caminho é subida, quando o cavallo precisa de toda a sua força e todo o seu peso para vencer a fricção e acção da gravidade, é por assim dizer levantado e perde a sua adherencia com o solo. Ao inverso, quando o carro desce, quando o peso d'este arrasta o cavallo para diante e o obriga a resistir, acha-se sobrecarregado pelo excesso do peso resultante da deslocação do centro de gravidade da carga, e ainda por outros movimentos.

«Todos têm visto este duplicado effeito que fadiga o animal que o soffre: o cavallo em parte suspenso faz esforços estereis para subir uma rampa, e depois tendo de descer é opprimido pelo sobrecarrego.

«Um habitante d'Argentan observou attentamente este mal e imaginou o seguinte remedio. Consiste o seu systema em fazer variar a posição do centro de gravidade da carga em relação ao eixo, segundo sobe ou desce o carro. Para o conseguir propoz dous meios. No primeiro, a distancia entre o cavallo e o centro de gravidade da carga fica a mesma e é o eixo que se faz avançar ou recuar, segundo os casos, para que venha tomar a posição dos pontos *g* ou *g'* da figura acima estampada. Pelo segundo meio a distancia entre o cavallo e o eixo é fixa, e é a carga que se faz avançar ou recuar de maneira que, segundo for necessario, seja o ponto *g* ou *g'*, marcado na figura, que venha coincidir com o eixo.

«N'estas duas disposições o mechanismo simples que produz o movimento do eixo ou da carga actúa ao mesmo tempo sobre todo o systema dos raios da roda de modo que faz applicar os freios contra as rodas, quando o carro desce, com uma energia que augmenta conforme a inclinação da rampa.»

#### SOBRE O DESCOBRIMENTO DA COMUNICAÇÃO ENTRE DOUS MARES AO NORTE DO CONTINENTE AMERICANO.

Por se referir a dous portuguezes distinctos, posto que em diversas epochas e diversos ramos, transcrevemos a seguinte nota do sabio hespanhol D. Ramon de la Sagra, publicada em um jornal de Madrid, de 2 de março ultimo.

«Recentemente e por motivo das investigações praticadas em pesquisa do capitão Franklin perdido nos mares polares, os jornaes mencionaram a relação estampada em Londres da viagem do capitão Mac-Clure em que se apresenta como um descobrimento novo a existencia de uma passagem ou estreito, que une e communica o Oceano Atlantico com o Pacifico. A relação do maritimo britannico, a sua intrepidez no meio dos perigos que passou entalado nos gelos, e as noticias dos singulares habitantes que encontrou n'aquellas longinquoas e desconhecidas regiões, deviam excitar e com effeito excitaram o mais vivo interesse na imprensa europea.

Este notavel assumpto o foi tambem de uma das conferencias que costumam ter quasi semanalmente com o sabio e erudito visconde de Santarem, residente em Paris ha annos para gloria da sua patria e adiantamento da sciencia. Quando ao meu apreciado visconde de Santarem se toca em qualquer ponto de investigação historica ou geographica, carece-se de tomar immediatamente a penna ou o lapis para não perder a preciosa multidão de noticias, de datas, de nomes, que saem da sua boca com uma facilidade e facundia, como se lesse um livro especial sobre a materia. Recordo-me tristemente de que outro tanto me succedia em Madrid com o eruditissimo e profundo D. Martin Fernandes de Navarrete, que morreu com a magoa de não ter conhecido pessoalmente o seu digno amigo e justo apreciador, visconde de Santarem.

Voltando, pois, ao objecto d'este artigo vou transcrever o que me disse este sabio na conferencia a que me refiro, e o farei quasi litteralmente. «Parece-me (disse) que a exploração feita ultimamente pelo valente e intrepido capitão Mac-Clure para achar passagem entre o mar Atlantico e o mar Arctico, deve ser confrontada com as relações das expedições e tentativas feitas pelos antigos maritimos, de que nos liearam documentos authenticos.

«Fôra preciso comparar primeiro a moderna relação com a do navegante portuguez Gaspar Côte Real, que empreheendeu achar a mesma passagem ao norte para ir ás Indias. Dirigiu-se com effeito por aquelle lado em 1500 e examinou primeiro o rio S. Lourenço, costeando depois a terra que chamou de Labrador até o cabo de Chidley, que julgou que formava a entrada do estreito, por onde devia achar a passagem de um para outro mar, e é o estreito que recebeu depois o nome de Hudson.

«Côte Real recolheu a Portugal a annunciar os seus descobrimentos, e prestes tornou a partir; porém n'esta grande viagem o baixel em que navegava peccou ou desapareceu como o de Sir John Franklin; Côte Real achou-se, pois, como este e como o proprio capitão Mac-Clure, encerrado entre os gelos d'aquellas altas latitudes. Um de seus irmãos partiu a procura-lo: mas desgracadamente soffreu igual sorte.

«Cumpre advertir que os dous irmãos tinham sido precedidos n'aquelles mares por outros dous navegantes em 1464, Vasco Annes Côte Real e Alvaro Martins Homem, que descobriram a terra do *bacalhau* (Terra Nova).

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA.

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

IX.

A RESOLUÇÃO.

«Não tenho à mão agora o livro summamente raro, intitulado *Il Nuovo Mondo*, etc., 1507, onde se acha a carta de Pascalino, embaixador da republica de Veneza em Lisboa, datada de 29 de outubro de 1501 e dirigida ao seu governo, na qual refere as particularidades da viagem de Gaspar de Córte Real e da chegada dos esquimaos conduzidos por este a Lisboa, e que foram appresentados a el-rei D. Manuel, etc.

«O proprio facto da catastrophe de que foi victima o intrepido Córte Real em sua segunda viagem, assim como o irmão que ia proceural-o, podia provar que ambos tinham penetrado no mar polar, visto que mr. Mac-Clure diz: «que é inútil enviar socorros a qualquer que fosse arrastado para o mar polar, porque nenhum navio que entre n'aquelle abysmo pode sair.» Acrescentarei que na carta inédita de João Freire de 1436, as explorações sobre as costas orientaes da America do norte chegam até o cabo que elle chama Cabo Branco, situado por 72 graus de latitude boreal, por consequencia nos altos parallelos da bahia de Baffin. Este facto prova que não foi Hudson quem descobriu em 1710 o estreito que communica este mar com o Atlantico, como pertendem os modernos que não conheceram as cartas antigas.

«No mesmo seculo, anno de 1588, o navegante hespanhol Lourenço Ferrer Maldonado atravessou do mar Atlantico ao mar Pacifico pelo nordeste. A relação de Maldonado achasse n'um manuscrito hespanhol conservado na bibliotheca ambrosiana de Milão, e foi publicado por Amoretti em 1811 com as antigas cartas que se acham no original. O que todavia ha mais notavel sobre as viagens ao norte, é que no famoso mappa-mundi de Fra-Mauro de Veneza de 1459 achasse, sobre o mar Glacial, uma legenda, que diz: «que no seu tempo um navio catalão tinha passado ao norte da Russia e da Sibéria.

«Resumindo as minhas recordações sobre as viagens ás partes orientaes da America do norte, resulta que houve quatro expedições portuguezas a essas paragens nos primeiros annos do seculo 16.<sup>o</sup> A exploração das costas, dos golphos, dos estreitos e dos mares até 72 graus de latitude boreal, achasse confirmada pelas cartas antigas e pelos auctores da mesma epocha, como tambem pela nomenclatura hydrographica portugueza que se acha nas mesmas cartas. As ditas quatro expedições foram: primeira de Gaspar Córte Real em 1500; segunda a do mesmo em o seguinte anno, terceira a do irmão d'este em sua busca; quarta finalmente, outra enviada por el-rei D. Manuel em procura dos dous irmãos Córte Real. Os capitães d'esta levaram instruções de explorar de novo todas as costas orientaes até ás latitudes mais elevadas.

«Os nomes impostos por Córte Real durante a sua primeira viagem em 1500 acham-se nas cartas desde 1508, isto é, sete annos depois de seus descobrimentos, até á carta de Ortelio em 1571, na qual se notam alguns. Finalmente, proponho-me a demonstrar tudo isto n'um extenso trabalho que me occupa ha tempos.»

Tacs foram em resumo as indicações do meu illustre amigo sobre a recente relação do capitão Mac-Clure, as quaes me apresso a publicar com n'um oportuna no momento presente, e interessantes para os homens estudiosos em geral, e particularmente para os que colhegem dados para rectificar a tão equivocada e imperfecta historia dos descobrimentos maritimos em o Novo Mundo.

A DICTADURA moral do conde em toda a Hespanha christã era incontestavel. Mas d'essa mesma aureola popular, que cercava o seu nome, nascia todo o perigo que estava imminente ao seu poder. Amavam-no os povos? Temiam-no, e detestavam-no os reis. Os proprios califas tratavam de melhormente com estes, que viam no cimo das dignidades humanas. Estes eram os seus pares, os seus affins pela similiação do cargo, os seus amigos por uma certa solidariedade de interesses de potencia a potencia. Os outros, mesmo aos olhos dos representantes do profeta eram vassallos, inferiores, intrusos, como quem diria *revoltosos*, nomes feios com que todas as autocracias estabelecidas usam de-conceituar toda a tentativa, que se encaminha a combatel-as, ou destruil-as, por legitima e justificada que seja. Os imperantes de Cordova esbofetavam indirectamente as rebelliões brotadas com frequencia no seio do islam, com a mesma mão benevola que constantemente estenderam aos reis christãos, quando estes em apuros pelas revoltas dos senhores feudaes viuham humilhar-se aos inimigos da cruz.

D'esta vez se o rei de Leão sollicitava submisso a alliança, ou antes a protecção do miramolim, este, pelo que o leitor ficou deprehendendo do dialogo dos valis de Saragoça e Cordova durante o banquete, procurava entender-se com Ramiro. A victima votada por ambos era Fernão Gonçalves. N'este pacto de destruição forçosamente interviuha como cumplice o rei de Navarra. Tinha reusado a mão de sua filha ao chefe castelhan, e pretendera enlaçal-a com a do mortal inimigo d'este, o conde Vela. O Vela era morto, e agora Abdallah, filho do califa, aspirava ao thalamo d'aquella princeza, entre a qual e Fernão Gonçalves havia promessas e penhores de consorcio.

Ameagado o seu poder por uma liga formidavel de inimigos, ferido nas suas alleições ou antes no seu capricho, porque a ternura do homem padecia somnolencias longas no politico, cujo sentimento sempre vigilante era a ambigão. — duas circumstancias havia, se bem de differente alcance, que mortificavam especialmente o conde, e com maior intensidade do que o não opprimia a situação critica do seu estado. Uma era a perda do sinete, apesar de não receber jid'ahi-n'nhuma outra praça rendida, pelas medidas de precaução tomadas para o evitar. A outra era a omisão da cerimonia militar do arauto, que os miramolims de Cordova costumavam, quando se proclamava o algazaz, enviar aos principos christãos, para os intimar em nome do vigario do profeta a elles e ao seu povo, que renunciassem ao culto dos idolos e seguissem a lei de Allah, o deus verdadeiro e o unico, sob pena de abandonarem throno e patria aos filhos de Ismael. Mas a falta do arauto importava apenas uma descoorteza irritante para o amor proprio de um chefe soberano, em quanto a perda do anel se reputava entre as gentes um como desaparecimento do palladio do condado. Era um apoio moral, quasi um apoio divino, que fugia aos

defensores de Castella. A mesma crença supersticiosa, com que os romanos olhavam a salvação do imperio dependente da conservação do escudo sagrado, preoccupava os castelhanos a respeito do sinete da provincia.

Recollendo o seu espirito na vespera de um acontecimento supremo, pensando a probabilidade de um movimento combinado das tropas leonezas e arabes contra Castella, attentando n'umas certas mostras de frieza ou de temor, que entraram a manifestar-se em alguns senhores forasteiros que seguiam o seu pendão, calculando os contras e apreciando pouco as vantagens de um plano de campanha estritamente defensivo, Fernão Gonçalves cortou o nó cego das difficuldades que o cercavam com uma resolução arrojada. Saiu com a sua hoste de vinte mil de cavallo e dez mil de pé ao encontro do califa.

A poucas leguas de Lerma uma avançada da cavallaria castelhana encontrou a columna volante dos arabes, travando-se entre ambas escaramuças de pequena monta. Apareceu depois o proprio Fernão Gonçalves á frente de numerosos esquadrões, e de um corpo de bésteiros. A columna arabe debandou então completamente, fugindo a todo o galope. Conseguiu ganhar uma boa dianteira ao inimigo, mas rebatendo-lhe de improviso de um bosque espesso uma turma de cavalleiros alaveses commandados por Inigo Lopez, foi detida por estes. Em poucos minutos chegou Fernão Gonçalves, e os arabes entalados entre forças muito superiores em numero, experimentaram um desbarato completo. O coudo perseguiu os fugitivos distancia de duas leguas dos arrayaes do califa, e só ahí parou um instante, retrocedendo depois.

N'este intervallo os bésteiros castelhanos derramados pela planície, e muito á retaguarda do corpo que accossava os inimigos, mettiã a sacco os arabes que encontravam jazendo no chão, mortos ou feridos, quando inesperadamente os surpreendeu uma pequena partida de cavalleiros mosselemanos. Era Abdelmelek, o filho do califa, que destacando-se do seu corpo e tendo entregado ao seu seguimento o commando da columna fugitiva, tomara um grande desvio para que o não sentisse o corpo principal dos castelhanos, e voltára ao sitio do combate com os alavezes. O motivo que o obrigava a commetter este rasgo de temeridade, era o desaparecimento do seu secretario, ferido ou morto na refrega, e o receio de que caissem em poder dos christãos papeis de grave importancia, que aquelle confidente do príncipe trazia consigo.

A gente de Abdelmelek começou a sua busca pelos corpos, que jaziam sobre o campo, sem opposição, porque os bésteiros no primeiro sobresalto fugiram. Mas vendo estes que a força inimiga não passava de uma centena de homens, cobraram animo, formaram um meio-círculo e desfecharam um chuveiro de setas sobre os cavalleiros. Houve mesmo alguns mais ousados, que se adiantaram das fileiras. Um d'estes o Diogo bésteiro buscava todas as traças de ferir o príncipe. Vendo que se lhe embotavam todos os virotes na bem temperada armadura de Abdelmelek, tentou approximar-se d'elle. O príncipe dedignando-se de enospar armas n'um peão, fornecava a lança em ordem a afastal-o. Mas o importuno peão porfiou tanto, chegando-se cada vez mais, que o chefe arabe, já agastado, passou-lhe o braço esquerdo com a lança, e o Diogo arrebatando-a da mão ao dono, fugiu com ella. A lança era uma peça de muito valor, tauxiada de ouro e cravejada de pedras preciosas. Os arabes quiseram ir logo na cóla do fugitivo para a restituirem ao seu capitão. Este po-

rém com o primor característico da sua raça, tevelhes mão, dizendo: «Deixae esse desgraçado! que ao menos se escapar da ferida lhe fiquem meios para a curar.»

O bésteiro que não podia ouvir estas vozes tão favoraveis para elle, corria como a seta despedida do arco, até que por fim cafu sem accordo esvaído em sangue; e um cavalleiro castelhana que ao acaso n'esse momento passou por elle, vendo a preciosidade da lança, tirou-lh'a e levou-a.

Entretanto Abdelmelek havendo achado o seu secretario entre os feridos, recolhio os papeis que buscava, quando uma nuvem de pó que se levantava do lado de Lerma, avisando-o da approximação da cavallaria castelhana, o obrigou a confiar-se á extrema velocidade do seu corcel.

A ordem d'esta narração forga-nos a deixal-o, e a seguir por um pouco aquelle bésteiro ferido e roubado do esplendido despojo da sua campanha, cuja indole o tinha desprendido das paixões, das virtudes e do fanatismo da epocha, pondo-o superior ao seu tempo a torpeza do egoismo junta com o instincto da duvida, como a outros os elevou acima do seculo, em que viveram, a grandeza do genio e do coração.

O Diogo que ao recobrar os sentidos se achou já na caserna de Burgos com um frade á cabeceira, exhortando-o a que cuidasse da sua alma, a primeira cousa em que elle fallou foi na sua lança. Vendo que ninguem lhe dava noticia d'ella, fez mesmo exaustão de forças uma berraria tal, que ao cabo de alguns minutos todos os seus camaradas se convenceram de que a ferida não era de morte, e em poucas horas se descobriu quem tinha a lança.

O cavalleiro, que a roubára, não quiz porém restituil-a. Formaram-se então duas parcialidades, uma que esposou os interesses do bésteiro; e outra os do seu espoliador. Houve pleito por causa da lança. O pleito foi debatido na instancia inferior, depois appellado para o tribunal do conde, que o remetten para o vigario; e o vigario que era tão decidido n'uma refrega com o montante nas mãos, hesitava entre os dous litigantes, isto é, entre a cavallaria e infantaria, como o caso de um navio velho fluctua entre duas correntes oppostas. Entretanto a parcialidade contraria ao bésteiro espalhou a noticia da sua morte. Este boato divulgado em toda Burgos, serviu por um dia ou dous de pasto á conversação das mulheres do povo em todos os soalheiros.

— «Já lá vae o Diogo?» perguntava para outra uma das visinhas da Vejarrua.

— «Já. Já está onde nós bavemos de estar também,» respondia a interrogada.

— «Louvado seja Deus!» rematava a interrogante.

— «Não digaes tal, visinha Margarida! não digaes tal!» interrompia a tia Josefa, que as escutava da sua porta, «o maldito morreu em peccado, como um barbo com a isca no bucho; que bem lh'o dizia a avó, quando elle, sendo rapaz, ia todas as manhãs furtar cerejas ao cerrado da comadre Eufrasia.»

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

— Os governos justos são sempre os mais fortes; alguns tratam de ser fortes sem lhes importar ser justos.

M. CARVALHO — APORISMOS.





SUA Magestade a Senhora D. MARIA II

Sunt lacrimae rerum, et mentem mortalibus  
tangunt.

VIRGIL. — ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici  
amoris exubiis pergebat.

SUET. IN CESAR.

ARCUM SUUM TENDIT... ET IN EO PARAVIT  
VASA MORTIS.

PSALM. VII, V. 13.

A RAINHA dos portuguezes ha cinco mezes que descaça debaixo das alobadas do seu jazigo real em S. Vicente de Fora!

A vida na florescencia contava-lhe ainda largos os annos de ventura; mas a morte, seguindo-a de perto, já lhe estendia as sombras sobre o rosto, quando ninguem o suspeitava!

Logo que a triste nova se divulgou, traspassando de pezar e assombro a quantos alcançava, todos se recusaram a acreditar-a. Era a sublime incredulidade do amor; e para a vencer foi necessario que a evidencia, arrastando o luto de um reino, viesse chorar a immensa dor!

Foi preciso que o som lugubre do canhão, o dobre pesado dos sinos, e as armas em funeral, confirmassem a orphanidade, cujo grito lacerava o coração, em torno do leito aonde jaziam os restos d'Aquella, que horas antes se chamava soberana e poderosa, e do alto do throno parecia superior á inevitavel queda das grandezas humanas!

A rainha vòu a unir-se á grande alma de seu pae, e foi abraçar-se pela ternura com o espirito gentil de sua irmã, como ella, e adiante d'ella, arrebatada nos annos mais doces. De tantas pompas resta apenas um nome e a memoria; mas a verdade, em pé sobre o seu tumulo, de cada vez nos aviva a noção da saudade!

O esplendor do sceptro apagou-se nas trevas da eternidade; o ouro do diadema caíu ao ardor das tochas funebres; a purpura desbotou-se nas côres do sudario; porém acima dos horrores da morte, e das ruínas do aniquilamento, sobrevivem as virtudes dos príncipes, e não ha lapide que esconda essas, nem silencio que as occulte!

Depois do juizo de Deus, vem o juizo dos povos! Depois do premio immortal está a commemoração da historia, está o epitaphio aberto pelo voto unanime das opiniões oppostas!

E bello, é nobre triumphar assim pelo julgamento nacional, quando elle puro de lisonja sie de todos os labios, e se escreve com as lagrimas das populações contristadas! Apesar de melancolico, é formoso o espectáculo dos subditos, juntando o seu pranto ao pranto dos reis, com as fronte inclinadas diante de um sepulchro, lamentando, como propria, a perla do monarcha!

Como seriam consoladoras e suaves para o peito da rainha, senão fosse ja frio e insensivel, as palavras repetidas em volta do atauda, fazendo o elogio insuspeito da posteridade ás magnanimas acções que lhe illustraram o solio, e abençoando, como vozes de outra justiça mais alta, no seu reinado de dezoove annos, experimentado de tantos reveses, as inclinações benéficas, e as demonstrações affectuosas!

Quando um povo inteiro está de joelhos, orando sobre uma sepultura, é quasi impio interromper as suas preces. Olhos arrastados de lagrimas não vêem claros os horisontes de qualquer quadro, e seria cego de mais attina para tudo o que não fosse a eloquencia do coração.

Aplacados os impetos, e acalmada a vehemencia da commoção, livre o pincel, e mais serena a intelligencia, ha lugar então para o desenho menos incompleto do retrato, sem tanto perigo de confundir as linhas e as côres.

Foi a razão, porque não tentámos antes esta noticia tão desejada dos nossos leitores.

A affeição, que a senhora D. Maria II consagrava ao paiz que governou, revelava-se em todos os seus actos e palavras. Os progressos adiantados nas artes e nas letras exaltavam-na de regosijo e de orgulho; e as publicações uteis e populares mereceram sempre do seu animo elevado e generoso activa protecção e fecundo impulso. Não podia por tanto esquecer-se este jornal de um dever, nem preterir além do espaço indispensavel o cumprimento d'elle. Se até hoje demorou a commemoração, foi porque a hora se lhe affigurava pouco propria, e nas grandes calamidades publicas, quando a alma das povoações se carregava de luto, quasi que equivale a uma offensa perturbar o silencio eloquente das suas maguas.

Agora que as lagrimas menos vivas pelo tempo, que as consome, converteram em branda melancolia de saudade a paixão mais forte, chegou o momento de expormos em resumido painel o bello vulto da soberana, descrevendo sem falsos enfeites, ou mentirosas exaggerações, as grandes qualidades, e os dotes preciosos, que illustraram a rainha, exaltando ao mesmo passo a mãe e a esposa.

A historia ha de vir mais tarde. Austera e imparcial, como a verdade, cuja luz transmitta, levanta-se na posteridade entre o passado e o futuro, e estranha aos odios e affectos das gerações, que chama á vida, sabe ponderar o louvor e a censura, pisando sem resvalar a aresta dos precipícios inevitaveis para os homens do presente.

Procurámos ser exactos, despindo o coração de sentimentos apaixonados; mas tão proximos da epocha, e interessados nas idéas e nos resultados que a dominam, seria temeridade supprirmos que o conseguimos. Os mesmos successos, diversamente considerados na actualidade que os presenciam, avaliam-se segundo as escolas, as opiniões, e os individuos que os julgam; e só a ignorancia ousaria presumir de si que descobriu o meio termo, o ponto de equilibrio, em que a verdade e a justiça se encontram, dando as mãos.

Empenhando os maiores esforços para sermos rectos, e não escaudarmos por allusões improprias, ou por phrases aggressivas, as feridas mal fechadas das desditosas discordias de hontem, fizemos o que deviamos, e o que todos tinham direito a exigir de um trabalho d'esta natureza.

Mais era impossivel. Como se havia de correr o véu, absolutamente, sobre acontecimentos politicos, que enchem o periodo dos ultimos trinta annos, compondo a physionomia dos personagens e das cousas? Delineando as feições capitais da vida e reinado da senhora D. Maria II conforme requeria o assumpto, não podiamos separal-os dos factos, em que prendiam, nem tratando d'elles deixarmos de os caracterisar conforme o sentido que para nós encerram. Livre a cada um annuir, ou combater!

As virtudes da soberana para os adversarios mesmo da sua dynastia, estão acima de tudo, puras e intactas! Cui vultu se perante o feretro real, como cavalleiros e como portuguezes, sem mancha, antes com lustre da propria divisa, estes deram testemunho da evidencia a Deus e á consciencia.

Na filha de D. Pedro, e neta dos nossos monarchas, senão podiam acatar mais do que uma prinzeza do sangue de Bragança, estimaram sempre as

prendas, que o throno realça, mas não ensina. Adiante d'isto poderiam ir a historia, e as opiniões dynasticas, mas não ha jus para querer que cheguem os que luctam em contrario campo.

Na idade de trinta e quatro annos, em que falleceu, a senhora D. Maria da Gloria tinha visto a fortuna maltractar-lhe a infancia, e cheia de rigor, provar-lhe com o golpe successivo das adversidades a grandeza e a conformidade do animo, fazendo-lhe verter as lagrimas da orphandade quasi desde o berço, e as da viuvez logo na flor da juventude.

Os trabalhos dos principes são a lição dos povos; e aquelles, que a Providencia visitou com amarguras repetidas, escolhendo-os para exemplo dos seus designios, ensinam melhor a confiança em Deus e na verdade com o testemunho de uma vida nobre e agitada do que muitas existencias communs, que os reveses não sacudiram, e nenhuma provação energica perturbou, chegando ao termo dos seus dias, e adormecendo no throno, ou na obscuridade, sem saberem mais do mundo e dos segredos moraes, do que poderam aprender na observação de uma carreira placida, e tão distante das grandes tempestades como dos grandes jubilos, que illuminam a alma, se alcançou vencer-as!

Estava a côrte portugueza ainda refugiada no reino do Brazil, aonde se acolhera desde os fins do anno de 1807, salvando-se a liberdade do monarcha, e a futura esperanza da independencia, quando repellidas as tropas de Bonaparte, e resgatado o solo nacional, socegou o impeto das armas, e a aurora de uma longa paz raiou finalmente no horizonte.

Napoleão, duas vezes obrigado a render a espada aos exercitos colligados da Europa, e captivo em um rochedo no meio dos mares, recordava em Santa Helena as illusões da victoria, e as vaidades da ambigão. Os povos desopprimidos do pezo das guerras de quasi meio seculo ardiam em desejos de recuperarem o tempo esteril das discordias nas emprezas da civilisação. As artes e as sciencias, meias soffocadas no conflicto militar, agora mais livres alargavam o passo, e na impaciencia de se aperfeiçoarem multiplicavam a actividade, os descubrimentos, e as applicações. Na esphera politica os reis, desassombrados do recio incessante, que lhes incutia a vontade do conquistador, cuidavam de repararem os estragos da lucta, e de subjugarem pela unidade de principios o amor das novidades e os desejos de liberdade, que a communicação de idéas, mais ou menos, infiltrara nas gerações nascidas depois da revolução franceza.

Descansando dos combates interiores e dos esforços magnanimos, empenhados contra o estrangeiro, os povos estavam ainda como entorpecidos, porem cedo começaram a inquietar-se, e pela grande voz das multidões principiam a exigir o cumprimento das promessas de reforma, firmadas na hora da angustia, entre soberanos e vassallos. Luiz XVIII reinava em França, Fernando VII em Hespanha, e uma regencia, sob a tutela da Grã-Bretanha, regia em nome do benevolo João VI os destinos de Portugal. A Russia e a Austria, de mãos dadas, dirigiam a politica de reacção pelo ascendente da sua diplomacia; e o pavilhão inglez nos braços de gabinetes ultra-conservadores, não era como hoje o protector nato, claro ou encubierto, da emancipação e do progresso.

A familia real portugueza, ausente e mal informada, ignorava os queixumes e o desgosto que lavravam por todo o reino, e queria moderar da escuridão e da distancia os acontecimentos, que lhe

escapavam. Ansioso de destructar tranquillidade, e de viver desafrontado de euadidos, D. João VI prolongava a sua residencia na America, e parecia mais disposto a fazer de Portugal a colonia, e da colonia a cabeça do imperio, do que a expor-se outra vez aos mares, vindo mitigar a saudade, e satisfazer os votos dos seus subditos.

Debalde avisos prudentes lhe notavam o perigo, procurando despertar-o; a sua bondade inerte não se decidia ao sacrificio dos commodos, que destructava. Tudo acertaria, contando que o deixassem nas doçuras dos seus retiros e passeios, e na convivencia familiar dos seus lisongeiros e confidentes. A educação dos principes seus filhos não o preocupava; uma vez que os tivesse longe do governo, e que por meios indirectos lograsse desviar-os dos estudos e reflexões graves, dava-se por contente. Seguro de conseguir que não soubessem mais do que elle, e de os entreter em caçadas e corridas, o velho monarcha reputava-se ao abrigo de qualquer exigencia ambiciosa; e certo do amor dos vassallos não pensava senão em se desfadar dos dissabores domesticos, que lhe entristeciam o coração.

Mas seu filho primogenito, o senhor D. Pedro de Alcantara, era dotado de caracter ousado e emprehendedor, de ingenho prompto e feliz, e ardia em impaciencia de figurar na scena do mundo em um papel, de que lhe resultasse relevo e fama.

Apezar dos ardis calculados para o apartarem dos livros e da lição, aproveitava a oportunidade, e quasi a furto instrua-se nas artes e sciencias, que importa mais a um rei conhecer desde a mocidade. Sincero e inimigo da doplez, o que sentia patenteava-o, e a apathia e inveterados erros da côrte de seu pai nem sabia, nem queria poupal-os nas reflexões, com que descubria a miudo os rasgos de um talento observador, e de um juizo claro e penetrante.

A decoraçào eadua do pago, os costumes aduladores de muitos dos que o povoavam, e a obstinacão dos ministros em proclamarem a immobildade, como a grande base da conservacão dos estados, mereciam-lhe reprovacão, e não era proprio da sua indole oecental-a. Aquelles a quem assustava esta severa linguagem, e que previam n'elle o futuro demolidor da sua preponderancia, naturalmente redobravam de planos e de machinacões para o arredarem dos negocios, representando-o perante o facil ciismo do soberano como perigoso e menos experiente. D'aqui nascia multiplicar-se o recato e o sigillo das decisões governativas, e buscarem-se todos os modos de impedir o principe de exercer a menor influencia.

Inspirado pela memoria de seus avós, e pungido pelos estímulos do sangue, D. Pedro, propoz e supplicou repetidas vezes que lhe fosse permitido, como herdeiro da coroa, vir collocar-se a testa dos soldados portuguezes, e participar dos perigos e da gloria da guerra da independencia. Suspirando por estudar os usos e inclinacões do povo, que um dia havia de reger, e por estrear a sua carreira, aprendendo a guerra na eschola do primeiro capitão do mundo, e dos adversarios illustres que o combatiam, encontrõ sempre a decidida repugnancia de seu pai, e os pretextos espiciosos dos conselheiros interessados em o conservarem ocioso, e quasi obscuro, ao lado de um throno, que já não tinha outro apoio verdadeiro senão o amor dos subditos, procedido do conhecimento das qualidades pessoas do monarcha.

N'esta posição contraria ao gosto e propensões do seu genio, e com estas diffidencias a soffrer e a contrastar todos os dias, chegou o principe ao anno de 1817. e a 18 de maio apertou o laço conjugal com

a archiduzes de Austria D. Maria Leopoldina, senhora de raras virtudes, e de saudosa recordação, para quantos tiveram a ventura de a apreciar. D'este feliz consorcio o primeiro e desejado fructo foi a senhora D. Maria II, nascida no palacio de S. Christovão, suburbano da cidade do Rio de Janeiro, em domingo de Ramos, 4 de abril de 1819, pelas cinco horas da tarde.

Mas era destino do senhor D. Pedro que a fortuna nunca deixasse de lhe provar o animo, mesmo nos instantes que lhe deviam de ser mais gratos. N'esta occasião os jubilos do amor paternal foram anuaveados pelo luto de uma noticia infausta, chegada pouco antes, e só divulgada dez dias depois por motivos de prudencia para com o melindroso estado de sua esposa. A rainha de Hespanha, D. Maria Isabel, a mais amiga e presada de suas irmãs, fallecera de parto na primavera da idade; e recebendo subitamente o golpe doloroso, o principe perdeu os sentidos, e chegou a excitar serios cuidados.

Coincidencia singular! Logo ao abrir os olhos no berço, a rainha viu-o molhado com as lagrimas de uma perda, cuja causa foi a mesma que trinta e tres annos depois motiva a magua e orphandade do seu reino!

Com pequeno intervallo, e successivamente, seguiram-se aquella triste nova outras de igual pezar. Os reis catholicos Carlos IV e D. Maria Luiza desceram ao tumulo, e pouco depois o infante de Hespanha D. Antonio. A corte portugueza, no meio das galas natalicias, que a deviam regosijar, foi obrigada a carregar-se de luto, em quanto por toda a parte se toldava o horizonte politico, rebentando as revoluções em diferentes pontos da Europa.

Com estes presagios entrou no mundo a senhora D. Maria II, conferindo-se-lhe desde logo, segundo o estylo, o titulo de princeza da Beira, e conservando-o depois do nascimento do principe D. João, seu irmão, como se tinha praticado com a senhora D. Maria Thereza.

No dia 3 de maio, em que a Igreja celebra a Invenção da Santa Cruz, d'onde veio o primitivo nome ao imperio, em que a recém-nascida viu a luz, foi o seu baptismo solennemente administrado pelo bispo do Rio e capellão mór D. José Caetano da Silva Coutinho, no antigo convento de religiosos carmelitas calçados, que então servia de capella dos reis.

A princeza era levada pelo conde da Louzã D. Diogo de Menezes, mordomo mór da archiduzes Leopoldina, e acompanhada pela marquez de S. Miguel D. Marianna Xavier Botelho, camareira mór e aia, e pela sua dama camarista D. Ignez da Cunha, depois marquez de Torres Novas, sendo padrinho e madrinha el-rei D. João VI e a rainha D. Carlota Joaquina, e servindo de mordomo mór de el-rei e gentil-homem da real camara o sr. Antonio Telles da Silva, depois marquez de Rezende.

As insignias (a veste candida, o cirio, e o massapão) foram confiadas aos marquezes de Lavradio e de Torres Novas, e ao visconde da Asseca. Na pia baptismal a princeza, por devoção particular e promessa de seu pae, recebeu os nomes de Maria da Gloria Joanna Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Michaela Gabriella Raphaella Gonzaga. O *Te Deum* cantado logo depois da cerimonia foi de composição do senhor D. Pedro de Bragança, regendo a musica o famoso mestre Marcos Antonio Portugal.

Em testemunho da satisfação real publicaram-se muitos despachos. Fr. Patricio da Silva, bispo eleito de Castello Branco, foi nomeado arcebispo de Evo-

ra; Fr. Vicente da Soledade, monge beneditino, foi creado arcebispo da Bahia; o doutor Francisco Alexandre Lobo, escriptor distincto, teve o bispado de Vizeu; e o doutor Luiz da Cunha d'Abreu e Mello o de Beja. O bispado de Castello Branco foi dado ao doutor José de Miranda Coutinho, e o de Angra a Fr. Manuel Nicolau, religioso carmelita. Ao desembargador Manuel Telles da Silva fez-se mercê do priorado mór de Aviz; a Fernando Telles da Silva do condado de Tarouca; e a D. José de Castello Branco do titulo de conde de Pombeyro. O conde de Amarante, depois marquez de Chaves, recebeu a graça de uma vida no mesmo titulo; aos gentis-homens da camara de el-rei concedeu-se a mercê de se cobrirem nos actos de corte como os grandes do reino.

Outros muitos favores e graças concorreram para o esplendor da galla.

Quem diria então, vendo junta e conforme a flor da nobreza, que dez annos mais tarde uma fatal divergencia viria separal-a em campos inimigos? De toda a familia real, que então brillava e crescia em volta do throno, de todos os dignitarios, que assistiam áquella festa, quantos existem? Quantos desajariam volver á risonha aurora d'aquelles dias de esperanza e de concordia! Derroceram apenas trinta e tres annos, e a morte, a ausencia, ou as dissenções, não deixaram senão tres d'elles, para acompanharem ainda a S. Vicente os restos mortaes da senhora D. Maria II, que tinham conduzido em tanta pompa e alegria a receber a agua baptismal!

Outra funcção, proxima, a 27 de junho seguinte tornou a reunir a corte. Foi a cerimonia da apresentação da princeza por seus paes e avós na igreja de Nossa Senhora da Gloria em cumprimento do voto do sr. D. Pedro. Um poema engenhoso de Fr. Francisco de São Carlos, denominado a « Assumpção » descreveu este religioso passo nos versos do sexto canto.

Mal a princeza entrava no segundo anno de sua idade, quando o abalo dos acontecimentos de Portugal levou D. João VI a tomar a resolução de voltar do Rio de Janeiro para Lisboa, deixando no Brazil o Principe com o titulo de Regente das possessões portuguezas. O somno da inercia, que dormira a corte, fechando os ouvidos a todos os conselhos e advertencias, tinha sido necessario o estorpedo da revolução da metropole para o despertar.

Nem o exemplo das commoções da Italia e da vizinha Hespanha, nem as queixas, padecimentos, e desgosto dos subditos, procedidas do pezo intoleravel da tutela ingleza, e da incapacidade e fraqueza dos governantes, apar dos primeiros symptomata de ardente desejo de se mudar de existencia, a poderam tirar da insensibilidade, em que se engolphava. A conspiração de 1817, e a tragedia, que a desenlaçou pelos horrores do campo de Santa Anna, fizeram derramar lagrimas ao velho monarcha sobre a sorte das victimas, (ás quaes enviava o perdão) mas não o arraucaram ainda ás delicias da immobibilidade. Veio finalmente o grande movimento de agosto e setembro de 1820, e atraz d'elle os successos de fevereiro, março, e abril do seguinte anno; então el-rei, já desilludido, não ousou espagar por mais tempo uma decisão indispensavel, e dispoz-se para a partida, que posta em execução alguns mazes antes teria demonstrado maior prudencia. Assim mesmo, para se convencer, foi preciso que as vozes de liberdade, levantadas em Portugal, atravessassem o Atlantico, e que se lhes aggregasse o grito espontaneo, com que as saudou o applauso do Brazil!

D. Pedro, incapaz de disfarce, e inclinado aos principios novos por indole e razão, escutou com prazer

a noticia do que succedera no reino, e não cuidou de moderar, ou de esconder os seus transportes. Filho respeitoso, e amigo leal de seu pae, aproveitou a occasião para lhe patentear a verdade, rasgando o véu de enganos e lisonjas, com que lh'a tinham occultado. Ouvindo sobre o que mais convinha adoptar-se no apuro das circumstancias, o seu voto foi claro a favor da obrigação de identificar o throno com os interesses da nação, salvando assim os direitos da corôa, e conservando intacta a devoção dos subditos á casa real, que por tantos esforços haviam sustentado á custa de sangue e de sacrificios generosos. Agradou o parecer ao pae, e o soberano da mesma forma se mostrou disposto a attende-lo desde logo; porém, indeciso e tímido sempre, D. João VI recendo a responsabilidade, procurou repartil-la, chamando o seu conselho. Este composto de alguns dos que mais trabalhavam por desviar o príncipe, propozeram que elle rei continuasse a residir no Rio de Janeiro, e que sua alteza, na qualidade de regente, viesse a Portugal encarregar-se do governo, sujeitando, porém, a uma condição violenta e inextinguível para elle a prova de confiança de seu pae.

Affirma-se que nada menos involvia esta clausula secreta do que o compromisso solemne, imposto a D. Pedro, de extinguir no reino a revolução triumphante! O duque de Bragança recusou immediatamente, e em tal alternativa, checando a firmeza do seu animo, os confidentes não acharam outro meio de o arredarem do lado do monarcha, e de contrastarem a sua influencia, senão a approvação da vinda de D. João VI para a Europa, ficando sua alteza governando no Brazil. Assim se praticou, e o desditoso soberano volven á patria, aonde o esperavam repetidos sobresaltos e dissabores.

Entretanto crescia a nobreza D. Maria II junto de seu pae, entre os carinhos e desvelos maternos, e na feliz innocencia da sua tenra infancia, assistia sem as poder ainda avaliar, ás desgraçadas perturbacões, que mais ou menos activas nunca deixaram de inquietar o espirito do príncipe, depois aclamado imperador do Brazil.

Completava apenas o setimo anno da sua idade, quando o senhor D. Pedro herdou o sceptro de Portugal, por occasião da morte de el-rei D. João VI.

Recebendo a corôa, e deplorando com saudade a perda do virtuoso monarcha, o príncipe em testemunho de respeito á memoria de seu pae entendeu que lhe cumpria satisfazer desde logo á promessa feita em 1823, quando a reacção triumphante ameaçou de perto o throno, derrubando o edificio vacillante das liberdades recentemente plantadas.

O giro dos acontecimentos, e as alteraçoes subsequentes, demoraram a promulgação do codigo politico afiançado em Villa Franca, e moldado pela carta de Luiz XVIII. A commissão escolhida para formular as bases chegara a dispor o projecto completo, cujo texto existe nos archivos do ministerio competente; mas a morte, e antes toda a especie de inquietaçoes impediram o velho soberano de se decidir. Além d'isso a sombra ameaçadora da Hespanha absolutista, e diversas insinuações não menos significativas, influíram poderosamente para alongar o prazo, e depois para sepultar a promessa, e a obra principiada em virtude d'ella.

Estava portanto tudo suspenso n'este sentido, quando o senhor D. Pedro chamado pelas leis da successão, como primogenito da casa de Bragança, tomou as redêas do governo. O primeiro cuidado consistiu em assignalar o começo do mais curto dos reinados por grandes actos de desinteresse e de civica illustração.

Perido de amarguras, e mais cortado pelos desgostos mortaes do que pela accção dos annos, D. João VI deuseu ao tumulo em 10 de março de 1826, deixando creado um conselho de regencia, presidido por sua alteza real a senhora infanta D. Isabel Maria. Enquanto o luto consternava o reino, e o pranto dos subditos orvalhava o atauda do monarcha, os partidos, que dividiam desgraçadamente o estado, voltavam os olhos para o Rio de Janeiro, e aguardavam com ansiedade as primeiras palavras do senhor D. Pedro.

Uns viam n'elle a esperança das novas idéas, e o reformador vigoroso, que desde a mocidade inculcára. Outros, querendo que a purpura modificasse o homem, e que o officio de reinar o tornasse diferente de indole e de intenções, pediam em altas vozes o silencio, e até a oppressão dos adversarios, repetindo em uma Basílica de Lisboa a famosa phrase de Salomão aos inimigos de David: *noni pati illos esse inozios!*

No meio das incertezas, e do conflicto doloroso entre irmãos, chegaram do Brazil as suspiradas noticias. Concedido á dôr da orphandade o tempo, que exigia o coração, o sr. D. Pedro manifesta-se desde logo o homem, que foi depois. No silo abriu a carreira que devia fechar, como soldado heroico, nas linhas do Porto, e nas fadigas da lucta.

Em 26 de abril chegou a participacão da morte de seu pae; e já a 27 o príncipe assignava a mais generosa e ampla amnistia por opiniões politicas, abrangendo de longe a todos os portuguezes no mesmo pensamento de amor e de tolerancia. Cubrindo sem excepção os filhos da patria com o manto da sua magnanimidade, recolhe-se a meditar o segundo acto do seu governo, e apresenta-o igualmente grandioso e memoravel.

A 29 de abril allumia o sol o decreto de outorga da carta constitucional, bandeira da nova dynastia, pelo espontaneo pacto pelo rei proposto aos subditos.

Finalmente a 2 de maio, com a mesma nobreza de sentimentos, com o mesmo ardente desejo da felicidade geral, publica a abdicacão da corôa de Portugal, cedendo-a em sua filha a senhora D. Maria da Gloria, e ajustando o casamento da princeza com o sr. D. Miguel de Bragança, seu irmão, na idea de enlaçar por um consorcio ditoso a todos os membros da casa real, firmadas ao mesmo passo as institucões, com que brindava o berço do seu nascimento.

Está já longe de nós a epocha, e a voz dos recessos e dos jubilos, que a agitaram, e mal sã já nos ouvidos da geraçao, que recolhe hoje os fructos das emprezas da anterior. O tempo gustou o que havia de mais acerbo nas paixões; os annos aplacaram o maior fel aos deploraveis rancores das guerras; não seremos nós que iremos rasgar o piedoso véu, que envolve as cinzas de tantas victimas sacrificadas de parte a parte. Oxalá que fosse possível arrancar dos annos contemporaneos a pagina da historia, que os deve enlutar!

De um lado e outro, na eschola liberal e na opposta, achamos virtudes que admirar, brilhantes raios de brio antigo a aplaudir, e tambem, com magoa, delirios e crimes, para nos entristecermos. Manchados de sangue fraterno os louros civis dizem sempre dor! Os triumphos pizando cadaveres de irmãos são sempre infennidos pelas maldições da patria! . Passemos ao longe de taes ruinas, e ajoelhando a cruz sepulcral, levantada nos campos de batalha, procuremos que um dia Portugal venha a reunir os ossos dispersos de todos os seus filhos no mesmo tumulo, inscrevendo-lhe por unico epitaphio o perdão e o esquccimento.

Mal o diadema lhe ornava a fronte, a rainha perdeu os carinhos de sua estremosa mãe, victima como a imperatriz Maria Thereza das consequencias de um parto desastroso. D. Pedro achava-se ausente da corte, na provincia do Rio Grande do Sul no momento em que o golpe repentino veio provar mais uma vez a sua firmeza. A magua de esposo accresciam os cuidados de pae. A educação de uma menina de oito annos, orphã da tenura materna, e a saudade que as suas graças infantis deviam suscitar-lhe occuparam-no por muito tempo. Serviam-lhe de leitivo, contudo as felizes disposições, que descobria em sua filha.

Dotada de muito talento, de prompta memoria, e de um coração delicado, a princeza começava a aproveitar a instrução devida á sua alta jerarchia e aos seus futuros destinos, quando o imperador accedendo ás vementes instancias das cinco grandes potencias, que declaravam a vinda da rainha á Europa, como essencial para a garantia que prometiam aos seus direitos, resolveu enviar-a, como lhe era pedido para a corte de Vienna d'Austria, da qual, verificado o consorcio com o senhor D. Miguel, deveria passar para Portugal. Esta decisão tomada em plena confiança, teria mal lido a sorte das cousas se chegasse a consumar-se. Uma serie de circumstancias notaveis pela coincidência desmanchou todos os planos, evitando que a soberana constitucional caísse nas ciladas dos politicos hostis á sua bandeira.

A senhora D. Maria da Gloria partiu do Rio de Janeiro em 5 de julho de 1828. e em 2 de setembro tocava em Gibraltar, d'onde havia de seguir para Genova. Uma communicação recebida pelo Marquez de Barbacena, conductor de sua magestade, atalhou, porém, a viagem no primeiro porto.

Os motivos que dictaram a mudança honram o coração e a capacidade dos que tomaram parte n'ella. Todas as artes da diplomacia se tinham enpenhado em apressar a jornada da princeza, até obter a sua entrada em Vienna d'Austria. O segredo mais cauteloso cubria os movimentos dos gabinetes, que nem um momento descavavam da vigilancia, com que (seja-nos licita a phrase) pareciam contar cada um dos passos da herdeira de Portugal; e ainda hoje admira a especie de revelação, que, illuminando as trevas em que se envolviam, veio a tempo indicar o precipício! Foi necessario para isso oppôr á dissimulação á astucia; e aceitar uma responsabilidade grave, illudindo tantos olhos penetrantes, e tantas precauções insidiosas.

Todos suppunham a rainha em Genova, e ella navegava já na direcção de Falmouth, aonde chegou no dia 24 de setembro, trocando subitamente a derrota! Foi a participação do ministro do Brazil em Inglaterra e Austria, de accordo com as suas instrucções secretas e preventivas o que salvou a causa constitucional do maior perigo, que a ameçou n'aquelles dias atribulados; e ao conselheiro d'estado extraordinario o sr. Helelouso Leopoldo Bayard pertenceu a distincção de ser o portador escolhido para levar o aviso, ganhando horas até Gibraltar, e conseguindo a preço de sacrificios informar a tempo o Marquez de Barbacena. Vieste o mais leve inconveniente, houvesse a menor falta de diligencia, e o navio proseguindo na viagem, entregava a soberana, peñhor das nossas liberdades, aos desguios da corte do norte, menos inclinada a protegê-las!

A noticia de ter aportado a Falmouth a rainha de Portugal, é facil de imaginar até que ponto ficaram transformados os agentes do plano de a sequestrar as esperanças da opinião, que fundava na sua pessoa a unica probabilidade de successo. Ao

princípio quasi que não se acreditou o que se estava presenciando; e menos reservados os diplomatas não mediram as suas expressões de modo que occultassem o desgosto de verem malogrados os verdadeiros fins. Pouco a pouco acalmou-se a irritação, e perdida a primeira tentativa curou-se de urdir segunda, e de remediar por ella os effeitos de uma resolução, cujas consequencias logo previram de longe, porque a ella foi devido o exito da lucta, que dous annos depois consummou a gloria do imperador D. Pedro, restituindo o throno a sua filha.

A senhora D. Maria II passou de Falmouth, e entrou em Londres no dia 6 de outubro, e depois de curta demora na corte, estabeleceu a sua residencia no agradável palacio de campo de Laleham, sendo recebida e estimada por George IV e pela familia real, com as atenções que pedia o seu titulo e que mereciam os seus infortunios. O monarcha inglez, o mais perfeito cavalleiro do seu reino, redobrou de respeito tanto no pago de Windsor, como em todos os logares aonde se encontrou com a neta do seu antigo alliado D. João VI; e se a politica do conselho britannico enganou então os desejos dos defensores dos direitos da princeza, as maneiras delicadas do soberano suavizaram o que havia de desagradavel n'este procedimento pouco em harmonia com as promessas anteriores.

Da epocha do seu primeiro exilio na Grã-Bretanha é que data a amizade desde a infancia, estreitada entre a rainha Victoria e a senhora D. Maria da Gloria. Antes dos vinculos de parentesco a apertaram pelo devido de sangue, já ella existia profunda e viva em duas almas feitas para reciprocamente se presarem, e não podia nem augmentar, nem exceder-se.

Por este tempo se abriram tambem em Londres as notaveis conferencias, destinadas a resolver a chamada questão portugueza, e se patenteou por parte do ministerio inglez um pensamento mais do que tibio a favor da causa da senhora D. Maria II. Sem a desamparar absolutamente, este não escondia o intento de inutilizar as propostas decisivas dos negociadores propostos pelo lado da rainha, e multiplicava pretextos e difficuldades. Postas as cousas n'este ponto, entendida claramente a mais do que irresolução do gabinete britannico, os agentes da princeza á vista das suas instrucções julgaram indispensavel deslignarem-se das negociações, e aproveitando a proxima partida da imperatriz a senhora D. Maria Amelia, aconselharam a rainha para que regressasse ao Rio de Janeiro em companhia d'esta segunda mãe, como se verificou em 31 de agosto de 1828. Por esta maneira evitaram-se maiores complicações; e não se podendo conseguir outras vantagens quanto ao presente, deixou-se pelo menos o futuro salvo, e a esperança intacta para os que não tinham outro conforto nas amarguras do desterro, e nos trabalhos de uma quadra calamitosa.

Durante a sua breve residencia em Londres, sendo apresentado lord Wellington á filha de D. Pedro, e recebidos os honrosos cumprimentos do velho general, a rainha, voltando-se para elle, proferiu em resposta algumas palavras que produziram grande sensação no animo de quantos presenciavam a scena, que a tenra idade, e elevado espirito de uma soberana sem throno tornavam tocante e cheia de commoção. «Espero disse a joven princeza, que a vossa influencia me defenderá do mesmo modo que a vossa espada concorreu para a sustentação dos direitos de meu avô!» O duque inclinou-se. A lição feria-o em uma corda sensivel. Por condescendencia, ou antes por intimidade com os inimigos da causa li-

beral, estava auxiliando em Portugal os que ajudavam a conservar o poder que a despojara da coroa. O general que tantas distincções alcançara da grata benevolencia de D. João VI, desemparrara a defeza dos direitos de sua neta, e cavalheiro embainhava a espada, e combatia a occultas contra a causa de uma dama sem protector na Europa!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRATÓLOS.

#### XXI.

#### *Passagem dos Jesuítas, que vieram fundar o collegio de Evora.*

FORAM a passagem por Arratolos dos jesuítas, que de Coimbra vieram a fundar o collegio de Evora, tem algumas notaveis circumstancias, porem aqui a relação do facto conforme a acho em uma memoria ms. contemporanea (1).

«No principio de outubro de 1551 partiram d'este (sic) collegio de Coimbra oito irmãos e um de Lisboa, que são nove (2), a dar principio a um collegio, que o cardeal infante se moveu a fazer em Evora.

«O caminho, que havemos trazido, depois que d'esta casa partimos, ha sido mui grande por graga do Senhor. Porque com todo o trabalho d'elle sempre tinhamos duas horas ordinarias de meditação, nosso exames cada dia, e missa antes que partissemos, sem o mais exercicio interior e exterior, que pelo caminho traziamos, que todo era ferventissimos desejos em nosso Senhor de padeecer: *paratissimi ad adversa sustinenda hilari utque abeiri vultu, animo exquisissimo pro exquisissimo Jesu*. Commungavam os irmãos em alguns lugares com muita idoleficação de todos os que os vião, principalmente em a Villa de Arratolos, que he do Duque, donde mais que em nenhuma outra parte vi a gente edificada. Aqui nos fomos appontar ao Hospital; e aconteceu que naquella noite mesma dormio alli o Duque, que hia a corte; e sabendo como estavamos no Hospital nos mandou chamar, e nós outros haviamos acabado de

nos preparar para commungar aquelle dia, que ainda que o passado o haviamos feito por ser Domingo, o faziamos tambem aquelle dia, por ser o dia, em que haviamos de entrar em Evora; e não contente com nos chamar se veio a nós ao Hospital, que saiamos já por outra porta a dizer missa. Entoões nos chamaram muy depressa de sua parte, o qual nos recebeu muito humanamente, perguntou o numero dos Irmãos, e alegrou-se muito em crecer a Companhia tanto, doendo-se muito de nós outros de nos ver entre aquelles pobres; mandou logo aos seus que de seu mesmo alforje nos dessem d'almoçar; dissemos como iamos tomar outro almogor, que nos era mais necessario, e fallamos algumas praticas sobre a communhão: mandou que depois que viessemos de commungar nos tivessem aparelhado d'almoçar. Dalli partimos, que não havia mais de tres legoas a Evora, donde chegamos aquelle dia, e achamos o Cardeal, que tres vezes se havia partido para Lisboa, e tornado do caminho com indisposições. Tambem achamos o Padre Manuel João, que havia uma hora era chegado ao Hospital, com cuja vinda nos alegramos muito, e com sua humilde simplicidade nos edificamos muito (3). Achamos logo o conego, a quem vinhamos remettidos, que nos recebeu mui bem, e nos appontou em huma boa casa, que foi mosteiro de Freiras de São João, que se chama São João com huma Capella donde já dissemos missa, até se fazer o Collegio; deram-nos tambem todo o necessario para casa. Achamos o Padre Fr. Luiz de Granada, que muito com nós outros se alegrou. He mui devoto de nossa Companhia, e podem-no ter por um professo della, por que como soube que o Cardeal nos dava Collegio, se foi a elle, e lhe beijou a mão pola mercê, como se a fizera a elle. Os Irmãos não commegarão tão cedo a theologia, porque o Sr. D. Antonio (este he hum filho do Infante D. Luiz, que estudava ahí em Coimbra, e agora estuda aqui em Evora em companhia dos Irmãos) está enfermo de terçãs, e por isso entretanto se lerá philosophia duas lições cada dia. Diz o Padre Manuel Simão que puderá durar hora e meia cada lição. Como somos poucos temos partido o tempo desta maneira: das 5 ás 6 horas meditação; das 6 até 7 missa; das 8 ás 9 e meia lição; comemos as 11 com fazer primeiro um quarto de exame de consciencia; e assy sempre ficam duas horas e meia de estudo polla manhã. Depois de comer de huma ás duas repetem a lição; das 3 ás 4 e meia leem; e depois estudam até ás 8. Das 8 ás 9 fazem seus exames e meditação; das 9 ás 10 ceam. Esta he a ordem que tem. O Padre Belehior Carneiro se dá todo ás confissões, tomando para si duas horas de meditação cada dia. Fica por dizer com quanto amor nos recebeu o Cardeal, que certo foi muito. Beijamos-lhe todos a mão, e mostrou-nos muita benignidade; perguntou-nos como nos haviam agazalhado, dissemos-lhe que como filhos; e depois de passar muitas cousas com nós outros, nos mandou repousar. Foi o padre Carneiro depois dar obediencia ao Vigario, o qual a teve em muito, e o recebeu muito bem, querendo-se dos frades isentos, que se não queriam haver bem com o ordinario. Não ha hy mais que dizer, por haver pouco que chegamos. De tudo o que succeder avisaremos sempre. Nosso Senhor nos deu sua graga.»

J. H. DA CENHA RIVARA.

(1) É a carta, que mandaram a Coimbra os Irmãos, que foram dar principio ao Collegio de Evora, e está a fl. 212 do 1.º tomo das *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia e outras pessoas escreverão de diversas partes de Europa, que dão noticia de seu bom principio e felice successo*. Ms. na biblot. publ. eborense. Cod. CVIII — 24.

(2) O padre Balthazar Felles na *Chronica da Companhia de Jesu*. Tom. 1.º, pag. 346, diz que partiram no 1.º de outubro, e que eram 14 em numero. E o padre Antonio Franco na *Restaura da Evora Illustrada* do padre Manuel Fialho, liv. 3.º, cap. 1.º (ms. na bibl. publ. ebor.) os refere por seus nomes, e são os seguintes: o padre Belehior Carneiro, para reitor, o padre João Cavillonio, o padre Manuel Fernandes, que eram sacerdotes. Para discipulos do sr. D. Antonio na theologia os irmãos Pedro da Fonseca, Miguel de Barros, Afonso Barreto, e Margal Vaz. Alem d'estes tres irmãos condutores, cujos nomes não encontram. É fundado em outras noticias, que se conta o padre Antonio de Quadros.

(3) Segundo se vê da *Nota* antecedente este é o padre João Cavillonio, e sem duvida o que veio de Lisboa.

## ESBOÇOS DA VIDA MILITAR.

V.

## Penalidade.

## PARTE I.

A SOCIEDADE é interessada na punição dos crimes, todavia ella põe limites razoaveis á sua justa vingança; e a marcha nos progressos do espirito humano tende a coarctar o abuso da força material, e a dirigir pelo contrario a acção da lei moral na reforma dos costumes: o homem em todas as epochas sempre se julgou com direito a uma regeneração intellectual, fazendo consistir na realisação d'esta risõna esperanza os seus mais bellos titulos de gloria. Ah! quantas theorias se tõem propagado, e quantas censuras feito á sociedade, contestando-lhe esse direito de punir! Na verdade, passando em revista tantos codigos criminaes, achãmos muitos d'elles obra de inaudita crueza e profunda barbaridade, contra os queo o espirito do homem naturalmente se tem rebellado, julgando-os attentativos dos sagrados furos da liberdade. É verdade que estamos bem longe de poder acreditar no maximo grau de perfeição catoniana do nosso seculo, assim como de todos os seus actos; ha circumstancias em que a razão é arrastada contra o seu querer soberano, contudo um futuro mais lisoujeiro deverá trazer o desejado apuramento na acção administrativa e judiciaria; pois com quanto a justiça seja um attributo affecto á natureza do homem, e como tal sujeita ao erro e a condições fallíveis, não deixa por isso de se prestar á lei do progresso e do aperfeicoamento; melhorar e não vingar, deve ser o principal fim das leis penaes; a justiça deve prevenir o effeito do mal, extirpando este na sua origem — *Nemo prudens punit, dicitur Platão, quia peccatum est, sed ne peccetur.* Senec. de Ira, liv. 1.º, cap. 16.

Querer operar rapidas mudanças, que altamente reclamam, para serem bem comprehendidas das massas, o estudo e a sanção dos annos, é pretender um resultado inadmissivel; é desconhecer a natureza da razão e da propria justiça. Contentemo-nos de aperfeicoar successivamente a obra de cada dia, e mui felizes nos julgaremos, se tivermos preenchido nobremente a tarefa que intentamos. A jurisprudencia criminal pede na actualidade uma marcha mais igual e uniforme; com effeito, se na ordem civil os collaboradores das leis repressivas devem assaz comprehender a verdadeira missão da justiça, e observar na sua applicação a mais rigorosa apreciação dos delictos, no estado militar ainda com maior razão se recommenda este grande preceito, por isso mesmo que nos codigos militares existe reconhecida, senão repugnante, desproporção entre as penas e os delictos. Todo o castigo (diz Montesquieu) cuja necessidade não é absoluta, isto é, que não guarda a desejada harmonia com a acção commettida, vem a ser uma tyrannia. Os antigos conheciam este grande principio, que a efficacia do castigo consiste menos na severidade que na sua exactidão. Veja-se Cic. de Offic. liv. 3.º, cap. 6.

Se o dogma da obediencia inteiramente passiva e absoluta é antisocial e retrogrado, o codigo penal que corresponde em tudo a esta prescripção deve ser inhumano. Com effeito nos codigos militares em geral vemos a pena de morte infligida muitas vezes por faltas taes, que sendo pedradas na balança da verdadeira imputação juridica não lhes pode corresponder tanta severidade no seu julgamento. Os castigos corporaes, taes como a *pranchada, a chibatada, o avout, a grilheta, os trabalhos forcados, a*

*cruel existencia dos condemnados a trabalhar nas minas, etc., e tambem os anathemas de infamia;* são os meios que geral e falsamente se tõem imaginado para fazer inocular o patriotismo nos cidadãos sujeitos ao serviço das armas, para inspirar o amor do dever, da ordem e dos sentimentos elevados áquelles que infelizmente não receberam os beneficios da educação primaria, nem os elementos ou disposições moraes para a boa disciplina e razoavel obediencia. (Que meios estes lã oppostos aos fins! . . . Ora a injustiça das penas, isto é, o seu extremo rigor, faz com que sobretudo os homens de guerra, habituados ao desprezo da morte e ás privações de todo o genero, alimentando-se (como diz o nosso vate)

*Não c'os manjares novos, e exquisitos;*

mas sim, e muitas vezes,

*Engolindo o corrupto mantimento,  
Temperado c'um arduo soffrimento,*

possam affrontar as mesmas penas com verdadeiro animo e coragem.

Se pois a justiça pede, que as penas sejam proporcionadas aos crimes, reclama tambem a humanidade, que ellas não sejam atrozes, e que entre as que o não são, se devam preferir sempre as mais brandas, quando por ellas se consiga o mesmo fim. As penas (diz Pastoret, *des Loix penales*, p. 4, l. 11) são brandas na India, e ali os crimes são raros; no Japão ao contrario os supplicios são horrorosos, e os japonezes são sempre feroces.

A pena do fuzilamento deve ser banida dos codigos militares. Na verdade como queremos nós fazer arrear o sentimento de humanidade no coração do soldado, se elle proprio é encarregado da cruel missão de fuzilar os seus camaradas? Não é uma tradição barbara, que tem todos os caracteres de crueldade e até de insanía? Os algozes são homens sacrificados a uma tarefa, que se julga necessaria, posto que horrivel, para a *salvação da sociedade*; ao menos estes homens já vivem habituados a similhante mister, para o qual os habilitou o proprio crime: porém o soldado, a quem vós ordenaes uma execução mortifera ou o officio de algoz dos seus camaradas, deve necessariamente experimentar funesto abalo e profunda dôr, além do pessimo exemplo que se lhes dá de crueza e perversidade. Um codigo penal, assim manchoado com similhante traço no estado da civilisação actual, deve ser considerado como um dos ultimos monumentos de barbaridade. Porventura não pode ser mantida a disciplina senão marcando as costas do soldado, e á custa da propria vida? Poderá merecer o sacrificio de sangue humano um agravo ou um insulto, filho talvez da desesperação do soldado ou das exigencias monstruosas do mundo? Não queremos que haja na profissão das armas uma justiça distincta (*sómente nas formulas mais ou menos promptas*) da justiça ordinaria, ou um mundo á parte, isto é, excentrico do mundo civil, ou um estado n'outro estado. Não formemos o soldado estranho aos deveres de cidadão, nem indifferente á pratica dos habitos de urbanidade e de decencia. Não queremos a força armada convertida em novas guardas pretorianas, que se colloquem superiores ás justigas divina e humana; queremos sim um exercito sem mancha, uma auctoridade militar solida, mas salutar, para a qual concorrãmos verdadeiramente espostas, a *ordem, a honra e a justiça.*

J. C. DA SILVA.





QUADRO DE PEDRO SUBLEYRAS.

ESTE pintor nasceu em Uzes no anno de 1669 e ganhou no seu tempo grande reputação, que não se perpetuou. Nos seus pinceis se reconhecem qualidades eminentes, desenho facil, exposição brilhante, e o hem acabado dos toques de preferencia a contrastes; mas escusado é procurar n'essas pinturas o que chamamos estylo, isto é a liga do sentimento e do gosto. Começou a estudar na cidade de Tolosa com An-

tonio Rivaiz, mestre mais elegante do que severo, cuja escola seguiu sempre, não obstante ter depois vivido muitos annos em Roma e ser admirador entusiasta das obras sublimes de Miguel Angelo, Raphael e Julio Romano: tanta é nos pintores a influencia da aprendizagem que é raro isentarem-se d'ella completamente, e até alguns ha que lhe ficam sujeitos ainda mesmo reprovando-a.

Em 1724 Pedro Subleyras veio a Paris contando, com a ufania de mancebo e de mais a mais gascão, concorrer a todos os premios e ganhal-os; convidava a sua casa de trabalho os artistas para lhes mostrar desenhos de tectos, e esboços de composições mui vastas; nada lhe servia de embaraço, ou lhe causava duvida. Contudo crenos que esta confiança teve mais de um desengano e que logo achou em Paris, nos professores e curiosos amestrados na escola de Pous-sin, juizes pouco favoraveis á sua maneira de pintar. No entanto em 1726 alcançou o premio grande; o museu do Louvre possui o seu quadro então laureado, que é conhecido pela denominação de *serpente de bronze*: é uma composição com certa frieza de estylo, posto que theatral e desempenhada com facilidade e talento.

Subleyras partiu depois para Roma, e ahi o achamos em 1745 casado com Maria Felice Tibaldi, senhora nobre e muito instruida; membro da academia dos arcades, a que tambem sua mulher pertencia. valido do cardeal Valenti Gonzaga, procurado pela nobreza romana, e teudo feito para a igreja de S. Pedro o quadro do deliquio do imperador Valente, era geralmente estimado.

Poucas noticias ha da sua vida, além do que fica referido; expatriado voluntariamente viveu por muitos annos em Roma, onde falleceu, e tendo deixado poucos discipulos ninguem se deu ao incommodo de ordenar a historia de suas obras, e contudo merecem algumas d'ellas bastante apreço. Uma carta do senhor de Sironcourt, encarregado de negocios do governo francez, que residio por muito tempo em Roma, e que foi escripta do Cairo a 10 de agosto de 1748 a mr. de Rouillé, ministro da marinha, faz grandes elogios a Pedro Soubleyras tanto por seu caracter e qualidades moraes como pelo merito artistico.

O quadro que reproduzimos na gravura está no museu do Louvre, e representa S. Bento resuscitando uma creanga. O retrato do pintor vae a paginas 130.

#### OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

##### VII.

*Primeira guerra entre a Russia e a Turquia: aniquilamento da esquadra ottomana no golpho de Lepanto.*

A ENERGIA e actividade de Solimão o grande succedeu a mollezza e relaxação de seu filho Selim II. Dado a quantos prazeres e excessos embotam o espirito e amollecem o corpo, este principe reduziu completamente a sua existencia ao viver effeminado do seraglio. O amor da gloria que fizera obrar tantos prodigios nos seus antepassados, e ao qual a Turquia era devedora de toda a sua grandezza e opulencia, nunca lhe abraçou o peito. Nem uma só vez se collocou a frente de seus exercitos, costumados até ali a serem conduzidos a victoria pelos seus soberanos. Os negocios publicos corriam a mercê de seus ministros. Ainda quando não existira ja no coração do imperio turco o germen da sua decadencia, aquelle procedimento do chefe do estado, e nas circumstancias especiaes em que se achava a Turquia, devendo ás armas todo o seu engrandecimento, e tendo excitado contra si na Europa e Asia, tanto com suas conquistas como com as repetidas humilhações por que fazia passar os mais paizes, o terror de uns, e o odio de outros: em taes circumstancias, repito,

aquelle proceder era uma causa sufficiente não só para marcar o começo da decadencia de um imperio, mas para lhe imprimir acelerado impulso.

Entretanto o esforço de um subito veio neutralisar de algum modo os tristes effeitos que as faltas do soberano deviam produzir. A par d'essas acquisições de territorio, que alargaram tanto as fronteiras da Turquia; juntamente com essa reforma legislativa, que deu ao imperio uma organização mais homogenea e mais forte, Solimão I legou a seu filho um ministro illustrado e cheio de dedicacão na pessoa do grã-vizir Muhamed-Lokkoti. Depositario dos pensamentos d'aquelle esclarecido principe, este alto funcionario continuou durante o reinado de Selim II com o mesmo systema de politica anteriormente seguido.

A conquista de Chypre, que os venezianos possuíam havia um seculo, e da Arabia Feliz, onde um aventureiro audacioso assumira o titulo de califa, dispondo-se para vir a ser um temivel rival do poder ottomano, foram os principaes feitos militares do governo do sultão Selim II. Mas a outra empreza se metteu hombros, que apesar de não ser corôada de feliz resultado, faz muito mais honra ao seu ministro. Consistia no projecto de junecão do rio Don com o Volga, por meio de um canal de trinta legoas de extensão. D'esta arte se communicava o mar d'Azof com o mar Caspio, e se abria ao commercio uma via facil desde o Báltico ate ao Ganges, ligando com estreitos lagos o oriente e o occidente. É verdade que com este plano tinha em vista o grã-vizir abrir passagem ás esquadras ottomanas para auxiliarem o exercito na conquista da Persia. Porém se se attender ao empenho, que este ministro mostrou durante o seu longo ministerio em fazer tratados commerciaes com diversos paizes, devemos crer que n'esta empreza tambem entraram da sua parte miras em vantagens commerciaes.

Para se realisar, porém, este projecto era mister asenhorearem-se da cidade de Astrakan, situada na foz do Volga, e junto ao logar onde o canal devia terminar. Preparou-se a expedicão, cujo commando foi confiado a Kacim-pacha, ao qual cabem as honras da concepção do plano. Astrakan foi sitiada e assaltada com todo o vigor; mas os russos, novos senhores d'este territorio, oppuseram aos musulmanos tal resistencia que os obrigaram a levantar o cerco e a desistir completamente da empreza.

Foi esta a primeira guerra entre a Turquia e a Russia; de pouca monta se se pesarem os prejuizos, que a primeira d'estas potencias soffreu; mas de grande importancia se se attender ás immensas vantagens a que teve de renunciar por não poder levar a cabo a projectada obra, e de muito maior alcance ainda pelos effeitos moraes, que produziu tanto no exercito como em toda a nação musulmana. O máu successo das armas ottomanas junto aos muros de Astrakan suscitou e fez arraigar no povo turco um antigo prejuizo religioso, que o leva a reputar os paizes do norte como interdichos aos sectarios de Mafoma. Nascia este prejuizo de que, não tendo a noite n'aquelles climas mais de quatro horas, os musulmanos que habitassem n'elle seriam obrigados ou a interromper o somno para fazer a oração da noite, duas horas depois do sol poente, e a da manhã, ao romper d'alva, ou a transgredir os preceitos do alcorão.

Este prejuizo, influindo sobremaneira no malogro d'aquella tentativa, animou excessivamente as tropas russianas, e tirou ao governo turco a vontade de entrar em nova campanha com aquella nação. E tanto assim, que enviando o czar João, o terrivel,

uma embaixada a Constantinopola, logo depois do assalto de Astrakan, para evitar que este successo viesse cortar os esfiras as relações de amizade entre os dous paizes, o sultão recebeu o embaixador com o maior agrado, e aquellas relações continuaram como se a Russia se não tivesse opposto á execução de um plano, que o governo ottomano tinha tanto a peito.

Pouco tempo depois d'este acontecimento soffreu a Turquia um grande revez no golpho de Lepanto. A sua esquadra composta de tresentas velas, em que entravam muitas nãos, foi destrozada completamente pelas esquadras alliadas de Hespanha, do papa e da republica de Veneza, na força de mais de duzentas embarcações, commandadas pelo celebre D. João d'Austria, filho natural do imperador Carlos V. (7 de outubro de 1571).

N'esta acção memoravel perderam os ottomanos o seu almirante e trinta mil homens, que ficaram sepultados nas aguas do golpho de Lepanto, duzentos e vinte e quatro navios, entre grandes e pequenos, uns incendiados, outro tomados, e muitos despedaçados na costa contra os rochedos, e quasi quatrocentos canhões, mais de tres mil prisioneiros, bandeiras de purpura, e quinze mil escravos christãos, que obtiveram a liberdade, foram os trophéus do vencedor. De tão formidavel esquadra apenas escaparam quarenta galeras.

Foi este o maior triumpho que os christãos tinham conseguido até ali contra a Turquia. A noticia de um tal desastre causou em Constantinopola a mais profunda sensação. Selim II de xou-se possuir de tão grande terror, que segundo dizem os proprios historiadores ottomanos se recusava por mais de dous dias a tomar alimento algum. E na verdade, d'esta catastrophe deviam seguir-se terriveis consequências para o imperio turco, se os alliados não fossem aproveitar-se melhor de tão assignalada victoria, e se Veneza não rompesse no anno seguinte a alliança, fazendo pazes com o sultão. A conclusão de um tratado de paz por mediação da Franca entre Philippe II de Hespanha, o papa Pio V, a republica de Veneza e a Turquia acabou de dissipar todos os receios, que o combate de Lepanto suscitara em Constantinopola.

Entretanto o grã-vizir Sokoli desenvolveu n'esta conjunctura tal energia e actividade, e os recursos do imperio eram tão grandes, que em anno depois d'aquella gravissima perda fez-se de vela a esquadra turca, constando de duzentos e cincoenta navios de diferentes lotes. E por esta occasião aquelle ministro, vendo que o embaixador veneziano se admirava da brevidade com que a Turquia reorganizara a sua esquadra, exclamou cheio de orgulho: «A riqueza e poder do imperio são taes que se fura preciso, far-se-iam de prata as ancoras, de seda os cabos, e de setim as velas.»

Selim II morreu a 2 de dezembro de 1574, ten do reinado apenas oito annos. (Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### GALLIOLI E OS DARDANELLOS.

ESTA cidade é o porto de reunião das tropas inglezas e francezas expedicionarias em auxilio da Turquia, e por isso o seu nome apparece agora muitas vezes nos jornaes politicos. Actualmente é uma das povoações mais importantes do Hellesponto, constando de 16 a 18-000 habitantes entre turcos e gregos, armenios e judaicos. Tem assento em rochas, parte

das quaes minadas pelas aguas do mar e tem dous portos mui frequentados por navios de pequeno lote.

Os monumentos turcos de Gallipoli reduzem-se a mequitas e pontes, algumas d'estas construidas ao modo arabico, sustentadas em columnas de marmore com inscrições em lingua turca. São muitas as ruinas da antiguidade assim dentro como fóra da cidade: a maior parte das casas conservam na sua construcção, da mesma maneira, que em Lampsaki alguns fragmentos de antigualhas. Mr. Castellan descreveu minuciosamente e debuxou com bastante emmero os restos, mui bem conservados, de uma fortaleza e mais alguns edificios. Nas outras construcções reconhece-se simultaneamente a architectura grega e romana e a dos barbaros.

Nos arredores não se vê mais que uma planura arida, cuberta de rochedos e pedras soltas; a espagoes crescem a custo algumas arvores n'um barro amarelento. Quão diferentes são as cercanias de Gallipoli das de Lampsaki (1)! Mas, se o paiz da parte da Europa é menos agradável, em compensação o ar é mais puro e mais sadio o clima; as febres e outras enfermidades não fazem tantos estragos como em a margem opposta.

As suas memorias historicas resumem-se no seguinte. A sua situação é tão vantajosa que todos os principes que pertenderam apossar-se da Thracia começaram assenhoreando-se de Gallipoli, a qual foi levantada das ruinas pelo imperador Caligula. Os povos das Gallias atravessaram o Hellesponto n'esta paragem, quando foram assolar a Asia Menor; na epocha da terceira cruzada o imperador Frederico Barba-roxa passou o estreito de Gallipoli, ou canal dos Dardanellos, com o seu exercito. No seculo 14.<sup>o</sup> aventureiros catalães, tendo-se rebellado contra o imperador grego que os tomara ao seu serviço, foram estabelecer-se n'esta cidade; o almirante genovez Doria acabou de expulsar-os d'ahi, depois de um assalto geral, e n'essa occasião se fizeram notaveis as mulheres pelo valor com que se defenderam; antes d'este successo tinham os revoltosos talado todos os districtos circumvizinhos, fazendo tremor Bysancio, e vencidos em varios recontros os turcos e os gregos.

Porem, o mais notavel que offerece a historia de Gallipoli é o ter sido a porta por onde se precipitou sobre a Europa a invasão musulmana; e estimariam poder acrescentar que será a porta por onde penetrar a civilização. Durante o reinado do segundo soberano da casa de Osman, entraram os turcos pela primeira vez na Europa e conquistaram Gallipoli, que por algum tempo conservaram. Quando Amurath II saiu de Mazuesia, marchando contra o exercito de Ladislau e Huniades, passou com suas tropas o estreito para esta banda. O primeiro arsenal dos ottomanos estabeleceu-se em Gallipoli e foi onde Mahomet II reuniu a sua frota, que devia apoiar o seu exercito no cerco posto a Constantinopola. Em frente d'esta cidade, na Asia Menor, era a antiga Blion, campos em que foi situada a famosa Troia, e onde o viajante se recorda dos heroes cantados por Homero.

A terra da Europa fórma aqui uma península que por conter a cidade tem o nome d'esta, antigamente chamavase o Chersoneso da Thracia. Gallipoli é cabeça de um livah (2) na Romelia, e dista d'An-

(1) Lampsaki ou Lepseh esta na Turquia asiatica a 9 kilometros (obra de legua e meia) de Gallipoli sobre os Dardanellos; a sua região era a antiga Troade.

(2) Livah ou Sanjak chamam os turcos as subdivisões dos pachalatos ou eyalats, provincias governadas por um bacha. Cada livah e região por um beg ou bey.

drinopoli 140 kilometros para o sul. Este livah, que se estende do Canal dos Dardanellos ao longo do mar de Marmara tem de comprimento 460 kilometros e de largura 150 e conta de população 600:000 habitantes; corresponde á parte meridional da antiga Thracia e á Macedonia oriental. Na cidade ha fabricas de excellentes marroquins, e faz-se commercio de lãs e algodões.

Diremos duas palavras ácerca do estreito. — O nome de Dardanellos tiveram primeiramente em commun as duas cidades de Bovalli-Kalesie e Nagara-Burun (as antigas Sestos e Abydos, que a fabula de Leandro e Hero fez celebres), ambas nas duas oppostas beiras do estreito que separa a Turquia europea da Asia, e só a segunda está na antiga Dardania, d'onde veio o nome moderno do canal, d'antes chamado o Hellesponto. Ambas se deuoimam agora *Antigos Dardanellos* para distincção dos *Novos Dardanellos*, que são outras duas cidades sitas no mesmo estreito, Kilidh-Bahr e Sultanié-Kalesie, que se chamam tambem Castello da Europa e Castello da Asia. Estas quatro cidades são mui fortificadas e tornam quasi impossivel a passagem dos Dardanellos á viva força; guarnecem a costa europea 336 lócas de fogo e a asiatica 488. Todavia os inglezes, commandados pelo almirante Duckworth, forçaram a passagem em 1807; verdade é que as fortificações estavam moito arruinadas. A largura do canal varia de 2 a 9 kilometros.

Quando em 1833 os russos vieram em soccorro do sultão ameaçado pelo pachá e acamparam em Unkiar-Skelessi, celebrou-se o tratado, que tem este nome, aos 8 de julho do dito anno, estipulando alliança defensiva e offensiva por oito annos entre a Russia e a Turquia. Uma clausula secreta do tratado fechava eventualmente os Dardanellos ás potencias europeas, deixando este estreito, bem como o Bosphoro (Canal de Constantinopola), aberto sómente á Russia. As representações das potencias lesadas obstram a que se renovasse aquella clausula quando expirou o tratado.



PEDRO SUBLEYRAS.

SUA Magestade a SENHORA D. MARIA II. (1)

Sunt lacrimae rerum, et mentem mortalibus tangunt.

VIRGIL. — ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris exulsiis pergebat.

SUET. IN CESAR.

Arcum suum tetendit... et in eo paravit vasa mortis.

PSALM. VII, V. 14.

NA sua jornada de Falmouth para Londres é que a rainha visitou a opulenta habitação de Guilherme Beckford, na abbadia de Fonthill. O proprietario era aquelle espirituoso inglez, que duas vezes veio a Portugal no reinado de D. Maria I, e na regencia do principe D. João, tragando, em cartas elegantes, o retrato engenhoso dos costumes da corte em uma epocha nunca bastante ignorada por este aspecto, apesar da muita proximidade.

Beckford vivia ainda em 1828, mas o inverno dos annos pesando com os seus rigores, e agravando-se pelas molestias senis, inclinava já para o tumulo a cabeça do curioso observador.

Não lhe permitindo o seu estado receber pessoalmente, como desejava, a neta de D. João VI, do soberano ao qual devera estima e favores especiaes, o sumptuoso escriptor não se esqueceu de quanto podia tornar cordial e verdadeiramente real o acolhimento, que offereceu.

Entre inumeraveis preciosidades colligidas nas viagens á custa de largas despezas, a rainha notou repetidas e vivas memorias de Portugal. O gosto e as inclinações de Beckford, particularmente affeiçãoço á nossa patria, tinham-nas accumulado ali, quando depois de alguns annos de existencia entre nós quiz aliviar as agudas saudades da ausencia, e não poupando ouro, nem esforços, fez tudo para se rodear de recordações poderosas que lhe avivassem a imagem de um paiz, que preferiria ao seu para fechar os olhos, se lhe fosse permitido!

A abbadia de Fonthill junta as fórmas da moderna architectura ao grandioso sublime do estylo monastico. Situada no condado de Salisbury, e fundada no tempo de Guilherme o conquistador, passou das mãos de diversas familias para as de William Beckford, pae do viajante, homem distincto pelo espirito e pelo vigor de character; este foi aquelle mesmo lord maire de Londres, ao qual a cidade reconhecida levantou a estatua nos seus pagos, segurando na mão alçada a copia da memoravel advertencia dirigida a Georges III no anno de 1770!

O magistrado de Londres possuia avultadas riquezas na Jamaica, e seu filho, succedendo-lhe, dispunha de cem mil libras esterlinas de rendimento. A magna da perda de uma esposita querida, lady Margarida Gordon, filha do conde de Abayne, decidiu Guilherme Beckford a viajar, e trouxe-o a Portugal. Em 1787 retirou-se para visitar os monumentos de Hespanha, e em 1794, voltando a Lisboa, verificou a sua excursão a Alcobaga e á Batalha, de que nos fez uma animada pintura nas ultimas cartas, edificando depois a deliciosa residencia de Monserrate em Cintra.

Desgostos serios, que experimentou, e erta emulação causada pelos seus cabedias de principe, resolveram-no a desistir do proposito que manifestara de se estabelecer em Portugal; retirou-se pois, e concluindo um passeio rapido por Italia e França,

recolheu-se á patria, fixando em Fonthill a sua morada.

Esta habitação já enriquecida pela liberalidade do alderman seu pae, ainda se figurou modesta a Guilherme Beckford. Assim, apenas descançou das primeiras fadigas da jornada, deu-se pressa a riscar e construir o magnifico palacio, aonde determinava finir os dias.

A senhora D. Maria da Gloria teve occasião de percorrer detidamente o soberbo edificio, e de examinar de perto o fausto e a opulencia de um particular, rivalisando em posses e generosidade de animo com os soberanos reinantes de alguns Estados. O parque de Fonthill abraça a circumferencia de sete milhas, e foi disposto de modo que se podem andar por elle vinte sem nunca voltar aos mesmos sitios, ou tornar a vêr as mesmas alamedas copadas de arvores e plantadas de arbustos e flores curiosas, desde a mais humilde planta dos Alpes até á mais rara producção dos tropicos. Os cysnes, os pavões, e as aves que ornavam os diferentes logares pertenciam ás mais apuradas raças.

A abbadia domina de uma eminencia quanto a rodeia, e as obras executadas até á morte de Beckford custaram quatrocentas mil libras, calculando-se em outro tanto o que seria indispensavel para a acabar, seguindo o desenho, e sustentando o luxo do primeiro proprietario.

Quando erguia a torre de duzentos e setenta e seis pés de alto, d'onde se alcançam largos horizontes e immensa área de terrenos povoados de castellos, de antigos monumentos, e de florestas, o fogo pegou casualmente na parte superior, que ardeu toda. O espectaculo cheio do terror e magestade das chamas, corôando de linguas de fogo aquella arrojada mole, deslumbrava os olhos; Beckford contemplou-o como observador estranho á perda, e como senão fosse necessaria uma grande fortuna para reparar os estragos! Empreendedor e activo, ainda as cinzas não tinham arrefecido, e já crescia outra vez a segunda construcção mais rica, mais altiva, e mais esbelta do que a primeira! Para seguir as obras com assombrosa diligencia mandou apenar os operarios das circumvisinhanças e todos os transportes, de modo que houve feras nos amanhos ruraes. Os proprios concertos executados na capella de Windsor-Castle ficaram suspensos; quatrocentos e sessenta trabalhadores, noute e dia, não levantaram a mão de cima da torre de Fonthill.

Os officiaes revejavam-se aos quartos, e nas mais largas e tenebrosas noutes de inverno, os viajantes pasmavam, descobrindo de longe, como em scena magica, as figuras phantasticas de tantos homens pendurados das muralhas, e alumiando-se ao clarão dos fachos. O proprietario assistia de um alto empregando a vista nos bellos effeitos do quadro, e no meio da eterna melancholia, que lhe maguava o rosto, corria-lhe ás vezes um sorriso de contentamento, observando aquella multidão, que parecia girar nos ares, no meio dos bellos accidentes de luz, cujos reflexos iam brincar ao longe nas massas de verdura do parque, e nos relevos e esculpturas das outras partes do edificio.

A rainha de Portugal veio encontrar em Fonthill todas as maravilhas, que o gosto unido á sumptuosidade podia inventar. Em um espirito elevado a sensação devia ser profunda e indelevel. Os primores das artes emparelhavam com a magnificencia d'aquelle palacio, d'aquelles jardins, d'aquellas torres, que pareciam formadas em sonho, ou creadas pelo prodigioso condão da lampada de Aladino. Os paineis dos melhores mestres das escolas de pintura;

porcelanas de raridade e fórmas preciosas, moveis de ouro maciço; obras de ebano e tartaroga variadas no lavor, e exquistas pelo desenho ou pelo prego, taças de sardonica, de agatha, de christal de rocha, e de calcedonia oriental realçavam entre outros muitos objectos de valor, ou de trabalho singular. Os olhos entretidos não cessavam de se admirarem, de sala para sala, porque achavam ali exposto quanto as artes ousam imaginar, e quanto o fasto pôde colligir.

Quando Beckford falleceu a abbadia de Fonthill foi posta á venda, e concorreram, como compradores, o duque de Wellington, o conde de Grosvenor, e o marquez de Hertford. Este ultimo não podendo conter-se, exclamou: «só o rei deve habitar em um palacio, aonde tudo é extraordinario e arrebatador. Qualquer particular não saberia viver aqui.» O rei com tudo não comprou a abbadia. Foi mr. Farquhar que a possuuiu, pela enorme quantia de trezentas e quarenta mil libras!

Pedimos venia pela digressão, esperando que nos seja relevada. Beckford, o fundador da casa de Monserrate, cujas ruinas pittorescas ainda lembram o seu nome e os seus caprichos sumptuosos, não podia citar-se de corrida, nem a hospitalidade offerecida á rainha dos portuguezes, na hora do infortunio, merecia uma noticia indifferente, ou leviana.

Estes episodios se interrompem a narração com ligeira pausa, talvez não sejam inuteis para a amenisar. Aquillo que alegrou a nossa infancia, ou que feriu a nossa imaginação em idade tenra, tem uma frescura e saudade, que depois nos annos graves consolam do corte dos desenganos, e refrigeram do queimino dos pezares. O que succede a cada passo a todos nós na jornada da vida, acontece com a existencia dos povos, e com os quadros que a resumem.

Bem acres dôres e bem amargas tristezas teremos que debuxar, depois, em tratando do agitado reinado da senhora D. Maria II, para não nos demormos alguns instantes junto d'estas recordações da primeira epocha, festejando-as.

Voltando em companhia da imperatriz, segunda mãe, á terra do seu berço, mas servida por criados portuguezes, (era sua dama a sr.<sup>a</sup> D. Leonora da Camara, depois marqueza de Ponte Delgada, e seu gentil homem da camara D. Thomaz Mascarenhas) a rainha conservou vivas e arregadas sempre as provas de dedicacão, recebidas dos subditos exilados, durante a sua estada na Europa; e em quanto amadurecia a occasião de se tentar maior empreza ás diligencias incessantes de seu pae, e os affectuosos cuidados da augusta esposa, escolhida para companhia dos seus trabalhos, aproveitaram o curto espaço de residencia no Brazil, continuando-lhe a applicação cortada pelas vicissitudes politicas, que já referimos. Nem o tempo, nem os meios de ensino sobejavam para a educacão se esmerar, segundo a medida dos desejos que a dirigiam; mas o talento natural, e a assiduidade da princeza suppriram muito do que faltava, tornando fecundas as horas, e rapidos os progressos. Quando rebentou o movimento, que restituiu á Europa o duque de Bragança, já a senhora D. Maria da Gloria possuia em grande perfeição o conhecimento das linguas franceza e ingleza, fallando-as, e escrevendo-as correctamente.

Foi em 7 de abril de 1831, que na capital do Brazil occorreram os successos, que decidiram o imperator a abdicar a corôa em seu filho, ainda menino, regressando á Europa com a rainha de Portugal, e a imperatriz sua esposa. A necessidade mais poderosa do que o affecto, que as unia pelo sangue e pelo sentimento do infortunio commum, obrigou aquellas

angustias personagens a separarem-se no momento de emprehenderem a longa e penosa travessia, que devia trazel-os à Europa. Partavam commodos a bordo de cada um dos vasos estrangeiros de que podiam dispor, para fazerem juntas a viagem. O imperador e a imperatriz embarcaram, portanto, em uma fragata ingleza; e a rainha em uma charrua franceza, seguindo diverso caminho. A fragata navegou em direitura a Cherbourg; e a charrua accossada por ventos contrarios veio a Brest, d'onde a senhora D. Maria II passou por terra a unir-se à sua ansiosa familia, que permaneceu até principios de agosto em Cherbourg, saindo para se estabelecer na real quinta de Meudon depois da digressão do senhor D. Pedro a Londres.

Luiz Philippe, recentemente elevado ao throno, não só poz a disposição do duque de Bragança esta agradável residencia campestre, como empenhou todas as delicadezas e maneiras para lhe adogar o amargor do revoz. De Meudon (na qual habitaram até meado de novembro) recolheu a familia imperial a Paris, para um palacio situado no mesmo ponto da rua de Courcelles, aonde estava a casa de Robespierre, hoje propriedade da rainha de Hespanha D. Maria Christina. Ali nasceu no 1.º de dezembro de 1831 a princeza D. Maria Amelia, que na flor dos annos mais vigosos Deus chamou à sua gloria, como um anjo que não devia demorar-se longe da sua verdadeira patria; d'ali partiu o duque de Bragança para a ilha Terceira logo no principio do seguinte anno; e ali tambem entre receios e esperanças se cultivou o espirito da senhora D. Maria II, debaixo da direcção, e a sombra dos excellentes exemplos de sua segunda mãe, que soube converter em proveito da sua instrucção uma capital como Paris, que é a cabeça intellectual da Europa.

N'este intuito sua magestade imperial incumbiu da continuação da educação religiosa da rainha o abade Dupanloup, então parochal da freguezia de S. Roque, e hoje bispo de Orleans, homem exemplar de costumes, e singular em letras; e o primeiro cuidado do virtuoso pastor consistiu em dispôr a sua educação para dignamente receber o Sacramento da Confirmação, administrado pelo arcebispo de Paris. O professor de historia e de geographia era mr. Collard, mestre que fôra do duque de Borleans. Do ensino de principios de mathematica encarregou-se o major de engenharia Caetano Vaz Parreiras. Finalmente para o estudo das linguas vivas e das artes liberaes de musica, desenho, e dança, chamaram-se os professores, que ensinavam os principes da familia real de França, com a qual a senhora D. Maria da Gloria convivia, participando da optima educação que o rei Luiz Philippe se aprimorou sempre em dar a todos os seus filhos.

O aproveitamento correspondeu aos desejos e desvelos empregados. A rainha, modesta e tímida ante o tracto publico, ornava as graças do seu sexo com as prendas, que o realçam mais; e justamente grata a memoria de seu paê, e aos carinhos da imperatriz, quando foi esposa e mãe, fez reviver na educação dos nossos principes as bellas tradições, que lhe recordava a sua.

No centro d'esta existencia consagrada ás applicações instructivas, e aos deveres de familia, corriam senão tranquilllos de todo, ao menos socegados de reveses os seus dias, quando uma occorrença, que podia ser fatal, veio patentear a firmeza do seu animo, superior à debilidade do sexo, e digna das qualidades, que tantas vezes attestaram a segurança de caracter de seu paê. Em uma das manhãs de abril de 1832, pouco depois de se retirar da ja-

nella do seu quarto, que deitava para o jardim, ouviu-se um tiro proximo, e logo a bala, entrando pelo logar d'onde a princeza acabava de sair, foi cravar-se na parede fronteira, mesmo ao lado do seu leito. É facil de imaginar o enleio e o pavor dos que velavam pela conservação de tão preciosa vida. Commoveram-se com o successo, e alguns mais apprehensivos chegaram até a vêr n'elle um crime premeditado e susceptivel de se renovar.

Sómente a senhora D. Maria da Gloria não se alterou, nem deu importancia ao facto, procurando aquietar o susto de todos, e sustentando inteira tranquillidade do seu espirito. As diligencias da policia franceza, e as inquirições judicias immediatamente ordenadas por mr. Persil, procurador da corôa perante a relação de Paris, demonstraram depois que o terror natural em um desastre imminente, não tinha base, que o justificasse acerca de futuras tentativas. Não existira conspiração nem projecto regida. Um visinho sujeito a accessos de demencia motivara innocentemente o aballo pela inveterada insistencia de disparar tiros cegos no seu quintal:

Contudo, se a mão da Providencia não desviasse a rainha do perigo, uma bala expellida ao acaso viria sepultar em luto a sorte da grande causa, que mesmo àquella hora se agitava entre os dous campos, que dividiam o reino, pejeando denodadamente!

Outros riscos mais geraes e mais perennes cercavam a princeza a esse tempo. A cholera-morbus invadira Paris em 22 de março de 1832, e só nos suburbios da capital tinha ferido mais de vinte mil victimas, das noventa e cinco mil que immolou em toda a França; e como se não bastassem as maguas e as lagrimas de tão extensa calamidade, veio a sedição politica dos dias 5 e 6 de junho ensangueantar um bairro de Paris, repetindo as scenas de outras epochas dolorosas. Em volta de si a esposa e a filha de D. Pedro não descobriam no horizonte senão ameaças e tempestades. Por um lado o agoute da peste, ardendo por toda a parte, e dizimando sem piedade a todas as classes; por outro, o desasoscego e o temor, que faziam nascer a incerteza do successo da expedição do senhor D. Pedro; e para remate de tantas tribulações diversas, o espectáculo da guerra civil desgrenhando as fúrias nas ruas de uma cidade, a cada momento atravessada pelo cortejo funebre dos que a ira do flagello ia ceifando implacavel!

Rompia então em França a batalha entre a monarchia constitucional e a republica. A queda da casa primogenita dos Bourbons não satisfizera senão metade das exigencias das opiniões exaltadas; o throno era o alvo do seu odio, e a corôa o pretexto da sua hostilidade. Carlos X ou Luiz Philippe representavam para ellas o principio monarchico, e a esse é que apontavam os seus golpes! Colhidas de sobresalto pelos acontecimentos, não tinham accedido a dynastia de julho, senão como praso de tregua, em quanto melhor se preparavam para o lance decisivo.

A revolta de junho revelou a intenção, descobrindo ao mesmo passo a minoria que hasteava então o estandarte republicano. Constrangidos a ceder diante da firmeza das tropas, e a entrincheirarem-se affinal em uma casa religiosa (Cloître Saint-Mery) os sublevados tiveram de depôr as armas, reconhecendo que a tentativa fôra antecipada, e era repellido pelos deseganos da nação. Foram dias aquellos que não esqueceram aos soberanos, nem aos povos. Quantas vezes Luiz Philippe, já no exilio, recordaria, depois, os conflictos civis, em que o rei com seus filhos ao lado, e à frente da guarda nacional, marchava contra as barricadas, e por entre o estampido das

descargas, e os clamores dos combatentes, ouvia soar, gratas ao coração e risonhas de popularidade, as saudações da multidão formando votos pelo exito das suas armas! Que distancia do enthusiasmo pela ordem em 1832 á apathia e ao desconforto de 1848! Em dezoito annos de poder como tinham mudado completamente as idéas, os homens, e as cousas!

A rainha e a imperatriz ao primeiro rebate da rebellião atravessaram a praça, aonde se consumou o sacrificio de Luiz XVI, e dirigiram-se ao pago, desejando acompanhar a familia real, que temia a cada instante receber a cruel nova da morte de tres principes, escripta com o sangue do seu valor. Em quanto as horas se arrastavam lentas pela angustia, as duas princezas nada poupavam para minorarem as apprehensões, e alentarem o espirito da esposa e das filhas, que na pallidez e no tremor denunciavam os cuidados, sabendo por experiencia como dos degraus do throno em França é facil escorregar para o eadafalho, ou cair debaixo do punhal de um sicario! As ensanguentadas memorias da revolução de 1793, revoando em volta d'ellas, exacerbavam-lhes as penas, agravando os receios.

Destinada a governar em um paiz, que o seu reinado devia introduzir no trabalho noviciado das instituições representativas, parece que a Providencia quiz de proposito proporcionar á senhora D. Maria II as ligões graves, collocando-a no ponto mais propicio para observar com fructo as vicissitudes do mundo em um anno tão fértil de acções notaveis.

O engenho da rainha suppria a idade; e as provas de uma carreira tão agitada no primeiro vigo da mocidade tinham-na habituado a reflectir, colhendo proveito de quanto occorria, quer fosse prospero, quer ensinasse a vaidade das grandezas humanas. A insurreiçáo da Vendée, e o resultado infeliz do commettimento audaz de uma princeza deslitosa, illudida pelo amor materno, deviam-lhe causar profunda sensaçáo. O cerco e a tomada de Anvers defendida com mal succedida valentia, desmembrando pela espada o que a politica ligára vinte annos antes, occupava a atençáo, e podia reputar-se de fausto agouro para a cavalleirosa empreza, que o imperador commandava em pessoa. Proximos d'estes, outros factos de vulto não menor, revelavam a inquietaçáo dos animos, e as incertezas do futuro, atrahindo a curiosidade, e absorvendo a penetraçáo dos estadistas.

No Egypto Mohamed-Ali cangado da vassallagem nominal, e suppondo favoravel a occasiáo, erguia a cabeça, e declarando-se em rebellião aberta contra Mahamoud II, expunha a paz da Europa pelo conflicto imminente das duas maiores potencias. A festa tumultuaria de Hambæk descontinava os desgnios da revolução, tragando já metter o pé na Alemanha; e quasi ao mesmo tempo descobria-se a grande conspiraçáo urdida para acender geral conflagraçáo na Italia subjugada, mas impiente. Aos movimentos de varios pontos da America juntavam-se acontecimentos tragicos, obra dos delirios do fanatismo politico, preponderante n'esta epocha, bem gravada na memoria dos que dirigiam as redas do governo, e eram forçados a luctarem com os mais instintos, adoptando providencias rigorosas, para acutelarem maiores desgraças.

Por ultimo, para que o desconcerto das idéas e a obsecaçáo de certas doutrinas não ficassem duvidosas, appareceu a farsa dos sansimonianos, cujo processo divertia a França em uma quadra pouco fecunda de incidentes comicos.

Nas suas conversações familiares a rainha ajuizava dos homens e dos factos, e frequentes vezes definia com pensamentos agudos as scitas e os successos, que

passavam quotidianamente pela scena d'aquelle periodo.

Ouvindo repetir um dia a engraçada e sabida phrase de Rivarol sobre a revolução, a princeza accrescentou sorrindo-se: «para mim creio que as revoluções ainda se pintam em menos palavras. São as subidas de uns por cima das ruinas dos outros!»

Quando aplacada a sedição de junho, os sectarios de Saint-Simon eram levados aos tribunaes, ministrando um episodio jocoso no sombrio drama da guerra civil, a rainha não poude conter-se que não exclamasse: «é justo! depois da tragedia temos a comedia, unico genero em que taes homens são toleraveis, porque ao menos fazem rir e não chorar!»

No centro de todos estes acontecimentos, e quando ainda se ignorava a direcção tomada pela expedição do duque de Bragança, chegou a Paris a noticia da sua entrada no Porto. Ia principiar, portanto, a moderna illiada, que tecer ao senhor D. Pedro uma coroa mais preciosa do que as duas que tinha abdicado. No dia 9 de julho a bandeira azul e branca tremulava já nos baluartes da cidade, fadada para cidadella da liberdade, e para theatro de faganhas que as antigas não desmaiavam, nem excedem.

Como se reüniram os soldados e os navios necessarios para a empreza? Como se alcançaram os recursos preciosos para alimtar a guerra? A' custa de rasgos heroicos e de sacrificios, um punhado de guerreiros superior aos horrores da fome e da peste nas estreitezas de um cerco, como conseguiu manter-se dentro de trincheiras rotas, e triumphar da fortuna, do numero, e de todos os flagellos conjurados? Quando a historia um dia, em desapaixonado exame, explicar os milagres de constancia e de esforço, que illustram a carreira dos soldados e do general, a posteridade ha de pasmar da desproporçáo das forças e do esplendor do exito, comparando á indigencia dos meios o arrojio do commettimento.

Estão já longe esses dias, tristes de recordar pelo sangue que os macula, mas que viram de parte a parte prodigios verdadeiros. Apertadas em mãos briosas cruzaram-se nos campos da batalha espadas, que em melhores tempos tinham honrado unidas o antigo braço portuguez nas gloriosas lides da independencia. O dissenhimento dynastico, e mais do que elle ainda, a opposiçáo de principios, estremaram aquelles que no mesmo herço deveram abraçar-se com mutuo extremo. A escola que arvorava as cores da liberdade, suplantada antes de se firmar, perdia ao mesmo tempo no codigo, penhor da sua crenga, a patria e as consolações, que tanto presa o coração, e que tornam leve o peso á vida. Um poder de facto, auxiliado por todos os interesses e sympathias, que tomavam raiz da conservaçáo do antigo estado, dominava absoluto, e excitado pelas manifestações imprudentes, e pelo sobresalto de suspeitas continuas, punha a sua confiança n'a repressáo inelmente, imaginando que o rigor escravisa as idéas, e desvia o desenvolvimento, ou o curso irresistivel d'ellas. Os successos desde o começo deviam tel-o advertido; porém a paixáo civil, conselleira sempre fatal, obsecando os entendimentos, exacerbou os erros, e sólogrou accelerar os effeitos d'elles. O senhor D. Miguel de Bragança, engeitando a mão de sua sobrinha, e rompendo o lago de legalidade e de amor, que daria a paz ao reino, sentou-se no throno portuguez, e dado este passo, a torrente sem parar arrastou-o sempre até acabar por um desterro na terra do estrangeiro!

Na ilha Terceira foi o baluarte e refugio dos que não inclinaram a cabeça ao facto triumphante, preferindo a consciencia aos premios e mercês. Não reconhecendo o governo de Lisboa, e tendo jurado

sobre oppostas bandeiras, foi uma gloria para elles guarnecerem aquelles penhascos, aonde levantaram os vivos padroes da sua lealdade. O batalhão de caçadores n.º 5 serviu de nucleio á legião liberal, e invencivel sempre nunca dobrou o joelho diante da força, nem prestou ouvidos a nenhuma proposta: separados de todos, limitados aos seus escassos meios, e votados á ruina pelos inimigos, e á indifferença pelos estranhos, os defensores da Terceira arrostaram destemidos com o infortunio, e mereceram a victoria que lhes corôou o denodo. Pouco a pouco engrossaram as suas fileiras, com a chegada de outros, como elles decididos a morrer. Para participarem do perigo e da honra, estes ultimos tinham de atravessar os mares cruzados pelas balas dos navios de Lisboa, e de seguir por baixo dos tiros dos bloqueios inglezes. A final o combate de 11 de agosto de 1829 na villa da Praia desenganou os contrarios da inutilidade das suas empenzas, concedendo alguma tregua ás fadigas dos exilados.

A regencia nomeada do Brazil pelo imperador havia saído muito antes de Londres, e por entre riscos e ameaças, illudindo a vigilancia dos inimigos, fôra tomar conta da causa da rainha, hasteando em mão segura o estandarte, que depois saudaram nas linhas do Porto e de Lisboa, em Almster e na Asseiceira, outros tantos dias de triumpho!

Partindo da Grã-Bretanha na companhia da imperatriz, a rainha já pode referir a seu augusto pae a grande acção das tropas constitucionaes, unindo ás d'elle a satisfação e a memoria dos relevantes feitos, que ornavam o nome do conde de Villa Flor e seus irmãos d'armas nas gentilezas d'esta campanha, pregação dos futuros louros.

Mas o impulso decisivo tinha-o a Providencia reservado para timbre do senhor D. Pedro. Despedindo-se das praias americanas, aonde deixava adulta a liberdade á sombra do solio de seu filho, o imperador concebeu o arriscado projecto de restituir a corôa de seus avós á senhora D. Maria da Gloria, despresado, por indignas do seu animoso coração, as difficuldades, que deviam enriorecer a qualquer outro. A magnitude da empenza serviu só de o confirmar na idea de a tentar. Um acontecimento singular pela coincidência exaltou-lhe ainda mais, se é possível, a vontade, e accendeu-lhe o entusiasmo. Nas aguas do Faial, de volta do Rio de Janeiro, o principe soube que os defensores da Terceira, embarcados em botes frageis, e affrontando as vagas tempestuosas do Archipelago, acabavam de alçar a bandeira constitucional em todas aquellas ilhas.

Estava pois lançada a luva. Os exemplos nobres, poderes sempre em almas proprias para os apreciar, faziam dobrada força no espirito do senhor D. Pedro. Descendente de D. João IV, o dador da carta aprendera na historia da sua casa a confiar em Deus, e na sua espada, julgando tudo facil, quando a cabeça, que medita, e a mão, que executa, não vacillam, nem recuam.

Apenas chegado á Europa toma o nome (que devia illustrar por nobres feitos) de duque de Bragança; e a testa dos homens fieis á causa da rainha, escreve aos soberanos de todas as potencias (1) na

(1) Na vespera da saída de Paris, no dia 24 de janeiro, escreveu o imperador a todos os monarchas, participando-lhes a firme resolução, em que estava, de manter as suas abdicções, e ao mesmo passo apontando-lhes os motivos, que o decidiam a coadjuvar uma empenza, cujo intuito era fazer triumphar o principio conservador, proclamado por todos os gabinetes, como base duravel da ordem e da esta-

qualidade de pae e tutor, declarando-lhes que irá reivindicar a prego de todos os sacrificios o throno para sua filha, e a patria e as instituições, que oirthogára, para seus subditos!

Nada o suspende ou desalenta! Nem os aprestos militares de longa mão dispostos para o repellar, nem as falsas opiniões inculcadas para lhe alienar o povo, nem os trabalhos e as contingencias de uma guerra desigual e cortada de angustias. De rosto firme encara com a sorte, e á força de perseverança e de arrojo obriga-a a favorecê-lo.

Os primeiros embarços cedem logo diante da sua resolução. A palavra do principe levanta os subditos indisponeveis nas praças mercantis. As nações applaudem a audacia do commettimento; e a pequena legião dos portuguezes apressa com os seus votos a bora de tornar a beijar a terra do seu berço, e o jazigo de seus paes!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

—É feliz quem quer só o que pode e faz só o que deve.

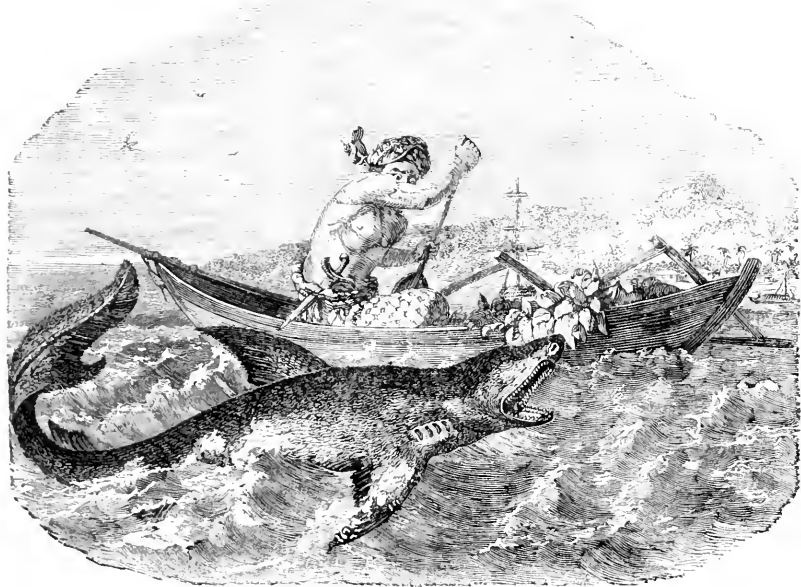
M. CARVALHO — APHORISMOS.

bilidade das nações. Dirigindo-se particularmente ao Summo Pontífice, e ponderando os inconvenientes de continuarem as condescendencias da Santa Sé para com o poder, que dominava em Portugal, o duque de Bragança usou de uma linguagem digna dos seus antepassados, e propria pela energia respeitosa da grande questão, que se agitava. Eis entre outras algumas das suas expressões:

«A certeza, que tenho, de que Vossa Santidade, em todos os tempos, fez a devida justiça aos meus sentimentos, não só de piedade christã, mas de particular devoção e affecto á Santa Sé Apostolica, faria pelo menos superflua a repetição das sinceras protestações, que faço, tanto em meu nome, como de sua magestade fidelissima, minha augusta filha e pupila, do nosso ardente desejo e firme esperanza que temos de persistir, com o favor divino, até ao ultimo sópro da nossa vida n'estes religiosos sentimentos; se eu me não visse n'este momento forçosamente obrigado a manifestar a viva dôr, que me causa o procedimento usado por vossa santidade a beneficio do usurpador da corôa de minha augusta filha, a senhora D. Maria II, em quem somente renunciei e depositei os imprescriptiveis direitos, que tinha á corôa de Portugal, como filho primogenito, e legitimo representante da dynastia de Bragança.

«Eu exprimo, Santissimo Padre, as minhas queixas com aquelle amor, que sente um filho obediente da Igreja, fallando com o pae commum dos fieis. Doe-me particularmente a escolha, que vossa santidade fez (para aceitar e receber as credencias do agente do usurpador) do momento em que voltão do eu á Europa, a toda ella se fez notoria a minha tenção firme e inabalavel de empregar todos os meios, que a Providencia tem posto por ora á minha disposição, e todos os que para o diante me conceder, para derrubar a perdida usurpação do sceptro portuguez, recuperar a minha augusta filha o throno de sen pae e avós, e muito especialmente, como natural consequencia d'este glorioso fim, para acabar de uma vez com a horrenda carniceira e espolição injusta, que se está fazendo ha quatro annos, do mais puro sangue, e da melhor substancia dos seus, e que já foram meus fidelissimos subditos.»





CANOA DA JAVA FUGINDO AO TUBARÃO

A PRESENTE estampa e copiada de um desenho de Freeman, e o facto que representa lê-se no seguinte trecho da *Viagem á Cochinchina*, indo pelas ilhas da Madeira, Tenerife, Cabo Verde, o Brazil e a ilha de Java, por John Barrow, traducção de Malte-Brun.

«Não me lembra ter visto em parte alguma do mundo tamanha quantidade de tubarões como na costa d'Angeria, povoação da Java, onde andam continuamente a caça de preyas, atraídos pelos rotalhos de carnes que o rio acarreta e são deitados á praia.

«N'um dia, estando n'esta enseada arremeci de bordo do navio *Industrio* uma frega sobre um d'aquelles animais vorazes, e pouco faltou que me visse artastado para o mar. O tubarão sentindo o ferro embebedo nas queixadas mergulhou muito avante, e puxando com toda a força a linha, que se tinha embaraçado na borda do navio, levou de um repelão grande parte da balanstrada. Na rapidez com que a corda correu deu uma volta ao redor do meu braço, mas quando eu mais perigava, o animal tornando á flor d'agua afrouxou porção bastante para eu saltar o braço e salvar-me. Confesso que estava aterrado; mas ainda parecia mais amedron-

tado do que eu um pobre javanex, que aproximara da popa do navio a sua canoa carregada de fructas e hortaliças; o seo fragil barquinho corria grande perigo de virar-se pelas rebenadas da cauda e furiosos movimentos do tubarão; os esforços que empregava para afastar-se do animal harpoado, o terror estampado em seu semblante, offerciam um espectáculo na verdade dramatico, de que o nosso desenhador fez rapidamente um esboço. O barquinho escapou ao perigo, e o peixe aferrado de novo foi içado ao convex; achou-se-lhe no estomago uma cabeça de bufalo, grande numero de ossos e alguns fragmentos de conchas de tartarugas; tinha de comprimento mais de quinze palmos.»

A familia dos squalos abrange muitas especies, e á frente de todas collocam os naturalistas o tubarão, o mais formidavel e feroz dos monstros marinhos. Tem a bôca enorme armada de seis ordens de dentes triangulares, serrados na borda, e muito brancos, e que elle pela força dos musculos incitina para traz ou endireita como quer. Com a bôca aberta, os olhos n'uma direcção obliqua, agitando, como a juba do leão, as suas largas e fortes barbatanas, apresenta a expressão de extrema ferocidade; nada com uma rapidez que faz gelar de terror as suas vi-

etimas; as barbatanas e a cauda são dotadas de grande vigor muscular.

Os tubarões têm a fôrma dos cães seus congêneres, e ha-os tamanhos que medem para mais de vinte pés de comprimento e oito de diâmetro; frequentam o mar alto e tanto se encontram nos mares do Norte como em o Mediterraneo; seguem os navios para aproveitar tudo quanto d'elles se deita fóra, porque a sua voracidade é extrema; e se por desastre ou imprudencia algum homem cae ao mar grandissimo é o risco de ser preza do insaciavel tubarão, que o traga com presteza quasi inrivel, e para devorar a victima volta-se e atira-se de lado; só na mui veloz occasião d'este movimento é que um bom nadador pôde escapar-lhe alando-o de bordo por um cabo. Como são mui gulôtes, esta qualidade facilita apalhos, e os marinheiros se vingam n'elles fazendo-lhes tratos: o peixe não presta para comer tendo as fibras secas e duras, mas dos fígados se extrai porção de azeite e a pelle é excellente lixa grossa. Na ilha de Malta e em outras paragens acham-se dentes petrificados, que se denominam glossopetras, e que se diz serem de tubarão; não consta que tenham prestimo algum além de uma curiosidade para adorno de museus e gabinetes de historia natural.

Terminaremos este artigo com um conto mui singular, que reputamos um carapetão, mas que nem por isso deixa de andar enxertado n'uma obra mui auctorizada e de grande valor sciencífico (1). Referimol-o em razão da sua extravagante originalidade. « Em 1758 casualmente caíu ao mar um marinheiro de um navio que navegava no Mediterraneo, e logo ali appareceu um tubarão enorme, prompto a devoral-o, e o enguliu inteiro. Apenas o animal títua o marujo no ventre, o capitão do navio mandou disparar um tiro de peça e a pontaria foi tão certa que a impulso da bala o monstro vomitou no mesmo instante o homem ainda vivo. O tubarão foi depois pescado, acabando de matal-o; tinha vinte pés de comprimento e grossura proporcional, e pedia tres mil duzentas e oitenta e quatro libras; o capitão deixou-o ao marujo que se poz a correr terras mostrando-o por dinheiro. »

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SECCULO X.

IX.

### A PROMESSA DO WALL.

Como o tempo, este grande alchymista, decompõem e transformam opiniões, homens, systemas de politica, interesses das nacionalidades! Onze seculos ha que na península hispanica acampavam dous povos armados, um arvorando o crescente, o outro hasteando a cruz. Um forte pelo numero, pela riqueza, pela civilização, forte pelo fanatismo. O outro fraco em tudo mais, mas robusto pela idéa. Desertaram por vezes soldados e chefes de cada um d'estes campos para o campo con-

trario, mas as bandeiras arvoradas nos dous arrayaes não se confundiram nunca. Pelejaram por espaço de muitos seculos os vencidos com os conquistadores. Sangue de christãos e de infieis correu em ondas pelas vastas planicies, espadanou pelos montes e desfiladeiros da Hespanha. Tomaram-se, retomaram-se castellos e praças. Celebraram-se armisticios, concertaram-se pazes, concluíram-se tratados de amizade entre os chefes das duas potencias belligerantes. Monarchas descendentes dos godos foram supplicantes varrer com os arminhos as escadas do alcaçar de Cordova. Numerosas populações christãs viveram, misturaram-se, confundiram-se, menos na religião, com os seus adversarios, e quasi arabes se tornaram ou *mosarabes*. Houve dias em que pareceu extincta a ultima saudade da patria no coração da posteridade de Pelayo. Mas vinha sempre protestar a este abraço parricida uma voz, uma lança, um grito de alarma bradado por algum sentinella não adormecido. Então rememorada da injuria, do nome antigo, da herança de gloria, que lhe haviam legado seus paes, a raça dos godos renovava a luta. Luta pertinaz e immensa, em que o islamismo cedet a final, perecendo ou embarcando os ultimos descendentes dos guerreiros, que 7 seculos antes tinham aportado áquellas praias com a bandeira da meia lua.

A Europa christã bateu as palmas a este desfecho de um longo combate, que para ella se travára não entre dous povos, duas raças, duas civilizações, mas entre evangelho e koran, entre dous cultos em que o do evangelho fóra vencedor.

Rivalidades, que se apagaram, odius que não lembram já á Europa, nem ao islamismo, resentimentos, que a lima surda de muitos seculos gastou e pulverizou! Montem Abdul Medjid, o sultão, hospedava a liberdade foragida da Hungria e da Polonia, hoje o vigario do profeta manda reedificar o Sauto Sepulchro!

E que a civilização pôde mais que os cultos. Tomando na mão o crescente e o evangelho, cruzando o gallo, o saxonio, e o turco, posta-se no Bosphoro, no Mar Negro e no Baltico, acampa nas margens do Danubio. Assim se aperfeigou o espirito das gerações, espera a pé firme a barbaria, que do alto do Kremlin proclama aos hypopcritas cosacos do Don, ás hordas innumeraveis do seu imperio, que em nome do Crucificado exterminem a Europa policiada.

Sem descavalgarem, como os deixamos, olhando-se um ao outro pelas vistas dos elmos, e postos frente a frente os dous guerreiros como dous enigmas vivos, que se iam decifrar reciprocamente, Fernão Gonçalves ergueu de improviso a viseira. No rosto lhe apontavam curiosidade, esperanza, mesmo uns toques de receio.

— « Cavalleiro nazareno! o disse-lhe o wali em continenti « beijo-vos as mãos por vossa franqueza, se bem que não precisava ver-vos de venda erguida para saber que estou na presença do poderoso emir de Castella (o wali inclinou respeitosa e acabou). Quisera eu, de bom grado, corresponder á vossa cortezia, descobrindo-vos o meu rosto, e meu nome: mas, pelas 5 columnas do islamo o juro! — não posso. Desculpae-me. Rasões imperiosas... »

— « Não pretendo sabel-as, nobre cavalleiro. use como vos aprouver. »

— « Desculpas-me? »

— « Certamente. »

O wali tornou a inclinar-se, e proseguiu logo: — « O sultão califa de Cordova envia-vos este anel, que é vosso. »

E no acto de o entregar ao conde, o mensageiro levou o anel ao coração, aos labios, e á cabeça.

(1) Lê-se esta rara anecdota na traducção alemã do systema de Linceu pelo professor Muller, 3.<sup>a</sup> parte.

Ao receber o anel, exclamou o conde: «Magnânimo príncipe, que forças os teus inimigos a admirar-te!»

— «Acaso vos esqueceu, senhor?» observou-lhe o mensageiro com uma ligeira inflexão irónica na voz «acaso vos esqueceu, que o commendador dos crentes se apoderou das pragas de Aranda do Douro e Osma, auxiliado por vosso sinete?»

— «Como poderia?» lhe tornou o conde «como poderia jamais varrer-se da memória a perda de duas das melhores joias do meu senhorio! São feridas, que me vertem sangue na alma: ao tempo compete cural-as... Mas não serei eu indiscreto se vos perguntar aonde mira a vossa fureza?»

— «A nenhum alvo, senhor. Apenas julguei a propósito advertir-vos, que o califa vos não restituira os dous thesouros, como vos restituira a chave, com que foram abertos.»

— «E seu direito. Não me queixo que use d'elle. Perdoae-me, contudo, que seja importuno, perguntando-vos se me sereis permitido offerecer ao mensageiro de tão boas novas alvigras, que sejam dignas de nós?»

— «Alvigras, senhor!» respondeu o wali «Por Allah que as maiores, a que eu podia aspirar, era a honra, que alcancei, de portador d'estas novas.»

O conde agradeceu com uma leve inclinação de cabeça, e acrescentou:

— «Mas ser-me-ha licito saber quem sois?»

— «Um homem» respondeu-lhe o mensageiro.

N'este ponto do dialogo os ecos repercutidos da banda de Lerma atravez do horizonte transparente trouxeram aos ouvidos dos dous interlocutores as notas, ainda que frouxas pela distancia, da musica guerreira dos arabes, e transportaram o sem perdido das acclamações do acampamento: porque se bem mediassem algumas leguas entre o sitio da conferencia e os arrabaldes inimigos, o estrondo de cem mil vozes podia sem difficuldade favorecido pelo vento vadear o espaço inter-medio. Haveria no campo arabe algum regozijo extraordinario? Os sons parecia que de ora em quando se vinham aproximando. Se realmente era a hoste do califa, que se movia, se effeito acustico exaggerado pelas apprehensões do conde, não podia este sabel-o. Conjecturava, suspeitava, hesitava, chegava a temer, media com desconfiança e receio o cavalleiro desconhecido. Cobrou em fim a sua habitual presença de espirito, e disse:

— «Um homem?... Não tenho direito a interrogar-vos: mas é pouco explicita resposta a vossa, leis de convir.»

— «Convenho: e contanto e a mais explicita, que me é dado offerecer-vos, porque n'esta hora não poderia o meu nome ser-vos revelado sem risco, sem indiscreção, pelo menos.»

— «Satanaz que fosseis... pela mão e a lava podéis fallar sem receio.»

— «Receio?... E posso em tel-o do emir nazareno, se o peito me pulsa por vós com o tremor de amigo! Até aqui pôde ir a minha franqueza: mais longe não. Cubra esta mascara de ferro o meu nome, e uma parte do meu segredo. Tempo vira — e mihi brevis, espero eu — em que de alfinje na mão, e com a visieira erguida possa satisfazer a vossa curiosidade, e os meus bons desejos.»

— «Agradeço-vos a declaração, e respeito o vosso segredo, senão cavalleiro anónimo. Mas tenho um soberbo ginete de Barbaria, e um dos mais bem temperados montantes de Toledo, que me prazerei pôr ao vosso serviço.»

O arabe curvou-se, agradecendo: e disse: «E eu tenho uma boa espada de Cordova, e o brago do wa-

li de... de um wali do emirado; e no meu careaz tenho cinco setas, e por cada uma que enviar as minhas tendas mil guerreiros montarão prestes em seus corceis: tudo isto tenho para vos ajudar em tua propicia. Ainda espero que convivam com as castelhanas as tendas de Hedjaz. Mas até lá, filho de Castella, eubramo-nos com o manto da paciência, e guardemos no cofre recondito da alma nossos pensamentos.»

Até tocar na sella com o penacho do elmo se curvou o conde ao wali; e reverencia adequada a um dignitario de tão alta esfera na jerarchia arabe. Atônito da inesperada abertura de personagem tão importante, disposto a aproveitá-la, convencido mesmo da necessidade de a sagrar com as solemnidades de um empenho formal, ao conde pareceu declarar-se com o arabe, atrahindo-o ao seu intento por um largo igualmente cortez que deliaado.

— «Vejo, nobre wali» lhe disse elle «que o céu me sorri, porque inopinadamente me favorece com um bom poder-o aliado. Não serei eu tão indiscreto que pretenda indagar os termos ou a extensão do auxilio, que acabaes de prometter-me. Mas desajaria corresponder-vos, penhorando-me ao vosso serviço por um pacto solemne. Dizei-me o penhor, que quereis.»

Tomando primeiramente uma postura meditativa, que apenas durou instantes, o wali respondeu com o accento de uma resolução inabalavel:

— «A vossa espada por vosso penhor, e a minha pelo meu. Sois contente, filho de Castella?»

Trocaram então as espadas; egingram-nas; egingidas, cruzaram-nas, e ficou assim sellada esta alliança marcial sem testemunhas, sem scriptura, sem ser conhecido do outro um dos contraentes, e por únicos factores do estranho pacto a religião da consciencia, a honra das armas, e a palavra dos dous cavalleiros, que se despediram um do outro, o wali beijando o hombro direito do conde; e o conde o hombro esquerdo do wali.

Ao sair da conferencia mysteriosa foi o chefe arabe saudado dos jubilosos Aládis da sua escolta. Apreensiva por elle, na impotencia de defendel-o ou vingal-o, festejou-o salvo de perigo, e com elle na frente desfechou a tudo o galope em demanda do campo de Lerma.

— «Tão generoso como indiscreto, ah! conde, que fizeste tu?...» Isto em silencio lho diziam ao conde. Isto lhe arguiam os olhos tristes, e os gestos repletos de reproches de Gonçalo Dias. Era uma exprobação muda a Fernão Gonçalves pela sultura de Othoniel. O conde respondia, encolhendo os hombros tristemente.

Do fio d'esta narrativa terá deluzido o leitor que critica era a situação do conde de Castella. Vamos a pôr as vantagens, que também as tinha ella, e as desvantagens d'esta situação.

Fernão Gonçalves contava inteiramente com a devoção do conde Diogo Minôr e do conde Gomes. Ambos eram também condes de Castella. Elles e outros tinham esse titulo, que a diversos talvez fôra dado pelo rei de Leão para suscitar rivas em inimigos a Fernão Gonçalves. Mas o renome d'este, o seu poder real, e qualidades pessoais eram uma esfera de attração, que absorvia as influencias d'estes potentados quando amigos, e as annullava quando adversarios. A sua predominancia sobre os competidores, que he oppunham a herança ou a nomeação, testificam-na a historia e as legendas. Ambas lhe attribuem também o titulo de conde de Alava, titulo conquistado por esse ascendente politico, militar e popular, que o fez soberano de Castella. Em Alava appareceu contemporaneo o conde Inigo Lopez: mas

depois de expulsos dessa provincia por Fernão Gonçalves os condes Velas, Ínigo ficou addicto e sujeito ao celebre chefe castelhano, que com razão podemos chamar o senhor supremo de Castella e Alava, considerando como seus vassallos, feudatarios inferiores, ou como satellites d'este grande planeta os outros, que se intitulavam condes de cada uma d'aquellas provincias. Taes eram as forças proprias, os recursos naturaes de que dispunha Fernão Gonçalves.

Além d'elles trazia ao serviço do seu pendão alguns senhores do Aragão, da Gallia e de Portugal acompanhados de cavalleiros e homens de armas das suas nações, assoldados uns, outros aventureiros de gloria que queriam ganhar, alguns rebeldes aos seus suzeranos, alguns anhelantes por um desforço de offensas particulares, ou criminosos nas suas terras, que viuham buscar acollheita nas bandeiras de um grande poder. alguns tambem appetecendo a guerra pela guerra, como se appeteece um passatempo, como se arma uma caçada, uma partida de jogo, ou uma empreza de raptio. Mas todos elles forasteiros, ou quasi todos, eram mais ou menos actuaes de um impulso de patriotismo, e de um impulso de pillagem; dous incentivos, que parecendo brigar um com outro em vivo combate, ao contrario casavam-se muito bem n'aquellas eras remotas, havendo ainda hoje exemplos de fazerem consorcio abençoado, como acontece viverem em santa paz no coração de algumas bellas devotas o amor divino com o amor humano.

A conjuração de Carrion de los Coudes era uma util diversão aos meios de ataque, que Ramiro podia empregar contra o conde de Castella. As credencias interceptadas ao primeiro iam proclamando a apostasia d'elle no som de trombeta e tambor, onde quer que chegava a influencia dos conjurados. Mas estas traças caminhavam com pé tardo ao seu fim. Distancias, disseminação de povoações, receios de uma surpresa dos soldados do rei faziam vagarosa a demolição ou auctoridade moral de Ramiro. Já escapando a cadeia dominical do suzerano homem por homem, lança por lança, malha por malha; não era castro a castro, castello a castello, villa por villa. As monarchias de então, mui outras, e muito mais fracas que as do nosso tempo, não careciam comtudo de uma certa centralisação onde era mister atacal-as. Foi o expediente a que mais tarde recorream o conde supremo, e os seus alliados de Carrion, segundo veremos na successão d'este drama.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

#### REFLEXÕES RELATIVAS À VIDEIRA, SUAS DOENÇAS E MEIOS DE AS CURAR.

De todos os individuos do reino ou classe vegetal, a videira é o que tem uma transpiração mais abundante, operando-se essencialmente de nocte.

Tudo que lhe obstrua os poros, promove-lhe a desorganisação, porque é impossível a todo e qualquer individuo ter saúde não aspirando e respirando desembaraçadamente.

Tudo que a videira se fizer com o nome de remedio que lhe obstrua os poros, em vez de ser remedio agrava-lhe o mal.

Quatro individualidades visiveis atacam simultaneamente ao presente a videira e são:

A borboleta preta, e cinco ovos nascem as lagartas pretas (muito pequenas), que roem as cascas

dos lançamentos novos e os bagos salteados dos cachinhos no seu desenvolvimento.

Uns individuos (piral) do feitio do côcus das oliveiras, mas muito pequenos e de uma actividade indivisivel, que só se consegue vel-os a o microscopio depois de asphixiados e que fazem iguaes estragos.

Um outro individuo (piral), mais volumoso e do feitio do percevejo com as costas duras, e que tem um riscão n'ellas em todo o seu comprimento e dous transversaes, os quaes quando adultos cobrem-se todos de cabellos ou pellos fortes, tendo apparencia de ouriço: faz estragos semelhantes aos antecedentes.

Um outro individuo de côr amarellada e com muita semelhança da abella, e que causa tambem os mesmos estragos.

Todos estes individuos na sua passagem e repassagem deixam um tecido ou teia, que com as larvas das lagartas e os casulos, em que os outros vermes depositam sua seguinte geração, chegam a obstruir completamente a videira, augmentando a desorganisação d'esta pela subtracção dos sucos de que se nutrem as ditas larvas.

Sendo-se de opinião que o Oidium Tucherii é o mal secundario, e só devido á teagem, larvas e casulos que cobrem a videira e á sua desorganisação, resultando d'estas causas a podridão sem cuja existencia não tinha o Oidium Tucherii aonde germinar, por isso que semelhantes plantas ou individualidades só em podridão existem; opinião que, sem venial tenção de offender alheias opiniões, com franqueza se escreve; segue-se irremissivelmente que a videira atacada no fim de dous annos está hydropica, porque os saes que devia exhalar, a falta do ar que devia aspirar e a perda dos sucos subtraídos pelas larvas, a desorganisação completamente e conhece-se este estado, a que se segue a morte, pela exhalação dos troncos de um humor cinzento com cheiro fetido.

Muitos e variados meios foram empregados como remedio, mas os positivamente remedios e ao mesmo tempo mais verificaveis e baratos, (talvez em parte lucrativos pelo poupanamento que vem a produzir na duração da madeira e cannas) são os seguintes:

#### Remedios.

Nos mezes de dezembro e janeiro, quando as individualidades novas estão inertes, podar curto, ou cortar a maior parte dos lançamentos atacados no anno antecedente.

Lavar com uma escova curva com os cabellos na parte interna, e com agna pita todo o tronco e bracos da videira, sendo possível, ou pelo menos o tronco, para lhe arrancar todas as ditas larvas e casulos, com as quaes vão as matrizes do Oidium Tucherii.

Devem-se pôr esteiras ou pannos no chão durante esta operação, para tudo que se cortar e desprender ser queimado em forno, porque assim aniquilava-se talvez completamente o mal, se possível fosse praticar-se simultaneamente em toda a parte.

Toda a madeira e cannas que se empregar nas parreiras ou vinhas (devidamente as cannas ser cortadas nos nós para não ficarem vazios, que sirvam de morada aos vermes) devem ser pintadas com alcatrão do gaz, misturando-se-lhe a quarta parte de oleo de cárapato ou de oliveira, depois de ambos fervidos.

No fim do inverno e principio da primavera, matar as borboletas, fazendo fogueiras de palha ou feño bem seco, em noites escuras, nas vinhas ou parreiras do lado opposto ao vento que dominar, para aniquilar o maior numero possível d'ellas, que atraídas pelo fogo, e compellidas para elle pelo vento, morrem queimadas.

Dar caça ás lagartas pretas que nascem dos ovos das referidas borboletas, que muitas vezes antes de se principiar a trabalhar encontram-se em montes junto dos troncos debaixo da terra.

No principio da primavera quando se desenvolvem os ditos vermes asphixiaes, o que se consegue com a exhalação do dito aleatrão do gaz misturado e fervido com o azeite, como fica dito, sendo bom renovar dando-o nos troncos das sepas ou parreiras; mas o que se empregar nos troncos deve o azeite ser de oliveira, dando nos ditos troncos traços transversaes desunidos em direcção contraria para não fazer anel que embarace a circulação da seiva.

O asphixiamento dos vermes com a exhalação do aleatrão do gaz e azeite de oliveira é talvez, pelo adiantamento da vegetação, o remedio que sem perda de tempo se deve fazer para salvar a maior porção possível de uvas.

Os cachos já atacados, e que vem a apodrecer, salvam-se conseguindo-se que amadureçam e se tornem perfeitos os bagos não destruidos, lavando-os com agua pura e com um pincel grande ou mediano, trabalho este que nas vinhas e latadas pôde ser feito por mulheres e creanças, e que não produz de lucro menos do que tres vezes a despeza que com tal lavagem se venha a fazer.

As parreiras doentes, bem como as sepas ha um ou mais annos, e que dão d'isso o signal, lançando humor fetido, devem ser quanto antes saigradas, dando-lhes um golpe perpendicular nos troncos fundo de polegada, e comprido de dous palmos para mais, e passados 15 ou 20 dias cobrir este golpe com o aleatrão do gaz fervido com azeite de oliveira, adicionando-lhe um pouco de gesso em pó.

Tudo isto feito depois dos vermes desenvolvidos e verificados os estragos (exceptuando a lavagem dos cachos ou uvas), de nada serve, antes augmenta o prejuizo, pela perda da despeza feita fóra de tempo.

No mez de março do anno passado de 1853, um cultivador do lugar de S. Pedro de Penha-Ferrim de Cintra fez a descoberta do aleatrão do gaz ser remedio para as videiras e outras arvores, essencialmente por seu arôma desenvolvido pelo sol asphixiar os vermes e afugentar os insectos.

A madeira e cannas assim aleatroadas, duram muitos annos, e n'esse poupanimento fica não só indemnisada a despeza, mas até ha lucro.

O petroleo, ou oleo mineral, vulgô aleatrão do gaz, tem a virtude de petreficar e carbonisar empregando-se só, e para evitar esse mal allia-se-lhe o azeite, ou alguma materia oleosa ou gordurenta.

As fumigações com enxofre, ou lançar-se o pó da flor de enxofre, tem por fim asphixiar os vermes, e afastar os insectos, o que se consegue com mais permanencia com as exhalações do aleatrão do gaz e azeite, sendo isto mais barato e efficaç, e sem o inconveniente da obstrução dos poros da videira, o que o pó da flor d'enxofre, vae parcialmente causar, sendo impossivel conseguir-se completo resultado benéfico, sem a desobstrução da videira.

Uma outra vantagem de valor incalculavel se consegue em respirar as exhalações do dito aleatrão do gaz, qual a de se vigorarem os musculos e nervos, do que é prova irrecusavel a saude e vigor que n'elles gosam todas as pessoas que se empregam na companhia do gaz, e todos os que trabalham em forjas com o carvão mineral, antes de se lhe extrahir o gaz e o oleo.

O dito cultivador do lugar de S. Pedro de Penha-Ferrim de Cintra, é quem fez a descoberta do aleatrão do gaz ser remedio, como fica referido, em março de 1853, o que é sabido por muitas pessoas

respeitaveis de Lisboa, e por isso se o remedio das videiras é esse, a elle e só a elle pertencem os premios prometidos.

Lisboa 5 de maio 1854.

S. P.



MARGARIDA FINCH.

Na litteratura ingleza, hoje em certo modo familiar nossa pelas traducções de Walter Scott (1), ha frequentes allusões a *Margaret Finch*. Esta mulher pertencia á casta mysteriosa e vagabunda que em França denominam bohemios, em Italia zingari, em Inglaterra gipsies, e na peninsula ciganos.

Naseu em Sutton no condado de Kent em 1631. Na longa vida de citema annos percorreu as ilhas britannicas lendo sinas. Os ciganos do reino de Inglaterra elegeram-na sua rainha. Chegando a extrema velhice fixou residencia na cavidade de um rochedo em Nor-wood; e ali passava dias e noites assentada, fumando, e satisfazendo a natural precissão com pouquissimo alimento. A sua indigencia era voluntaria; seria rica se quizesse, porquanto a fama de advinha, o titulo de rainha dos ciganos, a singularidade do seu viver, attrahiam muitos em numero extraordinario a visital-a, e quasi todos dispostos a presental-a; porém não tinha ambigão. Com a barba fincada nos olhos e assentada como esteve por largo tempo finou-se em 1740 na idade de 109 annos; os musculos e nervos estavam tão hirtos que ainda que quizesse já não podia mover-se da postura que tomara. Fizeram-lhe exequias, e não faltou oração fúnebre, a que assistiu muito povo.

#### NOVO BETUME.

Limalha de ferro reduzida a pó impalpavel 500 grammas, cabeças d'alho pizadas 60 grammas, vinagre muito forte em qualidade sufficiente para fazer massa meio-liquida: tapa-se com este mixto os intersticios das pedras e não deixarão passar a agua.

(1) Fallando de traducções dos livros de Walter Scott referimo-nos ás do sr. Ramalho, feitas com litteraria consciencia, tomadas do original inglez, e trasladadas em pura linguagem portugueza. Vejam-se as versões do *Quentin Durward*, do *Castello de Kenilworth*, da *Anna de Geirstein*, do *Haverly* e outras.

NUA MAJESTADE A SENHORA D. MARIA II. (1)

Sunt lacrimae rerum, et mentem mortalia tangunt.

VIRGIL.—ÆNEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris excubiis pergebat.

SUET. IN CÆSAR.

Ævum suum tetendit... et in eo paravit vasæ mortis.

PSALM. VII, v. 14.

NASCEU O dia 25 de janeiro de 1832, e o duque de Bragança, saltando-se dos braços da mais querida das esposas, vem renovar perante sua filha a heroica promessa de lhe restituir a coroa, ou de perecer no empenho. A princeza Amelia, nascida de dous mezes, dormia com a serenidade da innocencia, quando a vista do pae estremoos lhe contemprou o angelico semblante, e lhe gravou as feições na saulada da alma. Um osculo ao de leve na face, uma lagrima furtiva, que o aqueceu, um abraço, o ultimo, o mais entraheavel á esposa, e á filha, que lá defender, foi o que permittiu aos affectos mais arrebatados da existencia. Depois a fortaleza prevalecendo apagoos dos olhos os nodos da terra, e arrancando-se aos transe da despedida voo de Paris a Nantes, e d'alli ao porto de Belille, aonde o esperava quadro digno do seu peito generoso.

Os emigrados dispersos por França, Italia, Alemanha, e Belgica, mal lhes soa a noticia da partida do duque de Bragança para conduzir a Portugal os defensores da causa liberal, acodem de toda a parte, e mostrando os signaes da honrosa pobreza, offerecem unanimes o braço e o sangue, como unico auxilio que podiam prestar á empreza, que se va tentar. Para alli chegarem dos retirios, em que arrastavam na indigencia os dias desditosos, os mais d'elles, vendendo roupas e vestidos, tinham feito a jornada a pé, e muitos descalços, e quasi nus! Eram officiaes distinctos com as gloriosas cicatrizes da guerra peninsular marcadas no peito; eram magistrados illustres e veneraveis, orgulho da toga e das letras; eram ecclesiasticos, proprietarios, e lavradores, que preferido a e-cacez e o desterro á fraqueza e ao perjurio, aguardavam ás beiras da terra estranha á hora de quebrarem o captivo, volveo a espáirrecer os olhos pelo brando céu e campos da patria desjedada.

O imperador commovido, e apertando-os nos braços, pagava com as gratas expressões aquellas amarguras de tantos mezes; e accitando-lhes os serviços no valor que tinham pela acrisolada dedicacão, expelle as ordens para serem reunidos ao corpo da expedicão.

Já a bordo da fragata Amelia, antes de desfraldar as velas, e dar começo á lucta, patenteia uma vez ainda a magnanimidade dos sentimentos, e a elevacão do espirito, publicando um manifesto memoravel, monumento perjetuo dos direitos da rainha, e padraõ eterno da justica da sua causa (2). Os

1 Continuação de pag. 144.

21 O manifesto publicado em Belille tem a data de 2 de fevereiro de 1832, precedeu seis dias a partida da esquadra, e foi assignado a bordo da fragata Rainha de Portugal.

Supponnos que não parecerá inoportuno transcrever-se aqui a parte d'elle que explica o pensamen-

soberanos recebendo-o leram até ao fundo nas intenções de um grande coração, e viram que a verdade estava nos labios de quem fallava assim. Nenhum ousou oppôr-se ao pae que pelejava pela coroa de sua filha; nenhum se atreveu a contrariar o mais nobre e talvez o mais temerario dos projectos, que o seculo ainda presenciára.

A 10 de fevereiro a pequena esquadra levanta ferro, e encaminha-se para os Açores, agoutada pelas iras de um temporal, que ameaça a cada instante sepultar com ella as ultimas esperanças de Portugal. Inalteravel nos perigos, e curando só de minorar os padecimentos alheios, o duque de Bragança avista no dia 21 a ilha de S. Miguel, e logo a 22 salta em Ponta Delgada, entre regosijos e acclamações. A 28 está na Terceira, aonde o governo lhe entrega a regencia, que só acceta constrangido; e zombando das fadigas, como zombou depois das vigílias e de toda a especie de privações, nega o descaço ao corpo, occupando-se na laboriosa tarefa da formação do exercito, que ha de commandar, e applicando o tempo, que lhe sobra das cousas militares, ao exame das reformas, dictadas com os seus ministros para desenvolvimento pratico das maximas da Carta.

Tudo se amolda e accelera segundo os desejos do principe. Em menos de noventa dias fez-se a obra de muitos mezes, e ao romper da manhã de 22 de junho, designada para o embarque das tropas, a aurora abrindo no horizonte já o encontra no meio dos seus generaes com as furgas em ordem de marcha!

Antes de pôr o pé no convex dos navios a legião constitucional dobra o joelho diante do Senhor dos exercitos, assistindo no meio do campo ao sacrifi-

to do acto, que outorgou as liberdades consignadas no codigo de 1826.

«Os meus deveres e os meus sentimentos a prô do paiz, que me deu o nascimento, e da nobre nação portugueza, que me havia jurado fidelidade, induziram-me a seguir o exemplo de meu avô o senhor D. João IV. Aproveitando o curto espaço do meu reinado para restituir, como elle fizera, á nação portugueza a posse de seus antigos fóros e privilegios; cumprindo d'essa maneira tambem as promessas de meu augusto pae de saudosa memoria, annunciadas na sua proclamação de 31 de maio de 1823, e na carta de lei de 4 de junho de 1824. — Com este fim promulguei a carta constitucional de 29 de abril de 1826, na qual se acha virtualmente revellidada a antiga fórma de governo e constituição do estado; e para que esta carta fosse realmente uma confirmacão e um segunimento da lei fundamental da monarchia, garanti em primeiro logar a protecção mais solenne, e o mais profundo respeito á sacrosanta religião de nossos paes; confirmei a lei da successão com as clausulas das côrtes de Lamego; fixei as epochas para a convocação das côrtes, como outrora já se havia praticado nos reinados dos senhores D. Alfonso V e D. João III; reconheci os dous principios fundamentais do antigo governo portuguez, isto e, que as leis só em côrtes se fariam, e que as imposições e administração da fazenda publica só n'ellas seriam discutidas, e jámais fóra d'ellas; e finalmente determinei, que se juntassem em uma só camara os dous braços do clero e da nobreza, compostos dos grandes do reino, ecclesiasticos e seculares, por ter mostrado a experiencia os inconvenientes que resultavam da separada deliberação d'estes dous braços.»

cio da missa; e aos raios do sol nascente o ministro de Jesus Christo, invocando o Deus vivo, fonte de toda a justiça, abençoá as armas e as bandeiras; em presença da grandeza da scena, e da sublimidade do espectáculo, as lagrimas relientam até dos olhos que nunca as conheceram, e os mais endurecidos sentem sobre si um poder secreto, e uma commoção invencível. Nas fileiras resôam espontaneos gritos de enthusiasmo, annunciando o ardor que as devora; e ás vozes dos soldados impacientes misturam-se as acclamações do povo saudando o regente, e agouando aos que partem a gloria que os successos lhes preparam. A 27 larga a armada dos Agores; e a 8 de julho os defensores da rainha pizam as armas do Mindello, retirando sem combate a divisão inimiga que os vigiava. O dia 9 esclarece a entrada do imperador no Porto no meio do jubilo dos habitantes.

Eis as novas que pondo termo as incertezas chegam de repente, serenando em Paris as inquietações da esposa e da filha anciosas para langarem afinal uma côr menos sombria sobre as horas melancolicas do seu exilio. Mas d'estes successos aos acontecimentos, que se seguiram o exito da empreza, mediam ainda largo periodo cheio de sobresaltos e tribulações. Antes de se voltar para elle, e de corôr de pleno triumpho as suas armas, a fortuna vendeu caros os sorrisos ao imperador. Quantas alternativas não troucho, oppondo á victoria de hoje a escacez de hontem, e as estreitez do dia immediato! Quantas esperanças, apontando por um instante, se não convertoram na sombria apprehensão do revez, que parecia inevitavel!

Apertadas em um circulo de bayonetas, cerradas as communicações de terra, e fechadas de todo as portas do mar, debaixo do temporal desfeito dos invernos, e do cruzar incessante de bombas e granadas, os defensores do Porto, em repetidas occasiões, olharam tristemente para as baterias quasi mudas, por falta de munições, e receieram, suspirando, que o braço debilitado com o peso dos trabalhos, e pelos rigores da penuria, não lhes enganasse a coragem e a vontade!

Logo em 23 de agosto de 1832, um mez depois da sua entrada na cidade, a legião da Terceira travou com as tropas do governo de Lisboa um comate decisivo. Cinco mil soldados da rainha derrotaram em Ponte Ferreira quinze mil contrarios; mas esta accção, que dava a medida do valor do exercito capitaneado pelo senhor D. Pedro, mostrava ao mesmo tempo a resistencia, que devia esperar-se da parte dos inimigos. A lucta desenhou-se nas suas verdadeiras proporções desde esse dia; e accampado sobre a relva, como simples guerreiro, o principe vendo longe nos seus encançados gastou a noite em meditar sobre a construcção dos redutos, com que premuniu o Porto, e sobre a organização dos corpos, com que soube guarnecer os.

Tragando a primeira e a segunda linha de trincheiras, o duque de Bragança, virando-se para os que o rodeavam, acrescentou com o tom de quem profere uma phrase indifferente: « a terceira é na praça nova. Se perdemos as outras, iremos morrer ali. » O dia 8 de setembro depresso veio provar a prudencia e a sabedoria das disposições adoptadas pelo senhor D. Pedro. Carregando em força sobre as fortificações do lado do norte, os contrarios abriram em vivo fogo a epocha do memoravel cerco, que o valor, firmeza, e prodigiosa actividade do duque de Bragança, e dos seus bravos companheiros, mantiveram de peito robusto, fallendo-lhes de fira todo o auxilio humano, e apurando-lhes dentro a paciencia e a constancia os flagellos mais crueis, a peste, a fome, e algumas vezes tambem as convulsões fataes da discórdia interna!

Não é para aqui, nem que fosse cabia no estreito

quadro d'este painel, descrever minudamente todas as phases da guerra da restauração de 1832 a 1837. Estamos muito proximos ainda dos factos para correr livre e desapassionadamente o pincel. Conprehendamos dar summaria idea do principio e do desenvolvimento da empreza; e mal acabada e omitta como hade sair ao fugir da penna, julgamos que supprira o fim, que nos propozemos.

Para a historia é cedo por ora, e embora houvesse chegado a hora, a uma commemoração d'esta natureza não é que pertencia usurpar-lhe o baril severo. Deixaremos por tanto encostados aos parapetos das trincheiras os defensores do Porto, e voltando atraz iremos a França para tornarmos a vêr de novo as princezas, que separadas de metade da sua alma, confiavam pelas miguas as pesadas horas da ausencia, e as da incerteza, mais pungente se é possível.

A senhora D. Maria II, cujo destino foi desde a tenra infancia experimentar as mais instructivas alternativas da vida, tinha aprendido na escola do infortunio a coater os impetus a dôr, disfarçando o lluto do coraço sob apparencias quasi tranquillias. Contemplada nos momentos, em que padecia mais, e exterior sereno, que ostentava, a ninguém diria que as lagrimas em torrentes procuravam o silencio e a solidão para viajarem a sensibilidade exaltada, e a natureza, do esforço que a constrangia. Um dos exemplos notaveis d'este raro poder da alma sobre si mesma, que ficou entalhado na memoria de quantos observaram a scena, foi d'ello por occasião da despedida do imperador, quando ao sair de Paris para Bellile, apertou nas bracos esposa e filha, ignorando se Deus concederia ao seu extremo a ventura de astornar a vêr, assim unidas ao pito, e mais felizes debaixo dos tetos amigos de seus avós.

No dia 25 de janeiro de 1832 o duque de Bragança passou a despedir-se da rainha na qualidade de general portuguez, vestindo pela primeira vez a farda do seu posto, e jurando que a restituiria ao throno, ou ficaria sepultado nas ruínas de Portugal. O espectáculo de um pae de joelhos diante de sua filha de treze annos, da soberana desvalida e despedada da corôa, prestando-lhe a homenagem de fidelidade dos ultimos cavalleiros voalva a sua divisa, comoveu o peito de quantos assistiam ao doloroso lance, e arrasou de pranto os olhos menos alleitos a derramalo. Um incidente hanteste-sensivel veio augmentar ainda o interesse ao quadro. Retirando se por entre duas alas de subditos dedicados, o senhor D. Pedro demou-se alguns instantes junto de dois velhos carregados de annos, de respeito, e de serviços a cinco gerações de reis, e abraçou n'ellos estreitamente, e com filial carinho, a antiga baldade da monarchia, que representavam em um apartamento, que para ambos havia de ser eterno.

Eram os marquezes de Lavradio e do Enchil. As palavras de amor e de esperanza, que a voz tremula dos dons ancios depositou no seio do principe, encomendando a Deus a sorte da expedição, a gloria do chefe, e o sepiro da rainha na infancia, a todos penetraram de religiosa commoção, e houve um momento de pausa, em que a mudez geral disse o que os labios não podiam articular. Enternecido e inclinando a fronte á benção dos velhos conselheiros e amigos de seu pae, o duque de Bragança arrancou se ao golpe d'esta vista, e cercado dos que deviam acompanhalo, apressou-se em deixar o recinto com o recio de que, cedendo ao impulso dos proprios sentimentos, enfraquecesse da sua costumada firmeza.

Se a pena era forte nos estranhos, e se os tragos d'este conflicto affectuoso se gravavam no animo dos estranhos, qual seria o estado da princeza, por todos

os motivos a primeira a sentil-o, e a doer-se?! O semblante contudo não deu signal do intenso pesar, que a suffocava. Os olhos fitos, e secos não denunciaram a angustia secreta; e o peito apertado de ancia, nem por um solgo trahiu os padecimentos intimos. Acompanhando a seu pae, que a deixava por tanto tempo, indo expor-se aos maiores riscos na sustentação de seus direitos, e não sabendo se tornaria a abraçá-lo, a senhora D. Maria da Gloria, digna do heroe pela constancia, sopeando a afflicção, não descobriu o mais leve indicio de fraqueza. Depois de só consigo, e com os da sua intimidade, ao contemplar á meza o lugar vago aonde ficava o imperador, é que reberaram as lagrimas com violencia, e que em muitos dias de tristeza a ouviram repetir os suspiros, e as maguas pela falta inconsolavel. Em quanto podia exacerbar os transe da despedida, agravando a dôr ao pae e á extremosa mãe, que lhe representava na ternura a imperatriz, quiz e conseguiu que o rosto obedecesse, e que o pranto, correndo occultamente, só caindo dentro do coração!

Dotada de tanto poder sobre si mesma, e assim capaz de sujeitar os impulsos da alma ao rigor das obrigações, e á necessidade das circumstancias, a rainha escondia as inquietações e os sobresaltos proprios, procurando suavisa-los aos que a cercavam, durante o periodo mais duvidoso da empreza do senhor D. Pedro. Igual na magnanimidade, no esforço, e no amor viril, a imperatriz resignada com a vontade de Deus, e crente na justiça dos seus decretos, sustentava identica serenidade e fortaleza perante as boas e más novas, que se alternaram nos mezes de austera provação, em que a guerra ardia furiosa em volta do Porto, redobrando-se os perigos, e accumulando-se os sacrificios sobre a cabeça de seu esposo, a cada hora ameaçada de um desastre, que viesse cortar as esperanças, que unicamente estribavam no seu valor então os quasi desalentados defensores da causa liberal.

Finalmente a Providencia condeou-se do soffrimento nobremente supportado das duas princezas, e uma noticia fausta e decisiva illuminou-lhes subitamente o horizonte, esfolhando por cima de seus dias as primeiras rosas que tão cedo haviam de trocar pelos goivos e cyprestes de um tumulo! Os successos tinham-se precipitado favoraveis como no comeco parecia que se precipitavam adversos. As tempestades, que cerravam o Porto aos socorros de munigiões e mantimentos acalmaram-se, e de numerosos navios desembarca ao abrigo das noutes toda a especie de auxilios. A generosa offerta de um monetario portuguez fornece as sommas necessarias para libertar a pequena esquadra das exigencias, que a prendiam ociosa; e logo no 1.º de junho, cinco vapores expedidos de Inglaterra vencem a barra, trazendo abundancia de proimentos e copia de soldados.

Pouco antes os máis ousados esmoreciam e desconfiavam vendo-se quasi abandonados; agora a ventura como que vinha entrando pelos mesmos extremos por onde se enclava que fugira toda a fortuna. Sem a penosa e critica posição, que tinha atravessado inabalavel, a gloria do duque de Bragança, e de seus irmãos d'armas, não seria tão alta e invejavel. O timbre da moderna alliada, com que immortalizou o nome, sem os trabalhos e os revezes padecidos heroicamente, não podia elevá-lo até aonde se ergueu. O senhor D. Pedro a si, e aos seus guerreiros é que deve os prodigios que lhe esclamaram a fama. Longe de succumbir a tantas contrariedades, buscou e achou o remedio no mesmo excesso d'ellas. E a phrase da famosa nota do marquez do Funchal

ao governo britannico resumindo todo o quadro, e dando a chave do exito, com que se consummou a lucta.

Quando a fortuna principia a proteger, não ha giro que não aproveite na sua roda instavel. As difficuldades aplanam-se; o impossivel recua; e os feitos prosperos nascem uns dos outros zombando da previsão, do numero, e das distancias. A expedição do sul, commandada pelo duque da Terceira, é manifesta prova do que dizemos. Dous mil e quinhentos homens saindo do Porto no dia 21 de junho, e desembarcando no dia 24 nas praias do Algarve, destroçam o inimigo e não deixam de avançar com os olhos na capital, como se adiante não houvesse a largura do Tejo, e a maior desproporção nas forças e nas armas para lhes tolher o passo.

Antes d'este commettimento ousado, que faz desmaiar a propria audacia, duas grandes facções de guerra tinham levantado as esperanças dos amigos da liberdade no reino e na Europa. A 5 de julho, e quasi á mesma hora em que o marechal Bourmont, humilhados os louros de Argel, retirava da frente das trincheiras do Porto depois de perdido o ataque, o almirante Napier no Cabo de S. Vicente tomava a esquadra de Lisboa, alçando no tope dos mastros das duas náus — Rainha e D. João VI — o estandarte azul e branco.

Dezoito dias depois, a divisão do Algarve, e o conde de Villa For, derrotam perto de Almada as tropas que intentavam detel-os, e hesteam no castello em presença da capital impaciente a desejada bandeira da rainha. Lisboa acorda resgatada tendo adormecido ainda no poder da guarnição realista. A 25 a noticia chega á cidade cercada na occasião em que se começava a repousar da immensa fadiga de um dia de gloria, em que vinte mil soldados, com Bourmont á testa, por quatro vezes assaltaram as trincheiras empenhando os maiores esforços, e por quatro vezes repellidos tiveram de recolher por fim desbaratados.

A 26 o senhor D. Pedro falla aos corpos do exercito, lembra-lhes as puezas anteriores, e despede-se observando que mais do que o Porto carece agora a capital de o ver dentro dos seus muros. O vencedor de Bourmont, do glorioso triumphador de Argel, o marquez hoje duque de Saldanha, recebe o commando da guarnição, e prepara-se para o assignalar por segundas victorias.

No dia 28 de julho a manbã rompe serena, e o sol levanta-se esplendido. De repente descobre-se além do cabo da Roca o pavilhão real fluctuando sobre o mastro do navio, que transporta o imperador. Os habitantes, avisados como por encanto, acodem ás praias, povóam os moutes sobranceiros ao Tejo, e o rio coallha-se de botes e escaleres. A impaciencia quer ir adiante do possível, quer acelerar com os seus votos a navegação. A' hora e meia depois do meio dia fundeia a embarcação defronte da cidade, e no meio das salvas de artilheria, e das acclamações ardentes das multidões apinhadas, o duque de Bragança salta em terra, e com o peito cheio de religiosa piedade, vá ao templo do Senhor dos exercitos, e depõe aos pés do seu throno o tributo da humildade christã.

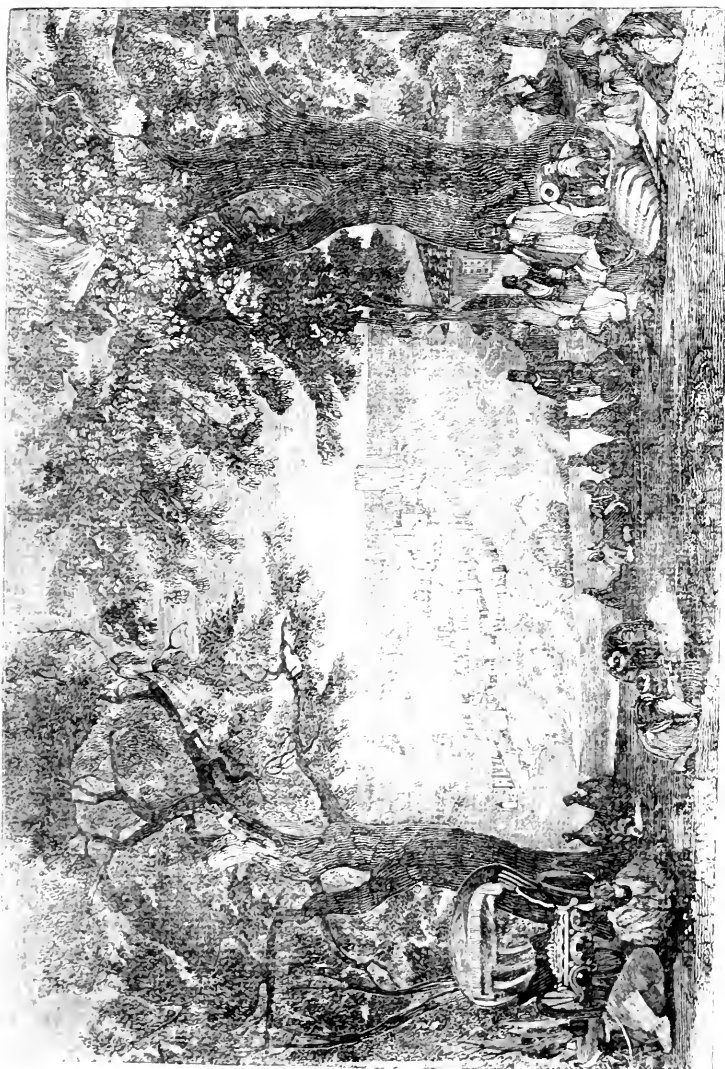
(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

— A felicidade tem uma escada gradual; se o homem, do ponto em que se acha collocado, olhar para cima julgar-se-ha desgraçado; se olhar só para baixo, julgar-se-ha feliz.

M. CARVALHO — APHORISMOS





EMBACADURA DO JOSPHOIC.

## EMBOCADURA DO BOSPHORO.

ESTANDO convencidos da justiça da causa do império otomano na gloriosa lucta contra as obstinadas tentativas do autocrata; e causa em que se acha empenhada a Europa illustrada, e que tanto prende agora a attenção publica, achamos que serão bem recebidas dos nossos leitores todas as noticias que possamos fornecer-lhe d'aquella região, que hoje offerece no seu vasto territorio o grande theatro de uma guerra porfiosa, ou de variados e consideraveis movimentos estrategicos, e por isso appresentamos n'este numero a vista da embocadura do Bosphoro no Mar Negro; paragem hoje assas frequentada, e não menos consideravel em razão das novas obras de defeza, como ponto de alta importancia para a segurança de Constantinopla.

Antes, porém, de passarmos á descripção, cumprenos fazer ardentes votos para que o desenlace d'esta tão valiosa causa, em que a justiça está a braços com o fanatismo e com a usurpação, seja favoravel á Porta e contra os projectos do autocrata. Certamente a influencia e acção das grandes potencias civilizadas, que hoje escudam á custa dos maiores sacrificios os direitos do sultão, devem abrir para a Turquia um magestoso futuro nas suas instituições politicas; veremos erigido em Constantinopla um novo baluarte da liberdade, como padrão indelevel cimentado nas verdadeiras garantias dos povos livres e esclarecidos; sendo-nos tambem permittido acreditar e até aguardar com fé, além d'esta transformação, outra ainda mais extraordinaria e maravilhosa nas idéas religiosas; isto é, vêr o signal da redempção arvorado sobre o crescente, e sa politica da santa se souber tirar partido d'este ensejo; só esta conquista fará eternisar nos annaes do christianismo o pontificado de Pio IX.

Os viajantes da antiguidade, como os dos tempos modernos, nunca deixaram de fazer os maiores elogios, celebrando as encantadoras bellezas do Bosphoro. Este estreito une o Mar de Marmara ao Mar Negro, e tem cerca de oito legoas de comprimento, não passando a sua largura em alguns pontos de oitocentos metros, isto é, perto de meia legoa; este vocabulo inteiramente grego, significa *tractus bovis* ou *mare angustum*, quer dizer braço de mar assas estreito que um boi possa atravessar a nado. Foi n'este estreito que Dario rei dos persas passou com as suas tropas á Europa para fazer a guerra aos scythas. O aspecto do Bosphoro é encantador; quem entrar n'este estreito, vindo do Mar de Marmara, verá elevar-se a sua esquerda sobre numerosas e verdadejas collinas em fórma triangular a *Non-Roma*, que foi substituída pelo nome de *Konstantinou-Polis* de Constantino, primeiro imperador christão, que a fez edificar em 326 no lugar da antiga Bysancio; ou a ruína das cidades, como lhe chama um viajante moderno; a *Stambul* dos naturaes corçada de ricos aposentos e mesquitas, a cujos pés vem constantemente humilhar-se as argenteadas ondas do Bosphoro. Ao aproximar-se sentirá um bulicio confuso, mas adogado pela distancia, que provém já do movimento da multidão no interior da cidade, já do movimento maritimo das grandes chalupas que transportam tropas dos navios para terra, ou das que atravessam para o mesmo fim o estreito conduzindo-as da Asia, já do traballar dos remadores nos elegantes escaletos do capião belua, ou nas ligeiras barcas que levam os officiaes do serralho, os ministros e os seus *blais*, e os artistas, muitos d'elles armados que são chamados para diversos trabalhos; tudo atraz a attenção do viajante, até que fica to-

talmente surprehendido pela magnificencia d'aquelle porto, que parece inspirar uma deliciosa poesia em acção pela novidade das scenas pittorescas, que de todos os lados se desabroçam aos seus olhos.

Este porto é tido por um dos mais bellos e mais seguros do mundo; e pela sua posição parece ser destinado para dar vida a uma cidade, que deverta ser a capital de maior império; domina em tres mares, o que lhe dá reconhecida supremacia; e é por esta circumstancia de grave importancia geographica e politica que o czar para ali aponta a sua espada impellido os povos da sua communhão religiosa. Avultante entre as diversas decorações da natureza e da arte o magestoso palacio do sultão, notavel pelas suas portas resplandcentes e altos cyrestes no meio dos quaes se descortinam aos olhos do viajante os soberbos e alindados aposentos do serralho, povoado irregularmente de pavilhões, offerecendo assim um aspecto romantico; e os ricos bazares, o caravanserá dos banqueiros, as fontes, os banhos, e em seguimento ao serralho uma serie não interrompida de palacios, de casas, de jardins dos principaes validos, ministros ou officiaes do sultão, prestam certo ar de sumptuosidade e de jubilo a esta cidade historica, olhada do Bosphoro; o serralho está edificado em um dos angulos, d'onde se goza o panorama da deliciosa costa da Asia Menor, vista que não tem igual.

O viajante, seguindo o estreito, encontrará na mesma margem Pera, arrabalde de Constantinopla; as suas casas quasi apinhadas acham-se edificadas com magnifica profusão sobre um amphitheatro de collinas, sobranceiro á nova Roma, a joia invejada do ambicioso czar; ali costumam residir os embaixadores europeus, e é o centro da diplomacia. A sua direita verá Galata com os muros em ruinas, que recordam bellicosa memoria, contrastando-lhe na ribeira opposta as habitações pintadas d'essa grande capital, que se agrupam sobre as sete collinas de variado aspecto, e onde se elevam agigantados cyrestes que sombreiam as casas. Em summa por toda a parte se debuxam no céu graciosos mirantes dominando a soberba e immensa fabrica ou edificio de Santa Sophia, e de outra mesquita mais elegante ainda, denominada de Solimania, celebre pela honra de possuir a barba do propheta.

Progredindo encontrará Scutari mirando-se nas suas aguas transparentes, e deixando vêr n'ellas desenhados os graciosos contornos dos seus mirantes esguios e pyramidaes, que furtivamente se escondem nas sombras dos bosques funerarios. Do alto d'uma collina proxima a esta povoação goza-se o mais dilatado e maravilhoso horizonte que abraça, n'um só quadro, Constantinopla, Galata, Pera, os mares continuados do Bosphoro e da Propontide ou do Marmara, e as regiões que elles banham sobre ambas as margens.

Cursando ávante o Bosphoro, o viajante observará que as ondas vem mansamente quebrar-se aos pés das habitações, e depois ganhando forças accometter enfurecidas os muros do aquartelamento de Tropp-Hanné, até se communicarem com as do Mar Negro. A vista que apresenta a nossa estampa é tomada de um ponto elevado do lado de Galata, cujos muros arruinados lá se dividam na encosta que vac reclinarse sobre o Bosphoro.

O general Androssy, na bella descripção que fez de Constantinopla e dos seus suburbios, consagrou algumas paginas á pintura das encantadoras margens d'este estreito; todavia convidamos o leitor para que com preferencia lya a Viagem no Oriente, de Lamartine, onde encontrará a descripção d'estes logares, não só com verdade, mas com elegancia e in-

teresse que podem captivar o viajante que navegar pelo Bosphoro.

J. C. DA SILVA.

SUA Magestade a SENHORA D. MARIA II. (1)

Sunt lacrima rerum, et mentem mortalia tangunt.

VIRGIL. — ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris excubiis pergebat.

SUET. IN CESAR.

Arcum suum tetendit... et in eo paravit vasa mortis.

PSALM. VII. V. 14.

Como o Porto, Lisboa, cobre-se logo de fortificações. Organizam-se corpos de novo para as guarnições; e em quanto o general Saldanha derrotou os contrarios na memoravel acção de 18 de agosto, o dia 5 de setembro castiga diante das linhas, ainda incompletas da capital, o valor infeliz dos inimigos.

Mas no meio do jubilo, fadigas, e cuidados da acção lucta, que sustenta, o senhor D. Pedro tem o coração em Paris junto da esposa e da filha; e apenas as cousas se lhe proporcionam propicia trata de as chamar para o seu lado. A 7 de setembro as duas princezas saem de lá passando por Inglaterra, aonde desembarcam, e logo no dia 14 a senhora D. Maria II entra no pago de Windsor, e é recebida por Guilherme IV rodeado de toda a familia real e de uma numerosa corte. Achava-se tambem presente o marquez do Funchal, como nosso embaixador. Proximo a cerrar os olhos para sempre, o velho ministro portuguez ainda poude inscrever este dia entre os ditosos da sua larga e honrada carreira.

A 17 largaram de Portsmouth os vapores conduzindo as augustas viajantes e a sua comitiva, acompanhadas por um navio da marinha britannica, enviado por el-rei: e na manhã de 22 embocavam o Tejo, tendo corrido eminente perigo de naufragio pouco antes de dobrarem o cabo da Roca. O mar estava placido, mas a imprudencia do commandante, mettendo o barco por entre nevoeiro espesso, cozido com a costa, ia urdindo uma catastrophe aonde menos devia tener-se. Meia hora depois do meio dia o duque de Bragança, ao cabo de uma separação de anno e meio, bem feucunda de amaruras, apertava nos seus braços o que mais prezava no mundo; e virando-se para a rainha com certa melancolia exclamava: « Já posso morrer tranquillo agora! »

A estas palavras um vên de tristeza cobriu o rosto das duas princezas. Dos olhos, que o amor torna penetrantes, nada se escondia; e a alteração que denotava a esse tempo o semblante do senhor D. Pedro, effeito dos excessivos trabalhos, não escapou a anciedade de uma extremosa esposa, e da terna filha que tinham impressa na memoria a robustez do principio no momento de se despedir para tomar a direcção da empresa! O que havia de fatal nas phrases do imperador, e a magnada sensação produzida por ellas desvaneceram-se no meio do regosio arrebatado d'aquelles momentos. Outras idéas, e o impeto dos affectos, affigentaram por então os máis presagios.

Quem diria que passado um anno e no mesmo mez, aquella cabeça tão magestosa descairia sobre o peito, fria da vida e do ardor, que a animavam! Quem ousaria prever a morte proxima, quando a idade, a gloria, e a satisfação dos vastos projectos pareciam prometter-lhe uma existencia larga para vêr abençoada na ventura dos netos a sua obra, de que não chegou a gozar-se, sendo-lhe melidos pelos desenganos os curtos dias, que respirou depois da guerra!

A 23 foi o desembarque da rainha e da imperatriz, e por entre festivos applausos se encaminharam as duas princezas á antiga cathedra, para darem a Deus as graças pela feliz chegada. Pouco depois o duque de Bragança já percorria com a senhora D. Maria II as linhas de Lisboa, da frente das quaes logo traçou desalojar o inimigo acampado. Esta proeza, renovando os feitos d'armas do Porto, corou de gloria os dias 11 e 12 de outubro; e enquanto os contrarios se retiravam em boa ordem sobre as quasi inacessiveis posições de Santarem, o senhor D. Pedro ao lado de sua esposa e de sua filha, junto do leito dos valentes de ambos os exercitos, consolava nos hospitaes de sangue as suas dôres, não distinguindo para os cuidados caridosos os adversarios dos amigos.

Mais sete mezes se prolongou ainda a lucta, mas pelejada a distancia das duas capitães. Em diferentes pontos ao mesmo tempo se repetiram os combates. No Algarve assombra tudo o arrojo do visconde de Sá da Bandeira. O intrepido Napier á testa das suas tripulações investe e escala as muralhas de Caminha, de Vianna do Minho, e até emmudece os canhões nas baterias de Valença. Em Almoester o marechal Saldanha derrota uma forte divisão, que nada menos presumia na vespera do que proseguir sem revez na marcha triumphante para a capital. Na Assieira o conde de Villa Flor chega a tempo e descarrega um golpe decisivo sobre as tropas adversas. Accumulados tantos desastres contra ellas, as forças oppostas desanimam com motivo, e desocupando Santarem passam ao sul, e dirigem-se aos muros de Evora.

Finalmente em maio de 1834 a lucta civil termina pela convenção de Evora Monte, e o senhor D. Pedro, servindo-nos da expressão de um grande pintor litterario, Chateaubriand, colhe novos lauros pelo triumpho alcançado da propria victoria!

Não o entendeu logo assim a irritação partidaria ainda cega de fumo das batalhas, mas a justiça e a razão quando se encontraram no momentaneo relapago dos conflictos!

Vinte annos decorridos, e a placidez que permittem á intelligencia e ao espirito, são de sobra agora para avaliarmos a sabedoria de um acto, que levantava no meio dos furores da guerra o altar da futura reconciliação. Vencidos e vencedores eram irmãos e portuguezes, e estendendo entre os dous campos, e sobre as armas, o sceptro de ouro da concordia, o imperador começava pela clemencia o reinado de sua filha.

errar as portas da patria a numerosos subditos, castigando com destellos, e como crimes, o que multos haviam praticado por desinteressada opinião, fóra mais do que erro, fóra crueldade. A politica além d'isso não fallava com menos auctoridade do que a generosidade e a moral. Espagar uma hora além do necessario os horrores da lucta civil, e continuos para obter o completo extermínio de um dos exercitos combatentes, mancharia de eternas nodas a epocha de renovação, que se quiz inaugurar! Deixar aos menos felizes a terrivel arma da desesperação, era demencia, e equivalia a lançar um desafio

audaz contra a fortuna, com as costas voltadas por ingratição para a Providencia.

Una salus victis nullam sperare salutem!

Quem arriscaria o Estado por intolerancia aos perigos, que aponta a maxima entalhada no bello verso de Virgilio? Quem, soltos sobre a patria os flagellos de uma carnificina sem tregua nem perdão, com os braços tintos de sangue, e o coração negro de remorsos, ousaria erguer ajuda a fronte maculada?

O duque de Bragança optou pela paz, e segunda vez salvou a liberdade.

A data do acto magnanimo, que impoz silencio para sempre ás vindictas e ás iras, é a mais gloriosa de quantas ornam o seu monumento, aonde a posteridade entretelegará a triplice coroa de legislador, de príncipe, e de guerreiro.

Acabadas as façoes militares, o senhor D. Pedro ainda não soeaga. Naquelle grande alma não coube nunca a menor inercia.

Em julho apresenta a rainha e a imperatriz ao Porto, e faz conhecidos de ambas os leaes habitantes, que sustentaram a sua bandeira apesar dos rigores da fortuna, e debaixo do agoute das adversidades mais severas, que podiam affligir a constancia humana. No meio d'aquelle população briosa, tão sua por todos os vinculos de amor e admiracão, o imperador patenteia o peito sem reserva, deixando lêr no fundo d'elle os sentimentos de estima e gratidão, que dedicava aos moradores do mais firme baluarte da sua causa.

São dignas de se conservarem as expressões com cisas com que em 27 de julho de 1834 saudou os antigos companheiros dos seus trabalhos: «Eu me felicito a mim mesmo por me vêr no theatro da minha gloria, no meio dos meus amigos portuenses, d'aquelles a quem devo pelos auxilios, que me prestaram durante o memoravel sitio, o nome que adquiri, e que honrado deixarei a meus filhos.» Foi a despedida final! Dous mezes depois o duque de Bragança dormia em S. Vicente; e em feveiro de 1835 o barão de Campanhã, em nome da Augusta Viuva, conduzia de Lisboa em uma urna cerrada o coração do príncipe, por ultima vontade sua mandado depositar na cidade, berço de muralhas da liberdade, e exemplo da fidelidade portugueza!

De volta do Porto á capital a 18 de agosto o senhor D. Pedro abre o parlamento, e fallando ao senado do paiz dá-lhe contas da sua administração com a serenidade dos corações sinceros. Nomeado regente na menoridade da rainha entrega-se-lhe o deposito do poder sem a mais leve restricção; e a 30 presta juramento em presença de sua filha. Em 11 de setembro as côrtes dispensam no artizo 90 da carta, permitindo que a soberana pudesse casar com príncipe estrangeiro da escolha de seu pae; e o duque de Bragança designa o príncipe Augusto de Leuchtenberg, irmão da imperatriz, legando-lhe a sua gloriosa espada.

A morte adianta-se então. Quando o regente proferiu a formula do juramento no pago da Ajuda assistou a oppressão, que o angustiava. A extremosa amizade dos subditos tremou pelos seus dias. A molestia irremediavel já lhe inclinava a fronte á vista de todos. Estavam escriptas todas as letras do seu destino!

O Deus dos exercitos não lhe queria conceder mais gloria. O throno constitucional achava-se resgatado; a primeira legislatura funcionava em pleno exercicio dos princípios da carta. Nada havia a

acrescentar á obra promettida ao seu nome. O periodo de provação e de fundação tinha acabado; seguia-se a epocha laboriosa da experiencia das instituições, e essa devia pagar ás illusões e aos ensaios o tributo costumado. Nenhuma nação entra na infancia de um sistema sem se enganar frequentemente, umas vezes correndo adiante sem prudencia, outras volvendo atraz de mais, e por fim á custa de padecimentos tornando á estrada do meio, e assentando por ella os passos regrados, que só firma o deenganano.

O duque de Bragança, homem de acção e de reforma, fechou o circulo da existencia na mesma hora, em que expirava o grande cyclo que dominou de toda a altura do seu genio.

O que restava pertencia ao tempo, e a uma politica de perpetuas e successivas transições. A gloria da senhora D. Maria II consiste em ter entendido esta necessidade do seu reinado. Levado muito depressa para a nossa saude, não pôde dizer-se que o imperador desaparecesse cedo para a sua gloria. Vultos como o d'elle, quando se lhes acaba o grande papel na epopeia do mundo, são devorados de impaciencias sublimes, como as de Napoleão e de Carlos V, e representando nas ancedades intimas o Prometheu antigo cangam-se logo da vida inerte e descorada, se primeiro o espirito, gastando o corpo, os não arrasta ao tumulo antes da idade propria, martyres de fadigas excessivas, que sentem só depois do deslumbramento da empresa!

Pesava occultamente sobre o imperador a mesma sentença, que prendeu os passos do legislador dos hebreus nos cumes do monte Nebo. Foi-lhe dado conduzir o seu povo dos penhascos da Terceira, e das praias do exilio até ás abençoadas campinas da patria; mas satisfeito o voto, e concluido o feito illustre, a sua missão estava finda, e a hora do descanço bateu logo.

Vidisti eam oculis tuis, et non transibis ad illam!

Os olhos deviam vêr a liberdade, obra de suas mãos, mas gozar-se d'ella, e das doguras de uma vida tranquilla, unido á gloria agitada das armas a gloria pacifica do lar domestico, era muita ventura para um só homem. Deus negou-lh'a!

A morte duvidou onze mezes, tendo já armado o arco, segundo a phrase do psalmista.

Um resfriamento em novembro de 1833, na passagem do Tejo para Almada, foi a causa que determinou a enfermidade. A actividade em que não abrandava, apesar de tão molesto, agravou os symptomas. Com alternativas de falsas melhoras o mal nunca deixou de progredir; e em maio seguinte tinha assumido um aspecto ameaçador.

A viagem ao Porto, apor de outras fadigas exacerbadas por desgostos, precipitaram-no; e a jornada á villa das Caldas, tentada menos para allivio, do que por delicadeza, (desejando achar-se ausente no momento em que as côrtes votavam a lei da regencia) acabou de levar o perigo ao maior auge. Regressando a Lisboa, os actos politicos a que o obrigava a confiança da nação, e o esforço sobre si mesmo para os desempenhar, peioraram o seu estado. O imperador mudou então a habitacão do palacio da Ajuda para o de Queluz, aonde nasceu e aonde tinha de morrer, e vendo baldadas as applicações da sciencia, sujeito e conforme com a vontade do Altissimo, preparou-se para deixar o mundo com a mesma grandeza de espirito com que nos dias de batalha, e nos campos cruzados pela metralha, atravessára por entre os riscos, exposto como

o soldado mais obscuro, tranquillo como se as balas o devessem respeitar!

A esperança fugiu de todo do seu lado. Sentiu a vida retirar-se, e as sombras da morte crescerem a cada instante. N'esse extremo o príncipe quiz encerrar com o seu fim religioso o que tinha historiado nos bellos rasgos de uma gloriosa carreira.

No dia 15 de setembro dictou o seu testamento, e uma carta ao esposo designado para sua filha. A 16 resolveu e assignou em conselho de ministros as disposições urgentes, pedidas pelos negocios publicos. A 17 uniu-se devota e exemplarmente pelo auxilio dos sacramentos com as graças dispensadas na Igreja aos seus fieis afim de triumpharem no conflicto do ultimo combate; e a 18 escreveu ás côrtes participando-lhes que não podia continuar na regencia do reino, e rogando que proovessem para o governo não padecer interrupção.

Poucas horas depois a senhora D. Maria II declarada maior era chamada a reger o estado sem tutela. Informado d'esta decisão, apesar da oppressão de tão angustiosos momentos, o príncipe abraça a rainha, consola as suas maguas filiaes, e superando a dôr a que resiste, como pae e como antigo monarcha, inculca-lhe no tenro peito os mais saudaveis conselhos. Que a hora, o amor, e a solemnidade da occasião infundem entre prantos na sua lembrança.

A imperatriz, esposa querida e extremosa, assistia silenciosa e heroica a todos os lances d'esta scena de commoções pungentes. Sustentada pela ternura observava tudo, e junto do leito de morte multiplicava os socorros e as consolações, sem atraigoar o martyrio intimo senão na pallidez do rosto. O duque de Bragança volta-se para ella, e com palavras de carinho procura suavisar-lhe o golpe da supplica, que vai fazer. O soldado da liberdade deseja que o seu coração fique depositado na cidade do Porto, theatro dos seus trabalhos, em memoria do muito que presou os heroicos habitantes. Ainda mal enxutas as lagrimas do proximo apartamento, avivadas pelas suas phrases, vira-se para a rainha, e recommenda-lhe a clemencia como primeira virtude do sceptro, e a gratidão como dever maximo dos soberanos. Depois lança-lhe a benção, e á princeza Amelia, enviando-a saudoso aos outros filhos separados d'elle pelas solidões immensas do Oceano!

A sua mão já tremula com o frio do tumulo assigna a sanção ao decreto das côrtes, declarando maior a senhora D. Maria da Gloria. N'este momento em que o novo reinado principia, segurando entre as suas a dextra da rainha, encommenda-lhe que faça ditoso o povo, obedecendo sempre á lei, ainda antes do que os subditos. Banhada em pranto, com a voz cortada de suspiros e o coração retalhado, a princeza assim o jura, e o osculo terno do pae imprime na sua frente a fidelidade da promessa. Pouco depois á saída do primeiro consorcio, a que preside, a senhora D. Maria II vem ajoelhar-se ao lado do imperador, e offerece-lhe as insignias da Torre Espanha. Pela primeira vez pendeu sobre o peito do senhor D. Pedro a honrosa condecoração, com que esmaltava o de tantos de seus companheiros d'armas, em testemunho de valor, lealdade, e merito. Tinha reservado á filha a fineza de lhe lançar a elle o collar da ordem no primeiro dia do seu governo.

Seguiram-se as despedidas ao exercito na pessoa do mais antigo dos seus marechães. O duque da Terceira recebe o derradeiro abraço do general para os camaradas, beija-lhe a mão, e retira-se sulcado. Um soldado do 5.º de caçadores, Manuel Pereira, ouvindo da despedida do seu coronel, e sentindo-se nos seus braços, desfalece, e responde com as lagrimas. De-

satado então de todas as obrigações e cuidados, o príncipe occupa-se inteiramente do seu fim, e com o crucifixo unido ao peito, e a esperança elevada ao céu, entrega a Deus um dos maiores espiritos, que viu o nosso secolo.

Os seus funeraes foram dignos do grande nome que legou, e do paiz sobre que reinára. A noute de 27 de setembro presenciou um espectáculo, que só dezenove annos e dous mezes depois devia tornar a repetir-se! Milhares de pessoas com tochas acesas, sem precedencia nem ceremonial, segundo convinha ao caracter do acompanhamento, cuja magestade era a manifestação popular, abrindo alas ante o coche até ao jazigo de S. Vicente, formaram a guarda de honra do enterro, que o senhor D. Pedro ordenara em seu testamento que fosse só de general e despido de pompas ou recordações de rei. A artilheria trouxejo o derradeiro *vale*. As portas do sepulchro fecharam-se para sempre, e a saudade inconsolavel da filha e da esposa, uma nos braços da outra, velaram em pranto as horas longas e cruéis da viuvez e da orphandade!

Cumpriu-se logo n'este traese o que parece ter sido o destino fadado á senhora D. Maria II. Naidade de quinze annos, tendo já supportado tantos rigores, e viva ainda no coração a nodosa indelevel da perda de sua virtuosa mãe, a rainha apenas se assenta no throno, aca de menos o braço robusto que a devia amparar nos primeiros passos, e pondo a corôa na cabeça sentese logo trespassar dos agudos espinhos de uma amargura immensa! Quem diria as auecias e saudades d'aquelles dias de luto, em que a filla orphã, olhando para o passado o via todo de negro, como a noute do sepulchro, e contemplando o futuro, tremia e hesitava diante da estrada que ia pizar! N'esses momentos de profunda prostração, quantas vezes não invejaria ao mais humilde dos subditos a liberdade das lagrimas e o recolhimento da dôr! Como lhe pesariam os deveres do poder, e os cuidados do governo, juntos aos tormentos da alma, e aos receios naturais de uma grandeza, cuja responsabilidade aterra os animos, e tanto assustaria a sua inexperiencia! Mas Deus, que mede os sacrificios pelas forças d'aquelles que quer provar, tinha-a dotado de espirito viril e constante, capaz de não se deturvar aos revezes, e superior tambem ás prosperidades.

A senhora D. Maria da Gloria, fiel aos desejos do imperador, entendeu que a prova de maior respeito que podia consagrar-lhe era a realisação dos projectos que viera interromper a morte, e que o senhor D. Pedro deixara adiantados. N'este proposito mandou proseguir na começada negociação do seu casamento com o príncipe Augusto, duque de Leuchtenberg; e o conselheiro Bayard, então official maior da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, incumbido d'esta honrosa missão, tendo-a desempenhado, voltou a Lisboa em 25 de novembro, com a procuração do noivo ao duque da Terceira para o consorcio se effectuar. Celebron-se a cerimonia no 1.º de dezembro de 1834, anniversario de um dia fausto para a independencia nacional e para a casa de Bragança; e a 25 de janeiro de 1835 entrava a foz do Tejo o príncipe Augusto, acompanhado do marquez de Ficalho e do visconde de Sá de Bandeira, antigos ajudantes de campo do duque de Bragança. No dia seguinte (a 26) recebia com sua esposa as benções nupcias, depois de assignalar a chegada á patria adoptiva por um grande rasgo de beneficencia em favor das viuvas dos defensores da causa da rainha. A alegria de enlace tão esperanzoso confortou um pouco os subditos na magua pela falta recente do imperador. As nobres qualidades que realçavam a

jerarchia do príncipe, e o lustre do distincto sangue dos Beauharnais que lhe corria nas veias, depressa lhe grangearam a sympathia dos portuguezes; e a escolha de D. Pedro foi applaudida como mais um beneficio do seu zelo cívico, enchendo de regosio a todos os amigos da liberdade e da dynastia fundada n'ella.

Mas a desgraça ainda não se tinha cansado de ferir o reino, e as infelizes príncipes de tão poucos dias allivadas do maior peso de uma agoda pena. As melhores esperanças seccaram em flor. O príncipe Augusto no cabo de sessenta e tres dias foi roubado a ternura de sua esposa e de sua irmã, expirando a 28 de março de 1835, sem mais tempo do que o necessário para deixar a boa memoria das suas virtudes. No rapido giro de cinco mezes a senhora D. Maria da Gloria, e sua agusta mãe adoptiva, ajuchadas sobre duas sepulturas, sentiram no coração o golpe das mais penetrantes dores. Logo na vigorosa juventude a orphandade e a viuvez choraram nos olhos da rainha, como devotoz annos depois haviam de gemer nos solagos de seus filhos e esposo, pelo maguado lance de uma perda não esperada!

Para os que nasceram no throno, a voz do dever laz calar a dos gemidos, e o lucto ha de encerrar-se no seio mudo e resignado, ocellando até os vestigios das amarguras inconsolaveis. A senhora D. Maria II, viuva com dous mezes de casada, perante as applicas da nação, e ovida a razão de estado teve de acceder á proposta de novo matrimonio, e desigou-se para seu esposo o príncipe Fernando de Saxonia Coburgo Gotha. No 1.º de janeiro de 1836, representado o noivo em sua procuração pelo marechal duque da Terceira, celebraram-se os desposorios. O príncipe só aportou nas nossas praias em 8 de abril, acompanhado do conde de Lavradio, negociador do casamento, e no dia immediato receberam com a rainha as benções matrimoniaes no magestoso templo da cathedral de Lisboa, livro de pedra de mais de quatro seculos, e testemunha de tantos acontecimentos, que successivamente foram lincisar ali com diversa fortuna a approvação e o favor divino. D'este dito enlace viu a luz um anno depois, a 16 de setembro de 1837, como o primicero e desejado fructo, o senhor D. Pedro V que actualmente reina em menoridade sob a regencia de el-rei seu augusto pae.

Os successos que enchem o periodo de dezenove annos, que se comecam de reinado á senhora D. Maria II, pertencem ao quadro da historia politica propriamente dita, e como taes é-nos defeso memoriaes. Os homems da geração que occupa a scena dos factos, e participa das paixões e interesses que os dominam, não podem emprenhedar a pintura imparcial das convulsões civis, e do desenvolvimento social das instituições; repugna ser agente e juiz de si proprio ao mesmo passo. Depois o pensamento d'este jornal não o admittie, e embora o soffresse não o consentia o respeito devido á gravidade do assumpto.

Longe de nós a arida di-cussão, que roqueimando o espirito, tem esterilizado os fecundos dias de uma epocha que sorgia desatando-se em sorrisos e esperanças!

Os horizontes que se precisam alcançar para saír perfeito o desenho das epochas sempre são baixos e nebulosos na actualidade. As eminencias d'onde se contempla com segura vista o espectaculo do passado estão a maior distancia do presente, e não se vê bom d'ellas antes de illuminalas pela claridade serena do futuro.

Se esboçamos ao de leve os acontecimentos geraes

e militares que precederam a restauração do governo representativo em 1834; se á epopeia guerreira dos dous exercitos juntámos o painel de alguns dos movimentos anteriores, foi porque em ambas as descrições o perigo se affigou menor, estando o theatro da lucta já desviado do nosso tempo, e concedendo-se por isso maiores liberdades á penna desafogada da pressão desagradavel dos preconceitos e suspeitas.

Além d'isto a imperiosa necessidade de ligar a narração coegia-nos a atravessarmos, mesmo contrangidos, por esse terreno sempre aberto de precipicios. O que resta a expor achase n'outro caso. Devendo celebrar as qualidades da soberana fallecida não se carece de entrar na arena em que travam quotidianos combates as opiniões politicas.

N'este regimen a esphera do monarcha está muito acima. Assiste de alto ao jogo das forças contrarias, e só intervem para moderar os conflictos, quando algum desequilibrio, ou o demasiado ardor ameaça as bases da estabilidade. O responsavel pelos actos não é elle, são os conselheiros que em seu nome governam com o voto das maiorias do senado. O príncipe, por uma disposição cheia de philosophia, se levanta o sceptro, é unicamente para perdoar e recompensar. Imagem de Deus representa na terra a misericordia e os beneficios!

Assim, correndo um véu sobre os factos da vida publica, sobram espago e modo para sem prejuizo da simillanca, e só com o risco da fraqueza da escripta, completarmos o que resta a dizer da primeira rainha constitucional. Os aspectos por que mais importa caracterisar-lhe a phisionomia nem de longe prendem com o bulicío e confusão das disputas do fóro e dos comicios. D'esses farão chronica em epocha adequada os que se julgarem com os homihros assás robustos para supportarem tão grande peso sem fadiga.

O verdadeiro monumento da senhora D. Maria da Gloria está no coração das populações que ainda choram a sua perda. Não se orna de marmores de fausto, mas resalta da bella e viva imagem que deixou na serie dos nossos reis pela constancia de um grande animo, e pela magnanimidade de uma generosa alma. Os seus tropeus erguem-nos ás acções da existencia, cheia de modestia e dedicacão por todos os deveres de esposa, de mãe, e de soberana. Os epithios não lisonheiros gravou-os para lição de príncipes o luto dos subditos no recolhimento da magua, e o pranto do povo inclinado aos pés do seu tumulo. Não haverá de certo muitos monarchas dos quaes a historia narre exequias simillhantes!

Não á elevação da jerarchia, e á dignidade do sceptro, por luto dos merecimento proprio deveu os dotes, que lhe esmaltam a memoria. Filha do imperador D. Pedro, não só no sangue, mas nos altos espiritos, tinha herdado de seu pae a rjessa de caracter, e a perseverança na virtude; diminuando a fortuna pelo valor de a encarar, obrigou-a a ceder muitas vezes, e de adversa a tornar-se propicia. Em um sexo todo delicadeza e graga, a rainha unia ás prendas, que o realgam, a constancia viril, relevo de poucas existencias femininas, sobre tudo nas eminencias do poder e do nascimento, em que a ventura é facil de deslumbrar, e aonde os revezes haterem mais fortes do que nas posições rasteiras e obscuras. Na idade de trinta e quatro annos, acabados de completar, com um reinado tão agitado como a epocha, perseguida e experimentada desde a infancia por toda a especie de contratempos e de perigos, os primeiros annos a sobresaltaram, e os segundos encontraram-lhe sempre o mesmo rosto. Supe-

rava-os pela sua igualdade de animo, fructo das lições do infortunio.

Temperava o golpe das provações e desgostos com a resignação christã, sujeita aos decretos de Deus, e confiada na sua justiça. Conhecia que os espinhos do mundo forem mesmo por cima da purpura real, e penetrando não escolhem entre o coração do soberano e o dos vassallos. Por isso as tribulações do exilio, as maguas da orphandade e da viuvez, e as incertezas das mais duvidosas luctas nunca a fizeram mudar de aspecto. Ostentava tanta serenidade como se estivesse a decidir-se uma cousa indifferente para ella nas pelejas e negociações. Em segredo, sim, quando nem as lagrimas, nem os cuidados podiam quebrantar a resolução dos outros, desaffogava-se em liberdade, pagando ás affeições o tributo de uma fina e exaltada sensibilidade.

O rosto mais severo do que risonho, que mostrava em publico, lançava sobre as suas maneiras falsa cor de altivez; porém apenas se desvanecia a excessiva modestia, e o receio de si propria, o véu de timidez rasgava-se, e as graciosas qualidades brilhavam sem a mais leve nodosa de frieza. Não era então difficultoso lêr no fundo da sua alma a bondade isempta de arrogancias; e o calor amavel de uma conversação espirituosa fazia sobressahir cheios de agrado os dotes da educação, desenvolvidos pelo engenho mais feliz.

Nos actos de caridade, a rainha presava o segredo, folgando de esconder a mão, com que soccorria. Nos lances de piedade todo o seu empenho foi igualmente disfarçar-se, e não ser percebida. A sua aversão aos espectaculos de ostentação, e ás beneficencias estrepitosas, fazia-a buscar os caminhos mais cobertos, indicados no Evangelho para chegar sem ser vista ao fim que tinha em mente. Os inferiores recorrendo a ella sempre alcançaram o premio, ou a proteção que imploravam. Os criados da sua casa, chorando como filhos, bem mostraram a extensão da perda, que lamentavam.

Encerrando a sua carreira mortal a senhora D. Maria II legou á extremosa familia, ajoelhada junto dos seus restos, a maior consolação que pôde ter-se em dóres supremas. A voz do povo, com a verdade insuspeita, que a caracterisa, quando falla tranquillada de paixões, foi unanime em attestar que as tentações do throno nunca macularam a pureza de uma vida, que repartida por tantos affectos e deveres, satisfazia todos e não falto a nenhum. O interior do paço, que nenhum véu escondia, podia tomar-se em todo o tempo que viveu, como o da rainha Filippa, mulher de D. João I, por escola e modelo de principes. Descançando das fadigas, ás vezes tão amarguradas do governo, sempre carinhosa e vigilante, a senhora D. Maria de Gloria, ali empregava os seus cuidados em affeição o tenro animo dos filhos ao desempenho das altas obrigações do seu estado. Dofectada e vepladeira, a virtude brilhava nos principios que lhes inculca, para um dia crecendo em annos e em prendas honrarem os avós, de que descendem, e serem o melhor ornamento, e o mais fortunoso braço do throno.

O successor da coroa nas risonhas promessas, com que nos acena a sua juventude, é a obra desvelada do seu extremo de mãe e de soberana. Inspirado desde o berço pelos preceitos de seus paes, allumiado desde a puericia pela educação, que incessante se esmerou em o tornar digno do solio, e do seculo, em que abre o seu reinado, o primogenito da casa de Bragança recebeu o sceptro depois dos nebulosos dias de agitação, achando vencidas as maiores difficuldades internas, e acalmadas talvez por fóra as grandes tem-

pestades, com que os ultimos vinte annos assolaram a Europa.

Preparando-o pelo coração e pela intelligencia para merecer o logar mais elevado, a rainha legou n'elle á patria um vivo testemunho do seu amor, e ás instituições o mais valioso penhor de duração. Se a fidelidade da mãe as deixou adultas, contendas da capacidade e da nobre indole do filho que o seu regimen as saberá tornar fecundas e reparadoras.

Concluyia

L. A. REBELLO DA SILVA

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO VI

*O Porto ao domingo. — A devoção. — Profissão de fé do auctor. — Mulheres bonitas. — Olhos pretos das padieiras de Avintes, e olhos azuis das padieiras de Valongo. — Ora porque não haviam de ser pretos os olhos verdes da menina dos rouzinhos? — Sinia Janota Botiquinenses. — Os Panambulos. — S. Lazaro.*

TEM-SE calumniado muito o *Janota*, sobre tudo n'estes ultimos tempos. Ignorantes e sabios, uns por falta de conhecimentos, outros por malevolencia têm concorrido todos para a falsa opinião que fórma d'este curioso individuo a maior parte da gente. Suppõem-se-lhe vicios que elle nunca teve, e attribuem-se-lhe virtudes impossiveis. Não sou naturalista, mas graças a Deus! tenho bastante raciocinio para tirar d'essas apreciações apaixonadas tudo quanto ha de verdadeiro n'ellas, e deixar o que a experiencia me tem demonstrado ser calumnioso.

Deveras me pesa não ter o cabedal necessario para rehabilitar a largos traços a reputação do *Janota*; mas, para provar a minha boa vontade e a sinceridade das minhas intenções, declaro que tenho á vista todos os estudos que se têm feito sobre o assumpto, e que serei imparcial na minha apreciação.

O *Janota* foi classificado a primeira vez com bastante propriedade pelo distincto sábio Chenu, na sua obra sobre os quadrumanos. *Sinia Janota Botiquinenses* é a classificação. Effectivamente o *Janota* é um accessorio de todos os cães e botiquins. Longe d'estes sitios o pobre animal sentese deslocado, divaga cabalho e satorno por sitios desconhecidos para elle, murmura seus estranhos e va de noite conversar com os vampiros as portas dos cemiterios. Apenas, porém, fereja os ares patrios do Chiodo, o *Janota* readquire o seu modo pertencioso e empertigado e cessa de ulltar ingratamente. O seu corpo felpudo começa a inclinar-se, as pernas listradas desvem curvas irreprehensiveis; e principiam as laboções de su o fermento do zimbro *Jupiteris communitis*, de que se alimenta.

Em todas as epochas da sua existencia, mesmo nos momentos de maior satisfação é insipido e sem sabor, porém imita soffrivelmente todos os gestos do homem. Tenta-se muito com as cores vivas e desharmoniosas, por isso namora com desvanecimento as riscas do seu proprio corpo. É difficil de domesticar, e conserva quasi sempre a maior parte dos seus habitos primitivos. Naturalmente vaidoso, apesar dos poucos creditos de intelligencia de que goza, faz diligencia por mostrar entendimento.

Ha entre os pretos mandingas uma tradição curiosa a respeito do *Janota*. O *Janota*, dizem elles,

e gente, mas não falla para que o não obriguem a trabalhar. Não sei até que ponto será verdadeira esta opinião dos mandingas, mas o facto é que o Janota falla poucas vezes, e n'essas é insuportavel tolissimo. Porém as maiores e mais graves accusações que se lhe têm feito são devidas á paixão dominante que elle tem por todos os bonitos que vem de França; mas esta imputação é injusta, porque a origem do mal está na organização bugia do Janota.

O Simia Janota Botiquinenses é oriundo do Chiodo aonde apparecem aos bandos. No Porto encontram-se já bastantes em todas as immedições da Praça Nova, mas pouco arrebanhados. Pareceram-me contudo mais facéis de domesticar. Já ouvi emitir a opinião de que a raça é uma só, e que os do Porto são restos de uma grande emigração que houve de Lisboa, ha muitos seculos. Quando eu saía da igreja, em contemplação para os olhos adoraveis das minhas padeiras, encontrei um Janota dos de mais fina raça que tenho visto. Fiz todos os esforços para vêr se o domesticava, mas era indomavel. Confesso que tive tentações de mandar fazer uma grande montaria, para vêr se o apanhava vivo ou morto. Ainda no ultimo caso seria de um immenso valor para enriquecer um gabinete de historia natural.

O Porto ao domingo é a terra mais propria que ha para moer a paciencia humana. Felizmente ou infelizmente para mim as reliquias dispersas de uma companhia de funambulos tinham-se reunido e anunciado um espectáculo sorprendente. Depois do jantar, que foi ás duas horas, para não ir de encontro aos habitos da terra, fiz a minha entrada no circo para assistir ás habilidades dos saltimbancos. Oh! picarecos, e nunca assaz louvado Scarron, que te faltaram estes para figurar nas ridiculas aventuras de teus immortaes romances! Quatro figuras estupendas, com as caras abysmadas em alvaide e vermelhão, andavam aos saltos fazendo visagens ao povo, que riu e applaudia com grande satisfação! Que bom povo! Que santo povo! Disse eu comigo. E queixam-se d'elle! Barbaros! Dêem-lhe d'isto, se querem alcançar triumphos. O povo é o mesmo em toda a parte; com hem pouco se contenta e quasi sempre está de-contente! Porque será? Leitor, se és philosopho, faz tuas considerações, que ahi te deixei materia para um volume; se o não és continúa a lêr para diante, e não te mettas a politico. É uma doença a politica, que te podia tornar hydrophobo. Deus afaste sempre essa peste para hem longe da minha porta!

Fugi dos palhaços e fui direito ao Jardim de S. Lazaro. É um pequeno parallelogramo cercado de arvores de ferro, dentro do qual vegetam algumas arvores e flores vulgares. Sem ser grande é contudo o melhor passeio da cidade, e tem presidio o bom gosto aos melhoramentos que se estão alli fazendo todos os dias. Não succede o mesmo com o passeio das Fontainhas, tão aprasivel, sobre tudo no outono, pela sua situação na encosta de um monte que fica sobranceiro ao Douro. Nem flores, nem outros cuidados tem merecido este passeio sombreado por alguns alamos que vão caíndo de velhos! Ali me fui eu sentar algumas vezes sobre um banco de pedra nas formosissimas tardes de setembro, e ali passava horas esquecidas todo entregue ás saudades do passado e aos cuidados do futuro. O sol já desaparecendo no horizonte, e os seus ultimos raios batendo em cheio nos vidros quebrados do convento da Serra do Pilar, que fica do outro lado do rio, illuminavam parte do theatro onde se tinha representado uma grande scena d'essa illiada de 1832. Esses vi-

dos estão ainda quebrados pelas balas, não foram renovados, talvez de proposito, para memoria dos feitos que ahi se praticaram! O meu espirito embestia-se todo n'essas recordações da minha infancia; e quando as sombras do crepusculo começavam a esconder-me o convento da Serra por entre as nevoas que todas as noites se levantam das aguas do Douro, parecia-me vêr passar os numerosos personagens do drama que ali se representou ha mais de vinte annos! Tinha presentes na minha memoria todos os individuos e todas as cousas que elles fizeram. Que batalhas se pelearam! Que actos heroicos se praticaram de parte a parte! Que fraquezas tambem!... Que de sangue derramado! que de martyres! Oh! quanto custa a um paiz a substituição de um sistema, o triumpho de uma idéa nova! Com quantas lagrimas e com quanto sangue se rega o caminho por onde passam os primeiros elementos da civilisação moderna!...

Quando nascia a lua, parecia-me vêr ainda a travez do nevoeiro as primeiras sentinellas da Serra do Pilar encostadas aos canos das espingardas! E já lá vão tantos annos! Parte dos principaes actores d'essas scenas desapareceram já. A geração nova quasi que se ergueu do berço para ajoelhar sobre um campo de batalha junto aos cadaveres de seus paes!

Quando ás oito horas o navio do registro dava um tiro de pega ao toque de recolher, acordava eu d'estas melancholicas reflexões; mas, ainda sob a impressão do sonho, parecia-me que eram as baterias da Serra que principiavam o fogo!

(Continúa.)

F. GOMES D'ANORIM.

#### GRANDES CALORES.

A TEMPERATURA mais elevada que o homem pode supportar durante um certo tempo, varia conforme os temperamentos, entre 40 a 45 graus. Em temperatura menos elevada dão-se accidentes funestos, como prova a experiencia; em taes condições resulta a morte em consequencia de fortes congestões cerebraes. A sobriedade tanto na comida como em bebida, é o mais certo preservativo contra o perigo dos intensos calores prolongados.

Mencionaremos as epochas de excessivos calores no seculo actual.

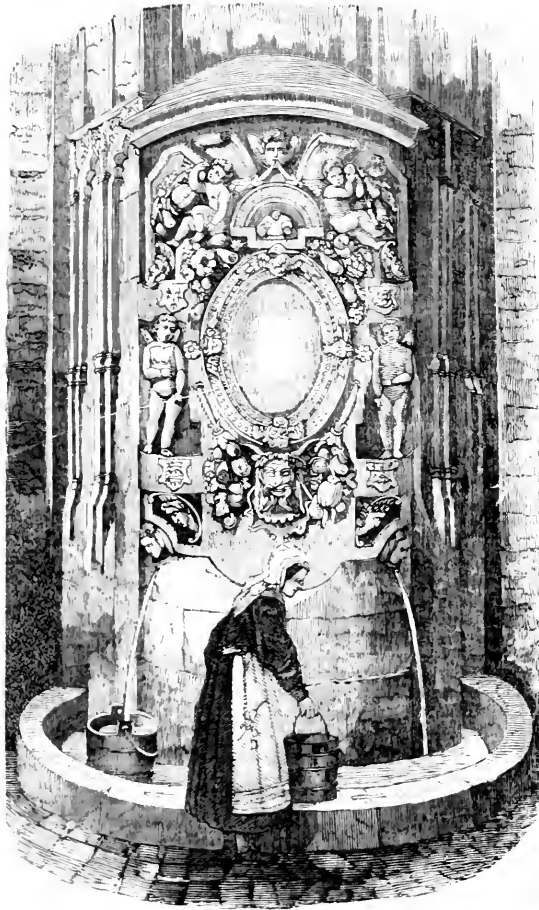
O anno de 1811 foi quentissimo e os vinhos saíram deliciosos.

Em 1818 o demasiado calor obrigou a fechar os theatros durante um mez em França e n'outros paizes. O maximum do calor chegou a 35 graus.

Em Lisboa no anno de 1819, nomeadamente no dia 14 de julho sentiu-se um calor extremo. Porém, ainda foi maior em julho de 1824 nos dias 17 e 20. O thermometro, dentro de casa á soubra e na cidade baixa marcou de 84 a 88 graus de Fahrenheit em diversas horas: no dia 19 ao meio dia mostrou 90 graus sob as mesmas condições, ás 4 horas estava em 92 e ás 5  $\frac{1}{2}$  em 94; o súa abafava, e com poucas variações para menos se conservou assim na maior parte do dia 20, em que começou a suprar um vento refrigerante.

Em julho de 1830, sobre tudo nos dias 27 a 29, e em 5 e 6 de junho de 1832 houve fortes calores, marcando os thermometros n'algumas localidades 35 e 36 graus centigrados. Sentiram-se igualmente excessivos no verão de 1835. Em junho de 1850 houve alguns dias muy calorosos.





O CHAFARIZ DE SAINT-MACLOUD.

« PELA graça de Deus (escrevia um antigo chronicista) esta cidade de Ruão tem a honra de possuir muito boas e formosas fontes em cada bairro para commodidade dos habitantes. »

O cuidado que se empregou na erecção d'estes monumentos de utilidade publica naturalmente levou a ornamental-os de um modo adequado e conforme o gosto dos moradores e da epocha. Entre todos, sendo ainda hoje interessantes os de neminaes da C.

de Pedra, do Baculo, e do palacio Lisieux, e nobrel o chafariz de Saint-Macloud, adjacente a igreja da mesma invocação. É uma obra do tempo da renascença, que não sendo de grande vulto fizesse recommendavel pela elegancia, pela singeleza da composição, e pelas engracadas esculpturas, trabalho de João Goujon. As lindas figuras de meninos não são as únicas obras do mesmo esculptor que adornam a bella igreja de Saint-Macloud. Os baixos relevos das por-

tas do poente e do norte, representando o *transito da Virgem* e o *baptismo de Christo*, procedem do mesmo cinzel tão puro e gracioso.

Perto da fonte está a entrada da casa dos ossos, chamada de Saint-Macloud, que em Ruão é o mesmo que a catacumba dos Innocentes em Paris. Langlois descobria nas columnas d'este edificio antigo fragmentos desgragadamente informes de uma *dauça macabra*, cujos personagens diversos, menos mal conservados, apresentam os vestigios de uma arte singela e grosseira que contrastam mui singularmente com os ornatos da renascença no tempo e na fonte contigua. «Existe uma doação feita em 1228 por Godofredo de Capreville de uns bens que lhe pertenciam, — na parochia de Saint-Macloud da parte de fóra da cidade, — : a igreja não passava então de uma ermida. Pelo fim do seculo 15.<sup>o</sup> se tratou de erigir o templo actual e em 1511 levantou-se a plataforma que sustenta a torre dos sinos.

#### SUA MAGESTADE A SENHORA D. MARIA II. (1)

Sunt lacrimae rerum, et mentem mortalia tangunt.

— VIRGIL. — ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris exulibus pergelat.

— SUTR. IN CESAR.

Atum suum tetendit... et in eo paravit vasa mortis.

— PSALM. VIII. V. 14.

Na vida domestica a senhora D. Maria II só offerece exemplos e lições de eterna saudade.

Todas as horas, que podia desocupar do exame dos negocios, applicava-as a amenisar a existencia do esposo, e a enriquecer o ingenho dos principes. As prendas proprias do seu sexo, e a instrução superior a elle que tinha herdado no estrangeiro, habilitaram-na para seguir attentamente os progressos de seus filhos, comparando o aproveitamento com os esforços, e despertando n'elles pela emulação a honrosa ambigão do saber.

Usando de disciplina amorosa e severa ao mesmo passo, reprehendia a mais pequena falta, estranhava a mais leve ommissão, e sopeava o excesso das qualidades, perigo quasi certo nas organizações generosas e infantis. Dos mil segredos que a ternura maternal estuda para guiar a innocencia, amaciando-lhe o cuidado dos rudimentos, nenhum se esqueceu de empregar, e de todos conseguio optimo fructo. A prudencia, que nas almas viris acompanha sempre o grande affecto, nem por um momento se desarmava da necessaria vigilancia, espreitando para o exhibir o menor germen de delirio, ou de orgulho, e pondo em pratica tudo o que lhe fosse ornar a intelligencia, e no mo tempo quanto progresso e para o aperticouante religio.

Instruio os nozinhos, e por sua estranha e cuidadosa habido nas sciencias, no consentimento Diez, os Principes, e especialmente o herdeiro da coroa, apenas este se ausentou depois do 1836, foram confiados a direcção de um portuguez de virtudes e misterios e talentos p. a

vados, o sr. Abreu e Lima, visconde da Carreira, diplomata de abonados creditos. Mestres escolhidos com summo escrupulo, e indigitados pela aptidão particular, entre os quaes se conta o sr. Viale, socio da academia real das sciencias, e empregado distincto da bibliotheca nacional, ajudando os desejos dos augustos paes, e aproveitando as felizes disposições dos alumnos, adiantaram rapidamente os seus progressos nas diversas provincias do saber, obtendo que a lição excedesse a idade, e que o calor natural dos annos não derramasse a seiva esterilmente por ociosas distrações cheias de precipicios, e raras vezes isemptas de futuros desgragados.

A rainha longe de se enfraquecer em animos era a primeira a recomendar a gravidade do ensino; e prescrutando a vocação de cada um media por ella constantemente os conselhos e diligencias. Nem um só dos rasgos, que desenhavam a indole, e logo da infancia pintam os homens, escapava á penetração da sua vista; e a reflexão a que os sujeitava, servia-lhe para decidir o que importava conter, ou estimular, segundo as propensões e o caracter.

Dia e noite, a qualquer hora que fosse, no recato do estudo, ou no bulicio das recreações, e quando mais longe os suppunham, achavam sobre si o allargo, o rigor, ou o castigo. As nobres aspirações dignas do sangue real, e os actos de talento e de bondade tinham certo e prompto o premio; mas os defeitos contrarios tambem contavam logo com a censura e o desagrado. Nenhuma das liberalidades que prejudicam a hem regrada educação era permittida aos principes. As vaidades e lisonjas que alteram os costumes, degenerando a indole, e acostumando insensivelmente os poderosos a julgarem se superiores aos vinculos moraes, foram sempre condemnadas e repellidas. Tanto o herdeiro da coroa, como os infantas aprenderam a amar-se e a respeitar-se como irmãos, e a verem a verdadeira nobreza acima do nascimento nas luzes do espirito, e nas qualidades do coração.

Creados para florescerem n'uma epocha ciosa das garantias politicas, e ardente na sede de imaginadas igualdades, enidou-se em os apropriar aos habitos d'ella, insinuando-lhes as maneiras abertas, os ditos a proposito, que ministra a instrução liberal, e sobretudo incutindo-lhes aquelle toque de aprazivel cortezia, esmalte da jerarchia e precioso dom de grangear promptas e numerosas sympathias.

A rainha quiz que o amor de seus filhos ás instituições asentasse no conhecimento da sua philosophia, e para isso dispoz-lhes o animo e a intelligencia a fim de figurarem com lustre na scena constitucional. Netos e descendentes de grandes monarchas, tratou de os enfiar na devoção á patria, apresentando-lhes desde a meninice, como incentivo, o glorioso espectaculo dos arrojados commettimentos dos portuguezes na Africa, na Asia, e na America, e o quadro das proezas de tantos varões illustres por armas, e virtudes nos seculos de esplendor, e até nos periodos em que principia a declinação. A historia de todas as nações, e a critica das causas do seu engrandecimento e decadencia, completaram o ensino por este aspecto com a indispensavel solidez.

Na instrução moral os mesmos extremos, e identico exito! Religião sem fanatismo, gravidade sem affectação, e caridade sem fausto. Os exemplos mais persuasivos subravam junto dos principes para se conservarem no caminho do justo. Abrigada do contacto da corrupção e do scepticismo vicioso, a innocencia da alma, flor tão susceptivel de se perder) nem nos livros, nem nos discursos, nem nas acções, suscitou, ou viu nunca o mal senão para se exaltar no

horror dos seus effeitos, e no odio da sua origem. O resultado d'estes cuidados incansaveis amadurecia já nos mais velhos de seus filhos, quando a morte interrompeu a sollicitude da senhora D. Maria da Gloria. No estudo das sciencias naturaes, das linguas, e das artes e disciplinas mais necessarias, tanto o senhor D. Pedro V, como o senhor infante D. Luiz, tinham adiantado bastantes progressos para a rainha, satisfeito o orgulho materno, se reputar mais do que recompensada dos seus desvelos.

A senhora D. Maria H, entre seus filhos, mostrava-se igual na ternura e na vigilancia. A perfeição de seu esposo no desenho e na gravura, e os primores de gosto com que o seu buril se enriquecia de obras delicadas, entretinham as horas dos serões, fazendo-as correr breves como instantes. Na carinhosa intimidade que depois aggravava as penas a vivez, cercados da mimosa descendencia do seu amor, el-rei esboçando um quadro, ou abrindo uma luminaria, recordação de alguma scena, ou de alguma vista das encantadas paisagens da sua estimada Pena, e a rainha occupada nos labores proprios do sexo, reveendo no semblante o prazer e a serenidade, formavam o retrato da mais acabada felicidade moral, podendo metter inveja ao inquieto e sombrio desconso de muitos interiores domesticos, nunca unidos, e sem pre desditosos.

A applicação de todos os pensamentos e facultades a obrigações sagradas, esta fidelidade a mais-branda e elevada missão da alma, é que teceram á rainha a preciosa coroa de saudade, com que a venera a justiça popular. Verdadeira imagem da maternidade extrema, a virtude de que deu constantes provas, observando-a naturalmente, galardoou-lhe os esforços com a admiração dos subditos, com a magna inconsolavel do esposo, e com o merito e a gratidão dos filhos.

A senhora D. Maria H, como D. João I, deixou apoz si um nome de boa memoria, e uma descendencia formada pelos votos do seu coração. A similhança de D. João IV, recebendo a coroa e firmando-a na cabeça pelo decidido auxilio dos vassallos, nunca olvidou que a liberdade fôra uma condição reciproca e expressa n'este pacto de heroismo. Na adversidade tinha aprendido a compaixão pelos desgraçados, e a humanidade do tracto com os infelizes.

Segundo notámos a sua infancia poderia reputar-se uma continuada provação. Apenas entrada em uso de razão, atravessa os mares, e salva quasi por milagre das ciladas diplomaticas, repete a trabalhosa navegação para volver ao refugio da corte de seu pae.

Na infancia em que os extremos maternos são tão meigos, chora as primeiras lagrimas sobre as cinzas da princeza, que lhe deu o ser. Mal começa a gozar-se da vida experimenta o desterro e a hospitalidade do estrangeiro; as dôres e os receos da ausencia e da lucta do imperador pela sua causa; elogo depois as penas incuraveis da perda do pae mais querido, e do esposo escolhido por elle.

Os favores e as esperanças da fortuna alternam-se na balança do seu destino. Hoje deplora os rigores da sorte, e amanhã quasi sem transição sentira a alegria delirante de tornar a ter patria, familia, sceptro, e os jubilos de mãe e de esposa. Em trinta e quatro annos tudo viu e tudo supportou. No meio das crises arri-cadas, e entre os cuidados tantas vezes exacerbados, quantos dias não chegou a lembrar-lhe com saudade o tempo em que separada de seu pae, em idade frazil, descolhia com os olhos arrasados de lagrimas aquella cabe tocado de procellas, que fez a gloria dos nossos navegadores, e a opulencia de tres monarchas? Quantas horas de melancolia

lia a não obrigariam no solio a suspirar pelo descortado e solitario tecto do estrangeiro?

Quando finalmente parecia vinda a occasião de se coniar no futuro e de repousar, é que Deus a arranca dos braços que lhe tornavam suave o peso da existencia! Que destino singular a companhia do bergo ate a sepultura, não cessando de lhe multiplicar os embates; e não menos singular que fortaleza a sua para nunca desanimar, ou se cansar de os vencer!

Pielosa, a rainha acudia sempre a consolar. Nunca as prosperidades a offuscaram, nem os desastres a succumbiram. Contemplava os dias de bonança quasi do mesmo modo que olhava para os horizontes tempestuosos. Em 1818 o terremoto das monarchias não lhe quebrantou a constancia. Erguendo contra os vizes o forte escudo da consciencia esperou sem desalento, que a Providencia dispoz-se, não mostrando fraqueza, nem ostentando vangloria.

O cadafalso politico não maculou os annos do seu governo. O sangue dos subditos não lhe manchou os arminhos reais. Levou-os para o tumulo, candidos e puros, como os recebeu a primeira vez na dor da innocencia. A sua clemencia mitigou a adversidade dos tempos, e applicou as feridas civis o possivel lenitivo. Estreitando em laço commum a realza com a liberdade, converteu em protectores naturaes dos subditos, e em esteiros da monarchia nova, os dous principios rivaes e inimigos, que por tão longo espaço têm ensanguentado toda a Europa.

O deposito das instituições confiado ás suas mãos pelo imperador na hora suprema, foi por ella fielmente guardado; e ligada pelas promessas feitas sobre o leito de morte de seu augusto pae, soube manter e continuar a obra de que elle tinha sido o legislador e a espada.

As palavras proferidas nos ultimos momentos do grande homem, tocadas da ternura e do interesse que dedicava ás prosperidades da nação e da dynastia, entalharam-se religiosamente ao peito da sua herdeira, e ditas quasi na presenca de Deus, e de certo sendo Deus presente, serviram de conselho e de guia a todos os actos do seu reinado.

Orphã, e entregue a si e a lealdade do paiz, sem outro amparo, affrontou os tempos e os perigos; e por entre o agitado periodo de um governo, curto para a nossa ventura, mas em proporção com a ordem natural do mundo, conseguiu navegar sem naufragio, e metter no porto a salvo de ruina aquelle milagroso baixel da Terceira por D. Pedro conduzido a victoria do Mindello ate Lisboa.

Que epochas e que lances a superar! As discordias da guerra mal extinta; os odios envenenados, as paixões e as suspeitas sobre as armas, as idéas exaltadas e os desejos impacientes, perturbando o giro pacifico dos negocios; e o sedimento infeccionado das luctas prolongadas corrompido, ou degenerando em mais nobres instinctos e as almas menos inclinadas aos precipícios!

Eis o quadro que se lhe offerecia para conter e subjugar: eis o desenho dos inimigos com que teve de combater desde o começo; não seria empresa para desanimar o animo de um general illustre, ou de um politico eminente? A senhora D. Maria H reobrou-se do encontro das difficuldades, timbrando em lucto e em dor.

Aliviava o lucto de seu pae, e enchegava as lagrimas da primeira vivez no affecto os carinhos do segundo esposo, quando ouve bramiu as soldações em volta de si, e logo atraz soam gritos de rebellião e gritos de dor por todos os angulos do paiz. O doce senhor do seu enlace ja tremia nas entranhas, quan-

do tudo fazia receiar que as salvas natalicias fossem as descargas de uma batalha, mesmo ás portas da capital!

A Providencia, porém, compadeceida fortificou-a para os trabalhos que a esperavam, concedeu-lhe a firmeza za e a prudencia, e completou-as pela bondade.

Quem melhor, e mais do que a rainha attestou esta virtude, não só perdoando, mas indo adiante do perdão pelo esquecimento? Quem mais vezes, e mais opportunamente usou da bella prerogativa do soberano nas monarchias livres, abrindo as portas da patria aos desterrados, correndo a miudo um véu espesso sobre o passado, e como extremosa mãe juntando em roda do solio aos que tinham nascido irmãos e filhos na grande familia que regia? Benefica por inclinação, e generosa de animo, nunca deixou perder a occasião de apagar dissidencias, e de unir em uma vontade só os esforços dos subditos. Repetidos testemunhos o affirmam. Não houve lucta ou conflicto em que não manifestasse o seu desvelo a favor dos vencidos, espontaneamente. Quando cerrou os olhos nem um unico cidadão proscripto gemia em exilio forçado longe de Portugal. Quatro annos antes tinham sido revogados os ultimos rigores da lei pelo ultimo acto de clemencia da senhora D. Maria da Gloria.

A sua piedade era profunda e convencida, mas isempta de preconceitos. Não se padecem as alternativas da fortuna nem levantam os olhos e a alma para Aquelle, que dá e tira os imperios aos reis, erguendo a humilhade, e confundindo a soberbia. Exemplo da sua justica a senhora D. Maria II reconhecia a mão de Deus nos prodigios que lhe restituíram a terra de seus avós, nos rasgos sublimes que sujeitaram o impossivel, e na propria constancia de que fóra dotado o seu espirito. Nascidas de sinceras crengas, e não de uma vulgar ostentação, as suas devoções fugiam do estrepito para o recolhimento e o silencio. Por dolorosa, que a magoasse, a cruz de tantos cuidados nunca a vergou, ou esmoreceu. Os sentimentos catholicos, bebidos desde a infancia no estudo e appropriação das maximas de uma austera educação religiosa, eram o seu conforto e a sua luz, no momento de attender aos deveres espinhosos de esposa, de mãe, e de rainha. A moral em accção e a virtude risoulha, fructos d'esta preciosa semente lançada no seu coração, nunca se desmentiram, nem affrouxaram. Praticando as verdades evangelicas nas obrigações da vida; adorando a Deus na pureza dos costumes, no amor conjugal, na creação vigilante e christã dos filhos, e no amor zeloso dos subditos, mereceu a saude dos que abençoam o seu nome, e até o respeito dos que defendem a contraria causa.

As magies não se enganam, quando julgam placidamente os monarchas, e a portueza entre prantos e tristezas disse quanto um povo póde dizer no sepulchro do seu rei.

A viagem da senhora D. Maria II ás provincias do norte deu a medida do que devia esperar-se da publica affeição. A entrada das villas e cidades, e a beira das estradas as populações saudando-a com vozes de antiga lealdade não se saciavam de admirar no meio da esperançosa familia, que a rodeava. As bençãos dos ancãos, os extremos das donzelas, e o applauso de todas as classes, formaram-lhe um triumpho permanente. A alma da rainha tocada de sympathia, e grata ao enthusiasmo, acolheu os subditos com brandura, e no meio d'elles a pé e sem guardas, como uma mãe entre seus filhos, subia aos templos para orar a Deus, ou visitava os monumentos para recordar os prodigios da fundação, e a gloria dos incrementos do velho Portugal.

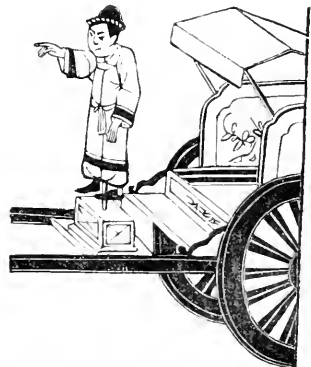
Foram dias aquellos dos que lembram na velhice! Foram instantes dos que resumem seculos para o soberano, provando que sobre a terra ainda resta alguma cousa para nos apontar o céu!

Como se previse já d'alli, que todas as pompas depressa cairiam nas trevas do sepulchro, a senhora D. Maria da Gloria tornava o sceptro tão ligeiro e a corôa tão familiar, que era o idolo das multidões, não se cansando de lhes abrir facil accesso. Afavel com dignidade, estimando em uns a jerarchia, e não abatendo em outros a humilhade, tinha sempre nos labios uma palavra lisonjeira, e nas mãos um beneficio prompto para satisfazer os poderosos, e animar os desvalidos. Assim percorreu as villas e cidades dos seus estados, deixando em todas testemunhos da magnanimidade do coração. Depois de ella passar levantaram-se ao Altissimo as orações da pobreza consolada no fundo das suas choupanas e aonde os dons dos principes fizeram raiar momentos de paz e regosijo. A senhora D. Maria da Gloria recolhendo-se conhecia melhor o seu povo, e por experiencia propria este formava tambem exacta idéa da sua rainha. Os vinculos de affecto e de obediencia tinham-se apertado tacitamente, e a tradição monarchica, sentimento de sete seculos, aclamando na filha de D. Pedro a neta dos antigos reis, promettia-lhe aquella dedicacão que fez heroes em Aljubarrota e Montes Claros os guerreiros do Mestre de Aviz e de D. João IV.

O fim de ordinario é o escolho dos fortes. O mesmo Christo diante do calix da amargura tremeu na carne!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



CARRO MAGNETICO DOS CHINAS.

Os carros magneticos chinas ou bussolas terrestres foram inventados, segundo a *Encyclopedia japonca*, pelos chinas mais de dez seculos antes da era christã. A figura automatica tinha o braço sempre apontando para o sul. A tradição diz o seguinte: Mil e cem annos antes da nossa era alguns habitantes de Yéou-tchang, reino maritimo do sul, vieram trazer ao rei Tching-wang um faisão branco, dous

faições pretos e um dente de elephante: o ministro Tchêou-koung, em retribuição, lhes fez presente de cinco carros leves que indicavam o sul para largas viagens. Na dianteira d'estes carros havia uma figurinha que, fosse qual fosse o lado para onde se dirigissem estes, voltava-se sempre para o sul indicando-o com a mão.

Este invento não era de pouca utilidade para os viajantes que tinham de percorrer vastos espaços deshabitados, onde as veredas, quando as havia, se cruzavam em oppostas direcções: foi attribuido a Hoang-ti, e fundava-se no conhecimento das propriedades da agulha magnetica. Parece que tambem nos passeios e nas cidades se usava d'estes carros, havendo-os de diversos tamanhos e preços. Nos funeraes de Tch'ing-wang appareceu um grande carro de pedras preciosas, puxado por um carrinho magnetico.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XXII.

##### *Matta de Fretos.*

ENTRE os terrenos baldios ou logradouros dos moradores de Arrayolos o principal era a *Matta*, chamada de *Fretos*, sita na freguezia de Santa Anna do Campo. E tradição muito em voga na terra que esta *matta* fôra legado deixado ao povo por pessoa particular para bastecimento de lenhas e pastagem dos gados. Não nos inclinamos a esta tradição, e assentamos que este baldio teve a mesma origem dos outros pertencentes ás demais villas e cidades, isto é, que foi terra desfructada sempre em commun desde o principio da povoação, sem que fosse em algum tempo anterior possuida por pessoa particular (1).

Por varias vezes se tem movido duvidas sobre porções da mesma *matta*, que os visinhos pretendiam incorporar em suas propriedades; mas a camara acordia e obstava a estas usurpações (2).

(1) Não nos faz peso a favor da tradição o vella asseverada vagamente na vereação de 16 de março de 1701, e na de 16 de novembro de 1710, etc. mencionadas no texto. Muito menos ainda a memoria que a camara mandou á academia real da historia portugueza em 1722 quando acrescenta que a *Matta* fôra deixada ao povo por certa mulher, irmã de João Garcer, o fundador do convento dos Loios; porquanto esta asserção é evidentemente falsa. Para o provar bastará uma breve combinação de datas. A primeira pedra do convento dos Loios foi lançada em 1527, vivendo João Garcer, e n'este mesmo tempo deviam viver seus irmãos, ou a serem fallecidos, conservar-se d'elles mui fresca memoria. Como é pois que no anno antecedente (1526) em questão suscitada sobre a posse de uma porção da *Matta* de Fretos com os Beguinos (eremitas de S. Paulo) do convento de Santa Margarida junto de Evora, não produziu a camara outro documento a seu favor alem da posse immemorial? (Doc. no cartorio da camara.)

(2) No cartorio da camara, no masso, que contém documentos sobre a *Matta* de Fretos, conservam-se varios sobre questões d'esta natureza.

Da mesma maneira foi origem de graves controversias o modo de aproveitar a mesma *matta*, pretendendo uns que convinha cultural-a, e outros defendendo que mais valia aproveitar-lhe só os productos espontaneos, que são lenhas e pastos.

Este ultimo systema era seguido nos fins do seculo 17.<sup>o</sup>, quando contra elle requereram os procuradores dos mesteres em camara de 30 de maio de 1693, «que a *Matta* de Fretos se repartisse em courellas pelos moradores para se cultivar, visto que criava muitos lobos e javalis, etc. (3)» Estas razões foram attendidas, e nos annos seguintes se repartiram as courellas (4).

Com a questão da cultura se travou outra sobre a propriedade da *matta*. Pretendeu-se discernir se a *matta* era propriedade do concelho ou do povo. Questão que em razão da nossa antiga organização municipal, não era tão ociosa, como porventura hoje parecera. Porquanto a ser do povo deveriam as courellas para a cultura ser distribuidas pelos moradores gratis; e a ser do concelho podia e devia (segundo alguns) exigir-se um certo preço por cada courella, mormente porque pagando-se a el-rei a terça parte das rendas do concelho, defraudar-se-ia esta terça se as courellas se distribuíssem gratis.

Vejamos o que se passou em camara a este respeito. «Aos 16 dias do mez de Março de 1701 annos em vereação pareceram os procuradores do povo, e os mais companheiros abaixo assinados, e por elles foi dito que attendendo ao bem commun, foi resolvido em Camara o anno passado que se semeasse a *Matta* de Fretos, e se repartiu huma folha, que está semeada, e sem embargo que viesse ordem de Sua Magestade, que impedia esta resolução, el es a embargaram com o fundamento que a *Matta* e utilidade della era sua, por ser deixada ao povo por pessoa particular; e aggravando do Doutor Juiz de fora de lhe não tomar conhecimento dos embargos, tiveram provimento na ouvidoria, em o qual se ordenou ao Juiz de fora que se conservasse o povo na posse da *Matta*, e que sem embargo da ordem se cumprisse a resolução da Camara, e se fosse semeando; e correndo letigio foram recebidos os embargos do povo, e se vai continuando com a causa, a que tem dado prova, e se semeou a folha, que se repartiu pera este anno; e que por ser tempo de se dar folha pera o anno seguinte, e o povo ter adquirido direito pelo desagravo da ouvidoria, e se ir semeando a *Matta*, e assim o tinham já requerido ao Doutor Juiz de fora que se repartisse nova folha; requeriam a elles senhores vereadores a que os acompanhassem, e resolvessem a partir outra folha, não como terra particular do povo, porque de outra sorte protestavam de lhe não prejudicar disposição em contrario; e requereram se lhe mandasse estender por termo este requerimento, e este protesto, de que fiz este termo, que elles assinaram. E visto pelos vereadores o dito requerimento dispoeram que se repartisse nova folha, de que fiz este termo, que todos assinaram, etc. (5)» «Aos 23 do mez de Junho de 1701 annos em vereação foi proposto pelo Doutor Juiz de fora aos officiaes da Camara que a *Matta* de Fretos estava tombada ao Concelho, e se tinha dado á cultura graciosamente ao povo estrebando-se por courellas, e que estando nestes termos se lhe havia de impôr alguma pensão pera o Concelho pelos ditos officiaes respeitando ao lucro, que se tira

(3) Livro das vereações de 1688 a 1694, fl. 174.

(4) Livros das vereações.

(5) Livro das vereações de 1700 a 1704, fl. 44 v.

da dita Matta, e a terça que a respeito do dito ulcro poderia ter ElRey; e pelos ditos officiaes foi dito que seus antecessores estavam notificados por ordem da Junta do Estado de Bragança a que se não intromettessem na dita Matta, por andar correndo pleito com os procuradores do povo sobre ser ou não a dita Matta do Concelho, ou do povo, e que com os mesmos officiaes da Camara corre causa; por cujas razões se não intromettiam com a dita Matta, em quanto Sua Magestade não mandasse o contrario, nem fizessem repartição alguma da dita Matta no anno passado, nem no presente, respeitando a ordem da Serenissima Caza de Bragança, nem se metteram com a dita Matta (1); e por esta causa não consentiam na proposta do Doutor Juiz de fora, por lhe não competir cousa alguma da dita Matta, etc. (2). Em camara de 3 de novembro do mesmo anno de 1701 requereram os mestres (procuradores do povo) que era util se vendessem os pastos da Matta de Fretos para as necessidades do concelho e povo, porque não se vendendo eram comidos pelos gados dos particulares; e pelo syndico da camara foi requerido o mesmo; a que os officiaes da camara responderam que lhes parecia justo o seu requerimento: mas que estavam inhibidos por uma carta da junta do estado de Bragança para podorem consentir n'elle, especialmente pertencendo a Matta ao povo; e que assim podiam requerer a junta a licença para a venda, e em quanto a alcungassem podiam requerer na audiencia da correição o que lhes parecesse para se não comerem as pastagens pelos gados dos particulares (3). A resolução da junta do estado de Bragança foi a provisão de 16 de março de 1700, que ordena se não culvive mais a Matta de Fretos, e que áque para pastagens, como d'antes (4). Mas é certo que esta resolução não foi cumprida, por quanto em veração de 16 de novembro de 1710 perante o ouvidor requereram os Mestres que attenta a desigualdade da repartição da Matta de Fretos, e devendo todos os moradores entrar igualmente, pois a dita Matta foi legado, que se deixou aos moradores deste povo para seu uso, que se revogassem as posturas, que estavam feitas sobre a dita Matta, e se fizessem outras de novo. E o ouvidor e mais Camara mandaram que se repartisse a dita Matta em sete folhas, e cada uma destas em courelas de dez alqueires; as quaes seriam repartidas pelos officiaes da Camara de graça aos moradores desta villa, Ilha e Vallom, etc. (5).

N'este sentido foram feitas as novas posturas sobre a Matta em veração de 28 de janeiro de 1711 com assistência do ouvidor, da camara, nobreza e povo (6); e assim continuou a cultura da Matta nas sete folhas, sem embargo da provisão da junta da casa de Bragança, appresentada pelo ouvidor em

(1) Isto é contradictorio com a veração de 16 de janeiro de 1700, na qual com accordo da nobreza e povo se mandou repartir em courelas a Matta de Fretos para se somar (liv. das verações de 1693 a 1700, fl. 183 v.); com a veração de 21 de agosto do mesmo anno, em que mandaram prender a Manuel Lopes, procurador que foi do povo o anno passado, por ter dado na Matta de Fretos courelas a quem lhe pareceu (liv. das verações de 1700 a 1704, fl. 17 v.); e com a veração de 16 de março de 1701, citada no texto.

(2) Livro das verações de 1700 a 1704, fl. 58 v.

(3) Livro idem, fl. 67.

(4) Livro de registro de 1700 e 1721, fl. 84 v.

(5) Livro das verações de 1710 a 1717, fl. 21.

(6) Livro idem, de fl. 26 a fl. 31.

veração de 16 de novembro de 1718, a qual ordenava se não cultivasse mais a Matta de Fretos, e ficasse no uso, que era antigamente para o povo (7); e sem embargo igualmente do parecer da nobreza e povo, dado em veração de 24 de julho de 1742 — que é convenientissimo que a dita Matta de Fretos se não reparta em courelas, nem se fabrique; mas que se conserve infructifera, como se usava della nos annos antecedentes, sem que se dê á cultura, nem se fabrique, para que só se possa usar dos pastos e lenha, como sempre della usaram (8)."

O que ultimamente era admitto sem controversia era ser a Matta terreno de que o povo era proprietario, e a camara administradora (9); d'onde veio que as courelas se distribuam gratuitamente aos moradores, salvo em alguma occasião de urgencia, como quando em veração de 19 de fevereiro de 1777 com accordo da nobreza e povo se determinou que se vendessem metade das pastagens da Matta de Fretos, e as courelas, que se distribuam ao povo, para o fim de de-empenhar o concelho; ficando a administração d'esta renda a cargo de uma commissão composta do juiz de fora, do vereador mais velho, de um dos procuradores do povo, e por parte do mesmo povo tambem do doutor Pedro Alexandre Corrêa, com thesoureiro separado do da camara, com seu livro de receita e despeza, etc. e com condição que de-empenhado o concelho, cessava logo a dita renda (10). Dos pastos da Matta, tambem antigamente comidos gratis, era nos tempos modernos vendida (metade) por provisão da junta de Bragança de 2 de setembro de 1782 a beneficio das calçadas da villa (11).

Ultimamente entendeu a camara que convinha mais aforar a Matta; e assim o fez dando de fóro a parte d'ella denominada o *Mattão* a João José de Almeida Cardoso do Valle Mexia por preço de 38\$000 réis em cada anno, e se lavrou escriptura em 13 de janeiro de 1836, sendo confirmado este aforamento pelo conselho do districto em 4 de julho de 1839. A Matta propriamente dita, dividida em duas courelas foi aforada a Manuel Mexia Lobo Côrte em 13 de dezembro de 1835 por 33\$600 réis em cada anno, e foi confirmado o aforamento pelo conselho do districto em 13 de agosto de 1839.

J. II. DA CENHA RIVARA.

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO VII.

*O theatro de Santa Catharina e o theatro do Sábtr. — Esplendores e decadencia do melodrama. — Eu e Aphonse Karr. — Actores de outro tempo e como honraram a arte. — O Porto é a terra que tem maior numero de mulheres bellas.*

CHEGOU, emfim, a suspirada noite em que devia ter logar o espectáculo *beneficente*, no theatro de Santa

(7) Livro das verações de 1717 a 1723, fl. 37. Não se declara aqui a data d'esta provisão, e pôde ser que seja a mesma de 16 de março de 1705, atras mencionada no texto.

(8) Livro das verações de 1742 a 1743, fl. 36.

(9) Veração de 10 de novembro de 1804, (liv. competente, fl. 84 v.)

(10) Livro das verações de 1774 a 1784, fl. 44.

(11) Livro de registro de 1775 a 1787, fl. 171, e liv. das verações de 1804 a 1808, fl. 84 v.

Catharina. Eu decido-me sempre pelas primeiras impressões que sinto, á vista das cousas, ou das pessoas, e raras vezes me tenho enganado.

Quando cheguei ao theatro achava-me com disposições favoráveis para aceitar bem tudo quanto visse e ouvisse.

Entrei na platea. A impressão triumphou do meu bom humor. Achei o theatro pessimo. A sala, de forma quadrilonga, estava fracamente alumiada por um lustre de mau gosto. As pinturas feitas a tintas grosseiras, e representando vulgaridades, mais parecem borrões do que outra cousa. O palco esta levantado de modo que, para se vér todo o corpo do actor, fica o espectador empoleirado e entalado n'um banco diabolico, e com os pés fluctuando no espaço dous palmos acima do nível do terreno. A construção interior do theatro é soffivel porque de todos os lados se vé bem, e se ouvem distinctamente os actores. Os camarotes são semelhantes aos do nosso theatro do Salitre. Quanto ao resto se pleiteassem qualidades e belezas, o Salitre alongaria um triumpho glorioso, se o seu rival portuense não vestisse camisa lavada.

Na regularidade das representações não ha differença; no theatro de Santa Catharina representam quando querem; no do Salitre quando podem. Mas pelo que respeita aos actores a questão muda inteiramente. Os do Porto são mediocres, os do Salitre eram sublimes. E quando digo sublimes, desejo que o leitor tome a expressão na conta em que a deve ter como sincera e desapaixonada que é. Não fallo agora desse Salitre dos nossos dias, desse theatro impertinente, bulhento, borrascozo e degenerado de suas antigas grandezas; não fallo desse theatro espartano que se esqueceu das suas tradições gloriosas, apagando as memorias d'um passado illustre entre as suas ruinas de papelão! Fallo d'aquelle Salitre d'outras eras, d'aquelle theatro cujos triumphos espantaram a humanidade! Quando artistas com pulmões de ferro e tações de bronze, trovejando maldições, vomitavam ondas de sangue sobre as taboas mysteriosas d'aquelle palco tenebroso! Oh tempo! tempo! O melodrama, que se arrasta hoje como uma cobra pelas cavernas mais recônditas de algum theatro de curiosos, passeava então á luz de mil côtos de selo as suas galas opulentas, em toda a pompa da sua magnificencia! Os banhos de conspiradores, sumidos em longos capotes luctuosos, atravessavam mysteriosamente a scena, quando o amante atraído, berrando como um touro, varava os bastidores; e as bambolinas com um espadão de seis covados. O tyrano, com cara de lobo cerval, apparecia vergando sob o peso das armas, e produzia uma sensação frenetica, vertiginosa e universal! O malvado, depois de vér triumphar a virtude d'um modo impossivel, soltava dous rugidos pavorosos com voz cavernosa e rouca, engolia um copo de veneno, e cravava um facão no estomago! Então é que era o banito! As paredes do theatro chezávam a rachar com as explosões do enthusiasmo. As palmas eram como os echeos furibundos da tempestade; os bravos, verdadeiros furacões, produziam mais estrepito que com peias d'artilheria. Morria-se de prazer! As mulheres desmaiavam nos camarotes, as creanças auxiliavam a manifestação geral com gritos de terror, e os paes de familia, de boca escancarada, cedelios orgulhos e olhos pasmados, roxos pela compressão electrica d'uma satisfação zizante, faziam tremor o chão debaixo aos seus pés. Oh saudoso no orama, porque passaram tão depressa os teus esplendores! Tu eras o refugio da virtude! Se o vicio a dominava em toda a parte restavas-lhe tu, como abrigo certo, onde ella lazia

prodigios de heroismo! E hoje!... Malvados os que te arrastaram a uma decadencia tão espantosa, com o miseravel pretexto de que eras uma forja de punhaes e um alambique de venenos! Não chores, pobre melodrama, não chores, que ainda teus amigos fieis que não te desamparam. E esses mesmos que te condemnaram bem poucas vezes deixam de te sacrificar nos seus escriptos.

Eu adoro-te com o teu cortejo de paixões vulcanicas, com as tuas adagas e punhaes, com as tuas espadas e pistolas, com os teus venenos e os teus subterraneos, com as tuas abobadas de ferro em brazas, com as tuas paredes humidas e as tuas luzes mortificas, com as tuas portas falsas e os teus algapões mysteriosos, com os teus europeis, com as tuas cadeiras e as tuas grades, com os teus sepulchros, com os teus cemiterios e as tuas chaceiras lastimosas, adoro-te, melodrama, ainda que te veja de força levantada no meio do theatro, ou de espada na mão, a chacinar gente como um selvagem, a escorrer sangue humano como os tigres e os lobos dos circoes da Roma de Nero.

Eu e Alphonse Karr somos os dous homens que eu conheço mais independentes d'este seculo. Quando as grandes intelligencias de todos os paizes se pronunciaram contra o genero melodramatico, Alphonse Karr, o espirito fino da Franca, o moralista profundo, o romancista caprichoso, respondeu ao pronunciamento escrevendo um melodrama. Quando em Portugal se profere a pena de morte contra as representações do melodrama, em que não tenho talentos para responder como Alphonse Karr, venho á luz da imprensa fazer a minha proffissão de fé melodramatica.

O melodrama de Alphonse Karr está escripto seguindo todas as regras da arte. Os punhaes, o veneno, os assassinatos e os tumulos encontram-se em quasi todas as scenas. Apparecem e desaparecem os personagens sem se saber porque, nem para que; dizem tudo quanto lhes parece com grande despropósito e sem vir a proposito, e fazem tudo quanto manda o auctor. E como eu entendo o melodrama, Alphonse Karr é um escriptor de bastante senso commum; eu desejava poder mostrar-lhe a minha sympathia, fazendo representar o seu melodrama nos theatros de Lisboa. Mas, com que gente? Aonde estão os artistas com pulmões tão fortes que não estropiem a idéa do escriptor com as suas vozes de falsetes? Oh! que já não exista aquelle famoso Antonio Joaquim, sapateiro e actor, que fez as delicias e o terror de nossos paes! Aquillo é que era homem, e sobre tudo aquillo é que era voz! Uma noite representava-se uma peça de selvagens. Antonio Joaquim era um rei gentio, que apparecia magnificamente coberto de pennas, com uns calções a Luiz XIV, e um manto á romana; sobre tudo isto um monstruoso capacete de plumas. Antes da hora de comegar o espectáculo, Antonio Joaquim apesar de vestido de rei gentio, saiu segundo costumava todas as noites, e foi ao botiquim visluclo mostrar os seus magnificos adornos, e beber dous ou tres phlipinas. Acabou de tocar a orchestra e Antonio Joaquim sem apparecer. Foram ao botiquim e surpreenderam sua magestade gentia investindo com o quinto copo. Saiu a correr e entrou em scena perturbado por tal modo, que em vez de se assentar no seu throno tomou logar no primeiro degrau. «Mais acima!» gritaram da platea. El-rei que era um homem ferocissimo ficou ainda mais desconcertado, e notando o sitio onde estava, subiu outro degrau. «Mais acima!» tornam a repetir da platea. Antonio Joaquim montou outro degrau, ja muito azedo com os avisos do publico. «Ainda outro!» repete

a mesma voz implacavel nas suas exigencias. O rei gentio perdeu a cabeça, e trepou para cima do throno. Fatalidade! as plumas do capacete incendiaram-se em uma das luzes do bastidor. El-rei que tinha que vir declamar á bôca da scena, sentindo fogo na cabeça atira-se pelos degraus do throno, embarça-se na capa romana, dá dous saltos e enfia de cabeça para baixo pelo buraco do ponto. O *charivari* horrivel que fazia o publico não ha penna que o possa descrever!

O movimento restituiu o sangue frio a Antonio Joaquim, que entrou de novo em scena pela porta do fundo. O publico recebeu-o com gargalhadas, mas o actor que se conhecia estava certo do seu triumpho. Começou a declamar... declamar! Era uma trovoadá. Os bravos principiaram tambem logo. Antonio Joaquim devia apunhalá uma mulher, n'esse ponto é que elle esperava os espectadores. Empunhou a victima pelos cabellos, arrancou um punhal de tres palmos e espetou-lh'o de baixo d'um braço. A victima caiu e Antonio Joaquim começou a dar-lhe punhaladas do estomago até ao pescoco. Choraram todos de enthusiasmo. O artista é coberto de applausos e são triumphante. No outro acto passava-se a scena em um carcere tenebroso, como de rigoroso estylo nos melodramas de sandosa memoria; estavam ali dous amantes, que tentando fugir da prisão deviam segundo a pega ser surpreendidos pelo carcereiro. Este, porém, em vez da vigilancia que devia ter, adormeceu e os amantes fugiram á sua vontade contra a intenção e opinião do auctor. Dos bastidores agulhoavam o carcereiro com duas varas immensas, porém o homem dormia sem cuidados. Que se havia de fazer? O publico principiou a insurgir-se. O actor acordon, e não vendo os prisioneiros entendem que devia fugir tambem, attendendo ao comprometimento em que se achava. O povo applaudiu a sua resolução e pateou tudo. Era justo, mas a pega não podia continuar porque ninguém comprehenderia o seguimento, que era todo fundado nos amores dos dous fugitivos. O theatro tornou-se uma Babel. Os pulmões de Antonio Joaquim restabeleceram a ordem ensurdecendo todos os motores da desordem.

Em satisfação ao publico representou-se logo em seguida a tragedia *Fayel*. Na tragedia é que Antonio Joaquim era grande. Pertencia-lhe o papel de *Fayel*. Os espectadores conservaram por muitos annos a lembrança d'aquelle noite. Antonio Joaquim foi admirado até ao furor, pela extensão, volume e força da sua voz potente. Quando no fim da tragedia tinha de apontar para o coração de *Caci*, Antonio Joaquim n'um arrebatamento de sublime enthusiasmo artistico, empolga o coração sem se lembrar que elle era de cortiga, e principia a morder-lhe os ventriculos de papelão pintado que estavam pendentes. Era uma febre, uma raiva, um desespero de applausos que embriagaram o artista. Antonio Joaquim apunhalou todos os personagens da tragedia, mesmo os que não deviam morrer. Rasgou a golpes de punhal os bastidores, as portas, as cadeiras; foi uma carnificina horrivel que só acabou com a sua propria morte. Caiu o panno. Os actores disseram a Antonio Joaquim que tinha gritado demais. «Gritei muito!» diz o artista indignado, «se cuidam que não sou capaz de tornar a representar, levantem o panno, que aqui ainda ha bofes para gritar muito mais.»

Que homem!!!!...

E não ha de a gente ter saudades d'aquelle tempo, d'aquelle theatro e d'aquellas pegas! Mas o theatro de Santa Catharina? O theatro de Santa Ca-

tharina não tem actores como o Antonio Joaquim, e por isso não faz fortuna. Mas aonde está hoje o theatro que possuua d'esses brilhantes ornamentos da scena? Mataram o genero, mataram os actores; gloriem-se da sua obra.

O theatro de Santa Catharina, apesar da sua pobreza d'ornatos, é bastante decente, e notei a immensa concurrencia de gente que o frequenta. O espectáculo deixou de me interessar desde que vi que não havia o genero da minha paixão. Voltei-me para os camarotes. Estavam brilhantes agora, mesmo com as suas detestaveis pinturas! Lindos typos femininos! Em toda a parte, e por todas as formas que encontrei nas reuniões do Porto, encontrei sempre a mesma profusão de mulheres bellas! Até n'isto é uniforme aquella cidade! Das classes mais infimas até ás mais elevadas da sociedade acham-se os mesmos perfis regulares e artisticos, os mesmos olhos meigos e fascinantes, e a mesma cutis fina e assestada. É a primeira terra que tenho visto onde succede este phenomeno! A formosura quasi que perde ali o merecimento; procura-se uma mulher feia como uma gota d'agua nos desertos da Arabia. Quando eu fazia estas considerações contemplando aquellos bellos astros, ouvi um grito perturbador que chamou a attenção geral. Um espectador distraído tinha tomado lugar sobre o chapéu do seu visinho obri-gando a copa a fraternisar perfeitamente com as abas. As explicações foram pedidas a murro, e dadas com a mesma honestidade. Entrou a guarda, e com pouca difficuldade restabeleceu a ordem... á pancada.

Depois da conflagração e da intervenção municipal, continuou o espectáculo, que eu soffri pacientemente até á uma hora da noite.

(Continuo.)

F. GOMES D'AMORIM.

#### DUAS NOTABILIDADES.

O ESCRITOR inglez Goldsmith satyricamente menciona dous personagens, originaes de que ha muitas copias.

«Certo viajante, passando por Burgos, teve curiosidade de conhecer as pessoas mais notaveis da cidade por sua sciencia; fez a este respeito algumas perguntas a um visinho da mesma; o hespanhol que acouteceu ser um licenciado respondeu: — «Pois, senhor nunca ouviu fallar do admiravel Brandellio e do engenboso Mogosio, que é um o olho, e o outro o coração da nossa universidade. São ambos conhecidos no mundo inteiro.»

— «Queira desculpar a minha ignorancia; mas até agora ainda não ouvi pronunciar esses nomes. Pego o favor de me dizer que obra importante Brandellio tem feito.»

— «Já se vê que tendes bem pouco conhecimento do que se passa na republica das letras! Brandellio compoz um panegyrico sublime em louvor de Mogosio.»

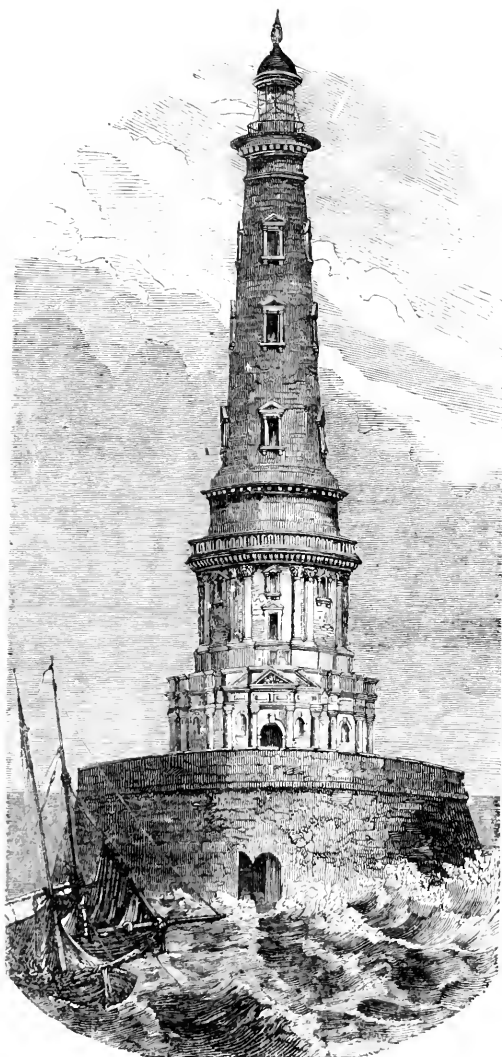
— «Então o que fez Mogosio para ser digno de tal elogio?»

— «Escreveu um bellissimo poema em honra de Brandellio.»

— «Muito bem! E d'essas obras primas de congratulação mutua o que pensa o publico, isto é o que não pertence á universidade?»

— «O publico é uma feira de tolos, os tolos todos são criticos, os criticos assemelham-se ás aranhas e as aranhas são uns insectos que toda a gente despreza.»





O PHARE DE CORDOUAN.

De todos os monumentos d'este genero o phare de Cordouan é o mais notavel pela amplidão de todas as disposições e partes do edificio e pela riqueza dos ornatos. Assenta n'um rochedo cercado do mar a for do Gironda e a pouca distancia da ponta de Grasse, que muito tem custado aos engenheiros para a sub-

trahirem ás invasões do mar. Começado em 1584 por Henrique III foi concluído em 1610; porém, depois tem sido restaurado e acrescentado consideravelmente por varias vezes. A principio não lhe deram tanta altura, e é facil conhecer a vista do desenho que a parte superior ao remate das pilstras é de construcção mais moderna do que a inferior. Consta toda a obra de um terraco circular que forma a baze, e da torre do pharol que se levanta do centro. No recinto da baze estão distribuídos os alojamentos dos guardas e os depositos. A entrada da torre no primeiro pavimento acha-se um vestibulo quadrado, quatro cubileos onde moravam antigamente os guardas, e em frente da porta o começo da escadaria.

No primeiro andar ha uma sala das mesmas dimensões do vestibulo, que ainda se chama quarto real, tambem acompanhada de quatro gabinetes, adornados porém mais ricamente: d'esta sala vae-se á primeira galeria exterior que fica por cima da ordem dorica do pavimento inferior. O segundo andar era destinado para a capella: esta sala de forma circular, guarnecida de pilstras corinthias e de esculpturas de rara elegancia, é fechada por uma abobada esphérica; d'antes tinha duas ordens de janelas, uma das quaes foi supprimida quando se tratou de altear a torre. Na segunda parte d'esta não ha quartos nem cubileos, é toda ella occupada por uma escada monumental de bellissimo aspecto. Hoje não se fabricam construcções de tal natureza com tamanha sumptuosidade; dadas as condições de solidiez edificam-se convenientemente ao seu destino.

#### SEA MAJESTADE A SENHORA D. MARIA II. (I)

Sicut lacrimis rerum, et mentem mortalia tangunt.

VIRGIL.—EUSEID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris exhibitis pergebat.

SUET. IN CESAR.

Arca suum tetendit... et in eo paravit casa mortis.

PSALM. VII, v. 14.

Uma noite antes da vespera do dia assignalado pela catastrophe (domingo 13 de novembro) a rainha assistiu no theatro Lyrico á representação da opera *Herminia*. Na flor da vida e da idade, cheia de agrado, e desculpada de que a morte voasse ao seu lado, mostrava-se tão segura, que todos tiraram ditoso presagio do seu semblante, que brillava nos seus olhos. Não se base seguem por sair corren a vista pela plateia com um sorriso naco e familiar. Quem diria então que era uma despedida eterna?

Entretanto, nos seus ultimas horas apressavam-se na agulha do termo de gr. vitez, achava-se proximo; os apparelhos e os elementos da sciencia não encontravam grandes probabilidades de perigo. Superior a terrores, em attendo de ao ultimo instante a firmeza natural do animo, a rainha não se preocupou, e a morte de elle abateo-a e risso lentamente. O dia 14 de novembro chegou como o inesperado, e tal como os seus dias e a vida sempre o fizera, assim a contemplação da morte que a aguardava, e a qual elle não tinha

de deplorar a sua perda. No despacho conservou-se affavel e sollicita, sem a mais leve sombra de melancholia, ou de receio. Visitando repetidas vezes os aposentos dos príncipes, repartiu por elles os affagos usuaes e as advertencias do costume. De tarde recreou-se com o passeio pelos jardins, e depois do occaso do sol, ainda o serão chegou até perto de dez horas sem a minima alteração.

Logo depois annunciaram-se os primeiros signaes, mas sem indicios de gravidade. Chamados ao paço os facultativos, o cardeal patriarcha, capellão-mór, o conselho de estado, e os ministros, todos aguardavam o successo, alentados com as esperanças que da real camara iam dando os medicos, illudidos no principio pelos enganosos auspicios que annunciava o parto. Esperava-se por um dia de ventura, e em logar das rosas e jubilos da pompa natalicia, não invisivel saeudia já as insignias funebres do pranto nacional. O Rei dos reis tinha disposto, que o ultimo beijamão da senhora D. Maria II fosse na capella ardente das Necessidades, e que o derradeiro *vale* dos subditos á soberana se desse aosom dos canhões do funeral debaixo das abobadas de S. Vicente!

A viova de D. Pedro, a imperatriz Amelia, segunda mãe pelo amor da senhora D. Maria II, a infeliz princeza, que parece reservada por especial predestinação para todas as dôres infinitas, apenas recebeu aviso, dirigiu-se ao paço. Constante no seu posto, heroica até onde é dado sel-o, vê começar o perigo, vê desfallecer as esperanças, vê finalmente a vida fugindo, e a morte avizinhandose, e desmentindo a aacia do peito, continúa a esconder á moribunda, que ainda o ignora, o doloroso e inevitavel transe!

Adoga-lhe o fel das angustias com palavras de ternura e de conforto, e depois quando é tempo, falla-lhe de Deus e da morada celeste; disfarçando sempre a realidade, convida-a a preparar-se religiosamente, mas como simples prevenção. Imagem christã da Niobe antiga como a tristeza é sublime no seu rosto! Mãe desherdada de sua filha, esposa separada de seu marido, irmã chorosa de seus irmãos, de pé entre quatro tumolos, que intima e lacrimosa voz não levantaria ao céu no instante de esgotar a derradeira afflicção, e de chorar pela quarta vez a perda de um affecto entranhavel, o ultimo que no mundo lhe restava? Que pergunta resignada ao Senhor não subiria do fundo d'este coração retalhado no meio do immenso pranto de tal hora, sobre a ruina de tantas esperanças, e no calvario de tão grandes martyrios?

Contavam-se dezenove annos justos que recolhêra dos labios do senhor D. Pedro o suspiro final. Fazia vinte que o principe Augusto, seu irmão, fechára os olhos nos seus braços. Tinham decorrido onze mezes apenas desde que a princeza Amelia partira a unir-se aos outros cherubins, que a chamavam. Que destino e que valor! Envolta no triste véu da viuvez, supporta a pezada cruz sem um gemido, e como o anjo consolador da Providencia, apparece suavizando magoas, e minorando penas junto d'aquelles, que acaba de fulminar a terrivel dôr da orphanidade.

Mas a senhora D. Maria II era uma alma tambem formada com a mesma rijeza heroica. N'esta provação, a maxima de todas, porque adiante d'ella não ha esperanga, e a vista devassa já o mysterioso silencio da eternidade, a sua constancia não quebrou, e o peito nunca se trahiu. As horas da manhã succediam-se silenciosas. O aviso de um dos facultativos declarou a quantos o cercam o perigo que mal

se podia acreditar ainda. A imperatriz toma sobre si a missão de prevenir a rainha para receber os socorros espirituais sem sobresalto. Um capellão, enviado pelo cardeal patriarcha, ouve a derradeira confissão da senhora D. Maria da Gloria, e pouco depois foram administrados os sacramentos, edificando a humilidade e contrição da soberana moribunda. O seu valor depois de uma operação trabalhosa e prolongada, e a grandeza de espirito com que sem o mais leve signal de pesar encarou o termo da existência, compungiam e admiravam a todos os espectadores d'esta scena cheia de lances cruéis, e maguada por quantos sentimentos pungentes é capaz de exprimir a amargura humana!

As dôres excessivas não lhe perturbaram o animo. No sofrimento paciente excedeu o heroismo guerreiro. Dominando-se venceu mais do que a impetuosa coregem dos campos de batalha. Lá tudo excita os sentidos e as forças; aqui tudo conspirava para conter e abater. Eram os annos de contentamento e de esperanças roubados á sua vigorosa mocidade tão rica de dias. Eram as ternuras de esposa, sentindo-se morrer duas vezes com a separação irremediavel. Eram as saudades de mãe não podendo socegar sobre as lagrimas e o desamparo das prendas do seu amor. E a par de todos estes traços, que torrentes de pranto em olhos queridos para lhe desarmarem a conformidade! Quantas penas e memorias unidas no profundo côrte de uma agonia rapida, mas immensa!

Entretanto nem a grandeza, nem a mocidade lhe arruacaram um suspiro. Da terra não quer outras lembranças senão o carinho do esposo, e a doce imagem dos filhos, que até ao derradeiro instante não cessa de metter no coração. Do throno não se recordou, como soberana, senão para recomendar os bons e leaes serviços. As despedidas finas foram meigas e suaves; e junto do leito o marido de joelhos apertava ainda o corpo nos braços, e já a alma tinha voado aos pés do Altissimo! A rainha tinha deixado de padecer, como se adormecesse. Tão de leve pousou a morte, que enganava fingido ar de vida.

Às onze horas e meia da manhã a senhora D. Maria II descansava junto de seus avós.

O conselho de estado ouviu a triste nova penetrado de profunda commoção; e entrando na real camara para beijar aquella mão já fria, as lagrimas saltavam dos olhos de todos os seus membros. Qual d'elles, diante do cadaver da soberana de Portugal, não tinha uma divida de gratidão a memorar!

D'alli o tribunal dirigia-se á presença do novo rei o senhor D. Pedro, e rendeu-lhe as homenagens devidas ao successor da coroa. Depois é que o senhor D. Fernando prestou o seu juramento na qualidade de regente do reino.

Ao meio dia de 15 de novembro de 1833 tinha findado o governo da senhora D. Maria II, e principiava o reinado do senhor D. Pedro V!

E a capital desceudada esperava a cada hora pelos signaes de jubilo, e com elles pela nova do feliz successo!

De repente uma voz confusa e incerta, vinda sem se saber de onde, espalhando-se por muitos lugares ao mesmo passo, divulgou-se, corre, chega a toda a parte por cem bocas, estala a todos os ouvidos como um trovão, levando o terror consigo, e enchendo d'assombro a quantos colhe a sua rapidez fatal!

A rainha morre! a rainha e morta!

No começo a grandeza da catastrophe provocou a incredulidade sublime do povo. Negava a certeza para minorar a dor alguns minutos. Por fim a evidencia de que a orphandade desceia em curtas ho-

ras sobre o reino esobre o throno, não deixando pretexto a duvida, prostrou os animos, e apoz o terror do primeiro espanto, a saudade de todas as classes, e a justiça de todas as opiniões, antecipando-se ao juizo da historia, saudaram a memoria da princeza com o testemunho das exceelsas virtudes, joias da sua breve, mas gloriosa carreira.

A 18 de novembro foi no paço o ultimo beijamão de côrte. O atalude já estava fechado.

O dia 19 era o destinado para o prestito fúndere, sendo das Necessidades, se dirigir ao jazizo dos reis em S. Vicente. N'este dia a filha devia juntar-se com o pae debaixo d'aquellas abolidas, aonde dormem ha dous seculos tantas gerações de príncipes.

Como vaemudo lento, rojando lutos, ao som dos caudões, o funeral da rainha! Como estão em harmonia com a expressão do sentimento popular, estampado em todos os semblantes, os gemidos lugubres das musicas, e o som destemperado das caixas! Que immenso concenso é aquelle, estendendo-se por duas alas deste o palacio quasi até ao templo? E o povo acompanhando pela ultima vez ainda a sua soberana até a depositar ao lado do imperador, chamado como ella antes de tempo para receber a palma dos sacrificios.

No meio da guarda de honra dos cidadãos o prestito official parecia mesquinho, e desapparecia diante da magestade do espectáculo da grande e bella homenagem nacional, que se estava tributando. Os corpos da guarnição, e os batalhões de segunda linha, marchando calados e de frentes inclinadas, atravessavam por entre a população apinhada nas ruas e praças, e iam occupar os seus postos. Por muitas faces crestadas dos combates manavam as lagrimas. A multidão via-as, e uma voz as vezes exclamava compadecida: aquelle chora; ainda é dos do Minello!

O clero, n'este meio tempo rezava as ultimas encomendações nas Necessidades; e na sala contigua á camara ardente, diziam-se missas continuas em sete altares pelo eterno repouso da rainha.

Depois bateu a hora de seguir o seu caminho para a derradeira morada; e segundo o estylo a familia real devia acompanhar o corpo até á saída do palacio. N'este novo e esteril tormento, imposto pelo uso, e proscripto pelo coração, todas as foidas se abrem, e a voz affogada recusa-se de ordinario a cumprir a final cerimonia. Quem mandou rolar o coche fúndere com a phrase do costume: «Pode vossa magestade andar!» foi a viuva de D. Pedro! Para ella ainda este golpe e este calix mais!

Às duas horas e meia da tarde o prestito chegou a S. Vicente. Às sete da noite uma salva de vinte e um tiro, e tres descargas de mosquetaria por todas as tropas, annunciaram que a senhora D. Maria da Gloria, a filha de D. Pedro, a rainha dos portuguezes tantas vezes invocada nos trabalhos e nas batalhas, acabava de desapparecer para sempre no eterno silencio do tumulo. Aquelle estampido fôra o ultimo adeus do mundo! (1)

L. A. REBELLO DA SILVA

1 — Para esta informre noticia sobre assumpto, que peita quadro de mestre, devemos grande auxilio aos espiozos subsidios ministrados pelo nosso bom e respectado amigo o sr. marquez de Rezende.

Seria fãlta indesculpavel deixar de o confessar, e seria roubar tambem a algumas circumstancias curiosas, que relatamos, o tra de de authenticidade que nos da a informreção de um cavalleiro testemu-

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

## VIII.

*Mau successo das armas ottomanas: discordias intestinas; primeiras relações directas entre a Inglaterra e a Turquia; grande triumpho na Hungria: progressos da decadencia do imperio.*

OS TALENTOS e energia do grão-vizir Sokoli tinham podido neutralisar, durante todo o reinado de Selim II, os elementos de desorganisação, que se haviam introduzido na administração do estado. Mas no reinado d'Amurath III, filho de Selim, não gosando do mesmo grau de confiança, que obtivera sob o governo dos dous ultimos soberanos, os seus esforços foram pouco a pouco tornando-se infructuosos, até que o punhal do assassino veiu roubar ao imperio uma de suas mais fortes columnas (1578). Posto que o seu poder estivesse muito limitado, e por conseguinte assaz diminuida a sua acção benéfica, a sua morte foi para a Turquia uma perda muito sensivel. Continuas perturbações em toda a extensão do imperio vieram fazer, durante o resto do reinado d'Amurath III, bem sentida e a todos patente a falta d'aquella intelligencia e d'aquelle braço, que sustentavam com firmeza as redesas do governo, apesar de tantas influencias maleficas, que tendiam por um lado a debilitar o poder, e por outro a desenvolver o espirito de resistencia e desordem.

Em Constantinopla rebenta uma sublevação dos janisaros, os quaes, querendo se oppôr á circulação de uma nova moeda, cercam e assaltam o serralho, e obrigam o sultão a entregar á vingança dos revoltosos os ministros, que tiveram parte n'aquella medida. No Egypto insurgem-se as tropas contra o governador. N'outras provincias apparecem varios impostores, que sob falsos nomes atrahem grande numero de partidarios com que accendem a guerra civil. E finalmente no meio de novas revollas dos janisaros vê-se Amurath III constringido a dar a demissão a dous grão-vizires, a augmentar o soldo d'esta milicia turbulenta, e a admittir-lhe os filhos nas suas fileiras apenas chegados aos vinte annos.

Amurath appellou para a guerra com um meio para pôr termo ao espirito de insubordinação, que lavrava no exercito. Romperam pois as hostilidades com a Persia, e mais tarde com os austriacos. Porém as armas ottomanas não puderam alcançar triumphos assignalados nem na Asia, nem na Europa. As pequenas vantagens, que conseguiram, eram contrabalangadas com graves perdas e penosos sacrificios, que enfraqueciam e demoralisavam o exercito. Debalde enviou o sultão ao theatro da guerra o estandarte sagrado, que segundo a tradição pertencia ao propheta. Esta reliquia tão reverenciada dos musulmanos não produziu effeito algum na tropa. A sua presença nem excitou enthusiasmo, nem foi remedio para a desorganisação do exercito. D'estarte o governo turco se viu forçado algumas vezes durante estas campanhas a propôr ou aceitar a paz com desfavor.

nha presencal dos factos, actor na grande scena em que succederam, e pela sua posição e relações especiaes o mais no caso de conhecer, não só as apparencias, mas as origens e as razões secretas das cousas.

Tambem tiramos de um escripto nosso já publicado o que nos pareceu convir ao desenho d'este esboço; porque em assumptos como este não ha phrasas nem idéas novas. O que a commoção dicta é o que deve escrever-se.

Foi n'este reinado que tiveram principio as relações da Inglaterra com a Turquia. Em 1583 enviou a rainha Isabel um embaixador a Constantinopla com o fim de negociar um tratado commercial, que concluiu, obtendo para o commercio inglez privilegios e franquias iguaes aos que os francezes gozavam exclusivamente.

Amurath III falleceu em janeiro de 1595 aos cincoenta e quatro annos de idade, e vinte de reinado. De caracter fraco e supersticioso, inimigo de toda a casta de trabalho e dado com excesso aos prazeres; sempre dominado ora pelas damas do harem, ora pelos validos, que se succediam continuamente uns aos outros; este principe concorreu muito para o incremento que tomou a audacia dos janisaros e a indisciplina do exercito. As suas irresoluções e timidez deram corpo por vezes á revolta, e foram causa de a autoridade real sair sempre d'estas luctas desairoza e desacetada. Entretanto, posto que sob o seu governo o imperio caminhasse a passos largos para a decadencia, alguns raios de gloria, devidos aos esforços dos grão-vizires Sokoli, Sinan, Osman e Ferhad, vieram dourar de longe em longe as paginas da historia ottomana n'este periodo de vinte annos.

Amurath deixou por successor a seu filho Mahomet III. O primeiro acto do novo soberano foi o assassinio de seus dezoove irmãos, que segundo o barbaro uso introduzido por Mahomet II, e seguido depois pelos successores, mandou matar para assegurar a tranquillidade do imperio.

O tempo das conquistas tinha acabado para a Turquia, e os principes vizinhos haviam tomado a offensiva. A Valaquia, pretendendo emancipar-se da suzerania dos sultões, não tardou a dar principio ás hostilidades; e o exercito mandado pela Sublime Porta para castigar o principe rebelde foi completamente derrotado junto ás margens do Danubio. A este primeiro revez seguiram-se outros não menos graves.

Ao mesmo tempo que as armas ottomanas experimentavam na Valaquia tão consideraveis perdas, as tropas austriacas atacam Buda e sobraes praças da Hungria, fazendo todos os esforços para expulsar os turcos d'este paiz. E por tal modo a fortuna desamparou o estandarte das meias luas, que o sultão mandou fazer preces publicas durante tres dias para implorar a protecção divina (1593).

N'este apuro resolveu-se Mahomet III, por instancias do seu grão-visir, a collocar-se á frente do exercito, a fim de o animar e moralisar. No verão seguinte partiu este soberano de Constantinopla, e assumindo o commando em chefe das tropas, foi dar assalto á praça de Erlan, que tomou por capitulação ao setimo dia do assedio. Mas pouco tempo depois, vindo-lhe sair ao encontro o exercito christão commandado pelo archiduque Maximiliano e pelo principe Sigismundo de Transylvaia, e que tarde chegára para socorro d'Erlan, travou-se renhida peleja. Em tres diferentes batalhas esteve indecisa a victoria, até que a final os hungaros e allemães accommetteram os turcos com tanto impeto e coragem, que já senhores de toda a artilheria inimiga, e do acampamento, incluindo as proprias barracas do sultão, se aprestavam para recolher os immensos despojos, que lhes eram abandonados quasi sem resistencia, quando uma carga de cavallaria, que se achava emboscada, habilmente dirigida, espalhou de improviso a desordem e o terror nas fileiras christãs, e aranca-lhes das mãos a palma do triumpho (26 d'outubro de 1596). Perto de cincoenta mil homens morreram n'esta acção, ou victimas do alfançe musulmano, ou alfogados nos pantanos visinhos.

Não colleu porém Mahomet as vantagens, que tão

assignalada victoria lhe prometia. Aborrecido dos trabalhos da guerra, para os quaes tinha grande repugnancia, e impaciente de se ver na sua capital cercado de prazeres e commodidades, deu por finda a campanha e voltou para Constantinopla.

Os successivos reveses das armas ottomanas tinham causado na capital tão profunda sensação, tinham inculcido em todos os animos tanto terror e descoroamento, que a victoria alcançada por Mahomet III foi solemnisada como até ali nunca o fóra triumpho algum. A entrada do sultão foi festejada com as mais brilhantes pompas. A maior parte da população saiu a rebel-o fóra da cidade, bem como todos os funcionarios. As ruas do transitio foram cobertas de ricas alcatifas, e o soberano era victoriado entusiasticamente entre chuvaes de flores e nuvens d'incenso. Duraram sete dias os festejos publicos. Bakí, o mais celebre poeta lyricio da Turquia, cantou esta victoria n'uma bella composição.

No anno seguinte recommçou a guerra na Hungria, que não cessou até ao fim do reinado de Mahomet III, e quasi sempre desastrosa para os turcos. Na lucta que se empenhou entre a Turquia e a Persia no anno de 1603 não foram mais felizes os ottomanos.

A's perdas e sacrificios causados pela guerra vieram as revoltas accrescentar novos males. Um aventureiro, intitulado-se o principe Solimão, irmão do sultão Selim, consegue reunir partidarios e accende a guerra civil. Mais dous impostores, tomando falsos nomes, provocam graves desordens em diversas localidades. Os janisaros insurreccionam se em Aleppo, tres mil estudantes põem a Karamania em estado de perfeita anarchia; no Yémen rompem serios alborotos; na capital por duas vezes o corpo de sipahis levanta o estandarte da rebellião, e finalmente no anno de 1603 é descoberta uma conspiração tramada por Mahmoud, principe herdeiro, que é condemnado á morte, e executado por ordem de seu pae.

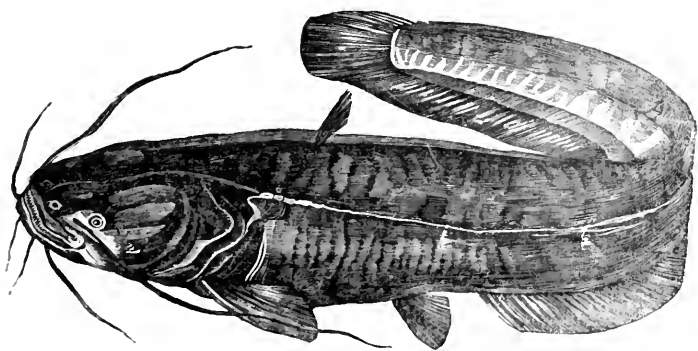
N'este mesmo anno morreu Mahomet III victima da superstição, que o levou a acreditar as palavras de um derviche, que passava por santo, e que lhe vaticinou a morte dentro de cincoenta e seis dias, o que bastou para o fazer adoeecer deveras até o conduzir ao tumulo.

Os progressos que n'este periodo fez a indisciplina do exercito, annullando a forga publica; a fraqueza do governo desvirtuando a auctoridade real; a violação da maior parte das instituições creadas pela illustrada politica de Solimão I e de outros grandes legisladores, tirando todo o prestigio á lei; a relaxação n'algumas praticas religiosas, principalmente no uso do vinho, corrompendo os costumes; a venalidade dos empregos, elevando aos primeiros cargos homens de pouco ou nenhum merecimento, e acabando ao mesmo tempo com o poderoso estímulo dos premios; a inhabilidade e a falta de zêlo dos funcionarios, augmentando a desordem em todos os ramos da administração publica; as dividas dos reinados anteriores, e as enormes despezas occasionadas por oito annos de guerras desastrosas, desbaratando as finanças, e obrigando a lançar contribuições onerosissimas, muito além do que permitia o estado de desenvolvimento da industria do paiz; todos estes elementos de desorganisação fizeram sensivel a todas as vistas durante este reinado a rapidez com que progredia a decadencia do imperio.

Entretanto é de justiça confessar que Mahomet III fez esforço, quanto era compativel com o seu caracter fraco e irresoluto, para combater alguns d'estes germens de dissolução; mas a falta de energia frustrou as suas diligencias. Quando pretendia acabar com um abuso qualquer, via-se constringido a empenhar lucta com individuos ou corporações. D'estas luctas porém saía sempre vencido e ás vezes desacatado.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.



O SILURO OU BAGE DA EUROPA.

(*Sylurus glanis.*)

ESTE peixe, que a moderna industria da piscicultura ha poucos annos tem procurado naturalisar em França, é como o solho um dos maiores, ou talvez o maior de todos os peixes de agua doce; alcança enorme tamanho chegando a pesar ás vezes tresenta libras. É gordo e saboroso, tem uma especie de toucinho como o porco, e por isso é estimado para alimento. Acha-se em grande quantidade nos gran-

des rios e lagos do norte e de parte da Europa central; não existe porém, salvo sendo transportado em pequeno, na França, na Hespanha, na Italia, nem nas ilhas britannicas. É raro no Rheno e nos lagos da Suissa; abunda no Danubio, no Elba, na maior parte dos rios da Russia, tanto os que desembocam no Báltico como os que desaguardam no mar Negro. No mar Caspio ha tanta copia d'estes bagres que se vendem mui baratos. Pertence á ordem designada por Cuvier-malacopecterygus abdominaes.

Os habitos do siluro são singulares: mantem-se no fundo das aguas lodosas; não sobe á superficie quando ha temporaes, que até algumas vezes o arremegam ás praias. É mui voraz; nutre-se de toda a casta de peixe e até de aves aquaticas; diz-se que nem poupa a gente; em 3 de julho de 1760 foi apalhado um nas cercanias de Thion. e achou-se-lhe na barriga uma creanga inteira.

Conta-se que na Hungria tem sido tragados por siluros rapazes no acto de tirar agua dos rios. N'esse reino seccam a gordura d'estes peixes e servem-se d'ella como unto de porco para temperar legumes; geralmente se faz da mesma bom azeite para luzes; com a sua hejiga ou bexiga se prepara uma colla mui tenaz. Os paizanos russos e tartaros usam da pelle secca do siluro como de vidragas nas casas.

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPÍTULO VIII.

#### *O carroção. — Febre. — Ceta tuera ecci.*

ESCREVER contra o carroção é escrever contra a pena de morte. (1)

Aos homens voluntariamente degradados da sua posição de honra nós impremos o carroção como a Angola, as Pedras Negras ambulantes dos sclerados sublimes.

«Aonde de carroção!» Não é o mesmo que dizer «aquelle homem abdicou da sua dignidade, conspirou contra a civilisação do seu paiz, oppoz resistencia á torrente do progresso?» (2) Folhetinistas illustres! Vós, que crevestes essas palavras tremendas, porque não vistes em meu auxilio, quando cheguei ao Porto, para me preservar do immenso perigo a que me expunha a minha boa fé de viajante? R. G., C. C. B., vós, os dous unicos homens a quem eu tra recommendado, porque me não salvastes do abismo aonde caí por vossa culpa? Barbaros! Chamaes crime o andar de carroção; pois cáia o men crime sobre as vossas cabeças, e as de toda a vossa descendencia! Só depois de transportas por mim as portas fatidicas d'aquelle matadouro ambulante, é que vós levantastes o grito de guerra contra o sumidouro da saude publica! Eu aceno-vos á posteridade, porque abandonastes um vosso irmão da imprensa nas fauces sedentas d'um devorador da civilisação; a mim que sou, como vós, um filho querido do caminho de ferro... Oh!!!...

Mas o que é o carroção? Leitor, quem quer que sajas, ainda que me detestes, Deus Nosso Senhor te livre sempre de seres triturado no fundo cavernoso d'aquelle vehiculo assassino! O carroção é um caixão de proporções deformes, biconvexo, barrado de

vermelhão por baixo, e dos lados, e coberto com uma tampa de couro negro. Este apparelho de morte anda montado sobre quatro rodas de carro, e arrastase dolorosamente por uma junta de bois transparentes. O pezo do carroção sobe de quarenta até oitenta quintaes, quando não tem passageiros! É esta a locomotiva mais apparatusa que possui a cidade do Porto, ainda que tambem a que offerece mais duvidas e incertezas á theoria do movimento. Um dia pela manhã, dia fatal! vi entrar para dentro do carroção uma familia do meu conhecimento. Convidaram-me para os acompanhar á Foz, e eu accitei. Imprudente! Parece-me ver ainda aquella horrorosa machina de tortura, e sinto-me gelar só com a lembrança do martyrio atroz que então soffri! Depois de vinte minutos de tentativas inúteis para a fazer mover começou enfim a rolar pezadamente, como se fosse trepando a rampa do progresso contra a torrente da civilisação. No fim de uma hora de rotação via-se ainda o ponto da partida! Eu fazia esforços desesperados para abafar os gemidos que a dor me arrancava a cada giro que faziam as rodas. É o carroção, cambaleando, atirava comigo ora sobre um, ora sobre outro dos meus companheiros, que habituados áquelle horrendo sacrificio estavam socegadoamente em guarda, e recebiam os meus encontros com uma verdadeira resignação de martyres. A conversação, animada ao principio, achava-se interrompida havia muito, e entre dez pessoas que ali estavamos, reinava um silencio de morte. Foi em vão que pretendi mostrar-me superior á situação. Tenho soffrido muito nas minhas longas peregrinações, mas nunca passei por uma prova d'aquellas! As minhas costellas estavam perfeitamente deslocadas; os ossos começaram a dobrar-se-me como se eu estivesse n'um violento exercicio de gymnastica. Passaram assim tres horas. O meu amor proprio revoltava-se á idéa de manifestar o soffrimento diante de estranhos. E o carro mortuario ria, chiando nas bochechas da segunda cidade de Portugal, passeando o seu fossilissimo repugnante pelas ruas principaes, como um sarcasmo, uma ironia viva a escarnecer da industria, das artes, das sciencias, do vapor, do caminho de ferro, do telegrapho electrico, dos aerostatos, e de nós todos que o soffremos sem murmurar!...

No fim de cinco horas, avistamos a porta nobre. Tinha-se passado meio dia para atravessar a distancia que um homem anda a pé em vinte minutos! Era muito. Pela minha parte declarei solemnemente que não queria morrer senão ao ar livre, e atirei comigo pela porta do carroção como quem foge d'uma jaula de tigres. Era tempo. Os meus pés, que não contavam já tornar a passear pela terra as sollas dos meus hotins, notaram sem admiração que as pernas se tinham esquecido do seu uso, e aconselharam-me prudentemente a que me assentasse. Arrastei-me o melhor que pude para a borda do caes, e sentei-me sobre o muro. Achava-me n'um estado lamentavel, e carpindo o meu ruim destino, puz-me a contemplan o maldito carroção que passava. De repente senti uma vertigem, que por pouco me não precipitou no rio. Encostei-me á muralha, e comecei a passar-se em mim alguma coisa de extraordinario. O meu corpo foi assaltado por uma febre violenta que me tirou a vista, fazendo girar todos os objectos em torno de mim.

Fechei os olhos. Immediatamente veio um turbilhão de vento, que arrastou comigo pelos ares. Deixei-me ir. Chegando a uma grande altura achei a atmosfera humida, e o ar frio; o meu primeiro cuidado foi abotoar a casaca para me não constipar.

(1) Folhetim do Nacional do Porto de 21 de agosto de 1872.

(2) Item de 27 de agosto do mesmo anno.

O turbilhão que me conduzia augmentava de velocidade a todos os momentos. O ar estava cada vez mais frio; tive curiosidade de ver por onde ia, mas não sei que vago pensamento, ou que voz mysteriosa, me dizia aos ouvidos, que não abrisse os olhos, porque no mesmo instante cairia na terra. Resisti á tentação, e seguí a minha ascensão precipitada. O ar começou a aquecer repentinamente, e dentro em pouco fazia um calor tão insupportavel que me obrigou a tirar a gravata. D'esta vez, não me pude conter, e espreeitei abrindo só um cantinho d'um olho. Vi tudo escuro, e tornei logo a fechar-o. O meu conductor fez um grande movimento, e senti que já não subiamos. Tornei a espreeitar, e foi tal a minha admiração que estive quasi precipitando-me na terra. Achava-me no paiz das sombras; e tive occasião de notar o desfazio com que todos os escriptores mentiram quando escreveram sobre este reino. Logo á primeira vista não conheci ninguém; viam-se unicamente as sombras passando incessantemente de um para outro lado; mas quando os meus olhos se habituaram áquella noite sem fim, o primeiro objecto que chamou a minha attenção foi um grupo de sombras que estavam debaixo de algumas oliveiras. Zo-roastro conversava amigavelmente com Luther e o padre Antonio Vieira; Juliano o apostata, Calvino, Freret, Boulanger, e Voltaire, ouviam com grande satisfação uma preleção de Bossuet. A este tempo appareceu o marquez d'Arlandes de braço dado com Pilastre de Rosiers, e este ultimo mettendo a mão na algebeira, tirou uma lanterna de furta-fogo que trazia escondida (as luzes são prohibidas no reino das sombras) e veio metter-na á cara. «Quem és?» me perguntou o marquez d'Arlandes. «Ninguém» murmurei eu. «Sabes quem somos?» Excellentissimas sombras, creio que foram vossas excellencias quem aperfeiçoou os aerostatos. » Bem; podes-te retirar; conceder-se-te-ha o que queres. Ha cincoenta annos que saíste da terra, d'aqui a outras cincoenta deves lá estar, e então serás satisfeito.» Eu não sei o que queria, mas o marquez acabando de proferir estas palavras obrigou-me a retirar um pouco, faltou-me o terreno, e precipitei-me, começando a descer com a rapidez do raio.

Vinha seismando como seria possível gastar cincoenta annos até á terra, quando haviam poucas horas, segundo me parecia, que d'ella tinha partido; e concluí as minhas reflexões, suppondo que o marquez d'Arlandes e Pilastre de Rosiers eram dous grandes magãos, ainda mesmo depois de tornados em sombras. A vista da elderidade com que eu descia entrei a pensar seriamente no modo porque chegaria ao mundo sem me despedaçar, quando vejo um grande fumo que descia das nuvens, formando uma especie de mar á minha esquerda. Oh prodigio! Um barco de vapor sae do meio d'aquelle fumo, e vae navegando para a terra!

Vinha cheio de respeitaveis sombras; umas que eu conhecia de vista, outras de nome, e muitas em que nunca tinha ouvido fallar. A honrada sombra de James Watt gravemente sentada sobre a tolda do vapor, seguia com a vista todos os movimentos da machina, e parecia vangloriar-se ainda da sua invenção. A não menos illustre sombra de Jones Fulton vinha ao leme; era um direito que todas as outras pareciam reconhecer-lhe, e mesmo James Watt, porque foi Jones Fulton quem applicou o vapor á navegação.

Junto á sombra de Fulton estava Fontenelle revendo e anotando a ultima edição dos *Dialogos dos Mortos*. O famoso Franklin, que *roubou o raio ás nuvens* e o *scriptor dos tyrannos*, com o capitão Frank-

lin que devassou os polos, observavam o sol com os seus sextantes, combinando entre si as differenças da Bussola. Eu não estava em mim de pasmo e ao mesmo tempo desatisação. Vendo-os tomar a altura tive appetite de saber aonde estava, e comecei a ruminar algumas phrases em mau inglez para perguntar a que longitude me achava da terra. Depois de algumas cogitações gritei com toda a força: *What longitud are we by your log-book, sir Franklin?* O capitão passou o oitante sobre a meia laranja, veiu direito á borda do navio, e escreveu por fóra com gis: *The long. 2895<sup>o</sup> and lat. 1357<sup>o</sup>, 25'*.

Mas como eu não sabia por que meridiana se governaria um navio em semelhantes alturas voltei á carga: *How does the land bear of us?* A sombra do illustre viajante tornou a escrever na borda com a mesma impossibilidade: *N. N. O.* Não presbi nada, mas não querendo dar a agradecer o meu fracasso a tão distinctos personagens, agradecei a delicadeza do capitão: *Thank you, sir! Good time!* Ainda não tinha acabado o comprimento quando vejo um grande aerostato com azas correndo direito a mim. Cheguei perto e vi que tambem estava cheio de sombras; era governado por Montgolfier, o inventor dos balões. Logo depois appareceu outro guiado por Charles Howards; depois outro por Pilastre de Rosiers; outro pelo marquez d'Arlandes, depois appareceu o navio aerio de Petin, o aerostato militar de Berthollet, de Foureroy, de Guyton e de Monge; e em seguida um sem numero de navios com azas e todos cheios de sombras, navegando de conserva comigo e com o vapor! Eu vinha sempre descendo com a mesma rapidez. Tíhamos a terra á vista, já se distinguam os campanarios das igrejas e os altos das chaminés, balões, navios, vapor, e eu, voava tudo atravez das nuvens! Quando cheguei perto fechei os olhos para não para não vêr o sitio onde ia fazer-me pedagos; eis que me seguram por um braço e começo a ser levado ainda mais rapidamente no meio de um grande estrepito. Olho e vejo-me dentro de uma carroagem a vapor que voava por um caminho de ferro. Ao meu lado estavam assentadas as sombras de Cugnot, de Georges e de Roberto Stephenson. Chegámos a Boa-Vista, e eu sem saber em que vinha a dar tudo aquillo. Já lá estavam todas as outras sombras, e havia um grande movimento de carroagens, de vapores e de balões. Tíhnm com effeito passado com annos desde que eu saíra da terra, mas ainda havia carroção. As sombras constituiram-se em tribunal. Comecei a comprehender. Cugnot o primeiro que applicára o vapor ás carroagens, tomou a presidencia. Fontenelle foi nomeado secretario, em attenção aos *Dialogos dos Mortos*, de que as sombras tíhnm gostado muito. O carroção metteu-se em processo, julgou-se e sentencou-se; condemnando-se, além d'isso a familia do inventor e do possuidor, a ser exterminada implacavelmente até á centessima geração. Lavrada a sentença escolheram a illustre sombra do grande Franklin, o inventor do conductor para raios, para a pôr em execução. A atmosphera estava toldada; Franklin experimentou se haveria n'ella bastante materia electrica e vendo que sim, preparou um pagamento de papel com o fio conductor electrico; deitou-o ao ar, segurando a extremidade do fio, e mandou formar todos os carroções em linha. No fim de dez minutos os raios do céu, desciam ás mãos da illustre sombra que fulminava com elles os carroções.

Tinha chegado a este ponto o meu sonho da febre, quando um estrondo surdo me despertou; era o vapor que vinha da Foz; olhei para outro lado...

maldição! o carroção continuava a passar. Oh! sombras venerandas de James Watt e de Jones Fulton, não serei eu quem desacate a vossa honrada memoria! Corri para o caes onde o vapor já tocar, e embarquei para a Foz. No fim de meia hora, largamos e ainda fomos passar defronte do carroção ao Bicalho. É incrível como se sofre semelhante caranguejola n'uma terra que se diz civilisada! Antes não haver meio nenhum de transporte do que expôr aquelle vehiculo carniceiro á vista dos viajantes! E todavia, quando eu fazia estas considerações descendo no vapor *Durieuse*, lembrou-me aquelle famoso capitulo da *Notre-Dame de Paris*, que tem por titulo *Ceci tuera ceci*, e achei meio de o applicar entre o navio e o carroção. *Ceci tuera ceci*, disse eu designando o carroção e o vapor. É uma simples modificação; mas é tão verdade que o olivo ha de matar o edificio, como é verdade que aquella ridicula viatura ha de matar a navegação! Oh! *Ceci tuera ceci!* repito. Deixem o carroção mudar a sua materia prima em todos os paizes, substituir o ferro á madeira, o vapor aos bois ou aos cavallos; deixem-no montar outras rodas sobre um carro de ferro, e unir entre si todos os povos do mundo, e então de nada servirá o navio. O caminho de ferro, esse prodigio dos tempos modernos, que levou tantos seculos primeiro que a sciencia o concebesse, o caminho de ferro arrojou a humanidade pela estrada do progresso, a um ponto aonde ella só chegaria d'aqui a dous mil annos! Dentro em pouco o viajante pode almoçar em Lisboa, jantar em Vienna d'Austria, ir ao theatro a S. Petersburgo, e no outro dia á noute tomar soceadamente uma sopa de ninhos de andorinha em qualquer cidade do celeste imperio! E por isso, *Ceci tuera ceci*.

Mas em quanto não converterem o carroção em caruagem a vapor, ou pelo menos em um *omnibus* decente, a minha religião, e a minha dignidade de homem obrigam-me a confessar que aquelle instrumento de tortura é a vergonha d'um paiz livre.

(*Continúa.*)

F. GOMES D'AMORIM.

## VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

### I.

Se aquelles aventureiros portuguezes dos seculos 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup>, que primeiro devassaram as costas de Guiné e do Congo, as ilhas do Atlantico, as ondas e as virgens do cabo das Tormentas, e finalmente a India, o Japão e a China, olvidaram pela maior parte legar á posteridade a relação de suas navegações atrevidas; nós, seus pobres netos, sem seguirmos a honrosa senda que elles nos talharam, imitamos só o seu imperdoavel desejo. Quando de todos os prêços do mundo siêm continuamente curiosas narrações de viajantes estrangeiros, causa dó vêr que só os descendentes dos Gamas e dos Andrades, com rarrissimas excepções, deixam na carteira os apontamentos das suas viagens. Eu, o mais obscuro de todos os navegadores nacionaes, enreecendo dos talentos necessários para escrever uma obra de vulto, tenho ao menos quanto cabe em minhas debéis forças diligenciado esquivar-me a essa bem merecida censura, lançando ao papel algumas notas do que vi em minhas extensas peregrinações por mares e terras longiquas, e entregando esses fragmentos ao publico por meio da imprensa. Ainda ha pouco ahi appareceu a narração da minha ultima viagem sob

o titulo de *Um passio de sete mil leguas*, e o bom acolhimento que recebeu do publico foi um poderoso incentivo para me resolver a emprehender este novo trabalho: ali fallo principalmente da Asia e alguma cousa da Europa; aqui reunirei o mais notavel das minhas diferentes excursões na Africa occidental e sul da America. Oxalá que estas paginas encontrem ao menos iguaes sympathias do publico.

Nascido n'este seculo de decadencia para Portugal não tive a fortuna de partilhar as glorias de nossos antepassados; só me coube a sorte de navegar em regiões conhecidas e em monotona paz! Faltaria pois a estas narrações as brilhantes peripiecia da descoberta e da guerra; e se o genio do *tourista* não soubber entrançar na corôa de folhas secas do prosaico navegador algumas flores ainda viçosas com as reminiscencias da mocidade, o livro será um reflexo pallido do viver no mar, quando os dias se succedem em desaperadora calma. Procurarei pois amenisar estes fragmentos com o pequeno quinbão de poesia que Deus repartiu comigo; e fugindo sempre dos impertinentes apparatus de uma erudição baflofa, diligenciarei contar ao leitor o que vi e o que senti durante alguns annos da minha juventude por esses climas ardentes; sem faltar á verdade, mas evitando descrições prolixas, desagradaveis personalidades ou outra qualquer inconveniencia. Como não foi uma vez só que as necessidades do serviço da armada me levaram ás plagas de Africa, e é por esta parte do mundo que vou começar a promettida narração, escolherei qualquer das viagens para base d'este fraco edificio, e pouco esculpulo para com a chronologia, referirei em cada ponto o que mais interessante ahi houver notado, e as reminiscencias das diferentes vezes que por ahi passei, attendendo pouco ás duas unidades de tempo e de acção. E mais uma vez que soffrem infracção as regras!

Agora ao assumpto.

### II.

CORTA as ondas, meu veleiro brigue! O norte fresco assovia pelas enxarcias, as velas enfunadas por elle fazem vergar os mastarêus, a agua rebenta em flor sob o gume da tua airosa prôa... corre, corre, meu veleiro brigue!

A terra da patria lá nos fica pela pôpa. A esteira, que o navio deixa na sua veloz fugida, parece que leva as nossas lembranças ao seio dos amigos, dos parentes, da amante... se a ha. Resignemo-nos com a sorte! Ainda um ultimo olhar para essas ribas queridas, um derradeiro adeus a esses montes que não tardam a esconder-se... depois o céu e o mar.

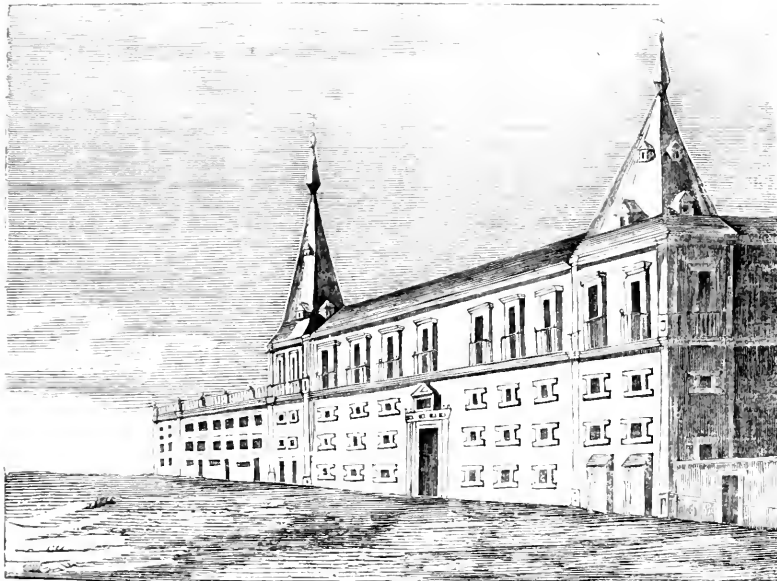
Olha: não vês no topo d'aquella collina o palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, que se illumina como para uma festa com os raios obliquos do sol que vai mergulhar-se? É uma vista phantastica; parece uma mansão encantada; realisa um sonho de fadas! Vê o astro a declinar, e as luzes a descorem nos vidros das janellas, como se a um tempo diminuíssem a todas o oleo ou o gaz que as alimentavam.

Aqui tens outro spectaculo magnifico: as torres, as cupulas, os arrendados do castello da Penna; e essas massas de granito que por entre verdura e prateadas torrentes acompanham o declive da serra até ao seu limite, o cabo da Roca. Lá fogem para o norte e para o sul as costas de Portugal... já apenas se divisam afumadas no distante horizonte: adeus, terra da patria, ás vellas madrastra, mas a quem sempre queremos como á melhor das mães... adeus, adeus!

(*Continúa.*)

F. M. BORDALO.





ANTIGO PALACIO DO DUQUE DE AVEIRO EM BELEM.

O PALACIO que a nossa estampa representa, antiga habitação do duque de Aveiro, era situado em terras da corôa, no lugar de Belem, proximo do mosteiro dos monges de S. Jeronymo, e do mesmolado d'este com frente na direcção de leste a oeste. A área que occupava este grande edificio, está indicada por um padrão (1) crigido no centro d'esse terreno; por quanto uma das disposições da sentença proferida pela suprema junta da inconfidencia, em 12 de janeiro de 1759, contra os cúmplices do attentado feito a el-rei D. José, foi a total demolição do sobredito palacio até aos seus alicerces, sem d'elle ficar vestigio algum.

Com quanto ninguém ignore o facto a que nos referimos, contudo achamos, que não seria fora de proposito esclarecer o publico de algumas circumstancias mais particulares que se deram n'este extraordinario e atroz successo, geralmente attribuido a tramas jesuiticas, talvez alimentadas por alguns motivos a que desse lugar a fraqueza da parte do soberano, como homem. Sabe-se qual o odio, que o conde de Oeiras concentrava contra os jesuitas, e a sua desalleição para com a antiga nobreza, portanto o alvo, ou o golpe mais seguro e certo era destruir antes o rei, do que o seu valido; acabava a

influencia: pois quem não reconhece, que a confiança do monarcha era que lhe dava toda a forga, apoiada nos seus grandes talentos? Porém o conde de Merle, embaixador de Franca em Portugal, que ha pouco tempo havia chegado, escrevendo ao duque de Choiseul, lhe participa, que tendo com o conde de Oeiras uma longa conferencia sobre o desgraçado acontecimento dos tres, julgava incompreensivel, que motivos tão frivolos, como os que o mesmo conde lhe havia apontado, houvessem arrastado os cabeças da conjuração a perpetrarem um crime tão horrendo.

Procedendo a captura de mais de seiscentas pessoas, entrando muitos jesuitas, e no numero d'estes os confesores da familia real. Corria tambem, que o fim era sublevar o povo no caso que el-rei tivesse sido morto. E tanto assim é, que o encarregado de negocios da Franca mr. de Saint-Julien, na correspondencia para a sua côrte, da qual colligimos alguns d'estes esclarecimentos, se expressa nos seguintes termos: *«Ainsi votre grandeur peut juger le danger, dont vous avez échappé.»* D. José ainda depois do attentado, de que recebeu alguns ferimentos, continuou a admitir o duque de Aveiro, que era seu mordomo-mór, e o marquez de Tavora, cabeças da conjuração, para no entretanto, e no maior segredo se instaurar o processo; mr. Saint-Julien assim o assevera, dizendo que vira depois da conspi-

(1) Veja-se o numero 13 do presente volume

ração todos os dias até a sua captura, o duque e o marquez na ante-câmara. E porém certo que nem todos os processos se publicavam; algumas razões houveram para isso. A policia do estado e talvez o interesse, e a paz do povo pediam que alguns artigos se não divulgassem; porém a mais forte razão foi a vontade do soberano, que nem por pensamentos consentiu, que uma pessoa com quem tinha tido relações de galanteria, fosse publicamente exposta e punida; n'este caso a honra de amante prevaleceu ao dever de monarcha.

O attentado teve logar na noite de 3 de setembro de 1758. Os conjurados postaram-se pela forma seguinte: primeiramente o duque com os seus criados, Antonio Alvares Ferreira e José Polycarpo de Azevedo, junto á porta (da quinta do antigo palácio d'Ajuda, que dá serventia para as terras d'Alcolena) por onde el-rei devia sair: o duque foi o primeiro que apontou, mas fallou o tiro; os dous criados tambem dispararam, e d'estes é que el-rei recebeu os ferimentos: no meio do caminho que conduzia ao dito portão estava o marquez de Tavora, o conde d'Atouguia, seu genro, e ao pé d'elle seu filho natural, a marqueza de Tavora, e seus dous filhos, o marquez, e José Maria, e dous criados do duque; todos os conjurados estavam a cavallo: a salvação do monarcha foi a resolução do cocheiro, o qual apenas atiraram os primeiros tiros, fez voltar rapidamente a carruagem, evitando as outras embuscadas.

A sentença foi proferida no dia 12 de janeiro de 1759, e no dia seguinte teve logar a execução dos supplices, começando o supplicio ás 8 horas da manhã n'um sabbado. No dia 10 tinha sido conduzida do convento das Grillas, onde estivera preza, a marqueza de Tavora para Belém, e reclusa na mesma prisão do marido, e de outros fidalgos; e no dia da execução foi levada em uma cadeirinha ao cadafalso, que estava levantado na praça de Belém de frente da casa, onde o marquez e os outros conjurados existiam presos; sentaram-na n'um tamborete, vendaram-lhe os olhos com uma toalha, cortando-lhe o alagoz a cabeça de um só golpe: a vestida á allemã com uma grande capa de panno escuro, e com muitas fitas brancas na cabeça; esta senhora morreu com muito valor e resignação. Seguiu-se a execução de José Maria de Tavora, seu filho, moço de 21 annos, cuja presença de espirito e coragem causou admiração a toda a gente, e aos proprios juizes; pois até nos tormentos, que soffreu nas diferentes torturas, não confessou jámais cousa alguma, nem proferiu a menor queixa; e só quando foi nearado com o marquez de Tavora seu paé, se resolveu a dizer que faria a mesma confissão, que elle: foi estrangulado, sendo-lhe quebradas successivamente as canas dos braços, e das pernas, e tambem rodado; e finalmente o corpo feito por fogo em pó [expressões da sentença]. Este moço era muito parecido, e tinha muito talento; não havia entrado na conjuração, senão forçado pelo marquez seu paé, e pelas suggestões da mãe: o conde d'Atouguia D. Jeronymo de Ataíde soffreu o mesmo supplicio. Depois seguiu-se o marquez de Tavora filho; no patíbulo pediu perdão a todos; quiz fazer persuadir, que estava innocente; mas fizeram-no calar: foi executado do mesmo modo, que seu irmão: — Teve logar depois, e pela mesma forma, o supplicio de Manuel Alvares Ferreira, guarda-roupa do duque, de João Miguel, tambem criado d'elle, e de um filho natural do marquez de Tavora; um Braz José Romairo, cabo de esquadra da companhia de D. Luiz Bernardo de Tavora, te-  
ve a mesma sorte. Seguiu-se o marquez de Tavora

paé, que estava vestido do mesmo modo, que se achava, quando foi prezo; este velho subiu ao cadafalso com muito valor. O ultimo foi o duque de Aveiro, que ia com a cabeça, e os pés nus; marchou para o supplicio bastante abatido: el-rei commutou-lhe a pena; sendo queimado vivo como fôra o seu criado Antonio Alvares Ferreira, um dos dous que haviam attirado a el-rei. José Policarpo de Azevedo conseguiu evadir-se, procurando desfigurar o semblante com bastante coragem e soffrimento. Chegou a ser capturado em Perpinhão um subdito portuguez na supposição de ser este; houveram as competentes participações entre o duque de Choiseul, então ministro em França, o governador geral de Perpinhão e o governo portuguez; afinal este ultimo affirmou não ser o prezo, retido n'aquella cidade, o réu José Policarpo. Tambem foram conduzidos presos para Goa todos os creados de libré, que haviam pertencido ao duque de Aveiro, e ao marquez de Tavora.

Não faltou quem condemnasse o modo por que foram processados estes supplices, por isso que o processo fôra todo elaborado secretamente, e mesmo porque os juizes d'elle não eram tidos em conta de bons juriscultos; além de que em um processo de tal natureza deviam assistir a elle os grandes do reino. Tambem as penas inludidas foram em geral consideradas como demasiadamente severas; porém se olharmos aos tormentos que soffreu Damiens e Ravaille, talvez aquellas pareçam moderadas. Mas para se avaliar a barbaridade que acompanhava todos os actos, que se praticaram por occasião de tal acontecimento, basta referir o facto verdadeiro de haver fallecido, comido de bixos e de lepra, o filho do duque de Aveiro na tenra idade de treze annos, não tendo nunca cessado de chorar, pedindo e rogando com o maior fervor, que o levassem para a companhia de seus paes, eja morte ignorava. É assim que a historia das nações nos está mostrando sempre, que os chamados homens de estado muitas vezes têm por hize da sua elevação e grandeza victimas sem numero.

J. C. DA SILVA.

#### POESIA.

Se a historia, como diz Rollin imitando a bella phrase de Cicero, é o testemunho dos tempos, a luz da verdade, a vida da memoria, a depositaria dos acontecimentos; e, se é permitido assim chamar-lhe, a mensageira da antiguidade; se ella nos abre a vasta carreira de todos os seculos passados, aproximando-os de nós como se os tiveramos presentes, se nos mostra os conquistadores, os heroes, os principes e todos os grandes homens, despoçados porém do prestigio do poder, para, reduzidos a si mesmos, darem conta de suas acções perante o tribunal da posteridade: a poesia, quer considerada na sua primitiva instituição, ensinando aos homens as verdades mais importantes da religião, e o modo de consagrarem á divindade as puras homenagens de culto, como as que os hebreus celebravam nos seus dias solemnes, a memoria das maravilhas que o Deus de Israel tinha obrado em seu favor; quer haviada como um meio de formar os costumes, ostentase como a historia, e dá resultados do mesmo valor, por que tende ao aperfeiçoamento da condigão moral do homem.

A par de Herodoto, honra da Grecia, a quem Cicero chamou paé da historia, avulta Homero primeiro ornamento da poesia, denominado tambem paé e principe dos poetas; do qual não só a Grecia

se afama, mas sete cidades lhe disputam o nascimento: a sua *Iliada* e *Odyssea* elevam-se, em genero differente, á altura do Peloponneso de Thucydides, da *Cyropedia* de Xenophonte, e dos *Sallustios*, *Dyonisios*, e *Cornelios* da antiga Roma.

A historia é tudo quanto disse aquelle grande orador romano, será mais ainda: mas a poesia, subindo ás espheras epicas, não da menores instrucções nas variadas allegorias d'uma acção importante e heroica; não celebra menos, na *oide*, as proezas dos grandes homens, para accender nos outros o nobre ardor de imital-os; não deixa, na *tragedia*, de inspirar o horror do crime, de corrigir na *satyra*, pela guerra que faz ao vicio, de excitar, na *elegia*, a sensibilidade que paga sobre o tumulo do virtuoso o tributo de sinceras lagrimas; nem de mostrar, na *egloga*, o contraste do ostentoso, quando canta a innocencia e os prazeres da vida campestre.

Seguindo a analyse quanto o permite o modo resumido por que se escreve para um jornal, ou antes o pouco conhecimento da materia, vemos que a poesia passando da Grecia á Italia recebeu em Roma immensa gloria e reputação, quando ao fondar-se este imperio, no tempo das segundas guerras punicas, despontou no horizonte das letras o seculo de Augusto. Os *Virgillios*, *Horacios*, *Tibullios*, *Propercios* e *Ovidios* foram outros tantos modelos de propriedade, elegancia e pureza de estylo; seguindo-se lhes, entre outros, *Plauto* na *Amphytruo*, *Asinaria* etc. de que disse *Varrão* «si Musa latina loquerentur, *Plantino* sermone loquerentur» *Lucrecio* na sua *De rerum natura*, typos de muita elegancia na phrase, de sublimidade no assumpto; e *Catullo* na belleza dos epigrammas, e imitação do estylo grego.

*Virgilio*, dá na *Eneida* um perfeito exemplar do poema heroico; elevando-se as regiões epicas, ali as palavras se medem sempre pelo magestoso do assumpto. *Horacio*, grande no verso lyrico, fere na harpa de ouro os sons harmoniosos de *Alceo* e *Pindaro*; e da um vigor incisivo ás *satyras*. *Tibullo* e *Propercio*, que floresceram quasi no mesmo tempo, são emulos no mimo das elegias; e *Ovidio*, depois da originalidade nas metamorphoses, da pompe nos factos, e do sentimento elegiaco, mostra na *Medea* de quanto seria capaz se, em vez de entregar-se arrebatado á fecundidade d'un genio immenso, fosse mais detido pelos dictames da razão; como diz *Quintiliano*: «*Ovidii Medea videtur mihi ostendere quantum vir ille prestare poterit, si ingenio suo temperare quam indulgere maluisse.*»

Mas se d'esta idea geral quizessemos descer á analyse das especialidades, e exemplificar o effeito de todos aquelles generos de poesia, em quadros de subido valor no apparato das scenas, na torça das situações, na vehemencia dos sentimentos, bastaria abrir um só livro, esse que constitue um dos nossos maiores padrões de gloria nacional — os *Lusiadas*!

Naquelle espaço dimensional da maior das composições poeticas estão attingidos todos os pontos, sem que a grandeza do assumpto fizesse rogar pela vasta imaginação do poeta nem sequer um leve temor do voo, ainda á mais elevada esphera. O hymno dos heroes esta aonde elle canta o valor luso; e dispondo de todas as formas que a poesia toma para se adaptar ao objecto que exprime, grava a historia do paiz em paginas de aprimorado labor, que são marmore para o tempo, e med'ha para a intelligencia dos homens.

O feito de *Vasco da Gama*, memoravel no mundo politico, criou um poema que enche o orbe litterario: diante de dous grandes monumentos para extatica a posteridade, um foi levantado pelo valor

portuguez, o outro erigido por um dos maiores genios, a quem o *Horacio* lusitano consagra estes bellissimos versos:

Vós, *Tagides*, o peito vasto enchestes  
Do arrojado *Camões*, vosso mimoso,  
E da vossa *Hippocrene* lhe emboreastes  
Na mente a vèia toda.

O poema do nosso eximio poeta, recebendo um applauso universal dos eruditos, tanto nacionaes como estrangeiros, e estando reproduzido em tantas edições portuguezas, e nos idiomas das nações cultas que desde o seculo 16.<sup>o</sup> o traduziram, tem inscripta em si a prova irrecusavel de seu alto merecimento.

*Meinharel*, e *Florim*, não traduzindo integralmente os *Lusiadas*, limitaram-se ao episodio de *D. Iago* de *Castro*, aquelle em verso allemão, este em francez; e confesso que me lisonjeia coimeidir esta escolha com a que eu faria, se me achasse em identicas circumstancias; porque do mesmo episodio do canto 3.<sup>o</sup> é a estancia *CXX* tão admiravel que, renunciando á consciencia das poucas forças, quiz traduzir-lhe não a frase, mas o pensamento; e compuz a glosa que se segue.

Ocioso seria dizerem-me que fiz mal, por que d'isso estou eu persuadido; mas sendo este um mal que só me cabe, que resulta d'ahi? manifestar uma tentativa que a fortuna não protegiu! uma coragem infeliz! sempre me hão-de conceder o que, n'outra hypothese, o heroe de *Ajacio* não negava aos vencidos — honneur au courage malheureux.

*Estavas linda Iquez, posta em socego,  
De teus annos colhendo doce fructo,  
Naquelle engano d'alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito:  
Nos saudosos campos do Mondego  
De teus formosos olhos nunca eructo,  
Nos montes ensinando e ás herminhas  
O nome que no peito escripto tinhas.*

CAMÕES, CANT. 3.<sup>o</sup> EST. CXX.

## I.

Gosando amenos dias de ventura,  
Q'amor não tinha ainda envenenado.  
Das flores atrahindo-te a candura  
Q'eo zephyro bateja embalsamado:  
Assim (oh! ideal da formosura  
Por quem *Jove* se achara namorado!),  
A despeito do deus injusto e cego  
*Estavas linda Iquez posta em socego.*

## II.

Não querendo, porém, o deus vendado  
Deixar-te não sentindo os seus enganos.  
De setas mais agudas veiu armado,  
Com que sabe ferir peitos humanos:  
Mas seu primeiro esforgo foi baldado,  
Porque, sem te causar acerbos danos.  
Ficaste, não pagando a amor tributo,  
*De teus annos colhendo doce fructo.*

## III.

Eis que o impio voltando a nova empreza,  
O herdeiro d'Alfonso, anda infante,  
Ferir foi com tal arte, e tal destreza  
Que votos mil te fez d'eterno amante

E com a mesma seta, em fogo acceza,  
Correndo a ti n'um rapido instante  
Despede o golpe, e dá-lhe inteiro emprego  
*N'aquelle engano d'alma, ledó e cego.*

## IV.

Já cuidados te seguem noute e dia,  
Porque do Pedro teu vives ausente;  
Já das aves a grata melodia  
Deixaste d'escutar alegremente;  
Trocada assim em pranto a alegria.  
A doce liberdade em dór pungente,  
Do bem vez apoucar-se aquelle fructo  
*Que a fortuna não deixa durar muito.*

## V.

Suspiros, que confias só das flores,  
E ais, que ao céu elevas magoados,  
Parecem traduzir de teus amores  
Os futuros destinos desgraçados:  
E, entre a esp'rança incerta e os temores  
Q'excitam sentimentos encontrados,  
Vivendo vaes sem paz, e sem socego  
*Nos saudolos campos do Mondego.*

## VI.

Os momentos q'apar do teu amante  
Passaste, nos encantos da ternura,  
Convertem-se, depois d'elle distante,  
Em horriveis espaços d'amargura:  
E então que a saudade penetrante  
O intimo da alma te procura,  
E o peito t'envolve quasi em luto  
*De teus formosos olhos nunca enxuto.*

## VII.

Amor, vendo este effeito, se compraz  
De ter sacrificado um peito humano,  
Por que o amargo pranto satisfaz  
Um deus como é Amor, sempre tyranno:  
Com gesto imperioso, e aspecto audaz,  
Olhando a sua victima, ufano  
A's Nymphas disse: «Ide as glorias minhas  
*Jos montes cusinando e ás heveíñas.*

## VIII.

Assim, oh! linda Igeuz! teus bellos dias  
Pelas sombras da morte já se entranham,  
Horroses q'ella espalha e agonias  
Te circundam: algozes t'acompanham!  
E quando supplicar ainda querias,  
Rasgado tens o seio! em sangue banham,  
Mãos barbaras, mãos impias e mesquinhas,  
*O nome que no peito escripto linhas!*

M. CESARIO D'ARAUJO E SILVA.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XXIII.

*Visagem da princeza D. Joanna, mãe de el-rei  
D. Sebastião, quando voltou para Castella.*

Da *Historia Genealogica da Casa Real de D. An-*

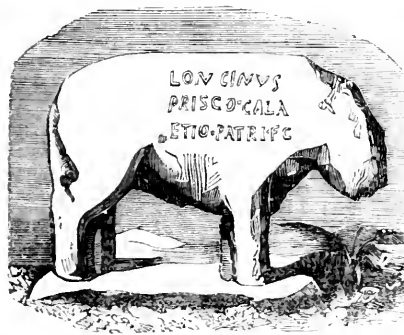
tonio Caetano de Sousa, tom. 6.º, pag. 34, tiro a seguinte noticia:

«Sentiu Portugal no anno de 1534 o terrivel golpe da morte do Príncipe D. João, na flor da idade; tendo nesta fatal desgraça principio tantas calamidades, como as que se seguiram depois ao Reino. Era casado com a Princeza D. Joanna, que ficando pejada deu á luz o malogrado Rey D. Sebastião, como em seu logar fica escripto; e ficando tão inconsolavel que nenhuma cousa podia suavisar aquella dor, nem temperar uma ferida sem cura, determinou voltar para Castella para a companhia do Imperador Carlos quinto, seu pai. Foi nomeado para a acompanhar á raia o Duque de Bragança, a quem não deram mais tempo para esta jornada do que quinze dias, e que no fim delles a esperasse na Villa de Arrayolos. Partiu a Princeza de Lisboa a 14 de Maio, entregue ao Infante D. Luiz, e acompanhada de muitos senhores da corte, que por ordem a seguiam. O Duque (ainda que em breve prazo) se preparou com tanto apparato e grandeza, que suppriu a arte ao tempo, para que não fosse menor a magnificencia á que acima referimos, (1) ainda que por modo raro, sendo funebre toda a pompa, com que conduziu então esta Princeza saú de Villa Viçosa em huma quinta feira, 17 do mez de Maio do dito anno, com a Duqueza, sua mulher, acompanhado de 150 homens acavallo, quasi todos continhos de sua casa, e foram á Villa de Souzel, onde ficou a Duqueza para receber a Princeza, e mandou-se preparar com notavel grandeza e gosto tudo o que podia ser necessario para a sua hospedagem e da corte, que a seguia. O Duque passou a esperar pela Princeza a Arrayolos, onde tinha dado providencia á hospedagem da mesma Senhora e de toda a sua familia com a magnificencia e grandeza, que á sua pessoa convinha; e acabando de chegar a gente de cavallo, que esperava para a acompanharem, que eram vassallos seus daquella provincia, porque não houve tempo para virem das outras, os quaes com os do serviço da sua casa chegaram a 830, a que ajuntando os que iam com os fidalgos, que o acompanhavam seriam quasi 950. Em o sabbado pela manhã saú de Arrayolos o Duque com toda esta grande comitiva, conforme a ordem que d'ElRey tinha; e tendo caminhado meia legua distante da Villa, teve hum aviso do Infante D. Luiz, em que ElRey lhe ordenava que fosse esperar a Princeza dentro na Villa nas casas aonde ella havia de pousar; sendo o motivo por que quando os Duques encontram a ElRey no campo se apeam para lhe beijar a mão, e ElRey os manda pôr a cavallo, e assim lha beijam; e por quanto a Princeza caminhava em liteira cerrada, e não podia praticar com o Duque este ceremonial, ordenou ElRey que elle a esperasse em sua casa. Pelo que em virtude d'este recado determinou recolher-se logo á Villa, porém antes que o fizesse mandou pôr em ordem a gente, que levava, para que naquella forma esperassem a Princeza quando passasse; e porque a gente era muita, e toda bem vestida e luzida, fazia huma agradável e pomposa vista. O Duque, acompanhado de Francisco de Mello de Castro, e de cinco creados, voltou á Villa a esperar a Princeza na forma determinada. Chegou esta a Arrayolos ás dez horas, e apeando-se subiu, e na primeira sala a esperava o Duque para lhe beijar

(1) E' a pompa, com que o mesmo duque acompanhou de Almirim ate ao Cayá, em maio de 1543, a infanta D. Maria, que havia casado com o príncipe D. Filippe, depois o 3.º do nome em Castella.

jar a mão, e o Infante D. Luiz lha entregou, e beijando a mão á Princeza se despediu della, e sem fazer mais demora foi jantar fora da Villa a huma Quinta do Conde de Vimioso, a que chamam a *Sempre Noiva*, aonde o Duque lhe tinha mandado preparar de comer, não só para a sua pessoa, mas para todos os que o seguiam, que eram 300 homens de cavallo. É de advertir que sendo dia de peixe, e aquelles logares distantes dos portos do mar, foi grande o regalo e abundancia, com que a Princeza foi servida, e da mesma sorte os fidalgos, que ali se acharam, e os seus criados, com huma profusão tal que a todos alcançou a grandeza do Duque, e no que se perdeu e sobejou muito mais, de sorte que deu de comer a todos os que o quizeram ir buscar ás suas ocharia e cosinhas, como tambem cevada com largueza para todos os cavallos e bestas, que na Villa se acharam. Deteve-se a Princeza este dia e o de Domingo, em que se viu igual abundancia de carnes, e das aves mais delicadas e exquisitas com a mesma profusão. Na segunda feira partiu a Princeza desta Villa para a de Souzel, aonde a esperava a Duquesa de Bragança etc.»

J. H. DA CUNHA RIVARA.



OS TOUROS DE GUI SANDO.

A um quarto de legua do ex-mosteiro de Guisando, situado em uma das faldas da serra de Guadarrama, á esquerda da estrada real, que se dirige da villa de Cadahalso á cidade de Avila, existem, no recinto de uma vinha, e a vinte e cinco passos da direita da mesma estrada, olhando ao ponente, quatro touros de pedra, grosseiramente esculpidos, que se chamam de Guisando por estarem nas immedições do mosteiro acima referido.

Cada touro tem seis pés de altura, desde o plyntho até á extremidade superior, e dez pés e seis polegadas de comprimento desde a cabeça até á cauda: não tem pontas, particularidade que os torna notáveis.

Não concordam os antiquarios sobre a origem d'estes monumentos, que são indubitavelmente romanos. Diogo Rodriguez de Almela foi o primeiro que se lembrou d'elles em sua obra *Tratado de compilação de las batallas campales que son contenidas en las estorias eclesiasticas e de España*. Segundo a opinião d'este escriptor os touros de Guisando foram erigidos em memoria do triumpho alcançado contra os bes-

panhoes por um general romano (Guisando) cêrea da villa de Cadahalso. Mayns porém o refuta com solidos argumentos.

Dizem outros que foram ali postos em memoria da batalha de Munda, na qual Cesar derrotára os filhos de Pompeu; contam finalmente alguns que foram levantados para perpetuar o triumpho obtido por Metello, 74 annos antes de Christo, sobre as tropas de Hirtuleyo, capitão de Sertorio.

Não é facil averiguar hoje o primitivo destino d'estes monumentos. Concorrem porém circumstancias que nos os fazem suppor *mareos terminae* de regiões ou provincias, e pode suspeitar-se que foram erigidos no setimo consulado de Augusto (727 annos de Roma, 27 annos de Christo) quando se reformou a divisão do territorio hespanhol.

A inscripção, que se lê no touro que a gravura representa, interpretam-na os archeologos hespanhoes do seguinte modo: LONGINO MANDOU ERIGIR ESTA MEMORIA A PRISCO CALECIO SEU PAE.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

IX.

*Novas revoltas: altera-se a ordem na successão ao throno: mallogram-se importantes planos: grande revolução em Constantinopla.*

ERAM fins de dezembro de 1603 quando Achmet I (Ahmed Kan I) succedeu a seu pae Mahomet III, tendo apenas quatorze annos de idade. A sua exaltação ao throno foi assignalada com um acto de humanidade, que faz honra á sua memoria. Não querendo ensanguntar a sua estrêa no poder, poupon a vida ao joven príncipe Mustaphá, seu unico irmão, afastando-se assim da barbara politica seguida constantemente por seus predecessores desde Mahomet II, que sacrificavam todos os irmãos á segurança da sua coroa.

N'este reinado continuou o imperio a enfraquecer-se. A rebellião que rebentou nas provincias asiaticas, e que se estendeu desde as fronteiras da Persia e da Syria até ás margens do Bosphoro; e a guerra com a Persia, tão longa quanto infeliz, extenuaram a nação moral e physicamente. O vencimento da revolta custou penosos sacrificios; e a lucta com a Persia acabou por um tratado, restituindo-lhe a Turquia tudo quanto anteriormente lhe havia conquistado.

Se em tão difíceis circumstancias o imperio ottomano se visse forçado a entrar em uma seria lucta com as potencias christãs, ehegraria sem duvida á ultima extremidade. Valeu-lhe porém o scisma religioso, que as trazia, na maior parte, tão occupadas. As divisões que o lutheranismo introduzira em todos os estados da Alemanha, obstou a que o seu mais implacavel inimigo se aproveitasse da sua fraqueza e penuria.

Durante todo este periodo de apuro apenas teve que sustentar frouxa guerra na Hungria com os austríacos, a qual terminou por um tratado, que aboliu o tributo annual que o imperador d'Allemanha pagava ao sultão em virtude de tratados anteriores. Em troca obteve a Porta, que lhe fosse reconhecido o seu direito de suzerania na Valaquia, nomeando livremente os principes que a deviam governar.

No mar teve a Turquia alguns combates de pouca importancia com os florentinos e maltezes. A França, Inglaterra, e mais nações enviaram embaixadas a Constantinopla para renovar os tratados de paz.

A Hollanda tratou pela primeira vez com a Turquia, correndo o anno de 1606. Foram os hollandezes que introduziram n'este paiz o uso do tabaco, a que se oppoz o mufti, e que tantos conflictos provocou.

Achmet I morreu em novembro de 1617, contando 28 annos de idade, e quatorze de reinado. Louvaram-no os ottomanos pelo seu amor de justiça, pela sua moderação e magnificência; pelo zelo que mostrava em tudo quanto dizia respeito a religião, e pelos tempos grandiosos que fundou. Entretanto a historia aponta-o como um principe fraco, que deixando-se inteiramente dominar pelas influencias do harem, seu corpo a muitas intrigas, que affectaram os interesses do paiz, e d'est'arte contribuiu para a decadencia do imperio.

Como o principe herdeiro apenas tivesse treze annos, Achmet, para evitar á sua patria os inconvenientes de uma menoridade, nomeou para lhe succeder a seu irmão Mustaphá. E foi esta a primeira vez que se inverteu a ordem de successão, exemplo este que foi depois seguido por alguns sultões. Desde este acontecimento estabeleceu-se a pratica de conservarem no serrallo como debaixo de prisão aos principes collaterales do soberano, tirando porém a vida aos filhos, que tinham durante o seu captivo.

Mustaphá I não chegou a reinar quatro mezes. A sua incapacidade absoluta, demonstrada em continuos actos de imbecillidade, presenciados por toda a povoação de Constantinopla, levou os dignitarios do imperio a depol-o, e aclamarem seu sobrinho Osman (1618).

Este principe contava então 14 annos. Dotado de singular energia de caracter, corajoso e destro no exercicio das armas, e educado com certa severidade de costumes, parecia destinado a ser o restaurador da decadente monarchia. E sel-o-ia sem duvida se não compromettera a inexperiencia da idade. Querendo colibir de repente muitos abusos arraigados pelo longo curso d'annos levantou contra si muitos odios e resistencias, principalmente no corpo dos janisaros cuja indisciplina lhe attralira particular attenção. Tais animosidades, augmentadas depois por algumas feras e indiscricções commettidas pelo sultão, que deixava facilmente adivinhar todos os seus pensamentos e projectos, causaram a sua ruína.

Em 1621 concebeu o plano da conquista da Polonia, e n'esse mesmo anno entrou em campanha colobrando se á frente do exercito. Não era só o amor da gloria, que o impellia para esta guerra, mas tambem vistas politicas de grande alcance. A Russia começava a engrandecer-se, estendendo-se pela Asia e pela Europa. O caracter bellicoso d'esta nação, e o espirito de conquistas que la desenvolvendo cada vez mais, causaram serias apprehensões nos homens d'estado da Turquia. A posse por conseguinte da Polonia tinha o dupla vantagem de tirar aos russos allia-dos com que as vezes se fortaleciam, e de fazer d'aquelle reino uma barreira contra as invasões dos novos conquistadores. Esta empreza porém mallogrou-se no fim de algumas batalhas muy sanguiolentas.

Osman attribuiu aos janisaros o mau successo do seu plano, e desde logo promeditou a extincção d'esta milicia. Assim que regressou á capital annunciou a sua resolução de visitar na proxima primavera as cidades de Mecca e Medina, e immediatamente ordenou os preparativos para esta peregrinação. Falto porém da necessaria reserva nos segredos d'estado deo a saber o fim verdadeiro da sua jornada, e em breve se espalhou entre os janisaros a noticia de que tal peregrinação encobria o projecto de viagem do sultão ao Cairo, para este vir depois á frente das tropas egypcias dissolvel-os e aniquilal-os. Nem a

agitação que começou a lavrar n'este corpo turbulento, nem as representações do mufti puderam fazer com que o sultão desistisse da sua viagem, antes pelo contrario todas estas resistencias apenas serviram para abreviar o momento da sua partida.

A chegada da esquadra em frente do castello das Sete Torres para receber a seu bordo o soberano foi o signal para rebentar a explosão. Os janisaros marcham tumultuariamente para a praga d'Atmeidan, e pedem a morte do grão-vizir e de mais cinco altos funcionarios, que tomavam parte nos conselhos do sultão. O corpo de sipahes une-se aos revoltosos, bem como a guarnição da esquadra. Entretanto o corajoso Osman recusa-se formalmente a entregar as victimas exigidas pelos sublevados. A unica concessão que lhes faz é renunciar á sua viagem. Aquella recusa serve de pretexto para o ataque do serrallo. N'um instante foram as portas fôrgadas, e invadidos todos os aposentos. O grão-vizir e os outros infelizes indicados pela vingança dos rebeldes foram assassinados, e o desditoso sultão foi levado em prisão no meio dos maiores ultrages para o castello das Sete Torres, onde pouco depois lhe arrancaram a vida (1622).

No mesmo dia foi levado em triumpho o ex-sultão Mustaphá I do carcere em que jazia para o throno, que seu sobrinho deixara vago. Mas d'esta vez o seu reinado não passou de quatro mezes, no fim dos quaes foi novamente deposto e reconduzido ao seu antigo carcere.

N'este curto periodo, verdadeiro interregno, pois que Mustaphá não tinha de soberano mais do que o nome e as insignias, enthronizou-se a anarchia em todo o imperio. Os poderes do estado passaram, por assim dizer, para as mãos da soldadesca desenfreada, que nomeava e depunha os grão-vizes, fazia lançar ou abolir impostos, e castigava com a morte aos que pretendiam pôr termo a tantas desordens e violencias. O governador de Tripoli da Syria, aproveitando-se de tão favoravel ensejo, declarou-se independente. Em Erzeroum o bachá expulsou os janisaros, e declarou-se em rebellião contra o governo de Constantinopla. Finalmente multiplicados incendios, rixas populares e combates entre tropas regulares transformaram em um caos a todo o paiz. Nos rendimentos publicos houve uma diminuição de quarenta e oito milhões, ao mesmo tempo que os tributos foram elevados a uma cifra aoode nunca tinham chegado. A corrupção dos altos funcionarios augmentou excessivamente, violavam se as leis com a maior facilidade.

Foi no meio de todas estas desordens, que o corpo dos *ulemas* começou a exercer grande influencia nos negocios do estado, influencia que se fez sentir beneficentemente nos progressos da litteratura e da jurisprudencia, que elles cultivavam, as quaes resplandeceram com bastante brilho apesar da decadencia geral das instituições.

(Continúa.)

I DE VILHENA BARBOSA.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

III.

VAMOS lançar-nos nas solidões do oceano, refrescar com os halitos da viragem do mar a cabeça escaldada do mancoço entregue ás paixões: vamos infiltrar nos pulmões esse ar puro que roga pelas frescas vagas.

desannuiar o coração contemplando as maravilhas de Deus, respirar à vontade sobre a amplitude das aguas, voando no baixel, ante o qual os horizontes se alargam de continuo!

Como é grande, como é magestoso e unico esse espectáculo que se patenteia aos olhos do navegante! Seja a que luz fôr: ou ao intenso brilho do sol, ou ao pallido clarão da lua, ou ao tremulo bruxulear das estrellas, ou mesmo nas quasi trevas de noute nebulosa... haja calma ou borrasca, vento de feição ou contrario... sempre é poetico esse quadro!

Quem, circumscripito aos limites de uma cidade, de uma provincia, de um reino, de um continente, não viu ainda nascer o sol d'entre as vagas e sumir-se no seio d'ellas; quem não contemplou em linda noute dos tropicos a scintillante abogada do hemispherio austral, em cujo polo estrellado brilha o cruzeiro do sul, cercado de myriades de luzeiros; quem não viu misturar-se com o tremulo reflexo das estrellas e da lua o fosforescente serpear da ardentia; quem finalmente não viu todas as iras do Senhor congloradas no aspecto tremendo da tempestade, e cerrando a mão contra o peito, que parece estalar, que soffoca pelo peso do ar carregado da electricidade do raio, à claridade sinistra dos relampagos, debaixo de torrentes de chuva, entre novelões de ondas furiosas, não encarou o mar rebentando em serras de espuma... oh! que não viu nada quem não experimentou tudo isto!

Só um talento superior, uma imaginação poderosa pode adivinhar taes scenas, e ser poeta sem ter visto as calmas e as tormentas do oceano... são bem poucos esses entes privilegiados! É triste porém haver contemplado mil vezes esse quadro sublime; ter coração para sentir a sua grandeza, entre os escarceos, no balaço das vagas... e não poder copiar na tela tão prodigiosos lavores!

A palheta cae-nos da mão!... Ao largo, ao largo. Busquem uma terra hospedeira, onde repousar alguns momentos.

#### IV.

Os altos comas das seranias da Madeira comegam a destoucar-se dos nevoeiros da manhã; para ali fica a ilha de Porto Santo, cujas praias de branca areia contrastam singularmente com os negros promontorios d'aquella; além jazem as Desertas: deixemos umas e outra, e vamos demandar o ancoradouro do Funchal, o melhor porto d'esta *Pior do Oceano*. Eis-ahi a capital da ilha: é uma cidade risonha, formosa e acceidissima, corada por lindos pontos de vista, cortada por caudalosos riberios, e que destaca graciosamente no fundo verde e negro do arvoredo e das montanhas. Um clima temperado, um solo fertilissimo fazem d'este paiz um segundo Eden; e é tal a sua reputação de subridade que ha muito se tornou em hospital de phisicos inglezes, e hoje de portuguezes tambem.

Uma extensa descripção da ilha da Madeira viria deslocada n'estas paginas, que não têm pretensões a tratar questões geographicas nem problemas economicos; das suas bellezas de perspectiva tantos viajantes se têm occupado que seria superfluidade o tentar um novo esboço, o qual ficaria de certo muito áquem dos optimos paineis que todos conhecem. Não cito nomes de auctores, nem titulos de livros para não fugir do programma que acima tracei.

Ainda em cumprimento do mesmo programma, passarei a contar uma involuntaria digressão que, mais tarde, em outra viagem, fiz em volta da ilha

ate *Porto Moniz*, lugar situado na extremidade da insula opposta ao Funchal.

#### V.

Era em novembro de 1844, e estava eu de guarda na fragata Diana, sob o commando do intropido e desgraçado João Maria Ferreira do Amaral. Mandaram-me sair no dia 13 pela manhã, em uma lancha do navio, tripulada por 29 pessoas, entre soldados e marinheiros, para perseguir e capturar, se fosse possível, uma embarcação de contrabando que se dizia estar na *Ponta do Sol*. Foi, e nada encontrei; porém o dia conservára-se ameno, e folguei de ir terra a terra contemplando aquellas pequenas villas da Calheta, Magdalena, e outras, que nos ficavam no caminho. Seguindo as instrucções que recebera, logo à noute virei à pròa ao Funchal, porém o vento comegou então a refrescar, e o mar não tardou a encrestar-se furiosamente, como é vulgar n'aquella paragem quando sopra do sul; a lancha pouco avangava, a gente comegou a cair enjonda pela violencia dos balaços, e quando rompeu o dia já poucos, muito poucos, estavam de pé. Um valente cabo do batalhão naval, que passara varias vezes o decantado cabo da Boa Esperança sem nausear, parecia agora um defunto. Já com o sol fóra avistámos o Funchal, e a fragata Diana, que tinha todos os seus ferros no fundo, e os mastarques arriados; os navios mercantes, que na vespera deixára no porto, tinham levantado ancora, e procuravam abrigo do outro lado da ilha. Bordejámos durante o dia, fazendo vãos e temerarios esforços com todo o pano largo em uma lancha podre e carregada de gente; da fragata não nos podiam mandar soccorro, viam a nossa afflicção sem poderem valer-nos; de terra ainda menos deviamos esperar a salvagão. Não se enxergava nenhum barco, que nos pudessem dar um pratico da costa para nos conduzir a qualquer abrigo; e o sol corria a mergulhar se nas ondas!... e por fim sumia-se!

Um brado de agonia se ergueu então da pròa, e achou ecco na maioria d'aquelles homens costumados ao perigo; é que haviam comprehendido o terrivel da situação! A noute avangava medonha, o vento sibilaria rijamente, continos escarceos alagavam o desconjuntado barco, e não tinhamos mantimentos, nem agua para beber!... nem um instrumento nautico, nem uma carta maritima, nem bussola, nem nada!... Corriamos para a morte, mas para uma morte horrivelmente cruel!...

Não, A nossa derradeira hora não havia soado ainda! Acabava eu de escrever em uma pequena tira de papel (que conservo em memoria d'este dia) as seguintes palavras: — « 14 de novembro de 44. É a primeira vez na vida que cheguei a ponto de perder a esperanga, não a coragem. » (1) quando o grito de salvagão: — « Uma vela! » — se mistrou com o rouco bramido da tormenta. Era com effeito um barco de Porto Santo, que, como nós, fugia à procella, e procurava abrigar-se em *Camara de Lobos*; cheguei-me para elle, e pedi-lhe um pratico da costa; respondeu-me que não tinha nenhum. Era a ultima esperanga que se esboava!... Mas o homem chegado a esse supremo momento não se deixa vencer por qualquer contrariedade; mandei fazer fogo sobre o barco, e um grito de « Misericordia! » retum-

(1) Peço desculpa da má redacção do bilhete. A occasião não era para procurar bellezas de estylo. Em outra parte, citando de cor, escrevi inexactamente o seu conteúdo; agora copiei do original que tenho a vista.

bou sobre as aguas: immediatamente um homem se ergueu de lá, dizendo «Estou prompto» e eu pude felizmente rogar a minha lancha pela outra embarcação, e receber o nosso salvador, sem ter deixado chocarem-se os dous barcos, do que resultaria provavelmente a perda de ambos, porque as ondas quebravam-se em volta de nós com frenetico delirio. Então fomos correndo até á *ponta do Pargo* a cuja sombra ancoramos, já alta noite, não sem cuidados, por que ainda a lancha garrrou algumas vezes; estavam alagados, sem roupa para mudar, sem fogo para nos aquecer, nem um pedago de pão, nem uma sede d'agua, nem um cigarro ao menos para nos distrahir fumando!

Ao romper d'alva seguimos para Porto Moniz, e por volta das onze horas estavam a salvação e agasalhados n'aquella terra de boa gente.

Passados alguns dias, quando o tempo abonangou, voltei ao Funchal, e o meu bravo commandante apertou-me contra o peito com o braço que os inimigos lhe haviam deixado por então... e foi a unica vez que vi apparecerem lagrimas nos olhos d'aquelle homem de vontade de ferro!

## VI.

Deixando a outr'ora feliz, e hoje tão desgraçada, ilha da Madeira, naveguemos para as Canarias, formosas perolas da corôa dos reis de Hespanha. Apor-tei a uma só d'elles, a ilha de Tenerife, e poucas horas tive para visitar a cidade de Santa Cruz; assim, não improvisarei anecdotas, nem copiarei descrições... livros não faltavam para explorar; resumirei em poucas palavras as fugitivas recordações que me ficaram d'esta rapida passagem por tão delicioso paiz.

O pico de Tenerife avista-se de muito longe no mar, e do seu cume se descobre todo o archipelago das Canarias, e até em dias claros, segundo lá me disseram, os areas do Sahara. E sorprendente a vista d'essa elevada montanha, de figura conica, cujo cimo dizem os viajantes ter cinco leguas de circumferencia, e que tantas vezes se esconde entre as nuvens, ou campeia por sobre ellas. Ali ha gelos permanentes, e junto á baze um clima temperado, e mesmo calor extraordinario, como eu experimentei no mez de maio. A cidade vista de fóra tem uma linda perspectiva, que de mais a mais não illude o forasteiro; desembarcando nos seus optimos caes, percorrendo as suas acedadas ruas, passeiando nos seus arrebalde, encontram-se bellos edificios, formosos jardins, lojas apparatusas, todas as commodidades da vida. Uma cousa surprehe ali o viajante que ainda não visitou o Egypto, ou outros logares da Africa e Asia, é ver os camellos e os dromedarios carregando todos os generos, em vez de carros ou de cavaladuras. A principal riqueza das Canarias é o seu optimo vinho, mais feliz por ora do que o da Madeira. As mulheres têm ali bem merecida fama de bellas e engraçadas; não lhes falta o *salero* hespanhol.

Na cathedral, que examinei de corrida, vi com-tudo algumas bandeiras inzezas, tomadas aos soldados e aos marinheiros de Nelson, quando elle tentou apoderar-se por surpresa d'aquella ilha, e que foi repellido pelos hespanhoes, com perda de muita gente, dos melhores officiaes da esquadra, e até do seu proprio braço direito.

Deixamos com saudade esta deliciosa capital das *Fortunadas*, e demandando as *Hesperidas*,

Áquella ilha aportámos, que tomou  
O nome do guerreiro Sanct-Iago.

O que quer dizer em prosa chã, que chegamos ao archipelago de Cabo Verde, e á principal das ilhas. Que differença em tão poucos dias! Tenerife ou S. Thiago!... Não quero desembarcar n'essas doentias praias, visto que o servico ali me não chama; esperarei a bordo que venham os mantimentos e a aguada, e postas em cima as ancoras, apartar-me-hei da ilha, sem mesmo lançar um derradeiro olhar á *ponta das Bieudas* ou ao *pico da Antonia*.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## EMPREGO DO COLLODION NA AGRICULTURA.

A AGRICULTURA acaba de adquirir um meio de multiplicação, tão precioso como inesperado.

O collodion que é, como todos sabem, o algodão-polvora dissolvido no ether, é um verniz dos mais siccativos, muito adherente, impermeavel á agua, e impenetravel ao ar. Impressionado pela importancia d'estas tres qualidades do collodion, um pratico lembrou-se de applicar esta substancia, novamente descoberta, á multiplicação das plantas por estaca. O seu processo é o seguinte:

Applica-se directamente uma camada de collodion sobre o corte feito nos ramos tirados da planta-mãe; cinco ou seis segundos depois a substancia está secca, e a ferida hermeticamente tapada.

O processo da plantação da estaca effectua-se depois pelo methodo ordinario.

Foi depois de repetidas experiencias, que o auctor reconheceu a immensa vantagem que ha no uso do collodion. Sobre 26 estacas de plantas de estufa, 23 crearam raizes, ao passo que sobre um numero igual de estacas não cobertas com o collodion, apenas 12 vingaram.

Procedeu do mesmo modo sobre plantas de inverno, ou de estufa temperada, bem como sobre plantas expostas ao ar livre, e obteve resultados de igual natureza, mas em proporções ainda maiores.

A acção do collodion deverá ser mais vantajosa ainda em plantas succulentas ou leitosas.

Aquella substancia poderá tambem ser empregada, com vantagem, nas enxertias de garfo, quer ella seja applicada só, quer seja coberta com uma ligadura de gutta-percha, que serviria para consolidar mais fortemente o pimpolho sobre o cavallo.

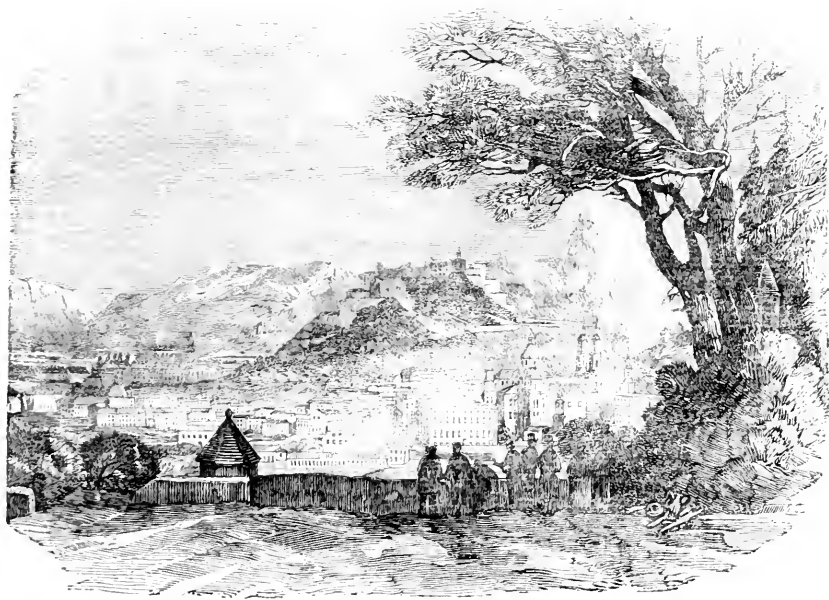
(Extrahido do *Moniteur*.)

## ARARUTA.

Esta farinha nutritiva e saudavel procede de uma planta cultivada nas Antilhas, que tem o nome botanico de *Maranta arundinacea*, maranta de folhas de canna; extrahese dos tuberculos da mesma, brancos e carnosos, que adquirem consideraveis dimensões, e que na Cayenna, cozidos na cinza do borralho, são reputados febrifugos: tambem os põem machucados em cima das feridas, e até se julga que são especifico para curar as que foram feitas por frechas emponhadas: d'ali vem o nome inglez *arrow-root*, raiz das frechas, do qual pela simuloaneia compoemos a palavra *araruta*.

A fecula d'esta raiz mui similhante á farinha fina de trigo, é estimada, não só pelas propriedades nutritivas, como tambem pela facilidade com que a digerem os estomagos fracos.





### ALLEMANHA — SALZBURGO.

A CIDADE de Salzburgo, justamente celebre nos annaes da Allemanha, faz hoje parte do imperio de Austria.

S. Ruperto ali estabeleceu em 716 a primeira diocese episcopal, que foi elevada depois, no anno de 789, a alta cathogoria de sede archiepiscopal.

Durando ainda a dominação ecclesiastica, por que os archiepispos de Salzburgo eram ao mesmo tempo senhores temporaes da cidade (em 1732) foram d'ella expulsos inexoravelmente todos os individuos ali residentes que pertenciam ás diversas communhões protestantes.

Salzburgo está como entalada entre duas montanhas. Um rio de veloz corrente a divide em duas partes desiguaes.

Na margem esquerda ergue-se a antiga cidadella edificada sobre o pincaro de um cërro, que não tem menos de mil pés de altura. Do mesmo lado tambem se encontram as casas mais vistosas, bem situadas e alegres. Na outra margem as habitações, em que de ordinario residem os menos abastados e os proletarios, tem uma apparencia desagradavel, e são, em geral, pouco accladas.

A cathedral de Salzburgo é um grande edificio gothico, que posto não goze da fama de excellente e magnifico, merece a attenção do viajante curioso.

Tambem é digna de notar-se uma fonte monumental enriquecida de estatuas e figuras colossaes.

Mas o que torna Salzburgo muito buscada dos nacionaes e estranhos são os seus contornos e delectosa posição. Por qualquer lado que se entre a cidade ella ostenta-se tão risonha, tão matizada de jardins, tão soberba das velhas muralhas da sua cidadella, sentinella vigilante no alto da montanha, tão vaidosa do rio que lhe banha as plantas, que o seu aspecto arrebatá e encanta o viajante.

Contudo a situação de Salzburgo tem seus inconvenientes. O rio, que a corta quasi ao centro, com ser humilde, as primeiras chuvas de inverno engrossa e invade aadaz as margens, não sem bastante incommodo, e algum perigo dos habitantes; e das montanhas, que ladeiam a cidade, não poucas vezes se têm despegado pedregos, causando grandes prejuizos nas propriedades. Por outro lado Salzburgo está exposta a incendios, por serem as suas casas construidas, na maior parte, de madeira. Ainda em 1818 houve um, tão violento, que consumiu uma parte da povoação, e a ruíndria toda a e mais serião fosse cortado a tempo.

Em Salzburgo nasceu Mozart, o conspositor de musica mais imaginoso, mais salubre, e mais suave dos tempos modernos.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

N

*Novas revoltas dos janisaros; invasões dos cossacos; effeitos sabatares de um governo energico: guerra com a Persia.*

No MESMO dia da deposição de Mustaphá I foi proclamado sultão Amurat IV, filho de Achmet I (setembro de 1623). Tinha apenas 12 annos, quando a catastrophe que precipitou seu tio o elevou a um throno tão recentemente ensanguentado pelo tragico fim de seu infeliz irmão Osman II.

A sua presença agradável e uma intelligencia e energia pouco communs em tão verdes annos conciliaram-lhe desde logo as sympathias da nação e as boas graças dos janisaros. Os homens, que viam com verdadeira dôr d'alma a rapidez com que o poderoso imperio de Mahomet II caminhava na estrada da decadencia, conceberam grandes esperanças na exaltação d'este principe. Entretanto mal podiam tão debéis mãos sustentar com vigor as redes do governo, relaxadas por tantos abusos inveterados por longo correr d'annos, e n'um paiz onde fermentavam e se desenvolviam cada vez mais tantos germens de dissolução. A missão, que as necessidades publicas lhe impunham, demandava um ponto d'apoió para a lucta, que era mister travar entre a reforma e os abusos. E esse ponto d'apoió era exactamente o que em tão criticas circumstancias faltava em toda a extensão do imperio. Não se podia esperar da parte do povo, porque além da corrupção que lavrava nos seus costumes, e que o enfraquecia e inhabilitava para todo e qualquer esforço heroico, achava-se como subjogado pelo exercito, e principalmente pelos janisaros de ha muito afeiútos a dietar a lei nos seus soberanos e ao paiz. Com os janisaros e com o resto do exercito ainda menos se podia contar. A mais completa relaxação na disciplina havia transformado a força publica em elementos de perennes desordens.

Foi pois sob tão oppostos auspícios, que o joven Amurat eugiu o alfange d'Osman na mesquita imperial d'Eloub (1).

Durante a sua menoridade assehorou-se a sultana mãe de toda a influencia e poder, que exercitava por via do grão-vizir e d'outros ministros creaturas suas. Neste periodo sobrevieram ao imperio diversas calamidades. Os persas tomaram Bagdad; os janisaros e os zipsibás levantaram por vezes o estandarte da rebellião, obrigando o sultão a fazer-lhes concessões pecuniarias, e a sacrificar-lhes differentes auctoridades, que haviam incorrido no odio da soldadesca; e os cossacos invadiram e devastaram o territorio turco até á margem europea do Bosphoro.

Por este mesmo tempo se affrouxaram os lacos, que uniam a metropole aos estados barbarescos da costa d'Africa, que o Mediterraneo banha. As principaes potencias da Europa, tendo-se queixado inutilmente da pirataria exercida por aquelles estados, e reconhecendo que a Porta não tinha força bastante para lhe pôr còlmo, resolveram-se a entabular negociações directas com aquellas regencias. A Inglaterra, a França e a Hollanda foram as primeiras nações, que conclui-

ram tratados com Argel, Tunis e Tripoli, que até então se haviam conservado na dependencia absoluta dos sultões da Turquia.

Dous annos depois da primeira invasão tornaram os cossacos a transpôr as fronteiras do imperio, assolando o paiz até quasi ás portas da Constantinopla. D'esta vez porém tiraram vingança os ottomanos, perseguindo e destruindo em terra os seus inimigos, e destroçando-lhes no mar a esquadrilla a que se tinham abrigado (1626).

Este importante triumpho foi seguido de algumas vantagens obtidas pelo exercito turco no cêrco de Bagdad contra os persas. Mas quando parecia avishnar-se uma victoria decisiva para as armas ottomanas, os janisaros, aborrecidos das fadigas do assedio, obrigaram o grão-vizir a levantar o sitio e marchar para Constantinopla.

A esta insurreição seguiu-se outra, que rebentou pouco depois na capital, e que, ameaçando o sultão com a sorte de seu desditoso irmão Osman II, constrangeu-o a entregar ao fuor dos revoltosos a fronte nonagenaria de Gurdji Mahomet, ministro intelligente que contava setenta annos de serviços prestados no decurso de oito reinados.

Tão repetidos escandalos e violencias exasperaram por tal modo o joven Amurat, que o fizeram tomar a decidida resolução de se emancipar de toda a especie de tutella, e de tirar vingança dos ultrages e humilhações por que o tinham feito passar.

Os primeiros actos emanados directamente da sua auctoridade foram por extremo crueis. Continuas demissões, sequestros e execuções em todos os pontos do imperio, e contra individuos de todas as classes e condições, sendo as primeiras victimas dous cunhados seus, conseguiram fazer respeitada a acção governativa e acatada a pessoa do soberano.

Amurat IV aproveitou-se então d'esta disposição dos animos para dar complemento á sua politica de rehabilitação moral e physica do imperio. No estado de indisciplina em que se achava o exercito, e descoroamento em que estava toda a nação por causa das continuas desordens no interior e dos successivos reveses no exterior; este principe appellou para a guerra como o meio mais prompto e efficaç de promover aquella rehabilitação.

Tratou por conseguinte de reorganisar o exercito, e preparou-se para invadir a Polonia; mas como viessem negociações de paz transtornar os seus planos, voltou as armas contra a Persia, collocando-se á frente do exercito (fevereiro de 1635).

Amurat tinha dado provas da maior coragem, energia e perseverança durante a prolongada lucta travada desde a capital até aos confins do imperio entre a auctoridade do soberano e o espirito revolucionario, que se havia, por assim dizer, innoculado na tropa, no povo, e nos proprios delegados do poder. Porém todas essas qualidades, que lhe aleargaram tão assignalado triumpho, ostentaram-se com mais brilho na maneira por que obteve disciplinar e moralisar o exercito.

Desde o dia da sua partida de Constantinopla dirigiu incessantemente para este alvo todas as suas atenções e esforços. Severo para com todas as faltas; tão inexoravel para o ultimo dos seus soldados como para o mais distincto dos seus generaes; generoso na distribuição dos premios; procurando tudo ver e examinar por seus proprios olhos; sendo o primeiro a dar exemplo de actividade nos trabalhos necessarios para as operações militares, de valor no meio dos combates, e de coragem ante o perigo, soube elevar o exercito ao subido grau de força physica e moral a que chegára nos tempos mais prosperos do imperio.

1) Logo que um novo sultão sobe ao throno é levado em grande pompa a mesquita de Eloub, onde cinge o alfange d'Osman I, o fundador do imperio ottomano. Esta cerimonia que se faz sempre com a maior solemnidade, corresponde entre nós a da coroação.

A sua marcha pelo interior da Persia foi um continuado triumpho. Depois de oito dias de cerco a cidade de Erivan abriu as suas portas ao vencedor, e em pouco tempo toda a provincia de que era capital passou ao dominio ottomano. Os rigores do inverno obrigaram o sultão a pôr termo á campanha e a regressar para Constantinopla, onde foi recebido com grande alvoroço e enthusiasmo.

No anno seguinte estava novamente em marcha sobre Bagdad á frente de numeroso exercito. Esta cidade tantas vezes tomada e retomada, e pela posse da qual a Turquia fez tamanhos sacrificios em diversas occasiões, caiu finalmente em poder das armas ottomanas, para nunca mais voltar ao dominio dos persas (23 de dezembro de 1638).

Esta victoria foi reputada de muita transcendencia pela importancia da cidade e do paiz de que era capital, e ser ganha ao shah Abbas I, a quem a posteridade conferiu com justiça o titulo de grande. Por taes motivos pois fizeram-se brillantes festas nas principaes povoações do imperio para a celebrar; e Amurat deu a Constantinopla o espectáculo grandioso dos antigos triumphadores romanos. No dia 10 de junho de 1639 fez a sua entrada solenne nesta cidade á frente da tropa e rodeado da maior pompa. Vinha montado em um soberbo cavallo ricamente ajazeado. Trajava á maneira dos antigos heroes persas, trazendo lançada aos hombros e estendida pelas costas abaixo uma pelle de leopardo. Era precedido por cem atabaleiros e trombetas, que tocavam pegas de muzica nacionaes; e caminhava entre duas alas de generaes e governadores captivos, que rojavam pelo chão pedras cadéas.

Poucos dias depois foi assignado o tratado de paz entre as duas potencias, pelo qual a Persia cedeu á Turquia o bachalato de Bagdad, e obteve a restituição da provincia de Erivan, que tinha perdido durante a penultima campanha.

Amurat apenas sobreviveu um anno a este triumpho. Os excessos nos prazeres da meza aggravaram por tal modo a sciatica de que padecia havia dous annos, que succumbiu a um ataque mais forte em 9 de fevereiro de 1640 na curta idade de 29 annos, e contando 17 de reinado. A sua morte prematura foi para a Turquia uma perda irreparavel.

A necessidade de lançar mão de remedios mui violentos para cortar pela raiz o cancro, que minava a existencia da nação, foi causa de que o seu caracter se tornasse excessivamente duro, e a sua indole cruel. Entretanto deve attender-se a que foi a esse rigor sem limites, que o imperio deveu ver operada em tão breve espaço de tempo uma transição completa da morte para a vida. A severidade na justiça corre muitas vezes perigo de degenerar em crueldade; mas se ha casos em que similhantes demasias possam ser relevadas, é por certo quando um regenerador para arraucar um povo da borda do abysmo, onde se subvertem os imperios, se vê a braços com tantos elementos anarchicos, em guerra aberta com tantas paixões desenfreadas, sem ter mais auxilio do que a sua coragem e energia, sem um ponto de apoio além da sua vontade e perseverança.

E todavia a fereza de Amurat era temperada por alguns brillhantes dotes do espirito, que excitam em respeito e admiração entre seus subditos. Finalmente foi assim que elle conseguiu extirpar grande numero de abusos, com que alguns de seus predecessores em vão luctaram, succumbindo na lucta. Foi d'estarte que comprimiu o espirito de revolta, que disciplinou o exercito, que impediu os grandes de opprimir os pequenos, que restabeleceu nas finanças o perdido equilibrio, e guardando muito as regras publicas,

que melhorou as communicações, e enfim que regerou o paiz no seu aspecto moral e physico.

Em todo este reinado a Turquia conservou relações pacificas com todas as potencias da Europa, apesar do rigor com que o sultão procedia contra ellas, mais ou menos directamente, todas as vezes que se julgava offendido ou lezado. Como a fraqueza dos governos anteriores, e o estado de desorganização do paiz fivessem dado azo a um grande jogo de intrigas, tendentes a promover interesses contrarios aos do imperio, e munejadas pelos representantes de varias potencias, principalmente pelos embaixadores de França, Austria e Russia, Amurat poz termo a todos esses manejos de uma politica tortuosa com actos de muito vigor, se bem que oppostas ao direito das gentes. Sob o mais insignificante pretexto mandava fazer minuciosas pesquisas em casa d'esses ministros, apprehendendo-lhes todas as armas, a ponto de n'uma d'essas occasiões despojar o embaixador inglez (1) da propria espada com que o seu soberano o armára cavalleiro. A alguns reteve em prisão por muito tempo; e ao patriarcha grego, Cyrillo, accusado de ter relações secretas com a Russia, mandou dar a morte no mesmo dia em que o fizera prender. E taes eram os effeitos da sua energia politica no exterior, tal a influencia da organização e impulso que dera ao imperio, que nenhum d'aquelles agravos produziu alteração nas relações externas da Sublime Porta.

(Continúa.)

I DE VILHENA BARBOSA.

## VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

### VII.

QUE aspecto particular apresenta a atmospheria! Parece achatarse sobre nós a abolidada celeste, e fita-se a imagem do sol como se por ante ella estivesse pendente um crepe esverdeado! Não é de certo assim a physionomia do céu nestas paragens em todas as estações, nem talvez mesmo em muitos dias de cada anno, mas o que é verdade, posto que bastante raro, é que nunca passei pelas ilhas de Cabo Verde sem observar este phenomeno.

Cá temos a compensação nos formosos dias dos tropicos, logo que se passa a Serra Jacóa, em cuja altura é difficil não apanhar alguma trovoadá; mas não tem duvida, promettem mais do que dão; parecem-se com o commum dos homens. *Sempre emfim para o centro o agulha preta*, como diz Camões na laconica mas bella descripção que faz d'esta viagem, no canto quinto dos Lusitadas, deixando á esquerda o perigoso Cabo de Palmas, vamos sob o equador procurar as tão formosas e tão abandonadas ilhas de S. Thomé e Príncipe, e ainda que o seu clima não é dos mais salubres, arrisquemo-nos no meio d'esse copido e odorifero arvoredor, ao murmuro das aguas que por toda a parte rebentam, e vamos admirar a riqueza de um solo fertilissimo ao lado da miseria de seus habitantes, prova viva da nossa incuria!

S. Thomé e Príncipe são dous grandes jardins lançados por Deus no meio das aguas do oceano, como os oasis entre as areias de um deserto. Ao aproximar das suas praias contemplas com encanto uma vegetação prodigiosa campeando por toda a

(1) Chamusca e Peter Warh.

parte; pasmaes ao ver surgir d'entre os penedos batidos pelas vagas as mais formosas palmeiras e outros arvores sempre verdes. Desembarcaes, a cada passo vos apparece um riacho; a arvore da canella, como em Ceylão; o café como o de Moka; o ananaz, a banana, melhores do que no Brazil; o algodão, o arroz, a canna de acoar, optimas madeiras de construcção, e até o que não julgaes decerto encontrar, uma linda estrada na ilha do Principe com duas pyramides no começo, e uma boa vivenda campestre na outra extremidade, cercada das cubatas dos escravos. Esta casa pertence ao sr. Carneiro, actual deputado ás côrtes por aquellas illas, que tambem possui outra á beira-mar, a melhor habitação da cidade de S. Antonio (Príncipe). Poucos mais edificios ha ali de pedra e cal, o resto são casas de madeira ou choupas miseraveis. Em S. Thomé encontram-se mais casas de alvenaria, mas assim mesmo não vos recommendarei a belleza de nenhuma d'ellas. Tudo que é obra dos homens pouco vale n'aquelles logares. A mão de Deus é que foi prodiz a em espalhar thesouros sobre o seu solo.

Demorei-me por ali alguns mezes, principalmente no Príncipe, tive tempo para percorrer quasi toda a ilha, mas sei-me-lha difficil pintar as bellezas naturaes que enerra! Faz dôver abandonar a que chegarão tão formosos e productivos torrões, que podiam rivalizar com Ceylão, competir nos generos coloniaes com os meliores do Brazil, e enfim tornarem-se uteis a si e á metropole, em vez de serem, como são, um monumento de vergonha para Portugal, um padrão do nosso imperbovel desleixo!

## VIII.

Em S. Thomé ha diferentes cataractas de extraordinaria belleza, em sitios explorados ha pouco por europeus, e de então para cá muito concorridos; a principal é a um quarto de legua da capital, na Ribeira Grande: dão-lhe o onomatopaeico nome de *Blus-blus*, e a queda d'agua é de 32 pés d'altura. Proximo d'este logar vêem-se as ruinas de um engenho d'assucar, d'aquelles que foram destruidos para não empecerem o desenvolvimento da cultura do Brazil! Junto á mesma ribeira, a par da aldeia da Trindade, ha outra formosa cataracta, com 24 pés de altura de agua.

A tres quartos de legua d'esta aldeia encontra-se agua ferver a umas caldeiras em effervescencia, ás quaes os pretos chamam: caldeiras do inferno; e quando querem fazer mal a seus inimigos, lançam na maior d'essas caldeiras algum dinheiro em cobre, e creem que é sufficiente para lhes succeder desgraça. Os europeus que ali vão passear tem mais de uma vez encontrado pedras de dinheiro em cobre muito limpas, que guardam como memoria da superstição d'aquelle povo.

Tanto em uma como em outra d'estas illas se encontram lindas praias, formosos bosques de canelões e cafeeiros, abundancia de agua corrente, bellas perspectivas; porém nenhuma commodidade para o viajante, que dormira na rua, se não fosse a hospitalidade dos habitantes. Não ha um *hotel*, um *café*, um *taverna* nas cidades de S. Thomé e S. Antonio, donde se segue que o forasteiro tem de aproveitar a noite nos alagados.

A vizinha ilha de *Pernambuco*, occupada hoje pelos anglozes, posto que seja bastante insalubre, está já preparada para receber viajantes; e a de *Anno-bon*, que completa este archipelago do Equador, achando-se já na posse dos europeus. Ainda ha pouco combletinh'avorada em um de seus morros a banheira p'obrigueis.

## IX.

Passar a linha equinocial é hoje uma cousa muito vulgar (que assim mesmo os marinheiros festejam sempre) mas como se encheria de orgulho o nosso Fernando Gomes, quando, antes de nenhum outro europeu, achou os dias iguaes ás noutes em duração, e passou a engolfar-se em um novo hemisferio, a ver novas constelações no céu, diversos climas na terra, e só igual o colorido das aguas! São as maiores alegrias que eu comprehendo! Gil Eanes, dobrando o cabo Bojador, Christovam Colombo, descobrindo um novo mundo, Bartholoméu Dias, passando o Tormentorio, Vasco da Gama, aportando á India, Pedralves Cabral, encontrando o Brasil, Fernão de Magalhães, achando a passagem para o Pacifico, Balbôa, divinando esse mesmo mar pela primeira vez, e tomando posse d'elle em nome dos reis da Hespanha, Peres d'Andrade, devassando a China e o Japão, Cortez, avistando as douradas cupulas do Mexico, Solis, achando o rio da Prata, Queiroz, vendo desmaiar o sol no polo, Behring, vencendo a passagem polar entre a America e a Asia, e tantos outros descobridores aventureiros: . . . oh! esses é que eu imagino que foram verdadeiramente felizes um momento, vendo coroados de pasmoso resultado os seus penosos trabalhos!

Alegria, quando se olha para a carta, encontrar o nome portuguez ligado a tantas descobertas, pensar que estes poucos filhos do occidente foram devassar todos os mares, e deixaram padrões seus nas mais remotas praias do mundo! . . . Porém hoje . . . Afastemos d'ahi os olhos; ancoras em cima, e naveguemos em demanda do continente africano.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## ESTATISTICA DOS CULTOS EM FRANÇA.

O clero do culto catholico compõe-se, nas oitenta dioceses em que se divide a França, de 13 arcebispos, 63 bispos, 175 vigarios geraes, 661 conegos, 3:388 parochos (curés) 29:537 curas das freguezias filiaes (desservants des succursales) 6 capellães (aumôniers) dos tres cemiterios de Paris, e 7:190 vigarios nas pequenas municipalidades. Total 41:037 individuos.

O pessoal dos cultos protestantes comprehende 756 individuos, dos quaes 597 são do culto reformado, e 249 do culto luterano.

O culto israelita conta 53 rabbins e 61 ministros officiaes.

## A POLITICA E A AGRICULTURA.

Se os commodos da vida, isto é, os deleites do corpo, os do coração e os do espirito, são o alvo a que tiram de longe, e de encontrados pontos, todas as opiniões, todos os sistemas, todas as parcialidades; a agricultura para Portugal deve e não pode deixar de ser havida pela politica suprema, pela politica das politicas. Pois quando renasce e adulta a nossa agricultura nos houver feito laboriosos, abastados, modestos, bons, unidos e irmãos, então e só então é que as theorias de liberdade deixarão de fluctuar e transformar-se ao sópro das palavras, como as nuvens inconsistentes ao capricho dos ventos.

CASTILHO. — FELICIDADE PELA LAVOURA.



OS PRETOS JALOFOS.

DE todas as raças de negros, que habitam a vasta e fértil região, onde ainda possuímos as praças de S. José de Bissau e o presidio de Cacheu, a dos jalofos é a mais civilisada e mais pacifica.

Occupam os jalofos quasi exclusivamente o territorio comprehendido entre os grandes rios Senegal, ou Sanaga, como lhe chamam geralmente os nossos escriptores, e o Gambia. Calculam-se-lhe umas quatro mil leguas quadradas, e 500:000 habitantes. Qualquer d'estas estimações não pode merecer o conceito de exacta, por que ali não se encontra elemento algum de uma boa informação.

N'outro tempo constituíam os jalofos um vasto imperio, que com o tempo veiu a desmembrar-se e a formar alguns pequenos estados, inimigos uns dos outros, e que constantemente se gladiam, e se enfraquecem mutuamente.

André Alvares d'Almada, no seu *Trialado brevedos rios de Guiné de Cabo Verde*, dá larga informação d'este povo. Eis como elle descreve o paiz que habitam os jalofos: «Esta terra é sadia mais que todo Guiné. Correm n'ella muito bons ares. Ha muito bons mantimentos, muitas gallinhas, vacas, cabras, lebres, coelhos, gazellas, uns animaes grandes como veados (e o são, mas não tem armadura da feição de veado com os egalhos) elefantes, leões, onças, e outros muitos animaes; gallinhas pintadas e outras aves como perdizes a que chamam *chocas*. Nos rios andam garças, traes, pelicanos, patos, narreacas, e outras aves mariubas; mantimentos, arroz, milho magaroca, outro milho a que chamam branco, e gergilim; ha muita manteiga e leite e mel que se tira pelas tocas das arvores. Em toda esta costa, terra dos jalofos até os mandingas, ha muito boa roupa de

algodão, pannos pretos e brancos, e de outras muitas maneiras de prego, e os tintos são tão finos que cegam aos que os vêem, os quaes se tiram para os outros rios aonde os não ha.»

Almada dá ainda outras noticias curiosas d'esta raça africana e dos seus costumes, que são contudo com pouca differença os dos outros povos d'aquella costa.

Os jalofos são altos, bem formados e de uma cor preta azevichada. Gosam da fama de bons guerreiros: as suas armas a cavallo são uma *azagaya* e uma porção de *azagaynas*, a que chamam, diz uma memoria, que temos presente, *chemcherens*, as quaes despedem com tanta velocidade como uma bala, e fazem tiros admiráveis. Conseguem esta pericia, exercitando-se desde meninos, e não largando nunca da mão a *azagaya*.

Os negros da beira-mar são pela maior parte pescadores; e possuem para este fim muitas canoas grandes com duas velas de galope, ambas em um mastro: são grandes marinheiros: saem pela manhã com o terral para o mar; vão tão fóra que perdem a terra de vista, e á tarde se recolhem com a viração do mar á vela, que quem as vê do mar em fora, e não tem conhecimento d'isto, parecem-lhe navios, e a muitos tem feito com este apparato bem de medo.

Deve notar-se que os negros jalofos da beira-mar fallam quasi todos a lingua portugueza.

Além da sua incontestavel superioridade physica os jalofos propendem para a ordem e civilisação, e são naturalmente inclinados aos costumes pacificos e á vida domestica. «Habitam,» diz o nosso Almada, «juntos em aldeias, em casas palhaças redondas cobertas por cima de palha e pelas ilhargas. E em cada aldeia ha um maior, a que dão obediencia, posto pelo rei, chamado por elles *jadóm*, que quer dizer n'aquella lingua *capitão*. Comem a carne mal assada de maneira que esteja correndo o sangue, e a cozida cozem-a bem e assiu o pescado, que ha muito bom por toda aquella costa. E os que não tem commercio conosco comem sujamente, porque muitas vezes cozem as aves chamuscadas, com as tripas e pés sem as depennarem, e os miúdos das rezes com a bosta: em tanto, que estando um rei comendo com um capitão nosso seu amigo, mandou o rei vir por festa uma coallheira cozida, a qual trazia dentro o recheio: e tendo o capitão asco, deitava fóra a bosta: disse-lhe o rei, que era parvo no que fazia que aquillo não era nada, que era herba.» «Entretanto,» continúa Almada, «folgam de comer os comeres feitos ao nosso modo: e costumam os nossos, quando os vão visitar, levarem os comeres feitos ao nosso modo.»

Outro costume singular têm os jalofos, que é digno de menciona-se. Não bebem agua pura, senão misturada com leite azedo de vacas, ou deitando-lhe farinha de um milho, a que chamam *magaroca*!

Os jalofos passam por menos indolentes, que os povos limitrophes: cultivam o algodão, o milho, varios legumes, o anil e o tabaco.

Mostram-se muito alleijoados aos europeus, e por esta circumstancia principalmente conviria que estabelecessemos solidas relações de amizade e de commercio com este povo, que tão perto se acha dos nossos prezidos da Guiné, alias importantissimos.

A nossa gravura representa um chefe jalofos; os negros, que ali exercem auctoridade, andam quasi sempre com a cabeça descoberta, e uma simples capa de pelles, que lhe desce até aos joelhos. As mulheres são um pouco mais primorosas no seu trajar, e procuram fazer sobresair a natural languia (porque as jalofas são realmente formosas) com enfeites e arrebiques extravagantes.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XXIV.

*Convento dos Loios.*

AS POUÇADAS ou paços do conde D. Alvaro Pires de Castro, que tanto trabalho e suor custaram aos moradores de Arrayolos (1) eram situados ao posto de Valle Formoso, ou Valle de Flores, nas faldas do outeiro do castello ao norte da villa. Ao paço juntou o conde uma quinta e varias terras, que tudo depois se ficou chamando *Quinta do Paço*.

Do conde D. Alvaro Pires de Castro passou todo o predio a sua filha D. Beatriz ou Brites de Castro, dama do palacio. Esta por provisão d'el-rei fez doação da mesma quinta e de quanto n'ella por morte de seu pae herdara, a Catharina Martins, sua camareira, por certos respeito, a que attendia, e obrigações que lhe tinha, e além d'isso porque Alvaro Pires de Castro, filho da dita Catharina Martins, era primo d'ella doadora D. Brites de Castro. A doação foi feita a 28 de junho de 1426, e tomou posse a nova senhoria no 1.º de julho do mesmo anno.

Mas ou porque este Alvaro Pires de Castro morresse sem successão antes de sua mãe, ou por outro qualquer respeito, a Quinta do Paço foi doada por Catharina Martins a seu sobrinho Pedro de Castro, filho de Moor Alvares e de Martim Gonçalves. Por morte de Pedro de Castro (que já era morto em 1449) herdou a quinta sua mãe Moor Alvares, e esta a doou a sua neta Isabel de Castro, filha do dito Pedro de Castro e de Beatriz Gil Vinagre. A doação é de 1471, e comprehendendo, não só as terras de pão e vinho, pomares, oliveas, e esararias da dita quinta; mas todos os mais bens que ella Moor Alvares herdara por morte do dito seu filho Pedro de Castro.

Isabel de Castro casou com Ruy Martins de Carvalho, cavalleiro da casa do conde de Farão, corregedor nas comarcas da Beira e Aquem-Tejo (2), e ambos cederam logo no mesmo anno de 1471 á dita doadora os fructos de toda a quinta em quanto viva fosse, sem que todavia pudesse vender coisa alguma. E em 1473 requereram e alcançaram d'el-rei provisão para sanar certas irregularidades da antiga doação de Catharina Martins a seu sobrinho Pedro de Castro (3).

Ruy Martins de Carvalho vendeu o predio a Afonso Garez (secretario que fôra d'el-rei D. Affonso V, e D. João II, e o era d'el-rei D. Manuel) e a sua mulher Izabel Fernandes, no anno de 1496, por preço de 354\$000 réis.

A Afonso Garez succedeu seu filho João Garez, o qual com sua mulher Leonor d'Abreu viviam na dita quinta; e por se acharem sem filhos fizeram doação d'ella com todas as suas terras e pertengas á religião de S. João Evangelista, cujos membros eram antigamente conhecidos pelo titulo de conegos azues, e mais modernamente pelo de padres Loios, para ali fundarem um mosteiro da mesma congregação com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção. Foi o contrato celebrado na herdade e abegoaria, que o mosteiro de S. João d'Evora, da mesma congregação,

possuía junto ao Divor entre Arrayolos e Evora, a 10 de julho de 1526 (4).

Deu licença para a fundação o eardeal infante bispo d'Evora por provisão de 29 de junho de 1527 (5).

Confirmou el-rei esta doação por provisão de 2 de abril de 1529 (6).

E por outra fez mercê ao convento de que pudessem haver mais renda e fazenda (7).

Este foi o primeiro convento, que houve em Arrayolos, e era a setima casa da congregação (8).

Começou a obra lançando n'ella a primeira pedra João Garez a 14 de agosto de 1527, vespera da Assumpção; e ajudou para ella el-rei D. João III com 200 cruzados, e ajudou por cada vez; e igualmente deram suas esmollas o infante D. Henrique, o infante D. Luiz, irmãos d'el-rei, e o duque de Bragança D. Theodosio, que tomou á sua conta particularmente a obra da claustra; além de outras pessoas principaes, entre as quaes foi Francisco Pereira e D. Isabel sua mulher. Este Francisco Pereira, quando veiu da India, entregou aos religiosos de esmollas, que tirou com uma imagem de Nossa Senhora da Assumpção, que levou, 153 cruzados, que todos se gastaram no retabulo da capella-mór, de cobre romano.

La crescendo a fabrica do mosteiro, sendo superintendente d'ella um padre e vedor o proprio João Garez (9); e para mais facilitar as obras mandou el-rei por provisão sua do 1.º de outubro de 1544 aos juizes e officiaes das villas de Morte-mór o novo, Estremoz e Pavia que fizessem dar toda a cal, que os padres requeressem para a dita obra, pelos pregos, por que fosse taxada pelas camaras, assim como se dava aos moradores das ditas villas (10).

Successivamente se foi pondo remate ás varias partes de que se compunha um perfeito convento; e assim acabou-se o retabulo da capella-mór em 1547, o claustro em 1575, a igreja em 1585, o orgão que estava na parede em 1590, as cadeiras do côro em 1592 (11). Dourou-se o retabulo da capella-mór em 1598.

Em 1546 comprou o convento ao collegio dos Jesuítas de Coimbra a herdade do Monte das Pedras, no termo de Arrayolos, por 400\$000 réis. E curiosa a escriptura pelas noticias que nos dá dos padres d'aquelle collegio logo tanto em seu principio (12). Nos fins do seculo 17.º descreve o chronista da congregação, padre Francisco de Santa Maria, o edificio d'esta maneira: «O edificio não é demasiadamente sumptuoso, nas é sem duvida perfectissimo, porque tem cabaes, e bem repartidas, e mui brineadas todas as casas, e officinas.» E logo adiante: «Tem o convento dous dormitorios alegres e espaçozos; o claustro é todo de marmores bem lavrados, e tem um formoso chafariz no meio.»

(4) Outro *ibid.*(5) *Idem.*(6) *Idem.*(7) Vid. *Anno Historico* pelo padre Francisco de Santa Maria, tom. 2.º, pag. 507. Note-se que nos *Statutos e constituições dos virtuosos e reuerendos padres conegos azues*, impressos em Lisboa em 1540, ainda esta casa não é contada entre as da congregação.

(8) Documentos no cartorio do convento

(9) Outro *ibid.*

(10) Estas foram desmanchadas, e transformadas em mezas e cadeiras ordinarias pelo proprietario do convento depois da extinguição.

(11) Documento no hospital de Arrayolos.

(12) *O Céu aberto na terra*, pag. 515.(1) Vid. *atraz* cap. XII.

(2) Filho de Martim Gonçalves, ou Martim Gil de Carvalho, collago do duque de Bragança, e alcaide-mór de Arrayolos.

(3) Documento no cartorio do convento.

Da igreja diz: «A igreja é excellente, toda de abobada: a capella-mór é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, a collateral da parte do Evangelho ao glorioso patriarcha S. Bento, a da parte da Epistola ao insigne martyr e bispo S. Braz: no corpo da igreja ha outra capella dedicada a S. João Evangelista com altar privilegiado para sempre, que concedeu Clemente VIII no anno de 1596. ... Ha mais outra capella de S. João Baptista. ... (1)»

Ha nesta igreja tres campas com epitaphio, a saber: a do fundador João Garcez, de quem faremos adiante mais larga menção; a de Fernão Pereira, alcaide-mór de Arrayolos, e a de Ignez Varella.

As primeiras duas campas foram trasladadas do seu primitivo logar por occasião da reformação geral da igreja, que se fez no anno de 1700, sendo reitor o padre Bernardo de S. Hieronimo, pondo-se toda á moderna, e azelejando-se pelo estylo que então se usava. Conserva porém até agora a porta principal em ogiva na forma primitiva.

Na capella-mór ha dous paineis em panno; o do lado do Evangelho representa o transitto da Virgem, o da Epistola a Assumpção. No refeitório ha outro em madeira representando a Cena Domini.

O padre reitor dos Loios era sempre provedor do hospital da villa, e o foi em tempo do da villa do Vimieiro.

Nos tempos do grande poderio das corporações ecclesiasticas foi a visinhança dos padres Loios um pouco importuna aos moradores da terra, mórmente por causa das pastagens dos coutos, que os ditos padres pretendiam utilizar em seu proveito, conservando a camara sempre a mesma resistencia em lhes conceder esta visinhança. Por este motivo correram varios pleitos, accompanhados de violencias reciprocas, em que não esqueceram da parte dos padres excommunições contra a camara, etc. etc; até que finalmente no anno de 1746 se cortou a origem do mal, mandando el-rei por ordem sua de 12 de novembro d'esse anno se cumprisse o provimento, que havia deixado em correição o provedor da comarca para que se não fizesse obra pelas provisões, que concediam aos padres pastarem seus gados nos coutos, antes deviam ser encamoados até S. M. não mandar o contrario (2).

(1) Livro 7.<sup>o</sup> de registro da camara. fl. 31 v.

(2) Tudo quanto fica dito é fundado em documentos e apontamentos existentes no cartorio do convento, e prova sem replica quaõ longe da verdade andou o padre Francisco de Santa Maria, chronista da congregação, no seu *Cu aberto na terra*, contando os principios da fundação do convento n'estes termos: «Achando-se (João Garcez) entrado em idade, e sem esperanças de filhos, determinou juntamente com sua mulher fazer herdeira de seus bens alguma das sagradas religiões: e como a nossa andava então nos olhos, e nos agrados de todos, facilmente convieram em que ella havia de ser a preferida: calaram porém esta determinação, e deram principio a um novo convento na sua quinta de Valle Formoso, no qual lançou João Garcez a primeira pedra no anno de 1527 a 14 de agosto, vespera da Assumpção de Nossa Senhora, porque a este mysterio soberano quizeram que fosse o convento dedicado. Em breves tempos (intervindo obragosos serenissimos duques de Bragança, que mandaram fazer o claustro á sua custa) se poz a obra em total perfeição; e no anno de 1532, quando diversas religiões pretendiam e esperavam ser buscadas para o novo convento, a nossa o foi sem o pretender, nem esperar: porque João Garcez, havendo sempre con-

Antigamente chegaram a assistir no convento doze até quinze padres. Em nossos tempos havia de ordinario apenas tres ou quatro, que viviam vida folgada, libertos das prizoens e encargos, que a regularidade e obediencia da vida monastica impunha nas grandes casas da congregação, como eram Beato Antonio de Nabregas, e Villar de Frades. Contava-se que um reitor vendo quaõ excessivo abusava de esta liberdade, deu ordem para que perdesse a ceia todo aquelle padre, que não louverse recolhido ao convento até á meia noite; por quanto, accrescentava o reverendo padre reitor, era justo que o cosinheiro reponsasse alguma parte da noite, para poder dar a horas o jantar do dia seguinte.

A festividade principal da casa era em 15 de agosto, dia da Assumpção, sob cujo orago e invocação fôra fundada. Neste dia concorria de tarde todo o povo da villa a passear ao valle, e depois de ter visitado a igreja, ninguém faltava na creca a beber uma taça de agua da fonte de Nossa Senhora, e a colher um ramo de murta de uma antiga arvore, que ha via junto da mesma fonte.

Era costume antiquissimo lançar da varanda do claustro ao povo pedaços de um grosseiro bolo de farinha, a que pela invariavel forma circular se dava vulgarmente o nome de *rosca*. Corria o povo a apanhar o bolo, e quando curvados sobre a terra disputavam uns aos outros a preza, langavam de cima os padres sobre os contentendes grandes bacias de agua; e tanto maior era o contentamento dos espectadores, quanto mais enusopados saiam da lucta os gulosos.

D'onde vinha este costume de barbaro carnaval em tal tempo, e em tal festa?

E tradição popular que se fundava em uma manda testamentaria; mas examinando eu o cartorio do convento, nada encontrei que pudesse confirmar tal tradição.

Uns dez ou doze annos antes da extineção cessaram os padres espontaneamente com este ridiculo uso, e o substituiram por uma esmolla de pão dada á porta aos pobres, não sem grande desprazer e aspera censura d'aquelles mesmos, que costumavam arriscar-se á molhadella a troco de um pedaço de *rosca* enlameada.

Pela extineção dos frades passou o convento e quintas a poder de Mannel Mexia Lobo Corte Real, da villa de Arrayolos, que fez no edificio as mudanças e alterações, que entendem serem mais conformes a sua utilidade e commodidade. Conserva-se hoje em poder de seus herdeiros.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

#### ESTATISTICA DOS INVERNOS.

No anno de 101 o mar Negro gelou completamente. Em 763 não só o mar Negro, mas tambem o estreito

servado o primeiro segredo, e a primeira resolução, partiu finalmente de Arrayolos para Lisboa, e caminhou direito a Santo Eloy, onde declarou aos nossos conegos o desejo e gosto que tinha, e sempre tivera de que elles povoassem o seu convento, e tomassem juntamente posse da quinta de Valle Formoso, e outras herdadas a ella pertencentes. Agradeceram os nossos conegos, e acceitaram a vontade e a offerta, e logo começaram a collegiar a nova casa, bem que em pouco numero pela tenuidade da renda.

dos Dardanellos gelou, e a neve chegou em alguns pontos á altura de cincoenta pés. Em 822 os grandes rios da Europa (Danubio, Elba etc.) gelaram a ponto de lhes poderem passar por cima carros carregados. Em 866 gelou o mar Adriatico. Em 991 gelou tudo; assementeiras perderam-se absolutamente, e o anno acabou com a fome e a peste. Em 1067 a maior parte dos viajantes, em Allemanha, morreram de frio pelas estradas. Em 1133 o Pó gelou desde Cremona até o mar, os toneis de vinho reventaram, e as proprias arvores racharam, por effeito do frio, com estrondo. Em 1236 o Danubio gelou-se até o fundo do seu leito, conservando-se bastante tempo n'este estado. Em 1316 houve total esterilidade na Allemanha em consequencia do frio, e o trigo que alguns outros antes se vendera a 1\$200 réis o moio, chegou ao preço de 4\$000 réis! Os invernos successivos dos annos de 1432, 1433 e 1434 foram extraordinariamente rigorosos. De uma vez caiu neve por espaço de quarenta dias sem interrupção. Em 1468 o vinho que se distribuia aos soldados em Flandres cortava-se a machado. O inverno de 1683 foi excessivamente frio. Os vehiculos subiram e desceram o Tamisa n'esse anno, tendo a camada de gelo a espessura de onze pollegadas. No anno de 1709 houve um inverno frigidissimo; a terra gelou a nove pés de profundidade. Em 1716 armaram-se barracas no Tamisa, e ali teve logar uma feira. Em 1718, desde 1 de janeiro até 2 de fevereiro, caiu tanta neve que se passava sobre o gelo de Pellavorm e de Nord-Strand para a costa continental de Schleswig, cerca de Hatstat. Em 1744, na Inglaterra, a genebra mais forte, apenas se expunha ao ar livre, cobria-se, em menos de quinze minutos, de gelo de um oitavo de pollegada de espessura. Os invernos dos annos de 1809 e 1812 foram horrivelmente frios. Em 1814 fez-se uma feira sobre o Tamisa.

#### A MINHA LYRA.

TEM quatro cordas singelas  
A minha pequena lyra,  
Mas exprime, quando ao firo.  
Tudo quanto a alma me inspira.

Dos sons agudos e graves  
A alternada melodia  
Desperta em peitos sensiveis  
Ora a dor. ora a alegria.

Dedilhando alegre ou triste,  
Canto o amor, canto a amizade;  
Choro os rigores da ausencia,  
E a dor. que causa a saudade.

Sim eu n'ellas canto, e choro  
Da vida o doce, e o azedume,  
Canto do amor as delicias,  
Choro as furias do ciuime.

Tambem nas quatro cordinhas  
Canto a maternal ternura,  
Choro a esperanza perdida  
Nos umbraes da sepultura.

Até me prestam cadencias  
Para'o céu entoar hymnos.  
Tem sons para humanos cantos,  
Sons para cantos divinos.

De mais cordas não preciso,  
Com ellas Phebo me inspira;  
D'outros vates e cantores  
Tenha mais cordas a lyra.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Um passeio de sete mil leguas, por Francisco Maria Bordalo. Lisboa, 1854. 1 vol. em 8.º de 250 paginas (1).*

AO ANNUNCIAR a appareição de uma obra, que publicada apenas ha poucos mezes, tem já merecido o general applauso, enchemo-nos de sincera satisfação, porque além da que resulta sempre de dar noticia de um livro bom, cousa infelizmente pouco vulgar entre nós, o sr. Bordalo, intelligentissimo official da marinha portugueza, é um dos nossos mais assiduos collaboradores.

Para quem seguir nas columnas d'este semanario ao interessantes *Viagens na Africa e America*, a leitura do *Passeio de sete mil leguas* deve de tornar-se ainda mais delectavel, por quanto este livro é como a 1.ª parte das aventuras e romancesas peregrinações do auctor pelas diferentes partes do mundo, comprehendendo as viagens pela Europa e Asia.

Não se cuida todavia que a obra do sr. Bordalo contém largas dissertações atuchadas de pezada e indigesta erudição; nem se supponha tão pouco que no *Passeio* se encontram minuciosas descrições e copiosos commentarios, que de ordinario se fingem escriptos ao correr da penna, sendo aliás laboriosas locubrações de gabinete. O *Passeio* não tem simillhante pretensões; é uma collecção de cartas, em que o auctor communica a um amigo intimo, tambem official da nossa marinha, as variadas impressões que lhe inspiraram os diferentes logares que visitou no seu rapido viajar.

Apezar porém dos modestos intuitos do livro, o sr. Bordalo teve por vezes occasião de corrigir alguns prejuizos e erros, que apparecem nas obras de outros escriptores, assim nacionaes, como estranhos: são principalmente dignas de ler-se por este motivo as cartas, que se referem ao nosso estabelecimento de Macau e ao imperio da China, de que tanto se tem falado.

Recommendámos pois com o maior prazer a recente obra do sr. Bordalo, que foi para nós, e que julgamos será para todos, de muito agradável e instructiva leitura.

— Ao que mata um homem, chama-se assassino: ao que mata milhares, guerreiro: ao que saqueia uma casa, chama-se rouboador; ao que saqueia provincias e nações, conquistador: um é coberto d'infamia, o outro de honras e gloria. Eis aqui como o mundo tem entendido a moral e a justiça.

M. CARVALHO — APHORISMOS

— Não gasteis o vosso dinheiro antes de o terdes ganho.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

(1) Vende-se no livrario do sr. J. P. M. Lavado, rua Augusta, n.º 3, por 400 réis.





ITALIA — POZZUOLO.

POZZUOLO, que tambem se escreve Puzzuolo e Pouzzol, é uma pequena cidade edificada sobre a faldá de uma collina, proxima do mar, na mais deliciosa situação que pode imaginar-se, a 3 leguas, pouco mais ou menos, ao O. da cidade de Napoles, capital do reino das Duas Sicílias.

Pozzuolo foi no tempo em que os romanos dominaram o mundo uma das cidades mais celebres da Italia, não só pela sua importancia marítima, como pela sua aprazível posição e amenidade do clima, que ali attrahia immenso numero de forasteiros: chamavam-lhe então *Putcoli*.

Hoje, perdida a antiga prosperidade, não se encontram na residencia de Pozzuolo tantos encantos como em outro tempo: todavia ainda é bastante concorrida, na estação calmosa, tanto de nacionaes, como dos muitos estrangeiros que então frequentam a península italiana.

Os romanos tinham ali erigido alguns edificios e construcções publicas, notaveis por aquella perfeição e solidez que distinguiam todas as suas obras. Desemilhantes construcções restam apenas vestígios.

O molhe de Pozzuolo, que ainda existe, posto que em estado de ruina, foi obra do imperador Caligula, famoso pela sua inaudita crueldade. Os crimes d'este monstro mancham os annaes da antiga Roma. Indole tão perversa, animo tão sanguinario ainda não conheceu a purpura. D'elle disse seu pae ado-

ptivo, o imperador Tiberio: *Est una serpens que cu estau criando para o povo romano e para o mundo: se nutriceo populò romano... orbi terrarum educare* (1).

É digna de visitar-se tambem a antiga cidadella. Pozzuolo é sede de um bispado sufraganeo do de Napoles.

A nossa estampa representa parte da cidade, e o que ha poucos annos se conservava do velho molhe de Caligula.

#### NA ESTREMADURA.

##### FRAGMENTO I

Sr. Editor. — Vae para dous annos que v. . . teve a bondade de associar o meu nome aos dos collaboradores do seu jornal, contando porventura com os meus bons desejos, e com que me sobriaria tempo de outras occupações para desempenhar mais este encargo. Não me falleceram os desejos, mas tem-me fallerido o tempo. Com repugnancia consenti em que se transeresses nas paginas do Panorama extractos de um livro meu, então impresso e a pou-

(1) SEXTONIO — Caligula, 42

to de publicar-se. Era honra grande para o livro, mas pouco proveito para o jornal, que não deve viver de fragmentos de cousas impressas. Pensei que poderia em breve fazer melhor serviço a este semanario que conduzi na sua infancia, que edoquei na sua mocidade, que deixei na sua idade viril, e que duas vezes tenho visto cair exausto e erguer-se para nova existencia, signal de que a vida primitiva d'elle era robusta e tenaz. Dificuldades cada vez maiores têm continuado a afastar-me do meu proposito, e não creio que tão cedo me seja permittido dedicar ao Panorama um trabalho especial. Entretanto, como documento de boa vontade, ali lhe mando esse fragmento de um novo livro, mas de livro cuja publicação definitiva ainda está afastada. São algumas das observações e notas feitas n'uma viagem de serviço publico durante o verão de 1853. observações e notas inseridas em cartas a varios amigos mais intimos. Redigidas ao eorrer da penna, essas cartas precisam de numerosas correções para apparecerem decentemente diante do publico, e apenas até hoje pude corrigir a primeira. Não sei por quanto tempo as restantes dormirão no fundo de uma pasta. Entretanto, se me for possível ordenar mais alguma enviar-lh'a-hei. Parece-me que não pela fórma, mas pela materia, ellas deverão mover a curiosidade dos leitores do Panorama; porque o paiz da Europa mais desconhecido entre nós é sem duvida Portugal.

Lisboa, 2 de junho de 1854.

A. HERCULANO.

#### CARTA PRIMEIRA

A ANTONIO DE MELLO S. LOURENÇO.

Santarem, 7 de junho.

Meu amigo. — Desde a for do canal, onde nos separamos, ate Santarem medeiam apenas tres a quatro leguas, desde o momento em que lhe dei o ultimo abraço até este em que peço na penna meidea pouco mais de um dia, e contudo sinto já necessidade irresistivel de lhe communicar idéas e sensações novas, colhidas em tão curto espaço de logar e de tempo. E que oxajar é viver largamente; é ampliar de um modo indefinito a existencia. Tenho passado vinte annos, que deveriam ter sido os mais agitados e os mais bellos da minha vida, amarrado a monotonia de occupações puramente litterarias, repellido por milhares de dias os meus actos, vendo quasi sempre nascer e pôr o sol por detraz das mesmas collinas, dormindo no mesmo leito, vagueando á tarde pelos mesmos campos, seguindo as mesmas idéas, dilatando o coração nos mesmos affeitos, e fundido n'uma recordação, unica, uniforme, pallida, todas as memorias de tão largo periodo. Passados apenas os meus vinte annos, eu corria os mares, e folgava no balouçar das tempestades; ouvia murmurar de roda de mim linguagens estranhas; buscava entre as mulheres de outros povos essas alérgicas materias que pelo excesso do ardor com que nos devoraram se confundem com o amor elevado e puro de idade mais robusta. Por esses annos assentei-me rodeado de tristes scenas sobre os outeiros volcanicos dos Açores; assisti a tanto combates civis; vi correr o sangue e ouvir os morderndo; soube o que eram as grandes

coleras e a compaixão profunda, os desalentos e as esperanças, a sombria desesperação do vencimento e o entusiasmo phrenetico da victoria: tive fome e tive sede pelas agruras das serras fragoas e nuas; saciei-me na fonte do valle, e restaurei o alento com o pão duro repartido comigo na choupana do pobre: soube o que eram o cansaço e o terror, soube o que eram a energia physica e a energia moral. Tres annos: eis todas as miúhas economias de mais de duas decadas, que tenho desde então deixado atraz de mim. E tudo o que me resta para o recordar da velhice. Esses tres annos são um foco de reminiscencias, muitas vezes soaves, mais vezes, talvez, acres e tristes, mas sempre vivas, sempre córadas, sempre sandosas e queridas. Depois é um limbo vago, um crepusculo com raros alvores, um ponto no espaço que se correu, campina rasa que se mede de um só olhar, e onde nem se eleva uma arvore, nem alveja um edificio.

Os primeiros vestigios da lenda do Judeu Errante não remontam além do seculo XI e acham-se misturados com as tradições das cruzadas. Devia ser assim. Essa lenda é um mytho e um symbolo. Na minha opinião, o Judeu Errante symbolisa a synthese das experiencias populares em relação á vida erradia. Quando as multidões se precipitavam para o oriente, quer contrastando os mares, quer transpondo as regiões de leste da Eoropa, e vagavam errantes pela Asia menor, incertas na vida, esperangadas na morte, passando successivamente por todas as vicissitudes de uma peregrinação dilatada, atravessando vastas planícies, rompendo por bosques, galgando montanhas, vadeando torrentes, vendo razear os seus grupos desordenados pelos saltos das feras, pelas injurias das estações, pela miseria, pela guerra e pelos vicios, saciando-se aqui de prazer até o desenfreamento, acolá de amarguras até o martyrio, o pequeno numero de cruzados que voltavam á patria depois de annos de ausencia, contemplando o seu vagabundo passado, criam ver n'elle, na infinidade de sensações que a memoria lhes recordava a infinidade da existencia ligada ao errar continuo pela face da terra. D'aqui o typo d'este homem que vagueia eternamente á espera do dia final e da nova Jerusalem; d'este homem, cuja historia seliga á dos santos lugares e é um tecido de todas as situações imaginaveis de uma peregrinação perpetua.

Hoje, meu amigo, estou pouquissimo inclinado a admitir os anachoretas christãos dos primeiros seculos christãos. Independente do profundo desalento, que devia gerar a dissolução moral e material do imperio romano, e que naturalmente fazia afastar da sociedade os espiritos puros e tímidos, o sacrificio da vida á monotonia do ermo não era grande desde que se adquiria o habito de uma existencia uniforme, em que o dia de hoje era rigorosamente semelhante ao de hontem, e em que no de amanhã os dous que haviam passado se confundiam e identifiavam n'uma imagem unica. Para contrahir esse habito bastava ser amparado alguns mezes pelo entusiasmo religioso. Depois os periodos de um, de dez, de vinte annos equiparavam-se a uma hora, ou antes a um momento, porque a solidão e o silencio da alma eram tão completos como os do deserto. Hoje renova-se o mesmo facto n'outra esphera. N'esta carreira desbotada de abnegação das sensações que as letras impõe aos seus cultores ha tambem vastas solidões para os modernos cenobitas. Só o entusiasmo que os conduz a principio é menos furto do que dos neophytes de uma religião nascente.

A immobibilidade pertence aos tumulos: á vida pertence o movimento. A quietação é um agouliar

rápido e sem dores: a locomção continua é proibir a existência por seculos.

Estas idéas, meu amigo, suscitaram-m'as as impressões dos dous dias, que tenho passado desde que sai de Lisboa, e que equivalem bem a seis mezes da minha vida anterior. Escrevo esta n'um aposento vasto e irreprehensivelmente caído, contraste perfeito d'aquelle pequeno gabinete da Ajuda, que nós sabemos, com o fogão modesto, com a velha poltrona allemã, com os livros e papéis amontoados no pavimento e sobre as cadeiras. A banca onde escrevo, desmesurada, carunchosa, grosseira, protesta contra a pequena meza coberta de pano azul e amarello, onde tanto papel tem sido não sei se estragado, se aproveitado para o futuro; contra essa meza, cuja superficie é um cahos de notas, de extractos, de apontamentos, de livros, e por cima da qual tantas vezes tem cruzado discussões ardentes ou festivas durante as nossas queridas reuniões dos sabbados. Aqui, n'esta immensa banca, onde caberiam os apontamentos e extractos de Dicanço ou de Bayle, apenas alveja o papel em que lhe escrevo, á luz mortal da classico candieiro de tres bicos, que irá depór as armas nas alturas do Soajo, mas que ainda disputa a victoria a invasão dos candieiros francezes no ponto strategico de Santarem. N'esta vasta quadra onde a senhora Felicia, a nossa digna hospeda, nos aposentou, apenas se vêem quatro cadeiras de couro tauxiado, e dous eadres de pau santo torneados e lavrados, com um cheiro de baú do seculo XVII, mas nos quaes sobressaem, acima das cobertas de chita desbotada, as fronhas lisas, e as dobras de bengoes grosseiros, mas alvos, que de momento a annuncião proverbial das nossas estalagens. Tudo o que me rodeia é mais que simples e de tenue conforto, mas sorri-me, porque quebra a monotonia de doze annos, que vejo a dous passos de mim, como o fastidio de uma columna toscana, de pe e susinha no meio de um campo alastrado de ruínas.

Ainda hontem, rodeados de tantos amigos, nós subiamos o Tejo, em volta da meza de um agradável almogo, e assentados depois á pópa do barco de vapor, symbolo da rapidez em toda a parte, e só em Portugal symbolo da lentidão. O vento fresco do norte augmentava a morosidade do roncero navio, d'onde podiamos contemplar pausadamente essa soberba margem direita do Tejo, longa campina laçada por uma cordilheira continua mas pouco elevada, cujos cimos flexuosos se coram de olivedos, campeando sobre as vinhas das encostas e sobre os campos e pomares das planícies. Alhandra, Villa Franca, Alverca, Villa Nova passaram successivamente por nós com os seus edificios caídos, similhantes a grandes estendões postos nas clareiras, e cuja alvura o sol esplendido da nossa terra quasi fazia scintillar. No Tejo cruzavam em diversas direcções dezenas de velas arre-londadas pela brisa fresca. As manadas de touros, parados gravemente pela margem, ou mettidos na agua por entre os canoas e juuceas, pareciam observar o movimento do rio, que alguns atravessavam, ora a nado, ora com agua pelos peitos, para o proximo mouchão, e nos seus mecos lentos, no seu olhar tranquillo ninguém lhes adivinharia a nativa ferocidade. Na limpidez do céu, nas tantas cambiantes das terras calvas, nos verdes variados da vegetação, no murmuro do vento via uma harmonia de paz, havia vida sem tempestade.

E nós riamos e motejavamos e disputavamos com a confusão, estrepito e desordem de idéas e de phrasas que distinguem a discussão portugueza, quando o barco de vapor nos fez voltar a Villa Franca.

balneio, e moreceu, murmurou e morreu. Os rostos tornaram-se mais compridos, e as feições immobilisaram-se. Houve alguns apertos de mãos, e eu e B. achamo-nos sós, tristes, silenciosos, com as malas de viagem diante de nós, encostadas á porta do quasi sumptuoso edificio, que os empregados da navegação do canal ali têm depositado até que alguma cheia do Tejo, que venha mais desocupada, lh'o transporte para Lisboa. Olhavamos fitos para a gondola que devia receber-nos, e que se preparava para a partida. O que me parece e que nenhum de nós sabia ao certo porque olhava e para o que olhava.

— Bom! — pensou a minha cabeça, onde se agglomeravam todas as philosophias maccisas com que o sequei no começo d'esta carta. — A juxta-posição de desconhecidos e indifferentes substituida de subito a convivencia de tantos amigos queridos e leaes, o silencio ao ruido, a gondola ao vapor, a agua dormente da valla as ondas-inhas petulantes e escumosas do Tejo, eis uma sensação que vale a pena de gozar-se, eis emfim um marco plantado na campina rasa do meu viver. Bom! muito bom! —

— Mau! muito mau! — murmurou baixinho o coração contraziado. Era que tinha saudades. Tossi, escarrei, e puz-me a assobiar com a fronte erguida para o céu, como se la buscasse a minha estrella á hora e meia da tarde.

Olhei de relance para B., que não proferia uma syllaba e estava pallido. Parece-me que tinha os olhos arrasados de agua. Continuei a assobiar com mais força, e não me gabo, meu amigo, mais deslivelmente ainda se é possível do que ate ahí o fizera. Entre a cabeça e o coração continuava entre tanto o dialogo. — Bom, muito bom! Mau, muito mau! —

Entramos finalmente na gondola. Dous cavallos hecicos, a cujas sellas rugosas e remendadas la prender-se a corda que a movia, começaram a choutar ao longo da senda marginal de sirga, montados por dous campinos em *deshabillé* ribatejano. A pobre gondola, fina, leve, elegante, construida talvez para correr nos canaes de Inglaterra, deslisava pela agua adormecida, como affrontada d'aquelles instrumentos grossieiros e miseraveis de tracção dorminhoco. Repugnava-me estes empréstimos de meia civilização que pedimos aos outros povos. Aceito a *muda affida* do honrado e infeliz Moninho; aceito a caleja, a liteira, o macho de albardão, o carro do Alentejo com o colleção guarda-ossos, e o sobre-cu guarda-sol; aceito a falia immunda, e o saveiro esguio e bailador; aceito o carreiro de cabras na montanha, o cehão e a corda de areia no rio; aceito tudo o que é franca e bal expressão de um paiz atrazado e das usangas nacionaes semi-barbaras. Sabe Deus, até se, em vez similha, eu não lhe peço que me deixe morrer antes de acabarem todos esses vestigios das epulas energicas e rudes de nossos avós. O que não tolero é esta pobre gondola atada a dous rocos lazarentos, as alhar las gothicas, nos campinos selvagens, como uma cousa viva a uma cousa morta, e representando um synchronismo impossivel entre os dous termos: 1553 — 1853.

Estavam na gondola seis ou oito pessoas accumuladas a prôa e quatro ou cinco abrigadas do sol inteno na camera do meio. Eu e B. fomos assentarmos na de re completamente desocupada. Não tenho a indole communicativa, e as caras das nossos compañheiros de viagem eram tão volutaes, que não nos tentavam a sondar que casta de intelligencias escondiam atraz de si. B. z assentou-se a um canto immerso n'aquelle seu habitual silencio, olhando para o céu. As duas lagrimas que pouco havia lhe bai-

lavam nos olhos, oprimas agora pelas palpebras quasi cerradas, deslissavam-lhe mansamente nas faces. Levantei-me e bati-lhe no hombro.

« Antes de ter a sua idade, » — disse-lhe — « tambem eu deixei uma familia querida, não por alguns mezes, mas por um futuro indefinito, não para viajar tranquillamente entre concidadaes e amigos, mas para vagar na terra estrangeira, pobre, só, abandonado. Reclinando-me doente, não sobre os coxins de uma gondola, mas sobre o duro pavimento da coberta de um navio, tambem duas lagrimas me rolaram nos olhos, mas sustive-as porque me envergonhei de mim mesmo; envergonhei-me de ser franco... »

Conhece o caracter de B. \* O sangue refluio-lhe do coração ás faces, até ahí pallidas. Ficou immovel algum tempo. Depois ergueu os olhos para mim. Tinha-os enxutos. Levantou-se, saiu para o pequeno espaço descoberto á pópa da gondola sem me dizer nada, e poz-se a contempilar as margens.

Tenho as vezes inspirações tão bestialmente estupidas, que não sei como hei de escapar de ser mais tarde ou mais cedo ministro de estado. Seria milagre da grossura e tamanho do de Ourique. Veja, meu amigo, se ha cousa mais absurda do que aproveitar a invencivel tristeza do nosso pobre B. \* para assalhar vaidades do passado! Ha ahí nada mais brutal do que ir despertar o orgulho de um caracter alto, para com elle lhe varrer as lagrimas, a consolação unica de fundas saudades?

E a gondola, arrastada pelos rocins da meia civilisação, subia mansamente aquella especie de taueque com o rugido quasi incessante dos canigos que bordam as margens e que lhe roçavam pelo costado. A Azambuja, a antiga Villa Franca ou *Villa dos Francos*, descobria-se a espago e a pouca distancia á raiz da cordilheira e no meio dos olivedos. Quem diria hoje aos habitantes d'este territorio que elles são os representantes e os successores de algumas colonias septentrionaes que vieram fundar em Portugal uma nova patria nos comegos do seculo XIII? E toxiava nas formas esbeltas, no tronco espaldado, no porte orgulhoso do ribatejano, restam bem visiveis os vestigios d'essa raga originaria que os chronicistas pintam como agigantada, robusta, e audaz no animo e no gesto. As mil causas que transformam, que misturam, que delem umas nas outras as variedades da especie humana, ainda não puderam em mais de seis seculos destruir na população da margem direita do Tejo os vestigios da transfusão do sangue germanico, vindo pela segunda vez renovar parcialmente a raga mixta, celto-romana e gothico-atrabe do nosso paiz.

As bordas da valla quasi sempre mais elevadas que as da gondola, encobriam a paisagem de um e de outro lado, tornam o transitto monotonno e por isso dobradamente longo. Apenas n'esta distancia de tres a quatro leguas se descobre uma perspectiva grandiosa na margem direita. E a dos Chavões, residencia do mais instruido cultivador de Portugal, o Marquez de Niza. Coloca-lo no alto de uma collina, quasi á beira do canal, o palacio dos Chavões parece um castello secular da idade media no meio das vastas propriedades de um d'esses barões dos seculos XII ou XIII, especie de regulos dentro dos seus coutos e horas, dominando algumas vezes pelo amor, e muitas mais pelo terror, os camponezes servos. As terras do Marquez n'estes sitios, terras que abrangem os dous extensos predios dos Chavões e da Aramenha, offerecem o exemplo, alias tão raro, da cultura aperfeiçoada e ao mesmo tempo lucrativa. O Marquez, homem essencialmente positivo, sabe

ligar a sciencia com a experiencia, e não condemna as praticas da agricultura nacional somente porque são portuguezas, nem adopta qualquer systema só porque surgiu na cabeça de agronomos francezes ou inglezes, sujeitos, como todos os escriptores, aos desvios da imaginação e a darem como factos indubitaveis e uniuersaes os resultados obtidos n'uma cultura de jardim ou debaixo de campanulas de vidro. Com grande tacto do mundo e profundo conhecimento dos homens e das cousas, o neto de Vasco da Gama evitou o ridiculo de ser um d'estes Triptolemos de Walter Scott, que, á força de lavarem no seu quarto com as charruas desenhadas nos *clichés* da Casa Rustica do seculo XIX, attribuem a si a missão de reformar a agricultura em pezo, e de desmentirem até as experiencias repetidas e incontestaveis de muitas gerações. Nas mãos d'estes taes, durante dez annos, os Chavões e a Aramenha seriam uma vasta gandra povoada de cardos ou calva e perdida; nas do Marquez são um modelo em muitos generos de cultura, e se-lo-iam em todos, se a grandeza da propriedade não exigisse para o seu completo aperfeiçoamento capitães superiores aos reursos do proprietario.

O canal prolonga-se hoje até á ponte da Asseca. Quando ahí chegamos o sol inclinava-se para o occidente. Eram cinco horas da tarde. Achamos no caes um homem com os cavallos que o coronel G. \* tinha antepadamente disposto para ahí nos esperarem no dia da nossa chegada. Partimos immediatamente. Atravessando uma pequena porção de planicie, começamos a subir as elevações em cujo cimo esta situada Santarem. Ao longe a villa simula uma vasta fortaleza. É uma linha escura, achatada, cortando quasi recta o horizonte em grande extensão. Ao entrar na villa o aspecto dos conventos meio arruinados, e em parte demolidos, a amplidão dos terreiros e pragas, os palacios desertos, ou habitados por individuos de cujos trajos e porte se deduz que esses nobres edificios não foram construidos para elles, a decadencia e as ruinas, em somma, de uma grande povoação que se vê ter sido opulenta, modificam a idéa que se concebeu ao longe. Então Santarem parece uma cidade, por cima da qual passaram os horrores de estreito asedio e de repetidos combates. Apenas lá muito no interior ha movimento e vida. E como um corpo extenuado a que só restam as pulsações do coração. E esse espectralmente entristece tanto mais quanto os arredores offerecem o contraste do progresso agricula, e em geral do desenvolvimento da riqueza.

Dirigimo-nos a casa do coronel G. \*. Superintendente dos trabalhos da canalisação do rio, o coronel, ausente no alto Tejo por necessidades do serviço, não pudera chegar a Santarem n'esse dia. Recibidos com agasalho cordeal pela sua familia, jantamos ahí. O capitão S. \*, mancebo de intelligencia e instrução, a quem o coronel pedira nos servise de companhia, não só nos foi escolher pousada, tendo nós recusado a aceitar-a em casa do nosso amigo, mas tambem se offereceu para nos acompanhar n'um passeio pela villa. Aceitamos, despedimo-nos das nossas amaveis hospedas, e partimos.

Era quasi sol posto. Eu conhecia Santarem, mas B. \* nunca saira de Lisboa, e contavamos com embarcar no outro dia. Fazer uma idéa geral da extensão de qualquer terra por onde se passa, da sua topographia, dos seus edificios mais notaveis, dos seus monumentos, se os tem, é dever de todo o viajante, e eu queria que B. \* o cumprisse. Começamos então a correr as ruas tortuosas, irregulares e estreitas de Marvilla. Marvilla é a Santarem monumental, languida, arruinada. A Ribeira, escondida

aos pés d'ella para o oriente, entre dous d'aquelles cinco pilares gigantes, que inclinando-se uns para os outros formam com os topos reunidos a baze do Marvilla, é a Santarem da vida, do movimento, da actualidade, embora não possa competir em nada d'isso com outras povoações da margem do Tejo. A languidez e a melancolia como que bafejam do alto dos montes a Ribeira e o Alfange, grupo de casas que tambem parece ter escorregado pela ingreme encosta para ir abrigar-se no reconceito de outros dous montes perto do rio. Ao chegarmos n'aquella especie de correição topographica junto as portas da Alcaçova era lusco-fusco. Encostamo-nos a um papeito que resguarda de um precipicio o caminho que seguíamos. As lufas duvidosas da casaria, cozida lá embaixo com a raiz do despenhadeiro, as luzes que scintillavam ou se moviam rapidas, a nevoa que se elevava do Tejo e tornava mais vagos e indecisos os contornos d'aquelle dedalo de habitações, d'onde subia como as lufadas o murmuro da vida, davam a essa scena o que quer que fosse singularmente phantastico, e de que custava a afastar a vista. A noute que descia escura constrangeu-nos, todavia, a retroceder para nos apresentarmos opportunamente á nossa patria, a senhora Felicia.

B. a quem não deu vinte palavras durante o transitio, e cuja habitual taciturnidade receio venha a converter-se em completa mudez, não sei se lhe escreverá dizendo-lhe o que viu e ouviu n'esta breve excursão; porque, conhecendo perfeitamente Santarem, o nosso cortex cicerone poude explicar-lhe tudo com precisão militar e admiravel lucidez. A mim nada me é licito dizer-lhe. Para nós escriptores de profissão, depois das *Viagens na Minha Terra*, Santarem é como um ponto vedado: pertence de propriedade ao auctor d'aquelle espirituoso e poetico livro; pobre auctor, a quem ahí insultaram e caluniarão um de visconde! O grande poeta não o merecia. Camões morreu no hospital, e o poeta de D. Branca e de Fr. Luiz de Sousa morreu com essa hedionda nieinha atada ao seu nome. Dar pão ao genio trajando-lhe o sambenito, equivale a deixal-o expirar de fome. Os vultos que se elevam tanto acima dos outros, e que se chamam Camões ou Garret, deviam dispensal-os, não só de uma vida de miseria, mas tambem de passarem pela craveira dos aziotas, dos intrigantes e dos galopins eleitoraes. Estes governichos do Portugal serão, porventura, eternamente incorrigiveis?

A senhora Felicia é sem contrahicção o typo das estalajadeiras. A sua familiaridade não é insolente, mas benevola, e a não ser que no fim nos lancem em conta as boas palavras e os sorrisos, ninguém ha mais sinceramente affvel do que ella. O quarto que nos destinou não offende a modestia, e como já lhe disse, mas respira o aseo. Entalade indecisa entre a rapariga e a mulher, entre a plebea e a burzueza, a nossa hospeda reúne as vantagens d'estas diversas condicões, e d'essa duvidosa idade, sem muitos dos inconvenientes d'aquella e d'esta. Viva, alegre, diligadora, e contrastando por isso com o meu silencio ao companheiro, de boa mente eu teria d'adulgar os seus recursos oratorios para ouvir a lareira uma d'essas horripilantes historias de saltadores, unica provisão abundante nas Cidades de Portugal, se não fosse a idéa de aproveitar a noute para fazer uma visita ao padre J. P.

*Continua.*

A HERCULEO.



ARMAS DO MAMELUKO TOUMAN-BEY.

A FAMOSA descoberta do grande Vase da Gama, dera um golpe mortal na opulencia do Egipto. Reinava ali então a dynastia mamelika dos djordjes: mas a quadra corria tão agitada, que a exaltação de qualquer chefe ao poder correspondia a uma sentença de morte. A anarchia era espantosa, todo annunciava um eminente cataclismo.

Causou Gauri, guerreiro auctivo, e eleva-lhe o throno, ao qual não quiz subir sem que se lhe promettesse que se lhe garantiria a existencia no caso de ser deposto! A experiencia de Gauri promettia ao Egipto dias senão de felicidade, de paz ao menos.

Os governadores de Aleppo e de Damus, revoltam então contra elle Selim, imperador dos turcos 1510, que aproveitando o ensejo, projecta desde logo incorporar a Syria e o Egipto a seus vastissimos estados.

Causou Gauri, vencido por Selim junto a Aleppo, graças ao poder da artillaria turca, contra a qual foram inúteis o valor e gentileza dos egypcios, morreu d'espera.

Touman-bey, seu successor, não foi mais feliz: desbaratado em d'importantes recontros, e ahi n'um rizeioneiro em poder de Selim, que mandou a morte enforcado, e o seu cadaver exposto por tres a doze dias a nua, e a ninguém ignorar-se que com elle acabára a dynastia dos mamelicos circassianos, que se havia apoderado do throno do Egipto no anno de 648 da hejira (1260 da era christã) e se sustentara n'elle durante d'importantes setenta e cinco annos.

A morte do Touman-bey foi o signal do extermínio dos mamelicos, dos quaes perto de vinte mil foram lançados ao Nilo por ordem de Selim.

A Syria e o Egipto em separaram-se logo depois nos estados d'isulão, como este projectara.

As armas do infeliz Touman-bey ainda ha poucos annos existiam no Cairo, onde mr. E. Prisse teve occasião de as desenhar. Consistiam em um capacete, uma lança, um pombal, uma *hacha*, ou machado, um *y ulan*, e uma magd'armas. Tinham todas o nome de Touman e a data de 917 e 921 da hejira (1511 e 1515 de J. C.) Eram fabricadas de aço da Persia, a que se chama *khans*, e de lufas d'ellas de ouro com o maior primor e riqueza. Todas aquellas diferentes peças se distinguem pela formosura do desenho, e perfeição da mão de obra.

O machado, que a nossa gravura representa é sobre tudo de um gosto e de uma execução maravilhosos. Os labores que ornão o ferro indicam pelo seu estylo que esta arma fôra fabricada na Persia. Não tem outras inscripções senão as palavras: *Allah, Mohammed e Touman*; isto é, o nome de Deus, o do seu propheta e o do altivo bey.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XXX.

João Garcez.

É oportuno deixar aqui registadas as noticias, que pude apurar acerca da familia e pessoa de João Garcez, fundador do convento dos Loios.

Sabe-se que foi filho de Afonso Garcez, secretario dos reis D. Afonso V e D. João II.

Este Afonso Garcez teve por paes a Lopo de Azevedo e a Catharina Garcez, que veio de Aragão com a infanta D. Izabel, que casou com o infante D. João. Foi Afonso Garcez natural do Porto, acompanhou a França o conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida, e se achou nas justas d'el rei Luiz XI de França com el-rei Henrique IV de Castella. Das soas letras nos deixou memoria João Rodrigues de Sa, dizendo d'elle nas quintilhas:

Seis esculos em um fez  
De nobres gerações seis  
O douto Afonso Garcez,  
O mais sabio portuguez  
D'aquelle tempo nas leis.

Casou com Isabel Fernandes, de quem houve 1.<sup>o</sup> a Jorge Garcez, que foi secretario d'el-rei D. Manuel, e casou com D. Isabel de Albuquerque, filha do chronista Duarte Galvão, e houve a D. Antonia de Albuquerque, sua herdeira, que casou com o grande Duarte Pacheco.

O 2.<sup>o</sup> filho de Afonso Garcez foi este João Garcez, que casou com Leonor de Abreu, que os genealogicos fazem filha de Vasco Queimado, o velho, de Setúbal. Viveu na sua quinta de Valle de Flores, e ali fez testamento a 12 de maio de 1539, e (se houvermos de acreditar o seu epitaphio) falleceu a 5 de agosto de 1547: mas como de seu proprio testamento consta que fôra aberto a 10 de agosto de 1512, d'este mez e anno devemos pôr seu fallecimento.

Foi testamenteiro o padre Marcos da Consolação, reitor do convento. Mandou que seu corpo fosse enterrado no mosteiro, que fundara, na capella de S. João Evangelista, esculpindo-se na campa, cuja materia e dimensões designou, um breve epitaphio, em que somente se declarasse que fôra ali sepultado: o que os paes cumpriram fazendo lavar na campa as armas dos Garcezes, e por baixo este epitaphio:

ARVI. IAZ: IOHAM: GAR  
CES. FVNDADOR. DESTA  
CASA. FALCEO. AOS. B. DIAS  
DE AGOSTO DE 1.5.4.7. (1)

Porém no anno de 1700, a 9 de janeiro, por oc-

1. Documento no cartorio do convento.

asião da reformação da igreja, mudando-se o altar para o meio da capella, para não ficar a sepultura coberta com o degrau do altar, e se não perder a memoria do jazigo do fundador, se trasladaram seus ossos para um concavo, que se fez na parede á parte do Evangelho da mesma capella, e se cobriram com um véu de tafetá preto, encostando-se na parede a mesma campa (2).

Esta posição da campa embutida a promo na parede, deu origem a acreditar-se na villa que o cadaver de João Garcez estava sentado n'uma cadeira, vestido de gala, chapéu na cabeça, espada cingida etc. Para desenganar dos credulos se abriu este sepulchro, com consentimento do dono da casa Manuel Mexia Lobo Corte Real, no 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1810, em presença de muitas pessoas, no numero das quaes me achava eu. N'um pequeno nicho, ou pratelleira vimos alguns ossos em parte já desfeitos, e totalmente podre o panno de seda, que os cobria (3).

(2) Dito ibid.

(3) Não se deve confundir este João Garcez com outro do mesmo nome, seu parente, primo co-irmão de seu pae Afonso Garcez, que foi escrivão de fazenda d'el-rei D. João II, e provedor das capellas d'el-rei D. Afonso IV. A este deo el-rei D. João II carta d'armas, passada em Évora a 6 de novembro de 1481 (livro 2.<sup>o</sup> dos Místicos), na qual refere que em 25 annos de servizo se achara na tomada d'Alcaerem em Africa em tempo d'el-rei D. Afonso V e na expedição de Anafé pelo infante D. Fernando, e que n'esta fôra armado cavalleiro pelo mesmo infante; e que se achara com o mesmo rei D. João na tomada de Arzilla e Tangere; e se achara mais na de Castro Queimado entre Samora e Toro com o mesmo ainda príncipe, a quem assistia servindo e pelejando como homem digno de toda a honra; e servira com treze cavalleiros a seu pae D. Afonso V com despeza de sua fazenda. As armas são: Em campo azul uma garça d'ouro recostando-se posta direita ao longo do escudo, a saber, em pala entre quatro estrelas de ouro, que ficam atravez no esculo como faxa, ao longo tambem em pala. D'este João Garcez descendem os Garcezes Palhas. (Bibliot. publica eborense. Cod. CXVII — 1 — 7).

Porque o chronista padre Francisco de Santa Maria não attendeu á differença dos dous homonymos, attribuiu ao João Garcez de Arrayolos o que pertencia ao outro, dizendo: = Em pouca distancia d'esta famosa villa para a parte do nascente possuia João Garcez uma quinta, chamada de Valle Formoso. Era João Garcez homem fidalgoo da casa d'el-rei D. Afonso V, e d'el-rei D. João II, a quem serviu seu- do príncipe, e acompanhou na batalha de Touro com aegões, que lhe mereceram glorioso nome, e não vulgares merecês: alem de outras, lhe deu o príncipe n'aquelle occasião por braço d'armas uma ribeira em campo azul, e n'ella uma garça de ouro formada de prata e picada de azul entre quatro estrellas, e por timbre a mesma garça, declarando-o juntamente chefe dos Garcezes. Foi casado com D. Leonor d'Abreu, senhora illustre da casa de Regalados, e ambos serviram aos senhores duques de Bragança: e na grande tormenta, em que se viu combatida, e esteve quasi arruinada aquella grande casa, querendo a duquesa D. Izabel, ao tempo que prenderam o duque D. Fernando seu marido, mandar seus filhos para Castella, os entregou a João Garcez, como a homem de quem fazia toda a confiança, e de cujo valor e prudencia fiava prendas tanto de seu coração. Assistiu-lhe elle todo tempo de seu desterro cu ausencia com inalte-

Leonor de Abreu, mulher de João Garcez, fez seu testamento em Lisboa na rua da Ametade, junto as portas de Santa Catharina, a 27 de abril de 1547, e ali morreu assistindo-lhe Fr. João de Penalva, religioso de S. Francisco (4).

J. H. DA CUNHA RIVARA.

#### DAS ANTIGUIDADES DE BEJA.

Em seguida publicámos uma carta dirigida pelo nosso collaborador o sr. J. M. Nogueira ao sr. Manuel da Gama Xaro, distincto archeologo, residente em Setubal. Além de poder apontar-se com um modelo de estilo epistolar esta carta dá noticia de uma obra manuscrita, que não conheceram os bibliographos portuguezes, e que deve conter muitos esclarecimentos preciosos. Tanto bastaria para excitar a curiosidade dos que se interessam pelas nossas cousas, e para justificar a publicação da carta, se ella nos não fizesse tambem alimentar a lisonjeira esperanza, e nos não dêsse, para assim dizer, o quasi direito, de haver mais larga informação do interessante m. a que se allude.

Lisboa, 28 de abril de 1854. — III.<sup>mo</sup> sr. Manuel da Gama Xaro. Ando ha muitos dias para escrever a v. s.<sup>a</sup>, e não o tenho feito, receoso de lhe ser importuno; mas hoje lancei para longe todos os receios, esperando da bondade de v. s.<sup>a</sup> que me relevára a sem-ceremonia com que vou roubar-lhe o tempo, e distrahir de trabalhos valiosos a sua attenção.

Desta vez não é nenhum amigo, que me obriga a pedir a v. s.<sup>a</sup> o auxilio da sua illustrada penna para a publicação de algum seminario de instrução popular, e a extorquir-lhe, por instancias de amigo e conterraneo, promessas que applicações graves e

ravel fidelidade e constancia, até que empunhando o sceptro o felicissimo rei D. Manuel, mandou vir para o reino aquelles principes seus sobrinhos, e os restituiu a suas honras e estados, fazendo-se ao mesmo tempo João Garcez, pelo bem que os servira, digno dos louvores e agrados d'el-rei, e dos parabens e applausos de todo reino etc. » (= *Côa aberto na terra*, pag. 513).

Qualquer attenção basta para descobrir que o João Garcez, que batalhou na toma da d'Alcaçeres, e que em 1481 já contava 25 annos de serviço, não pode pela idade ser o mesmo, que depois de fundar o convento dos Joãos veio a morrer em 1542; nem tão pouco é de crer que el-rei D. João II, logo que subiu ao throno, desperdiçasse suas mereces com quem era tão cabido na casa do duque de Bragança. O que mais admira ainda é que o chronista da congregação ignorasse que as armas da sepultura de João Garcez de Arrayolos não são as novas dadas por el-rei D. João II, mas sim as antigas da familia (vid. *Nobiliarchia Portugueza*, ve só essa ignorancia indesculpavel lhe pôde servir de desculpa na confissão que faz dos dois Garcezes do mesmo nome.

Qual d'estes porém seria o mentor dos principes de Bragança em seu do-terro, se algum d'elles o foi? Eis o que não posso dar por averiguado.

(4) Neste ponto errou tambem o chronista padre Francisco de Santa Maria, porque depois de ter dado noticia da morte e sepultura de João Garcez,

constantes não deixam cumprir nem ao menos uma vez em cada anno!

Promessas sou em eu quem as faço hoje, e hei de empri-las, porque estou persuadido de que v. s.<sup>a</sup> não ha de desestimal-as. Tenho delineado uma viagem a Setubal para mostrar a v. s.<sup>a</sup> um livro intitulado *Das Antiquidades de Beja*, escripto em 1610, se o meu amigo Porfírio Rodrigues Velloso, official maior graduado da secretaria do reino, que foi quem teve a bondade de m'o emprestar, tiver tambem a de consentir que eu faça com o seu manuscrito, ou que o manuscrito faça sem mim este passeio que prometto.

Beja (guardadas, bem entendido, as convenientes distancias) tambem teve, como Evora, o seu mestre André de Resende, para lhe deslindar as prosapias e honrarias. É o caso.

Vacante a sé de Evora por fallecimento do bispo Alexandre, os nossos pacones de ha mais de dous seculos reuniram-se e acordaram em enderegar ao rei uma carta e petição para que honvesse por bem conceder-lhes um bispo. O illustre honrador da nossa terra, que eu creio que era tambem um illustre orador, tomou a mão, e em torrentes de erudição ecclesiastica demonstrara a flux, que S. Mancio fôra o primeiro bispo de Beja, e não de Evora, porque Beja era então a *cabeça univrsal* d'aquellas partes, e Evora um pequeno logar do districto de Beja não obstante ficar o mesmo logar engrandecido pelo martyrio que o santo ali padecceu. Após S. Mancio, é natural que o orador desenrolasse uma lista innumera de bispos que assistiram aos primeiros concilios, e depois uma enfiada sem fim de razões, a qual d'ellas mais forte, mais de convencer a nossa terra devia ser restituída a sua primitiva cathedra de sé episcopal.

Diz o auctor do manuscrito que o seu voto pareceu bem ao publico da cidade, e que em consequencia d'isso a camara lhe commettêra o cuidado de fazer a tal carta e petição, que effectivamente fez na melhor forma que soube. «E como ui,» acrescenta elle, «estes desejos nos melhores intendimentos, determinei satisfazer lhes com redduzir a publico, debaixo do meu nome, omuito que em todas as idades foi Beja sempre honrada.»

Aqui tem pois a origem do livro.

Parece-me estar já ouvindo a v. s.<sup>a</sup> perguntarme: Que livro é esse que não consta que haja sido descoberto pelo bispo Fr. Manuel do Cenáculo, tão erudito, tão amador de antiguidades, tão dado a colligir e decifrar tradições e inscripções na nossa terra?

acrescenta: « Na mesma sepultura jaz tambem sua mulher, e ambos passaram o que lhe restou de vida, depois de haverem edificado este convento, em umas casas junto a elle; assistindo sempre aos nossos conegos, e sendo assistidos d'elles com extrema caridade e amor, e em seus braços acabaram a vida com grande consolação e alegria por deixarem tão bem empregada a sua fazenda. » (= *Côa aberto na terra*, pag. 513).

Tudo quanto leve dito no texto é escrupulosamente extrahido de documentos e memorias que achci no cartorio do convento.

É á vista do que tendes lido n'estes dous ultimos capitulos, crede lá em chronistas de frades, que deixavam dormir em paz os documentos nos archivos, e se punham mui repimpados na cela a phantasiar devotas lendas para honra, gloria e proveito de sua religião; mas em guerra aberta com a verdade.

Profano nos mysterios da paleographia e da diplomacia (e em muita outra casta de mysterios) eu não sou competente para aderir ao merecimento artistico nem scientifico de manuscritos velhos. Não me falta a coragem, que v. s.<sup>a</sup> dirá que é bem triste coragem, de confessar que só onde não deparo com pagina amarillenta, enredada de gregotins muito miúdos e amarellados, posso soletar qualquer escripto sem grandes difficuldades. Onde as entrelinhas, e as emendas, e as notas marginaes, e as siglas *medio-tachygraphicas* de algum licenciado em *degrados* se cruzam e se confundem sobrepostas umas as outras, a mofo de remendos empastados na cipa de mendigo calaceiro, Deus nos acuda! descoração logo de todo.

Vem-me então á memoria o que li n'uma carta, que o nosso patricio José Agostinho de Macedo escreveu relativamente á polemica travada entre os eruditos João Pedro Ribeiro e Fr. Fortunato de S. Lourença, a proposito da historia da abbadia de Alodona. « Nem couteudo, » diz elle, « da diplomacia que se ensina na Torre do Tombo, que vem a ser decifrar letras velhas, assim por modo de enganos de passas, e em que mais se adivinha que se lê; e quando as vejo digo o que disse aquelle cura ao Fr. os banhos a estação: *Quem quizer casar que fuja ha letra.* »

Portanto julgo prudente não me metter em camisas de onze varas para satisfazer a v. s.<sup>a</sup> alguma curiosidade de que esteja accommettido sobre a phrase, o papel, a letra, a orthographia, e os demais caracteres internos e externos do livro. E aqui me cabe devolver-lhe aquelle *Deus vobis haec otia fecit* que para cá me enviou por engano.

Podia, sim, dar-lhe já noticia de muita coisa que o ha de interessar; mas para que serve dizer-lhe que o auctor era de Alrantes; que o nome lh'o cortaram nas paginas em que estava, ou lh'o apagaram debaixo de grande volume de borrões; que tinha a preciosissima prenda de manejar a penna e o pincel; ou que, por exemplo, o livro era dirigido á *cotholica magestade d'El Rey Philippe terceiro deste nome entre os Cesares de Castella e segundo entre os de Portugal*; mas depois mudando-lhe, como se costuma dizer, as settas em grellhas, o destinaram ao *Rey Don João quarto deste nome entre os Cesares de Portugal*; & Não faria senão anticipar a novidade com que o livro o ha de ir colher de improvisio.

Uma coisa porem pego em licença para protestar a v. s.<sup>a</sup>; e é que, por mais exagerado e seccante que o livro seja, o estimei sobremaneira. Andava impaciente por o ver; abri-o estremeccendo de alvoroço. Li-o com entranhada saudade da nossa patria; percorri-o todo n'um momento; posso dizer que o devorei todo, que o adivinhei todo, sem quasi exceptuar as linhas arrezadas dos retoucos e emendas que lhe fizeram n'algumas paginas.

Não sei se penso mal; n'estes desejos insoffridos, n'estas tristezas e saudades que se sentem no intimo do coração ao ver um manuscrito das antiguidades da terra natal, parece-me que ha, não direi *egoismo* mas desculpavel *egotismo* de velho e de namorado. De velho: porque só quem o é ama vaidosamente os tempos que foram. De namorado: porque a patria é como a amante, que seduz pelos encantos, e allucina e enfeitiça, até lhe não quererem saber os defectos, aquelles que fez seus tributarios ou captivos.

Quando as leituras antigas começam do aviventar no homem as memorias e sympathias do passado: quando esse homem sente o desejo de recuar na senda angustiosa da vida para resumear e continuar sem descanço a mesma peregrinação, é que já enve-

lheceu. Ainda o cabello lhe pode negrear; ainda os annos poucos e inexperientes, talvez lhe sorriem não sei que esperanças e illusões, mas esse homem, pelo menos moralmente, é já velho.

Os que estão áquem dos quarenta, como eu, e os que já passaram d'elles como v. s.<sup>a</sup>, todos temos envelhecido depressa. A vida tem corrido excessivamente procellosa para todos! Uma differença porém ha que notar: as vigílias do estudo e as meditações envelhentam; mas, em compensação, dão o saber, e acrisolam o amor da patria sem remordimento de odios e demasias. Pelo contrario, os longos desesperos da adversidade, e os certames ensanguentados da politica, em que eu e tantos outros nos fizemos velhos, não produzem esse generoso affecto sem remorsos de haver mal servido o paiz e a humanidade. O estudo fóra a penitencia de mil peccados politicos, que peçam na consciencia de muita gente, mas o estudo é impossivel, quando a mocidade se malbaratou em luctas estereis, ou quando aquelles, a quem a convicção e a probidade costumam servir de escabello, condemnam o homem á dura sorte de adscriptio nos dominios da *bureaucracia*, onde nem os livros se podem comprar, nem a ignorancia, ordinariamente, deixa de ser um merito galardoado...

Picrei por aqui; iam-se-me trocando nas tristuras de misanthropo os bons humores com que comecei a escrever. Depois, que mal me fez v. s.<sup>a</sup> para en ter a crueldade de prolongar, ainda mais, a minha escripta?

Dize-se que a summa amizade não perdoa a brevidade das cartas dos amigos; mas eu só da summa bondade de v. s.<sup>a</sup> devo esperar perdão de o ter enfiado por tanto tempo.

Digne-se pois v. s.<sup>a</sup> de me dar as suas ordens, como a quem tem a honra e a satisfação de ser

De v. s.<sup>a</sup> attento respeitador, conferraneo, amigo e criado affectuoso e obrigadissimo

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

Ao VIVER monastico tem reprehendido philosophos os seus tres votos como antinaturaes; e o soldado! O soldado é livre para o casamento? O soldado não geme em forçada pobreza? O soldado sobre tudo não é o prototypo da obediencia servilissima? No monge ao menos a pobreza descalça, a continencia sobrecarregada de cilícios, a abnegação do querer, tinham por compensação a esperança de thesouros, de delicias e de um throno para a eternidade! e o soldado!! que lhe promettem, ou que espera por tantas remunerações? oh! a sua humildade, se fosse livre, seria inquestionavelmente de todas as heroicidades humanas a mais estupenda: mas não é livre: naas do que no religioso opera a esperança do premio, opera n'elle o seu unico movel, o medo do castigo: o cenobita padee e canta: o soldado padee e nem ouza suspirar: aquelle canta, porque na phantasia lhe riem céus; a este negream-lhe na idéa o calabouço, as varas, a grilheta, a farda rasgada, o fuzilamento.

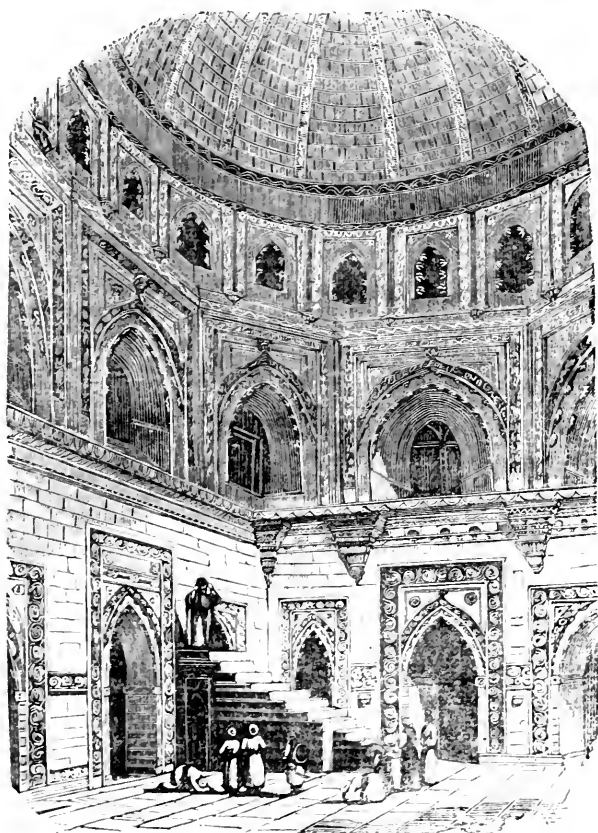
CASTILHO — FELICIDADE PELA LAVOURA.

— A vaidade e o orgulho eustam-nos mais que a fome, a sede e o frio.

— Não reserveis para amanhã o que podeis fazer hoje.

BASTOS — MEDITAÇÕES.





INDIA — ATOULA-KHAN-MESJID

A MESQUITA de Atoula-Khan-Mesjid é uma das mais magestosas de todo o Indostão, alias tão rico de construcções soberbas de similhante genero.

Foi erigida na cidade de Juanpou, que dista de Bénarés cousa de cincoenta e seis kilometros, ou mais de onze leguas.

Hodges, escriptor inglez, opina que esta mesquita fôra edificada em 1394 por Chaja-Jehan vizir de Mohammed-Shah. Daniel porém diz que ella fôra construida no seculo 17.<sup>o</sup> Outros finalmente querem que a fundação primitiva do monumento remonte á epocha marcada por Hodges, accrescentando que fôra reconstruido posteriormente. Nós não podemos decidir a duvida; mas o que não admite contestação é que

a mesquita de Atoula-Khan-Mesjid, que os muçulmanos têm em grande veneração, é realmente magnifica; calcula-se o seu custo em vinte milhoes de francos, ou tres mil e duzentos contos da nossa moeda, pouco mais ou menos, e por aqui pode avaliar-se a sua grandeza e riqueza.

Exteriormente apresenta a forma de uma fortaleza; de cada lado da fachada tem duas grandes torres quadradas, que se communicam uma com outra por uma soberba arcade em ogiva.

A mais formosa parte do interior da mesquita de Atoula-Khan-Mesjid é a nave central, que é a mais alta e mais decorada, com esculpturas e pinturas.

## NA ESTREMADURA.

(FRAGMENTO.)

## CARTA PRIMEIRA (1)

A ANTONIO DE MELLO S. LOURENÇO.

PERGUNTAR-ME-HA provavelmente quem é o padre J. P.\* É um d'esses homens de que abundam as nossas províncias, e que morrem obscureamente pela casualidade de terem nascido e vivido fóra da capital, um d'esses homens cuja vocação litteraria é annullada por falta de ar e de espaço no recinto de uma pequena povoação. Annullada, não disse bem. Não se annulla; torna-se rachyctica; manifesta-se em trabalhos, senão absolutamente estereis, insignificantes em relação á capacidade do obreiro. O padre J. P.\* é um homem de instrução e de elevada e prompta intelligencia, que, retido por circumstancias particulares n'um limitado theatro, concentrou ahí toda a actividade do seu espirito. Santarem tornou-se o seu idolo. Viu-a bella e prospera, e amou-a; viu-a enaciada e decadente, e amou-a. Amou-a com os seus vinte e seis templos, com os seus palacios ainda habitados, com os vestigios das eras mais remotas ainda bem palpaveis, com os tumulos de principes e de homens illustres ainda intactos. Amou-a depois com os seus conventos arruinados ou demolidos, com os seus palacios ermos, com os seus tumulos arrombados e dispersos, com todas as cicatrizes que lhe estampou nas faces uma porfiada lucta entre o passado e o presente. Os annos da idade robusta consummú-nos a estudar as memorias d'esta povoação romana, gothica, arabe, leonesa, portoguezia, que tantas raças tem successivamente abrigado no seio; a vista gastou-a quasi inteiramente a decifrar inscripções, a procurar n'uma phrase ou palavra incompleta, n'uma letra avulsa gravada em canto carecunido dos seculos o nascimento de um officio. A propria mudez das pedras afumadas, corroidas, mugosas, interrogou-a, e a mudez respondeu-lhe. Como uma das incarnações de Vishnú, o padre J. P.\* converteu-se no espirito de Santarem. Santarem hoje falla com as palavras d'elle; narra a propria biographia a quem l'ha pergunta; explica amplamente cada mutilação dos membros que lhe faltam, cada chaga do seu tronco dilacerado, cada ruga da sua fronte simil. Talvez n'um ou n'outro caso saiba mais do que a realidade; mas as povoações antigas são como os homens provecctos: amam todas as tradições que lhes representam á memoria a sua juvenitudo, e não curam do ápice da historia quando se trata de recordar saudades. Deixemos pois que o velho sanchocho de S. João de Alporão seja a canchalla d'onde se publicavam os edictos dos imperadores romanos. Que mal nos fez Augusto Cesar em mandar proclamar as suas leis de uma janella mostrada no século VI ou XII? Porque não continuarmos a estudar cordelmente os assassinos de Santa Trilá, aquelles brutado e Remigio do tempo do rei Recastitago, e porque não concederemos que os restos de muralhas da Meagova fossem ahí erigidos por mãos romanas, ou, se quizerem, pelas mãos dos genitrices celtas do famoso rei Abides?

O padre J. P.\* atherou-me pela voz apenas eu me apresentei. Pareceu tristeza vel-o. Sem ter permissão da viuza do seu espirito, appareciam-me os dedos plúmbicos de seis annos, que tantos

ha foi meu guia no meio da terra das grandes ruínas, da terra monumental. A vista tinha-se-lhe notavelmente enfraquecido. Recebeu-me com os braços abertos: fallámos da villa, de litteratura, de antiquallas e de politica. A velha Santarem, . . . quero dizer o padre J.\* P.\*, não é um d'estes pedantes importunos capazes de nos fazerem abominar os versos de Virgilio ou os periodos de Cicero quando coados pelo bragal da sua erudição, pezada como um couraçeiro austriaco: a instrução do respeitavel sacerdote é variada e ridente sem ser superficial. Possa elle ainda por largos dias ser a historia viva da patria de Fr. Luiz de Sousa!

Hoje acordámos do somno do justo, porque o meu amigo sabe que eu tenho o somno do justo, adormecendo impreterivelmente apenas encosto a cabeça, e B.\*, apesar das saudades, da quasi nostalgia que o devora, houve por bem imitar-me; acordámos, digo, á voz accusadora do coronel G.\* que chegára n'essa noite a Santarem, e que já nos reprehendia de abusarmos da hospitalidade paciente da senhora Felicia, perpetrando o escandalo domestico de nos erguermos a deshoras. No seu enthusiasmo o coronel refutava-se a si mesmo, abrindo machinalmente a janella e deixando-nos ver por entre as nevoas do somno o clarão vermelho que precede no horizonte o disco esplendente do sol. Ainda não eram cinco horas. Vestimo-nos, abraçámos o coronel, e saímos com elle a gosar a aragem fresca da madrugada. Na villa ainda se não sentia senão um tenue ruido, e o ar puro e diaphano estava impregnado dos effluvios nocturnos dos arvoredos que rodeiam a povoação. Aquellas horas o halito do campo invadia Santarem por toda a parte, e as harmonias da natureza agreste murmuravam o cantico matutino por essas ruas, que simulam debalde no aspecto as de uma grande cidade. Aspirando as brisas suaves por entre a molva arruinadas dos palacios e conventos que campeam sobre as habitações modestas dos santarenos, eu abençoava a injusta condemnação fulminada pelo nosso amigo contra uma imaginaria priguica.

Almoçámos em casa do coronel e resolvemos passar o dia em Santarem. Elle deve partir amanhã para o alto-Tejo, e a commissão que levamos da Academia torna necessaria uma visita nossa ao castello de Almoural, onde, segundo dictos vagoes, existem inscripções da idade media ainda desconhecidas. Poderemos assim aproveitar a gondola da superintendencia, não só para explorar aquellas celebres ruínas, mas tambem para examinar as do castello de Belver, situado na margem direita do rio acima de Abrantes. Acaso esta antiga preceptoria dos hospitalarios, esquecida n'um districto rude e pouco frequentado, conservará ainda inscripções ou outros vestigios historicos, e póde ser que além d'isso se nos depare no transito alguma coisa util aos fins da nossa peregrinação litteraria.

Posto que os exames de archivos que me incumbem fazer dizem especialmente respeito ás dioceses de Coimbra, de Vizeu e da Guarda, onde consta á Academia que existem documentos preciosos relativos aos seculos XII e XIII e aos que precederam a monarquia, inclaguei n'essa manhã se nas parochias de Santarem haveria monumentos d'aquella epocha. Apenas o vizario do Salvador, que me parece homem de instrução e juizo, me disse que no archivo da sua igreja restavam alguns pergaminhos antigos que se não sabiam decifrar. Prometten mostrarmos amanhã. Mas amanhã é necessario partir. Ficaria os pergaminhos do Salvador para uma nova reunião.



ra os locupletar, gastaram-nas por toda a parte em derrubar os monumentos da idade media, tão poeticos, tão ricos de inspirações e saudades, para os substituirem pelas hesitações e disparates architectonicos do renascimento, e depois pelas sensaborias e prosaismos da architectura greco-romana restaurada, tão grega ou romana como as phrases de uma bulla são as phrases de Cícero, ou como a lingua romaiça é o idioma de Homero.

Duas inscripções, a do frontispicio da igreja e a de um tumulo na escada do côro, em tudo o que resta de S. Maria de Alcaçova, a primitiva e legitima. Quem sabe? Talvez no interior das paredes, debaixo das lajeas do pavimento, jazam truncados alguns lodões de capiteis, alguma d'essas gargulas, em que o artista dava vulto ás imagens dos seus pesadelos nocturnos, alguma admiravel curva dos tectos artesoados, algum fragmento dos rotos espelhos e dos maineis rendados. Da velha matrona chamada a collegiada, companhia de sapadores cossacos, que ahi andou perseguida a roer a igreja de Santa Maria, restam apenas á flor da terra dois ou tres dentes, fallhados, cariados, cheios de pedra, é verdade; mas que ainda roem n'uns restos de engelhados reditos, e cujos odios anti-artisticos, quasi impotentes, se manifestam só nas caeadoras frequentes, e no ochre e vermelhão, de que cobrem umbras, pilastras, paredes, silhares, e beiradas d'aquelle armazem do Senhor. São dous ou tres conegos, residuos dos dezete instrumentos de masticção que ahi devoravam dezete prebendas, a psalmar, a comer, e a esgaravar nas pedras accumuladas pelo mestre Pedro Arnaldo. Não o diga a ninzeim, meu amigo, que me excomungam os archeologos; mas juro-lhe que antes quizera que os conegos e a linhagem de Unhão tivessem consummido cem existencias em desfazer dous cipos romanos collocados no adro de Santa Maria, do que em apertar as elegantes ogivas e os columnellos esbeltos da igreja dos templarios. Os cipos contêm duas inscripções tumulares de dous habitantes obscuros de *Olisipo*, a Lisboa romana, como sabe. Estão impressos. Se não o estivessem e se antes de o estarem os conegos e os unhões os houvessem derribado e reduzido a pó impalpavel, a perda não seria demaziada sentida.

Para nos facilitar o accesso no interior do edificio o capitão S. tinha procurado um dos conegos que morava mais proximo, mas não o haviamos encontrado. A habitação do reverendo e um pequeno quintal contiguo estão situados sobre o muro antigo do castello no cimo da aspera e elevada ribanteira do rio. Aquelle recinto onde come e dorme e cultiva as suas alfaces um clérigo imbelte e meio trapalhão viu já por muitos annos reduzir no seu seio os restos das linceas, e receber muitas noites com os pés sobre pozas e a nua dos vigias e soldas. Esta mansão triste e pacifica estava talhada para residencia de um poeta, porque essas pedras, cujas arestas brancas e macias o tempo e que nada dizem ao velho conego, lhe tiram a elle mil segredos e mil saudades do passado. Um oratório altíssimo, cuja base os conegos solidaram em d'ombros de sebestina, um quarto de lousa, servia de mirante ao pobre clérigo que tivera só aprehensão de ir lá a ler para ir nas noites de insónia a desfolhar ali o seu breviário, ou bocejar a spenta da ceia, que ali se a extinguição dos d'ombros torria provavelmente indigna de um appetito monumental.

Em um canto, porém, de parte dos muros de casa do conego, e a meio tope, topámos um d'elhe perto da colina de Alcaçova, o qual nos fez a nossa visita, o tom de voz e o modo de olhar, e a maneira de falar, e as

como as do busto de moeda safada, a testa deprimida, o olhar empanado e vago do novo cicero, descobriam as incultas solidões da sua alma. Ao aproximarmos-nos da igreja, n'um muro meo arruinado, que escondia a quem passava um recinto de completas ruinas, havia uma porta, cuja volta tri-centrica e cujos lavores, mais grosseiros e simples que os da architectura manuelina, designavam uma construcção do meado do seculo XVI. O padre parou, estendeu a mão, e disse-nos:

«Aqui era o palacio do senhor D. Affonso Henriques. Por esta porta costumava elle sair para a igreja da Alcaçova.»

Havia no gesto do reverendo uma convicção tão profunda, que supprimi o impeto do riso. Lembri-me de que já concedera aos cesares romanos o mandado de publicar os seus edictos da varanda de S. João de Alporão. Era crueldade prohibir ao tyranno Ibn-Errik dos arabes, ao maldicto de S. Rozendo e da fradaria de Cella-nova, ao fundador da monarchia portugueza o sair dos proprios pagos por uma porta construida no tempo de seu decimo quinto ou decimo sexto neto. Calcie-me e segui ávante.

O padre conduziu-nos ao claustro. E um pateo triste, humido, rodeado de uma arcaria moderna, insignificante como o gesto do nosso guia. Levou-nos á sacristia, que nem sequer vale a pena de mencionar-se. Subimos a escada do côro, onde se vê embebido na parede o antigo tumulo de que lhe fallei. B.\* leu-o em voz alta com a rapidez de quem está habituado a decifrar os caracteres dos seculos medios. O conego estava pasmado a principio; mas quando B.\*, com a facilidade que igualmente lhe tem dado a leitura continua das phrases latino-barbaras, começou a verter correntemente a enredada inscripção, não pode ter-se que não o interrompesse. Era que as cogegas de erudito tinham vindo beliscar a intelligencia dormente do reverendo.

«Esta sepultura, — atalhou elle, — é de um filho do senhor rei D. Sancho I, ou II, ou III, ou ...»

«De quem? — acudi eu, voltando-me aterrado ao sentir eminente uma dynastia de Sanchos quasi interminavel como a dos Pharaós.»

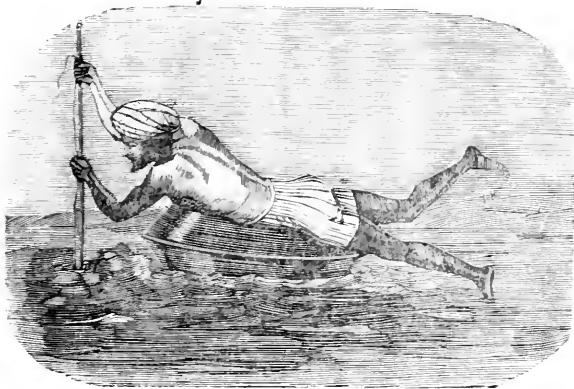
O terror, segundo creio, pintava-se-me nos olhos. O padre calou-se, B.\* tinha-se virado para o lado opposto e conhecia-se-lhe nos movimentos do corpo a lucta que travara com uma gargalhada, forçando por escapar-lhe do peito para ir ecoar por aquellas abobadas.

O tumulo, que data dos primeiros annos do seculo XIII, encerra as cinzas de certo cavalleiro chamado Mendo Affonso, a quem, como era natural, a inscripção tece desconhecidos elogios. Só não diz que fosse infante de Portugal.

D'ali ávante o reverendo seguiu-nos em silencio. Em silencio escutou algumas das observações que acima fiz, e que involuntariamente me escaparam então, ao contemplar os vandalismos, mais parvos ainda do que brutos, de que fôra victima esse templo transformado, e, em relação á arte, indignamente prostituido. Era sol posto quando nos despedimos da Alcaçova, e voltamos a casa da tia Felicia.

Bateu a meia noite. Largo a penna para imitar B.\* que dorme profundamente. Necessito de repousar algumas horas antes que chegue a da partida. Abraços aos nossos amigos.

A. HERCULANO.



PESCADORES INDIANOS.

É GERALMENTE sabido que os chins costumam empregar na pesca uma especie de corvos marinhos, de tal sorte adestrados, que com o auxilio d'estes preciosos animaes conseguem muitas vezes os pescadores do celeste imperio tirar um producto superior ao que os nossos ousados marítimos só obtêm a custo de muito trabalho e com risco das proprias vidas.

Não é menos singular, mas sem duvida infinitamente mais perigoso, o modo por que os habitantes das margens do Indus, no Sindhi, ou Sind, pescam o peixe de que se alimentam uma boa parte do anno.

O pescador indiano lança na agua um vaso muito leve, de argilla, e da forma representada na gravura; depois, encommendando-se ferverosamente ao seu Allah, deita-se-lhe em cima de brucos, e de modo que fique tapada a abertura superior do tal vaso: se pretende pescar o *pula* (casta de peixe de que os indianos são muito gulosos) deixa-se levar pela corrente, porque este animal quasi sempre nada em sentido inverso d'ella; senão avança para o largo, servindo-lhe mãos e pés como de remos para vogar. Em todo o caso na cinta, ou para melhor dizer, no cõz da seroula, leva um ferro de lança affiado; e na mão direita uma vara de quinze pés de comprido, com um laçada na extremidade. Logo que tem conseguido apanhar algum peixe, aperta fortemente a laçada, levanta a vara ao nivel da agua, mata o animal com o ferro de lança, e deita-o para dentro do vaso. Assim prosegue na sua tarefa até ter feito boa provisão de peixe, recolhendo-se então aos seus lares, o que nem sempre consegue sem correr perigo de ser assaltado pelos crocodillos, que povoam aquellas paragens.

## VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA

## N.

«TERRA!» brada a vigia do seu posto, tantos pés acima do nivel do mar.

É todos buscam no distante horizonte os desejados montes, similhantes aos recantos de uma nuvem-zinha, e que só os olhos costumados de experiente navegador podem distinguir de tão longe.

O homem não foi feito para andar sobre as aguas, porque sente sempre uma alegria inexplicavel ao avistar a terra, seja embora um paiz doentio, seja o lugar do exilio ou do degredo.

«Terra!» repetem todos no bergantim, pendurando-se pelos bordos e pelas enxarcas, com ar prazenteiro.

E essas montanhas que crescem para nós, mostrando a seus pés cada vez mais distintas as praias, os arvoredos, as povoações, é um clima mortifero, aonde tantos de nossos companheiros vão encontrar a sepultura, e quasi todos curtir terriveis febres, deteriorar a saude para sempre!

Ja se enxergam as bandeiras nas fortalezas de Angola; ja se vêem os mastros dos navios ancorados no porto por detraz da ilha de Loanda; o escalero do patrão-mór dirige-se para nós com força de remo; vamos entrar na capital das possessões portuguezas na costa occidental de Africa.

É uma bonita cidade *S. Paulo da Assumpção de Loanda* (que todos estes nomes tem!) Ou se enxerguem as casas da beira-mar por entre erguidos coqueiros, ou se mire a parte alta da povoação, decorada com os palacios episcopal e do governo, o aspecto é sempre risinho; e muito folgar de orgias ha ali, sem d'outra... mas quantas dores tambem, e quantas miseria nas cubitas de pobres negros, e nos grabatos de mil-lizes degralados, quantos sonhos de ambição estavecendo-se pelo fogo devorador da febre sobre leitos dourados!...

O que admira realmente, é não se contemplar n'aquelle extenso ambito uma só igreja de sumptuoso aspecto; e saber-se que um me-quinho templo está servindo de cathedra ao bispado de Angola e Congo! Pelo contrario as fortificações tem um ar grandioso, que bem conluz com a importancia d'aquella povoação.

A fortaleza de *S. Miguel* collocada sobre um morro na extremidade da povoação, e cujos fundamentos foram lançados ha quasi tres seculos pelo primeiro governador da colonia, parece dominar a cidade, e a sua posse, tantas vezes disputada, foi sempre o alvo a que se dirigiram as marçalls que pretendiam senheorar Loanda, desde Paulo Dias de Noves, que ali fez o assento da primeira povoação, a *Acad.*, até Salvador Corraa que d'ella expul-

nos os hollandezes; e ainda nos modernos tempos, por motivo de qualquer commoção popular ou revolta militar, é á fortaleza de S. Miguel que recolhem as autoridades para impor a lei aos amotinados; e é tambem nos seus carceres que muitos d'elles têm expiado culpas, e bastantes innocentes hão soffrido os rigores de despoticas vinganças. A esta fortaleza está ligada a historia da colonia desde o seu descobrimento; narrando os successos de que tem sido theatro, teriamos o mais importante d'essa mesma historia; porém o leitor encontra muitos livros aonde a procurar, e conceder-nos-ha por tanto que varíemos de assumpto.

## XI.

Saindo da cidade, na direcção da barra, encontra-se um lindo passeio, todo plantado de arvoredo; ali se vê um toco monumto que recorda o nome do governador Luiz da Motta Fêo, nome que aliás se encontra esculpido em outros logares de Loanda, em memoria dos varios melhoramentos que emprehenêra em beneficio da povoação; em contraposição d'isto existe porém uma tradição popular que diz, com respeito ao regresso do mesmo capitão general ao reino, estas epigrammaticas palavras: Era muito bom senhor... deixou-nos os olhos, para chermos por elle!

Pouco distante do termo d'esta estrada, sobre um ilhote, está a elegante fortaleza de S. Francisco do Penedo, construida com uma solidez pasmosa n'aquelle rochedo, sempre batido das vagas. Não passarei adiante sem mimosear os leitores com uma quadra, que vi esculpida na muralha em frente do pátio principal: ella aqui:

Este forte que vós, foi levantado  
Por Sousa illustre, na memoria eterno,  
E pelo grande Almeida consumado  
No quinto anno do seu feliz governo.

1795.

Quem seria o poeta? Perder-se-ia o nome d'este querido das musas!

A distancia de uma legua da cidade ainda ha outra fortaleza, S. Pedro da barra, cuja bateria inferior foi aberta na recha pelos hollandezes, quando dominarem Loanda; e na estrada que vai da cidade para aquelle importante ponto, acha-se o pequeno forte de Nossa Senhora da Conceição, renovado ha poucos annos.

O porto está pois bem vigiado, tanto pela sua entrada principal, como pela barra da Corimba, na extremidade sul da ilha de Loanda, formando como um grande fosso entre a dita ilha e a cidade, que é oitros, de forza natural de Loanda.

Esta barra, que tem soffrido o jugo de tão barbaros oppressores, vai ser agora enobrecida com a estatua em honra do seu honrado governador Pedro Alexandrino da Cunha, que ali deixou memoraveis padroes de sãbia administração, rigidez de caracter, e probidade pouco communs n'aquellas partes!

Cousa natavel! No dia em que pela primeira vez aportou a Loanda, estavam ali fundeadas tres navios de guerra portuguezes, as corvetas *D. Isabel o Cruzado*, e a charrua *Princesa Real*; os commandantes d'estas embarcações eram Pedro Alexandrino da Cunha, João Maria Ferreira do Amaral e Francisco d'Assis e Silva, que todos tres foram morrer successivamente a Macau, um de repentina doenga, anothera por um gelado que tomou; outro victima do transcendente ferro chinês; e o ultimo por fogo, ardeado no grande canhão que então equitivamente

O commandante do navio que me conduzia a Loanda, era o sr. Gongalves Cardoso, e mais tarde fomos juntos a Macau, em resultado dos referidos desastres... Deus quiz porém, que ambos voltassem a salvamento a Lisboa!

## XII.

O dominio nominal dos portuguezes na costa occidental de Africa começa em Molemo e inclui Cabinda, as margens do famoso rio Zaire e o porto d'Ambriz ao norte de Loanda; porém o dominio effectivo só tem principio no rio Dande a poucas leguas da cidade; e entre estes dois pontos jaz o conhecido rio Bengo, cuja agua doce mas turva abastece a capital, e por onde vogam livremente immensos jacarés ou crocodilos. Logo acima da foz as ribas do Bengo são deliciosas; no logar de Santo Antonio de Quifandongo encontraes muitos productos agricolas proprios de climas menos abradoreos, e uma vegetação prodigiosa, que começa mesmo na beira do rio; e todavia este lindo sitio não é saudavel! Depois não vos lembre á noute sair de vossa casa, bem fechada, a não ser que, para obsequiar vossos hospedes, tenhaes feito acender fogueiras perto da habitação; ser-vos-ia facil encontrar um tigre ou um leão, e eu não creio que isso vos causese grande prazer, se é que não estou fallando com um caçador de feras, como aquelle amigo de Alexandre Dumas, do qual nos conta maravilhas na sua viagem de Cadix a Tanger, Argel e Tunis.

Ao sul de Loanda o nosso dominio real estende-se até Mossamedes, incluindo n'esta longa extensão de costa o grande rio Cuanza, em cujas margens estão assentes os tres mais doentios presidios de Africa, *Massangano, Mutima e Cambambe*; o rio Cautumbella, a cidade de S. Philippe de Benguella, o presidio de Novo Redondo, o porto do Lobito, Benguela velha, e as praias do Egypto e Quicombo, aonde se embarca urella. Quasi todos esses logares eu visitei, e alguma cousa direi a seu respeito quando velejar para o sul, por agora demorar-me-hei a fazer algumas reflexões geraes sobre esta nossa importante possessão.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XXVI

## Convento de S. Francisco.

A PROVINCIA da terceira ordem da penitencia de S. Francisco em Portugal tinha ja treze conventos n'este reino, quando no anno de 1612 tratou de fundar outro mais na villa de Arrayolos, sendo provincial Fr. Philippe de S. Thizgo. Para esse fim alcançou licença do duque de Bragança, senhor da terra, e do arcebispo de Evora D. José de Mello. A provisão, em que este prelado concede a licença é de 18 de dezembro de 1612.

Foi primeiro intento dos padres fundar a planície do Rocio; ao que a camara se oppoz em razão de ser prejuizo da terra ficar privada do uso do mesmo Rocio, no qual se festejavam os santos com festas de cavallo, e não se podia entrar sobre onde os ho-

mens se vão espairecer, e n'ella se fizeram os alardos de pé e de cavallo; e haver determinação na camara de pelir a S. M. licença para n'elle se fazer uma feira cada anno (1), como de feito se alcançou depois.

Designou porem a camara para a edificação do convento o logar mais alto do outeiro de S. Romão, o que os padres aceitaram; e d'alhi veiu que o outeiro, perdendo o nome de S. Romão, se ficou chamando de S. Francisco, derivando agora o nome da invocação, que os padres deram ao novo convento; e verificando-se aqui em todo o seu vigor o antigo adagio de que pelos santos novos esquecem os velhos.

O accordo da camara designando o logar é de 3 de janeiro de 1613, e do teor seguinte: «Accordaram que por quanto o duque nosso senhor manda que se dê sitio e logar pera se fazer a casa dos padres da ordem da penitencia do padre S. Francisco conforme a devação do povo, mandam que a casa se faça no outeiro de S. Romão junto ao farreagal de Manuel Carneiro, que os ditos padres compraram pera se n'elle fazer a casa, ou aonde lhe melhor estiver no dito sitio e outeiro, visto como tivemos carta do arcebispo, em que lhe dá licença pera a dita casa.» (2).

Começaram logo a fabrica do convento no sitio indicado; mas do farreagal, que haviam comprado a Manuel Carneiro da Veiga por 705.000 réis, e que destinavam para cêrea do convento, só tomaram posse em 1637, depois de vencerem uma demanda, que lhes moveu Custodio de Villalobos de Almeida sobre o mesmo farreagal (3).

O primeiro beneficitor do convento foi Miguel Ferreira, que deu para ajuda da fundação 300 cruzados com obrigação de duas missas annuaes (4).

Os religiosos que vieram correr com a obra, assistiam em umas casas de um irmão da terceira ordem junto á ermida de S. Romão, da qual com permissoo do arcebispo se serviam para celebrarem missa e outros exercicios, em quanto o convento não offerecia commodidade para n'elle se recolherem. A meza da definição da ordem não veio a aceitar em forma esta nova fundação se não em 16 ou 19 de novembro de 1619 (5).

Principiaram a obra pela igreja, e a um lado d'ella formaram uns dormitorios com cellas terreas, e officinas, em que assistiram por muitos annos; até que concludo o primeiro dormitorio de obra alta, puzeram os prelados n'esta casa mais religiosos, da qual foi o 1.º prelado com voto em capitulo o padre Fr. Antonio do Rego, eleito no que se celebrou a 9 de janeiro de 1641 (6).

Progrediu a obra do convento ora com mais, ora com menos calor; e principalmente se trabalhou em tempo dos provincias Fr. Manuel de S. José, eleito

em 10 de agosto de 1697. Fr. Jose da Conceição, o Escotinho, eleito em 9 de julho de 1718; Fr. Manuel de S. João Baptista, eleito a 9 de agosto de 1721 no tempo do qual pararam as obras, contentando-se a ordem em ver concluidos dous dormitorios e a igreja, que tudo forma pouco mais de metade do que deveria ser o convento completo. O padre provincial Fr. José Mayne, eleito a 8 de abril de 1759, ainda tentou adiantar a obra, e julgo que é do seu tempo o refectorio começado ao lado do sul, que todavia não passou dos fundamentos (7).

A igreja é grande, formosa, e formada pelo riscão, que geralmente se usava no seculo 17.º. Foi posteriormente acrescentada no seculo 18.º com grande capella dos terceiros seculares, e sua casa de Despacho. Para a edificação d'esta deu licença a camara em 19 de junho de 1730 (8). No segundo meado do mesmo seculo, provavelmente no provincialado do padre Mayne, os altares foram ornados com retabulos de madeira entalhada, que mostra ser obra dos grandes mestres, que então havia em Evora. As grades da capella do Santissimo são d'este seculo (1817 a 1820), e obra de dous carpinteiros da terra, Joaquim do Carmo, e José Gomes, e imitam as grades de outra semelhante capella da igreja dos Remedios de Evora. Correu com a despesa d'esta obra o capitão-mór Manuel José Mendes de Carvalho.

As campas de pedra, que ha n'esta igreja, pertenceram pela maior parte á antiga igreja do Santa Maria, e foram transferidas para aqui, por despacho do bispo governador do arcebispo de 4 de agosto de 1775 as que não tinham dono, e por cessões particulares as que o tinham (9).

A saeristia já estava sem tellado nos ultimos annos dos frades.

Como mendicantes, que eram, viviam os padres de esmollas. Mas não havia riqueza, que igualasse a abundancia da pobreza franciscana! Crescia o trigo no celloiro, o pão cozido na dispensa, e já não cabiam os borregos e carneiros no pateo e cêrea do convento. Requereram os padres a el-rei e alcançaram alvará no 1.º de fevereiro de 1702 para poderem trazer nos coutos 200 a 300 cabeças d'aquellado (10). Parece que n'este ponto andaram mais bem avisados, ou não se desmandaram tanto como os seus co-irmãos padres Loios, pois não acho noticia de ter havido desacordo sobre o uso dos pastos entre a camara e o convento.

No seculo passado, epocha do maior esplendor da ordem, costumava haver aqui 18 a 20 frades; depois que a ordem começou a decair nos fins do mesmo seculo, tambem diminuiu a povoação do convento; e por ultimo 3 ou 4 frades eram os seus ordinarios habitadores.

A decadencia da ordem a obrigou a abandonar o convento, que tinha na villa do Vimieiro, o qual posto que mais antigo que o de Arrayolos, era todavia de menor importancia por não poder sustentar mais que sete frades, quando Arrayolos sustentava 18 ou 20. Foi abandonado aquelle convento coisa de 30 annos antes da extincção geral, e o que elle possuia se incorporou n'este de Arrayolos.

É digno de notar-se que este convento de Arrayolos nos ultimos mezes da existencia dos frades servia co-

(1) Livro das vereações de 1621 a 1627, fl. 30.

(2) Livro das vereações de 1612 a 1613, fl. 7.

As memorias da ordem referem esta licença da camara ao dia 22 de dezembro de 1612, no que não acho contradicção, admittingo facilmente que n'este dia ou ainda antes, alcançassem a licença, que só se reduziu a escripto no livro competente a 3 de janeiro seguinte.

(3) Tombo do convento a fl. 48.

(4) Ibidem.

(5) Ambas estas datas acho nas memorias da ordem.

(6) Memoria entre os papéis da terceira ordem da penitencia. Masso 1.º ms. cod. CXXIX — 24 na Bibliotheca publica el-rei.

(7) Fr. Vicente Salgado. — *Compendio historico da congregação da terceira ordem de Portugal*. Lisboa 1793, em varios logares.

(8) *Bibliotheca Lusitana*. Tomo 2.º, pag. 839. Livro das vereações de 1729 a 1731, fl. 39.

9) Cartorio do convento.

10) Ibidem.

mo de cabeça da ordem. Porque entrando em Lisboa em julho de 1833 o duque da Terceira com a expedição do seu commando, o padre geral com alguns outros padres se retiraram do seu convento de Jesus, e vieram refugiar-se n'este de Arrayolos, aonde se conservaram até a convenção de Evora Monte, que coincidiu com o decreto da extinção geral das ordens religiosas em maio de 1834.

Fui tomando insensivelmente n'este capitulo o geito dos chronistas dos frades, e para coroar a obra muito desejára poder contar das virtudes dos moradores d'esta casa; mas á falta de mais amplas noticias aproveitarei a que acho de Fr. Amaro do Deserto, frade leigo, de grande opinião de virtude, mórmente da pobreza. Era natural do Cural, junto a Chaves. Falleceu n'este convento a 5 d'abril de 1737; e o convento lhe fez exequias, a que assistiram os principais da terra (1).

Agora cale-se o chronista, e falle o padre visitador. E' mister que assim seja. Os chronistas apenas se encarregarão de narrar a historia dos frades, vistos pela parte de fora. Falta a outra metade da historia monastica, a dos frades vistos pela parte de dentro. D'esta deveriam ser auctores os padres visitadores; mas infelizmente não propendiam para escriptores publicos; e até parece que faziam gala de o ser sem secretos e confidencias. Dirigiam suas memorias com todo o recato, mui bem cerradas e lacradas, a seus prelados maiores. Eu tive a boa fortuna (não direi, indiscreção) de interceptar uma d'estas memorias. E' a conta, que o padre visitador dá no anno de 1769 ao padre provincial dos conventos, que visitou. N'ella se acha descripta uma curiosissima scena intima da vida fradesca, passada n'este convento; e aqui a ponho sem mais commentto, posto que poderia dar logar a largas reflexões.

« Arrayolos. Tem este convento 14 sacerdotes, um corista, um leigo coroado, e mais 4 leigos. Fazem bem as funções ecclesiasticas. Ainda que entre estes religiosos ha espiritos apaixonados, conservam uma paz politica. Só havia de notar a dissensão entre o ministro, e o canonista, fundada em uns zelos por amor de umas raparigas, chamadas as *Condeças*, filhas espirituaes, que tinham sido do canonista, e agora do ministro, depois que aquelle teve a suspensão de confessar; e porque das tres irmãs uma, que não queria sujeitar-se ao ministro, se veiu confessar com elle no dia da Ascensão, logo ministro fez paz com canonista; e me veiu dar satisfação dizendo que muitas cousas, que disse contra canonista, talvez não fossem todas verdadeiras, ou por mal informado, ou por desconfiança sua. O canonista, depois que o ministro lhe ordenou não fosse a casa do *conde*, não cumprimentou pessoa alguma da villa em sua casa, por não fazer o caso suspeito. O padre ministro governa-se pelo padre lhas; e Fr. Bento serve-o como negro. — O material do convento está em miseravel estado, e os telhados todos necessitam de prompto remedio. — Peca devendo a communidade ao deposito 48\$031, mas tem muito gado, que vendido dará boas alças. — O padre Quintas requereu dispensa do coro pela manha. O padre Fr. Ignacio que o desocupe de procurador das capellas. O padre Estremo pede os seus privilegios. O padre Gloria quer embarcar. O corista Fr. Diogo, por ter 8 annos de habito, quer reverendas até Evangelho, e pretende estudos. » (2)

Pela extinção ficou o convento sem uso. A igreja foi entregue á ordem terceira secular, que difficul-tosamente terá forças para conservá-la.

Em 1840 pouco mais ou menos o convento e cêrca foram vendidos a um particular da villa; e em 1843 (a 16 de janeiro) (3) a camara comprou o edificio para segurar a posse do claustro, que desde 1834 serve de cemiterio.

A epidemia da cholera-morbus em 1833 foi occasião para se acabar na villa o antigo uso dos enterramentos nas igrejas. Serviu n'esse tempo de cemiterio o pateo do antigo Paço do Castello; mas reconhecendo-se logo que não se davam ali as condições proprias de cemiterio, transferiu-se pouco depois da extinção para o claustro do convento de S. Francisco, aonde se conserva. A igreja é maravilhosamente apropriada para servir de capella do cemiterio, e n'esta qualidade seria muito para desejar que a camara tomasse á sua conta a conservação d'ella, visto que, como disse, a ordem terceira não poderá tomar sobre si este onus.

O convento propriamente dito, como a camara não tinha applicação a dar-lhe, estava naturalmente destinado a cair em ruinas; mas a guerra civil de 1846 e 1847 fez logo o que o tempo só faria no fim de alguns annos. É sabido que n'essa epocha Arrayolos foi quartel das forças, que debaixo do commando do general Schwalbäck (visconde de Setubal) observavam a cidade de Evora. O convento situado fóra da villa sobre a estrada de Evora, era logar propriissimo para a collocação dos piquetes, cuja soldadesca foi queimando as madeiras do edificio, de sorte que logo no inverno seguinte desabou o telhado do dormitorio do nascente, e em poucos annos terá desabado todo o resto do convento.

## J. II. DA CUNHA RIVARA.

**RECTIFICAÇÃO.** Por um d'esses descuidos tão frequentes, e quasi inevitaveis nos trabalhos typographicos houve transtorno na numeração das *notas* do capitulo XXIV d'estas Memorias de Arrayolos. Deve ficar como n.º 7 na pagina 190 a *nota* que está com o n.º 2 na pagina 191. As outras *notas* da pagina 190 depois d'aquella acrescentem-se uma unidade a cada uma, á excepção da *nota* 12, que passará a ser a 1.ª da pagina seguinte, ficando a 1.ª d'essa mesma pagina com o n.º 2.

Com o presente numero terminam as assignaturas d'aquelles senhores que subscreveram para este semanario pelo primeiro semestre do anno corrente: querendo continuar a honrar-nos terão a bondade de assim o declarar em Lisboa aos distribuidores, ou na livraria do Editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228; a quem devem dirigir-se os senhores das provincias, por carta franca de porte, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.

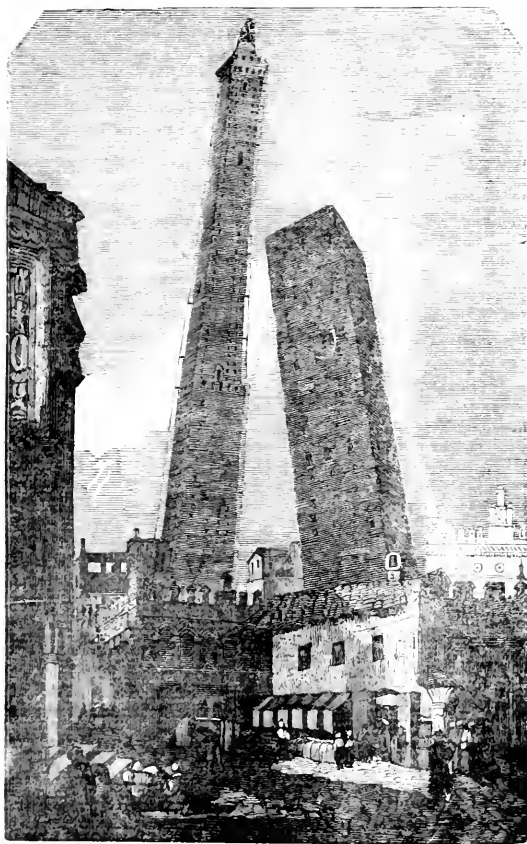
sita no anno de 1769 — Memoria nos papeis da 3.ª ordem da penitencia, masso 2.º ms. na bibliotheca publica eborense, cod. CXXIX — 2-2.

(3) Por preço de 96\$000 réis e escriptura lavrada nas notas do tabellião de Arrayolos José Mathias Sampião Brito Lobo

(1) Memorias do sr. Cenaculo na bibliotheca publica eborense.

(2) *Conta dos conventos da Extremadura, Alemanha, e Navarra, feita por commissão na primeira vi-*





ITALIA — BOLOGNA.

BOLOGNA, capital da *legaço* do mesmo nome nos estados pontificios, situada sobre as faldas do Apennino, é sem contestação uma das mais importantes cidades da Italia. Tem de população aproximadamente 80:000 almas.

Não é só porém pela sua situação official, ou prosperidade mercantil que Bologna se torna notavel entre as demais terras da península italiana, senão pelo grande numero e provada excellencia dos seus estabelecimentos scientificos e litterarios.

A sua universidade, collocada em um edificio espaçoso, e que se diz fundado pelo imperador Theodosio, goza de grande reputação. São dignos de ser visitados o jardim botânico, o melhor da Europa meridional, o museu de antiguidades, o de historia natural, vasto e bem ordenado, a bibliotheca, com 80 000 volumes e 4:000 manuscritos, e o museu de bellas-artes, contendo uma valerosa galeria de

quadros da escola Bolonheza, e alguns primarios trabalhos de Raphael e do Dominiquino.

Os templos de Bologna são magnificos, asseverando Gregorio Leti que não ha na Italia cidade mais rica de edificios sacros. Merecem porém especial menção a cathedra e o templo de S. Petronio.

Devem tambem mencionar-se, os palacios *Magnani*, *Bentivoglio*, *Rizzarzi* ou *Bacciocchi*, o theatro e o palacio do legado. Mas nada merece tanto fixar a attenção do viajante como as altissimas torres que a estampa representa; espanta que sendo tão extraordinariamente inclinadas não tenham ja desabado, tão solida é a sua construcção, e tal foi o artificio dos architectos que as levantaram. Ignoramos em que tempo fossem edificadas; o escriptor acima citado não o declara, dizendo apenas que uma fôra erigida a custa do casa *Ascoli*, e que a outra, a maxima, pay *de' Gherardini*.

## MONUMENTOS.

AINDA não ha muitos annos que das columnas d'este jornal se elevaram os primeiros e eloquentissimos brados em favor da conservação dos nossos monumentos. As scenas de destruição, por esse tempo vulgares entre nós, foram castigadas com mão de mestre. Houve alguém que o taxasse de exagerado, mas sem fundamento. Para deter o desassiado que, indo caminho do precipicio, ainda se acha comtudo a alguma distancia, basta uma palavra, muitas vezes um aceno; porém se lhe falta dar o ultimo passo para que se abysme, só um brado temeroso e solemne o fara parar. Era o que acontecia em Portugal quando a voz do sr. Alexandre Herculano se fez ouvir.

E é bem se diga, que por todos foi ella esutada; a uns fortificou-lhes a propria creença; convenceu duvidosos, e até os que pareciam desdenhal-a, esses mesmos se esclaram.

E um facto que a vertigem demolidora afrouxou, e que se a reção não poude chegar a restabelecer o desejado equilibrio, alguns passos se deram no bom caminho.

Hoje porém que não a voz do gigante, mas seus echos longinquos apenas existem, permita-se-nos lhes juntemos nossa humilde, mas não menos sincera voz. Da-se preito aos bons modcos, quando pretendemos seguir-os, embora certos de lhes ficar distantes.

A *demolinaria* felizmente passára de moda. O camartelo dos *alinhadores* retrahirá-se um pouco, é certo; porém, não só o desleixo tem contribuido para a successiva destruição de muitos dos nossos monumentos, como tambem e talvez mais as pretendidas reparações dos pseudo-conservadores.

Entre as fabricas monumentaes que possuimos, algumas ha que servem como de pontos trigonometricos á historia, religião e costumes do seculo em que foram erigidas, e que portanto devem de ser conservadas a todo o custo. Alcobaga está n'este caso; e todavia nem se acha sequer a coberto das immediatos rigores da estação! As chuvvas têm já invadido o templo; de sorte que o resguardo de que pouca vez parece o casalejo humilde, fabricado de pedra secca e coberto de telha-vã, é, pode dizer-se, uma prerogativa de que hoje não goza o primeiro monumento do fundador da monarchia!

E comtudo cada gota de agua caída sobre os tumulos de D. Pedro e D. Ignez é um pregão de vergonha para nós, que nenhum estrangeiro que os visite deixará de escutar. Em obra de tal ordem, a sua conservação não só decente mas artistica, é um ponto de honra nacional; e quando mesmo os recursos do thesouro não comportassem as necessarias despesas, haveria ainda o appellar-se para a maioria dos portuguezes, que sabendo se tratava de sustentar o credito e gloria da patria, estamos certos acudiriam por sua honra com os meios de os conservar illesos.

Se uma fracção, se um partido, (ao qual pertencemos) quiz e poude ainda ha pouco levar por diante uma memoria a D. Pedro IV, e se prepara talvez para erigir outras; muito mais se deverá esperar quando a nação unida por uma só vontade tomasse a peito conservar um ou mais monumentos de recordação para todos veneranda e benquista; qual o do primeiro Afonso de que fallamos, do rei cuja espada, talhando para si o primeiro throno portuguez, nos decoraia no mesmo tempo com esse nome commum, unico por que gloriosamente nos achámos inscriptos no grande catalogo das nações independentes.

A conservação de um monumento não se resume porém em havermos para occorrer a ella os capitães indispensaveis. Se é já muito, não é tudo. As aguas que, entregues ao capricho da natural corrente, alagam o campo e o tornam improductivo, levando seementes e desenraizando plantas; são pelo contrario quando encaçadas e bem dirigidas o mais poderoso meio da sua fertilidade.

Se os gastos feitos com os monumentos nacionaes tivessem sido superintendidos por pessoas de reconhecida intelligencia artistica e archeologica, é certo que muito mais se houvera aproveitado. O contrario porém é o que por via de regra se tem feito. De raro se encontrará um monumento antigo, onde se não veja a cada passo estampado o sello bastardo do *modernizador* ignorante. A sé de Lisboa, Jeronymos, Mafra e um sem numero de igrejas na capital e suas cercanias dão testemunho irrefragavel do que dizemos.

E é um facto deploravel, mas vulgarissimo, o ver-se a sem-ceremonia com que entre nós se decidem as questões mais importantes relativas á conservação e restauração das obras de arte. Julga-se de architectura como de uma especie de medicina caseira, em que todos se têm por conhecedores das melhores receitas, do mais effizaz e ignorado elixir. Ha comtudo uma notavel differença em favor dos medicos e contra os monumentos, e vem a ser: que para aquellos acabam as curandeirices quando o momento de perigo se aproxima; e para estes quanto maior é o damno que estão padecendo, quanto mais proximos se acham de perderem sua existencia historica e artistica; seja a golpes de picareta ou encasulados em chapadas de cal, é então que o vandalo contemplando a sua obra, não de arte, porém de malas artes, nos annuncia o feliz successo de um monumento restaurado, que melhor dissera aborto artistico de um edificio mutilado. Ora se é crime de lesa-nacionalidade o deixarmos perecer á mingua dos precizos reparos essas memorias, que a piedade, o valor e patriotismo de nossos maiores noslegára; é crime de lesosenso-commum, que ainda é peor, o cotisar-se um paiz pobre em alguns contos de réis a titulo de justa e proveitosa applicação, e dar-se-lhes depois em vez d'isso outra inteiramente contraria e prejudicial. As ruínas de um monumento, não mutilado, podem muitas vezes enriquecer os thesouros da arte; as parvoices architectonicas nunca. Aquellas dão importantes documentos sobre a historia da civilização de um paiz porventura gloriosa, estas mostram sempre a sua incuria e ignorancia.

Julgar-se-ia que adrede a moderna geração tem consentido na destruição e mutilação dos antigos monumentos, querendo d'esta arte acabar com esses contrastes de suas obras, pelas quaes justamente receia o resultado de uma futura comparação. Mas não é esse o verdadeiro motivo. Justa a todos, até mesmo aos pseudo-reparadores dos nossos monumentos. Não são barbaros que se delizem, derrocando as construeções venerandas de seus predecessores, não; acham-se porém incurios no oitavo peccado mortal, que deverá addicionar-se aos sete da doutrina christã, ao menos em relação ás obras de arte; e que se chama ignorancia atrevida. Ignoram, por exemplo, que a arte prescreve diversos precizos para a construeção de uma fonte ou de um tumulo; e lá surge em Lisboa um chafariz de Alcantara; ignoram que um architecto portuguez edificara no seculo passado o primeiro theatro da capital e do reino; e consentem que um estrangeiro sem habilitações risque o de D. Maria II; deixam que para o pedestal de um monumento se traduza em grande escala o

modelo de uma antiga bomba de incendios; que as estatuas da dor, e não sei que mais, collocadas n'um cemiterio, provoquem riso; que se besunte de tinta de oleo com seus laivos assim a modo de boa madeira portas de vinhatico e espinheiro; que sebranqueiem molduras e ornatos de bom marmore; empregando apparentemente a natureza do material, e deturpando a correção dos contornos!

Mas que ha de ser se o verdadeiro *pelourista* da maior parte dos municipios, esse a quem por via de regra pertence a parte mais artistica, ou lizo só artistica das povoações; sendo aliás perito muitas vezes em avaliar a olho o numero de jardas de uma pega de panno patente, ou as geiras de um trato de terra; ignora todavia as primeiras luzes da arte! Mas para esses perdão, que não sabem o que fazem; porém para os que têm a seu cargo evitar o mal, e que não só o consentem, mas que muitas vezes o sancionam; para esses a culpa, que é toda sua; desde a grave responsabilidade pelos estragos providos do seu desleixo até o ridiculo d'essas decisões falso-artisticas em que têm representado o triste papel do *medicus ex sutore*.

Não basta porém avisar o passageiro que se perdéra do verdadeiro caminho, é preciso que este se lhe indique. Eis o que vamos tentar.

Ja ha alguns annos um joven erudito e nosso amigo, (1) propozera de se crear entre nós uma sociedade similhante á de Oxford, cuja missão fosse a conservação dos monumentos nacionaes. O alvitre inegavelmente bom, parece-nos ao menos por agora de difficil execução. Nem o amor pelas obras de arte, nem os conhecimentos archeologicos se acham convenientemente desenvolvidos em Portugal, para que desde já houvessemos de ter um numero sufficiente de individuos habilitados a levarem por diante o pensamento indicado. Qualquer sciencia ou arte menos conhecida, só com o andar dos tempos e pela continua perseverança de cultivadores intelligentes, é que chega por fim a vulgarisar-se. Antes d'isso a sua utilidade e importancia, embora reaes e de valia, são como joia occulta, que por ignorada se despreza. Para se estimar a arte é necessario aprendermos a conhecê-la. Mas para que isto se consiga, cumpre despilha do manto de trévas em que se occulta, apresentando-a em logar proprio e a luz, onde possa ser vista e avaliada pelo maior numero. Quem visse durante o inverno e por primeira vez a arvore formada apenas pelo árido esqueleto de seus troncos, mal poderia avaliar os quilates da sua belleza, quando successivamente coberta de flor e fructos. Quem vendo o cantor dos bosques o não confundiria com a ave commum e menos bella, antes de lhe escutar na primavera os suaves accentos de seus variados gorgoros? A primeira coisa portanto é popularisar os principios archeologicos; proclamando a sua importancia, espalhando-os, ensinando-os. A' medida que o seu conhecimento se for tornando mais geral, crescendo o numero de avaliadores, crescerá em maior gran ajuda o dos amadores; entrará finalmente nos dominios da moda, que la mesmo nas artes costuma ella influir com seus caprichos; e teremos alcançado o que se deseja. Não vale muito, que só um ou outro curioso se occupava em cultivar flores, e hoje ha centenares d'ellos só em Lisboa; e uma sociedade destinada especialmente a melhorar a sua cultura.

A criação de uma commissão das artes e monu-

mentos, fóra quanto a nós a pedra angular do projectado edificio. Tudo quanto respeita aos usos e artes antigas; comprehendendo a meia idade e a epocha do renascimento, faz hoje parte da vasta sciencia do archeologo. O estudo das linguas, historia, paleographia, numismatica, architectura, etc. são ja se vê da sua competencia. Porém como é difficilissimo, senão impossivel, achar reunida em um só individuo tamanha copia de conhecimentos; entendemos que a commissão devéra compor-se, além dos professores publicos de quaesquer das disciplinas alludidas; taes como os de architectura, pintura e esculptura da academia de bellas artes, o de numismatica da bibliotheca publica, o de paleographia da Torre do Tombo, etc. das individuos que n'aquelles ou em outros ramos da sciencia tiverem já produzido incontestaveis provas de saber, quer por seus escriptos, quer na direcção de alguma obra de arte importante. Representado assim o complexo da sciencia por pessoa de innegavel competencia, poderia qualquer questão que sobre todas ou alguma de suas partes se suscitasse, ser resolvida por assim dizer esthetica e plasticamente.

Estabelecida uma commissão central em Lisboa, ir-se-iam successivamente creando outras filiaes suas nas capitães de provincia ou n'aquellas terras onde a sua existencia fosse mais vivamente requerida. Nomeada pelo governo junto ao ministerio de obras publicas, e com o seu valioso apoio devéra uma tal commissão produzir necessariamente resultados artisticos do maior momento. Um de seus primeiros trabalhos seria, quanto a nós, a classificação geral dos monumentos nacionaes, por ordem de suas cathogorias, acompanhada de uma succinta explicação, sobre o merito historico e artistico de cada um. A principio os mais conhecidos e importantes, depois com as informações que o tempo fosse ministrando, os mais ignorados e de menor vulto. A' medida que este ou aquelle monumento merecesse ser inscripto na lista duas vezes autorizada da commissão, já por seu caracter official, ja e sobre tudo pelo infallivel penhor de seus conhecimentos technicos, o interesse e respeito pela conservação de taes obras cresceria forçosamente. Quando o parochiano concebo da importancia da arte explicasse singela, mas solemnemente ao povo qual o valor historico ou religioso da sua velha igreja, onde soaram os cantos e preces das gerações passadas; do tumulo ruja ossada jacente pertencera ao homem de uma vida exemplar, que toda se passara em aegões prestadias a seus similhantes; da pedra sem ornato, mas cuja inscripção recorda um feito glorioso praticado outr'ora por um filho d'aquella terra; cada parochiano tornar-se-ia uma sentinella vigilante pela conservação d'essas obras, um historiador singelo de cada uma, um flagello de modernos vandalos quando intentassem destruilas.

Assim derramando-se os conhecimentos archeologicos, fortificavam-se a moralidade dos povos. Lucrava a um tempo a sciencia, a religião e a moral.

Fallamos do parochio, porque nos templos e suas pertencas é onde, purya de regra, se encontram esses gloriosos padroes do viver e crer de antigas eras. A cora das virtudes de nossos antepassados dava-a a religião. Para que os louros da victoria ornassem dignamente a fronte do guerreiro era mister perfumal-os com o incenso queimado em loura do Altissimo.

Ve-se pois que o clero, longe de ser indifferente, devéra pelo contrario quiliboar em grande escala o conhecimento da archeologia monumental. Quantos ecclesiasticos não foram na idade media os unicos architectos de seus templos? Quantos não honraram

(1) O sr. Varahagen, na sua *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem*.

ou antes se não têm honrado, maneando o cinzel do esculptor? Que o digam um santo Eloi, tragando e dirigindo a construção de varios conventos da sua diocese. Fr. Antonio de Villa Castin, um dos architectos do Escorial; os padres Ignacio da Piedade e Vasconcellos e João Chrysostomo, distinctos esculptores portuguezes; como ainda a respeito do ultimo attestam as obras que deixára em S. Antonio dos Capuchos de Lisboa, onde jaz, etc. *Les Bénédictins furent* (diz Ramé na sua Historia Geral da Architectura) *jusques vers le douzieme siècle les architectes de presque toutes les églises, élevés en occident.*

A criação nos seminarios episcopaes de uma cadeira, onde resumidamente se ensinassem os principios da archeologia, e com especialidade a architectura monumental, fôra tambem, a nosso juizo, um fecundo meio de desenvolver e apurar o precioso cultivo d'aquella arte, quasi virgem entre nós. Se poucas vezes se acharão reunidos em uma só parochia manuscriptos preciosos, recordações historicas, uma architectura de notavel decoraçao, quadros e estatuas de mestres conhecidos, etc.; não deixará contudo de haver uma ou outra circumstancia para notar; a grandeza de um edificio, data de sua edificação, e seu estado de conservação quando menos. Rara ha de ser a aldeia que na pobreza de suas construcções não encerre uma lembrança util. Os archivos da arte são essencialmente populares: se registram o prouços sumptuosamente ornado da cathedral gigante, tambem não despresam a ogiva singela da capellinha rural.

Non.eie-se pois essa commissão, conselho, inspecção, (ou como queiram que se chame) para superintender quanto respeite a bellas artes e particularmente á conservação e restauração dos monumentos nacionaes; e far-se-ha com isso ao paiz um serviço importante. Chamem-se a um centro acontecimentos dispersos, reuam-se as luzes da sciencia em um fóco commun; e não só as vereis augmentar de brilho e intensidade, não só as vereis espalhar em direcção mais util, mas ainda crearem-se com seus reflexos outras novas de momentoso proveito para o futuro da arte.

Ao governo pertence dar o primeiro impulso. Inclinem-se por um pouco essas vistas quasi exclusivamente fitas na atmosphera politica para o campo não menos instructivo e proficuo da arte. E se na voz desautorizada e humilde, mas portugueza, do auctor d'estas linhas achardes motivo de a não attender, lêde os actas officiaes publicados pelo ministerio francez desde 1812 até hoje, sobre o objecto das presentes reflexões; lêde o catalogo da *Livrairie Archeologique* de Victor Didron, e achareis n'aquelles muito que admirar e seguir; e neste tudo para vos envergonhardes; se é que sois portuguezes e d'isso vos prezaes.

*Mofra, junho de 1854.*

J. DA COSTA CASCAES.

#### ESBOÇOS DA VIDA MILITAR.

##### V.

##### *Finalidade.*

##### PARTE II.

O VERDADEIRO fim da comminação das penas não é preservar a vingança ou a expiação brutal; mas

sim a moralidade dos actos na administração imparcial da justiça tendente ao melhoramento da sociedade; eis a baze unica e real de todo o systema penal. É certo que ninguém deve abdicar a sua intelligencia e moralidade: todo o membro da sociedade, qualquer que seja o grau ou classe em que o consideremos, tem direitos e deveres a cumprir, importando estes uma correlação reciproca; mas tambem não é menos certo, que sendo a disciplina a alma da forga armada, a condição da victoria e dos successos d'ella provenientes, sem cuja acção e coragem e a bravura ficiariam estereis, reconhecemos que ella não pode excluir a intelligencia e a moralidade dos cidadãos armados. Ora para conservarmos esse novo estado menos sujeito a conflictos, e a embaraços no exercer da parte d'aquelles que se acham revestidos d'esse caracter, convem determinar com verdadeira intenção moral e juridica os casos de obediencia mais severa.

Demos sim ás prescripções dos regulamentos militares diversas sanções penaes; mas aferidas sempre pelos conselhos da razão, da justiça e da humanidade. Curemos o espirito militar dos habitos de obediencia indevida e do servilismo: é a morte da liberdade e a negação da felicidade dos povos.

A obediencia forçada ao arbitrio dos nossos semelhantes é um jugo real, e só deixa de o ser, quando essa obediencia tem por norte a lei, e o bom serviço por baze um regulamento justo. O que na verdade julgámos funesto, e que deve desaparecer em todas as espheras da sociedade é a obediencia absoluta aos caprichos da superioridade debaixo de apparencias legais.

O abuso do commando e muitas vezes de prerogativas assás amplas, é a causa mais fecunda dos desvios e faltas do soldado: são os effeitos ou os excessos da obediencia passiva que o predispõem (forçoso é confessal-o) para que esqueça ou menospreze os seus deveres de cidadão; é a severidade das penas que lhe são comminadas, e só deixa de o caminho do dever e da razão. A rudeza ou a grosseiria do tom ou a inurbanidade com que muitas vezes um superior dá as suas ordens, são em grande parte a causa da desobediencia; e tornam sempre a obediencia humilhante: é necessario que no exercicio do mando se obre por tal forma, que a dignidade do subordinado seja compativel com a obediencia: ella o será se o superior se servir, para transmittir as suas ordens, das formulas que trouxerem o cunho da urbanidade e da consideração: o soldado por ser soldado não deixa de ser homem; a farda que veste não o torna escravo; ella é tão nobre e honrosa como a do chefe.

O modo de se operar o recrutamento é tambem uma das causas por que o soldado odeia a vida das armas, procurando por todos os modos subtrahir-se a ella: todas as disposições que se têm occupado do recrutamento são deficientes de dados seguros, ficando por isso sujeitas ás eventualidades das circumstancias; e a sua execução a formas vagas e indecisas, e a cargo de individuos menos aptos para similhantes averiguações e apuramento. É inquestionavel que para se obter um resultado equitativo é mister que presidam á composição de um conselho ou junta, (especialmente encarregada de rever as operações do recrutamento, e de ouvir as reclamações dos interessados, e julgal-as em sessão publica) os principios de reconhecida sabedoria e prudencia; por quanto no exercicio das suas funções se apresentarão não poucos interesses em opposição, que será forçoso conciliar, fazendo calar antigos odios, e desvanecer temores exagerados; missão em verdade ar-

dua, penosa e difficil: por quanto facilmente os homens attribuem um pensamento hostil ou de arbitrariedade maior ou menor áquelles que se acham encarregados de fazer executar a lei com rigor inflexivel. Portanto, para que as operações de similhante conselho estejam ao abrigo da accusação de injustas ou oppressivas, é de alta conveniencia, não só em relação a este objecto, mas a muitos outros de interesse publico, que por todos os modos se procure sanar a origem d'esta lucta obstinada entre o espirito popular e o do exercito, fazendo com que a lei e mais disposições, que presidirem ao recrutamento, não deixando de seguir a sua marcha firme, exacta e rigorosa, sejam ao mesmo tempo populares e paternas ou benéficas; e que sómente tenham em vista fazer povoar as fileiras de homens morigerados, e não de vadios, ou da escoria da sociedade. Com taes elementos será facil a applicação das modificações que propomos no systema da penalidade militar.

J. C. DA SILVA.

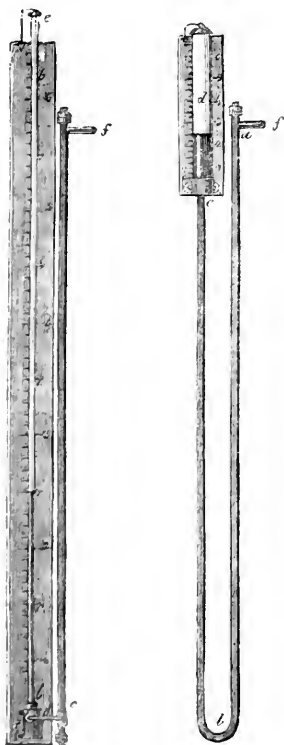


FIGURA 1.

FIGURA 2.

#### MANOMETROS.

A força energica que a acção do calor accumula nas caldeiras das machinas de vapor é susceptivel de produzir os mais desastrosos effeitos. Quando ultrapassa

um certo limite pode fazer rebentar as paredes que a contém.

Os engenheiros machinistas tem estudado e posto em pratica varios meios para evitar similhantes desastres, munindo as caldeiras de certos órgãos especiaes, que augmentando a sua solidez tornam mais difficil a repetição de sinistros.

Todavia é incontestavel que aquelles engenheiros não têm conseguido satisfactoriamente o fim desejado, e hoje considera-se como mais effizac o cuidado que empregam os *conductores* de machinas de regular a acção do fogo de tal sorte, que a tensão do vapor ou a pressão exercida por este nas paredes das caldeiras não exceda certos e determinados limites.

Era pois da maior importancia achar um instrumento com o qual se pudesse avaliar de um modo facil e infallivel a tensão do vapor. Este desideratum conseguiu-se com a invenção do *manometro*.

A tensão do vapor calcula-se sobre a pressão atmospherica correspondente á que exerce sobre a sua base uma columna de mercurio de 76 centimetros de altura. Esta pressão, ou na linguagem technica, *atmosfera*, é pois a unidade de medida segundo a qual se graduam os manometros, qualquer que seja o systema da sua construcção.

São muitos os instrumentos d'este genero, que hoje se empregam na industria; distinguem-se pelas denominações seguintes: manometros ao *ar livre*, de *ar comprimido*, de *diaphragma*, e *thermo-manometros*.

O manometro mais singelo e mais exacto ao mesmo tempo é o que representa a figura 1. Compõe-se de um longo tubo de vidro *bb*, aberto em cima, e mettido na parte inferior em um pequeno reservatorio metalico *a*, contendo mercurio. Superiormente ao mercurio do reservatorio ha um pequeno espaço no qual se abre um tubosinho horizontal *d*, que se liga com um segundo tubo vertical de ferro *ce*, tapado de ambos os lados, onde entra, na parte superior, o tubo *f*, que tem por fim transmittir ao instrumento a pressão do vapor. Quando o manometro funciona o tubo de ferro enche-se de agua, e esta agua impellida pelo vapor da caldeira, opera sobre o mercurio do reservatorio *a*, e faz subir no tubo de vidro uma columna de mercurio, que se eleva ate se equilibrar á pressão do vapor.

O manometro acha-se graduado em uma pega sobre que se fixa o tubo de vidro, e cada grau é dividido em dez partes iguaes, como indica a figura.

Posto que o tubo *bb* deva ser aberto na parte superior para comunicar livremente com o ar atmospherico, é costume pôr-se-lhe uma rolhasinha de pau *e*, para evitar que se extravasem algumas gotas do mercurio, em consequencia das oscillações que a columna experimenta por virtude das variações repentinas da pressão.

As indicações d'este instrumento são directas e precisas, e por isso se denomina *manometro normal*, sendo a elle que se recorre para a verificação dos que se têm construido segundo outros principios.

Infilizmente apresenta um grave inconveniente, isto é, o seu grande comprimento, que torna a sua collocação difficultosa.

Pode substituir-se n'esta especie de manometros ao tubo de vidro *bb* um tubo metalico; e as variações da columna de mercurio são indicadas então pelo movimento de um pezo suspenso por fóra do tubo, e que está prezo por um fio a uma pega collocada interiormente, e que sobe ou desce com a columna de mercurio.

Para facilitar a observação das variações da columna de mercurio pode dispôr-se o instrumento como o representa a figura 2.

ESTUDOS SOBRE OS DIFERENTES METHODOS  
DE ENSINO DO LER E ESCRIVER.

O que hoje vamos publicar no Panorama sobre os diferentes methodos do ensino primario em Portugal é extrahido de um livro que eu e o meu prezado amigo, o sr. Julio Caldas Aulete, já ha algum tempo escrevemos para, com outros trabalhos analogos, servir para a historia da instrucção publica em Portugal.

Compulsamos tudo o que havia escripto e impresso sobre o assumpto especial da instrucção primaria, desde a cartilha e a grammatica de João de Barros, o primeiro auctor que den regras para o ensino da leitura, até os methodos conhecidos e vulgarisados nos nossos dias.

O livro, obra de erudição, e de erudição muito positiva e muito arida, não poderia de certo caber inteiro nas columnas do Panorama. Julgamos porém que prestaríamos um serviço ás letras, transcrevendo para aqui os capitulos que se referem a escriptores que, sendo de nome justamente popular, pelos seus escriptos, propriamente litterarios, souberam gastar algumas horas dos seus ocios, contribuindo com o subsídio modesto de cartilhas e livros pedagogicos, para que se facilitasse e se diffundisse em Portugal o ensino das primeiras letras.

Devo aqui declarar que a maior parte do trabalho de investigação pertence ao meu amigo o sr. Caldas, que buscou com uma infatigavel dedicacão todos os livros e manuscritos que poderiam illustrar a questão que nos propunhamos resolver. A critica dos methodos é o resultado das frequentes conversações, em que sem as pompas da argumentação e sem os arrebichos da disputa academica, d'onde nada se pode colher, discutiamos familiarmente, e mutuamente communicavamos as nossas objecções e conjecturas.

É a primeira vez que posso dizer de um escripto em que figura o meu nome, que alguma coisa ha n'elle de bom, de util, de bem pensado. E n'esta occasião não me inibe a modestia, que eu elogio um trabalho em que a minima parte me pertence, porque tendo geralmente todas as obras litterarias perfeições e defeitos, posso afirmar que no livro de que hoje damos os extractos, o que ha de bom é o fructo do estudo e da rara sagacidade do sr. Caldas, cabendo-me a mim, pois alguma coisa me ha de pertencer como seu collaborador, o que no livro haja de mais vulgar e defeituoso.

Aproveito jubilo esta occasião de infringir os preceitos que me impõe a extremada modestia do sr. Caldas, para lhe render aqui este pequeno elogio, em tempos em que no meio das falsas reputações e dos orgulhos vãos e insolentes, o verdadeiro talento é preciosidade rarissima, e o talento modesto quasi um milagre. (1)

JERONIMO SOARES BARBOZA.

Entre outros trabalhos importantes que nos legou Soares Barboza avulta o seu livro *Escola popular das primeiras letras*. A primeira parte d'esta obra é dedicada ao ensino do ler, e serve ao mesmo tempo de directorio das escolas primarias; pois que o professor acha n'ella os diferentes processos de ensinar a ler, e as razões philosophicas em que funda o seu systema orthoepico, que serve de base a esta parte do seu livro.

(1) Esta introdução devia ter precedido o primeiro dos fragmentos publicados. Por descuido deixou de inserir-se no lugar proprio, e agora, por occasião, se da a luz.

É quando se dirige ao professor como philosopho que Soares Barboza mais se torna digno de ser estudado. A sua longa pratica do ensino publico, a experiencia que obteve como visitador das escolas primarias na diocese de Coimbra, o amor decidido que tinha pela infancia são uma garantia do esmero, da consciencia e do rigor com que este seu livro foi elaborado.

O modesto escriptor publicou este trabalho anonymamente, não porque o reputasse inferior ás outras obras que correm sob o seu nome, mas sim porque sendo elle o visitador das escolas primarias não se attribuisse a van gloria o obrigar o professor a ensinar por elle. Das difficuldades que encontrou na sua composicão nos dá testemunho na epigrapha que poz á frente do seu livro.

Fronte exile negotium,  
Et dignum pueris putes;  
Aggressis labor arduus.  
Terentian. Maurus.

Copiaremos agora de um dos seus relatorios que existem ineditos, como visitador das escolas publicas, alguns trechos, que abonam sobejamente o que acabamos de avançar. É é notavel que os vicios que então Soares Barboza censurava nas escolas, e para os quaes apresentava os meios de os remediar, hoje, na sua maioria, ainda são uma fatal verdade.

«Cuidam os mestres que basta saber ler e escrever praticamente para tambem o poder ensinar; quando é certo que quem sabe ler e escrever bem, pode não o saber ensinar. Se ha algum conhecimento humano que seja um invento puro da arte é este. A reflexão só lhe deu origem, e esta mesma é quem a conserva e aperfeiçoa. Raro é o mestre que saiba por principios esta arte; e nenhum ha que a saiba em toda a sua extensão e perfeição. Todos ensinam, mas sem saber o que ensinam. Para saber ensinar a ler é necessario saber analysar os sons da nossa lingua, tanto simples, como compostos, e os caracteres litteraes que o uso escolheu para os figurar aos olhos; e para ensinar a escrever bem, é necessario saber fazer a mesma analyse dos caracteres distinguindo pelas pennas das suas partes essenciaes e caracteristicas das que são arbitrarías e de mero capricho. Para tudo isto é indispensavel o conhecimento das duas partes da grammatica portugueza, a orthoepia ou verdadeira pronunciação, e a orthographia ou a verdadeira representacão litteral dos mesmos sons. Da primeira nada enfendem, e da segunda pouco, e isto mesmo muito poucos. No estado presente das cousas não acho outro remedio a este mal do que o mandar ordenar uma arte exacta de ler e escrever, em que se expõem clara, breve e simplesmente os verdadeiros principios da leitura e escriptura portugueza, ensinando-se na primeira parte a distinguir e determinar bem todos os sons simples da nossa lingua quer inarticulados, quer articulados e as letras tanto vogaes, como consoantes com que o uso os representou, subindo depois aos sons compostos da mesma, que sejam diphthongos quer syllabas: e sobre estes principios certos, lançando os abecedarios e syllabarios bem completos e ordenados da nossa lingua, e ensinando aos rapazes o modo facil e genuino de soletrar, que não é certamente o que até agora usaram e usam nas nossas escolas de Portugal, etc.

«Pelo que pertence ás escolas do ler, escrever e contar, estas ainda se acham em maior falta de bons abecedarios, e syllabarios, de livros de leitura, de taboadas, e regras de conta, de traslados para escrever, e de cathecismos da religião e civilidade pa-

ra os aprenderem. Estas escolas são as mais numerosas, e compostas quasi todas de crianças pobres, desprovidas de manuscritos, de livros, de papel, tinta, pennas, e de tudo o mais que é indispensavel para a sua instrução. Os paes, que pela maior parte são jornalheiros, recusam-se a todas as representações que sobre isto lhes fazem os mestres, e não querem dispendir nada n'estas mesmas bagatellas.

« Os mestres não estão obrigados, nem podem, nem querem supprir a todas estas necessidades, e alguns mais zelosos, precisados a supprir-as de algum modo, dando tudo isto de propria mão a seus discipulos, o fazem muito perfunctoriamente em bocados de papel, com muita pressa e com mil defeitos, nascidos já não só da sua ignorancia, mas ainda da necessidade em que se vêem de acudir com tudo isto da propria mão a escolas numerosissimas.

« Muitos mestres têm recorrido por vezes ao ex.<sup>mo</sup> bispo d'esta diocese para lhe mandar dar por esmola cathecismos para o uso das suas escolas, por onde os meninos possam aprender ao mesmo tempo a ler, e a doutrina christã; e sua ex.<sup>ta</sup> tem deferido as suas supplicas. Porém este soccorro, nem é geral, nem perpetuo, nem sufficiente.

« É um espectáculo bem terno, e ao mesmo tempo bem lastimoso, ver nas vizinhanças das escolas as crianças e as suas mães sair das casas e dos seus trabalhos ás estradas publicas, e cercarem os viajeros para lhes pedirem a esmola de uma carta, ou outro qualquer papel escripto para poderem aprender.

« Em quanto pois se não ordena uma nova escola, segundo o plano, que acima disse; deve-se formar logo uma breve, escolhendo das que existem a melhor, e imprimil-a; e para as crianças a não estra-garem toda ao mesmo tempo, repartil-a em quatro cadernos: o primeiro dos quaes continha os abecedarios, syllabarios, e os primeiros ensaios da leitura; o segundo um pequeno cathecismo de doutrina christã e os primeiros principios da civilidade, para por elles se exercitarem na leitura, e juntamente irem aprendendo o que mais importa. O terceiro os principios da calligraphia, ou arte de escrever bem, com os traslados sufficientes de talho-dôco, e as regras geraes da orthographia ou arte de escrever certo, communs a ambas as orthographias tanto da pronunciação, como da etymologia, quaes são as de das letras iniciais maiores, as da pontuação, e as da divisão das palavras. O quarto, as taboadas, e as quatro operações vulgares da arithmetica pelo methodo mais simples e pratico. Tudo isto não deve levar mais de seis folhas de papel impresso, para ficar o menos dispendioso que puder ser. Esta pequena obra, mas utilisissima e necessaria, deve-se imprimir na typographia da universidade, e em beneficio da pobreza, vender-se pelo mesmo custo da impressão, que deve ser pelo menos de cinco mil exemplares.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO

## VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA

### XIII.

GOVERNADORES como Pedro Alexandrino não poucos ás nossas colonias; porém mesmo uma serie de vinte administradores como aquelle, não elevariam o reino d'Angola ao gran de prosperidade de que é susceptivel. O defeito principal está na organisação; os homens só tem aggravado o mal.

Quem visitou algumas das florescentes colonias bri-

tanicas ou hollandezes, e que viu ali os milagres do bom regimen, pasma da nossa incuria ao aportar nas provincias ultramarinas de Portugal. Já fiz um rapido esboço da miseria em que vegetam as ilhas de S. Thomé e Príncipe; e posto que Angola tenha avançado alguns passos na estrada dos melhoramentos, está muito longe de attingir a desejada perfeição. Angola podia substituir para nós o Brazil. Todos os generos, chamados colonias, que importámos d'aquelle imperio, produzem optimamente em nossas possessões da Africa occidental, e alguns são aqui ainda de melhor qualidade: o café por exemplo.

Será crível que, com boas garantias por parte do governo, se não possa organisar em Portugal uma companhia poderosa para explorar as riquezas das nossas colonias? Quero crer que era possível. E porque não lança mão d'este meio, unico de as salvar, e ao mesmo tempo de nos collocar em uma posição mais vantajosa entre as nações da Europa? É um mysterio!

Não estou escrevendo novidades; tem-se dito isto mesmo cem vezes, mas é clamar no deserto. Restabeleceu se o conselho ultramarino, ha tres annos, e as colonias ficaram como estavam, erem mais uma duzia de tribunasas identicas, e o estacionamento continuará. Porém organisem uma companhia forte, auxiliada, de boa fé, pelo governo, e veremos se é o mesmo.

Em Inglaterra muda o ministro das colonias, mas não varia com a politica do gabinete o conselho das mesmas colonias, nem a direcção da companhia das Indias; por isso tem Calcuta, Madratsa, Bombaim, Ceylão, Melbourne, Adelaide, Hong-Kong, cidades de palacios, cujos portos estão continuamente atulhados de navios, e nós temos Goa a desabar, Macau sem commercio; cidades de palhoças em S. Thomé e Príncipe, e seus portos desembarçados de embarcações; Mossambique em ruinas, Angola apenas com a apparencia de grandezza!... E triste cousa o meditar n'esta miseria, e comparar os portuguezes de hoje com os de ha trescentos annos!

Um dos antigos elementos de civilisação depois da conquista, e muitas vezes elle mesmo instrumento da conquista, era a missão; porém os missionarios acudaram litteralmente: dizei-me quantos ha no Congo, quantos na China... mentum! E descute-se o padroado real como uma questão de enfeite para a corôa dos nossos reis. Não se trata de fazer effectiva a missão; quer-se o direito, e não se querem cumprir as obrigações a elle inherentes. Morrem os padres portuguezes nas igrejas da India, não ha outros que os substituam da mesma nação... o que hade succeder? Aae um francez ou italiano da propaganda administral-as. Que pretendiam? Era melhor ficar aquella christandade sem auxilios espirituaes? A questão do nosso padroado, asemella-se aos *blotques de papel*, isto é, decretados, mas sem esquadra que os torne effectivos. Aonde está o viveiro de missionarios depois da extincção das ordens religiosas? Não sabemos.

O quadro é triste em todos os seus detalhes! Os padres não querem largar o bello clima de Portugal, para irem óvassar os sertões do Congo; os funcionarios publicos todos nós sabemos como são escolhidos; aos militares só lhes importa ganharem o posto de accesso, e concluir depressa o tempo de serviço na colonia; aos lacinoras degradados é que se confiam as armas, e a guarda da propriedade e da vida dos colonos; o commercio tende sempre para o contrabando, por que a escravatura é o que dá mais lucro, exportando-a, visto que não merece a pena aproveitar ali os bragos que vão fecundar a Ameri-

ca... Que resta pois? Resta o estado de miseria a que vemos reduzidas as nossas riquissimas possessões de ultramar!

## XIV.

Para que se não diga que apenas nos limitámos a uma lamuria rotineira, vamos, a largos traços, copiar para aqui as idéas que ha muitos annos nos andam na cabeça, com referencia ao melhoramento das colonias, limitando-nos contudo a esta parte especial da Africa.

Organise-se uma companhia poderosa (não sei de quantos milhões) dê-se-lhe a investidura da soberania (por tantos annos, e com certas restricções) de todas as possessões portuguezas da costa oriental e occidental d'África, e ilhas de S. Thomé e Príncipe; que o presidente, governador ou chefe d'essas provincias seja escolhido pelo rei sobre lista triplice apresentada pela companhia; que os demais empregos sejam inteiramente da confiança da companhia, e que os funcionarios civis e militares do estado, que ella quizer empregar e que se não oppoñam a servil-a, sejam licencçados pelo governo, e considerados como em serviço do estado para todos os effeitos, menos a percepção de ordenados. Que repartições tão bem montadas que ali se encontrariam; que tornoso exercito! A legislação commum do reino só seria alterada com approvação das côrtes, ou de uma delegação sua, authorisada por lei; e os juizos de primeira e segunda instancia, nomeados pelo rei, ouvindo a direcção da companhia, seriam inamoviveis como os do reino, mas pagos pela companhia.

Isto não é um projecto de lei; é um esboço de velhas recordações cuja baze nos parece solida e util.

Vejâmos. A companhia começava a arrotar aquelles feracissimos sertões de Angola e Benguella, e começava igual trabalho na contra-costa, posto que com mais difficuldade; o tempo, a perseverança, e o util emprego dos capitães fariam encontrar no caminho estes mineiros da civilisação, que partiam de oppostos lados, e um dos maiores passos para o engrandecimento da Africa estaria dado! E não é isto nenhuma cousa impossivel; com a mira em pequenos lucros já alguns homens têm atravessado pelo sertão de uma a outra costa da Africa; o ultimo exemplo d'esta atrevida empreza teve logar ha pouco mais de dous annos, apparecendo em Benguella tres mouros, seguidos de 40 carregadores, que vinham de Zambar; gastaram seis mezes em percorrer trescentas leguas! E atreveram-se a regressar pelo mesmo caminho!!

Se houvesse caminho... não digo de ferro, nem mesmo estrada a Mac-Adam... se houvesse caminho, que immensa permutação de generos se não faria de uma para outra costa, sem medo das furias do Adamastor

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, colligidas em nova e completa edição; dispostas e annotadas por L. P. da Silva; e precedidas de um estudo bibliographico e litterario sobre o poeta, scripto por L. A. Rebello da Silva. — Lisboa 1873, 6 vol. 8.º*

A publicação da collecção completa das *Poesias* do nosso mais popular poeta moderno era cousa ha

muito desejada pelos amadores da boa litteratura. As obras de Bocage, parte impressas em papeis e folhetos avulsos, parte em collecções incompletas, desordenadas e incorrecissimas; e publicadas em varios tempos, por diversos editores, e com fins e intentos diversos, eram extremamente difficeis de colligir, e tornavam-se o aborrecimento dos leitores, e a desesperação dos bibliographos. A idéa pois de dar á luz n'um só corpo as obras de Bocage não podia deixar de ser bem aceita pelo publico. O editor escolheu as *Poesias* para primeiro ensaio; e na verdade acertada foi a escolha, porque nas *poesias* é que consiste o grande e principal merito de Bocage.

Os leitores do Panorama conhecem o primoroso trabalho, que com o simples titulo de *estudo bibliographico e litterario* sobre Bocage compoz o sr. L. A. Rebello da Silva, e acompanha tambem a edição, que agora annunciámos. Seria repetir inutilmente o que pelo sr. Rebello da Silva já está escripto n'este mesmo volume e no antecedente, se aqui tentassemos novamente alludir aos successos da vida do poeta, ou julgar do merecimento de suas obras. N'essa parte deve estar completamente saciada a curiosidade dos leitores do Panorama.

Só nos resta dar noticia da edição. Consta ella de seis volumes. O 1.º contém os sonetos, divididos em quatro livros a saber: livro 1.º Sonetos eroticos: livro 2.º Sonetos moraes e devotos: livro 3.º Sonetos heroicos e gratulatorios: livro 4.º Sonetos jovias e satyricos. O 2.º vol. contém odas, canções, cantatas, cantos, elegias, epicedios e idyllios. O 3.º vol. comprehende epistolas, satyras, apologos, epigrammas, quadras e mottes glosados, allegorias, cançanetas e endechas. O 4.º vol. elogios, dramas allegoricos, poemets, metamorphoses de Ovidio traduzidas e outros trechos e episodios traduzidos. O 5.º vol. as traducções dos *Jardins* de Delille, das *Plantas* de Castel, da *Agricultura* de Rosset. O 6.º vol. finalmente contém a traducção do *Consortio das Flores* de Laerzio, tragedias e fragmentos de tragedias.

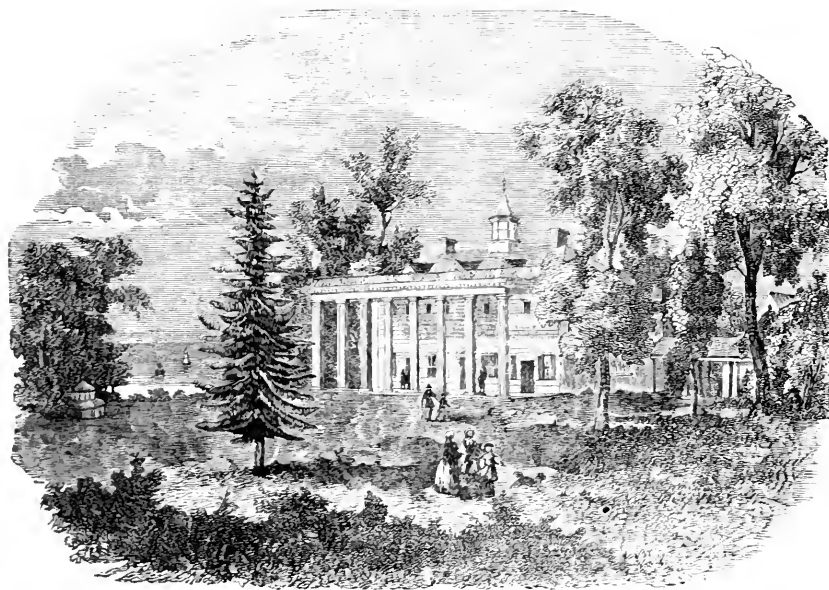
O sr. Innocencio Francisco da Silva, modesto e laborioso cultor das letras patrias; critico sincero e atilado; bibliographo pacientissimo e infatigavel, mostrou n'esta edição como se devem dispôr e ordenar as obras de um auctor polygrapho; como se devem estrear as genuinas das apocryphas; como se devem restituir as ligões deturpadas; e finalmente como em breves e concisas notas se deve esclarecer o leitor, e encaminhal-o a perceber o sentido de logares, que o tempo tem tornado menos intelligiveis.

Do sr. Antonio José Fernandes Lopes, editor, muito teriamos que dizer, se nos não embargasse a consideração de que é elle ao mesmo tempo editor e proprietario do proprio jornal, em que isto escrevemos. Mas é impossivel passar em silencio que deixando a outros o systema mesquinho das cadernetas, publicou os seis bellos volumes das *Poesias* de Bocage dentro de mui poucos mezes; que a execução typographica d'esta obra rivalisa em nitidez com as melhores; que o editor não recouo diante da certeza de empatar grossos cabedais n'uma publicação, que attentas as condições do nosso mercado de livros, e os pequenos recursos de uma typographia nascente, se pode chamar colossal; e finalmente que nada d'isto obstu a quem o preço seja assaz modico e razoavel.

J. II DA CUNHA RIVARA.

— A meditação profunda habitua a alma a viver como que solta inteiramente das terrenas priziões.





MONT-VERNON — RESIDENCIA DE WASHINGTON.

Jorge Washington, que nasceu a 22 de fevereiro de 1732 em Bridge-Creek, condado de Westmoreland, na Virginia, era oriundo de uma antiga familia inglesa (1). Aquelle de seus ascendentes que primeiro viera estabelecer-se na Virginia, nas margens do Potowmack, abandonára a Europa em 1657. Pertencia áquella raça ao par religiosa e politica, contemporanea da revolução, da qual tinha saído Cromwell e alguns cidadãos energeticos do parlamento. Como muitos outros, previu a restauração da realeza, e procurou um asylo na America: comprou ahí terras, e lá morreu simples lavrador. Assim teria sido toda a vida seu immortal descendente, se os interesses da patria o não tivessem arrancado ao circulo pacífico e obscuro da vida privada. Havia de ser um proprietario intelligente, um agricultor esclarecido, de instrução sólida, de costumes severos, religioso, cioso da sua honra, robusto, activo, sãete ao trabalho, aos perigos, a solidão, affavel de maneiras, obedecido na sua casa, respeitado no seu districto, e grangeando facilmente a deferencia de todos pela rectidão do seu juizo e energia de sua vontade. Ignoraria toda a vida que tão altos dotes, no crisol dos negocios publicos, se elevariam sem custo ao nível das circumstancias mais difficéis,

e cresceriam á medida do theatro em que deveriam desenvolver-se. A mais humilde condição lhe teria convido, e sabel-a-lá tornar honrosa; morocou a mais alta, e foi igual a todas pelos seus talentos, superior a todas pelo seu caracter.

Washington frequentava o estudo das mathematicas, e sabia d'esta sciencia tudo o que era mister a um agricultor habil, profissão importante e difficil em uma sociedade que se apropria das florestas primitivas, e que arrotta o deserto. Nos trabalhos de agricultura é que elle principiou a aprender a lidar das fadigas e do perigo, e que se lhe comecou de manifestar aquella vocação militar que a guerra de 1755 desenvolveu plenamente. Major na milicia do seu districto aos dezotto annos, tomou parte em varias expedições, sendo depois nomeado commandante em chefe do pumbado de homens que a Virginia chamava o seu exercito, e que sustentou uma guerra de limites contra os indios selvagens e contra os francezes. Era sem duvida um bom official, devido á prudencia uma intrepidez inabalavel. Mas o que sobressa mais n'esta especie de vidação de Washington na vida publica é o cuidado com que sempre procura sustentar a sua dignidade pessoal, e o sentimento consciencioso de uma responsabilidade, que não duvida assumir toda sobre si, ainda mesmo quando opera em commun com o governo: e idéa que involuntariamente fazia conhecer a todos que o rodeavam, de um superioridade natural, em tal e qual parte, e em todas as circumstancias.

(1) No 3.<sup>o</sup> da 1.<sup>a</sup> serie d'este semanario vem o retrato d'este grande homem, acompanhado de uma noticia biographica, á que a presente pode servir de complemento.

pirava como um presentimento de que estava fadado para altos destinos.

Era, havia alguns annos, membro da assembléa legislativa da Virgínia, quando a Inglaterra estabeleceu nas suas colonias da America do Norte o imposto do sello. Este novo tributo foi declarado inconstitucional, por ter sido votado por um parlamento, no qual não estavam representadas as colonias. As assembleas protestaram, e a da Virgínia não foi a menos exaltada. A Inglaterra cedeu, e o imposto do sello foi revogado. Mas o ministerio inglez, orgulhoso do poder da metropole e da fraqueza das colonias, tinha apenas simulado a retirada. Não só impoz outros tributos, tão inconstitucionaes como o do sello, mas até revelou a pretensão de exercer uma superintendencia illimitada sobre todas as dependencias da mãe-patria, e de considerar os colonos como os demais subditos inglezes, isto é, de os governar directamente, e de os tributar quando bem parecesse ao parlamento do reino, sem consulta das assembléas legislativas de cada colonia. Esta pretensão foi o aggravo fundamental da America e motivou per si só protestos, demonstrações, petições; depois a recusa do imposto, o rompimento das relações de commercio; e a final a declaração de independencia, e a guerra. Washington passou como a sua patria, desde 1766 até 1773, por todos estes graus da resistencia. Desde o principio entendeu que a Inglaterra devia ceder, e que a America era necessaria uma reparação. Inflexivel sobre este ponto, não recou diante da necessidade de uma revolução. Com quanto a não desejasse, prevenido-a aliás de ha muito, approvou ou aconselhou todas as medidas que progressivamente a produziram. Sempre presente e activo na assembléa local duas vezes dissolvida, na convenção de Williamsburg, nas assembleas de condados, finalmente no congresso, tomou parte em todos os actos decisivos que assignalaram o patriotismo da Virgínia. «As armas,» dizia elle em 1769, «serão nosso ultimo recurso; mas não ha um só homem que deva hesitar ou que recefe travar d'ellas para defender a liberdade, que nos legaram nossos antepassados.» Cinco annos depois exclamava: «A occasião é chegada: já não ha remedio para nós senão a luta contra a Inglaterra. É mister sustentar os nossos direitos, ou submeter-nos a todas as condições que ella quiser impôr-nos.» Washington não proclamava ainda a separação da mãe-patria e a independencia das colonias, mas declarava «que nunca nenhum homem, no continente americano, se sujeitaria á perda dos seus direitos e dos seus privilegios.» Detestava a rebellião; mas «se o ministerio,» dizia elle, «levar as cousas á ultima extremidade, derramar-se-ha mais sangue do que nunca se derramou nas guerras de que os annos da America do Norte conservam memoria.» Quando a Virgínia organizou as suas milicias, escreveu: «Aceitarei de bom grado a honra de as commandar, por quanto a minha firme resolução é consagrar a minha vida e a minha fortuna á nossa causa.» Depois da batalla de Lexington, que abriu a campanha entre a Inglaterra e as suas colonias, elle exclama: «É mister pois que as campanhas da America sejam regadas do sangue, ou povoadas de escravos. Triste e deploravel alternativa! Mas por ventura pode um homem virtuoso hesitar na escolha?» E elle não hesitou de feito. O congresso, de que fazia parte, decretou por unanimidade que as colonias devem ser collocadas em estado de defeza. Organisa-se um exercito americano, cujo commando lhe é confiado. Responde que acceta, que esta prompto, mas que se não julga nas circumstancias de desempenhar

condignamente as funções difficeis com que o honram. «A minha inquietação é inexplicavel,» escreveu elle, por essa occasião, a sua mulher; «um mez passado perto de vós, em nossa casa, far-me-ia cem vezes mais feliz, do que sete vezes sete annos de commando; mas já que o destino me chama, devo obedecer-lhe. . . não podia recusar sem prejuizo da minha reputação. . . Assim entrego-me á Providencia.»

Não é facil resumir em poucas palavras os oito annos da guerra da independencia, tão prenhes de trabalhos e de anciedade, durante os quaes tudo esteve indeciso, tudo esteve em perigo até o ultimo dia. A virtude, a paciencia de Washington n'ella estiveram expostas ás mais duras provações a que pode estar sujeito um homem, que respondia ao mesmo tempo pelo seu exercito e pela sua causa. Além de se ver obrigado a arrostar os perigos e os desconmodos a que a guerra condemnava um exercito pobre, pouco numerozo, operando em um paiz vasto, de mediocre riqueza, e população muito disseminada, e que tinha de pelear com tropas regulares e bem disciplinadas; Washington de mais a mais não devia comprometter as suas forças nem arriscar nenhum feito mais arrojado; não podia pois aspirar a successos decisivos, porque devia recear-se de aniquilar de uma vez toda a esperanza da insurreiçãõ americana. Com tropas muito fracas e mal organisadas para se poderem facilmente mover, viasse obrigado a perder occasiões favoraveis de dar um grande golpe. D'aqui um constrangimento perpetuo, uma vida de abnegação e de sacrificios. A sua situação politica não era menos difficil. Tinha que lutar todos os dias contra o receio e a desconfiança. O povo, que zelava a sua liberdade antes de a ter conquistado, estava muito disposto a considerar como um usurpador o general a quem confiára os seus interesses. A assembléa vigiava-o com ciu-me. Washington sujeitava-se sem murmurar, e com docilidade as exigencias da auctoridade civil. Todos os sentimentos pessoas pareciam ter-se-lhe apagado da alma para n'ella só dominar a dedicação ao dever. Sabia soffrer tudo, devorar as afrontas, sacrificar-se sem se queixar, e immolar a propria fama á causa da patria. Soffria muito, mas não desesperava nunca. Quaesquer que fossem as difficuldades das circumstancias nunca esmorecia; é que, como elle mesmo com razão dizia, «a opinião do genero humano estava da sua parte,» e «que o convencido do seu bom direito, não podia imaginar que os americanos perecessem, posto que a sua estrella pudesse conservar-se ainda algum tempo occulta sob uma nuvem.» É por isso que repetia sem cessar: «A Providencia tem-nos por tantas vezes socorrido, quando haviamos perdido toda a esperanza, que ouso acreditar que nunca succumbiremos.»

A confiança de Washington não o illudiu; a sua causa triumphou. A Inglaterra, vencida na luta, reconheceu a independencia das suas antigas colonias. Washington restituiu os seus poderes no seio do congresso, a 23 de dezembro de 1783, e voltou com alvoroço aos seus queridos lares.

Mas Washington ainda devia viver alguns annos para a gloria; estava-lhe reservado coroar a sua vida publica por virtudes superiores ás que revelára no commando dos exercitos; a sua missão ainda não acabára. Libertador da sua patria, esperava-o mais alto destino; devia governal-a depois de haver conquistado e consolidado a sua independencia: era salva-la pela segunda vez.

O governo dos estados-unidos, mal constituido, debilitava-se progressivamente e caminhava á sua ruina. Depois de alguns annos da mais deploravel anarchia, o poder federal foi assente sobre mais soli-

das bazes. A constituição de 1789 foi discutida e votada, e Washington eleito presidente.

Não é aqui o lugar de fazer a historia do seu governo, e de referir como elle conseguiu resolver esse grande problema da governação de um povo livre. Para dizer tudo em poucas palavras: Washington consolidou a liberdade do seu paiz, fazendo-se simplesmente executor da vontade nacional. N'esta conjunctura revelou toda a grandeza da sua alma. Receito depois de quatro annos de exercicio do poder supremo, por unanimidade, apenas este segundo prazo terminou, entregou o poder que estava talvez na sua mão continuar. O povo americano viu-o com sentimento largar as reedeas do governo. Elle porém respeitava muito a liberdade da sua patria, tinha bastante respeito pela sua propria dignidade, para se erigir em senhor de um povo de quem sempre se considerára o primeiro subdito. Retirou-se para Mont-Vernon, ás suas terras, e fez-se agricultor. N'este pacífico retiro expirou a 14 de dezembro de 1799, carregado de annos e de gloria, legando a seus contemporaneos os mais bellos exemplos de virtude e de desinteresse que nunca nenhum homem legou á posteridade.

As palavras mais pomposas seriam insufficientes para louvar dignamente este grande homem, este homem de bem. Mereceu a gloria, e a sua fama nada custou á consciencia da humanidade. Sustentou e quinboou todas as idéas generosas, todas as paixões legitimas da nossa epocha, sem lhes conhecer nem excessos, nem o que tinham de chimerico ou de vão. Nenhum homem celebre no mundo deu menos logar do que elle a essas restricções na approvação e na sympathia, que são um penoso dever para o historiador. Character irreprehensivel em tudo, foi o brago e o pensamento de uma causa justa, o instrumento de uma revolução nacional e sem mancha; grande na guerra e na politica, na liberdade e no mando, na estimação dos philosophos e no amor do povo, foi ao mesmo tempo um sabio e um heroe.

#### EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
comme moi les archives du passé au  
milieu des ruines du present.

CHATEAUBRIAND. ÉTUD. HIST.

CERRAVA-SE prosperamente o anno de 1513, quando firmado o imperio lusitano, que o grande Gama fundára na Asia, pela gentileza do coração e brago do heroico Affonso de Albuquerque, ao passo que o invicto duque de Bragança D. Jaime adiantava o progresso das armas portuguezas em Africa, e que Americo Vesputio, pela segunda vez de volta do vasto continente a que com mais fortuna que razão dera o seu nome, ali deixára exploradas e demarcadas as riquissimas terras que Pedro Alvares Cabral, por um acaso feliz, treze annos antes achára e tocára no Novo Mundo, entron em pensamento do venturoso rei D. Manuel, tão varia e grandemente beneficiado da mão divina, e que sempre desejava pagar de algum modo a Deus o que d'elle recebia, offerecer ao summo pontífice, por primicias dos descobrimentos dos portuguezes, uma mostra dos despojos optimos da conquista da antiga Aurea-Chersoneso, a opulenta Malaca, soberbo emporio que ganhámos e perdemos no Oriente, e que n'aquelle anno fóra portentosamente preservado dos ataques e

das insidias dos inimigos, resplandecendo, n'aquella tenção nobre e generosa do magnanimo principe, a mesma engenhosa piedade com que elle mandára fazer do primeiro ouro vindo de Quíla, terra então tributaria á Portugal na costa da Ethiopia oriental, a magnifica custodia que, em prenda de sua gratidão e renhimento ao monarcha universal, doou ao monumento recordador de tantas façanhas que a sua munificencia ergueu, e onde jazem suas cinzas, nas para sempre memoraveis praias de Belem.

De ni-tora com esta demonstração solemne de liberalidade e de filial devoção e affecto á santa sé, quiz o mesmo potente rei, cuja sagacidade no manejo dos negocios igualava a sua grande fortuna, que grangeando-lhe a consideração dos estrangeiros fazia pendor a balança politica, metter a curia de Roma em razão ácerca de tres pontos de muito momento, a saber: a proseguição das sessões desde certo tempo suspensas do concilio de Latrão, onde se devia tratar da tão anciosa e longamente desejada reforma, não, já se vê, no dogma invariavel como d'ali a quatro annos imaginou Lothero, mas em varios pontos disciplinares, como pensava, entre outros doutores orthodoxos, Erasmo, aquelle forte e zeloso espirito, tão grande defensor da christandade, como perseguidor dos abusos introduzidos n'ella; a liga offensiva e defensiva de todos os principes christãos contra os turcos, que, ensoberbecidos com as victorias de Solimão II na Palestina, ameaçavam invadir os estados meridionaes da Europa; e finalmente a impetração de uma collecta temporaria em diversas rendas do clero regular e secular, para augmento das recompensas que se davam aos que iam servir na Asia e em Africa, e a concessão, que el-rei D. Manuel tinha ainda mais a peito obter, e ácerca da qual escreveu-mei empenhadamente ao pontífice, das muitas e mais importantes graças especiaes em cujo complexo está envolvido e amplificado o padroado das igrejas do Ultramar, que elle então pediu que fosse incorporado á ordem de Christo, da qual antes de subir ao throno fóra, e depois continuára a ser grão-mestre, dignidade que só no seguinte reinado foi unida á corôa.

Taes foram os fins religiosos e políticos, e muito mais politicos que religiosos, d'aquella grandiosa missão, cantada e decantada por tantos e tamanhos engenhos coevos, mas que, aos olhos de alguns entendimentos de meia luz, que em tudo estão áquem d'aquella gente, teve visos de indecora submissão, como a que dois annos depois fez a córte de Roma el-rei de Franca Francisco I, instigado por um ministro que aspirava ao chapéu cardinalicio, ignorando os desavizados criticos que el-rei D. Manuel, não menos zelador das suas leis do que da religião, se mostrou nos seus alvarás de 18 de fevereiro e de 3 de novembro do anno antecedente ao da embaixada que passo a narrar, mais que outroalguem monarcha extremamente precantelado dos excessos do poder espirital contra os direitos inherentes a sua corôa e que não podia alienar-se d'ella. Isto supposto, e não sendo crível que no alto coração do soberano de um estado tão ensivehmente avultado em grandeza, em opulencia, e em fama, pulesse ter cabimento o desejo baixo de uma vã ostentação, e forca confessar que se não podiam dar fins mais nobres e mais uteis, assim como que, para os con-equir, mal podia a fortuna proverbial de el-rei D. Manuel deparar-lhe uma mais propria e azada conjunção.

Após dous pontífices por diverso modo damnosos aos estados, ingloriosos á Igreja, e infestos á republica das letras, acabava de subir ao throno pontífice com o nome symbolicamente generoso de

Leão X, o filho segundo, ainda miol moço, e já experimentado em uma e outra fortuna, do grande e magnifico Lourenço de Medicis, elevação prefigurada no sonho que, pouco antes d'elle nascer, sua mãe teve, representando-se-lhe que dava á luz um leão de extremada brandura e desmarcada grandeza. Contando-se na estirpe d'aquelle illustre chefe de familia não menos de vinte e seis personagens historicas muy notaveis do 16.º seculo, em que entram tres papas, e duas rainhas de França que deram grande brado no mundo, é difficil, senão impossivel juntar mais vicios e maiores virtudes, mais crimes e melhores acções, n'uma palavra, mais bens e mais males, do que os que se vêem pendentes dos ramos d'esta arvore de geração, cujas raizes estão profundadas na classe do povo, e que, dando, como Pericles, Augusto e Luiz XIV, o seu nome ao seu seculo, e sendo, como estes, grande e dignamente celebrados pelos philosophos, pelos poetas, pelos prosadores e pelos artistas do seu tempo, foi, como no theatro antigo coube em sorte á raça dos Attríles, a familia heroica onde a poesia dramatica moderna foi com igual ardor buscar os seus protagonistas, que todavia não tratou com a mesma decencia. Á memoria agradecida, que toda a Italia e o mundo inteiro conservava ainda muy fresca, de Lourenço de Medicis, que foi incontestavelmente o maior homem do seu tempo, e que, chamado pelos votos livres dos seus concidadãos para chefe do governo da república de Florença, e por diversos soberanos para arbitro de suas contendas, dera honroso asylo ás musas fugitivas da Grecia depois da queda do imperio Byzantino, e o maior impulso á restauração das artes, das sciencias e das letras, accrescia o grande conceito que a opinião publica fazia de novo papa. Era este, por assim dizer, a ancora e o raio da esperanza dos sabios, que, tanto pela forte educação e ensino, que elle debaixo da direcção do insigne Angelo Policiano recebera nas escolas e familiaridade dos doutos Bibbiena, Dellini, Decius, Ticino, Argyropolis, Demetrio Chalcondyle, Urlano Bolzani, Angelo Policiano, Eginetta, Michelozzi e Sozzini, como pelo amor que elle tinha e honra que fazia ás sciencias, confiavam que havia de promover os sujeitos mais notaveis e benemeritos d'ellas. Bem que faltassem ao moço pontifice as cãs, esmalte da coroa e ornamento da tiara, como todavia sobravam n'elle os predicaes que os cabellos brancos denotam, e não poucas vezes desmentem, via-se com gosto, no saber realçado com a pureza de costumes de um soberano e supremo pastor de tão verdes annos, o mais seguro penhor do acerto de suas resoluções na superintendencia e inspecção de duas monarchias, uma ecclesiastica, e outra temporal, que devem ser o exemplo de todas. Finalmente, e, porque nas cousas humanas nenhuma ha tão estavel e tão firme que não mude, nem tão levantada que não se abata, nem tão grande que não diminua e torne atraz pelos mesmos passos do seu argumento, o que mais confirmava os políticos ou estadistas na esperanza de que Leão X se governaria pelos costumes e acções de seu grande paé, eram os multiplicados actos de moderação e de sabia clemencia com que elle assignalára a sua entrada no poder, e a prudente mas firme resolução, e o esclarecido zelo com que, desde que tomou o leão, soube dirigir a barca do estado, e a da Igreja, no meio de tantas ondas ou syrtes de desconfiança excitadas pelo espirito inquieto e guerreiro de Julio II, e pela torpe e atraz ambição de Alexandre VI, tratando, em sentido contrario ao do primeiro, Leão X, desde os primeiros dias do seu pontificado, de acordar as potencias que n'esse tem-

po estavam desavindas na Europa. Foi debaixo de tão felizes auspicios que el-rei D. Manuel dispoz e compoz a sua embaixada extraordinaria á corte de Roma. Era ella no tempo de que fallo a pedra de toque da sabedoria, que, depois da invenção da imprensa, de vencida passou a ser vencedora de tudo, era a pedra de afiar em que se aguçavam os mais vivos engenhos, era o crisol onde se derretiam as idéas do mundo, a forja onde se apuravam os homens de letras, e se punham nos quilates com que haviam de ter a valia que a este nome se deve. Quasi toda a riqueza de talentos ali ia, não levar seu valor, mas buscar a sua estimação e prego. Este segundo e muito maior dominio e influencia, que aquella tocha universal das sciencias e da civilização, pela segunda vez allumiadora do orbe, n'elle exercia, eram tão voluntariamente recebidos de todos, sem contradicção, que, para que um escriptor tivesse reputação, era mister que elle fosse approvado n'aquella grã universidade, da mesma sorte que, para que uma producção scientifica ou litteraria pudesse ter voga, era forçoso que fosse publicada pela prensa Aldina, que Leão X tinha feito passar das praias do Adriatico para as margens do Tibre; podendo assim dizer-se que a opinião e a realidade tudo estava em Roma. Que affluencia de sabios, philosophos, mathematicos, theologos, jurisconsultos, oradores sagrados e profanos, poetas, artistas nacionaes e estrangeiros, nas praças e nas ruas, nos theatros e nos circulos d'aquella grande metropole! Via-se ali com a nobreza de sangue, mais que n'outra alguma corte em antiguidade e esplendor distinctissima, do antigo patriciado romano, continuada por tantas idades e propagada nas historicas familias dos *Pabios*, dos *Colonnas*, dos *Ursinis*, dos *Frangipanis*, dos *Sabellis*, dos *Contis* e dos *Antibaldis*, a aristocracia incomparavelmente maior do entendimento de que o sabio pontifice estava sempre cercado, e aonde as desigualdades dos nascimentos e as distancias da fortuna se não medem com os mesmos compassos com que as costuma distinguir o vulgo. Não podendo em agora aqui chamar por seus nomes todos aquelles muitos e muy grandes engenhos que sobejaram por cima de todos os dos seculos seguintes, e estando tão batidas e debatidas todas as entradas por onde se pode caminhar seguramente, ou para defendel-os, ou para detraheil-os, que hoje já ninguém pôde n'este campo pôr o pé senão sobre pegada alheia, mencionarei sómente a nata d'aquelle povo de sabios litteratos, e artistas que então habitavam a Cidade Eterna, nomes estrondosos, já immortalizados pela fama, e que por si mesmos levantam a penna.

Ao ver tamanho e tão brilhante concurso de notabilidades em todos os generos, de todos os paizes, de todas as condições, e de todas as idades, dir-se-ia que se achavam realisados os votos de Alexandre Magno, e que o universo, representado pelas pessoas mais conspicias de todas as regiões, compunha uma só familia na grande Princesa das Cidades, fundada e regida no nome da Divindade: verificando-se tambem, na Roma do pacifico Leão X, o que os philosophos com vaidade, os historiadores com mentira, e os poetas e oradores com mais lisonja que verdade, disseram da Roma dos Cesares, chamando-lhe, ao mesmo tempo, a *dominadora* e a *ancora* do genero humano. Tudo ali se dava, tudo ali medrava, tudo ali crescia. As letras e as sciencias ecclesiasticas tinham então em Roma, por oraculos, os cardeaes de Utrecht, mestre de Carlos V e successor de Leão X, Aleandro, Jacobacio, Thomaz Vio, Christovão Numalio, Lourenço Campeggio, e Celio Calcagnini,

que tambem era grande mathematico e latinista. Thomeus, Pomponatius, e Pico d'ella Mirandola, sobrinho do grande prodigio de memoria do mesmo nome, commentavam Aristoteles, Platão, e outros philosophos antigos. Nas sciencias physicas e mathematicas e particularmente na que ensina o conhecimento e as revoluções dos orbes celestes, sciencias em que o nosso Pedro Nunes já se ensaiava, para sua gloria, e honra da patria, tinha a natureza por interpretes Paulo de Middlebourg, Basilio Lapi, o famoso Copernico, que professava n'aquelle tempo a astronomia em Roma, Toscanelli, e Galateo de Lecce, que tambem era exímio em medicina, contribuindo as observações d'estes dous ultimos e celebres astrónomos, para o descobrimento, que, em 1486, fez o nosso insigne Bartholomeu Dias, da passagem para a India, dobrando o grande cabo, que elle chamou das *Tormentas*, e ao qual o rei *afortunado* trocou este nome, pelo de *Cabo da Boa Esperança*. As linguas orientaes tinham em Aguacio, Guidaccerio, Theseo Ambrogio, e Rossi, os mais distinctos e indefessos propagadores. A arvore da sciencia e litteratura grega, á sombra da qual os antigos romanos ostentaram tanto saber, acabava de ser transplantada de Florença, onde começára a aclimar-se novamente na Italia, para um dos sete montes de Roma, pelos cuidados dos illustres hellinistas Acciajuoli, Benigno de Viterbo, Musurus, Demetrio Chalcondyle, e João de Lascaaris, director da academia e da imprensa Grega de Roma. A lingua latina, quasi universal e unica que todos alli fallavam, em nenhuma outra capital era cultivada com tanta assiduidade, contandose, dentro dos seus muros, alem dos noventa e nove poetas latinos celebrados por Arsilli, que era o centesimo, no seu poema intitulado *De Poetis Urbanis*, um sem numero de prosadores, que, com o nome, que a fama lhes deu, de *Ciceronianos*, continuaram a cáda dos grandes escriptores e eruditos do seculo decimo quinto, sendo alguns d'aquelles dignos da idade de ouro. A frente de uns e de outros estavam Sadolet e Bembo, secretarios das cartas latinas e dos pensamentos do papa, o primeiro prendado de um raro saber unido a uma moderação e modestia ainda mais raras; o segundo, dotado de um engenho agudo, e embebido e repassado no estylo dos antigos romanos, podendo ambos ser comparados, em eloquencia e elegancia, a Cicero e a Plinio o moço, e, na doce rima, a Propertio e Catullo. A par d'estes, se lhes não tomava a mão, marchava na fileira da litteratura classica Sannazar de quem, pela alteza dos pensamentos, propriedade e valentia das imagens, e melodia dos versos, se disse, no seu epithapho, que a sua musa estava tão achegada á do *Cisne Mantuano* como o seu berço ao tumulto d'aquelle principe dos poetas latinos. Seguiam-se Vida, que com tanta força d'engenho soube juntamente dar os preceitos e os exemplos da arte poetica; os quatro engenhos sublimes e congeneres em graça, energia, vivacidade e nobreza de expressões, Fracastor, que, no seu bello poema, tambem didactico, pelo gosto das Georgicas de Virgilio, mostrou a grande força que tem a poesia para amenisar os assumptos mais aridos, e a mais delicada decencia na viva pintura e nas luminosas observações que faz n'uma mui inclindrosa materia; Navagero e Lampridio, que, em seus vãos poeticos, chegaram á altura de Pindaro; Flaminio, cuja musa precoce imitou nas odes a Horacio, e, nas elegias, a Tibullo; vem depois d'estes Postumo Silvestri, e Mozarello, que, com muita fecundidade de engenho, cultivaram este mesmo genero de poesia; os tres improvisadores latinos, Brandolini, Maroni, e Querno a quem deram o epitheto d'*archi-poeta*, e com o qual Leão X,

que tambem tinha o bello talento de fazer versos latinos de repente, costumava certar quando os negocios lh'o permittiã; os tres irmãos Capilupi, Faerno, tão perfeito imitador da naturalidade e elegante simplicidade de Phedro, que houve quem pensasse que elle tinha achado e se havia apropriado algumas fabulas, até então desconhecidas, do ingenhosoliberto de Augusto; Aogurelo, em cujas poesias ha mais riquezas do que as que a sua enganada e enganosa phantasia n'ellas prometteu tirar dos segredos da alchymia; Ingherrami, Beroaldo, Parmenio, e Saben, que successivamente occuparam o logar de bibliothecarios da livreria Vaticana; Benzio, de corpo deformado, mas gentil na poesia; Bocchi a quem deram o epitheto grego de *Philerote* pela excellencia de seus versos eroticos; Fascitelli, e Zanchius sobrenomeado *o puro e nitido*, e Fumanus, que traçou, com muito bom criterio e gosto são e apurado, as regras da logica, em valente rima. As tres famosas academias de Pordenonne, Napoles, e Florença, que, no decimo quinto seculo, contribuíram tão eficazmente para polir a lingua e afinar a litteratura italiana, estando, por assim dizer, refundidas em Roma desde o começo do pontificado de Leão X, presentavam a mais bella copia de cultores das musas que se viu depois dos dourados seculos de Pericles e de Augusto, e como se não tornou a ver mais em parte alguma do mundo. Pasmam todos em contemplar, não digo as playeadas, mas a fileira compridissima de ingenhos engenhos, de facetissimos e lepidissimos genios, que, na poesia epica, na lyrica, na didactica e na satyrica, floreceram, por aquelle tempo, no Parnaso italiano de Roma. O gentil Ariosto, cuja riqueza e brilhança de cor de imaginação, em breve, havia de ser igualada, e talvez vencida por Camões, estava laureada com a coroa e seeptra do Parnaso do sublime e mordaz Dante, e do immortal e sensível Petrarca, a qual depois devia e ia passar ao deliciosissimo e desditoso Tasso, se os seus fados não chegassem na vespera do dia aprazado para a sua entronhisação. Regizavam em torno do illustre cantor de Orlando Furioso Bembo, restaurador da lingua toscana e da pureza de estylo de Boccacio, e Sannazar, ambos tão bons poetas italianos como latinos; o venusto e sempre victoriado Accolti, a quem Ariosto deu o epitheto de *unico*; Tebaldeo, que, nos seus epigrammas, reproduziu a verdade e graça de Marcial; Molza que na ternura dos sentimentos, e na melliflua suavidade da rima, igualou, se não venceu, a Catullo; Berni, que, no genero burlesco e satyrico, fundou uma nova escola que d'elle tomou o nome, e na qual tambem se distinguiram Bini, Mauro, Follengui, mais conhecido pelos seus poemas em latina macaronico debaixo do nome de Merlino Coccajo; Castiglioni, appellidado *il Cortegiano* do titulo de uma das suas obras, tão bom poeta, como guerreiro, e habil negociador, e que, tanto pelos seus escriptos, como pelas suas boas maneiras, concorreu para urbanisar e civilisar a corte de Roma; os tres severos imitadores dos antigos classicos, Trissino, que na Italia produziu ou reproduziu o gosto dos versos soltos, Ruccellai que a uma imaginação viva juntava uma grande facilidade e delicadeza de elocução, e Alamanni, que arrojando-se com fortuna a competir, nas suas Georgicas, com Virgilio, fez, na traducção do Antigono de Sophocles, um dos melhores dramas que ha escriptos na lingua italiana, ainda então não avetzada á poesia dramatica, apezar dos esforços de Ariosto, Ruccellai, Trissino, e Bibbiena; avultando na longa fila de tantos e tamanhos engenhos poeticos Victoria Colonia; Veronica Gambará; Constança de Avalos; Tullia de Aragão, Gaspara Stampa, o Laura Battifera

Depois d'esta fileira compridissima de ingentes eugenios poeticos vinha a dos artistas insignes, não menos admiraveis pela viveza de imaginação, como ainda o estão attestando os primores de architectura delineados na mente de Bramante, de quem Julio II fiára a traça da grande basilica Vaticana (e que n'aquelle mesmo anno devia encher o dilatado gyro da sua brilhante carreira), e de Miguel Angelo Buonarrotti, seu illustre continuador na superintendencia d'aquelle outava maravilha do mundo, e adornado com as joias de todas as artes liberaes. Competia de primor com elle, no pincel dextero e valente, o immortal Raphael de Urbino, creador de bellezas que menos pareciam imitadas pela arte que roubadas á natureza, que, segundo Bembo, por morte d'elle, perdeu um auxilium e um eculo; brillavam tambem o doce Julio Romano e Baguacavallo, seus discipulos mimosos, André del Sarto, Parmigiano, Bigio, Buonarrotti, Penni, Piombo, Vicente de San Gernignano. Vaga, Pontorno, auctores de tantos quadros fallantes; Ticiano, admiravel em todos os generos, e rival de Raphael como retratador de natureza, e cujo sabio pincel, caído das mãos tremulas d'aquelle illustre artista, que viveu quasi um seculo, teve a honra de ser levantado do chão pelo maior monarca do seu tempo; Leonardo de Vinci, rival de Miguel Angelo, e que, em idade tambem proecta, morreu nos braços de outro augusto protector dos artistas, Francisco I, acabando então de nascer o fecundissimo Tintoretto, que havia manter a escola de pintura italiana no mesmo grau de perfeição até ao fim do seu grande seculo. Florescia tambem então a escultura, e particularmente a estatuaría, em Roma onde, inspirados pelas obras primas de Phidias, Polycte, Myron, Lysipe, Praxitiles, Scopas, brillantes astros dos seculos de Pericles, e de Alexandre, e dos primores, pela maior parte, attribuidos a artistas gregos, dos tempos de Trajano, e Adriano, que ainda se conservam em algumas das deliciosas villas romanas, os admiraveis euzois de Buonarrotti, Amio, Amanati, Tribolo, Contucci, Duca, Bandinelli, Raphael de Monte Lupo, Jeronimo Lombardo, e Barrelli, davam vida ao marmore e ao bronze. Os dous generos de gravura em cobre, e á agua forte, que a torna mais exacta, mais graciosa e mais expressiva, o primeiro descoberto casualmente no meado do seculo 15.<sup>o</sup> por Masso Finiguerra, ourives de Florença, o segundo devido ao fecundo engenho d'Alberto Durer, que o inventou no principio do seculo seguinte, tinham no celebre Marco Antonio Rainoldi, e em Baccio Baldini, Pollajnolo, Sandro Boticelli, Montegna, Parmigiano, Fontana, e Bonsuane, os seus mais egregios aperfeiçoadores na corte de Leão X. A illuminata, especie de pintura á tempera, com algumas differenças da arte, e feita em pergaminho, a qual o pae do nosso Francisco de Olanda já tinha produzido em Portugal no reinado d'el-rei D. João II, adquiria então em Roma um incremento de perfeição, que o filho d'aquelle artista ali foi aprender debaixo da direcção do cavalheiro Macedonio. A typographia, que acabava de sair do berço, fazia agigantados progressos guiada pelo sabio impressor Aldo Manucio, que o papa n'esse mesmo anno honrou com um grande privilegio, e pelo tambem mui habil e douto typographo cretense Zacharias Callergi. Finalmente a arte de lavar o ouro ufanava-se com justa razão de ter no seu gremio o celebrado Benvenuto Cellini, ainda mui rapaz, e já eminente n'aquelle officio, e que depois se fez ainda mais notavel como pintor, escultor, abridor, e até como valente defensor do castello de Santo Angelo, sitiado pelo famoso condestavel de Bourbon. Além dos homens sciên-

tificos de que já fallei, tinha, como refere Marini, o archi-gymnasio romano, reformado por Leão X, entre os seus perto de cem professores insignes, e só na faculdade de jurisprudencia civil, por explicadores d'esta disciplina, no anno a que n'esta narração me refiro, os egregios N. de Santa Croce, Lancelotto de Senis, Tiberio Manelli, N. de Sanguineis, Tuderto Cusentia, Pedro Sabino, Salomonio, Aretio, Silvestre Policiano, Pirrho Senense, Jubencio, Archangelo de Patritizis, Gondolo, Lucas de Perleonicas, Goris, e Carpino de Firmo, juristas de marca, cujas sabias lições, e excellentes escriptos, fizeram na semi-barbara legislação da Roma moderna uma tão tranquilla e salutar alteração, como a que, nas leis dos antigos romanos, operaram os edictos do pretor e as respostas dos jurisconsultos, fazendo não menos benefica e gradualmente substituir no seu codigo, pelo direito philosophico da razão humana, o direito positivo da Cidade, e, pelo senso commum da justiça abstracta, o sentido restricto do privilegio local dos pristinios Quirites. Nas sciencias mathematicas, physicas e naturaes, eram mestres Lucas de Burgo, Antonio de Firmo, João de Macerata, Severino de Spoleto, Scipião de Lancellotti, Alexandre de Spinosis, Scapucius, Angelo de Victoriis, Jacob de Praepositis, R. de Fabriano, Nicolau de Bozio, João Baptista de Verallis, Bartholomeu de Pisis, e João de Phara, contando-se, entre os estudantes de medicina o, depois, mui celebre Matthiolis, que, pelos seus eruditos commentarios sobre os primeiros seis livros de Dioscorides, abriu primorosa estrada aos naturalistas modernos, e fez que a botanica começasse a ser considerada como uma parte interessante dos conhecimentos humanos. Na logica, methaphysica, e ethica, distinguia-se João de Scandriia, Cesar Manelli, Campallus de Spoleto, Valerianus, Angelo de Sanctis, Agostinho de Sessa, Nicolau Cillelio, Bernardino de Radicibus, Sebastião de Veteranis, Diamanus, e, com certas reservas, o mui fallado Niphus. Finalmente, a historia tinha seis grandes luminarees nos famosos escriptores Machiavello, Nardi, Paulo Jove, nos espiritos encyclopedicos Ruccellai e Bembo, e no prestante annalista Guiccardini. Tal era o admiravel e numerozo concorso de sabios, litteratos, e artistas, que rodeavam o esclarecido pontifice. A'queles cujos olhos cegarem com o fulgor de tantos e tamanhos lumes d'aquelle seculo aconselharei que abaxem a vista até ás luzes amortecidas do nosso, em que ás apalpadellas andam uns marrando com outros, temendo em ver, a cada instante, verificado o dito supremo de Byron na sua ode das Trevas.

(Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

#### VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

#### XV.

Ainda mais duas palavras, e ultimas sobre o objecto em questão. A companhia possuia terrenos immensos e muito férteis; alguns no interior bastante saudios; tinha trabalhadores baratissimos; empregados bons, sendo bem remunerados, não lhe faltariam; não achou pois nenhum estorvo á prosperidade da companhia. As filhas de S. Thomé e Príncipe, aonde só faltam braços e capitães, torna-se-iam em breve tempo, e sem sacrificio, rivaes das colonias inglozas; Mossambique reacquiriria a sua posição de interposto entre o oriente e o occidente; e Angola seria a capital do continente africano.

É isto um sonho? Será; mas nunca um sonho foi tão possível de realisar. Haja um governo que diga: *Quero!* E como a agua brotou da montanha ao toque da vara prodigiosa de Moysés, as nossas colonias de Africa surgirão prosperas do abatimento em que estão á voz poderosa de um novo Pombal.

Não estivesse o Brazil encorporado a Portugal no tempo da administração de Carvalho e Mello, e veríamos como esse braço gigante se tinha estendido até á Africa, e arrancado d'ella um novo Brazil, como levantou das ruínas de Lisboa uma cidade mais vasta e mais formosa

## XVI.

Aolargo. Deixemos Loanda, e vamos visitar a costa portugueza, que se estende para o sul até Cabo-Negro.

Estamos em frente da bôca do Cuanza. Quereis ir visitar a cidade de Nossa Senhora da Victoria de Massangano? Não vos seduz um titulo tão pomposo? Tendes razão. É um presidio doentio, que deve esta honra á resistencia tenaz que oppoz aos hollandezes, quando o governador, tendo lhes abandonado Loando, retirou sobre este ponto. Passemos pois avante. Costeiemos os cabos *Lêdo* e de *S. Braz*, e deixemos o morro, sem importancia, de *Benguella a velha*, para irmos dar fundo em *Novo Redondo*.

É bonito o aspecto d'este presidio da beira-mar, mas difficil de abordar, por causa da *calêma*. Um escaler qualquer vira com facilidade querendo abicar á praia; servem-se pois, para desembarcar, de uns estrados de bambú, sobre os quaes se equilibra com difficuldade o passageiro, e que são povados de terra com cordas, por entre novellas de vagas. Ha inevitavel molhadella, segue-se quasi sempre a febre, e algumas vezes a morte!

Fujámos ajuda de Novo Redondo, e velejemos para o sul.

Lá está o porto do Lobito, que os nossos tentaram ultimamente aproveitar para ali estabelecer a sêdo do governo de Benguella, mas sem resultado. Mais além o rio Catumbela, de agua doce, e logo o morro do *Sombreiro*, assim chamado pela longinqua similitude que tem com um chapéu derribado, e que termina ao sul o porto de Benguella. A cidade de S. Philippe lá está no fundo da enseada, com o pavilhão portuguez algado na fortaleza, e mostrando as suas habitações pouco elegantes, na frente de esteiros montanhas.

Lancemos ferro n'este porto, de tão triste recordação para mim; e ouga o leitor — se chega a tanto a sua consciencia — a narração dos successos de que fui testemunha e victima, na minha primeira visita a Benguella.

## XVII.

Uma fragata portugueza estava fundeada no porto... devia ser motivo de alegria para nós, mas pelo contrario foi causa de grave tristeza! Vinha da India, e ía partir no dia seguinte para Loanda; porém a guarnição revoltou-se, e não quiz levar ancoras; prendeu o seu commandante, e investiu d'esse cargo outro official, por aclamação; era preciso acudir-lhe; mas com um brigade não se aborda uma fragata, e nós tínhamos ali apenas um brigade, meio padre! O nosso commandante chamou os seus officiaes a conselho; expoz a critica posição em que nos achavamos, e pediu o parecer de cada um. Foi unanime a decisão de que se tentasse tudo, para salvar de mais uma vergonha a marinha dos Gâmas e dos Cabraes.

O commandante do brigade, homem de mar na sua mais ampla accepção, embarcou em um bote tripulado por quatro homens todos desarmados, e atracou á fragata. Subiu, e achou-se entre centenaes de homens, parte dos quaes embriagados, e de cujos labios satam ameaças e insultos contra o seu chefe. Falou-lhes em linguagem que elles entendiam, linguagem chã de marinheiro, sem flores de rhetorica, sem preceitos academicos... os revoltosos ouviram estas fallas, que comprehendiam; e convencidos pelo parlamentarismo, deixaram sair, incolume e trajando vestuario de paizano, o commandante que haviam de posto, e que foi desembarcar a salvamento nas praias de Benguella.

A anciedade era grande a bordo do bergantim, esperando o resultado do atrevido passo do seu commandante. Quando elle voltou, os officiaes correram a interrogal-o com os olhos.

— « Os homens estão resolvidos a seguir para Loanda, » disse o commandante; « amanhã partiremos em conserva e lá se ajustarão estas contas. » Depois, dirigindo-se a mim, continuou: « Vá a terra buscar o commandante da fragata, e diga-lhe que o acompanhe para bordo do nosso brigade. »

D'ali a poucos minutos vogava eu, em um bom escaler, para a temível praia de Benguella, desembarcava uma hora depois, sem incomodo, apesar da muita calêma, e atravessava uma parte da cidade, dirigindo-me ao aleuadado palacio do governo.

O commandante da fragata estava ali; communiquei-lhe as instrucções que recebera, e ao anouteecer voltámos á praia.

A calêma tinha redobrado de força; o mar quebrava-se na praia com uma furia inivel, as ondas elevavam-se ás nuvens, e formavam como um lençol de espuma entre o escaler e a cidade.

O commandante da fragata embarcou com difficuldade, mas sem perigo; depois tratei eu de embarcar tambem.

Quatro pretos, escravos, acorrentados dous a dous, ergueram ao ar um estrado, sobre o qual estava pregada uma cadeira de braços, aonde eu me havia sentado, e este andor caminhou por entre as ondas em direcção ao escaler, que se não podia aproximar muito da praia; porém, chegados a distancia de dez passos da embarcação, vimos caminhar para nós um d'esses terriveis mares, que se enrolam e elevam ruidosamente, a que se chama a *calêma*; fôra impossivel aos pretos, ainda que não estivessem acorrentados, sustentar de pé este embate furioso das vagas, e, por consequencia, tomaram rapidamente o seu partido, e dando uma palavra de signal entre si, acceoraram-se a um tempo, fazendo descer ao nivel do mar o estrado que me servia de telonio; immediatamente uma detonação medonha, e o peso como de cem toneladas de agua me passou por cima do corpo, fazendo-me descair a cabeça sobre o espaldar da cadeira.

— « Acabou-se tudo, » disse eu em triste soliloquio, sem contudo largar as mãos dos braços da cadeira.

A posição era pouco agradavel! Mas tendo passado a onda, os pretos ergueram-se de novo, e tentaram continuar a marcha; um novo mar se apresentou porcu de frente, tão temivel como o primeiro.

E eu vi na pôpa da lancha o contramestre do brigade, homem robusto e valente, conservando-se com difficuldade de pé, pelo encontrado balougar da embarcação, mas convidando-me com os gestos a chegar depressa (as vozes eram abafadas pelo rugido da calêma) e afflicto por não poder fazer nada para me salvar.

O momento era supremo; eu contava com a morte se me expunha a segundo choque d'aquella pe-

zada massa d'agua; não reflecti um momento; atirei-me fóra da cadeira, e não direi que foi um salto que dei, foi um vôo . . . caí nos braços do contramestre, e ambos rolamos, desequilibrados, no painel da lancha.

Ao banho, n'aquellas paragens, seguiu-se, como é costume, a febre, a *carneirada*. Passei essa noite em delirio; já não senti, na manhã seguinte, levarem ancoras os dous navios, e por alguns dias estive entre a vida e a morte.

### XVIII.

Ergui-me do leito, em Loanda, para ser testemunha de uma horrivel scena! Os revoltosos da fragata haviam sido julgados por um conselho de investigação, de disciplina, ou quer que fosse; cinco marinheiros classificados como *cabeças de motim*, foram enviados para Lisboa, a fim de responderem a conselho de guerra; doze classificados em segundo grau de criminalidade, foram arbitrariamente sentenciados ao supplicio da chibata.

Era ao romper do dia. Ao longo da praia, na ilha de Loanda, desembarcavam as tripulações dos varios navios de guerra portuguezes ancorados no porto; e marchavam, soldados e marinheiros, uniformizados e no maior aceio, com os seus officiaes em frente, (em cujo numero eu entrava) ao som de ruidosas trombetas, para um terreirinho, aonde está uma capella christã. A cruz, symbolo da redempção, e patibulo do justo, ali se via erguida, e ia contemplar um castigo identico ao que inflingiram ao Christo; com a differença que estes Poncios Pilatos não eram forçados pelo povo, e não podiam como aquelle lavar as suas mãos de tal attentado.

Assisti, com os olhos cerrados, mas infelizmente com os ouvidos destapados, ao barbaro castigo; os gritos das victimas despedaçavam-me o coração! A cada momento me parecia que ia cair. . . E o supplicio durou algumas horas! Que horrivel castigo soffri sem commetter crime! Ainda hoje me transtorna a cabeça a recordação de semelhante dia! . . .

Depois, por um requinte de cruexa, mandaram para os prezidos do sertão, sem genero algum de sentença, estes desgraçados. É provavel que poucos escapassem á morte!

Quanto aos cinco mais culpados, quatro d'elles foram sentenciados a alguns annos de grillheta, e já estão livres ha muito; o outro foi absolvido! Por fortuna sua o reputaram criminoso de primeira ordem, aliás teria morrido pela chibata ou pela febre.

O commandante tem hoje mais um posto, e uma commenda.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

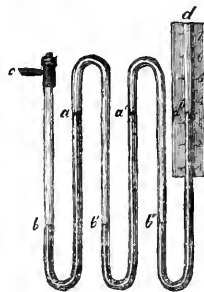
### MANOMETROS.

DEMOUS no numero antecedente uma idéa do que seja um manometro, na sua expressão mais simples, e apresentamos ao proposito os desenhos de dous d'aquelles instrumentos do mesmo systema, posto que de construção differente.

A nossa gravura representa uma outra especie de manometros, cuja vantagem consiste principalmente em evitar-se pela sua particular construção o gravissimo inconveniente que resulta do excessivo comprimento d'aquelles apparatus, o qual torna a sua collocação mui difficultosa nas machinas de vapor, mórmente nas locomotivas.

O manometro figurado na gravura é tambem de

*ar livre*; mas o equilibrio, em vez de ser produzido por uma columna unica de mercurio, obtem-se por uma serie de columnas successivas, n'um tubo recurvado em varios pontos á maneira de siphão. A extremidade *d* do tubo é aberta; a pressão do vapor é transmittida pela outra extremidade *e*. Os *cotovellos* inferiores dos siphões são cheios de mercurio, e os superiores, comprehendido o do tubo *c*, são cheios de agua. Quando a pressão do vapor opera sobre o instrumento, o mercurio de cada siphão sobe de um lado e desce do outro, e o equilibrio resulta da serie das differenças de pressão do ponto *a* ao ponto *b*, do ponto *a'* ao ponto *b'*, do ponto *d* ao ponto *b''*.



O tubo que está junto á escala deve ser de vidro, os outros de ferro. Este instrumento dá resultados mui satisfatorios, e pode applicar-se ás locomotivas: mas cumpre que seja construído com a maior perfeição, porque é essencial que se não perca a menor porção do mercurio ou da agua, aliás as indicações apontadas na escala serão erroneas.

### BULLA DE 1536.

Poucos annos depois do descobrimento da America propagou-se com uma facilidade e rapidez espantosas a opinião de que os indigenas d'aquellas remotas regiões não eram homens: havia quem os classificasse abaixo dos pretos, e um pouco acima dos macacos!

As consequencias de semelhante erro podiam ser horrorosas: era o meio de desvanecer todos os escrupulos d'aquelles que barbaramente escravizavam os desgraçados americanos. Dous frades, Domingos de Minaya e Domingos de Betamos, dirigiram-se, em 1536, ao papa Paulo III, expondo-lhe os seus recios e o seu voto a tal respeito. A 9 de junho d'esse mesmo anno, foi promulgada uma bulla, que começa por estas palavras: Veritas ipsa quae nec falli nec fallere potest, na qual o summo pontifice declarava, que não só era sua vontade senão a vontade do Espirito Santo, que se reconhecessem os americanos por verdadeiros homens!

Submitteram-se todos a esta bulla, mas, segundo parece, sem plena convicção; por quanto em 1583, no concilio de Lima, discutiu-se se os indios, ou naturaes da America, eram ou não dotados de intelligencia sufficiente para poderem ser admittidos a participar dos sacramentos da Igreja!

Tão profunda era a ignorancia e tão enraizados estavam ainda certos prejuizos n'aquelles tempos, que alguns escriptores, com mais elegancia do que critica e verdade, chamam a idade aurea das sciencias e das letras.





ALLEMANHA — CIDADE DE PRAGA.

PRAGA (em bohemio *Praha*; em allemão *Prag*) situada em 50 graus e 5 minutos de latitude N., e 32 graus e 5 minutos de longitude E., assente sobre varias montanhas, ao longo das margens do Moldau, é uma das cidades mais antigas, mais ricas e mais pictóreas da Allemanha. Antiga capital do reino de Bohemia, Praga divide-se em quatro grandes bairros, cada um distincto pelo nome e physionomia particular: na margem direita do rio, *Altstadt*

ou cidade velha, e *Neustadt*, ou cidade nova, na margem esquerda *Kleinseite* e *Hradschin*. Estes bairros communicam-se e ligam-se uma ponte magnifica, começada em 1328, no reinado de Carlos VI, e concluida somente nos primeiros annos do 16.º século, durante o governo de Ladislau II. Consta de dezesseis arcos, e mede em comprimento 520 metros. Custou 170 000 florins. Tem em cada uma das extremidades uma torre, a que olha para o lado da

cidade velha (vide estampa) conserva ainda uma parte das esculpturas de que era ornada, bem como as armas de todas as nações com quem a Bohemia tinha outr'ora alliança. A cortina da ponte é decorada de vinte e oito estatuas colosses, entre as quaes se distingue a de S. João Nepomuceno, padroeiro da cidade. Todas estas estatuas foram erigidas no 18.<sup>o</sup> seculo.

Abaixo da sua ponte monumental os edificios mais notaveis de Praga são da universidade (fundada por Carlos IV, imperador de Allemanha, e que chegou a ser frequentada pelo espantoso numero de 60:000 estudantes!) o palacio do municipio e o antigo palacio real.

Além d'estas construcções, realmente dignas de fixarem a attenção do viajante, contam-se na capital da Bohemia 92 igrejas, 68 palacios, e 8 synagogas. A população calcula-se ser superior a 75:000 almas, comprehendendo 9:000 judcus.

Esta importantissima cidade tem representado um papel eminente nos annos da Allemanha: junto e dentro de seus muros se pelejaram por varias vezes sanguinolentas luctas, tendo por motivo já as questões politicas em que o imperio se achou empenhado, já as, sem duvida, mais terriveis dissensões, provocadas pelas doutrinas de João Huss e Jeronymo de Praga. Calvino e Luthero. Hoje entrega-se com prospero successo ás artes, que a paz faz nascer e fructificar. Praga é séde de um archbispo, e hoje pertence ao imperio de Austria, como o reino de Bohemia.

#### ESTUDOS SOBRE OS DIFERENTES METHODOS DE ENSINO DO LER E ESCREVER.

JERONYMO SOARES BARBOZA.

« Não seria uma das peiores applicações a que se fizesse da esmola que a junta da fazenda da universidade costuma fazer todos os annos pelo Natal e Paschoa, o empregar toda esta somma ou a maior parte d'ella em comprar, para estas escolas, tinteiros, pennas de lapis e de escrever, regoas, costaneiras de papel, e ainda algumas selectas dos auctores classicos, e entregar tudo ao visitor para distribuir como premios nas escolas da comarca aos meninos de esperanças, pobres e que fazem diligencia para aprender sem terem os meios precisos para isto. E se para fazer esmola, é preciso pedir-a: eu como Jeronymo Soares, e como visitor me offereço a fazer na occasião este requerimento em nome e a favor do bom publico e da pobreza laboriosa; e estou bem certo que á vista do patuel terno que eu tragar das necessidades publicas da parte mais indigente do povo, e mais interessante ás rendas da universidade; e da melhor applicação da esmola, a que estão obrigados os que a dão: todos os senhores deputados da junta não de julgar por mais bem entendida esta applicação que aponto, do que a que se faz da dita esmola em socorrer aos pobres, mas d'esta cidade, que n'ella tem outros muitos recursos, e meios de subsistir do que as gentes pobres do campo e das aldeas, outro sim porque a esmola que se faz para a boa educação popular é mais bem entendida do que a que tem por fim o soccorro das necessitates corporaes.

« Não ha porém escolas, em que o methodo d'ensinar se ja mais vicioso, e necessito por isso de mais providencias, do que as de ler, escrever e contar. Principalmente é um principio bem trivial de todo o methodo de ensinar: que se deve sempre ea-

minhar do que é mais facil para o que é mais difficil, muito principalmente tratando-se dos primeiros conhecimentos e com creanças a quem se deve aplanar o caminho, quanto for possível, e tirar-lhes todos os tropeços e abrolhos desnecessarios. Não se pode negar tambem que a letra de mão é mais difficiliosa de se conhecer e ler que a typographica.

N'esta os caracteres dos signaes litteraes são sempre os mesmos, são só os essenciaes e sempre uniformes. A figura de uma letra representativa de um som, fixada uma vez na imaginação da creança, não se desvaneece facilmente. A figura de uma letra representativa de um som, facilmente, em qualquer parte que a encontre, a reconhece logo porque é identica. Não succede o mesmo na letra de mão em que os caracteres essenciaes vão confundidos a cada passo com os rasgos de mero capricho tão differentes como as mãos, que os lançam. Os caracteres essenciaes de cada letra não são tambem sempre os mesmos, porque os accidentes differentes da mão, da penna, e do habito do escriptor os diversificam até o infinito, de sorte que uma criança sente um grande trabalho, e gasta infinito tempo para discernir o que é essencial na letra, do que é accessorio. As figuras tambem nem sempre são uniformes; porque a escripta cursiva conhece muitas de uma mesma voz e articulação. Não fallo já nos travados e abreviaturas da letra cursiva, que devem embaraçar muitos espiritos curtos quaes são os de todos os meninos. Acresce a isto acostumarem-se os olhos d'estes a formas estramboticas, irregulares, desiguales e feias das letras; á desproporção das mesmas entre si; ás torturas das regras; á pessima orthographia, o que certamente não é um bom preparo para depois os ensinar a escrever de outro modo. Contudo contra todas estas razões prevaleceu de ha muito tempo o methodo de ensinar a ler nas escolas por traslados maus da mão do mestre, por cartas familiares manuscritas, por autos e sentenças de letras differentes e todas pessimas, e muitas vezes illegiveis; e depois por livros impressos.

« O methodo deve ser justamente o contrario. Devem aprender a ler por letra impressa, tanto redonda como bastarda. Depois de estarem bem correntes n'esta leitura, ensinam-os a escrever na forma da letra bastarda impressa a que já estão costumados, e que é a mesma cursiva com pouca differença, e só por fim é que se lhe devem metter nas mãos os abecedarios e escripturas de mão, fazendo-lhes reconhecer nas letras d'ellas os caracteres essenciaes das que já sabem sem se embaraçarem com tudo o que é de mero capricho. Como já estão firmes na leitura da letra boa, e costumados a vela e a formal-a, em breve tempo comprehenderão a de má, que já lhes não fará outra impressão senão a desagradavel de a estranharem, comparando a escriptura má, com a bella, com que primeiro foram criados. Com este methodo, a todas as luzes melhor, abrevia-se, pelo menos metade, o tempo que as crianças gastam agora nas escolas a aprender a ler pelo methodo antigo.

« Outro defeito do methodo vulgar é o dos abecedarios, formados todos segundo o modelo do usual, vicioso, que, posto que se deva conservar tal qual é para outros usos; para o de ensinar a ler não se deve tolerar de nenhum modo, porque é fulto de muitas vozes, e articulagões da nossa lingua; porque é sobejo de outras; porque é indigesto pela confusão das vozes com as consoantes; porque é desordenado pela má disposição e serie d'estas, contraria á ordem natural da sua mesma geração; porque enfim é de uma pessima nomenclatura, e opposta muitas vezes ao valor das mesmas letras. Os syllabarios da mesma sorte são summamente defeituosos.

São mais em trespódo as syllabas portuguezas, que os rapazes ficam ignorando, do que as que aprendem pelos syllabarios dos mestres, ainda das artes, os mais copiosos. A regra de Quintiliano — *Syllabis nullum compendium est: perdiscenda omnes* — passa para com todos os methodistas por um axioma demonstrado pela razão e experiencia. Toda a syllaba, que as creanças não aprenderam nos syllabarios, lhe é de um grande embarço depois na leitura; a qual por isto vai toda cheia de tropeços, e de gagueijos, a que, costumados, não se corrigem depois facilmente.

Finalmente para passar por muitos outros defectos, e me cingir só aos mais capitães, o methodo de soletrar usado universalmente nas escolas de Portugal é vicio-issimo. Soletrar não é outra cousa mais do que compor uma syllaba, resolvendo-a em seus sons elementares, e recompola outra vez, juntando-os em uma só emissão, e está claro a todas as luzes que na decomposição não devem entrar nem mais nem menos, nem outros sons senão os que entram na composição da syllaba, e sob pena de estar enganando a todos os instantes os innocentes, e querel-os fazer ludibrio perpetuo das preoccupações e abusos. O methodo vulgar de soletrar aparta-se todo d'esta regra. Rara é a syllaba que se ensina a pronunciar junta com metade dos sons que se lhe mettem na sua soletração; e que deve embarçar grandemente a primeira idade, que é mais consequente do que se pensa. Deve-se pois largar inteiramente este methodo e adoptar o recebido já em todas as nações civilizadas, proposto primeiro por Mr. Arnauld, explicado e aperfeiçoado depois por Mr. Launay, que é nomear as letras pelo seu mesmo valor, e não fazer entrar na soletração de qualquer syllaba outros sons senão os que entram na composição d'ella. As creanças chegam com muito tempo e custo a aprender pelo methodo vulgar, porque são pacientes, e não tem ainda reflexão. Porém todos assentam que as inconsequencias d'este methodo seriam um obstaculo invencivel para aprender a ler, pretendendo-se ensinar por elle homens de juizo já formado, e capazes de perceber a incoherencia dos seus processos e dos resultados.

J. M. LATINO CEBELHO.

## VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA

### XIX.

VELEJEMOS para Mossamedes. Fique pela pópa o *Sombreiro*; a enseada dos *Menos*; a bahia *Farta*; as *Salinas*, ponto bem conhecido, mas de difficil desembarque; a bahia da *Torre*, a angra de *Santa Maria*, e suas altissimas montanhas ao longo do mar; o rio *Padrão* e o illhu do *Pina*, dous elevados picos, que destacam da terra baixa, que corre para o sul até a angra do *Negro*; finalmente eis-nos em *Mossamedes*, o *little fish bay* dos *Ingleses*.

Se o leitor não quer fazer por mar este trajecto da Benguella a Mossamedes, acompanhe-nos por terra, que temos para guia a viagem do major Garcia pelo sertão, de que eu tomei apontamentos nas conversações que com elle tive. Crêmos que sera isto mais agradável ao leitor do que um relatório official, que quando não é mentiroso, é, pelo menos, quasi sempre exagerado.

Depois diremos algumas palavras acerca d'esta nova colonia, do estado em que a encontrámos, e dos progressos que tem feito em treze annos.

### XX.

Partindo de Benguella com direcção a Huila, percorrem-se quinze ou dezesseis leguas de terreno arido, sem vegetação nem agua. São dous dias de marcha em rido, ou mais de tres a pé. Depois encontra-se o rio de S. Francisco (os negros chamam-lhe *caprão*) cujas margens são cobertas de arvoredo; e o terreno começa a ser vegetal ate ao nosso prezidio de *Quilengues*. Antes porém de chegar a este lugar, encontra-se outro rio, o *Zimbo*, que, juntando-se ao de S. Francisco, vem confundido com elle desaguando nas Salinas ao sul de Benguella. No tempo das cheias torna-se difficil a communicação entre as suas margens, e por falta de barcos, atravessam-no os negros agarrados ás caudas dos bois. Seguindo a riba esquerda do rio *Quilongo*, chega-se com sete dias de jornada ao prezidio de *Quilengues*. Este paiz é sadio, em geral, o que os europeus não suppeem; e são apenas volgaes ali as inflammagões de olhos; e é tal a fertilidade do seu clima que produz todos os generos da America, como pequenas experiencias tem mostrado. A cultura porém está em total abandono; a provincia de *Quilengues* participa da sorte geral de todas as nossas colonias. O prezidio está situado sobre uma montanha, entre dous rios; tem uma fortaleza de madeira, com quatro baharetes de entulho e quatro fortins exteriores, que communicam com a praça; foi concluida em 1835. Um chefe portuguez, com 30 soldados de linha, uma companhia movel, e 4 bocas de fogo, eis toda a defeza d'aquella posição sertaneja. Entre os habitantes encontram-se alguns homens brancos.

De *Quilengues* a *Huila* ha cinco dias de marcha (quarenta leguas), quasi tudo deserto; porém, ao cabo d'esta penosa viagem, encontra-se um paiz saudavel, temperado, cortado de riachos de excellente agua, aonde até, na estação invernosca, chega a nevar. D'aquí ao *Jau* são tres leguas de terreno fertil; e o caminho que até ahí fóra, proximoamente ao SSE., começa a declinar para o SSO. até *Faiôna*, e de lá para Mossamedes segue quasi a oeste. Saíndo do *Jau*, desce se o grande despeñadeiro de *Quicuto*, todo matizado de arvoredo, com muita urzella; depois estende-se uma grande planície, fertil e amena, aonde, por muitos dias de caminho, se encontram rios, arvores de fructo, e innumerado, até chegar a *Faiôna*, que é uma povoação importante d'aquelles sertões. D'ahi para o poente o terreno torna a ser arido, e apenas se encontra arvoredo ao aproximar de um rio, que vai lançar-se na bahia de Mossamedes. Ao sul d'este ponto estende-se um mar d'arcia.

### XXI.

O clima de Mossamedes, isto é, do lugar em que está a residencia do governador, a fortaleza e a igreja (incompletas) e algumas barracas de moradores, e saudavel, e até pouco quente, porque quotidianamente sopra ali uma viração agradável, mas logo na extremidade da bahia, para o norte, se encontram sitios densos nas margens do rio dos Mortos.

Por fins do anno de 1840 aporti eu a Mossamedes. Haviam apenas ali algumas palhoças, em uma das quaes morava o commandante do prezidio, e estava começada a fortaleza de S. Fernando. Foi a guarnição do nosso brigade que levantou a primeira casa de pedra e cal n'aquelles arcaes, e que cultivou com successo uma pequena horta, perto do rio, a qual todavia foi feita a ramos dos agricultores.

Hoje é differente. Com a chegada dos colonos do Pernambuco em 1849, e ultteriores providencias do

governo da metropole, tem não só crecido consideravelmente o numero de habitações, e o commercio de marfim, gado, urzella, cêra, e gommia copal com o interior, mas as communicações com o sertão tem-se tornado mais frequentes, e os proprios colonos avançam as suas plantações de assucar, algodão e mandioca até 35 leguas distante de Mossamedes com feliz resultado: o café é que não produz bem n'este terreno.

Crêmos que, com algum sacrificio da parte da metropole, para se desenvolver em maior escala a colonisação, e prudencia nos meios de a encaminhar, por parte do governador do districto, se tornaria este ponto de grande importancia agricola e commercial, util a si e a nós todos.

Não é aqui lugar de desenvolver as idéas de colonisação com brancos, não *degradados*, porque seria longo, e provavelmente não passaria de uma repetição do muito que já se tem dito sobre o objecto: é porém de absoluta necessidade que, entre as oppositas opiniões de tantos que tem visitado Mossamedes, se escolha a que merecer preferencia; e se essa for favoravel ao progresso da colonisação, o governo empregue a maior energia em fazer desenvolver na maxima escala possível a agricultura d'aquelles fertes sertões, por onde se chega ao Jau e á Huila, e aos nossos saudáveis prezidos de Quilengues e Caconda, muito mais depressa e por melhores terrenos, do que partindo de Benguella, que era até agora o centro do commercio d'aquellas paragens.

É este um objecto digno da maior attenção dos governantes.

## XXII.

Vou terminar estas noticias de Africa, reminiscencias dos tres annos, que por ali vagueei. Grande parte d'esse tempo estive em Loanda, porém fui cinco vezes a Benguella, duas a Mossamedes, duas a Novo Redondo, e uma ao Ambriz, aóra es cruzeiros na costa, durante um dos quaes aprezaemos o pacheco *Nereida*, que se destinava ao trafico da escravatura. O capitão e o piloto d'este navio, tendo sido encarcerados na fortaleza de S. Miguel, d'ali fugiram com a sentinella da prisão e o cabo da guarda!

Óbra de Loanda não ha diversões. No resto da provincia, ha apenas os grandes jantares e ceias, tantas vezes feitas aos convivas! Na capital ha algumas reuniões, e se não fôr a intriga que reina sempre entre os bandos rivais de commerciantes, podia ser um lugar de agradável residencia. São poucas, é verdade, as mulheres, tanto europeas como nativas, que ali se encontram, e que se possam chamar de *boa sociedade*, e a falta d'este elemento civilizador não deixa amaiar a grosseria dos costumes africanos, e torna menos attraente para o europeu esta bonita cidade; porém, se não fôr a intriga, e quasi sempre a prepotencia das autoridades, ainda assim Loanda seria um lugar de grata recordação para o forasteiro.

Agora, vamos collocar toda a largura do oceano entre estas paragens e as que vamos demandar. A America nos convida a enostar debaixo de seu gigante-co arvoreado a segunda parte d'este trabalho, tão humilde, quanto despojo de pretensões. Se a algum agrador o que escrevemos acerca da Africa, não lhe desagradará por certo est novo passeio pelas margens do rio da Prata, pelo imperio do Brazil, e illas das Agores; se porém não merecemos a complemente dos leitores só nos restam a lamentar a nossa *gaucherie*, o papel que inutilisamos ao *Panora-*

*ma*, e o tempo que roubamos aos mesmos pios leitores.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



THOMAZ GUY.

THOMAZ Guy, filho de um pobre carvoeiro de Southwark, arrabalde de Londres, nasceu em 1643. Quando ainda era muito moço emprehenen o negocio de livros, abrindo um insignificante estabelecimentosinho na cidade. A poder de industria e de economia foi medrando em cabedais a ponto tal que poude entrar em vantajosas transações, que lhe proporcionaram as guerras que tiveram logar no reinado da rainha Anna, crescendo desde esse tempo a sua fortuna n'uma proporção espantosa. Foi então que este homem extraordinario revelou ao mundo, que lhe chamava miseravel avarento, os dotes da sua grande alma, fundando em Southwark um hospital, que ainda existe, e tem o seu nome, outro em Tamworth, no condado de Stafford, e ampliand o dotando o de S. Thomaz. Só com a edificação do primeiro dispenden 138:292 libras esterlinas. Por sua morte, acontecida em 1724, legou um rendimento de 400 libras aos directores do hospital de Jesus Christo para sustentação de 4 creanças-desvalidas, e o de 1:000 libras para applicar em beneficio de quatro prezos por dividas em Londres, e nos condados de Middlesex e de Surrey.

Não esqueceu em seu testamento nenhum dos seus parentes: a cada um dos mais necessitados legou uma pensão vitalicia de 870 libras, e aos mais moços, assim como aos seus testamentarios, perto de 80:000 libras!!

Mas ao mesmo tempo que se mostrava com os infelizes tão liberal e magnifico, era consigo mesmo de uma mesquinhez incrível. Nunca convidou pessoa alguma para o seu jantar, que sempre constava de um unico prato, servindo-lhe em guisa de toalha qualquer papel impresso e inutil! Conta-se que succedera com elle a seguinte anedocta. Uma noite de inverno, estando a meditar, ás escuras, diante de

duas ou tres brazas, entaladas entre quatro tijolos, haterm-lhe á porta. O bom Thomaz accende uma vela, e abre. Era Vultur Hopkins, famoso avaro que Pope perseguia e immortalizou nas suas satyras. « Que quereis? » pergunta Thomaz Guy. « Pedir-vos alguns conselhos sobre economia, » responde Hopkins. « Pois como vindes unicamente conversar, » replicou o Thomaz, « é escusado luz, » e apagou a vela!...

Thomaz Guy, cuja memoria deve de ser abençoada pelos pobres e desfavorecidos da fortuna, de quem foi tão grande benefactor, falleceu em 1723, com oitenta e um annos de idade.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRATÓLOS.

#### XXVII.

##### *Albergaria da Gofanhoeira.*

Na Ribeira da Vide, freguezia de S. Pedro, havia já no seculo 13.<sup>o</sup>, além das herdades afarradas aos heiros do reguengo do mesmo nome, uma notavel povoação. Os moradores d'ella, levados das idéas e das necessidades do seu tempo, instituiram a exemplo de outras terras uma albergaria para pobres e peregrinos. A mendicidade, já filha da verdadeira indigência, já das peregrinações religiosas da christandade, requeria um remedio radical, ou pelo menos palliativo. Acudiu-se-lhe com os hospitaes e albergarias. Chamou-se esta nossa albergaria da *Gofanhoeira*, ou *Gofanhoeira*, sem duvida por se recolherem n'ella os *gofos*, isto é, leprosos; pois bem sabido é quanto era frequente a lepra n'aquelles tempos. Da albergaria se communicou o nome á freguezia, que ainda hoje se intitula de *S. Pedro da Gofanhoeira*.

O regimento ou compromisso d'esta albergaria conserva-se registado n'um pergaminho coevo, que verdadeiramente contém tres documentos; a saber: um fragmento latino, e dons textos portuguezes, que ambos em substancia repetem o mesmo. Ali se regula a forma da admissão dos confrades; os casos da sua expulsão da confraria; a quantia que pagarão assim na entrada, e em cada anno. Ali igualmente se cominam as penas, em que incorrerão os inquietos, e turbulentos, os desobedientes aos mandados do mordomo, os offensores dos seus confrades, e essas penas se aggravam no caso de algum confrade desprezar o furo de seus confrades, e se ir queixar a outros juizes, e receber direito por elles. Ali se ordena o modo como entre si se assistirão em suas enfermidades, e em artigo de morte, como se haverão nos enterramentos, e que suffragios applicarão por alma dos confrades defuntos; como se assistirão ou acudirão quando caírem em prisão, ou fôrrem em captividade; ou quando quizerem ir a Jerusalem, ou a S. Thiazgo. Ordena tambem o compromisso que os confrades jantem todos na casa da dita albergaria no domingo antes de S. Miguel, e partam de seu jantar com os pobres; e que no 1.<sup>o</sup> domingo de cada mez se juntem todos em cabido.

Depois d'estes documentos vem a lista dos confrades, que comprehende outro caderno de pergaminho de 13 paginas a duas columnas (2). São no todo 347 entre homens e mulheres. No numero d'estas ha 25

com tratamento de *Dom*, e são nomeadas sem patronimico, nem appellido. Uos nomes são ainda agora usados e communs, como por exemplo, D. Maria, D. Margarida, etc. outros são hoje raros, e até obsoletos, como, D. Boa, D. Causta, D. Gontinha, D. Mertola, D. Ousenda, D. Orraca, D. Toda. As que não trazem *Dom* todas tem patronimico, e abundam as Marias e Domingas; e entre os nomes obsoletos ha Stevaina, Duranga, Camarinha, Aurada, Giralda. Homens com *Dom* vem alguns, mas em menor numero. Este caderno dos nomes é da mesma letra dos outros documentos, e indica ser todo feito de uma assentada. O que cumpre advertir, para que se não julgue ser algum livro de matricula, em que se fossem assentando os confrades na successão dos tempos. Apenas á margem do caderno, e nos logares em Branco se assentaram depois alguns nomes; mas nenhum mais moderno que o seculo 13.<sup>o</sup> Perdido o ferver dos antigos tempos, decaida a povoação de S. Pedro, foi-se offuscando a memoria dos artigos do compromisso, cessou a distribuição das esmolas e o agasalho dos pobres, dissolveu-se a confraria, demoliram-se as casas da albergaria, e converteu-se em proveito particular o que fôra intituido para beneficio commum.

Afim de salvar o pouco que restava d'esta antiquissima instituição, por provisão da junta do estado e casa de Bragança de 17 de janeiro de 1817, foi incorporada e annexada ao hospital da villa, e este tomou posse a 20 de abril do mesmo anno (3).

Será curioso para os archeologos comparar o compromisso d'esta confraria com outros da mesma epocha, identicos no pensamento, e quasi identicos nas palavras. Apontarei aqui dous, que tenho á vista; um da confraria, que fizeram os homens bons moradores na cidade de Evora, que foram a Jerusalem; e outro da confraria da Alegria, que fizeram os bons homens da Ameixoeira: o 1.<sup>o</sup> registado no livro 1.<sup>o</sup> de pergaminho no cartorio da camara de Evora a fl. 150 v.; e o 2.<sup>o</sup> existente no proprio pergaminho original entre os manuscritos da bibliotheca publica eborense.

#### J. II DA CUNHA RIVARA.

### OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

#### XI.

*Renasce e propaga-se o espirito de rebellião: guerra com Fenacia; sabia administração dos dous Kupruls; triumphos em Cindia e na Hungria; perdem os turcos a batalha de S. Gothard; cerco de Viena d'Austria; destrôgo do exercito ottomano; novas desgraças e revoltas no paiz.*

Os IMMENSOS servigos prestados por Amurath IV á sua patria foram annullados em grande parte por um acto de ferocidade d'este mesmo principe, que excitado por um sentimento de ciuime de poder mandou matar seu irmão Kacim, mancho de muitas esperanças pelos dotes singulares que o distinguiram. Resultou pois d'este crime, que morrendo Amurath sem descendencia, passou o throno a seu irmão Ibrahim, incapaz de continuar a obra da regeneração do paiz, que aquelle soberano principiára e tão longe levára.

Ibrahim que devêra á fraqueza do corpo e do es-

(1) Cartorio do hospital.

(2) Ibid.

(3) Ibid.

pírito a fortuna de se ter subtraído á sorte do desditoso Kaçim, foi proclamado imperador em fevereiro de 1660, e aos vinte e quatro annos de idade. Destituído inteiramente de energia e das mais qualidades precisas a um monarcha, todo entregue aos prazeres do harem, e abandonando a gerencia dos negocios publicos aos validos e intrigantes, este principe arreido desde logo de si as sympathias da nação. Mais tarde a cruza da sua indole, manifestada por continuos actos de flagrante injustiça e inhumanidade, attraheu sobre elle a animadversão geral. Entretanto a ordem publica achava-se assentada em boas bases pelo seu illustre predecessor, a autoridade real readquirira tanto prestigio, e o exercito tão severa disciplina, que apesar de tudo marcharam os negocios do estado sem grave tumulto da tranquillidade em quasi todo o curso do seu reinado, que não chegou a completar nove annos. Porém a final tanto desleixo e desregramento, tantos excessos e violencias provocaram a resistencia armada. Ibrahim foi deposto no meio de uma sublevação, em que tomaram parte igualmente a tropa e o povo, e dez dias depois foi assassinado na prisão onde o haviam encerrado (agosto de 1668).

Este curto periodo foi bem desastroso para a Turquia. Todos os laços sociais que Amurath IV com tanto custo astartára, se relaxaram de um modo assustador; e a fazenda publica, que este monarcha conseguira restaurar por meio de tanto trabalho e sacrificios, chegou ao maior auge de confusão e miseria, depois de esgotados todos os recursos ordinarios pelas dissipações e prodigalidades de Ibrahim. Todavia como resultado d'aquelle grande impulso vieram ainda alguns raios de gloria dourar os annos do imperio n'este reinado infeliz. Tendo rompido a guerra no anno de 1665 entre a Sublime Porta e a republica de Veneza, as armas ottomanas alcançaram assignalados triumphos na ilha de Candia, apoderando-se de uma parte d'ella, e facilitando assim ao futuro soberano a conquista de toda esta importantíssima possessão veneziana.

A revolução que despojou do poder a Ibrahim elevou ao throno seu filho Mahomet IV, que apenas contava sete annos de idade. Durante a sua menoridade desenvolveram-se ainda mais os elementos anarchicos, que o mau governo e devassidão de Ibrahim haviam feito nacer. O poder foi disputado alternativamente entre as sultanas mãe e avó do joven sultão, e o mufti e varios grão-vizes. Então o espirito de rebellião espalha-se por todo o imperio. Rebenta a guerra civil na Asia menor; revoltam-se as tropas na ilha de Candia, tendo na frente do movimento, apparecem serios disturbios na Syria, no Egypto e na Anatolia, e insurreccionam-se na capital os syphlis e os janisarios, sacrificando ao seu toro muitos altos funcionarios; e finalmente uma revolução no interior do palacio do sultão tira a vida a sultana avó, e põe em perigo o throno d'este soberano.

No mesmo tempo que estas dissensões intestinas abalavam o imperio nos seus fundamentos, a guerra com a republica de Veneza, progredindo activamente com successos varios, tanto no mar como em terra, exauria o thesouro, e extenuava o paiz.

Assim correram os primeiros oito annos do reinado de Mahomet IV, e continuariam os seguintes do mesmo modo, attento o caracter fraco d'este soberano, se não viera a energia e intelligencia de um habil ministro dar novo curso aos negocios do estado. Kupruli Mahomet Pachá, elevado ao grão-vizirato no anno de 1656 fez mudar em pouco tempo a face das cousas publicas. Teve de lutar com mil abun-

dos e oppostos interesses, que romperam em rebellião aberta em diversas provincias do imperio. Empreendendo porém a seu turno o rigor e a clemencia conseguiu supplantar todas as rivalidades, e vencer todos os obstaculos, acabando com a ingerencia do harem no governo do estado, e com todas as influencias estranhas. Desenvolvendo uma actividade extraordinaria, apesar da sua idade avancada, collocou o paiz em bom estado de defeza, construindo muitos fortes, augmentando o exercito, e melhorando a sua disciplina, bastante relaxada desde o começo do anterior reinado. Sob a sua illustrada administração cresceram os rendimentos do thesouro, e puzeram-se em acção muitos recursos do paiz até alli ainda não explorados.

Com o fim de moralisar o exercito e exaltar o espirito nacional empreendeu a guerra com a Hungria, sem deixar todavia de activar a lucta ha muito travada com a republica de Veneza, e decidiu o sultão a trocar a vida ociosa em que vivia pelos cuidados do governo e pelos trabalhos da guerra.

Kupruli morreu em 1692, cinco annos depois da sua elevação ao poder. A sua falta foi para a Turquia uma grave perda, e seria irreparavel se lhe não succedesse no grão-vizirato seu filho, por elle proprio indicado ao sultão como a pessoa mais apta para sustentar tão pezado cargo.

Nunca as reaes do governo tinham sido confiadas a um ministro tão joven. Achmet Kupruli contava vinte e seis annos, quando se viu collocado á frente dos destinos da sua patria. Houve-se todavia com habilidade e prudencia no desempenho d'esta difficil missão, continuando no mesmo systema de politica que seu pae seguira.

Um dos seus primeiros cuidados foi dar novo impulso á guerra da Hungria. Depois de bem apprehendido para todas as eventualidades, toma o commando do exercito, invade o territorio hungaro, e estrea-se n'esta campanha por uma grande victoria, que entrega em poder dos turcos uma das mais fortes praças de guerra da Hungria.

Contando os triumphos pelas batallas, avançando desassombradamente pelo interior do paiz, o joven grão-vizir levou por toda a Allemannha o terror das armas ottomanas. Leopoldo I, que então occupava o throno imperial, viu-se obrigado a fazer os ultimos esforços para oppôr um dique á torrente invasora. Levanta á pressu novas tropas, pede auxilio a Luiz XIV, que lhe envia seis mil homens, commandados pelo distincto e celebre marechal duque de la Teulade, e assim reborgado vem offerecer batalha a Kupruli, que é completamente derrotado junto a S. Gotthard, com perda de vinte e cinco mil homens. E foi este o mais memoravel triumpho obtido pelos exercitos christãos contra os mussulmanos desde a tomada de Constantinopla por Mahomet II. Entretanto á presenca d'aunimo e extraordinaria actividade do grão-vizir deveu a Turquia a salvagão das reliquias do seu grande exercito, e o que é mais para admirar, a conservação de muitas praças importantes d'onde as armas victoriosas de Leopoldo não puderam desalojar o estandarte das meias-luas. Achmet Kupruli, vendo que não podia tomar a offensiva depois das gravissimas perdas, que soffrera n'aquelle desastre, tratou immediatamente de recolher se a seu paiz; mas tendo conseguido primeiro, pela celeridade e acerto de seus movimentos, deixar bem guarnecidos varios pontos estrategicos, constrangeu o inimigo a concluir um tratado de paz muito mais vantajoso para o vencido do que para o vencedor. D'est'arte os festejos que se estavam fazendo em Constantinopla pela noticia das primeiras victorias alcançadas na Hungria, interrom-

pidos ao chegar a nova da derrota de S. Gothard, recommearam com maior enthusiasmo assim que foram conhecidas na capital as estipulações do tratado (agosto de 1664).

Em maio de 1666 o infatigavel grão-vizir atravessava a Asia menor com um forte exercito, e ao mesmo tempo saía dos Dardanellos uma poderosa esquadra. Tanto as forgas de terra como as de mar iam para a conquista de Candia.

Havia vinte e cinco annos que durava tão perfoisa guerra. Até então todos os esforços do imperio ottomano, e por vezes os fizera desesperados, iam quebrar-se contra as fortes muralhas da cidade de Candia heroicamente defendidas pelos venezianos. Achmet Kupruli, bem avaliando todo o alcance d'esta conquista pela riqueza da ilha, mais ainda pela sua posição geographica, e sobretudo pela importancia politica, que resultaria para a Turquia de supplantar Veneza, a senhora dos mares, na questão que mais tinha a peito, poz todo o seu empenho em a levar d'esta vez a cabo.

O assedio durou ainda muitos mezes. Praticaram-se de parte a parte prodigios de valor. Aos lanços de muralhas, que as minas faziam saltar pelos ares, substituiam os sitiados como por encanto novas fortificações. Finalmente depois de muitos assaltos mortíferos em que o exercito mussulmano perdeu para cima de outo mil homens; depois de reñidissimos combates navaes nas aguas de Candia entre as esquadras turcas e as de Veneza, combinadas com as de Franca e de Malta, a cidade foi obrigada a capitular (27 de setembro de 1669).

Kupruli usou do triumpho como um verdadeiro heroe. Longe de tirar vingança de tão tenaz resistencia, assignalou a sua entrada na cidade por muitos actos de generosidade e clemencia, chegando até a presentear com varios mimos os que mais se haviam distinguido em rasgos de valor e coragem. Calcula-se que nos 25 annos, que durou este cerco, morreram nos diversos assaltos obra de trinta mil venezianos, e mais de cem mil turcos.

O vencedor pouco descançou sobre os louros, pois não tardou a rebenlar a guerra entre a Porta e a Polonia (1672). Foi n'esta campanha principalmente, que o illustre Sobieski, commandante em chefe do exercito polaco, adquiriu tal jus ao reconhecimento dos seus concidadãos, que antes d'ella acabar foi elevado ao throno da Polonia pelo suffragio unanime da dieta.

Até 1676 progrediu a lucta com mais ou menos vigor, e com vantagens e perdas alternadas para ambos os contendores. Em outubro d'esse anno falleceu Kupruli victima de uma curta e violenta enfermidade. A sua falta foi tão sentida pelo soberano como por toda a nação, pois que nunca a Turquia vira reunidos na pessoa do seu grão-vizir tantos dotes de um grande ministro a par de tantas qualidades distinctas de uma alma nobre e de um coração bondoso. Nos quinze annos, que dirigiu o governo do estado organou por tal forma o paiz, e elevou a tal ponto a sua força e poder, que esse mesmo imperio, que pouco antes virmos tão enteraquedo e decadente, perdendo diariamente no exterior consideração e influencia, e no interior sempre a braços com os mais fortes elementos de dissolução, viu mol-o pouco depois lançado outra vez a luz a Europa, e enchendo-a de espanto e terror, como fizera nos tempos dourados do seu antigo poderio e esplendor.

Cara Mustaphá succedeo a Kupruli Achmet nas altas funções de grão-vizir. Não possuia este ministro uma só das brillantes qualidades que distinguiam

o seu illustre antecessor. Todavia o impulso dado ao paiz pela sábia administração dos dois Kuprulis, imprimia ainda tal movimento a toda a machina governativa, que nos primeiros tempos não deixou sentir á nação a insufficiencia dos talentos e o mau caracter do seu primeiro ministro.

A guerra com a Russia foi um dos primeiros actos da politica do novo grão-vizir. Entretanto a lucta foi de pouca duragão, e sem consequencias importantes de parte a parte. Para empregar todas as forças e atenções contra a Alemanha, fôco então de todas as intrigas contra a Turquia, e ao mesmo tempo alvo das ambigões mussulmanas, concluiu o sulhão com a Russia treguas por vinte annos. E pouco tempo depois estava em marcha para a Hungria um exercito de 200 mil homens. Auxiliados pelo conde de Tekeli, que á frente dos descontentes bangares levantára o estandarte da revolta, fazendo-se proclamar soberano, e reconhecendo a suzerania da Porta, os ottomanos atravessaram o paiz quasi sem resistencia vindo pôr cerco a Vienna d'Austria (14 de julho de 1683).

A' aproximação do inimigo fugira da sua capital o imperador Leopoldo, deixando apenas 10 mil homens para a defender. Extenuada por continuados assaltos parciais, dizimada pela explosão de 10 minas, apertada da fome que já começava a fazer sentir os seus horrores, a brava guarnição de Vienna, sem esperanza de socorro, estava prestes a succumbir, quando apparece de improviso o intrepido rei da Polonia com 30 mil soldados. E n'um momento mudou a face da guerra.

Animado por este inesperado auxilio o exercito allemão, que até ali não se atrevêra a encetar o inimigo, vem dar batalha aos sitiados. No fim de poucas horas de reñida peleja o poderoso exercito de Mahomet IV. destrogado completamente junto aos muros de Vienna, procurava a machas forçadas ganhar a fronteira da Turquia, e Sobieski, cercado das acclamações do povo, fazia a sua entrada triumphal na cidade que libertára.

D'est'arte se frustrou inteiramente a ousada empreza do grão-vizir Cara Mustaphá por incapacidade sua, que em vez de tentar um assalto geral á praga, dispendo de forgas tão consideraveis, consumiu dous mezes em ataques parciais, dando assim tempo ao inimigo de se reorganisar e reforçar com o socorro dos polacos. Esta expedição, que por no ultimo perigo o imperio d'Allemanha, e que se alongara seus fins faria sem duvida passar a Europa por uma phase terrível, acurritou sobre a Turquia pelo malogro da tentativa as mais fataes consequencias.

(Continúa.)

I DE VILHENA BARROSA.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*A Natureza das Cozas*, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão. — Lisboa 1834 — 1853, 2 vol. 12.<sup>o</sup> (1).

O forma de Lucrecio corre vertido em quasi todas as linguas da Europa. Para o ser na nossa foi ne-

(1) Vendese na livraria do editor, rua do Ouvidor, nos mezos 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 94; preço 900 reis.

cessario que o sr. Lima Leitão tivesse essa idéa no Rio de Janeiro, começasse a obra em Goa, e a concluisse em Lisboa passados muitos annos. E não só a conclusão, senão que a den agora ao prelo.

Objecto é de grande disputa entre os criticos qual seja o verdadeiro sentido da philosophia atomistica de Epicuro, popularisada em Roma pelo poema de Lucrecio. Não entraremos aqui em largas considerações sobre a doutrina do philosopho grego; bastará dizer que sobre elle, e sobre o seu interprete latino tem pezado duas graves accusações, a de atheismo, e a de immoralidade; de ambas as quaes os absolvem os melhores criticos.

Se a palavra *Deus* se não encontra no poema de Lucrecio, a idéa de Deus lá está. E pois Lucrecio não atheu, mas deista, pouco mais ou menos como o eram os stoicos, e os platonicos da nova academia; deista incompleto, como se podia ser no seu tempo. Nem tão pouco negou Lucrecio os principios da moral, ou as obrigações que d'ella se derivam. Não se pode exigir de Lucrecio um systema completo de moral, nem seus contemporaneos estavam mais adiantados que elle.

Em poemas d'esta ordem o que lhes dá relevo, e faz apezalve sua leitura no decurso das idades futuras é a propriedade das imagens, e a belleza das descripções. Não faltam uma e outra na obra de Lucrecio. D'elle diz o traductor francez Pongerville que anima quanto toca, desenvolvendo por imagens os seus raciocinios; d'onde vem que se mostra quasi sempre poeta nos mais estereis assumptos; e que applica incessantemente o condão da arte a captivar a imaginação.

Eis como elle começa a descripção das magestosas scenas volcanicas do Etna:

Nunc ratio qua: sit, per faucis montis ut Ætne  
 Ex-pirent ignes interdum turbine tanto,  
 Expediam: neque enim media de clade coorta  
 Flamma: tempestas, siculum dominata per agros,  
 Finitimis ad se convertit gentibus ora,  
 Fumida cum oculi scintillare omnia templa  
 Cernentes pavida complebant pectora cura,  
 Quid moliretur rerum Natura novarum.  
 . . . . .  
 Num quis enim nostrum miratur, si quis in artus  
 Accipit calido Febrim fervore coortam,  
 Aut alium quemvis Morbi per membra dolorem?  
 Obturgescit enim subito Pes, arripit acer  
 Sæpe dolor Dentes, oculos invadit in ipsos:  
 Existit sacer ignis, et orit corpore serpens  
 Quamcumque arripuit partem, repit que per artus;  
 Nimirum, quia sunt multarum semina rerum:  
 Et satis hæc Tellus nobis Cælum que mali fert,  
 Unde queat vis immensis progessere morbi.  
 Sic igitur toti cælo terra: que putandum est  
 Ex infinito satis omnia suppeditare,  
 Unde repente queat Tellus concesa moveri,  
 Per que mare et terras rapidus percurrere turbo,  
 Ignis abundare Ætina us, inflammescere Cælum.  
 Id quoque enim fit, et ardescunt cælestia templa,  
 Ut tempestates pluvia: graviore coortu  
 Suint, uld forte ita se tetulerunt semina aquarum.

Tradução do senhor Lima Leitão.

Direi agora que razão existe  
 Para que fogo em turbilhões tão bastos  
 A's vezes rompa pelas fauces do Etna.  
 De estragos cheia, horrivel tempestade  
 Não rebentou do céu envolta em flamma  
 Sobre os siculos campos desolados

Para escalar-lhe d'esse monte o cimo,  
 E no bojo alojar-se-lhe, de sorte  
 Que alternas erupções saltasse aos ares;  
 Ao passo que os vizinhos habitantes,  
 Vendo encher-se as abobadas celestes  
 De fogo em turbilhões, de fumo em rolos,  
 De terror se tomavam antevendo  
 A nova ruina que contra elles prompta  
 Trazendo-lhe estava a Natureza.

Qual de nós se surprende quando a febre  
 Com seu fervor ardente a alguém invade,  
 Ou quaesquer dores de alguma outra doenga?  
 Tambem os pés com força repentina  
 Entomecem por vezes, dor violenta  
 Ataca os dentes, accommette os olhos;  
 Todas a erysipela as partes queima  
 Por onde vae lavrando, e ás vezes come  
 Pela inteira extensão do corpo e membros  
 Sem que ninguém se admire; é-nos notorio  
 Que exhalções de muitos corpos surgem;  
 Pois d'esta nossa terra e seu ambiente  
 Doenças se geram de tão grande força  
 Que a toda a especie viva o estrago levam.  
 Por tanto, é para erer que a natureza,  
 Na sua qualidade de infinita  
 Sobre o céu, sobre a terra descarregue  
 Atomos de tal força e em tal quantia  
 Que abalar possam de repente o globo,  
 Rapidos turbilhões formar que abranjam  
 Tudo quanto ha no mar, quanto ha na terra,  
 Fornecer quanto fogo do Etna rompa,  
 O céu inteiro reduzir a chamma.  
 De certo, pode a abobada celeste  
 Naturalmente converter-se em fogo,  
 Como quando, em mais copio nas tormentas  
 Juntando-se as moleculas das aguas,  
 Maior pezo de chuva a terra innunda.

Esta amostra basta ao leitor para conhecer quanto devemos agradecer ao sr. Lima Leitão o improprio trabalho de verter com tal exaçoção e elegancia o difficil poema de Lucrecio. E empre confessar que a traducção d'este poema não desmerece da pena do esmerado traductor de Virgilio e de Milton. Será para desejar que o sr. Lima Leitão continue a occupar os momentos de repouso, que lhe deixam outros trabalhos, em enriquecer a lingua portugueza concedendo carta de naturalisação a outros poetas, principalmente latinos, cuja leitura e estudo são dignos das applicações dos sabios, e dos entretenimentos dos estudiosos.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

#### SALOMÃO E O AGRICULTOR.

O rei Salomão sentou-se um dia em seu throno, levantado no meio de um campo, e viu um lavrador que estava semeando trigo. E o sabio rei disse-lhe: «Que estás tu fazendo? Essa terra não te dará novidade. Deixa-te de trabalhar, ou perderás a semente.»

O lavrador parou, abaxou a cabeça, reflectiu um bocado, e depois proseguiu no seu trabalho com dobrado fervor, respondendo ao rei:

— «Eu não tenho de meu senão este campo; foi lavrado o melhor que pude. Que hei de fazer mais? Eu semeei-o, Deus o abençoara.»

PLUCKERT.





O CRIME, QUADRO DE PRUDHON.

PRUDHON, celebre desenhista e pintor francez, nasceu em Cluny no anno de 1760. Seus paes, posto que não fossem abastados, cuidaram, logo que elle chegou á idade de dez annos, de lhe dar uma educação esmerada; e porque o julgavam de compleição mui debil e lhe suppunham um genio recolhido e meditabundo, entenderam que nada melhor podiam fazer do que dedicalo á vida ecclesiastica. Para este fim pediram e obtiveram que o joven Prudhon fosse admittido no collegio dos beneditinos de Cluny.

Fadado porém para ser o grande artista que foi depois, mais se entretinha Prudhon na contemplação das pinturas que possuam os frades, do que na conversação dos livros, e no lidar das escolas. Figurou-se-lhe até que as poderia imitar, e para o conseguir compoz elle mesmo as tintas com os succos de varias hervas, fabricou os pinceis de que devia servir-se, e com taes meios executou desenhos que foram o espanto dos seus mestros.

Conhecida por este modo a sua alta vocação os bons dos frades recomendaram-no ao bispo de Macon, que o fez admittir na escola gratuita das artes de Dijon, na qual passado pouco tempo tão extraordinariamente se distinguio que no seguinte anno (e quando tinha apenas dezeseite annos de idade) foi enviado a aperfeiçoar-se na Italia.

Regressando d'aquella peninsula começou para o talentoso artista uma existencia de sacrificios e desgostos. Tendo de occorrer á sua sustentação, e a

de sua mulher (pois que uma imprudencia o levava a contrahir o sacramento do matrimonio em tão verdes annos) Prudhon trabalhava noite e dia, quasi sem descanso. E força porém confessar que obrigado muitas vezes a executar obras pessimamente retribuidas, nem por isso deixava de concluil-as com primor e consciencia, mostrando assim quanto se peitava a reputação. D'esse tempo existem muitos desenhos todos notaveis pela correção, graça e bem acabado.

Mas o artista aspirava a mais elevados destinos; era n'um quadro que pretendia provar as suas forças. *Cain e Abel* revelou á Franga um talento verdadeiramente original. Este bello quadro, existente no Louvre, excitou então a admiração geral, e ainda hoje causa em quem o contempla uma impressão profunda, pela energia do desenho, pelo arrojada concepção, pela magia do colorido. O auctor tinha quarenta e oito annos quando o terminou!

Prudhon tratou infinidade de assumptos, quasi sempre com o mais completo exito; releva todavia declarar que sendo aliás excellentemente seguro na sua arte divina, primava e sobressaia incontestavelmente nas composições tragicas.

Apontam-se como os mais notaveis dos seus trabalhos, depois do *Cain e Abel*, um dos melhores quadros da escola franceza, a *Arceba*, a *Indignancia*, e sobre todos, o *Crime arrastado perante a Justiça*. D'este ultimo damos na gravura um transcripto fiel.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

## MEMÓRIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS

## XXVIII.

*Hospital.*

Começou este hospital pela confraria do Corpo de Deus, instituída na era de 1447, anno de Christo de 1409, pelos principaes moradores da villa e termo, os quaes todos juntos no adro da igreja de S. Salvador approvaram o compromisso a 23 de julho (1), e prometteram logo para ajuda da dita confraria trinta e quatro cabeças de vacas.

Entre os artigos do dito compromisso os principaes são estes: Que todos juntamente em cabido por compa tançada chamados em dia de Corpo de Deus em cada um anno farão um mordomo, um escrivo e um juiz: e se algum d'elles se recusar a tomar em si o dito officio, a confraria lhe possa mandar cerrar as portas, e pôr pena de certa cera para a mesma confraria. Que continuamente mantenham um capellão, e que reparem um hospital de leitos e de roupa para pousoarem os pobres; e que quando alguns d'estes adoceram no dito hospital, o mordomo e o visite com aquellas cousas que lhe cumprirem e mister fizerem para suas doações; e se morrerem os sepultem á custa da confraria, e o capellão lhe diga uma missa presente. Que cada confraria dê para a confraria em cada um anno um alqueire de trigo. Ordena de que modo assistirão aos enterros dos confrades e filhos dos confrades; e que suffragios lhe applicarão. Como darão contas em cada anno os mordomos, e que jurisdicção tenha a confraria para os coegir a pagar seus alcaeces, quando os haja. Estabelece que nenhunas justicias ecclesiasticas e seculares entendam com a dita confraria, nem possam haver conhecimento de nenhuns feitos d'ella; e caso as ditas justicias queiram tomar conhecimento da dita confraria ou leitos d'ella, os confrades possam tomar todos os bens, e permutal-os em outras obras de piedade; e se as ditas justicias ainda mais quizerem obrar sobre isto, possam os confrades tomar os ditos bens, e partil-os entre si irrimavelmente, e cesse esta obra de piedade (2).

Com effeito não muito depois intentaram as justicias ecclesiasticas ingirir-se no tomar das contas da confraria; mas esta, antes de recorrer ao partido extremo auctorizado por seu compromisso, pediu justiça a el-rei, que por provisão dada nas Alcaçovas a 7 de janeiro da era de 1460, anno de 1422 (3) declarou serem isentos da jurisdicção ecclesiastica, por ser confraria feita por pessoas leigas (4). E assim se cumpriu.

O mais assignalado beneficitor d'esta confraria e hospital foi Gil Affonso Ribeira, um dos fundadores d'ella, e Catharina Ames, sua mulher, os quaes em testamento de mão commum, feito em Arrayo-

los a 10 de dezembro, anno de Christo de 1443, deixaram á dita confraria todos os seus bens assim moveis, como de raiz (5). Entre estes foi a herdade, que depois se chamou do Corpo de Deus (6).

Gil Affonso Ribeira foi um dos homens mais abondados da terra no seu tempo, e exerceu o cargo de almoxarife do condado de Arrayolos no tempo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira e de seu neto o conde de Arrayolos D. Fernando, que foi tambem duque de Bragança (7).

O nome de confraria do Corpo de Deus caiu em esquecimento, e prevaleceu o de Hospital do Espirito Santo, sem que possamos explicar bem a occasião, que para isso houve (8). Seria por haver algum hospital mais antigo d'este nome, a que se annexasse o do Corpo de Deus? Ou procedeu isso de uma simples alteração de nome por causas, que hoje se não podem descobrir? Fosse como fosse, a invocação do Espirito Santo foi a que prevaleceu, e até se communicou á rua contigua ao hospital.

Instituída a misericórdia em 1524 (como veremos) foi-lhe logo annexo o hospital para que tudo fosse uma só cousa, segundo forma do alvará d'el-rei de 12 de fevereiro do mesmo anno, e regimento do duque de Bragança, dado ao bacharel João Alvares, seu ouvidor, que o veiu cumprir em 14 de abril (9); e por algum tempo foram as duas casas administradas em commum pelo mesmo provedor e meza; e d'isso acho memoria até ao anno de 1533.

Mas acabou então de fundar, e povoado de fresco o convento dos Loios, logo em 1535 se encontra provedor do hospital o padre Luiz de Santa Maria, reitor do mesmo convento. E em 10 de janeiro de

(3) *Ibid.*

(6) Esta herdade é sita á ponte do Vimieiro, e modernamente conhecida pelo nome de Herdadinha. Passou do hospital para o convento dos Loios de Arrayolos por subrogação que se fez pela herdade do Monte das Pedras. (Vid. capitulo XXIV).

(7) Ha no cartorio do hospital entre varios papéis, que foram de Gil Affonso Ribeira, duas quitações a 1.<sup>a</sup> do condestavel ao mesmo Gil Affonso Ribeira, seu almoxarife que foi em Arrayolos até ao dia em que fez doação a D. Fernando seu neto do dito lugar de Arrayolos e rendas d'elle: passada em Almada a 26 de abril de 1460 (era); a 2.<sup>a</sup> de D. Fernando, conde de Arrayolos, ao mesmo almoxarife até ao fim do anno de 1428: passada em Souzel a 10 de novembro de 1429.

(8) Em 1524 o ouvidor João Alvares dizia: *O espirital de santo espyro desta villa, é outro tempo confraria do Corpo de Deus.* (Documento de 14 abril *ib.*), o que parece claramente demonstrar que só mudara o nome no mesmo estabelecimento. Mas consultado o documento de 26 de abril de 1531, achamos esta passagem: *Havendo sua senhoria (o duque) respeito aos cofeadores e constituintes, que a principio ordenaram esta casa e confraria a honra do Espirito Santo, e os vindouros fizeram outra tal, chamada do Corpo de Deus, as quaes confrarias lezaram muita fazenda de bens moveis e de raiz, e unidos as ditas confrarias, os bens a ellas deixados o foram assi etc.*: o que se não confirma por outro algum documento; antes o compromisso de 1592 diz: *Dessejando dar ordem ao serviço do hospital e confraria do Corpo de Deus da villa de Arrayolos etc.*

Da que tudo se vê queo justo é que liquessem em duvida, em quanto se não descobrirem novas provas sobre a materia.

(9) Documentos no cartorio da misericórdia.

(1) Esta data é a do registro do dito compromisso no tombo do hospital de 1619, mas n'outro livro do mesmo cartorio lize a de 27 de julho.

(2) Cartorio do hospital.

(3) No corpo d'esta provisão se diz que a confraria era edificada havia 57 annos, o que não concorda com a data do compromisso: mas porque assim este, como a provisão, estão por traslado no tombo de 1619, não posso affirmar em qual dos documentos houverá erro de data.

(4) Cartorio do hospital.

1536 se expediu um alvará d'el-rei ao corregedor provedor da comarca de Evora para que em quanto o dito reitor do mosteiro de Nossa Senhora da Assumpção da villa de Arrayolos tiver cargo de provedor, e administrar o hospital da dita villa, não entenda com elle, nem lhe tome conta, nem razão alguma (1).

Seguiu-se no triennio de 1539 a 1542 o padre Jacome de Santa Maria, igualmente reitor do convento, e provedor do hospital.

Não consta no certo se estes dous reitores foram tambem provedores da misericordia; mas parece que o foram só do hospital por nomeação especial.

Porém em julho de 1542 achou já proveitor perpetuo do hospital o reitor padre Marcos da Consolação; e o foram d'ahi avante todos os seus successores até a extincção geral das ordens religiosas em 1834; sem embargo da petição dos procuradores da villa ás côrtes de 1611, e parecer das mesmas côrtes para que o hospital se reunisse a misericordia (2).

A occasião que houve para perpetuar na pessoa do reitor dos Loios a provedoria do hospital, em separado da misericordia, foi esta: Tinha el-rei D. João III pelos annos de 1530 entregado o governo de todos os hospitaes do reino, que eram da jurisdicção real, á congregação dos conegos seculares do Evangelista (3). Seguiram os duques de Bragança as disposições d'el-rei, e quiseram servir-se dos mesmos padres na administração dos hospitaes das suas villas de Portel e Arrayolos. A este intento escreveu o duque D. Theodosio I ao capitulo celebrado no convento de Evora em 1541, pedindo accitassem a administração dos ditos hospitaes. Aceitaram os padres, e foram d'ahi em diante provedores do hospital de Portel os reitores de Evora, e do de Arrayolos os do convento da mesma villa (4).

Alguns annos depois, morto el-rei D. João III, se eximiram os padres no anno de 1563 da administração de quasi todos os hospitaes de jurisdicção real, conservando somente por instancias do cardeal, depois rei, D. Henrique, os das caldas da Rainha, e Coimbra (5), que só largaram em tempo d'el-rei D. José. N'aquelle mesmo tempo tratou a congregação de largar tambem os hospitaes da casa de Bragança. Para este fim se avistou o geral com o duque D. João I, e propondo-lhe o negocio a que elle respondeu o duque (segundo o testemunho do chronista da congregação) estas formaes palavras: Que não quizesse a congregação do Evangelista que elle lhe perdesse o amor, por lhe faltar em uma administração, em que se dava por tão bem servido, que na falta d'ella forçosamente havia de ficar queixoso; accrescentando que se havia cousa que remediar, estava prompto para o fazer, com tanto que a congregação proseguisse como de antes, porque escera o seu maior gozo, e o seu maior empenho. Estas palavras puzeram perpetuo silencio na materia (6).

E o reitor dos Loios não somente foi provedor do hospital de Arrayolos, senão que tambem o foi do hospital do Vinheiro por intervenção de D. Fernando de Faro, senhor da mesma villa; mas os moradores d'ella requereram que o seu hospital fuisse administrado pela misericordia, e assim o conseguiram.

Por se achar incompleto o documento d'onde isto consta, não posso assignar termo certo a este facto; mas sem duvida remonta ao meado do seculo 16.<sup>o</sup> (7).

Em 1524, por occasião da incorporação da nova misericordia ao hospital, accrescentou-se este. Para esse effeito se compraram umas cascas na praga contiguas ao mesmo hospital (8); e foy então que se fabricou a capella do hospital, cuja porta e ainda hoje a primitiva. Presidia a esta obra o ouvidor João Alvres, e porque a obra ia mais devagar do que convinha, por mandado do mesmo ouvidor, de 2 de dezembro de 1524, se lhe deu pressa (9).

O hospital tinha a esse tempo sete camas para pobres, e uma camara em cima para religiosos e outras pessoas pergrinas. De passagem notei que no inventario, então feito, apparecem mencionadas peças de roupi com os nomes de almadrakas, coçadeiras, e mantas e cobertas velhas, que só podiam servir para enxovalhos (10).

Em 1531 veio Joanne Mendes de Vasconcellos, capellão do duque de Bragança, tomar contas ao hospital, e fazer inventario e tombo de tudo o que a elle pertencia; conservando-se ainda hoje o tombo no cartorio do hospital, e o inventario no da misericordia (11).

Este foi o 1.<sup>o</sup> tombo. Fez-se depois 2.<sup>o</sup> pelo licenciado Gaspar Vaz de Sousa, em 1619, por provisão do duque. E 3.<sup>o</sup> pelo doutor Alexandre de Moura Coutinho, do desembargo de S. M. e superintendente dos tabacos d'esta provincia, no anno de 1717, por provisão do desembargo do pago de 27 de julho de 1715 (12).

Eram passados quasi dous seculos depois da fundação da confraria do Corpo de Deus e seu hospital, quando, conhecendo a conveniencia de reformar o compromisso, approvou o duque de Bragança D. Theodosio outro novo em 29 de julho de 1592, onde se definem, segundo o pensamento da epocha, os fins do hospital, e as obrigações de seus ministros e empregados, provedor, mordomo, escrivão, medico, barbeiro, enfermeiro e capellão. O cargo de provedor permanecia sempre na pessoa do reitor dos Loios, e o de mordomo era conferido pela casa de Bragança ás pessoas mais honradas da terra, e andava de ordinario na mesma roda, d'onde saiam os provedores da misericordia; e até o ser eleito provedor d'esta servia ás vezes de fundamento para a nomeação de mordomo do hospital (13).

A extincção das ordens religiosas em maio de 1834 deixou o hospital acephalo, por ficar privado do seu provedor perpetuo, reitor dos Loios; ao que se acudiu logo confiando-se a administração do hospital a meza da misericordia por ordem do prefeito da provincia de 23 de agosto do mesmo anno de 1834 (14).

#### (7) Documento no cartorio da misericordia de Arrayolos.

8. Consta da escriptura, que existe no cartorio do hospital, lavrada a 13 de abril de 1524 em Arrayolos nas pousadas do ouvidor João Alvres, pelo tabelião Simão Ferreira, que era mordomo do mesmo hospital, e tabelião publico pelo sr. D. James, duque de Bragança e de Guimarães, nosso senhor.

9. Cartorio da misericordia.

10. *Ibid.*

11. E de 27 de abril de 1531, e esta continuada no mesmo escripto com o outro de 1524.

12. Todos se conservam ainda no cartorio do hospital.

13. Documento no cartorio do hospital.

14. Registrada nas estações competentes.

(1) Cartorio do hospital.

(2) Vide no capitulo XXII.

(3) Vae na fe do padre Francisco de Santa Maria. *Cua aberto na terra*, livro 1.<sup>o</sup>, capitulo 23.

(4) *Ibidem*, capitulo 24.

(5) *Ibidem*, capitulo 25.

(6) *Ibidem*, *ídem*.

Com esta nova forma de administração não só ficaram abolidos os dons antigos cargos de provedor e mordomo do hospital, mas se introduziram algumas alterações no regimen interno da casa. Pela instituição primitiva, e bem assim pelo regimento de 1592 fora o hospital destinado a receber somente os pobres *audantes*: e com effeito apenas eram admittidos os que não tinham residencia na terra. Pareceu porém a meza da misericórdia, nova administradora, (e creio que lhe pareceu muito bem) que não offendia as caridosas intenções d'aquelles antigos instituidores, admittindo ao curativo do hospital além dos andantes e estranhos os pobres residentes na terra; e com tanto menos escrupulo o fez, quanta é a boa vontade, com que para esse fim auxilia o hospital annualmente com os rendimentos da misericórdia.

D'esta maneira o hospital, que apenas recebia em cada anno um limitadíssimo numero de doentes, recebe agora um cento e mais, como se verá do seguinte mapa relativo aos annos de 1843 e 1844:

	1843	1844
Entrados . . . . .	99	111
Curados . . . . .	85	99
Fallecidos . . . . .	10	8
Ficam existindo . . . . .	4	4

J. H. DA CUNHA RIVARA.

#### VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA

##### XXIII.

Já não é dentro de um pequeno brigue, mas em alterosa fragata de cincoenta peças, que iremos demandar a terra de Santa Cruz. Antes porém de aportar a esse solo abençoado pela Providencia, gozemos por um pouco da liberdade dos mares,

Livres corramos sobre as ondas livres  
Do oceano indomado por tyranos,  
Livre como saíu das mãos do Eterno,  
Sua feitura unica no globo  
Que impias mãos d'homens não puderam lida  
Avassallar, destruir. . .

Como o cantor de Camões avaliou bem a sublimidade d'esse espectáculo unico, prova singular do poder de Deus, chamado o *mar*! Como se identificou com o seu heroe, que havia pintado, com mão de mestre, as fúrias do Adamastor. o fogo de Santelmo precursor da bonança, e os innumerados mysterios do oceano! . . . Depois de vós, reis da harmonia, onzados persecutores das maravilhas do céu e das aguas, que ha de dizer um rude marinheiro!

E o mundo é tão grande o atractivo d'esses quadros, que custa a despregar d'elles os olhos, quando nos passam por ante a vista.

«Não me fallem na pobre poesia da terra (diz um escriptor contemporaneo, que tambem sileou os mares); nem a flor, nem o rio, nem a montanha, nem a campina, nem o proprio deserto talvez, chega aquella magestade; a espiritalidade do homem revela-se ali; o seu olhar não vê a terra, e a sua sciencia pode até marear no infinito das estrellas a passagem para outro hemispherio; está sózinho lutando com os elementos, e vence os, o mar parece applicar-se ao som da sua voz; o vento parece fugir despeitado de não poder varrer os mastarens do seu navio, quando a vaga se eleva como uma montanha,

a um volver do leme o navio passa sobre ella, que se curva temerosa, e vem despedagar-se, na sua raiua impotente, de um e de outro lado do vigoroso costado.»

E se effectivamente as ondas alagam o convez, se a violencia do temporal faz abrir agua ao navio, ou piloto inexperiente o leva sobre nedonhos baixios. . . Como é nobre e grande o arrojio do homem, que mede as suas debéis forças com o poder immenso da natureza, e que, abandonado da esperanza, não perde ainda a coragem!

Mais de uma vez n'esta viagem tivemos a infelicidade de desarvorar; mais de uma vez em meio do vendaval e da cerração pedimos um raio de sol que nos esclarecesse o caminho e nos livrasse dos escolhos; tambem encalhamos, como a seu tempo vos contarei. . . porém essas recordações de trabalhos e de perigos, ainda têm uma certa suavidade para nós!

Incomprehensivel é o homem. Compraz-se nas grandes luctas, que aproximam a creatura do Creator, e tem saudades d'essas horas da agonia, até nos bragos do amigo que não via ha muito, atecerrando contra o peito a amante desejada.

O mar é feiticeiro, dizem os marinheiros; e é assim. Quando no mais rijo da tormenta se offerece o traquete á Senhora da Bonança, quantas promessas se fazem tambem de não tornar a embarcar! E quantas se eumprem! Talvez nenhuma!

##### XXIV.

As ceremonias religiosas são ainda mais imponentes no mar do que em terra. Como é solemne o sacrificio da missa, junto de um pequeno altar improvisado, pobre de alfaias e despido de ornatos! Ver o sacerdote, no momento de elevar a hostia consagrada, vacillar por um inesperado balanço do navio, como se tremesse ante a magestade do Senhor; e os assistentes curvando-se mais talvez do que tencionavam, como se poder sobrenatural os obrigasse a uma genuflexão profunda! A onda pura rociando o sacrificante e os ouvintes, figura-se-nos agua do Jordão, que os vem lavar da culpa. A musica elevando hymnos ao céu em meio da solidão dos mares; as preces d'esses homens leaes, que vão encontrar-se com as dos parentes e amigos, rezando talvez á mesma hora por aquelles que andam sobre as aguas do mar. . . tem tudo isto um tal cunho de mysteriosa grandeza, que faz contemplar com mais respeito aquella angusta cerimonia no convez de um navio do que nas lages do templo.

E a ladainha rezada á noute ao clarão dos relampagos, ao estampido da trovada, tão vulgares entre os tropicos; e a confissão do moribundo, n'um leito em continuo movimento, que não dá descanso ao pobre nauta nem n'essa hora tremenda; e os officios fúnebres acompanhando o finado á borda da embarcação, quando vae para sempre sepultar-se n'aquella ampla valla do oceano. . . Ao menos é feliz no sepulchro o marinheiro; não fica apertado n'uma cova como o homem das cidades; não teme a profanação dos seculos; nem lagrimas fingidas e palavras mentirosas vêm cair sobre a sua lousa!

Essa vasta sepultura já guarda os cadaveres de dons de meus irmãos. . . quando irrei eu reunir-me a elles. . .

##### XXV.

Parece invervel que em meio do oceano, tendo sempre presente o poder de Deus na sua expressão mais grandiosa, se commettam crimes hediondos co-

mo nas sujas vielas de uma cidade, ou nas devezas de mal assombradas serranias!... Pois até ahí chega a maldade do homem, e eu vol-o provo com um exemplo do que succedeu n'esta viagem que vou historiando.

Estávamos na altura da *Bahia de todos os Santos*; era uma noite serena de dezembro; e a fragata parecia resvalar sobre a superfície das aguas; reinava o maior socego a bordo... quando de repente um grito medonho safu da prôa, echoando sinistramente nas amuradas da embarcação:

«Acudam!... que mataram um homem!...»

Corre baralhada a guarnição para a prôa, e encontra-se um bom marinheiro, ainda rapaz, banhado em sangue e com as guellas cortadas; procura-se o assassino, que todos designam, mas que não aparece; o commandante manda formar a guarnição na tolda, e só então se vê no seu logar o matador. Interrogado, nega o crime, até chora pela victima... O valente e infeliz Amaral tem a lembrança de comprimir-lhe o peito com a mão, e só encontra o pulsar ordinario n'aquelle coração de fera. Nem temor nem remorso o pungia!... Puzeram-se-lhe ferros aos pés, e foi conduzido á prisão, entre as maldições de quatrocentos homiens indignados e que o desejavam esquarterar; d'ahí a meia hora estava a dormir placidamente! Posso-o afirmar, porque tive a curiosidade de chegar o ouvido á bôca do malvado; respirava uniformemente, dir-se-ia o somno de um justo!

N'esse momento cheguei a ter asco á humanidade; pareceu-me ver em todos os homiens aquelle typo de hyena.

Os esforços de dous habeis cirurgiões, e a robustez natural do ferido, operaram, com a ajuda de Deus, um milagre. Manuel Martins salvou-se, e ainda hoje vive. O assassino esteve prezo largos mezes em um paiol, quasi no fundo do navio, e a final fugiu em Angola a uma escolta de *impaecaciros*, que o conduzia para o sertão; disseram-me depois que tinha voltado a Lisboa.

A origem d'aquelle desgraça havia sido uma bagatella. Manuel Fernandes (o assassino) estava maltratando um grumete ainda pequeno, e a victima admoestou-o com boas palavras que não proseguiu-se... O tigre sacou da faca, e lançou-se ao inoffensivo marinheiro.

Este successo, que eu mais por extenso contei em outro logar, deixou-me para sempre uma recordação dolorosa.

#### XXVI

Ella lá está, a terra de Santa Cruz!... Salve, continente do novo mundo, cujo nome aleaou para si o talento espenclador de Americo Vesputio, em detrimento do ousado descobridor genovez! Salve, imperio do Cabral, baptisado pela ambição dos homiens em terra do Brazil, menosprezando o titulo que lhe dera o navegador; e cossa que João de Barros levou muito a mal em um choroso capitulo das suas Decadas. E mais nos escandalisa a nós a falta de um monumento a Pedralves, e que estivesse perdido por seculos o seu tumulo, quasi milagrosamente achado ha poucos annos em Santarem.

Já vistes o nome do descobridor do Brazil em alguma lapide de Portugal? O seu retrato, o seu busto em alguma galeria publica? Não! E na terra que elle foi desencontar para a civilisação, cremos que ha igual desleixo. Entretanto na cidade de Toulon encontra-se um monumento com esta dedicatória:

«Aux marins célèbres, la ville de Toulon.» Een-

tre os nomes de muitos ousados navegadores, lê-se com prazer, Gama, Cabral, Zargo, Magalhães, lembrados pelos estrangeiros, em quanto são esquecidos pelos nacionaes.

Derijámos a prôa para o *Rio de Janeiro*. Vêde como é bonita esta costa; que multidão de pequenas ilhas; que infinita navegação de barcos diferentes. Já se avista distintamente o *Gigante deitado*, caprichoso aggregado de montanhas que justificam aquelle nome; a seus pés está o *Pão de assucar*, e logo a cidade de S. Sebastião se estende pela ampla bahia, mirando do outro lado sua irmã mais nova, a *Praia Grande*, hoje *Niterohy*.

Deixando á direita a fortaleza de Santa Cruz, e á esquerda o forte de S. João, isolado sobre uma lagge como o *Penedo* de Angola, tornámos a encontrar muitas ilhas, e os horizontes recortados por gigantescas montanhas, entre as quaes destaca pela singularidade da sua perspectiva a Serra dos Orgãos, que campêa no fundo da bahia, quasi sempre coroada de um diadema nebuloso, e accendendo pela tarde os seus fogos de mil relampagos.

Descrever aqui o Rio de Janeiro seria um trabalho inutil. Além de que muitos portuguezes têm visitado aquella cidade, encontra-se a sua descripção em mil e um livros, e até mesmo nas columnas do *Panorama* em diversos artigos dissimindos pelos anteriores volumes. Voltar-me-hei para as reminiscencias, quasi todas saudosas, que conservo da minha estada por duas vezes (um total de oito mezes) no Rio de Janeiro, e de uma excursão que fiz a Santos, na provincia de S. Paulo.

#### XXVII.

Os nossos compatriotas estabelecidos no imperio, e os proprios brazileiros de educação esmeram-se em tratar bem o portuguez que demandam aquellas praias. Os convites para jantares, para passeios, para bailes succediam-se quasi sem solução de continuidade. Tambem os officias da fragata emprehenderam dar um sarau ás amaveis luminenses, e aos obsequiadores cavalheiros do Rio; e levou-se o projecto a effeito com o possivel esplendor. O navio estava elegantemente aderegado, e a concorrencia foi numerosa. Um baile a bordo tem muito mais encanto do que nos salões sumptuosos de qualquer palaeio. Reinava a alegria entre todos os convivas; e a musica não cessava de tocar, a dança era vertiginosa, e só terminou depois de nacer o sol do seguinte dia.

Este sarau deixou-nos recordações muito suaves; porém eu ainda me lembro com mais saudade da convivencia intima que tínhamos em diferentes casas de pessoas de distincção, e de amigos velhos, antigos conhecimentos da Europa. O meu hospede effectivo morava defronte do passeio publico em um lindo pavilhão, aonde gosei bastantes horas de felicidade na mais doce paz, sem etiquetas, e recordando os dias da nossa juventude em Lisboa.

O Rio de Janeiro deve ter mudado muito depois que eu o visitei pela ultima vez: a illuminação a gaz, e telegrapho electrico pondo em contacto as repartições superiores do estado, os trabalhos do caminlio de ferro para Petropolis, e outros melhoramentos materiaes, hão de ter mudado a face d'aquelle povoação. Com a riqueza que possui aquelle felicissimo paiz, cabia a esta cidade ser um modêlo de elegancia; talvez tenha de se ver isso em a nova capital que os representantes da nação resolveram que fosse erecta mais ao norte, nas proximidades do rio de S. Francisco. E natural que, a ser levado avan-

te um tal plano, a cidade do Rio de Janeiro substitua a de Niteróy, como séde da provincia, e que aquella moderna povoação volte a ser, como antes, apenas um arrabalde de S. Sebastião, como Caciilhas e Almada em relação a Lisboa.

Tendo partido do Rio para Montevideu, andei ali de navio, e regressi ao Brazil, em quanto a fragata seguia para Angola. Continuando pois a desprezar a chronologia, para aproveitar a unidade de logar, deixarei para mais tarde as reminiscencias do rio da Prata, e velejarei na corveta (meu novo quartel) para o porto de Santos, aonde fiamos esperar D. Pedro II, que viajava na provincia de S. Paulo, e havia embarcar ali para o Rio de Janeiro.

Repetirei aqui os ligeiros apontamentos que tomei acerca d'aquelle bonito logar, por ser menos conhecido dos portuguezes.

O rio de Santos, na provincia de S. Paulo, é como um tapete de lhamas de prata, lançado negligentemente sobre uma planicie de vertura. Estreito, mas fundo, abrigado de todos os ventos, presta por mais de uma legua facilissima passagem aos navios de qualquer porte, que, por entre duas fileiras de mato rasteiro, seguem o capricho das aguas em seu leito de graciosos contornos. Encravado no rio, o viajante não descortina passagem que o leve para fóra do continuo circulo de vegetação que se lhe apresenta; e mais ao longe e por toda a parte os recortes de altas montanhas parecem negar-lhe a communicação com o oceano. Uma legua acima da foz, encontra-se a cidade, assentada na margem direita do rio; nenhum monumento d'arte a adorna, mas o seu aspecto é risonho, as suas mulheres são formosas, os homens hospitaleiros, e o movimento commercial avultado.

Na occasião da minha chegada, a cidade respirava alegria — aproximação do joven e talentoso imperador, que regressava de S. Paulo, cidade capital da provincia. A nossa demora ali apenas foi de dois dias, e voltamos ao rio acompanhando o monarca, que vinha em uma fragata brasileira, seguida de duas corveta e um brigue espanha. Ainda os vapores não eram, como hoje, a unica via para a maritima, não só dos soberanos, mas do qualquer pessoa mediantemente enriquecida.

Não vos descreverei esta calmosa via, nem me demorei a contar o desembarque do cesar na capital dos seus estados; mas dizendo adeus, com os olhos humedados de lagrimas, a essa terra hospedeira, viemos ainda a prôa ao norte, busquemos o caudaloso rio, semeado de escolhos, onde Solís deixou com o nome a vida, para mais tarde, depois de esquecido o seu cadaver, os homens lhe trocarem tambem o titulo da descoberta em rio da Prata.

### XXXVIII.

Fugindo ao perigoso banco do Inglez, fomos avistar *Malvado*, logar de velha recordação para os navegantes; e continuando a subir a corrente do rio, vimos a ilha dos *Lebas*, em cujas immensas lagoas é fama que appare em lobos marinhos; e mais tarde enxergamos a ilha das *Flores* e o seu farol; e finalmente o *Cerro* e a cidade de *Montevideu*. Esta formosa capital da republica oriental do Uruguay, apresenta-se ao viajante com todo o atractivo de uma moderna cidade hespanhola; as casas e miradouros, que corrom todas as casas, ainda conservam a herdada elegancia dos arabes; porém as torres e o zimborio do unico templo que se descobre na povoação é que não recordam a piedade e a riqueza dos monarchas das Hespanhas e das Indias. Dois fortalzas a beira-mar se acauntem doze do R. da cidade.

No porto estava surta a esquadra argentina, que mais tarde vimos arrear bandeira aos primeiros tiros de intimação de uma divisão anglo-franceza; e em roda da cidade estava um exercito de argentinos e orientaes, que proclamava um presidente da republica differente do que occupava Montevideu: para dentro das linhas de defesa achavam-se homens de todas as nações, entre os quaes o celebre Garibaldi, armados de varias maneiras, com trajes disparatados, sem pão, sem calçado, blasfemando... lembravam a escuria do povo romano, clamando pela lei agraria em Monte-Saero.

Não tratarei da historia d'essa interminavel guerra, que tão differentes phases tem tomado, e que, por certo, ainda se não pode reputar ultimada; nem me demorei a ponderar a amabilidade proverbial das *siobitas*, como já largamente o fiz, e com enthusiasmo de mancebo, em outro escripto. Pouparei aos leitores uma descripção do *Pampeiro*, que é uma tempestade medonha, mas que em nada differe dos temporaes dos outros mares; e não abusarei da sua paciencia repetindo-lhes os quadros de costumes, já tão divulgados entre nós. Continuaremos pois a difficil navegação do Prata, em busca de *Buenos-ayres*.

Embarcamos um piloto portuguez, pratico do rio, para guiar a corveta por entre os baixios; mas o pobre velho, ou porque já estava meio demente, ou por que a cerração o enganou, foi varar o navio sobre o banco d'*Ortiz*. Ali passamos tres dias de anciedade, diligenciando salvar a embarcação por todos os meios possiveis. A final vimos-nos obrigados a alijar os mantimentos, os sobrecarregos, e a propria artilharia, para quebrar as algemas que nos lançara o *Ortiz*; entrando de novo no canal avistamos a colonia do *Sacramento*, que já foi possessão nossa, como Montevideu, e no dia seguinte fomos ancorar no porto de Buenos-ayres.

A guerra afugentára d'ali os navios mercantes; apenas se viam surtas n'aquelle amplo porto duas embarcações de guerra francezas e outras duas inglesas, que o bloqueavam. Passados dias chegou tambem ao ancoradouro a infeliz corveta sueca *Carlschrona*, que, no regresso, socorreu perto da costa do Brazil, perdendo-se toda a tripulação, menos cinco homens. Pobre gente, que tanto lamentou o nosso desastre, mal pensava que em breve seríamos nós que choraríamos o seu tragico fim!...

A cidade vista de longe apresenta a pouca vantajosa perspectiva de uma povoação edificada em planicie; porém desembarcando nas suas praças encontra-se o aspecto, severo sim, mas bello e harmonioso de uma velha cidade hespanhola. Permitta-nos o leitor que o conduzamos ao bulicio d'aquellas extensas ruas, cortadas em angulos rectos por outras ruas muito regulares, a similhança de Montevideu e da parte de Lisboa delineada pelo marquez de Pombal; não se arrependirá certamente de nos haver acompanhado.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

### ARCHELAGO DE CABO VERDE (1).

CANÇA A VISTA, opprime o coração ver tamanha destruição! Parcos a quem entra n'esta povoação, que vê uma praça tomada de assalto por um exercito de selvagens aos quaes fez a guarnição a mais porfiosa resistencia. Ruinas a entrada do porto, pedras, entulho, e pedras de ferro jazem de mistura; eram as for-

1) Continuação de pag. 21.

tiuições da cidade por o lado do mar: ruínas pelas ruas, escombros a um lado e outro; eram as habitações dos cidadãos e nobres: ruínas pelas praças, lanços de parede, entulho, um troço de columna, cantaria lavrada em pedaços, são restos de cinteos, de cornijas: eram igrejas magestosas, onde os fiéis adoravam o Deus d'Afonso Henriques.

Eis o que nos resta da cidade da Ribeira Grande, que pelas suas reliquias vê-se que com os seus cinco mil opulentos habitantes bem merecia o nome de Lisboa Africana, melhor e com mais razão do que Loanda, essa capital d'Angola, elevada hoje a capital da Africa portugueza até que vá sepultar-se na valla aonde a precedeu uma irmã mais velha. E bem receio que assim lhe aconteça, porque ha sessenta annos a esta parte marcámos o nosso dominio pela destruição, como antes o marcavamos pelas construções sumptuosas.

Saiámos d'aqui depressa, que doe este espectáculo a um coração portuguez. Entremos no escaer, e levados por esta brisa tão suave, vamos costeando a terra demandar a villa da Praia, que é menos perigosa uma viagem assim, que atravessar tres leguas de um Sahara em miniatura para nos dirigirmos ao mesmo ponto.

A villa da Praia gosa ainda hoje da consideração de capital da provincia, de que se quiz despojar-a em 1838, por vingança ridicula de um governador geral, e por leviandade de quem se confiou mais do que de véra de participações incoherentes e ridiculas por sua exaggeração, e se approu a ser metro instrumento dos paixões do seu subordinado. Ainda que é quasi coeva da cidade da Ribeira Grande, e capital desde 1770, nunca chegou a poder emparelhar com ella a nenhuos respeito, nem na riqueza, nem em população, nem na magnificencia de seus edificios. Não lhe faltam contudo feitos gloriosos que ennobrecam a sua historia. A defeza que sustentou contra os hollandezes em 1688, obrigando-os a retirarem-se com perda, tenho-o em conta dos maiores, principalmente attendendo aos poucos recursos de que podia dispor, á debilidade de suas fortificações, e á pequena população que suas muralhas encerravam; e creio que não foi menor a consideração que mereceu á metropole, pois que não posso assignar outra epocha, e por consequente outra causa a sua elevação á cathedra e consideração de villa, que se encontra nos papeis do tempo, e de que ninguém sabe dizer-me a data.

Situada no fundo da baía que forma o porto que d'esta povoação toma o nome, está a povoação d'este nome sobre a achada de uma rocha, que antigamente se chamava de Santa Maria, creio que da Esperança, do nome d'uma ermida em que se venerava a Santa Virgem em essa invocação, e que ainda em principios do 17.<sup>o</sup> seculo se via, no oppo do monte, no sitio em que hoje se vê o deposito da agua de Mont'agarrto para os navios.

Esta rocha, que se eleva umas vinte braças acima do nível do mar, vae abragado e sustentando a villa por leste e oeste, destacando-a de dois valles, que a accompanham cada um por seculado até se reunirem, ao norte, na raiz da encosta, que por escaledo da entrada para a villa, a qual terá aproximadamente meia milha de comprimento de norte a sul e umas 160 braças de largura. Ambos estes valles commegam a nascer em duas praças, uma á direita, outra á esquerda de quem ali aponta, e que formam uma lomba, que se esconde a vista, e os re-guarda tambem das inundações do mar, que lhes fica superior uns cinco ou seis palmos a primeira, que é de aréa preta, chama-se d'ahi *Praia Negra*; a ou-

tra, de aréa branca, chama-se por a sua extensão *Praia Grande*.

E aqui que actualmente se desembarcam as mercadorias e desde 1837 tambem a gente, cuido que por causa da alfandega, que aqui se achava n'umas casas que em 1820 pouco mais ou menos o conselheiro Martins deu ou vendeu ao estado. Proximo a esta alfandega achava-se uma calçada, de perto de trinta palmos de largura, e cuja construção o ditos tempos intramemoriaes, por onde se entra na villa pela sua extremidade sul.

Antigamente o desembarque fazia-se n'uns penedros escorregadios e desunidos, e per entre os quaes o mar arrebenta as vezes com furia; e seguindo-se em distancia de perto de um quarto de milha a Praia Negra, entrava-se no valle contiguo onde se encontra ainda uma estrada, bastante arruinada, que da entrada para a villa por o lado de leste. Este desembarque era perigosissimo para quem não soubesse gymnastica, e por isso o governador Chapuzet mandou lançar pedra no intervalo dos penedos para formar assim um caos natural, mas como não chumbou, nem aniu com o cimento hydraulico essas pedras, a marézia destacou-as d'ali em pouco tempo, e deixou o desembarque tão perigoso como estava d'antes. Chama-se a este sitio a *Tobra*, e ha n'ella uma posto fiscal. Hoje apenas ali desembarcam os officiaes e marinheiros dos navios de guerra, que são *pimpões*, e não queiram sujeitar-se a que a reaca da Praia Grande, ou a estupidez dos negros lhes faça tonar um banho d'agua salgada.

Ouvi dizer que em 1837 o tragico fim d'uma sr.<sup>a</sup> americana, que morreu entallada entre estes penedos, e mais um filhinho, que levava consigo, causou tamanho terror, que ninguém mais se atreveu a confiar a pericia da gymnastica a sua vida. Seja a causa qual for, o que é certo é que o desembarque, por via de regra, só se faz na Praia Grande. Effectua-se d'antes a cavallo no poggio d'un preto, que exigia por isso os seus oito vintens de cada pessoa, a qual não poucas vezes rolava no ar, e mais o conductor! Assim desembarquei eu ainda em 1840, e assim embarquei quando quatro mezes depois me retirei: mas fui feliz em ambas as occasiões. Em 1842 estabeleceram-se uma cadeira sobre uma paviola, em que pagam á negros. Ao principio não servia senão para os altos funcionarios, mas em junho d'esse anno dei ordem para que se puzesse á disposição de todos que quizessem servir-se d'ella. Este embarque ou desembarque assim fica custando 610 réis, mas é muito mais seguro. Os barcos pagam 40 réis a cada preto empregado n'este serviço, e não é mau, quando não se tem ainda em cima a lamentar uma avaria ou uma perda total. Apesar d'isto não ha caes, porque se entende que 20 réis por pessoa, e um segurança completa, é mais penoso que 160 sem ella. Assim são as nossas cousas! Assim havemos de ir sempre porque não sabemos, e não queremos saber, applicar-lhe os meios.

Já des-embarcamos na Praia Grande cousa de sessenta passos distante da alfandega. A' nossa esquerda vê-se uma extensa praia que parece encruvar-se para ir abragar o *o. do v. mallo*, celebre nas tradições da raiz pela sua cura, que ninguém viu, mas que um francez comprava nas obras de olaria que os navios lhe levavam a vender; esta praia vae-se depois afastando para terminar em curva de arco na ponta da *Tamarca*, visinho da qual se achava o ilheu que dista umas 120 braças da praia, e aonde se vae a van na vassate da maré.

Na frente estende-se o valle do Oeste, ou varzea da companhia, com os seus palmares de tamariz:

e de coqueiros, com os seus poços de uma agua que exhala um forte cheiro de enxofre; a um lado do qual vêem-se os quintaes das casas da villa, e ao outro as fazendas abandonadas, que só produzem o *carriço*, o algodoeiro, e as plantas umas sylvestres e outras rasteiras, enfeitando este lugar que parecia ter sido pela morte destinado para avenida de seu imperio: e com effeito lá ao longe alvejam as paredes do muro e a capella do cemiterio, que com a porta voltada para a villa faz lembrar o sapo, que está de bôca aberta chamando a doninha e obrigando-a a ir metter-se-lhe dentro. É um ruim agouro para o supersticioso habitante da ilha, que talvez amortega a sua energia. Voltemo-nos para a direita. Ajuda arêa, depois o armazem do sr. Cardoso, incendiado em 1848. e que o governo dos Estados Unidos pagou, posto que não sei se o dinheiro chegou por fim as mãos de seu dono: umas tres braças distante está a alfandega, que não ardeu n'aquella occasião, porque, por fortuna, estava fondeada no porto uma esquadra americana, que acodiu com soccorros e bombas; pois na villa só ha uma que ha muitos annos está arruinada completamente, e que ninguém sabe concertar; e ao pé da alfandega a casa da guarda.

Agora subâmos a calçada por mais que nos custe. Já a transpuzemos. Cuidado com a briza que vem encanada pela rua do Quartel, e que pode constipar, porque o calor e o cansaço da subida fazem transpirar; agasalhe bem o peito, quando mais não seja com a aba da sobrecasaca; uma constipação pode atirar-o em tres dias para o cemiterio.

Aqui á direita está o largo da igreja, que forma uma extensa praça em forma de parallelogrammo, que se avança de oeste para leste, acabando na igreja matriz da invocação de Nossa Senhora da Graça, mesquinha construção do governador Chapuzet, ao qual ainda assim se devem por isso muitos louvores; pois se elle a não tivesse feito, não sei desde então até 1839 quem se lembrasse de tal. A oeste ergue-se um bello, diria mesmo sumptuoso para estas terras, quartel militar feito de pedra, e que o governador Chapuzet tambem construiu, mas que não teve tempo de acabar, e de que ninguem mais fez caso até 1842. em que o governador Bastos mandou continuar as obras que se concluíram em 1846, no tempo do governador Noronha. Do lado do sul está um parapetto com bancos de pedra, onde ao cair do dia vão tomar o fresco os ricos habitantes da villa; tambem é obra do governador Bastos: e ao norte acham-se duas bellas propriedades particulares, n'uma das quaes residia o governador geral. Esta praça foi ornada de arvores em fins de 1842.

Seguindo-se por a rua que fica em frente da calçada, entra-se na praça do Pelourinho por um dos lados. Nesta praça, que terá umas 40 braças de largo e 60 de comprido, levanta-se bem a meio uma columna de pedra, assente sobre alguns degraus tambem de pedra, a que se deu o nome de Pelourinho, insignia indispensavel de uma povoação, que tem a honra de chamar-se villa; e do lado do sul faz-se todos os dias a feira ou mercado diario, á qual concorrem os vadios com as produções de suas fazendas, que são: fructas, hortaliças, assucar, azeite de purgueira, lenha, leite, legumes, mandioca etc. Esta praça é calçada nos lados em frente das casas, e terreo no centro.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



O HERCULES GERMANICO.

No sitio onde hoje está assente a magnifica cathedral de Strasburgo (outr'ora Argentorato) existia muito antes do nascimento de Jesus Christo um bosque sagrado, no qual os celtas tribucos (*dreybocher*) habitantes d'aquella região, celebravam os cruentos sacrificios do seu culto.

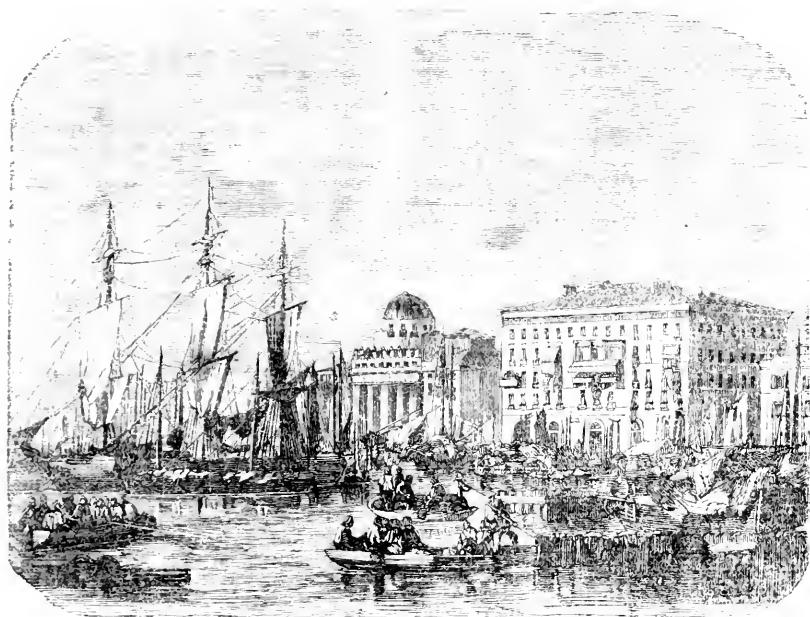
Os romanos, conquistada a Alsacia e Argentorato no tempo de Julio Cesar, cortaram a mysteriosa floresta druidica, e ali erigiram um templo, onde diferentes divindades recebiam incensos. O principal idolo porém que o paganismo venerava em Argentorato era o de Hercules o bellicoso. Este deus heroe objecto de adoração dos germanos (Tacito, *De moribus germanorum*, cap. 2) recebeu dos alsacienzes o nome de *Kruzmana*, isto é *Kriegsman*, que significa o heroe da guerra. De tal modo se lhe afieçoaram os povos, a quem a invocação da supposta divindade lisonjeava nos seus instintos ferozes, que não foram bastantes a estirpar o seu culto os esforços e o zelo de um S. Materno, apostolo da Alsacia.

Sómente no anno 349 da era christã é que S. Amando, primeiro bispo de Strasburgo, conseguiu que fosse destruido o templo de Hercules, e edificada em seu lugar uma igreja christã, que foi depois tambem arrazada no anno 449 pelos barbaros, commandados pelo terrivel Attila, rei dos hunos. Nos annos 504 a 510 foi a igreja reconstruida por Clovis, rei de França, e o christiani-mo começou de novo a lançar raizes profundas na Alsacia. A pequena igreja de Clovis está convertida, depois das successivas reconstruções de muitas gerações de monarchias, na cathedal sumptuosa, orgulho da arte architectonica, e testemunho glorioso da piedade de nossos maiores.

— Se destruides o direito de propriedade, o trabalho será substituido pelo ocio; a actividade pela inercia; o estímulo pela indifferença; a terra ficará inculta; as artes em abandono; a industria sem alento; o commercio sem effeitos.

M. CARVALHO — APHORISMOS.





AUSTRIA — TRIESTE.

TRIESTE, capital do governo do mesmo nome, no império de Austria, e uma das recentes metrópoles commerciaes da Europa, e uma das mais antigas cidades do Adriatico, por quanto a sua fundação attribue-se a uma tribu de thracicos, que fugindo a um inimigo poderoso, ou obedecendo ao desejo de migração, subira o Danubio 600 annos antes de Christo, estabelecêra-se no Ister, e ali edificara varias povoações, entre as quaes se conta aquella a que nos referimos.

A cidade de Trieste divide-se em quatro partes: a cidade velha, a nova, a cidade *Josi*, e o arrabalde *Francisco*. A nova está edificada sobre a falda da montanha que a cidadella coroa. A' excepção da igreja dos jesuitas, do palacio da municipalidade, do da bolsa, primor d'architectura, a maior parte das suas construcções pouco tem de notavel.

Na cidade nova as casas porém são espagosas, e as ruas largas e limpas, o que não acontece na cidade velha, onde os edificios são irregulares, as ruas immundas e infectas, na maior parte.

Trieste continha, em 1832, 182 ruas, 31 praças, um museu, uma bibliotheca publica, e uma escola real de navegação.

É sede de dois bispados, um catholico e outro grego. Entre os monumentos antigos merece mencionarse um arco de triumpho erigido a Carlos Magno, os restos de um amphitheatro romano, e um aqueducto

subterraneo, que ainda hoje serve a conduzir aguas para a cidade.

Os trabalhos modernamente executados no porto de Trieste tornam o seu accesso facil aos navios do mais alto bordo: goza do privilegio de completa tranquillidade, o qual garante por tal modo a prosperidade do seu commercio, que a torna uma rival cada vez mais perigosa para Veneza. A'quella vantagem se deve tambem o incremento rapido da sua população. No reinado de Maria Theresia, Trieste contava apenas 6:000 habitantes; em 1822 tinha mais de 27:000; em 1808, 33:000; em 1817, 42:000; em 1821, 45:000; em 1829, 47:000; em 1832, 50:000; e actualmente calcula-se-lhe uma população não inferior a 53:000 hab.s.

Releva porém confessar que a sua immensa importancia deve-a em grande parte a respeitavel sociedade que se intitula o *Loqd*.

Esta associação, formada na primitiva de varias companhias de seguros, possui hoje 30 barcos a vapor, que percorrem regularmente o Adriatico e o Mediterraneo. As suas linhas estendem-se desde o Danubio até o mar Negro, desde o Pó e o Alizé até as praias do Nilo.

Como o governo de um estado, divide-se o *Loqd* em varios departamentos. O primeiro tem a seu cargo os seguros; o segundo é encarregado do servico dos barcos a vapor. O terceiro representa o ministrio

ria da instrução publica e dos negocios estrangeiros. Tem em diferentes pontos agentes que lhe transmitem noticias politicas, commerciaes, industriaes, que podem de um modo ou de outro influir na bolsa; estas noticias manda-as o *Loyd* affixar todos os dias em um vasto salão de leitores. Estabeleceu uma typographia e uma officina de gravura, e publica dous grandes jornaes quotidianos, uma folha semanal, e duas publicações mensaes illustradas no genero do Panorama. O *Loyd* possui igualmente vastos arsenaes, officinas de construcção de machinas a vapor, e tem a seu soldo um bello corpo de officiaes nauticos e de marinheiros. Tal é a influencia do principio de associação intelligentemente encaminhado! Oxalá que nós nos desenganemos tambem d'esta verdade, e o futuro nos sorrira auspicioso, reconquistada, para a nossa querida patria, a antiga importancia pelo emprego simultaneo dos capitães e do trabalho.

#### OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO

### XII

*Desordens interiores; guerra com a Alemanha, Polonia, Veneza e Russia; mau successo das armas ottomanas; diligencias frustradas para a paz; administração enérgica do terceiro Kuprudi; batalha de Salankemen e morte de Kuprudi; desastres na guerra e anarchia no interior do paiz.*

O IMPERIO ottomano viu-se desde logo accommettido por todos os lados de inimigos, que se apressaram a aproveitar-se do enfraquecimento moral e physico em que o deixou aquelle grande desastre. Ao mesmo tempo que os exercitos do imperador Leopoldo e de Sobieski continuavam activamente a guerra, atacando em diferentes pontos as fronteiras da Turquia, os venezianos, ajudados de tropas pontificas, florentinas e maltezas, romperão de novo hostilidades, apossavam-se de Navatino, de Corintho, de Athenas e outras cidades da Grecia.

Tão successivos infortunios causaram no paiz geral irritação. Cara Mustaphá pagou com a vida a sua presumpçosa inhabilidade, mas não bastou esta victima para apaziguar as iras populares. Os janiszaros e o povo, lançando sobre Mahomet IV a responsabilidade de todas estas desgraças, depozeram-o e arremegaram-o para o fundo de um carcere (8 de novembro de 1687), onde morreu cinco annos depois.

Este longo periodo de quarenta annos, que tanto arruinou o reinado de Mahomet IV, forneceu aos annos da Turquia algumas das suas mais gloriosas paginas. A par da gloria militar floreceo o imperio nas artes e letras, cresceu em territorio e augmentou em industria. O regem a severo e justiceiro dos dous Kuprulis restabeleceu com a ordem a moralidade publica.

Mas quando assim pareciam voltar para a Turquia os bellos dias da sua passada grandza, veio a administração inbalada e corrupta de Cara Mustaphá impeller outra vez o paiz para o caminho da decadencia, d'onde momentaneamente saíra a tanto custo. No seu ministrio torceram a apparecer e a accesser sentir em grande força todos os elementos desorganizadores, que ja por vezes haviam ameaçado metter com o imperio. A arbitrariedade na administração da justiça, o desprezo das leis, a venalidade dos empregos publicos, a relaxação da disciplina militar, extorções e vinganças de todo o genero, ausencia de todo o conselho nas relações ex-

ternas, precipitação no começar de empresas arriscadas, falta absoluta de energia para as levar por diante, todos estes crimes, erros e faltas, ainda que commettidas em pequeno espaço de tempo, inutilisaram todo o esforgo dos dous eminentes estadistas que precederam Cara Mustapha.

Solimão II, filho de Ibrahim I, foi chamado a occupar o throno vago pela deposição de Mahomet IV, e em prejuizo de dous filhos que este ultimo soberano deixou (1687).

A aclamação do novo sultão não foi bastante para desarmar a revolta. A insurreição, progredindo de exigencia em exigencia, e sacrificando ás paixões populares culpados e innocentes, estendem-se por todo o imperio, e poz o paiz em completa anarchia.

Em quanto o coraço da Turquia assim era dilacerado pela guerra civil, as fronteiras, desguarnecidas de tropa, eram entradas e devastadas ao mesmo tempo pelos exercitos da Alemanha, da Polonia e de Veneza.

Os perigos da situação eram aggravados pela extrema penuria em que se achava o thesouro publico. Todavia ainda era mais para sentir a falta de um ministro capaz de vencer tantas difficuldades e perigos. A inexperiencia de Solimão II, que vivera quarenta e seis annos encerrado no harem, entregue unicamente aos exercicios de devoção, e a incapacidade de seus ministros, foram causa de se lançar mão de medidas imprudentes, de que resultaram consequências desastrosas. Com a nomeação de alguns chefes de revolta para governadores de provincia, em vez de restabelecerem a ordem, deram incentivo a novas ambigões e rivalidades, que bem depressa vieram lutar em campo aberto. Creando uma nova moda de cobre, sem attenção ao valor do metal, excitaram muitos conflictos e descontentamento. E finalmente com a venda de mais de trinta mil empregos publicos, que trouxeram ao thesouro um recurso momentaneo, entregaram logares importantes a mãos inhábéis, e abriram larga estrada á corrupção dos servidores do estado.

Foi sob tão tristes auspicios que saú de Constantinopla um exercito para embargar o passo aos invasores (26 de junho de 1688). Falto porém de um general hábil e da indispensavel força moral, apenas serviu de tornar mais brilhantes os triumphos das potencias christãs. A tomada de Belgrado e de outras praças, os continuados reveses das armas ottomanas, e os progressos, que diariamente faziam as tropas alemãs na Bosnia e as venezianas na Dalmacia e na Grecia obrigaram o sultão a impor ao paiz novos sacrificios para defensa commum. D'esta vez, depois de esgotados todos os meios da receita ordinaria, e todos os recursos provenientes de peçadas contribuições de guerra, foram obrigados os habitantes da capital a fardar e armar dous soldados de cavallaria por cada familia.

Todavia apesar d'este esforgo os negocios da guerra não melhoraram de aspecto, e a Sublime Porta viu-se forçada a mandar a Vienna um embaixador com propostas de paz, mas para encobrir a sua fraqueza e fazer menos onerosas as condições do tratado, deu a esta missão um caracter mui diverso do fim verdadeiro a que se dirigia. Similhante tentativa foi mui successida. Leopoldo I recusou-se a tratar sem a presença dos outros alliados e depois de chegarem os representantes da Polonia e de Veneza, metteve com longas delongas o enviado musulmano, e exigia d'elle tantas humilhações, que o sultão mandou retirar o seu embaixador, e preparou-se novamente para a guerra.

Em quanto as hostilidades recommegavam com gran-

de força em toda a extensa fronteira da Turquia europeia, vindo a Rússia engrossar as fileiras dos aliados, rebellava-se a Servia, proclamando a sua independência, e rebentavam alborotos nas provincias asiaticas do imperio. A Turquia viu-se então na situação mais critica possível. Os perigos que ameaçavam engrandeciam-se de dia para dia, ao mesmo tempo que os seus recursos diminuíam e as suas forças se definhavam. Os ministros e os generaes succediam-se com rapidez uns aos outros, sem ao menos alcançarem travar da roda aos males publicos.

Em tão afflictivas circumstancias reuniu-se um divan extraordinario para nomear um grão-vizir capaz de salvar o paiz da crise terrivel em que se achava. Os grandes dignatarios do imperio recorreram ainda á mesma familia, que havia dado recentemente á sua patria dous regeneradores. Kupruli Zádé Mustaphá, irmão do conquistador de Candia, foi o escolhido para o desempenho de tão ardua missão. Os talentos e energia d'este homem, ajudados do immenso prestigio, que o nome de Kupruli exercia em todos os musulmanos, operaram nos negocios publicos uma metamorphose igual áquella que seu pae e irmão haviam operado em circumstancias muito analogas.

Dotado das mesmas eminentes qualidades que distinguiram os seus dous illustres predecessores, e seguindo exactamente a mesma politica, o novo grão-vizir creou recursos pecuniarios sem exercer vexações, antes abolindo alguns tributos odiosos; deu nova organização ao exercito, augmentando-o consideravelmente; rebellou a revolta, e assim fortalecido fez rosto ao inimigo. Este importantissimo resultado obteve-o em pouco tempo, e conseguiu-o por meio de uma escrupulosa escolha de homens probos e intelligentes para os cargos importantes; por meio de uma minuciosa fiscalisação na cobrança e distribuição dos rendimentos do estado, e da mais severa economia em todos os ramos do serviço publico; e finalmente por meio de uma politica de tolerancia e de justiça imparcial com que attrahiu aos interesses da Porta a povoação christã sujeita ao dominio ottomano, instrumento ate alli das intrigas estrangeiras, e foco de perennes desordens. Enviando para a casa da moeda toda a sua baixela de prata, e alcançando do sultão igual sacrificio, conseguiu com tão patriótico exemplo excitar o entusiasmo popular, de que resultou affluirem instantaneamente de todos os angulos do imperio valiosos donativos para as urgencias do estado.

Kupruli Zádé Mustapha poz-se a frente do exercito e abriu a campanha em agosto de 1690. As circumstancias tinham mudado inteiramente. Os invasores ja não encontravam especie alguma de auxilio nas provincias christãs da Turquia. Em vez das sympathias com que pouco antes eram recebidos achavam agora toda a casta de resistencia, que um povo costumava fazer quando trata de defender a sua propriedade e independência (1). Alem d'isto as tropas turcas, bem pagas e disciplinadas, achavam-se animadas do melhor espirito, e cheias de confiança no seu general.

Os exercitos de Leopoldo I, destrogados em todos os recantos, perderam em breve tempo as vantagens que tinham a honrado na campanha anterior. Belgrado foi tomada de assalto ao decimo segundo dia d'assedio. Nissa, Semendria e outras praças fortes voltaram ao poder dos turcos.

1. Por esta occasião reclamou aquelle illustrado ministro a V. an os efeitos da tolerancia. Por meio d'ella tenho augmentado o poder do sultão, conseguindo que obedeçam o seu governo povoações que o odiavam te-

Onde faltava porém a presença de Kupruli a fortuna desamparava o estandarte do propheta. Na Dalmacia e na Morécia continuava a victoria a declarar-se pelos venezianos. Tendo pois o grão-vizir regressado a Constantinopla, onde recebeu do soberano e do povo singulares honras e obsequios, dispunha-se para partir para aquellas provincias, quando uma doença do sultão, seguida pouco depois da sua morte, o reteve na capital (23 de junho de 1691).

Solimão II não chegou a completar quatro annos de reinado. Passava de quarenta e seis annos de idade quando subiu ao throno. Sem o auxilio de Kupruli o seu curto reinado seria obscuro e semeado de infortunios. Entretanto possuia algumas qualidades, que influiram beneficemente na regeneração moral do paiz, e que fizeram respeitada a sua memoria. A sua boa indole, e seu animo justiceiro, o espirito religioso, sobriedade e continencia de que dava continuos exemplos, alcançaram-lhe o titulo de santo, com que o distinguiram os historiadores musulmanos.

Achmet II, succedendo a seu irmão Solimão II, manteve a Kupruli no grão-vizirato. Honrado pois com a inteira confiança do novo soberano proseguiu o grão-vizir nos seus preparativos bellicosos. A marcha porém dos acontecimentos obrigou-o a mudar o plano de campanha, que concebêra e ia pôr em execução, quando teve lugar a morte de Solimão II. Os allemães, tendo cobrado animo durante a forçada inação de Kupruli, vieram novamente acometter as fronteiras do imperio. Assim foi mister deixar a Dalmacia e a Morécia a braços com os venezianos para correr ja a embargar o passo a um invasor, que dava mais serios cuidados.

Partiu o grão-vizir para Belgrado nos fins de julho de 1691, e a 19 d'agosto estava empenhada uma acção geral entre os dous exercitos. Ao principio toda a vantagem esteve pelo lado dos turcos; mas logo depois repellidos vigorosamente pelo inimigo perderam terreno em todas as direcções. Então Kupruli, que via a importancia d'esta batalha, pôe-se a frente de um regimento de cavallaria e arremegou-se ao centro das fileiras inimigas. No mesmo instante vem uma bala despedaçá-lo a cabeça. A sua morte decidia immediatamente da victoria em favor dos allemães, que se apoderaram de todo o acampamento ottomano, e de cento e cincoenta pegas d'artillaria. Mais de vinte e oito mil turcos ficaram mortos no campo ou prisioneiros n'esta memoravel acção peleejada junto a Salankemen.

Entretanto todos estes prejuizos foram de pouco vulto comparados com a perda de Kupruli, a quem os ottomanos deram o epitheto de Fazyl (o virtuoso). Achmet II não soude achar quem o substituise. Dahi em diante os grão-vizires apenas se demoravam alguns poucos mezes no poder. Resuscitaram por toda a parte as intrigas, a desconfiança e as desordens. Os negocios publicos pioravam de dia para dia. Na Dalmacia e na Morécia continuavam as armas ottomanas a recuar diante do leão de Veneza. A uma victoria ganha pela esquadra turca responderam os venezianos com a tomada da ilha do Chio. Os exercitos da Porta não eram mais bem succedidos na Bosnia e na Hungria; e se esta guerra não tomou então um caracter mais grave para a Turquia foi isso devido por um lado a Hollanda e Inglaterra, que não pouparam diligencias para trazer a um accordo pacifico ambas as partes belligerantes, com o fim de collocar-se a Allemarcha em melhor pe para fazer frente a França, que tambem as hostilidades, protegendo abertamente a expulsão dynastia dos Stuarts, e por outro lado aos triumphos de Luiz XIV na mesma Allemarcha, que attrahiam a principal at-

tenção de Leopoldo I para as fronteiras occidentaes do seu imperio.

Tal era o estado da Turquia quando falleceu Achmet II de um ataque de hydropsia, molestia de que haviam tambem morrido seus irmãos Mahomet IV e Solimão II (6 de fevereiro de 1693). Reinou como este ultimo tres annos e oito mezess.

Achmet II possuia como particular muitas virtudes, que o fizeram benquisto; mas como soberano teve alguns defeitos, que concorreram bastante para as desgraças que affligiram o paiz depois da morte de Kupruli Zádé Mustaphá. A notavel fraqueza do seu caracter fazia com que se deixasse facilmente dominar pelos grão-vizes, e uma indolencia absoluta afastava-o a tal ponto dos negocios publicos, que só na ultima extremidade se prestava a tomar d'elles conhecimento. Em quanto aquelle illustre estadista dirigiu o governo do paiz, estes defeitos do soberano, que já o eram tambem do seu antecessor, não prejudicaram a nação, Achmet podia descansar afeitamente na intelligencia, no zelo e probidade do seu ministro. Depois d'elle todos os grão-vizes abusaram em tudo da confiança do sultão. Em taes circumstancias é que aquelles defeitos deram origem a mil intrigas, e excitaram poderosas rivalidades, que produziram na administração do estado a maior confusão e desleixo, e no paiz uma guerra civil encruelizada, que durou por todo o reinado de Achmet II.

(Continua.)

J. DE VILHENA BARBOSA.



HABITANTES DE BILBAU.

Um das povoações mais notaveis de toda a Hespanha, e a mais florida a cidade de Bilbao, não só pela

sua importancia politica e gloriosas tradições, como pela actividade, caracter sisoado e probo, extraordinario valor e inabalavel patriotismo dos seus habitantes.

Da cidade demos larga noticia no 9.º volume d'este semanario, e agora só accrescentaremos algumas poucas palavras sobre a indole dos bilbaínos.

O forasteiro encontra ali o maior agasalho, porque os moradores de Bilbao, sobre os excellentes dotes que apontamos, têm o de serem francos, hospitaleiros, affaveis e urbanos.

As mulheres distinguem-se pelo seu estremado accio, e methodo no arranjo de suas casas e familias; tem muita capacidade para os labores proprios do seu sexo, e até para as transações mercantis desenvolvem algumas vezes singular aptidão.

Assim os homens como as mulheres são sinceramente religiosos; e distinguem-se pela sua composatura de costumes.

Pelo que respeita ao physico, os homens são robustos e bem parecidos; as mulheres formosas, e a todos os respeitoos interessantes.

A nossa gravura representa algumas vendedoras do mercado publico de Bilbao.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA

XXIX.

Em Buenos-ayres desembarca-se de carroagem!... Não me consta que haja outro logar no globo aonde tal succeda. Como ha pouco fundo até longe da praia, entenderam que o melhor era transportar os homens e as mercadorias na *carroçilla*. O sitio aonde tomamos terra é o principal passeio da cidade, *Lalameda*, que se prolonga até longe pela margem do rio.

Ditava então a lei á confederação argentina o celebre e mysterioso *Rosaz*, que hoje vive retirado em Southampton; e sua filha, a encantadora *Marianita*, que ora o acompanha no exilio, era em Buenos-ayres o alvo das attensões de todos os estrangeiros, que encontravam na espirituosa senhora um acolhimento o mais amavel e o mais franco.

Buenos ayres não tem monumentos architectonicos de valor artistico. As suas igrejas, vastas e de mau gosto, estão no civo da *Bourse* de Paris, que segundo a opinião de Victor Hugo, com a qual inteiramente me conformo, podia ter qualquer outro destino, porque a todos se presta pela nullidade do seu plano. O aspecto especialissimo que apresentava esta cidade quando eu a visitei, deve ter-se perdido em grande parte, aquelle rancor entre *federales* e *militares*, se não se pode considerar extincto, tem pelo menos diminuido muito de intensidade. Era altamente caricado, e aquelle tempo, observar as argentinas em *des'atillé* matutino ja com a divisa federal no cabello, ver os proprios mendigos com o laço vern'ello da confederação; e até no theatro os actores representando de personagens, não s'õ anteriores á inauguração das republicas do Prata, mas ainda a descoberta da America, mostrando a divisa consagrada sobre uma toga romana, um saio de cavallo erizado, ou um baldio de templario!

No convento de S. Domingos encontram-se, como na cathedra de Tenerife, bandeiras tomadas aos indios; e ha s'õ outros estandartes brazileiros e hespanhoes, s'õ os principes trophens da republica. A *pyramide de Vain*, na praia da Victoria, dá uma triste idéa do gosto argentino pelos monumentos de

arte; foi erecta em commemoração do pronunciamen- to contra os hespanhoes, n'aquelle mez, que os ar- gentinos chrisamaram em *mez da America*.

Nas extremidades da cidade ha dous bonitos lo- gares de recreio, e a quinta de *Palermo*, que pertenc- ia ao ditador, e as margens do *Riachuelo*, que vem desaguar no Prata. A maior parte dos edificios particulares são vastos, regulares, mas de pouco aleg- re apparencia; porém lá dentro encontra-se a mais cordeal recepção, uma convivencia agradável, e o trato seductor de mulheres, que só têm rivas nas montevideanas.

Apesar da guerra, do bloqueio, dos terrores in- herentes a este estado excepcional, como deslissavam suavemente os dias e as noites ao som do canto hes- panhol, ao compasso da dança, e entre o tiroto de ditos espirituosos! . . . Ao contrario de muita outra gente, eu tenho a felicidade ou a infelicidade de me dar bem em toda a parte, e de sair com saudades de todos os paizes que visito. Escusado é accrescen- tar que muito me custou a deixar Buenos-ayres.

Mas, enfim, é necessario partir. Passarei em cla- ro as novas excursões que fiz a Monteviden e Rio de Janeiro, e toroando a soltar as velas ao capri- cho do vento, vamos demandar as ribas da patria, tocando de passagem nas formosas illhas dos Açores.

## XXX.

Abengoada insula de *S. Miguel*, como é fertil o teu solo, como são lindas as tuas paisagens, como são hospitaleiros os teus habitantes! Tu és o mais pre- cioso diamante da coroa dos nossos reis! Quem ao aproximar-se de tuas praias, ao contemplar tuas col- linas verdejantes, tua vegetação, ao mesmo tempo tropical e europá, não terá sonhado o paraizo ter- real? . . . Com mais razão ainda, se se chega, como me succedeu, fatigado de uma longa viagem, de abra- ceidas calmas na equinoccial e no mar do Sargago, com escacez de mantimentos, falta de agua . . . e de paciencia tambem!

As pranchas a descerem-se do costado do navio, a bomba a indicar quotidianamente o augmento de agua no porão, o vento contrario a impedir que ar- ribassemos a Cabo Verde, e por cima de tudo isto um céu carregado, ameaçador . . . até que a vista das campinas de *S. Miguel* nos deu a perdida alegria, e a propria atmospherá tratou de harmonisar com a belleza da terra.

«A terra não é mais do que o espago (diz Alex- andre Dumas) o oceano é a immensidade! O oceano é o que ha mais amplo, mais forte e mais po- deroso depois de Deus! . . . Tenho-o ouvido rugir co- mo um leão irritado . . . depois, á voz do seu senhor, prostrar-se como um lebreu submisso! Tenho-o visto erguer-se como um gigante rebelde, que tenta esca- lar o céu . . . e d'alli a pouco, sob o agoute da tor- menta, gemer como um menino que chora! Vi-o cruzar suas vagas como o relampago, e querer apagar o raio com a sua escuma, mas em seguida alisar-se como um espelho, e reflectir todas as estrellas do céu! . . .»

É verdadeira a pintura, sublime sem duvida . . . mas a terra, depois de longos dias de privações pas- sadas no mar, é tão doce para o navegante, como deve ser o encontro de um florido oasis para o via- jante perdido no deserto, extenuado de fadiga e sede.

O homem que escreve estas singelas linhas, apesar de não se ver ainda coberto de cãs, tem soffrido tanto, incluindo a fome e a sede, e tem igualmente sentido tantas sensações doces, gozado mesmo por tantas vezes momentos de ventura, que se julga ha-

bilitado a poder estabelecer como axioma o seguin- te: «Só quem esteve ausente da patria por largo tempo, e voltou um dia inesperado a abraçar a mãe velhinha, a irmã donzella, o amigo querido, a amante fiel . . . pode comprehender a verdadeira fel- licidade no mundo, pode saber o que é alegria pu- ra, prazer infinito!»

## XXXI.

Os Açores (illhas) possuem um solo tão bom, que até se não aclimatam ali os bichos venenosos; a pro- pria inconstancia do clima contribue para conservar sempre verdes e floridas aquellas deliciosas plani- cies, aquellas encantadoras collinas, tão formosas, que difficilmente as encontrareis iguaes em outra parte do mundo.

A cidade de Ponta Delgada é extensa, magesto- sa e muito rica; porém a ilha de *S. Miguel* tem lo- gar mais seductor para o viajante, as *Furnas*. Não me demorarei a fallar d'estas maravilhosas calde- iras, tantas vezes descriptas, mas tambem não perca a occasião de aconsellar a toda a gente de homoge- no que visite esta produção maravilhosa da natu- reza, principalmente se algum dia se estabelecer uma carreira regular de vapores entre a metropole e os Açores, como tanto é mister. Oh! então não deixeis de visitar tambem o lindo amphitheatro, a que chamam cidade da Horta, e ainda, na mesma ilha do Fayal, o pittoresco sitio dos Flamengos, e a *Caldeira*, voragem portentosa, tão frequentada dos viajantes estrangeiros, e de que ha tambem muitas descripções. Deffronte do Fayal tendes o *Pico*, a maior das illhas dos Açores; podeis subir ao cimo d'essa enorme montanha pyramidal, mas contaes que estaes em terra pontueza, o que equivale a saber que encontrareis pessimos caminhos n'essa escabrosa ascensão. Lá se divisa a *Terceira*, com aspecto mais severo do que suas irmãs, como convem ao baluarte do prior do Crato, e dos emigrados constitucioes, a *Graciosa*, cujo nome tão bem lhe quadra; *S. Jor- ge*, esquecida pelo governo, mas cujos habitantes são em extremo laboriosos; *Santa Maria*, pouco conhe- cida no interior pelos viajantes, mas que tantas vezes lhe serve de balisa, á volta de longas derrotas; *Flores*, quasi em igual abandono, e a pequ- na ilha do *Corvo*, onde é fama que se encontrára aquelle cavalleiro de pedra apontando para o novo mundo, antes da sua descoberta.

Aproximo a Lisboa, depois d'este giro de alguns milhares de leguas; vamos esquecer as fadigas da viagem no lar domestico, apertando mãos amigas, estreitando ao peito corações que sympathisam com os nossos . . . em quanto o destino não impelle de novo o triste nauta para mais longinquas peregrina- ções, até que a paz do sepulchro lhe dê descanso sob uma mortalha de branca escuma, ou debaixo da negra lousa! . . . A vantagem que levam estes bo- vos judeus errantes ao sapateiro de Jerusalem é a certeza, de que mais tarde ou mais cedo hão de de-ixar de escutar essa voz fatal que lhe brada: *Caminha! . . . caminha!* . . . E adormecerão n'este valle de lagrimas, para só acordarem em outro mundo mel- lior.

F. M. BORDALO.

## ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

Do lado opposto a esta rua está a de Lancaster, do nome do governador D. Antonio Coutinho de Lau-

maestre. Tráqui que esta a guarda principal, commandada por um alferes ou tenente, porque era aqui que antigamente estava o quartel general, mesquinha barraca, que o desleixo e o cupim fizeram vir a terra, conservando-se apenas duas colunas, n'uma das quaes, confederada com o pomposo nome de sala do docel, se reunia o conselho do governo e as juntas de fazendas de agricultura; e na outra estava a secretaria e contadoria da mesma junta de fazenda, que fugiu daqui para evitar que archivos e empregados ficassem um dia sepultados entre as ruínas.

Parece-me estar ouvindo algum dizer: e porque se não cuidou em acudir a essas ruínas, conservando o quartel general em estado de ser habitado, como ainda era em 1835? desde então até junho de 1838 deveras que não sei que houvesse nenhuma sessão de tilta de meios, pois que as receitas regulavam então por 32 contos (não incluindo a urzella que recebe por 100 contos de réis annuaes, que o thesouro em Lisboa, chamava todos a si: foi só em fins de 1838 que elle applicou 24 contos de réis por anno para o corte da provincia), e as despesas (em além de 63 contos, o que mostra que nada se podia pagar para despesas extraordinarias; mas depois de junho de 1838 não se fizeram de certo obras alguma, porque o decreto que mandou construir na ilha de S. Vicente a povoação do Min. bello para ser a capital da provincia, determinava que nenhuma obra publicca se fariam mais na villa da Praia. E assim que Cabo Verde ficou sem capital, e as repartições publiccas sem edificios: n'uma parte era-se obrigado a ver carem infernamente por terra, em ruínas os edificios publiccos, e na outra não havia meios para se construir novos, como se ordenára.

Sobre o telhado da barraca do corpo da guarda está, um meos que modesto campanario com uma sino rachada, da qual pende um cabo, por meio do qual a sentinella repete as horas que o relógio de parede da estogão aponta: este é o relógio da villa da Praia, capital da provincia de Cabo Verde! E isto é uma progressão na estrada dos melhoramentos, porque em 1837 as horas annunciavañ-se aos habitantes por meio de pedradas que a sentinella jogava a si e a si, um das quaes a rachou, e deve-se a isso o actual *malhoamento*.

Esta praça é cortada no seu comprimento, e ao meo das duas ruas já mencionadas (a do Quartel á esquerda, e a de Lancaestre á direita), por uma outra que se chama do Meio, a qual corre parallelamente com elle desde o largo da igreja até entrar no grande largo da Boa Vista, ao qual a gente da terra chama de *Damba* (se bem me lembra), e que mais propriamente se pode tomar por um espraizado suburbio da villa, com a qual reparte, quasi em parte, as ruínas, a planície, ou achada, em que esta assente.

Nas ruínas arruinadas á recha da parte do oeste umas 20 ou 30 miseraveis cabanas, immundos alvarcos, de pretos pobres, onde morria de fome, em nome do partido miguelista, um pobre capitão que nunca teve que ver com esse partido, pois nunca foi homem de partidos: aqui tambem pereceria á fome, em 1834, um antigo empregado da secretaria com mais de 30 annos de servico, alguns d'elles na tropa, e que debaixo por muitos annos pedira a sua reforma, se os seus collegas não fossem em seu soccorro, sustentando-o na sua enfermidade e á sua familia, e fazendo-lhe depois um enterro muito decente.

Enfim se vê aqui um casebre muito velho, a que chamam quartel de cavallaria, e que serviu de sede a 1834 até 1837: depois, não sei.

Quasi ao cimo d'esta rua está o já muito arruina-

do moinho de vento, que Chapuzet fez construir para preparar as farinhas para o pão das companhias provisórias, que de Lisboa o acompanharam em 1822; e que hoje está arrendado pela junta da fazenda a um homem, que negocia em farinha de milho. E o unico que ha em toda a provincia.

A pequena distancia para o meo do largo encontram-se os mais que modestos principios do novo hospital da misericordia, risco do sr. Antonio de Fontes, com duas pequenas officinas d'elle, que já estão concluidas. Foi debalde que em maio de 1842 se lhe deu o nome de D. Fernando, por que a muito custo, e só por effeito d'umas poucas de subscrições dos empregados publiccos e d'alguns mais ricos moradores da villa, se conseguiu dinheiro para pagar a cantaria que se havia encomendado para Lisboa, e que chegou de improviso, e por bem bom preço; e para levantar a parede a pouco mais d'uma braça acima do chão. Consta-me agora que desprezando-se o risco primitivo, se começou de novo e está bastante adelantada esta obra, que em todas as partes é necessaria, mas ali tanto como nas em que mais for, por causa das levas de 20 e 30 degredados e ás vezes mais, que quasi todos os annos para lá se mandam, e de que mais de dons terços morrem miseravelmente sem soccorro nenhum, nem ao menos os espirituaes. Mas porque meios tem ella tido alguns progressos? pelo de novas subscrições, cuja fonte se ha de a final exaurir: e contudo isso muito pouco que se não possa fazer-o com as condições e segundo as necessidades que o clima doentio do paiz ditamente reclama, e a que o primitivo risco não podia attender.

Ja que fallei no hospital da misericordia, não me parece fóra de proposito dar uma succinta idéa do que era, e do que é esta irmandade, que se pode dizer que está extincta.

Foi instituida pelo virtuoso bispo D. Fr. Francisco da Cruz, pelos annos de 1552 a 1556, que lhe construiu igreja e hospital, na cidade; e foi tal a afeição dos habitantes a este santo instituto, que desde logo lhe deram avultadas esmolas, e outros a instituiram herdeira de seus bens com diversos encargos, o que a levou a um grande auge de riqueza. Em 1589 foi aggregada a archi-confraternidade de Roma por breve do papa Sixto V, que começa: *Singularis charitatis et misericordiae operae*; e por alvará de 19 de outubro de 1594 lhe concedeu el-rei todos os privilegios que estava gosando a santa easa da misericordia de Lisboa.

Toda a sua opulencia perden-se, e a sua grandeza decanou com a perda da opulencia, e com a decadencia a que chegou a cidade. Os mordomos e irmãos ainda era na cidade: que se reuniam; mas como todos eram moradores da villa da Praia, e lá é que residiam habitualmente, por uma parte deixava de haver o cuidado que os enfermos do hospital exigiam, e por outra parte deixavam-se perder os negocetos por haver meos constante attenção a elles. Os governadores D. Antonio Coutinho de Leacoste, e João da Matta Chapuzet, aquelle em 1807, e este em 1820, empregaram todos os seus dissellos em favorecer esta irmandade, mas o mais que o seu zelo conseguiu foi obstar por algum tempo a sua antiquação, que parecia inevitavel.

Esse paradero a que nada parecia poder obstar depois que Chapuzet saiu da provincia, apressou-o ainda mais o acontecimento de 1834, a que depois sobrevieram os melancolicos e luctuosos successos de 1835. A prefeitura, por um rasgo de penha, mudou a irmandade e o hospital para a villa da Praia; mas por tal modo fez a mudança que uma grande par-

do archivo desaparecera, e com elle titulos importantissimos, e muitas riquezas foram roubadas, e abandonados os ornamentos e alfaias, de que alguns não raras, e assim mesmo os mais ordinarios se puderam salvar em 1831! O hospital foi estabelecido n'uma pequena casa terrea da villa, que se alugou.

Isto, e as mortes procedidas das resultas da sedição militar, de que foram victimas algumas pessoas respeitaveis, que podiam pela sua posição salvar o estabelecimento das depredações que soffreu, fizeram descer o seu rendimento, que era superior a dous contos de réis, a 1:3008 réis pouco mais ou menos, e esse mesmo servia mais para pasto de alguns esfaimados, que para os fins a que se devia applicar. O governador Fontes conseguiu em 1840 que alguns irmãos o elegessem provedor, e na posse d'este cargo procurou dar um novo impulso ao instituto; mas ou era já um cadaver, que podia galvanisarse, mas não receber uma nova vida, ou se enganou sobre a efficaçia dos meios que devia empregar para o fazer reviver. A reforma dos estatutos, a que procedeu em conselho do governo por autoridade propria, e como se tratasse d'uma medida politica, ou de mera administração publica, quando era d'uma irmandade decadente, e cujos fins eram só a piedade e a beneficencia, deu o ultimo golpe na instituição. Desde então arrastou-se sem vida já, apesar do empenho do governador Bastos, que succedeu na provedoria da misericordia, como tinha succedido no governo da provincia; e por fim deixou até de mover-se.

O hospital, que se tinha mudado para uma casa asobradada, onde podia ter outro eamas, estava a ponto de fechar-se; os rendimentos diminuiam a olhos vistos por causas differentes, e ninguém queria administrar os poucos que restavam. Debalde se procurou fazer reunir a irmandade, as semanas seguiam-se umas ás outras; a estagão das aguas, a epocha mais critica do anno por causa das carneiradas, aproximava-se, e tudo indicava que havia de ser fatal. N'este estado das cousas, propuz ao governador a nomegão d'uma commissão que gerisse os fundos da irmandade, e que continuasse a administração do hospital até que se acordasse no que cumpria fazer.

Dias depois d'isto caí doente das febres, tive de retirar-me para Lisboa a fim de convalescer; assim que cheguei, achei-me com um successo nomeado que ia partir em breves dias; e nunca mais soube do resultado. O que sei é que a irmandade continua dissolvida, extincta de facto; e que a humanidade exige imperiosamente que se faça cessar este estado por algum meio proficuo e efficaç.

*Continua.*

J. M. DE SOUSA MONTEIRO

## ESBOÇOS DA VIDA MILITAR

### V.

#### Unidade.

#### PART. III.

O progresso intellectual avalia-se na balança do progresso das sciencias, da industria, da litteratura e das bellas artes. Se pois no estado actual da sociedade vemos os interesses physicos e moraes, e as conveniencias publicas marchando esposadas para o bem geral; reconhecemos tambem a necessidade de fazer presidir á penalidade leis humanas e esclarecidas. As reformas que se meditam no civil, quan-

to ao regimen penitenciario applicam nos grandes, convem igualmente aos militares, as vantagens são grandes. Em lugar de condemnar os soldados a muitas de disciplina, ao ocio, separados dos seus chefes, façamos com que elles se empenhem em trabalhos que tambem utilitem moral e physicamente, e que tambem utilitem na parte material a sociedade, compensando as despesas com elles feitas durante o tempo do castigo. Reconhecemos, e verdade, certos motivos ou o fim da penalidade é intimidar, e fazer expiar a culpa, promovendo ao mesmo tempo a emenda e a correção; porém o grande fim, o fim mais elevado, é a completa cura do doente, a regeneração moral do criminoso, obtida por meio da humanidade, da educação, da instrução e do trabalho. O regimen actual das prizoens e dos trabalhos forçados para o soldado esta sujeito aos inconvenientes e a reprovação que merece o das prizoens civis. A economia penal entre nós está por tal forma atrasada e tão intoleravel, que longe de remediar o mal mais o agrava, dando lugar a pessimas consequencias; é n'essas abominaveis masmorras, ou antes covis infectos, em que geme o desgraçado, que o crime e a perversidade recrutam a seu salvo novos satellites, ainda mais licenciosos e distendidos, a verdade é que saem das prizoens peiores e mais incorregiveis do que quando lá entraram. A prisão sómente deve ser olhada como uma pena, quando assim é considerada em consequencia de um julgamento; fora d'isso deve ser tida apenas como um meio de nos assegurarmos do individuo que se presume culpado; usamos d'esta expressão, porque todo o homem contra o qual recairem ainda as mais graves suspeitas, em quanto não se preferir sentença condemnatoria, deve ser olhado como innocente, e sempre tratado com caridade; em todo o caso as prizoens devem ser habitações saldas e commodas, convertidas, para assim dizer, em verdadeiras officinas, em que o trabalho e a distracção moralisem os reclusos.

O regimen introduzido na prisão penitenciaria militar de S. Germino em França tem apresentado (segundo se diz) os melhores resultados; os principaes meios d'açção usados n'este estabelecimento são o trabalho em commun, mas silencioso, a detenção cellular durante a noite, e como correção mais severa, o uso das cellas sombrias. Os resultados obtidos tem dado um progresso real, comparados com os que apresentam as prizoens ainda sujeitas ao antigo e barbaro regimen. Os soldados por esta forma se reabilitam pelo trabalho, ao passo que nas prizoens ordinarias só recebem as lições do vicio alimentado pela ociosidade.

Apesar d'essas vantagens, que se dizem obtidas na referida penitenciaria militar, contudo nós não approvamos o systema cellular, nem o silencio, nem as cellas sombrias; para nós o effeito d'estes meios e ainda problematico. Nós queremos que a policia militar se ocupe dos condemnados com uma sollicitude verdadeiramente paternal e esclarecida, que os trate antes como valeducados do que como reprobos. Cumpriam o pensamento e prohibir o uso da palavra é desnaturar o espirito e o coração; não queiramos vedar o emprego da palavra pelo silencio absoluto, nem o contacto ou a companhia com os seus semelhantes, por um isolamento total. pelo contrario devemos dar ao pensamento e á imaginação uma tendencia moral, e submeter a communicação dos condemnados a certas condições de urbanidade e decencia; a separação e o silencio systematico parecem-nos meios barbaros e absolutamente inadmissiveis. Não é ao isolamento e á prisão cellular, ma-

ao trabalho em commun que devemos sujeitar os culpados; a isolamento embrutece as qualidades mais nobres, e faz pelo contrario exaltar as paixões em prejuizo da razão. Na verdade a companhia é a condição essencial da natureza humana, que moralisa e affeição; não é o silencio pelo silencio que é necessario empregar; é mister prohibir a linguagem do mal, e a communicação dos pensamentos viciosos; são as provocações e as tendencias subversivas que devemos impedir e preaver.

A disciplina e os meios que forem applicados aos condemnados militares devem ser mais brandos e mais liberaes do que o regimen destinado aos condemnados civis, por quanto as faltas (fallando em geral) que podem levar um soldado a entrar na prisão, não têm o caracter de perversidade; essas faltas são devidas em grande parte (como já notamos) ao rigor menos estudado da disciplina, e aos excessos da obediencia passiva. A persistencia maior ou menor de um soldado nas prizoens pouco importa á vindicta, e á segurança nacional; porém o objecto que summamente interessa a policia militar, são as boas disposições com que o soldado deve sair, para encetar de novo e mais moralisado o caminho dos seus deveres.

A moralidade dos actos deve ser o verdadeiro fim, e ao mesmo tempo o principio essencial da penalidade. Devemos igualmente julgar legitimos, e os melhores todos aquellos meios que forem mais efficazes para produzir este salutar effeito. Assim muito desejámos que se adoptem as penitenciarias militares; mas com as modificações que deixámos apontadas. Certamente em todas as cousas é prudente passar por melhoramentos successivos; é um dos grandes erros do nosso seculo querer chegar precipitadamente do mau ao perfeito.

Estão fora de toda a esperca da justiça distributiva, ou da imputação juridica os celebres artigos de guerra de 1763, que entre nós servem de codigo penal militar; estas barbaras disposições, que mais parecem escriptas pela pena de Draco, não podem por forma alguma harmonisar com os principios sãos de direito, e por isso ficámos dispensados de fazer a menor analyse ou ponderação a tal respeito. Só aguardámos com interesse os beneficios que deve trazer esse novo codigo penal militar, em que se trabalha por contarmos, que elle offerecerá as desejadas garantias, vindo ao mesmo tempo satisfazer todas as conveniencias do serviço militar.

No seguinte esboço trataremos da relação em que está o exercito com os principios da produção ou da economia politica, attenta a ligação da moralidade que se dá entre o mesmo exercito e esta sciencia, na hypothese de podermos constituir o soldado, pelo trabalho e actividade artistica, um cidadão, além de morigerado, prestadio a si e á sociedade.

J. C. DA SILVA.

#### MONSTRUOSO PRELO MECHANICO.

O PRELO MECHANICO em que se imprime o *New-York Sun* foi construido em New-York por mrs. Hoe & companhia. Occupa uma extensão de quatorze metros, pouco mais ou menos, custou 20.000\$000 réis, e tira 20.000 exemplares por hora! . . .

«A medida que se imprimem,» diz X. Eyma «as folhas seguem os roletes conductores que as levam até a extremidade da machina, collocando-as umas em cima das outras. A machina tem oito cylindros, que podem funcionar todos ao mesmo tempo, ou um só

quando assim convier. Para os pôr em movimento gasta-se obra de um minuto. No alto da machina está collocado um contador, que indica exactamente o numero de folhas que se vão imprimindo.

«A machina é construida em dous andares; sobe-se ao segundo por escadas collocadas nas duas extremidades.»

N'este admiravel prelo, verdadeiro prodigio da industria moderna, contam-se 6:200 parafusos, 1:200 rodas de todas as dimensões; 202 cylindros de pau; 400 carretes, e um numero incalculavel de pequenos mechanismos auxiliares. A casa em que se assentou a machina do *New-York Sun* é uma immensa sala de 140 pés de comprimento sobre 20 pés de largura e outros tantos de altura.

O *New-York Sun* extrahê cincoenta mil exemplares; o seu formato é de 65 centimetros de comprimento sobre 45 de largura; cada pagina contém oito columnas de duzentas linhas e quarenta letras cada uma. Pelo que respeita á execução typographica nada deixa a desejar; por quanto, apesar dos typos americanos serem quasi microscopicos, a impressão é de uma nitidez verdadeiramente admiravel.

Finalmente, calculou-se que em uma hora, com o auxilio de dezeseis pessoas, este grandissimo prelo executa um trabalho que, pelos meios antigamente adoptados, careceria, para se fazer no mesmo espaço de tempo, do emprego de seis mil individuos!

#### A TYPOGRAPHIA FRANCEZA.

Nas typographias francezas imprimiram-se, nos dez annos que decorreram de 1842 a 1851, 81:994 obras, em todas as linguas mortas e vivas; a saber:

Obras em todas as linguas. . . . .	64:568
Estampas, gravuras, lithographias. . .	13:085
Obras de musica . . . . .	3:336
Cartas e plantas . . . . .	1:003
Total. . . . .	81:994

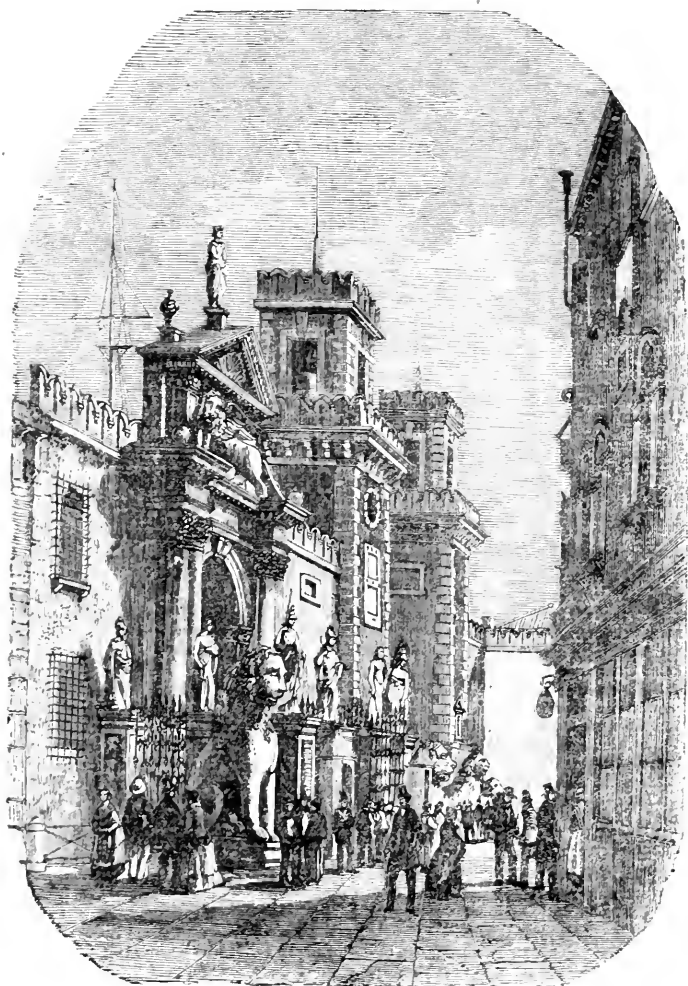
#### USO DO TABACO DE FUMO NOS CAMPOS.

«CONVERSEI muitas vezes com antigos lavradores sobre o uso que nos campos se faz do tabaco de fumo, e todos concordaram comigo em que tinham reconhecido maior inercia e apathia n'aquelles obreiros que se haviam costumado a fumar. Quando era mister trabalhar mais assiduamente, quando a atmosphera annunciava algum temporal, quando se carecia de forca e de actividade no mais alto grau, é que podiamos justamente avaliar a funesta influencia do fumar. Este habito consome o tempo em pura perda, de verão e de inverno, no outono e na primavera. Releva acrescentar que é uma das causas mais frequentes de incendio, isto é, de desgraça para familias pobres e para aldeias inteiras.»

Esta opinião sobre o uso do tabaco de fumo é extrahida de um livro (*Trabalhos da vida do lavrador*) muito estimado em França.

— Quando a historia nos apresenta factos sobre-naturaes, só possiveis á omnipotencia divina, é necessario dissecal-os com o oscalpello da critica, para não confundir os verdadeiros milagres com os erros da credulidade, ou com os inventos da impostura.





ITALIA — ARSENAL DE VENEZA.

O ARSENAL de Veneza, cuja fundação remonta ao ano de 1304, e que a república, na sua quadra de glória e prosperidade, accrescentou e embelleceu successivamente, é cingido de fortes muralhas e torres. Avalia-se em mais de duas milhas a sua circumferencia. A entrada principal do lado da terra, (representada na gravura), é per si só um magnifico monumento. O arco da porta é ornado de esculpturas e excentricas; nos fins do 16.<sup>o</sup> século, pelo dispenso de Sansovino, as quatro columnas de marmore, que sustentam o entablamento e o frontão, são mais antigas; por quanto se afirma que foram ali postas no anno de 1460. O arco de S. Marcos a esta collocado por cima do arco como guarda e protector da marinha. No apice do frontão vê-se a estatua de S. Justina, esculpida por Girolamo Campagna, e uma

memoria da batalha ganha pelos venezianos sobre os turcos no dia de S. Justina, em 1571; as outras estatuas, que decoram as pilastras do engradamento, a Victoria, a Sabedoria, a Força, e outras allegorias, alludem ao mesmo feito. Os quatro leões de mar-more pentelico, que se observam um á direita da grade e os outros tres a esquerda, não são os menos notaveis ornamentos da apparatus fachada. Foram trazidos da Grecia por Francisco Morosino, a quem chamavam o Peloponesiaco, em 1687. O que está no primeiro plano existia no Pyreu, celebre porto de Athenas, que tambem se chamava *porto do leão*; as duas inscrições gravadas na coma do fero animal têm exercitado, quasi que inutilmente, a sagacidade de muitos escriptores, e entre outros a de Akerville e de Villoison, que affirmaram serem runicas, do cavalleiro Bossi e de Hancerville, que disseram serem pelagas, e de Rink, que assevera ter podido decifrar as palavras gregas *Athéné ier León*, que traduz pelas seguintes: *Leão consagrado a Athenas*. Canova não duvidava classificar esta esculptura como obra grega; alguns archeologos opinam que ella fóra erigida no Pyreu em recordação da batalha de Marathona. O primeiro leão do outro lado foi achado na estrada do Pyreu para Athenas; a cabeça é moderna, e mal esculpida. Os outros dons leões são de execução mediocre.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XXIX.

##### *Misericordia.*

Escusado será referir como por intervenção da rainha D. Leonor, viuva de el-rei D. João II, instituiu Fr. Miguel de Contreiras, religioso da ordem da Santissima Trindade, a irmandade da misericordia em Lisboa; como el-rei D. Manuel favoreceu e ampliou em obsequio de sua irmã esta nova instituição, e como á imitação d'ella se foram successivamente erigindo outras por todo o reino. Bastará dizer que uma das primeiras foi a casa da misericordia da cidade de Evora, erecta a 7 de dezembro de 1499, entre cujos irmãos figura na cabeceira do rol o proprio rei D. Manuel, e os principes de sua familia.

E não só se alistaram n'esta nova obra de caridade os moradores da cidade; mas concorreram a ella grande numero dos de Monsaraz, Evora Monte, Montouto, S. Thiago do Escorial, Redondo, Tereua, Arrayolos e S. Pedro da Galanhoeira. Entre os de Arrayolos apparece em primeiro logar o secretario Alfonso Garcez, como entre os de Evora appareceu el-rei D. Manuel (1).

Não soffreram porém por longo tempo os arrayolenses serem uma como colada da misericordia de Evora; e cobrando brios de independencia abocjavam opportuna occasião de se emanciparem. Deparrou-lha a sua boa sorte na vinda do bacharel João Alvares, ouvidor do duque de Bragança, no anno de 1524, com a commissão, de que atraz se deu noticia, de annexar os hospitaes ás misericordias. Correm ás pousadas do ouvidor no dia 6 de abril os ju-

zes e officiaes da governança, os fidalgos, cavalleiros, escudeiros, mercadores, e officiaes, e ali juntos declaram que considerando quanto serviço de Deus era e quão necessaria obra haver na villa confraria da misericordia, por ser logar nobre, em que a podia haver; a ordenavam e instituíam com acórdio, auctoridade, e ajuda d'elle ouvidor; e assim com conselho e ajuda de João Garcez, seu visinho, fidalgo de que esperavam no tal acto muito adjutorio e favor (2).

Tal pressa deram á conclusão do negocio, que logo em 14 de abril trouxeram ao dito ouvidor provisão do duque, confirmatoria da nova instituição, pela qual, e pelos mais poderes que trazia, não só deu o ouvidor a nova casa da misericordia por fundada, mas logo lhe annexou o hospital, como no capitulo competente vimos.

E posto que, como igualmente se mostrou no dito capitulo, a administração do hospital se desannexasse da misericordia em 1533, comtudo esta ultima confraria continuou a servir-se do edificio do hospital para as acções do seu officio. Por meio seculo assim esteve hospedada a misericordia na casa do hospital, até que sentindo-se com forças, em accordo da meza e mais gente do povo, asentaram de levantar uma casa propria, que realmente fosse da misericordia, com suas officinas e mais pertenças necessarias; e para isso compraram as casas, que haviam sido de João Rodrigues da Monteiro, nosito em que ainda hoje está a misericordia (3).

Ao principio eram as duas casas, hospital e misericordia, sujeitas á visitação do bispado em todos os pontos de sua administração. Depois a auctoridade civil disputou á ecclesiastica a plenitude d'esta jurisdicção; mas em juizo contradictorio assim da legacia, como da corôa, foi definido pertencer ao ordinario a visitação do hospital (4). No seculo passado não só foi disputada, mas até cerceada a jurisdicção episcopal, de sorte que quando o arcebispo, ou seus visitadores entram agora por visitação n'estas casas, só podem entender no que toca á decencia do culto.

A pobreza do cartorio d'esta casa me não permite dar seguida noticia d'ella pela successão dos tempos. Limitar-me-hei pois a apontar avulsamente alguns factos, que constam d'esses poucos documentos que escaparam á negligencia de nossos maiores.

E seja o primeiro um facto relativo á constituição da casa. Sobre um principio eminentemente justo e liberal na sua essencia, posto que reputado iniquo e tyrannico por quem facilmente se deixa levar de mias apparencias, se fundou a constituição das misericordias. Foi este principio a obrigada distincção dos irmãos em duas classes ou condições, a dos nobres, e a dos officiaes ou mechanicos. Viram os homens d'aquellas eras aristocraticas que sem esta separação cairiam os bens das misericordias só nas mãos dos ricos e poderosos, e seriam logo esbulhados da sua administração e beneficios os pobres e desvali-

(2) Documento no cartorio da misericordia de Arrayolos.

(3) Tombo da mesma misericordia, feito em 1725, fl. 11 e 12.

(4) Consta da visitação de 1692 no livro das visitas da matriz a fl. 97 v. N'este logar cita o visitor as folhas 50 do mesmo livro, onde creto que estava registada a sentença alludida; mas a dita folha e as seguintes até 57 foram arrancadas do livro, sem duvida por mão interessada em occultar a sentença.

(1) Livro 4.<sup>o</sup> dos irmãos da misericordia de Evora.

dos. E digno é na verdade de admiração o artificio, com que nos compromissos se soube equilibrar as forças das duas classes, e as precauções, que se tomaram para evitar o predomínio de uma sobre a outra. Todavia, como era natural, os da classe inferior tendiam sempre a transitar para a superior todas as vezes que para isso pudessem invocar algum plausível pretexto. Ora o lugar de procurador do concelho, isto é, do representante da classe media ou burgueza na governança municipal, collocava a pessoa que o occupava em tal situação, que se não participava completamente da nobreza dos vereadores ficava contudo muito acima da classe plebeia, representada na camara pelos procuradores dos mesteres. Nas terras de mediano lote, como Arrayolos, não era raro acontecer que escapando homens idoneos da classe media, fosse elevado á categoria de procurador do concelho algum official mechanico mais abastado, e de melhor nota. D'aqui a pretensão de ser equiparado aos nobres entre os irmãos da misericórdia, como o era entre os membros da camara; pretensão que no meado do seculo 17.<sup>o</sup> se achava tolerada e admittida pelas mezas (1).

Esta corruptella, que ao principio não foi por certo mais do que homenagem rendida ao merito, deu a final occasião a queixumes da parte dos que julgavam maculado o lustre da aristocracia da terra com a mesela de gente inferior. Litigou-se o caso nos tribunaes, e por provisão do desembargo do paço de 23 de agosto de 1702 foi decidido que d'ahi em diante não tivesse lugar de nobreza na misericórdia official algum mechanico, ainda que fosse procurador do concelho (2).

Seja o segundo facto uma questão de etiqueta. Entendia a meza da misericórdia que assistindo ella aos actos publicos na sua igreja, se lhe faltava ao decore tomando alguém ali assento, mormente se fosse diante da bancada ou *cadeira* da mesma meza. Esgotados todos os recursos mais ou menos amigaveis para reduzir as cousas á boa e orthodoxa disciplina, recorreu a meza ao arcebispo, que armado da espada de dous gumes, espirital e temporal, decretou por sua pastoral, que em virtude da santa obediencia, e com pena de excomunição maior, ipso facto incurrência, e das mais que de direito a elle arcebispo parecessem, nenhuma pessoa de qualquer qualidade que fosse puzesse assento algum diante do *cadeira* da irmandade; e que nem no corpo da igreja se poderia pôr cadeira nem tamborete; e sómente na capella-mór se poderiam sentar nos bancos pertencentes a igreja. E porque esta pastoral não produziu o desejado effeito, requereu novamente a meza ao arcebispo que lh'a renovasse, ao que elle deferiu por outra pastoral de 20 de março de 1680 (3).

Seja o terceiro facto a tibieza do zelo da maior parte dos irmãos nas acções do culto. Segundo o espirito de sua fundação tem a misericórdia por fim não menos a beneficencia para com os homens, do que o culto para com Deus. Mas o zelo dos irmãos foi afrouxando n'esta segunda parte de suas obrigações, ainda mesmo n'aquelles memoraveis tempos, em que todo Portugal forvia em festas e sermões, terços e novenas, autos de fé e exercicios de Santo Ignacio. E talvez que esta mesma multiplicidade de devotas occupações distrahesse os irmãos das que eram da particular competença da misericórdia

A meza, vendo-se assim abandonada nas acções publicas do culto, recorreu ao prelado diocesano, que em successivas pastoraes cominou a pena de excomunição maior, ipso facto incurrência, a todo o irmão que não acudisse pessoalmente á precissão da noute de quinta feira de endoenças, e ás mais solemnidades e foneções, a que eram obrigados pelo compromisso. Mas a mesma repetição das pastoraes prova a inefficacia do meio, e a continuacão do abuso. D'estas pastoraes apenas apontarei uma para exemplo passada em 20 de março de 1703 (4). Não é menos abonador do zelo da meza, na sustentação do culto, o testemunho do visitador na visitaçáo de 24 de maio do mesmo anno de 1703, dizendo: «Na casa da misericórdia achei uma pobreza rica, porque sendo pobre a dita casa, assim tratam os irmãos as cousas da igreja, como se tivesse uma opulenta fabrica (5).»

Seja o quarto facto o legado de Macau. — Matheus da Silva, natural de Arrayolos, morreu em Macau, senhor de grossos cabedais. Mandou que fossem annualmente repartidos por seus parentes os renditos d'estes cabedais, de cuja repartição fez medianeira e juiza a misericórdia, consignando-lhe dous por cento das quantias repartidas. Os parentes litigaram com a misericórdia sobre o direito de administração do legado; mas por sentença da relação foi confirmada á casa a dita administração.

O primeiro anno de repartição foi o de 1632, e se repartiram em 19 de julho 830,8000 réis.

Em 1633 fez a misericórdia repartição de réis 2:099,8000 tirando os custos, que se fizeram na cobrança.

Em 1634 2:280,8850 réis em junho.

Em 1635 viu-se pela carta da misericórdia de Lisboa renderem os diamantes, que vieram o anno de 1634, forros de custos, 398,8200 réis.

Em 1637, 28 de maio, viu-se por carta da misericórdia de Lisboa render um direito de diamantes da India, forros de direitos, 531,8016 réis.

Idem, 9 de junho, veio uma letra de Goa carregada ao D. Prior de Aviz D. João Sotto-Maior, de 600,8000 réis.

1638, o almiscar, que se vendeu por ordem da misericórdia de Lisboa, montou a 487,8050 réis.

1661, 22 de janeiro, 700,8000 réis.

1661, 25 de março, 500,8000 réis.

1665, janeiro, 940,8000 réis de uma letra vinda de Goa. Também veio de Goa o bissalho de diamantes, que se não arrematou, por não chegarem ás valias.

1666, 14 de novembro. De dous bissalhos de diamantes, o do anno passado, e d'este, se cobraram 2:250,8105 réis (6).

D'este anno por diante nada mais consta sobre tal legado.

No edificio da misericórdia nada ha digno de menção além da igreja, que é grande, de boa fabrica, e bem ornada de azulejo do seculo 18.<sup>o</sup> representando grandes paineis das obras de misericórdia. A talha do retabulo do altar-mór foi feita por Sebastião de Abreu, insigne mestre de Evora, no ultimo quartel do seculo passado, que a levou até á cimalha real. Depois adoeceu Abreu foi concluida da cimalha para cima por José Rosado, tambem de Evora. Passados annos o mesmo José Rosado fez

1) Livro em que se assentam os irmãos na mesma misericórdia, fl. 24.

2) Livro dito fl. 1.

3) Livro dito fl. 2.

4) Livro dito *in fine*.

5) Livro das visitações da matriz a fl. 106.

6) Consta tudo de um livro especial no cartorio da mesma misericórdia.

o forro de madeira entalhada do grande arco da capella-mór. As sacadas das tribunas da mesma capella-mór, e as grades d'ella foram feitas por Antonio Gomes e Antonio Barreiros, carpinteiros de Arrayolos, pelo risco que deu um pintor de Lisboa, que vein pintar e dourar a dita capella-mór, e tecto da igreja. O guarda-vento é mais moderno, e feito em tempo do provedor João Boto de Aguiar. O retabulo do altar-mór tem um painel da Visitação.

A antiga capella-mór era logo a face do cruceiro. Entravam no seu retabulo além do painel antecedente os dous do Nascimento e Circumcisão, hoje no cruceiro, e a Senhora da Piedade e a Mãe dos Pecadores, que estão na sacristia, todos em madeira, de mediocre merecimento.

Ha n'esta igreja varias campas com epitaphios; e possuam ali jazigos as familias de Arzes, Almeida, Mexias e Santiagos.

Sobre a porta principal na parte exterior está a seguinte inscripção:

DES MEI		TRANSIE
×	DEIPARAE VIRGINI	×
	MISERICORDIARVM	RVNT.
	(QVE)	
	QB REGINAE D.	

J. H. DA CUNHA RIVARA.

### POESIA.

#### FRAGMENTO.

PERA estrella vivida  
Eu vivo inda por tí,  
Vem formosa e languida  
Como outr'ora te vi.

Sobre meus olhos avidos  
Derrama o teu fulgor.  
Por ti minha alma tímida  
Sinto inundar d'amor.

Oh! minha luz, meu idolo,  
Rompendo a escuridão  
Conduz teu brilho mystico  
A' minha solidão.

Faz no meu peito gelido  
A esp'rança renascer;  
Sem ti não tenho animo,  
Sem ti vou-me perder.

Ouves clamando horrida  
A voz do furacão?  
Rôla do céu nos terminos  
O echo do trovão!

E a lua cinge tremula  
De nuvens denso véu.  
Nem uma estrella pallida  
Brilha no escuro céu.

Ferve o oceano indomito  
Do raio á breve luz.  
E o marinheiro intrepido  
Soluça, implora á cruz!

Na antena a onda pavida  
Rebenta, sobe ao laes!

Mergulham-se no pelago  
Enxarcias e brandaes!

Do mar as serras tumidas,  
Umás estão outras vçem. . .  
Em vão a esp'rança tímida  
Se vê raiair além.

Além o porto, a patria.  
Aonde estão os seus! . . .  
A quem vertendo lagrimas  
Ha muito disse: adeus.

Além socego prospero;  
A mãe, a amante, o amor! . . .  
Oh! como em breve o jubilo  
Se vae tornar em dôr!

Cresce a procella no impeto;  
E aos echos do trovão,  
Sibila o raio fulgido,  
E fende a mastreação.

Ao golpe duro e rigido  
O arvoredro tremeu;  
E com horrendo estrepito  
Na tolda se abateu!

Na rota práa, turbido,  
Bramindo o mar entrou;  
E um turbilhão de victimas  
Comsigo arrebatou!

Salta, rebenta, e fervido  
Faz o casco estalar,  
Depois no abysmo tetrico  
Sumir-se e não voltar.

Soon um brado nltimo  
D'angustia e d'afflicção,  
Cobrinndo ao mar o fremito,  
E a voz ao furacão!

Depois sinistra e lugubre,  
Triste a manhã rompen.  
No céu nublado e humido  
O sol não appareceu.

E lá na costa gellida  
Que dôr, que angustia vae!  
Chora a donzella tímida,  
Irmão, amante, ou pae!

O nauta ao porto proximo,  
A terra não tocou;  
Que a sua luz fatidica  
Primeiro se apagou.

Eu tambem n'este golgotha  
Onde vivo a soffrer;  
A minha estrella vivida  
Verei desaparecer?

Primeiro que a luz purpurea  
Da aurora que souhei  
Me faça ver o idolo  
Que nunca reneguei?

Oh! minha estrella provida,  
Conduz-me até ao fim!  
E sempre tua luz caudida  
Brilhe só para mim!

Oh guia-me bem rapido  
Ao porto que sonhei!  
Porque só a ti, credulo,  
A esp'rança confiei!

E tu, estrella mystica,  
Não me has de abandonar;  
Ao som das aguas, misero,  
Perdido no alto mar.

Porque tu és o vinculo  
Com que me prende o amor,  
E o teu brilho é balsamo  
Que abranda a minha dôr!

Não te offusques tímida  
Por um mortal te amar;  
Se és um anjo, salva-me,  
Se és luz vem-me guiar.

Mas se teu brilho é perdido  
E tem de se offuscar,  
Em tua ardente orbita,  
Oh! deixa-me abraçar.

Seja teu fogo o thalamo  
Que agora me seduz.  
E tuas cinzas meu tumulo,  
Depois de extincta a luz...

F. GOMES D'AMORIM.



ETEOCLO E POLYNICE.

POLYNICE, ferido mortalmente por seu irmão, e derrubado sobre um joelho, fere Eteoclo no ventre com a espada, da qual apenas na escultura se vê o punho. De cada lado está uma furia alada, com um facho na mão, incitando os dous irmãos um contra outro.

Este bem conhecido episodio da fabula acha-se reproduzido em diferentes cippos e vasos etruscos, com pouca differença na composição e nos accessorios.

O que a estampa representa foi copiado do atlas da *Viagem ao meio dia* por mr. Millin. O original existe no gabinete de mr. S. Vincent, em Aix, França.

EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL  
AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
comme moi les archives du passé au  
milieu des ruines du présent.

CHATEAUBRIAND. *Ét. d. Hist.*

DEPOIS de mostrar o magnifico quadro das principais figuras do grande theatro, onde junto a um dos

papas mais bafejados da sabedoria, ia ser representado o monarcha mais mimoso da fortuna, perei á vista a abastança de entendimentos de prima esphera, fructificados em bom saber, entre os quaes aquelle principe extraordinario, a quem davam olhos as luzes, que dão nos olhos a tantos, com muito discernimento escolheu os homens que, em missão tão solemne, e que demandava tamanho cabedal de conhecimentos e partes, haviam de ser representadores da corôa; desmentindo elle com esta, e outras acções verdadeiramente reaes o grosseiro engano, em que cairam os que tendo-o em conta d'um d'estes jogadores, a quem a sorte por antojo e capricho favorece, o confundem com muitas e mais que muitas pessoas que ha n'este mundo que não sabem ser o que são, e das quaes pode dizer-se que a fortuna, deixando de ser cega, depois de lhes dar o que lhes deu, se arrenderia do que lhes tinha dado.

Muito antes do aureo seculo dos Medicis, e desde fins do seculo 13.<sup>o</sup>, raiou, n'este rosto ou cabo do occidente, a aurora da bella idade das letras, das sciencias e das artes, concurso de progressos poucas vezes visto, e de que são testemunhas contestas a tradição oral, e a escripta em tantos monumentos litterarios nacionaes e estrangeiros, e as nossas chronicas de pedra, mais maculadas com as nodos dos obrci-

ros modernos do que com as injurias do tempo. A epocha chamada da *renascença*, verdadeira regeneração, que na Italia e em França começou quando acabava o imperio do oriente, e que para nós data do reinado do *Príncipe de Boa Memoria* que firmou a nossa independencia, este claro, que por toda a parte foi desfazendo as trevas, e os descobrimentos, que, graças a elle, os portuguezes fizeram, de novas terras e mares, foram logo, e de tal modo, alterando o systema das uações mais ou menos civilizadas que pôde dizer-se que mudaram a face do mundo. Usos, costumes, industria, politica, tudo se transfigurou ou vae transformar se juntamente por effeito de uma tão maravilhosa renouação ou reforma ditada, como tudo o que geralmente agrada e tem ser estavel, pela razão, e não pela paixão, e que marcou uma nova era, separando os tempos antigos dos modernos. Tinha aquelle monarcha de altos espiritos, que, com seu favor, accendeu os animos dos sábios da nação, e que pela grande fama que deu ao nome portuguez, levando até aos confins da terra por Dias, Gama, Cabral, Corte Real, Almeida, Albuquerque e Cunha, chamou tambem a attenção da Europa sobre as conquistas e descobertas intellectuaes dos nossos homens scientificos e litteratos, alguns dos quaes, como Estação, Rezende, Cornejo, Teive, e os Gonçaves, Barbosas e outros muitos varões de genio não tardaram em ser convidados a ler nas mais celebres universidades, que alguns d'elles governaram; tinha, digo, aquelle rei, dentro do seu paço, uma copia de pessoas abalizadas que successivamente se foi augmentando, e nos fins do seu reinado presentava, em redor d'elle e de seus lindos e fidus filhos de ambos os sexos, um D. João de Menezes, conde de Tarouca e mordomo-mór, um D. João Manuel, camareiro-mór, um Pedro Homem, estribeiro-mór, um Manuel de Goyos, porteiro-mór, um Francisco da Silveira coudeiro-mór, um João Poçaça, vedor, todos muito mais illustres pelos seus talentos do que pelas suas prosapias, os doutos mestres Antonio Pinheiro, Lourenço de Caceres, Ayres Barbosa, Thomé Correia, e Pedro Margallo; brilhando conjuntamente n'esta luzida academia publica a famosa Luiza Sigea, que escrevia em latim, grego, hebraico, syriaco e arabe, D. Joanna Vaz, perita nas mesmas linguas antigas, D. Publica Hortencia de Castro, e D. Paula, filha do nosso Gil Vicente, moça da camara da princeza D. Maria. Fora na morada real, mas dentro da corte, viviam um Duarte Galvão, um D. Fernando d'Almeida, depois bispo de Ceuta, um D. Fernando Coutinho, mais tarde bispo de Lamego e de Sylves, um D. Miguel da Silva, que com o tempo veio a ser arceade, todos quatro muy versados nas sciencias, e que haviam sido embaixadores em Roma; havia um João de Silveira, e um Rui de Sade, tambem grandes letrados, e que tinham representado o rei em Castella. No conselho onde se tratavam os negocios politicos administrativos achava-se D. Diogo da Silva de Menezes, conde do Portalegre e escrivão da puridade, estadista que prestara não menos valiosos servicos áquelle reino, D. Francisco de Portugal, conde de Vimeos, vedor da fazenda, e Pedro d'Alencar, conde Carneiro, conde das Idalvas, secretario d'estado e successor de ambos. A magistratura sempre esmerceda em Portugal, e á frente da qual se achava Rui Botto, que escreveu o 1.º e 2.º livro das ordenações do reino, e de quem se podia dizer, como se era, que era a lei *falando*, estava áquelle tempo, que tantos jurisconsultos estranhos vacillando não haviam nos marulhos de tantos e tão desastrosos interpretes do direito romano, abrilhantada por João Rodrigues de Sa, antigo orador junto a

Alexandre VI, D. Pedro, bispo da Guarda e D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, distinctos dezembargadores do paço, D. Pedro de Menezes, Luiz Teixeira Lobo, Manuel da Costa, Miguel Cabedo de Vasconcellos, Diogo Pacheco, e João de Faria, que aos seus vastos e profundos conhecimentos juridicos uniam o predicado de eloquentes escriptores latinos. A advocacia, profissão nobre, que seguiram muitas pessoas das primeiras familias, e que tambem sempre floreceu em Portugal, contava entre outros grandes jurisconsultos e eloquentes escriptores, Ayres Pinhel, e Bartholomeu Filippe que até teve de extraordinario o viver 110 annos. No culto das musas latinas rutilavam os prestantes engenhos de André de Rezende, Diogo, e Baltazar de Teive, Jeronimo Cardozo, Lourenço de Caceres, D. Belchior Belliágo, André Cotrim, Diogo Pereira, Antonio Lopes, Ignacio de Moraes e Simão de Crasto. Na poesia portugueza, de que tinha o superiorio o nosso insigne Francisco de Sa e Miranda, que d'esta foi o verdadeiro pae, introduzindo n'ella, com a sã philosophia, que tanto o realçou, os sonoros metros italianos, e as graças e cadencia de Dante e Petrarca, distinguiram-se Diogo Brandão, Fernando da Silveira, D. Gonçalo Coutinho, Rui de Albergaria da Costa, D. João Manuel, o conde de Tarouca, o conde de Vimeos, e Pedro Homem, dos quaes já fallei, o conde de Sorthella, D. Antonia de Roxas, e tantos outros poetas cujas produções originaes foram collegidas por Garcia de Rezende. A musa da historia inspirava a João de Barros, que ao depois foi mestre da lingua portugueza, e homem verdadeiramente sabio, Damião de Góes, Garcia de Rezende, Duarte Galvão, Fernão Lopes de Castanheda, Rui de Pina, Christovão Rodrigues Azinheiro, o padre Francisco Alvares, e Fernando de Novaes, a escreverem os grandes feitos d'aquelle tempo glorioso: e nas sciencias physicas e mathematicas, tinha a nossa patria no egregio Pedro Nunes o melhor autorador á mechnica de Aristoteles, e ás theorias de Ptolomeu, Sacro Bosco, e Ptolechio, e o primeiro mestre que nos tempos modernos teve a arte de navegar, assim como o entendimento perspicaz do grande doutor Antonio Luiz, lente de medicina e de philosophia da universidade, dava a Portugal muita honra, e fazia ao mundo scientifico uma muy importante revelação, expendendo no seu tratado: *De occultis proprietatibus*, a doutrina, que até ali ninguem tinha ensinado da *attracção*, que mais de um seculo depois havia de ser perilhada, aplanada e provada, por Newton, como en, com alguma ufania, tive o gosto de observar e provar n'uma academia estrangeira que n'aquelle facto, ignorado talvez ainda por muita gente nossa, estava inteiramente nova.

Quando da baixa fortuna em que hoje, e já ha muito tempo, se acha o nosso paiz algo o pensamento ao reinado de que fallo, e em que elle chegou ao auge da sua grandeza, e se viu illustrado por todo o genero de talentos, lembra-me que, quando no tenebroso dia 29 de novembro de 1807, ao sair com meu pae da praça de Belem, onde tinhamos assistido ao embarque de tres gerações de reis, encontramos o nosso tão nacional e tão popular poeta Nicolau Tolentino de Almeida succumbido ás desgraças da patria, como Camões depois da perda d'el-rei D. Sebastião nos campos d'África, apontando-lhe um de nós para o mosteiro de Belem, para fazer diversão ao seu animo sobrecarregado de tristeza e dôr, olhou elle para o magestoso edificio, e, voltando-se depois para nós, disse-nos: *é o paraizo visto do inferno*.

Foi da compridissima e luzidissima fileira dos homens de maior calibre e de sabios e litteratos,

tão benemeritos da nação e da lingua portugueza, cujos nomes mencionei, não porque fossem os unicos, mas por serem os melhores, que el-rei D. Manuel, estando nos pagos d'Almeirim (onde, para se dar ao exercicio da caça, costumava passar o fim de outono e o principio do inverno), tirou as pessoas que haviam compôr a sua embaixada a Leão X: e, proporcionando, na acertada escolha que fez (nas intimas recamaras d'aquella casa de campo, onde um de seus filhos, mais apto para a corôa de sacerdote que para a corôa de rei, commetteu mais de sessenta annos depois a fortuna de Portugal aos leões de Hespanha), os meios com os fins, e os instrumentos com os meios, nomeou para chefe d'aquella tão saborida missão Tristão da Cunha, um dos mais famosos capitães cujo valor tinha luzido na India com tanto emolumento da patria, e não menos recommendavel pela clareza do seu entendimento do que pela sua veraz probidade, dando-lhe el-rei, como assessores, n'uma commissão para que se requiriam conhecimentos espeziaes em sciencias positivas, e no manejo dos negocios, os dezembargadores da casa da supplicação Diogo Pacheco, tão grande jurisconsulto, como humanista e orador consummado, não menos distincto pela sua urbanidade, e João de Faria, magistrado de alto conselho, versadissimo na jurisprudencia civil e canonica, e que não crendo em utopias, que só se acham nos livros, e que é o vicio em que costumam fraquear os doutos, passava por uma das melhores cabeças de Portugal: indo por secretario d'embaixada o illustre Garcia de Rezende, homem de grande tomo e saber, além do merito que tinha como historiador e como litterato. Não se podiam achar pessoas mais sufficientes para estes empregos. Escolher os homens para os logares e as occasiões para os intentos é o mais verdadeiro toque do entendimento, e o primor e apice da sagacidade de um rei. Aqui paro, ou aqui reparo no erro que commetti suppondo que as escolhas das pessoas para os empregos são ainda hoje feitas pelos principes, esquecendo-me da maxima tão proclamada: *o rei reina, mas não governa*. falsa parodia do dito de Zamoisky a Sigismundo III de Polonia: *regna sed non impera*, o que o meu fraco entendimento chega a perceber: em quanto que aquella imitação, que desordena o verdadeiro sentido da phrase do membro da dieta de Cracovia, tomada pelo que sôa, mais me parece uma illusão, do que uma illação dos principios do governo representativo. O que em todo o caso não padee duvida é que aquella amostra, que el-rei D. Manuel mandou para Roma, dos portuguezes do tempo glorioso em que este reino dava exemplos sublimes, e causava invejas as mais poderosas nações do occidente, não contribuiu pouco para o bom exito da negociação mais importante para Portugal, de que ella foi incumbida.

(Continua.)

MARQUEZ DE REZENDE.

#### AS CALDAS DE VIZELLA NO MINHO.

São estas caldas... as mais honradas d'esta provincia: e ainda que se chamam de Guimarães, não estão visinhas a esta villa, mas uma legua distantes.

J. REIS, REFLEX. EXPERIM. CAP. 13.º

1.

D'ENTRE as muitas aguas sulphurosas com que a Providencia enriqueceu o nosso Portugal, são hoje

as mais afamadas, e as mais proficuas ainda, as antigas caldas de Vizella, no conceito de Guimarães, e para o sul d'esta recentissima cidade.

A concorrência annual de enfermos, desde 15 de maio a 15 de outubro, que na estação propria vão procurar a saúde e a vida, foi sempre muito numerosa, e vai crescendo de um anno para outro.

Além dos seus muitos banhos, e das suas diversas bicas de aguas mineraes, de que se faz extensiva applicação interno, ha nestas caldas famigeradas diversas casinhas para emborcagens, e piscinas ou tanques para a extracção do lodo, de que se colhem incontestaveis vantagens no tratamento dos engorgamentos das glandulas, procedidos de origem e-cronica, e de contusões ou distorções.

As nascentes sulphurosas estendem-se por muitas das margens do rio Vizella, que vai desaguar no Ave d'ahi a uma legua, pouco depois de ter banhado as officinas da magnifica fabrica de fiagem de algodão, que toma o nome do mesmo rio. Os diversos fontes dos banhos distinguem-se pela denominação de Banhos da Lameira e Banho de Vemmeno, na freguezia de S. Miguel das Caldas, e de Banhos do Medico e Banhos do Mourico, na freguezia de S. João das Caldas, conhecida em outro tempo e ainda quando o padre Carvalho escreveu a sua Chorographia pelo nome de S. Jorge de Gominhões.

As suas aguas medicinaes são limpidas e transparentes, um pouco fumantes, no inverno principalmente, e depositam uma materia crassa e alvacenta, a que na sciencia se dá o nome de *clavina* ou *barcina*, e tambem os de *zoogonia* e *thiochlorina*. Tem cheiro e sabor sulphuroso, ou como de ovos chocos (circunstancia que se nota geralmente nas aguas da sua especie) e produzem uma impressão tactil sensivelmente unctuosa e macia. A sua temperatura especial, essa prestantissima qualidade physica das aguas medicinaes, é tão rica e tão excellente n'estas de Vizella, que varia entre 76 e 172 graus de Fahrenheit, os quaes equivalem a 19º, 56 e 48º, 89 de Réaumur, a 24º, 44 e 61º, 11 do thermometro centigrado, e a 113º, 33 e 58º, 33 do de Delisle. Esta variação de temperaturas porém tem lugar por tão pequenas differenças graduas nas diversas piscinas ou tanques, que de dous em dous, ou de quatro em quatro graus thermometricos, se depara com a desejada calorificação.

No lugar da Lameira, que é o principal dos banhos, e o mais abastecido de casas de alojamento, e de mercado publico, começou-se a construção do actual estabelecimento thermal no anno de 1781, mas as casas de banhos eram então cobertas de colmo. Em 1787 havia-as já feitas de madeira, e só em 1797 é que, pela primeira vez, se construíram de alvenaria.

Foi todavia em 1814 que se olhou com mais desvellada attenção para as aguas medicinaes das Caldas. A maior parte das edificações que ali se encontram datam d'esse tempo, e então tambem se plantou uma extensa e formosa alameda, e se erigiu a fonte ou bica medicinal da Lameira, cercada por um bello obelisco.

Havia-se destinado fazer gravar uma inscripção commemorativa d'estas obras thermaes em uma das faces do obelisco, sobre a qual se collocaram apenas depois umas armas reais de madeira, já hoje quasi totalmente arruinadas. D'aquella inscripção lapidaria nos conservou a memoria o profundo João Pedro Ribeiro nas suas *Reflexões historicas*, e é a seguinte:

OB EUROPÆ RESITUTAM PACEM.  
DESIDERATISSIMI PRINCIPIS REGENTIS

OB REDDITUM EXPECTATUM,  
 AQUAEDUCTI, FONTIS, HORTI  
 LINEAMENTA INSTAURATA,  
 CURANTE PROVINCIAE QUAESTORE  
 PIARUMQUE CAUSARUM PROVISORE  
 FRANCISCO BARROSO PEREIRA  
 A. D. MDCCCXIV.

Eis a traducção d'esta inscripção segundo o referido João Pedro Ribeiro:

«Entre os jubilos da nação portugueza pela liberdade da Europa, e mais proximas esperanças de gozar a presença do suspirado príncipe regente, se delineou e executou em beneficio publico a obra d'esta fonte, passeio, aqueducto, e melhoramento de banhos, sendo provedor da comarca Francisco Barroso Pereira. 1814.»

## II.

Os muitos fragmentos que se têm encontrado nas Caldas de Vizella de tijollos, pedras lavradas, troços de columnas e argamassas romanas são testemunho de que aos romanos se deve a primitiva edificação das suas piscinas; e algumas d'ellas se acham ainda cobertas de finissimo mosaico com que as haviam então adornado; sendo muito para sentir que se tenha consentido em que as pedrinhas solidamente embutidas nos tanques sejam arrancadas á força de martello, e levadas d'ali por quem talvez não lhes saiba dar a devida estimação.

A julgar por uma lapide romana de que primeiro fallou Brito na *Monarchia Lusitana*, (e que o erudito Mascarenhas Neto transcreveu, com outras inscripções que achára em Vizella, nas *Memorias de litteratura da academia real das sciencias*) pode haver-se pur sem duvida que estas Caldas tiveram a sua origem nos tempos de Domiciano (filho de Vespasiano, e irmão de Tito, a quem succedêra) undecimo entre os imperadores de Roma. E uma inscripção dicatoria, em que se menciona Tito Flavio Archelau Claudiano (legado na Lusitania, entre os annos 81 a 90 depois do nascimento de Christo) como aquelle por ordem de quem se fizeram construir essas obras memoraveis a que a lapide se refere, e que sem duvida haviam de ser dignas do povo-rei, e de se poderem collocar a par das thermas de um Nero, de um Tito, de um Domiciano mesmo, de um Caracalla, de um Antonino e de um Diocleciano, com as quaes se enobrecia a capital do mundo!

N'esta inscripção truncada, e que por sua disposição parece haver sido destinada para cimalha de portada ou de columnata, apenas se pode ler a simples nota subsequente da *dedicção do legado*:

DEDICANTI. T. FLAVIUS. ARCHELAUS. CLAUDIANUS.  
 LEG. AUG.

Facil é de explicar a falta do nome de Domiciano nas pedras inscripçionaes, pela execração em que os romanos tiveram até o nome d'este imperador, que todos julgariam da raça de Nero. A seguinte passagem da *Historia de Hespanha*, de Romey, explica-nos plausivelmente a razão de semelhante lacuna.

«Domiciano acabou como ordinariamente perecem os tyrannos, a sua morte julgou-se uma fortuna universal. O senado decretou que esse nome aborrecido fosse apagado dos monumentos publicos em todo o imperio. Ha um historiador, que duvida ter sido este decreto applicado á Hespanha: é com effeito possível, que o nome de Domiciano não desaparecesse

de todas as inscripções, ali gravadas, em quanto elle reinou; porém o que não padecer duvida é que foi cortado da maior parte. E para se convencerem d'esta verdade, basta ler as obras dos archeologos hespanhoes, onde se encontram muitas inscripções, tendo o nome do irmão de Tito riscado. Na pedra dicatoria d'uma ponte sobre o Tamega (em *Aquam Flaviac*, na Galliza, hoje Chaves, em Portugal) e que, foi construida no reinado de Vespasiano e de seus dous filhos, percebe-se a lacuna onde estava o nome de Domiciano, ao lado do de seu pae e de seu irmão.»

J. J. DA SILVA PEREIRA CALDAS.

## OS REIS DE FRANÇA E OS TRIBUTOS.

SEMPRE os reis de França gravaram de tantos tributos seus sujeitos, e sempre elles o consentiram de sorte que já dizia o imperador Maximiliano I, que el-rei de França era rei de annos, que se deixavam carregar de quanto queria quem os governava, faltando-lhes aos francezes o instincto de camellos, que ainda que se põem de joellos para serem carregados, tanto que com tal submissão recebem a carga com que podem, se levantam não soffrendo nem uma libra mais do que se atrevem a levar; d'onde os príncipes deviam tirar documentos para bem governar a carga dos tributos, como faziam os reis de Hespanha, que eram reis de homens, e não podiam fazer os de Inglaterra por serem reis de diabos. O intento porém de gravar Luiz XIV com tanto excesso os vassallos não tinha só fundamento na cobiça, mas na politica de abater com a pobreza o natural orgulho dos francezes; doutrina que diziam lhe imprimira em seus primeiros annos o cardeal Mazarino, e que se tem alguma probabilidade em França, não deve estender-se a outras monarchias, que a prudencial politica julga poderosas quando os vassallos são ricos; pois nunca então podem ser pobres seus príncipes, a quem nas occasiões offerecem, principalmente os portuguezes, tudo o que possuem, de que parecem somente depositarios para as occorrencias importantes do estado, e aonde o clima menos vario não costuma crear animos inconstantes e sediciosos, que buscando novidades excitam guerras domesticas, de que nossos avós viram longos annos opprimida a França.

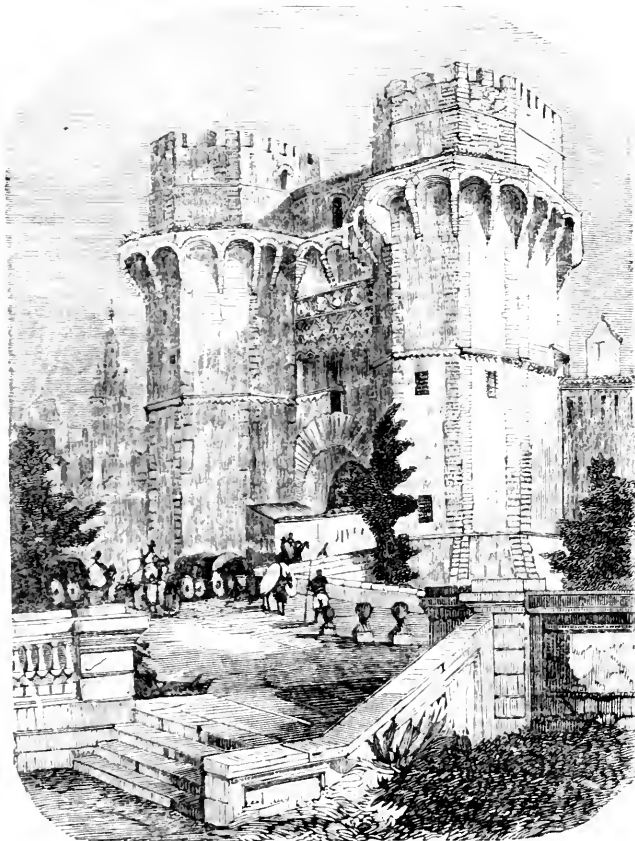
SALVADOR TABORDA PORTUGAL (*Mem. incl*)

## VOLUME DOS PLANETAS.

SETE grandes planetas giram com a terra em torno do sol. A seguinte tabella indica o volume de diferentes planetas tomando por unidade o da Terra.

Mercurio . . . . .	0,060
Venus . . . . .	0,957
Terra . . . . .	1,000
Marte . . . . .	0,140
Jupiter . . . . .	1414,2
Saturno . . . . .	734,8
Urano . . . . .	82,0
Neptuno . . . . .	111,0
Sol . . . . .	1407124
Pallas . . . . .	0,017
Ceres . . . . .	0,008
Juno . . . . .	0,005





HESPAHNA — VALENCIA.

VALENCIA, capital da provincia do mesmo nome, em Hespanha, e uma das mais formosas e das mais importantes cidades da península. A sua população ascende a 65:000 almas. Conserva o nome latino de *Talentia*; mas as suas antiguidades romanas consistem apenas em inscrições e estatuas mutiladas. O rio Guadalaviar, que a atravessa, posto que muito perto da sua foz, tem ali muy pouca largura, porque as suas aguas são divertidas para a irrigação das férteis vaxtas circunvisinhas. Cinco magnificas pontes estabelecem as communicações da cidade com os arrabaldes. A cathedral, antiga mesquita christianizada em 1262, e principalmente notavel pelo seu altar-mor de prata, e pelos quadros que ornam as suas capellas, os banhos arábes, restituídos ao seu primitivo destino, apesar de desfigurados por algumas construcções modernas, mostram ainda o que eram aquelles estabelecimentos mouriscos: a alfandega, situada na praça de S. Domingos, é um edificio elegante e espaçoso; a *langu*, ou bolsa, e uma vasta casa no estylo gothico coroada de ameias como uma

antiga forteza. As habitações particulares, pelo seu acceito e commodidade, annunciam abastança, e o gosto esclarecido dos valencianos. Valencia foi a primeira cidade da Hespanha que participou dos beneficios da instrução e da typographia: desde 1475 que Valencia se distingue n'esta arte maravilhosa, e ainda hoje a sua superioridade é reconhecida pelas demais cidades da península. Contam-se n'esta nobilissima povoação, sete collegios, uma universidade litteraria, duas bibliothecas publicas, um jardim botânico, um grande numero de escolas primarias, uma escola militar de cavallaria, uma academia real de artes liberaes, e uma sociedade de economia e de agricultura.

A nossa gravura representa a porta chamada de *Soranos*, flanqueada de duas fortissimas torres, e um formoso specimen de architectura da idade media. Ou se entre a cidade por essa porta, ou por outro qualquer ponto, fica-se espantado da belleza das campinas, da riqueza da cultura, e do vigor da vegetação em toda a extensão que abrange a vista.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTOMANO.

## XIII.

*Intrigas estrangeiras em Constantinopla, e estado anarchico do paiz; esperançoso congo do dornado de Mustaphá II; triumphos das armas ottomanas; batalha de Zante ganha pelos allemães; tratado de Carlowitz; consequencias d'estes dois successos.*

A LUCTA que Luiz XIV trazia empenhada com a Alemanha foi, como já dissemos, um forte auxilio para a Turquia n'uma das mais apertadas crises por que tem passado este imperio. Sem essa guerra penosa, que obrigou Leopoldo I a oppôr forças consideraveis aos exercitos francezes, o imperio ottomano, dilacerado no interior pela anarchia, teria talvez succumbido entre as garras do leão de S. Marcos e das aguias de Alemanha. Todavia d'essa mesma circumstancia de que lhe proveu tanto beneficio, lhe resultou tambem não pequeno mal. Os esforços feitos pela Inglaterra e pela Hollanda para trazerem os imperios allemão e turco a um accordo pacifico, e as diligencias da França não só para obstar a paz, mas tambem para incitar o sultão a empenhar todas as suas forças contra o imperador Leopoldo, produziram em Constantinopla tal jogo de intrigas, pueram em acção taes meios de corrupção, que a desordem, penetrando em todas as regiões do poder, veio dar um caracter ainda mais grave e assustador á anarchia das forças publicas.

Foi no meio de tão fortes elementos de dissolução, que subiu ao throno Mustaphá II, filho de Mahomet IV e sobrinho dos dous ultimos soberanos (fevereiro de 1695). Mustaphá achava-se então no vigor da idade, e a sua estufa no poder fez conceler as mais lisonjeiras esperanças a todos os bons musulmanos.

Os primeiros actos do seu governo deram testemunho de uma grande actividade, firmeza e energia de caracter. Tudo inspecionava por seus proprios olhos, a tudo queria attender com promptas providencias. Foram desde logo acabando as intrigas, pois que a vontade do sultão a ninguem sedobrava, e os seus ouvidos eram surdos a toda a casta de suggestões. Posto o termo a este luta de influencias maleficas, desapareceu o principal incentivo da discordia. Algumas demissões, e o emprego do premo e do castigo regulados pela justiça restabeleceram a tranquillidade publica.

A mesmo tempo que o sultão fazia entrar tudo na ordem, reorganizava o exercito, levantava novas tropas, e por meio de uma serie de medidas bem combinadas creava recursos necessarios. Mustaphá annunciou então a todo o paiz a firme resolução em que se achava de combater a offensa contra os inimigos da Turquia, e assumiu o commando em chefe do exercito, e combater a guerra pessoal pela independencia e gloria da sua patria.

Attem não conhece opanera, que o exercito tem uma região o exangue do dolo, a liberdade do estado não acredita a car e pela mudança, que o proclamação do sultão operou em todo o imperio. O amor da patria, tantas vezes a commoção no peito dos musulmanos, e outras tantas, metido pelo infortunio, e pela corrupção, resuscitou novamente a voz do soberano. Ao seu chamado logo se responderam de todas as acções do imperio vãos de entusiasmo e dedicação.

Reuniram as hostilidades com duas grandes batalhas navias no canal de Chio, em que a esquadra ottomana desbaratou completamente a de Ven-

ez. A reacquisição da ilha de Chio foi o trophéo d'esta victoria. O celebre Mezzomorto, outr'ora pirata, e então ao serviço da Porta, e a quem foi devido este brillante triumpho, foi elevado ao posto de almirante (kapoudan pachá). Diversas vantagens, alcançadas na Moréa pelas tropas turcas contra os venezianos, seguiram de perto a victoria de Chio.

Nos fins de agosto de 1695 saiu Mustaphá II de Constantinopla a frente do seu exercito. Passados dous mezes e meio fazia a sua entrada triumphal n'essa mesma cidade depois de haver vencido em diferentes combates os exercitos de Leopoldo I, desaposando-as de muitas pragas e castellos turcos de que se tinham assenhoreado na campanha anterior, e repellindo-os muito para além do Danubio.

Aos louros colhidos pelo sultão vieram em breve juntar-se novas palmas ganhas por Mezzomorto contra as armadas de Veneza. O destino parecia curvar-se ante o estandarte do propheta. O proprio czar Pedro I, que então enclia toda a Europa com a grandeza das suas façanhas, viu-se forçado a levantar o cerco de Azof ao fim de tres mezes, e com perda de trinta mil homens (13 de outubro de 1695).

Esta serie não interrompida de triumphos despertou em todo o imperio o espirito guerreiro dos musulmanos. O denodo e coragem do soberano, o valor e audacia do seu almirante exaltaram ao ultimo ponto o entusiasmo popular. Mustaphá I e Mezzomorto eram os idolos do povo, e o alvo de infinitas esperanças.

Os aprestos, pois, para a seguinte campanha fizeram-se como por encanto. Os alistamentos voluntarios, e donativos de todo o genero elevaram repentinamente o exercito a um pé respeitavel, e habilitaram o thesouro para a sustentação da guerra.

Quando a lucta ia começar sob os mais felizes auspicios para a Turquia, viu uma triste noticia arrefecer o entusiasmo publico. A praça de Azof, chave do mar Branco, apertada novamente por um exercito de sessenta mil russos, entregára-se por capitulação. Não obstante este revez Mustaphá saiu a campo.

Depois de uma penosa acção, favoravel aos turcos, travou se a grande batalha entre o grosso dos dous exercitos allemão e ottomano, proximo de Zante, e no momento em que este ultimo, atravessando o Theiss, se achava dividido por este rio. A boa estrella de Mustaphá, que ali conduziria a victoria os musulmanos, eclipsou-se totalmente n'este dia. Vinte mil homens mortos no campo, dez mil alagados nas aguas do Theiss, a morte do grão-vizir e de muitos pachas, uma grande quantidade de canhões, quatrocentos estandartes, os sellos do imperio, o thesouro e todas as alfaias do serviço dosultão, dez milhares do seu barem, finalmente as caixas militares e toda a bagagem do exercito, taes foram as perdas que os turcos soffreram no memoravel combate de Zante. Conbe ao principe Eugenio, um dos maiores capitões do seu seculo, a gloria de ter assignalado o triumpho para as armas de Alemanha.

Mustaphá salvou em uma fuga precipitada as reliquias do seu exercito, e entrou em Constantinopla terrivelmente impressionado por este grande desastre. A consternação tornou-se geral, e o desalento apoucou-se de todos os animos. Entretanto era mister fazer um esforço desesperado para reparar as forças perdidas, pois o principe Eugenio não era um inimigo, que se repousasse sobre os seus louros.

N'este affuro foi nomeado grão-vizir Kupruli Hassan Pachá. Era a quarta vez que se recorria a esta familia em procura de um homem capaz de dar impulso ao salvar o paiz em uma crise. Mostrou-se

o novo grão vizir digno do nome de Kupruli, que tres eminentes estadistas tinham illustrado. As medidas vigorosas que empregou trouxeram recursos ao thesouro e augmento ao exercito. Faltava porém a tudo isto a força moral, e essa não podia elle restabelece-la, nem creal-a, pois que o soberano, que até então dera o primeiro exemplo de coragem e dedicação pela patria, abatendo-se na hora do não-função, e fraquejando-lhe o animo a ponto de não querer tornar a apparecer a frente das suas tropas, fizera cair toda a nação no maior abatimento e turpêr. Por outro lado a Turquia não tinha general algum para oppôr á pericia do príncipe Eugenio, e além d'isso estavam esgotados todos os recursos ordinarios e extraordinarios de que era possível lançar mão.

Em taes circumstancias a paz era uma necessidade para o imperio ottomano, e talvez uma condição da sua existencia. Se a guerra continuasse não resistiria, sem duvida, ás forças da republica de Veneza, que o atacavam por toda a extensa costa do Adriatico, aos exercitos allemães e polacos, que o invadiam simultaneamente pela Bosnia, Wallachia e Moldavia, e em fim ás tropas moscovitas que o acommettiam pela Criméa.

A Inglaterra, antevendo as consequências do desmembramento da Turquia, offereceu-se por mediadora entre esta potencia e as mais partes belligerantes. Os seus esforços conseguiram reunir em congresso na cidade de Carlowitz os plenipotenciarios da Austria, da Polonia, de Veneza, da Russia, da Hollanda, de Inglaterra e da Turquia (outubro de 1698). No fim de tres mezes, em cujo espaço houve trinta e seis conferencias, assignou-se um tratado com a todas ligava. O sultão obteve das duas primeiras treguas por vinte annos, e da Russia tão sómente um armistício por dous annos. Este decanço porém custou-lhe pezadissimos sacrificios. Tive de ceder não pequena extensão de territorio; renunciou a importantes tributos, que quasi todas essas nações lhe pagavam desde os felizes tempos do imperio, e bem assim a muitas outras regalías, e viu-se até obrigado a consentir na demolição de algumas fortalezas de primeira ordem, como o castello dos Dardanellos.

Pela primeira vez recebeu a Turquia dos seus inimigos a lei, que lhes approvou impor lhe. Só então é que a Europa viu e appreciou a decadencia do imperio de Osman. Esse conhecimento que a libertou do terror, que lhe inspiravam as aguerridas phalanges musulmanas, trouxe a Turquia fataes resultados. A decadencia do imperio ja tinha uma longa data, mas a negão energia de alguns homens de genio, vindo de vez em quando conter-lhe os progressos, e fazer refuzir o crescente, ainda que momentaneamente, impedira até ali que os estranhos se apercebessem d'ella. O tratado de Carlowitz poz a descoberto a todas as vistas a fraqueza do imperio ottomano; e d'ahi datam, sem duvida, os planos ambiciosos da Russia sobre aquelle paiz, começados a pôr em execução por Pedro o Grande nos ultimos annos do seu reinado, e continuados com incrível preverança por todos os seus successores até ao momento actual.

O destrôo de Zante e o tratado de Carlowitz influiram de tal modo no animo do sultão, aquellodesdentando o inteiramente, e este humilhando-o ante a nação e a seus proprios olhos, que operaram no seu caracter e habitos uma mudanga completa. Aquelle soberano, todo energia e actividade, que se ostentava de corpo e alma nos interesses publicos, e que se prezava as oporeres e commudidades

da vida para se occupar exclusivamente dos negocios do estado, depois d'aquelles dous acontecimentos retirou-se a um palacio de campo, que possuia na estrada de Constantinopla a Adrianopli, e ahí descurado dos deveres da sua posição, procurava tão sómente nos exercicios da caça o esquecimento de todos os revezes e humilhações.

Kupruli morreu em um ministro em quem o sultão podia desconfiar. Educado na mesma escola politica de seu tio o primo, os tres Kuprulis, que exerceram com tanta distincção o cargo de grão-vizir, reunia em si as principais qualidades que constituem um homem de estado. Nesta occasião, talvez n'outro reinado, os seus talentos seriam muito proficuos ao paiz. Porém n'aquellas circumstancias não bastavam es brilhantes dotes do ministro para preencher o imminente vazio, que Mustaphá II deixára no governo pelo abandono dos negocios publicos. Vendo pois inúteis todos os seus esforços, e perdidas todas as esperanças, Kupruli peoheu e obteve a demissão.

O povo censurava abertamente o proceder do sultão desde que elle trocára a vida activa pelo viver afeminado do harem, mas apenas Kupruli entregou os sellos do imperio, as censuras populares converteram-se em reprovação manifesta, por quanto o desleixo e inercia do soberano ficaram então de todo patentes, e os seus effeitos perniciosos a sentiram-se cada vez mais. Desta arte ao desalento geral succedeu-se a desconfiança e a irritação dos espiritos, em que vieram misturar-se as intrigas e as ambigões dos grandes. A rebellião não tardou portanto a levantar o collo em varias provincias, e depois na capital. Ao principio parecia contentar-se com a exoneracao de alguns altos funcionarios, e com o regresso do sultão para a capital. Mais tarde, alentada com a fraqueza do governo e com a perplexidade do soberano, cresceu em forças e audacia, e acabou por exigir a deposição de Mustapha, que teve lugar a 22 de agosto de 1703. Este delitoso príncipe não chegou a sobreviver quatro mezes á catastrophe que o precipitou do throno.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.

## SCENAS DE ESCRAVATURA.

I.

A SARRACÃO que he nome, n'este semanario, de uma viagem na Africa e na America, falta um necessario complemento, que de proposito reservamos para artigo especial: a *escuratura branca* e a *escuratura preta*, diversos ramos de um mesmo trafico deshumano e iniquo. Não cabia nos limites de ligeiros apontamentos materia de tanta gravidade; trataremos agora de lhe dar o necessario desenvolvimento.

Ha poucos objectos que tenham merecido mais attenção dos grandes escriptores do seculo do que esta importante questão; tem-se trabalhado com fervor, e ate com dedicação, por parte de bastantes philantropos, para abolir d'uma vez para sempre a exportação de negros do continente africano para a America meridional; o livro de *misses Stone*, stigmatizando a escravidão nos Estados Unidos, adquiriu uma tal popularidade, que a illustre autora foi recebida sob arcos de triumpho na orgulhosa Inglaterra; o *Escurato branco*, de *Hildreth*, não tem alcançado melhor nomeada por identico motivo; e se a litteratu

ra se tem honrado com paginas brilhantes advogando tão santa causa, a tribuna e o foro tem ouvido igualmente os seus mais distinctos oradores, fulminarem com moções energicas e sentenças severas o uso e os abusos de semelhante trafico. Ha porém uma outra questão, só entre Portugal e parte da America, com especialidade o Brazil, que ultimamente tem sido muito ventilada nos nossos jornaes, e que se refere ao que elles chamam *escravidão branca*, isto é, a emigração de portuguezes, pela maior parte insulanos, que vão accumulados em navios, sem capacidade para carregar tal numero de passageiros como os que levam, e que se não são vendidos na America são pelo menos alojados como animas de carga, pelo tempo necessario para saldarem o preço da passagem a bordo, e tratados a par com os escravos negros.

As providencias do governo e das autoridades locais para impedirem esta triste emigração têm sido infructuosas. Os desgraçados, de combinação com os corretores d'este infame trafico, e com capitães de navios e marinheiros sem alma, aberrações da boa gente maritima, o ilindem todas as pesquisas, e vão, declumbrados por falsas promessas, entregar voluntariamente os pulsos aos grilhões, o pescoco ao jugo. Cada um tem o direito de dispor de si, largar o seu paiz natal, e ir para onde lhe convenha: e este o argumento dos que lucram no mercado dos seus semelhantes, e não se lhe pode negar a razão do dito: mas pergunhamos: tem o governo o direito, ou não tem de fazer que se cumpram a bordo dos navios as leis e regulamentos sobre passageiros, impedindo que vão a bordo mais do que o numero correspondente a lotação do vaso? E não podem as autoridades locais, impedindo que os colonos embarquem sem passaporte, obter o meio de dissuadir esses desgraçados do proposito errado que seguem, e alcançar-lhes trabalho no paiz? Para que servem as embarcações da marinha de guerra senão e para desempenharem commissões como esta de cruzar no archipelago dos Açores, e aprisionar o contrabandista apanhado em flagrante, vigiar o navio suspeito, e obstar pela sua presença a que outros tentem semelhante commercio? Na Africa tem havido sempre navios cruzadores, tanto na costa oriental como na occidental, devesos haver também nos Açores e nas costas da America, e até se praticaria um acto de justiça para com os officiaes e marinheiros, em lugar de jazerem tres annos nos infernaes climas de Moçambique ou de Benguelia, estarem um anno em Africa, outro na America, e outro nos Açores, rendendo se successivamente d'uns para outros mares, com a sorte de um só expedido annual do Tejo.

Mistámo nos um pouco na questão, mas cremos que o alvito, que apontamos de passagem, seria aproveitavel, se houvesse algum que lhe importasse com estas questões de humanidade, de direito e justiça a este nosso Portugal? ... Se ha atencão, que appareça, não vem o quê!

Vendo na questão da escravidão negra pouco se pode ajudar ao que, em períodos tão patheticos, escreveram *Sicard* e *Sac*, ao que se lê nos vehementes discursos de *Brougham* e de *Lamersston*, no parlamento britânico, e talvez algumas verdades acerescentamos ainda. Temos a apresentar igualmente o leitor um curativo bastante potentissimo infuzido que o de *Mr. Tibbels*: e a respeito da escravidão branca o *romão* que vão para o Brazil e Demerara, e procuraremos dizer alguma coisa do muito que ainda resta por explorar, e um, ou certo, esgotaremos a materia. A forma que adotamos para as singelas narrações que se vão ler, e a menos fastidiosa e romãca. Temos a em relevo os personagens ne-

cessarios para as scenas de escravidão e aluguel de homens e mulheres, brancos e negros, que vamos esboçar. Sera um trabalho imperfeito, sem duvida, mas consciencioso, como de quem viu e palpou a verdade, nas proprias localidades, e assiste despido de paixões a estas luctas da imprensa em face da questão, cujo resultado tem sido nullo, apesar dos muito razoaveis argumentos de um ou outro dos coentendores.

Saui mais longo do que esperavamos este prolegomeno, e por isso só no seguinte numero do *Panorama* encetaremos as promettidas narrações. Por mais estranhas que pareçam ao leitor as scenas que ahí vir deenhadas, tenha por certo que são verdadeiras, e facil lhe será verificá-lo, por que ha em Lisboa bastantes commerciantes da Africa e do Brazil, conhecedores da materia, os quaes por certo não nos deixarão por mentirosos.

(Continua.)

F. M. BORDALO.



ANTIGUIDADES EGYPCIAS.

De no nono volume d'este semanario demos uma resumida noticia da galeria de antiguidades egypcias, que existe no musen do Louvre em Paris, acompanhada de um curioso desenho de uma ainda mais curiosa antiquailla. Hoje apresentámos o transcripto fiel, quanto é possível, de um outro monumento não menos singular da arte antiga, que existe n'aquelle preciosissimo deposito das reliquias dos tempos d'outra era.

Os artistas egypcios costumavam representar muitas vezes homens de joelhos, tendo diante de si uma especie de altares, nos quaes se observavam imagens de deuses, em relevo ou gravadas.

A nossa gravura é copia de um trabalho d'este genero. É uma pequena estatua de pedra, figurando um d'aquelles altos funcionarios, que se intitulavam *Basileu Grannate*, isto é, general da cavalla-

ria do senhor dos dous mundos, tendo diante de si um degrau, ou altar. A inscripção, em caracteres hierogliphicos, que se vê insculpida na base, ainda a não vimos deciphrada, nem nos consta tão pouco que jámais o fosse.

EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL  
AO PAPE LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
comme moi les archives du passé au  
milieu des ruines du present.

CHATEAUBRIAND. ETUD. HIST.

FORMAVAM o sequito da embaixada, feita, como o nosso Cícero portuguez, Osorio, então na puericia, diz, a expensas de Tristão da Cunha, seus tres filhos Nuno da Cunha, a quem passou, com a representação, o heroismo de seu grande pae, e tronco da casa de São Vicente; Simão da Cunha, cuja posteridade existe na casa de Povollide, e na dos condes da Cunha; e Pedro Vaz da Cunha, hoje representado pelos condes de Lumiares, além de muitos outros mancebos da primeira nobreza. Não eram estes jovens como certas avesinhas que hoje se lançam a voar antes que se lhe cruzem as azas, mas d'aquelles moços, criados entre o estrondo das caixas militares e das trombetas, e crescidos entre os requizes e vivas das victorias, que, ao sair da infancia, se tornavam heroes.

Constavam os presentes, que o embaixador devia offerecer ao papa, dos paramentos necessarios para um pontifical, tudo de bordado de pero bordado e guarnecido de perolas e pedras preciosas; de um riquissimo frontal, e outras joias, avaliadas todas estas pegas então por uns em duzentos contos, e por outros n'um milhão; e de seis raridades do reino animal; a saber: um elefante real de Ceylão, um soberbo cavallo persio, uma onça que a el-rei D. Manuel enviara o rei de Ormuz, domesticada e adestrada ao exercicio da caça, dous formosos leopardos, e um enorme rhinoceronte que pereceu na occasião do embarque; levando tambem o embaixador (ao que diz D. Antonio Caetano de Sousa, orgando o custo n'um valor evidentemente exagerado, e que não vem marcado em nenhuma outra memoria impressa, ou nas ineditas de que me vali para compor esta noticia) muitas medalhas de ouro, que el-rei mandou cunhar para lembranca d'este facto, que não precisava de tal meio para chegar á posteridade.

Como então, não obstante a affluencia de negocios importantes, para tudo havia tempo, porque se não perdia nenhum, ponde logo n'um dos primeiros dias de janeiro de 1514, levantar ferro e sair do Tejo a frota capitaneada pelo mesmo Tristão da Cunha. Mas apenas as galés passaram o estreito por onde correm com mais abertura as aguas, que se separam a Europa da Africa, foi tanta a colera que vomitou o Mediterraneo, como que sobressaltado pela presença de um almirante que tinha domado o Oceano, que, apoz outo singraduras, se julgou mais conveniente ceder, que disputar o campo á tormenta, fazendo-se entrar a frota em Alicante, d'onde, dentro em pouco, se fez de vela: sendo ainda por causa de tempestades obrigada a arribar a Ivica e a Maiorea, e d'alli, applicada a furia das ondas, ponde seguir viagem, atravessando o golfo de Lido, e tomando e prolongando a costa de Toscana ate a altura do promontorio coroado pela serra de Argentario, que se avança e faz rosto ao mar quasi em frente da ilha d'Elba, formando para a parte do sul a encosta ou sur-

gidouro commodo e seguro de porto d'Ercole, a cujas praias as embaregações abicaram nos principios de fevereiro com mais de um mez de viagem.

Saltando ali em terra Tristão da Cunha com os seus collegas e a comitiva, deixando n'aquelle porto Niccolau de Faria, estribeiro-menor d'el-rei, encarregado de dirigir o desembarque, e condução dos presentes, commissão difficil por causa da multidão de gente curiosa, que obstruia a estrada para ver passar os animaes vindos da India, tomaram os ministros e o sequito o caminho, que, d'aquelle littoral da antiga Etruria, se vae metter na estrada real, que corre de Florença para Roma. Saíndo de um valle, e trasposto o monte, além do qual, como ainda hoje a gente do campo circumvisinho em dous versos costuma indicar aos viandantes (1), se avista a cidade de Sena, patria de Piccolomini, de Ptolomei, de Colombini, de Cerretani, a qual debaixo da protecção tutelar da famosa Loba, que a fabula deu por ama aos fundadores de Roma, e que aquelle municipio tambem tomou por armas, ainda então gozava da liberdade e importancia que lhe grangeou o sobrenome *del balpotere*. Chegando aqui os nossos patricios, depois de subirem o recosto d'onde ella parece vir desceendo por duas largas e bem traçadas rampas, deram de rosto, ao passarem do antemural para a barreira, com um monumento recordador de uma malfadada alliança da coroa portugueza em um não longinquo reinado. Uma pyramide de marmore, que ainda não ha muitos annos existia, marca ahi, como se lia n'uma elegante inscripção latina, coroada das quinas portuguezas, o logar da primeira entrevista da nossa formosa, amavel e discreta infanta D. Leonor, tilha do eloquente rei D. Duarte, com seu desditoso esposo Frederico IV, principe não estulto, mas indolente, cujo longo reinado só teve de celebre a invenção da imprensa.

Caminhando depois truita e seis milhas, como se infere do antigo *Itinerarium Italiae*, e da viagem que Montaigne fez n'aquelle paiz, e escreveu cincoenta annos mais tarde) os diplomatas portuguezes, ora pela estrada aspera e fragosa que segue ao lado do Monte Aleino, onde os francezes d'alli a vinte annos foram vencidos pelos imperiaes, ora por uma erma e arida charneca, onde a espaços se encontram, como plantas exuladas, as ainda pequenas poxaegies de Lusignano, Buonconvento, Paglia, e San Quiricio, e atravessando o pequeno rio Sentino, que d'este ultimo logar volta a sua corrente até ao sitio onde Gregorio X mandou construir uma ponte nos antigos confins dos estados pontificios, proseguindo d'alli a *Aequa Pendente*, antiga *Aquila*, assim chamada pelo salto d'agua com que a natureza a embellezou, e indo, pelas aldéas de S. Lourenço das Grotas e de Bolseno, ao extenso lago d'este nome, antigamente chamado *Fulminium*, tomando depois por Montefiascone, e antes denominado *Mons Fulgorum*, e pela deliciosa veiga da qual se recostada sobre uma engraçada collina a cidade de Viterbo, nomeada pelas suas fontes e pela industria de seus habitantes, dirigiram-se d'aquelle ponto ao termo distante apenas quinze leguas da sua viagem pelo mesmo caminho por onde outrora, e em differente fortuna, transitaram os legados dos Allobrogos, implicados na conjuração de Catilina. Quando penso que qualquer homem, mesmo dos menos bem dotados da fortuna, pode hoje fazer commoda, segura, barata e velozmente, graças aos verdadeiros

(1) *Trasorso il valle, ed passato il monte.  
Mira, e vedrai Siena in fronte.*





que perdeu o senhor D. Manuel quando mandou construir a torre contigua do relógio das Cabaças, foi a seguinte.

Na visita que nos ultimos annos do seu reinado fez a senhora D. Maria I a esta villa, vieram a diante as medidas do coche real, que foram langadas pelas ruas e travessas do transitio, afim de recolherem e desmoronarem os obstaculos a esta viagem. No sitio do Canto da Cruz se cortaram os vertices dos angulos que estreitavam a passagem; porém, entre a torre de S. João e a do Relógio das Cabaças, achou-se o transitio tão estreito, que por onde haviam passado sem mingua da sua gloria tantos monarchas e principes famosos, julgou-se a soberania abatida, se não marechasse sobre ruínas!...

O alvião que então alluiu a primeira pedra da torre tem sido secundado de tantos, que admira não ser hoje Santarem apenas *campus ubi Troja fuit*.

Resumindo agora os meus pensamentos, que me obrigaram a dar ainda este clarão a tão respeitaveis ruínas, e eu mesmo em ruínas, qual me descreve o atilado e espirituoso escriptor, darei uma satisfação aos meus patrios por ser esta a vez primeira em que me apresento a acudir pela nossa Santarem do passado, em dezar da qual com tantos desvarios se tem escripto.

Apresento-me pela vez primeira, por quanto é o sr. Herculano o primeiro escriptor, que levantou do po da terra o meu nome humilde, e lhe deu consideração, sendo tantos os escriptores a quem tenho fornecido documentos de Santarem ha meio seculo. Como porém escreveram, por sua conta, por sua conta tenho deixado correr as suas imaginações.

Entre os illustres estrangeiros que têm visitado este ponto, e que me têm procurado, farei memoria saudosa do sr. conde de Radkischela, então ministro da Prussia, que examinando os monumentos santarenses, fixou no que existe ainda em S. João d'Alporão o cunho de maior antiguidade. Graduoou como segundo o do arco do Bom Successo, etc.

Deste de S. João d'Alporão fugiu ha muito todo o espirito religioso. É um theatro!... Talvez me perguntem: Que tal? ... Não sei, porque desde que vi não só profanados de facto, mas destinados a espectaculos os logares sagrados, nem tive animo para ver o Fr. Luiz de Sousa (1), representado na sacristia de S. Domingos, onde este sahio escriptor santaremense tantas vezes orou, e se preparou para celebrar os sagrados mysterios, nem quiz langar amortecidos ollares sobre o theatro, que escapou do incendio do convento da Graça para a igreja de S. João. Fraqueira! Tive medo que os ossos do senhor D. Afonso de Portugal, filho de el-rei D. Afonso Henriques, ali sepultados em 1207, selevantassem contra mim.

Parece-me que vão sempre lavrando aquelle protesto

*Exoriari aliquis nostris ex ossibus ultor!*

Santarem, 24 de julho de 1853

O DESEMBARGADOR JOÃO ANTONIO PEREIRA.

— A devoção de um philosopho pode alimentar a oração, o estudo e a meditação; mas os sentimentos religiosos do povo não se conservam sem o exercicio do culto publico. GIBBON.

(1) Representou-se o Fr. Luiz de Sousa em uma das noites em que o sr. Herculano esteve a primeira vez nesta villa em 1847. No claustro do convento de S. Domingos existe hoje a praça dos touros!...

## BIBLIOGRAPHIA.

*Pastos da Igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do christianismo, publicada por Luiz Augusto Rebello da Silva, com censura e auctorisação do patriarehado.*

PUBLICOU-SE a primeira caderneta d'este precioso trabalho, contendo uma larga introdução, e a primeira parte da vida de Jesus Christo, redemptor e salvador do mundo.

Os leitores do Panorama podem devidamente avaliar o que valerá uma obra, destinada a prestar um grande serviço á religião e ao estado, escripta pela primorosa penna, que tem enriquecido as columnas d'aquelle semanario, e que gosa hoje da merecida reputação de ser um dos nossos primeiros escriptores.

Assigna-se para os *Pastos da Igreja* na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, n.ºs 227 e 228, e na de J. P. M. Lavado, rua Augusta, n.º 8. Nas provincias, ultramar e estrangeiro em casa dos correspondentes do Panorama. Preço de cada caderneta, contendo 150 paginas, com gravuras e vinhetas, em Lisboa, 240 réis; nas provincias 260 réis. Cada volume contém duas cadernetas

*Collecção chronologica da legislação portugueza desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações até á carta constitucional, compilada e annotada por José Justino de Andrade e Silva.*

SENTIA-SE de ha muito a falta de uma collecção bem ordenada de toda a legislação portugueza publicanda desde as ordenações até á outorga da carta constitucional, que é hoje lei do estado.

Nem só aos juriscultos era sensível semelhante falta; por quanto, como diz o sr. Dr. Justino no seu programma, a todos os cidadãos geralmente é mister conhecer as prescripções legislativas, pelas quaes devem ser regulados os seus actos civis e politicos, uma vez estabelecida a regra de que a ninguem pode aproveitar a ignorancia das leis escriptas, publicadas e diurnas.

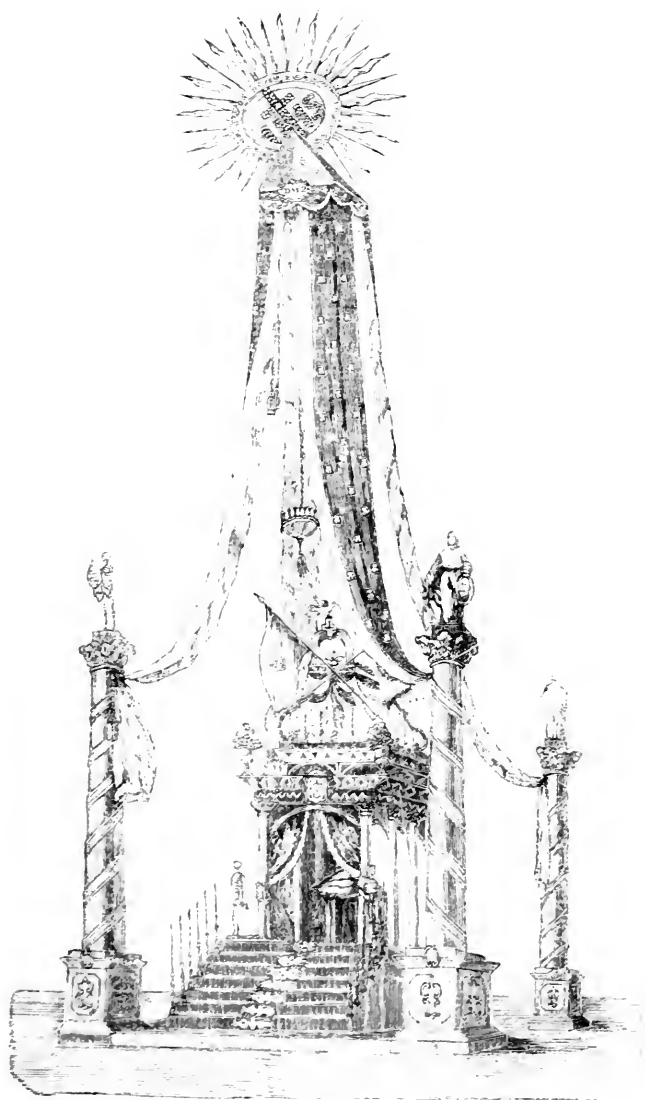
É certo que existem as collecções de Jeronymo da Silva, comprehendendo a legislação de 1603 a 1750; a do desembargador Antonio Delgado da Silva, desde 1750 a 1820, a da Imprensa Regia, de 1820 a 1826, a dos regimentos reaes e a dos assentos da casa da supplicação etc. mas todas estas collecções, sobre serem ordenadas por um systema defeituoso, e conterem disposições, cujo conhecimento é na actualidade inutil, omitindo outras da maior importancia juridica, não custam menos de 70.800 réis!

A publicação do sr. dr. Justino é pois um verdadeiro serviço, que é de esperar seja devidamente apreciado pelos homens illustres. Além de todas as leis de execução permanente, que se têm publicado desde 1603 a 1826, a collecção a que alludimos conterá tambem, para satisfação dos curiosos, uma synopse d'aquellas disposições, que por sua insignificancia não merecerem figurar no corpo da collecção, e breves annotações, tendo por objecto remissões á legislação anterior e posterior com relação ao texto annotado.

Publica-se regularmente em cadernetas de 6 folhas, ou 24 paginas, a duas columnas em bom papel e typo. Preço, por cada caderneta . . . 120 rs. Por cada volume de 400 paginas em broch. 28.400 rs.

Assigna-se para esta obra em Lisboa na livraria de A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea n.ºs 227 e 228; nas provincias e ultramar em casa dos correspondentes do Panorama.





EXEQUIAS DA RAINHA DE PORTUGAL. NA CIDADE DA BAHIA.

AS EXEQÜIAS DA SENHORA D. MARIA II  
NA CIDADE DA BAHIA.

O AMOR da patria não esmorece com a ausencia, antes se aviva.

De qualquer parte, a saudade dos filhos, unida pelo sentimento á fortuna do seu berço, atravessa as distancias, e vem participar dos triumphos que o exaltam, ou das maguas que o consternam.

Em remotas regiões, a milhares de leguas da terra natal, o coração nunca se esquece d'ella, tomando como proprias as venturas e as calamidades que a visitam.

Longe de afrouxar com o tempo, este vinculo moral é d'aquelles que todos os dias se apertam mais, parecendo pequenos todos os sacrificios para attestarem o ardor de uma affeição, que só no tumulto atormeece.

A infusta perda da senhora D. Maria II offereceu aos portuguezes residentes na Bahia a occasião de o mostrarem. A antiga lealdade, que tantos prodigios gerára em epochas ditosas para a gloria das nossas armas, manifestou-se nos descendentes dos briosos soldados de D. Manuel e D. João IV.

A dôr do reino associou-se de longe a dôr dos súbditos ausentes; e ás lagrimas derramadas junto do sepulchro da rainha vieram misturar-se os prantos dos que, não podendo ver, sabiam sentir e acompanhar o luto de um paiz, sempre distincto pela sua acrisolada dedicação a monarchia.

Apenas a triste noticia da orphãndade chegou á Bahia, os negociantes portuguezes, commovidos, cuidaram logo de provar que se lembravam do que eram, e do que deviam á patria e a si. Procurando o consó, e auxiliados por elle com plena e zelosa adhesão, decidiram celebrar as exequias da soberana fallecida com a pompa e grandeza proprias da sua elevada categoria.

Designaram logo a commissão incumbida das delegencias necessarias para a execução, e espontaneamente, e sem escrúpulo, conferiram a presidencia ao consó de Portugal, o sr. José Agostinho de Sales. Os outros vogaes nomeados foram os srs. Manuel Pinto Leite, Joaquim Pereira Pestana, Manuel Joaquim Alves, Camillo Antonio da Silva, João Luiz de Oliveira Azevedo, Bernardo Dias Lama, Antonio José da Costa, João Pinto de Oliveira e Sousa.

O encargo recaiu nas pessoas mais idoneas para o desempenharem, e o resultado justificou amplamente a discreção da escolha, e a capacidade dos eleitos. Nenhum d'elles deixou de corresponder a confiança que inspirava, rivalizando em esmero e actividade.

Era curto o espaço entre o dia em que se adoptou a resolução, e aquelle em que havia de verificar-se; e custa a acreditar que em tão breve intervallo se conseguisse o que todos admiraram. Muito mais se teria feito ainda, se a impaciencia geral permittisse demorar por alguns dias a cerimonia; mas o pezar e o desejo de o tornar expressivo não consentiam delongas. Estava destinada a tarde de 28 de janeiro, e o dia 29 para os suffragios pelo eterno descanso da alma da senhora D. Maria II, e tudo se regulou de modo que o prazo não fosse excedido.

A presidencia da provincia, por um testemunho publico, quiz patentear a magna com que os brazileiros, nossos irmãos pela origem, lamentavam a prematura morte da princeza, que ornou o throno com as suas eminentes virtudes. Em consequencia das suas ordens toda a tropa de linha assistiu á piedosa

demonstração, prestando as honras militares. A guar-nição da cidade conservou as armas em funeral, e as embarcações de guerra surtas no porto, assim como as fortalezas com as bandeiras a meio pau, uniram os gemidos do canhão ás orações do templo, e á saudade dos súbditos.

Dava meio dia, e já na tarde de 28 todos os estabelecimentos mercantis da cidade baixa fechavam as portas; os negociantes estrangeiros das diversas nações quizeram acompanhar os portuguezes no sentimento dando-lhes esta prova de consideração; assim continuaram até findarem as horas consagradas ao luto. Este acto significativo causou profunda sensação, e foi agradecido segundo merecia.

Ao mesmo tempo os vasos de guerra, e as fortalezas, comprindo as instruções do governo da provincia, romperam a salva fúnebre com tiros de artilharia de quarto em quarto de hora; e o mesmo praticaram os navios mercantes brazileiros e portuguezes. Em todos se viam as vergas cruzadas, e as bandeiras com signaes de dô, sendo imitados na maior parte pelas embarcações estrangeiras ancoradas no porto.

O sumptuoso templo da cathedral, que é o antigo collegio dos jesuitas, tinha sido armado com a maior pompa, tanto interior como exteriormente. Ao lado de cada uma das portas cresciam duas columnas, sustentando arcos, guarnecidas de fino panno preto com orlas de apurado gosto. Sobre o do centro levantava-se um escudo com esta letra: — GRATIDÃO DOS NEGOCIANTES PORTUGUEZES Á SUA AUGUSTA RAINHA.

O recinto da igreja offerecia um espectáculo apparatuso, com armações riquissimas desde a entrada até a capella-mór, subindo do pavimento até ás cornijas, no meio de infinita profusão e variedade de ornatos de veludo, de galões e de cortinas. No fecho de cada um dos numerosos aereos dos altares lia-se a cifra da rainha — D. Maria II! — De todas as tribunas pendiam colchas e tapearias com armas de Portugal.

No frontespicio do templo admiravam-se tres pavilhões, coroados de seis bandeiras mortuarias. Abaixo do que estava no centro via-se o nome da soberana, e nas bandeiras as letras expressavam o seu titulo. O mausoleu ficou no meio de um quadrado de quatro esbeltas columnas da ordem toscana, representando as quatro partes do mundo, aonde estão situadas as possessões da corôa portugueza.

A da direita tinha na frente e sobre a base, em um escudo, os nomes das possessões europeas: S. Miguel, Santa Maria, Terceira, Fayal, Pico, Flores, Corvo, Graciosa, Madeira e Porto Santo. A da esquerda repelia os dos dominios asiaticos: Goa, Diu, Damão, Macan. A segunda no lado direito, na parte posterior, dizia os das terras africanas: Bissau, Cacheu, Angola, Congo, Benguela, Zingueichor, Firim, Geba, Cabo Verde, S. Thiago. Finalmente a quarta inscrevia as possessões da oceania: Malasia, Solor e Timor!

Por cima dos capitães erguiam-se figuras allegoricas. Em uma estavam representados os jubilos natalicios da princeza, em outra viam-se as maguadas allusões da sua perda; e na terceira figurou-se a abdicção da corôa de Portugal pelo imperador D. Pedro; e na quarta a maioridade da rainha. As estatuas, além dos symbolos, que seguravam na dextra, tinham na esquerda as insignias de algumas das ordens militares do reino.

A meia altura das columnas em ricas tarjas liam-se as seguintes inscripções em verso, do sr. F. M. Barreto, allusivas aos factos que representavam.

A do natalício da senhora D. Maria II diz assim:

Foi do céu favorecido  
Seu natalício real,  
Para o Brazil uma gloria.  
Um bem para Portugal.

A da sua lamentada perda:

Chamada á patria celeste  
Lá lhe remunera Deus  
O pranto, que os seus choram.  
O bem que fizera aos seus.

A abdição foi expressada por esta quadra:

A ella a corôa herdada  
(Lance bem raro e gentil!)  
Transferio o Quarto Pedro.  
Primeiro então no Brazil.

A' maioridade correspondiam os seguintes versos:

Eil-a maior declarada,  
Regendo o povo remido,  
Fiel á carta jurada,  
A' voz do pae fallecido

O pavimento do templo desde os degraus exteriores até ao altar-mór estava alcatifado de negro. Das columnas que supportam o côro, desdobravam-se largas cortinas pretas. O mausoleu era formado por um camarim de seis columnas doricæ. O cenotaphio estava coberto de riquissimo panno de veludo, guarnecido de galão de ouro. As insignias da realza, sceptro e corôa, collocaram-se em cima. Junto d'estes symbolos estava a carta constitucional, cuja observancia foi a maior gloria do seu governo.

Sete degraus davam accesso para o cenotaphio, e em cada um d'elles uma inscripção exprimia o nome das diversas provincias do continente portuguez. Nos angulos, um esqueleto natural, envolto em crepe, lembrava a morte. O mausoleu rematava por uma corôa, em ponto grande, firmada sobre quartellos. Uma pomba pairando sobre ella, alludia ao notavel successo, que maravilhava a quantos assistiamos ao saimento da soberana.

O manto real, prezo ao tecto pelo centro, e ás columnas pelas extremidades, cobria o monumento funebre. Era de veludo forrado de lhama de prata, e orlado de galões, rendas e franjas de ouro. No alto via-se a cifra — D. M. II.

Aos lados do mausoleu estavam altares, em que se celebrava a missa; e as proporções do catafalco eram tão vastas, que apesar da amplitude do corpo da cathedral, o recinto parecia estreito para comprehender todos os convidados.

Uma orchestra de cem musicos occupava o côro. Officiou o reverendo arcebispo metropolitano acompanhado de todo o cabido, e do seu clero.

Dentro da igreja, um dos maiores templos da Bahia, apinhavam-se cidadãos de todas as jerarchias, trajados de luto rigoroso. Assistiram á solemnidade o sr. presidente da provincia, o general commandante das armãs, os desembargadores da relação, o chefe da policia, os consules, os inspectores das thesourarias geral, provincial, e da alfandega, e immensos outros empregados publicos, e cavalleiros de todas as classes e nações.

Os officios principiarãr pelas dez horas da manhã, e terminaram ás duas e meia da tarde, seguindo-se as descargas de fuzilaria, e as salvas de

artilharia dadas por quatro bôcas de fogo, postadas defronte da cathedral no terreiro de Jesus.

No interior do templo reinava o mais profundo silencio, prova do respeito devido ao acto, e ao escolhido concurso. Tudo se ligava para abater as vaidades humanas, e levantar a Deus o coração desenganado. O dobre triste, gemido nos campanarios, a voz lamentosa dos sacerdotes, a luz sombria que se escoava a furto por entre os côcos lugubres que vestiam a igreja, e as notas melancolicas da orchestra harmonisavam com a magoa e o recolhimento dos assistentes, gravando em todo o quadro um caracter sublime de compunção, e gravidade religiosa.

Abraçando aquelle espectaculo a alma caia n'uma reflexão dolorosa. Na grande scena, chamada mundo, e no sonho vão, denominado vida, a morte é o termo inevitavel, e o desenlace final das illusões. O exemplo estava ali. Uma rainha na florescencia dos annos, cercada de todas as grandezas, vendo aberto diante de si o mais bello futuro, em poucas horas ferida e prostrada, não deixava de tantas pompas e magnificencias senão a boa memoria das suas virtudes. . . Taes deviam ser as meditações que o logar e o successo suscitavam, quando soou pelo templo, vibrante e pezada de tristeza, a voz do orador sagrado, incumbido de as avivar!

A commissão tinha escolhido para orador das exequias o reverendo conego José Joaquim Fonseca Lima; e não podia recar a preferencia em pessoa mais adequada. O seu discurso, eloquente e sentencioso, correspondeu a magestade do acto e á expectativa do auditorio. Sob o influxo da sua palavra concisa e ornada, diante das imagens creadas para dar cor e alma aos pensamentos, á pintura energica e sobria das infinitas dores da catastrophe, o coração dos ouvintes palpitava oppresso, e as lagrimas desliziavam em fio pelas faces. Quando a oração concluiu, o consel de Portugal acompanhado de toda a commissão foi ao encontro do sr. Lima, e n'um abraço convulso e cheio de commoção disse-lhe o que a voz não podia exprimir n'aquelle momento.

O orador sagrado tirou o seu thema do cap. VII, v. 27 de Ezechiel, e desenvolveo com a grandeza propria. «O rei ha de chorar, a magua mais profunda cobrirá o coração do principe, e o povo da terra será tomado de espanto e de dôr!» Logo no exordio, em traços magistraes, a eloquencia do pregador soube applicar admiravelmente o texto. Rompendo por uma exclamação animada resumiu todas as angustias do assumpto em poucas phrases:

«Eis um throno subitamente convertido em tumulo! . . . E acreditareis ainda nas grandezas do mundo?» disse elle. «Poder, mocidade, formosura, encantos da vida, eil-os todos por terra e sem valor ante os tropheos da morte. O funesto vaticinio do propheta infelizmente, como em Judá, realisou-se em Portugal. O anjo do exterminio, que piza igualmente a choupana do pastor e o palacio do monarcha, em um momento transformou os paços reais de Lisboa na lutuosa habitação da mais pungente dôr. Ah! Quantas calamidades a deplorar n'uma só morte! . . . A viuvez do esposo, a orphandade dos filhos, a consternação de um povo inteiro, que chora desfallecido e conturbado de amargura e espanto. *Rex ingibit, princeps induetur mavora, et manus populi terro conturbabuntur!*

As virtudes e doses da soberana, e o luto geral da sua perda inspiraram ao orador movimentos e bosquejos dignos do estylo religioso, em que realça o começo do seu discurso. Os affectos em todo elle são tocados com felicidade; e a peroração, profunda-

mente christã, aponta para a morada celeste, como para o ultimo e verdadeiro refugio dos trabalhos do homem. Os Luvores, que esta bella oração attraheu, não excederam o seu merito. Era assim, que a voz dos Massillons costumava fallar aos povos deante do tumulto dos principes.

Todos os portuguezes, que concorreram para esta pedrosa demonstração de amor á patria, e de dedicacão á memoria da rainha fallecida são eredores do mais sincero louvor. E grato, a tanta distancia, ver o palpitar do seu coração unido ao nosso, e tão sincero expresso da miguca. Os estorços e diligencias da commissão desta para executar as suas decições patrióticas, e o modo por que se desempenhou do encargo, offerecem de qualquer elogio. Não se venham esquecer, como os que atravessou, e não se venham esquecer, que lhe courou as fadigas, sendo quando do desso se junta o ardor e a invencivel resolução de pôr todos os meios para o conseguir.

Desta do Sr. Agostinho de Salles, consul de Portugal, e que se teremos nós dizer? São unidos os estorços das naturas — estrangeiros em affiançar o diavello, a fé, e a capacidade, com que se honra. E se suppor que tantas provas de lealdade e de grão animo da parte d'elle, e da parte dos vogaes — e mandos — não fiquem no esquecimento.

Ao governo portuguez não fazer agora o que sempre costumava fazer assim. Ha recompensas proprias e dignas dos seus, que não significam premio vulgar, mas um reconhecimento honroso. Contamos que assim nosotrecera. Seria deploravel o menor esquecimento sobre a compra da mãe do senhor D. Pedro V. e da esposa do regente. Longe de nós sup-

— 104 —

L. A. RIBEIRO DA SILVA

## CENAS DE ESCRAVATURA.

11.

### HISTORIA DE UM NEGRO.

ERA em novembro de 1844, o calor abrazava a cidade do Rio de Janeiro, e nem a chuva que caia em torrenes refrescava a atmosphera. Deitados em rdeas, eu e o meu amigo R., leatario de um lindo pavilhão, deifronte do passeio publico, conversavamos em cenas da patria, mirando, descuidados, as arvores que se balouçavam mollemente a pouca distancia. Com a chuva que nos invadia a casa pelas janelas abertas, quando um dos escravos do meu amigo veio annunciar-lhe que estava ali o pedreiro, charuto para concertar o forno da cozinha. R. se ergueu-se para determinar a obra que era necessario fazer, e foi recebido um bom charuto *regalia*, e ficou beatificamente fumando, sem pensar em coisa alguma, e elle me pedia a cor audida do fumo e para o branco da cinza do meu querio charuto. D'ahi a pouco voltou o amphiétrico, risulho como sempre estava na minha companhia, porque me era afeiçoado desde o berço, e disse:

— « Vou apresentar-te um principe »

— « Um principe? » respondi eu meio serio, meio irónico, e então deixa-me ir a visitar a farda, para o receber convenientemente.

1. — A nossa gravura representa a mazuquia e a coarctação da cathedra da Bahia para a celebração das exequias da rainha de Portugal a senhora D. Maria II; no seguimento a nrao daremos o desenho da fachada do templo.

— « Não é preciso, » replicou elle com uma gargalhada sonora; « o nosso principe é o pedreiro que me annunciaram. »

— « Como assim? »

— « E um principe da Cabinda, sem tirar nem pôr. Era escravo de um amigo meu, que lhe mandou ensinar o officio de pedreiro; com as suas economias comprou a liberdade, e hoje é fôrro. »

— « Estás caçoando comigo, » repliquei eu, « sacudindo indolentemente a cinza do charuto, e soprando-a de sobre a camisa aonde me caíra; os cabindas não se vendem, nem os vassallos, quanto mais os principes. »

— « Mas é que este não foi comprado, foi roubado.

Elle mesmo te vai contar a historia, e ficarás conhecendo mais a vida das faganhas dos negreiros. »

Passada meia hora entrou na camara em que nos achavamos um bonito preto, cor de azeviche, alto, bem feito, e que mostrava ter trinta a trinta e cinco annos de idade.

— « A obra está prompta, » disse elle, « o senhor quer mais alguma coisa? »

— « Demora-te um momento, » respondeu-lhe o meu hospede; « vas heber um copo de aguardente, e contar a este senhor como te apanharam em Cabinda. »

Eu sentei-me immediatamente na rde para ouvir a narraçao; R. estendeu-se o melhor que pôde; e o preto, depois de despejar de um trago o copo que lhe offereceram, contou a sua historia, pouco mais ou menos, nos termos em que a vamos repetir aos leitores.

— « Era feliz o tempo em que eu saltava livremente por aquellas lindas praias de Cabinda, e ia de espingarda ao hombro procurar a caça entre as arvores frondosas dos dominios de meu tio! » E o preto vacillou como asoberbado por aquella recordação; limpou o suor do rosto luzidio, e proseguiu: « Não julgava ter de abandonar jámais aquellos logares queridos da minha infancia, nem os parentes que tanto me estimavam, nem as mulheres que me pertenciam, e que eu adorava. »

— « Todas? » interrompi eu.

— « Todas, » respondeu elle com voz chorosa; « por que todas eram bellas e feis! »

— « Caso raro! A nós custa-nos a encontrar uma só com esses predicados. Continúa. »

— « Um dia aportou ali o brigue *Feloz*; vinha receber um carregamento de escravos, que tinha ajustado. Meu tio havia feito com tempo a encomenda para o sertão, e a fazenda estava prompta nos armazens de Cabinda. Veiu a terra o caixa e o capitão do navio, entregaram metade da somma convençiona, em pannos, aguardente e polvora, e ajustaram entregar a um commissionado de meu tio o resto da importancia, em dinheiro, logo que a carga estivesse a bordo. Não houveram difficuldades n'esta convenção, porque conheciamos bem o caixa, homem serio, de poucas fallas, e que já fizera outras transacções com meu tio; quanto ao capitão, tinha elle um genio tão jovial, que não duvidamos tomal-o pelo melhor homem do mundo. Como as physionomias enganam! »

Depois d'esta moralidade, o principe Jaca fez uma pequena pausa, e depois continuou assim:

— « Não havia tempo a perder, porque de manhã appareceu no hori-onte um cruzador inglez; tratouse do embarque dos negros com toda a actividade, e ao pôr do sol tinha largado da praia a ultima lancha de escravos, com os quaes se prefazia o numero de quinhentos. Meu tio, o rei de Cabinda, chamou-me a sua colata, e ordenou-me que fosse a bordo do

Foiz receber o dinheiro que lhe deviam da cargação; e eu, sem demora alguma, embarquei em uma pequena canoa, puchada por quatro brancos... o senhor sabe que os meus patrios se chamam a si mesmos brancos de Cabinda, porque entre nós não ha escravos!... pois bem, a canoa voava em direcção ao brigue, porém um espectáculo horrível me fez mudar de rumo: era uma das lanchas que se tinha virado, e os negros, amarrados uns aos outros, deixavam-se morrer, sem fazerem o menor esforço para salvar-se. Quando cheguei era tarde: aquella cadäca de homens mergulhara, como os ölos de uma corrente solta do escovem, e um cardume de tubarões, saltando entre duas aguas, abysmava-se em seguida dos pobres negros, exactamente como a ave de rapina em perseguição de outro volátil.

— «E morreram todos, com effeito?»

— «Todos! E até os cabindas, que tripulavam a lancha, e que elles arrastaram ao abysmo. Depois de vãos esforços para salvar algum dos naufragos, resolvemos aproar ao brigue, que já tinha as velas largas, e que só esperava por aquelle ultimo barco, e não sei se por mim tambem. Quando subi ao convex do navio, vi o capitão e o contra-mestre, ambos embriagados, maltratando por divertimento os escravos que iam mandando descer para o baileu: e quando eu contei ao caixa a desgraça que acabava de succeder, aquelles dous malvados clamaram em côro que era roubo meu ou do rei de Cabinda, e que em todo o caso não devia o caixa entregar-me a metade da somma ajustada, que faltava a pagar. Eu, que conhecia de ha muito o caixa, homem serio, como já disse, e das melhores contas, reclamei d'elle o cumprimento do ajuste, dando-lhe por testemunhas os remadores do meu bote. «Os remadores do teu bote são bem bons para substituirem quatro dos negros que se afogaram, bradou, entre gargalhadas, o capitão: e tu mesmo entrarás em lugar de um outro,» continuou langando-me a mão ao pescoço. Indignado de um tal atrevimento, sacudi-o com força, e fui refugiar-me junto do caixa... Acredital-o-ha, senhor?... O que faz a sede do ouro! O caixa fustigou-me com uma chibata, que tinha na mão, e mandou-me agarrar por dous marujos. Vendo-me só e desarmado, escolhi o unico partido possível para me salvar da escravidão e dos tratos, o unico que a desesperação podia aconselhar em taes circumstancias: corri para a borda, e tentei langar-me ao mar... mas nem morrer me deixaram! Com ferros aos pés e ao pescoço, com o corpo moído de pancadas, fui conduzido ao porão, e seguiram-me ali os quatro remadores do bote; ainda estavam peor do que o resto dos escravos, e comtudo o espectáculo que eu presenciava era horrível!

— «Pobre Jaca! Foste victima de uma traição infame para roubarem teu tio.»

— «Quando descia as escadas da es-otilha, ouvi dizer ao caixa: Os escravos que se perderam foram cincoenta, e agora não tenho meio de arranjar outros, porque é preciso fazermos-nos ao largo quanto antes; eu não os dava por uma quantia igual á que deixo de satisfazer a esse rei de carapinha; pois bem, vão os cinco cabindas para equilibrarem a conta; como *ladinos* hão de valer mais. E bom é costumarmos tambem estes brancos a trabalharem nas roças do Brazil... querem fazer-se fidalgos! Ah! senhor, então lembrei-me de que era bem merecido o castigo que soffria, porque trabalhára com aquelles homens sem alma para escravisar meus irmãos no sangue, e até na cor... Lembron-me a religião dos christãos, em que varias vezes ouvira fallar, e pedi perdão a Deus dos meus peccados; porém occorreu-me

logo que tambem aquelle caixa do navio, aquelle capitão, aquelle contra-mestre eram christãos... e fiquei perplexo; mais tarde abracei de todo o coração os santos dogmas do christianismo, com elles me fortaleci contra as idéas do suicidio, e graças a Deus sou livre, esol-o-hei, porque não tenciono voltar mais a Africa. Antes pedreiro ao abrigo da lei do que príncipe exposto á rapina da raga vil dos negreiros, a sua unica religião é o ouro!»

— «Deves estar fatigado, Jaca. Bebe outro copo de aguardente, e conclue já agora a tua historia.»

O príncipe resignatorio não se fez rogado, nem para beber, nem para continuar a sua triste narração:

— «Senti,» disse elle, «a pelo movimento do navio, e pela algazarra da marinhagem, que já iam a caminho da America. A primeira noite da viagem foi lem cruel para mim. Depois d'aquelle pensamento christão, vein a duvida, como contei, e o meu unico desejo era suicidar-me; porém estava de tal forma preso, que nem me podia algar em as mãos, nem bater com a cabeça contra algum ferro, nem acabar a vida por outro qualquer meio. Não aprendêra a soffocar-me virando a lingua, como fizeram tantos dos meus companheiros de escravidão, crecendo com a sua morte os outros. Farpelles malvados... E o mesmo, hoje sou livre!»

A alegria brilhou no rosto do preto. Como é bom dizer: *Sua livre!* Estive indagando d'elle, como era o tal suicidio virando a lingua, e Jaca tratou de me fazer perceber o methodo; confesso, todavia, que não fiquei habilitado para o explicar claramente aos leitores... nem mesmo creio que tenham precisão de o saber.

— «Que quadro!» exclamou o liberto; «ver tantos infelizes, sem distincção de sexo nem de idade, algemados aos grupos de quatro, seis e dez, inteiramente nus, quasi privados de ar, e tendo por unica distração as momies de seus contraneos, os *hombas*, pagos para divertirem combicacos, no uso nacional, aquelles desgraçados, que morreriam de melancolia se lhe faltassem os taes buões encarregados de afugentar ao menos a nostalgia, em meio de tantas privações. Estes homens são indispensaveis em um navio da escravatura. Não é por humanidade que os negreiros querem ter alegres os escravos, é para conservarem a sua fazenda. Se se desenvolve uma epidemia a bordo, langam ao mar, vivos, os que primeiro são atacados, e o mesmo succede se escaceiam os mantimentos: para salvar os mais robustos, alijam-se os mais fracos...»

— «Que estas ali a dizer!» atalhei eu.

— «A verdade, senhor: tudo isso eu vi fazer, e á minha robustez devi o chegar ao Rio de Janeiro, por que a viagem foi muito longa; perdeuse bastante tempo a fugir dos cruzadores em ambas as costas, appareceu o escombuto, e a farinha de pau ia faltando. Oh! ainda me lembro com horror de uma pobre negra, a quem arrancaram o filho deute para o langarem ao mar... cortava o coração ouvir a desgraçada, pedindo em altos brados que lhe restituíssem o filho ou a matassem tambem... Qual! se ella era robusta...»

— «Basta!» elamei eu, «saltando fóra da rede, não preciso ouvir mais!»

— «Ah... ah!... Parece que vens dos antipodas,» disse rindo o meu amigo R... «pois tu nunca ouviste d'estas narrações em tres annos que estiveste na Africa?»

— «Sabia alguma coisa... mas tanto! Assim se dispõe da vida do seu semelhante.»

— «Ora, tem paciencia,» continuou o meu hospedeiro.

de: «ouve o resto; o desembarque deve ser interessante.»

— «Eu conto em duas palavras,» acrescentou o preto; e vendo que eu tornava a sentar-me, e accendia outro charuto, proseguiu assim:

— «É de noite quasi sempre que se vai procurar o ponto, o lugar de desembarque; uma luz combinada entre os proprietarios da carga e a gente do navio indica em terra a direcção que devem levar os escravos. O capitão aproa a embarcação a essa luz, e d'ahi a pouco vê-se cercado de lanchas que, em um momento, o livram d'aquella pezada carga. Quando o *Veloz* desapparecia no horisonte, já nós estávamos a ser examinados pelos compradores, em uma praia perto de Cabo Frio; a mim, coube-me a feliz sorte de ir para o poder do sr. M., e no fim de seis annos de trabalho alcancei a minha carta de alferria.»

Assim terminou o príncipe Jaca a sua curiosa narração, e tendo-o despedido, com outro copo d'aguardente e algumas patacas, ficamos sós, eu e R., meditando ácerca do que acabavamos de ouvir. Foi o meu amigo quem rompeu o silencio n'estes termos:

— «Vês tu, Francisco, o que succede, apesar dos cruzeiros inglez, francez, portuguez e brazileiro, com os quaes gastam as respectivas nações tantos contos de reis? Sabes bem que nunca fui negroiro, nem a nossa profissão de officiaes de marinha o comportava; porém, a verdade é que n'esta perseguição ao trafico dos escravos, só lucravam os inglezes, e quem mais perde são os negros. Quando o commercio da escravatura era licito não embarcavam em cada navio mais que os homens correspondentes á sua tonelagem, menos talvez do que hoje se carregam nas embarcações de colonos, que são brancos e livres... *na sua terra*. Vinha um padre baptisal-os antes de darem entrada nas alfandegas d'África; havia a bordo cirurgião e botica, e tratava-se com esmero da saúde d'esses infelizes, que tanto maior valor tinham quanto mais robustos se apresentavam no mercado. Hoje acontece o que acabas de ouvir, como é difficil escapar sempre aos cruzeiros, trata-se de carregar em cada navio o maior numero de negros, para que a viagem dê um lucro extraordinario; e os inglezes fazem servir por dez annos nas suas colonias os escravos que apanham. Será isto philantropia?»

— «Não é de certo; mas que querias que se fizesse? Deixar continuar o infame trafico?»

— «Não sei o que queria; mas o facto é que todas as cousas do mundo tem dous lados por que se encaram, e que não se pode dar absoluta razão a uma das partes sem ouvir a outra.»

— «Assim é infelizmente... mas que quer esse outro preto?»

— «Diz que o jantar está prompto... Vamos; e deixemo nos de emendar o mundo.»

(*Continúa.*)

F. M. BORDALO.

#### O CORSARIO.

Vae, galera, não pares que é tarde,  
Inimigos gubernas lá vem;  
Se as evitas dirão que és cobarde,  
Se não faltas, tu vences tambem!  
Vae, galera, que eu nem me recordo  
De tão linda vozares assi!...  
O corsario tu levas a bordo,  
Que em ti vive, contigo, por ti!

O combate e a victoria são perto,  
Quem a palma nos ha de arrancar?!  
Qu'harmonia no rude concerto  
Que as procellas entoam c'o mar!

Sou proscripto, tu pobre és proscripto,  
Que nos venham aqui dar a lei!  
Que no Oceano, que em furia se agita,  
Es rainha, galera — eu sou rei!  
D'este peito que em chammas escalda  
Quer o fogo na guerra crescer!  
Tua fronte orgulhosa engrinalda,  
Que mais louros lhe vamos colher!  
E das aguas no immenso deserto  
Morte ou gloria podemos buscar!  
Qu'harmonia no rude concerto  
Que as procellas entoam c'o mar!

Já outr'ora cedi ao impulso  
De fatal e mentida paixão!  
Por uns olhos sentia convulso  
Pullular este meu coração!  
São loucuras; mas uma por uma  
Já o tempo ao olvido lançou!  
Vae, galera, entre os frocos d'espuma  
Onde a honra de longe aconeo!  
Quem o preto não ha de render-to  
Quando o som do canhão ribombar?!  
Qu'harmonia no rude concerto  
Que as procellas entoam c'o mar!

Pela patria nutri dentro d'alma  
Todo o amor que se deve a uma mãe!  
Renegou-me, e esse amor já se acalma,  
Que não ama a uma ingrata ninguém?  
Foi então... que nas ondas qu'espaldas  
Vim mais livre da vida fruit!  
E as victorias contei por batalhas!  
Ninguém ouve o meu nome a sorrir!  
Sopra o vento fagueiro mais certo,  
Vae, galera, não deves cansar!  
Qu'harmonia no rude concerto  
Que as procellas entoam c'o mar!

Do corsario és, galera, tão q'rida  
Que outro affecto o não pode prender!  
Se em ti só se resume esta vida  
Comigo has de abrangada morrer!  
Pelejar quanto é bello não sente  
Quem o sangue sentiu parar já;  
Vae, galera, que vae's c'um valente,  
E que a p'leja te aguarda de lá!  
E de guerra o pendão que te offerto  
Qu'imprudente ha de impune tocar?!  
Qu'harmonia no rude concerto  
Que as procellas entoam c'o mar!

Pelo dorso das ondas deslisa,  
Já lá vejo as bandeiras hostis!  
Não t'esqueças da nossa divisa,  
Nem acurves de modo a cervis!  
Só os frocos desmatam de susto  
Da metralha ao solemne fragor!  
Não se alquebra este braço robusto,  
Não lhe fuge na lucta o vigor!  
Aos contrarios nas aguas aberto  
O sepulchro lhes vamos cavar!  
Qu'harmonia no rude concerto  
Que as procellas entoam c'o mar!

C'uma nuvem de balas espessa  
Te saudaram, galera, que vens —

Não respondes, galera, depressa?  
 Já canhões em teu seio não tens!!  
 Entre o fumo que os ares povoa  
 E o clamor q'um guerreiro seduz,  
 Triste o arcanjo da morte revoa  
 Com seu facho de pallida luz!  
 Não sou chefe na guerra inexperto,  
 Hei de o sangue com sangue lavar!  
 Qu'harmonia no rude concerto  
 Que as procellas entoam c'o mar!

As adversas falanges recreecem  
 Que trahidos nós somos — não vês?  
 E se as forças em nós desfallecem  
 És, galera, vencida talvez!  
 Jorra o sangue das fridas mais fundas,  
 Nem ás fridas o peito poupei!  
 Tu, galera, coitada te afundas,  
 Mas a morte que temos... vinguei!  
 D'estes olhos o brilho é incerto,  
 Nunca mais hei de ouvirdo folgar  
 A harmonia do rude concerto  
 Que as procellas entoam c'o mar!

ERNESTO MARCOS.

#### EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
 comme moi les archives du passé au  
 milieu des ruines du présent.

CHATELAIN. — ETUD. HIST.

JAM diante tresentas azemalas cobertas de magnificos reposteiros de seda de varias cores e primorosos ornatos, que outros tantos azemeis vestidos de ricas librés de gala levavam de redea; seguiam-se os criados dos nossos embaixadores e dos cardeais: iam depois todos os muitos portuguezes, tanto eclesiasticos como seculares, não empregados n'aquelle missão, que então se achavam em Roma, em cujo numero entravam Fernão Gomes, Gaspar Dias, e o depois insigne, Matheus Campello, artistas habilitados, que el-rei D. Manuel mandara para aquelle paiz classico das artes afim de se aperfeiçoarem na pintura debaixo da direcção de Buonarrotti, Rafael de Urbino, e Parmigiano. Seguiam-se os parentes de Tristão da Cunha, de Diogo Pacheco, e de João de Faria, que tambem não faziam parte da embaixada portugueza, e que passavam de cuncoenta, todos vestidos de ricas telas e brocados, com chapéus cobertos de perolas e aljofares, trazendo a tiracollo preciosas cadeas de pedraria engastada em ouro, e montados em briosos ginetes arreitados com selas, peitoraes, e caparazes de grande preço. Uma companhia de besteiros de cavallo soldados armados de arcs e setas, que el-rei D. Manuel extinguiu em 14 de março de 1498, quando em quasi toda a Europa se adoptou a ordenança suissa ou franceza, ou segundo a tactica inventada por Machiavello, separava aquelles nobres portuguezes dos officiaes da casa de sua santidade, em seguimento dos quaes marchavam duas guardas de honra, uma de archeiros suissos com capacetes e albardas, vestidos de gibões brancos e calções de borzequins encarnados com canhões verdes, como se usava na idade media, segundo o modo dado por Buonarrotti, e a outra guarda de soldados gregos trazendo, pelo costume da sua nação, barretes vermellos, tarjas nos bra-

gos, saíotes brancos, baidries de que estavam suspensas as espadas, e lanças nas mãos, soccorrendo-me eu para a distincção que fiz d'estes uniformes de uma collecção, hoje mais rara mesmo em Italia, mas infelizmente incompleta, que possuo, de estampas representando outro acompanhamento, e gravadas por um famoso albridor d'aquelle tempo. Atraz d'aquellas guardas viham os trombeteiros e charameleiros do corpo de guardas nobres do pontifice, e os musicos da embaixada portugueza ricamente vestidos e montados em bons cavallos; e logo depois o estribeiro-menor Nicolau de Faria, cavaleiro n'um formoso ginete ajeazado de guarnições de ouro esmaltado e guarnecido de finas perolas; seguia-se o elefante real de Ceylão, custosamente acobertado de guarnições de ouro massiço, e sobre elle um naire ou nobre do Malabar, como cornaca ou conductor, sumptuosamente ataviado ao uso do Oriente, e o cofre levando as preciosidades oferecidas por el-rei D. Manuel ao pastor universal da Igreja; indo depois d'aquella raridade o cavallo persio, montado por um cavalor de Ormuz, tambem em traje oriental, levando nas ancas do coreel a canga de canga estendida n'uma coberta nervada e dourada com todo o primor. Viham immediatamente os cavalleiros addidos á embaixada de Portugal, e o secretario Garcia de Resende; caminhando em seguida o bacharel Antonio Rodriguez, rei d'armas de Portugal, vestido com a sua cota, a quem el-rei D. Manuel, que n'elle creou este cargo, mandara a diversas côrtes estrangeiras para n'ellas aprender as obrigações d'este officio. Apoz este empregado viham os manceiros do papa, seguindo-se logo Tristão da Cunha collocado entre o principe Francisco Sforza, de quem ja fallei, e que n'aquelle tempo tinha o titulo de duque de Bari, e o governador de Roma: Diogo Pacheco no meio do bispo de Nicossia, e da conde Alberto Caspio, embaixador do imperador de Alemanha; e João de Faria, levando á direita o bispo de Napolés, e a esquerda o celebre litterato Budeo, embaixador de Franca. Viham em seguimento os embaixadores de Castella, Inglaterra, Polonia, Veneza, Milão, Lucea e Bolonha, um depois do outro, levando cada qual um bispo á sua mão direita, terminando o prestito com um grande numero de prelados.

N'esta ordem, e ao som das salvas de artilheria misturadas com o dos sinos e das musicas militares, caminhou magestosamente o brilhante prestito, entre vivas e aclamações de innumeraveis espectadores, pela *strada del Corso*, que em meio de duas grandes ruas corre da praça del Popolo a entruahar-se na cidade, calculando-se que n'esta larga e espacosa area (onde haviam fontes de vinho encunhoamente dispostas pelos rios mercadores florentinos para saziar a sede do povo) estaria um terço da povoação de Roma, que segundo Paulo Jove passava então de oitenta e cinco mil habitantes; e tomando depois pelas ruas *della Fontanella, della Tinta, di Monte Brianzo, del Orso e di Tordinona*, e pela praça e ponte *Elia*, que fazem rosto á antiga *Mole Adriana*, ja então transformada em cidadella moderna com o nome de *Castello de Sant'Angelo*, foram os novos hospedes vindos das margens do Tejo, salvados em artilheria do forte, que se avança sobre as aréas limosas do Tibre; e desfeitas as nuvens do fumo, que os tiros haviam feito subir, appareceu na varanda resultada da muralha do forte o pontifice, atreito a tudo o que tinha um ar de elegancia e grandieza, e que, para maior distincção viera honrar esta apparatus scena historica com a sua presença; e assim como aos grandes e bellos

espectáculos da Roma antiga costumavam assistir os imperadores com as ordens senatoria, consular e equestre, e os centuriões, os tribunos, e toda flor das legiões romanas. Viam-se também ali em roda de Leão X muitos cardeaes, alguns dos quaes, de baixa e humilde condição, haviam por suas virtudes e letras sido elevados á alteza e lustre da porpura: cabendo aqui notar que, se em nenhuma côrte se cresce tanto, nem tão depressa como em Roma, onde subiram ao throno um Montalto, que fôra guardador de porcos, e Ganzanelli, que com o seu amigo de infancia Bertinazzi, mais conhecido no theatro italiano pelo nome de Carlino, viu de cima de uma trazeira a enthronisação do seu predecessor Lambertini, não é menos sabido quão bem se applica ali a maxima, a que muita gente dá uma absurda e absurda extensão, de que as portas e entradas para os empregos não devem estar abertas e livres a todos, mas só ás pessoas benemeritas. Quando o prestito passava em frente do papa, o naire, tendo feito parar o elefante real, dobrou este a um signal dado pelo cornaca, por tres vezes os joelhos, e tomando depois na tromba uma grande porção de agua destillada de varias hervas aromaticas que para este fim estava preparada n'um grande vaso, rociou, por outras tantas vezes, com aquelle liquido cheiroso, a varanda em que estava sua santidade; e virando-se depois para o povo, fez o mesmo; sendo estas engracadas cortezas ao gosto oriental mui victoriadas de todos, e celebradas em verso por Aurelio Sereino. Depois d'esta parada continuaram os nossos embaixadores o seu caminho na mesma forma em que tinham vindo até ao palacio onde haviam sido alojados.

Tendo Leão X assignado a segunda feira 20 de Março para a audiencia publica dos embaixadores portuguezes, chegaram elles, á hora marcada, ao palacio do Vaticano, precelidos da musica da embaixada, do rei de armas Portugal, e do secretario e mais cavalleiros empregados n'aquella missão: e, quando ao subirem a escada regia, então apenas acabada de fazer, e por onde tem ascendido tantas e tão differentes personagens historicas de todas as nações n'estes tres ultimos seculos, se não fatavam de admirar os grandes primores da arte d'aquella elegante e magnifica obra de pedra, todos os grandes mestres, que nas famosas logeas estavam occupados, suspendendo os trabalhos que os immortalisaram, e fizeram de Roma a aula do mundo, vieram tambem, por sua parte, ver com espanto os representantes da corôa de um cantinho da Europa, que em todas as partes do globo tinha hasteado a sua bandeira. No topo da escada, e junto á estatua do grande impador, que deu a paz, e a permissão de fundar estabelecimentos a Igreja, estava o primeiro official da casa pontificia esperando os embaixadores do rocinaça, que com as suas armas fiéis, como diz o nosso Homero, *dilatato a fê no cetro*. Passando depois aquelles ministros, entre duas fileiras de guardas nobres, pelas differentes salas admiravelmente pintadas pelo divino Rafael, foram por elles, como degraças de reverencia e culto, chegando a presença do pontifice, collocado em um estrado elevado na chamada sala ducal, tendo junto a si o seu secretario Sadoleto, e em torno d'elle o collegio cardinalicio, o corpo da prelatura, e as principaes pessoas da nobreza romana. Subindo todas as da embaixada e comitiva aquelle estrado, beijaram devotamente os pés do chefe visivel da Igreja, e collocados depois, segundo a cathedra de cada uma, em proporcionada distancia do pontifice, leu o secretario Garcia de Rezende, como então era estylo, em

voz alta, o transumpto das credenciaes, que Tristão da Cunha, depois d'esta pratica, entregou reverentemente a Leão X; e posto então todo aquelle numero e douto auditorio em silencio, rompeu, depois de breve espaço, Diogo Pacheco com o eloquente discurso em latim que começou por esta apostrophe: «Eloquar, an sileam, n' fallare, ou ficare calado? (Quantos oradores hoje em dia acabam as suas fallas depois de proavrem que deviam ter-se conservado mudos!). Dando depois de uma breve pausa, aquelle abalizado jurisconsulto, não inferior aos *ciceronianos*, que o ouviam, livre curso á sua altioquencia, historiou os gloriosos feitos dos portuguezes em ambos os mundos; e apresentando as nossas descobertas, navegações e conquistas como ótros tantos meios dispostos pela providencia divina para levar a clara e civilisadora luz do christianismo a tão remotos, e, até poucos annos antes, incognitos climas, fechou a sua bella oração com uma chave verdadeiramente de ouro, observando que n'aquelle mesmo tempo de aguas envoltas em tautas partes da Europa, e quando n'ella se temia uma invasão dos turcos, as aguas do Indo e do Ganges, e as do Tejo e do Tibre, confluam docemente para o mesmo importante ponto, debaixo dos felizes auspicios de um rei poderoso e magnanimo, e de um pontifice virtuoso e esclarecido. O papa respondeu mais largamente do que em taes occasiões se costuma praticar, com palavras honradoras da corôa e da nação portugueza; retirando-se em seguida os embaixadores com o mesmo sequito, com que tinham vindo.

No dia seguinte foram os embaixadores portuguezes, com o mesmo acompanhamento nacional, levar a Leão X os presentes que haviam trazido; e fazendo-lhe elles entrega, no *Cortile* (pateo) *del Belvedere*, do cofre contendo os magnificos paramentos e preciosos adornos, todos feitos em Portugal, e que elle examinou um por um, admirando todos, passou depois a receber as seis raridades do reino animal, merecendo-lhe particular attenção as destrezas e habilidades da onça, no jardim contiguo, d'onde, depois de despedir-se dos ministros e comitiva com palavras obsequiosas e benevolas, se retirou pelo bello corredor que communica aquelle passeio com o palacio do Vaticano.

(Continúa.)

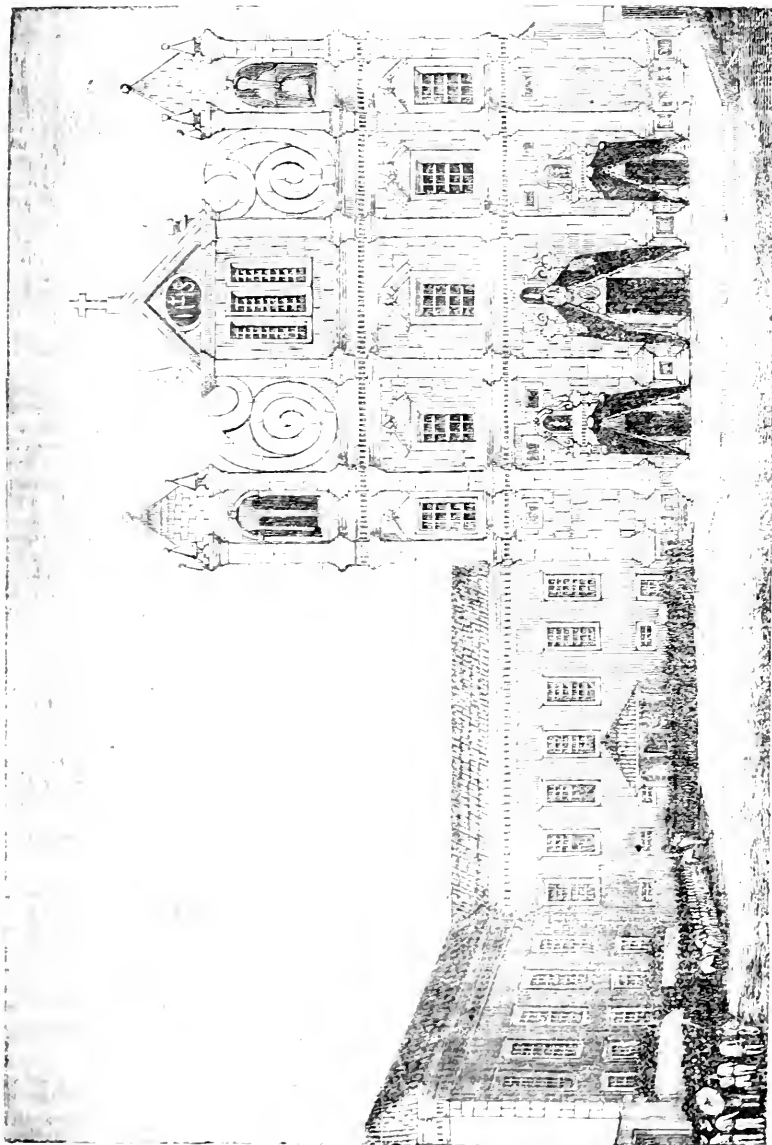
#### MARQUEZ DE REZENDE.

#### LISTA COMPLETA DOS PEQUENOS PLANETAS, COM A DATA EM QUE FORAM DESCOBERTOS.

Nomes.	Datas.	Observador.
Ceres . . . . .	1 janeiro 1801	Piazzi.
Pallas . . . . .	28 março 1802	Olbers.
Juno . . . . .	1 setembro 1804	Harding.
Vesta . . . . .	29 março 1807	Olbers.
Astréa . . . . .	8 dezembro 1843	Hencke.
Hebe . . . . .	1 julho 1847	Hencke.
Iris . . . . .	13 agosto 1847	Hind.
Flora . . . . .	18 outubro 1847	Hind.
Thetis . . . . .	25 abril 1848	Graham.
Hygie . . . . .	8 abril 1849	Gasparis.
Parthenope . . . . .	11 maio 1850	Gasparis.
Victoria . . . . .	13 setembro 1850	Hind.

— O gozo e o sofrimento constantemente alternam a nossa existencia; são dous socios oppostos, que nos acompanham até a morte.





CATEDRAL DA BAHIA, EM QUE SE CELEBRARAM AS EXEQUIAS DA RAINHA DE PORTUGAL.

DAMOS n'este numero a vista do magestoso templo, em que se celebraram as exequias da senhora D. Maria II, de gloriosa e saudossissima memoria.

Não sae ella tão perfeita como desejáramos; não só porque, no impedimento de um desenhador mui habil, tivemos de recorrer a outro com menos pratica de similhantes trabalhos; mas tambem em consequencia da pouca clareza dos daguerreotypos, que nos foram confiados, e insufficiencia do desenho, que tambem nos foi remettido; cousas que as explicações verbaes ou escriptas não podem supprir inteiramente.

Aproveitámos esta occasião para agradecer cordalmente aos nossos generosos compatriotas da Bahia a preferencia com que honraram o Panorama, escolhendo este seminario para n'elles se publicarem factos que tão alto testemunho prestam do seu acrisolado civismo e bizarría, verdadeiramente digna do antigo nome portuguez.

#### EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
comme moi les archives du passé au  
milieu des ruines du présent.

CHATEAUBRIAND. ET. UN. HIST.

HAVIA o papa recebido, pouco antes da audiencia de apresentação d'aquella embaixada, duas deputações muito menos apparatusas, mas que tambem deram boato por diversas circumstancias notadas no *Diario de Paris de Grassis*. Resolvendo os governos das republicas de Florença e de Sêna congratular-se com o novo pontífice pela sua exaltação ao throno, e nomeando o primeiro para chefe da sua missão a Bernardo Rucellai, que tendo occupado altos cargos, era muito parente e amigo intimo do pontífice; ao passo que o segundo d'aquelles governos escolhia para orgão da sua deputação um cidadão igualmente honrado, mas pouco versado nas etiquetas das côrtes, não quiz o *Salustio florentino* (como ainda lhe chamam os italianos) acciptar o cargo que lhe fôra offerecido, por se não contradizer, louvando como orador um evento, que apesar das suas relações e conveniências, deplorara, como hom republico, e como annalista; em quanto o liso presidente da deputação Senense, que no dia da sua apresentação fizera esperar largo tempo o papa, por não apressar o passo estreito, em que viuham, não obstante as advertencias dos cursos mandados ao seu encontro, dava na sua falla, e não por desculpa, mas como razão justificada, o timbre que faziam de andar ao uso da sua terra. Por grande que seja a differença entre aquelles dous typos de representantes nacionaes de algum dia, é força confessar que ambos, na sua bem ou mal entendida, mas sincera e firme devoção a patria, não serviram de modelos a muitos, que em tempos posteriores se tem visto.

Dous dias depois da entrega dos presentes tiveram os embaixadores de Portugal uma audiencia privada do papa, na qual lhe expozeram os pontos que tinham missão de tratar na côrte de Roma. Tendo em, no principio d'esta audiença, apontado dous, circumstanciados por Damião de Gues, historiadôr coevo, e pelo auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, cujas provas legalmente fazem fé; a saber: a *prosecução do concilio de Laibão*, onde se haviam remediar abusos introduzidos

na christandade, e a *liga offensiva e defensiva dos príncipes christãos contra os turcos*, cabe aqui observar que, ainda quando estes pontos, que o chronista de el-rei D. Manuel chama geraes, viessem tocados nas instrucções d'aquelles ministros, é bem de crer que, chegando elles a Roma quasi um anno depois da continuação do concilio, ordenada por Leão X desde 6 de abril do anno antecedente, isto é, desde os primeiros dias do seu pontificado, e orientando-se tambem ali na questão da liga em que Roma tanto se empenhou, mas ainda verde, por estarem os príncipes que deviam confederar-se desavindos, e o turco, bem que vencedor, occupado em debellar os seus rivaes no Oriente, não fallassem n'um assumpto a que se lhe passára o tempo, nem tomassem o vão trabalho de entabolar formalmente uma negociação que annos depois teve logar, e não deixou de produzir effeito, mas que ainda então não podia ter cabimento: sendo de admirar que os dous escriptores que citei digam, um em 1566, e outro em 1737, que foram baldadas as diligencias dos legados de el-rei D. Manuel relativamente áquelles objectos. Ha occasiões em que os nossos antigos chronistas de melhor nota põem o pé tanto em falso, como alguns estadistas modernos. Todos os negocios têm suas mares, que os homens politicos não devem errar para não vararem os seus baixéis. A necessidade de uma reforma no corpo do clero não carecia de demonstração; a execução porém de uma tão grave medida encontrava grandes embaragos e difficuldades, não tanto na nossa peninsula, e na italiana, como em França, na Inglaterra, e na Allemanha, que n'aquella occasião não era possivel vencer. Se em todos os tempos foi empreza ardua tirar abusos, e arrancar vícios arregaçados com annos, confirmados com posse, e feitos quasi naturaes com o costume, como poderia a curia romana, sem se tirar do seu compasso, e sem perturbar a tão necessaria e tão periclitante paz, nem esfriar a união, atacar pela frente certas praticas, seguidas por uma grande parte de altas dignidades ecclesiasticas, e mantidas pela errada e emperrada politica dos gabinetes, bem que em opposição á antiga disciplina da Igreja? Quem era então capaz de unir para o melhor fim Maximiliano I, imperador de Allemanha, Luiz XII de França, e Henrique VIII de Inglaterra? Mas, se n'aquelles dous pontos de interesse geral, as circumstancias imperiosas jarretaram as esperanças do sr. D. Manuel, pede a razão e a curiosidade que eu passe a mostrar quanto Leão X se esmerou em satisfazer, no que dizia respeito aos negocios particulares de Portugal, aos desejos d'aquelle venturoso rei.

No rapido curso d'esta narração, em que o pensamento e a pena seguem tão velozmente, e com tanta ancia de chegar ao fim da viagem, como os que vão pelos caminhos de ferro, ou nos barcos a vapor, direi em poucas palavras o exito que tiveram as negociações em que Portugal era particularmente interessado.

Começando pela do padroado das igrejas do ultramar, a mais importante, mas nem se quer tocada de passagem pelos nossos chronistas, e que n'estes ultimos tempos foi thema de calorosas discussões parlamentares, e de polemicas de escriptores publicos, estabelecerei, em boa paz, a verdade dos factos nos documentos authenticos que todos indistinctamente por seu turno invocaram, e que eu ingenuamente confesso que se me não dera de apostar que mui pouca gente inteira e attentamente leu, como na ephebe de que se trata succedeu a dous desafiadas partidistas por fé do Ariosto e de Petrarca, e eu mis-

mo tive occasião de observar n'uma conferencia de diplomaticos (1).

Tendo Leão X, como se vê no 1.º e no 2.º paragrafo da primeira bulla que vou citar, recelido de João de Faria a instancia, por parte d'el-rei D. Manuel, para se impetrar aquelle padroado ou ampliação do antigo dado e confirmado por Nicolau V, Calixto III, e Nisto IV, a ordem de Christo, da qual aquelle principe, antes e depois de subir ao throno, foi mestre, ficando todas as possessões ultramarinas que elle abrangia sujeitas ao vigario de Thomar, prelado d'aquella religiosa e benemerita milicia; deferiu o papa aquelle pedido pelas letras apostolicas: *Dum Fidei Constantiam*, expedidas em 7 de junho de 1514, concedendo bem assim, e tambem a pedido da mesma corôa, pelas subseqüentes bullas: *Pro Excellent*, e *Præcæbe Devotionis*, datadas de 13 de junho e de 3 de novembro do mesmo anno, uma segunda ampliação do referido padroado comprehendendo n'elle as terras mais recentemente descobertas pelos portuguezes, e todas as que elles houvessem de descobrir, pondo-as debaixo da auctoridade ecclesiastica dos bispos do Funchal.

D'esta breve narração se colhe, que no padroado das igrejas ultramarinas, impetrado em nome dos tres maiores protectores do imperio portuguez, por juriscônsultos que foram a honra da toga, e que, incorporado nas nossas leis, constitue uma das mais bellas regalias da corôa, se encerram, além do direito, que eu repeto temporal, d'aquelle padroado, attribuições que, pertencendo ao poder espirital, só pelo pontifice podiam ser outorgadas: e bem que este complexo de facultades, a que estão inherentes obrigações reciprocas, possa cessar por accordo das partes, ou por effeito de uma variação de circumstancias, em quanto elle subsiste, deve ser respeitado.

Finalmente concedeu Leão X a el-rei D. Manuel pela bulla: *Providum Universalis Ecclesie*, de 29 de abril de 1514, as terças e dizimos das cathedraes, e mais igrejas e mosteiros, concessão de que aquelle monarcha cedeu mediante a somma de cento cincoenta e tres mil cruzados, que os prelados e mais ecclesiasticos se obrigaram a pagar em tres annos.

Em troca dos presentes que recebera d'aquelle magnanimo principe mimoseou o papa com uma grandiosa chamine, guarnecida de marmore branco, com figuras em relevo, obra completa no seu genero, e cuja fabrica alguém attribue a Buonarrotti. N'esta chaminé, que estava no pago de Almeirim donde

el-rei D. José a mandou trasladar para um dos camarins do pago de Cintra, e á qual se aqeceu o soberano afortunado, vi eu, já depois das nossas desgraças, aquntar ferros de engommar, e pannos da copa!

Houve quem cuidou, e até chegou a ser tradição quasi geral, que a famosa biblia em sete tomos, escriptos de penna em pergaminho fino com bellissimas vihetas de diferentes côres, onde se vêem figuras allegoricas, e que el-rei D. Manuel por seu testamento doou ao extinto mosteiro de Beijem, fóra tambem mimo de Leão X; mas o sr. abbade Castro, a quem o publico deve tantas e tão interessantes noticias relativas ás nossas antiguidades, deu na sua de-criptação d'aquelle mosteiro razões mui plausiveis de duvidar d'aquella opinião.

Tendo eu não menos fortes razões (já expendidas n'este artigo) para duvidar da offerta que D. Antonio Caetano de Sousa diz que Leão X fez a Tristão da Cunha, e que este recusou, do commando da armada que o mesmo incansavel escriptor sonhou que então se estava preparando contra o Turco, que ainda não tinha segura a corôa, concluo aqui esta noticia, já mui extensa para ser inserida n'um periodico, que deve variar de assumptos para não enfadivar os leitores.

MARQUEZ DE REZENDE.

## SCENAS DE ESCRAVATURA.

### III.

#### SENIOR PRETO E SERVO BRANCO.

De as horas depois d'aquella em que deixamos o leitor, tão sem cerimonia, a porta da casa de jantar, no fim do anterior capitulo, estava o meu amigo R., e em saboreando o nosso aromatico café, e, não sei como, a conversação veio a reatir de novo sobre a escravatura. Entre outras cousas, que menos me impressionaram, o meu hospede disse no tom amargo do homem que tem soffrido mil desganhos na vida:

— «Aposto que ainda não viste um escravo branco e de cabelo corredio? Es capaz de negar que exista?»

— «Tenho visto muitos,» respondi eu, «não só na Africa e na America, mas até mesmo na Europa.»

— «Como assim? . . .»

— «Acoutados como os negros, agrilhoados como elles. . . são os soldados e os marinheiros.»

— «Ora! não se trata d'isso; ali vens já com as tuas idéas pnylatropicas! . . . Quero mostrar-te um verdadeiro escravo, que a lei reconhece como tal, e que é branco, tão branco como tu; porém o mais notavel é ser elle servo de um preto.»

— «Um branco escravo de um negro! . . . E justo. Não têm sido tantos, pretos escravos de brancos: a razão é a mesma. Vamos ver esse fenomeno.»

— «Logo que aoutega. Tu conheces o dono do pobre branco? é o commendador N. . . que, como sabes, é preto e bem preto, mas honrado homem.»

Passamos a fallar de outros objectos.

As sete horas da tarde subiamos a uma carruagem de aluguel (que as ha no Rio de Janeiro superiores em luxo as de qualquer cidade européa) e partiamos ao galope de dous soberbos cavallos na direcção de *Bota-fogo*. D'ahi a poucos minutos estavamos á porta do commendador N. . .

Logo pelo vestibulo e escadaria se adivinhava o luxo das salas do sr. N. . . Elle, e suas duas filhas,

(1) N'uma conferencia a que n'um dos ultimos dias de março de 1823, assisti na chancellaria de côrte e estado em Vienna d'Austria, e que tinha por objecto pôr as seis principaes potencias de accordo acerca da regencia instituida pelo senhor D. João VI pouco antes do seu fallecimento, fallaram muito e mui discordemente o ministro de Hespanha, e o embaixador d'Inglaterra: querendo o primeiro que pelas leis do estado a senhora D. Carlota Joaquina, rainha viuva, devia ser reconhecida como regente, e sustentando o segundo que a regencia collectiva estabelecida pelo ultimo soberano era a applicação da lei ao caso occorrente. Pedindo-me então o principe de Metternich, que desse a minha opinião a semelhante respeito, disse: *Que me parecia que aquella junta era incompetente para decidir quea devia ser regente em Portugal; mas que o que eu tinha por certo era, que nenhum dos srs. que haviam disputado tinha o mais lei e conhecimento da lei de 23 de novembro de 1674, a unica applicavel ao caso de que se tratava.*

tambem pretas de ebano, receberam-nos em um elegante *drawing-room*, dando-nos não equivocas mostras da mais apurada educação. Conversou-se por algum tempo acerca de varios objectos, depois as meninas tocaram piano e harpa com bastante destreza, tomaram-se os indispensaveis refrescos, e ao cabo de uma hora de visita, chegou a conversação, rolando de banalidade em banalidade, ao fim que ali nos conduzia: o escravo branco.

— «E verdade,» disse R., como se deparára de repente com uma idéa extraviada. «pode fazer-me o favor de mostrar a este meu amigo esse escravo, Simeão, de que fallou; quero que elle admire como se apra uma raça.»

— «Sem duvida... Chamem Simeão,» bradou o commendador. «Vae ver o resultado de uma singular mania de meu bisavô, herdada por seus netos até hoje.»

— «Eil-o ali,» disse R., vendo entrar na sala o escravo, «vê se differe de qualquer europeu.»

Com effeito, a minha surpresa foi extraordinaria. Havia recuado aos tempos feudaes, e tinha ante mim o servo de gleba, na sua triste realidade; ou transporá-me, sem o sentir, de um patz livre como o Brazil para o dominio do autocrata! O escravo estava ali, com a alvura de um hespanhol, o cabello lizo e castanho, olhos da mesma côr, mas fixos, embastado, e como sem vida; bellos dentes e beiços grossos, mas não trômbudos á maneira dos negros; estatura regular. Trajava véstia e calças de chita de côres vivas e estranho matiz, porém estava descalço. Devesi comprehender que este espectáculo era bem doloroso para um homem branco, e inimigo da escravidão, mesmo dos negros, como eu o era e sou ainda! Eis aqui como o *senhor* explicou o motivo da alvura do seu escravo:

— «Esteve, haverá cem annos, em Minas Geraes, um ouvidor, vindo da Europa, que era o modelo dos magistrados em integridade, mas que nem por isso alcançou as sympathias do povo, porque era homem de poucas fallas, e inimigo de visitas e cumprimentos; só um preto livre e mineiro, Gongalo Dias, tinha accesso aos aposentos particulares do ouvidor; era elle quem tratava de todos os seus negocios, e talvez a única pessoa de Villa Rica que vira um sorriso nos labios do magistrado. O odio da povoação cresceu contra o seu juiz, quando viram que a predilecção d'elle para com meu bisavô chegava ao ponto de o visitar em sua casa... fazer a um negro o que não faz a um branco! Nunca perdoraram nem o protector nem ao protegido! O preto Gongalo Dias tinha uma escrava mulata, boa moça, appetitosa, e bem comportada; de pouco servia em casa, mas todos a estimavam. Nunca se lhe conhecera inclinação amorosa, porém, seduzida talvez pela importancia do logar do ouvidor, que pela belleza do homem não, pois diziam que era muito feio, fraquejou, como tantas depois de longas provas de virtude, e por fim meca bisavô, que fingia não perceber aquelles aures, achou-se com mais uma escrava em casa, uma filhinha da formosa mulata. O juiz nunca fallou em tal ao mineiro, e este não se atreveu a boquejar no assumpto; o povo porém, que sabe tudo, calumniou o velho preto, e cobria de vituperios, na auctoridade e honra do magistrado. Não era passado muito tempo sobre aquelle escandaloso successo, quando o ouvidor appareceu morto no leito, com uma apoplexia fulminante, e aberto o testamento achou-se meu bisavô nomeado seu universal herdeiro! A indignação e as fôrças ao odio popular contra o prelado não houve remedio senão capitular. Com a ordenança do ministro, Gongalo Dias podia conside-

rar-se rico, e abandonando Minas Geraes veiu estabelecer-se no Rio de Janeiro. O velho era temente a Deus e grato ao finado; começou a parafusar como poderia honrar a memoria do ouvidor, e lembrou-lhe um extravagante alvitre: como elle não deixára filhos legitimos, e tão sómente aquella mulatinha, formosa sim, mas pouco clara e de carapinha, entendeu que devia tratar de dirigir a descendencia do ouvidor ao gremio da gente branca, calculando que seria possivel, ao cabo de algumas gerações, apresentar de novo a raça européa com toda a sua belleza convencional em um neto do magistrado. Proporcionou pois ao mais gentil mancebo de Portugal, que encontrou no Rio, a posse da gentil mulatinha filha do seu bemfeitor...»

— «Da mesma forma que o inglez apura uma raça de cavallos ou de galgos...»

— «Exactamente; as raças de escravos tambem se apuram; é por isso que muitos roceiros tem sempre escravos robustos, e poucas vezes compram d'essa fazenda.»

— «Cultivar-n'a nas suas terras, é muito melhor do que compral-a!»

Eu ria, mas de um riso convulso, proferindo estas palavras, que me escaldavam os beiços; o bom do commendador acabava tudo muito natural, só um pouco excêntrico; o meu amigo R., creio que estava pensando em cousa muito differente; não dava attenção nenhuma á historia, que elle já sabia de côr, e a que provavelmente não ligava importancia.

N... continuou: «A pequena morreu de parto, dando á luz uma menina; e meu avô, que succedeu na casa a meu bisavô, não esqueceu a recommendação que o velho lhe fizera na hora da morte, e uniu a mulata ao portuguez mais branco que apertou ao Brazil. Resumindo, meu pae continuou o apuramento da raça, chegando a conseguir em sua vida que uma neta do ouvidor apparecesse sob a forma de uma criancinha, côr morena e cabello corredo, e eu tenho o gosto de mostrar-lhes o seu filho unico, que, como vedes, parece europeu. Estão pois satisfeitos os desejos do velho Gongalo Dias, e pode repousar em paz na sepultura. Agora o que lhe esqueceu, a elle, a seu filho, e a seu neto, é o que fará o seu bisneto... dar a liberdade ao descendente do homem livre. Simeão, vou dar-te a carta de alforria.»

— «Bravo commendador,» clamou eu; «é uma nobre acção essa!... Simeão, és livre; queres vir comigo para a Europa?»

— «É muito longe,» disse o servo com um riso alvar; «eu não quero deixar o *senhor*.»

— «Já não sou teu *senhor*. Podes ficar ou partir, como quizeres.»

— «Eu quero ficar com o *senhor*; sempre me trouxeram... que hei de eu ir procurar? Nada... fico.»

E foi recuando para um dos cantos da sala, como desconfiado de mim; talvez julgasse que eu o queria ir vender a outra terra... Tem-se visto d'isso! Continuei dirigindo-me ao commendador!

— «E pena!... mas a raça não se apurou, degenerou. O physico de um homem branco alcançou-se, mas a alma de um homem livre é que se não conseguiu. A escravidão transforma o homem... faz isso que ali se vê!»

— «A culpa não é minha,» disse N...; «este homem nunca foi agoutado, nem soffreu genero algum de privação. De hoje avante passa a ser meu hospede, vae andar calçado, e eu correrei com todas as despesas da sua manutenção... se se conservar solteiro.»

Simeão riuse quando ouviu fallar no calçado; ter sapatos era um dos seus poucos desejos.

Despedimo-nos do commendador, e de suas filhas, e voltamos para o pavilhão do passeio publico, conversando ainda acerca da estranha scena que tinhamos presenciado, e que, segundo dizem, é muito commum nos Estados Unidos... isto é, os escravos brancos, não os senhores pretos.

Passados dias encontrei Simeão de sobrecasca, chapéu de palha, e bem calçado... ainda parecia um escravo quando rogava por algum d'aquelles pretos ou mulatos livres e artistas, que giram com tanto garbo e elegancia de vestuario, ao domingo, nas ruas do Rio de Janeiro.

*Continua.*

F. M. BORDALO.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MOR 1

### QUADROS DA VILLA DE PROVINCIA

#### I.

A's oito horas da noite, de uma terça-feira, do mez de novembro, do anno de 184... apeava-me, carregado de somno e lama, á porta do administrador do concelho da villa de... na provincia de Traz-os-Montes.

A cavalgadura, que, por um esforço sobrenatural me levára até ali, merece dous periodos de interduo n'um quadro descriptivo. Tendo servido com gloria na artilheria anglo-lusa do general Arantchild, fôra vendida em leilão por ordem de Beresford em 1814; e comprada por um juiz de fora, mau cavalleiro e optimo rabula, que logo conjecturára o genio pacifico d'aquelle animal historico. Testemunha inoffensiva de mais d'uma aclamação, era impassivel ao ruido dos vivas e dos fuzetes. No phisico liam-se-lhe todos os symptomas d'uma grandegloria, e d'uma exemplar mansidão. Magra como um cão vadio; hirta como uma ode pindarica, soietravam-se-lhe nas costellas as estrophes, e as antistrophes de um grandioso poema. De côr d'avidosa, nem o azul lhe queria mal nem o vermelho deixava de lhe condizer. Em epochas constitucionezas, podia bem ser o symbolo do *juste-mittica*. Mal com a sella por amor da albarda; mal com a albarda por amor da sella todos os arreios lhe serviam, e nenhum se lhe ajustava ao corpo. Pretendente infeliz, requeria sem lucro o ser filiada na arvore geneologica dos senhores, chorados e cantados por Nicolau Tolentino. Abreviemos-lhe a biographia. Fertil em antithesis, passára do judicial ao administrativo, sem uma lagrima, sem um queixume. Comprada em 1814, fôra relevantes servicos ao concelho de... servindo na posta por ordem do administrador. Diaphano, como a cambraia; tropega, como um socio da academia; passára para o poder d'um almoxarve, fertil nas pragas, e mesquinho nos alimentos. Foi assim que eu a aluguei no Porto, e que cheguei á villa de... na provincia de Traz-os-Montes, rezando o credo em cruz a algumas das mezuraz mais pronunciadas d'aquelle contemporaneo do minnete da corte.

Com as costellas intirvas, de entrada na administração do concelho. Apresentei a minha guia, e re-

querei que me dessem um tolôto por vinte e quatro horas. Passados cinco minutos, tinha o meu despacho em mão propria. Um terço de papel almoo que me entregaram, rezava assim — A ex.ª sr.ª D. Aze recebera em sua casa de hótelto o portador d'este, dando-lhe agua, sal e luz, conforme o do uso. — Dirigi-me a meio da rua indicada. O arreiro abraçava-me cordalmente, dando-me os parabens, e affiançando-me que a familia do capitão-mór era a mais abastada da terra. Soube então, pela primeira vez, qual era a posição social dos meus patrões. Para matar o tempo, fui-lhe puxando pela lingua, e vim a saber os seguintes pormenores sobre a familia a que momentaneamente ia pertencer. A dona da casa era viuva de um capitão-mór, morto infelizmente sem necrologia, e apenas com uma curta menção official na gazeta de Lisboa. Morgado rico de provincia, lia com desembarago a letra redonda, desprezava profundamente a arithmetica; passava por um optimo caçador de perdizes; e entretinha-se nas horas vagas, jogando a bolla com todo o primor na cêra dos extinctos padres congregados. Robusto como um athleta, e ignorante como um morgado, tinha sido em rapaz o idolo das feiras, depois já de bemem feito, era antipoda de senso commum.

Entretinha-se em Lisboa na piedosa tarefa de dar cabo de alguns mil cruzados, quando o senhor D. João VI partiu para o Rio de Janeiro. Bom patriota, e inimigo fidalgo do Junot, confiou de Neptuno, o que não se atrevera a confiar de Marte. No seu regresso a Portugal, era citado com enthusiasmo, como modelo, pelos amadores de fogos de artificio. Nunca deixára de se confessar na quinta feira maior, nem de pôr luminarias com vidros de côr, no anniversario do feliz regresso de sua magestade fidelissima. As más linguas, a que nada escapava, diziam, que o bom do morgado festejava a propria vida com editor responsavel. Se é mentira, por alma lhes preste. Em quanto ao mais, o morgado era forte em genealogia, estudo que aprendêra de ouvido; e bom conhecedor de côes de caça. Uma apoplexia fulminante poz termo a este complexo de prendas que o honravam. Segundo me disseram, a viuva chorou lagrimas sentidas, e guardava ainda como reliquias do marido uma espada curva de dous gumes, e um polvarinho com filetes de ouro, que o sr. capitão-mór levára á caça, no dia em que, acconmettido por um lobo, se viu em risco de não morrer na cama.

Assim informados dêmos entrada no palacio de sua excellentissima familia. Um creado velho annunciou a minha visita, levando-me o lobo, como intimação competente. Passado pouco tempo, abrimos-me as portas de por em por; e uma creada, typo das incançaveis narradoras de bruxarias nacionaes, dava começo a uma especie de sala, rodeada de colossaes ardores, e ornada de quadros, em que o escuro das roupagens rivalisava com o pozado das molduras. Mandaram-me esperar, e esperei. Começava a enfastiar-me o olivamente d'aquella solidão, quando me avisaram que ia ser admitto a presenca dos senhores. Passando por uma especie de gabinete, dei a minha entrada triumphante na sala de honra. Os cumprimentos, de parte a parte, foram banes como um artigo de finto, e ôcos como as actas da nossa academia. Antes de nos embrenharmos no dialogo, convem deslenhar rapidamente a sociedade acade o acaso me levára. Aquella reunião symbolisava a provincia. A um canto da sala, um padre, magre como um pamphleto economico, jogava evangelicamente as cartas com um sujeito, vermelho como uma lagosta, e rolloco como um recebedor de decimas. Ambos os parceiros eram homens de letras gordas.

(1) Por convenção colhebra com o auctor adquirimos a propriedade deste livro manuscrito, que é o primeiro de uma serie de preciosos estudos sobre os costumes nacionaes, que ainda se acham inéditos.

O padre defendia a aparição de Christo em Campo de Ourique; e colligia escrupulosamente n'uma especie de albam os inglorios fac-similes da familia do capitão-mór, de quem era ha muitos annos o director espirital. O parceiro, era um antigo miliciano, reprehendendo asperamente n'uma das ordens do dia do Beresford, por ser um pregador incansavel da paz-geral, com argumentos mal cabidos em tempos revoltos. Ouviu o padre como um oraculo; e ambos juntos justificavam um verso de Boileau bem conhecido. A dona da casa, a senhora morgada, como lhe chamavam na terra, era uma senhora verdadeiramente de outros tempos. Puritana em assumptos de nobiliarchia, não podia ver um barão, ou um conselheiro, cujos diplomas não fossem chancellados pela letra íngreme e farta do senhor D. João VI. Em politica, o seu thema favorito era o facto da independencia do Brasil, que a boa da senhora não podia levar a bem. Em religião e em moral, os seus theoremas eram concisos, mas arregaçados, e indistinctivos. Pugnava pelas confrarias religiosas com todo o vigor que lhe inspirára o confessorario. Em moral, tinha adoptado como divisa o epilogo dos dez mandamentos da lei de Deus. O physico era-lhe indifinível como a concepção de um logographo.

Dora-lhe o céo três filhos. Um rapaz, que estudava em Coimbra a maneira de annular os reis em proveito dos valetes, e o methodo mais facil de lograr Bezoot, simplificando-lhe a arithmetica á regra de dividir. Depois de queimar por dous annos as pestanas n'estes difficis estudos, conseguia que sua mãe odeiasse a universidade, quasi tanto como a carta de consello. As filhas porém eram as suas diletas. A mais velha, menina de vinte annos, ardia em desejos de ver Lisboa, e conjecturava, que a vida se não devia passar entre quatro paredes, cantando — *o de saudades morrecei* — ou lendo aos seiores a Mathilde ou os subterraneos. A bonita e cheia de espirito, o epigramma nascia-lhe feito e agudo como uma setta. Tinha o padre por um chapadíssimo tolo, e odiava Arlineourt, menos que o peccado, mas quasi tanto como o opio. Respeitava a mãe, como boa filha que era, mas aspirava para o futuro com todo o desafogo de uma intelligencia elevada. A irmã mais nova só se lhe differenciava em ter ainda mais franqueza de genio, e gostar tambem menos do padre, que a sobre-arregára de penitencias, por ter uma vez ceiado a aza de um pombo, n'um dia de jejum, cinco minutos depois de ter dado a meia noite no relógio grande da casa. O resto da sociedade compunha-se de um antigo major reformado, homem de encoo ou seis appellidos todos campanudos, victima de uns poucos de ultimos acontecimentos, e commensal effectivo da casa. De uma velha, quasi macruba, antiga agafata da senhora D. Carlota Joaquina, triste como um mocho, e gulosa a não poder ser mais. Na algibeira direita, trazia sempre uma oração de exorcismo contra a cholera, approvada pelo bispo da diocese; e na esquerda, uma quarta de reduzidos de ovos, receita especial de um conserveiro italiano, que fornecera o pago durante quarenta annos, merecendo os sinceros applausos de todos os portadores de bullas da santa cruzada, e de todos os officiaes de ordenanças, a quem se concedia a honra de jantar com suas magestades nos dias grandes. Tres individuos, que iremos descrevendo no decurso d'esta narração, e que quando em entrel jogavam o voltarete a meio real, completavam o quadro, que era apenas realçado pelas physionomias, frezas e juvenis, das duas raparigas.

Segundo o costume, a dona de casa começou por me exagerar os incommodos e privações, a que eu

ali me ia sujeitar. As obras deixaram-na por mentirosa. Ella a fallar, e um delicioso cheiro de varias iguarias a desmentir-lhe as palavras. O padre, impertigava-se e sentia-se outro; vi-o a ponto de defender a intemperança, argumentando com as copas e dispensas dos antigos conventos. Até me pareceu ver-lhe uma lagrima, ávida como a gula, deslisar-se-lhe pela face. O major lambia os beigos, e a velha agafata, extatica, como se tivesse diante de si um prato de trouxas de ovos, não proferia palavra. Um dos parceiros do voltarete acabava n'aquelle momento de repôr o bollo, por se ter achado com cartas de mais no fim da mão, e praguejava por entre os dentes, não sei se contra o jogo, se contra o estomago. As raparigas riam ás bandeiras despregadas, mas ás escondidas da mãe, que não queria por modo nenhum que fossem perturbadas as seraficas illusões do padre Francisco.

N'este intervallo contava eu á senhora morgada o estado ruim das estradas; os graves incommodos de atravessar o Marão no mez de novembro; e fazia um paralelo semi poetico, semi-historico, entre a Estremadura, e a feliz provincia, que, tivera a honra de ser o berço, e o theatro das heroicas acções do sr. capitão-mór.

A viuva ouvia-me arrebatada de prazer; e as filhas não acreditavam nem meia palavra de tudo o meu aranzel.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIN.

## ESBOÇOS DA VIDA MILITAR.

### VI.

#### O soldado obreiro.

##### PARTE I.

Em harmonia com o fim, que levámos em vista, segundo annunciámos aos nossos leitores na introdução a estes esboços, qual é descrever o caracter militar debaixo das diversas relações em que é mister consideral-o com a sociedade, occupar-nos-hemos no presente quadro em demonstrar a verdadeira importancia da força armada com referencia aos principios da produção, sancionados pelos preceitos da economia politica, d'essa sciencia vital dos estados. As funções do soldado em tempos de paz importam quasi uma sinecura: a sua manutenção torna-se mais dispendiosa para o estado; porque consome sem produzir. Esta verdade nos conduz á seguinte illação: que o soldado habituado ao trabalho pode alcançar os meios de uma produção futura. ou ao menos aquelles de a poder dirigir com acerto e prudencia. Se se aperfeiçoar em moralidade, em intelligencia, em saber e em força, bastante utilisará elle e a sociedade. Poderá accumular um capital immaterial, um valor social e real, que lhe sirva de base para a sua sustentação, quando regressar á vida civil. Mas em verdade nada d'isto vemos realizado; a desidia e a miseria são o trago mais característico do seu viver, pelo que temos a abater, por exemplo, de seis annos de serviço, quatro, que debaixo do ponto de vista economico, olhamos em debito para com a sociedade; absteemo-nos de relatar aqui os funestos effectos da ociosidade do soldado nas casernas. Para que este pois não esquega a pratica dos seus deveres de cidadão, ou não se

afaste d'elles, é de reconhecida utilidade. que trabalhe durante todo aquelle tempo, que não for consagrado especialmente á instrucção das armas, ao preciso repouso, e áquelles passatempos, que ordinariamente gosa a maioria dos cidadãos; em somma, que a sua existencia se aproxime o mais possível do viver do artista, e que, como este, receba o seu salario e possa capitalisar. O trabalho contribue effizantemente para moralisar as classes inferiores da sociedade; sim o bom emprego do tempo vale a applicação de todas as virtudes.

Os soldados devem ser olhados em relação ao estado de desenvolvimento da moderna sociedade, como verdadeiros operarios ou trabalhadores destinados a reassumir, na volta do serviço, a posição honesta e laboriosa, que anteriormente tinham entre os demais agricultores e artistas. Importa pois que os cidadãos debaixo do serviço das armas possam continuar a pratica e estudo d'aquella arte, para a qual elles se achavam quasi formados antes do seu alistamento. Com effeito a sociedade deve ministrar-lhes aquella educação, que não puderam receber na pobre aldeia, ou lugar do seu nascimento, ou nas fabricas e officinas d'onde vieram; devemos ensinar-lhes as artes da paz, não menos que a da guerra, pois quando o soldado assim desenvolvido e cultivado regressa aos seus lares, ou a qualquer lugar onde se apreciem qualidades artisticas, poderá ser um excellento contramestre em algum ramo industrial, para que tiver mais aptidão, ou um bom instructor, ou ensaiador dos seus antigos companheiros de trabalho, sendo certo, que o homem laborioso e honrado, é sempre digno de ser estimado, qualquer que seja a posição em que se ache. Por isso as escolas regimentaes devem ser organisadas n'este sentido; é preciso mais, que sejam verdadeiras escolas, onde a theoria e a pratica, para assim dizer, dêem as mãos; ha certos ramos artisticos e especialidades mechanicas, que exigem um ensino mais seguido e aturado, permitindo aperfeiçoamentos indefinidos.

Veámos agora como os soldados podem ser empregados na execução dos grandes trabalhos de utilidade publica, como caminhos de ferro, eucanamentos, etc. Mas antes de mostrarmos as vantagens da sua cooerção para o estado, é conveniente fazer conhecer que esta distracção temporaria das suas attribuições militares não é incompativel com os conhecimentos strategicos, e com a defeza superior do paiz. A conservação nacional bem pode repousar no apoio prestado pelos cidadãos artistas, ou trabalhadores militares, cujo habito lhes trará a facilidade de passar da officina ao campo de Marte, do exercicio da charrua, e da plaina ao manejo da espada e da espingarda.

O trabalho e o movimento pro-luctor, debaixo de qualquer forma que os consideremos, jamaiz encravam as qualidades physicas e moraes, antes pelo contrario esforçam, e fazem nascer prestantes heros. E se no fim d'este exercer laborioso puderem contar com um fructo mais lisonjeiro, ou que lhes forneça um estado mais abastado, certamente que se constituirão homens corajosos, e robustos. zelosos da sua liberdade, e do poder ou engrandecimento da patria, quando o reverso d'este quadro de vida e actividade, será, ficando ao mesmo tempo despertar em nós viva magoa, a vista do soldado mutilado, ou do veterano, que tendo envenenado no serviço, e defeza d'aquella, luta com a miseria e com a fome, verdadeiro epigramma para severa censura da auctoridade suprema.

O fim a que nos propomos, transformando os

soldados em trabalhadores militares, respeita aos dous principios seguintes: 1.º Subtrahir quanto possível um grande numero de cidadãos ás influencias antisociaes da vida da caserna, e aos excessos da obediencia passiva. 2.º Dar logar a um serviço muito mais economico, e mais conforme com os votos d'essa liberdade, que pôde ser permittida ao soldado, licenciando aquelles que se destinam aos trabalhos publicos, ou antes restituil-os ao trabalho livre, enviando-os aos proprios lares. Dada esta circumstancia, os directores das grandes emprezas encontrarão com facilidade entre as classes de diversos operarios, comprehendendo-se tambem n'esta os soldados em reserva, crescido numero de trabalhadores diligentes. É innegavel, que a industria livre tem necessidade de braços: ora no plano, ou nas vistas mais amplas e generosas da organização do trabalho nacional, pode apropriar-se proficilmente a este fim o meio dos exercitos permanentes, para estabelecer o verdadeiro principio da associação, da unidade e solidariedade materiaes, que preparam a transformação da economia agricola, manufactora e commercial do estado no sentido dos novos principios. Com effeito nada ha mais progressivo, nem mais digno de ser protegido e animado com effiecia, do que a organização do exercito concebida por esta forma, que conduz ao verdadeiro espirito de associação, e de paz para a universalidade dos povos, por isso que a necessidade do trabalho traz indubitavelmente a necessidade da ordem e da economia.

J. C. DA SILVA

#### INSTRUCÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GREECIA.

O desejo de aprender é verdadeiramente caracteristico na Grecia. N'esta pequena nação se reconhecem os descendentes do povo que inventou as sciencias do occidente. A paixão das letras é ali commun a todas as classes da sociedade, como o prova o seguinte proverbio vulgar entre os paizanos da Murea: *« Quem não conhece as letras, não é homem. »* Os aldeões de Eleusis sabem com muita particularidade tudo o que diz respeito a cursos academicos da universidade de Athenas. Um d'estes camponeses dizia: *« De boa mente gastaria eu tudo quanto possuise com a educação de meus filhos, porque agora vejo que a instrucção é a coisa de que mais necessidade tinhamos. Nós outros não sabemos nada: é preciso porém que nossos filhos saibam. »* Outro facto mostrava ate onde chega hoje entre os gregos o desejo de aprender. Nunca existiu talvez um typo mais perfeito do heroe, que o singelo e robusto Canaris, aquelle intrepido marinheiro, que depois de encomendar a alma a Deus se metten n'uma barca, e atravez de mil perigos foi amarrar tranquillamente o seu brulote á nau almirante da esquadra ottomana. Concluida a guerra, Canaris era um dos homens mais conspicios da sua terra, e governador de uma praça forte; pois o que fez este homem n'aquella posição? Tendo de idade cincoenta annos, foi aprender a ler! Quando um tão vivo desejo de aprender se apodera de um povo, é impossivel que não se organice rapidamente um systema geral de instrucção. É o que tem succedido na Grecia. A relação do que n'este objecto ha feito depois da sua emancipação, o quadro exacto e completo do estado actual do ensino n'esta nação nova, merecem em nosso entender a attenção de todos os

homens que desejam a felicidade d'este povo e os progressos da civilização. Os elementos d'esta estatística da instrução publica na Grecia, foram colligidos e coordenados por um homem competentissimo, o sr. Constantino Sebinas, ex-ministro da instrução publica, actualmente conselheiro de estado e cathedratico da universidade de Athenas, e um dos homens mais distinctos do seu paiz. Extrahiram-se os seguintes pormenores de um discurso proferido por elle, em allemão, perante a sociedade philologica de Ulm, em 1842.

As provincias, que constituem hoje o reino da Grecia, eram antes da revolução, de todas a que habita a raça hellenica, as mais desprovidas de escolas, e tambem as menos favorecidas de baixo do ponto de vista material. Com effeito, em quanto que a Thessalia, a Macedonia, Jauina, na Albania, e na Thracia Constantinopla, e sobre as costas da Asia menor Smyrna e Sidonia; em quanto que as cidades situadas no interior da Anatolia, como Cesarea de Capadocia: em quanto que algumas cidades estrangeiras, onde residiam gregos por causa da emigração ou do commercio, taes como Bucharest, Jassy, Odessa, Veneza, Leonie e Trieste, possuíam boas escolas, professores distinctos, e até typographos e impressores gregos: o Peloponeso inteiro só tinha uma escola hellenica na qual se empregava o methodo de ensino abandonado já por toda a parte. Na Etolia e Acarnania existia apenas a escola de Missolonghi; uma só tambem na Grecia oriental, que era a de Athenas, e todas muito mediores.

Quando começou a grande lucta de 1821, os professores e discipulos na Grecia e fóra da Grecia desertaram das escolas para pegar em armas. Uma parte da corajosa mocidade que compunha o *batalhão sagrado*, succumbiu em Dragatscham, victima do mais generoso enthusiasmo. E tal era o ardor que arrastava ao combate todos os hellenos, que os que estavam á testa dos negocios publicos convidaram em nome da patria os jovens gregos, que estudavam em paizes estrangeiros, a que não abandonassem as escolas, a fim de que restasse alguém para instruir o paiz depois de livre. Pensamento notavel e patriótico de um governo, que até mesmo luctando se mostrava já sollicito pela futura instrução de seus concidadãos: pensamento igualmente honroso para o governo, que se privava de braços promptos a defendel-o. Em taes circumstancias não se podia pensar em abrir escolas. Contudo, foram tomadas algumas providencias pelo governo provisório em favor do ensino primario, e especialmente pelo fundador do ensino mutuo na Grecia, o sr. Kicoullos. Pelo que respeita ao ensino superior, um unico sabio, o sr. Gennadios, ao mesmo tempo que tomava parte na lucta das armas, permanencia fiel a suas funcções academicas. Ninguem exhortava os combatentes com mais energia que elle, ao passo que, quando as circumstancias o permittiam, não deixava de instruir a mocidade. Até depois da batalha de Navarino e da expulsão das tropas egypcias pelo exercito francez; ou até o reconhecimento do estado grego pelas grandes potencias, não se poude pensar seriamente na organização da instrução publica. Ainda então a attenção do presidente Capodistria estava distrahida por outros emvidos. Limitou-se durante a sua breve administração a estabelecer no Epiro uma escola central e um *asilo* para receber meninos que tivessem ficado orphãos por causa da guerra, e principalmente os orphãos resgatados da escravidão. Além d'isso creou mais de trinta escolas primarias, uma escola ecclesiastica em

Paros, e outra militar em Nauplia (Napoli de Romania). Este ultimo estabelecimento, admiravelmente dirigido pelo capitão de estado maior francez Panzier, tinha já obtido excellentes resultados sob a administração do presidente, isto é, no espaço de tres annos.

Mas estas escolas, muy insufficientes, se desorganizaram inteiramente em consequencia da penuria do thesouro publico, proveniente dos acontecimentos de 1831; de sorte que quando começou o governo real apenas existia um pequeno numero de mestres. Em parte alguma se encontrava uma escola util.

Logo depois da sua instalação, em principios de 1833, o governo real estabeleceu em primeiro lugar uma commissão encarregada de examinar o estado da instrução publica, e propor as reformas necessarias. Depois de haver consagrado uma somma consideravel, attendendo á epocha e ás circumstancias (30.000 drachmas) (1), para indemnisar os mestres, que tinham permanecido fieis á sua honrosa profissão em tão difficeis circumstancias, ordenou que de ahí por diante, á excepção de um pequeno numero de individuos que tinham adquirido, como mestres ou como sabios, incontestavel reputação, ninguem pudesse desempenhar as funcções do magisterio sem haver passado por um exame e obtido o respectivo diploma.

O novo systema de instrução publica devia compor-se de uma escola superior, dos *gymnasios*, das escolas hellenicas e das *communs*; porém era necessario pensar antes de tudo em formar mestres, e tendo-se observado que é mais difficil acabar individuos com aptidão para o ensino primario que para o superior, era mais sensivel a urgencia de preparar bons mestres de instrução primaria. O governo creou com este intuito uma escola normal primaria; por certo uma das mais uteis instituições que tem fundado.

(Continúa.)

L.

EMBARCAÇÕES E PESSOAS EMPREGADAS NA PESCA MARITIMA E FLUVIAL EM PORTUGAL, NO ANNO DE 1833.

Districto.	Embarcações.	Pessoas empregadas.
Aveiros.	382	7.717
Braga.	43	278
Castello Branco.	4	8
Coimbra.	100	2.027
Faro.	604	5.925
Funchal.	93	475
Horta.	196	1.213
Leiria.	125	1.240
Lisboa.	603	3.911
Ponta Delgada.	256	1.402
Portalegre.	2	"
Porto.	432	3.630
Santarem.	143	303
Vianna do Castello.	423	1.429
Villa Real.	2	6
	3.430	29.564

Classificação das embarcações: navios, 157. lanchas, 660. barcos, 1.839: aveiros, 303: botes, 335, abrangeis, 66: bateiras, 12, bateis, 51; cahiques, 7.

(1) A drachm o pouco mecos de mil francos, ou 160 reis aproximadamente





ALLEMANHA — CIDADE DE TRENTO.

TRENTO, espital do districto do mesmo nome, é a cidade mais importante do condado do Tyrol, de ha muito incorporado no archiducado, hoje imperio de Austria.

A' medida que o viajante desce para o apertado valle que conduz a esta cidade, cada passo lhe revela a prox. metade do meio dia. O ceu mais limpido, o sol mais ardente, o aspecto geral do paiz, a linguagem so' ora e accentuada, a vivacidade dos habitantes, o gosto das construcções, tudo o adverte, tudo lhe mostra claramente, que acaba de sair da fria e austera Allemanha, e va'e entrar nas regiões encantadas onde flo're-scem os limoeiros e as laranjeiras.

A pouca distancia de Trento o valle arredonda-se e forma um a larza bacia, torneada de altissimas montanhas cobertas de neve, que nos primeiros dias da primavera se desfazem, e lhe jorram pelas faldas em susurrantes regatos e fontes. Nas encostas das serras criam-se pinheiros, e outras arvores florestaes do norte; mas nas encostas cultiva-se a preciosa vinha, varias especies de cereaes, e as amendoeiras, e nos sitios mais abrigados a oliveira e a amendoeira. Os campos, que rodeiam Trento, emoldurados por elevadas serranias, cujos contornos, fortemente accidentados, se desenhão graciosamente no azul escuro do

ce'u, offerecem um espectáculo, ao mesmo tempo savelo e delicioso.

Trento, a antiga Tridentum, collocada no centro d'este valle magnifico, e sobre a margem esquerda do Adige, conta hoje cerca de 15:000 habitantes; mas, pela sua amplitude, podia sem duvida conter tres vezes mais.

As ruas são largas, as casas, de ordinario, bem construidas, algumas de suas igrejas sumptuosas e enriquecidas de bellos quadros. O edificio porém mais notavel é a cidadella, onde presentemente estancaem as diversas repartições publicas locais, vasta fabrica construida no estylo gothico, decorada de marmores e de pinturas a fresco.

Trento é a sede de um bispado. Na igreja de Santa Maria Maior, onde se congregou o ultimo e celeberrimo concilio geral, que esteve reunido desde 1545 a 1563, existe um grande quadro, que representa aquella assembléa ecclesiastica. Ao concilio Tridentino assistiu o virtuoso e venerando archbispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyros.

O Adige, que atravessando o valle de Trento, va'e lança-se no Adriatico, é um rio extraordinario pela rapidez do seu curso, mais parecendo uma torrente precipitada, que um grande rio de amplo leito.

## SCENAS DE ESCRAVATURA.

## IV

## O COLONO.

A SORTIDA dos colonos na America tem tanta analogia com a dos captivos africanos, que nos resolvemos a incluir o presente quadro sob a epigraphie geral de *scenas de escravatura*. Pela verdadeira narraçao que vai seguir, o leitor avalliar se tivemos razao em considerar o pobre emigrado europeu como uma das figuras que formam o grande e lastimoso grupo da servidão no novo mundo.

O dia primeiro de janeiro de 1845 desentou calmo, como ponceo, sobre a cidade do Rio de Janeiro; as dez horas da manhã fallava a respiração daquellas ruas abrazadas pelo sol, nem a beira do mar se sentia a menor bafagem!... Alagado em suor, e de bôca aberta, procurando aspirar algum ar, atravessava eu, a essa hora, o largo do Paço, fazendo a diligencia por alcançar o mais depressa possível uma das ruas que conduzem a S. Francisco, quando um objecto estranho me fez parar de repente. Era um homem semi-nu e descalço, que guiava uma cartolina, puchada por magro cavallo, e que chegando a mim, tirou da cabeça um esfarrapado chapéu de palha, e dirigiu-me estas palavras:

— "V... é official da fragata portugueza?"

— "Sim," respondi eu; e em quanto esperava pelo que accrescentaria o meu interlocutor, tive tempo de lhe examinar a physionomia n'um relance. Era branco, parecia europeu, estava muito tostado do sol, e magro em extremo; julgava ter soffrido grave doença, e que o enfraquecimento moral seguia de perto o physico. Os seus olhos reflectiam uma boa alma. Quiz ajoelhar n'aquelle arca, que esculhava a terra, mas eu pude impedir-lho a tempo, e então continuou:

— "Al... salve-me da servidão; obtenha-me passagem na fragata para a minha terra, aonde provavelmente elle irá... a ilha Terceira."

— "Creio que não haverá duvida n'isso," julgetemos a bordo outros colonos, que não fizeram fortuna no Brazil. A fragata ainda não parte, porém o commandante não heia de negar graça a bordo. Espere amanhã por mim no caes do *Phaon*, e eu o apresentarei."

— "Deus lhe pague essa esmola," respondero o desgraçado, querendo beijar-me as mãos.

— "Me amanhã, O sol esta muito quente, não o cuido a conversar exposto aos seus raios."

— "Estou bem costumado a elle... e a tudo!" murmurou o pobre *ilheo*, afastando-se com a sua carga na direcção do charafiz, emquanto eu caminhava a largos passos para a rua do Ouvidor, o *Cidade* do Rio de Janeiro.

Dali a meia hora, dizia eu ao amigo R..., entrando no pavilhão fronteiro ao passeio publico: — "Creio que tenho uma interessante historia; ara junta as do principe D. João e de Simão; um escravo de outro genero, que vai amanhã para bordo da *Diana*, e não sei se he mais livre!"

Repeti ao meu amigo o dialogo que o leitor acaba de ouvir. Era um momento! No dia seguinte, logo de Bettecourt (o colono) ia sentado junto a mim no escaer da fragata; e enquanto outro passava os maribóios faziam vezar os remos para dar velocidade á embarcaçao, contava-me elle a sua historia nos seguintes termos: se a memoria me não fallar...

— "Na villa da Praia; meus paes eram mi-

to pobres, mas apesar d'isso a sua perda foi para mim irreparavel! Ainda era muito creanga quando fiquei só no mundo; abandonado de todos, sem parentes, sem protectores... comecei a viver do miseravel producto de um trabalho violento e mal retribuido. Arroteava os campos de um morgado, que passava em Lisboa; e o seu feitor, homem feroz, tratava-me a mim e aos meus pobres companheiros, como se fomos seus escravos. Elles mudaram de amo, hoje um, outro amanhã... eu tinha amor áquelle logar aonde nascera... e que iria boscarr mais longe? Aonde? O que?... Por varias vezes me tinham fallado em emigrar para a America, diziam-me que seria rico em pouco tempo; porém eu receiava atravessar o mar, e, apesar de ignorante como era, e ainda sou, nunca me persuadi que pudesse alcançar em outra parte as senhadas fortunas que me prometiam, e que a minha terra me não dava."

— "Raciocinio assim, como emigraste?"

— "Ah, senhor! A *barboleta* bem vê que se queima, mas nem por isso foge da luz; isto era destino meu... mas peor foi a causa da minha emigração, do que os tratos que soffri a bordo e na roça."

— "Se não é segredo, conta-me isso."

— "Vou contar-lhe tudo," proseguiu o colono, enxugando uma lagrima que lhe fugia ao longo da face solcada pelo soffrimento. «Na villa da Praia havia uma rapariga, modesta e recatada, que eu amava ardentemente, e que tambem muito me queria a mim; porém, infelizmente tinha parentes de quem dependia, não era orfã, e por isso livre, como eu. Quiz casar com ella, mas seu paí, que tinha algumas geiras de terra, admittiu se muito das pretensões d'um simples trabalhador, e não só me negou a filha, mas fez com que fosse expulso da casa onde trabalhava, para me obrigar a fugir d'alli... Aquelle velho fez a minha desgraça e a de Maria!"

— "Parece-me que adivinho, Winterrompi eu com pretensões a experte; seduziste a filha..."

— "Não, senhor; muito peor."

— "Então, mataste o paí..."

— "Ainda muito peor!"

— "Que succedeu pois?" perguntei eu, com muita curiosidade, e ao mesmo tempo corrido por não ter acertado no alvo.

— "Isso custa a dizer!" murmurou Bettecourt, e fez uma breve pausa. Depois crendo animo, continuou: «Vendo-me sem trabalho, resolvi emigrar, e faliar para isso com um agente da barra *Peliz*, que se esperava a cada hora; o ajuste fez-se n'um momento, não tinha tempo para pensar nas condições; nem as eu vi; tudo me servia. Porém a lembrança de Maria não me deixou dormir essa noite; e na manhã seguinte fui dizer ao agente, que tinha rondado de tongue, que ja não ia para o Brazil. Ora, o homem parece que não tinha muita carga prompta, porque começou a indagar o motivo da minha resolução, e de tal forma usou, ou tão parvo era eu, que lhe contei a historia dos meus amores. Então, aquelle monstro teve uma lembrança infernal, mas que eu arrecei immediatamente, porque adorava Maria, e aceitava toda menos perdela; propoz-me que a convencesse a abandonar de noite a casa de seus paes, e a fugir comigo para o Brazil, que la se faria o casamento, segui os conselhos d'aquelle satanar em figura de homem, e perdi-me... e perdi-a... pobre Maria!" As Lagrimas baixavam nos olhos do colono, e os soluços entrecortavam-lhe o discurso. «Quando appareceu no horizonte a barra *Peliz* era quasi só posto, o embarque devia ter logar ás nove horas da noite; Maria estava prevenida, tinha resolvido seguir-me a toda a parte, e pou-

co depois das oito horas, largou para sempre a casa de seus paes, e com ella o tanto de honestidade que até ali a cobria; e fomo, com outros muitos infelizes, apinhados em uma lancha, tomar os nossos logares a bordo da barca, que prometia conduzir-nos a um paraizo de ouro e de amor!... A illusão durou poucas horas, e o dezoenão foi pungente... Custa a crer como se resistiu a certas dores!

— « O senhor sabe, » proseguiu elle, depois de enxugar o suor frio que lhe inundava o rosto, « que a bordo de um navio de colheitas não ha distincção de sexos; o alojamento e commum, como nas embarcações negreiras: lembrese o que eu soffria, vendo a mulher, que respeitava como se fosse minha irmã, em quanto um sacerdote não santificasse a nossa união, confundida entre mulheres e homens, quasi todos de maus costumes, e exposta a soffrer qualquer insulto na minha ausencia. Não tardou que, na minha presença mesmo, o piloto lhe não desse um abraço; porém eu tinha uma face comizo, e se me não seguras seis ou oito homens, tinha morto o piloto. Fui preso a ferros, e por oito dias condemnado a pão e agua, para amansar, dizem os capitão, porém esses castigos não me affligiam: o que eu queria era ter ao pé de mim a pobre Maria... vãos desejos, que serviriam de moça á tripulação, e aos passageiros também! Não podendo salvar Maria, imaginei perder toda aquella gente: incendiar o navio ou fazer-lhe um rombo, era o que me lembrava; mas não tinha meios de executar nenhum d'esses planos, por que o recinto era pequeno, e havia ali mais de duzentas pessoas com apêgo á vida... d'ali a um mez ja muitas o teriam perdido!... Sem forças para fazer nem o bem nem o mal, separado quasi sempre de Maria, fui perdendo o vigor por tal forma que, quando chegamos a Pernambuco, e que os primeiros senhores de roça vieram a bordo escolher colonos, disse um d'elles, depois de me examinar cuidadosamente: « Este é bom para deitar ao mar! » Eu ri-me, porque Maria estava junto de mim... mas não era passada meia hora, e a mal-cruel das angustias, as mais desesperadoras torturas, me dilaceravam o coração! Ainda me parece um sonho!... E foi realidade... oh! se foi!... »

Os olhos de Betencourt estavam agora muito fechados, e como fixando um objecto além do horizonte visível.

— « Eu vi, » continuou elle, « um homem baixo, grosso, vermelho, que parecia vender saúde e alegria, aproximarse da mulher que eu adorava, separar-lhe os beiços para ver se tinha bons dentes, examinar-lhe o pescoço em procura de sinais de escrofulas, e ia continuando o exame, quando eu, fraco como estava, me lancei a elle e o segurei pelo pescoço: o homem gritou por soccorro, acudiu muita gente, e fui novamente mettido no porão a ferros, d'onde não sai senão quando a barca partiu de Pernambuco para o Rio, com os poucos passageiros que não tinham encontrado quem os quizesse para servos. E não enlouqueci! E não morri!... E Maria ficava com o homem gordo que eu maltratei... ficava em Pernambuco, e eu navegava para o Rio: ficava abandonada, sem defeza, perdida, deshonrada... e tinha sido eu que a arrastara de casa de seus paes! Oh! que isto custa muito... muito! E só metade do caliz da amargura estava ainda dopejado: a outra metade, até ás minhas fizes, esgotamolla depois, bem lhe sinto o travo, hei de senti-lo até a morte! Assim mesmo a modicade e a creação nos campos podem muito contra os desgostos, os maus tratos e a propria doença: quando cheguei aqui, ninguém me quiz alugar, mas passado um

mez, durante o qual estive rigorosamente preso a bordo, appareceu um senhor de engenho, que pagou a minha passagem, e fi-me então livre de bordo, mas sujeito ao meu novo senhor... era mudar de escravidão para escravidão, e sempre para peior. Porém eu tinha concebido um plano atrevido, ainda tinha uma vaga esperanza de que Maria se conservasse pura, e se livrava dias de felicidade nessa companhia. Tratei de robustecer, apesar do excessivo trabalho que tinha na roça para onde me mandaram, a apparelhação, por estes dias de sol, de um homem branco!... Mas robusteci, e a cada dois mezes fugi da roça, alcancei praça n'um galcho brasileiro, que partia para Pernambuco, e escapando as pesquizas de meu amo, que offrecia um premio a quem descobrisse o meu ruzio ou me prendesse, como eu mesmo li nos annuncios dos jornaes, vi com alegria ficar-nos pela pópa estes mortos e estas filhas, e fui com alvoroço que carecei as praias do Recife!... Mas ah! como pariu segunda vez de Pernambuco!... »

O escaler da atracção a fragata foi necessario interromper a narrativa; mas passou pouco tempo, e achou-lo-se ja afastado na mirinha real portugueza, o nosso Bettencourt, veio procurar-me a tombadilha, onde eu ja o esperava com impaciencia, e concluiu a narrativa, como o leitor verá no seguinte capitulo.

Continua

F. M. BORDALO.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS

XXX.

Outra contada.

A ALTA de segurança das pessoas e da propriedade na idade media e moderna, que todos conhecem. Na provincia do Alentejo, onde as povoações deixavam entre si largos espaços desertos, era ainda mais facil o ataque a propriedade, e mais difficil ao mesmo tempo a prova em juizo, e por ella a perseguicção legal das que se appropiassem violentamente do alheio. Tomou-se em tal caso o expediente, que as aldeas do tempo aconselhavam, e as circumstancias do paiz permitiam. Os queixosos, todos e quasi todos senhores da grande propriedade, obtinham d'el-rei cartas de privilegio, nas quaes defendia que em suas herdades se cortassem hervas, derrubassem arvores, ou por qualquer modo lesantiassem os fructos sob graves penas, e ao mesmo tempo concedia aos donos das herdades e a seus familiares certa jurisdicção e auctoridade sobre os contraventores; dando-lhes com que essas herdades se dizem *contadas*, e muitas tomavam o nome, que ainda hoje conservam de *defeza*. Era tambem aqui prohibida a caça, mas esta prohibição claramente se confunde ser o complemento e corollario das outras, e não o ponto fundamental do privilegio. E a isto se distinguem estas *contadas* das que ficam nomeadas no capitulo antecedente.

Para amostra d'esta especie de privilegio porei aqui o summario de duas cartas de *contada*, concedidas por el-rei D. Fernando ao termo de Arrayolos, a 1.<sup>a</sup> e dada na propria villa de Arrayolos a 6 de dezembro da era de 1411, anno de Christo de 1373, a Affonso Pires de Molles, vassallo d'el-rei.

morador na mesma villa de Arrayolos, e lhe couta a herdade que elle tem, onde chamam Villa Ladra. Manda el-rei que os juizes de Arrayolos, e todas outras suas justicas não consintam a nenhuma pessoa por poderosa que seja, que lhe metta em a dita herdade gados nenhuns, nem bestas, nem colha em ella herva, nem pasga, nem nome palha, nem talhe lenha em nenhum tempo que seja. E se elle dito dono da herdade achar alguém fazendo o contrario, manda que elle por si e por seus homens os possa penhorar por aquella coima, que é de costume de levarem áquellas pessoas, que por cartas d'el-rei tem coutadas algumas herdades entre Tejo e Odiana, e levar as coimas (1). A 2.<sup>a</sup> carta é dada na Atouguia a 16 de outubro da era 1416, anno de Christo de 1378, dirigida aos alcaides, juizes, concelho e homens bons da cidade de Evora e de Arrayolos, fazendo-lhes saber que elle rei, de sua propria e pura vontade e poderio absoluto, querendo fazer graça e mercê especial a Gil Annes, seu vassallo e ouvidor da rainha D. Leonor, sua mulher, o recebe em sua guarda e encomenda e sob seu defendimento a elle e umas suas herdades, que elle ha em termos da dita cidade e villa, as quaes lhe couta por esta forma. Primeiramente manda que ninguem entre a eagar nas ditas herdades coelhos nem perdizes, nem outras caças nenhuma com armadilhas, nem com cães, nem com aves, nem com outras nenhuma cousas; nem outrosim pousem em casas, nem em caseas, se os nas ditas herdades houver. Que da mesma sorte ninguem entre com gados, nem com bestas nas ditas herdades para pasear hervas nem palhas, nem tomem froctas das arvores, nem vão colher lenha, nem hervas, nem tallar madeira nem rama, nem tirem casa, nem outra nenhuma cousa contra vontade do dito Gil Annes, ou d'aquelles, cujas as ditas herdades forem, ou d'aquelles que houverem de ver e lavar e administrar as ditas herdades. Que não colham ali nem tomem palhas, nem hervas, nem galinhas, nem cabritos, nem leitões, nem gado, nem pão, nem vindhos, nem outras nenhuma cousas, que sejam do dito Gil Annes. E qualquer que o contrario d'isto fizer, pague ao dito rei por cada uma vez os seus encoutos de seis mil soldos, e correja ao dito Gil Annes todo o damno e perda, que por esta razão receber, e de mais lhe pague de coima cinco libras, para o que poderá o dito Gil Annes, ou os que por elle estiverem nas ditas herdades, penhorar por si sem outra justiga os que as ditas coimas fizerem, e sejam cridos por seu juramento segundo o costume da dita cidade de Evora e lugar de Arrayolos, e sejam citados perante as justicas dos ditos lugares; e se lhes for provado, essas justicas lhes façam pagar as ditas coimas; e de mais ficando reservado para lhe ser dada outra pena alvidrada ao que o contrario fizer, como áquelle que passa mandado de seu rei e senhor (2).

Os privilegios d'esta natureza abundam nos reinados de D. Pedro I, D. Fernando, e D. João I; e era estylo serem successivamente confirmados pelos reis seguintes; até que, melhorando o estado da sociedade, se foram a pouco e pouco tornando menos necessarios; e se achavam extinctos de facto antes que fossem abolidos de direito pela legislação moderna.

(1) Torre do Tombo. Liv. 1.<sup>o</sup> de D. Fernando, fl. 128 v.

(2) Ibidem. Liv. 2.<sup>o</sup> de D. Fernando, fl. 42 v. Confirmada por D. João I em Lisboa a 3 de novembro, era 1434. Liv. 2.<sup>o</sup> de D. João I, fl. 126 v.

É aqui lugar de mencionar uma tentativa dos ministros ecclesiasticos para se intrometterem na policia rural. No anno de 1714, por instancias do visario de Arrayolos, o archbispo de Evora mandou passar ordem, com pena de 50 cruzados, para que nenhuma pessoa assim da villa como do termo cortasse nas herdades lenha de azinho ou de sóbro sem licença dos senhorios das mesmas herdades ou dos lavradores, que as cultivassem. Não nos dizem as memorias o fundamento d'esta resolução ecclesiastica; mas é mais que provavel ter sido a pretexto de prevenir o peccado de furto. Fosse porém qual fosse, isto offendeu o poder civil, e logo a camara participou o acontecido ao seu supremo tribunal administrativo, á junta da casa de Bragança; e este tribunal, por provisão de 18 de maio do dito anno de 1714, mandou á camara usasse dos meios ordinarios interpondo seu recurso para o juiz da corôa; e ao ouvidor da comarca ordenou informasse sobre o caso com toda a brevidade, remetendo a copia do edital do archbispo (3).

(Continúa.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.



#### O COCCUS HISPERIDUM.

DE todas as enfermidades a que estão sujeitas as laranjeiras (*Citrus Aurantium* de Linneus) nenhuma causa tantos estragos como a que se manifesta pela presença de um insecto, que se denomina *coccus hisperidum*.

O melhor trabalho, que temos lido sobre este fatal insecto, seus caracteres essenciaes, meios de reproducção, effeitos da sua invasão etc. é uma memoria publicada no *boletim* do ministerio de obras publicas, escripta por uma commissão de benemeritos proprietarios e agricultores da ilha Terceira; e porque nos pareceo curioso divulgar noticias pouco sabidas, extractamos da referida memoria os trechos mais interessantes.

(3) Provisão original no cartorio da camara: mas so das provisões.

«Segundo a classificação moderna, ou natural, o genero *Coccus*, pertence á familia dos gallinsectos ou cochonilhas da ordem dos hemipteros (azas meias membranosas e mais claras). Os caracteres d'esta ordem, e por consequencia do genero do animal de que fallamos, são, além dos proprios a esta grande classe de animais, a existencia de um bico tubular redondo de que a sua boca é armada, e que lhes serve para se fixarem ou no tronco dos vegetaes, e absorverem o succo proprio ao seu alimento, ou no pelo de alguns animais, para ali tambem passarem uma vida analoga. Como todos os insectos, estes tambem têm suas methamorphoses: sómente estas são incompletas, e só adquirem azas, de que eram privadas quando mais novos.

«A familia pois das cochonilhas comprehende immensas variedades: ella segue outra familia da mesma ordem, a dos aphidos ou pulgões, insectos que tambem vivem, pela maior parte, do succo dos vegetaes, e que igualmente determinam molestias e enfermencias nas arvores, como são a galha, e certos tuberculos nas folhas do carvalho e da avelleira.

«Entre as immensas variedades do genero *coccus*, e entre as muitas especies de cochonilhas descriptas pelos auctores, e entre outros mr. Milne Edwards, e o Dictionario de Sciencias Naturaes, encontra-se uma, que estes auctores dizem viver desde muito tempo no sul da França, e causar grandes estragos nos pomares de laranjeiras, porém não descrevem a sua configuração especial. Sem duvida que é do *coccus hesperidum* que estes naturalistas pretendem fallar, mas n'elles não se encontram nem caracteres nem descripção particular. Trataremos pois de o descrever tal qual o temos observado com o auxilio de um microscopio, cujo maximo augmento é de 600 vezes a grandeza natural.

«A cochonilha da laranjeira é um dos individuos mais pequenos da sua especie: no estado de larva são tão pequenos, que só com o auxilio do microscopio se podem ver; são muito ageis. O macho, mais pequeno que a femella, tem duas azas, o seu corpo é oval, transparente com uma stria longitudinal amarella, terminando-se nas duas extremidades em dois segmentos da mesma cor. Na extremidade anterior vêm-se duas sedas ou antenas, e nos lados do corpo tres pernas de cada banda, articuladas com uma pequena garra na extremidade livre: no estado de repouso as azas cobrem o corpo do animal.

«O corpo da femella é maior, mas tambem oval; parece rugoso, e tambem apresenta a mesma stria amarella como o do macho. Na parte anterior, ou para melhor dizer, na cabeça da femella, existe um pequeno tubo que serve ao animalinho para chupar a seiva da planta, que é o seu sustento, e para fixar o seu corpo, quando tem de se transformar. A existencia do macho é muito curta, e fica junto da femella o pouco tempo que dura a sua vida.

«Quando a femella tem chegado a um certo ponto de desenvolvimento, ella construe uma especie de ninho com uma secreção do seu corpo, analoga áquellea que as aranhas secretam quando fabricam suas teias, e fixam-se por uma vez na casca do vegetal. Desde então o seu abdomen toma um grande desenvolvimento, o seu corpo torna-se duro, e escuro, e dá ao animal o aspecto de uma semente de linho. Debaxo d'este corpo assim transformado, é que os ovos se desenvolvem, e quando os novos animais têm chegado ao estado de larva, perforam a casca que lhes serviu de abrigo, e saem para ir procurar o seu sustento, e para soffrerem as mesmas mudanças que seus paes experimentaram.

«A reproducção n'estes animais é espantosa: parece que cada femella põe mais de 200 ovos.

«Não se póde explicar a rapida apparição d'este insecto em quasi todas as laranjeiras de um pomar, quando n'elle exista uma só laranjeira infectada, senão por meio da atmosphera e dos ventos que transportam as femellas já fecundadas, de umas para as outras arvores, por isso que os machos têm azas, e não nos pareça isto um mysterio da natureza, como pretende o sr. Torres, de S. Miguel, na sua memoria sobre o *coccus*.

«2.<sup>o</sup> Os accidentes causados pelo *coccus* são, primeiramente uma especie de abatimento em que cae a arvore onde elle existe, e depois um verdadeiro marasmo, que quasi sempre occasiona a morte do vegetal. O fructo, em quanto a laranjeira o pode dar, é menos succulento, e mais insipido, os pequenos ramos e os mais frageis principiam a murchar, e em breve seccam completamente.

«Eis os resultados da falta de nutrição, a qual não é sufficiente para o vegetal, por isso a maior parte da seiva, e sobre tudo aquella que é destinada aos novos rebentos, e aos orgãos da reproducção, é absorvida e chupada pelas camadas do insecto que revestem a casca de quasi toda a arvore.

«3.<sup>o</sup> A origem do bicho da laranjeira, nos Açores, parece datar de doze para quatorze annos, e parece ter sido importado primeiramente para o Fayal por meio de umas plantas da America, e d'esta ilha para a de S. Miguel. Mas na ilha Terceira é voz constante ter vindo do Brazil em umas laranjeiras que d'ali foram trazidas.

«Em quanto á opinião d'aquelles que o reputam filho da influencia atmospherica, ella é erronea; por quanto a theoria das gerações espontaneas, e de gerações devidas ao acaso, por assim dizer, já não tem sectarios, por isso mesmo que se repugna admittrir, que de corpos inanimados possam provir entes dotados de movimentos voluntarios.»

Eis-aqui como os illustres auctores da memoria se exprimem acerca do bicho das laranjeiras. A sua descripção é exacta: a molestia que mais danno tem feito nos pomares dos Açores e nos do continente está ali diagnosticada com saber e critica. Infortunadamente porém aquelle trabalho não resolve a questão do tratamento que mais convenha ás arvores affectadas.

Muitos remedios se tem imaginado; todavia a sua efficacia é mui duvidosa, o que não obsta a que se façam todas as experiencias, que a pratica esclarecida aconselha. O que parece contudo ter sido seguido de mais vantajosos resultados é o que consiste em limpar cuidadosamente a arvore, podendo-lhe os ramos seccos ou inuteis, e pintando depois os troncos, com oleo de linhaca fervido, a que se deve juntar um pouco de seccante. Afiança-se que esta especie de verniz, não só mata o insecto existente; mas obsta á accumulção de novas camadas.

As nossas gravuras representam o insecto macho: alguns ovos de *coccus*; e a face inferior do insecto femella, transformado n'uma especie de concha.

#### AT SENCIA.

Saudade, magna, recio,  
D'ausencia os males são.  
Ignora quem os não soffre  
Martyrios do coração.

A lembrança de continuo,  
Qual duro espinho pungente,  
Redobra em echos saudosos,  
Viva dor, que o peito sente.

Já nas fallas, que s'escutam,  
Na similhanga illusoria ;  
Uma vista, um som oh tudo,  
São reclamos da memoria.

Nas auras, que brandamente  
Estão a flor balouçando ;  
E não ha muito — quem sabe ?  
Em seus cabellos brincando.

Em nuvemzinha rosada,  
Que do poente caminha.  
O carmin da face sua,  
Meu peito logo adivinha.

No sol, que vivo dardeja,  
Que se espalha em fios d'ouro.  
Entre mil, distingo o raio,  
Que alumia o meu thesoouro.

Na superficie anilada,  
Que a brisa apenas ondeja.  
De seu peito o arfar eu sinto,  
Vejo-lhe a azulada veia.

Se á fonte o murmúrio esento,  
Cuido ouvi-la suspirar :  
Se suas aguas contemplo,  
D'ella a imagem eu do achar.

Se, no pinhal verde-negro,  
Escoto a rola gemendo,  
As queixas d'ella, saudosas,  
Os seus ais me está dizendo.

Na flor, as gotas d'orvalho,  
Para mim, lagrimas são :  
São as maguas de seu peito.  
As pétalas em botão.

Os mil tormentos d'ausencia,  
Seus espinhos já me dizem ;  
A verde folha — que em breve.  
Nossas penas finalisem.

No céu, nas aguas, nas flores,  
Acho em tudo similhaças ;  
Eterno fio a prender-nos,  
Em doces, vivas lembranças

— A' chaltreante avesinha,  
Que fendendo os ares vem,  
Muslamente então pergunto,  
Que novas trazes d'além ?

Dese e conta-me o que viste,  
Ha pouco — agora talvez :  
Que do alto céu onde habitas,  
Porventura ambos nos vés.

Mus versos toma em teu bico,  
E transpondo aereo espaço,  
Bem-idas novas lle leva,  
Soltando-as em seu regaço.

Veloz, celeste correiro,  
Nas tristes horas d'ausencia,  
Semeia doces instantes,  
De mútua correspondencia.

— Da noute, o silencio mudo,  
Remanso do pensamento,

Até n'elle a dor se aviva,  
Renasce cruel tormento.

Oh ! então, a sós comsigo,  
Qual feixe de luz eadente,  
Que em si mesmo se reflecte.  
Mais se atêa a propria mente.

Entre varios, de mil modos,  
Receios, que já concebe ;  
Qual ave preza forceja,  
Quando envolta em viva sébe.

Embora a razão discuta,  
E na mente almo repouso  
Debuxe — qual meiga lua,  
Brilha em céu caliginoso.

E farol, que se diz perto,  
Terra, terra appetecida ;  
Ao mesmo tempo a fugir-lhe,  
Breve, logo nos convida.

Que importa bemvinda nova,  
De ha pouco, d'hoje, d'agora ;  
Se em momento fugitivo,  
Ventura, desgraça mora !

Se'ninda o astro não acaba  
D'espalhar-se rutilante ;  
E já nas trevas occulto,  
Feneceu no mesmo instante !

Se n'um ai se quebra o fio,  
Que prendia vida, e morte ;  
N'um só ai — a eternidade,  
N'um só ai — do mundo a sorte !

Cruel duvida ! — que a mente  
Circula de agudo enleio,  
Que dispara n'um só tiro,  
Saudade, magua, receio !

Que se a esperanza desejada  
No peito brotando vem,  
Como em calva serrania  
Brilha candida cezem.

Já — qual mortifera serpe,  
Solta venenosa essencia,  
E a flor d'esperanza queimando  
Redobra os males d'ausencia. . .

*Mafrá, julho de 1854.*

J. DA COSTA CASCAES.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

### II.

ESTAMOS sentados á meza. A morgada, quasi enco-  
berta por uma enorme terrina de louça da India, e  
afilieta com o vapor da canja de arroz que tem dian-  
te de si, tolse amudadas vezes franzindo a testa, e  
arquando o sobr'olho. A cêa promette ser divertida.  
Sentado entre o capellão e um dos parceiros do  
voltarate, que já mencionêi de relance, procurarei

tirar todo o partido possível da minha ótima posição. De relance descreverei aqui o meu visiuho. Homem de quarenta a quarenta e dous annos, sepultado vivo n'uma inflexível gravata branca, falla pausado e em tom de oraculo, com uma sufficiencia digna de melhor cabeça.

Antigo assignante do Archivo Popular, sabe de côr um milhão de anedotas, mais ou menos chistosas, que elle conta como suas com uma sensaboria pouco vulgar. Charadista por inclinação, caminha desassombrado até ao conceito, quasi que sem dar por isso. O physico resente-se-lhe da leitura. Desbotado como uma gravura do Archivo, e rombo como um epigramma da Revista Popular, passa a vida comendo o dinheiro que ganhou agiotando em Lisboa, dormindo a sesta nas tardes calmosas de verão, e jogando o voltarete, ou a manilha fallada, nas compridas noites de inverno. Em pequeno lêra o Carlos Magno com tamanho interesse e avidez, que ainda se enthusiasma pela gigante Amiota, quasi tanto como um inglez pela ginger-beer, e um patriota allemão pela unidade germanica. Amigo de bons bocados, joga por habito em casa da morgada, aonde o ganho é certo. Se as cartas lhe não vão bem, tem a côr por indemnisação dos codilhos. Agiota retirado, é gastronomo em activo serviço. Em ambas as occupações se avanta o bom do provinciano. Deixemol-o por em quanto aqecendo-se com a canja com a sua habitual gravidade, e prosigamos este capitulo.

O silencio é solemne, como sempre acontece no começo de todas as refeições. De bocado a bocado a velha agafata suspira e acotovela o major, que, de vedeta a um enorme lombo de porco, nem sequer pestaneja. Uma das meninas está sentada diante de mim. Entre ella e a velha agafata, um vulto quasi mythologico, uma especie de Saturno da fabula, trincha magestosamente um pato bravo. A casaca de briche sobe-lhe imprudentemente até a nuca, servindo-lhe de gola e de almofadilha ao mesmo tempo. Antigo frequentador do Nicola, é quasi que um eicrone officioso da pezada Lisboa do tempo de Jose Daniel. Para elle não ha monumento artistico como o lagarto da Penha, nem soldado mais aprazivel do que as hortas de Chellas. Perna fixa dos extinctos ouiteiros, tentou por mais de uma vez levar a cabo uma decima, sem poder achar duas consonant - em ão. O que não tinha conseguido haver, dava-o hoje pelo amor de Deus. Desertor do Paruaso, o commissario abria-lhe os braços, e o que não tinha alcançado das musas, districtava-o agora pacificamente grangeado pela sua agencia. Não prodêra porém de todo a mania de fazer linhas curtas, que elle chirmava de versos com o maior sangue frio mandando. Em sonetos consideravase mod- lo, e ninguem tinha a audacia de fazer annos em casa do senhora morgada, sem ser lembrado com quatorze versos, asperos de arripiar os cabellos, e mancos de fazer dô á gente. Era o sabixinô da terra. Desde o bilhete amoroso até á correspondencia hybrida para os jornaes politicos, tudo era obra d'aquelle genio em dispuabilidade. Descripções de luminarias, macerabões celebres, plantação e cultivo da lava, recerologias e sonetos de annos, todo em trabalhos seus. Vel-o sorrir era uma graça especial, e raras vezes acriçedra dos profanos. Por de goar do nosso amigo o amor entrara com elle. Apoiado por uma das meninas da casa, mais de uma resma de papel se lhe tinha ido em madrigaes e aereotrios, sem esperanças de feliz resultado. No S. João que passára, tinha queimado alcaçobras, que floriram e rebentaram como se as não houvesse queimado. Era este o ponto de

partida do illustre poeta. Como vêem, as suas esperanças eram cercadas de espinhos. Dotado de animo varonil, tinha uma vontade de ferro; o que hoje fazia por amor, tinha-o d'antes feito por ambição. Assim explicavam os seus innumeráveis inimigos a maneira por que tão de repente enriquecera á custa da bolsa alleia.

Os convivas iam-se animando. Um gordo peru, habilmente trinchado pela menina mais nova, acaba de passar por diante dos avidos olhos da agafata, que o passára ao padre, do padre ao major, e do major ao meu visiuho do lado, aonde fizera alto. A conversã, ha pouco encetada a meia voz a uma das cabeceiras da meza, va-se tornando geral. Uma companhia de actores ambulantes, ha pouco chegados a terra, é o assumpto do dialogo entre a morgada e uma das filhas. A tragedia «Inez de Castro» e a farsa «Manuel Mendes» tem alvorotado a villa inteira.

O capellão, entusiasta de censura prévia, assistira ao ensaio geral, e affiança á senhora morgada, que as duas pegas em questão não offendem a boa moral, e podem ser vistas sem perigo por duas meninas solteiras. O major pergunta localmente se as pegas levam tropa, e a mãe promete levar as filhas ao theatro se a representação não cair n'uma quinta feira, vespera do dia de jejum, e como tal imprópria para divertimentos d'aquella natureza. As raparigas encommendam-se a todos os santos da sua devoção, para que a recita venha cair em dia que não complice com aquella annunciada, mas intempesitiva prohibição.

N'este momento a bulha de muitos guizos, e os repetidos estalos de chicote accusavam a vinda do correo da provincia. A morgada chammejavam-lhe os olhos; o seu maior desejo era levantar-se da meza, para saber se tinha tido carta do filho; não quiz porém quebrar pela etiqueta, e contentou-se em mandar saber por um criado, se tinha vindo o correo de Coimbra, e se o menino tinha escripto. As duas irmãs olhavam furtivamente uma para outra, querendo dizer com os olhos o que se não atreviam a revelar fallando. O ex-commissario, furo, como se de repente lhe fugisse uma consonante, recortava uma pomba n'uma coada de pão, e com os olhos fitos n'umas frutas de escabeche não proferia palavra.

Comerava se a receber que o menino não tivesse escripto, quando o criado, entrando esbaforido, veio desvanecer todas as suspeitas de que tamanha infelicidade tivesse acontecido. A carta abriu-se ali mesmo. Segundo reviam umas vinte linhas, escriptas em letra maisnouca, era optima a saude do morgado, mas flagrantes as injustigas de que fóra victima. Reprovado plenamente, dava parte á mãe de que o seu maior desejo era ir viajar. Um engenho post-scriptum fazia recordar á viuva, que fóra assim que o senhor capellão-mór adquirira um cabedal de conhecimentos, digno de fazer inveja a qualquer abade formado e reformado. As lagrimas saltavam pelos olhos a morgada, tão copiosas, como tinha sido minguada a erudição do marido, e abundantes as mentiras ao senhor seu filho. Um suspiro hypocrita da agafata, fó o ponto final da carta, que apesar de approvada facilmente em familia, devia ter segunda leitura em oportuna occasião.

Aqui o major tomou a palavra, e n'um estylo torcido e fértil em reticencias, começou apontando os inconvenientes das viagens longuissimas, baseado na autoridade de Gulliver, e na propria experiencia, exemplificada com uma excursão que fizera em rapaz até á Extremadura hespanhola. N'isto uma periz com molho de villão fez seccar aquella torrente

de boa e copiosissima prosa, em que os conceitos, correndo parelhas com as bernardiees, levavam o velho militar ao capitolio da asneira. Estamos em plena Areadia. Começam as saudes; as banalidades cruzam-se; e o antigo frequentador do Nicola, impertigado, de copo em punho, n'uma allocução abundante de sédças trivialidades, bebe á saude da dona da casa um vinho que fóra veneno, a não desmerecer como epilogo da sensaboria do prologo. Acabada a ceia, demos todos graças a Deus, e cada um se retirou para sua casa, excepto eu, a quem um feliz acaso fizera quasi que da familia. Uma cama, fófa e alvissima, esperava por mim. Para a semana saberá o leitor, se for curioso, a historia de uma paixão toda romantica, contada por uma velha classica nos quatro costados. O dialogo, fielmente por mim transcripto na sua integra, fará batar mais de um coração feminino, e causar a desillusão a mais de um velho enamorado. Lavado d'ahi as minhas mãos. A historia, como eu a hei de contar aqui, póde talvez deixar de ser verdadeira, mas ha de ao menos ter a novidade do estylo desenvolvido da matrona a quem de direito compete o merito da narração. Esperem até ao numero seguinte, e verão que lhes fallei a verdade.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

#### INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GRECIA.

CREOU-SE ao mesmo tempo, como accessoria a esta escola normal, uma escola primaria modêlo, onde os mancebos destinados a exercer o magisterio se amestrassem na pratica do ensino. Os professores da escola normal primaria, presididos pelo seu director, formavam a commissão de exame, que tratou desde logo de obrigar os mestres existentes a apresentarem-se. Os que puderam sujeitar-se aos exames e provas exigidas (que andavam por uns trinta) ainda que nem todos com tão bom exito como fóra para desejar, principiaram immediatamente a exercer as suas funcções, porque importava ao paiz não ficar por mais tempo privado do ensino primario. Mas só se lhes confiou o encargo de mestre de tereira classe, e com a condição expressa de que dentro de dous annos tornariam a apresentar-se á commissão de exame: se então dessem sufficientes provas de conhecimentos necessarios, poderiam receber a sua nomeação definitiva, ou um accesso proporcionado á sua capacidade.

Ao mesmo tempo que o governo lançava assim os fundamentos da instrução primaria, provia com igual zelo á organização do ensino superior. A maior parte das pessoas aptas para este ensino se achavam então fora do reino; o governo as convidou a virem occupar os logares vagos nos gymnasios e na universidade. Mas para que a juventude estudiosa não carecesse entretanto de ensino superior, e com o fim de preparar convenientemente os estudantes, que houvessem de passar á futura universidade, estabeleceu o governo um gymnasio em Egina, o qual se trasladou depois para Athenas, incumbido da sua direcção o sr. Gennadios, secundado pelos melhores professores.

Dentro em pouco estabeleceram outro gymnasio em Nauplia, aggregando a cada um d'elles uma escola hellenica destinada a servir de modêlo para esta especie de estabelecimentos. Relativamente a outros gymnasios e escolas hellenicas, assim como á uni-

versidade, que devia abrir-se no 1.º de outubro de 1834, resolveu-se esperar o resultado dos convites que se tinham feito, elaborando-se entretanto os regulamentos necessarios para taes instituições. Estava-se porém n'estes preparativos, quando sobreveiu uma mudança no pessoal da regencia, que retardou por largo tempo a execução d'este projecto. Entretanto se foram creando pouco a pouco algumas escolas hellenicas, e se esperava com maior impaciencia cada dia o estabelecimento da universidade, quando finalmente, em 1837, se deram subitamente as ordens concernentes a este objecto. Alguns dias depois el-rei, que voltava á Grecia com a sua formosa esposa, desembarcou no Pyreú, e confirmou com muito prazer um instituto que elle se havia proposto estabelecer no paiz desde muito. D'este modo se concluiu o edificio da instrução publica na Grecia, e o que corou este edificio foi receber a universidade uma existencia legal. Apesar de tudo ainda havia muito que fazer para que a lei fosse uma realidade. Só um pequeno numero de professores tinha tido até então occasião de exercitar-se no ensino publico; e por outra parte era mui difficil reunir um numero sufficiente de estudantes convenientemente preparados, porque os gymnasios ainda não tinham recebido todo o desenvolvimento necessario. Estavam aliás quasi desprovidos de livros, collecções e instrumentos de physica e astronomia. Não existia local adequado para as cadeiras. O unico edificio de Athenas, que por suas dimensões podia até certo ponto bastar para as primeiras necessidades, era de difficil e até perigoso accesso de inverno e de verão.

Como estava definitivamente fundada a universidade de Athenas, nada se omitiu para remediar as faltas que apresentava esta nova criação. O thesouro publico se encarregou de pagar os ordenados dos professores, e o aluguer dos edificios occupados, subministrando as sommas necessarias para compra de livros, instrumentos, etc.

Varias pessoas fizeram donativos d'esta especie á universidade, e algumas lles offereceram bibliothecas inteiras. Outras, e entre ellas o sr. Brandis, que se achava então na Grecia, o sr. Rhallis, actualmente ministro da justiça, e o sr. G. Dokos, que merecem especial menção, conceberam depois o projecto de proporcionar á universidade, por meio de subscripções voluntarias, um bello e espaçoso edificio, capaz de conter não só as aulas e amphitheatros, mas tambem as galerias necessarias para as bibliothecas e collecções scientificas. A este pensamento patriotico se deve estar já terminada a parte mais dispendiosa das construcções (1). El-rei mesmo quiz contribuir para a edificação d'esta obra de utilidade publica por meio de um donativo de 6:000 drachmas do seu bolsinho.

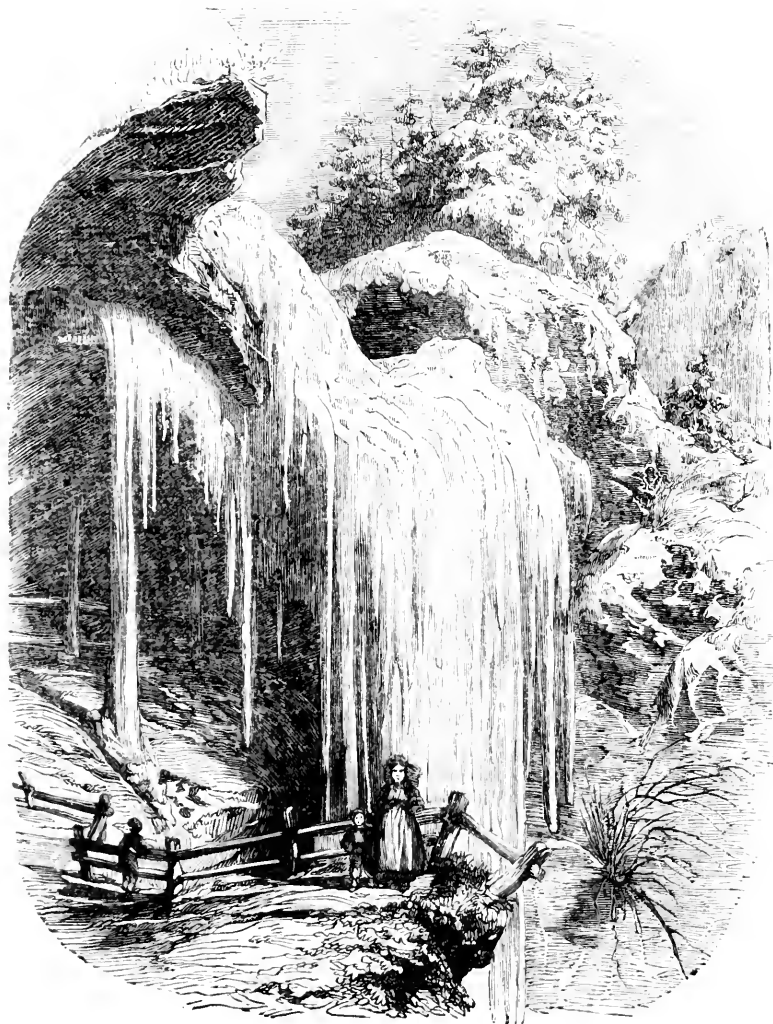
Eis a historia dos progressos da instrução publica na Grecia no espaço de dous annos. Segue-se agora o quadro do estado actual do ensino n'este novo reino. Se se considerar os escaços recursos de que pode dispor, e o que tem sido necessario fazer n'um paiz onde tudo estava por crear, se conhecerá que não ha exaggeração alguma em quanto fica dito sobre o zelo da nação e do governo para a organização e desenvolvimento da instrução publica.

(Continúa.)

1.

(1) O edificio da universidade está construido com gosto, no estylo antigo. A bibliotheca pode conter duzentos mil volumes.





SUISSA — CASCATA GELADA DE GIESBACH

O PERFEITO contraste de gelos e de verdura, de florestas silenciosas e de catalupas susurrantes, de paisagens alegres, e de precipícios medonhos, torna a Suíssa uma das regiões mais pittorescas da terra, e não só explica, mas justifica a predilecção da maioria dos viajantes.

VOL. III. — 1.<sup>a</sup> SÉRIE.

Em muitos numeros dos anteriores volumes do Panorama temos dado largas noticias da Suíssa, e suas instituições, por isso nos dispensamos de repetilas.

A gravura representa uma das raridades naturaes da Suíssa, objecto da admiração unanime dos forasteiros; é a cascata gelada de Giesbach.

SETEMEIRO 16, 1854.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMÓRIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XXXI.

## Juizes.

Não consegui descobrir em que anno se constituiu Arrayolos em villa, e começou sua vida municipal. Pode-se todavia assignar com segurança a este successo a data do seculo 12.<sup>o</sup>, por quanto nos primeiros annos do 14.<sup>o</sup> já o concelho de Arrayolos se achava sufficientemente robusto para empregar a obra do castello (1).

A organização do governo municipal do concelho de Arrayolos era semelhante as das outras villas. Compunha-se o corpo da governança do alcaide (mór), juizes ordinarios, e depois juiz de fora, procurador do concelho, escrivão da camara, syndico da mesma, procuradores e escrivão dos misteres, almotaçes, e os competentes officiaes subalternos de justiça e administração, como nos demais concelhos. Os juizes, vereadores, procurador do concelho, e escrivão da camara podem considerar-se elementos fundamentaes do corpo da governança municipal. Os procuradores e escrivão dos misteres, os almotaçes e o syndico foram introduzidos depois, e talvez cada um em diverso tempo. O alcaide (mór) era entidade superior, de caracter mixto, militar e administrativo. Não era essencial ao systema municipal, mas existia sempre onde havia castello ou fortaleza. Os juizes a principio eram singelamente assim chamados. Depois acrescentou-se-lhes o epitheto de *ordinarios*, para os distinguir de outros novos juizes *extraordinarios*, não eleitos pelos concelhos, mas nomeados pelo rei ou senhor da terra, a que se chamou de *fora*, por serem com effeito pessoas de fora, e não residentes na povoação. Os primeiros juizes de fora datam do tempo d'el-rei D. Afonso V. Eram pessoas leigas, e recebiam commissão especial e transitoria.

Os juizes ordinarios eram dons, iguaes ambos em jurisdicção e auctoridade: visível continuação dos *dumviro*s romanos (2). Esta magistratura *dumviral* trazia as vezes certos inconvenientes, não procedidos de sua origem electiva e popular, mas da sua constituição *dumviral*, isto é, da igualdade e simultaneidade de poderes. Resta-nos nos archivos da terra memoria de mais de uma grave dissensão entre os dons juizes. A mais pertinaz, que abrotou por muito tempo a terra, e perturbou a administração municipal rebentou em 1615. As eleições municipaes, e as da casa da misericórdia, estabelecimento já então de primeira importância nos concelhos, traziam, como era natural, a gente da villa dividida em parcialidades. O duque de Bragança, senhor da terra, ou por ignorar esta circumstancia, ou, o que é mais provavel, querendo muito de proposito promover a concordia pela distribuição igual de poder entre os cabeças dos bandos, metten na pauta por juizes para este anno de 1615 a Simão Moreno e Gaspar de Arez. Moreno, genio inquieto e ambicioso, pouco feito para ser porpartilhas na jurisdicção, tentou logo em principio do anno supplantar os contrarios, levantando com seus parciais na praça publica grande motim e arruído. Conzregou-se a camara, e escreveu ao duque em 18

de janeiro dando conta do caso, e pedindo-lhe mandasse o seu ouvidor a tirar devassa, ouvindo o testemunho dos homens do povo, que não fossem das parcialidades da terra (3). Sem embargo de outras providencias, acudiu logo o duque remediando, quanto por então podia, os inconvenientes do *dumviral*, mandando por carta sua que os juizes viessem á camara alternados e nunca ambos juntos. O juiz Moreno não se deu por contente com esta resolução. Pareceu-lhe talvez derogatoria de sua auctoridade, e declarou secamente que não viria á camara. Esta accordou em 14 de março notificar-lhe em forma o mandado do duque, e escrever ao mesmo senhor, se o referido juiz não quizesse depois vir a ella (4). E com effeito ou eesson de ir á camara, ou talvez comparecia n'ella com largos intervallos; até que enfadado de sua propria inercia tentou reconquistar a jurisdicção, que ninguem lhe disputava, e annullar com estrepito a sua espontanea abdicção, pela forma que consta do seguinte assento no termo ou acta da vereação de 24 de outubro. «E por quanto Simão Moreno, juiz, mandou, estando nós em camara, que queria vir a ella como juiz, por ser sua a semana da camara: e logo por o juiz Gaspar de Arez estar presente n'ella, lhe mandou dizer que elles audavam *ingizados* (alternados), e que esta semana era sua das audiencias e camara; e por isso queria estar e assistir n'ella como sempre o fez. E elle dito Simão Moreno, juiz, disse que ella era sua, mas que elle lh'a largava, como tinha largado outras muitas. E logo o dito juiz Gaspar de Arez disse, que elle não lhe tomara camara nenhuma sua, nem meza, mais que as suas que lhe cabiam por alternativa, e que essas nenhuma perdéra; e as que se acharem sem juiz eram d'elle Simão Moreno. E assim mais disse elle Gaspar de Arez que o sabbado passado, 17 dias de outubro, que entrando os vereadores em camara, elle Gaspar de Arez, estando na praça á vista d'elles vereadores, e fallando com alguns d'elles, não veiu á camara com elles, por não ser o sabbado seu; mas que depois, a requerimento dos vereadores, estando elles ainda em camara, viera acudir a uma desobediencia, que se fez aos ditos vereadores e procurador d'esta villa na mesma camara (5).»

D'aqui se vê quanto a discordia continava a lavar rijamente, e o governo da terra padecia. O duque não podia permanecer indifferente á vista d'este triste quadro de desolação de uma de suas villas. Querendo tentar a conciliação dos animos pelo bom termo e pela persuasão, escolher dons homens principaes da terra, que deviam de ser no rigor da phrase dons *homens bons*, o licenciado André Lopes Franco e Martin do Valle de Moura, e os encarregou de ajustarem as pazes e firmarem a concordia entre as partes belligerantes. Aos 30 de dezembro de 1616, juntos nas casas da camara os juizes, vereadores, e pessoas da governança, prozeceram os dons commissarios ducaes como da parte do duque lhes estava encarregada a paz e concordia das pessoas acima nomeadas, e que o dito senhor lhes havia declarado, que vivendo em paz se haveria por bem servido d'elles, e que fazendo pelo contrario, mandaria castigar os contumazes como suas culpas merecessem. Que o mesmo senhor duque tinha entendido, que parte d'estas discordias procediam das eleições, que se fazem assim para governo da terra, como para administração da casa da misericórdia; e n'este particular lhes

(1) Vid. capitulo VIII.

(2) Vid. Alexandre Herculano, Historia de Portugal, tomo 4.<sup>o</sup>

(3) Liv. das vereações de 1612 a 1615, fl. 217 v.

(4) Liv. dito, fl. 228 v.

(5) Liv. das vereações de 1615 a 1618, fl. 22.

mandava que depois d'esta conformidade deixem correr o curso das eleições livremente, e que elle terá particular cuidado de saber o como n'esta parte elles se lião, para que seja bem, e l'ho agradecer. E todos em conformidade responderam que estavam prestes para cumprimento do acimadito, assim e da maneira que por sua ex.<sup>a</sup> l'hes esta mandado; e para firmeza d'esta concordia assentaram e prometteram sob pena de menos valer de se não molestarem uns aos outros com testemunhos nas devassas ordinarias, que os ouvidores e juizes costumam tirar, ou em algadas, vindo algumas a esta terra, nem em devassas de quaesquer outros juizes. E porque gente da segunda condição costuma a vir com mexericos, com que se perturba a paz, assentaram que havendo algum queixoso n'esta materia se vá logo ter com os juizes ambos, ou cada um d'elles, para que sendo materia de descomposição, elles a componham; e sendo caso de importancia o escrevam ao principe; e o mesmo farão elles sobreditos. E em seu nome fazem esta proposta, e prometteram os presentes, que tem filhos familias, o mesmo em nome de seus filhos. E por firmeza de tudo ordenaram que se fizesse termo d'esta concordia, que prometteram guardar, e nunca em tempo algum vir contra ella em prejuizo dos que por ella querem estar. Seguem-se 24 assignaturas (1). Tanto confiava o duque que assim serenasse a tempestade, que não duvidou incluir nas pautas para vereador do anno seguinte (1617) a Simão Moreno, o ex-juiz prezo e processado por estas discordias. Era uma amnistia indirecta. Aberta a pauta em camara na forma do estylo, no 1.º de janeiro de 1617, foi chamado Simão Moreno para tomar juramento de vereador, e respondeu que estando prezo, e tratando de livrar-se das culpas, em que se achava incurso, não devia servir os officios da republica. O juiz Pero Vaz não attendeu a escusa alguma, e assim Moreno prestou juramento com protestação (2). O outro juiz, Paulo Dias, era de opinião diversa; como porém não podia desmanchar o que fóra resolvido pelo collega, limitou-se a declarar em vereação de 28 de janeiro, que sendo elle igual com seu parceiro, l'he não ficava logar de mandar n'esta materia nada; mas que protestava de não se metter em tal negocio, e que todo corresse sob a responsabilidade do dito seu parceiro, que n'elle se tinha mettido, e mandado n'esta materia (3).

Não podemos saber pelas memorias, que restam, o progresso e conclusão d'estas alterações. Só sabemos que os espiritos continuaram agitados por alguns annos, e que ainda em 1624 havia graves symptomas de desunio entre a gente da governança. Ambos os juizes nomeados para servirem n'este anno prestaram juramento com protestação de que o faziam só com medo das penas, e não porque quizessem servir (4). Se os dous juizes estavam n'isto conformes, discordavam profundamente em alguns pontos de administração. Em vereação de 15 de junho de 1624 disse Antonio do Casal Neto, juiz, que Gil Machado, outrosim juiz, tinha suspensos os tabelliães e escrivães da terra, e que elle Antonio do Casal não sabe a razão que teve, e que a terra padecia na administração da justiça. Que os officiaes da camara tinham obrigação de o mandar avisar que levantasse a suspensão aos ditos escrivães, para que a terra se pudesse governar, e não querendo levantar a suspen-

são, elles officiaes escrevessem a sua ex.<sup>a</sup> sobre isso; porque elle Antonio do Casal protesta de l'he não ser dado em culpa, se alguma cousa succeder á falta de escrivães. E os officiaes assentaram que se escrevesse sobre isso a sua ex.<sup>a</sup>, e que primeiro fosse notificado Gil Machado (5).

Se ha odios tenazes, são estes nascidos das ambiçõesinhas do pequena povoação. Legam-se por herança aos filhos, perpetuam-se como vinculo nas familias. Não admira pois que as tentativas do duque para apaziguar pôr meios brandos as dissensões de Arrayolos falhassem umas apoz outras. Era necessario applicar um remedio heroico, desembainhar uma pequena espada de Alexandre, para cortar o nó, que a arte não sabia desatar. Essa espada achou-a o duque n'um juiz de fora, o licenciado João Rodrigues Fontoura, que começou a exercer o seu cargo em agosto de 1631, e foi o primeiro da serie, que sem interrupção durou por dous seculos completos.

Cumpre porém advertir que já não era nova na terra a magistratura do juiz de fora. Por duas vezes em annos anteriores haviam funcionado semelhantes magistrados, mas o seu serviço havia sido ephemero, e talvez como ensaio. O 1.º começou em principios do anno de 1569 (6), e já no 1.º de outubro de 1572 serviam novamente os juizes ordinarios (7). O 2.º foy despedido pelo duque, a 21 de junho de 1591. tomou posse em camara de 28 do dito mez (8), e não chegou a terminar o triennio, por quanto a 3 de janeiro de 1594 já havia outra vez dous juizes ordinarios (9).

## J. II DA CUNHA RIVARA.

### A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

#### QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

#### III.

No CAPITULO antecedente deixei as minhas leituras sem ainda sabermos a historia da heroína d'este romance. E tempo de l'ha contar. Primeiro porém peço-lhes venia para esboçar aqui o retrato da verdadeira auctora d'esta narração. Quando eu conheci a senhora Geneveva, orçava ella pelos seus sessenta e oito annos, para mais, que não para menos. A cabeça era-l'he branca como a neve; a bóca risinha e composta; e os olhos ainda vivos e esperfos como duas scintellas. Aceitada e bem posta como um palmito, quer rezando, para dar descanso á roca; quer fando, para dar treguas á oração; nunca ninguém a vira enxovalhada ou em desalinho. A touca branca, de folhos, dava-l'he um aspecto senhoril; o rosario pendendo-l'he da cinta, levava a gente a respeitá-la. A senhora Geneveva não sabia nem ler nem escrever; em troca porém dera-l'he Deus uma memoria de anjo.

(1) Liv. das vereações de 1615 a 1618, fl. 124 v.

(2) Liv. dito, fl. 128.

(3) Liv. dito, fl. 149.

(4) Liv. das vereações de 1624 a 1627, fl. 15 v.

(5) Liv. dito, fl. 31.  
(6) Acho-o a 2 de fevereiro de 1569. Liv. da receita e despeza do concelho do anno de 1568. No cartorio da camara.

(7) Documento da demarcação do termo com o do Vimieiro, do 1.º de outubro de 1572, que vac mencionado no capitulo XVII.

(8) Liv. das vereações de 1590 a 1594, fl. 94.

(9) Liv. dito, fl. 239 v.

Conversar com ella, era quasi como ler a chronica da provincia nos ultimos trinta annos. Sabia por ordem chronologica os nomes de todas as auctoridades civis e militares, que tivera a provincia desde 1821. Tendo lidado com a boa e legitima fidalguia dos arredores, tinha apprendido com ella uns certos ares distinctos, que captivavam e prendiam a quem tinha o gosto de conversar meia hora com a senhora Geneveva. Com o dom da palavra, mas sem pretensões, o discurso corria-lhe limpido e manso, como o arroio que murmura. Apesar de velha, cousa que fosse do coração achava n'ella sentimento para a entender, e lagrimas para a apreciar.

A senhora Geneveva era uma d'estas naturezas de mulher, que como a folha do ulmeiro se balouça por qualquer brisa, e se deixa arrancar por um pé de vento, que sopra um pouco mais rijo. Tinha lagrimas para todas as dores; e palavras de consolação para todas as desgraças. Por isso a velha me contou a chorar os primeiros amores da menina, que criára como filha sua, e estimava ainda com todas as veras do seu coração. A historia é como se segue:

Na primavera que passára viéra de Lisboa á provincia um primo da senhora D. Magdalena, que assim era o nome da menina mais velha da casa. A velha criada descreveu-n'o assim: Rapaz de vinte e quatro para vinte e cinco annos, raras vezes o sorriso lhe assomava aos labios. A tristeza n'elle era natural, e sem affectação; dir-se-ia que uma grande dor lhe andava lá por dentro a queimar a vida, e a murchar-lhe em flor as esperanças e as alegrias. Os olhos trazia-os sempre pregados no chão, como quem tinha saudades de deixar a terra tão cedo. Temia-se do outono, como se uma voz intima lhe estivesse a dizer em segredo, que a vida se lhe havia de ir, como as folhas verdes das olaias, que se penduravam ainda orgulhosas á beira dos saudolos e cobicados caminhos da sua terra.

Como acontece sempre a quem se vê tão perto do céu, todo elle era puro amor, sentido como a ultima despedida, forte e robusto como a extrema expressão de muitas affeições reunidas. Ambicionava a vida para amar Magdalena, mas presentindo que lhe fugia o tempo, apressava-se em vazar do peito sem ordem, e quasi que em delirio tudo o que pensava e sentia por ella.

Aquella paixão matou-o. Era forte de mais, para que dentro em pouco se não traduzisse n'um epitafio!

Magdalena tambem o amava, mas com toda a singeleza de um primeiro amor. Tendo-o conhecido já doente, acostumára-se a amal-o como uma recordação; queria-lhe como ao berço em que se embalara em pequena; como ás saudades da infancia, como a tudo o que tinha sentido de agradável, brincando ou sorrindo descurada pelas esmeraldas da campina. E não me digam que não era um verdadeiro amor aquelle. Era. Por ser innocente não deixava de ser grande; era um amor perlumado de melancolia, como o de Jocelyn; mas nem por isso deixava de ser epico e robusto, como o de Hermengarda.

Aquelles amores tinham começado castos e puros como a flor que lhes servira de mensageira; e acabado n'um cicio triste mas suave, como o da folha que se desprende do tronco, sobre a relva ainda humedeada pelos prantos da madrugada. Como aquellas duas almas se fallavam e comprehendiam, era um mysterio para os mais. Só se fallavam, como as flores quando a brisa as embala, segredando-se no mesmo tronco, sós, sem mais confidentes do

que o sol quando nasce; ou a lua quando pallida se mergulha nas aguas do oceano.

Criados juntos em creanças, tinham-se costumado a quererem-se e a amarem-se um ao outro, como se queressem dous cantos do mesmo poeta; como se entendem dous sentimentos da mesma alma; como se traduzem e combinam dous sons da mesma lyra. Magdalena sentia em si muita vida, e no coração muito fogo, para não deajar repartir o coração e a vida. Elle, pelo contrario, faltava-lhe a esperança, desbotava-se-lhe a fé do futuro, e forcejava concentrar n'um sentimento, n'um unico nome, o que em breve a campá lhe havia de vir ronbar. Aquelle sentimento era o amor; aquelle nome o de — Magdalena!

Deixei-me ir chorando atraz do amor! Não se admirem as minhas leitoras, que como eu o não sei sempre visto com azas, que o pintor de certo lhe não teria posto se não fossem para voar. E tanto vouu d'esta vez, que nem tempo tive para conceder a palavra sobre a materia á boa da velha Geneveva. Depois de se acabar inscripta, foi um subterfugio parlamentar pouco justificavel por lezar nos seus inquestionaveis direitos a respeitabilissima decana d'esta historia. Quiz remediar o mal, que tinha feito, mas já não era tempo. O arrependimento mais vale tarde que nunca, diz um rifio portuguez. Depois de me ter posto a devanear por minha conta e risco sobre os amores alheios, vinham mal cabidas aqui as singelas observações da tia Geneveva. Na proxima sessão, já d'aquí prometto conceder-lhe a palavra antes da ordem do dia. S. Bento me não ajude, se a velhinha coitada não fór ouvida como merece. Ha de sel-o, quero lhe dar a satisfação de lhe pôr aqui palavras suas em letra redonda antes da sua morte. É uma vaidadesinha, que ella ha de levar satisfeita d'este valle de lagrimas. Tem tanto direito a isso, como qualquer socio da academia a estafar em periodos de vara e meia a syntaxe, e o senso commum. Por hoje está levantada a sessão. Fica reservada a palavra á tia Geneveva, que piamente acredito que fallará com tanto conhecimento de causa sobre a materia, como qualquer bacharel fossil discorre e decide sobre os direitos protectores.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

## SCENAS DE ESCRAVATURA.

V.

A LOCCA.

O COLONO proseguiu assim:

— «Apenas desembarquei, todos os meus esforços se dirigiram a encontrar Maria; porém debalde percorri, durante oito dias, os bairros do Recife, de Santo Antonio e da Boa-Vista; alonguei-me até Olinda, fiz todas as diligencias possiveis, mas ninguem reconhecia os signaes que eu dava do gordo proprietario e da serva. Enfim, uma noite, atravessando vagarosamente a rua das Cruzes, lancei por acaso a vista para uma porta em que havia luz, e junto á qual estavam dous homens conversando. O som de uma voz conhecida e excedida fez-me pular o coração! Aproximei-me da porta, e reconheci o amo de Maria em um d'aquelles dous homens: ia para me lançar a elle, porém a desgraça já me havia tornado cauteloso; passei adiante, e unido á parede, com

olhos e ouvidos attentos, esperei que terminasse a conversa. Se elle moria ali, dizia eu comigo mesmo, fico sabendo aonde o hei de procurar; se não mora, ha de tomar alguma direcção, e vou segui-lo. Com effeito, dez minutos depois, o homemzinho despedia-se do seu amigo, e passava perto de mim com a maior tranquillidade. De um pulo saltei sobre elle; com uma das mãos segurei-lhe a garganta de maneira a impedir-lhe a falla, com a outra mostrei-lhe uma faca de ponta: «Ao menor movimento que tentares fazer, estás morto,» disse-lhe eu; e accrescentei, deixando-o respirar: «Que fizeste de Maria, a mulher que levaste da barca *Feliz*?» O velho respondeu fleugmaticamente: «Mau negocio foi esse; a maldicta fugiu no mesmo dia em que lhe paguei a passagem, e não soube mais d'ella... ha de estar abito por algum bordel.» Acreditei a primeira parte, e a segunda ia custando a vida ao malvado. Elle que sentia a minha convulsão, e que conservava toda a presença de espirito, como endurecido já na maldade, bradou com fingido susto. «Olhe esse homem!» e quando eu virei o rosto para ver quem se aproximava, escapou-se-me das mãos, e deitou a correr, gritando por soccorro. O infame juntava o escarneo á preveridade! Corri sobre elle, resolveu a matal-o; porém um outro humem se apresentou diante de mim, com uma espingarda na mão. «Se não paras, desfecho,» disse elle; e eu creio que ainda assim avançaria, se não reconhecesse a voz do recém-chegado: era um dos meus companheiros de viagem, e visinho da villa da Praia.

— «Manuel, sou eu, deixa-me passar,» lhe bradei; «porém elle, que via aproximar-se mais gente, empurrou-me, dizendo: «Foge, foge, que eu amanhã te darei noticias de Maria... no mercado de Santo Antonio, ao meio dia.» Voltei; Manuel lá apaziguou aquella gente, que me não seguiu... traidor!»

— «Traidor por te livrar?» interrompi eu, admirado.

— «Jogava com pau de dous bicos; o sr. vae ouvir o resto. No outro dia encontrei-o no mercado, e eis-aqui em resumo o que contou ter succedido a minha noiva. Violentada pelo velho proprietario, tinha perdido o juizo ao mesmo tempo que a hora, e como já para nada de servia, fora expulsa de casa, e percorria as ruas de Pernambuco mal coberta de andrajos, e apupada pelos moleques, que lhe chamavam a *louca das ilhas*. Imagine, senhor, como eu ficaria, ouvindo esta horrivel historia! E, se é possível, calcule o grau da minha desesperação, vendome em seguida cercado pela policia, preso como colono fugido e suspeito de outros crimes, pelo testemunho do proprio Manuel, meu patricio, e lançado em uma enxovia, d'onde só devia sair para regressar ao Rio de Janeiro, e ser entregue ao meu senhor!... A hora da partida sou: porém a justiça de Deus ainda não estava satisfeita com o tremendo castigo, que havia soffrido até ahí, por culpa dos meus grandes peccados! Era preciso que visse, sem lhe poder acudir, a pobre louca, rôta, ensanguentada, cadaverica, ser tirada das aguas, aonde se arremegara voluntariamente; e em quanto a conduziam para o hospital, embarcar eu para o navio que ia transportar-me aqui!...»

— «Que foi feito da pobre louca?»

— «Teve Deus piedade d'ella... bem a merecia! Morreu.»

Depois de uma longa pausa, durante a qual o novo grumete chorou bastante, resolvei-me a dizer-lhe:

— «Maria está no céu, não se deve chorar por ella. Conta-me o que te succedeu com teu amo.»

— «O homem contava com o vigoroso colono de outro tempo, mas enganou-se. Como até aqui ainda se não manda um branco ao tronco, como se faz ao negro, para o carrasco pagar a letra de agoutes, que sobre elle saca o senhor, e que é endossada pela auctoridade policial, sem querer saber qual é o crime do escravo, e importando-lhe tão sómente que se pague a dinheiro, a modo de juro, um tanto por cada chicotada; como o branco, posto que mal tratado de palavras, e peor de comida e vestuario, preso por um contrato fraudulento, que só vem a conhecer como tal quando não pode fugir ao juizo, não está contuido sujeito a ser amarrado no pateo da casa do seu senhor, e fustigado como um pérrro fugido; eu tornei-me mandrião por tal forma, que meu amo expulsou-me da roça, e mandou-me guiar aquella carroça, que o senhor viu, para levar agua a casa da cidade. Não sei se o meu contrato já acabou, mas estou certo que não tornam a procurar-me.»

— «Ainda assim, não és dos que mais tem de que queixar-se. Os trabalhos que soffreste, foram procurados por tuas mãos; ali estão outros colonos a bordo, que, enganados na sua patria por falsas promessas, vieram gastar o vigor da mocidade n'este clima abrazador, e agora regressam ás ilhas, sem forças, sem dinheiro e sem esperanças, tendo pago os tormentos da passagem por dous e tres annos de serviço violento.»

— «O mesmo me succederia, se não fosse a immoralidade, que reina a bordo d'estes transportes de carne humana; se me deixassem ir com a minha noiva servir o mesmo amo, teriam encontrado um bom agricultor, e uma boa serva, que trabalhariam noute e dia sem se queixarem. Pois eu na minha terra não trabalhava e muito? E não era a falta de trabalho o que mais temia? Mas era livre. podia deixar de servir a quem me maltratasse. O escravo no Brazil não faz tanto em um mez, como qualquer agricultor das ilhas em dez dias, não cuida do proprio sustento nem do vestuario, não está sujeito, como nós, por falta de trabalho ou por escacez de salario, a soffrer a fome ou a mendigar... mas quem não preferia a todas essas vantagens o teu vontade propria, e não ser mutilado a arbitrio de um seu semelhante?»

— «Tens razão,» disse eu, sorrindo-me da tirada philosophica do ex-colono, que mal se lembrava quanto a sua sorte era agora semelhante á do negro escravo. Acabava de ter a honra de sentar praça na marinha real, como grumete, e estava por consequencia sujeito a ser chibatado, exposto na goliha á irrisão dos seus camaradas, ou preso, com ferros aos pés, n'um logar humido e escuro; tinha que aturar desde o commandante até ao ultimo marinheiro, seus superiores... Estava livre, suppunha elle, porque não tinha um senhor determinado; mas tinha muitos... pobre rapaz.....»

Quando havia terminado a historia dos pobres colonos com as singelas reflexões que acabam de ler-se, abri ao acaso a primeira caderneta dos recém-publicados *Fastes da Iyrcja*, e deparei com uma imagem da escravidão em Roma, que podia applicar-se, ainda hoje, a muitos paizes.

— «O escravo nada possuia,» diz o elegante escriptor, «nem até o seu peculio, adquirido á custa de trabalho e de vigílias. Na mão do senhor estava sequestrar-llo. Não tinha esposa ou filhos. Os seus amores eram casuaes, e o laço conjugal nunca os abençoa. As creanças nascidas do momentaneo ardor dos sentidos e da promiscuidade do ergastulo, pertenciam ao dono da mãe, como as crias dos animais.»

Não é isto o que acabo de vos contar que succedea

na America ainda hoje? Não sabeis que na Europa mesmo subsiste a escravidão em alguns paizes? O czar não tem milhões de servos de gleba? O sultão não possui um harem de formosas captivas? E os soldados e os marinheiros não são escravos em toda a parte?... Que tem pois adiantado a humanidade, quaes são os fructos da arvore da civilisação? As machinas a vapor, os caminhos de ferro, o telegrapho electrico, novos projectis para matar muita gente de uma vez, sinos mergulhadores, navegação sub-marina, estradas por baixo dos rios, o aerostato imperfeito ainda, o magnetismo só conhecido pelos effeitos, as leis da gravidade e da attracção e do movimento dos corpos celestes... pois tudo isso vale nada em comparação d'esta grande questão da escravidura? E quando reuniu um congresso de paz no occidente rebenta a guerra no oriente! E lá vão milhares de homens arrastados para o campo de batalha decidir quem ha de ter o protectorado dos lugares santos!... E falla-se em progresso!

Não; a aurora da redempção não despontou ainda para o mundo. Os escravos de Roma, a prostituição de Roma, os gladiadores de Roma, ali estão na velha Bysancio e na moderna S. Petersburgo; correi, d'esse centro de attracção, os olhos por toda a terra, e encontrareis o vicio e a servidão por toda ella, como ha dous mil annos, só com a differença que hoje escondem se com o fumo das machinas a vapor, não soam tão claramente, porque lhes abafa as vozes o ruído dos caminhos de ferro, e o outro, maneado destramente, substitue em muitos casos a força bruta, fazendo calar a consciencia.

Fui longe do meu assumpto; mas volto depressa a elle, e vou concluir com um pequeno additamento ás scenas de escravidura, que deixei esboçadas, extractando de um dos jornaes do Brazil, que tenho sobre a meza, do que mais perto estiver, alguns annuncios, que confirmem as idéas expendidas n'estes artigos, e façam mais excedida ainda dos leitores a escravidão.

.. *Journal de Commercio de 12 de junho de 1845.*  
Anuncios:

«Vende-se uma ama de leite, bonita mocamba, com uma luda cria a desmamar-se, etc.»

«Vende-se uma esbora com abundante e bom leite, e uma cabritinha de dous mezes, etc.»

«Aluga-se uma mulher branca, para ama de leite, etc.»

«Aluga-se uma preta, que ensabóa, engomma e coze, etc.»

«Aluga-se uma parda para todo o serviço, etc.»

Esta mescla de annuncios encontra-se todos os dias nas folhas do Brazil; aluga-se a branca, a parda e a preta (todas as cores!) Vende-se a ama e a filla, a calra e a cabrinha... O' seculo commercial!... Salve! Tres vezes salve!

F. M. BORNALO.

#### OS IMPERIOS BYSANTINO E OTOMANO.

#### XIV.

*Estado anarchico do imperio: Carlos XII da Suecia fogia-se na Turquia: intrigas na corte de Achmet III. e perplexidades d'este soberano; guerras e pazes com a Russia.*

A REVOLUÇÃO, que expulso do throno a Mustaphá II, elevou ao poder seu irmão Achmet III, que con-

tava 30 annos de idade (23 de agosto de 1703). Todavia a revolta não se deu por contente só com o sacrificio d'aquelle soberano. As suas exigencias multiplicavam-se á maneira que eram satisfeitas.

O aspecto geral da Turquia era então bem triste. As guerras successivas, que se vira obrigada a sustentar em tempos em que a decadencia do imperio fazia já progressos assustadores, tinham empobrecido o paiz, e desbaratado a fazenda publica. Mas peor ainda eram os effeitos moraes de tantos revezes na guerra, e de tantas revoluções no interior. O soberano estava sem prestigio, as leis sem vigor, e as autoridades sem força. Cresciam os abusos e se arriçavam por toda a parte, e em ponto algum havia-se segurança nem para os individuos, nem para a propriedade. Na capital rebentavam a cada momento as sedições dos janisarios; nas provincias ora se rebellavam os pachás contra o sultão; ora se amotinava o povo contra os pachás. E a ordem nunca se restabelecia sem concessões, que desvirtuavam o throno, e enfraqueciam o governo, ao mesmo tempo que serviam de germen a futuras discordias.

D'est'arte os ministros e principaes auctoridades do imperio eram a cada passo sacrificadas, ou para abrir caminho a um ambicioso feliz, ou para satisfazer a brutalidade de uma soldadesca indisciplinada e turbulenta. E assim decorreram os primeiros annos do reinado de Achmet III.

Em quanto na Turquia se passavam estas scenas anarchicas, atevaa-se a guerra encarnadamente entre a Russia e a Suecia. Este acontecimento veio lançar em novas difficuldades o imperio ottomano. O imperador Pedro I e o rei Carlos XII instavam tenazmente com o sultão para tomar parte na lucta, e as instancias d'estes dous rivaes, tão depressa tinham por ponto de partida as mais lisonjeiras promessas, como logo assumiam um caracter ameaçador.

Achmet III, combatido por mui oppostos interesses, hesitava na escolha entre as duas alianças. A politica seguida pelos seus antecessores, as sympathias do paiz e as suas proprias, um instincto, talvez, moviam-no em favor de Carlos XII. Mas o poder da Russia augmentava tanto de dia para dia; o genio de Pedro o Grande dava tal impulso, imprimia tal força a esse imperio nascente (1); as suas campanhas e repetidos triumphos tinham aguerrido tanto o exercito, e excitado n'elle e no povo tão vivo enthusiasmo, que o sultão não ousava attrahir sobre a Turquia tão temivel inimigo. Bem desejava oppôr uma barreira ás invasões moscovitas, e marear o limite ao engrandecimento de tão perigoso visinho; não confiava porém nas forças do paiz. Achava-se exhausto de recursos; via abatido o espirito publico, o exercito sem um chefe intelligente, e o seu gabinete sem um ministro illustrado. Temia-se por tanto, e com razão, do resultado da lucta.

No meio d'estas perplexidades Achmet ia tomar emfim uma resolução de accordo com a opinião publica, quando a batalha de Pultava, dando á Russia uma grande victoria, arremegou Carlos XII sobre o territorio turco, fugitivo e quasi só, depois de ter perdido a maior parte do seu exercito (1709).

Este successo transtornou inteiramente as resoluções do gabinete ottomano; todavia as negociações

(1) Com quanto a Russia já figurasse nos reinados antecessores como uma nação guerreira, todavia a sua representação, como um imperio que puzesse na balança europea, só data do reinado de Pedro I. Foi este soberano que, ao mesmo tempo que a engrandeceu com as suas conquistas, a fez entrar por meio de sabias e ousadas reformas no gremio das nações civilisadas.

tinham sido levadas muito longe para que se pudessem recuar fácil e airoosamente. Durante alguns triumphos obtidos por Carlos XII, e que precederam a batalha de Pultawa, o grão-vizir havia entabulado negociações com este monarcha para uma alliança offensiva e defensiva entre as duas corôas, e chegára mesmo a fazer a promessa de pôr immediatamente em campo um forte exercito. Posto que não chegára a concluir-se tratado algum, o rei da Suecia instava vivamente pelo cumprimento das promessas, que lhe haviam sido feitas em nome do sultão. Empregando a sua muita actividade e não pouca intelligencia fazia valer perante a Sublime Porta todas as vantagens, que esta potencia podia tirar de uma alliança com a Suecia, e no reverso da medalha mostrava-lhe os perigos que ameaçavam o imperio de Osman, se, abandonando no meio do seu infortunio um soberano, a quem identicos interesses faziam o amigo sincero e alliado natural da Turquia, succedesse d'este modo para o engrandecimento da Russia.

Achmet III apreciava todas as vantagens d'aquella alliança, e antevia todos os perigos d'este engrandecimento; mas as circumstancias tinham mudado tanto depois do combate de Pultawa, que receiava tomar uma resolução, que compromettesse a independencia do imperio, attento o estado precario e melindroso em que se achava.

Estas novas hesitações eram ainda augmentadas pelas imperiosas exigencias do czar, que pretendia a expulsão de Carlos XII do territorio ottomano, e a entrega do transgava Mazeppa, chefe cossaco, a quem os russos accusavam de ter favorecido a invasão dos suecos na Ukrania.

Procurava o sultão esquivar-se a satisfazer semelhante exigencia; e com este fim, e para ganhar tempo, tentava neutralisá-lo, queixando se de violação de territorio pelas tropas russianas, quando estas perseguiram na sua fuga o rei de Suecia. Contudo, apesar dos pretextos plausíveis e phrases amigáveis com que a Sublime Porta tratava de attenuar os effeitos de uma recusa formal, Pedro I viu claramente a má vontade do sultão. A generosa hospitalidade com que este ultimo soberano recebeu a Carlos XII nos seus estados, dando-lhe em Bender uma agradável residencia, e uma boa pensão, acollimento feito, todavia, em grande parte com o intuito de subtrahir-se ao cumprimento das promessas de socorro, exasperou o czar, e incitou-o a proseguir com mais energia nas suas pretensões. Para esse fim mandou immediatamente a Constantinopla o conde Tolstoi por embaixador extraordinario.

A entrada do enviado russo na capital da Turquia foi o preludio de um jogo de intrigas, tão extenso e activo, que poz a tormentos o animo do sultão, lançando-o novamente nas maiores perplexidades.

O differente modo de encarar a questão, as variadas e oppostas conveniências, que se podiam dellá tirar em relação á Turquia já de per si tinham dado origem a duas parcialidades bem distinctas no divan e no paiz. As diligencias porém e liberalidades do rei da Suecia, por um lado, e do conde Tolstoi, por outro, interessando cada um na sua causa quantas pessoas podiam exercer influencia na corte, fizeram d'aquellas duas pequenas parcialidades dois partidos, o da paz e o da guerra, ambos poderosos pelo numero e pela influencia dos seus chefes. O da guerra, que era o favoravel ao exilado de Bender, tinha á sua frente a sultana-mãe. O da paz, que favorecia os interesses russianos, era capitaneado pelo grão-vizir Tchorlali Ali Pacha.

Finalmente prevaleceu este ultimo. Renovou-se o

tratado de paz com a Russia, e em consequencia de um dos seus artigos foi intimado o rei da Suecia para sair immediatamente do territorio turco. Recusou-se porém este principe sob diversos pretextos a deixar o seu asylo, e levou a sua obstinação a ponto de tornar infructuosas todas as tentativas de persuasão.

Achmet III, attribuindo semelhante resultado á inhabilidade do grão-vizir, demittiu-o e desterrou-o, substituindo-o por Nou'man Kupruli Pacha, membro d'essa illustre familia, que em diversas epochas, e em situações bem difficeis, havia prestado á patria os mais relevantes servicos.

Nou'man Kupruli era decidido partidario da paz, comtudo as suas diligencias junto ao monarcha sueco não foram mais felizes do que as do seu antecessor. A sua administração foi portanto ephemera. Desvanecidas as esperanças que o seu nome fizera conceber, teve de entregar os sellos do imperio a Baltadji Mahomet Pacha.

Foi esta nomeação um effeito das intrigas movidas pelos amigos de Carlos XII; assim as cousas mudaram de face repentinamente. O sultão consentiu em fim na guerra.

As exigencias moscovitas tinham augmentado tanto o odio, que já existia contra a Russia, e as sympathias que inspirava o cavalleiro rei da Suecia, que a guerra era uma concessão á opinião publica, e até certo ponto uma medida politica de muito alcance, pois que era o meio de occupar o exercito, que estava sendo um elemento anarchico, e de dar melhor rumo as idéas em geral, cujas tendencias eram visivelmente contrarias á causa da ordem.

A declaração da guerra foi por consequente recebida com enthusiasmo em todo o imperio, apesar da opposição do partido contrario, que diminuiria e perdéra a força moral com o teor arrogante das notas do conde Tolstoi, com o que muito se feriu o orgulho musulmano.

Desenrolou-se pois o estandarte do propheta, e chamou-se a nação ás armas. A popularidade da ducta, que se ia comprehendendo, facilitou ao governo os preparativos militares.

Partiu finalmente o exercito ottomano em direcção ao Pruth, tendo á sua frente o grão-vizir. A sua marcha foi tão rapida, que teve a fortuna de sair ao encontro do exercito russo, quando este se achava aquem do Pruth, e junto ás margens d'este rio n'uma posição de vantajosissima, que era dominada por diversos alturas, que as tropas turcas se apressaram a occupar. O grão-vizir offereceu logo batalha ao czar, que commandava em pessoa o seu exercito. Travou-se renhida peleja, os russos combateram com estremo valor. Flanqueados porém por todos os lados e perdidos contra o rio, quelles embarçava os movimentos; e subjulgados pelo fogo dos canhões, que corream os montes visinhos, o mais que puderam alcançar foi prothahir a victoria ao inimigo, estendendo o combate até á noite. As trevas, obstando ao proseguimento da batalla, vieram com effeito embargar o triumpho ás armas ottomanas, quando a sorte da guerra estava quasi a conceder-lho do modo mais cabal e completo.

Entretanto essas horas de repouso não aproveitavam a salvagão do exercito russo. Fora impossivel tirá-lo da situação precaria em que se achava. A luz do dia seguinte devia sem recurso alumiar o seu destino.

N'essa noite reuniu Pedro I na sua barraca imperial a todos os seus generaes, e ali teve longo conselho; mas não se apresentou alvitre algum exe-

quível, nem um unico que fizesse reflectir na alma do czar um raio de esperanza. Vender caras as vidas, morrer combatendo, morrer morte de heroes, era a resolução que mais quadrava ao caracter de Pedro o Grande. Sairam os do conselho, e o soberano ficou só, pensativo e abatido.

Em tão desesperada conjuntura, a imperatriz Catharina, que nunca abandonava seu esposo, participando sempre dos seus perigos, como participava da sua gloria e grandeza, reúne os generaes e persuade o conselho a propor a paz. Corre então a juntar quantas joias e alfazas preciosas ponde encontrar na sua recamara: e envia-as immediatamente com uma carta ao acampamento inimigo. Schaffiroff, por sua muita habilidade, foi o encarregado d'esta ardua missão. A carta era para o grão-vizir, e continha propostas de paz. As joias, que compunham um riquissimo presente, eram-lhe tambem dirigidas por intermedio do seu secretario.

Durante essa mesma noite foram entregues a carta e as joias. O mais feliz resultado coroou o plano de Catharina. Triunphára a seducção; o grão-vizir dobrou-se ao ouro, e o imperador estava salvo, salva a honra e a corôa de Pedro o Grande! A paz foi acceita e a campanha terminada.

As condições do tratado foram á primeira vista vantajosas para a Turquia. Entre outras clausulas obrigou-se o czar a restituir a praça d'Azof, chave do canal que communica o mar Negro com o mar d'Azof; e compromettia-se mais a fazer demolir as fortalezas de *Palus-Motides*, entregando aos turcos toda a artilheria que as guarnecia. Um artigo especial impunha á Turquia a obrigação de fazer sair do paiz el-rei da Suecia, sendo-lhe permittido no seu regresso para a patria livre passagem pelo territorio russo.

Entretanto, fazendo-se uma justa apreciação do triumpho, que este tratado veiu arrancar das mãos dos turcos; avaliando-se devidamente as suas consequências provaveis, tanto em relação á Turquia, como relativamente á Russia, é fôrçoso convir que as verdadeiras vantagens foram todas em favor d'esta ultima potencia.

A noticia d'este successo causou profunda sensação em Constantinopla. Varias correspondencias do campo de batalha, e uma carta de Carlos XII, cheia de amargas queixas, patentearam toda a verdade aos olhos do sultão. O grão-vizir Baltadji Mahomet Pachá foi logo demittido e desterrado. O tratado do Pruth foi annullado, e a guerra novamente declarada.

As circumstancias porém já eram outras. O exercito turco já tinha abandonado as suas fortes posições, e Pedro I. a frente das suas tropas já havia passado o Pruth. E além d'isso o tempo, que medeára entre a chegada da noticia da conclusão da paz, e a nova declaração de guerra, tinha sido empregado pelos partidarios da paz em obstar por todos os modos ao rompimento das hostilidades. Assim se abriu outra vez o campo as intrigas, por meio das quaes conseguiram aquelles elevar ao grão-vizirato Yougouf Pachá.

Temendo a irritação de animo de Achmet III, e a opinião mais geral do paiz, não se atreveu o grão-vizir a contrariar abertamente as resoluções tomadas; mas empregou tão graude leutidão nos preparativos militares, no arranjo de meios pecuniaros, levantou taes difficuldades, sobre as que realmente existiam; empecou finalmente com tal arte e dissimulação todas as disposições para o rompimento da lucta, que a campanha foi-se protrahindo de mez para mez, em cujo intervallo foram-se os

animos serenando, e os amigos da paz e parciaes da Russia ganhando terreno diariamente.

D'esta maneira chegou Yougouf aos seus fins. Dizendo sempre que queria a guerra, e se dispunha para uma lucta porfiosa, trabalhava só com o intuito na paz, até que logrou estipular-a por vinte e cinco annos em um tratado celebrado com a Russia em abril de 1712.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.



O PORTEIRO DE CROMWELL.

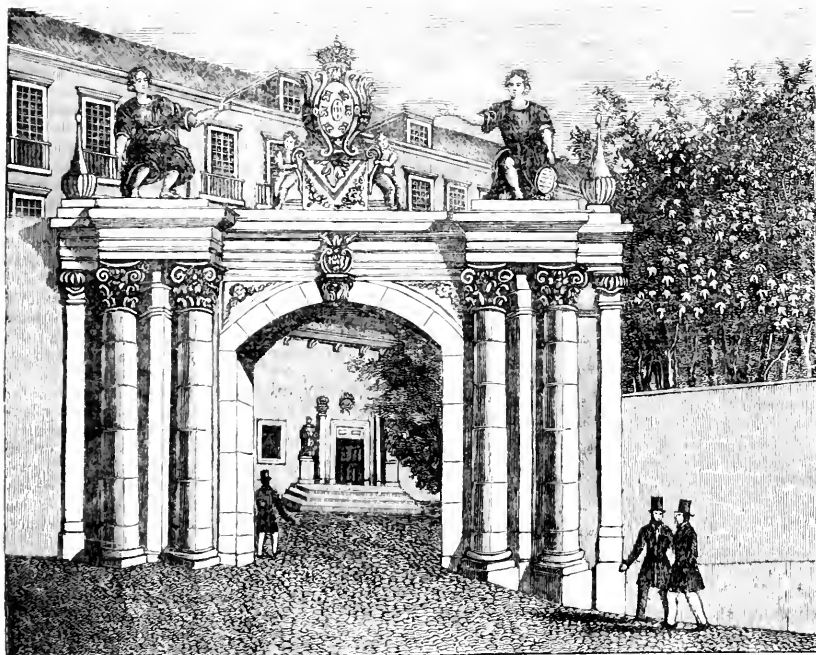
A MANIA de imitar em tudo os gestos, a linguagem, e até os vicios e os defeitos d'aquelles que as circumstancias, ou as vicissitudes politicas ergueram ao fastigio do poder, pode converter-se muitas vezes em loucura. Assim aconteceu ao pobre Daniel, porteiro do celebre Oliverio Cromwell, que a nossa estampa, copiada de outra coeva, fielmente representa.

Daniel conseguira imitar perfeitamente o fallar mystico, e a physionomia carregada de Cromwell; mas não se limitava a isto simplesmente; pregava tambem e prophetisava. Esta ultima prenda, que elle presumia ter, levou-o ao hospicio de alienados de Bedlam!

Não se euide porém que o humilde Daniel não teve proselytos, que o considerassem como um verdadeiro santo e propheta. Asseveravam até alguns que elle predissera o grande incendio de Londres. Não era raro encontrarem-se muitas pessoas, assentadas, por espaço de largas horas, debaixo da janella do seu quarto, esperando pela respectiva pratica. O que elle dizia muitas vezes não fazia sentido; mas nem por isso o admiravam menos. Carlos Leslie chegou-se certo dia a um grupo de fieis, e atreveu-se a perguntar a uma velha, que proveito esperava tirar dos sermões de um duodo. A velha, furiosa, mediu-o com os olhos, e respondeu-lhe, acompanhando as palavras de um gesto fulminante: «Festeo tambem dizia que S. Paulo era duodo!»

Quantas vezes, e com mais funestos resultados, não tem sido o povo victima da sua ignorancia e credulidade!





LISBOA — HOSPITAL DE S. JOSÉ.

O PRIMEIRO hospital geral que houve em Lisboa foi fundado por D. João II, que lhe lançou a primeira pedra a 15 de maio de 1492, e concluido por D. Manuel. Denominava-se de *Todos os Santos* ou *D'El-Rei*; era um vasto edificio, situado onde está actualmente a praça da Figueira, tendo a fachada principal para o Rocio (Praça de D. Pedro). A architectura era magnifica; o portal da igreja passava até por uma das obras mais aprimoradas d'aquelle tempo. As suas enfermarias eram nada menos de 16; tinha tambem 4 casas para doudas, 3 para doudos; asylo para os engeitados, e o hospicio do Amparo para invalidos; o numero de camas n'aquellas enfermarias era de 324!

Este soberbo hospital, bem organizado e optimamente dotado pela piedade e munificencia dos nossos monarchas, e pelos legados de alguns particulares, padecceu um incendio em 27 de outubro de 1601, que reduziu a igreja a cinzas. Reedificado por D. João V, soffreu novo incendio em 10 de agosto de 1750, escapando apenas a enfermaria chamada de S. Camillo.

Estavam já mui adiantadas as obras da sua reedificação, quando o horrivel terremoto de 1755 o destruiu completamente. Então os infelizes enfermos, que escaparam ao sinistro, foram conduzidos para as chamadas cabanas do Rocio, sendo depois transferidos para umas cochearas do marquez de Castello Melhor.

Entretanto começavam e progrediam rapidamente as obras de reconstrução das antigas enfermarias, para onde em 1763 se passaram os doentes, mas depois da extincção dos jesuitas, e de confiscados para a corôa todos os seus bens, o marquez de Pombal resolveu converter em hospital geral o vastissimo collegio de S. Antão, onde hoje se acha effectivamente, com a denominação de *S. José*, em honra do monarcha, que decretou a sua applicação para tão charidoso fim.

O antigo collegio de S. Antão, começado já no tempo da dominação castellana, concluiu-se em 1594 ou 1595, tendo porém os jesuitas tomado posse do edificio em 8 de novembro de 1593.

E um edificio de robusta e magnifica construção; e com os successivos melhoramentos, que se lhe tem feito, pode considerarse um dos melhores hospitais da Europa, posto que não fosse primitivamente destinado para recolhimento de enfermos, e por isso lhe faltassem ao principio certas condições essenciaes em estabelecimentos de similhante natureza.

O que ha a dizer do hospital de S. José, cuja origem fica compendiada nas antecedentes linhas, não pelo resumirse em um só artigo, e portanto nos seguintes numeros daremos mais particular informação, assim da forma e disposições do edificio, como da sua administração e estado actual, afim de que possa devidamente avaliar-se a importancia de tão grandioso estabelecimento.

OS IMPERIOS BYZANTINO E OTOMANO.

## XV.

*Ousada resolução de Carlos XII: prisão dos embaixadores da Rússia: alternativas na questão da paz e da guerra com esta potencia: guerra com a república de Veneza, e depois com a Alemanha: tratado de paz de Passarowitz: guerra com a Persia, e desmembrão d'este reino: desordens e insurreições em diversos pontos do imperio ottomano: deposição de Achmet III.*

Em cumprimento do tratado negociado por Youçouf, foi intimado el-rei da Suecia para sair immediatamente do territorio turco. Foi então que teve lugar um feito talvez unico na historia geral das nações, feito extraordinario de resolução e coragem, que poz em relevo aos olhos de toda a Europa o caracter singular de Carlos XII.

A' intimação de sair do solo ottomano respondeu com uma reusa absoluta. Todas as representações amigaveis, e todas as ameaças, que lhe foram feitas da parte do sultão para o induzirem a renunciar aos seus loucos projectos, tinham uma resposta negativa tão firme e enérgica, que o grão-vizir resolveu-se a empregar os meios da força.

Primeiramente em campo aberto, e depois entrincheirado na sua residencia de Varnitza, e cercado de uns quatrocentos companheiros de armas e de infortunio, apresentou tão desesperada e tenaz resistencia, que a final vieram mais de vinte mil homens, commandados pelo proprio grão-vizir, pôr cerco a essa praça improvisada. E ainda assim, na presença de forças tão desproporcionadamente superiores, alentado pela esperanza, que nunca fallacia em sua grande alma, pela esperanza de que, ganhando tempo, a sua sorte podia mudar de um momento para outro pelo esforço dos seus amigos, que não descansavam em suas diligencias, oouso esperar com as armas na mão o assalto geral das tropas sitiadoras! Combatheu e resistiu até a ultima extremidade, e quando se viu vencido pelo numero, tendo já visto cair em torno de si a maior parte dos seus bravos soldados, mandou lançar fogo á casa para que o incendio lhe favorecesse a evasão. A prisionado ao sair do meio das chamas, foi conduzido ao castello de *Demirtacli* (pedra de ferro), e d'alli a *Demotika*, para depois ser levado á fronteira; e que não chegou a verificar-se por que a sua teimosa resistencia deu occasião a operar-se na politica do gabinete ottomano a mudança que elle desejava.

A conclusão d'aquelle tratado tinha sido o toque de rebate no centro do partido anti-russiano. Aos esforços desesperados, que o rei Carlos fez para se conservar no paiz, corresponderam todos os seus amigos pondo-se em campo, e redobrando de actividade e diligencias. O vergonhoso procedimento do grão-vizir para com o real hospede de Achmet III, scandalisou tanto este soberano e a toda a nação, a opinião publica pronunciou-se tão abertamente contra os seus auctores, que estes foram logo d'indignos e castigados. El-rei de Suecia obteve permissão de ficar em *Demotika*, e foi-lhe renovada a pensão.

As questões e desintelligencias, que se suscitaram por occasião da demarcação de territorio entre os commissarios por parte dos dous imperios, russo e turco, serviram de pretexto para se interromperem as relações, e em seguida para se dar o tratado por annullado e a guerra declarada de novo. Assim a demissão do grão-vizir Youçouf e do Mufti, seguiu-se

de perto a prisão dos embaixadores do czar no castello das *Sette Torres* (19 de novembro de 1712).

Khodja Ibrahim foi nomeado grão-vizir em substituição de Youçouf, mas a sua boa vontade em nada aproveitou aos amigos d'el-rei de Suecia. Querendo primeiramente afastar dos conselhos do sultão todas as influencias propicias á Rússia, tratou desde o dia da sua elevação ao poder de minar o credito e valimento de Damad Ali pachá, genro do sultão. Em resultado da lucta, que se travou entre o grão-vizir e o valido, foi demittido Khodja Ibrahim, e o seu rival elevado ao grão-vizirato.

Damad Ali pachá gosava ha muito da privança do soberano, e posto que nunca tivesse querido sujeitar-se á responsabilidade de ministro influia comtudo poderosamente no governo do estado, fazendopezar todo o seu valimento na balança da paz, mais por convieções do que por affecto á Rússia. A sua ascensão ao poder tirou, portanto, todas as esperanças ao partido opposto; pois que além d'este ministro ter por ponto de apoio a inteira confiança do sultão, dispunha de muitos recursos, que lhe eram fornecidos pelos seus dotes intellectuaes, por algumas excellentes qualidades physicas, e por uma certa popularidade que de tudo isto lhe provinha. Por conseguinte sem mais demoras nem rodeios negociou com a Rússia um tratado de paz por 25 annos, que foi assignado em Adrianople.

Então, e só então, desesperou Carlos XII de conseguir uma alliança com a Turquia. Reconhecendo pois a inutilidade da sua persistencia n'este imperio, e cedendo aos rogos da sua familia e de seus subditos, que requeriam encarecidamente a sua presença; decidiu-se a regressar á patria. Saio finalmente da Turquia no primeiro de outubro de 1714. O sultão concedeu-lhe uma escolta de seiscentos homens, e fez-lhe presente de oito formosos cavallos da melhor raça, de uma barraea de campanha de tela mu rica e bordada de ouro, e de uma espada guarnecida de pedras preciosas.

Damad Ali viu como habil politico a necessidade de recorrer á guerra para entreter o exercito, fóco de todas as insurreições, e para acabar com os partidos, ou, pelo menos, para chamar para outro ponto as atensões das duas parcialidades, que acendiam no coração do imperio a mais pernicioso lucta de intrigas e influencias estranhas.

Resolveu-se pois em conselho a renequisição da Morça. Uma revolta no Montenegro, excitada pela republica de Veneza, e alguns outros agravos, deram pretexto ao governo ottomano para romper o tratado de Carlowitz. A guerra foi declarada em janeiro de 1715, e nos fins de novembro d'esse mesmo anno, achava-se a Sublime Porta de posse da Morça, e de todas as ilhas do archipelago, de que os venezianos se haviam apoderado nos anteriores reinados.

O regresso do grão-vizir foi festejado com acclamações dos povos por onde passava; e a sua entrada em Adrianople, onde se achava a corte, foi celebrada com pomposas festas, que faziam recordar as solemnidades dos triumphadores da antiga Roma.

Segundo a opinião de alguns historiadores, essas victorias alcançadas contra a orgulhosa Veneza, e os applausos prodigalizados ao vencedor pelo paiz inteiro, sopraram no peito do grão-vizir tão grande vaidade, que desde logo ardeu em desejos de medir seus talentos e bravura com os do principe Eugenio, a quem a Europa dava o primeiro lugar entre os maiores capitães do seu seculo.

Todavia parece-nos, e é bem que se diga em honra do estadista musulmano, que n'uma questão de tamanha gravidade não se deixou levar simplesmen-

te por impulso do amor proprio. Sabia, e com fundamento, que a republica de Veneza tratava secretamente com o imperador de Allemanha, para que intervindo este soberano na violação do tratado de Carlowitz, a ajudasse a recuperar as possessões que esse tratado lhe affiançára. E era muito de presumir que o monarca, que mais vantagens colhêra d'esse tratado, accedesse em fim ás solicitações da republica, oppondo-se a que fosse por diante similhante violação. Em taes circumstancias convinha não deixar esfriar o ardor bellico dos soldados, nem o entusiasmo popular. Eram dous auxiliares de alta valia na grande contenda, que se ia empenhar.

Começava Damad Ali a dispor as cousas para a nova campanha, quando o imperador Carlos VI mandou offerecer a sua mediação na desavença da Turquia com Veneza. A recusa serviu-lhe de auctorisação para infringir pela sua parte o tratado de Carlowitz. Publicou selogo a alliança da Allemanha com a republica, e o sultão foi intimado para restituir aos venezianos as possessões, que lhe haviam sido garantidas por aquelle tratado, e além d'isso a indemnisação das despesas de guerra. A resposta negativa dada a estas exigencias succedeu-se a declaração official da guerra.

O exercito turco dirigiu-se a Belgrado, levando á sua frente o grão-vizir. As avangadas dos dous exercitos encontraram-se perto de Carlowitz, tão memoravel nos annaes da Turquia pelo fatal tratado que se concluiu e assignou n'essa povoação.

Travou-se ahi o primeiro combate, e d'elle levaram os turcos a melhor. Não tiveram porém igual fortuna na acção geral, que teve lugar poucos dias depois em Peterwardein entre o grosso dos exercitos. Elevava-se o ottomano a 150 mil homens; o do imperador de Allemanha não contava mais de 80 mil.

No fim de cinco horas de duro combate os louros da victoria ornavam a frente do principe Eugenio. A estratégia d'este grande general envolveu e desconcertou por tal modo as tropas turcas, que fugindo em todas as direcções, abandonaram o campo ao inimigo, e n'elle consideravel despojo de artilharia, estandartes e bagagens. Damad Ali pachá, vendo o destroço dos seus, e desvanecida a derradeira esperanza, procurou no meio das palangas inimigas uma morte gloriosa (3 de agosto de 1716).

Entre as avultadas perdas, que o imperio ottomano soffreu n'este dia, nenhuma foi tão importante como a d'este ministro, que a historia com razão colloca a par dos primeiros homens d'estado da Turquia. Apesar do curto periodo da sua administração, deixou provas irrecusaveis dos seus talentos, e zelo pelo bem publico em muitas reformas uteis, em mil exemplos de rectidão e desinteresse, e em varios melhoramentos materias do paiz.

O desastre de Peterwardein foi seguido da perda de muitas praças da fronteira turca. A propria Belgrado, apesar de bem defendida, depois de ser testemunha do aniquilamento de forças respeitaveis, reunidas á pressa pelo novo grão-vizir Khalil pachá, e enviadas em seu soccorro, abriu as portas aos allemães.

Em quanto o principe Eugenio espalhava o terror e a desolação na Bosnia e na Transilvania, era a Dalmacia talada pelas tropas de Veneza.

N'esta critica situação entregou Achmet III os sellos do imperio a seu genro Ibrahim pachá, que havia succedido na privança do soberano a seu cunhado Damad Ali pachá.

A paz foi julgada pelo divan e pelo novo ministro como o unico recurso de que se devia lançar mão

no meio de tão grandes calamidades. Entabularam-se immediatamente negociações com a Austria e Veneza; e no fim de muitas conferencias, vencidas bastantes repugnancias e difficuldades, assignou-se em Passarowitz um tratado de paz entre as tres nações belligerantes. Achmet III viu então recuarem-se as fronteiras do seu imperio, mas deuse por feliz em conseguir o reponso mesmo com essas condições. Cedeu á Austria, Belgrado, Temeswar, a Valaquia até ao rio d'Aluta, e uma parte da Servia; e a republica de Veneza todas as praças fortes da Albania.

Desasombrados o sultão e o seu ministro dos cuidados da guerra, voltaram todas as suas attensões para os negocios interiores. Trataram de regularisar a fazenda publica, que se achava em bastante desordem; e por uma serie de medidas hem combinadas cohibiram muitos abusos e irregularidades, que ultimamente se haviam introduzido na administração do estado.

Em 1720 renovou-se o tratado do Pruth. Estabelecia-se n'esta ampliação paz perpetua entre a Russia e a Turquia. N'esse mesmo anno foi enviado a Paris Mahomet Ellendi com o caracter ostensivo de embaixador, mas encarregado da missão secreta de estudar a politica das potencias christãs, e de conhecer o verdadeiro estado dos negocios da Europa.

A guerra civil, que rebentou na Persia no anno de 1722, suscitou ao grão-vizir a idéa de se aproveitar d'esse estado anarchico por o engrandecimento da Turquia. Porém ao mesmo tempo concebia o czar iguaes planos de ambição sobre aquelle paiz. A Persia viu-se pois invadida simultaneamente pelos exercitos turco e russo.

Não contava Ibrahim pachá com similhante competidor. Queixou-se do procedimento do czar, mas vendo baldadas as suas queixas, por quanto a invasão turca não assentava sobre melhor direito do que a russiana, resolveu-se a negociar com o imperador Pedro I a divisão da Persia. O tratado expoliador foi concluido e assignado em 23 de julho de 1724. A França, que procurava ganhar as sympathias do sultão, fez servir o seu embaixador, marquez de Bonnac, de mediameiro n'esta immoral negociação. Em conformidade com este tratado proseguiram ambas as potencias na campanha começada, apoderando-se do territorio, que haviam cedido uma a outra.

Nos fins do verão de 1725 estava a Turquia de posse d'Erivan, da provincia de Louristan, e do mais territorio consignado no acto da partilha. E como a guerra civil continuasse n'aquelle paiz, Achmet III, interferindo em favor de um dos pretendentes do throno, obteve d'elle, em troca do triumpho que lhe alleagou, a cessão das terras conquistadas pelas armas ottomanas.

Este passo errado da politica turca, que trouxe ao imperio uma precaria indemnisação das perdas soffridas na ultima lucta com a Austria e Veneza; e que pela injustiça da aggressão tirou ao sultão e ao seu governo tanta força moral, foi seguido de muitas calamidades. O espirito revolucionario tornou em breve a levantar cabeça. O Cairo e a Crimea foram o theatro de serias desordens. Em Erivan, em Azof, na Asia Menor, e em muitos outros pontos do imperio rebentaram as sedições umas apoz outras.

Tão continuos alvoroços foram precursors de um movimento de mais graves consequencias. Um corpo de exercito reunido em Scutari, e destinado a operar na Persia, onde a prolongação das discordias civis chamava pela segunda vez a intervenção ottomana, revoltou-se ao divulgar-se a noticia de que o governo havia tomado um accordo pacifico. A insurreição communicou-se á capital. Principiou como tu-

das as outras pedindo a demissão dos ministros, e depois a sua cabeça. Acabou como as mais exigido, depois de forte e ensoberbecida com as concessões, a deposição do soberano (16 de outubro de 1730).

Durou este reinado perto de 28 annos. Nasceu no centro da mais desenfreada anarquia, correndo quasi sempre entre a guerra de inimigos poderosissimos, e a lucta interior de partidos encarnigados, que servindo de instrumentos de interesses alheios, desvirtuavam e enfraqueciam a todo o instante a acção governativa; teve a fortuna, mau grado de tantas e tão sinistras influencias, de atravessar todas essas situações difficilissimas e crises perigosas, sem impor ao paiz maiores sacrificios do que a perda de algum territorio, que não tardava comtudo a ser compensado por novas acquisições. E assim deixou augmentado o imperio com a Moréa, e ilhas do archipelago, com Azof, e as provincias conquistadas á Persia.

Achmet III não foi um excellente soberano, posto que tivesse boas qualidades privadas. Mas diligenciava com esmero ter ministros habéis e honrados. E á boa escolha de alguns deveu a Tarquia essas vantagens, que referimos, além de muitos melhoramentos sociaes e materiaes. A civilisação turca fez n'este periodo bastantes progressos. Animaram-se as artes e sciencias. Introduziu-se a imprensa na capital. Fizeram-se na legislação muitas reformas exigidas pelos principios de justiça e de humanidade, e adogaram-se singularmente os costumes com a practica d'esses mesmos principios, e por meio de um contacto mais facil com os estrangeiros. Os ministros deixaram de expiar com a morte os seus erros politicos, ou a infelicidade de haverem incorrido no desagrado do soberano. O proprio Achmet no seu infortunio deu solenne testemunho d'este melhoramento social. Expulso do throno, viveu tranquillamente 6 annos na vida privada, contando 63 quando falleceu.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

### IV.

ESTA aberta a sessão. Tem a palavra a tia Geneveva. Sentada n'uma grande arca de castanho chapeada, e com uma franqueza e familiaridade como se ha muitos annos nos conhecêssemos, a boa da velha continuou a sua narração, a que eu tive a audacia de fazer perder todo o perfume popular, guindando-a as alturas de um sentimentalismo verdadeiro, mas deslocado.

— «Assim Deus me não ajude.» proseguiu a tia Geneveva, «se não tinha entrado cousa má n'esta casa.»

— «Deixe-se d'isso, tia Geneveva, o que Deus faz é sempre por melhor.»

— «Credo! Mas a verdade-verdade é que não sei que peccados aqui houvessem. Elle, coitado! o que já deu contas a Deus, era como se via. Quem quizesse boas palavras era procural-as n'aquelle bôca; e boas acções esperal-as d'aquelle coração. Não era cá d'este mundo, não era, por isso se foi...»

E n'isto as lagrimas rebentavam-lhe a quatro e

quatro, sem que ella as pudesse sosteer. Com as costas da mão procurava limpá-las, mas eram tantas que se não occultavam assim.

— «Olhe, senhora Geneveva, lagrimas dizem saudades, mas não remedeiam desgraças. O melhor é conformar-se com a vontade do céu.»

— «Isso é bom, para quem tem poder em si, que eu cá não tenho. Vel-os, como eu os vi, a amarem-se d'aquelle maneira, a quererem-se como dous anjos, que ali não havia maldade, e depois vir a doença, e levar um, e deixar assim a minha senhora viuva antes de casada, é idéa com que me não sei conformar.»

— «Pois faça a diligencia, que o tempo para tudo é remedio.»

— «Não é. A senhora morgada está velha, pode morrer de um dia para o outro, e ahí me fica a minha pobre menina, sem mãe que lhe dê conselhos, e sem um braço de homem, que a proteja e defenda como ella merece.»

— «Fica-lhe vocemecê; aconselhe-a, que a senhora D. Magdalena ha de ouvir-a; quer-lhe quasi tanto como á mãe, ha de respeitá-la.»

— «Mas se eu já não presto para nada!... Diz-me o coração, que não mente, que o inverno que vem, já eu hei de estar aonde ella me não pode ouvir.»

— «Pode e ha de. Que nem Deus a leva sem que a senhora D. Magdalena esteja casada; nem, quando leveasse, a gente se esquece assim de quem morre.»

— «Isso é que esquece. Longe da vista, longe do coração. Também era muito desejar... o sentimento repartido não é sentimento!...»

A velha dispunha-se a contar-me toda a chronica sentimental da familia do sr. capitão-mór, quando eu entendi que o dialogo devia acabar, com aquella incisivo aphorismo do «sentimento repartido não é sentimento.»

Dei as boas noites á senhora Geneveva, e dispunha-me a dormir pacificamente até ao outro dia, quando o major me veio impedir esta rasoaavel determinação. Antes de acabar de retratar aquelle benemerito discipulo de Marte, convem informar o leitor, se eram ou não fundados os receios da velha Geneveva sobre o futuro da senhora D. Magdalena. Nós cremos piamente que não. A filha mais velha da morgada, apesar de educada na provincia, tinha a volubildade amorosa da maior parte das raparigas da sua idade. Paixão verdadeira tivera aquella; agora podia ter uma outra inclinação de momento, mas um amor sincero isso é que não. Requestada como o leitor já viu por um velho agiota retirado, Magdalena dispunha-se a tomar o logar de Rachel, e a fazel-o servir como Jacob, por sete annos, para talvez por fim lhe darem Lia. E eu vi o agiota deliberado, pela primeira vez em sua vida, a esperdiçar aquelle capital de tempo sem esperanza de juros provaveis. Já o leitor pode colligir, que os românticos amores de Magdalena haviam de vir a acabar n'um casamento com algumas acções do banco, decoradas com o titulo prosaico de baroneza de tal.

Desvanecidos os terrores da pobre velha, cumpreme agora registar aqui a deliberação tomada pela morgada, sobre as viagens do senhor seu filho. O capellão optava por uma excursão á Terra-Santa, e depois de estafar o festemunho de Chateaubriand e Lamartine, que nunca lera, concluiu emphaticamente os seus conselhos com uma prelecção de lava propria sobre o frondoso dos cedros do Libano. O major, versatil e affectando um valor que Deus

lhe não dera, apontava como mais aventureiro e digno de commemoração um passeio até ao paiz dos hottentotes. A morgada, como senhora prudente, e querendo achar o meio termo entre duas tão oppostas opiniões, deliberava-se por uma viagem até Sevilha, aonde tinha correspondentes seguros. Foi depois de vencido pela votação, que o major veio procurar, entrestando-me, quasi que até pela manhã, com a narração hriosa dos seus feitos militares. Como magras e enfesadas que eram as façanhas do nosso heroe, tem lugar de sobejo no começo do capítulo seguinte, com que tenciono terminar esta narração.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XXXII.

##### Mesteres.

O corpo da governança municipal do antigo regimen era composto de tres diversos elementos, que respectivamente correspondiam ás tres classes, em que se achava dividida a sociedade civil; d'esta maneira: 1.<sup>o</sup> os juizes e vereadores, representantes da classe da nobreza; 2.<sup>o</sup> o procurador do concelho, representante da classe media, ou burguezia, 3.<sup>o</sup> o collegio dos mesteres, de cujo gremio saíam os procuradores, tambem ditos dos mesteres, representantes, como o indica o seu nome, da classe plebea, e que exercia os mesteres ou officios mechanicos. Esta ultima classe porém não foi representada sempre nos municipios desde o principio; addicionou-se posteriormente á governança, e em cada concelho por sua vez. Comtudo remonta esta instituição á idade media, ao menos nas terras principaes.

Quando este elemento democratico fosse introduzido na constituição municipal de Arrayolos não o pude apurar com certeza; mas julgo não errar assignando-lhe a epocha do meado do seculo 16.<sup>o</sup> (1). Foi então que os duques de Bragança por suas provisões concederam aos do povo d'esta villa, que pudessem usar de algumas cousas particulares, quer dizer, de alguns privilegios, os quaes todavia, ou por não serem então bem explicitamente definidos, ou por acharem naturalmente resistencia nos homens da antiga governança, não livraram os do povo de algumas vexações. Para maior segurança pois requereram os interessados ao duque novamente lhes concedesse todos os regimentos, que havia dado aos do povo de Borba; e o duque, deferindo a esta supplica, mandou passar em Villa Vigosa, a 4 de junho de 1567, o regimento que contém as seguintes disposições.

Primeiramente que haja na villa de Arrayolos doze homens do povo, assim e da maneira que os ha na

villa de Borba, os quaes se elegerão pelos juizes com escrivão, e depois que assim forem eleitos haverão juramento em camara que bem e verdadeiramente servirão de mesteres; e servirão de tres em tres annos, com tal declaração que os que acabarem de servir os ditos tres annos, não sejam admittidos na eleição, que se fizer para os outros tres seguintes: e tanto que forem eleitos com os ditos juizes e escrivão, elegerão d'entre si dous procuradores, que sirvam em cada um anno, os quaes serão privilegiados o anno, que assim servirem de todos os encargos do concelho (2). Que os ditos procuradores estarão dentro nas camaras, em quanto as fizerem, para requerer as cousas do povo; e serão ouvidos nas que os juizes e vereadores quizerem ordenar; e porém não estarão dentro na camara ao ler e despachar dos feitos, que nella se houverem de despachar, de appellações, e quaesquer outros, que não pertencerem ao governo da terra. E assim estarão presentes os dous procuradores ao lançar das finitas, e no fazer dos roes, e saccadores do dinheiro, e á conta, receita e despeza, para requererem que se deposite o dinheiro, que sobrar, e se não gaste indevidamente, nem se consuma nas mãos dos officiaes, que as lançam, sem lhe ter tomado conta. E quando houver repartição de pão na villa, ordene-a o onvidor com os officiaes da camara, e estará um dos doze para o povo ser provido por elle. E para evitar alguns inconvenientes ha por bem o duque que os dos mesteres possam ter carneiro, que talhe separado, e os proveja das carnes, que lhe forem necessarias pelos pregos, que na dita villa puderem cortar; e um dos ditos procuradores repartirá a dita carne pelo povo, sem os almotacés, ou alguns outros ministros de justiça se intrometterem n'isso, nem introduziam no seu talho. E em quanto assim repartir terá vara vermelha, que se lhes dará na camara ao tempo da eleição, com declaração que a não poderão ter mais que em quanto repartirem a dita carne, e forem e vierem do açougue. E poderão pôr penas ás pessoas, que na dita repartição lhes desobedecerem, até quantia de cem réis, e executal-as para as obras do concelho. E os gados do seu carneiro pastarão onde pastarem os dos carneiros da villa, e ter-se-ha com elles a mesma maneira. E assim do pescado, e quaesquer outros mantimentos, que vierem á terra, se lhes dará sempre metade, a qual os ditos procuradores repartirão na maneira que acima é declarada. E para serem melhor guardadas as heranças e beneficorias, os doze dos mesteres com os ditos juizes poderão eleger escrivão apto e sufficiente; e quando houverem de correr a terra, o farão somente tres ou quatro dos doze com o dito escrivão: e todo o gado e bestas, que acharem em logares coimeiros, o poderão trazer ao eural; e se executarão as penas conforme as posturas do concelho. Das quaes penas será a terça parte para o reudeiro, que tiver a renda arrendada, e a outra terça parte será para elles a despenderem no que cumprir a seus cargos. E porque a não consumam em outra cousa, terá o seu escrivão um livro, assignado e numerado por um dos juizes, no qual carregará em receita sobre os seus procuradores o seu terço, que receberem d'esta parte das ditas coimas, e lhes fará d'elle despeza, para

(1) No preambulo do regimento dos mesteres, dado pelo duque de Bragança D. João I, em 4 de junho de 1567, se afirma que elle, e o duque seu senhor, que Deus tem, D. Theodorio I, concederam aos do povo da dita villa de Arrayolos que pudessem usar de algumas cousas particulares. O duque D. Theodorio I governou o estado de Bragança desde o anno de 1532 até o de 1563.

(2) Notará o leitor que o collegio ou casa dos mesteres se limitava em Borba, Arrayolos, e outras simillantes terras pequenas a doze individuos; quando em Lisboa, Evora, e mais terras principaes se compunha de vinte e quatro, como está indicando o nome, que ali se lhe dava, de casa dos vinte e quatro.

o duque lhes poder mandar tomar conta d'isso quando quizer (1).

O duque D. Theodosio II não só confirmou este regimento em Villa Vigosa a 31 de janeiro de 1609, mas acrescentou outras concessões na forma seguinte: Que de todo o gado e bestas, que os do povo miúdo da villa de Arrayolos trouxerem d'aquí em diante ao curral pelo acharem em logares coimeiros, sejam pagas logo a porta do curral as coimas e penas, em que incorrerem, sem sobre isso se aceitarem penhores, nem outra caução. E as coimas, que elles d'aquí em diante acharem se partam pela maneira seguinte: um terço d'ellas será inteiramente para a fazenda d'el-rei, ou rendeiros das terças do reino; outro terço para os ditos doze; e o outro para a camara da dita villa, do qual terço se dará aos doze um terço para as despesas da bolsa, e os outros dous terços d'este terço ficarão para a camara, como dito é, ou para o rendeiro do verde (2), se assim parecer aos officiaes, que arrendarem a renda do verde, a qual se arrendará d'aquí em diante com esta declaração. E assim praz ao duque, por quanto estão assim providos na villa de Borba, e ontros lugares (3).

Com estes regimentos se apresentaram os procuradores dos mesteres em camara a 26 de dezembro de 1609, e os officios d'ella lh'os mandaram cumprir e registar (4); e do seu conteúdo terá visto o leitor, que todas as disposições d'elles se podem reduzir aos quatro pontos ou capitulos seguintes: 1.º forma da eleição do collegio ou casa dos doze, e dos dous procuradores d'entre elles; 2.º assistencia nos actos da camara, e com que attribuições; 3.º faculdade de terem carneiro para a sua classe dos mesteres, em separado do dos nobres; e bem assim metade do pescado e mais mantimentos, com a acção respectiva para tornarem effectivo este privilegio; 4.º jurisdicção de encoimar os gados e bestas, que contra as posturas entrassem nas fazendas, com o methodo da repartição e applicação da importancia das coimas, que assim impoem-se.

Agora vejâmos os mesteres, os *amoteads do povo miúdo* (5), no exercicio d'estes seus privilegios. No principio do seculo 17.º arrematava-se a carnigaria do *povo miúdo* em separado da dos nobres, ou *povo grosso*, com a vantagem ainda do abatimento de um real em cada arratel de carne (6). E não só disfru-

stavam os mesteres esta vantagem, mas ainda se intromettiam na arrematação da dos nobres, e aggravavam dos vereadores se davam a sua propria carnigaria sem as solemnidades legaes (7). Com o tempo limitaram-se a esta ultima prerogativa, e cessaram de arrematar a sua carnigaria á parte.

Poucos annos haviam decorrido depois da confirmação e extensão de seu regimento e privilegios, e já os mesteres recuavam diante dos *poderosos* no que tocava á jurisdicção de impôr e cobrar as coimas. Eis o que os dous procuradores e um dos mesteres requeriam em camara de 11 de fevereiro de 1623: «Que as heranças se destruam com gados dos homens poderosos, e que elles mesteres se não atreviam a guardal-as com medo d'elles, por que lh'os tiravam, e lançavam fora do curral, e os afrontavam de palavras sobre tudo, e não recebiam dos ditos poderosos nenhuma cousa das coimas: pelo que se suas mercês não deferiam a seu requerimento, elles não se atreviam a guardar as ditas heranças; pelo que elles mesteres queriam guardar as heranças, e fazer os assentos sobre os ditos poderosos, e que não queriam parte nem quinhão das coimas dos poderosos, que são daminhos, e que em todo dão á camara e a sua magestade a coima inteira... e os ditos officiaes da camara lhe mandaram que assim o fizessem como o requeriam (8).»

Todavia nem em tudo eram mal succedidos. Os livros das vereações estão cheios de posturas de sua iniciativa sobre varios pontos de interesse communal, e de aggravos por elles interpostos contra resoluções da camara, quando estas não eram conformes aos interesses da sua classe. Em varios capitulos d'estas memorias encontraremos outros exemplos da sua intervenção nos negocios publicos do municipio, que completarão, quanto se pode, a historia d'este elemento democratico na governança municipal. Tinham logar em camara em assento raso, inferior ao dos vereadores e procurador do concelho. Acompanhavam tambem a camara nos actos e funções publicas, e na igreja sentavam-se em banco raso por detraz dos officiaes da camara. Nos ultimos tempos os seus actos eram dirigidos apenas por usos e estylos, e havia-se perdido a memoria do regimento, a ponto que em vereação de 9 de março de 1816 se concordou que se pedisse a S. A. R., pela junta do estado da casa de Bragança, um traslado do regimento dos *procuradores do povo*, pois que se desencaminhou (diz a camara) o que consta havia no archivo da mesma camara (9). Ignoravam que estava registado no logar acima apontado. A junta de Bragança não poude satisfazer ao pedido, por se ter consumido o cartorio da casa no terremoto de 1755; falta esta, que a camara não lamentou, antes ficaria pouco gostosa se resuscitasse o regimento, e os mesteres pugnassem por seu rigoroso cumprimento.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

(1) Liv. das vereações de 1609 a 1610, fl. 129 v.

(2) As coimas impostas aos que transgrediam as posturas feitas com o intento de impedir o damno e malleitorias nas searas e terrenos cultivados, pertenciam a camara, a qual todos os annos arrendava o producto d'ellas por uma quantia certa. Dividiã-se para este fim o territorio rural em dous circulos, a cada um dos quaes correspondia uma renda. O circulo mais proximo da villa, que pela maior parte era formado de ferregeaes, hortas, pomares, vinhas, e outros grangeios de pequena cultura, constituia a renda do *verde*, por ser na estação, em que as plantas estão verdes, que era necessaria toda a vigilancia do *rendeiro*. O outro circulo, mais distante da povoação, comprehendia as herdades e terrenos destinados a grande cultura, com seus pastos, searas, mattas e arvoredes, e se chamava do *matto*, e ao seu rendeiro, o *rendeiro do matto*.

(3) Liv. das vereações de 1609 a 1610, fl. 129 v.

(4) Liv. dito, fl. 111.

(5) Assim se lhe chama no auto de sua eleição de 30 de janeiro de 1610. (Liv. das vereações, fl. 139).

(6) «Só querem (os procuradores dos mesteres)

que elle dito N. corte a carne de todas as rezes, miuda e grossa, por menos um real por arratel que o carneiro do *povo grosso* cortar; e o dito N. disse que era contente de aceitar a dita carnigaria do *povo miúdo* da mão dos procuradores dos mesteres etc.» diz o termo de arrematação de 21 de março de 1610 (Liv. das vereações, fl. 150).

(7) Liv. das vereações 1600 a 1601 : 1602 a 1604 : 1609 a 1610 etc.

(8) Liv. das vereações de 1621 a 1624, fl. 172.

(9) Liv. das vereações de 1808 a 1818, fl. 114.

INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO  
INTELLECTUAL NA GRECIA.

## Universidade Othoniana.

CONTA trinta professores, d'entre os quaes pertencem dous á faculdade de theologia; seis á de jurisprudencia; nove á de medicina, e treze á de philosophia. Possui além d'isso um numero consideravel de oppositores. Vinte d'aqueles professores estudaram nas universidades de Allemanha, nove em França, e um em Italia. Em quanto á sua origem, vinte e tres são gregos, porém pertencentes aos districtos não comprehendidos no reino da Grecia; dous são do mesmo reino, e cinco allemães. Desde 1834 têm-se matriculado como estudantes cento e noventa e dous individuos; vinte e quatro em theologia, sessenta e dous em jurisprudencia, cincoenta e oito em medicina, e quarenta e oito em sciencias philosophicas. D'estes cento e noventa e dous estudantes, noventa e dous concluíram os estudos, outros continuam a estudar sem interrupção; noventa e cinco estudantes são naturaes do paiz, e noventa e sete são gregos nascidos fora do reino. Além d'estes estudantes propriamente ditos, que terminaram os seus primeiros estudos nos gymnasios do reino, e que obtiveram em virtude de um exame o competente diploma, ha mais cento e trinta e tres assistentes ou ouvintes, classe excepcional de individuos academicos, entre os quaes se encontram cento e doze funcionarios publicos, que não tendo tido oportunidade, durante a guerra da independencia, de adquirir os conhecimentos geraes necessarios, procuram fazel-o agora, tendo recebido para este fim autorisação especial do governo, e resarcindo o tempo perdido em quanto lh'o permite a idade e destinos.

## Gymnasios.

Deverão formar-se tantos gymnasios, quantas são as *nomarchias* ou districtos que ha no reino; porém como a Grecia ainda não possui sufficiente numero de mestres para effectivamente realisar este vasto projecto, não tem podido formar-se até agora mais de quatro gymnasios.

1.<sup>o</sup> O gymnasio de Athenas (antes em Egina) a que está adjuncta uma escola hellenica. Estes dous estabelecimentos reunidos contam dezoito professores, mestres ordinarios e extraordinarios (tanto pertencem ao gymnasio, e dez á escola hellenica), e reúnem oitocentos discipulos. A direcção de ambos os estabelecimentos está confiada ao gymnasiarca Gennadios; a escola hellenica tem além d'isso um ajudante subordinado ao gymnasiarca. O gymnasio de Athenas é ao mesmo tempo uma verdadeira escola normal pratica para as escolas hellenicis, e os mestres e sub-mestres, depois de haverem ensinado n'ella dous annos, pelo menos, se repartem pelas diferentes escolas hellenicis do reino com o caracter de ajudantes, ou como professores, e os logares d'estes são occupados em Athenas por outros mestres, que havendo ja terminado os seus estudos de gymnasio, tem tambem concluido os seus tres annos de universidade.

2.<sup>o</sup> O gymnasio de Nauplia, fundado em 1834, a que está igualmente aggregada uma escola hellenica, teve ao principio um brilhante resultado; porém caiu em pouco n'um estado miseravel, e contava só um pequeno numero de discipulos, até que ultimamente se reorganizou em 1841, sendo confiada a sua direcção ao dr. Arselim. Hoje tem este gymnasio seis professores, e um numero sufficiente

de mestres e ajudantes. Graças a esta nova organização o estabelecimento apresenta uma nova phase: hoje rivalisa em actividade com o gymnasio de Athenas, e conta mais de duzentos alumnos. Podemos assegurar que estes dous gymnasios competem ja com a maior parte dos gymnasios de segunda classe de Allemanha.

O gymnasio de Sira, que igualmente tem annexa uma escola hellenica, existia ja n'esta ilha no anno de 1833, como instituição peculiar ao districto de Chios; porém em 1835 ou 1836 foi necessario reorganisa-lo na forma do gymnasio real. O estabelecimento conta no seu gremio cinco professores (para o gymnasio), tres mestres (para a escola hellenica), e duzentos e cincoenta e cinco alumnos. Este gymnasio é incontestavelmente o melhor depois dos de Athenas e Nauplia.

O gymnasio de Patras não é em realidade mais que uma escola hellenica aperfeiçoada, com o titulo de gymnasio. Os mestres são activos e habéis, porém é mui limitado o seu numero, e o estado não tem ainda os recursos necessarios para tornar este gymnasio quasi nominal verdadeiramente prestante. O governo propõe-se dar a este estabelecimento, logo que as circumstancias lh'o permitirem, toda a extensão conveniente.

## Escolas hellenicis.

Existem cincoenta e quatro escolas d'esta classe, tres das quaes, a de Athenas, Nauplia e Sira, estão incorporadas aos gymnasios d'estas cidades, vindo a constituir de certo modo as classes inferiores d'estes mesmos gymnasios. Tiveram origem estas escolas em 1833 e 1834; pois então foi quando, ao fundarem-se os gymnasios de Egina e Nauplia, se aggregou ao mesmo tempo a cada um d'elles uma escola hellenica. Conforme o plano primitivo, deveriam fundar-se tantas escolas hellenicis, quantas *eparchias* (provincias) houvesse no reino. E existindo já cincoenta e quatro escolas d'esta classe, comprehendendo as aggregadas aos gymnasios, parece que o fim do projecto está conseguido, e que cada *eparchia* contém pelo menos uma escola hellenica. Contudo não succede assim; muitas *eparchias* contam mais de uma escola, como por exemplo, a Attica, que tem uma em Athenas, outra no Pireu, outra em Maratona, e outra em Salamina; em quanto outras *eparchias* carecem absolutamente d'ellas.

É mister contudo observar que estas escolas não se acham todas em um estado satisfactorio, nem são todas sustentadas pelo governo. Só as escolas de Athenas, Nauplia, Sira, Amphisa, Chaleis, Lamia, Tripolis, Sparta e Thera, têm o numero de mestres que se requer, e um ajudante para cada uma d'ellas. Todas as mais escolas hellenicis são incompletas no pessoal, pois não têm mais que dous ou tres mestres, e alguns carecem de ajudante. Pelo que toca á applicação dos mestres é preciso observar que além das novas escolas mencionadas que se acham com o pessoal completo, ha algumas outras, que, apesar de não serem tão bem providas n'esta parte, dão sem embargo solido ensino, e têm mestres mui habéis. Porém desgraçadamente ha ainda grande numero de escolas de que se não pode dizer outro tanto. Em algumas, ainda que a capacidade dos mestres nada deixe a desejar, o seu numero não é sufficiente. O sr. Schinas, que conhece a fundo a materia, ter-se-ia resolvido a propor uma diminuição do numero de escolas existentes, afim de aperfeiçoal-as e completal-as, refundindo umas nas outras; se por outra parte não tivesse achado incon-

venientes de localidade que o impedem de realisar o seu projecto. Em fim, trinta e duas escolas d'estas, comprehendendo as aggregadas aos gymnasios, são costeadas pelo thesouro publico. Algumas outras, como por exemplo a de Argos, são mantidas pelo estado, e ao mesmo tempo pelos respectivos municipios; porém o maior numero são sustentadas só por estes, ou subsistem por meio de donativos e legados patrioticos.

Nas escolas hellenicis se ensina, segundo o permite o estado incompleto do seu pessoal, as seguintes materias: grego antigo; latim e francez; historia da biblia; historia universal; caligraphia; geographia; arithmetica e elementos de physica e historia natural. A lingua allemã ensina-se nos gymnasios.

O numero dos mancebos, que frequentam os gymnasios e escolas hellenicis, monta a quatro mil e quinhentos ou cinco mil.

#### Instrução elemental e escolas primarias.

1.º *Escola normal primaria.* Este estabelecimento, fundado a 6 de fevereiro de 1831, está confiado ao desvelo de um director (hoje o sr. Kokkonis). Conta actualmente oito professores, que ensinam historia sagrada, religião; grego antigo; historia universal, e em particular a da Grecia; arithmetica; geometria; desenho; caligraphia; geographia; elementos de physica e historia natural applicados a agricultura, além da gymnastica e musica vocal, e finalmente a pedagogia e a didactica. Esta ultima sciencia se estuda principalmente por meio de exercicios praticos, que têm logar na escola de meninos annexa ao mesmo estabelecimento. A duração dos cursos de ensino na escola normal primaria, é de dous annos para aquelles que á sua entrada no estabelecimento possuem já alguns conhecimentos do antigo grego, e tres annos para os que carecem d'esta habilitação. O numero de alumnos da escola normal sobe annualmente de sessenta a ouenta, entre os quaes ha quarenta que recebem pensões e meias pensões do governo, com a obrigação de se consagrarem ao ensino publico.

Esta escola fornece annualmente trinta candidatas para as funções de mestres de instrução primaria: até ao fim de 1839 duzentos e cincoenta e cinco alumnos tinham obtido titulo de habilitação para o magisterio. É de esperar que dentro de alguns annos o pessoal de bons mestres será sufficiente para prover a todas as escolas primarias nos diferentes districtos do reino.

(Continúa.)

L.

#### INSCRIÇÃO DE S. COTTO E S. PRISCO.

CORRIA o anno 270 da nossa era. O feroz Aureliano, que então se sentava no solio de Augusto, projecta extinguir a religião do Crucificado, cujos adeptos cresciam á medida da perseguição que se lhes fazia. Com aquelle intuito expede emissários á Gallia, onde o christianismo mais espantosamente progredia. Ao paiz de Auxerre coube em sorte Alexandre, digno confidente de Aureliano. Chega aquelle a uma povoação chamada *Touci*: grande numero de christãos ali se achavam reunidos, entoando piedosos canticos ao Senhor. Alexandre, cheio de coera, ordena-lhes que prestem, sob pena de morte, cultos a Jupiter

Então Prisco, que guiava aquelle povo no caminho da salvação, exclama com voz firme. «Meus irmãos, eis Nosso Senhor Jesus Christo, que abraçado com o estandarte da cruz se apresenta no meio de nós, dizendo: «Que aquelle que me quizer servir, me imite e siga.» A multidão responde unisona. «Nós te comprehendemos, padre. A vontade do Senhor seja feita!»

Immediatamente os soldados de Alexandre investem com os indefezos christãos. Prisco é morto á espada; muitos são assassinados com elle; e Cotto, que pudera fugir para os bosques, levando consigo a cabeça do glorioso Prisco, lá mesmo recebem o martyrio das mãos dos sanguiseditos executores da vontade imperial.

Este facto, narrado em um manuscrito reproduzido na collecção dos Bollandistas, confirma-o a inscripção, que a gravura representa, e cujo original existe ainda hoje na pequena igreja de Saint-Bris em França. E em latim, e lê-se do seguinte modo: HIC REQUIESCIT SANCTUS COTTES, QUI CUM CAPITIS SANCTI PRISCI MARTYRIS SUSCEPIT MARTYRIUM.



Esta inscripção é evidentemente coeva do successo, que n'ella se refere, e por isso de um valor historico e archeologico extraordinario. Attribue-se com fundamento a descoberta e restauração da sepultura de S. Cotto e S. Prisco ao bispo, que occupava a sede de S. Germano entre os annos de 418 a 448.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Estudo moral e politico sobre os Lusitãos, por José Silvestre Ribeiro.* 1 vol. em 8.º francez, de 250 paginas. Edição nuã nitida da Imprensa Nacional de Lisboa.

Recommenda-mos a leitura d'este opusculo, que se acha já a venda na livreria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8. Preço 600 réis.

— A certeza de que a vida é breve deve excitar o homem a proseguir activamente em qualquer causa que emprenda. É certo que a morte pode cortar a mais veloz carreira; mas aquelle que assim é interrompido na execução de uma empreza honesta, tem ao menos a honra de acabar no seu posto; pejejou a batalha, sem lograr a victoria.

JOHNSON.





O PRINCIPE SCHAMYL.

O DESTINO das nações circassianas, sitiadas pelos russos de todos os lados, e lutar sem descanso, ou inorrer. A soldado em que vivem desenvolvem nos montanhezes tcherkeses uma decidida propensão para o illuminismo. Desde trinta annos principalmente a exaltação mystica tem-se apoderado d'aquelles espiritos contemplativos: tornando-se, sob a denominação de *sufismo*, um dos meios pelos quaes os chefes ateam o patriotismo de nações tão belliosas. Pelo *sufismo* o sabio entra em communicação directa com Deus, e torna-se o propheta encarregado de velar pela sorte de seus irmãos. Pode imaginar-se o partido, que tirara de similhante religião o propheta guerreiro do Caucaso.

A theoria do extasis foi pela primeira vez ensinada no Caucaso, em 1823, por um certo Hadis-Ismail, que revelou os seus segredos a Mollah-Mahommed, o qual, antes de cair em poder dos russos, tinha escolhido successor na pessoa de Kasi-Mollah, nas mãos do qual entregara a espada abraçada de Allah.

Kasi-Mollah exigiu dos crentes uma obediencia absoluta, uma fé sem limites. Rodeavam-no sacer-

otes-guerreiros, intitulados *muridas*, guardas supremos das revelações do extasis. Um dos principaes muridas de Kasi-Mollah era Schamyl.

Schamyl nasceu em 1797, na pequena aldeã circassiana de Humri. Distinguiu-se desde a mais tenra idade pelo seu amor á independencia e pelo seu porte severo; desprezando os folguedos e distrações dos seus companheiros, lia recolhido os versos do Korão, e meditava as palavras do propheta. D'uma compleição mui debil, arrostava comtudo as mais rudas fadigas, entregava-se a todos os exercicios do corpo, e não tinha senão uma ambição, a de sobressair a todos os seus iguaes. Se nas suas luctas com elles lhes ficava inferior, retirava-se triste e desesperado, como um vencido que lamenta a sua derrota. Um homem, que lhe foi sempre caro, o seu preceptor Dschelal-Eldin, filiado na seita dos sufis, excitava no seu dicipulo o enthusiasmo religioso. Esta educação devia dar os esperados fructos.

Schamyl tornára-se o favorito do iman Kasi-Mollah, quando teve logar o terrivel combate de Humri. Perseguidos pelos russos, os tcherkeses, sob o commando de Kasi-Mollah, tinham-se encerrado

n'aquella fortaleza, que julgavam inexpugnável. O general Rosen, avançou, por meio de obstaculos de toda a especie, e sitiou a povoação fortificada dos circassianos. Por espaço de quatro dias e quatro noites, o forte foi batido pela artilharia. Erecto no meio dos seus muridas, Kasi-Mollah exhortava e animava os seus soldados, que caíam exangues ao seu lado. Depois de uma resistencia heroica, só restava aos circassianos morrer gloriosamente. Os russos acabaram de tomar, depois de vinte e cinco dias de combates, o ultimo fortim. Outenta muridas viam ajuda. Coberto de feridas, alagado em sangue, Kasi-Mollah, prestes a entregar a alma ao Deus dos exercitos, ajoelhará invocando Allah, e excitando ainda os restos das suas hostes. Todos os muridas pereceram com excepção de um só, que ferido de duas balas, atravessado com uma bayoneta, havia de erguer-se d'entre os mortos para ser o mais implacavel inimigo da Russia. Este murida, dado por morto na fortaleza de Ilmiri, era o discipulo predilecto do mestre, era Schamyl.

Como havia conseguido escapar o joven murida? Nunca se soube. Mas quando este homem, que se julgava morto pelos russos, reapareceu entre os tcherkeses, o espanto, e a admiração foram geraes. Desde então os seus compatriotas consideraram-no como o enviado de Deus, tornando-se o primeiro dos muridas junto do sucesor de Kasi-Mollah, junto do novo iman Hamsad-Beg.

Uma outra circumstancia milagrosa tornou-o singular entre os seus compatriotas, ainda antes de ser o chefe dos guerreiros do Caucaso. Hamsad-Beg, sitiado na fortaleza de Chunsach, pereceu com todos os seus muridas, á excepção de Schamyl, que pôde salvar-se! Schamyl tinha trinta annos quando foi nomeado iman dos circassianos em substituição de Hamsad-Beg.

O czar acabava de enviar ao exercito do Caucaso o general Grabbe, com ordem de perseguir, onde quer que o encontrasse, Schamyl, cuja influencia e audacia augmentavam de dia para dia. O general russo recebeu atacar o leão no seu antro, e dirigir-se logo á fortaleza de Akuleho, onde Schamyl fixara a sua residencia. As tropas russas puzeram-se em movimento. Durante quatro mezes o forte foi batido pela artilharia dos moseovitas, que perderam neste sitio um grande numero de soldados; no primeiro assalto, de mil e quinhentos, que tentaram o assalto, apenas sobreviveram cem! Contudo, depois de esforços desesperados, o general Grabbe apoderou-se da fortaleza; mas então foi uma carnificina, e não um combate. Os russos eram na proporção de trinta contra um; assassinaram quanto se lhes deparou; vellos, mulheres, creanças, tudo foi passado á boy meta. Quando não restava um só vivo, buscaram cuidadosamente n'aquelle montão de cadaveres o corpo de Schamyl, mas não o encontraram. Schamyl escapara ali, como, precedentemente, as carniceiras de Ilmiri e da praga forte de Chunsach.

Eis-aqui de que maneira: Havia nos seios da montanha subterraneos onde se tinham escondido alguns muridas, e entre estes Schamyl. Não era facil d'ali sair, porque todas as aberturas estavam em poder dos russos. Que fizeram os fides muridas do propheta? Saíram para a propria vida para salvar-se d'elle. Com troncos de arvores, e taboas velhas, que encontraram nos subterraneos, armam uma jangada, a qual lançam no rio, que serpava a soper do rochedo, e depois mettem-se na embarcação fluctuante. Os russos avistam a jangada, um grande brado se ouve. O Schamyl, immediatamente expulso e ordena

aos cossacos, para seguirem a jangada de cada lado do rio. Aquelles fazem mais; mettem os seus cavallos ao rio, e em breve alcançam os muridas, que assassinam todos. Schamyl perecera? não! estava salvo! Em quanto a attenção dos russos era distrahida pela jangada, um homem se arrojava ao rio, e atravessando-o a nado, se embrenhava nas montanhas. Julgue-se do effeito que produziria a apparição do propheta no meio das populações, que o viam escapar pela terceira vez ao ferro e ao fogo do inimigo! A derrota de Scharyl valia-lhe a elle mais que uma assignalada victoria, porque o apontava a todas as tribus como o verdadeiro enviado de Deus, como o homem invulneravel, que podia zombar do odio e dos cahões dos russos.

Após a tomada de Akuleho, Schamyl retira-se para Dargo, e ali espera os russos, que ebrios do primeiro triumpho, necessariamente haviam de querer proseguir n'elle.

Dargo está situada entre rochedos escarpados, no cume de uma montanha, para a qual só ha veredas tortuosas, por entre immensas florestas. Schamyl, resolvido a tirar uma espantosa desforra, deu ordem aos circassianos para que não disparassem um só tiro em quanto a columna expedicionaria do general Grabbe fosse marchando; depois, quando todo o exercito russo estava completamente mettido n'aquella estreita garganta sem saída, o iman arroja os seus montanhezes, que se precipitam de todos os lados como um furacão. O corpo expedicionario, cerrado pela frente e pela retaguarda, batido nos flancos por inimigos invisiveis, que o esmagam sob o peso de enormes penedos, é quasi inteiramente aniquilado. Foi uma carniceira sem exemplo. O desastre dos russos em Dargo foi um dos mais terribes, que têm experimentado até hoje no Caucaso. O general Grabbe contava de tal sorte com a victoria, que tinha mandado fazer certos preparativos em Girseland para se festejar o regresso do seu exercito; e voltava fôgitivo com alguns poucos cossacos, que tinham escapado á matança. O autocrata concedera a este general a permissão de perseguir Schamyl em Dargo, mas debaixo da condição de voltar victorioso. Vendido incorreu no desagrado do imperador, e perdeu o commando, que foi confiado ao general Gurko.

Este, mais prudente, renunciou a tentativas aventurosas, e fortificou-se em todos os pontos. Mas Schamyl não quer dar ao inimigo tempo de esquecer a sua ultima derrota; corre ao paiz dos Awares, alhians da Russia, cerca a guarnição russa, aperta-a pela fome, e obriga-a a entregar-se á discreção. Tropas eram enviadas em socorro da guarnição cercada; prevenido, Schamyl espera-as em um desfiladeiro e as troceia. Nem um soldado russo pôde escapar.

Advertido d'estes desastres o czar reforça o seu exercito. O general Kluge de Klugenan, mandado a Avaria, avança com foras tres vezes superiores. Schamyl poupa-lhe metade da marcha, e offerece-lhe batalha; a victoria nem um momento esteve indecisa. O general russo, desbaratado, apenas teve occasião de reunir os despojos do seu exercito, e de fugir. Schamyl vòo em sua perseguição, destrôga-o de novo, e obriga-o a encerrar-se na fortaleza de Chunsach. Eis-aqui um exercito russo, encarregado de se apoderar de Schamyl, sitiado por este. O propheta estava proximo a assenhorear-se da praga, quando o general Bolgorouki chegou com tropas de refresco. Schamyl, que pelejava havia tres mezes sem descanso, não recusa a batalha. Os seus soldados caem sobre o inimigo, fazem-no recuar, e estão prestes a ganhar a victoria... mas atacados pela retaguarda

por novas tropas, são obrigados a voltar a frente e a combater com dous exercitos. Schamyl obrou prodigios. Vendo-se porém encerrado em um circulo de ferro e de fogo, precipita-se á frente dos seus contra um quadrado russo, envolve-o, e atravessa-o. O exercito do general Klagenau estava livre, mas os russos tinham experimentado perdas enormes. Schamyl contamarcha, assola a Awaria, e leva muitos habitantes como prisioneiros. Algumas semanas depois voltou, situando arrojadamente a fortaleza de Vnezapné, defendida pelos dous generaes Gluke e Dolgorouki. Schamyl tem pois bloqueados os restos dos dous exercitos, que foram successivamente enviados contra elle, e a Russia é obrigada a organisar terceiro, para libertar os dous primeiros.

O quadro d'este artigo não nos permite proseguir na biographia do heroe circassiano. Citamos apenas os principaes factos da sua existencia aventureira. Basta-nos dizer que Schamyl é tão grande legislador como guerreiro. A lucta que este homem extraordinario sustenta, guardando ha dezoito annos as portas da Asia, á frente de um punhado de valentes, contra um immenso imperio, vae recomeçar em condições mais favoraveis para os circassianos. Se os turcos levarem a guerra a Georgia, os montanhezes do Caucaso hão de n'ella desempenhar um importante papel.

Schamyl é de mediana estatura, os cabellos são arriuvados; os seus olhos, de sobranceiras negras e firtas, parece chammearem; a barba é quasi branca. Apesar da actividade que desenvolve, é de uma sobriedade exemplar; come pouco, bebe somente agua, e dorme apenas algumas horas. Querendo pintar a sua eloquencia e a sua magestade, um poeta do Daghestan, Bersek-Beg, disse, que elle tinha *o áos nos olhos e flores nos labios*.

ED. TEXIER.

#### OS FUTUROS PINTORES DO PORTO.

É preciso confessar que as tendencias do genio artistico dos portuguezes nunca penderam excessivamente para a pintura. Os patronos escacearam sempre, e sempre escacearam os artistas. Temos alguns nomes grandes entre os dos nossos pintores, mas não temos escolas proprias como a Italia, os Paizes baixos, a Hespanha, a Franca e Alemanha. O impulso que ha dezoito annos se tentou dar ás artes de desenho não teve resultado correspondente ao intento, e o governo cansou em breve nos esforgos que fizera. Entretanto, apesar da falta de favor do poder, e da pouco animadora perspectiva do futuro, as voções verdadeiras, vencendo as difficuldades materiaes e moraes que se oppõem á sua manifestação, confiadas em si, confiadas, talvez, em que os progressos da civilisação trazam a Portugal o amor das artes, lançam-se ao estado, e não deliciaem-se fora da patria a estudos longos e severos, dando-nos gratas esperanças de que as tradições de Hollandas, dos Coelho, dos Vascos Fernandes, dos Vieiras e Stequeiras não pereçam de todo.

Entre os manobros que por deshegação a pintura arrostam com os incertezos da sua sorte futura, só o Porto offerece quatro auidizes luctadores. Mas a honra dos seus nobres esforgos não lhe pertence a elles tão somente. Mas ha vez que outros talentos ignorados, que porventura os precederam, dous jovens pintores acharam na generosidade dos seus compatriotas os meios de manifestar a tendencia natural do seu bello talento, e outros dous foram encontrados na munificencia de um rei artista como elles, e que

por consequencia estava habilitado para os comprehender, para adivinhar nas suas primeiras tentativas os distinctos artistas futuros.

Os dous irmãos Corrêas (João e Guilherme) mostraram desde os primeiros annos da juventude as suas tendencias para a pintura. O primeiro era assiduo no estudo e desenhava com muita graça; fazia retratos meios maus, tanto a lapis como a oleo, e na igreja matriz de Vallongo ha varios quadros seus, um Christo crucificado, uma costodia cercada de anjos, e um esboceto para uma tribuna representando a adoração dos pastores, quadro de bom effeito, mas enjas figuras são, segundo dizem, furtadas. Além d'esses ha d'elle dous quadros de genero, ou de natureza morta, que possui o padre Villaga, principal protector do joven artista. Estes quadros são as suas melhores obras. Uma subscripção feita por varios cavalheiros do Porto habilitou-o para ir estudar a Paris, aonde se dirigiu nos fins de 1848. D'alli em diversas epochas remetteu para o Porto varios quadros consistindo em copias dos bons auctores. Da primeira vez as do Jupiter e Antiope do Corregio, do retrato de Rembrandt e do de madeiroelle Mayer por Prullhon, de dous cabeças do quadro de Thomiris de Rubens, e da cabeça de Cyro do mesmo quadro. Na segunda remessa vieram as copias de uma cabeça de Christo do Guido, de um meio corpo da Conceição de Murillo, e de um chamado retrato de Raphael. Esta segunda remessa não mereceu grandes gabos; mas o artista reconquistou a sua reputação com a terceira, que constava das copias do quadro de Thomiris de Rubens, da figura de Angelica n'um quadro de mr. Ingres, e de um grupo de meiuos de um quadro de Rubens, além de seis academias a lapis, que foram geralmente consideradas como um bello documento dos progressos do artista. A sua ultima obra, o quadro para a tribuna da igreja de S. Theofano, representando o santo em extasi, pareceu-nos correcto e de bello effeito, posto que não seja obra de admiração.

O outro irmão Corrêa (Guilherme) tinha-se também dedicado á pintura, e distinguia-se por algumas copias a oleo, e por alguns retratos a lapis. Primarios trabalhos seus haviam sido as lithographias do retrato do fallecido bispo do Porto D. Jeronymo, quadro a oleo de Roupment, e a Santa Margarida de Cartona de Vieira portuense. Segundo a opinião de pessoas competentes era menos applicado que seu irmão; mas supprir esse defeito com a superioridade do talento. Por via igualmente de uma subscripção obteve em 1851 os meios de ir estudar a Paris. D'alli, como provas da sua applicação, tem remettido seis academias a lapis, uma cabeça maior que o natural, e a Leda de Miguel Angelo, além de tres copias a oleo da parte inferior do quadro de Christo entre os ladrões de Paulo Veronese, de um grupo de uma paisagem de Rubens, e de uma cabeça do quadro dos Argelinos de Eugenio Delacroix. Estas tres copias estiveram expostas ha tempo no museu portuense.

Os outros dous artistas foram mais felizes, porqu'obtiveram protecção mais alta e mais ampla. Na sua visita ao Porto el-rei o senhor D. Fernando pôde apreciar o talento do joven Francisco José de Resende, e com o amor da arte e a benevolencia que o caracterisam estendeu-lhe a mão valedora. Concedeu-lhe uma pensão sufficiente para seguir os seus estudos no hospital da Franca. Numa perigosa doença, que o acommetten em Paris, nos seus desejos de voltar á patria, e nos de regressar de novo a Franca para proseguir a encetada carreira, o artista achou sempre prompta a vontade e

benevolto animo do principe para occorrer a todos os gastos. Se o paiz tiver no sr. Resende, como é de esperar, um grande pintor deve agradecer-o ao regente. Em Portugal, o sr. Resende era considerado como inferior em desenho aos srs. Corrêas, mas mostrava uma decisiva vocação para a pintura e maiores tendencias para a originalidade. Ha d'elle bons retratos, e quatro quadros, que param em poder de el-rei o senhor D. Fernando. O ainda curto periodo da sua residencia em Paris, e a interrupção da doença não lhe tem permitido occupar-se com obras numerosas, e apenas se conhecem d'elle remetidas para Portugal duas academias desenhadas no estado de mr. Ivon. Roquemont tinha em subito aprego o seu talento. e dizia que elle havia de dar que fazer algum dia aos seus competidores.

Resolvido a partir para Paris o sr. Resende declarou ao real protector que lhe custava a separar-se de um companheiro de estudos, o sr. Francisco Pinto da Costa. Bastou isto para tambem se abrir a favor d'este a mão generosa de el-rei. Era estudante soffrivel, e a sua melhor obra o retrato de um pobre, quadro que cremos estar em poder do senhor D. Fernando. Como o sr. Resende, elle tem estudado sob a direcção de mr. Ivon e dos discipulos d'este. Foi o unico admittido á academia das bellas artes de Paris. Já mandou para Portugal onze academias desenhadas a lapis, e um esboceto, a Victoria e a Fama, tirado de um quadro de Rubens. Segundo a opinião mais segura não chega em talento ao sr. Resende, mas compensa essa inferioridade com uma applicação assídua.

\* \* \*



ANTIGUIDADES SCANDINAVAS.

As pedras rúnicas, monumentos peculiares aos povos septentrionaes, são pedregos de granito de formas e dimensões differentes, sobre os quaes se encontram gravadas inscrições em antigas letras scandinavas. Estas inscrições, dispostas em sentidos diversos, são algumas vezes rodeadas de ornamentos, de figuras extravagantes, de serpentes enlaçadas formando arabescos. Os monumentos rúnicos eram de ordinario consagrados á memoria dos mortos. Encontram-se porém alguns que significam confirmação de direitos, demarcação de limites, e outras cousas de interesse publico.

Os rúnicos escreviam-se não só em pedra, mas tambem em madeira, em metaes, e mesmo em pergaminho: eram muitas vezes empregados como signaes para indicarem as estações, os dias de festa etc.; durante certo tempo attribuiram-se-lhes até virtu-

des sobrenaturaes. Suppõe-se que foram introduzidos no norte por Sigge-Odin. Os sabios discordam sobre a sua origem e antiguidade. O que parece mais verosimil é que os scandinavos, alguns seculos antes que o christianismo lhes fizesse adoptar os caracteres romanos, usassem um methodo de escripta proprio, conhecido tambem de outros povos vizinhos. Os missionarios christãos, que viam nos runas vestigios do paganismo, e lhes attribuiam as difficuldades do estabelecimento do christianismo no norte, destruíram muitas obras preciosas escriptas em caracteres d'este genero. As mais antigas inscrições conhecidas não remontam além do oitavo seculo. Estes monumentos preciosissimos para a historia dos povos primitivos, foram por muito tempo tão mysteriosos como os hieroglyphos do Egypto. Foi Bureus que, em 1598, primeiro os descobriu e deciphrou.

O numero total dos diversos monumentos rúnicos em pedra, madeira e metal, conhecidos até ao presente, ascende a tres mil. Dos tres estados scandinavos a Suecia é o que possui maior quantidade.

A pedra rúnica, que reproduzimos n'este numero, foi encontrada na provincia de Upland; tem cerca de seis pés de elevação. A inscrição declara, que aquelles que mandaram esculpir esta memoria a consagraram aos manes de seus irmãos e de seu pae.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

## QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

## V.

Como os leitores já sabem, o velho major nunca tinha ouvido zunir as balas. Tendo sentado praça em 1798, presencéara a invasão do Junot, e a retirada do duque de Wellington, commandando um deposito de recrutas em Peniche, e depois na Ericeira. Patrio e amigo de infancia do capitão-mór, quinhora com elle em Lisboa o innocente gozo das illuminações, dos arcos triumphaes, e de todos os patrioticos regostios, que se seguiram á feliz restauração do reino. N'esta lida affanosa, em que o fogo era todo de vistas, distinguio-se o major com o maior sangue frio e valentia. Apresentado aos ministros pelo seu amigo capitão-mór, valéra-lhe isso a nomeação de tenente-ajudante de um regimento de milicias, organiado depois de findar a guerra. Seis annos desempenhou elle este difficil encargo. Ao cabo d'elles, alcançou que o nomeassem capitão para uma das provincias do ultramar; n'isto es acontecimentos do continente impediram o nosso heroe de seguir viagem para o seu destino. No ante-gozo das proprias façanhas, entretinha-se ideando a larga o methodo de reduzir os indigenas á pratica de uma sã moral e de uma religião verdadeira. Encanecido nas luctas sempre ideaes, e nunca levadas a cabo, que tinham sido o sonho dourado de sua mocidade, conseguira por antiguidade a patente de major reformado, com que por certo havia de descer á cova. Perguntará agora o leitor, como ponde um caracter tão inoffensivo, ser complicado em todas as revoltas por que o paiz tinha passado, a ponto de ter sido desligado duas vezes, e amistiado outras tantas? Timido por caracter, mas fallador impertinente e incansavel, pagára sempre, pela bravura da lingua, a covardia do coração. Retirado do serviço ha mais de quatorze annos, dava prelecções de tactica nos serões de inverno, e

discutia altas questões strategicas com o governador civil do districto, que o ouvia por desconto dos seus peccados. O major era viuvo. Tendo casado em Lisboa em 1816, enviuvára em 1825, de uma senhora que casára com elle por distracção, e para fazer uma revindicta de mulher a um gordo e rico mercieiro da baixa, que a requestára por cinco annos, sem nunca lhe dar o sim. O major contrahira o matrimonio por substituição. As batalhas a que se não arriscára no campo, eram dadas todos os oito dias de escada acima. N'um eterno dize tu, direi eu, com a sua cara metade, nem assim o major levava a melhor na lucta. Diziam os vizinhos, que mais de uma vez se fallára em casa em desquite, e que n'estas occasiões solennes a mulher mandava ajustar almoceve para voltar para os seus parentes; e que o marido fardado completamente, e valente por excepção, se offerecia ao governo, em officio que nunca remetia, para perseguir os contrabandistas que infestavam a provincia. Por felicidade dos contrabandistas as pazes faziam-se no dia seguinte por intervenção da senhora morgada; e os dous esposos, em epistolas dignas de Heloisa e Abailard, recapitulavam os seus amores de ha trinta e dous annos a traz. A morte, que tudo acaba, por termo ás periodicas sabatinas de injurias com que os dous conjuges se mimoseavam um ao outro. Segundo todas as probabilidades, o major não deitou nem lagrima, e d'ahi por diante entregou-se com o maior affinco á sciencia dos Cesares e dos Alexandres, em que se tinha por um bom pratico, e um melhor theorico ainda. N'aquelle noute fui eu a victima das recordações militares do velho major. Um juizo historico sobre a batalha de Wagram, foi o remate da dissertação, que eu já ouvia de olhos fechados, e bocejando a miudo.

Finalmente pude conseguir ficar só, e conciliar o somno até ao outro dia pela manhã. Eram nove horas, pouco mais ou menos, quando a senhora Geneveva me veio chamar para o almoço. A morgada e as duas filhas esperavam por mim. Toda a familia estava triste e pensativa; e a mãe por se não poder conformar com a idéa das viagens intentadas pelo filho; e as filhas para fazerem a corte á senhora morgada, que passara parte da noite no seu oratorio, rezando umas rezas de sua devoção especial á Senhora da Purificação, para que lhe desse ao herdeiro o sisoado e maduro pensar, que tanto distinguira em vida o senhor capitão-mór.

Atrevi-me a entrar n'aquelle dór de familia, lastimando por meu turno, não as viagens, mas a dolorosa impressão que a senhora morgada experimentava com similhante idéa. Não obstante o appetite era grande, e vi-me obrigado a desmentir na pratica as milhas mais bellas theorias de sentimentalismo forçado.

Acabado o almoço, a senhora morgada convidou-me para ir ver o seu palacio. Annui ao convite, e a minha amavel cicerone começou por me levar á sala reservada, aonde, como n'uma especie de museu, se viam pendurados das paredes os retratos de todos os illustres ascendentes da familia do senhor capitão-mór. No topo da sala, e como por deferencia, via-se o retrato de um venerabilissimo bispo, irmão do terceiro avô paterno da senhora morgada. Na extremidade fronteira, via-se o gordo vulto de um cavalleiro de Malta, homem que passára na provincia como o maior apreciador dos vinhos do Douro, e o mais accedido interlocutor dos parlatorios dos conventos. Um crescido numero de magistrados judiciais, e tres marechaes de campo, cujas physionomias episcopaes mais denotavam os aromas da alfa-

zema, do que o perfume da polvora, compunham pela parte masculina os quatro estados historicos da antiquissima familia do senhor capitão-mór. Uma ama de leite do senhor infante D. ... e uma ascetica abbadega de um convento de carmelitas descalças, representavam pelo lado feminino a proverbial nobreza da casa, que um pintor de raça atravessada juntára á familia como complemento nada equivoco de que nem o sexo tinha podido aflrouxar as grandiosas aspirações d'aquelle fidalguia quasi homérica.

Ao chegarmos de frente de um grande quadro que representava um frade em oração, as lagrimas rebentaram dos olhos á senhora morgada. Era um santo, segundo ella me affirmou, e eu piamente acreditado.

Contar-lhe aqui a historia talvez não viesse fóra de proposito, mas prometti acabar n'este capitulo, e as suas virtudes, mesmo em abreviatura, deitavam um volume das suas tresentas paginas pelo menos, virtudes de mais para serem apreciadas n'um jornal de tão curtas dimensões.

Saímos da sala para darmos entrada n'uma especie de gabinete de antiguidades. Os objectos de que se compunha eram de pequeno valor intrinseco, mas de altissimas e não desmentidas recordações historicas. N'aquelle gabinete podia-se bem compôr a biographia inteira, e figurada do senhor capitão-mór.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

## OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

### XVI.

*Severidade do governo de Mahamud I: guerras com a Persia, com a Russia, e com a Alemanha; triumphos das armas musulmanas, e tratado de Belgrado: consequencias d'estes successos.*

No MESMO dia 16 de outubro de 1730 em que o infeliz Achmet III foi derrubado do throno, os sublevados aclamaram sultão a Mahamud I, filho primogenito de Mustapha II.

Portanto no espaço de meio seculo tres soberanos haviam perdido o sceptro, victimas das revoluções. Assim pois, se de vez em quando apparecia algum governo energico e illustrado, que se oppunha a torrente dos males publicos, obstando á rapida decadencia do imperio; se a victoria vinha ás vezes, como um auxilio do destino, dourar os annaes da Turquia, e exaltar os brios nacionaes; logo após seguia-se a anarchia a inutilisar todos esses patrióticos esforços, a desvanecer todo o brilho e prestigio da gloria, a romper todos os lagos sociais, a impellir, finalmente, com mais força o imperio de Osman na sua marcha decadente.

A revolução que precipitou do throno Achmet III teve por chefes dous simples soldados do corpo dos janisaros. Chamava-se um Masih, e o outro Patrona Khalil. A extraordinaria audacia e intrepidez d'estes dous homens aleangaram-lhes tal ascendente sobre os rebeldes, que o vencimento da revolta poz nas suas mãos uma influencia directa e absoluta nos negocios do estado. Ambos porém abusaram dentro de pouco tempo do poder, que a revolução lhes confiára. Ambos se fizeram pezados excessivamente ao soberano, a quem dietavam a lei, aos altos funcionarios, a quem de continuo humilhavam, e por fim á tropa e aos populares, a quem escandalisavam com

o seu orgulho e desprezo, esquecidos de que eram estes a origem unica da sua elevação, e o seu unico apoio contra millhares de individuos, que aproveitavam todas as occasiões de lhe minarem o poder.

Este louco comportamento, arredando d'elles a afeição das turbas, deu azo a côrte para se libertar de tão despótica influencia. Entrando um dia noserralho para tomarem parte no divan, segundo costumavam, foram assassinados na propria sala do conselho.

Como a noticia da sua morte fosse recebida friamente pelo exercito e pelo povo, animou-se o governo a entrar em uma politica de repressão, de que abusou tanto ou mais do que os dous chefes revolucionarios haviam abusado do seu poder. Primeiramente foram sacrificados os partidarios de Muslih e de Patrona Kalik, e depois todos os fautores e instigadores do movimento contra Achmet III. As demissões foram sem numero, e as execuções publicas e secretas excederam a quinze mil em toda a superficie do imperio.

Tão grande severidade arvorada em systema de politica originou continuas reacções na capital e nas provincias, algumas das quaes o governo debellou a custo.

Nestas circunstancias recorreu-se á guerra, meio ordinariamente empregado pelo gabinete ottomano para expurgar o paiz das tendencias revolucionarias, pois que ao mesmo tempo que se dava occupação ao exercito, desviavam-se as atenções da politica.

Comperam as hostilidades contra a Persia. As armas ottomanas alcançaram tão assignalados triumphos, que os persas viram-se obrigados a aceitar as condições de paz, que ao vencedor aprouve impor-lhes. Pelo tratado de 19 de janeiro de 1732, concluido entre estas duas potencias, a Persia cedeu á Turquia uma grande parte das praças e territorio conquistados por esta ultima.

Não foi a paz de longa duração. Em quanto em Constantinopla, e no proprio conselho do sultão, se desaprovava altamente o tratado como menos vantajoso para o imperio, do que o que se podia esperar de circunstancias tão favoráveis; em quanto o grão-vizir, que o negociara, era demittido e desterrado; na Persia uma joven ambicioso levantava por bandeira de revolta aquelle mesmo tratado. Tahmas Kouli Khan, pouco antes ennobrecido pelo seu soberano em recompensa de brillantes feitos de armas, aproveitando-se do descontentamento, que semelhante acto excitara em todo o paiz, reuniu forças consideráveis, marchou sobre Teheran, residência da côrte, constrangendo o monarcha a abdicar em seu filho Abbas III, ainda menor, assume a regencia, e declara guerra á Porta.

Misericordioso e destemido, creado nos campos de batalha, onde ganhara nome e as sympathias de seus camaradas, Tahmas Kouli Khan era um inimigo terrivel, que se apresentava a disputar o passo aos musulmanos n'um paiz onde estavam afeiçados á victoria.

Principiou a campanha sob os melhores auspicios para o guerreiro persa. Os turcos soffreram perdas consideráveis em diversos combats, mas depois corria a paz e fortuna para ambos os contendores. Por fim, percebendo que a lucta se protrahia por muito tempo, e sendo sobreveio nas relações exteriores da Porta um desacôrdo, que obrigou o sultão, a fim de se acabar livre e desembaragado, a negociar a paz com Tahmas Kouli Khan, que então já havia consummado a usurpação, sentando-se no throno de Abbas III, a 18 de maio de 1736.

Vanzara pouco tempo antes a côrda da Polonia, e

a eleição do novo rei foi o pomo de discórdia lançado no meio das principaes potencias da Europa. A Franga desejava por todos os modos faz-la recair em Estanislaw Leczynski. A Russia oppunha-se manifestamente a essa pretensão do gabinete de Versalhes, e favorecia com todas as forgas outra candidatura accomodada aos seus interesses. A Austria e outras nações esforgavam-se igualmente por obter o triumpho para uma candidato da sua escolha.

Questão era esta de muita transcendencia para as diferentes nações n'ella empenhadas. O rapido e progressivo engrandecimento da Russia augmentára a valia da alliança polaca. Forte pelo numero, pela dedicação e coragem de seus habitantes, ennobrecida por longos annaes de heroicas faganhas, a Polonia era n'essa epocha uma barreira natural da Europa contra a ambição moscovita, como o fóra em eras anteriores contra as invasões dos tartaros. A alliança d'este povo guerreiro era pois por todos requestada. Por este motivo a eleição de um soberano accendia a discórdia no seio da dieta, e d'ahi se estendia a todo o paiz, communicando-se algumas vezes a conflagração a uma grande parte da Europa.

Desta vez toda essa lucta de influencias contrarias, que se agitava em Varsovia, veiu reflectir na capital do imperio ottomano. Luiz XV, querendo allralir o sultão aos interesses da Franga, em opposição aos russianos; a imperatriz Anna da Russia, pretendendo obter a sua neutralidade; o imperador da Alemanha, diligenciando afastar-o da alliança franceza e russiana; a Inglaterra, empregando todos os seus esforgos para obstar a um rompimento entre a Russia e a Turquia; todas estas influencias oppostas, guerreando-se aberta e occultamente, lançaram o gabinete ottomano em maiores embaragos e perplexidades.

A noticia da invasão da Polonia pelas tropas moscovitas veiu tirar Mahamud I das duvidas e hesitações, que o cercavam. No divan julgou-se a guerra indispensavel para impedir, que fosse por diante semelhante intervenção. Em quanto porém a Inglaterra, auxiliada pela Hollanda, faziamvas tentativas para evitar a lucta; o exercito russo não dava começo ás hostilidades, pondo cerco á praça de Azof (março de 1736).

Seguiu-se então a declaração official da guerra por parte da Turquia á Russia, ao mesmo tempo que a primeira ajustava a paz com a Persia.

As vantagens alcançadas pelos russos, commandados pelo celebre feld-marchal Munich, fizeram desejada a paz nos conselhos do sultão. A Austria, a Franga, e a Suecia offereceram-se por medianeiras, e chegou a reunir-se um congresso em Niemirow; mas durante as conferencias celebraram a Russia e Austria um tratado de alliança offensiva e defensiva contra a Turquia. Dissolvem-se por consequente o congresso, deixando as cousas como d'antes.

Na primavera seguinte abriu-se novamente a campanha. As primeiras operações collocaram os turcos na mais critica situação possível. A Criméa era invadida pelo general Lassy. Na Moldavia reuçuavam as tropas do sultão diante das phalanges victoriosas do feld-marchal Munich. Pela Servia, pela Polonia, e pela Valachia avangavam tres exercitos allemães.

As victorias alcançadas pelos russianos foram secundadas por uma serie de triumphos obtidos pelas aguas de Alemanha.

Tão continuados desastres lançaram a consternação no paiz. Em Constantinopla chegou o descontentamento ao maior auge, e não tardaria, segundo o costume, a tomar um caracter revolucionario, se não

vieste um accidente favoravel fazer mudar o curso dos acontecimentos. O bom accordo, que reinava entre os tres corpos de exercito allemães, cessou inteiramente. Rebentaram tão serias desintelligencias entre os generaes que os commandavam, que desde esse momento as suas operações não tornaram a ter unidade de pensamentos, antes parecia haver um proposito em se contrariarem e desajudarem reciprocamente.

Em pouco tempo tudo variou de aspecto. A victoria passou-se para as fileiras musulmanas. Os allemães, destrogados em todos os combates, retiravam em desordem, e transpunham precipitadamente as fronteiras.

O effeito moral d'estes triumphos produziu igual metamorphose nas operações contra os russos. O exercito turco tomou a offensiva, e levando de victoria o inimigo em quasi todos os pontos, onde ousou esperar batalha, desalojou-o de todas as posições fortes, que occupava, menos da praça de Azof.

Só então é que o gabinete ottomano annuuiu ás reiteradas instancias da França em favor da paz. No fim de tres annos de uma lueta obstinada, assignou-se o tratado de Belgrado, o mais vantajoso e honroso, que a Turquia tem concluido desde o principio da sua decadencia. A Alemanha restituiu Belgrado e todas as mais praças turcas, cuja posse ainda conservava. A Russia obrigou-se a entregar tudo quanto havia conquistado, durante a guerra a que se acabava de pôr termo; e além d'isso compromettia-se a não ter naus de linha no mar Negro, e no mar de Azof, nem marinha mercante, devendo servir-se o seu commercio de navios estrangeiros. A Porta concedeu aos russos em compensação todas as outras vantagens commerciaes, de que gozavam no imperio as nações mais favorecidas; bem como o livre exercicio da sua religião em todo o territorio turco, e a permissão de terem embaixador residente em Constantinopla. Um artigo especial era consagrado ao reconhecimento do titulo de imperatriz na pessoa da czarina Anna, titulo que o sultão se negava sempre a dar-lhe.

Em janeiro seguinte de 1740, por interveção do embaixador francez, marquez de Villeneuve, fez-se um tratado de alliança entre a Suecia e a Turquia.

Nesse mesmo anno a morte do imperador do Alemanno Carlos VI ateou na Europa uma vasta conflagração. Quasi todas as potencias puzeram em campo os seus exercitos para disputar a sua filha Maria Theresia a successão do throno imperial.

Mahamud I, não só resistiu ás instancias, que lhe foram feitas para o resolverem a entrar na grande liga europea; mas applicou todo o seu esforço e disvelo em dissuadir da guerra as nações heilicizantes. Para este fim offereceu-se por medianteiro, e escreveu a todos os soberanos, exhortando-os á paz. Vendo inuteis as suas diligencias, conservou-se ate ao cabo de tão porfiosa lueta a mais restricta neutralidade.

O repouso que essa guerra de successão deu á Turquia, foi aproveitado pelo governo ottomano em melhorar a sorte do paiz. E tal foi a influencia moral dos successos, que terminaram no tratado de Belgrado; que as vantagens da situação politica em que este acto collocou a Turquia, que os quatorze annos, que decorreram até ao fim do reinado de Mahamud, foram para o imperio um periodo de socego e prosperidade, salvo alguns pequenos disturbios promovidos na Arabia por um fanatico, que pretendia reformar o islamismo.

Mahamud I falleceu no dia 13 de dezembro de 1753 em resultado de uma fistula, de que padecia

havia tempo. Contava 58 annos de idade, dos quaes reinou 24.

Não possuia este soberano dote algum eminente do espirito, nem teve nos seus conselhos homens distinctos por illustração ou caracter, apesar de mudar a miudo de ministros. Se os tivera o paiz recolheria muito maior somma de beneficios da posição precaria em que as armas ottomanas collocaram os seus inimigos nos combates, que procederam o tratado de Belgrado. Entretanto Mahamud I tinha algumas qualidades apreciaveis, que o distinguam na vida privada. Se o comego do seu reinado foi tempestuoso; se no decurso d'elle muitas difficuldades embarçaram a marcha governativa, e não poucos males affligiram o paiz; se n'esse periodo esteve seriamente ameaçada a existencia do imperio, por outro lado quiz a sua fortuna, que em todas essas occasiões de aperto occorresse sempre alguma eventualidade feliz, que o ajudasse a vencer os obstaculos e a salvar o imperio de todos os perigos. Quiz ainda mais a sua boa estrella, que sem haver no paiz um só general de verdadeiro merecimento, tivesse a gloria de vencer e impor condições onerosas e humilhantes a dous imperios poderosissimos, que já olhavam para a Turquia como para uma facil preza.

(Continua.)

## I DE VILHENA BARROSA

### INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GREECIA.

#### *Instrução elemental e escolas primarias.*

2.<sup>o</sup> *Escolas primarias* (particularmente de meninos). Conhecem-se na Grecia tres especies de escolas primarias, com relação á importancia dos districtos, e aos conhecimentos dos mestres. Nos districtos de primeira ordem devem estabelecer-se, em observancia da lei, escolas primarias de primeira classe. Os mestres d'estas escolas devem ser escolhidos d'entre os que nos exames finais da escola normal hajam obtido o numero 1.<sup>o</sup> Têm a denominação de *mestres de eparchia*, e vencem o ordenado mensal de 100 drachmas. Nos districtos de segunda ordem deve haver escolas primarias de segunda classe, dirigidas por mestres que no exame da normal hajam obtido o numero 2.<sup>o</sup> Distinguem-se com o nome de *mestres de eparchia*, e gozam do ordenado de 80 a 90 drachmas, segundo a tarifa proporcional. Finalmente os districtos de terceira ordem devem ter escolas da mesma ordem com mestres tambem de terceira classe, os quaes vencem 50 drachmas por mez. Considerada a escassez de recursos financeiros que possui a Grecia, assombra ver os ordenados com que retribue os mestres; ordenados muito maiores de que os que se dão em Franca.

Além d'estes ordenados *fixos*, os mestres de terceira classe recebem uma gratificação, e dos meninos, que não são pobres, têm direito a haver de 10 a 50 *lepta* por mez (1). No fim do anno de 1839 contavam-se em todo o reino duzentas e vinte cinco escolas primarias, frequentadas por vinte mil quinhentos e seis meninos; porém já no anno de 1850 se tinham estabelecido vinte e sete escolas

(1) A *lepta* é aproximadamente a centesima parte da drachma.

novas, a que concorriam mil e quinhentos discipulos; de modo que em fins de 1842 se contavam na Grecia duzentas e cincoenta e duas escolas primarias, onde se instruiam mais de vinte e dous mil meninos. N'estas duzentas e cincoenta e duas escolas, entre as quaes ha vinte e oito destinadas á educação de meninas, só se pagam exclusivamente pelo thesouro publico os ordenados de vinte e sete mestres; os cento e vinte oito restantes recebem pelos fondos municipaes.

Na ilha de Tinos sustentam-se sete escolas com os filhos da igreja da Anunciação; e finalmente vinte e sete escolas primarias são mantidas por pessoas caritativas e sociedades de beneficencia. Além dos meios que o governo concede para as despesas da escola normal primaria, com o pagamento de pensões e meias pensões a quarenta alumnos d'esta escola, e para o pagamento de sessenta e sete mestres e mestras das escolas primarias, verba que custa annualmente ao thesouro publico 102.660 dracmas, o mesmo governo tem soccorrido as outras escolas primarias, que não são pagas pelo erario, distribuindo-lhes gratuitamente os livros mais indispensaveis publicados pelo estado.

Em todas as escolas se ensina a ler e escrever; arithmetica; historia sagrada; o catholicismo e calligraphia. Nas escolas de primeira classe, e em grande parte das de segunda, se ensina tambem o desenho; a historia da Grecia; geometria; elementos de moral, os principios mais simples e praticos da physica e da historia natural; os elementos de grammatica; o exercicio do pensamento e da palavra; e em algumas outras a musica, e a gymnastica.

N'estas escolas não se segue exclusivamente nem o methodo lancasteriano, nem qualquer outro methodo systematico; pelo contrario, n'este ponto se procede de uma maneira inteiramente eclectica; emprega-se o methodo de ensino mutuo para a leitura, para a escripta e para a arithmetica; e se applica a outros objectos o ensino simultaneo, sem se deixar nunca de applicar com preferencia a cada ensino em particular, o que em cada systema é digno de imitação, e merece ser preferido.

Além d'estas escolas primarias, existem bastantes mestres espalhados por todo o reino, e inteiramente independentes do governo, os quaes não recebem diploma de professores publicos; mas cujos estabelecimentos são tolerados. Dez mil meninos aprendem a ler e escrever com estes mestres, de sorte que no fim do anno de 1840, n'uma povoação de cerca de novecentas mil almas, trinta e dous mil meninos recebiam o beneficio da instrução elemental.

Esta especie de instrução está mais generalizada nas ilhas da Grecia, que nas outras duas subdivisões do reino, isto é, no Peloponeso e Grecia continental. D'esta arte succede, que não obstante conter o Peloponeso mais da metade da população, o numero de meninos que frequentam as escolas primarias não passa do terço da somma total dos meninos que recebem a instrução elemental em todo o reino. E todavia no continente esta proporção mais sensivel ainda; pois exceptuando Athenas e o seu porto, se observa que n'esta grande extensão de territorio a proporção não passa de um quarto. Podem-se distribuir pelo seguinte modo os trinta e dous mil meninos supramencionados:

Peloponeso . . . . .	11:000
Grecia continental . . . . .	8:000
Ilhas . . . . .	13:000

Este numero manifesta que a instrução primaria esta muito mais adiantada nas ilhas que nos outros pontos, e isto provém em parte de ter esta parte do reino soffrido muito pouco na ultima guerra comparativamente com o Peloponeso e a Grecia continental.

#### *Escolas de meninas. — Sociedade philopædeutica.*

Antes da revolução não existiam escolas para meninas. No seio da familia era que as pessoas ricas adquiriam uma instrução proporcionada á posição social de seus paes. Em 1828 os missionarios americanos fundaram as primeiras escolas para meninas na cidade de Athenas, e em outras localidades, ainda então sujeitas á dominação turca. Installado o governo monarchico sentiu-se a necessidade de habilitar mestras; consequentemente pelo anno de 1834, immediatamente depois da organização da escola normal primaria, o governo creou em Athenas, servindo-se do estabelecimento de mistriss Kill, doze pensões para a instrução de jovens destinadas a desempenhar depois as funções de mestras; convidando ao mesmo uma senhora chamada Hellena Pitadakis, que acabava de concluir os seus estudos no referido collegio de mistriss Hill, a aceitar a direcção de uma *escola normal de meninas* fundada em Nauplia á custa do estado. O governo auxilliu tambem outro estabelecimento creado na mesma cidade, para a instrução superior das meninas, por madame Vulmerange; creou tambem n'este collegio pensões para para a educação gratuita; de certo numero de discipulas. Finalmente, trasladada para Athenas esta instituição, e em razão da ausencia de madame Vulmerange, confiou-se a sua direcção a Hellena Pitadakis; tomando o governo inteiramente a seu cargo a sua administração e sustentação. Puzeram-se depois estes collegios sob a inspecção superior do director da escola normal; e á medida que cada alumna ia terminando os seus estudos, e obtinha favoravel qualificação no exame que se requeria, propunha o director ao governo o estabelecimento d'uma escola de meninas n'um dos districtos do reino, dirigida pela joven mestra que tinha sido examinada. Eis como se estabeleceram na Grecia as escolas de meninas que hoje existem. Esta parte da instrução publica reclama porém maiores cuidados, e sente-se cada vez mais a falta de um regulamento geral.

N'este estado de cousas o director actual da escola normal primaria, o sr. Kokkonis, teve a feliz idéa de fundar uma sociedade destinada a promover a instrução elemental, em geral, e particularmente a educação das meninas. Propunha-se como objecto principal, suppondo que se pudessem reunir subscrições sufficientes, crear uma especie de escola preparatoria destinada a formar mestras, aggregando a este estabelecimento uma escola pratica de ensino.

(Continua.)

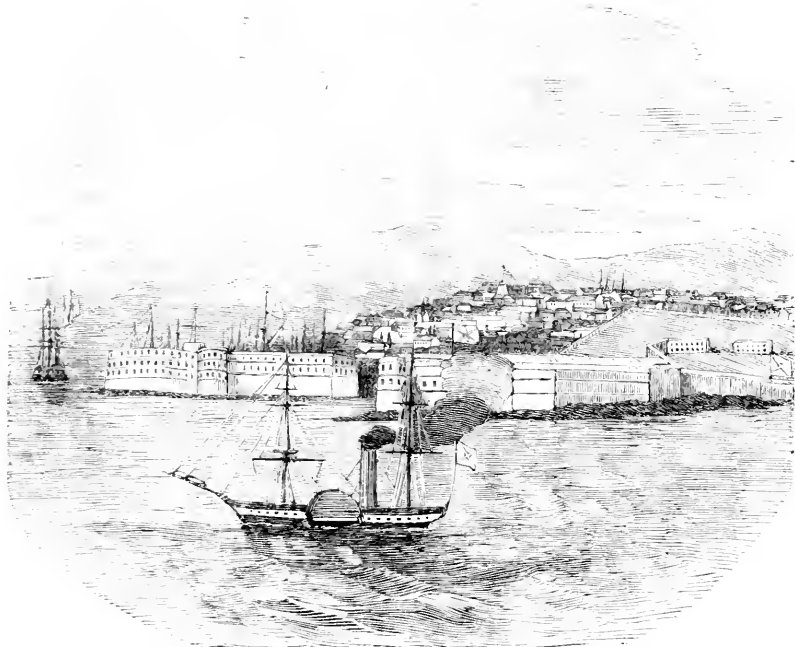
L.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Estudo moral e politico sobre os Lusíadas, por José Silvestre Ribeiro. 1 vol. em 8.º francez, de 250 paginas. Edição muy nitida da Imprensa Nacional de Lisboa.*

Recomendámos a leitura d'este opusculo, que se acha ja á venda na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8. Preço 600 réis.





RUSSIA — SEBASTOPOL.

A Europa espera ansiosa o resultado da grande expedição das nações aliadas, França, Inglaterra e Turquia, contra a praça de Sebastopol, chave da Crimeia e do mar Negro, e primeiro estabelecimento naval da Russia.

Os preparativos que se fizeram foram immensos: a armada, que comzê o exercito, composto de noventa mil francezes, ingleses e turcos, é uma das mais poderosas que se têm reunido no mundo: trinta e seis naus, sendo a maxima parte d'ellas a vapor, e da maior dimensão e força; muitas fragatas, noventa e cinco vapores, tresenta e quatro transportes! Pareceu-nos pois que seria recobrada com agrado uma noticia, quando pelo se exacto da praça contra a qual se destinou tão esportivas forças maritimas e terrestres.

Sebastopol, fundada em 1786, no sítio da aldea tartara de Akhter, e redunda de umas das mais fortes que existem. É situada num penhasco sobre do vasto portal da Crimeia, que entra pelo mar Negro, em forma de triangulo, cortada de uma parte pela bahia de Sebastopol e pela de Akoudah. Vão de leste e mister dobrar o cabo de Karadzé Bozroum, cingido de um immenso recife, para entrar em Sebastopol e nos tres portos que se acham predominantemente

na sua bahia. O seu ancoradouro, de quatro milhas de comprimento sobre uma milha de largura, e cercado de altos rochedos cortados a pique, entre os quaes se abrem haecis naturaes, que foram aproveitadas para formar o porto de quarentena e o molhe de queimaçom dos navios de commercio. A altura d'agua é ali muito grande; e por consequenta os navios podem enostar-se aos caes para a descarga.

Desde as bahizas, que indicam a entrada até ao pé do arsenal, em uma milha de comprimento, todos os pequenos promontorios, que entram pelo mar, são cobertos de fortes de pedra casmatados de dois andares, ou de baterias de taipa, cujo fogo se dirige para o porto. Ao norte, um forte polygonar, collocado em uma eminencia, late as proximidades da rada, ao sul, um outro forte protege a cidade. Um acampamento entrincheirado, ao sul, em boa posição, e quatro casernas fortificadas, dominando os estalamentos da marinha e o parque de artilharia, completam o systema de defesa, como vamos mais ellemente especificar.

A entrada da bahia encontra-se primeiro ao sul um forte de duas ordens de baterias de taipa, com cinco e nta peças de grosso calibre, e a bateria intitulada de quarentena, com cinquenta e uma peças. No

cume da collina, ao oeste da bahia da quarentena, esta o forte polygonar, que dirige para a entrada do ancoradouro cincoenta bôças de fogo.

No cabo Alexandre ergue-se o forte do mesmo nome, que se compõe de uma torre de cantaria de dous andares, de baterias casamatadas, com sessenta e quatro peças. Os outros fortes casamatados são construidos pelo mesmo systema.

Continuando pelo sul encontra-se o forte S. Nicolau, com cento e noventa e duas peças de artilharia, flanqueado à direita e à esquerda de dous outros, um alliado para a barra, o outro varrendo o trajecto dos navios desde a entrada até o arsenal. Por detrás d'este, a bateria Paulo, com oventa peças, varre a ponta este da entrada do arsenal.

Ao norte, perto do telegrapho, achia-se uma meia bateria de dezesse peças, e depois o forte Constantino, com cento e quatro, mais a este um forte de noventa peças, e finalmente ao sul, em um cabo, duas baterias de trinta e quatro peças cruzam o seu fogo com a do cabo Paulo.

Os aquartelamentos, o parque de artilharia, os estaleiros estão grupados em torno do arsenal. Toda a esquadra de Sebastopol, que se compõe de umas vinte e vinte e cinco naus, pode abrigar-se no arsenal, cuja entrada, defendida pelos dous fortes Nicolau e Paulo, pode tornar-se inabrilavel por meio de uma linha de navios atravessados. A bahia em que se que-rem os navios foi disposta de modo que pode servir de defeza. É situada a este do arsenal, e rodeada de cinco diques, contendo cada um d'elles uma nau. Estes diques conservam-se sempre com agua sufficiente, para que os vasos all collocados possam jogar com a sua artilharia. Sebastopol conta actualmente cêrea de 50:000 habitantes; e a sua guarnição não é inferior talvez a 18.000 ou 20:000 soldados.

Por esta resumida noticia pode avaliar-se a vantagem da posse de um semelhante ponto, e ficam explicados os grandes esforços que as nações aliadas contra a Russia estão empregando para se apoderarem d'elle a viva forza.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XXXIII.

##### *Contada da caça.*

Os castros, os grandes senhores do seculo 16.<sup>o</sup> quasi que não tinham outro desenfamento além do exercicio da caça. As classes opulentas, alicidas n'esse tempo ao manuseio das armas, não podia a providencia inspirar tordeencia mais benéfica a um paiz pouco cultivado, cheio de mattos e breñhas. Assim, sem o perigo de offendim o pobre lavrador, perseguindo as feras, e protegiam a criação dos fructos da terra, desbastando os matizes das florestas, não menos nocivos e devastadores que os ferozes. Mas o que alicerte ponto era propensão e habito saudavel, veio depois a degenerar em paixão furiosa. Quando esse ardeur se achava os matizes bravios, ou erroo tornar d'elles especies de vivores, para assim tornar nella a economia e mais proficua a diligencia dos caçadores. D'aqui vem a instituição das *contadas*, isto é, de certos trabs de territorio, dentro de cujos limites se hevia vedado caçar, salvo ao senhor da terra, ou a quem por mereço sua especial allargava para esse permisso. Depois d'este desobriemto es-

tendeu-se successivamente sobre a terra uma tal rede de *contadas*, que pode dizer-se que chegou tempo, em que Portugal todo, ou pelo menos a extensa provincia do Alentejo, era uma só e continua *contada*. Porém a necessidade de segurança pessoal, e o natural desejo de salvar das garras dos bixos os fructos regados com o suor de seu rosto, era incentivo permanente e invencivel para os visinhos das localidades devassarem a cada hora as *contadas*, e perseguirem os inquietos moradores d'ellas. Foi então necessario aos poderosos, para conservar o seu regalo, comminar e infligir severas penas a quem quebrasse as immunidades d'aquelles privilegiados asylos de malleitores irracionaes.

Não se entenda que fallo aqui das prohibições mais ou menos geraes de caçar ou pescar em certas estações, ou com certos instrumentos e aparelhos nimiamente destructores; porque essas defezas, e seus correspondentes regulamentos, não tendiam tanto a facilitar os meios de dissipar a melancolia de senhores e fidalgos pelo exercicio da montaria; como principalmente tinham em vista assegurar o bastecimento de carnes e pescado. Esta ultima especie de *contadas*, (se tal nome se lhes pode dar) são assumpto de não pequeno numero de artigos de nossa legislação antiga e moderna, dos quaes apontarei apenas a ordenação extravagante de 13 de dezembro de 1519 (1), incorporada depois nas ordenações Manuêlinas, livro 5.<sup>o</sup>, titulo 87, d'onde passou para as ordenações Philippinas, livro 5.<sup>o</sup>, titulo 88. N'esta ordenação, além das defezas geraes e communs a todo o reino, se reduz ainda a mais estreitos limites a facultade de caçar em varios logares, e um d'esses é Arroyolos.

A *contada*, que laz o assumpto d'este capitulo, consistia (como acima disse) na absoluta e perpetua defeza de caçar dentro dos limites assignalados. Pertencia, como era de razão, á casa de Bragança, se bem que sem favor se lhe podia chamar real, pois d'ella affirmava el-rei que servia mais para seu desenfamento do que outra alguma (2).

Bem quizera eu começar por descrever a situação e limites d'esta *contada*, e apontar o tempo da sua instituição: mas de nada d'isso achei memoria. É provavel que fosse instituida, como algumas outras da provincia, por el-rei D. Manuel em principios do seculo 16.<sup>o</sup>, e a primeira prova, que encontro, de sua existência é um alvará de 21 de novembro de 1510, expellido pelo dito rei de Lisboa aos juizes da villa de Arroyolos, em que ha por bem que arreitor da contada da dita villa até meia legua não haja nenhuns galgos, e qualquer pessoa que os tiver, e lhe forem achados, pague a pena que pagam aquelles que na dita contada caçam (3). De pouco ou nada servia que os moradores de Arroyolos se abtivessem de caçar na *contada*, se ficasse livre aos de Evora o fazel-o. Acudiu logo el-rei a este inconveniente com outro alvará ao jiz de fora de Evora, em 5 de fevereiro de 1517, para que nenhuma pessoa de qualquer condição e qualidade que seja vá caçar lebres com galgos, nem as tome, nem mate com nenhuma armadilha na *contada* de Arroyolos, sob pena de, além de se executarem no que occorrieroo fazer as penas da dita *contada*, mandar el-rei contra

1 Cartorio da camara de Evora. Liv. 1.<sup>o</sup> de registo, fl. 96 v.

2 Alvará de 21 de agosto de 1524. Cartorio da camara de Evora, Liv. 1.<sup>o</sup> de registo, fl. 110.

3 Cartorio da camara de Evora, liv. 1.<sup>o</sup> de registo, fl. 58.

elle proceder com qualquer outro castigo, que for sua mercê. E manda ao dito juiz de fora que quando for requerido pelo duque, seu muito amado e prezado sobrinho, tire inquirição de vassallos dos que na dita coutada eçam, e a elle proprio rei a envie cerrada e sellada para a ver, e mandar o que houver por seu serviço (1).

Parcece que nem os de Evora nem os de Arrayolos prestavam mui estricteza a estes alvarás.

Pelo menos assim o entendia o duque de Bragança, mandando-se queixar d'isso a el-rei, que em 21 de agosto de 1521 fez passar outro alvará a todas as justças, e em especial ao juiz de fora de Evora, para que nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que seja eace na coutada, que por sua licença e auctoridade o duque de Bragança e de Guimarães, seu muito amado e prezado sobrinho, tem em a sua villa de Arrayolos, sob pena que qualquer que n'ella caçar incorra nas penas, que elle dito rei tem postas na sua coutada da Sitima de junto da dita cidade de Evora, e que assim sejam executadas como pelo regimento da dita coutada o manda. Outrosim manda ao dito juiz de fora da cidade de Evora, que a requerimento do couteiro da dita coutada do duque tire cada anno devassamento as testemunhas, que lhe elle apresentar, e a dita devassa entregue a certo recado ao mesmo duque, seu sobrinho, para por ella requerer sua justiça. Quer mais el-rei e lhe praz que o couteiro, que o dito duque, seu sobrinho, tiver posto na dita coutada, e dous guardas sejam eridos por seu juramento, assim como o são os da dita sua coutada da Sitima, fazendo elles primeiro juramento dos santos evangelhos, perante o dito juiz de fora, que bem e verdadeiramente encontem os que na dita coutada acharem cagando. Assim mesmo praz a el-rei que os que forem comprehendidos em cagar na dita coutada, e forem dos outros lugares comarcões da dita villa de Arrayolos, tenham a pena que tem os da mesma villa pelo regimento da coutada; e que por carta precatoria do juiz de Arrayolos se faça n'elles a execução dos d'ellos. Por ultimo manda el-rei cumprir e guardar todas estas cousas inteiramente, e o ha assim por bem e seu serviço, por esta coutada ser mais para seu desenfadamento do que outra alguma (2).

Ainda se não dava por contente o duque. Podia, é verdade, armado com os rigores dos antecedentes alvarás, estorvar de cagar na coutada as pessoas leigas e seculares; mas escapavam-lhe pela malha os clérigos. Esses abrangidos com a sua isenção da jurisdicção secular, entendendo não lhes serem applicaveis os preceitos e penas dos alvarás regios, não sómente ousavam cagar na coutada, mas, segundo dizia o duque, lh'a damnificavam e destruíam contra a forma dos privilegios do mesmo duque. Recorreu pois a quem podia dar-lhe remedio, a seu primo o cardeal infante, bispo de Evora, o qual achando justa e honesta a petição do duque, e entendendo ser prejudicial aos clérigos serem cagadores, mandou de Almeirim, a 4 de janeiro de 1526, por alvará seu aos vigários de Evora, Monte-mór e Arrayolos notificassem aos clérigos d'aquella cidade e villas, que nenhum fosse ousado de ir cagar á dita coutada contra vontade do duque, seu primo; e sendo algum lh'a achado, ou provando-se-lhe por qualquer via que foi la cagar, incorra n'aquellas penas em que incorrem os leigos, que similhante cousa fizerem. E sendo o caso que algum clérigo d'aqui em diante faça o

contrario, sendo demandado perante o vigário, e achando-o este culpado, o conlemne, e mande n'elle executar as penas, que se executam nos leigos, de que ameteado seja para a pessoa que o accusar, e a outra metade para a fabrica da sua sé (3).

Continuou a coutada até ao fim do seculo, afrouxando-se provavelmente cada vez mais os rigores primitivos, até que passando a corria para os reis de Castella, estes, não tendo occasiões de cagar nas coutadas de Portugal, não tardaram em abolil-as. Por provisão de 9 de julho de 1594 (4), reconhece Philippe II, que por as coutadas de caga, que os reis passados tinham ordenado que houvesse n'este reino serem tantas e tão grandes, era causa de serem devassadas, e de não haver na guarda d'ellas a observancia que convinha. E logo declara que por fazer mercê a seus vassallos, ha por bem e manda descontinuar de todo muitas das ditas coutadas, e de algumas que ficam, cortar de maneira que não sejam tão largas como até aqui foram; e isto quanto á cada semente, porque quanto ás madeiras ficarão todas coutadas e dezas como d'antes eram. As coutadas que conservou, para si, prevenindo alguma visita a Portugal, foram as de Lisboa, Cintra, Collares, Almeirim, e Salvaterra, ás quaes deu n'essa mesma occasião novo regimento (5).

A provisão antecedente achou alguma resistencia na sua execução, o que deu causa a sair o alvará de 4 de abril de 1601 em confirmação d'ella (6).

A coutada de Arrayolos ficou incluída n'esta primeira abolição geral.

#### J. H. DA CUNHA RIVARA.

#### MEMORIA ACERCA DA BIBLIOTECA DE EL-REI D. DUARTE.

TEM sido até hoje opinião assentada, e seguida por todos os nossos chronistas e historiadores (1) que

1) Provas da Historia Genealogica da Casa Real. Tomo 1.º, pag. 72.

2) Torre do Tombo. Liv. 2.º de leis, fl. 112.

3) Reformado depois por outro regimento de 21 de março de 1510. E foram totalmente abolidas e devassadas por decreto das côrtes constituintes de 8 de fevereiro de 1521.

4) Torre do Tombo. Liv. 2.º de leis, fl. 52 v.

5) D'entre elles apontaremos os seguintes, que temos agora a mão:

Roy de Pina, *Chronica de D. Affonso I.*, cap. CCXIII.

Mariz, *Dalios II.*, cap. IX.

Duarte Nunes do Lizo, *Chronica de D. Affonso*, cap. LXIX.

Faria e Sousa, *Europa Portuguesa*, tom. II, part. III, cap. III. — E tambem no *Epitomo*, cap. XIII da edição de 1674.

Francisco de S. Maria, *Anno Historico*, tom. II, pag. 601.

Francis de Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 90. João Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*, tom. II, pag. 191 da edição de 1746, etc., etc.

A vista de tão unanime testemunho, já não é para estranhar que o moderno auctor do *Manuel de Bibliothéconome de Colléon-Rocq* (Paris 1844) descrevendo as principaes bibliothecas da Europa, no artigo Lisboa, a pag. 231, nos apresente como existente n'aquella data a *Bibliotheca Real*, funda

1) Carta da cam. d'Evora, liv. 1.º de reg., fl. 49.

2) Ibidem, fl. 110.

el rei D. Afonso V *fóra o primeiro rei portuguez, que em seus pagos ordenára livraria.* O douto e laborioso abbade Diogo Barbosa Machado assim mesmo o repete no artigo concernente áquelle monarchia, inserto no tomo I da sua *Bibliotheca Lusitana*; e mais recentemente o sr. Freire de Carvalho, no seu *Princípio Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal* a pag. 59. Todavia, o amor e respeito que professámos a verdade exigem que imparcialmente reivindicuemos aquella gloria para o pae do referido monarcha, el-rei D. Duarte, o *Eloquentes*, a quem toca com mais justo titulo, e melhor fundamento. Afóra muitas e congruentes razões, que poderíamos adozir, ha um documento, quanto a nós incontestavel, que nos dá todo o direito para assim o affirmarmos.

No extinc'o mosteiro da Cartuxa de Evora, entre outras preciosidades litterarias de grande momento para a historia das letras portuguezas, existia um antigo e rarissimo codice, do qual João Franco Barreto extrahiu varios apontamentos, quando se occupava de colligir memorias para a *Bibliotheca Portugueza*, que emprehendeu e concluiu, mas que por mau fado não chegou a ver a luz, posto que estivesse completa, e com as licenças para a impressão, segundo nos declara o allegado Barbosa Machado, como testemunha ocular, no artigo relativo aquelle benemerito escriptor. Este codice continha nada menos que uma compilação de todas as obras miúdas de el rei D. Duarte; faltando porém os livros do *Local Conselleiro*, e *Arte de Cavalhar*, de que hoje por fortuna possuímos já duas edições, feitas recentemente em Paris e Lisboa, uma e outra devidas ao disvelo de dous assíduos cultores das letras patrias (1).

Além das referidas obras comprehendia mais o citado codice (e foi tambem integralmente copiada por João Franco Barreto) uma resenha, ou catalogo dos *livros do uso do sobredito rei*. Este é o que passámos a transcrever sem alteração, quer na phrase, quer na orthographia; que, reportando-nos á copia que temos presente, se nos afiguram por sua anciandade em tão conformes ao proprio original (2).

Chamando pois a attenção dos leitores estudiosos para este documento, erámos que todos de bom grado concordarão conosco em que a colleção dos livros reunida pelo bom rei D. Duarte, ainda que pouco numerosa, e d' muiutissima com respeito aos nossos dias, era realmente de sobrada estima, e pre-

da por D. Afonso VIII. Deixámos aos conhecedores da materia o cuidado de analysarem o valor d'este aserço.

(1) A de Paris, 1812 em 4.<sup>o</sup> grande, precedida de uma introdução, illustrada com varias notas, e publicada por J. L. Roquet; a de Lisboa, impressa na typographia Rollandiana 1814, em 4.<sup>o</sup> pequeno; mais completa que a de Paris, por conter o cap. LV, que n'aquelle se omittiu.

(2) De todo o codice manhou o erudito conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Meneses extrahir um fiel, e bem ordenado tran-umpto, o qual (não obstante parecer com toda a selectissima livraria, que pertencera a este fidalgo, no inventario subsequente ao testamento do 1.<sup>o</sup> de novembro de 1757, perda irreparavel para as letras portuguezas!) havia sido por elle benevolamente communicado a D. Antonio Caetano de Sousa, que o fez imprimir em parte nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, tom. I.

ço n'aquellas eras, e podia bem merecer o nome de livraria; mórmente se attendermos a que em sua totalidade se compunha de manuscritos, visto que o seu possuidor falleceu em 1438, isto é, dezeseis ou dezoito annos antes d'aquelle a que communmente se attribue a invenção da typographia na Europa (3).

#### *Livros do uso de el-rei D. Duarte.*

O Pontifical.

Marco Paulo, latim e linguaem, em hum volume.

Viatico.

Collações que escreveu João rodrigues.

Miracula Sanctorum.

Bluvia.

Breviario.

Collações que foram do arçobispo de Sam Thiago.

Dialectica de Aristoteles.

Dita Daviceana.

Valerio maximo.

Epistolas de Seneca com outros tratados.

Regimento de Princeses picado douro nas tavaas e as cobertoiras vermelhas.

Pastoral de letra antiga.

Declaração sobre as epistolas de Seneca.

Agricultura que foi de João Pereira.

Livro da quinta essentia.

Hum livro pequeno que começa: « Si cupis esse memor. »

Outro livro pequeno que começa: « Domino meo illustri potenti domino Comiti Nicolao de Petralda. »

Os cadernos da confição que escreveu João Calado.

O livro dos Evangelhos.

Actos dos apóstolos.

Geney.

Estoria geral.

O livro de Salamão coberto de bezerro.

Coronica De-spanha.

Coronica de Portugal.

Livro dos Martires.

Livro de Tristã.

O amante.

Bluvia.

Livro de montaria que copiou o vitorioso Rey Dom João ao qual Deos dá eternal gloria.

Merli.

Regimento de Princeses.

Segredos da Ristotiles.

O livro de Galaz.

O livro de cetraria por Castelão.

O livro das trovas del Rey Dom Dinis.

Livro da Corte Imperial.

Livro de lepra encadernado em purgaminho.

Livro de logia.

Livro das pregaçoens.

Livro das meditaçoens de S. Augustinho, e das confiçãoens.

Caderno das comemoraçoens em letra grossa.

Livro das Oras do Spiritu Santo encadernado em letra grossa coberto de coiro verde.

Cadernos das cidades e vilas de Portugal.

Livro da virtuosa beneficentia.

Livro das ordenaçoens dos Reys.

(3) Vej. Lambinet, *Origine de l'Imprimerie*, tomo I, pag. 153 da edição de 1810. Peignot, *Dictionnaire de Bibliologie*, tom. II, verb. *Typographie*, etc.

Livro dos officios de casa de algum Rey.  
 Bartolo com tavoads e coiro verde.  
 Marco Tulio, o qual tirou em linguagem o infante D. Pedro.  
 O livro do Conde Lucanor.  
 Julio Cesar.  
 Cronica despanha em cadernos.  
 Bartolo em cadernos encadernados em purgamiulo.  
 Conquista dultamar.  
 Livro da cetraria que foy del Rey Dom Johão.  
 Orto do esposo.  
 Agricultura que foy del Rey Dom Johão.  
 Arvore das batalhas.  
 Marco Tulio.  
 Livro das trovas del Rey Dom Affonso encadernado em coiro, o qual copilou F. de monte mór novo.  
 Valerio maximo em Aragoes.  
 Guerras de Macedonia em papel de marca grande.  
 O livro da Romaqueya em papel.  
 Capitulos que o Rei D. Eduarte fez quando em boa ora foy Rey.  
 Livro de montaria por Castelão.  
 Livro de papel velho encadernado em purgamiulo, que fala dos costumes dos homẽs e doutras cousas.  
 O acipreste de fysa.  
 O livro Danibal por portuguez.  
 Livro de montaria.  
 Hum livro das meditaçoens de Santo Augustinho, que treladou o moço da Camera.  
 Estoria de Troya por Aragoes.  
 Livro de Rumelião.  
 Livro de Estrologia encadernado e coberto de coiro preto.  
 Livro de rezar del Rey em que esta a confusão geral.  
 Livro das trovas del Rey.  
 Livro dos Padres Santos em papel de marca mayor, que foy de Johão Pereira.  
 Livro da primeira partida.  
 Dous livros de Martym Pez.  
 As collações de letra pequena.  
 Livro do cavalgar que elRey D. Eduarte copilou (1).

I. F. DA SILVA.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

### QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

#### VI.

No CAPITULO antecedente ficaram alguns dos meus leitores no gabinete de antiguidades do capitão-mór; é tempo de lhes mostrar os objectos curiosos de que se compunha. Entre varias cartas autographas, notava-se a que fôra escripta a um dos avós da senhora morgada por um príncipe preto de nobilissima ascendencia, e recebida em Lisboa pela penultima nau dos quintos que viera aportar ao Tejo; e a minuta

(1) Maravillamo-nos de não encontrar aqui enumerado o celebre romance do Amadis de Gaula, escripto (ao que se diz) originalmente em portuguez, e cujo auctor Vasco de Lobeira tão accedido fôra ao defunto rei D. João I, segundo affirmam os nossos historiographos.

de um requerimento em que um dos antepassados do sr. capitão-mór pedia o habito de Christo para si, e para todos os seus descendentes, allegando, que fôra elle quem mais do que ninguém contribuíra para umas cavalhadas que se tinham dado na villa, no dia dos annos de sua magestade fidelissima. Entre os manuscritos, poucas mais curiosidades se continham; e a não serem umas memorias de um segundo tio da senhora morgada, sobre a applicação das bestas muars á charrua, em substituição dos bois; e umas considerações topographicas sobre um bocado de charneca, que continuava ao norte com um terreno baldio, que, por cedencia d'uma confraria religiosa, havia dous seculos que fazia parte do morgado do sr. capitão-mór.

Dous cães de caça embalsamados, um furão, e uma tartaruga, compunham o gabinete zoologico da familia, em que se soletravam, ás décadas, os triumphos que o sr. capitão-mór obtivera, caçando. Uma pacifica e ferrugenta espada pedia d'umas das paredes do gabinete. Desejavel saber-lhe a historia. Fôra um presente da municipalidade da villa, em testemunho de gratidão ao avô materno da senhora morgada, pela decisão heroica com que se saíra a debellar dous lobishomens que infestavam os contornos. A lenda era das mais engenhosas. Segundo a senhora morgada me contou, perseguindo-se, o caso fôra serio. Os lobishomens, eram dous irmãos que tinham jurado em vão o santo nome de Deus, alardeando o peccado com a impennencia e falta de contrição, e assustando a visinhança com correrias nocturnas. Na terra não havia quem se lhes atrevesse; ligados com o demonto em intimo pacto, querer agredil-os, era como que desafiar todas as potestades do inferno. Plebeus não se aventuravam a tão altas cavalharias; fidalgos temiam de-lustar os braços combatendo com adversarios de jerarchia inferior á sua. Até que por felicidade da provincia houve um homem de alto engenho, e esbôrdado coração, que se aventurou á empreza. Esse homem fôra por honra propria, e orgulho de seus descendentes, o avô materno da senhora morgada. Armado de ponto em branco, saíra-lhes ao encontro em noite fusca e sem estrellas. Como o final de todas as lendas, ninguém sabia ao certo os pormenores do combate; apenas passava como certo o desapparecimento dos dous feios lobishomens, que punham medo a damas e a creanças, e acovardavam os maiores valentes do sitio. Obelisco que perpetuasse a memoria d'esta faganha, se algum o inaugurou, não foram os meus olhos que o víram; e a espada essa sim, a Alta-Clara, ou a Durindana, ao pé d'ella, ficavam a perder de vista. A tia Genoveva contou-me depois, que em quanto durasse aquella espada, não eram mais lobishomens que se atreveriam a passear por terras de Traz-os-Montes.

As indiscricões sempre se pagam caras! Atrivei-me a perguntar á senhora morgada pelos objectos historicos que recordavam os feitos dos tres marechães que vira pintados; e soube então com pasmo, que todos tres tinham sido militares de torna-viagem, ganhando os postos, por terem amiudadas vezes dobrado o cabo da Boa-Esperanga. Desilludido das altas emprezas que sonhára por conta da familia, vim obrigado a recorrer ao Fernão Mendes Pinto, unico meio que me restava de encaecere as problematicas faganhas dos nossos heroes.

A cada rajada de erudição asiatica que eu proferia, a viuva saudava-me como o verdadeiro regenerador das amortecidas, deslembreadas, e mais patrioticas ações dos seus maiores. As raparigas duvidavam, como eu, que ellas nunca tivessem existido, e

...avam para mim como que receando da sinceridade e legitima applicação das minhas citações historicas. Em quanto durou a nossa digressão, a morgada creava nova vida, recapitulando uma por uma as olympicas e mythologicas façanhas dos seus antepassados, a que dera novo lustre, na sua opinião, a patriótica lembrança que tivera o senhor capitão-mór de ir até ao Brazil, sem nunca desamparar, nem nos theatros, a real familia!

Ao sairmos do gabinete, com tenção de irmos respirar pelos jardins um pouco de ar mais livre, e que a morgada Morgada teve a condescendencia de me apresentar um criado velho que tinha, typo não degenerado do velho soldado, e que me recordava ao vivo, por entre os destroços da illude, a decisão ardentemente, e o patriotico alvoroço com que o povo corria as armas, para resistir a invasão franceza do Juro, em quanto que os grandes da fortuna e de nome apodhavam submissos e reverentes ao idolo do dia.

Costei de conversar com o bom do velho. As palavras eram-lhe sinceras como o coração; contava sem hesitação as cousas que se tinham feito n'aquelle tempo, e narrava os factos com tamanha confiança, que quem quizesse escrever a historia das nossas campanhas, havia de as ir estudar com elle, que ninguém as sabia melhor, nem com mais poesia e criticismo poderia narrar.

Uma cutilhada, que tem se via que não fóra de amigo, dava realce a phylionomia do velho, que tendo reservado para si as glorias de chronista militar, deixava a tia Genevêva no gozo das suas recordações exvis, em que era mais exacta do que qualquer desses calendarios, que por ali assentam balizas historicas, com a mesma consciencia com que a velha lhes entenderia os escriptos, se tivesse tempo e pachorra para os ler.

O bom do soldado quando se lhe fallava nas nossas discordias civis sorria com um profundo desprezo, e rematava sempre dizendo: "tenho d'os vóces."

O cumprimento, sem ser dos mais polidos, era excessivamente sincero, por isso todos l'h'o perdoavam.

O meu maior desejo era distrahir-me com o velho nas effuzidas comemorações que me vira forgado a ouvir, mas fallava-me o tempo. Tinha que marchar antes de anoutece, a tarde estava adiantada, e d'ali a noite já pouco distava.

Despedi-me da senhora morgada e das filhas, manifestando os ardentes desejos que tinha de que o meu trabalho se resolvesse pela tão viagem. As lagrimas reluziam-lhe nos olhos á viva, e eu tive a vaidade de me persuadir que eram por mim, esquecendo-me momentaneamente que lhe tinha fallado do filho nas viagens, no Gulliver, na Terra-Santa, no Fernando-Alentado, nos anthropophagos, em Sevilha, na latridomia.

Deus apressou a senhadaria do palacio, disposto ao meu respeito de todos os perigos, qual era o de me tornar

Ver o cavallo, illusão ou realidade, pareceu-me que o bom do animal estava mais gordo. Attrevi-me a estremo, por certo tão perigosa como as de mal-Bertinho e o Sango. Mal tinha posto o pé no estribo, e o animal ajeitinho, tazonou uma profunda corteza, digna de mais apromorado mestre de ceremonias. O que tem de ser, tem muita força; fiz o meu ultimo esforço, allaguei o com o maior mimo, e passei ao pouco tempo o bom do cavallo chofava airosoamente pela estrada da Regoa.

Da familia do senhor capitão-mór nunca mais tive a ventura de receber noticias; nem sei se a Genevêva morreu, nem se as meninas casaram, nem se a rapaziada viajando, alegrava o senso mimimi que fallava em andar sem pa...

Do cavallo, esse sim, soube-lhe da morte passado quasi um anno. Macrobio celebre, ninguém que eu saiba, obteve antes de mim a sua certidão d'obito. Não sei se foi bom amigo, mas duvido muito que tivesse sido bom paer.

L. A. PALMEIRIM.

## QUADROS MARITIMOS.

### I.

ESCAVANDO nas minas dos nossos antigos escriptores, em cata de documentos para a historia da marinha portugueza, que empreheendo levar a cabo, se Deus me ajudar de sua mão, deparei com um livro, composto de folhetos de diversas datas e auctores, em que se relatam alguns dos mais lastimosos naufragios de nossas naus e galeões na carreira da India; minuciosas de mais são aquellas relações para interessarem ao geral dos leitores, e muito extensas para serem trasladadas n'este jornal: por isso tratei de as reduzir convenientemente, e vou publical-as, certo de que ha de agradar a sua leitura, por versar sobre acontecimentos pouco conhecidos hoje.

Começo o livro pela *Historia da muy notavel perda do galeão grande S. Joan*, em que se conta a morte de Manuel de Sousa Sepulveda, sua mulher e filhos, e mais gente do navio, na costa do Natal; como porém este successo é muito conhecido, e d'elle se deu noticia em outro volume do *Panorama*, vamos passar á

*Relação do lastimozo naufragio da nau Conceição, chamada Algaracia a nova, de que era capitão Francisco Sobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos, em 22 de agosto de 1555.*

De cinco naus que partiram de Lisboa para a India em março de 1555, quatro chegaram a salvamento a Goa, porém a quinta, chamada *Conceição*, e que os marinheiros denominavam *Algaracia a nova*, passando por fóra da ilha de Madagascar, em demanda de Cochim, foi encalhar nos baixos de Pero dos Banhos, as tres horas da noite de 22 de agosto, indo com as velas largas, e não se sabendo a quem attribuir a causa do sinistro.

Apenas amanheceu viram que a nau tinha assentado em uma restinga d'arça, que em parte saia da agua, unico logar de salvagão que enxergavam, ainda que muito precario; tratou-se pois de alliviar a embarcação, a ver se era possível desencalhá-la, porém de balde cortaram o mastro grande, e allijaram ao mar quanta fazenda encontraram; o navio abriu agua em grande quantidade, e todas as esperanças ficaram perdidas.

O remedio unico (bem pouco!) era desembarcar a gente para a coroa de arça; sacar para ali o maior numero de mantimentos que fosse possível extrahir da nau, antes que ella se deslizesse; e ir algum nobatel ao porto da India mais proximo, a ver se alcançava poderem-se salvar os que ficassem. Assim se fez; e o capitão, com mais dous homens de qualidade, e trinta marinheiros, mettendo-se no barco com os cofres d'el rei, deixaram furtivamente os seus desgraçados companheiros. Não se pode explicar (diz n'este conto o jesuita, que vamos seguindo em sua narração, a grande confusão e tristeza, com repentinos assombraamentos da morte, em que ficaram os demais, que eram perto de quatrocentos homens, vendose em quatro polmos de terra, tantos em numero e com tão pouco mantimento, sem provisão para viver na terra, nem remedio para sair do mar.

N'este transe tiveram aquelles homens uma idéa bem extravagante: elegeram por seu capitão a D. Alvaro d'Athaide, mancebo de dezoito annos, sem experiencia, só porque era sobrinho do conde da Castanheira! E deram-lhe por companheiro um homem experimentado e de conselho, Duarte Rodrigues de Bolhão, ficando assim organisa da governança d'aquella miseravel colonia. Já ella estaria desfeita pela fome, se não foram os muitos alcatrazes que viubam posar na ilha, e que se deixavam tomar dos naufragos, bem como alguns mantimentos que o mar arrojava do convex da nau para a praia: porém este ultimo recurso acabou-lhes, porque uma forte temporal derrocou de todo a embarcação, e apenas puderam recolher algumas taboas, com as quaes esperavam ordenar ainda um barco salvador.

E ordenaram! Sem ferramenta, sem carpinteiro nem alafate, faltos de tudo! Em quatorze dias puzeram a nado a improvisada embarcação, a que deram o nome de *Misericordia de Deus*, porém só quarenta e cinco, em cujo numero entravam os dois consules, coberham dentro d'ella, e se entregaram aos perigos do mar da India, despedindo-se mui chorosos de seus companheiros que ficavam em terra.

Depois de demuitos trabalhos, fome e sede, como pode imaginar-se, chegou a avistar terra o barquinho, e no mesmo ponto encontrou dons fustões, em um dos quaes vinha o proprio capitão da nau *Conceição*, Francisco Nobre, por mandado do governador da India a procurar os naufragos. Um dos fustões rebocou para Cochim o milagroso barco, e o outro seguiu com Francisco Nobre em demanda dos baixos de Pero dos Banhos.

Entretanto uma nova tentativa se effectuára na ilha. Ao cabo de oito mezes das mais cruéis privações, alguns dos naufragos imaginaram descobrir por ali perto outros ilheus menos aridos, e arranjando das madeiras da nau, que ainda encontraram, uma fraca jangada, se entregaram ao mar, prometendo aos companheiros, que ficavam em terra, vir procurá-los se encontrassem salvação.

Partiram em abril, e dois mezes andaram sobre as aguas, sem descobrir nenhuma terra, e sofrendo todos os horrores da fome e da sede, quando não podiam pescar algum peixe, ou não chovia. Por fim descobriram uma ilha, tão esteril como a que haviam deixado, e enxergando d'alli outra, que parecia frondosa, diligentaram tomá-la. Vento ponteiro e grossos mares tornaram inúteis as diligencias de duas tentativas, e quando os mais corajosos se arrojavam terceira vez a ir na jangada, quando aquelle maior numero ficou na ilha, aguardando o resultado da expedição. Desta vez afferraram a terra!

Saburosos côcos, diferentes herbas, e agua crystallina, mataram ali a fome e a sede dos aventureiros, porém era tal o seu estado de fraqueza, que abundancia os fez cair a todos tão perigosamente enfermos, que não houve quem podesse não ceito voltar na jangada a buscar os companheiros. Sôpassado um mez, tendo feito proximo de agua e côcos, se puderam aventurar de novo no oceano; não encontraram porém na outra ilha mais do que dois companheiros vivos: o resto havia morrido de fome! Entregues á furia do mar, e sem rumo determinado, os pobres naufragos arrojavam sem temporos tremendo, dentro d'aquella fraca jangada, até que a 27 de novembro de 1546 apertaram a Cochim, depois de quinze mezes de angustia! da langueza esperava; e mais ainda, porque o capitão Francisco Nobre não dera com os baixos de Pero dos Banhos: e assim perceram ao desamparo a gente que a ficara, que era mais de metade da tripulação da nau.

Que perigos e trabalhos ta shi em terra que possam comparar-se com estes? Se quereis ouvir-me, contar-vos-hei outros casos não menos lastimosos e tão verdadeiros como o da nau *Conceição*.

(Continua)

F. M. BERTALDO.

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A ITALIA.

##### V.

FALLAMOS de ROMA no antecedente artigo, decaido para este referir a nossa apresentação a sua santidade, a qual effectuamos como noticiaremos mais de espago.

Fomos visitar a igreja de S. Antonio, que pertence aos portuguezes, na companhia do conselheiro de legação Husson, cavalheiro mui urbano e instruido, que aquelle tempo estava encarregado de negocios, na ausencia do ministro.

Não faremos aqui a historia da origem e sustentação da igreja e hospicio de S. Antonio dos portuguezes; se nos não enganamos os nomes de uma senhora e de um cardinal acham se ligados aquelle py estabelecimento.

A igreja é rica e bonita; mas não tem todas as capellas decora las com o primor artistico com que o estão umas d'ellas. No altar mór ha um quadro representando Nossa Senhora e S. Antonio; é obra de algum valor; venera-se outro em um altar lateral do lado da epistola, que tem maior merecimento: representa S. Ubaldo, rainha do Portugal, conciliando el-rei D. Diniz, seu marido, com D. Afonso, depois o IV, seu filho, conciliação que teve lugar árcade de Lisboa, no sitio que se denomina *Arco do Cego*.

Em quanto residimos em Roma tivemos a honra de ser recebidos pelos cardeaes Antonelli, Albieri e Franzoni, altas dignidades da igreja, tão subidas na jerarchia, como delicadas no trato.

Desculpem-nos os dons primeiros se fazemos aqui mais particular menção do cardinal Franzoni, irmão do arcebispo de Turim, tão justamente celebre nos modernos annos da igreja pela sua energica resistencia a chamada *lei Siccardi*.

O cardinal Franzoni recbeo o barrete cardinalicio sendo nuncio em Lisboa e tão benevolos recibos frequentou durante a sua estada, e na sua ausencia d'esta capital, com a nossa familia, que no mesmo dia em que chegamos a Roma procuramos avistá-los com sua clemencia. Por varias vezes tivemos a honra de visitar o cardinal Franzoni, e aqui lhe significamos o nosso sincero agradecimento pelas provas de alta deferencia com que sempre nos distinguia.

Fomos convidados um dia para assistir a sagração do bispo de Brescia. Ao jantar, que se lhe seguiu, estavam presentes talvez vinte pessoas; e entre estas o patriarcha de Jerusalem, um bispo irlandez, mr. Falloux, conde de S. Pedro, irmão de mr. Falloux, que foi ministro da instrucção publica em França, e outros. Imo, nesse qual seria a estralheza por todos experimentada, quando, annunciando-se o patriarcha de Jerusalem, vimos entrar um eclesiastico de estatura mediana, rosto expressivo, e longas barbas, que suppriam pela magestade a falta das cans! Vestia capa e bala, e a cruz episcopal, pendente de um cordão, trazia-a escondida no peito, significando assim, a ausencia da sua diocese.

Não faremos a sucinta narração da nossa visita ao Vaticano, sem dar um conselho a todos os que se propõem viajar por estranhos paizes; e é que procurem ter boa informação das cousas da sua patria, sobre as

quaes podem contar que hão de ser inquiridos com muita insistencia e curiosidade.

## VI.

*Foi a Roma e não viu o papa*, diz o nosso povo d'aquelle, que tendo emprehendido alguma peregrinação não vira o que n'ella devêra observar. Talvez que aquelle antigo rifaõ nacional se originasse da persuasão de que portuguez algum deve ir a Roma, sem que procure prostrar-se ante o pae commun dos fieis. Nós porém vimos-o, ainda antes de termos a honra de sermos recebidos em audiencia particular por sua santidade.

A primeira vez que vimos Pio IX foi quando este se dirigiu a S. Carlos, *in Corso*, igreja dos milanezes. Era dia festivo; o papa apresentou-se em estado, esperando-o junto à igreja uma parte das tropas francezas, as quaes lhe fizeram a continencia devida, que é, como observei, com o joelho em terra. Dento do templo vimos tambem o pontífice, conduzido em andor, lançando continuas bênçãos sobre os fieis, que enchem o vasto recinto.

Chegado o dia que nos tinha sido designado, por monsenhor Borromeu, *maestro di camera* de sua santidade, para a apresentação, que havíamos previamente solicitado, dirigimo-nos ao Vaticano, e entramos no palacio, passando por entre os suíços e guardas nobres. Esperamos algum tempo n'uma sala, decorada com magnificencia verdadeiramente real; comtudo a soberania ali mostrava a sua estreita alliança com a fé, symbolisada n'um crucifixo, que ficava em frente do solo pontifício.

Pouco depois fomos introduzidos pelo camarista de sua santidade, que de joelho em terra annuncia da porta o apresentando. Entramos sem chapim, sem luvas, fazendo, segundo a etiqueta, tres profundas genuflexões, uma à porta, outra no meio da casa, e a terceira junto ao papa. Sua santidade, que recebe todos sempre com a maior benevolencia, como é notorio, fez-nos a particular mercê de praticar alguns momentos commosco, dispensando-nos, na segunda vez, que fomos a seus pés, a sua preciosa bênção, e para todas aquellas pessoas para quem a pedimos. Na primeira audiencia fallou-nos das cousas religiosas de Portugal, mostrando-se tão informado dos negocios ecclesiasticos do ultramar, que até nos disse ha quantos annos estava a diocese de Angola sem bispo! Sua santidade vestia uma samarra branca, e apesar de ser inverno não lhe descobrimos outra vestidura. O seu aspecto é tão venerando, e a sua conversação tão agradável, que ainda aquellos que andam estramalhados do trabalho de Pedro, logo que têm a ventura de o ver e tratar, lhe prestam unanimes o seu testemunho de veneração e respeito.

Finalmente deixamos Roma, e seguimos viagem para a cidade de Naples. Fizemos o trajecto na diligencia, em umas trinta e tres horas, atravessando a fronteira de noite, depois de termos passado as *lagôas Pontinas*, cuja insalubridade não pude ainda ser attentada, apesar dos esforços que para as melhorar têm sido empregados por varios pontífices, e especialmente por Pio VI. Por Terracina saímos dos estados pontificios, e entramos no reino de Naples, pela provincia denominada *Terra di Lavoro* (1).

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

(1) Os *Apartamentos de uma viagem a Italia*, a que este capitulo serve de remate no Panorama, e com que se digno brindar nos sr. D. Antonio d'Almeida (typo de urbanidade e cavalheirismo, com a nos que vão publicar se em volume separado, comprehendendo tambem alguns capitulos ineptos e moi interessantes.



MACROBIA CELEBRE

CATHARINA, condessa de Desmond, da illustre familia dos Fitzgeralds de Drumana, no condado de Waterford, foi uma das mais celebres macrobias de que a historia nos deixou memoria; porquanto tendo nascido no decimo quinto seculo, na Irlanda, veiu a fallecer no reinado de Jaques I, com mais de cento e quarenta e dous annos. No reinado de Duarte IV casou esta veneranda dama com Jaques, decimo conde de Desmond, e por occasião do seu matrimonio dançou na corte com o duque de Gloucester, que depois subiu ao throno com o nome de Ricardo III. Reduzida á miseria a sua illustre familia pela infidelidade de um mordomo, a condessa emprehendeu a viagem de Bristol para Londres, afim de solicitar uma pensão, o que conseguiu. Tinha n'essa epocha cento quarenta e um annos!

O celebre Bacon, que conheceu a condessa de Desmond, assevera que se lhe haviam renovado os dentes já em idade mui adiantada!

STEARINA ECONOMICA.

PARA se obter um producto com o qual podem manufacturar-se velas de apparencia igual á da melhor stearina, e por um preço relativamente modico, propõe-se a seguinte receita:

Selo . . . . .	100
Colophonia, ou resina de pinheiro. . .	50
Capa-rosa . . . . .	100

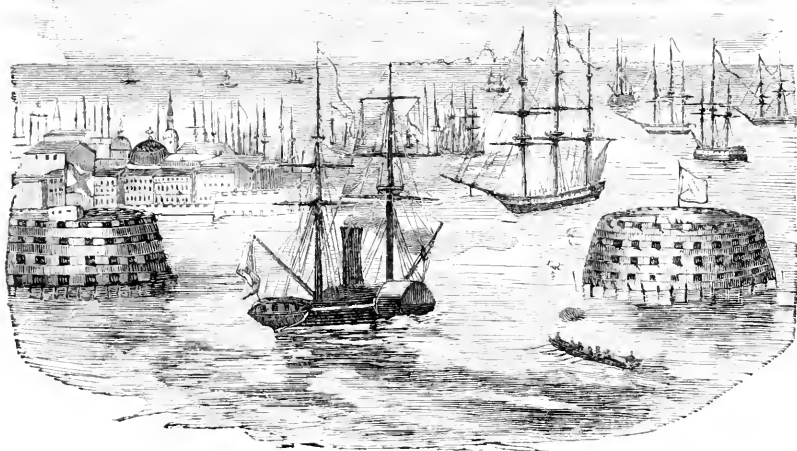
Misturem-se estas substancias ao lume, agitando a massa continuamente, até que a capa-rosa perca a sua agua de crystallisação; e distillem-se depois n'um apparelho convenientemente organizado. Depois submeta-se o resultado da distillação á prensa, e alcaugar-se-ha, segundo se afluja, além de um oleo, cujas applicações serão numerosas e importantes, um producto comparavel á melhor stearina do commercio, e por um preço accessivel ás classes menos favorecidas da fortuna, que são ao mais numerosas da sociedade.

Cumpra aos industriaes cusiar o processo, que fica indicado, no que nos parece que elles tanto poderiam lucrar, como o publico.

— Luzir portuguez entre portuguezes, e muito menos luzir com a sua luz, é cousa muito difficilissima na nossa terra. Com a luz albeia vi eu já luzir alguns, mas com a propria, nem S. Antonio, quanto mais os outros.

PAULA A. VIEIRA.





RUSSIA — KRONSTADT.

KRONSTADT, praça de guerra importantíssima, está situada na ilha de Kotlina, ou Retou-Sari, que, a seis leguas de S. Petersburgo, divide em sua largura o famoso golfo de Finlândia, em duas partes desiguais; a mais larga do lado da Carelia, a mais estreita do lado da Ingria. A ilha tem tres leguas de comprimento, e Kronstadt fica na ponta este, formando um amplo quadrado.

Ao navegante que do occidente ali se dirija apresenta a ilha um agudo pontal, cercado de rochedos, sobre os quaes se ergue magestoso o farol de Tolloukin. O fundo até então consideravel, diminue de repente na altura da ilha. O braço de mar que tornea a costa da Carelia é semeado de rochedos submarinos e de bancos de areia; e o seu fundo, de 13, decae rapidamente a 2 metros, obstando por consequencia a navegação em vasos de grande lote. Este lado e além d'isso defendido pelo forte Alexandre, e por baterias edificadas nos recifes. Do lado da Ingria defendem a passagem as baterias da terra, e os fortes construidos no meio das aguas. Pelo sul é tambem Kronstadt inaburdavel, pela pouca altura de agoa.

O forte Pedro é o primeiro que do convez dos navios se avista á esquerda, erigido sobre um pequeno

promontorio. Um pouco mais longe, n'um angulo reentrante, vê-se uma grande bateria. Quasi em frente, e a curta distancia da praia, está o forte Constantino, de cinquenta pegas; depois o chamado Alexandre, de forma circular, e de granito, com cento e dezesseis pegas; em seguida o que se denomina *Citadella*, e que se considera o mais importante de todos tres, com setenta e duas pegas. Estas obras de fortificação permanente deverexem, pela sua posição, um outavo de circulo.

Sobre a direita erguem-se o Riesbank, uma bateria, e o grande forte de Kronslott. Os navios tem de passar forçosamente por entre esta immensa artillaria.

Kronstadt tem tres portos; um destinado ao commercio, outro á marinha militar, e outro ás construcções navaes, todos tres defendidos por molhes. Na extremidade este de um d'elles está edificad o forte Menschikoff.

Foi Pedro I, que começou estas fortificações em 1703, com o fim de preservar de um golpe de mão a nova capital, que erigira sobre o Neva. Foi elle proprio sondar a profundidade do mar, designou o sitio, onde devia construir-se o castello Kronslott, e fez até o modelo em madeira, encarregando a ex-

cução de todas as obras necessarias, segundo o seu plano, ao príncipe Menschikoff. Tal foi a origem de Kronstadt, que hoje conta talvez 40:000 habitantes.

O inverno é longo e rigoroso no golfo da Finlândia, mormente nas paragens de Kronstadt; o mar ali gela regularmente de outubro a abril.

Como todos sabem as esquadras franceza e ingleza fizeram um reconhecimento em frente de Kronstadt; conhecida porém a difficuldade e perigo da empreza, retiraram-se, atacando depois a praga de Bomarsund, nas illhas de Aland, a qual, caído em poder dos alliados, apoz de uma corajosa resistencia, foi arrasada até aos allicerces.

Parece que os homens technicos não consideram impossivel a tomada de Kronstadt; ella depende porém de numerosas tropas de desembarque, que a estação não permittia reunir a tempo, e por isso as operações navaes importantes no Báltico julgam-se suspensas até á futura primavera, se antes d'essa epocha algum successo imprevisito não puzer termo á guerra, que a Turquia, a Franca e a Inglaterra sustentam contra a Russia.

## PROSADORES PORTUGUEZES.

O PADRE MANUEL BERNARDES.

(1611 — 1710).

I.

QUANDO se comparam attentamente as obras dos escriptores, que enriqueceram a nossa lingua, e conhecemos mais de perto os segredos do seu estylo, e o artificio da elegancia com que nos atrahem, ornando objectos quasi sempre pouco adequados aos vãos da eloquencia sublimo, pasma-se da grandeza de engenho, que era necessaria para vencer a severidade dos assumptos, e vê-se o que sentiam Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Manuel Bernardes, Fr. Thomé de Jesus, e tantos poetas em prosa, se as brillantes pinturas apertadas pela estreiteza dos quadros pudessem correr desahogadas, ou sobre a variada tela da historia, ou pelo espacoso estadio, aberto aos outros generos.

Ligados pela aridez dos themas, e com as praiças das regras e da censura, assim mesmo o ardor da sua phantasia rompe a cada passo, revelando as raras qualidades do talento, e o cobardia de saber adquirido em pacientes e atufadas vigílias.

Abrase qualquer do livros de Fr. Luiz de Sousa, e aonde menos se espera talvez, os olhos enleiam-se de repente, a alma foge com o auctor, e, perdido de vista o horizonte natural, sabe arrebatada na suavidade, ou no impeto dos affectos. O escriptor leva nos consigo atrahidos pela energia e propriedade de uma descripção, ou faz nos esquecer as horas pela curiosidade de uma narração espirituosa e desahogada, travando os episodios com sabor, e contrahindo os incidentes com discreção.

Na historia de S. Domingos, como nos captiva ainda hoje a Euda do demónio pendurado á corda do sino do convento, ou em qualquer das infinitas tradições, que esmaltam a chronica da ordem, com interesse do leitor suspenso até ao fim na magia da prosa, e na gentil disposição das proporções!

Na vida do arcebispo, (verdadeiras memorias publicas e familiares de um varão distincto) como entreteem e na arte, e expõem com primor as ações miudas, e os lances mais vulgares da existencia quoti-

diana, não omitindo cousa por pequena que seja, e não enfadando, antes deleitando apesar d'isso a quantos seguem o prelado, desde a austeridade do claustro dominicano até ao arcebispo de Braga, e de lá pela visita das serras até á viagem de Tron-to, theatro das ansiosas scenas do concilio tão vigorosamente esboçadas. Mesmo no livro da sua velhice, em que a lima esmorece um pouco, e o buril decaê mais esquecido com o frio da idade, mesmo nos Annaes de D. João III, quantos capitulos nos merecem todos os louvores, subindo com os successos á elevação dos modellos antigos da historia!

No pulpito, quando o argumento o não escravisa, quem compete com Vieira nos rapidos bosquejos, nas allegorias fogosas, na imagem concisa, e ás vezes na graça admiravel do periodo e da phrase? Quem herdou a sua mestria em desenhar com uma palavra, dobrando a lingua a todos os caprichos?

Que de paginas excellentes, isentas dos defeitos da epocha e do auctor, se podem apontar como typos esmerados á diligencia e ao gosto dos curiosos?

Na copiosa, mas intrincaada colleção dos seus sermões, quantas paginas immortaes sobreviveram, que saclindido o pó dos scenos, e remogadas pela novidade do estylo, e pela louganja dos vocabulos, nos apparecem bellas e perfeitas, como se outro Vieira as escrevesse hoje?!

Na elegancia desahogada das suas cartas, aonde os dotes da alma e do engenho se espelham sem disfarce, que thesouros não ostenta a lingua, e que padões eternos não deixou gravados para imitação e exemplo dos que a prezam!

É preciso velo a bragoes com as difficuldades, agora recordando as malicias de Tacito, (como elle diz) nos incisos, a que a obriga lutando com a latina; logo reproduzindo a brevidade de Sallustio, na contextura nervosa, a que a sujeita. Os verbos em Vieira pintam como os adjectivos nas inimitaveis quintilhas do Tolentino.

No meio da rede artificiosa de textos forçados, de conceitos refinados, e de logares communs, adduzidos para espeques do paradoxo, que tão frequentemente deslustra os seus escriptos e orações, quantas vezes rebentam encantadas e coloridas as descripções delicadas, as analogias espirituosas, e as digressões sublimes!

No *Naveio Humindo*, por exemplo, quem deixará de admirar o rasgo de poesia, a que se eleva subitamente, narrando a navegão do santo, e pintando na Africa e na Asia cada uma das terras pelos seus attributos, em forma que não desdiz da grandeza epica?!

O ardor, a viveza e a uezão do livro dos Trabalhos de Christo, disputam com os melhores trasladados a palma da pureza.

Aquella ingenuidade picante e ornada sem ostentação das Peregrinações de Mendes Pinto aonde se encontra senão no pamel curioso, que nos legou da mais inquieta e occupada existencia?

A sinceridade portugueza, e o termo chão e chcio de singeleza no contar do velho Fernão Lopes nas Chronicas de D. Fernando e D. João I, ás vezes tão maliciosas apesar da simplicidade, quem as não gostarã, adiantando que em idade rude pudesse tanto a prosa de uma lingua, que se estava formando ainda?

Barros, Lucena, D. Francisco Manuel, e numerosos outros, justamente louvados nos seculos de maior esplendor das letras patrias, o que têm que invejar á pena dos grandes prosadores contemporaneos da Europa?

No meio de taes riquezas é para deplorar o es-



loto Rodrigo Migueis, e mestre João Martins. Trazia a seu bordo muitos passageiros, entre os quaes varias pessoas de distincção, e duas senhoras, D. Isabel Pereira, viuva de Diogo de Mello Coutinho, capitão que fôra de Ceylão, e sua filha, formosa donzella de dezeseis annos de idade. Fez a nau a sua viagem com tempo prospero até á altura de dez graus sul, onde começou a abrir agua, a qual foi crescendo de dia para dia, a ponto que em 32 graus de latitude, e tendo á vista a costa de Natal, se viram perdidos; e entendendo que não podiam já arribar a Mogambique, começaram a alijar ao mar toda a carga, que era de um valor immenso, e estentaram com a terra, para ahí varar a nau, posto que entre os cafres não devessam contar com a vida mais segura do que no meio das vagas.

Nuno Velho, um dos passageiros, que fôra capitão de Sopa, tratou de metter dentro de uma pipa as armas, pólvora e chumbo, que poudo encontrar na nau, prevendo de quanta utilidade lhe seriam estes objectos para atemorisar os cafres, e não se enganou, como experimentado que era. Estando já perto da terra, cortaram-se os mastros e enxarcias, aos quaes se lançou muita gente, que toda morreu com pernas e braços quebrados de encontro á nau, que encalhava n'esse momento, e aos paus que se entrecrocavam prezos pelo massame. Tão furiosas pancadas deu a embarcação pela força da resaca, que separou as cobertas de cima das de baixo, cousa pasmosa! E ficando estas prezas na arêa, foram aquellas varar na praia, já subdivididas, aqui a prôa, ali a pôpa, salvando-se 285 pessoas, em cujo numero entram as duas senhoras, graças ao cuidado de Nuno Velho (o heroe d'este tragico successo) e havendo morrido 62 homens, entre livres e escravos. Ao sitio em que naufragaram chamam os portuguezes o *Fundo das Pontas*, e os negros lhe chamavam *Trombe*.

Não foram as tormentas do Cabo da Boa Esperança que fizeram naufragar esta nau, mas, como succedeu a muitas outras, o mal atamancado do seu concerto, e receber carga superior ao seu porte. A quillia do *S. Alberto* encontrou-se completamente pôdre! Horrosa passar pelos olhos estas relações de tão repetidos naufragios, com tanta perda de vidas e de fazendas, quasi sempre por descuidos ou teimas dos artifices, dos pilotos ou dos carregadores; e não causa menor afflicção considerar os grandes trabalhos que muitos dos naufragos passaram por baixios esteiros, praias áridas e desertos sertões: na resumida conta que vamos dar do que soffreram estes homens em cem dias de marcha, por caminhos desconhecidos e sertanejos, debaixo do sol ardente de Africa, avalliarão-nos leitores que não foram mais felizes os que saíram vivos em terra, do que os que ficaram logo sepultados nas ondas.

O naufragio teve lugar a 25 de março, e logo ao outro dia começaram a recolher os mantimentos e armas, que ainda se conservavam nos pedaços da nau; e entribeñaram se contra os cafres, que pudessem apparecer, e fizeram tendas de ricas alcatifas de Cambaya e Olliaz, de preciosas colchas e caixas e esteiras das Maldivas... embarcadas para bem differente uso!

Custa a acreditar como, em tão criticas circumstancias, soldados, marinheiros e passageiros, se sujeitassem a formalidades de disciplina! Porém aqui temos um exemplo pasmoso; uma eleição de capitão-mór para toda aquella gente, feita na melhor ordem, e de certo com mais liberdade de consciencia do que em nossos dias se fazem nos grandes povoados: a soldadesca escolheu dez eleitores e a marinheagem dous, e todos juraram de obedecer áquelle que

os doze eleitores escolhessem para seu chefe. Foi proclamado capitão-mór, por unanimidade de votos, o nosso conhecido Nuno Velho Pereira, por sua uobrezza, prudencia, esforço e experiencia (diz a chronica.) Recusou elle a eleição, e propunha para chefe o capitão da nau, Julião de Faria; porém o povo não lhe aceitou a excusa, e jurou-lhe de novo inteira obediencia. Obrigadu pois a servir aquelle trabalho cargo, Nuno Velho nomeou a Julião de Faria para director do arraial, a Diogo Nunes Gramacho para provedor, e a João Martins (o mestre) para thesoureiro, dando-lhes como adjuntos Antonio Godinho, que tinha muita experiencia do commercio dos cafres, e Frei Pedro da Cruz, agostiniano, porque sem o conselho de um frade se não podia passar.

Um rei d'aquellas cercanias veiu com sessenta negros, como elle, visitar os nossos, logo ao terceiro dia de estada ali; trataram-se bem mutuamente, e fizeram-se alguns presentes de parte a parte; e os nossos deram-lhe uma bacia de cobre e outras bagatelas, e elles dous bons carneiros e mais comestiveis e aqua.

No primeiro dia de abril emprehenderam a viagem pelo sertão para a bahia de Lourenço Marques, logar o mais proximo onde pudessem encontrar navio portuguez; e não seguiram ao longo da costa por lhes lembrar Nuno Velho, que essa fôra a perdição de Manuel de Sousa Sepulveda, e da gente da nau S. Thomé, em 1552 e 1554, visto ser mais longo o caminho costeando a Cafarraria, mais doentio, e mais falta de aqua e comestiveis. Assim mesmo era uma jornada de cem dias que iam emprehender. Foram acompanhados até ao rio do Infante pelo rei cafre, que ali os recommendou a outros negros de diverso senhorio; e comprando vacas e outros mantimentos nas povoações que iam encontrando, a tróco de missangas, botões e avelorios, caminharam a pequenas jornadas, ora ao sol, ora á chuva, por muitos dias, deixando na estrada os que não tinham forças para acompanhar a hoste (excepto D. Isabel e D. Luiza, que vinham ás costas de escravos, em uma especie de machilas.) e vadeando o caudaloso rio de S. Christovão, encontraram formosos campos, arvores frondosas, e muitas aves e bom leite, mas em seguida um deserto safaro e temeroso. Abi deram parte de fracos os escravos do capitão-mór, e porque tinham pouco que comer, declararam que não podiam continuar a carregar com as senhoras; porém dezeseis grumetes, mediante a promessa de mil cruzados, se encarregaram da sua condução até Lourenço Marques.

Com varia sorte foram seguindo seu destino aquelles pobres naufragos, ora encontrando quem os guiasse na desejada derrota, ora vendo-se sem guia em logares despovoados, e servindo-se dos instrumentos nauticos para dirigir-o rumo, como se estiveram em pleno oceano. Já o mez de maio era entrado, e se não chegavam a Lourenço Marques antes do fim de junho, novos trabalhos se lhes apparelhavam, pois era esse o tempo de largar d'aquella bahia para Mogambique o navio do regate annual, e se ali o não encontrassem, teriam de esperar um anno, que viesse outro navio, ou atravessara a bahia e caminhar até Sofala! Agora começou a apertar o frio como os nossos, e viram grandes e altas serras cobertas de neve; alguns escravos morreram por falta de abrigo, e com elles ficou tambem o cadaver de Alvaro da Ponte. Nonveram impacientes que se amotinaram, reprovaudo a jornada pelo sertão, e clamando em altas vozes que queriam seguir a diregção do mar, ao que accedeu o capitão-mór, ouvindo o piloto e o mestre. Ao cabo de quatorze dias de deserto, acharam o mais fertil valle da Cafarraria, a que puzeram nome da *Miseriordia*, e aonde se demoraram dous dias

a descansar, ficando ahí por sua livre vontade quatro escravos; e mais adiante toparam com tão fresca ribeira, que lhe deram o nome das *Flores formosas*. Se em uma parte encontravam pretos mansos, que trocavam o seu gado pelo cobre e pregos que os da nau levavam, em outras tinham de fazer uso das espingardas, de cujos tiros haviam grande terror os negros bravios e ladrões. Dormir na terra humida, passar rios com agua pelo pescoco, soffrer o ardor do sol durante o dia, e ás vezes a fome, eis as continuas divertões d'este punhado de homens, perdido nos sertões de Africa!

A côr branca dos nossos muita admiração causava n'aquelles povos. Em uma aldêa, tendo-se contado do naufragio, por via de um interprete, clamaram os negros: Estes homens são filhos do sol, e o vão buscar. E muito os obsequiaram. Logo adiante lhes quizeram roubar o gado outros pretos, e foi mister castigal-os ás lançadas. Em um lugar de cafres pobres, ficou Alvaro Gonçalves, velho de setenta annos, que vinha muito doente; e seu filho, o contra-mestre do navio, queria ficar com elle, mas não lh'o consentiram; dous grumetes, já moribundos, ficaram em outra aldêa, e assim mais alguns brancos e escravos. Muitos dos reis d'aquelle sertão saiam ao caminho a cumprimentar Nuno Velho, que reputavam seu collega na realza, e serviços valiosos lhe prestaram, a trêco de alguns objectos salvos da nau.

Fôra assaz fatigante seguir passo a passo esta longa jornada dos naufragos do Penedo das Fontes, acompanhados em todas as occasiões de desespero, e nos momentos de fagueira esperanza; subir com elles ingremes montanhas, e descer a profundos valles, vadeando ribeiros apressados; alternando o frio e o calor, segundo as localidades e as horas; soffrendo a fome e a sede. . . Não; galgaremos um grande lapso de tempo, e folgaremos com os nossos aventureiros, vendo, no dia 23 de junho, a foz do rio de Santa Luzia, que já haviam passado longe da Boca. Foi ahí que, quarenta annos antes, se affogou Fernão Alvares Cabral, capitão da nau *S. Bento*, que havia naufragado no cabo da Boa Esperança. Perto o enterraram os seus, ao pé de um outeiro.

Na manhã seguinte descobrimos de um alto povoações de differente aspecto que as precedentes, e acharam-se em terra de amigos: tiveram logo novas de que o navio do resgate ainda não partira, e viram emfim o mar. . . Estavam na paragem dos *Medões d'ouro*. Os negros de ahí já conheciam os portuguezes, que iam á compra do marfim, por isso não faltaram aos naufragos nem guias nem mantimentos; continuaram o seu caminho vadeando o rio da *Abundancia* (nome que lhe puzeram os perdidos da nau *S. Thomé*) e logo adiante os veiu cumprimentar da parte do *Iuhaca* um cafre que fallava portuguez, por ter ali ficado do naufragio do galeão *S. João*, o qual certificou que ainda estava no rio a embarcação do resgate, dando grande alegria aos pobres aventureiros, que a não ser iso teriam de caminhar a pé mais dous mezes até Sofala. D'ahí a pouco viram dous marinheiros do navio, e por elles mandou o capitão-mór cartas para o respectivo capitão.

Estavam emfim na bahia de Lourenço Marques, que foi testemunha do desbarate e morte de dous heroes Manuel de Sousa de Sepulveda e D. Paulo de Lima, mas que ia ser a salvagão de Nuno Velho e dos mais que restavam do naufragio da nau *S. Alberto*. Como porém o piloto do navio do resgate, que se chamava *Nossa Senhora da Salvagão*, não julgava ainda o tempo opportuno para ir na volta de Moçambique, viate e outro dos portuguezes, que tanto haviam soffrido, resolveram ir por terra para So-

fala, levando por capitão Balthazar Pereira, de alcunha o *Reynol das forças*, o que effectuaram; mas tantas desordens fizeram no caminho, que só dous chegaram ao seu destino, sendo todos os outros mortos pelos cafres.

Vindo a monção partiu o navio salvador, a 22 de julho, mas tal foi a tormenta que lhe deu na altura do cabo das Correntes, que os nossos aventureiros se tiveram por mais perdidos do que na nau *S. Alberto*. Alijaram muitos mantimentos ao mar; porém a bonanga voltou no fim de dous dias, e a 6 de agosto chegaram a Moçambique, desembarcando em proçissão com os frades dominicos, para irem a Nossa Senhora do Baluarte dar graças de se acharem salvos.

No seguinte capitulo contaremos o desastrado fim de quasi toda esta gente, que acabava de salvar-se á custa de tanta fadiga e privações: é a ontro autor que devemos a conclusão da sua historia.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

### XVII.

*Grande incendio em Constantinopla: esperanças começo do reinado de Mustaphá III: Mahomet Raghyb: carestia de viveres: intervenção russiana na Polonia: planos ambiciosos de Catharina II: guerra entre a Russia e a Turquia.*

A MAHAMUD I succedeu seu irmão Osman III. Este príncipe já tinha completado cincoenta annos, quando empuñou as redeas do governo. Tão longo espaço de tempo, passado como em prisão no interior do serralho, havia influido sinistramente na sua existencia. A falta absoluta de liberdade, a perspectiva de uma morte violenta sempre diante dos seus olhos, a continua desconfiança contra todos os que o cercavam, tinham-lhe apoucado a intelligencia e enfraquecido a saude. Completamente inhabil para dirigir os negocios do estado, e occupando-se só das cousas mais frivolas, abandonava aos ministros a administração do paiz. A facilidade porém com que se deixava dominar por todos quantos sabiam insinuar-se em seu animo, levou-o a mudar tão amido de conselheiros, que em menos de dous annos foram euilados os sellos do imperio a outro grão-vizir.

O seu reinado apenas durou tres annos durante os quaes se conservou inalteravel a paz tanto no interior como no exterior. Um grande incendio, que teve lugar em Constantinopla nos principios do anno de 1755, e que consumiu dous terços d'esta cidade, foi o mais importante acontecimento d'este curto periodo.

Osman III falleceu a 29 de outubro de 1757; e n'esse mesmo dia foi proclamado sultão Mustaphá III, filho mais velho de Achmet III.

Mustaphá confirmou logo a Mahomet Raghyb pachá no cargo de grão-vizir, para que fora nomeado pelo sultão Osman pouco tempo antes da sua morte.

Era Raghyb um homem de não vulgar capacidade. Seus conhecimentos administrativos, sua politica illustrada, juntos a um caracter energico activo e perseverante, collocavam-o a par dos mais distinctos estadistas da Turquia. Mustaphá III soube apreciar as altas qualidades do seu ministro, depositando n'elle plena confiança.

Foi então que Mahomet Raghyb, vendo-se forte com o apoio do soberano, desenvolveu seus grandes talentos. Occupou-se primeiramente em melhorar os diversos ramos do serviço publico, introduzindo em cada um importantes reformas exigidas pelo progresso civilizador. Abolindo alguns tributos vexatorios; simplificando e fazendo mais suave a percepção dos que ficavam existindo; e procedendo, finalmente, em todas as repartições do estado a mais restrictas economias, pôde restabelecer a ordem nas finanças. Pondo em vigor, e fazendo observar escrupulosamente as leis sumptuarias, que jaziam esquecidas, cobihiu o excessivo luxo, que se havia introduzido nas classes elevadas da sociedade.

Com esta serie de medidas ganhou o ministro muita popularidade, e toda a nação concebeu grandes esperanças n'um reinado, que tão sabiamente se estreava.

Por este tempo veio um acontecimento desastroso aumentar o credito do grão-vizir. O naufragio de setenta embarcações carregadas de trigo, que vinham de diferentes portos do mar Negro para abastecimento de Constantinopla, produziu no mercado d'esta capital grande alta em todos os generos de primeira necessidade. O povo, ameaçado da fome, rompeu n'uma insurreição, que apesar de não ter caracter politico, daria, se si não tristes resultados, se não fossem as acertadas providencias com que o grão-vizir atalhou o mal, e fez entrar tudo na ordem.

Mustapha ambicionava a gloria militar. Desde a sua exaltação ao throno não cessara de exprimir o desejo de obter o epitheto de Ghazi (o victorioso), com que os musulmanos haviam appellidado outr'ora o fundador do imperio.

O grão-vizir achava-se animado do mesmo espirito guerreiro. Vendo o paiz bem organizado e tranquillo, e o thesouro n'um estado visinho da prosperidade, parecia-lhe que os interesses do imperio exigiam, que se aproveitassem tão felizes disposições para obrigar a Austria a restituir o bannato de Temeswar, onde ficava a praça d'este nome, um dos mais importantes baluartes da fronteira tureca. Julgava Mahomet Raghyb, que nas circumstancias especificas em que se achavam os dous imperios, a da Turquia fortalecido pelos effeitos beneficis da paz e de uma administração illustrada e vigorosa, e a de Alemannia enfraquecido e exausto de recursos pelas guerras da successão, era este o momento mais proprio para abater esse irreconciliavel inimigo do nome musulmano, e para reivindicar o territorio de que fora despojada a Turquia pelo tratado de Passarowitz.

Faziam-se a occultas os preparativos bellicosos, e esperavase não sómente por um pretexto plausivel para a declaração official da guerra, quando a morte de Mahomet Raghyb veio transformar todos os planos (1762). A falta de tão habil ministro foi uma grande perda para o soberano e para a nação. O seu impulso civilizador tinha-se feito sentir em todo o imperio, até as sciencias e as letras, de ordinario tão descuradas n'aquelle paiz, lhe deveram particulares dissolvos. Fundou varias escolas e bibliothecas; estimulou os honras de sciencia a escrever tratados de instrução publica, e elle proprio compoz algumas obras sobre moral e philosophia.

A morte por consequente d'este estadista fez mudar a politica do gabinete. Apesar de todos os desejos do sultão de se illustrar nos campos de batalha, prevaleceram no divan as idéas da paz. Foram porém de pouca duração estas disposições pacificas. Vagando o throno da Polonia por morte de Augusto III, e sendo proclamada Catharina II imperatriz reinante de todas as Russias, sobrevieram successos

que envolveram novamente em guerras a Turquia e a Europa.

Desde o reinado de Pedro I, que concebeu o projecto de crear um imperio, vasto como o romano, a politica russiana tem dirijido constantemente as suas vistas e esforços para realizar o sonho do grande monarcha, que elevou a Russia á categoria das nações civilizadas. A Polonia e a Turquia eram os principaes obstaculos que se levantaram diante da ambição moscovita, e além d'isso a sua situação geographica faziam-as appetecidas, e mais ainda indispensavel a conquista d'estes dous paizes para se poder dar realisação a tão atrevido pensamento. Se a aguiar russiana conseguisse toear com as extremidades de suas azas o Báltico e o Mediterraneo, a sorte da Europa seria desde então muito duvidosa, a sua independencia ver-se-ia em breve tempo quasi á mercê do autocrata. Era pois contra a Polonia e a Turquia que o gabinete de S. Petersburgo dirigia todo o poder dos seus canhões e das suas intrigas.

Ora semeando a siziaña no seio do governo, ora accendendo a discordia no paiz; umas vezes excitando commoções populares, outras vezes insurreições da tropa; e finalmente apresentando d'esse estado anarchico, ou da fraqueza e cansaço em que elle deixava a nação, para romper em guerra declarada, a Russia ia conseguindo pouco a pouco abalar e enfraquecer aquellos dous colossos.

Portanto apenas constou em S. Petersburgo o fallecimento de Augusto III, o governo russo, servindo-se de um pretexto frivolo, que deixava bem a descoberto as suas vistas ambiciosas, fez entrar na Polonia um corpo de exercito. Não tinha este movimento o caracter de uma invasão inimiga, pois que a diplomacia soubera disfarçar-o sob apparencias amigaveis; mas ia servir de ponto de apoio á influencia da Russia, e tambem de instrumento ás suas intrigas.

Debalde Mustaphá III, reciosos de semelhante intervenção, se queixou energicamente do procedimento da czarina. Em vão o secundaram a França e a Prussia. Catharina II, fazendo sempre protestos da desinteresse, e respondendo a todas as queixas com promessas de evacuar o mais breve possivel o territorio polaco, progredia nos seus planos com maior fervor. Em quanto o seu ouro corrompia uma boa parte dos membros da dieta polaca, e a muitas pessoas influentes no paiz, as intrigas habilmente manejadas pelos seus agentes dividiam o resto da assembléa e da nação em muitas parcialidades, que se odiavam e guerreavam como incarnações inimigas.

D'estarte logrou Catharina II, apesar de toda a repugnancia do paiz, e mau grado das principaes potencias, sentar no throno da Polonia a Estanslau Augusto Poniatovski, seu antigo valido, e creatura inteiramente dedicada aos interesses russianos (1764).

O sultão viu com muito desgosto firmada na Polonia a influencia da Russia, e resolveu combatel-a abertamente e a todo o transe, por quanto eram bem facéis de apreciar as suas consequências proveis, tanto em relação a Polonia como á propria Turquia. Mas o divan oppoz-se tenazmente aos desejos bellicosos de Mustapha. Algumas scenas tumultuosas, que tiveram lugar na Arabia; certa agitação, que lavrava no Egypto e n'outras provincias, á qual não era estranho o gabinete russo, foram os principaes argumentos, sinceros ou traçoiros, de que se serviu o divan para desviar o sultão das suas idéas de guerra, pelo risco, que diziam poderia correr a segurança do imperio, se se emprehendesse uma lucta com tal inimigo, tendo a desordem no interior.

Entretanto resolveu arremetendo em Varzovia a preponderancia da Russia. O rei Estanislau não era mais do que um executor das ordens emanadas de S. Peter-burgo. A dieta deixou de ter liberdade nas suas deliberações. Os cidadãos deixaram de ter segurança em suas pessoas e bens. A prisão, o desterro, e o sequestro seguiam de perto quaesquer resistencias contra a vontade de Catharina.

Tantas violencias accenderam a guerra civil no paiz; e era isso exactamente o que pretendiam os agentes russianos, porque assim se auctorisava a occupação militar do solo polaco pelos exercitos moscovitas, e se obtinha ainda pretexto para augmentar estas forças. Uma parte pois do exercito polaco, a que se reuniu grande numero de populares e de nobres, fazendo uma liga patriótica contra os oppressores da sua patria, escolheram a cidade de Bar, na Podolia, para centro de operações (1768).

Os chefes da insurreição trataram logo de enviar emissarios a Constantinopla encarregados de solicitar do sultão um auxilio directo, coadjuvando-os com mão armada. E para o caso que fosse necessario negociar o socorro fôr auctorisado para prametter em troca a cessão de uma provincia. Porém o governo ottomano não annuiu ás supplicas, nem se deixou mover pelas ofertas, se bem que lhe não faltasse vontade de se contentar por sympathias e interesse proprio. Limitou-se portanto a mandar para as fronteiras dous corpos de exercito de observação.

N'estas circumstancias, vendo-se esullevados muito interiores em forças para combater tão poderoso inimigo, recorreram a um strategema para obrigar a Turquia a tomar parte na lucta. Fazendo com que um regimento da sua cavallaria simulasse uma fuga para dentro das fronteiras turcas, attrahiram os russos em sua perseguição até a cidade de Balta, onde empenharam com elles rendido combate. No calor da peleja os russos não pouparam polacos nem musulmanos, de sorte que tola a cidade foi envolvida na contenda, com muito prejuizo de vidas e propriedades.

A noticia d'esta violação manifesta dos tratados irritou a tal ponto os espiritos em Constantinopla, que o sultan viu-se obrigado a votar pela guerra, que foi immediatamente declarada.

Começou a campanha favoravelmente para os turcos. Não esperando os russos tão repentina ата, nem tendo ali forças bastantes para resistir a este novo inimigo, remanava por toda a parte diante das phalanges do propheta. Mas recuavam fazendo a mais terrivel das guerras, segundo a antiga e constante tactica da Russia. Na sua retirada incendiavam e destruiam todo grande pedra servia ao inimigo de alimento ou de refugio. Por este meio se achou o exercito musulmano, e a mais critica situação. A fome e o cansaço intrahiram-lhe nas fileiras primeiro o desdento, e depois a insubordinação; e assim prepararam uma grande victoria para as armas russianas.

A este desastre succedese outro ainda maior junto as margens do Dniester. A repentina subida das aguas d'este rio, destruindo uma ponte no momento em que o exercito turco o atravessava, proporcionou aos russos um completo triumpho. Não só foi aniquilado o exercito ottomano, mas o terror que este desastro causou abriu ao venenoso muitas pragas de guerra, e frangou-lhe o passo até ás margens do Danubio.

Então o inverno interrompendo as operações, pôz termo a campanha de 1769. *Continúa.*

#### INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GREGIA.

*Escolas de meninas. — Sociedade phil. p. Athenas.*

A SOCIEDADE promotora da instrução elementar mereceu a approvação do rei em 28 de agosto de 1836; o numero de seus membros foi de 500 no anno para anno, e seus resultados têm sido cada dia mais satisfactorios. Conta hoje mais de setenta socios contribuintes. O relatório official, publicado ao fim do anno de 1840, faz subir o rendimento ordinario d'esta sociedade a 50779 drachmas annuaes; este rendimento ascendeu pouco depois a 11400 drachmas, e continuou em augmento. Possue além d'isso um capital de 10000 drachmas, que se trata de empregar na construcção de um edificio conveniente para a grande escola central. Esta ultima escola, excellente delibação de todos os pontos de vista, está actualmente confiada á direcção de uma mulher muito distincta, a sr.<sup>a</sup> Sebasté Meno; e pode dizer-se que similante estabelecimento é para as escolas primarias de meninas, o que a escola normal primaria é para as escolas elementares do sexo masculino. Effectivamente o seu principal objecto é formar mestras, e para conseguir este fim, tanto o governo, como a sociedade, têm creado um grande numero de pensões a favor de jovens de talento, e conveniente disposição. Pense-se tambem em aggregar a este instituto outra escola modello, onde as futuras mestras se exercitem na pratica do ensino. Ora além d'isso, nesta escola superior, onde as adultas podem receber um grau de instrução assas extenso, se recebem, mediante modesta retribuição, pensionistas e externas; o que contribue para augmentar os fundos da sociedade. Como a escola de *Miss Hill* acabou ultimamente, e as pensões que destructiva foram transferidas para a escola central da *Sociedade Philopeduticã*, têm crecido extraordinariamente os seus recursos. E mister advertir que a sociedade não limita a sua actividade e zelo a este unico estabelecimento. Auxilia um grande numero de escolas primarias de mestras e mestras nas provincias, fazendo-lhes remessas de livros e outros meios de instrução. Tem contribuido para a publicação de muitas e excellentes obras elementares, ou estandao a sua impressão, ou remanungo e premiando seus auttores. Numa palavra, a *Sociedade Philopeduticã* desenvolve de dia para dia uma actividade cada vez mais honrosa e benefica.

A *Casa-Tha*, fundada em Egina durante a administração do presidente Capodistrias, recolle os orphãos, filhos pela maior parte de paes indigentes, e foi trasladada em 1840 para Nauplia; recolle ultimamente nova organisação. Não se da aos orphãos uma educação litteraria e scientifica, porém simplesmente uma instrução elementar, em duas sessões tambem um officio, que pode pôllos em estado de ganhar depois a sua vida. Segundo a ordenanga de 1837, devia este estabelecimento conter com alumnos, e hoje só reúne trinta; e estes pela maior parte exercitam-se a trabalhos technicos do arsenal real de Nauplia.

#### Meios de instrução — Livros classicos e de litteratura.

Por conta do estado, da sociedade philopeduticã, e tambem de alguns particulares tem-se composto e publicado obras elementares para todos os ramos do ensino primario. Todas estas obras se têm

publicado debaixo de duas formas diferentes: uma destinada aos mestres, mais extensa, e a outra reduzida a compendio, e feita para os discipulos. Estas duas edições de cada obra formam de certo modo duas bibliothecas encyclopedicas, custando a mais pequena só quinze drachmas; de sorte que o estudante mais pobre, ao cabo dos quatro annos, que passou na escola, tem podido adquirir uma pequena, mas interessante bibliotheca, gastando apenas tres drachmas e meia em cada anno.

Os livros menos elementares, destinados para uso dos gymnasios e escolas hellenicis, são quasi todos redigidos e publicados por ordem do governo. Com certo numero de exemplares de todas estas obras, e com alguns milhares de volumes postos a disposição

do publico por cidadãos generosos, como, por exemplo, as edições dos classicos publicadas por Korais e Ducas, tem-se formado um deposito central de livros d'onde se tiram para fornecer gratuitamente, e segundo as necessidades, ás escolas, e alumnos, os livros que lhes são necessarios, ou tambem se vendem os livros muito baratos, empregando o producto na compra de novas obras para enriquecer a bibliotheca publica. O governo reune tambem n'este mesmo deposito modêlos e outros objectos necessarios para a instrução, com o fim de os repartir gratuitamente pelas escolas mais necessitadas.

(*Continúa.*)

L.



**HESPAÑHA — TEMPLO DE S. MIGUEL.**

O TEMPLO de S. Miguel em Medina de Rio-Secco, na Hespanha, é dos poucos monumentos erigidos no periodo lysantino, que têm resistido á acção do tempo, e á ignorancia e cobiça dos homens. Não o recommendam a sua grandeza, nem a sua formosura architectonica, nem o primor de suas decorações interiores. O seu merito consiste unicamente na sua incontestavel ancianidade.

Posto que não exista memoria da fundação do templo de S. Miguel, as mais bem fundadas conjecturas, e o estudo consciencioso do edificio, fazem-na remontar ao seculo 11.<sup>o</sup>; e o sr. Garcia Escobar, de quem tomamos esta noticia, pensa que foi obra do seculo 9.<sup>o</sup>, nos primeiros tempos da reconquista, opinião particular que o seu auctor fundamenta com argumentos, que não vem ao nesso proposito.

A forma do edificio é um rectangulo imperfecto, terminando em uma curva semi-espherica pela parte superior. O templo inferiormente é singelissimo. Grossieiros pilares metidos nas muralhas sustentam a informe cornija. O tecto é de madeira toscamen-

te afleigoad. A decoração exterior consta apenas de rusticas pilastras, columnas de má proporção, modilhões, em que o cinzel esculpiu monstros desconhecidos, symbolos e hieroglyphos, mesquinhas e não symetricas janellas, mais proprias de uma fortaleza que de uma igreja christã, uma torre sem arte e acanhada, e finalmente uma portada constituida por um arco hemicyclo, sustentado por duas ordens de pilares caracteristicos.

O desenho que publicamos no n.<sup>o</sup> 33, representando a cathedral da Bahia, por um engano, desculpavel em presença dos motivos, que apontamos no artigo, que acompanhava o mesmo desenho, sau ás avessas na gravura: é um defeito, que só os habitantes da Bahia poderiam conhecer, e por isso o não notamos; o que fazemos agora por nos ser perdido pelo cavalheiro de quem recebemos os originaes d'aquelle desenho.





HESPAHHA — ALICANTE.

ALICANTE, capital da provincia do mesmo nome, é uma cidade importante pela industria dos seus habitantes, pela capacidade e segurança do seu porto de mar, e pela extensão do seu commercio.

Situada no centro de uma formosa bahia, que pode conter grande numero de navios de todos os portes, domina-a um elevado cerro, banhado do mar Mediterraneo pelo sul.

Como quasi todas as povoações antigas Alicante é em geral mal construida; as suas ruas estreitas, alcantiladas, irregulares, e pouco limpas; mas na parte chamada moderna da cidade encontram-se em compensação ruas e praças espaçosas, casas com excellente apparencia, vastos armazens, edificios elegantes.

O termo de Alicante é arido e os terrenos salitrosos; só se criam n'elles palmeiras, e algumas figueiras; as colheitas de trigo e cevada são escassas; em cambio porém recolhe-se muito e excellente vinho, que não só chega para consumo da cidade e da provincia, mas se exporta em larga copia para os outros portos da península, e para paizes estrangeiros, onde é muito estimado pelo seu delicado sabor e outras qualidades preciosas.

Como capital da provincia é residencia das autoridades superiores d'ella. Contam-se em Alicante

proximamente 18:000 habitantes; uma collegiada, que serve de parochia, duas outras freguezias, dous conventos de freiras, um palacio episcopal, outro mais sumptuoso, que pertence á casa de Altamira, um amplo quartel, um bom hospital, e uma fabrica de cigarros, onde se empregam ordinariamente de tres mil e quatrocentas a cinco mil mulheres. E se de igualmente de uma comarca judicial, do consulado, junta do commercio, junta de saude, e de todas as mais repartições de fazenda e de provincia.

Alguns barcos de vapor mantêm a communicação regular do porto de Alicante com os demais portos da Hespanha; o commercio tem assim tomado um grande incremento; mas para que elle se leve ao mais alto grau de prosperidade carece-se quasi absolutamente de estradas para o interior da provincia e reino. É incrível o quanto em Portugal e Hespanha se tem descuidado os interesses materiaes; é por isso que são tão poucas, n'um e n'outro paiz, as estradas por onde possam transitar com segurança diligencias e outros vehiculos de transporte acelerado. É tambem por este motivo que os progressos da industria e da agricultura não são mais sensiveis ainda: pois que não basta produzir, é mister que haja para os productos meios de condução promptos e baratos.

## PROSADORES PORTUGUEZES.

## O PADRE MANUEL BERNARDES.

(1644 — 1710).

## II.

MANUEL Bernardes nasceu de paes honrados, na cidade de Lisboa aos 20 de agosto de 1644.

Seu avô materno, João Bernardes, avaliador do fisco real, e cavalleiro da ordem de Christo, foi sobrinho de um dos moços da camara de Philippe IV, chamado Antonio Leite Pereira, cavalleiro fidalgo e familiar do santo officio.

Da parte de seu pae João Antunes, a geração do distincto prosador, não sendo tão luzida, não era por isso meoos limpa.

Quando a Providencia os abençoou, concedendo-lhes successão, os dous esposos viviam com decencia, e dispunham dos meios necessarios para cultivarem as felizes inclinações, que seu filho, desde os tenros annos, principiou a revelar.

Segundo os louvaveis costumes de então administrou-se o baptismo a Manuel Bernardes sete dias depois de nascido, na igreja de Nossa Senhora do Loreto, e um dos seus biographos assevera, que, depois de derramadas as aguas da remissão, não houve nunca sentidos mais abertos para a clara percepção de todas as cousas do mundo presente e futuro!

E foi assim. A virtude da indole unida ao vigor do ingenho, compozeram um sujeito digno em tudo do respeito que inspirava, e da grande acceitação dos sabios estranhos e naturaes, que elogiaram a poezia a serena luz da sua alma, a desenganada renúnciação das cousas mudanas, e o sabor e unção dos seus escriptos. A intelligencia madrugou em o favorecer. Desde os rudimentos começou a manifestar o que havia de ser.

Os seus estudos da lingua latina, então severissimos, correram com applauso dos mestres, que não se cansavam de admirar a facilidade com que percebia tudo, buscando de proposito as duvidas e os pontos obscuros, só pelo gosto de os desatar!

Quem versou os auctores romanos, e, vencido o enfado das aulas e das construcções litteraes, chegou a travar com elles conhecimento intimo, unico meio de apreciar os seus thesouros, sabe e confessa o poderoso auxilio, que podem communicar aos que estão no caso de transportarem as riquezas de um idioma para o outro.

Muitas das elegancias de Vieira, de Camões e de Fr. Luiz de Sousa procedem das paginas de Tacito, Sallustio e Virgilio. Do sal picante de Horacio, posto que impossivel de refinar em outra lingua; encontram-se uns longos em mais de um poeta nosso, ou prosador, apegando o conceito na concisão, ou circelando com elegancia a phrase.

Ainda hontem Carlos Nodier, nas ultimas advertencias sobre a pureza do francez, aconselhando a maneira de o manter ornado e casto, eneebrava todo o segredo na pratica de ler com reflexão, e todos os dias algumas folhas das obras de Cicero, e dos bons auctores romanos!

E o que faziam os nossos classicos; e por isso tantas vezes lhes saltam dos bicos da penna as malicias juvenis do grande lyrico, amigo de Mecenas, o nervoso traço de Tacito, e a rapidez de Sallustio. Tito Livio e Marco Tullio tiveram tambem admiradores e sectarios zelosos: João de Barros e Vieira, cada

um d'elles em sua provincia, provaram a familiaridade e o amor com que os frequentavam.

Nada tão injusto como a especie de desprezo, em que por algum tempo deixaram cair as letras latinas. Aquelles modelos eternos pelo proprio valor, e porque nos conservaram imitado muito do que produziram as grandes epochas da Grecia, não se desenterram da estante sem perdemos copiosos e agradaveis subsidios.

Os primores dos modernos são de outro genero, e não suprem os antigos; a idéa n'elles se acaso sobre mais, e o sentimento alumiado dos clarões da religião catholica, se porventura vê o dôbro além do que alcançavam os Tibulos e Propereos, (embora um d'estes na elegia adivinhasse a melodia christã) cedem sem combate possível ao esmero e cuidado do labor, á linha subtil, e ao disvelo e correção do todo, e das partes, que asseguram aos livros e poemas de Roma e da Grecia, quanto á forma, inimitavel e completa superioridade. E em verdade era preciso que a sua belleza seja insigne, para não ficar desvanecida, e resistir ás novidades e transformações do mundo, e á continua acção dos seculos, gastando paginas abertas em linguas mortas!

Examinando as obras do padre Bernardes descobri-se, que elle colheu muitas das flores, que se enfeitam, na aturada convivencia dos mestres latinos; formando pouco a pouco o estylo na appropriação das galas, e delicadezas que por analogia podiam naturalisar-se.

Neste commercio com os mais elevados engenhos da civilisação antiga, redobrou as forças, retemprou o genio, e aguçou as faculdades, não sacrificando, o que importa sempre salvar, a indole original da lingua e do escriptor.

Estas eram as vantagens da applicação paciente, e do uso quotidiano dos livros classicos. Hoje lastimam-se os mezes empregados em saltar alguns capitulos dos prosadores, e alguns cantos dos poetas!

Se a instrução, regulada pelas inclinações e estado das pessoas, fizesse dos extremos, e procurasse mais o util e o verdadeiro, seria diversa a maneira de dirigir o ensino, e maior o proveito d'elle.

Aos que se destinam ás artes fabric sobejam os rudimentos, que não chegando para saber, de nada servem para as occupações que seguem. Os que se destinam a pizar as carreiras litterarias e scientificas, com dous annos escaços de latim, não ficam em circumstancias de entenderem mais do que os compendios! Para uns é de mais, para os outros não basta!

Um curso extenso, feito com escolha, e regido com boa critica, era uma necessidade para a firmeza dos conhecimentos, e para o desenvolvimento do gosto; sendo possível, e até facilimo entrelaçalo com a frequencia das disciplinas, que entram na educação classica, e essencialmente dependem da pura latitudade, e não das regras elementares da construcção latina.

No seculo 17.<sup>o</sup> era outro o systema, e não espantado, que os fructos correspondessem. Manuel Bernardes, Vieira, Sousa Macedo, e todos os engenhos elogiados cultivaram as grandes disposições, reveladas desde a puericia, nas aulas dos professores, que não reputavam mal empregado o tempo, que se applicava á interpretação dos auctores romanos. Quando passaram a estudos superiores já iam armados de valioso cabedal para atravessarem os passos escabrosos sem tropeço. Foi cousa simples exprimir-se correntemente na lingua de Scipião; e se não attingiam a graça e a fluencia eicronica do bispo Osorio, nem eram como elle tão perfectos imitadores.

res, que fosse custoso discernir a copia do modelo, debaixo da sua penna o idioma da capital do universo nunca padecem injuria, antes foi sempre festejado e applaudido.

Concluidos os estudos latinos, Bernardes cursou a philosophia, não como hoje os trabalhos das diferentes escolas a têm apurado, mas como se aprendia n'aquelle seculo propenso as subtilizas e argucias de palestras nebulosas, intrincadas e sophisticas.

Entretanto o abuso da disciplina encerrava certas vantagens. O juizo afluava-se, o espirito adelgava, e a attenção costumada a assistir sem desmaiar a enredados prolemas podia melhor com as emprezas laboriosas. Era uma como esgrima intellectual, donde o ingenho se recolhia mais agil, adestrado e sabedor de todas as suas posses.

O exemplo vivo do bem e do mal, que envolvia o methodo, achava-se particularmente em Vieira.

O que desejava as suas obras, o amor exaggerado da novidade na concepção e na exposição; a queia repelida para o paradoxo, e a rede embaraçada de conceitos, e de brincados pueris, pertencem mais à epocha do que ao escriptor.

Aquelles defeitos osavam-se no estylo como os signaes, os donaires, e os rigados altos, se empregaram por moda, desfigurando a physionomia, e as proporções do corpo. O que não tinha sabor de artificial e de elegancia violenta, julgava-se inferior à fama de um auctor notavel, e mais ou menos ferido, ninguém se eximiu d'este contagio!

O aproveitamento de Manuel Bernardes consta das suas obras. Percorrendo-as encontram-se os documentos a cada passo.

Por entre o labyrintho de formulas escolasticas, e as agudezas exteriores ha paginas cheias de agrado e substancia, nas quaes o raciocinio e o saber se ligam vigorosamente.

De certo é preciso vencer o enfado de muitos logares communs, e causar a attenção por muitas voltas, que hoje reputamos amaneirados trocadilhos, mas no meio de toda esta pobrissima riqueza empregada sobre posse, sobejam as provas da gentileza e a elevação do seu ingenho!

Aonde o auctor se desvia do termo vicioo da epocha, e não cuida de arrebiques postigos, a graça, e o sabor natural do estylo, e da indole litteraria, correndo com a penna desafectada, de ninguém são exceedidos na pureza, concisão e energia.

Quando narra, pinta; quando sobe ás idealidades, e se suspende sobre o tenebroso vacuo das especulações arrojadas, poucos como elle levariam o voo tão sustido e tão ligeiro, não se remontando a tanto que desaparecesse, nem descaindo nunca das nuvens até ao chão!

Mestre em philosophia, graduado pela universidade de Coimbra, applicou-se logo ao direito pontificio, graangeando n'elle os maiores creditos, e preparou-se com a distincção dos seus estudos para a frequencia da theologia, na qual obteve grandes applausos, que citam os seus biographos.

Depois de se ordenar, o bispo de Vizeu, D. João de Mello, movido pela fama, que de Coimbra chegava já a todo o reino, designou-o para seu confessor, e quiz que o ajudasse a triarhar com menos perigo a espinhosa estrada, em que é facil, com o peso das obrigações, errar-se o caminho, ou cair de todo.

Mas os costumes do mundo repugnavam ao padre Bernardes; apenas entrado na carreira suspirou pela solidão. Como presbytero, desatando-se dos primeiros laços tinha adiantado um passo largo para ella. Agora o seu desejo ardente era sacudir o

encargo dos negocios, voltar costas aos cuidados, e metter-se na sombra de um claustro, onde, em paz consigo e com os homens, pudesse dedicar a vida ao estudo e ás devoções.

Pouco decisivo por genio, e bastante demorado nas resoluções, dispoz-se de vagar, sondou os diversos institutos religiosos, comparando-os, e melitou sobre a escolha. Preferiu a final a congregação do Oratorio, recentemente introduzida no reino por Bartholomeo do Oeental; e na idade de trinta annos, satisfazendo aos votos da sua alma, vestiu a roupa, e descausou no porto, tantas vezes appetecido.

A congregação, já n'esse tempo era o que sempre foi até aos ultimos dias; um seminario fecundo em vâtes douts, ajustados na vida, e irreprehensíveis na reputação. Em nenhuma das outras se cultivaram as artes e sciencias com mais lustre, nem se aponta maior, ou igual numero de sujeitos verdadeiramente dignos de elogio.

A sua extincção causou perda sensivel ás letras e ao ensino, não havendo pretexto, mesmo utilitario, que a desculpe.

Desde os rudimentos das humanidades, como observa o sr. Castillo, até aos cumes da eloquencia, da historia, da theologia, e das sciencias physicas e naturaes, tudo se estudava com ardor, e tudo se conseguia até aos ultimos progressos. As bibliothecas, e as escolas fundadas por ella, e as academias, que ornou de professores conspicios, abomam a profundidade varia da sua doutrina. Foi sempre ali o reitor dos homens desenganaos, amigos dos livros, e tementes a Deus. De portas a dentro o erudito encontrava à mão, e promptos, sobre qualquer assumpto, as obras e os mestres necessarios, a conveniente censura, e o merecido louvor. Grandes nomes attestam os serviços prestados à civilização pelos congregados, e os fastos do Oratorio encerram, elles sós, mais palcos de gloria, do que a enfezada existencia de outros corpos collectivos menos modestos, e mais apparatusos.

Trinta e seis annos viveu Manuel Bernardes na sociedade dos que eram seus irmãos, no habito e na inclinação das letras, sempre occupado em estudar, escrever, e cumprir os deveres do instituto. Pontual e exemplar nos exercicios devotos, e gastando n'elles o mais do tempo, austero sem demasia com os outros, como director de consciencias, na aula, no confessorario, e no pulpito brillou pelo calor e luz, que deu por titulo a um dos seus melhores tratados, e com que resplandecem tantas paginas excellentes das suas obras.

Igual e serena a sua existencia correu sem alteração até aos dons ultimos annos, que foram os primeiros da sua morte.

O dia de hoje nasceia para elle siotilhante ao dia de hontem, e se lhe faltaram os lanceos, e as peripicias na grande scena do mundo, de que foi teccida a vida do padre Antonio Vieira, tambem poucou a inquietação do espirito, as murmurações, e o ingrato esquecimento, que atribularam até à derradeira hora o famoso jesuita, mais lembrado das vaidades do seculo algumas vezes, do que parecia permittir a humildade e abnegação da roupa de Santo Ignacio.

Manuel Bernardes não alcançou a provecça idade, e não teve a consolação de acabar, como Vieira, senhor das suas facultades.

O entendimento n'elle falleceu primeiro do que o corpo. Apagou-lhe Deus quasi de repente o formoso ingenho, e a intelligencia, que tantas verdades ensinaram, e tantos vicios castigavam!

Anouteceu-lhe o espirito estando sem lesão sen-

sivel; e mais de vinte mezes padeceu, desterrado de si mesmo, e com o talento em trevas, aquelle que fóra luz brilhante da Igreja e da moral!

A principio sentiu só as facilidades entediadas, e ainda chegou a conhecer que uma nevoa espessa lh'as ia toldando a pouco e pouco. Desconsolado, mas com a vontade sempre firme, redobrou no fervor das praticas religiosas. Depois, foi-se retirando gradualmente a claridade intellectual, até a razão ficar totalmente ás escuras, e os superiores viram-se obrigados a prohibil-o de celebrar. Degradado do exercicio das ordens chorou, rendeu-se, e a final se-cumbiu.

Eclipsadas as idéas mais nobres, e com pequeno intervalo depois as mais communs, via e ouvia sem entender, nem conhecer! O mundo passava por elle como elle passava para o mundo.

A cellasinha em que habitava o amortecido velho, era como um sepulchro. Livros fechados e inuteis, manuscritos incompletos ao pé do tinteiro secco e da penna mirrada, uma phrase ellequente, deixada em embrião talvez, e diante de tudo isto, e sem o comprehender por espaço de dous annos, com o mesmo traje, com o mesmo rosto, ainda com mais caas... o homem a quem todos invejaram, de quem todos aprenderam, fechado sobre si como um livro de sete sellos!?

Esta bella descripção de um seu biographo moderno, o sr. Castilho, (cujo escripto nos ministrou valioso subsidio) pinta com vivissimas cores tudo o que tem de triste, de instructivo e de doloroso a cruel enfermidade que o assaltou. Para homem de fino engenho, e de elevada intelligencia, descaír assim da mais alta esphera, perdendo-se de si mesmo, encerra o maior dos supplicios, é um martyrio de fazer tremer!

Por fim, a 17 de agosto de 1710, acabou de penar; e os seus restos mortaes foram sepultados na antiga casa do Espirito Santo, d'ahi a quarenta e cinco annos arrasada pelo terramoto, e substituida, no mesmo logar, pela igreja riseada por Ludovice filho.

Hoje, sobre a terra em que os seus ossos descansaram, levanta-se a frontaria da propriedade do sr. barão de Barcelinhos: aonde se repartia ao pequenino o pão da alma e da intelligencia, armam-se as mezas de uma hospedaria, e cruzam-se os ruidos e ociosidades da vida profana!

Qual dos dous terramotos seria maior! Aquelle cujas ruínas o marquez de Pombal reparou, ou o que nós fizemos, e não queremos reparar no que merecia emenda e restituição?

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA

## QUADROS MARITIMOS.

### III.

#### INCENDEIO DA NAU CHAGAS.

1594.

CONJUNTAMENTE com a nau *S. Alberto*, cujo naufragio contamos, partiram da India, no anno de 1593, outras duas naus, *Nossa Senhora da Nazareth*, e *Chagas*, nenhuma das quaes chegou ao reino. A *Nazareth* vinha tão carregada, que logo abriu agua com o primeiro temporal que apanhou, e arribando com

grande custo a Moçambique, ahi foi condemnada. A *Chagas*, uma das maiores naus da carreira da India, que n'aquelle tempo havia, encontrou tanto mar no cabo da Boa Esperança, que depois de alijar muita parte da rica carga que transportava para Lisboa, viu-se obrigada a virar para Moçambique, aonde inverno. O seu capitão-mór, Francisco de Mello, encontrando n'aquelle insalubre ilha os naufragos da *S. Alberto*, e a tripulação da *Nazareth*, recolheu-os a bordo, e, exceptuando aquellos que preferiram regressar a Góá, toda a gente das tres naus reunida, em numero de quatrocentas pessoas (cento e trinta portuguezes e duzentos e setenta escravos) velejou para o reino, já em principio do anno de 1594.

Vinham a bordo da nau *Chagas* algumas senho-ras, entre as quaes D. Isabel Pereira e D. Luiza de Mello, já nossas conhecidas do naufragio do Penedo das Fontes; D. Francisca da Fonseca, mulher de D. Tristão de Menezes, capitão de Góá, e sua filha D. Luiza de Menezes, que era (segundo a opinião de Melchior Estacio do Amaral, a quem seguimos n'esta narração) uma formosa donzella. Tambem entre os passageiros encontrámos o nosso heroe Nuno Velho Pereira, o capitão da nau *S. Alberto* (Julião de Faria), e Diogo Nunes Gramacho, conhecidos dos leitores; e outros homens notaveis, taes como D. Duarte de Ega, que foi capitão de Góá; Antonio de Po-voas, capitão de Diu; Braz Corrêa, capitão da nau *Nazareth*; e D. Rodrigo de Cordova, castelhano.

A nau começou logo no porto a fazer agua, por que a fazenda salva da outra nau, a *Nazareth*, lhe augmentava demasiadamente a carga; e logo que sobreveiu o primeiro temporal teve de alijar ao mar muita d'ella, e até os mantimentos que trazia em cima, e que mais tarde bastante falta lhe fizeram. Contra esta estúpida ambição de sobrearrregar os navios clamam debalde todos os escriptores do tempo: era mal irremediavel aquelle! Emfim a nau *Chagas* dobrou o cabo das Tormentas, e tocou em Loanda para se refazer de mantimentos e aguada, porém de tal forma foi atacada a tripulação pelas febres de Africa, que metade da gente morreu nos muitos dias que se demoraram com calmaria pela costa de Guiné, e a outra metade de tal maneira ficou quebrada que mal podia ter-se de pé, ainda quando avistaram os Agores.

O regimento d'el-rei dado ao capitão-mór da armada, ordenava-lhe que demandasse a ilha do Corvo, onde encontraria uma frota portugueza; porém já na India constava que os inglezes haviam tomado a nau *Madre de Deus*, e obrigado a queimar outra, a *Santa Cruz*, n'aquellas paragens; por isso foram de voto os mais experimentados, que se prescindisse de avistar o Corvo, e se apossasse a Lisboa; porém a soldadesca que vinha a bordo, de combinação com a maruja, amotinaram-se, gritando que não havia mantimentos para se procurar directamente a costa de Portugal, isto (diz o chronista) porque suspiravam pelas aguas frescas e pelas fructas das ilhas! Em tal conjunctura o capitão formou conselho, e resolveu-se procurar a ilha do Corvo, o que combinava assim com os votos dos amotinados, como com o regimento d'el-rei; e de facto eram poucas as vitualhas que tinham na embarcação.

Francisco de Mello tratou de appellar-se para guerrear, no caso de se encontrarem inglezes; e repar-tiu os diversos postos do navio pelos mais esfoçados; assentando todos que antes morreriam do que entregar-se, em qualquer circumstancia que fosse.

Emfim, no dia 22 de junho de 1594, tendo avistado o Corvo, mas contrariada pelo vento, a nau fez-se na volta do Fayal, e para logo encontrou tres

naus, conhecidas immediatamente por inglezas, de tresentas a quatrocentas toneladas cada uma, com grossa artilharia de bronze e muita gente e petrechos de guerra. . . O momento era chegado; os pobres doentes da nau *Chagas* juraram não morrer na agua ou no fogo, mas não se renderem!

Ao meio-dia estava travado um sanguinolento combate. As bombardas e mosquetes trabalharam de um e outro lado, sem interrupção. até ao outro dia, á mesma hora, em que os inglezes se desenganaram de que os nossos se não rendiam, e assentaram de abalroar a nau *Chagas* com as suas tres naus ao mesmo tempo.

E tão viva a pintura que d'este choque faz Melchior Estacio, que não queremos privar d'ella os leitores; eis as suas palavras:

“... investindo assim todas tres, se disparou artilharia de parte a parte, com roqueiras, pelouros de cadêa e de picões; houve em todos grande estrago, juntamente com a mosquetaria e munição; das gaveas choviam as panelas e alcanzias de fogo, os dardos e pedras; e pelos bordos ardião as bombas e lanças de fogo, caíndo de todas as partes muitos mortos e feridos, estando todas as quatro naus feitas um vivo incendio, e rios de sangue, quaes eram os fortes combatentes, atemorizados os inglezes pela preza, e os portuguezes pelos desenganarem d'ella. O mar estava rôxo com o sangue caído dos embornaes, os convêzes juncados de mortos, e o fogo ateadado nas naus por algumas partes, o ar tão occupado com fumaças que não só se não enxergavam uns e outros, mas mal se conheciam muitos de tisonados e mascarrados do fogo e polvora.”

D. Rodrigo de Cordova, que defendia a pôpa da nau *Chagas*, foi o primeiro que caiu com as pernas espedaçadas, mas ainda morrendo animava com palavras de valor os que ficavam. Nuno Velho mostrou-se tão valente no combate, como fôra prudente nos sertões da Cafraria; o nobre cavalleiro acudia aonde o perigo era maior, e por duas ou tres vezes fez recuar os inglezes, que já se achavam a bordo do nosso galeão. Todos os fidalgos e soldados se houveram como guerreiros de primor, e o grito geral a bordo era: Abrazemo-nos, vamos ao fundo, mas não nos entregaremos!

Com effeito já os bretões se faziam ao largo para compôr as grossas avarias que soffreram, quando se deu pelo fogo na prôa da nau *Chagas*; pegara n'um coebim de caíro do guruzê, todo alcatroado, e logo se erguera em chaminas, consumindo o traquete e abraçando a gavea, de tal forma que as enxarcias e poleme caíndo no convêz faziam lavar o incendio por toda a nau; e os inimigos não deixavam aproximar ninguém da prôa para lhe acudir; as suas bombardas faziam continuo fogo para aquelle ponto.

Desenganados os nossos de que a nau ardia toda irremissivelmente, começaram de lançar-se ao mar em jangadas feitas á pressa; outros, que não sabiam nadar, arremegavam a agua harris ou paus, com intenção de se segurarem a elles, o que a muitos fôlhou, morrendo afogados; dos que os alcançaram, muitos perderam nas pontas das lanças inglezas, que ali mesmo os perseguiram de dentro dos seus batéis.

D. Luiza de Mello, e sua mãe, que haviam escapado do naufragio da nau *S. Alberto*, foram apparecer, já cadaveres, nas praias do Fayal, ligadas ambas com um cordão de S. Francisco, como se haviam lançado ao mar; todo o resto da gente da nau morreu a golpes de espada ou de lanças, atravessada por pelouros, queimada na embarecação ou afogada nas ondas: só treze pessoas escaparam d'esta tremenda catastrophe! Os inglezes tambem soffreram bastante,

como era de suppor, e mesmo dos seus capitães, dois ficaram feridos e um morto.

Dos treze salvos da nau um foi ainda Nuno Velho! Sem saber nadar, com grande custo se segurou ao guruzê, quando este caiu na agua, e ajudado por Braz Corrêa, que tambem escapou, foi recebido em uma lancha ingleza. Os outros salvos milagrosamente do fogo e do mar foram o guardião da nau *Nazareth*, um estriqueiro, um soldado da India, dous calafates, dous marinheiros, e quatro escravos; os quaes, já de bordo do vaso inimigo, viram sumir-se nas ondas a nau *Chagas*, quando o fogolhe chegou ao paiol da polvora, tendo ainda a bordo alguma gente! Depois foram desembarcados na ilha das Flores, seguindo só para Inglaterra, como prisioneiros, Nuno Velho e Braz Corrêa, tropieus vivos do successo, que esperavam resgatar por bom dinheiro.

Ainda os traballus de Nuno Velho não estavam concluidos. . . devia ser de rija tempera aquelle homem! Encontrando-se as tres naus inglezas com um galeão da India, commandado por D. Luiz Coutinho, travou-se nova peleja; e Nuno Velho e Braz Corrêa foram atados e mettidos dentro d'uma lancha para irem junto á nau portugueza dar testemunho da sorte que tivera a *Chagas*. D. Luiz porém não se atemorizou, e tendo partido o mastro a um dos navios contrarios, furtou de noite o rumo aos outros dous, e veiu a salvamento ao Tejo.

Velho e Corrêa estiveram um anno prisioneiros em Inglaterra, mas bem tratados, e a final resgataram-se por tres mil cruzados, voltando a Hespanha, aonde o rei Philippe lles fez mercê. Não soubermos mais de Nuno Velho; quanto a Braz Corrêa, tão pouca lembrança lhe ficou do naufragio, combate e incendio soffridos no mar, que logo em 1604 voltou á India, despachado védor da fazenda de Gôa.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

### VOCAÇÃO.

A CONVENIENCIA entre os sentimentos e o espirito de um homem e uma função social, eis o que se entende por vocação.

Pedra philosophal de todos os tempos seria achar para todos, e em todos os logares essa conveniencia tão perfeita, tão harmonica, tão fecunda em prodigios, tão assombrosa em seus resultados.

Não ha negal-o; e só ás vocações não contrariadas que deve a humanidade o seu progresso, e d'ahi a superioridade, que no seu modo de existir revelam as sociedades de hoje sobre as d'outrora.

Cada um de nós quando nasce traz em si impresscriptivel precisão de actividade, que a não ser dirigida e satisfeita pelo trabalho, nos dilacera interiormente como alutre impleavevel, e as mais das vezes nos impelle a ir rasgar as entranhas da propria sociedade em que vivemos.

É o trabalho a destinação do homem. Origem de todo o possível contentamento, fonte das terrenas bemaventuranças, o trabalho nas suas tres magnificas manifestações sciencia, industria, e bellas artes, converte em gozo e ordem o que alias só fôra acaso e penas, transforma em util e prestadio pobreza e desconsoles; cria o bello e o esplendido do *fat tua* da imaginação, aquecida por uma alma onde brillam reflexos da propria divindade. Expição d'original culpa. . . mas que expiação! pena imposta ao primitivo delicto. . . mas quão doce, quão pater-

nal! Oh! e quem duvida de que para nós, n'este valle, não já de lagrimas, senão de esperanças infinitas, não existe, não pode existir felicidade fora do trabalho? Mas se a clemencia de quem tudo pode, de quem a tudo ama, de quem a tudo creou para amar e ser amado, fez do trabalho condição inalienavel do ser feliz, quem osará negar que esta mesma lei beneficia é para todos, que para ninguém absolutamente traz o trabalho afflicção e desgraça.

Em todos poz Deus uma certa e determinada vocação. Contraria-la e contrariar a vontade suprema.

Temer atrocidades do curdeiro, esperar mansidão de tigres, pedir gorgeios á água, atrevimento ao rouxinol, grinaldas ao oceano, procellas ao jardim, alegria e claridade ás trevas, sombra e tristezas ao sol da primavera, tamanho desconcerto fóra esse, como exigir que o trabalho florisse, fructificasse e desse felicidade, onde a vocação errou o caminho.

Tedio em vez de attractivos e sedução, condemnação e supplicio em vez de satisfação e jubilos, imperfeições e tibezes no que estava fadado para benções, eis a triste herança do que não deu ouvidos a voz interior das proprias tendencias, ao íntimo brado da vocação.

«Ninguém ha, absolutamente fallando, que seja inepto,» diz Godwin. Isto que á primeira vista se tomaria por um paradoxo, deixará de o parecer se por um momento reflectirmos no que acrescenta o mesmo escriptor, que estabelece com tanta convicção este principio. «O inepto,» diz elle, «é um homem que não occupa o lugar que a natureza lhe tinha destinado. Hoje quasi ninguém está no seu lugar; eis a razão por que o numero dos ineptos é tão grande.»

Oçamol-o ainda, que de pezo me parecem as considerações que faz a este respeito.

«Não ha genio que para tudo seja proprio; não ha homem organizado que não seja proprio para alguma cousa. Ao vicio da educação, esó a elle, é que se deve attribuir o mau emprego das capacidades humanas. Devêra consistir a educação n'um ensino dos talentos especies de cada um. Fóra indispensavel o experimental o tenro cerebello, apenas desenvolvido, a fim de saber para que sera proprio. Em lugar de encruralar (assim se expressa, e com bastante propriedade) trinta ou mais criangas n'uma prisão mascarada com o nome de escola, em lugar de repetir e fazer decorar aos innocentes encarcerados lições que a maior parte não comprehendem, quanto mais assizado não fóra deixar o campo livre ás naturas faculdades, secundar-lhes os progressos, espereitar a indole e tendencias de seus espiritos pueris.

«Não disse a natureza a este homem: Has de ser ferreiro; aquelle: has de ser ministro d'estado. Não; as suas classificações foram estabelecidas de outra maneira. Não vos creou a natureza astronomo ou poeta; dotou-vos com uma organização em relação com tal ou tal objecto; fez-vos robusto ou fraco, delicado ou energico, etc. Todavia todos nós temos a nossa corda sensivel, um ponto, que é mister ser tocado para commover nos, e que vibra com a maior força mal o ferem. Se este elemento da nossa forga ficar adormecido ou ignorado, perderemos a maior parte do nosso valor: achar este ponto, é um dos estudos mais profundos.»

É assim vae, por nosso mal, a maior e melhor porção da especie humana sumir-se de geração em geração no nada do esquecimento. Assim vão os talentos, que a humanidade havia de negociar no grande mercado das idéas, morrer improdectivos, e nem sequer sonhados com o individuo que na alma os entesourava sem que ninguém os sonhesse. Assim andarão talvez Petrarca e Camões cavando a terra,

Rollins e Pestalozzi forjando ferro, em quanto no magisterio pode ser que se estejam perdendo admiraveis officias mechanicos, na milicia optimos artistas, excellentes operarios, no fóro valentes soldados, na imprensa pacificos industriaes. Realmente é evidentissimo que Rossini e Donizetti não estariam no seu lugar, velando, alta noite, nos observatorios de Herschell; Newton e Arago fariam bem triste figura se tivessem de escrever uma opera. Chateaubriand e Byron talvez erressam uma conta de sommar, em quanto Laplace talvez que em toda a sua vida não combinasse duas rimas.

No entretanto a necessidade, a imperiosa precisão de actividade carece de expansão; e a semente que havia de ser ceíro apenas da uma parasita rasteira que enfeza, mingua e cae. O talento creador, inventivo, fecundo e reformador sob favoraveis circumstancias, não passa de mediocridade, morre obscuro e feneece ignorado. E depois, que remedio á falta de bom metal, bate se moeda de papel; em lugar do ouro da aptidão levanta-se a aristocracia do diploma; em lugar do homem a quem a providencia revelara em hora afortunada mil segredos dos seus, contenta-se o mundo com a nullidade, que em vez de lhe favorecer as tendencias progressivas, o prende ao poste da rotina.

Quanto não lucrara a humanidade, se ao estudo das vocações se desse a importancia que merece?

Importa primeiro que tudo estudar a origem do mal, porque o é, e muito grave.

A nosso ver existe na educação uniforme a que indistinctamente se submete a puericia.

Para que pode vir a ser propria uma criança? Não é facil de resolver semelhante problema. As faculdades não se annunciam sempre por indícios claros e evidentes. A criança não se conhece.

O que vulgarmente se chama inclinação nem sempre pode servir de guia. Raro é o menino que não goste de brincar com armas e petrechos militares; mas ninguem conclurá d'aquí que estão destinados todos para Fredericos e Napoleões. A intelligencia tambem não é a melhor guia para decidir da futura aptidão para o exercicio de tal ou tal mister. Nem sempre são as intelligencias mais precoces, que dão os melhores e mais duradouros fructos. Mas então por onde se deve regular o educador, se *intelligencia* e *inclinação* enganam tanto na verdadeira apreciação das vocações? Por aquillo que nem os homens, nem os tempos, nem os logares poderiam jamais destruir, modificar, nem corrigir; n'uma palavra pela *indole*.

Com a idade tudo muda ou se desenvolve no homem; a *indole*, essa nunca muda. O atrevimento, a energia, a insinuação, o sauge-frio, a perseverança, a delicadeza não se adquirem. O genio, a indole, são de cada individuo.

Serão os mestres capazes de julgar? Devem sel-o. Sel-o-hão os paes? Quasi nunca, infelizmente. Mandam os filhos á escola; julgam ter feito tudo. Era preciso educar primeiro os paes, mas já não é tão facil. Então os mestres? Eses sim, n'esses é que pode residir o observador desapaixonado e livre de preconceitos, caprichos e ambigões; é n'elles que se pode encontrar o juiz imparcial, que estude o coração de seus alumnos sem o prisma de loucas pretensões. Ao mestre é que compete este difficil mas valiosissimo encargo. Elle informará os paes da verdadeira vocação de seus filhos. A vocação não contrariada é meio caminho para a felicidade. E estas duas vice-providencias da terra, paes e mestres, decidirão, não já pelo simples acaso dos futuros destinos d'aquelle, que um dia tem de ser chamado a contribuir com o seu

capital de aptidão em prol da humanidade, da família e de si mesmo.

« Quando se obtiver, diz J. B. Constant, que os homens sejam collocados no estado competente as suas capacidades, haverá menos desgraças, mais felicidade na vida social, e muito maior prosperidade publica. »

Eduquem-se pois alguns homens nos verdadeiros conhecimentos do espirito e coração, exija-se-lhes como primaria condição irreprehensivel moralidade, forme-se-lhes a elles tambem o coração bom e affectuoso, dê-se-lhes a missão de estudar as vocações, isto é, o intimo d'alma e coração da geração nova, nobilitem-se esses pesquisadores das minas do porvir com o honroso titulo de MESTRES; não de-lisem elles proprios um só ápice do que devem ser, e a felicidade individual e a prosperidade publica terão d'ora avante mais solidas bases.

Nós, os que sentirmos que não estamos fóra do lugar para que a Providencia nos chamou, façamo-lo desde já; estudemos as vocações, que é esse o mais bello mandato que o educador publico tem a desempenhar.

LUIZ FILIPE LEITE.

#### INSTRUCCÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GREGIA.

##### *Collecções scientificas e artisticas.*

1.<sup>o</sup> *Bibliotheca publica da universidade.* A primeira bibliotheca publica da Grecia teve origem n'um donativo de cinco mil trescentos e noventa e cinco volumes feito pelo barão de Sakkellarios; pelos legados do barão Bellios; e finalmente pelas doações e legados dos irmãos Zozima e dos srs. Ducas, Korais, Komitas e outros. Depois se lhe juntou a collecção, pouco numerosa na verdade, pois só consta de dois mil volumes, porém muy preciosa, do sr. Possalakas, comprada pelo governo ha dois annos e meio, por 103.000 drachmas.

Depois do estabelecimento da universidade concebeu-se igualmente o projecto de fundar tambem uma bibliotheca particular para seu uso. O rei e o governo que as quatro facultades lhe apresentassem um catalogo das obras mais indispensaveis, e consagrou para a compra d'estas obras a quantia de 10.000 drachmas. Muitas pessoas offereceram a universidade um certo numero de livros, porém o que mais contribuiu para augmentar a importancia da bibliotheca universitaria, foi a generosidade do grão-duque de Toscana que mandou aos directores das diferentes bibliothecas do seu estado que reanimessem todos os exemplares duplicados que encontrassem. Ajuntaram-se cinco mil, e sua alteza imperial fez d'elles presente á universidade de Athenas. Tão nobre exemplo foi imitado pelo monarcha de Sardinha; e em breve uma de suas fragatas veio entregar mais de seis mil volumes. Muitos particulares, entre elles o professor Rafin, conselheiro de estado de el rei de Dinamarca, e o doutor Parthey, proprietario da livraria Nicolai em Berlim, enviaram a Athenas varios donativos de livros. Assim se augmentou rapidamente a bibliotheca da universidade. Como depois de concluida a primeira parte do edificio da universidade, em que se acham comprehendidas as galerias da bibliotheca, o governo julgasse, que para maior comodo da sociedade e do publico, devia refundir as duas bibliothecas n'uma só, e collocal-as toda nas galerias da nova universidade, elegaram-

se a reunir actualmente n'esta bibliotheca trinta e cinco a quarenta mil volumes, e entre elles noventa manuscritos. E de esperar que os exemplos citados achem numerosos imitadores, e que a bibliotheca nacional seja em breve tão completa como convem ás necessidades dos gregos estudiosos, e dos mythos estrangeiros, que frequentam o territorio da Grecia em suas excursões scientificas.

2.<sup>o</sup> Uma collecção importante de antiguidades, isto é, de estatuas, vasos, baixos-relevos, sarcophagos, utensis e inscripções etc., dispersos presentemente, por falta de um local apropriado, em varios pontos da cidade, porém reunidos em grande parte no templo de Theseu, se collocará, logo que esteja acabada a parte que falta do edificio universitario, nas galleries, que para este fim se devem construir.

3.<sup>o</sup> A *collecção numismatica*, rica sobre tudo em moedas byzantinas e moedas russas antigas, a que devemos acrescentar alguns objectos de muito valor, como pedras preciosas, perolas, etc., foi donativo feito pelo sr. Zozimas de Moscow.

Citaremos tambem uma pequena *collecção de quadros*, offerecida pelo vice-consul da Grecia em Vienna o sr. de Mantzarani.

*O gabinete de historia natural*, fundado pela sociedade de historia natural, e assás completo em productos do solo grego.

Uma bella e rica *collecção de instrumentos de physica e astronomia*, formada em parte por acquisições do governo, e em parte pelos offerecimentos do sr. Anastasy e do barão Sina.

Uma *collecção de preparações chimicas e anatomias*.

*Escavações, descobrimentos e restaurações de antiguidades.*

Ap-nas estal eleido, o governo real dedicou-se cuidadosamente á conservação, restauração, e descobrimento de antiguidades; nomeou para este effeito um conservador geral de antiguidades, pondo ás suas ordens tres sub-conservadores, um para o Peloponeso, outro para a Grecia continental, e outro para as ilhas gregas, aos quaes se remetteu na mesma occasião a quantia de que então podia dispor o thesouro, para que a empregassem d'um modo conveniente. Algum tempo depois, em 1835 a 1836, o governo abriu um credito de 70.000 drachmas, e successivamente depois um credito annual de 6 a 12.000 drachmas, não só para attender as necessidades mais urgentes, mas tambem para emprender novas restaurações necessarias, adquirir para o estado os objectos preciosos descobertos por particulares, e fazer executar novas escavações. Dentro em pouco se achou a direcção de antiguidades em circumstancias de desembaragar o *Acropolis*, ou cidadella d'Athenas, do entulho e ruinas que os seculos tinham amontado; de restaurar o *Érechlionna* e certas partes do Parthenon; de reedificar o magnifico templo da Victoria, e desenterrar e n'um grande numero de estatuas, vasos e inscripções.

Os meios d'esta sociedade eram realmente exiguos; porém como sempre os tem empregado com muita intelligencia e economia, e não se encarregava senão de emprezas proporcionadas ás suas forças, ponde effectuar escavações e fazer descobrimentos importantes, como, por exemplo, o da torre de Cirrheste, etc.

##### *Despeza annual do estado com a instrução publica e as sciencias.*

No anno de 1841 montou a despeza a 461.789 drachmas. No de 1842 andou por 492.016 drachmas

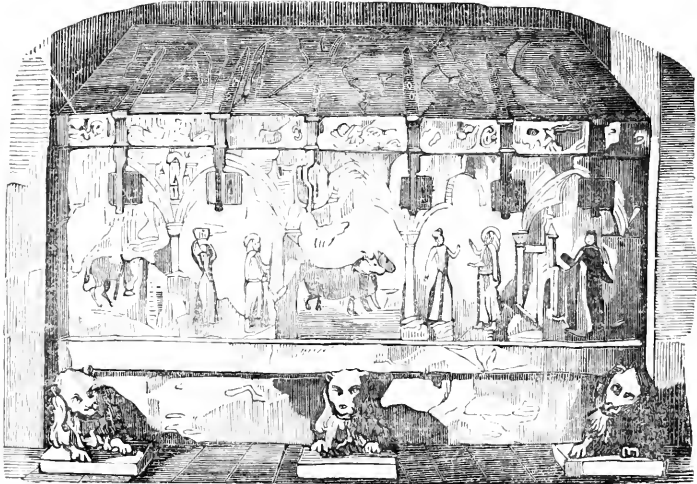
(sem comprehender n'esta somma as consideraveis quantias empregadas annualmente pelo estado na sustentação da excellente escola militar de Piro). Sobre a despeza total accrescentem-se 96:356 drachmas para ordenados de mestres de instrução primaria, e 16:800 drachmas para as pensões fundadas pelo governo com o fim de crear mestras. Se se ajuntarem a isto as sommas destinadas para a escola normal primaria, que sobem a 4:447 drachmas; e para manter a casa dos orphãos, que custa 20:000 drachmas, resultará que o estado gasta com a instrução elemental de ambos os sexos a verba annual de 137:597 drachmas (1). Se se reflectir tambem que a totali-

dade das rendas publicas do reino da Grecia apenas excede 18 milhões de drachmas, e que o reino da Prussia, que tão generoso é a prol do ensino, com uma receita superior a 50 milhões de thalers (mais de 240 milhões de francos), só destina um milhão de thalers á instrução publica; e se se examinar a proporcão que existe entre as despezas feitas por cada um dos dous governos em favor da instrução publica e suas respectivas receitas, concluir-se-ha que o reino grego consagra á instrução publica 3 por cento, e o reino da Prussia só 2 por cento da sua receita.

(Continúa.)

(1) 22:015,8520 reis, pouco mais ou menos.

L.



TUMULO DE SANTO ISIDRO.

SANTO Isidro, chamado o lavrador, nasceu, segundo a tradição, em Madrid pelos annos de 1682, e falleceu com perto de noventa annos, em 30 de novembro de 1470.

Filho de lavradores foi elle mesmo lavrador, e serviu n'esta qualidade, entre outras, a illustre familia de Vargas, em cujas herdades parece que o santo vivêra largo tempo.

Exerceu tambem a profissão de pedreiro e cabouqueiro: em torno de Madrid conservam-se alguns pozos que uma tradição constante affirma terem sido abertos pelo santo.

Toda a sua vida foi uma serie não interrompida de actos de caridade, de oração e de modestia, distinguindo-se principalmente pela sua devoção Nossa Senhora, sob as invocações de Almodena e de Atocha.

Viveu algum tempo em Torre Laguna, e ali casou com Marta da Cabeça, que se suppõe natural da aldea de Carraquid, e que tambem, como seu esposo, obteve por suas excelsas virtudes a canonisação da Igreja.

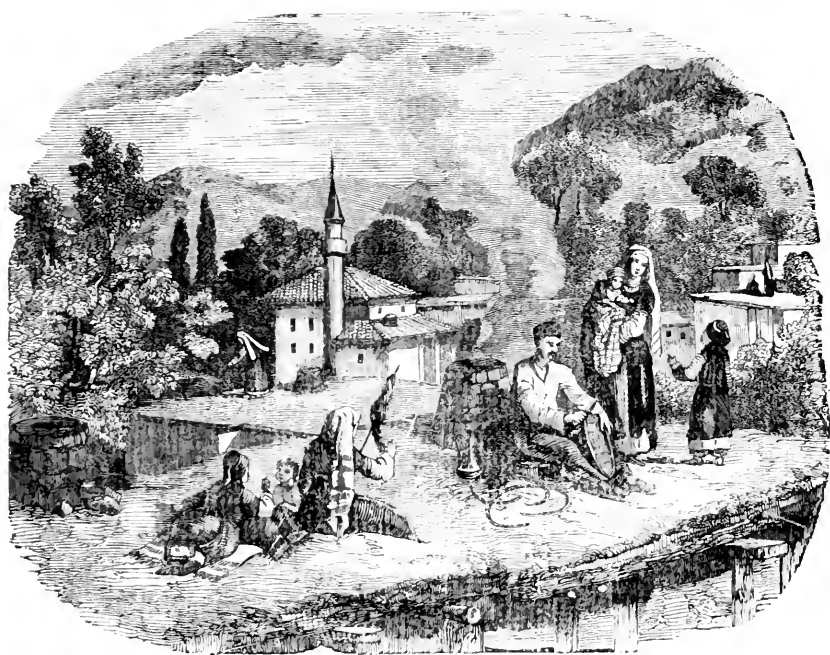
Logo depois da sua morte começaram os povos de tributar-lhe culto e veneração, e como fossem

muitos os milagres alcançados por seu favor o santo padre Paulo V concedeu as honras da beatificação ao modesto lavrador madrileño por bulla de 14 de fevereiro de 1619; e posteriormente, a 12 de março de 1622, foi canonisado solememente por Gregorio XV, celebrando-se por esta occasião extraordinarias festas e regosijos.

Além dos documentos escriptos conservam-se em Madrid, apesar de serem decorridos sete seculos, alguns monumentos materias consagrados pela tradição, existe ainda tambem o venerando cadaver do glorioso santo, inteiro e incorrupto, resistindo a acção do tempo, e aos argumentos da incredulidade.

A arca em que esteve encerrado, e que a nossa gravura representa, diz-se ter sido mandada fazer por D. Alfonso VIII; é coberta de couro, tendo nas faces pinturas em que estão grosseiramente figurados os milagres do santo; descansa sobre leões de pedra. N'esta arca, objecto precioso pela sua antiguidade, conservou-se o corpo do santo, até que em 1669 se trasladou para a soberba capella do mesmo nome, contigua á igreja parochial de S. André, onde actualmente se venera





RUSSIA — CRIMÉA.

A CRIMÉA, ou Taurida (Chersoneso Taurica dos antigos) é uma península formada pelos golfos do mar de Azof e do mar Negro, e apenas unida ao continente pelo istmo de Perekop.

O mar de Azof banha as costas orientaes d'esta interessante provincia, e o mar Negro as occidentaes e meridionaes.

O aspecto do paiz nas proximidades do istmo é tristissimo, o que não admira, porque por aquellas paragens apenas se encontram vastas marulhas de sal, e terrenos alagadigos, d'onde se evoluem exhalações mephyticas, que envenenando o ar tornam a residencia ali mui encommoda e perigosa, mormente em certas quadras do anno, quando reinam com maior intensidade as febres intermittentes, das quaes poucos habitantes deixam de ser atacados, e de que bastantes são victimas.

Do lado do meio dia porém a península ostenta extraordinaria opulencia de vegetação, e gosa de ares mui sadios. O sabio viajante Pallas assevera até que em todo o vastissimo imperio da Russia não ha região mais temperada, mais fertil e mais aprazivel do que aquella parte da Criméa que se estende, n'uma serie de valles semi-circulares, e dis-

postos em amphitheatro, ao longo das costas do mar Negro.

A Criméa conta hoje aproximadamente quatrocentos mil habitantes, quasi todos musulmanos. O molo porque a antiga Chersoneso Taurica, outr'ora pertencente ao imperio ottomano, foi incorporada aos domínios moscovitas, explica-o o nosso distincto collaborador J. de Vilhena Barboza, nos seus excellentes artigos sobre os imperios bysanthino e ottomano, publicos nos n'este semanario, aos quaes o lector curioso pode recorrer.

Em algumas povoações da Criméa, as casas, pela maior parte, construidas de madeira, são cobertas de terragos, para onde os seus habitantes costumam subir nas tardes calmosas a gressem o fresco, o que produz um effeito realmente pittoresco, como pode observ. rese na gravura.

Na extremidade da península acha-se situada a praça de Sebastopol, e nas cercanias d'esta cidade, junto as margens do rio Alma, se deu, no dia 21 de setembro ultimo, uma grande batalha, entre francezes, inglezes e turcos de uma parte e os russos da outra, ficando estes desbaratados depois de uma lucta obstinada.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

## XVIII.

*Catharina II projecta a conquista da Turquia, activa as operações de guerra, e promove uma sublevação na Grécia: combates navaes e destruição da esquadra ottomana: batalha de Cahoul: revoltas interiores: diligencia da Austria e Prussia em favor da paz: mau successo das negociações: continuação da guerra com fortuna variá.*

OS FELIZES successos, que coroaram as armas russianas na campanha, a que o inverno acabava de pôr termo (1769), exaltaram a imaginação de Catharina II. A facilidade com que obteve esses triumphos levou-a a conceber vastos planos de ambição sobre a Turquia; ou, diremos com mais exactidão, animou-a a tratar de antecipar os acontecimentos, que a politica russiana preparava de ha muito. A guerra, que até ali tinha por unico fim enfraquecer gradualmente o imperio ottomano pela extenuação das forças e pela successiva diminuição de territorio, dispondo assim as cousas para uma conquista futura, que se antolhava ainda muito remota, passou a ter por alvo a queda immediata do crescente musulmano.

Em quanto pois os exercitos da Russia se recolhiam a quartéis de inverno, e se aproveitavam d'essas treguas obrigadas para se reforçarem; trabalhava o gabinete de S. Petersburgo em promover uma sublevação geral na Moréa e em toda a Grécia. Os seus agentes percorriam estas provincias sujeitas ao dominio turco, excitando os patriotas em nome da independencia e da liberdade; animando os timoratos com a promessa de socorro directo por parte da Russia; e movendo com ouro o animo dos que se não abalavam á voz da patria. Todos os instinctos populares foram habilmente explorados, o espirito religioso pela identidade de creenças; o amor da independencia e da liberdade pela recordação de um passado glorioso, e pelo sudario da presente escravidão.

O divan, todo absorvido nos apercebimentos para a seguinte campanha, não viu o que se passava nas provincias gregas, nem tinha informações algumas a millente respeito, pois que a maior parte dos governadores turcos separa-lhes a lóca a corrupção.

Assim conseguiu Catharina II organizar uma exacta conspiração, que devia separar a Grécia da Turquia ao mesmo tempo que os exercitos moseovitas combatiam e assolavam este imperio.

Papas Orloff era o chefe popular da insurreição grega; e Benaki, influente no paz pelas suas riquezas e relações, o que fizera decidir os bispos, clero, e pessoas principaes a proferirem todo o apoio e empenhavam no movimento patriótico. Aquelles dous chefes asseguraram então a imperatriz da Russia, que apenas apparecesse nas costas da Grécia uma esquadra russiana, levantariam mais de cem mil homens para proclamar e sustentar com as armas a independencia grega.

Em setembro de 1769 saiu do Báltico uma esquadra composta de sete naus de linha, quatro fragatas e alguns transportes, commandada pelo almirante Spiridoff. Guardantes-lhe o segredo sobre o seu destino, que só foi sabido quando lançou ferro no golpho de Cónon. A presenca porém d'esta força naval, em vez de alentar os gregos desanimou-os completamente, pois que esperavam muito mais poderoso auxilio. A esquadra não continha mais de onze ou doze homens de artilheria. A vista de tão pequena força naval, e de sua inferioridade, desconfian-

do do bom exito da empreza, recusaram auxiliar de qualquer modo a revolta. Por conseguinte todas as diligencias de Papa Oglo, e de Benaki apenas puderam reunir uns quatro mil homens, sob o nome de legião de Sparta. O primeiro d'estes dous patriotas, que foi quem tomou o commando dos sublevados, era valente e arrojado, mas debalde pôz cerco a algumas praças, e em vão percorreu o paiz: nenhuma praça se lhe rendeu, nem as suas fileiras se engrussaram. A esquadra, não podendo permanecer na costa por causa dos rigores do inverno, foi-se abrigar na bahia de Navarino, cujo porto tinha caído por surpresa em poder de um pequeno corpo de tropas russianas.

Mustaphá III, occupado em guarnecer as praças do Danubio, toda attento a fazer rosto ao inimigo, que o ameaçava em grande força da outra margem d'este rio, não esperava similhante accommettimento pelo lado da Grécia. Assim desprevideno, só na primavera seguinte é que pôde conseguir, apesar de todos os seus esforços, que a esquadra ottomana, forte de vinte naus de linha, se fizesse de vela para o Peloponeso.

O almirante turco, julgando dispor de forças excessivamente superiores ás do inimigo, teve a imprudencia de dividir a sua esquadra, deixando metade no archipelago, e continuando com o resto a sua derrota. Mas entretanto tinha vindo uma divisão naval reforçar a esquadra da Russia, de sorte que no momento em que aquelle almirante suppunha ir combater a esquadra de Spiridoff, sah-lhe ao encontro uma armada mais poderosa. O sobresalto, que isto lhe causou, desencourtou-o completamente, e fello procurar a salvação na fuga. Houve porém uma nau, que se atreveu a esperar o inimigo e a aceitar combate, lavando assim a nodosa que o procedimento covarde do seu almirante lançara na marinha turca. Hagan Bey, que a commandava, desenvolveu tanta pericia, e portou-se com tanto valor, que apresentou uma resistência heroica em lucta tão desigual, logrando por fim desembaraçar-se do meio dos inimigos, que não puderam impedir que se fosse pôr ao abrigo das baterias do vizinho porto de Napoli.

Em quanto no mar se passavam estas scenas, agoniava em terra a insurreição. As tropas enviadas para a debellar tinham chegado ao seu destino, e posto os rebeldes em desordenada fuga, obrigando-os por fim a acantarem-se a bordo dos navios russianos.

Pouco tempo depois encontraram-se as duas esquadras no estreito canal, que divide a ilha de Chíoda costa asiatica, e logo se empenhou combate. No momento porém em que a almirante russa dava aborragem a almirante turca, atou-se o fogo n'esta ultima, e communicando-se rapidamente á sua rival, ambas foram destruidas pela explosão dos paizes.

O resto da esquadra ottomana, aproveitando-se da confusão causada por esta catastrophe, correu a refugiar-se no pequeno porto de Telechmé, onde foi incendiada, e totalmente aniquilada pelos Erulotes russianos em a noite de 6 de julho de 1770.

Ao mesmo tempo que o poder maritimo da Turquia recebia tão grande golpe, os seus exercitos experimentavam igual infortunio nas margens do Danubio, e na Crimea. A estrategia habil dos generaes Romanoff e Panin, tornando inefficazes a superioridade numerica dos exercitos turcos, e o esforço dos seus generaes, obteve junto a Cahoul uma das mais brillantes victorias, que tem illustrado os annos da Russia. A perda total dos musulmanos elevou-se a cincoenta mil homens.

A noite de tão grande desastre chegou a Constantinopla juntamente com a do aniquilamento da

esquadra ottomana, e com a da appareição do almirante russo em frente dos Dardanellos. O terror chegou ao maior auge em toda a cidade, mas d'esta vez, por effeito sem duvida do instinto da conservação na presença de tão grave perigo, a ordem publica não foi alterada, segundo o costume em taes occasiões.

Fredérico II. que tratara desde a sua exaltação ao throno da Prussia, de entabolar relações intimas com a Turquia, apressou-se a offerecer a sua mediação ás duas potencias belligerantes. Etal era a gravidade do perigo, que ameaçava o imperio ottomano, que o proprio imperador de Allemânia, que a Europa vira até ali sempre ao lado dos inimigos do sultão, correu tambem com igual afan a offerecer-se por medianteiro.

Mustaphá e o seu conselho reconheceram a necessidade imperiosa, que havia de obter a paz a todo o custo; mas para que o accordo fosse menos humilhante e as condições mais suaves, resolveram que se fizessem com a maior actividade todos os possiveis esforços para reparar as perdas soffridas, como se no divan se houvera decidido uma resistencia a todo o transe. Em quanto pois se entabulavam negociações de paz, procedia-se em varias provincias a um grande recrutamento, abasteciam-se as praças de guerra, e enviavam-se continuos reforços ao exercito do Danubio.

Os triumphos porém das aguias russianas obstavam a todas as tentativas de negociação. As praças da margem esquerda do Danubio iam caindo umas apoz outras em poder dos russos; e as tropas musulmanas, desalentadas e cheias de terror, já não ousavam esperar combate. Azof abria pela terceira vez as portas aos moseovitas, que em breve se apossaram de quasi toda a Criméa. As esquadras da Russia assolavam as costas do mar Negro, e bloqueavam os portos da Grecia e o estreito dos Dardanellos.

A esta cadeia de desgraças veiu o espirito de revolta accrescentar novos elos. A Georgia acabava de se rebelar. Na Palestina haviam rebentado muitas disorders. No Egypto disputava Ali Bey a soberania ao sultão.

No meio de tantos revezes eram admiraveis a proeza de animo com que Mustaphá III supportava os infortunios, e a energia e perseverança com que procurava attenuar os males publicos e salvar o paiz. A coragem do soberano deu emfim alento aos seus generaes. O exercito turco voltou o rosto para o inimigo, e o seu valor foi coroado de alguns prosperos resultados.

Por este tempo declarou-se a peste na Russia, e communicando-se ao exercito russo, fazia horribes estragos nas suas fileiras. A Austria e a Prussia, favorecidas então por estas circumstancias, que haviam operado notavel mudança na sorte das armas, empregaram novas diligencias para mover Catharina II em favor da paz. E para a conseguir tambem faziam valer aos olhos da imperatriz a necessidade do pôr termo aquella lucta, no momento em que os negocios da Polonia iam ter um desfecho, que poderia produzir graves complicações entre estas tres potencias e o resto da Europa. Havia pouco tempo que a Russia, a Austria e a Prussia tinham concluido um tratado para dividir entre si parte do reino da Polonia.

Finalmente ajustou-se um armistício, e reunio-se um congresso em Poznan, na Mohavia, mas de balde se estorcaram os plenipotenciarios das potencias mediadoras para trazerem a um accordo as duas partes belligerantes. As exigencias de Catharina II eram taes, que tornavam a paz inteiramente impossivel. Romperam pois a seguir a as hostilidades na pri-

mavera seguinte (1773) e em toda a campanha d'este anno a fortuna foi mais favoravel ao crescente musulmano do que no anno anterior. O impulso que o sultão havia dado ultimamente aos preparativos de guerra, á custa de penosos sacrificios, com o fim de facilitar a conclusão da paz, não só collocára o paiz n'uma situação mais vantajosa pelo aumento dos meios de defesa, mas moralisara o exercito, inspirando-lhe confiança. Por outro lado o descoroamento, que a peste lançara nas tropas russianas, era um poderoso auxiliar da Turquia.

Nas primeiras operações d'esta campanha não alcançaram as armas ottomanas vantagens vantagens, mas ao menos embargaram a marcha triumphante do invasor. Depois frustraram-lhe os seus esforços nos ataques contra varias praças de guerra de primeira ordem. Silistria e Varna resistiram heroicamente aos obstinados assaltos com que tentou rendel-as o general Romanzoff, e tão gloriosa resistencia animou os musulmanos a tomarem a offensiva, repellindo o inimigo para além do Danubio.

Estes triumphos vieram suavisar as maguas e cuidados de Mustaphá III nos derradeiros momentos da sua existencia. Parece que o destino quiz compensar-lhe tantas atribulações, doando-lhe as despedidas do mundo com alguns raios de gloria.

Mustaphá III, cuja saúde se enfraquecera e alterara no meio de tanta fadiga e desgostos, morreu aos 21 de janeiro de 1774, tendo 57 annos de idade e 17 de reinado.

A sua morte foi geralmente sentida em todo o paiz, pois que á veneração que os turcos tributavam ás suas virtudes, juntava-se o perfeito conhecimento que toda a gente tinha da dedicação com que este soberano sacrificava repouso, saúde e bens pela causa publica. Apesar dos cuidados que a guerra e relações exteriores lhe absorviam fez muitas reformas, e fundou varios estabelecimentos pios e scientificos.

N'outras circumstancias de menos adversidade, este principe teria dado ao imperio um aspecto de florecencia, que, se não pudesse igualar a grandza passada, deixaria pelo menos comber razoaveis esperanças de que volveriam ainda para a Turquia tempos de prosperidade e de gloria. Quasi inteiramente desajudado dos homens e da fortuna, em uma lucta constante com todo o genero de contrariedades, pode-se dizer, que foi á sua unica desmentida coragem e á sua energia e inabalavel constancia, que a Europa deveu o malogro dos planos de Catharina II. Sem esse heroico esforço, secundado por uma grande prudencia, alluir-se-ia então o imperio de Mahomet, e Catharina II teria realizado o sonho da sua ambição, transferindo para Constantinopla a capital de seus vastissimos estados.

(Continua.)

1. DE VILHENA BARROSA

#### POVOS LICHTYOPHAGOS E CRYLOPHAGOS.

Os ESCUMINHAS, os fúgejos, e os haitentinos començam a carnar umas com uma soffreguidão verdadeiramente bestial. Os peixes e as phocas são a base do sustento d'estes povos grosseiros.

Um esquimão como tanto como dez europeus, e digere muito mais rapidamente. O fúgejo devora tudo quanto encontra, peixes, pedras e molluscos em total descomodido. O australiense come reptil-erás, e se alguma vez os põe ao fogo, é unicamente para lhes tirar a pelle. Este desvio singular

dos usos habituaes da civilisação indicam que taes povos desceram ao ultimo grau de embrutecimento. E' deveras difficil não acceeditar em alguma modificação do organismo, vindo um esquimau carregar o estomago com dez kilogrammas (mais de vinte arrateis) de salmão cru, que ainda cozidos poderiam faltar dez robustos marinheiros inglezes. Cumpre observar que o homem polar está prestes a recommear sua refeição muito mais cedo que o europeu.

Estas informações, que são authenticas, dão força aos argumentos d'aquelles naturalistas, que opinam pela pluralidade das especies no genero humano.

As pessoas que objectetarem que os esquimans comem carnes, porque não podem comer outra coisa, não se creando, como se não criam, vegetaes nos gelos dos polos, poder-se-ha responder: Porque vivem elles lá? quem os guiou, e porque se conservam ali? Sujeitaram-se esses povos ao clima, ou foram creados para elle?

## QUADROS MARITIMOS.

### IV.

ENCONTRO DO GALEÃO SANTIAGO COM TRES NAUS HOLLANDEZAS, NA ILHA DE SANTA HELENA.

1594.

A 25 de dezembro de 1601 partiu de Gôa para o reino o galeão *Santiago*, barco muito fransiu e de pouco porte, o qual todavia carregou na India quatro mil quintaes de pimenta e muitos fardos, com que vinha empachado até aos chapiteus, e, como costumam dizer-se, mettido debaixo de agua, de tal forma que andava pouco, governava mal, e custava a manear; e sobre tudo isto trazia a seu bordo tresentos homens, entre maruja, officiaes, soldados, fidalgos, padres e escravos; e por capitão-mór Antonio de Mello e Castro. Logo á saída de Gôa se viram obrigados a alijar parte da carga, para tornar o galeão mais boeiro, pois de outra sorte nada seguia; e achando o vento contrario para tomarem Moçambique, como lhe era determinado, seguiram costa abaixo, e passaram o cabo da Boa Esperança, a 25 de fevereiro de 1602, com tanta bonança como até áquelle tempo não passára nenhuma outra embarcação. Assim que se viram d'este lado do cabo começaram a aperceber as armas para qualquer encontro de naus inimigas, por saberem que algumas hollandezas se haviam no precedente anno dirigido ao canal de Sunda; e desejando apioar directamente a Lisboa, por terem agua e mantimentos bastantes, não puderam todavia prescindir de soltar o rumo para a ilha de Santa Helena, visto assim o determino expressamente o regimento do capitão-mór, fundado na razão de que havia corsarios na costa de Portugal, e que esperando o galeão por outros dous, que estavam para velejar da India, poderiam melhor os tres, em conserva, arrotar com o inimigo. Esta ordem da corte foi a perdição do *Santiago*!

A 11 de março avistaram a ilha de S. Helena, e com vento favoravel demandaram o seu porto, quando porém se aproximavam, enxergaram tres naus hollandezas, que ali estavam ancoradas. O terror dos nossos foi grande, calculando a desigualdade das forças... para que é negal-o? Alguns propunham vir de bordo, e fugir ao inimigo, porém o capitão-mór mostrou-lhes que esse expediente nenhum effei-

to salutar sortiria, porque as naus, veleiras, como deviam ser, e escoteiras, comode certo estavam, com facilidade alcançariam o galeão, e a sua gente eraria novo animo vindo que lhe fugiam. Resolvio pois a affrontar todos os perigos, mandou preparar para onde o regimento mandava; e mal havia surgido no porto, quando viu junto a si uma das naus hollandezas já velejada. Os portuguezes deram o primeiro tiro, e para logo se travou um renhido combate entre estas duas embarcações. O galeão *Santiago* tinha apenas dezete pegas d'artilharia (das quaes a maior era uma meia-espera) empachadas na toda com fardos e caixões, e laborando em estreitas portinholas. As naus hollandezas eram construidas de proposito para a guerra; uma d'ellas tinha trinta e duas pegas, e cada uma das outras trinta, divididas em duas baterias, arrojando balas de calibre 24. «Tinha cada nau perto de cem homens (nota o escriptor portuguez, a quem seguimos n'esta narração) que faziam officio de soldados, marinheiros e bombardeiros, como é costume d'aquella nação, com que fazem grande vantagem aos nossos.» Depois passa a enumerar as demais vantagens dos hollandezes: as invenções de armas, e a muita provisão de munições de guerra; a praça de armas e o convez desembarçados; as portinholas bem rasgadas, os bons reparos das pegas, e apenas dous mil quintaes de pimenta no porão. Comparee isto com o nosso galeão, que trazia ao todo trinta pelouros de picão e cadeia!...

O primeiro que caiu mortalmente ferido na acção foi um filho do capitão, o joven Francisco de Mello e Castro; muitos marinheiros, soldados e escravos pereceram depois, até que a noute fez cessar o combate, e que a nau hollandesa se foi unir ás suas companheiras. O galeão, tendo reparado como poude as avarias, velejou logo ao romper do dia seguinte, por achar mais vantajoso o seu capitão-mór combater em mar largo e sobre vela, e muito provavelmente por que lhe restava alguma esperanza de poder escapar a um inimigo tão superior em forças. Porém as tres naus seguiram logo na sua esteira, e duas d'ellas, acercando-se-lhe das alhéas, começaram de novo a bombardeal-a. Assim passou este segundo dia, sendo bastantes os mortos e feridos do galeão, muitos os destroços nas enxarcias, nas vergas e no mastro grande, e abundante a agua que lhe entrava no bojo, proveniente dos muitos rombos ao lume d'agua, de tal forma que as bombas lhe não davam vencimento. Os hollandezes nada soffreram, porque a nossa artilharia não se podia conter para ré, pelos motivos que já apontamos, e querendo dar uma banda sobre o inimigo, tinham de lhe apresentar todo o costado, e o que maior damno receberiam!

Durante a segunda noute mandou o capitão-mór abrir duas portinholas na popa do galeão, e trazer para ali duas pequenas pegas, visto áquelle logar estar inteiramente desgarnecido; e entendendo outrosim que o que lhes convinha era vir ás mãos com o inimigo, mandou largar uma bandeira vermelha no tope, para que percebessem que o galeão se não rendia ás bombardadas, e que se queriam tomal-o era mister resolverem-se á abordagem. Ao amanhecer viram os hollandezes o signal, e perceberam o intento dos nossos, porém continuaram com o seu systema de guerra, um pouco mais de largo, porque as pechulas da popa do galeão já os encommodavam. A preza era certa! A olhos vistos se afundava a pobre nau portugueza; e ainda os hollandezes não sabiam o reboligo que lá fa a bordo! A marinagem e soldados com um frade, de cruz algada, á sua frente, intimava da parte de Deus ao capitão-mór que se rendesse; e este, ajudado por alguns fidalgos, resis-

tia corajosamente a toda a proposta de paz! A pimenta saída de um paiol que se arrombou, entupia de tal maneira as bombas, que para mais nada serviam; e os rombos augmentavam, e as velas e os mastros estavam crivados de balas... que esperança de salvação podia haver?

O maior numero venceu enfim. Atropelando o capitão, foram á pôpa substituir a bandeira vermelha por outra branca, e para logo cessou o fogo do inimigo; vindo em seguida o almirante hollandez a bordo do galeão, com muita gente, tomar refens. Este almirante (a quem Melchior Estanco chama Cornelius Sebastianus) tratou muito bem a Antonio de Mello, e o conduziu consigo para a nau capitanea, bem como a seu filho, ainda mal ferido, e outros. Apesar do trabalho que, amigos e inimigos, tiveram para vedar a agua do galeão, nada conseguiram; e logo que anouteceu os hollandezes se retiraram aos seus navios, deixando os nossos sós, a trabalhar toda a noute para salvarem as vidas que tanto estimavam.

No seguinte dia voltaram os hollandezes a bordo do galeão; mas descoroçados de poder tomar a agua que n'elle entrava, e vendo cerrar-se a tarde, lançaram-se aos seus escaletes, e trataram de fugir á morte que julgavam propinqua ali; então os portuguezes, desanimando, pediam com lagrimas que os salvassem, e alguns se arrojaram ao mar, procurando aferar as lanchas... porém foram mortos a sangue-frio pelos inimigos! excepto alguns que lhes mostraram pedras preciosas, diz o historiador; mas custa a crer!! Antonio de Mello, sempre valente e portuguez, pediu ao almirante que o deixasse ir morrer com aquelles desgraçados, com os homens que lhe haviam desobedecido!... Roma não viu maior grandeza d'alma nos seus tempos de heroicidade! Eram assim aquelles portuguezes, ainda avexados pela oppressão de Castella: sempre grandes, na victoria como na adversidade!

Sobrevindo a noute, os do galeão, em vez de perderem de todo a esperanza, cobraram maior animo; lançaram-se aos gamotes a botar agua fóra, alijaram fazendas e artilharia, e rezando sempre uma devota ladainha, chegaram a ver surgir a nova aurora! Maravilhados ficaram os hollandezes quando enxergaram o galeão ainda sobre as aguas, e acudindo de novo ao trabalho conseguiram desentupir as bombas, tapar varios rombos, e a final aranzar-lhe algum panno á prôa, com o que pôde acompanhar as naus até á ilha de Fernando de Noronha.

N'estas asperas penedias lançaram, depois de bem revistados e baseculhados, os portuguezes; causa riso lér na relação d'este naufragio, a que nos reportamos, até onde os inimigos levavam a curiosidade de procurar perolas ou outros objectos pequenos e valiosos! Não lhe faremos eco. Na ilha só havia um portuguez com 12 ou 13 escravos, que nenhum agasalho deu aos seus desvalidos compatriotas, e os hollandezes pouco mantimento lhe deixaram, e esse mau: novos trabalhos começavam para os pobres salvados do galeão Santiago!

Depois de gastarem alguns dias em apparelhar-se para a viagem, partiram as naus e o galeão na volta de Hollanda, levando á força alguns marinheiros nossos; e achando-se os que ficavam na ilha desacombrados d'aquelles maus vizinhos, trataram de arranjar um batel o melhor que puderam, no qual se embarcou Antonio de Mello, D. Pedro Manuel, o piloto João Ramos, o mestre Simão Peres (que tambem antes queria morrer do que render-se, na occasião do tumulto) e alguns marinheiros, e largaram-se em busca da costa do Brazil e de embarcação que

viesses terminar aquelle desterro de tanta gente. Novo exemplo aqui se deu do espirito de ordem, que notamos em outro capitulo: os que ficaram na ilha trataram primeiro que tudo de escolher capitão que os commandasse, e a eleição recaiu em Francisco de Mello, posto que ainda estivesse muito doente; logo porém no dia seguinte, largou tão pouco invejavel cargo, porque arribou o batel com agua aberta. Concertado de novo, como foi possível, tornou a partir, poucos dias depois, este mensageiro de desditas, deixando porém na ilha o capitão-mór, que estava gravemente enfermo; e ao cabo de dous dias avistou a costa do Brazil, e tomou o porto da Parahiba, d'onde D. Pedro Manuel avisou para Pernambuco ao governador Diogo Botelho, que logo mandou duas caravelas a buscar os desterrados. Ainda assim passaram trabalhos no mar antes de surgir no Rio Grande do norte; e na volta para Portugal alguns foram prisioneiros dos inglezes; n'este numero entrou D. Pedro Manuel. O capitão foi ter a Galliza, onde lhe notificaram que não entrasse na córte, sem permisso d'el-rei, porque selhe instaurará um processo, do qual todavia saiu immaculado, e com grandes elogios; e tendo-se já começado a proceder contra os revoltados do galeão, cessaram os castigos, por considerar el rei, ou alguém por elle, que os pobres homens não eram a mais obrigados em vista do estado da embarcação, e que haviam cumprido o seu dever. Os dous galeões, que o Santiago ia esperar a Santa Helena, chegaram ali pouco depois da sua partida, e encontraram na ermida da ilha um quadro representando a pelea do primeiro dia, com seu leitreiro em hollandez; comprehendiram pois o successo, confirmado por alguns despojos que encontraram, e trataram de evitar igual sorte, aprofando a Lisboa: estes dous galeões eram o *Salvador* e o *S. João*.

(Continua.)

F. M. BORDACO.

#### HORROROSO SUCCESSO NA AFRICA.

A CORRESPONDENCIA que abaixo se lê, dirigida ao *Diário de Pernambuco*, e cuja reprodução nos foi solicitada com empenho, é a historia circumstanciada das barbaridades praticadas pelos selvagens das cercanias do porto de Jabú, na Africa occidental, contra uma povoação inoffensiva.

Similhanes casos, posto que poucas vezes revestidos de circumstancias tão atrozes, têm tido lugar n'aquellas plagas inhospitas, não tanto pela malignidade do clima, como pela fereza e brutidade dos seus natuaes.

Um tal estado exige as mais efficazes providencias. O sr. Ferreira appella para todas as nações civilisadas, ás quaes pede que acabem com a selvageria dos africanos; nós, juntando as nossas humildes vozes ao brado da victima, que pôde sobreviver a catastrophe para ser o seu chronista, pedimos ao governo que medite attentamente o facto, que se aponta, e na responsabilidade que elle lhe impõe.

Nenhuma nação da Europa possui na Africa territorios mais vastos do que Portugal: a este cumpre pois trazer-os ao gremio da civilização. A cathedra é o meio mais efficaz que se conhece. Aproveitando o novo seminario de Loanda trate o governo, quanto antes, de prover á maxima necessidade da Africa, a missão; depois enviem-se ás colonias auctoridades probas; estabeleçam-se communicações regulares com a metropole; crie-se uma marinha, que faça respei-

tar a bandeira portugueza em todos os mares; e a confiança renascerá, o commercio tomará um incremento espantoso, o indigno trafico da escravatura ha de acabar por si; e um novo e florecente imperio surgirá na Africa pela nossa gloriosa iniciativa.

Que bello mandato se não offerece assim ao povo que enche tantas paginas da historia com o seu nome, e que ainda conserva tantos padroes da sua antepontificancia, e da osadia, e do genio dos seus grandes capitães e navegadores!

*Srs. redactores.* — Estranho e sem conhecimento n'esta cidade, onde estou apenas ha vinte e nove dias, não pareceira menos proprio dirigir-me ao respeitavel publico, por meio do seu bem conceituado jornal, para contar-lhe o que deve ser notorio, e dar uma demonstração de reconhecimento, não só aquelles que me salvaram a vida na costa de Africa, como apresentar os sentimentos de cordial gratidão que me animam para com as pessoas em que heí encontrado o maior acolhimento e protecção até ao momento em que escrevo estas linhas, no curso de infellicidades e desgraças por que tenho passado ha quasi um anno.

Nascido em Portugal, d'onde sai para a Bahia de Todos os Santos no anno de 1831, alli estive até que em 2 de março de 1833 segui em companhia do sr. Francisco Gil de Aguiar, encarregado de formar um pequeno estabelecimento de commercio lícito na costa de Africa occidental, de sociedade com o sr. Francisco José Carena, estabelecido n'aquella cidade da Bahia. Embarcado na polaca sarda *Josephina*, cheyamos com boa viagem ao porto do *Jabú* na Costa da Mina, onde encontramos sete pessoas conllecias, tres brancos, naturaes de Portugal e quatro crioulos livres oriundos da Bahia; e ahi fundamos o nosso estabelecimento, por nos informarem que n'esse lugar poderia ser vantajoso com o *trato* o commercio do azeite de palma e marfim, a que fomos destinados, com o fim de o fazer transportar opportunamente para Inglaterra, onde sustenta bom preço. As sete pessoas que n'esse ponto encontramos foram: *José* José do Couto, portuguez, casado na Bahia; João José de Lima, e Antonio José Gomes Marinho, tambem portuguezes e solteiros; e tres d'esta ultima cidade, e os quatro crioulos miseridos, dos quaes apenas sei por extenso os nomes de dons: Pantaleão Lopes Villas-Boas, e Luis Alves Ribeiro. Era eu apenas caixeiro d'esse estabelecimento, como havia tratado, sendo o meu companheiro de viagem socio com o sr. Carena, que ficara na Bahia.

Entrevetimos logo relações de amizade com esses companheiros (que infelizmente depois o foram tambem do infortunio) e demos principio ao negocio, o qual era feito por meio de troca com os pretos indigenas, como é sabido. Os ganhos não eram excessivos, mas todos estavamos contentes n'esse lugar infospito, porque viviamos em paz e com alguma saúde. No mez de outubro porém ouvimos fallar em uma proxima guerra entre os pretos das diversas nações, divididas n'aquelle imenso territorio; mas não dando muita attenção a essas noticias, porque as guerras são usadas e constantes entre os naturaes da costa de Africa, tomamos a resolução de continuar a nossa residencia no dito porto de *Jabú* por mais seis mezes, visto que nenhum motivo plausivel tinhamos para nos retirarmos precipitadamente com grande prejuizo do nosso legal commercio, porque até estavamos no melhor accordo com os pretos da terra. Para nosso mal nem sequer

anteviamos a sombra do barbaro destino que nos estava reservado! No dia 23 do indicado mez de outubro de 1833, ao amanhecer, tivemos noticia que o gentio do centro se achava já muito perto para atacar o territorio da nossa residencia.

Da noticia ao apparecimento d'essa chosma de selvagens foi tão curto o espaço que não bastou para que pudessemos procurar uma segura guarida.

Os pretos do lugar onde moravamos, que na verdade eram pacificos e comosco entretinham relações, trataram de preparar-se para a resistencia e defeza contra os barbaros. A's seis horas da manhã d'esse dia foi o porto do *Jabú* furiosamente accommettido a ferro e fogo, tendo logar uma defeza valorosa, que deu em resultado grande mortandade e ferimentos de parte a parte; mas os defensores tiveram de ceder pela desproporção do numero excessivo dos aggressores, os quaes, segura a sua gloriosa victoria, trataram de lhes cair o ultimo remate incendiando as poucas casas do lugar, roubando o que n'ellas havia, e matando fóra do conflicto grande parte dos prisioneiros que lhes caíram nas mãos.

N'esta horrorosa colheita e carnificina, propria da gente que a praticava, se empregaram os vencedores até ao principio da tarde d'esse dia, cujas tristes recordações ne estarão sempre patentes!! Tendo os barbaros tomado a praia, unico lugar por onde podiamos ter escapado eu e os meus companheiros á sua ferocidade, se houveramos tido tempo de fugir para bordo de tres navios mercantes que se achavam fundeados ao largo, occultamo-nos todos no *malto*, na esperanza de que acabada a lucta entre os naturaes do paiz, poderiamos melhor esquivar-nos ao eminente e conhecido perigo que nos viria a ameaçar, ainda procurando o abrigo dos ditos navios. Não succedeu porém como suppunhamos, porque o plano dos pretos aggressores era extinguir *tudo* sem excepção, e quando se lhes acabaram as victimas nos seus proprios contreraneos, trataram de explorar o *malto* para que tivessemos a mesma sorte d'estes. Tendo o grande infortunio de cair-lhe nas mãos eu e mais sete dos meus companheiros, pois apenas deixou de ser por elles encontrado João José de Lima, fomos levados em grande aparato á presença do chefe dos selvagens, que se achava no logar da devastação cercado de grande numero dos seus, contemplando com prazer a sua obra *meritoria*. Ahi juntos, depois de procederem comosco a ceremonias barbaras, acompanhadas de visagens, ademanes e cantigas adequadas, despiram com toda a brutalidade os quatro brancos, e depois de nós, principiarão pur ordem do chefe a cutilar-nos a golpes de espada em uma furia tal, que nem os nossos gemidos e ais de dôr, nem os nossos incessantes rogos puderam diminuir.

Assim martyrisados fomos succumbindo uns após outros aos muitos e grandes golpes que nos descargaram, deixando-nos os barbaros expostos na praia n'este miserio estado, mortos uns, e outros moribundos. Ao pôr do sol os selvagens, suppondo-nos todos extinctos, retiraram-se levando comosco os quatro crioulos, como devo suppôr, pois não foram encontrados, e a certeza de que o fogo que haviam lançado estava consumindo os nossos estabelecimentos, e o mais que não tinham podido conduzir. A Providencia eterna porém não permittiu ainda que tão barbaramente se acabassem meus dias na terra, como infelizmente, e com toda a certeza succedeu aos meus tres companheiros, e pude depois verificar com horror. Assim martyrisado e quasi moribundo, acordei depois de cinco horas de uma lethargia profunda, e com tal fortuna, que já os pretos selva-

gens iam em retirada, e apenas se ouviam seus gritos e gritos ferozes, seriam pouco mais de seis horas da tarde. Quando pude por mim mesmo, e como me foi possível, no lastimoso estado em que me achava, assegurar-me do nenhum risco que corria, e que só me podia novamente sobrevir com a presença dos barbaros, fiz todos os esforços imaginaveis para levantar-me. Baldado empenho!

Os fúidos golpes que aquellos malvados me haviam dado nas pernas, nos braços e na cabeça impediam-me todos os movimentos. Debruço sobre a areia da praia, como me haviam deixado, apenas, e com bastante difficuldade pude mover o rosto, e vir junto a mim os tres corpos dos meus companheiros de infortunio, um dos quaes apoiava sua cabeça sobre uma das minhas pernas. Fazendo grande esforço chamei por seus nomes tão alto quanto não permittiam meu estado e minhas forças exhaustas.

Que me poderiam porém ellas responder se não eram já mais que cadáveres!!

Morto já pela sede, esperando a todo instante que a morte do corpo fosse o fim certo de tantos transtornos e agonias, tendo por cama a humida areia, cadáveres por companheiros, e por luz o clarão do incendio lançado pelos barbaros nos depositos de azeite de palma, e de aguardente, assim passei a noite de 25 de outubro do anno passado, orando a Deus, e agradecendo-lhe com todo o fervor o conceder-me alguns momentos de vida para arrependerm-me e rogar-lhe o perdão de meus peccados. Ao amanhecer do dia seguinte (26) o meu companheiro Liama, que teve a fortuna de não ser encontrado pelos aggressores, não ouvindo já o rumor dos combatentes e a bulha da peleja, e considerando tudo acabado, veio com as devidas cautelas procurar-me e aos outros infelizes, e examinar os estragos feitos.

Ao ver são e salvo esse companheiro senti grande satisfação, recebi algum alento e força, e nutri a lisonjeira esperanza de um arretamento mercê, tendo para me recolher o ultimo alento a longe da patria e da Bahia, e nas praias inhospitas da Africa, um christão meu compatriota, que oraria a Deus pela minha alma, e me não deixaria insepolto. Depois de ter saado a sede com a agua que elle me trouxe, contei-lhe o succedido como não permittia o meu deploravel estado, mas que poderia elle por si só fazer-me n'esta triste conjunctura? Por felicidade nossa, apesar da grande distancia que separa o mar e pequeno ponto de *Jahida* fideidouro, por causa de um grande e perigoso banco de areia que o atravessa, a tripulação dos tres navios que ali estavam e eram: o brigue sarda *Carlota*, a escuna, tambem sarda, *Urania*, e uma outra escuna inglesa, cujo nome me não lembra, tendo ouvido alguns tiros em terra no dia 26, em que não puderam desembarcar por causa do grande risco do mar então muito agitado, e observando depois o incendio da povoação, que durou till a noite, de-sembarcaram a todo o custo e perigo logo no principio da manhã do dia seguinte 26, com os seus officiaes, para o fim não só de observarem, mas de prestarem qualquer socorro que fosse ao sarras.

Estes benfazejos homens chegaram tarde, e verdade, para observar a morte nobre da vespera; foi porém melhor assim, por talvez fôsem victimas dos canibaes, cujo tombo não era por certo inferior a 800!! Agradecidos pelo meu compatriota Liama trataram de enterar os mortos na praia, e depois me conduziram, e ao dito Liama para bordo do brigue *Carlota*, d'onde este ultimo se passou para a escuna sarda, e o tinha de seguir no seguinte dia

para Bahia, por não poder, em vista d'estas fataes occorrenças, completar o seu embarque para Inglaterra. O *Carlota*, a cujo bordo me recolhi pelo seu capitão Bom Senhor, o mais tripulação com todas as mostras de caridade, e a todo o custo vela à procura de alguns dos ereticos da guerra inglesa tão desventurados quanto eu, e me deu a me entregar ao primeiro destes que se me apresentou, pois não tendo o *Carlota* medico a bordo, não me podia socorrer o meu capitão, e o capitão como desejava e er mister em tão calamitoso estado. Ao cabo de cinco dias encontramos a escuna por de guerra inglesa *Polyphenus*, para a qual fui transportado, e ali recebi o meu todo o tratamento.

Depois de lançados que foi possível, e saado no *Carlota*, tive no vapor ingloz um perito tratamento, sendo tratado pelo seu commandante, officiaes, e especialmente pelo medico de bordo, e o primeiro tenente Gualter Streckland, com muito carinho e interesse.

Durante sessenta e nove dias foi-me por elle cuidadosamente toda a sorte de cuidados curativos, dando-se-me não só os remedios e tratamento apropriado ao meu estado, como roupa, e até calçado quando depois vim a desembarcar.

Como este vapor tinha de seguir para a costa do sul de Africa levaram-me a ilha de Assumpção, a cujo hospital fui recolhido, e n'elle igualmente tratado com carinho e cuidado pelos seus empregados. O tratamento no *Polyphenus* havia ja adiantado muito o meu curativo, que continuei no hospital da Assumpção, onde estive seis meses e dez dias. Achou-me muito melhor, e certo, conforme opinião dos facultativos, de não poder obter jamais minha primitiva saúde, depois da extracção de bastantes espinhos das tracturas, que soffer nos fômites e ossos das pernas e braços, que em parte se acham inutilizados para poder tratar dos meus de minha sustentencia. Fiz tenção de voltar logo que pudesse para a Bahia, e d'esta minha deliberação, communicada a bordo do *Polyphenus*, foi sciencia do medico e enfermeiro do hospital d'Assumpção.

Chegando ali a carear americana *Antelope* de New Bedford, que na sua viagem do Pacifico para os Estados-Unidos tinha de vir refreocar a Pernambuco, trataram, mediante a proteccão do governador da ilha, de me obter passagem n'esta embarcação, para a qual embarquei em 18 de julho proximo passado.

A bordo d'este ultimo navio recbi, como ate então, o m'ho tratamento durante doze dias que trouxe-me de vingte até este porto, onde fui mandado pôr em terra pelo capitão americano, e conduzido a casa dos srs. Henry Forster & C.

Aquí desembarcado procurei o meu conselheiro, e o ouvi-me, e tendo em consideração que ainda me achava mandou dar-me casa, sustento e curativo até que pudesse recuar para a Bahia.

Tendo toda a necessaria convalescencia e descanço depois dos martyrios e dores acrílas porque passei, vou em breve seguir para aquella cidade, onde tenho parentes e amigos, que me devem julgar morto; e para esse transporte ja tratado recbi os precisos socorros de meu conselheiro e vice-conselheiro srs. Joaquim Baptista Moreira e Miguel José Alves, ambos os quaes, sou ponceis dia em que me hei demorado n'esta bon terra, se disvellaram em fazer-me esquecer meus males passados, e sobreviver os presentes.

D'estes dois senhores me despeço com agradecimento, e tambem das mais pessoas a quem devo attenção, como ja o fiz quando separei-me d'aquelles a quem devo a vida; e a todos protesto meu eter-

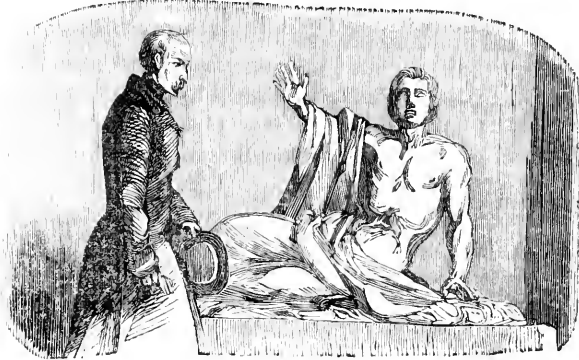
no reconhecimento pelo muitissimo que por mim fizeram e com especialidade ao capitão Bom-Senhor do *Carlota* e Torres da *Firmima*, e mais ainda aos subditos de S. M. Britanica a bordo do vapor *Polyphemus* e na ilha da Assumpção, porque envidaram todos os esforços para me salvarem, e o conseguiram.

Se estou vivo, depois de Deus, a elles o devo.

Relatando o barbaro successo, seja-me concedido fazer um appello para a humanidade e honra de todas as nações civilisadas do mundo, ás quaes, a meu

ver, cumpre empregar todas as suas forças, e esforços para acabar de uma vez com a selvageria dos habitantes de grande parte da Africa, promovendo a catheched'estes, e o commercio e civilisação d'essa parte do globo, ainda nas trevas da ignorancia, como têm leito e estão fazendo com outros povos em iguaes e melhores condições.

Agradecendo, senhores redactores, a sua prestante cooperação para que pudesse publicar este facto digno de memoria, permittam-me que me assigne etc. *Joaquim José Ferreira*. — Recife 27 de agosto de 1854.



TUMULO DE BONCHAMP.

O Marquez de Bonchamp nasceu em Jouvèdeis, na antiga provincia do Anjou, em França, a 10 de maio de 1760. Educado desde os annos tenros para a profissão das armas, começou o seu tirocinio militar combatendo pela emancipação das colonias inglezas da America, com Lafayette, Segur e Rochambeau.

Terminada a campanha regressou á Europa, sendo recebido no regimento da Aquitania, onde, em 1791, tinha o posto de capitão. Observando os progressos da revolução, cujos desvios reprovava, dimittiu-se, e retirou-se ao castello de Baroniére, cérca de S. Florencio.

O Marquez de Bonchamp grangeára nas guerras da America a reputação de valoroso soldado e de experimentado capitão. Quando pois a Vendé se levantou a favor da causa da realza, os sublevados naturalmente dirigiram as suas vistas sobre Bonchamp, a quem offereceram o commando e commetteram a direcção da sua arrojada empresa. Aquelle accceitou sim, mas com alguma repugnancia, e como que obedecendo a um dever de subdito fiel ao rei.

Pouco depois, com as consideraveis forças que capitaneava, fez a sua junção com Larochejaquelin e Cathelmau, que acabavam de tomar Beaupran. Em seguida apoderaram-se os tres chefes de Bressuire e Thouars. Infelizmente porém para os realistas a opinião de Bonchamp raras vezes era adoptada: objecto de ciume pela sua capacidade, não faltava quem accusasse de tibieza a sua moderação e prudencia; e todavia ninguem o excedia em bravura. Em todas as acções a que assistiu foi ferido; um ferimento o

estorvon de assistir ao primeiro ataque de Joutenay. No segundo, que dirigiu pessoalmente, com favoravel exito, recebeu outra ferida que lhe roubou a gloria da tomada de Angers e de Saumurs. Quando, desbaratados, os batalhões de Charrette puderam reunir-se ao grosso do exercito vendeano atacado pelos republicanos, Bonchamp correu a animar os seus correligionarios, contribuindo poderosamente para o triumpho que alcançaram. Constando-lhe que se preparava uma sublevação na Bretanha resolveu que o exercito da Vendé passasse a Lorena. Este plano, que depois se reconheceu ser habilmente combinado, encontrou ao principio bastante opposição; entretanto levou-se ao cabo, posto que havendo a vencer difficuldades, que a demora da sua execução augmentára. Os republicanos porém tinham tido tempo de se preparar; a lucta travou-se em frente de Chollet, a 17 de outubro de 1793. N'este combate terrivel, Bonchamp foi ferido no peito por uma bala, e succumbiu vinte e quatro horas depois.

Quando já estava desenganado de que morria, soube que os prisioneiros republicanos iam ser fuzilados. Cheio de indignação, e fazendo um heroico esforço, o generoso caudillo sentou-se no leito da dor, e bradou com voz segura: *Perdão para os republicanos. Bonchamp assim o quer; Bonchamp assim o ordena*. Este interessante episodio dos ultimos momentos do illustre general vendeano inspirou ao celebre esculttor David a bella estatuza, que sobrepuz o seu tumulo, erigido modernamente na igreja de S. Florencio, o qual a nossa estampa representa.





FRANCISCO ARAGO.

O grande astronomo Francisco Arago nasceu a 25 de fevereiro de 1786, na communa de Estagel, antiga provincia do Roussillon (departamento dos Pyreneos orientaes). Seu pae, licenciado em direito, não podia dizer-se abastado; contudo os rendimentos das pequenas propriedades ruraes, que possuia, chegavam-lhe para sustentar com decencia uma numerosa familia.

As primeiras noções recebeu na escola de Estagel; ao mesmo tempo aprendia particularmente a musica vocal.

O proprio Francisco Arago, na historia da sua mocidade, obra posthuma interessantissima, n'onde colleemos estas noticias, confessa ter-lhe feito uma impressão tão grande a invasão hespanhola, que por vezes tentara, subtrahindo-se á vigilancia da sua fa-

milia, acompanhar os contingentes de tropas que, por Estagel, marchavam para o exercito dos Pyreneos; e todavia era então uma creança!

Obtendo um emprego em Perpinhão, seu pae teve de transferir a residencia para esta cidade; ali o acompanhou o joven Francisco, entrando pouco depois no lyceu respectivo, onde se lia as disciplinas que constituem o curso de humanidades.

Uma conversação porém que teve com um official de engenheiros, antigo alumno da escola polytechnica, produziu uma tal revolução nas suas idéas, que abandonada a leitura de Racine, Corneille e Moliere, se consagrou inteiramente ao estudo das mathematicas, preparatorio indispensavel para a admissão, que ardentemente ambicionava, na escola polytechnica.

Nos primeiros passos foi dirigido e leccionado pelo abbafe Verdier, homem respeitavel. Mas conhecendo o Arago, que já começava a aspirar as espheras mais elevadas da sciencia, que o bom do padre não era muito profundo na materia, preferiu aprender só com os seus livros; e com tal fervor e gosto se dedicou ao estudo que em anno e meio se achava senhor de todas as materias comprehendidas no programma de admissão áquella escola. Tinha apenas dezesseis annos.

Considerando-se devidamente habilitado dirigiu-se a Montpellier para fazer acto. Monge, examinador, estava então doente, e por isso viu-se obrigado a regressar a Perpinhão.

A sua familia empregava no mesmo tempo todos os meios para o desviar da carreira que encetára; mas Arago, surdo a todos os conselhos e suggestões, lá augmentando pelo contrario a sua pequena bibliotheca com obras selectas, e procurava lucidamente aperfeiçoar-se nos conhecimentos que adquiria.

Chegado o prazo do exame, partiu novamente para Toulouse, em companhia de um candidato, que estudara no lyceu de Perpinhão.

Este ultimo, na occasião do acto, intimidado pelo modo severo do interrogante, não satisfiz ao que era mister.

Quando Arago se aproximou á porta, travou-se entre elle e Monge o seguinte dialogo:

— Se haveis de responder como o vosso companheiro e melhor, que eu vos não examine, e disse o austero professor.

— A O meu companheiro, e rebatizou Arago, «sabia mais do que aquillo que pode mostrar. Espero ser mais feliz do que elle. Todavia devo confessar que o que acabades de me dizer podia tambem intimidar-me, e por consequencia prejudicar os meus recursos scientificos.»

— A Timidez é a desculpa dos ignorantes; para evitar a vergonha de um desaire é que vos fago a proposta de não vos interrogar.»

— Não imagino vergonha maior do que aquella que me estaes causando. Interroga-me pois; é esse o vosso dever!»

— Sois bem altivo! Ora veremos se esse orgulho é legitimo.»

— A Estou prompto, fallae.»

Depois de um exame de mais de duas horas, em que Arago revelava de um modo brilhante o immenso poder das suas facultades e a extensão dos seus conhecimentos, Monge ergueu-se da cadeira, e abraçando-o, declarou solemnemente, que o collocaria no primeiro logar da sua lista.

Em 1803 era com effeito admitto na escola polytechnica, e deus annos depois nomeado chefe de brigada!

(Continúa.)

## XIX.

*Situação do imperio ottomano na exaltação de Abdul Hamid: continuação da guerra com a Russia: tratado de paz de Kutchuk Kainardji: a Criméa é incorporada á Russia: o sultão chama ao seu serviço officiaes francezes: aliança entre Catharina II e José II para a desmembração da Turquia: guerra entre estes tres imperios: mau successo das armas ottomanas.*

MUSTAPHÁ III legou a seu irmão Abdul Hamid um throno vacillante, cercado de immensas difficuldades, e combatido pelos mais encontrados elementos. Apesar dos triumphos, que adogaram os derradeiros momentos d'aquelle illustre principe, o imperio ottomano achava-se em uma das crises mais perigosas por que tinha passado desde a sua fundação.

Pelo lado do norte, desde o Caucazo até ás margens do Adriatico, estavam invadidas as fronteiras pelo inimigo. Os russos occupavam toda a Criméa e as provincias danubianas. A Georgia, movida pelas suggestões da Russia, acabava de levantar as armas contra o seu suzerano. A Albania estava em completa revolta. Ali Pachá, governador de Janina, tinha-se proclamado independente, e dava principio a essa resistencia porfosa, que levou perto de meio seculo para vencer. Do lado do oriente a auctoridade dosultão era absolutamente menosprezada. O pachá de Bagdad, posto que não estivesse em rebelião declarada, governava a seu bel prazer, sem executar uma só das ordens emanadas de Constantinopla. Toda a Palestina era um theatro de desordens. Daher, chefe arabe, apoiado pelas tribus do deserto, tentava fundar um estado livre. O Egypto tinha succedido de facto o jugo da Porta.

Tão afflictivas circumstancias eram ainda aggravadas pela falta de um homem que inspirasse confiança á nação. Abdul Hamid era inteiramente inferior a grandeza da missão, que lhe estava commettida. Os autes do seu coração eram todos bons, excellentes todos os seus desejos, mas não possuia as qualidades d'alma necessarias a um soberano, e muito principalmente na situação especial em que se achava a Turquia. A sua reclusão no interior do serralho durante perto de 50 annos, junta a um temperamento leaguatico, tinham-lhe dado a fraqueza e a timidez por base do seu caracter, e o amor do repouso pelo habito que n'elle mais incluia.

Não obstante tudo isto Abdul Hamid, excitado pela gravidade dos perigos, que o ameaçavam, poude vencer algum tanto a sua natural inercia e habitos pacificos. Era necessario um grande esforço para obstar aos progressos do invasor e da anarhia, que dilaceravam as entranchas do imperio. Se Abdul Hamid não corresponden ás exigencias das circumstancias, todavia fez mais do que se podia esperar da sua indole e caracter.

Um dos primeiros actos do seu governo foi habilitar o thesouro para fazer frente ás immensas despesas, que a defeza do paiz demandava. Para alcançar este fim era mister recorrer ás economias, pois que as guerras do reinado antecedente tinham esgotado todos os recursos. A nação, por tantas causas empobrecida, não podia pagar mais contribuições extraordinarias.

As medidas por esta occasião tomadas para restringir os encargos orçunarios do thesouro, fazem sem duvida muita honra ao governo de Abdul Hamid. Os seus effeitos foram taes, que o estado viu-se embre-

to habilitado para levantar e sustentar um exercito de quatrocentos mil homens. Esta força porém, que n'outra epocha seria sufficiente para repellir qualquer aggressão estrangeira, não bastava agora para defender o imperio contra o accommetimento simultaneo de inimigos externos e internos.

A revolta de Pugatschew veiu então em soccorro da Turquia, dando-lhe um pequeno desafio para melhor organizar a sua resistencia. É sabido como este aventureiro, fazendo se passar pelo imperador Pedro III, a quem sua esposa Catharina II usurpára o throno, despoçando-o da liberdade, e por fim da propria vida, reuniu em torno de si tão crescido numero de incautos e descontentes, que a imperatriz chegou a assustar-se dos progressos da insurreição. As providencias adoptadas para a debelir obstaram a que o governo russo não enviase promptamente aos exercitos de operações na Turquia os reforços pedidos pelos generaes Panin e Romanzoff.

Estas tropas foram porém de pouca duração. O exercito invasor, engrasado com duas fortes divisões, tomou a offensiva, e de u principio as hostilidades com tão habéis manobras, que as tropas musulmanas, envolvidas e desconcertadas pela rapidez dos movimentos do inimigo, foram destrogadas e quasi de todo aniquiladas.

O tratado de Kutchuk Kainardji, assignado aos 21 de julho de 1774, foi o resultado d'esta memoravel acção, de que a Russia tiraria ainda mais partido se lhe não puzessem estorvos as duas grandes potencias allemãs.

A paz custou ao sultão o seu assentimento á partilha da Polonia entre a Russia, Austria e Prussia; o reconhecimento da independencia da Criméa, do Budjak e do Kouban; a cessão aos russos das praças de Azof, Kibhourou e de varias outras fortalezas, e finalmente a entrada franca e livre navegação de todos os mares do imperio ottomano para os navios d'aquella nação. Em troca d'estes sacrificios os russos evacuarão a Bessarabia, a Moldavia, a Valaquia, e as ilhas do archipelago de que se haviam appossado.

Achavam-se os musulmanos tão cansados da guerra, e tão aterrados pelos triumphos da Russia, que a paz, sem embargo das suas condições onerosas e humilhantes, foi recebida em todo o paiz com geral applauso.

Catharina II, se não conseguiu levar a cabo os seus projectos, avançou contudo muito para a realisação d'elles. Com a independencia da Criméa tirou a Turquia o seu mais valente auxiliar em todas as guerras do imperio, e ao mesmo tempo aplano o caminho para se apoderar d'esta importante provincia. Com a acquisição de Azof habilitou-se, pela excellencia e grandezza d'este porto, a ter no mar Negro uma força maritima respeitavel com que apoiasse os movimentos dos seus exercitos nas futuras tentativas de conquista. Com a abertura dos mares dos dominios turcos ao pavilhão moscovita, além de immensas vantagens commerciaes, facilitou ás suas esquadras a passagem para Constantinopla.

A conclusão da paz permittiu ao sultão de se occupar exclusivamente dos negocios internos. O exercito foi empregado em operar contra as diversas provincias revoltadas, cuja tranquillidade se restabeleceu depois de bastante effusão de sangue. O governo porém tirou uma horrivel vingança dos embaragos e perigos em que olargaram essas diferentes rebellões durante a lucta com a Russia. As execuções que tiveram lugar por esta occasião na Grecia, na Albania e n'outras provincias, formam uma das paginas mais negras da historia geral das nações.

Entretanto os agentes russianos urdiam na Criméa a intriga por meio da qual a imperatriz Catharina logrou entrar na posse d'esta provincia. Primeiro semeando a discórdia, e promovendo a divisão intestina, depois introduzindo tropas no paiz, sob o pretexto de accommodar as desordens, acabou por alcançar do Kan a cessão de todos os seus direitos ao governo da Criméa, mediante uma avultada pensão abril de 1783.

O gabinete ottomano seguiu com anciedade e pesar todo o curso dos successos, que transformaram a Criméa em uma provincia russiana, pois que eram bem visiveis as vantagens politicas, que provinham á Russia da acquisição de um territorio habitado por um povo eminentemente guerreiro, e onde se achava o mais bello porto do mar Negro. Primeiramente não poupon diligencias para estorvar semelhante usurpação, e vendo-as baldadas quiz até recorrer ás armas; mas o embaixador francez conseguiu dissuadi-lo d'essa resolução.

Os successos da Criméa causaram em toda a Turquia grande effervescencia. As humilhações por que a Russia fez passar a Sublime Porta, e todos os passados agravos, reverberaram no animo dos musulmanos com o procelimento de Catharina II. A opinião publica pronunciou-se energicamente pela guerra, e diversas representações foram dirigidas ao divan, pedindo-a com encarecimento. O governo não a desejava menos; mas reconhecia a impossibilidade ou imprudencia de a declarar na presente occasião. Resolveu-se todavia a preparar-se para ella. Trabalhou desde logo com incangavel zelo em todo o genero de armamentos, promovendo com efficaçia a restauração da sua marinha.

Todavia as ultimas guerras tinham demonstrado, que não eram bastantes estes meios de defeza para fazer frente aos inimigos do imperio. A Turquia, aferrada aos seus velhos habitos e a todas as praticas dos tempos antigos, tinha ficado estacionaria no meio do desenvolvimento geral dos conhecimentos humanos. Assim os seus generaes, por mais numerosos e aguerridos que fossem os exercitos que tivessem sob as suas ordens, não tinham partido diante dos generaes da Russia e de Alemanha, onde a exacteza e a disciplina militar tinham feito notaveis progressos.

O gabinete ottomano, reconhecendo portanto esta falta, tomou ao seu serviço grande numero de officiaes francezes, que trataram de adaptar o mais possível ao exercito turco a organização e disciplina das tropas europeas. Estabeleceu-se em Constantinopla, sob a direcção do general barão de Tott, uma escola de artilharia e fundições de armas.

Em quanto progrediam estes preparativos bellicos, uniam-se a Austria e a Russia em aliança intima contra o imperio ottomano. Catharina II, tendo partido de S. Petersburgo com o fim ostensivo de visitar a Criméa, foi encontrada com imperador José II na cidade de Kherson, junto ás margens do Dnieper, e ali ajustaram estes dois soberanos um tratado secreto de aliança para a desmembração da Turquia (1786).

Apesar do segredo que se guardou em toda esta negociação, Abdul Hamid teve conhecimento, por desconfiança ou por denuncia, do que se passara n'aquella conferencia. A vista d'aquelle pacto era inevitavel a guerra, e n'estas circumstancias decidiu-se o sultão a ser o primeiro a romper a lucta.

Posto que as reformas introduzidas no exercito, e os grandes armamentos navaes fizessem posto a força publica em muito melhor pé, contudo era bem evidente, que a Turquia não se achava em os-

tado de sustentar a guerra contra aquelles dous imperios unidos em alliança íntima por um interesse commun. D'esta vez foi a Inglaterra quem incitou o sultão a dar principio ás hostilidades, animando-o com a promessa de apoio por parte da Polonia, da Suecia e da Prussia.

As primeiras operações do exercito turco foram coroadas de feliz resultado. Nas margens do Dnieper e do Danubio, e na fronteira da Hungria não puderam as tropas alemães e russianas soportar o ímpeto dos soldados musulmanos. Belgrado resistiu gloriosamente aos austríacos, e o grão-vizir, correndo em soccorro d'esta praça, levou-os de vencida, asseihoreando-se depois de varias fortalezas húngaras. O imperador José II esteve quasi a ponto de cair prisioneiro em suas mãos.

Passado que foi o vigor d'esse primeiro accommittimento; refeito o inimigo do sobresalto que lhe causou um ataque geral para que não estava ainda preparado; a campanha mudou logo de aspecto. D'alí por diante todas as vantagens foram em favor dos alliados. O principe de Saxe Coburgo, general em chefe dos alemães, e Romanzoff e o príncipe Potemkin à frente dos russos, combinando as suas operações, expulsavam os turcos da Moldavia, e iam derrubando o crescente musulmano em todas as praças a que davam assalto.

A e-tes triumphos dos alliados veio acrescentar novos louros uma grande victoria naval. A esquadra ottomana, forte de sessenta vasos, pela maior parte de alto bordo, procurava defender a todo o custo a praça de Oczakow, sitiada por um exercito russo de oitenta mil homens, commandados pelo príncipe Potemkin. A esquadra russiana chegou ás mesmas aguas em auxilio das tropas sitiadoras; porém o seu almirante não dispunha de forças tão consideraveis. A sua armada compunha-se quasi toda de vasos de menor porte; mas d'esta circumstancia, na verdade tão desfavoravel, soube tirar a maior vantagem possível. Fingindo querer esquivar-se a um combate, attrahiu o inimigo a um ponto da costa, onde não havia sufficiente altura d'agua para navegarem naus de linha. O intrepido Hagan, que commandava a esquadra turca, mais corajoso do que prudente, caiu facilmente na cillada, que lhe arrou o seu rival. Parte das suas naus encalharam nos bancos de areia, e o resto, impedida de manobrar com a promptidão necessaria, e atterrada a tripulação por aquelle acontecimento não pôde resistir ao ataque dos navios russos. A artilharia do general Souwaroff, que viera para a costa vizinha a soccorrer o almirante russo, completou o destroço da esquadra ottomana. A tão grande desastre seguiu-se a perda immediata da praça (dezembro de 1788). N'estas duas acções tiveram os turcos mais de vinte e cinco mil homens mortos.

O inverno interrompeu a continuacão da campanha; mas antes que rompesse de novo falleceu o sultão Abdul Hamid. Desgostoso pela falta do apoio com que a Inglaterra o fizera contar no principio da lucta; assistido pelos triumphos successivos dos alliados, succumbiu a adversidade. A impressão que lhe fez a noticia dos ultimos reveses originou-lhe a doença de que morreu aos 7 de abril de 1789, tendo 64 annos de idade e 15 de reinado.

Em tempos mais pacíficos este soberano teria feito um bom governo. Mas se lhe faltaram qualidades muito essenciaes para corresponder ás necessidades publicas nas crises extraordinarias em que se achou o paiz durante todo o seu reinado; as suas boas intenções, os sacrificios que fez para a salvacão do imperio; os generosos esforços com que procurou dar impulso á civilisacão do povo ottomano: grangearam-

lhe um nome illustre entre os successores d'Osman. Se esses esforços aproveitaram pouco ao seu paiz, não foi culpa d'elle, mas sim da obstinacão fanatica com que os musulmanos se recusavam a aceitar quaesquer innovações nos seus habitos e costumes. Foi a essa invencivel repugnancia, que por vezes tomou o caracter de insurreicão, que se deve attribuir o malogro das diligencias empregadas para general barão de Tott e pelos officiaes francezes para collocarem o exercito ottomano a par do das nações civilizadas; repugnancia fatal, a cuja conta se podem lançar em grande parte as desgraças, que então affligiam a Turquia.

Abdul Hamid apenas subiu ao throno deu inteira liberdade a seu sobrinho e herdeiro presumptivo o príncipe Selim. Este acto com que fez a sua estrêa no poder patenteou ao paiz a humanidade e generosidade da sua alma; e o paiz, apreciando-o devidamente, remunerou-lhe esse procedimento com uma sincera affeição, que nem as desditas publicas, nem a falta de energia do soberano, puderam affrouxar.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.

## QUADROS MARITIMOS.

VI.

MIL E UM NAUFRAGIOS.

1394.

DEIXAMOS esboçados alguns quadros marítimos, em pequeno numero para fugir de repetições; não era para os limites d'este jornal desenvolver o vastissimo painel dos naufragios, combates e incendios dos nossos galeões da India, e os trabalhos dos valentes navegadores do cabo das Tormentas, não só por mar, mas nos insalubres sertões de Africa, sempre combatendo, e soffrendo a fome e a sede. Agora vamos concluir estes apontamentos com algumas palavras acerca de outros notaveis naufragios e desgraças succedidas a varias naus da India; o leitor, que mais larga noticia quizer d'este assumpto, pode procurar a na *historia tragico-maritima*, e outros opusculos soltos de diversos auctores, taes como Diogo do Couto, Manuel Godinho, Lavanha, Amaral, Mesquita, Mascarenhas, Manuel Barradas e Henrique Dias.

O descobridor do cabo da Boa Esperança foi logo a primeira victima das furias do Adamastor, porém d'essa perda não temos particularidades; muitas outras desgraças succederam ás naus portuguezas logo no começo da descoberta e conquista, porém o naufragio mais afamado d'esses primeiros tempos foi o do galeão *S. João* na costa do Natal, pela circumstancia de perecer ali o grande Sepulveda, e sua esposa a formosa D. Leonor, com seus filhos, e tanta outra gente da India; mereceu elle ser cantado por Camões e Corte-Real, e comemorado em prosa por diferentes escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros; nada acrescentaremos pois ao muito que sobre o objecto ha para ler. Logo em 1534 se perdeu na bôca do rio do Infante, proximo ao cabo da Boa Esperança, a nau *S. Bento*, uma das mais possantes que até áquella epocha passára á India, cujo capitão, Fernão Alvares Cabral, morreu vadeando a ribeira de Santa Luzia, e foi enterrado perto, como contamos na relacão do

nafragio do galeão *Santo Alberto*; e dos navios que saíram na mesma monção de Cochim só um chegou ao reino; porque a nau *Barrileira*, depois de arribar a Moçambique, empreendeu no seguinte anno a viagem, e nunca mais se soube d'ella; a nau *Santiago* perdeu-se já na travessia dos Açores para Lisboa; e a nau *Serreira* arribou á India. Em 1553 succedeu o desastre, que já referimos, da nau *Conceição* nos baixos de Pero dos Banhos; e o piloto, que dera o nome a esse parcel, foi norriredesastreadamente afogado em outro naufragio! Em 1559 foi perder-se a nau *Framenga* em S. Thomé, destroçada pelos temporaes que apanhara no cabo; e a nau *Graça* afundou-se na altura do cabo das Correntes, salvando-se a gente em outra nau a *Ajuia*, a que tambem chamaram a *Patifa*, e que conduzia ao reino o grande governador da India Francisco Barreto. Esta nau, já bastante velha, por duas vezes arremetteu com as furias do Adamastor, e de ambas teve que fugir, com agua aberta, para Moçambique, aonde ficou sepultada. No mesmo anno se perdeu tambem na costa oriental de Africa, vindo da India, a nau *Santa Maria da Burea*, de que era capitão-mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. O navio foi-se ao fundo com a agua que abriu, e os poucos que se salvaram no batel andaram largos dias peregrinando por aquella costa, até que encontraram dois navios portuguezes no porto de Avo, aos quaes se acolheram.

A nau *S. Paulo*, indo de Lisboa para a India em 1561, foi perder-se na ponta da ilha de Sumatra; e mal se podem calcular os soffrimentos passados pela sua tripulação e passageiros n'aquelle paiz inhospitaleiro; a fome, o frio, as traições dos naturaes da terra, que os assolebaram; foi um martyrio de muitos dias e com bastantes victimas, entre as quaes deve contar-se uma formosa senhora casada, D. Francisca d'Azvedo, que ficou captiva entre os negros, tendo visto morrer seu marido por defendel-a.

Em 1582 perdeu-se no parcel de Sofala o galeão *S. Luiz*, que ia para a India. Em 1585 a nau *S. Lourenço*, em Moçambique, quando regressava ao reino; e no mesmo anno o galeão *Santiago* encalhou e desfez-se no baio da India, indo de Lisboa, e tendo já dobrado o cabo das Tormentas; pouca gente se salvou em uma jangada, e cincoenta e sete homens no batel, que foi ter aos rios de Sena. Do numero dos salvados era o nosso celebre chronista Diogo do Couto, que logo quatro annos depois (1589) naufragou outra vez, em companhia de D. Paulo de Lima (que morreu entre os cafres), tendo escapado na terra dos Fumos da nau *S. Thomé*, que ahí se perdeu. Elle mesmo escreveu a circumstanciada relação d'este tristissimo successo. Antes d'este perdêr-se em Ormoz o galeão *Salvador*, no anno de 1587; e no mesmo de 1589 desapareceu a nau *S. Antonio* que ia de Lisboa para a India; dizem que ardeu no mar. Em 1590 sumiu-se o galeão *S. Lucas*, d'esta carreira, sem que nunca mais d'elle houvessem novas. A nau *S. Francisco dos Anjos*, construida na India, perdeu-se em Moçambique, quando vinha para o reino, no anno de 1591, sorte que tiveram quasi todos os galeões construidos em Goa para as viagens de Portugal. Em 1593, ao mesmo tempo que se perdia a *S. Alberto* no peneço das Fontes, ia a pique a nau *S. Christovam* no canal de Moçambique, e naufragava a *Nazaréth*.

A nau *Mulre de Deus*, voltando ao reino, perdeu-se nos baixos das Desertas, aonde toda a sua

gente foi morta pelos arabes, com excepção de dezesseis pessoas (1595). A *Nossa Senhora do Rosario*, vindo tambem da India, abriu agua e foi varar em Moçambique (1596). A *Nossa Senhora da Encarnação* ardeu em Cochim, aonde estava prompta e carregada para conduzir a Portugal o vice-rei Mathias d'Albuquerque; e n'este desastre morreram alguns homens (1597). No mesmo anno deu á costa na ilha de S. Miguel, indo arribada para Lisboa, a nau *S. Francisco*, por se livrar de cento e quarenta velas de uma armada ingleza; e a nau *Nossa Senhora do Castello* perdeu-se perto de Moçambique, aonde o capitão e poucos mais chegaram a salvamento. Em 1600 appareceu o galeão *S. Filipe*, indo de Lisboa para a India, sem que se saiba como e onde se perdeu. Em 1601 naufragou em Socotora o galeão *S. Antonio*, salvando-se pouca gente. n'este numero entrou o capitão Manuel Pães da Veiga, sua mulher e uma cunhada. Muito navegavam as nossas portuguezas d'este tempo, não ha naufragio em que não appareçam mulheres, e a darmos inteiro credito aos chronistas, muitas d'ellas formosas e gentis.

Em 1621, mesmo sobre a barra de Lisboa, investiram dezete navios turcos com a nau *Conceição*, que vinha da India, e depois de largo combate a queimaram, levando captiva para Argel a pouca gente que escapou do destroço. Em 1622 perdeu-se no cabo da Boa Esperança a nau *S. João Baptista*, como tantas outras, e a sua gente, como tanta outra, marchou a pé pelo sertão até S. Jofa! Em 1635 succedeu o mesmo á nau *Nossa Senhora de Belém*, de cujo naufragio o proprio capitão, Joseph de Cabreya nos deixou uma extensa relação; e em 1637 vararam em diferentes pontos da costa, proximo do cabo, as duas naus *Sacramento* e *Nossa Senhora da Atayá*, que haviam saído juntas de Goa para Portugal, e que a tempestade desgarrava por diferentes rumos, indo encontrar-se os que escaparam de cada um dos navios, com grande pasmo, em meio dos sertões da caferria!

Quantos naufragios, que innumeradas desgraças de portuguezes não tem presenciado o cabo da Boa Esperança!...

*Pelos nossos Adamastores é's famoso,  
Maldita fama!*

Este anno de 1647 foi terrivel para os navegadores da India. Em Goa perderam-se, estando surtos, um patacho e uma caravela, que iam seguir para a China com a grande riqueza que tinham a bordo; sete navios de socorro, carregados para Ceylão; e doze embarcações da armada do Canarã, sem de nenhuma d'ellas se salvar cousa alguma. Tambem se perdeu o galeão *Santo Matygre*, d'onde apenas se salvaram quarenta pessoas, e a nau *Pata*, que vinha do reino, deu á costa nos rios de Cuama, salvando-se a gente para um patacho de Moçambique, que naufragou em seguida, morrendo todos. Que fatalidade!...

Em 1649 se perdeu ainda o galeão *S. Lourenço* nos baixos de Moximale, e logo abaixo das ilhas do Anjoza o galeão *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo*, que juntos haviam largado do Tejo. D'este morreram tresentas pessoas no naufragio, d'aquelle poucas. Os que escaparam foram encontrar-se em Moçambique, e ahí se finaram bastantes com as febres do paiz; de tal forma que d'ambos os barcos só chegaram a Goa duzentas pessoas, tendo saído de Lisboa com mil e tresentas! D'esta vez castigou-se a negligencia dos officiaes; alguns furam presos; o piloto

do galeão S. Lourenço condemnado em dez annos para as galés de Portugal, e o mestre do mesmo galeão, Domingos Henriques, foi enforcado no Mando-vi. Já antes havia sido enforcado tambem o contra-mestre do galeão *Santo Milagre*, que se perdeu nas Maldivas; e creio que nenhum outro d'estes exemplos ainda houve.

Outros muitos naufragios succedidos n'esta carreira da India deixo de mencionar, e os innumerados das armadas do Brazil e de Angola, de Malaca, China e Japão, e das Molucas; e tantas naus roubadas e queimadas por inglezes, francezes, belgas e argelinos, com o que se faria a mais lastimosa das historias. Hoje temos pouca navegação para o oriente, e por isso são raros os desastres que succedem ás nossas embarcações n'aquellas partes; assim mesmo, ainda em nossos dias soubemos como arden em Macao uma fragata, que fóra com carga á India. Essa esteira, por onde tantos annos só passaram quilhas portuguezas, vê hoje com assombro tremular no tópe de algum navio desgarrado as quinas de Portugal. O que nos resta é conservar a memoria das fagunhas de nossos avós, imitando aquelles nautas dos circulos polares, que antes de se deixarem envolver pelo gelo, lançam a historia das suas descobertas, cuidadosamente lacrada, ás ondas do mar, confiando que alguém a encontrará, e que se perecerem n'aquellas frias regiões, a posteridade saberá até onde aemos chegado a sua audacia.

F. M. BORDALO.

## A VIDA.

AOS MEUS AMIGOS, L. A. DE CARVALHO  
E J. A. C. DE BARROS.

### I.

AGORA, amigos, bruxulça e morre  
Do sol o vivido, tenaz clarão;  
Tépida a brisa que de manso corre  
Nos folhas brinca de que alastra a chão!

Incerta a luz qu'empallidece e cede  
A's trevas densas que surgindo vem,  
Solemne est' hora em que cad' homem mede  
Quão grande é Deus, p'las sensações que tem!

Brando o perfume que rescende e exhala  
N'hastea mimosa debrugada a flor,  
A natureza que despindo a gala  
Um hymno entoa que respira amor!

Incendem n'alma que s'extenua lassa  
Desejo ardente d'expandir-se e amar!  
De ver outra alma que a comprehend'a e faça  
Acerbo espinho de pungir, cessar!

É doce então ir sobre um peito amigo  
Pallida a fronte reponser emfim!  
E achar bem longe do vão mundo albrigo  
Que em peito d'homem se não acha aqui!

Satíamos pois, d'este recinto estreito,  
Que pouco a pouco nos mingua o ser!  
E o ar nos falta, nos suffoca o peito  
Oh! d'outra vida, vamos pois viver!

### II.

É arida e triste a vida!  
No ermo de adusto pó  
A creatura perdida  
Ao acaso vae, e só!  
E pára, e causa... o deserto  
E imenso, como incerto  
Da jornada o fim que tem!  
E para... e causa... e caminha  
E nem a mente lhe adivinha  
Pr'onde vae, e d'onde vem!

D'onde vem?! negro mysterio?  
Nasce e vive... e eis-la de pé!  
Pr'onde vae? — vae-se no imperio  
Da morte, e não sabe o que é!  
E no viver inconstante  
Tem um orgulho gigante,  
Julga-se grande, e sorri!  
Cede a um poder que a domina,  
Vem um raio que a fulmina,  
E onde sorriu, morre ali!

A vida é arida e triste!  
Incomprehensivel que lei  
A cada vivente assiste  
Ou seja mendigo ou rei?!  
E exulta o homem, não sabe  
Que n'elle a força não cabe?  
Que n'elle ha só pequenez?  
Que a menor fadiga cede?  
Que pode morrer á sede  
Do deserto na aridez?!

E exulta!... exulte, na infancia,  
Sorriu-me a aurora, sorri!  
Inebriu-me a fragrança  
Das flores que amei, e vi!  
Que vasto jardim, fecundo  
Para mim não era o mundo!  
Qu'horizonte! qu'illusão!  
De forte qu'era innocente,  
Homem tornei-me impotente!  
Cai d'altura no chão!

A maga flor da existencia  
Folha a folha s'esfolhou!  
O esmalte perdeu, e a essencia  
Da pobre flor que ficou?!  
Que pungente desengano!  
Vão-se as folhas, vão no oceano  
Supremo o transe passar!  
Mas victimas de qu'impulso?  
No seio do mar convulso  
Quem foi as folhas guardar?!

Como o homem é cobarde!  
Como é fraco o peito seu!  
Ou se a mente em chamas arde  
Ou se a tolda espessa véu!  
A fronte acurva e abate  
Fica immovel, no combate  
Ingente, não luctará?  
Não ha um instante de vida  
P'ra que o braço suicida  
Diga á vida, para já!

Amigos, tendes sublime  
Santa a crenga no porvir!  
Qual a dor que vos opprime?  
Que magna vos vem pungir?!

Para vós que panorama  
Na phantasia s'inflamma  
De variadas cores mil!  
Que perfume tem as flores!  
Que fe viva nos amores!  
Qu'encantos n'um céu d'anil!

Sabei, que atravez d'um prisma  
Vós olhaes, enganador!  
Que quem na ventura seisma  
Scismará depois na dor!  
Que todo o sorriso mente!  
Que todo o peito mal sente,  
Que as trevas seguem a luz!  
Que ha veneno nos carinhos,  
Que cada flor tem espinhos,  
E cad'alma a sua cruz!

O que val o estudo, a gloria  
Fumo que breve s'esvae!  
O saber foge, e a memoria  
Quando o corpo morre e cae!  
Morre e cae, no campo vasto  
Aos vermes serve de pasto,  
Não lhe as fibras corroer!  
É a vida espedaçada,  
Volve-se a materia ao nada,  
Eis como s'extingue um ser!

## III.

Ai! sede firmes na crenga  
Que é bom no amor, na virtude  
Crengas ter!  
Mais val que a ironia immensa,  
Que o sorriso acerbo e rude  
Do descer!

Eu cedo ao pezo infinito  
De um viver arido e triste  
E real!  
O meu destino é maldito,  
E é o genio que me assiste  
O do mal!

E se uma frase descerida  
Solta em transees d'amargura  
A paixão,  
Esquecei-a, que na vida  
Tambem off'rece ventura  
A illusão!

ERSESTO MARECOS.

INSTRUCCÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO  
INTELLECTUAL NA GRECIA

## Sociedades scientificas.

1.<sup>o</sup> *A Sociedade Philopendica*, de que já se deram alguns pormenores. A subscrição annual dos socios é de 36 drachmas.

2.<sup>o</sup> *A sociedade archeologica*, a que já se alludiu, e a cujas expensas se tem levado a effeito com tão bom exito muitos descobrimentos. Esta sociedade compunha-se em 1844 de oitocentos e trinta e seis membros ordinarios, e cento e oitenta e sete honorarios, e contava com um grande numero de protectores: entre elles os reis de Dinamarca e da Prussia e o principe real de Baviera. O rei dos Paizes-Baixos tambem tem dado á sociedade altas provas

de sua especial benevolencia. Até agora tem sido eleito constantemente presidente da sociedade o ministro dos negocios estrangeiros na Russia. A subscrição annual dos socios ordinarios é de 16 drachmas.

3.<sup>o</sup> *Associação de historia natural*. Fundou-se em abril de 1835. em 1844 contava cincoenta e seis membros ordinarios, e dez honorarios. Creou o *gabinete de historia natural*, e publica cinco escriptos periodicos sobre a historia natural em francez e allemão. A subscrição annual dos membros ordinarios é de 36 drachmas.

4.<sup>o</sup> *A sociedade medica*. Fundou-se em 1835: em 1844 compunha-se de trinta membros ordinarios, e publicava um periodico de medicina, que se interrompeu ha algum tempo. A subscrição annual dos membros é de 15 drachmas.

5.<sup>o</sup> *A sociedade pharmaceutica*, fundada em abril de 1838, propõe-se publicar um periodico de pharmacia.

6.<sup>o</sup> *O Museu*. Sociedade fundada pelos estudantes para sua communicação reciproca, e para a leitura de jornaes scientificos. Diferentes professores dão lições gratuitas no local d'este museu.

7.<sup>o</sup> Trata-se de se fundar uma sociedade *phylarmonica*, e outra para *aperfeçoamento da infancia*.

Impressas e livrarias. — Jornaes  
e escriptos periodicos.

Existem em Athenas onze typographias, comprehendendo a real. Entre as particulares distinguem-se as dos srs. Koromilas e Garholas. Ha tambem quatro livrarias bem sortidas, que são as de Koromilas, Garholas, Nast e Bunt. Os dois primeiros são tambem editores. Em Sira e Patras existem tambem outras typographias e livrarias.

Em Athenas, Sira e Patras publica-se um grande numero de jornaes. Só na capital ha dezesseis, que são os seguintes: o *Diario do governo*; o *Correio grego*, diario semi-official, em grego e francez; o *Observador grego*, tambem em grego e francez; o *Athenas*; o *Aeon*; o *Amigo do Povo*; os *Filhos da Patria*; a *Espeja*; o *Zephiro*; o *Progrezo*; o *Sicratos*; a *Abulha*; a *Pama*; o *Farmistes*, jornal puramente litterario; a *Revista Archeologica*; e o *Asclepius*, revista de medicina. Estes periodicos representam as diversas opiniões e os diferentes partidos que dividem a Grecia. Alguns são do genero mais virulento, e offerecem o curioso espectáculo de um povo, que não tem representação nacional, e onde a liberdade de imprensa existe com todos os seus excessos. Além d'isso os jornaes, que são lidos com mais avidez nos cafes de Athenas, exercem pouca influencia nas provincias, onde as paixões e as intrigas locais tem mais poder que o impulso longiquo dos partidos que se agitam na capital.

(Continúa.)

L.

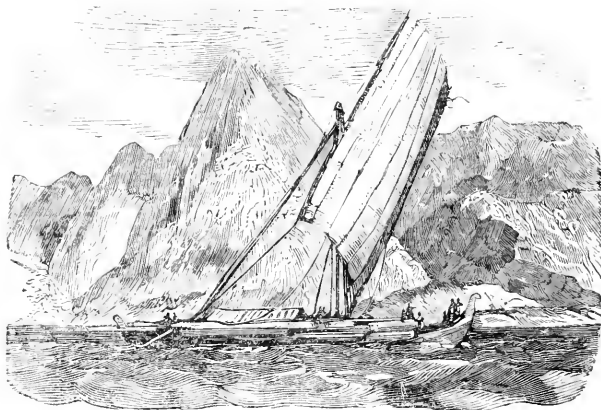
PRESERVATIVO CONTRA AS MOSCAS QUE  
PERSEGUEM O GADO.

É BEM sabido que no verão principalmente, e em certas localidades do nosso paiz, as moscas perseguem e flagellam o gado, causando-lhe terribes incommodos, que tornam os animaes ainda os mais mansos, impacientes e insoltridos. Tem-se notado que aquelles insectos, por um instinto extraordinario, mordem com mais pertinacia qualquer animal quando

esta jungido ao arado ou carregado, isto é, quando se não pode defender de algum modo.

Ha um meio porém facil e pouco dispendioso, que pode ser empregado com a maior vantagem pelos lavradores e creadores de gados de toda a especie; e

consiste simplesmente em esfregar todas as manhas as pernas e a barriga dos cavallo, bois, vacas, e outros animaes domesticos, com azeite de peixe, cujo cheiro infallivelmente affugentará as moscas, livrando aquelles de tão quizilentos inimigos.



UM PARAU DE ACHEM.

A CIDADE de Achem, celebre nos fastos das nossas gloriosas conquistas e descobertas, pela sua tenaz resistencia ao esgarço dos nossos capitães e navegadores, é situada em uma planície, na costa do norte da ilha de Sumatra, ou Samatra, que de ambos os modos se achá escripto este nome nas chronicas d'aquelle tempo.

A antiga pericia maritima dos habitantes de Achem apenas hoje se exerceita nas pescarias e no commercio de cabotagem, que é realmente extenso e importante.

O commercio de longo curso pudera tambem ser consideravel, por quanto a ilha de Sumatra produz a camphora, o benjoim, a pimenta, e grande copia de outras substancias preciosas, que constituiriam outros tantos elementos de uma permutação vantajosa.

Alem dos generos conhecidos, Sumatra podia fornecer a Europa enorme quantidade de plantas e fructos, ou desconhecidos, nos nossos mercados, ou que n'estes se não recebem actualmente.

Os naturacs de Achem são em geral musulmanos; e passam por laboriosos e destemidos, ou, para melhor dizer, traçoeiros, qualidade que distingue todos os povos oriundos da raza malaya.

A nossa gravura representa um dos navios de que os achemenses se servem no seu trafico maritimo, e a que dão o nome de *proa* ou *parau*, como lhe chamavam os nossos historiadores do descobrimento da India. São perfeitamente adaptados estes barcos, pela sua peculiar construção, ao serviço que d'elles se requer nos mares, que têm de percorrer, e que são coalhados de ilhas, separadas por estreitos canaes.

A differença essencial que apresentam os paraus comparados com os barcos de cabotagem usados na

Europa, consiste no aparelho, e no porão, que é dividido, como o das lanchas de Macau, em repar-timentos transversaes. Os paraus andam bem, são facéis de manear, e podem receber pedacos carregamentos. De ordinario são armados com unhas pequenas pegas, a que se dá o nome de pedreiros.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Aviso ao Povo relativamente á Cholera Morbo,*  
por J. R. R. Nilo. 1834. 8.<sup>o</sup> (1)

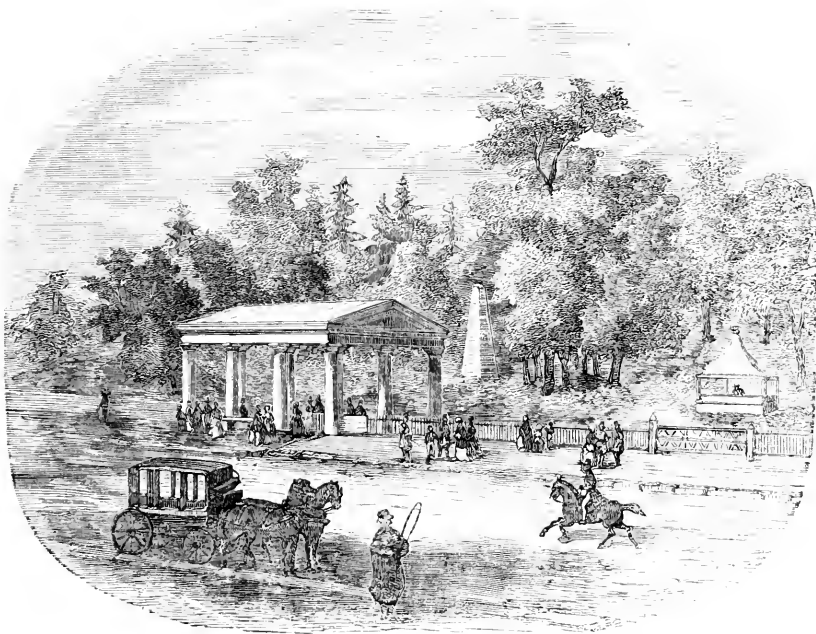
O opusculo acima annunciado contém não só uma serie de preceitos hygienicos, cuja observancia rigorosa é considerada hoje por todos os praticos como o unico preservativo da cholera; mas tambem a indicação dos meios que, á falta de um facultativo, podem empregar-se no tratamento dos individuos atacados da epidemia.

Escrepto para o povo o trabalho do Dr. Nilo é despedido do apparatus scientifico que o tornaria inutil ao fim que se propõe.

O favor da Providencia tem até agora livrado Portugal do flagello; elle cerea todavia as nossas fronteiras do Minho ao Guadiana; e por isso cumpre que nos proximamos contra a invasão possivel de um inimigo temeroso, seguindo, com prudencia, os conselhos que o Dr. Nilo offerece ao povo no seu *Aviso*, cuja leitura, por nos parecer util, recommendámos.

(1) Vende-se em casa do auctor, praça de D. Pedro, n.<sup>o</sup> 83 = preço 140 reis.





AMERICA — BANHOS DE SARATOGA.

Ha no novo mundo, como na velha Europa, sitios nomeados pela abundancia e prestisfante de aguas mineraes, que são, mórmente em certas estações do anno, o ponto de reunião, não só d'aquelles, que n'ellas desejam encontrar remedio ou alivio nas enfermidades, que padecem, como, e ainda mais, de uma infinidade de individuos, de um e outro sexo, e de ordinario pertencentes a mais alta jerarchia, que ali buscam unicamente as distrações e o viver livre do campo.

Nos Estados Unidos as aguas mais frequentadas são as de Saratoga, no estado de Nova York, a trinta e quatro milhas ao nordeste de Albany. No verão concorrem ali de todos os pontos da União muitos milhares de pessoas. De todas as fontes mineraes de Saratoga a de mais reputação é a que chamam do *Congresso*, da qual damos o desenho.

Nos fastos da republica era a pequena cidade de Saratoga de gloriosa recordação, muito antes do descobrimento das suas aguas sulphureas; porque, nas suas immedições, a 17 de outubro de 1777, o exercito inglez, commandado pelo general Burgoyne, depoz as armas na presença das milicias americanas.

## PROSADORES PORTUGUEZES

O CAHER MANUEL BERNARDES.

167 — 1716.

## III.

A *memoria* de das obras de Bernardes tem levado tempo a estabelecer, e ainda hoje não é tão geral como pediam os merecimentos do escriptor.

Procedi a culpa da natureza e volume dos seus tratados, e da repugnancia com que os mais entre n'ellos mesmo teciam diante da espessura ceceada de largas paginas de argumentação escolastica e theologia asctica, cortadas a cada momento de citações latinas e de invocações dos santos padres.

Para alcançar as riquezas que encerram, é preciso sacrificar primeiro a paciencia a fadiga de desbravar, e n'esta parte a curiosidade de o dinario cansa antes de chegar ao termo.

A collecção dos livros compostos pelo sábio egrego sobe a dezenove tomos, e sem receio de sermos desmentidos podemos affirmar, que é tão útil

cullosa de reunir, como difficilissimamente se lida inteira. Bastam os titulos para o mostrar.

O sr. Castello prestou ao auctor, pouco popular, e ás letras patrias relevante serviço de separar em todos os generos os melhores excerptos, apresentando-os despidos da aridez, que no texto os rodeia e obscurece.

Os primeiros volumes da *Bibliotheca Classica* ofereceram as flores e gálgas do estylo de Bernardes, e não omittem um só aspecto importante do seu talento.

Desgrazadamente este nobre empenho de tornar vulgares as bellezas dos nossos engenhos, logo ao principio do seu caminho encontrou indifferença e a falta de cooperacão, com que entre nós se destroem á nascença os projectos uteis e as idéas fecundas.

Se nas nulas houvesse direcção conveniente e illustrada ha muito, que estaria encarregada pessoa habil de ordenar um compendio de leitura, em que entrassem os trechos mais formosos e agradaveis dos livros de Bernardes, de Vieira, de Barros, de Fr. Luiz de Sousa, e de tantos outros dignos de andarem nas mãos da mocidade, e de lhe encaminhar em o gosto desde os annos tenros.

Um trabalho seguido com reflexão, e regrado pelo excellente modelo das lições de *Pascal* e *Noel* ainda está por fazer, e é uma vergonha nacional, com tantos thesouros, que não só não estão feitos, mas que nem lembrasse!

Desde a simples leitura até ás disciplinas, anti-gamente denominadas humanidades, quem sufficientemente conhecer as preciosidades de que dispomos, tem d'onde escolha a largura desde as singelas narrativas até aos requizos vãos da prosa poetica e do verso legitimamente verso; desde a anecdotica historica com o fino sal, a que sabe na oona de Vieira e de Bernardes, até ás viagens e ás scenas guerriciras e maritimas de Coelho, Fernão Mendes e João de Barros.

Sendo apto o collector, e o seu zelo feliz, duvidamos que appareça exemplar estrangeiro, capaz de disputar a primazia ao que podemos facilmente expor.

Apreciar n'um juizo desapassionado e claro as qualidades que revelam as obras de Manuel Bernardes, assevera o sr. Castello, e é exactissimo, ser empreza ardua, e pouco se contentar.

Effectivamente, postos de parte os louvores exaltados da censura official, e chamada a lize a razão e o gosto, a difficilidade cresce, e poucos subsídios soccorrem a critica entregue a si.

A natureza dos assumptos, o peso das formas escolasticas, e os diffeitos usos da epocha ainda a carregam de mais obstaculos.

Depois, n'este escriptor, ha a attender o periodo da publicacão.

As primeiras obras n'ele são as optimas, e as segundas melhores do que as ultimas, salvas se de ver, as exceptoes que devem fazer-se.

Convenha considerar, que o auctor ceizou das facultades mentaes antes do poder acenar e corrigir os excerptos que a compoem, e reservava para a derradeira liza. Não admira, pois, que não lhe succedem primo rões, como os que acompanham até a estampa, e culidm com maiores desvelos.

É das que lhe ficaram sobre o busto ha ainda a separar as que se acharam quasi promptas, das que desistia a posarem por apertado exame.

Por isso não dividimos admittir a classificacão do sr. Castello, porque junta á perspicacia o fundamentado mais razoavel.

Só foi dado a poucos fundirem de um jacto a estatu perfeita; e o que em contrario nos assegurava a historia litteraria dos grandes mestres assas o com-prova.

A prosa e o verso, que mais realçam pela naturalidade, e que figuram cairem sobre o papel sem es-forgo e da primeira vez, sabe quem não é novo nos segredos da composicão, o muito que custaram a ornar d'aquella graciosa singeleza.

O artificio mais delicado é o que occulta a todos o artificio.

Quem ler as bellas paginas do *Telemaco* ha de cuidar, pela simplicidade que inspiram, que asconcebem e exprimiu o auctor sem voltar atraz, e entretanto niaguem ignora as emendas e transformacões a que Fenelon as sujeitou até as reduzir á forma que hoje têm.

Os livros de Fr. Luiz de Sousa, que parecem fundidos de uma vez, denunciou-nos o authographo dos *Annos de D. João III*, o trabalho que lhe pediam, e a *Nova Heloisa*, que aturada liza não soffreu para ficar no que hoje é!

Quanto mais natural o estylo corre, tanto maior fadiga suppõe no escriptor para o purificar de obscuridades, e gastar de asprezas. A affectacão é menos difficullosa do que a verdade.

Virgilio e Horacio não chegaram á altura a que sebram serão pela pausa e esmero com que escreviam. Não se demoravam só no risco e no plano das suas obras; buscavam o primor e a graça. O desenho da phrase, a viveza da pintura, e a collocacão das imagens não lhes mereciam menos do que o folo. Conheciam que da boa symetria das proporções e do acabado de cada membro procede a perfeicão, e por isso de cincoenta versos apuravam sete ou oito.

Perguntassem ao Tolentino, se as inimitaveis quindias, aonde vive toda a jovialidade da musa satyrica, riudo sem fel com a physionomia mais portugueza, lhe seriam feitas de um lance, ou se á reflexão e a critica deservam a propriedade das palavras, a certeza do traço, e a finura das pinturas?

Isto que se nota nos bons auctores não é arrojo presumir se em um prosador como Bernardes, affeito a vestir qualquer episodio dos galas proprias, e dextro em variar de tom e de cores a medida, que lhe passavam pela phantasia os quadros mais oppositos de que se havia de valer.

Contar como elle, descrever como elle descreve, subir as noivas da meditacão extatica e embevecerse na contemplacão, e num instante depois baixar de subito, e retratar as malicias da politica, ou embrenhar-se pelos labyrinthos da erudicão, não se consegue sem grande vigilancia sobre si mesmo, e sem numerosos poderes de critica e de saber.

A anecdotica narrada pelo albede Barbosa Machialho, e pag. 136 do 3.<sup>o</sup> volume da *Bibliotheca Lusitana*, não a recebemos senão com tradiçã, e para não a acrescentarmos em todo o sentido, julgámos que sobja a simples leitura de um dos tratados de Bernardes.

A malestia espirital do varão exemplar não carece do facto para sobressair, e dividimos que o desprezo de si mesmo chegasse ao desamparo das obras, com que por obsequencia religiosa procurou encaminhar os homems.

Barbosa Machialho era propenso a receber sem critério todas as informacões, e a inserilas no corpo das suas biographies com igual facilidade.

Vejamos o que elle diz: «Para que não dominasse a vanlória, sendo naturalmente discreto e ele-

gaute affectava explicar-se por termos humildes. Tão vil conceito formava do seu talento, que nunca empoz obra alguma das muitas, com que gabou as almas para a eternidade, sendo obrigado do preceito dos superiores, e, depois de escripta não a revia e emendava; e se acaso a ouvia ler, se affligia excessivamente.

Contra estas asserções pelexa a evidência, que logo salta aos olhos na leitura de qualquer das paginas do exímio prosador. A pureza e a propriedade respirando n'ellas attestam a reflexão e o cuidado com que as castigava.

Para escriptos mysticos viverem como vivem os de Bernardes, é necessario que a perfeição do estylo alegre a severidade do assumpto; e o estylo, não se apropria com tanto esmero senão a custa de elegancia summa e de lima indizível.

Foi esta a opinião dos maiores sabedores; e em quanto se fallar e escrever o portuguez, ha de sempre ser a de todos os que prezam as nossas letras, e estão no caso de apreciar as posses da lingua, e as suas difficuldades.

Em Bernardes os defeitos pertencem a epocha, no passo que as elegancias e belezas nunca envelhecem.

Posto que distincto do padre Vieira no gosto e nas formas, tem grande analogia com elle n'esta parte. Ambos possuiram o dom da correção mádo a graça; por isso o voto do jesuita, como crítico e em materia tal representa a maior autoridade em abono das obras de qualquer auctor.

Quando Vieira affirma de um escriptor o que geralmente se crê que assegurou acerca de Bernardes, as provas estão tiradas, e pouco resta a acrescentar.

O sr. Castillo, referindo-nos o juizo do famoso orador n'aquelles momentos supremos em que o coração, despidido de vaidades, sente e não disfarça a verdade, ganhou para a causa do douto congregado o testemunho mais valioso. Acrescessem a occasião e a hora que ainda lhe augmentam a significação.

Eis como o cantor da *Primaveira* e dos *Cantos do Bardo* expõe o facto: «Corre em tráfego, que achando-se este preclarissimo oragante da sua patria (Vieira) já em artigos de morte, na cidade da Bahia, no anno de 1697, e percebendo que entre alguns dos circumstantes se estava em baixa e sentida voz encarecendo o desamparo e vivez, em que se ficaria a lingua portugueza, esbordando os ultimos alentos metterá impudicamente a mão na pratica, dizendo: «Em quanto vivo fôr o meu padre Manuel Bernardes ninguém se atreveuqna por esta formosa lingua! Que testador, que herdeiro, e que herança!»

Depois de Vieira os academicos incumbidos da composição do dicionario da lingua devem ser ouvidos, e merecem-o. São juizes competentes, e essencialmente que proferram poucos foram applaudidas. Oyalá que tão bello e gigantesco trabalho não parasse logo acima dos primeiros aliteres!

No catalogo de auctores e obras, com que auctorisaram o dicionario, tratando de Bernardes, os eruditos investigadores explicam-se d'este modo: «Uma piedade salda, o zelo mais efficaz do aproveitamento espirital do proximo, copiosa erudição profana esagrada, um estylo luminoso, sobre, e sempre constante, a belleza e vivez da expressão constituem os escriptos todos d'este insigne mestre de espirito, merecedores de universal apreço, pelo serviço que prestam á religião, e pela dignidade, interesse e calor, com que n'elles, com variedade e riqueza, se tratam as doutrinas aceticas. Entregue

de continuo á sua contemplanção, de modo se eleva, quando d'ellas falla, que arrebatou do consigo o leitor, não só lhe communica luzes superiores, mas aquelle mesmo fogo, de que sua devota e fervente alma se achava penetrada.»

«Os *Exercícios Espirituaes*, o tratado com o titulo de *Luz e Calor, Hallações sobre os principaes mysterios da Virgem Santissima e do Coração de Maria*, com especialidade, produções em que a elegancia, a profundidade, a negação, e a força se acham de maneira entre si commexas, que não deixam lugar a distinguir-se qual é, entre tantas excellencias, a que mais sobressa. Tudo é ali igualmente proprio a instruir e a inflamar. Dirige com prudencia, convence com efficacia, move com suavidade, e as vezes em o sublime transporta os animos, que tanto affervora no amor da virtude, como illumina no exercicio da pureza e bem entendida devoção. E ainda que estas e as demais obras suas se dirijam simplesmente a tão importante fim, a conta d'isso mesmo, não como deveriam ser todas em qualquer genero, traballadas com cuidado, delicadeza, correção e energia; e o auctor, não só deve estimar-se qual na verdade é, um dos maiores escriptores mysticos, mas tambem um exemplar pulido e eloquente da boa linguagem e elegante phrase portugueza. No seu estylo, cheio de imaginação, nenhum termo, por vulgar que seja, é destituído de alma, decoro e vehemencia; e quando alguma expressão, que parece familiar, se ajunta á grandeza das suas idéas, ou serve de lles acrescentar vigor, ou de as tornar assim mais sensiveis e facéis a comprehensão universal.»

Finalmente Francisco José Freire nas suas *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, na pag. 14 e 15 do I volume, escreve tambem um juizo menos falso, e mais sadio do que muitos dos que se fêem na sua obra, para a qual mais lhe sobrava de certo a boa vontade, do que o succorream as forças.

«O padre Manuel Bernardes (diz Caudio Lusitano, filho do instituto do veneravel padre Quental, injustamente não honbrado com os classicos do seculo passado, sendo um acerrimo imitador de Vieira; mas tempo vira em que a critica mais rectalhe pôde legar merecido, quando este auctor já não passar por moderno. Para esta distincção bastaria observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não conhece tanto a lima da purissima linguagem, e digámos assim, o verniz da elegancia, que só tem por legitima a linguagem portugueza. As suas *Meditações sobre os Nervosinos do Homem* immoetisam a sua penna, emobrecem a lingua, e chorram a resignação do Oratorio, da qual foi o exemplarissimo fôlo.»

Freire não tinha o fino tacto necessario para bem julgar das qualidades de qualquer obra. N'elle o escripto não se acompanhava os esforços da vontade; por isso de ordinario vêpeneo mal, e enganando-se como crítico, facilmente induz em erro os que o seguem sem prejuizo.

Esta observação do sr. Castillo, deve repetir-se para attilar o prezo de deixar correr sem correctivo um livro, que os menos acatadelados poderiam receber com plena confiança, sobre tudo não sendo advertidos.

O sr. Cndel Rivara, quanto da sua parte estava, procurou moralisar, ajudando-lhe juiciosas e instructivas reflexões, que attentam prohibo conhecimento e lucida apreciação do assumpto; mas assim mesmo não cedia nas suas posses, nem nas de ninguém, curar o mal pela raiz, e de prova de fazer uma obra nova e diversa a todos os espiritos.

Na breve noticia dada por Freire acerca de Ber-

nardes ha grandes verdades a par de grandes inexatidões.

Se acerta, quando assegura que é injusto não se equiparar o auctor da «Luz e Calor» aos classicos do seculo precedente, desviaira logo adiante, quando só vê em Bernardes o acerrimo imitador do padre Vieira, e quando antepõe as *Meditações sobre os Novissimos ás Florestas*, pondo estas inferiores ás outras obras, e censurando-as de pouca lima e de faltas de verniz de elegancia!

Quem percorrer os volumes do douto congregado não carece de largo exame para se convencer do nenhum fundamento d'estas duas opiniões.

Nem encontra na cõr do estylo a copia da phrase de Vieira, nem acha justificada a condemnação das *Florestas*, que pelo contrario (a nouso vêr) formam o mais aprazivel e trabalhado livro de Bernardes. A comparação dos dous mestres da lingua, e a classificação das obras de Bernardes não se fazem de leve, nem se resumem em tres linhas escasas.

Os dous engenhos são tão distinctos e oppostos na indole e applicação dos poderes intellectuaes, de que foram dotados, que parece incrível que Freire os confundisse figurando o jesuita como exemplar eterno e invariavel de Bernardes, e asseverando que o auctor das bellas paginas da *Floresta*, do *Estimulo Prático*, e das *Meditações sobre os Novissimos* faltava o cabelal preciso para compor as tintas e afinar as scenas, que nos offerece com variado primor.

Negar-lhe a individualidade do estylo, que é o cu do escriptor, não seria, caso a sentença fosse justa, infirmar na maxima parte os elogios que lhe dirige? Sem originalidade propria, e arrastando a phrase escrava atraz da imitação de outra phrase, que valentia e que energia verdadeira podia ter a lingua na pena de Bernardes?

Candido Lusitano não percebeu que uma das suas proposições matava a outra; e que não devia collocar o congregado ao lado dos classicos do seculo dezeses, se era exacto que o seu m-recimento se limitava todo á acerrima imitação do estylo de um contemporaneo seu. Felizmente a boa critica diz outra cousa; e entrando no estado mais íntimo das prendas e defeitos do prosador theologo provaremos, que nas bellezas e nas sombras foi igual a si, e a ninguém deveu.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

##### XX.

*Esperançosa estrêla de Selim III: continuação da campanha e na a Russia e Austria: a Suecia declara guerra á Rússia: batalha de Martinesjtj: triumphos dos alliados: a Austria faz pazes com o sultão: tomada d'Ismail pelos russos: insurreiçõem em Constantinopla: progressos das armadas moscovitas: intervenção da Inglaterra e Prussia: tratado de paz de Jasso: o sultão emprehende muitas reformas: Kutluk Hucên Pachá: erijancia: russiannas: rebellião do pachá de Wárlin: expedição de Bonaparte ao Egypto: alliança da Turquia com a Inglaterra e Russia contra a França: evacuação do Egypto, e tratado de paz.*

O DESALENTO e terror que levaram ao tumulo o sultão Abdul Hamid, tinham-se apossado de todos

os animos, e a sua malefica influencia coartava os recursos do paiz, e quebrava as forgas da nação. Triste e longa experiencia havia demonstrado exuberantemente, que o imperio ottomano mal podia resistir aos ataques da Russia. As guerras com esta potencia já não acabavam sem peradissimos sacrificios para a Turquia, sem que alguma porção do seu territorio fosse accrescentar ainda o immenso poder dos czares. Como seria possivel em tal estado oppôr eficaz resistencia ás forgas combinadas da Russia e de Allemanha?

Todavia os musulmanos alegraram-se e conceberam esperanças, quando viram subir ao throno um principe no vigor da idade, e cuja educação corrêra, não como a dos mais principes ottomanos no afastamento dos negocios publicos, e no isolamento do mundo, entre as paredes de uma prisão, mas sim no gozo da liberdade, em todos os exercicios da vida, que podem dar robustez ao corpo e energia á alma, e no incieimento das cousas politicas, que deviam habitual-o a bem governar o paiz.

D'est'arte, graças á politica illustrada e generosa do defunto sultão Abdul Hamid, o reinado de seu sobrinho Selim III começou sob felizes auspicios, se não relativamente ao estado physico do imperio, cuja situação era bem deploravel e arrisçada, pelo menos a respeito da forga moral, que resultou das esperanças, que elle fez nascer.

Selim III applicou logo toda a sua attenção e cuidados á reorganisação do exercito e da marinha. O enthusiasmo que se desenvolveu pela exaltação d'este soberano, contribuiu muito para se activarem os preparativos de defeza. D'esta maneira poudo o governo reunir um numero exercito a tempo de o pôr em campo nos principios do verão.

Entretanto a Inglaterra não tinha desistido do empenho com que procurára alliados para a Turquia. Se as suas diligencias foram baldadas junto ás côrtes de Berlin e de Varsovia, alcançou a final mover Gustavo III da Suecia a declarar guerra á Russia.

Comegaram as hostilidades quasi ao mesmo tempo no Baltico e nos principados do Danubio. Proximo d'Hogland teve logar um grande combate naval entre as esquadras russiana e sueca; a victoria porém foi celebrada por ambos os contendores.

Quiz então a boa estrella de Catharina II, que uma revolução, que rebentou em Stockolmo, obrigasse Gustavo III a mandar recolher a sua esquadra.

Este acontecimento foi bastantemente fatal á Turquia. A imperatriz Catharina, livre de um inimigo, que lhe occupava tanta attenção, e lhe distrahia tantas forgas da guerra dos principados, enviou immediatamente novos soccorros aos generaes Souwaroff e principe de Saxe Coburgo, os quaes não se demoraram em dar combate ás tropas musulmanas. A 21 de julho de 1789 empenhou-se acção entre as vanguardas dos dous exercitos. N'este encontro soffreram os turcos tão consideravel perda, que os seus generaes, vendo a desanimação dos soldados, trataram desde logo de evitar, ou demorar quanto fosse possivel uma batalha geral. Só passados dous mezes é que teve logar uma grande acção entre o grego dos dous exercitos em Martinesjtj, junto ao rio Rimnik, na qual os russiannos alcançaram uma victoria mais completa. Perderam os turcos vinte mil homens, cem bandeiras, e toda a artilheria e munições.

Este grande desastre foi seguido de outros ainda maiores. Os exercitos alliados apoderaram-se de Belgrado e de Bender; expulsaram os turcos da Valaquia e da Servia; assenhorearam-se de todas as praças, que defendem as margens do Danubio; e si-

tiavam a importante praça de Ismail, quando a morte do imperador José II viu livrar o sultão de um inimigo muito poderoso, e ao mesmo tempo dar novo curso aos acontecimentos (20 de fevereiro de 1790).

A Suécia e a Prússia, que viam com receio o progresso das armas austriacas e moscovitas, cujos perigos a Inglaterra não cessava de lhes fazer bem patentes, aproveitaram a oportunidade da exaltação de um novo soberano ao throno de Allemanha para tentarem afastar este imperio da alliança com a Russia. O grão-duque de Toscana, irmão do fallecido imperador, e que lhe succedeu na corôa com o nome de Leopoldo II, ora vivamente solicitado, ora ameaçado por aquellas potencias, e além d'isso intimidado pelo vulcão revolucionario, que rebentára na França, e que já dava mostras de querer abraçar a Europa em guerras e revoluções, resolveu-se emfim a offerecer paz ao sultão. Em 4 de agosto de 1791 concluiu-se e assignou-se o tratado de Sistow, pelo qual a Austria restituiu todo o territorio conquistado aos turcos, menos a praça de Choczim, que ficou para ser entregue depois de restabelecida a paz entre a Turquia e a Russia.

Tentaram tambem as potencias mediadoras persuadir Catharina II a pôr termo á lucta, porém as suas diligencias foram baldadas. Esta soberana, animada pelos prosperos successos das suas armas, tinha recusado formalmente a todo e qualquer arranjo. Por conseguinte, apesar da retirada do seu alliado, havia feito continuar a guerra, se é possível com mais vigor e encarniçamento.

Souwaroff apertava pois cada vez mais o cerco de Ismail, que os musulmanos julgavam inconquistavel, porque a defendiam 40 mil homens, 230 peças de artilharia, e duas linhas de magnificas fortificações, cujos largos fossos eram cheios pelas aguas do Danubio. No primeiro assalto foram repellidos os russos, porém no segundo foi entrada a praça; mas ainda assim a brava guarnição sustentou o combate nas ruas durante doze horas.

O vencedor encontrou dentro da praça consideravel despojo de todo o genero de riquezas, pois que ali se tinha recolhido o que havia de mais precioso nas cidades e praças, que tinham caído em poder do inimigo.

A nova d'este desastre, aggravada pela carnificina, que os russos fizeram na guarnição e habitantes depois de tomada Ismail, causou em Constantinopla uma commoção popular. A vingança do povo exigiu para victima expiatoria o infeliz Hagan Pachá, que em recompensa de illustres feitos, em diversos commandos de mar e terra, fóra elevado ao cargo de grão-vizir. E o governo para apaziguar os amotinados, e tirar pretextos á insurreição, julgou deversificar á brutalidade das turbas um ministro a quem não se podia attribuir de forma alguma a perda e desgraças de Ismail.

Tão continuados revezes tinham desmoralisado as tropas ottomanas, de sorte que já não osavam encerrar o inimigo fóra das ameias das praças de guerra. Por outro lado os exercitos russianos, estimulados por tantas victorias, caminhavam desassombadamente do conquista em conquista. Depois de terem passado o Danubio e destrogado os turcos em Matchin (julho de 1791), ameaçavam o coração do imperio, quando a Inglaterra e a Prússia se decidiram energeticamente a lançar na balança dos destinos da Turquia todo o peso da sua intervenção.

O gabinete de S. Petersburgo poz em obra toda a sua habilidade, primeiramente para se esquivar a entrar em negociações, e depois para neutralisar os es-

forços d'aquellas potencias, levantando todos os dias novas difficuldades. Catharina II, tendo julgado que a revolução franceza, absorvendo exclusivamente as attentões de toda a Europa, viera em auxilio de seus planos ambiciosos, não podia resolver-se a abandonar uma praça, que a sorte das armas parecia prestes a entregar-lhe. Mas tambem não queria de modo algum romper com a Inglaterra e a Prússia, tanto por causa dos poderosos meios de aggressão de que ambas dispunham, como pelo receio de que no caso de lucta succitassem contra a Russia outros inimigos não menos temiveis. N'esta alternativa foi estrangida a final a acceder a um accordo pacifico.

Aos 9 de janeiro de 1792 assignou-se o tratado de Jassy, que terminou esta guerra tão desastrosa para a Turquia. Por este tratado cedeu a Porta á Russia a Criméa, a ilha de Taman, uma parte do Kouban e da Bessarabia, a cidade de Oczakow, e o territorio situado entre os rios Bog e Dniester, onde pouco depois se edificou a cidade de Odessa, que em breve veio a ser o emporio do mar Negro.

Apenas Selim III se viu livre dos cuidados da guerra, voltou os seus dixeis para os negocios interiores. Como projectasse muitas reformas, que julgava necessarias para assegurar a independencia do imperio, e dar-lhe ao mesmo tempo um impulso civilisador, tratou de procurar para os seus conselheiros homens, que fossem capazes de o ajudar n'esta árdua e arriscada empreza.

Fizeram-se portanto muitas mudanças nos altos funcionarios do estado; mas só appareceu um individuo que reunisse as condições requeridas, isto é, que participasse das idéas illustradas do soberano, e que fosse dotado da coragem e prudencia necessarias ao reformador.

Esse homem chamava-se Katchuk Hucein Pachá. Posto que o sultão não o collocasse no cargo de grão-vizir, onde os seus talentos e firmeza de caracter poderiam ser mais proficuos ao paiz, fez todavia servicos importantissimos na qualidade de almirante, e na de conselheiro e valido de Selim III. Reorganizou a escola de marinha, fundada pelo barão Toff, mandando vir de França habéis professores, tanto para instrução do corpo d'armada, como para as construcções navaes. Deu aos marinheiros uma organização e disciplina á europea. Abasteceu os arsenaes de todo o genero de provisões, mandando fazer importantes cortes de magnificas madeiras nos bosques, que povoam a cordilheira do Tauros, até então não explorados, e occupou todos os estaleiros com a construcção de naves e fragatas segundo os melhores modelos do arsenal de Toulon. Nos outros ramos do serviço publico, aonde não chegava a alçada do seu cargo, fazia-se tambem sentir a influencia da sua energia vontade e do seu talento reformador.

Nas repartições do exercito fizeram-se igualmente grandes reformas. Mandaram-se vir de França e da Suécia officiaes de engenharia e de artilharia, e crearam-se escolas conforme os melhores systemas usados na Europa para o ensino d'estas armas. Fundaram-se novos quartéis para dar mais conveniente disposição á força publica, e collocou-a em mais sujeição á auctoridade. E finalmente, sendo reconhecida a difficuldade, ou talvez impossibilidade, de disciplinar os janisaros e outros corpos, cujo espirito de insubordinação dera tantas vezes causa a terribes catastrophes, tornando sempre infructiferos todos os esforços para o vencer, crearam-se corpos de diferentes armas essencialmente para se lhes dar a organização e disciplina de que tiraram tamanha superioridade na guerra os exercitos das potencias europeas.

Estas reformas porém não progrediam sem graves embaragos; pois que, além da invencível reputação com que os turcos olham para todas e quaesquer innovações, que vão de encontro aos seus hábitos e costumes, o ciúme despertado no exercito, e principalmente nos janisarios, pela criação e instrução dos novos corpos, levantavam obstáculos, que por vezes estiveram quasi a transformar-se em revolta manifesta. Na perseverança pois com que o governo levou por diante semelhantes medidas, e sobre tudo no modo por que neutralisou e venceu todas as opposições, é que se patentearam mais claramente a firmeza de caracter do soberano e a habilidade e tacto politico do seu privado, que dirigiu sempre este negocio mais ou menos directamente.

Entretanto que na Turquia iam dando bom resultado estas tentativas de civilisação, a Russia, guiada pela sua politica tradicional de conservar o imperio ottomano em um estado de lucta aberta, ou em continua inquietação, apertava o diávan com exigencias impertinentes e exasperadas. Foi necessaria a intervenção de outras potencias para que a imperatriz se desse por satisfeita, recebendo do sultão duzentas e trinta mil piastras.

Este sacrificio foi n'aquella occasião bem pezado para a Turquia, pois que as ultimas reformas tinham acarretado consideravel augmento sobre a despesa publica, estando além d'isso as finanças em um estado pouco satisfactorio. Mas era da maior urgencia evitar uma ruptura com a Russia no momento em que a paz interior se achava seriamente comprometida.

As exigencias russas tinham sido precursoras de muitos alvoroços em algumas provincias turcas, e de uma rebellião, que assumiu repentinamente um aspecto assustador. O pachá de Widdin, tendo-se declarado independente, reuniu sob as suas ordens tão numerozo exercito, e apresentou tal actividade e osadia, que depois de se haver apoderado de muitas cidades, que tinham recusado obedecer-lhe, e no fim de uma longa campanha com as tropas do sultão, obrigou este principe a ceder-lhe durante a sua vida a soberania absoluta de Widdin (1798).

Em quanto que o gabinete ottomano se achava a braços com a revolta d'aquelle governador, crescia de dia para dia a sua inquietação á vista dos armamentos navaes, que se faziam em Toulon, e que o mesmo gabinete, apesar do segredo que se guardava em França sobre o destino d'esta expedição, podia ver emegozados n'uma aggressão contra os seus estados. A officina de que se apromptava n'aquella porto uma expedição composta de treze navas de linha, e trezentos e cincoenta navios de transporte, com trinta e cinco mil homens de desembarque, commandados pelo general Bonaparte, já tão nomeado n'essa epocha pela sua audacia, como pela habilidade da sua estratégia; Selim III persuadiu-se que o seu fim era sublevar as povoações gregas da Moré e do Epiro, e constituir com essas provincias um estado independente da Turquia, e sob a protecção da França.

Por conseguinte tratou immediatamente o sultão de fazer armar a toda a pressa uma forte esquadra; mas quando a manlaxa para as costas da Moré e do Epiro para defender estas provincias contra a aggressão franceza, recebeu a nova do desembarque da expedição no Egypto.

Na presença do inimigo commum, que assim lançava a lucta a toda a Europa, foram postos de parte todos os agravos e odios, e a Turquia concluiu

um tratado de alliança com a Russia e Inglaterra contra a França.

É sabido como Napoleão, por meio de uma serie de brilhantes triumphos, que bastavam para eternisar um nome, subjugou o Egypto, enchendo o mundo de assombro.

As tres potencias alliadas dispozeram-se então a embarcar a marcha triumphante do vencedor. Reuniram-se pois as esquadras turca, ingleza e russiana para operarem de combinação; e a Porta enviou contra o invasor dois corpos de exercito.

Não cabe em tão resumido quadro seguir todas as vicissitudes d'esta campanha, cuja historia é tão geralmente conhecida. Limitar-nos-hemos portanto a consignar aqui os successos, que têm ligação mais immediata com o imperio ottomano.

Depois de destruida em Aboukir pelos inglezes a esquadra franceza, ainda a fortuna desamparou a Napoleão junto aos muros de S. João d'Acre. Mas neste ultimo revez veio em breve indemnisal-o uma assignalada victoria sobre um corpo de dezoito mil homens de tropas ottomanas, que sob o commando de Mustapha Pachá tinha desembarcado em Aboukir (julho de 1799).

Em quanto a esquadra ingleza operava nas costas do Egypto, as forças navaes da Russia e da Turquia assediavam-se das ilhas Jónicas, de que a França estava de posse pelo tratado de Campo-Formio. Estas ilhas foram depois constituidas em republica independente sob a protecção da Porta, mediante um tributo annual, pelo tratado de 21 de março de 1800, concluido entre a Russia e a Turquia. Esta ultima potencia obteve pelo mesmo tratado Prévésa, Parga e alguns outros pontos da costa.

A partida de Napoleão para França (22 de agosto de 1799); o assassinio do general Kleber, a quem Bonaparte ausentando-se entregára o commando do exercito francez; a occupação de diversas cidades e praças pelas tropas inglezas; a interrupção das communicações com a França; e outras circumstancias ainda, obrigaram os francezes a capitular, e a evacuar o Egypto em setembro de 1801. Em outubro seguinte assignou-se em Paris o tratado de paz com o sultão. E assim se restabeleceram as antigas relações politicas e commerciaes entre a França e o imperio ottomano.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARROSA.

ENSCCITOS DA VIDA MILITAR.

VI.

O soldado obrário.

PARTE II.

PRESCINDENDO por um pouco da questão de moralidade e liberdade dos soldados, é indubitavel que os governos devem applicar com reconhecida vantagem uma parte do exercito nas grandes emprezas, que em um paiz como o nosso, em que o elemento da associação é tão fraco, está provado que não podem realisar-se sem a intervenção do estado; pois como ha de caber nos meios individuaes a execução, por exemplo, de uma rede de vias fluviaes e terrestres etc., cruzando-se em todos os sentidos? Não demandam os mesmos meios as grandes obras hydraulicas, o encanamento dos rios, a construcção de



bertas de outros povos em todos os ramos da industria humana; especialmente todos aquelles recursos ou machinismos, que tendam a acelerar o trabalho e a generalisal-o; para se verificar a sentença de Mirabeau: *«Le travail seul constitue une nation.»*

J. C. DA SILVA.

#### INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GRECIA.

##### *Progresso da lingua nacional.*

Tem feito a lingua grega desde 1833 progressos mui notaveis. Já durante a guerra da independencia se introduziram na linguagem usual expressões tomadas do antigo grego para os usos da vida publica, para a administração, e sobretudo para o serviço militar, a instigações do excellente coronel, hoje general, Rhodios. Porém aquella era a quadra dos grandes feitos e não a da philologia e do purismo. Desde a instalação do governo real se tem desenvolvido n'esta parte a maior actividade. A cousa era de si mesma muito importante, porém, ao mesmo tempo, mais difficil do que geralmente se crê.

Em todas as nações o desenvolvimento da lingua e a adopção dos termos technicos, tem progredido gradualmente á proporção do incremento das idéas, mas na Grecia succedeo o contrario. Como por effeito da dominação turca havia desaparecido toda a cultura intellectual, e sobre todo até o menor vestigio de existencia publica, foram-se tambem perdendo a pouco e pouco as expressões technicas relativas ás artes, e ás sciencias. Se alguns homens ainda escreviam o grego em toda a sua pureza, esses homens eram pobres de idéas, e não tratavam senão pontos de dogma e de moral; de sorte que o idioma das sciencias, das artes, dos officios, da guerra, da administração, do direito, etc., quasi que fóra inteiramente olvidado. Mas em breve, pelo facto da revolução nacional, e ainda mais com o restabelecimento da tranquillidade e da ordem publica em 1833, se diffundiu o thesouro das idéas europeas.

Para a communicação d'estas idéas era mister achar em pouco tempo, isto é, em alguns mezes ou em alguns dias, e frequentemente em algumas horas, expressões convenientes. Isto podia fazer-se de duas maneiras, ou, tomando da antiga lingua grega as expressões já existentes, e applicando-as ao uso vulgar, ou, creando termos convenientes segundo as analogias d'esta lingua. O primeiro passo n'este caminho, foi restituir os seus antigos nomes hellénicos a todas as localidades e provincias da Grecia que os tinham perdido; depois vieram as traducções dos quatro codigos compo-los por mr. de Maurer; do codigo civil francez e do codigo de commercio, e a traducção em grego de algumas ordenanças sobre municipalidades, gendarmeria, marinha, etc. D'este modo a lingua viva se enriqueceu tirando vozes de toda a especie do grego antigo. Depois do estabelecimento da universidade muitos professores (principalmente o dr. Philippos) contribuíram poderosamente, cada um no seu ramo, para o aperfeiçoamento progressivo da lingua. E finalmente tres homens tão intelligentes como activos, Rhangavis, Samurkassis e Levadens, puderam recoller n'um dicionario todas estas riquezas do idioma regenerado, e augmental-as.

A modestia do sr. Schinas não lhe permittiu dizer no seu discurso, que elle proprio é um dos que

mais poderosamente tem concorrido para este resultado. Com effeito teve grande parte nas traducções dos codigos francezes, que contribuíram mais que tudo a enlaçar o grego antigo com o moderno.

De tudo o que levámos dito deve resultar, em nossa opinião, um certo respeito para com um povo que com tão poucos recursos, e em tão poucos annos tem feito tanto por propagar os beneficios da instrucção.

L.



OS AKALIS.

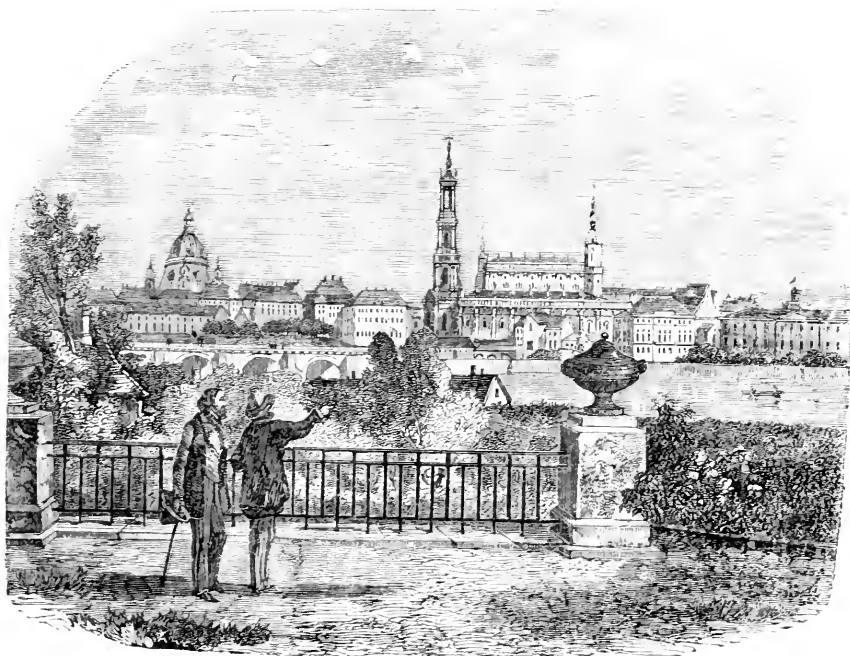
De todos os viajantes que têm percorrido moderadamente a India nenhum nos deixou tão extensas e curiosas informações d'aquella parte do globo como Van-Orlich, na sua obra *Reise in Indian*, 1875.

Teve este viajante a boa fortuna de acompanhar uma embaixada, que o governador geral britannico enviou a Shyr-Sing, então na sua residencia de Feraspour, territorio dos sykhes, e por essa occasião, e com toda a facilidade, observou quanto podia desejar, sobre os costumes e instituições d'estes povos.

Van-Orlich refere que muitas vezes admirára, assu a precisão e rapidez com que os soldados sykhes executavam as manobras, que lhes eram ordenadas, como a destreza dos akalís, gente robusta e valorosa, em atirar o disco, especie de jogo usado em toda a India, e que requer certa habilidade e força.

A nossa gravura representa um d'estes homens, no acto de atirar o disco.





ALLEMANHA — DRESDE.

DRESDE ou Dresden, capital do reino de Saxonia, agradavelmente situada sobre o Elba, é uma das mais importantes e das mais formosas cidades da Allemanha.

Divide-se a capital saxonica em cidade *nova* e *velha*, como acontece naturalmente em todas as povoações de antiga fundação: com os arrabaldes, dos quaes os de mais importancia se denominam de Newstadt, e de Frieurichstadt, não contém Dresde, segundo um calculo moderado, menos de 80.000 habitantes.

Dentro da cidade contam-se *dezoito* igrejas, das quaes *dezesis* são consagradas ao culto protestante: *apontamos* como mais notaveis a que tem a invocação de *Nossa Senhora*, construida sob o modelo da igreja de S. Pedro de Roma, onde se admira um primoroso orgão, obra do famoso Silbermann; e a de *Sophia*, erigida, em parte, no anno de 1602, por uma princeza d'este nome, viuva de Christiano I, que é rica de esculpturas, e entre todas singular pela fôrma de um dos seus altares, ornado com algumas columnas, que se assevera terem pertencido ao templo de Jerusalem, d'onde as trouxera, em 1476, o duque Alberto. A igreja catholica é tambem um edificio grandioso e esplenidamente decorado.

O palacio real é vastissimo, a irregularidade da sua architectura, e os graves defeitos que se notam nas suas fachadas ficam bem compensados com a magnificencia do interior. Poucas residencias reais ha-vera na Europa, que contemham tantas preciosidades como as dos monarchas saxonics; encontram-se ali numerosas galerias de quadros dos melhores auctores, dispostas com o mais apurado gosto e critica, muitos vasos etruscos, estatuas e esculpturas, uma colleção dos monumentos mais raros da arte typographica, e outros objectos de muita curiosidade e primor.

N'outra ordem de construcções devemos mencionar a forte e elegante ponte que une as duas margens do Elba, a qual tem de comprimento mil e oitocentos pes, e a alameda que é vadia e offerece todas as proporções, que podem deservir em esta belecimentos d'esta ordem.

Dresde tem cinco hospitaes, não contando o hospicio dos orphaes e o das engeitados. Muitos outros institutos de beneficencia se encontram n'esta capital, nem são menos numerosos os que se destinam a educação e instrucção elemental, profissional e superior.

## PROSADORES PORTUGUEZES.

O PADRE MANUEL BERNARDES.

(1644 — 1710).

## IV.

A REPUTAÇÃO dos escriptos de Manuel Bernardes, como notamos, foi por muito tempo inferior ao seu merecimento.

Uns não o conheciam, outros conheciam-no mal; para isso concorreu o genero a que se dedicou.

Era necessario algum valor para abrir aquelles humes aestheticos e theologicos, e para vencer o gosto, que a severidade dos assumptos inspira.

Houve entretanto quem se abalançasse a fazel-o, e desde esse momento viu-se que as riquezas compensavam largamente a fadiga.

No meio dos labyrinthos de argumetos e de citações, encontravam-se a miudo quadros alegres na perspectiva e no desenho.

Aonde menos se esperava descobriram-se oásis cheios de amenidade.

A imaginação achou logares deleitosos nonde descansar. O gosto marcou trechos admiraveis pela viveza e correção.

A medida que se progredia, posto de parte algum enfado, foi-se percebendo que a viagem seria mais do que paga pelos thesouros, que encerravam tantas minas virgens; e d'ahi por diante as obras de Bernardes saíram do esquecimento, e pouco a pouco ganharam o conceito devido.

Quem as estudou, e conseguiu familiarisar-se no seu trato, não pode deixar de repellir a opinião de Candido Lusitano, já citada.

Longe de observar a imitação de Vieira, pura invenção de Freire, observa um estylo rico, matizado se o objecto o pede, singelo sempre, e accommodado aos pontos sobre que discorre.

Comparados os dous, sente-se logo a immensa distancia que os separa, e o absurdo de estabelecer entre elles falsas competencias, ou analogias.

O sr. Castillo definiu com grande tacto, e resumidamente o que os aproxima, e o que os distingue. «Vieira filiz o auctor da *Primavera*» fazia a eloquencia; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o genio; em Bernardes o amor, que em sendo verdadeiro, é tambem genio.»

Ambos eram engenhosos no discurso, puros e esmerados na expressão; eis a similhaça. No mais, excellente apezos o sr. Castillo, pareciam-se como entre si se podem parecer duas arvores de especies diversissimas!

E é da maior exactidão.

O jesuita, mestre da lingua sem rival, e a muitos restados unico, não podia ter com o congregado, nem a admittida das prendas, que constituem o verdadeiro estylo classico.

Dado aos negocios, e habil em os dirigir, amigo de empresas temerarias, e seguio-o de novidades e appetitos, debaixo da influencia da paixão mundano, e nos mais altos vãos da sua eloquencia vê-se lançar a agulha das espheras celestes para os cuidados e interesses da terra.

No pulpito não fra os olhos do auditorio. Nas missões tanto oulla para os ommens como para Deus. Estadista julga as cousas com a consciencia facil dos politicos: individuo busca a reputação, preza a influencia, ama a corte e o favor dos principes, amia os triumphos e as victorias do talento em todos os circuitos, e em todas as terras.

Bernardes não. É o opposto. Alma contemplativa, desarraigada do mundo, e absorta nas regiões mysticas d'onde a muito custo desce, a terra apparece-lhe como desterro, como valle de lagrimas, porque a sua verdadeira patria começa além do tumulo, na immortalidade!

Vivia todo dentro da sua cella sem saudades de mais nada, entre os livros, entregue á meditação e aos exercicios espirituaes.

A vaidade não tinha entrada n'aquelle peito. Sincero e crente, as suas paginas respiram só verdade, mesmo quando, por credulas, admittem o erro e o engano.

Se illudido é porque o illudiram, ou se illudiu a si.

O que aconselha, e reprehende, brota-lhe da consciencia; e julgar-se-lia reprovado se acaso sacrificasse o mais leve escrúpulo ao desejo de deslumbrar, ou de colher louvores.

Vieira pelo contrario. Nunca se esquece de si, nem dos que o cercam. Se falla recolhido no interior da cella é para dominar com mais auctoridade. Se atravessa os mares e as tempestades, e busca os trabalhos, arrostando com as injustiças e perseguições, leva sempre a vista no que dirá o mundo, e na admiração que grangeia.

Exaltando a gloria de Deus, sustentando os principios religiosos e moraes, e celebrando as prosperidades do estado e as do instituto de Santo Ignacio nunca pode consigo tanto, que olvide a propria fama, ou que deponha os agravos, e os jubilos pessoaes.

Nas cartas familiares, onde o homem se revela sempre mais, é facil de penetrar as inquietações, a contradicção perpetua, e a perenne lucha d'aquella alma, de certo uma das maiores de Portugal.

Nos sermões, a verosimilhaça e a verdade não o detêm e sobre argucias, e ás vezes sobre puerilidades, arroja a eloquencia, e compraz-se no estrepito dos applausos. arrancados a prego de perigosos abusos de talento, e de ruins exemplos para a religião e para as letras.

Com opposições taes de indole, de vida e de doutrina como haviam de encontrar-se? O estylo é o homem; e os auctores, por mais que se disfarçem, não são senhores de impedir que a phrase lhes escape, e que as idéas os atraigom; sem o quererem retratam-se; um instante de descuido basta para os descobrir.

Sendo tão diversos em que podia Bernardes imitar Vieira? No gosto? Vê-se que não!

Nas tendencias para brilhar pela originalidade da invenção, da palavra, e do desenho? Nem sombras!

Na contextura do periodo, no vueriz da lingua-gem, e no cunho da phrase? Nem Bernardes, tão opulento de si, carecia de pedir emprestado o que possuia como poucos, nem o exame rigoroso dos seus escriptos auctorisa a conjectura, quanto mais a affirmação.

É como se dissessem de Vieira que se moldára pelo exemplar de Fr. Luiz de Sousa ou de João de Barros!

Escriptores do vulto dos dous religiosos não mendigam, nem obedecem servilmente. Enriquecem-se pelo estudo, adittam os thesouros adquiridos no trato dos bons poetas e prosadores com a convivencia dos doutos, e depois de seguros das posses, e de conscios das forças, marcam as suas paginas com a expressão particular e pessoal, que é a alma do estylo, e o typo da individualidade.

E em Bernardes o estylo não se confunde, nem revela as indeições timidas do copista, ou do no-

vigo ao encetar a carreira, pouco certo ainda dos passos.

Nas suas obras predomina o profundo affecto e o vivo imaginar. O jubilo, o terror, a esperanza e a serenidade reflectem-se nos seus quadros com a luz propria, na proporção conveniente, e quando o assumpto os chama.

Por mais variados que debuxe os seus painéis nunca mistura as cores, e as graduações não se confundem. Quer suba ás espheras superiores nas azas da contemplação, quer pose na terra meditando, quer mergulhe até ao fundo dos abysmos para trazer exemplos espantosos, a natureza e a vida, os prodigios e os horrores, são representados com a propriedade e viveza que a pintura exige.

Nos esboços de costumes as suas narrações tomam uma graciosidade infantil, que enleva. Nas aneddotas prazenteiras acha-se o sal de uma malicia innocente, que é picante, mas não queima.

Não ha assumpto a que não applique, discreto, e com regra, as tintas e o claro escuro opportuno, e que não varie com a maior naturalidade. A sua paleta ministra-lhe toques apropriados a todas as deheidades e a todas as transformações.

Se de uma vez desejaes admirar os melhores painéis do mestre, collocados em exposição adequada, a *Livraria Classica* do sr. Castilho vol-os offerce, collegidos em sete pequenos volumes, de facil e recreativa leitura.

É uma galleria de amator, na qual os olhos não se cansam de ver e de applaudir.

Quem estimar as narrativas dramaticas, em fundo historico, encontras-as-ha nas *Maravilhosas Conversões de Philemon e Ariano* (1), extrahidas de paginas 51 do tomo I da *Nova Floresta*, assumpto fecundo, e talhado para convidar a phantasia do romancista. E a par d'este outros quadros igualmente bellos, como *A Conversão de S. Pedro Publicano* (2), *Os Setenta Conselhos* (3), *A Conversão de Santo Ephrem* (4), e o *Bispo tornado a Escrava* (5).

Os que preferem pinturas de costumes não sairão descontentes depois de gostarem, em esboços primorosos pela viveza e simplicidade, os trechos intitulados *Gabé dos Mundanos* (6), *Foidas Femeas* (7), *Arrebiques de Cortezias* (8), *Plas de Prévins Lexianas* (9) e *Emprego de Tempo* (10).

Além do merito da composição todos elle offercem preciosos sub-sídios aos poetas, ajudando-os a restituirem a physionomia obliterada das gerações passadas.

Nos limites da erudição, propriamente dita, o leitor achara, os *Parvencios* (11), os *Tempe-tadores* (12), as *Grandiosas Edificações* (13), os *Gravosos Homens Pequenos* (14), as *Gravosas de Roma Antiga* (15), não menos dignos de attenção.

No genero engraçado occorrem cheios de agrado os painéis tão finos pela ingenhosa chistosa do *Monge na Taverna* (16), do *Grão Lama* (17), do *Protar a Laíra* (18), do *Pélico contra o Pelli-*

*ceiro* (19), dos *Oculos Moças* (20), e da *Velhacaria Santa* (21).

Parcece-vos ja a variedade infinita, e o desempenho cabal? Observae mais, e com pausa, e depois direis!

O mesmo pinceel, que vos trouxe enlevados do maravilhoso para o comico, e da gravidade archeologica para a intimidade familiar dos costumes, depressa, mudando as cores, e transformando-se, ensaiara novas e mais arduos assumptos.

Quereis sinceridade amavel, e com graça toda innocencia e mimo? Ohae, e vadeis a *Custodia de Santa Emelinha* (22), *Os Bravos Indas* (23), *Necessidade e Agêlio* (24), *Atar o Amor* (25), *As Flores Milagrosas* (26), *Identico Coração* (27), *Justo e Pastor* (28), e quantos mais!

Acabastes ali de contemplar? Possemos adiante. É já outro genero. São as scenas cujo tecido dramatico a imaginação meridional sempre ambicionou, e que avestem as tradições da idade meia, allumiadas d'aquella meia luz, confusamente tirada dos reflexos da fé e da superstição, abraçadas na mythologia popular.

Mysteriosas, sombrias, e repassadas do terror e aniedade, disputam em novidade e interesse a competencia ás mais notaveis apontadas em Mathous Pariz, e outros legendarios.

O *Flautista Injão* (29), o *Testamento do Inferno* (30), a *Lenda dos Baileiros* (31), o *Conceito dos Mortos* (32), o *Abrigo do Morto* (33), *A Noiva do Diabo* (34), *O Corde do Trás Dejos* (35), e o *Polaco Encantado* (36), escolhidos entre muitos, provam o colorido incomparavel de Bernardes como produtor.

O que mais espanta em pintor tão dextro é o que a respeito d'elle consta por noticia vaga. A sua memoria foi muito fraca, e só á força de trabalho conseguia apurar a profusa erudição dos seus escriptos! Em critica mostra-se pouco sagaz, e adopta as invensões da superstição, e até as lendas ridiculas como pontos dignos de crenga.

O cuidado em distinguir a verdade da mentira, e a fabula da historia não o prendia nunca. Tudo recebia, e afirmava sem exame, não para enganar, mas illudido.

O grande merecimento, a prenda eminentemente recommendada, assegurando as suas obras reputação duravel, é a erudição, o vigor e a firmeza da linguagem, e a rigorosa diligencia com que se attingava.

Não só ostenta pureza e correção, como conserva sem deliquir a clareza, e a variedade e o alto dos ornatos, e a propriedade dos vocabulios.

As palavras n'elle puzam o que exprimem com admiravel primor, e a elegancia do collocamento e a distribuição da phrase é tal, que ainda não se aviamos excedidas, e raras vezes igualadas.

A harmonia accede-lhe naturalmente, e os períodos, sem violar a ordem da phrase, melancolicos, bem feitos, e em geral afiaados pelo numero e ritmo convenientes.

(1) *Livraria Classica*, vol. I, pag. 22. (2) Vol. II, pag. 20. (3) Vol. III, pag. 73. (4) Vol. III, pag. 146. (5) Vol. III, pag. 133. (6) Vol. I, pag. 195. (7) Vol. I, pag. 108. (8) Vol. IV, pag. 43. (9) Vol. V, pag. 21. (10) Vol. II, pag. 131. (11) Vol. I, pag. 6. (12) Vol. II, pag. 69. (13) Vol. II, pag. 82. (14) Vol. III, pag. 107. (15) Vol. V, pag. 25. (16) Vol. I, pag. 12. (17) Vol. I, pag. 138. (18) Vol. II,

pag. 5. (19) Vol. III, pag. 82. (20) Vol. IV, pag. 71. (21) Vol. V, pag. 17. (22) Vol. I, pag. 5. (23) Vol. I, pag. 10. (24) Vol. I, pag. 133. (25) Vol. V, pag. 50. (26) Vol. V, pag. 56. (27) Vol. V, pag. 82. (28) Vol. VII, pag. 11. (29) Vol. II, pag. 62. (30) Vol. I, pag. 64. (31) Vol. II, pag. 67. (32) Vol. II, pag. 73. (33) Vol. IV, pag. 7. (34) Vol. VI, pag. 76. (35) Vol. II, pag. 110. (36) Vol. V, pag. 71.

Este segredo, que encerra a summa delicadeza, e tambem a maxima difficuldade do escriptor, possuia-o Bernardes por vocação natural, e desenvolveo com o estudo dos bons modôllos.

Rica de sons distinctos e abertos, sem demasia de vogaes que a amollegam, e sem excesso de consoantes que a tornem aspera, a lingua portugueza presta-se como nenhuma á composiçào de uma prosa musical, que, em relações diversas, pode hembraer com o verso, lisonjeando o ouvido; mas para escrever assim não basta reproduzir as idéas em phrases claras e correntes, fugindo de falsos arrebiques; resta alcançar as qualidades rarissimas, que fazem a fortuna dos bons livros, salvando-os do esquecimento.

Preceitos não ensinam a compor uma prosa rica, afínada e agradável, na qual as graças da imaginação e os arduimentos do estylo se combinem com a elegancia e sobriedade casta. O ultimo grau de perfeição não se attinge senão depois de grande fadiga e de elaborada meditação. As bellezas não se transportam de idiomas estranhos, e não se criam no proprio, senão á custa de aturado estudo, e por meio de comparações e gradações melindrosas, em que só o gosto muito educado deixa de se confundir, ou de se enganar.

Entre as obras de Bernardes, Caudido Lusitano prefere as *Meditações sobre os Novissimos do Homem*, e condemna as *Florestas*. Pelo contrario os auctores do Dicionario da Academia no seu catalogo não exceptuam as *Florestas* do elogio, com que honram os escriptos do donto congregado.

A sentença dos academicos passou em julgado por súsida e verdadeira, em quanto a opinião de Freire attesta falta de tacto, ou ignorancia do livro que proscreeva.

As *Florestas*, pela variedade dos assumptos, pelo calor, riqueza do estylo, e pelo copioso da dicção, foram, são, e sempre nos parece que hão de ser a mais lida, e mais propria para se ler das composições classicas de Manuel Bernardes.

Em nenhuma outra brillam com tanto agrado, nem se revelam com igual viveza os dotes do grande prosador.

Depois de citarmos os merecimentos, falta-nos apontar os defeitos.

Na mais vistosa tela ha sempre imperfeições, e escondelas, ou negal as equivale a cegar a razão, annullando a auctoridade do louvor sincero.

Bernardes, de certo, apresenta maculas, mas d'aquellas com que Horacio não se offendia.

Propende, como Vieira, para os trocadilhos e voltas de palavras; mas sem a insistencia que no jezoita determinava o habito vicioso.

Algumas vezes a concurrencia de alguns vocabulos forma sons duros, e tautologias desapraziveis.

Nas conjugações dos verbos e na syntaxe, succede-lhe tomar o plural pelo singular, deixar a phrase sem regencia por ellipse, e pôr dous verbos, cujas accões se referem á mesma occasião, um em um tempo, e outro em tempo diverso.

Estas e outras incorrecções parecias, e quasi imperceptiveis, indicadas pelo sr. Castilho, não toldam a pureza geral da liguagem, nem embaciam o lustre do estylo; mas devem ser advertidas para não arrastarem os incautos a imital-as.

A lingua portugueza na pena de Bernardes dobra-se a tudo, e reflecte os mais tenues cambiantes do pensamento, e da imagem que o desenla.

É singela sem ser rasteira, castigada sem ostentação de austeridade, opulenta e magestosa sem alarde de riqueza.

Aonde o pede a occasião, a palavra, a phrase e o periodo sobem ao sublime e ao grandioso com uma vehemencia, e ao mesmo tempo com uma facilidade, que fazem pasmar. Por detraz do assumpto, da scena, ou dos personagens não se percebe nunca o artificio do auctor.

Quem lê, e está pouco habituado a prescrutar os segredos da composiçào, persuade-se que todas aquellas paginas saíram logo assim, não se podendo limpar, ou riscar-se nada. Tal é a propriedade, o nervo, e a elegancia desafectada dos termos! Entretanto, (como observamos) por isso mesmo que nos encantam á força de naturalidade é licito desconfiar de que não brotaram espontaneas. A graça que as animas não costumam ornar as obras dos poetas (porque Bernardes é tambem poeta na prosa) senão depois de muito requestada.

Com Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Manuel Bernardes e D. Francisco Manuel, tudo o que a lingua-por portugueza sabe e pode, se patenteia ao estudioso.

No seu trato e combinação admiram-se as galas nativas do idioma, e as bellezas mais esquivas do latim, do italiano e do hespanhol, origens legitimas a que devemos recorrer em qualquer pobreza.

Meditem-se e comparem-se, e o gosto, descremindo o que ha de separar do que lhe cumpre admitir, formará um cabedal copioso, em que achará as formas, as cores e a expressião apropriadas para todos os objectos.

Sem se converter em copista servil, ou em imitador pueril, o escriptor dotado de engenho e de estylo deve aproveitar, tanto na conversação d'estes grandes mestres, como o bom pintor defronte dos quadros de Raphael e do Ticiano, ou o estatuário diante dos primores de Miguel Angelo e de Benvenuto.

Entre os numerosos prosadores distinctos, que illustram as nossas letras, os quatro que indicamos reunidos representam o conjunto de todas as qualidades eminentes, e o thesouro de todas as prendas necessarias para se fallar e escrever a lingua, não só esmerada e correctã, mas elegante, colorida e capaz de exprimir quanto a alma sente, e os olhos vêem dentro dos limites dados á palavra para retratar os sentimentos e as sensações.

É pelo menos a nossa opinião; e estamos longe do louco orgulho de a suppor um voto infallivel, ou uma sentença auctorisada. Exponmos uma simples persuasão; e se alguma cousa desculpa a temeridade d'ella, é o cuidado que houve em não a formar de leve.

Como ensaio do que ha a colher-se em muitas das narrações de Bernardes escolhemos a *Conversão de Philemon e Ariano*, abrindo por ella, com as feições do romance actual, a serie de historias maravilhosas fundadas em piãs crengas, ás quaes talvez um dia depois de colligidas usemos pôr o titulo de LEGENDARIO POPULAR.

Respeitando o que a Igreja crê e manda acreditar, não nos julgámos inibidos de converter ás formas menos severas da novella as versões de milagres e de portentos contadas pelos auctores monasticos, mais poetas, e quasi sempre mais inventivos, do que os escriptores concederados com o titulo official de ministros de Apollo, de pastores do Menalo, de bardos e menestreis; ou como na chancelaria das musas em direito melhor fôr.

A narração de Bernardes, pelos prodigios que descreve, e circumstancias que aponta, lava sobre o fundo circumspeto das *Acta Martyrum Sincera* de Reinart uma completa lenda, em que a imagi-

nação deve mais á creença do povo, e a vagas tradições, do que a relações historicas sisudas.

O mesmo jus nos assiste para com diverso fim alargarmos o painel, decorarmos a scena, e darmos quanto possível aos personagens a physionomia e os costumes do tempo, e ao mesmo passo o caracter que requer a grandeza da lucta, entre o paganismo expirante e o christianismo ainda perseguido, mas já proximo da victoria, que a sua doutrina de amor e de esperanza, e as promessas de Jesus desde o principio tinham assegurado aos seus fieis.

Sabemos que a execução ficará inferior ao assumpto; mas com isso nem perderá o engenho com que Bernardes urdiu a sua lenda, nem ao genero será imputada a culpa alheia.

Os *Martyres* de Chateaubriand abi estão de pé, como verdadeiro monumento da arte moderna, para dizerem o que o estro de um poeta sabe crear, interpretando uma grande epocha.

A missão do legendario é mais humilde, porém as liberdades compensam de algum modo o que lhe falta.

Mera tentativa, o nosso esboço não caíndo de todo enceta um caminho amplo e rico de perspectivas novas que outros enobrecerão; e atraíçõando as forças, assignala ao menos os primeiros escolhos, avisando os que vierem depois para se acautelarem mais, fugindo de illusões perigosas.

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

It is in vain to take notice of things if  
we take none of men.

BACON.

Ce n'est pas seulement l'histoire de  
l'art qu'on peut apprendre en contem-  
plant les monumens nationaux, c'est  
l'histoire du pays même que nous ap-  
prenons en parcourant ces depouilles  
opines enlevées aux vieux temps.

ROUËL ROCHET.

Firene geórzon kan petraís trefei calos  
Polemos de kan pedo cacos éfi.

MENANDRO.

A paz intr'o colono, aliada as pedras:  
A guerra ate nos campos tolhe as medras.

Deas leguas ao noroeste de Lisboa, indo pelo valle ameno e povoado de quintas, que entre collinas e vergeis alegres se estende para a parte da serra, onde os antigos fingiram que descansava o sol, e a que deram o nome de *Promontorio da Lua* (1), e pouco desviado do ponto, em que a estrada se divide em duas, uma que corta por Bellas, fresca de rio e de arvoredos, para Mafra, e outra que corre para Collares e Cintra, fica escondido atraz do recosto da Porcalhota o real sitio de Queluz (2). Dei-

(1) A serra de Cintra, que, segundo alguns auctores, foi assim chamada por um templo, que ali havia, dedicado a Diana, que na mythologia é tambem denominada Cynthia, deram os antigos romanos os diversos nomes de *Hierna*, *Promontorio Magno*, *Olissiponense*, *Artabro*, e finalmente de *Monte da Lua*.

(2) Em 1804 foi Queluz elevada á cathogoria

xando a estrada pouco antes d'aquella divisão, e tor-  
mando á esquerda pela quebrada do outeiro ou as-  
somada, entra-se na longa avenida de alterosas til-  
lias, que coleando entre vargens cingidas de mon-  
tes coroados de moinhos, se prolonga por uma pon-  
ta até ao pé do alto de mimosa e dilatada vista-  
onde magestosamente se ergue o paço da Ajuda, e  
vae quasi tocar pela outra extremidade a grande  
portada de ferro da deleitosa quinta, que vou pin-  
tar n'este artigo. Dos lados d'esta nobre entrada  
ha duas serventias, uma, que pela direita, e ao lon-  
go do muro coberto de hera, e assombrado com frei-  
xos, alfarrobeiras, e loureiros, dá passagem para Que-  
luz debaixo, Barcarena, Laveiras e Caxias dominan-  
do a enseada, onde o Tejo mistura suas aguas com  
as do Oceano, e outra que em forma de rampa, da  
subida folgada para o terreiro onde está situado o  
paço de Queluz. Jaz este, d'ante povoado, e hoje  
ermo cortezaõ, n'um como fundo de alquidar, en-  
jas bordas são formadas da banda do norte pelos  
cabeços de Monte Abrahão, Mira, Villa Chani, e  
Dona Maria; do sul pelas serras de Linda Velha (3)  
e Carnaxide; do nascente pelo monte de S. Braz,  
e do poente pelas alturas de Venda Secca, e de Pon-  
te Pedrinha. Mas se a natureza com negar a este  
sitio real uma vista larga e desabafada fez que  
as mesmas montanhas, que o affrontam, preenhes  
de grossas fontes, o alegrem e fertilizem com uma  
verdura e frescura constantes, tambem a arte, que  
deixou violar as suas leis na frente do edificio, ou  
antes do aggregado de casas sem symetria nem pla-  
no, que olha para o terreiro, compensou amplamen-  
te esta falta de harmonia e unidade architectoni-  
ca com a perfeição e grandeza, que se admira no in-  
terior de muitas de suas peças, e com a bella fachada  
que, traçada pelo molde das formosas villas roma-  
nas, deita para o magnifico e vistoso jardim.

Quando, ha vinte annos, tratei de escrever esta  
noticia, que algumas pessoas me impellem agora a  
publicar, uma das primeiras diligencias, que fiz, foi  
indagar a origem do nome de Queluz; mas o que  
só pude colher de dous sabios etymologistas, o sr. bis-  
po conde, depois cardeal patriarcha, D. Francisco  
de S. Luiz (que me deu muitos subsidios para esta  
memoria), e do sr. Fr. José de Santo Antonio Mon-  
ra, a quem consultei sobre este ponto, foi que aquel-  
le nome não era, como muitos de outras povoações  
circumvisinhas de Lisboa, derivado das linguas orien-  
taes e africanas; efrandose os apontamentos que  
de outras pessoas, tambem mui investigadoras de  
origens, eu pude aleangar na asserção feita depois  
de muitas e mui attentas pesquisas, de que o nome  
de que se trata appareceu pela primeira vez na  
instituição do vinculo, que em fins do 16.<sup>o</sup> seculo  
duas pessoas, de quem adiante fallarei, instituiram de

de villa, e dous annos depois vieram ali officiaes  
engenheiros marcar o terreno onde se havia de edi-  
ficar a igreja matriz e a casa da camara. Com a  
saida porém da familia real para o Brazil ficaram  
estes trabalhos suspensos; e posteriormente foram  
mandadas arrancar as balizas em consequencia de  
ordens vindas do Rio de Janeiro.

(3) Este nome proprio, e o de *Linda Pastora*,  
pareceram aos meus doutos amigos o cardeal patriar-  
cha os srs. D. Francisco de S. Luiz, e Francisco Manuel  
Trizoso, mais acertados que os de *Linha ou Ninha*  
*a Felha*, e *Linha a Pastora* que o vulgo ignorante  
dá áquelles sitios, e que um aliás illustrado artista  
escreveu nas suas bem interessantes memorias sobre  
os pintores e estatuarios portuguezes.

mão commum no terreno, de que trato, o qual segundo a tradição era então um matagal, por onde se não podia ir seguro.

Lisã. Quêluz no territorio, que fica entre Lisboa e sua costa marítima, tendo por seus primeiros habitantes os turdetanos, povos da Bética, ou antiga Andaluzia, vizinhos dos turdetanos, com quem alguns os confundiram, os quaes tiveram letras, livros, poesia e philosophia muito antes da Grecia, florecendo ao mesmo tempo entre elles as boas artes, e o commercio pelas muitas communicações, que tinham com os Phenícios. 1) Inventores da escriptura, ou pelo menos seus primeiros propagadores na nossa Península: e que como estes, depois de serem longo tempo poderosos e livres, se submetteram a um jugo escravidão, debaixo do qual perderam liberdade e lingua, posto que se ignore, qual fosse a que fallaram estes primitivos habitantes das margens do Tago, assim como os que depois da dispersão d'estes se lhes seguiram até a occupação dos romanos, dos quaes restam ali muito poucos vestigios.

Um dos habitantes d'aquelle espaço que occupa quasi a parte em roda d'esta capital o nome de *saloios*, *saludos*, voz de origem arábica, que alguns entendem que se deriva de *Salt*, cidade marítima do reino de Marrocos, crendo tambem que d'ali fosse mandados vir povoadores para estes sitios. Eu duvido d'esta etymologia, porque não ha razão alguma plausivel que me mova a crer que para tal collaria viesse gente enviada de semelhante parte, nem e verosimil que os nossos reis chamassem em tempo algum a casta mourisca para morar em Portugal, e muí principalmente nas immedições da metropole.

Sabemos que, tendo el-rei D. Afonso Henrique conquistado esta capital em 1147, e consecutivamente um grande numero de castellos da Extremadura; e conhecendo quão importante era prover á povoação e cultura das terras, sem o que mal se poderia sustentar tamanha conquista: um dos meios que empregou para conseguir este fim foi o de consentir que os mouros, que habitavam os arredores de Lisboa, e outros muitos logares d'aquella provincia, fossem tranquillamente aldeados nas suas povoações, pagando ao seu novo soberano o que d'antes pagavam aos seus nacionaes, e vivendo debaixo das leis portuguezas, e á sombra da mais razoavel e benévola tolerancia.

Até mesmo rei deo, alguns annos depois, a estes mouros concedeu, que ainda se compulso nas ordenações e estatutos, e o mesmo favor gozaram outros muitos d'elles nas terras da referida provincia; politica que um seculo mais tarde, adoptou el-rei D. Afonso III e em os mouros do Algarve, e que vinte e sete annos depois foi imitada pelo sabio rei D. Diniz.

A vista do que acabo de referir parece muito mais razoavel a conjectura de que o nome de *saloios* se dava aquelles mouros que habitavam os contornos de Lisboa com respeito a alguma particular distincção, ou tuvet religioso, pela qual se suppozessesem classificados de alguma mais honrada tribo (2).

1) Phenices primi, fama si creditur, ausi

Mansuram rudibus vocem signare figuris.

Lucanus, Phæns. lib. III. 220.

C'est de là qui nous vient cet art ingénieux

De peindre la parole et de parler aux yeux.

BRIENNE, Phæns. lib. III.

(2) Esta conjectura, que mereceu a approvação dos meus illustres amigos os srs. cardinal patriarcha D.

É notavel que só nos contornos de Lisboa tomassem os mouriscos a denominação de *saloios*; e diz o precitado Miguel Leitão de Andrade na sua mencionada «Miscellanea» que os que ficaram conservando aquelle nome não desmentem a barbaridade da sua origem. Acho algum tanto barbara esta asserção, porque a luz do christianismo, e o trato e allianças que aquella gente foi tendo com a do paiz, de tal modo adogaram os seus costumes, que já no reinado d'el-rei D. Afonso III deu ella á toga e á mitra um dos seus maiores ornamentos em D. Domingos Annes Jarde, que da ribeira onde safu á luz teve o segundo sobrenome, doutor em theologia e direito canonico, chanceller-mór do reino, successivamente bispo de Evora e de Lisboa, e um dos prelados que, u'aquella idade de atrazo e de caliginosas sombras, concorreram com os seus cuidados e applicações para a fundação da nossa Athenas, que algum quiz alluir n'este seculo de luzes e de progresso: sendo muí interessantes as noticias que os nossos escriptores dão, e as observações criticas que colhi de um dos mais conspicuos do nosso tempo, (3) acerca d'aquella varão, que, ao sair da puericia, foi, por um feliz destino, levado da obscura choupuna paterna para a nascente e já brilhante escola da Sorbonna; fazendo tambem o acaso que, na sua ainda muí inferior condição de estudante, fosse em Paris conhecido do principe que o empregou depois de voltar como elle á patria, e que, no auge da sua fortuna, se fizesse o reconhecimento d'elle e sua mãe, a quem a sua piedade amparou em quanto viva e honrou depois de morta. Goriaram-se não menos os *saloios* de ter tido igualmente por conterraneos os dons illustres navegantes Gonçalo e Pedro de Cintra, que do seu bergo tomaram o appellido; o grande arcebispo primaz D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, nascido de paes humilades no pequeno logar da Terrugem; e o sabio archeologo Jeronymo Contador de Argote, natural de Collares: passando de cem os homens de talento para as sciencias, para as letras, e para as bellas-arts, que desde meado do seculo passado produziu aquelle circuito, onde, quando ali esteve por mais de meio seculo a corte, nasceram dous reis, dous principes, uma princeza, um infante, e sete infantas de Portugal (4). São os *saloios*, em geral, esquivos e grosseiros no trato, e tão astutos nos seus negocios, como tenazes nos seus sentimentos, propósitos e habitos: e, tendo elles impressa em suas feições a marca com que a natureza sinalou a raga d'onde elles provém, formam estes *arabes christãos*, ou *mouros baptizados*, uma casta sepa-

Francisco de S. Luiz, e Francisco Manuel Trigos, acha-se, em certo modo autorizada por Miguel Leitão de Andrade na sua Miscellanea do sitio de Nossa Senhora de Pedrogão Grande, e por D. Raphael Bluteau no seu Diccionario da Lingua Portugueza, artigo *Saloio*.

(3) O sr. cardinal patriarcha de Lisboa D. Francisco de S. Luiz.

(4) Os srs. D. João VI e D. Pedro IV, o primeiro nascido na Ajuda e o segundo em Queluz: Os srs. D. José e D. Antonio, nascidos o primeiro na Ajuda e o segundo em Queluz: a sr.<sup>ta</sup> D. Maria Thereza nascida na Ajuda: o sr. D. Miguel, nascido em Queluz: as sr.<sup>tas</sup> D. Marianna Victoria, D. Maria Dorothea, nascidas na Ajuda, D. Maria Isabel, D. Maria Francisca, D. Isabel Maria, D. Maria da Assumpção, e D. Anna de Jesus Maria, as seis primeiras nascidas em Queluz, e a ultima em Mafra.

rada da outra gente do campo (1), conservando nos nomes da maxima parte das suas terras, de seus rios, e de suas serras, vozés das linguas orientaes e africanas, as quaes juntas ás muitas que o nosso idioma contém, e com que damos a conhecer copia de objectos e productos naturaes, e outras muitas cousas correlativas da vida e artes camponesas, comprovam n'elles sensivelmente neste rosto ou cabo do occidente, juncado de reliquias da architectura que se seguiu á Bysantia, a sua filiação arabica e mourisca (2).

A boa saúde, robustez e longevidade dos *saloés* podem ser attribuidas, não menos do que ao seu temperamento, e á vida regularmente laboriosa que levam, aos ares puros que respiram, sobre tudo os que habitam na proximidade do mar; não se devendo imputar ao clima, mas á proverbial e inellexivel negligencia da auctoridade, a quem cumpre remover causas, que mui bem se podem tirar, da insalubridade de certos sitios, as febres intermitentes que de tempo immemorial devastam varias localidades, como o Tojal e Friellas, nas quadras do verão e outomno, e que todos sabem que não nem podem deixar de ser procedidas dos miasmas que saem das aguas estagnadas e das terras pantanosas, que ha perto d'aquellas povoações: passando geralmente por mui sadio o sitio de Queluz, onde, durante a invasão que a cholera-morbus fez, de 1832 a 1833, n'este reino, foram mui poucos, e quasi todos curaveis, os casos que ali houveram d'aquelle terrivel flagello.

(Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

(1) O abbadé José Corrêa da Serra, que deu aquelles dous epithetos aos habitantes dos arredores de Lisboa, com a mesma propriedade com que chamou *Mozzarabe* tudo o que é relativo ao culto dos christãos de Hespanha que descendem dos mouros e sarracenos, e *Adscititi Arabes*, arabes adoptivos, aos christãos de Africa e de Hespanha sujeitos aos mouros, encontrando um *saloé* conhecido pelo nome de *João Captivo*, que havia estado e estava muito em Argel, e que tinha todas as formas mouriscas, perguntou-lhe se elle havia sido *captivo li*, ou se era *captivo cá*.

(2) Como a etymologia é tambem uma antiqua lica espero que os meus leitores não levarão a mal que eu lhe dê uma pequena luz n'esta noticia, apontando em prova do que digo os seguintes nomes, tirados dos Vestigios da Língua Arabica em Portugal, por Fr. João de Sousa, augmentados e annotados por Fr. José de Santo Antonio Moura: *Abraça*, lugar: *Achada*, serra: *Achete*, lugar: *Alvarona*, lór: *Albarraque*, lugar: *Alhacra*, idem: *Al-Uroque*, especie de damasco: *Alal-Pegui*, lugar: *Alcachofra*, fructo: *Alcinça*, lugar: *Alcandor*, idem: *Alcança*, idem: *Alcande*, idem: *Alcanem*, idem: *Alcolena*, idem: *Alecrim*, arbusto: *Alfoea*, hortaliça: *Alfaquega*, lugar: *Alfarroba*, fructo: *Alfardana*, planta: *Alfizeirão*, lugar: *Alfoveira*, idem: *Algar*, idem: *Algobeira*, idem: *Almeirim*, idem: *Alc*, planta: *Alpediz*, lugar: *Alpedim*, serra: *Alvalde*, aldeia: *Alvaraque*, idem: *Alvidella*, idem: *América*, fructo: *Anafá*, aldeia: *Anconima*, lór: *Algés*, lugar: *Arifano*, lugar: *Arroz*, grão farinaceo: *Arceca*, lugar: *Asafora*, idem: *Asançoga*, idem: *Associra*, idem: *Atabão*, engenho ou machina de moer trigo, posta em movimento á mão, ou por bestas: *Alaja*, lugar: *Halabá*, idem: *Karolas*, fructo: *Azedia*, lugar: *Alchans*, fructo: *Lonha*, melão de

A INSTRUÇÃO DOS HABITANTES DOS CAMPOS EM WURTEMBERG.

No WURTEMBERG o edificio da escola é do ordinario o mais commodo de cada aldeia e não poucas vezes o unico notavel d'ella pela sua elegancia. Um mestre primario ganha o ordenado de 2000 rios annos, pouco mais ou menos, o que permite, se elle for mestre entre pessoas esclarecidas, a quem se permite uma occupação honrosa e livre de privações.

A instrução é obrigatoria até os quatorze annos. Uma junta de pessoas competentes escolhe regularmente a assiduidade dos alumnos: os paes respondem pecuniariamente pela exactidão de seus filios. Por occasião do recrutamento verifica-se se os recrutados tem adquirida os necessarios conhecimentos, e os que não são igualmente responsaveis quando seus filios não sabem escrever correctamente. Assim não ha tempo nem creião de servir que não saiba ler, escrever e contar com perfeição.

O traje das mulheres, posto que singular e humilde, revela muitas vezes a pobreza; o seu regimen é de uma solidão tal que toca as raizs das privações: mas todas têm uma instrução igual, e a sua intelligencia na desenvolvimento perfectamente conforme aquella instrução.

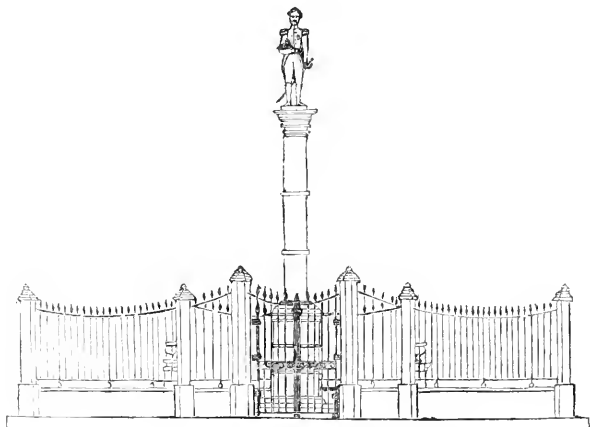
A educação n'aquelle paiz parece ser tão perfeita como a instrução primaria. O amor do povo, o zelo phylanthropico mais esclarecido e mais desinteressado parecem presidir á todas as accões das classes ricas do Wurtemberg: em nenhuma outra terra o amor do proximo se pratica tão geralmente com tanta assiduidade e com tanta franqueza. Em parte nenhuma as classes laboriosas são mais servigaes e mais respeitadas. Em parte nenhuma a moralidade é mais severa. Finalmente os wurtemberguezes são profundamente religiosos; mas a sua religiosidade é tão tolerante como sincera.

O governo contribue efficazmente para este resultado pela severidade inexcusavel com que vigia o procedimento dos funcionarios e dos magistrados, applicando leis que punem os grosseiros habitos dos homens ignorantes.

Os animaes são tratados com carinho e assiduidade.

agua: *Acquia*, presa para regar as terras: *Adra*, lugar: *Adulio*, serra inculta: *Bamora*, lugar: *Batro*, idem: *Balbecos*, hortaliça: *Batua*, idem, lugar: *Belaya*, herva: *Bollota*, fructo: *Boragão*, idem: *Busa*, arbusto: *Calana*, casa rustica: *Casana*, lugar: *Cabau*, peão meira: *Carnacida*, lugar: *Carrada*, idem: *Carelas*, idem: *Cerfar*, cordão de trigo maduro: *Celga* ou *Alga*, hortaliça: *Chalana*, numero de colunas: *Chupafra*, hortaliça: *Cosca*, o grosso do linho: *Cado*, numero de animas que se comem: *Lavença*, fructo: *Lando*, idem: *Mara*, varella: *Maya*, machida de grãos e farinha: *Melão*, machos avares: *Alhas*, lugar: *Mora*, montanha: *Cifal*, lugar: *Méficem*, idem: *Marciza*, lór: *Manga*, passaro com cuij, reclamo se chamam outros: *Mara*, macho, para tirar agua dos pozos: *Quinta*, fazenda: *Roa*, castiga de gado: *Rechia*, humor que se so que instalam em arvores: *Romão*, fructo: *Botão*, peixe: *Saramago*, herva: *Sádra*, a semente do trigo em quanto está em pé no campo: *Santa*, o rito ferro doarado: *Scira*, *Scirra*, *Scirinha*, variedades de parto: *Taba*, leite engrossado no leite com leite e ovos: *Togarro*, lugar: *Tumara*, fructo: *Umeiruelo*, idem: *Turo*, lór novo: *Túpa*, lór: *Tromago*, especie de legumio: *Faca*, a fmea do lór: *Ziracalzo*, herva medicinal.

Os instrumentos aratorios são em geral optimos, mormente a charrua e o arado; e os trabalhos executam-se com intelligencia, methodo e celeridade. E á instrucção primaria bem organizada e bem entendida que se deve este desenvolvimento intellectual e moral das classes laboriosas.



**MONUMENTO DE GOMES FREIRE.**

Um singelo monumento recorda hoje ao exercito portuguez os feitos e o infortunio de um dos seus melhores generaes.

Pertence a outro general portuguez, o sr. barão da Victoria da Batalha, a gloria da iniciativa e da execução de um pensamento eminentemente nacional, como foi pagar o devido preito de veneração ás egregias qualidades, que distinguiam um personagen illustre, sacrificado barbaramente a mesquinhas paixões politicas.

Gomes Freire d'Andrade, filho de Ambrosio Freire d'Andrade e Castro e da condeça Isabel de Schafgoch, nasceu em Vienna d'Austria aos 27 de janeiro de 1757.

Na campanha dirigida pelo general russo Potemkin contra os turcos tornou-se notavel o seu extraordinario valor e habilidade, cobrindo-se de gloria nos famosos cêrcos de Oczakow e Ismail. Fez, com general applauso, a campanha do Roussillon. Militou sob o estandarte do imperio francez. Depois da paz de Paris regressou a Portugal. As suas opiniões decididamente liberaes, e quiza a sua indisputavel superioridade e influencia, o apontaram á vingança do poder, sendo em 1817 prezo como se fôra um grande criminoso, conduzido á torre de S. Julião da Barra, e ali justigado a 18 de outubro do mesmo anno.

No sitio em que teve logar a execução foi que o sr. barão da Batalha fez erigir a elegante memoria que a nossa gravura representa. N'ella se lê a inscripção seguinte:

A' MEMORIA  
DO  
DISTINCTO E ILLUSTRE  
TENENTE GENERAL  
GOMES FREIRE D'ANDRADE  
VICTIMA  
EM  
1817.  
O SEU ADMIRADOR  
BARÃO DA VICTORIA DA BATALHA

GENERAL E GOVERNADOR  
DA PRAÇA DE SÃO JULIÃO DA BARRA  
LHE MANDOU LEVANTAR ESTE MONUMENTO  
COMO LEMBRANÇA DO EXERCITO  
NO  
ANNO DE 1853.

Sobre a porta do lobrego carcere, em que jazeu o desventurado general até ser arrastado ao patibulo, mandou o referido sr. barão gravar as quadras, que em seguida copiamos.

I.

Estes são os ferrolhos que viram  
Gomes Freire na prisão encerrado,  
Estas são as paredes que ouviram  
De seu peito o gemer abafado.

II.

Foi aqui onde maguas crueis  
Sobre a sorte da Patria sentia,  
Foi aqui onde a Patria liberta  
Que em mil sonhos feliz concebia.

III.

E d'aqui por cruel despotismo  
A morrer o heroe foi levado;  
Mas morreu qual sempre vivêra  
Como heroe portuguez e soldado.

SÁ MAGALHÃES.

No 9.º volume d'este semanario, primeiro da presente serie, encontra-se o retrato, e a biographia de Gomes Freire, escripta pela fluente e correcta penna do sr. Rodrigo Felner: n'ella encontrará o leitor curioso quantas noticias e informações poderia desejar sobre a vida, gloriosos feitos, e desastrado fim d'aquelle infeliz general.





POSSESSÕES PORTUGUEZAS — LOANDA.

QUANDO se falla em possessões portuguezas suppõe-se logo ruina e miséria. Não é porém felizmente acertado este juizo se se refere á donosa capital dos nossos vastos dominios na Africa occidental.

E de facto, a cidade de S. Paulo de Assumpção de Loanda é uma povoação grande, bem edificada em geral, agradável, e se não esta elevada ao grau de prosperidade de que é susceptível, como entreposto e emporio do commercio dos feracissimos sertões africanos, não só não se acha n'uma situação decadente, mas até pode affiançar-se que é hoje muito mais opulenta e importante do que nos dourados tempos do nefando trafico da escravidura, perdendo com a declinação d'este o caracter de *acampamento*, que a distinguia, segundo a energica expressão de um nosso elegantissimo escriptor e mais sabedor das cousas de Africa (1).

A cidade de S. Paulo de Loanda, situada na costa maritima, em 8<sup>o</sup> 48' de latitude S. e 22<sup>o</sup> e 10' de longitude E. de Lisboa, foi fundada no anno de 1576 pelo famoso conquistador Paulo Dias

de Novaes. Divide-se em alta e baixa: a cidade baixa estendese de leste a oeste desde a ponta da *Isabel*, onde o governador Luiz da Motta Céo mandou edificar um passeio publico, ate ao sopé do morro de *S. Miguel*, dominado pela fortaleza d'este nome.

Da cidade baixa partem diversas ruas, bem esgadas e alinhadas, que communicam com a alta onde se encontram os melhores edificios, tanto publicos, como particulares.

Entre os primeiros contam-se como mais importantes na cidade de Loanda os seguintes:

A casa da alfandega, com excellentes accommodações e armazens para deposito de mercadorias, um bom caes e ponte, na extremidade da qual foi ultimamente collocado um optimo guindaste de ferro, para commodidade e beneficio do commercio.

O trem nacional, em que se acham as officinas proprias para o fornecimento de exercito e marinha, mandado construir pelo intelligente e matigavel governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho em 1790.

A fortaleza de S. Francisco do Penedo, obra magifica do mesmo governador.

(1) O sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos

O antigo collegio dos jesuitas, parte do qual serve de residencia do reverendo bispo, e em que o governo mandou estabelecer um seminario, de que se espera grande proveito, bem como de outras providencias tomadas recentemente, e todas encaminhadas ao bem espirital da diocese de Angola.

A igreja de Nossa Senhora dos Remedios, que serve de se cathedral.

O palacio dos governadores, vasto e magestoso, a casa da junta da fazenda, o quartel do regimento de infantaria de linha, etc. etc.

O cemiterio publico foi edificado no alto das Cruzes, e junto d'elle se vê um terreno cedido aos inglezes para enterramento dos súbditos britannicos.

Vinha agora a pelo tratar da salubridade d'esta povoação. A opinião mais geral é-lhe desfavoravel, aleuando de mortifero o seu clima. Isto porém é inexacto, sem que possa dizer-se muy saudavel, esta Louanda bem longe de dever apontar-se como uma terra maldita, só propria para degradados.

Os depositos de negros que existiam sempre dentro da cidade, em quanto o commercio da escravatura era legal, constituam em certas epochas do anno verdadeiros focos de infeccão; taes depositos não os ha hoje. E o seu desaparecimento, coincidindo com os melhoramentos effectuados na cidade pela solicitude da camara municipal, influe do modo mais vantajoso no seu estado sanitario, sendo ali o movimento dos hospites inferior ao de alguns de povoações européas collocadas em melhores condicões.

O porto de Louanda é seguro e abrigado para n'elle ancorarem navios de todos os portes, e fica entre a terra firme e a ilha de Louanda, a meia milha de distancia. É defendido pelas fortalezas da Conceição, S. Pedro da Barra, Penedo e S. Miguel, guarnecidas de 118 bocas de fogo.

A policia é feita com toda a regularidade por uma companhia de seguranga publica composta de 82 praças. Para acudir aos incendios ha outra companhia de 27 negros libertos.

A população da provincia sobe a 500:000 habitantes, e a da capital a 14:355, distribuidos por 6:34 fogos, em 10 praças, 13 ruas, 26 travessas, 2 largos, 12 bacos, 9 calçadas, nas quaes ha 173 casas de sobrado, 241 botecos, e 2:333 quintas.

Para se avaliar a importancia do commercio de Louanda, basta ainda indistinctamente inferior ao que pode ser, basta ará dizer que o seu movimento é avaliado em 1.600:000 réis annualmente.

Tal é quanto em poucas linhas pode dizer-se da capital dos dominios portuguezes na Africa occidental, e chamadas pela sua fertilidade e pela riqueza dos seus productos ao mais brilhante futuro, se abandonando o nosso antigo systema de ineracia, quizermos de uma vez levar os benefícios da civilisação as regiões que nos legaram nossos antepassados.

#### DESCRIPÇÃO DO PAIS E DA SUA HISTÓRIA DO PAIS DE LINDA DO VALE DO

VALENDO-ME, pela quasi completa insufficiencia dos meus conhecimentos em geographia, para dar uma idea do aggregado de pedras que formam o solo em toda de Lisboa, da descripção que d'elle fez o sr. Henrique Frederico Leuck na sua obra intitulada: "Journey through Portugal, e sentindo não ter visto outras, que sobre o mesmo assumpto têm apparecido, disse que: aquella chão é feita de basalto, e de outras sortes de pedra calcarea; e que, pre-

sentando-se esta n'alguns sitios á flor da terra, branguisimã, pouco porosa, e boa para a architectura, mas, por moi fragil, impropria para a estatoaria; encontrando-se, sob outras camadas, em varias barreiras das duas margens do Tejo, uma especie distincta formando um só petrificado, o basalto começa junto ao mar, e segue por Queluz e Bellas, d'onde unido ao que em monteculos acompanha o aqueducto da Agua-Livre (1), d'ali se estende a logares coberto de outra pedra calcarea, até á Cabeça de Montachique. Notando o sr. Leuck, que em Portugal só se acha aquelle marmore negro em Lisboa e seus arredores, e o cabo de S. Vicente, que foram as partes onde o grande terremoto do 1.º de novembro de 1755 se fez sentir com mais fôrça, o que abona a opinião dos que pensam que aquelle marmore, encerrando grandes camadas de carvão, dá alimento aos fogos subterraneos que occasionam aquellos phenomenos e os volcões, não pareceu menos digno de reparo áquelle viajante que o famoso tremor de terra a que alludi não fizesse tanta impressão em Bellas, situada na linha do basalto, como n'alguns bairros de Lisboa, fundados sobre outra qualidade de pedra calcarea; podendo ser que elle, em tempos moi remotos, fosse aqui impellido para cima por effeito de alguma similhante concussão; e que os abalos que n'esta capital por vezes tem havido sejam causados pelos esforços que a natureza faz quando sobrevem aquelles impulsos; sendo esta uma das muitas hypotheses que se tem feito para mais facilmente poder explical-os, e que ainda carecem de prova. Fallando o mesmo observador particularmente do solo de Bellas e suas visinhanças diz que se encontra ali, alora do basalto e de outras pedras calcareas, terra arenosa, e que d'ella vêem diversas fontes de agua mineral, que n'esses sitios via, e que lhe pareceu vitriola ha e contendo pouco oxygenio. No Estoril, logar pouco distante de Cascaes, rebenham tres olhos de aguas thermaes, de que em certas molestias se tem tirado muy grande proveito.

Dos rios que em tres veias banham Queluz e suas visinhanças, tomando successivamente os nomes das terras d'onde brotam, por onde passam, e onde se lançam no Tejo, tem, por sua abundancia e pelo grande beneficio que faz a metropole, a primazia o da Agua-Livre, assim chamado porque d'aute corria todo n'um só alveo para o povo, facilitando-lhe o poder regar os seus pomares, e fazer trabalhãr suas arzenhas atrela mesmo no ardar da canicula. Borbulham estas aguas n'uma bacia circular, e sob uma abobada, nas faldas de um outeiro declive, e, bem que arvel, inculco, que, entre ardes e fragoros montes de basalto e de outras pedras calcareas, se ergue, e fecha para a banda do norte o valle, tambem nú de plantas, e que, elevando-se gradualmente, deixa ver nos campos e collinas que d'ali se vão avistando de ambos os lados quanto pode, com ajuda de alguma industria, produzir um terreno fecundo debarato de um e o creador. Pertencia ha cinco seculos este chão a um João, ou Jehan Pires (2) que o vendeu

1) E assim, no singular, e não no plural, como vulgarmente se usa, que este nome deve ser pronunciado e escripto: e, n'um fragmento das antigas *Inquilições*, que se conserva no Real Archivo da Torre do Tombo, pag. 1.ª, marg. 2.ª, n.º 18, que parece ser do anno de 1220, reversendo-se os bens que a ordem de S. João de Jerusalem possuia em Lisboa, Cintra, Torres-Vedras, e seus termos, se nomea, entre elles, *uma bag granja in Apud Libera* (sic). Veja-se a Nova Malta Portuguesa, n.º part. 1.ª, § 91.

2) A escriptura original d'esta venda foi-mo

aos conegos regrantes de Santo Agostinho do mosteiro de S. Vicente de Fora, d'onde, por outra transacção, passou para a ordem de S. João de Jerusalem, vindo depois, como pertença de uma das comendas inherentes ao priorado do Crato, que andava anexo á, hoje extincta, casa do infantado, a incorporar-se nos bens nacionaes (1).

Se os restos, existentes no cimo do outeiro ainda chamado da *Quintam* proximo ao monte de Mira ou do *Emir*, de uma casa de campo acastellada pelo estylo mourisco, a que a gente da terra dá o nome de *Palacio do Rei Mouro*, são evidentes signaes de ter ali habitado uma grande personagem d'aquella nação, não sei como, com os seus olhos desentendimentos, o nosso exímio artista Francisco de Olanda (2), pudesse ver um receptáculo, e um começo de cano, feitos pelos romanos, para recolher e levar a Lisboa a corrente da Agua-Livre, em duas antiguidades tão contradicantes d'aquelle intento como são um muro que acima das nascentes, e em frente das ruínas, de que fallei, atravessa a ladeira, e, tocando pelos topos duas rochas, tem visos de represa de aguas, que d'ellas escoassem, para formar um lago, e um pedaço de via subterranea, e talvez estrategia da mesma era, com diregção, não a Lisboa, mas a Cintra: o que prova que o modo ou moda de ver ou dizer que se viu o que não é, nem pode ser, é um fado ou sestro mui antigo dos historiadores nacionaes e estrangeiros da nossa terra. A rei D. Manuel lembrou-se de fazer conduzir a Agua-Livre a Lisboa onde queria que corresse n'um grandioso chafariz, que no tempo do sr. D. João III se fez, pelo desenho que deu Francisco de Olanda, no loguo, hoje praga de D. Pedro, onde depois se construiu outra obra do mesmo genero com a estatua de Apollo, e paralela a que com a figura de Neptuno havia no Terreiro do Paço, allegorisando-se n'aquelle desenho, Lisboa, como Senhora do Oriente, cercada de quatro elefantes lançando agua pelas trombas, como se vê no esboço que contém o ja citado manuscrito do referido artista. Tambem o nosso sábio e patriótico infante D. Luiz trabalhou para que seizesse transportar aquella corrente para a Ribeira das Naus, em ordem a que as de India d'ella fizessem as suas aguadas; e dizem Luiz Marinho de Azevedo na sua obra intitulada a *Fundação, Antiguidades e Grandezas de Lisboa*, e o padre João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*, e que o senado da camara de Lisboa tinha, no reinado do sr. D. Sebastião, juntos, para fazer as despesas d'esta obra, seiscentos mil cruzados, que se gastaram nas festas que se fizeram pela entrada de Philippe II n'esta corte, fastidiosamente descriptas por João Baptista Lavanha, pelo padre Afonso Guerreiro, e por Francisco Rodrigues Lobo. Se aquella rei, a quem só o ministro que o fez pequeno chamou grande, se puzesse em bellão, duvido de que, mesmo entre os seus hespanhoes, houvesse alguém que lançasse para arremata o um unico cruzado. Estava reservado para o reinado opulento, e, a muitos respeito, produtor de accões regias do sr. D. João V o fazer esta obra.

Decretando-se e principiando se a fazer, sob a di-

recção do brigadeiro Manoel da Maia, mestre de mathematica dos principes, este encanamento (que começou a servir em 6 de agosto de 1732, e cunho de 1738, como por engano se dizia na Bibliotheca Familiar e Recreativa) com o intento de transportar unicamente o manancial da chamada *Mãe d'Agua Velha*, de que acabo de fazer menção, e que bastou para prover tres grandes chafarizes de Lisboa; introduziram n'elle, ainda em vida do fundador, a rica nascente da denominada *Ponte Santa do Leão*, mettendo-se depois no mesmo aqueducto, durante os reinados do sr. D. José e da sr.<sup>a</sup> D. Maria I. uma grande porção de agua proveniente das nascentes ditas de *D. Maria*, de *Brulho*, e de *Caneças*; e, ja em tempo do sr. D. João VI, outras muitas e mui abundantes fontes que junto áquelle soberbo cano artificial se foram successivamente descobrindo.

Começou esta obra sómente com o fim de aproveitar o rio e excellente manancial, chamado antes da *Quintam*, e hoje a *Mãe d'Agua Velha*, que era o unico que então se conhecia, e que passou a ser recolhido n'uma bacia, em forma circular, de sete palmos de diametro, e de boa cantaria, collocada no meio de uma bella rotonda, aclarada por uma bem fabricada clara-boia, e guardada de dous assentos de pedra. Quando no estio de 1810 ali foi em companhia de dous amigos (3), não pude sondar a profundidade d'esta fonte, que por si só bastou para prover tres dos principaes chafarizes de Lisboa oriental, por conter varias camadas de cascalho que evitam que a agua passe a arçada do tanque para o aqueducto, que ali começa, e recebe tambem desde o tempo do rei fundador o mui abundante manancial da *Ponte Santa do Leão*, que fica mil e oitocentos palmos distante. Achando-se nos reinados do senhor D. José e da senhora D. Maria I mais seis nascentes nos logares de *D. Maria*, *Brulho* e *Caneças*, foram logo diligente e intelligentemente encaminhadas e recolhidas a uma segunda rotonda, não menos vasta e bem fabricada que a primeira, e sita n'um terreno mais elevado, o que faz que as aguas que saem d'esta denominada *Mãe d'Agua Nova* vão por um cano inclinado eir com marmuro no aqueducto em um sito que por isso tem o nome de *Quilã d'Agua*. Continua aquella magestoso encanamento ao lado do antigo leito de toda a corrente da Agua Livre até dar de rosto com a ponte de Carquepe, e tomando ali pelo lado esquerdo para a Porealhota, afim de receber os subsídios que lhe dão as terras denominadas dos *Gallegos* junto ao *Casal do Castello*, e a fonte de *S. Braz*, atravessa depois por baixo da estrada para a parte da ermida da quinta do Galvão, e d'aqui se melinda a buscar a raiz do logar da *Fragosa*, e segue até ao da *Buraca*, onde a mananciaencia do senhor D. João VI lhe viuclou, em 1825, mediante um longo e excellente cano, o rio manancial descoberto junto a quinta de *Silveira*, como se vê n'uma lapide que está n'aquelle sitio (4). Do logar da *Buraca* vai o aqueducto a alegre aldea de Calhariz, onde termina a alta serra de *Mourente*, e prolongando-se durante do antigo e historico convento de S. Domingos de Beufica, tão gentilmente debuxado por uma

(3) Os srs. José Jorge Laureiro e Ernesto Biester.

(4) As inscripções que se lêem n'outras partes do aqueducto não são as primitivas, mas as que, em melhor latim, se fizeram no reinado do senhor D. José; tendo-se posto nas primeiras a data de 1738 e nas segundas a de 1738, o que denota ter havi lo engano nas ultimas.

mostrada pelo meu saudoso amigo o sr. Ernesto Biester, proprietario de um predio vizinho que herdou de sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Anna Luiza Verdor de Lousada.

(1) Veja-se a Nova Malta Portuguesa.

(2) Veja-se a memoria manuscrita d'este artista, intitulada a *Fabrica que fallece a cidade de Lisboa*, e doada pelo sr. marquez de Borba a nossa Academia Real das Sciencias.

das nossas melhores pennas do genero descriptivo, e tão cheio de recordações saudosas (1), e de cinzas illustres, avança até ao monte das *Tres Cruzes*; e sobranceiro a *Campolide*, ou *Campo da lide* de portuguezes com hespanhoes, e ao pequeno rio, em cuja ponte se disputou a invasão de Philippe II, offerece o gigantesco aqueducto, atravessando o valle por onde mansamente corre aquelle ribeiro, o bello e magnifico aspecto de trinta e seis soberbos arcos de pedra, quatorze dos quaes são de forma gothica ou pontaguda, e os outros semicirculares, occupando todos o espaço de dous mil outocentos e cincoenta e sete pés: tendo o maior, e por tantas vezes funesto, d'aquelles arcos, no sitio do *Carvalho*, que jaz na maior profundez d'aquelle valle, cem pés e tres pollegadas entre as duas pilstras da sua base, duzentos e quatorze pés de altura até ao parapeito, e vinte e quatro pés e quatro pollegadas de largura (2).

Tem o aqueducto interiormente a forma de um immenso corredor, ou mina artificial, de sete palmos de largura, e quatorze de altura, proporções a que não chegou algum dos aqueductos romanos; praticando-se pelo meio d'elle um passeio de tres palmos de vão primorosamente laceado, e a cada lado um encaunamento de marmore que recebe quarenta e duas manilhas de agua em palmo e meio de bóca e palmo e quarto de alto. Os canos são cobertos de abobada, que de espaço em espaço têm claras-boias e portas afim de se poder ali fazer a limpeza e os concertos necessarios. Uma das singularidades d'este aqueducto é vir n'elle currendo a agua horizontalmente, sem o menor declive, proporcionando-se sómente, de distancia em distancia, os meios de a fazer cair por effeito de linhas perpendiculares em forma de degraus que indicam quanto sobe ou desce.

O senhor D. Pedro, duque de Bragança, e regente em nome da rainha, concluiu a obra do sumptuoso receptaculo das Amoreiras, d'onde as aguas por varios encaunamentos se repartem pelos chafarizes, estabelecimentos publicos, e muitas casas e jardins particulares em todos os diferentes bairros, conservando-se sempre n'aquelle vasto deposito a quantidade sufficiente para por tres mezes abastecer a capital, caso aconteça, como em 1833, ficar interrompida a conducção d'aquellas aguas.

(1) Les loix ont prononcé: tous ces réduits austères  
Out deponille leur denil, leurs chaînes, leurs mystères;  
Mais quoique leurs parvis, leurs autels soient deserts  
Au cœur malcontent ils restent toujours chers.

LEGGUVE.

(2) No 3.<sup>o</sup> volume das Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa acha-se a primeira analyse das aguas do aqueducto chamado das Aguas Livres, feita em 1791 por Domingos Vandelli, que áquella trabalho juntou varias observações muito importantes relativas ao referido aqueducto, não sendo menos dignas de attenção as que fez tambem o padre Estevão Cabral, outro eximio academico, e se acham igualmente consignadas no sobredito volume, ácerca d'aquelle importantissimo objecto de utilidade publica d'este municipio.

Já depois de mandar para a prensa a 1.<sup>a</sup> parte d'este artigo tive, pela obsequiosa intervenção do sr. conde de Linhares, que está em dia com tudo o que toca a sciencias naturaes e physico-mathematicas, em que é mui versado, conhecimento de duas interessantes memorias compostas uma por Sir Roderick Impey Murchison, e outra por mr. Daniel Sharpe, contendo muitas e mui curiosas noticias geologicas dos contornos de Lisboa, tanto mais im-

Esta portentosa fabrica, tão admirada dos nacionaes, como dos estrangeiros, e que no sentir do architecto inglez Murphy, é um dos melhores monumentos da architectura moderna, que não cede em cousa alguma aos d'este genero, que nos deixaram os antigos, tem todavia, como observa este mesmo escriptor, algumas imperfeições que ferem a vista e se oppõem aos precitos architectonicos. Nota elle, que as dimensões de alguns dos vinte e seis arcos, não têm entre si, conforme as regras da stercotomia, uma diminuição em progressão geometrica. O outro defeito mareado pelo referido viajante consiste na differente forma, por que o architecto, que fez a planta do aqueducto, encurvou os quatorze principaes arcos d'elle, tendo uns, (como já dissemos) a forma gothica, ou pontaguda, e outros a semicircular; talvez pelo receio de que encurvando todos d'esta maneira, ficassem nimiamente largos, por ser então mister fazel-os mais pezados, que os pontagudos, para se conservar o equilibrio.

Antes de se fazer esta obra seguia o rio da Agua Livre o seu curso pelo leito, a que servem de cortinado mui bellas arvores silvestres, e por onde hoje corre o arroio formado da superabundancia de agua, que no inverno se despeja do aqueducto, e da que depois de repassados, expulsam os montes visinhos, indo então toda aquella corrente, como agora vae só uma escaga parte d'ella, pelo valle de Careque até ao logar do mesmo nome; d'onde passando pelo sitio chamado *Quintellas* segue até ao portão que dá entrada á quinta de Queluz do lado do sul; e juntandose ali com o rio *Chicola*, que nasce no casal da *Carregueira*, e banha as quintas do Bomjardim, e de Bellas, onde se une ao rio da *Castanheira*, que tem sua fonte no casal de *Broco*; e de Queluz vão todos estes rios n'uma só corrente por *Jamor*, d'onde ella toma o nome, a *Linda Felha*, *Linda Pastora*, *Valejas* e *Cruz Quebrada*, onde, junto ao forte, se mette no Tejo.

A segunda veia, tambem formada de varios ribeiros, tem sua origem em *Valle de Lobos*, d'onde cortando pelo *Casal da Matta*, pela *Jarda* que lhe empresta o nome, e pela *Aqualva* vae a *Bar-*

plas, e, a todos os outros respeitoos, mais preciosas que as de que fiz menção, quanto é certo que o ramo da historia natural, a que aquelles dous homens scientificos se deram, e que a sociedade de que são membros tem por objecto, é um dos que ha trinta annos a esta parte, e seguindo os feroes de Cuvier e de Humboldt, tem feito maiores progressos. Sinto que a circumstancia de me chegarem tarde á mão aquellas memorias, a primeira das quaes tem por titulo *Siluria*, e a segunda, inserida nas *Transactions of the Geological Society of London*, intitulada *On the Geology of the neighbourhood Lisbon*, ambas impressas n'este anno, procedendo a ultima de uma viagem que o auctor fez, para este fim, a Portugal depois de 1832. me não permittam, bem como as pequenas dimensões do quadro que pinto, transcrever algumas passagens das bellas descrições que ali vêem das differentes pedras calcareas, e das varias especies de basalto, que formam o solo de que trato, e das diversas configurações com que aquelle marmore negro ali se apresenta, e outras muitas observações e conjecturas inteiramente novas, que ambos os escriptores, em referencia ao mesmo terreno, fazem ácerca das causas dos terremotos, e sobre outros effeitos da natureza.

carena, onde faz trabalhar a fabrica da polvora, e trocando a denominação que trazia pela d'este logar, toma junto a *Lecia* para *Laveiras*, e vae desembocar no Tejo junto ao forte de S. Bruno em frente de *Carias*. Finalmente o rio de *Algés* nasce n'um outeiro fronteiro ao logar de *Monsanto*, e augmentado com as aguas, que recebe de um regato que brota por cima de *Outorella*, atravessa a quinta das *Romeiras*, e subjugado por uma ponte de pedra vae misturar suas aguas no Tejo perto do forte da Conceição em *Pedraços*.

Finalmente, e para cabal desempenho da obrigação, que me impuz de dar uma descripção physica do territorio, em que estão situados o paço e quinta de Queluz, mencionarei uma gruta natural, que não longe d'alli se encontra nas vertentes do pequeno monte de *Suimo*, e a que a gente do paiz dá o nome de *Mina*, onde, como diz Cardoso no seu Dicionario, v. *Bellas*, o clarão de uma luz introduzida no interior da caverna lhe dá a apparencia de um rico salão forrado de finissimos galões de ouro. Tanto ali, como na proxima villa de *Bellas*, acham-se jacintos, granatas e outras pedras preciosas, de que está cravejada a custodia da ermida do Bom Jardim, pertencente ao sr. conde de Redondo. Acerca dos jacintos de *Bellas*, veja-se Luiz Marinho, *Fundação, Antiquidades, etc. de Lisboa*, liv. 1.<sup>o</sup>, cap. 6.<sup>o</sup>, pag. 23, e os auctores que ali cita. Deve ver-se tambem a *Memoria Geognostica* do sr. barão de Eschwege, no tom. 2.<sup>o</sup>, part. 1.<sup>a</sup> das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 262, com os additamentos e notas do sr. Alex. Ant. Vandelli, que vem no fim d'ella, a pag. 284 do mesmo tomo. Ahi diz este annotador: «É sem duvida, que os basaltos das visinhanças de *Bellas* contêm granatas,» o que já era conhecido pelo padre Antonio de Vasconcellos, *Descript. Regn. Lusit.* tit. de *lapidibus*, n.<sup>o</sup> 4, como refere Luiz Marinho. Vejam-se tambem os já citados naturalistas inglezes Murclinson e Sharpe. O celebre mineralogista Renato Haüy, que eu tive a fortuna de conhecer e tratar durante a minha primeira estada em França, possuia *basaltos com granatas de Bellas*, que lhe levou de Portugal o tambem celebre naturalista francez Geoffroy de St. Hilaire.

Diz-se que aquella chamada *Mina fóra*, bem como outras terras, e direitos em *Bellas*, propriedade da senhora D. Brites, mãe de el-rei D. Manuel, mas não foi d'ella que veio a quinta de Queluz aos nossos principes.

(Continua.)

MARQUEZ DE REZENDE.

#### UMA VOCAÇÃO.

ENTRE nós as letras e a poesia ainda não constituem uma profissão. Estimam-se, e ás vezes applaudem-se; mas não alcangaram ainda a protecção e o estímullo, que as anima e faz viver.

Estamos muito mais adiantados; lê-se já o triplo do que se lia; o gosto aperfeiçoou-se; porém achamo-nos por ora bastante longe d'aquelle desenvolvimento, que torna a vida litteraria uma carreira, independente e segura, como as meliores.

Em Portugal o auctor mais apreciado difficulosamente poderia subsistir do trabalho da sua penna.

Esperemos que dentro em pouco succeda o contrario; por em quanto a gloria excede o provicito, e os elogios são mais do que os leitores!

E entretanto os engenhos elevados e as vocações sinceras não faltam!

Estabelecida a comparação com as nações cultas e populosas não nos vencem, como de repente poderia suppor-se.

A França dispõe de meios intellectuaes, com que só rivalisa a Allemanha; e a sua lingua quasi universal proporciona ás boas obras, e até ás mediocres, o mercado do mundo.

A convivencia, a polidez, e a critica discreta conservadas pelo uso da sociedade e pela conversação espirituosa auxilliam as manifestações do talento; e as musas ligeiras sorriem a miúdo na lyra das Saphos modernas.

O sexo mimoso não se contenta com o sceptro da formosura; reina tambem na provincia das letras; correngido pela brandura natural e pelo tacto delicado as asperzas do estylo, e apurando as formas em que a arte molda os seus primores.

Se a idéa perde em vigor, ganha em agrado e em verdade. Os segredos do amor, as paixões intimas, e a eloquencia dos sentimentos ternos, quem lhe leva a palma em as avivar? A côr fina e transparente: a negligencia elegante, toda graças; e a melancolia meiga e desalfectada, que une uma lagrima a um sorriso, enlevam nas paginas de um livro, attraem nos versos fugitivos de uma canção, repassando-se da seducção irresistivel que a belleza insinua em todo.

Uma litteratura em que não entre, como elemento vivificante, esta inspiração, amena e sensivel, hade resentir-se necessariamente, sobressaindo nas cousas serias e profundas, e errando a cada passo nas que tiram o effeito e o applauso da expressão exacta dos affectos e da interpretação da existencia interior em varios aspectos.

Esta condição, que nos faltava, e que suppria apenas o instincto de algum escriptor privilegiado, começa a ser menos rara.

Embora ainda, com recato demasiado cioso, se escondam da publicidade, ao menos hoje as senhoras cultivam as artes, e prezam-as, como consolação e recreio.

As suas leituras e os seus ensaios romperam aquelle circulo fatal, que partia de Anna Radcliffe e fechava em Arlinecourt; e á medida que os costumes e o exito forem animando as tentativas ao principio timidas e balbuicantes, a sua esphera ha de alargar-se e os horizontes hão de descolhir-se.

O tempo é quem pode consumir esta revolução. Confiamos n'elle, e no impulso invencivel da civilização, e acreditamos que não vem longe o dia, em que poderemos saudar a aurora de algum talento feminino, digno de competir com os de fora.

As margens do Mondego, nos logares encantados que viram os amores de Ignez, e aonde a tradição não cessa de chorar o seu tragico desenlace; occultata entre os ramos dos bellos salgueiros debruçados sobre as aguas, encontra-se uma d'essas vocações, que para crescer e subir aonde lhe é licito alçar, só carece de espaço e resolução.

A sr.<sup>a</sup> D. Maria Candida de Carvalho Cootinho do Vasconcellos recebeu os dotes de coração e de intelligencia, com que as musas consagram os seus eleitos.

Entregue ás proprias reflexões, regando os estudos mais pelo instincto, do que por direcção alheia, e formando o estylo e o gosto, separada de todos os auxilios, que os aperfeiçoam, conseguiu a sós consigo o que só o ingenho nobre alcança.

Ousámos affirmar que a sua prosa em graça desalfectada, e em singeleza elegante não deslustra os modcos, que se propot.

Em verso a suave melancolia, e o toque mimoso de alguns troços, e sagadam o que se desejará de mais na entonação de certas estrophes, e no acabo lo geral das pegos.

A mimica é permittido começar pelo fim; e a critica imparcial o que tem a verificar não é a perseguição arrolada, que excede as poses do lavor humano, mas os rasgos e as qualidades, que o escriptor revela nos primetos passos, e que são as promessas autheuticas do seu talento.

A sr.<sup>da</sup> D. Maria Candida Coutinho escreve por distração, e não para apparecer; e por inclinação, e não por orgullo preza as artes. Como todos os que são favorecidos da poesia sentem a sensibilidade trasladar, a alma abraçar-se, e a lúca vestir a forma, e voar do coração.

Os segretos que o habito ensina a composição, as gradacões, que o auctor seguro do estylo e da lingua sabe introduzir, a reflexão e a lima, que o gosto mette de porreio entre o primeiro impeto e o ultimo molde, não se aprendem senão da critica, do uso de escrever, e de feita comparação de muitas obras primas.

Seria uma honra dizer que ella as possui, e mas e uma verdade assegurar, que tem poderes para as obter.

Na escolha dos assumptos consiste a grande difficuldade dos que principiam a pizar a scena litteraria. Os mais elevados assoltam, amedanhando com o proprio; e os outros não chegam para o ardor e vehemencia da musa inexperencia.

O generoso, offerecen-to-se na apparencia como o mais facil, e o mais arduo na realidade para se tratar com novidade. Para o dominar precisa se de ser senhor da forma, contento do enthusiasmo e a paixão nos limites da verdade.

Não asseguramos, que as poesias, que vimos da sr.<sup>da</sup> D. Maria Candida Coutinho o conseguem sempre; mas entendemos, que persistindo, o ha de conseguir. Admiramos trechos que promettêm muito.

Publicamos alguma vez algumas das suas poesias para darmos idea do estylo; e fazemos votos para que seja estampo o um o manne intimo, que nos affietam estar concluido, e merecer o mais sincero louvor.

Atenuando uma vacação que julgámos verdadeira, não exageramos o elogio, nem carregamos a critica. Guardamos a medida, que a justiça pede.

A honra é uma offensa ao legitimo talento. A verdade excessiva desalenta sem proveito.

L. A. RIBEIRO DA SILVA

## OS IMPERIOS BYZANTINO E OTOMANO

### XXI.

*Estado do imperio ottomano no principio do anno de 1804: revolta em Adrianopla, e suas consequencias: lucta de infantizas estrangeiras em Constantinopla; perverba a franceza; guerra da Russia e da Inglaterra contra a Turquia; mudança da politica ingleza para com o sultão; revolução militar e popular na capital.*

O RESTABELECIMENTO da paz com a Franca deu pouco repouso a Turquia, pois que a lucta no exterior foi substituida pelas desordens e commoções intestinas. A Bulgaria e a Thracia eram infestadas de numerosos bandos de malfeteores, que roubavam e devastavam as povoações. Em Belgrada tinham logar

horriveis scenas anarchicas. Os janisaros, que compunham a guarnição d'esta praça, irritados contra as reformas de Selim III, tinham-se insurreccionado, assassinando o governador, e commettendo na cidade toda a casta de crimes. No Epiro continuava a lucta com o pachá de Janina, declarando-se sempre a victoria pelo governador rebelde. Na Servia haviam as intrigas da Russia excitado Jorge Petrowitz a proclamar a independencia d'esta provincia.

Ao mesmo tempo que o sultão se achava a braços com tantos elementos de dissolução no interior, as relações exteriores iam tomando uma face desagradavel, que dava bastantes cuídlas ao divan.

Apesar de ser passado mais de um anno depois que as tropas francezas evacuaram o solo do Egypto, achavam-se ainda occupados, pelas forgas da Grã-Bretanha, Alexandria e outros pontos d'aquelle paiz. As evasivas com que o governo d'esta nação respondia ás reiteradas instancias do gabinete ottomano para a prompta saída das tropas inglezas do Egypto, caovavam ciume e serios receios ao sultão. Posto que a sua auctoridade neste paiz fosse quasi nominal, pois que os beys se haviam apoderado de toda a influencia e poder, Selim III não podia ver prolongar-se n'aquellas terras a occupação militar de uma nação tão poderosa como a Grã-Bretanha, e á qual tantas vantagens commerciaes proporcionava a posse de um territorio, que era a passagem natural da Europa para as Indias orientaes.

Voltando os olhos para as fronteiras o quadro não era mais lisonjeiro. As fundadas queixas, que o governo turco apresentava contra a Russia pela parte que esta potencia tomara na sullevação da Servia, accresceram depois varios actos de hostilidade commettidos pelas tropas russianas contra as fronteiras da Turquia.

Tal era a situação do imperio ottomano nos principios do anno de 1803.

No mez de março d'esse anno o governo inglez, cediendo enfim as vivas sollicitações da Porta, mandou retirar as suas tropas do Egypto. O divan, aproveitando-se então do estado de abatimento em que as victorias de Bonaparte deixaram a intrepida milicia dos mamelukos, fez com que o governador actualis-se os beys mais influentes, parte a cidadella do Cairo, e parte a bordo da esquadra turca, e ahi os assassinasse barbaramente.

Pouco depois rebentou de novo a guerra entre a Franca e a Inglaterra. O sultão declarou que guardaria a mais stricta neutralidade, e para a sustentar procedeu a grandes armamentos navaes e terrestres.

A exaltação de Napoleão ao throno imperial da Franca, os seus triumphos na campanha que se seguiu a este grande acontecimento; e mais do que tudo a batalha de Austerlitz e a occupação de Vienna pelos exercitos francezos, produziram muita sensação em Constantinopla. E essa impressão, em que se confundiam os oppostos sentimentos de satisfação pelo abatimento do imperio d'Allemanha, e de terror pelo engrandecimento da Franca, e pela aproximação de um inimigo tão audaz, e tão poderoso, exerceu manifesta influencia na politica do gabinete ottomano, como ao diante se verá.

Entre as medidas de defeza empregadas por Selim III para se precaver contra todas as eventualidades, que se pudessem dar na extensa lucta, que se ateava na Europa, foi uma das principaes a organização de um exercito acampado junto aos muros de Adrianopla, d'onde facilmente se podia dirigir a qualquer ponto da fronteira, que demandasse a sua presença. Querendo o sultão collocar esta força no



declarou oficialmente guerra á Inglaterra, e que celebrou tratado de alliança com o imperador Napoleão.

O governo inglez, a quem esta alliança contrariava sobremaneira, tratou logo de mudar de politica, na esperanza de conseguir pela brandura o que não pudera alcançar por meio da força. Portanto, em vez de acceritar a luva, que o sultão lhe lançava, mandou retirar as suas esquadras das costas da Syria, e do Archipelago, e tomou as necessarias medidas para que cessassem as hostilidades por parte da Grã-Bretanha.

Em quanto estas cousas se passavam, progredia a guerra da Russia com a Porta. Os principados do Danubio achavam-se inteiramente occupados pelos exercitos russianos, e os Dardanellos bloqueados por uma esquadra de vinte e duas velas da mesma nação.

Uma batalha naval, em que os dous contendores apregoaram victoria, mas na qual ambos ficaram muito mal tratados, desaffrontou o canal da presença do inimigo.

Causou este resultado bastante satisfação na capital, e animou o governo a promover com mais efficacia os meios de defeza contra a aggressão russiana. Ordenou-se um recrutamento geral; mandaram-se vir tropas das provincias asiaticas; e o grão-vizir Ibrahim-pachá partiu para Chumla, a fim de tomar o commando em chefe do exercito ottomano.

Posto que o sultão se absteve de mandar para o theatro da guerra os regimentos do *nizam djedid*, como desejava, e convinha aos interesses do paiz, se não fôra o receio de conflictos, viu-se contudo na precisão de os chamar para as margens do Bosphoro, onde lhes confiou a guarda de varios pontos importantes. Esta medida, que os grandes movimentos militares tinham feito indispensavel, proveou, ou para fallar com mais exactidão, forneceu o pretexto para uma revolução, que expulso do throno a Selim III. e proscreeu todas as suas reformas.

(Continúa).

L. DE VILHENA BARBOSA.



SAPHO.

GERALMENTE menciona-se e celebra-se uma unica Sapho; porém, segundo o testemunho de Suidas e de Eliano, existiram duas poetisas d'este nome, uma e outra naturas da ilha de Lesbos, a mais antiga e famosa de Eresia, coetanea de Stesicoro e Pitaco, e a moderna de Mitylene; porém as aventuras de

uma e outra confundiram-se formando a biographia de uma unica Sapho, á qual se attribue a invenção dos versos saphicos, e os amores com Faon.

A Sapho antiga era formosa e gentil, mereceu o nome de decima musa, e foi a inventora dos versos que se distinguem pelo seu nome. Escreveu nove livros de poesias, que são citadas com elogio por Strabão, Aristoteles, Socrates, Plutarcho, Dionisio de Halicarnasso e o rhetorico Longino, e das quaes todavia só nos restam um hymno a Venus e uma ode dirigida a uma amiga.

Estas circumstancias referem-se, a Sapho de Eresia: tudo o mais cremos que corresponde á de Mitylene, que foi contemporanea de Alceu, e floresceu 600 annos antes de Christo, na olympiada XLIII. Ignora-se o nome de seu pae; sua mãe chamava-se Cleide. Aos seis annos ficou orphã com tres irmãos. Casou com Cercylo, homem abastado da ilha de Andros, do qual teve uma filha; enviuvando pouco depois enamorou-se de Faon, bello mancebo de Sicilia, que a abandonou voltando para esta ilha. Sapho vendo-se desprezada, e não podendo ser superior á sua afflicção, buscou-lhe remedio arrojando-se ao mar do alto do promontorio de Leucate, porque estava convencida de que os que logravam salvar-se d'aquella prova curavam-se de sua louca paixão; porém Sapho não teve esta fortuna, e morreu na tentativa.

Os mitylenios cunharam em honra da sua Sapho uma medalha, que se vê reproduzida na nossa gravura, copiada da obra que o medico e philologo João Fabro publicou em 1606.

#### QUANTO CUSTAM OS LEÕES AOS HABITANTES DE ARGEL.

GERARD, celebre caçador de leões na florescente colonia franceza de Argel, fez, segundo assevera o *Magasim Pilloresque*, a estatistica seguinte dos prejuizos que os leões occasionam aos arabes na provincia de Constantina.

Um leão vive, termo medio, trinta e cinco annos; consome annualmente o valor de 6:000 francos. (960,8000 réis), em cavallos, mulas, bois, camellos, carneiros etc. Cada leão custa pois aos arabes 210:000 francos (33:600\$000 réis).

Os trinta leões que existem, actualmente na provincia de Constantina, e que serão substituidos por outros, vindos da regencia de Tunis ou de Marrocos, custam annualmente 180:000 francos (28:800\$000 réis). Nas provincias pois onde aquelles animais vivem de ordinario o arabe, que pague 5½ francos de imposto ao governo francez, paga 50 francos ao leão!

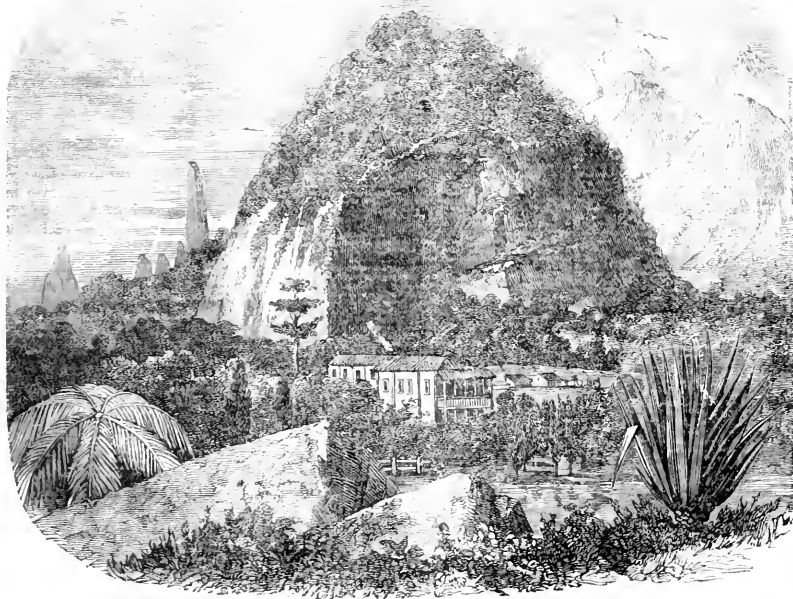
#### BIBLIOGRAPHIA.

Poesias de L. A. Palmecirim. 2.<sup>a</sup> edição.  
1 vol. 8.<sup>o</sup> francez.

As obras do sr. Palmecirim, que é sem duvida um dos mais estimados e populares poetas portuguezes, impressas em 1831, tinham-se tornado raras, e eram procuradas com avidéz. A presente edição, augmentada com algumas poesias não incorporadas na primeira, vem pois satisfazer uma necessidade, que era já bastante sentida do publico.

Vendem-se por 600 réis, em Lisboa, na livraria do editor, A. J. F. Lopes, rua do Ouro, n.<sup>os</sup> 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.<sup>o</sup> 8: nas provincias, ultramar, e estrangeiro em casa dos correspondentes do *Panorama*.





BRAZIL — A SERRA DOS ORGÃOS

A região mais montanhosa do vasto imperio do Brazil é situada entre 18 e 28<sup>o</sup> de latitude austral. Todavia, segundo os recentes trabalhos de Humboldt e outros sábios, o systema de montanhas da famosa terra de Santa Cruz nenhuma relação tem com o dos Andes do Perú.

A direcção principal das cordilheiras brasileiras é do sul para o norte, e do sueste para o noroeste. A mais pittoresca, e aquella que tem sido mais explorada nas suas magestosas solidões, e a serra chamada do *Mar*, que elevando-se dos campos de Vaccaria se prolonga quasi parallelamente a costa noroeste do Rio de Janeiro, deprime-se junto do Rio Doce, e deixa de tornar-se notavel proximo á Bahia.

Não se pense porém que a serra do Mar conserva invariavelmente esta denominação; pelo contrario, segundo os territorios que atravessa assim vai adoptando nomes diversos, dos quaes a maxima parte lhe foram postos pelos primeiros descobridores. Na costa oriental chamam-lhe *Serra dos Amores*, e nas proximidades do Rio *Serra dos Orgãos*; e realmente neste ponto ostenta ao viajante maravilhado assemelhadas formas dos tubos d'aquelle conhecido instrumento.

A este da cordilheira do littoral corre outra até certo ponto mais consideravel, a serra do Espinhaço, que vai terminar ao norte em 16<sup>o</sup> latitude.

Outras serranias consideraveis podem apontar-se,

como por exemplo a das *Canastras*, a dos *Ferrentes*, a que alguns viajantes chamaram *Pyreneos brasileiros*. Entretanto estas montanhas, nem pela sua altura, nem por outras circumstancias, podem figurar a par da immensa cordilheira dos Andes, e ainda outras da Asia e da Europa, pois que a mais elevada (do Espinhaço) não tem mais de 960 toezas.

O que lhe falta porém em magestade sobralhe em donaire, nas innumeraveis riquezas que se encontram no seu seio, e nas formas extravagantes e pittorescas que apresenta em varios pontos.

A nossa gravura representa um dos sitios mais delictuosos da serra dos Orgãos. Tudo quanto Flora e Pomona podem offerecer de peregrino se encontra n'aquelle abençoado torrão. Seria ridiculo querer resumir n'estas poucas linhas o que tem sido objecto das locubrções de muitos sábios distinctos, e constitue a materia de muitos volumes.

Por isso para elles remettemos o leitor recomendo-lhes especialmente o bello trabalho de mr. Ferdinand Denis sobre o Brazil.

Na collecção d'este semanario encontram-se tambem, além de outros, quatro artigos excellentes, em que se acham optativamente compendiaes muitas noticias sobre o interessante imperio, que tantas circumstancias tornam caro aos portuguezes. Vejase a pag. 133, 177 e 241 do 4.<sup>o</sup> volume da primeira e pagina 9 do 1.<sup>o</sup> volume da presente serie.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

## XXII.

*Deposição de Selim III: abolição de todas as suas reformas: effeitos d'esta medida: discordias civis: revolução contra Mustaphá IV, deposição d'este soberano e morte de Selim III: Mahmoud II: o grão-vizir Bairakdar: revolução contra este ministro, sua morte, e a de Mustaphá II: prosegue a guerra com a Russia: diligencias da França para fazer entrar o sultão na liga contra a Inglaterra.*

O PARTIDO anti-reformista, que não tinha cessado de machinar contra as innovações e innovadores, aproveitou-se d'aquella occasião para excitar novamente o ciúme dos janisaros e mais corpos contra a milicia do *nizam djedid*.

Os primeiros gritos sediciosos foram levantados contra esta milicia, mas não tardaram a romper contra todos os ministros, que haviam aconselhado, ou tomado a responsabilidade das reformas postas em pratica. A revolução teve em pouco tempo extraordinario desenvolvimento. A capital apresentou durante tres dias horribes scenas de anarchia. Os ministros e muitas pessoas notaveis do partido do novo systema, foram assassinados e arrastados pelas ruas como em triumpho.

O sultão viu-se a este tempo abandonado de todo o conselho fiel, pois que já não tinha em torno de si senão inimigos, que occultando-se sob a mascara hypocrita da dedicação, cuidavam só de o atrair e perder. Persuadindo-o a que a revolta acabaria satisfazendo-lhe todas as exigencias, levaram-o a decretar a supressão dos corpos do *nizam*. Foi exactamente desde esse momento que a rebellião voltou as suas armas contra o throno. Os quartéis, que se tinham feito em Constantinopla expressamente para aquella milicia, foram invadidos pela multidão, que os roubou e destruiu. Em seguida pediram os janisaros a deposição do soberano, e conseguiram-na.

Selim III reinou dezoito annos, e neste espaço todos os seus actos foram sempre dirigidos, mais ou menos directamente, segundo as circumstancias, o permittiam, pelo ardente desejo de collocar o imperio ottomano a par das nações mais civilisadas. Victima do seu amor da patria e das suas ideas illustradas, para as quaes todavia não se achava preparado o povo musulmano, este principe deixou um glorioso padrao do seu nome n'esse genero-o esforço com que, apesar de tão grandes opposições, tentou encaminhar o imperio pela estrada da civilisação. As suas reformas, condemnadas pelo fanatismo e por muitos interesses suculos, que ellas feriam mortalmente, foram banidas como o seu illustre auctor; mas entretanto não foi totalmente perdido para a Turquia esse impulso civilizador. Os costumes adocaram-se singularmente pelas muitas praticas de humanidade e justiça do sultão; e essas proprias ideas, que o despopularisaram e comprometteram, deixaram raizes, man grado de tantos elementos contrarios a todo o progresso, raizes que não tardaram muito a rebentar e fructificar.

Dois dias depois da deposição de Selim III, Mustapha IV, filho do sultão Abdul Hamid, foi conduzido á mesquita d'Eyoub, e ali cingido, cercado de toda a sua corte, o allonge d'Osmo.

De uma intelligencia não limitada, e sem os defectos necessarios ao effeito de uma nação, este principe deixava-se facilmente dominar, entregando aos

seus conselheiros toda a gerencia dos negocios publicos. Assim pois o primeiro cuidado dos ministros foi declarar ao paiz que o novo soberano abolia as instituições do seu predecessor, e tornava a pôr em vigor todos os antigos usos e legislação.

Com esta segurança começou pouco a pouco a restabelecer-se a ordem na capital. Não aconteceu porém o mesmo nas provincias, onde os successos de Constantinopla tiveram diverso acolhimento, de que resultaram muitos conflictos. No exercito do Danubio tambem produziu bastante sensação. Selim III contava entre os commandantes dos corpos d'esse exercito muitos amigos dedicados, os quaes mostraram tão manifestamente o seu desgosto e má vontade contra a nova ordem de cousas, que o governo viu-se na precisão de os substituir por outros da sua confiança.

De tudo isto resultou paralisarem as operações de guerra, e perder por conseguinte a Turquia o melhor enjejo possivel para se desafrontar dos seus implacaveis inimigos, pois que as victorias successivas de Napoleão tinham obrigado o gabinete de S. Petersburgo a distrahir muitas forças do theatro da guerra do Danubio para se oppôr aos progressos das aguas francezas. Depois veiu o tratado de Tilsitt, concluido entre a França, a Russia, e a Prussia, interromper por algum tempo a campanha dos principados.

Pouco se gosou o imperio ottomano d'estas treguas momentaneas, por quanto logo começaram a apparecer as divisões entre o partido triumphante, e no proprio seio do gabinete. Os principaes chefes da revolução, que elevou ao throno Mustaphá IV, tendo repartido o poder entre si, romperam depois em lucta uns contra os outros, excitados pela ambição. Primeiramente guerrearam-se por meio da intriga, e mais tarde com as armas na mão. Serenaram-se os animos a final, mas essa discórdia deixou o germen de mais graves desordens.

O gabinete ottomano, aproveitando-se de um momento de tranquillidade, tentou dispôr os servios a entrarem amavelmente na obediencia do sultão; instigados porém pela Russia rejeitaram todas as propostas do grão-senhor, e apromptaram-se para defender a sua independencia. O sultão preparou-se tambem para os reduzir pela força. Mas antes que principiassem as hostilidades, tiveram logar acontecimentos, que deram novo curso ás cousas publicas.

Mustaphá Bayrakdar, pachá de Roustchouk, emprehendeu por este tempo restituir o throno a Selim III. Este homem, de caracter enérgico e de singular intrepidez, valendo-se da influencia, que exercia, no districto do seu governo, e das íntimas relações que tinha na capital com alguns membros do gabinete, desejou de supplantar outros seus collegas, que se haviam apoderado completamente das redegas do estado, dispoz tudo de modo que se apresentou com dezeseis mil homens ás portas de Constantinopla, sem que soubesse força alguma a embargar-lhe o passo. O osado chefe d'esta revolta tinha feito acreditar ao sultão, que a sua marcha sobre a capital só tinha por fim debrubar ministros despoticos e impopulares. Mas quando Mustaphá IV se lisonjeava de se ver livre d'esses homens, que o tinham sentado no throno para lhe usurparem todas as attribuições, viu com assombro Bairakdar invadir os pateos do serrallo a frente das suas tropas, escalando os muros, arrombando as portas, e aclamando Selim III. Então Mustapha, ou por vingança, ou para desarmar a rebellião, ordenou immediatamente a morte do seu rival. Aquelle desditoso principe foi sem perda de tempo assassinado, e o seu corpo foi

arremegado das janellas abaixo no momento em que os revoltosos, pedindo em altos gritos o seu antigo soberano, faziam pedagos a ultima porta que defendia o interior do palacio. Esta scena tragica excitou nos sublevados a maior desesperação, e deu causa a cruentas reprezalias. Mustaphá IV, obtendo a custo a vida, foi encerrado no carcere, que Selim III occupou pelo espaço de um anno, que tanto durou o reinado do seu competidor.

Bairakdar, já senhor de todo o palacio, procurava debalde o joven Mahmoud, irmão de Mustaphá IV, para o conduzir ao throno. Tudo parecia confirmar a idéa de que um segundo crime roubára á nação o unico successor, que restava á herança d'Osman, quando o moço principe saíu do esconderijo, onde sem duvida se subtrahiu a uma morte certa (28 de julho de 1808).

Foi esta a primeira vez que uma força de provincia veiu dictar as leis á capital, e a primeira tambem em que se completou uma revolução contra a vontade e poder dos janisaros.

Mahmoud II contava 23 annos, quando se viu á frente de uma nação rica de glorias passadas, ainda grande pela extensão do seu territorio, tambem ainda poderosa pela situação geographica de muitas partes do seu solo, e pela abundancia de recursos ainda não explorados; mas enfraquecida physica e moralmente por uma serie infinita de revezes nas guerras com os estranhos, e de desgraças de todo o genero nas suas luctas fratricidas; e, peor do que tudo, impossibilitada de se regenerar de tantos abusos que a corroíam, e de tantas influencias maleficas, que impediam todo o progresso, e que obstavam a que tirasse força e vida dos seus proprios recursos naturaes.

Mahmoud II teve uma educação esmerada, como talvez nunca principe ottomano a tivera. Sua mãe, oriunda de França, inclinou-lhe o animo desde os mais tenros annos em favor da civilisação europea, e soube inspirar-lhe idéas elevadas, que desenvolveram as suas faculdades intellectuaes a par de mui distinctas qualidades d'alma.

Selim III, que se comprazia vendo as felizes disposições do joven principe, cujo interesse augmentava pelo contraste com as de seu irmão mais velho, o principe Mustaphá, cuidou com disvelo de lhe cultivar o espirito. E quando o infortunio o arremegou do solio para o carcere valeu-se das importantes lições, que havia colhido em longa e amarga experiencia, para instruir o seu educando, que ali ia a miudo levar lhe consolações e buscar conselho. Desta arte se innoclaram em Mahmoud II as idéas reformadoras de Selim III. Todavia, apesar dos seus talentos e da energia do seu caracter, este soberano achou-se collocado, logo ao empunhar do sceptro, n'uma posição na realidade secundaria, pois que o poder fóra inteiramente empolgado por Bairakdar.

Este homem, que em seguida á exaltação de Mahmoud II se fizera nomear grão-vizir, erando-se senhor da situação pela victoria, que alcançara, e pelas forças que o apoiavam, dirigia a politica e dispunha de tudo a seu bel prazer. O seu caracter duro levou-o a ordenar tão crescido numero de execuções para vingar a morte de Selim III, que, convertendo a justiça em perseguição systematica, provocou em todo o paiz geral descontentamento. A impudencia e precipitação com que pretendeu restabelecer as reformas d'aquelle soberano, e outras muitas que iam de encontro aos habitos nacionaes e aos prejuizos populares, excitaram contra o grão-vizir tão forte animadversão, que o povo da capital, unido aos janisaros, lançou mão das armas e do incen-

dio para derrubar o ministro, que assim affrontava inconsideradamente as crengas e a vontade de uma nação inteira.

Esta revolução deu a Constantinopla as mais horrozas scenas de anarchia que esta capital tem presenciado. Ao mesmo tempo que o palacio de Mustaphá Bairakdar e as casas vizinhas eram prezadas das chammas, as tropas albanezas, que este ministro trouxera para a cidade, e que constituíam o seu unico ponto de apoio, eram accommettidas em toda a parte onde se encontravam, pois que o ataque as tomou desprecebidas. Os seus quartéis e todas as casas, onde procuraram refugio, foram incendiadas.

Entretanto o kapoudan-pachá (almirante) e outras auctoridades dispunham uma vigorosa resistencia contra os rebeldes. O fogo de varias naus e de outras embarcações de guerra, collocadas para este fim convenientemente, auxiliado pelos movimentos concertados de alguns corpos de marinheiros, e de diversas forças chamadas á pressa, desconcertaram os revoltosos, que já dirigiam o ataque contra o serralho. Mas n'estas circumstancias o fogo correndo livre de casa em casa, tinha tomado taes proporções, que o sultão, vendo a cidade ameaçada de ser reduzida a cinzas, mandou parar com as hostilidades, a fim de que só se cuidasse de atalhar os progressos do incendio. Esta medida porém, reclamada pela humanidade e por tantos interesses publicos, deu novo incremento á revolução. Os janisaros, considerando-a como uma prova de fraqueza, cercaram o serralho e aclamaram Mustaphá IV.

Então Mahmoud II, que até ali resistira nobremente a todos os conselhos e instancias, que lhe foram feitas durante o desenvolvimento da revolta, para mandar matar seu irmão, deu finalmente a fatal ordem. O corpo sem vida do ex-sultão foi exposto aos janisaros, e este triste espectáculo produziu o desejado effeito. Bairakdar tinha morrido no seu palacio asphyxiado pelo fumo. Os seus inimigos já não tinham pois que recear da sua audacia e cruexa. Por outro lado a morte de Mustaphá IV deixava Mahmoud II por unico descendente d'Osman, e por conseguinte sem rival na successão do throno. Estes dous successos simultaneos tiraram a rebellião todo o character de gravidade, que ultimamente li assumindo. Desde esse momento restringiu-se a lucta a satisfação de viangança entre os dous partidos. A anarchia continuou ainda, mas a questão politica estava acabada.

Foi n'estas circumstancias difficéis, que se estrearam a prudencia e capacidade de Mahmoud II. Procurando tirar o melhor partido das posições especiaes em que se achavam os dous bandos, um atterrado e enfraquecido pela falta do chefe, o outro sujeito sem recurso á obediencia do soberano, e usando alternadamente da brandura e da severidade, conseguiu fazer entrar tudo na ordem, e, o que mais admiravel é, conciliou inimigos fígados, e serenou completamente os animos, que tão alvoroçados andavam desde a deposição de Selim III.

Restabelecido o soccego publico ponde Mahmoud II applicar a sua attenção aos negocios exteriores. A guerra com a Russia, interrompida momentaneamente, tinha-se renovado com bastantes desvantagens para a Turquia. Por conseguinte depois de tantas commoções intestinas a paz era uma grande necessidade.

Convinha muito ás vistas politicas do gabinete de S. Petersburgo a continuação da campanha, attento o estado precario em que se achava o imperio ottomano: mas por outro lado não deixava de desejar a paz como um meio de estorvar mais facilmente a

reconciliação da Turquia com a Inglaterra, cujos interesses eram então oppostos aos da Russia.

Assim, desejando ambas as partes belligerantes chegar a um acôrdo, foi destinada Jassy, capital da Moldavia, para a reunião dos respectivos plenipotenciarios. A noticia porém de que acabava de celebrar-se um tratado de paz entre a Grã-Bretanha e a Porta (5 de janeiro de 1809), acabou promptamente com as conferencias, e a guerra foi declarada de novo por parte da Russia.

Abriu-se a campanha com muito vigor de ambos os lados. Mahmoud II não poupou esforços nem fadigas para organizar uma resistencia tenaz. E com effeito, apesar dos immensos recontros de que dispunha a Russia, e do auxilio que lhe prestaram os servios aggedindo ao mesmo tempo as tropas musulmanas, os exercitos moscovitas ou alcançavam poucas vantagens, ou compravam caro as victorias.

N'isto teve logar a batalha de Wagram, ganha pelas armas francezas junto aos muros de Vienna, á qual se seguiu um tratado de paz entre a Austria e a França. O ministro francez em Constantinopla, fazendo valer aos olhos do sultão este assigalado triumpho, que já de per si exercera bastante influencia no divan, movendo muitos animos em favor de uma alliança com Napoleão, tentou resolver Mahmoud II a romper com a Inglaterra, e a entrar n'essa grande liga chamada systema continental. Para se conseguir este fim, ou, pelo menos, para applanar as difficuldades, era mister pôr termo á guerra que assolava os principados danubianos. Entabularam-se portanto as negociações, e o governo francez empregou todos os meios ao seu alcance para trazer as potencias contendoras a um ajuste pacifico. Mas as exigencias russianas eram de natureza, que não deixavam conceber esperanças pela paz. Por conseguinte, depois de frustradas todas as diligencias, começou de novo a guerra.

Na campanha de 1810 não foram tão efficazes os esforços dos turcos. Debalde enviou o sultão consideraveis reforços para os exercitos d'operações, e em vão substituiu o octogenario grão-vizir Zia-Kououf pachá por Achmet pachá, general mais vigoroso e resolutio. As tropas ottomanas experimentaram tão continuados revezes, caíram successivamente tantas praças e cidades em poder do inimigo, que o sultão decidiu ceder-se á frente de seus exercitos.

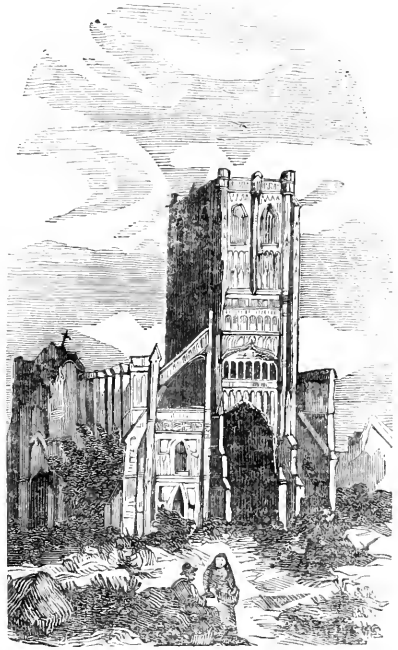
Todavia esta nobre resolução, altamente exigida pelo bem do paiz, suscitou tamanha desconfiança nos janisaros e em todos os adversarios das reformas, que se levantaram instantaneamente intrigas e difficuldades, que obrigaram o grão-senhor a desistir do seu empenho.

Mahmoud II, reconhecendo a inoportunidade da occasião para introduzir innovações no imperio, tinha tratado até alli prudentemente de occultar os seus sentimentos a semelhante respeito. Entretanto os musulmanos afluados ás velhas praticas não o julgavam do seu lado, e por isso temeram que indo tomar o commando do exercito se servisse depois da influencia, que este passo lhe havia de dar sobre a fôrça publica, para operar as reformas que elles tanto odiavam.

O inverno, pondo termo á campanha de 1810, deixou os russos acampados na Moldavia, na Valaquia e na Bessarabia, com fortes guarnições em algumas praças da margem direita do Danubio.

(Continua.)

L. DE VILHENA BARBOSA



**PALACIO DE RECREIO.**

O PALACIO de recreio, (*villa*) que a gravura representa, e um d'esses bellos edificios que aformoseam as campinas italianas, e cuja magnificencia e commodidades só podem comparar-se com o bom gosto da sua construcção, e as riquezas verdadeiramente artisticas, que encerram.

Nos arrabaldes de Roma, de Napoles, de Florença e de Milão encontra o viajante a cada passo luxuosas residencias, nas quaes não se sabe que mais deya admirar-se, se a franca hospitalidade que ali se depara, se os thesouros architectonicos que offerecem á vista. Cascatas, fontes, lagos, jardins, gallerias de grandes quadros, gabinetes de estudo, estatuas colossaes, tudo quanto encerra em seu seio uma grande cidade, tudo quanto pode maravilhar a imaginação, achá-se nos palacios de recreio, ou sumptuosas *villas* da Italia.

Outras nações, a França por exemplo, contam algumas residencias notaveis, proximas das grandes povoações. A Inglaterra conserva ainda bastantes dos seus antigos castellos; porém, fallando genericamente, nenhum d'elles iguala os que temos mencionado, no conjunto de diversões que proporcionam. Nas *villas* dos arredores de Paris, Londres, e Berlim podem passar-se quinze dias sem aborrecimento; nas da Italia voam os annos no meio de prazeres sem fim.

## D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

Esta lenda, que o auctor não daveria classificar como romance historico, appareceu já nas columnas

da *Revista Universal*, em 1844, precedida de um lisonjeiro parecer do redactor d'aquelle jornal, o sr. A. F. de Castilho: o distincto poeta quiz animar o escriptor que, ainda no verdor dos annos, entregava pela primeira vez á critica, por via da imprensa, um trabalho litterario firmado com o seu obscuro nome; porém aquelle elogio só pode attribuir-se á generosa intenção que fica apontada. Agora que decorreram os annos de reflexão aconselhados por Horacio, trahou o auctor de corrigir cuidadosamente este seu pobre ensaio na carreira das letras; e sem que o amor proprio o cegue a ponto de suppor que rematou uma obra de subido valor artistico, vem de novo expor á vista do publico o seu edificio sinho reconstruido. Deus permitta que, julgando melhora-lo, não lhe augmentasse os defeitos!

## I.

... e um mysterio o modo  
por que D. Sebastião acabou,  
e provavelmente sel-o-ha para  
sempre.

A. HERCULANO.

## A PROPHECIA.

O som das charameñas echôa na profundidade do valle: pagens e escudeiros ordenam em longa fileira os briosos cavallos, que escarvam a terra com impaciencia, e remordem os polidos freios, aguardando em ocio a chegada dos cavalleiros, que lá vem descendo a ingreme e pedregosa encosta da serraニア de Cintra. Luzida é a companhia que se avizinha, trajando custosas galas de senhores; e o reboliço que vae na baixa da serra mostra bem a importancia dos personagens que para ahí dirigem os passos.

— «Lá pararam fora do trilhão, sr. Braz Fagundes; talvez que vão descansar.»

— «E é provavel que não desçam tão depressa. El-rei folga muito de correr por esses rochedos escalvados, em que a cada passo se encontra um precipicio; muito se ageitam estas fragas com seu natural aspero e mereneorio.»

Assim travaram conversação um pagem imberbe e um velho escudeiro, em quanto os cavalleiros se occultavam pelas quebradas da serra, e se perdia entre ellas o som dos instrumentos que os acompanhavam. O pagem tinha o rosto alvo e gracioso, longas madeixas de cabellos louros, e estava vestido com primor; o escudeiro, pelo contrario, apresentava rosto encovado e trigueiro, longos bigodes tão brancos como as melenas, veste em desalinho, e largo montante. O dialogo continuou assim:

— «Foram de certo para a gruta d'esse poeta infeliz, de cujos amores elevados tantas historias se contam.» disse o pagem.

— «De amores sabes tu contos, Ayres Tinoco; não assim de pelejas por essas frontarias africanas e praças do oriente; que mais inclinado és a alindar os cabellos que a polir uma armadura. Nem essa tua espada embonecada era para encontrar uma cimitarra mourisca; aonde iria ella parar!»

— «Que genio tendes, sr. escudeiro! Pois não é mais aprazível uma brilhante festa da côrte, saraus, momos, canas e touros, do que essa vossa apregoadá musica de cutiladas e pelouros, que é o passatempo de uma batalha?»

— «O Portugal! Portugal! Onde estão esses manebos esperançosos do tempo do senhor D. Manuel, que passavam do berço ao campo das pelejas, para quem os combates eram um brinco de infancia!... Oh! como hão de elles apparecer, se o filho d'esse

bom rei (Deus o tenha em santa gloria!) entregando a descritos as nossas praças de Africa, ganhas a custa de tanto sangue christão, fechou as verdadeiras escolas de cavallaria á mocidade portugueza! Foi d'ali que saíram os conquistadores do oriente... mas que se te dá a ti d'isso, filho do valente Vasco Peres, que morreu a meu lado no baluarte Santiago, n'esse, para sempre memoravel, segundo cêcro de Diu? que te importa isso, se as mais bellas donas da côrte admiram a elegancia do teu gibão, e morrem pelo ar senhoril do lindo pagem!»

E o velho corava de raiva e de vergonha, por que o futuro da sua patria tão querida se lhe antolhava, n'aquelle manebro da nova geração, como um emblema de opprobrio. E o donzel corava tambem, sem saber porque, e abaixava os olhos confuso.

Houve um momento de silencio. Depois o velho escudeiro, não enxergando a comitiva real, mandou prender novamente os cavallos, e afastou-se do manebro, com ar taciturno, e bailando-lhe nos olhos uma lagrima... pela patria! Ayres Tinoco iria com os outros pagens, e nem uma palavra lhe lembrava já do sermão do velho Fagundes.

Deixemol-os por agora; e subindo pelos trilhos da alcantilada serra, vamos indagar o motivo que interrompen a marcha da luzida companhia.

Difficil é o passo por entre estas penedias, porém lá está quem procurámos. Vede-os, que se encaminham para um homem, que, absorto em suas meditações, ainda não reparou que o buscavam. Era elle um velho, cujo rosto queimado pela angustia, mais ainda que pelo sol ardente dos climas abrazadores que percorrêra, mostrava quanto o desgosto e o soffrimento haviam contribuido para o encanecer antes de tempo; seu ar altivo, membros bem fornidos, e uma larga cicatriz aonde devera avultar um dos olhos, o indicavam como um d'esses guerreiros maltratados pela fortuna, para quem a morte não tem aspecto hediondo. Sentado n'uma bronca penedia, á entrada da gruta que escutou as saudosas endechas de Bernardim Ribeiro, encostava a cabeça a uma das mãos, e com a outra segurava um papel; seus olhos vagueavam por essas maravilhas, que a mão de Deus espalhou profusamente na decantada serra da Lua.

Admirava no pincaro da mais alta serra, suspensão como por milagre, o templo que a piedade e perseverança de Manuel o venturoso elevou entre as nuvens; e logo as ruínas do castello mourisco, que tão alto fabricaram mãos de homem, e os penedos descommunes disseminados por toda a encosta: sua imaginação poetica, dando vida a tudo que o cercava, apresentou-lhe realisada a antiga ficção grega: julçou ver n'aquellas ameias derrocadas a torre erguida pelos filhos da terra para escalar o céu, e nas pedras de entorno as ossadas dos gigantes prostrados pelo raio omnipotente. Da contemplação d'este magestoso espectaculo, elle repousou a vista na deliciosa veiga de Collares... e que pasmosa differença que reunião, em tão curto espaço, do suave clima dos tropicos e do intratavel solo polar! Mais longe, elle observou as vagas a enrolarem-se umas sobre outras, e a invadirem com surdo fragor as areias da praia, e depois, como hoste que soffrea larga resistencia ante os muros de castello bem petrechado, recuarem murmurando para o seu primitivo posto; e mais distante ainda, aquelle horisonte infinito, e tantos baixéis sulcando os mares, que elle já cortára em dias mais felizes... uma saudade, uma lembrança de amor, porque o velho tambem amára e fora amado, lhe fizeram rebentar

as lagrimas, e afastar a vista d'esta scena melancolica. Então exergou a obra do filho do mais honrado dos paes, o mosteiro de rocha e de cortiça, e dizendo consigo mesmo: «Deus escuta ali melhor as orações dos fiéis do que junto á ara sumptuosa,» abaxou a cabeça para pensar na eternidade.

Foi n'esse momento que os cavalleiros chegaram junto d'elle, despertando-o do lethargo com o som aspero das espadas rogando pelos penedos. Um joven se adiantava á frente da comitiva, a cuja vista o solitario se ergueu, depois dobrou um joelho, e deixou a mão que o mancello lhe apresentava.

— «Não esperava encontrar-vos aqui, Luiz de Camões!»

— «Vim cumprir as vossas ordens, senhor; apresentar-me na corte, como me é determinado, para cobrar a tença de quinze mil reis annuaes, com que vos dignastes remunerar meus serviços.»

— «Mesquinha recompensa, na verdade, para um homem como vós, que immortalisou nossos navegadores e guerreiros, farei que seja augmentada: lembrai-vos, D. Christovão de Tavora, que os preparativos da jornada d'África tudo me fazem esquecer. Em quanto decauso um pouco á sombra d'este penhasco, farei calar as charamelas, e ougamos alguma canção do melhor trovador das Hespanhas.»

Depois, endereçando-se a um homem já de dias, que o seguira de perto: «Aproximai-vos, Diogo Bernardes, suave cantor do Líma,» continuou o mancello; «vinde estreitar ao peito o vosso amigo.»

Os dous velhos se abraçaram com transporte; parece que adivinhavam estar para breve a sua eterna separação!

E D. Sebastião, rei de Portugal, que esse era o joven interlocutor d'esta scena (como nossos leitores já tinham percebido de certo) asentando-se na pedra d'onde se erguera Camões, continuou alegremente:

— «Eis-aquí, Luiz de Camões, quem ha de cantar nossos feitos, se Deus nos dar a victoria; é Bernardes, que passa connosco á Africa, para presenciar esta nova entrada em terras de índies, que, a exemplo de nossos avós D. João I e D. Alfonso V, enprehendemos para gloria de Deus, propagação da fé, e augmento de nossas fronteiras nos Algarves de além-mar.»

— «Difficil tarefa, senhor, para tão apoucado engenho como o meu» respondeu o bardo do Líma, «Eternisar os Achilles é tarefa propria de Homeros. Não a mim, mas a Camões, deverei V. A. commetter tão grave assumpto.» E dirigindo-se ao velho poeta-soldado, proseguiu: «Vem, amigo, acompanhados aos arcos da Labia, vem cingir á fronte novas corças de louro e murta, n'uma mão a espada e n'outra a penna.»

O rubor do enthusiasmo assomou ás faces de Camões, ouviu estas palavras que tão fundo ecoavam em sua alma, porque a gloria ainda para elle não perdéra o encanto entre os desenganos da miseria; porém esse fulgor foi logo eclipsado por um gesto lugubre e sinistro, como raio do sol em céu nebuloso, e com accento propheticco soltou estas palavras:

— «Não irei. Fico para chorar sobre as cinzas da patria, se em vez de louros encontrardes cyprestes n'essa plaga africana.»

— «Fé em Deus que não haveis de ter esse trabalho!»

— «Talvez porque me falte o alento para sobreviver á patria.»

— «Novos agouros! . . Embora; tenho animo para affrontal-os.» Isto disse o joven monarcha com

estranha inflexão de voz; depois voltando ao tom ordinario, continuou assim:

— «Luiz de Camões, a idade vos tornou visionario! Porém vamos, lêde alguma cousa n'esse livro que tendes na mão, que para vos ouvir me assentei aqui.»

— «São velhas trovas, senhor, que já não tenho calor para rhythmar; o frio precursor da morte alcançou-me também o engenho.»

— «Seja o que fór; antigo ou moderno, tudo ouvirei com prazer. Ledo.»

Camões abriu ao acaso o manuscrito que tinha nas mãos, e leu estas oitavas de uma ecloga, em que figuram os pastores Frondelio e Umbrano:

Frondelio.

Umbrano irmão, decreto é da natura,  
Inviolavel, fixo e sempiterno,  
Que a todo bem succeda desventura,  
E não haja prazer que seja eterno:  
Ao claro dia segue a noute escura,  
Ao suave verão o duro inverno;  
E se ha cousa que saiba ter firmeza  
É sómente esta lei da natureza.

Toda alegria grande e sumptuosa

A porta abrindo vem ao triste estado:  
Se um'hora vejo alegre e deleitosa,  
Temendo estou do mal aparelhado,  
Não vês que mora a serpe venenosa  
Entre as flores do fresco e verde prado?  
Ah! não te engane algum contentamento;  
Que mais instavel é que o pensamento.

É praza a Deus que o triste e duro fado  
De tamanhos desastres se contente;  
Que sempre um grande mal inopinado  
E mais do que o espera a incauta gente:  
Que vejo este carvalho, que queimado  
Tão gravemente foi do raio ardente,  
Não seja ora prodigio que declare  
Que barbaro cultor meus campos are!

Umbrano.

Em quanto do seguro azambujeiro  
Nos pastores de Luso houver cajados,  
Com o valor antigo, que primeiro  
Os fez no mundo tão assignalados:  
Não temas tu, Frondelio compauheiro,  
Qu'em algum tempo sejam subjugados,  
Nem que a cerviz indomitita obedeça  
A outro jugo qualquer que se lhe offereça.

É posto que a soberba se levante  
De inimigos a torto e a direito,  
Não crês tu que a força repugnante  
Do fero e nunca já vencido peito,  
Que desde quem possui o monte Atlante  
Adonde bebe o Hydaspes tem subjeito,  
O possa nunca ser de força albeia  
Em quanto o sol a terra e o céu rodeia.

Frondelio.

Umbrano, a temeraria segurança,  
Que em força ou em razão não se assegura,  
É falsa e vã; que a grande confiança  
Não é sempre ajudada da ventura:  
Que lá junto das aras da esperanza,  
Nemesis moderada, justa e dura

Um freio lhe está pondo e lei terrível  
Que os limites não passe do possível.

E se attentares bem os grandes damnos  
Que se nos vão mostrando cada dia,  
Porás freio também a esses enganos  
Que te está figurando a ousadia;  
Tu não vês como os lobos tingitanos,  
Apartados de toda cobardia,  
Matam os cães, do gado guardadores,  
E não sómente os cães, mas os pastores?

Pois o grande curral, seguro e forte,  
Do alto monte Atlas não ouviste.  
Que com sanguinolenta e fera morte  
Despovoado foi, . . . . .

— «Basta!» clamou uma voz imperiosa, interrompendo o leitor: «basta!» repetiram os echos á porfia, tombando de rocha em rocha, até se perderem ao longe.

— «Será uma prophécia o que acabas de ler? Estarás tu inspirado!» bradou D. Sebastião, aterrado ao que ouvíra; porque as lições do manhoso jesuita Luiz Gonçalves da Camara haviam assentado em seu coração, a par do destemor nativo, a pusillanidade da superstição. Camões jazia mudo no mesmo logar, com o livro entre-aberto; e Bernardes figurava-se-lhe ver um espectro; e os cortejos, que chegavam atrahidos pelo som aspero da voz d'el-rei, pareciam estas tuas mortuarias sobre tumulos de cavalleiros.

Houve um breve silencio; D. Christovão de Tavora o rompeu:

— «Senhor, disse o valido, o sol já vai baixo, e o conselho d'estado deve estar reunido.»

— «Sim, D. Christovão, vamos pela ultima vez escutar esses votos disparatados, e, mau grado d'elles, seguir com meu projecto avante.»

— «Assim lhes mostrareis que sois soberano, e não escravo de seus caprichos,» murmurou uma voz de castelhano ao ouvido d'el-rei.

— «E o seu amor para commigo que os obriga a dissuadir-me d'esta empreza.»

— «Ou talvez inveja da gloria que ides alcançar commandando o exercito,» tornou a mesma voz; «pois que só elles se julgam nos capitães, porque governaram alguma fortaleza na India.»

— «Não conheceis os portuguezes, capitão Al-lana; por isso fallaes assim.»

Um gesto desapprovador, que acompanhou estas palavras, fez emudecer o castelhano.

— «Partámos,» disse o rei, «que nos esperam no pago.» E estendendo a dextra ao cantor das glorias do oriente (que lha inundou de lagrimas chegando-a aos labios) proseguiu:

— «Adeus, Luiz de Camões; tornar-nos-hemos a ver . . . ao menos quando voltar d'Africa.»

— «Ou no valle de Josaphat, senhor! . . .»

E o cortejo desceu a montanha.

Continúa.

F. M. BORDADO.

#### OS RUSSOS NO DECIMO SECCLO.

No anno 922 de Jesus Christo (310 da hejira) um arabe chamado Ahmed Ebn-Fozlan foi enviado como embaixador ao rei dos slaves ou bulgaros, que residia na cidade de Bulgar sobre o rio Hül (Volga).

A embaixada teve de fazer um grande rodeio para chegar aquella cidade, dirigindo o seu itinerario por Bokhara, Karisma, e pelo paz dos Baslirs.

Ebn-Fozlan, ja na sua marcha para Bulgar, já no

regresso para Bagdad, encontrou nas margens do Volga russos, que o commercio ali trouxera, e que eram ainda pagãos, mas tinham, segundo se presume, algumas luzes da arte de escripta. Ebn-Fozlan descreveu os costumes, superstições, commercio, n'uma palavra, todos os habitos sociais dos russos. Esta memoria curiosissima não se encontra em nenhuma das bibliothecas da Europa; mas é em grande parte citada no dictionario geographico de Yacout, de que existem algumas copias, nomeadamente em Oxford e Leyde.

«As armas dos russos,» diz Ebn-Fozlan, «consistem em um machado, um punhal, e uma espada, que nunca largam. As mulheres trazem ao peito uma caixinha de ferro, de cobre, de prata ou de ouro, segundo as posses de seus maridos; n'estas caixas ha um anel, no qual enfiam um punhal.

«Os russos ancoram as suas embarcações no Volga, e assim que saem em terra constroem grandes casas de madeira, onde se accommodam dez e algumas vezes vinte familias.

«A sua brutalidade e immundicie não podem exceder-se.

«Postes maiores ou menores, cravados no chão, e com a extremidade superior esculpida em fórma de figura humana, são as divindades que elles adoram e as quaes offerecem pão, carne, cebolas, leite e bebidas espirituosas para alcançarem bons lucros nas suas mercadorias. Se o commercio affrouxa renovam-se e multiplicam-se as offendas; se o resultado, pelo contrario, corresponde ao seu desejo, immolam, em acção de graças, carneiros e vitellas. Se a carne d'estas victimas é devorada de noite pelos cães, ficam persuadidos de que os seus deuses lhes acceptaram o sacrificio, e consumiram o que lhes haviam consagrado.

«Quando alguma d'entre elles adoece, levantam uma barraca longe das outras para onde o conduzem; e lá o deixam com uma ração de pão e de agua, sem que tratem de o socorrer. Se se cura, regressa ao seio da sua familia; se morre, queimam-o juntamente com a barraca, menos que não seja um escravo; porque n'este caso deixam que se cadaver seja pasto das feras e das aves carnivoras.

«Os ladrões são enforcados em uma arvore; e ali se conserva o seu cadaver até apodrecer.

«Ebn-Fozlan foi testemunha dos funeraes de um maioral. N'estas ceremonias immola-se sempre um escravo (homem ou mulher) da casa do morto, e a maior parte das vezes são as mulheres que se offerecem a fazer o sacrificio da sua vida. A victima deve de feito offerecer-se voluntariamente; mas logo que dê o seu consentimento, recorre-se á força, se é necessario, para que se realice o sacrificio.

«O rei dos russos tem no seu palacio quatrocentos homens escolhidos entre os seus subditos mais distinctos, que devem morrer com elle, e defende-o a todo o custo. Conserva-se sempre em um vasto estrado ornado de pedras preciosas, onde estão com elle quarenta mulheres. Os quatrocentos guardas estão assentados nos degraus do estrado.»

Ebn-Fozlan acrescenta a esta descripção algumas particularidades, que justificam a expressão de que elle se servira no principio: «Os russos são os homens mais immundos que Deus creou.»

#### BIBLIOGRAPHIA

*Fastos da Iyryja* — I — *Vida de Jesus Christo*, pelo sr. L. A. R. bello da Silvea, 1853.

Acaba de sair á luz a segunda caderneta, e com

ella ficou concluido o 1.º volume d'esta excellente obra. A nossa situação especial veda-nos fazer a tão notavel publicação o elogio merecido; e por isso nos limitámos a offerecer em seguida alguns trechos dos pareceres dos dignissimos censores ecclesiasticos, que vem juntos á obra, e que são um verdadeiro triumpho para o auctor.

Eis o que diz o reverendo conego Ferrão:

«Na leitura reflectida d'esta obra nada tenho encontrado, em que possa recair censura ecclesiastica, em tudo sim acho merecido o louvor. N'esta obra o illustrado auctor parece ter em vista satisfazer a uma grande necessidade do nosso paiz no ponto de vista de progresso em leitura religiosa; e o plano encaetado promette esta satisfação, que felizmente apparece realisada n'este primeiro tomo.

«Dar a ler as acções, que o ebristianismo tem archivado em seus fastos desde o Evangelho do Redemptor dos homens, e fazer uma descripção, em que o mundo profano appareça, para deixar ver o seu contraste em frente da religião, que tem por fim reconstruilo para o moralisar, é o termo, a que se dirige esta obra, e que chegará a conseguir, se for concluida em harmonia com o seu conego.

«Além da elevação e belleza do estylo, com que o auctor sabe fazer esta obra sobre maneira agradável aos leitores, ella apparece em toda a analyse dos factos relatados cheia de uma força de ideas, que põe os leitores, muitas vezes n'um só lance de vista, a par assim de toda a expressão moral do facto, como da harmonia inteira, que o relaciona ao estado presente das vantagens da sciencia, e das exigencias da epocha...

«Na exposição dos factos o auctor guarda selecção feliz: a critica acompanha ahí o bom gosto. Resultado da lição reflectida, n'um periodo curto apresenta-se muitas vezes o quadro de uma longa epocha; e a sua apreciação philosophica suppe a narração minuciosa de particularidades, que costumam cansar e distrahir os leitores.

«A descripção acurada dos sitios, onde os quadros historicos foram representados, offerece aquellas variedades, que prendem as atenções, generalizando os conhecimentos; e que lisonjeiam o gosto pela amenidade.

«Finalmente a judiciosa distincção, que o auctor faz das fontes, d'onde tem extrahido as variadas noticias referidas na sua obra; tem-lhe facilitado o meio de apresentar sem perigo da critica, em seguida aos factos incontestaveis da historia, as pias creanças, e mesmo as tradições populares, que cumpre serem reconhecidas na sua propria cathogoria, para se não confundirem, só pela noticia vaga, com aquillo, que faz, propriamente dita, a veracidade da historia.

«Ao meu vêr, pois, muito tem a lucrar a illustração religiosa entre nós com a publicação dos *Fastos da Igreja*. O illustrado auctor revela-se animado das aspirações nobres, que a fé e a sciencia produzem no coração do homem durante o vendor da idade; elle não deixará de continuar a sua excellente obra em toda a ligação harmonica com os principios, que se tem proposto; a igualdade do primeiro tomo, que vai apparecer no publico, offerece d'isso a melhor prova.»

O reverendo prior o sr. Manuel Frazão não é menos franco em seu elogio. Eis como se exprime no parecer:

«Como a materia d'esta obra é sublime e elevada, apresenta o auctor tanta clareza na dicção, elegancia no estylo, pureza na doutrina e bons costumes, que quanto mais se lê, mais o espirito se deleita...

«Quem ler este primeiro tomo, em que se desenvolve o plano, que o illustrado auctor se propõe seguir, conhecerá, pela profundidade e solidez dos alliçoes, quam magestoso e enriquecido de pedras preciosas ficará o edificio, quando chegue a concluir-se. Aquí não apparece a ostentação, porém sim manifestam-se as galas naturaes da sciencia historica e da critica philosophica do seculo, relatando os factos com uma analyse tão segura, que o espirito fica tranquillo sobre a sua veracidade.

«O que merece particular attenção, é o quadro, em que o auctor faz apparecer o estado do mundo antes da vinda do Messias. N'elle se pintam com vivas cores, em assumptos de religião e costumes, os desvarios do entendimento, ainda dos homens mais qualificados de verdadeiros sabios, a devassidão e toda a qualidade de crimes, a que o coração estava habituado, para servir de claro contraste á reformação geral, com que o Divino Redemptor havia de felicitar o genero humano.

«Pela mesma fórma, as descripções dos logares, onde se praticaram esses factos estrondosos, de que falla o texto sagrado do antigo e novo Testamento, para prova da divindade do principio religioso e moral, são traçadas com pincel tão habil e tanto ao natural, que mais parece estal-os vendo, do que descriptos no papel: por isso a sua leitura é suave e amena, bem similhante ás aguas cristalinas que nascem das fontes puras, que desafiam e avivam o appetite.

«Escreve pois o auctor o primeiro tomo da obra, que pretende continuar (praça aos céus que nenhum inconveniente o afaste d'este justo e santo proposito para gloria de Deus e da sua Igreja, e proveito da sociedade) com vozes tão apropriadas, elegancias tão vivas, com phrase tão pura, tão rica e cheia de erudições, que cada palavra é uma joia, cada periodo um thesouro.»

Em vista do que fica extractado verão os leitores que a obra, pelo que respeita á parte doutrinal e dogmatica, nada deixa a desejar. Assim o declaram aquelles a quem pelo ordinario foi commettido o seu exame. Pelo que respeita á forma basta dizer que é escripta pelo sr. Rebello da Silva, e está pelo menos a par das obras da mesma penna que o publico mais tem apreciado.

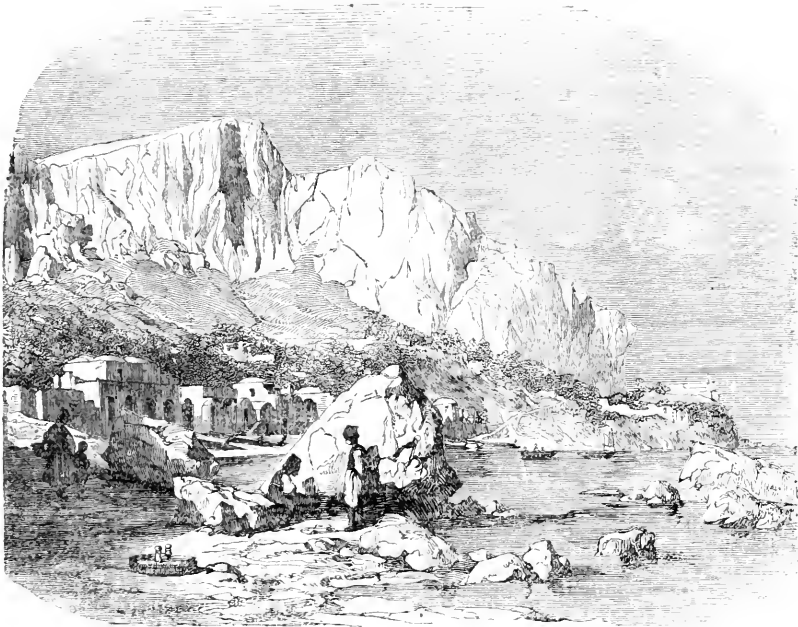
Vende-se em Lisboa, na livraria do editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8: nas provincias, ultramar e estrangeiro, em casa dos correspondentes do *Panorama*.

#### COMMERCIO DO GELO NOS ESTADOS UNIDOS.

Foi em 1805 que Frederico Tudor de Barton fez os primeiros ensaios do commercio do gelo. A guerra limitou as suas exportações á Martinica e á Jamaica. Em 1815 porém abriu relações com a Havana e Cuba. Em 1833 expediu Tudor o primeiro carregamento de gelo para as Indias orientaes. Hoje tem este commercio tomado um espantoso desenvolvimento.

Os carregamentos de gelo feitos em Boston, e expedidos para outros pontos da União, chegaram em 1853 a 43.125 toneladas! No mesmo anno a exportação do gelo para os paizes estrangeiros elevou-se a 17.900 toneladas, e deu emprego a 85 navios. As Indias orientaes, as ilhas do mar das Antilhas e do golfo do Mexico, Vera-Cruz, o Brazil, o Cabo de Boa Esperança e a propria Inglaterra foram os principaes pontos de consumo.





ITALIA — CAPRI.

AO ORIENTE do promontorio de Sorrento, e dentro do delicioso golfo de Nápoles, ostenta-se com aspecto severo e ao mesmo tempo risonho uma ilha, que dous elevados cabeços ladeam como sentinelas vigilantes. Esta ilha é Capri (Caprécia dos romanos).

Contém apenas duas cidades: Capri, formosa povoação, como enervada entre vistosos pomares e fresquíssimos vergeis, com tres conventos, um paço episcopal, e talvez 2.000 habitantes, pouco mais ou menos; e Anacapri, situada na parte occidental, e em terreno frágoso, com 1.800 habitantes, se tanto, quasi todos mui pobres.

Esta ilha não tem opulentas cidades; não possui um vasto porto, que as embarcações procedentes de varias regiões tenham de forçosamente demandar; os monumentos que a enriqueciam são hoje ruínas; d'onde lhe vem pois a sua nomeada? Prestaram-lhe as tradições, o que a natureza lhe negou.

Capri, perdida no Mediterraneo, nem seria mencionada talvez pelos historiadores antigos e modernos, se não tivesse sido as delicias de Augusto e de Tiberio; de um grande monarcha, e de um grande perverso.

Mas a memoria dos horrores praticados pelo assassino dos filhos de Agrippa ainda parece pairar sobre aquelles rochedos, que foram depois a mansão querida tambem de Barba-roxa, fazendo esquecer a das grandes qualidades do magnanimo Augusto, e inspirando ao philosopho melancholicos pensamentos.

Ali, guardado pelas suas galés, o sinistro successor de Cesar completou o quadro das suas atrocidades.

Horrorisa ler nas paginas de Tacito ou de Suetonio a narração dos crimes d'este homem, que para vergonha de Roma, cingiu a corôa e vestiu a purpura dos imperadores. E mister porém que a medite attento, quem quizer conhecer até que ponto se degrada a especie humana.

Quem comtudo, por não conhecer a lingua do Laeio, não puder recorrer ás fontes primitivas da negra historia d'aquella epocha, tem ao seu alcance, um livro de agradável e saborosa leitura, os *Fastos da Igreja*, pelo sr. Rebello da Silva; e a pagina 241 do 1.º volume, encontrará tragoado por mão de mestre o quadro da sociedade no reinado de Tiberio.

No primeiro volume da presente serie do Panorama acham-se tambem, a paginas 265, algumas noticias de Capri, para as quaes remettemos o leitor curioso.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

## XXIII.

*Sucessos das campanhas de 1811 e 1812: tratado de Bucharest: a Servia e outras provincias rebelladas voltam á obediência do sultão: revolução da Grécia: intervenção da Inglaterra, França e Russia: tratado de Londres: batalha de Navarino: guerra d'esta ultima potencia com a Turquia: extinção dos janizaros: triumphos da Russia: tratado de Adrianople.*

Na primavera seguinte (1811) assim que o tempo o permitto, recommegaram as hostilidades nas margens do Danubio. Ed'esta vez todas as vantagens estavam da parte dos turcos, que tinham augmentado consideravelmente as suas forças com auxilios vindos da capital e de diversas provincias do imperio, em quanto que ao exercito russo se tinham tirado quatro diviões para reforçar o exercito da Polonia. O receio de um rompimento com a França, o qual parecia eminentemente, obrigava Alexandre I, que então occupava o throno da Russia, a voltar as suas principaes attentões e todas as forças disponíveis para as fronteiras occidentaes do seu imperio.

Portanto as primeiras operações do exercito ottomano foram coroadas de feliz resultado. O inimigo, limitado á defensiva, viu-se forçado a abandonar quasi todas as suas posições áquém do Danubio. A propria praça de Roostehouk, depois de ter resistido á violentos ataques dos turcos, foi evacuada pelas tropas russianas, que ao sair destruíram as fortificações, segundo a sua costumada tactica de guerra, e incendiaram a cidade.

Porém quando o grão-vizir quiz proseguir as operações na margem esquerda do rio, perdeu n'um momento tudo quanto havia ganhado. O general russo, envolvendo por meio de uma rapida e bem dirigida evolução a maior parte do exercito musulmano, que havia passado o Danubio, destrou-o completamente. Este grande desastre foi causa de outros reveses não menos importantes, que se seguiram de perto. Sili-stria, uma das principaes praças da Turquia, caiu em poder do inimigo. Ismail pachá, que occupava fortes posições na pequena Valaquia, foi obrigado a abandonal-as e a retrair-se para áquém do Danubio. Veli-pachá, que commandava outro corpo d'exercito turco, acampado em Turtukai, teve de fugir diante das armas russianas.

Em duas circumstancias julgou o grão-vizir dever pedir um armistício, em quanto se entabulavam as negociações para a paz. Este procedimento porém foi reprovado pelo divan. Resolveu-se continuar a guerra com o maior fervor, e para esse fim ordenou-se um recrutamento geral; reforçaram-se as guardiões de Chumda, Varna e outras praças, e mandaram-se vir das provincias asiaticas quasi todas as tropas que ali se achavam estacionadas.

O imperador Alexandre, resolveu tambem a dar grande impulso á campanha enviou duas diviões ao exercito de occupação dos principados. Estavam as hostilidades a ponto de romper com a maior energia, quando foram apresentadas ao sultão, por parte da Russia, propostas de paz, nas quaes as antigas exigencias moscovitas vinham tão modificadas, que o gabinete ottomano se resolveu a acceptal-as. A declaração de guerra da França á Russia foi a razão que obrigou o imperador Alexandre a fazer a paz a todo o custo com a Turquia.

Portanto no momento em que a Russia, occupada com a guerra da Persia e da Turquia, se ia ver

a braços com todo o poder de Napoleão; quando o imperio russo se ia achar collocado na situação mais critica e perigosa por que tinha passado desde o reinado de Pedro I, teve o czar a grande fortuna, não só de alcançar da Sublime Porta a paz desejada, mas de obter pelo tratado de Bucharest, e a assegurar, uma parte da Moldavia e da Bessarabia com as bôcas do Danubio, acquisição immensamente valiosa, pois que lhe entregava as chaves d'este importantissimo rio (28 de maio de 1812).

Para a conclusão d'este negocio não concorreu pouco a diplomacia britanica, por quanto a Inglaterra, assustada dos triumphos de Napoleão na Allemanha, e receosa pela côrte da Russia, tinha o maior interesse em que se puzesse termo á lucta d'este imperio com a Turquia. Todavia o sultão não annuiu de bom grado ao tratado de Bucharest, cujas desvantagens avultavam á maneira que se apreciava melhor o aperto das circumstancias em que estava a potencia que o propoz. Mahmud II mostrou o seu desagrado demittindo e desterrando os ministros, que o tinham negociado.

A paz permitto ao sultão applicar-se todo aos negocios internos. Cuidou incessantemente de restabelecer a tranquillidade publica, e para este fim serviu com bom resultado do numerozo exercito, que reunira para a guerra da Russia. Jorge Czarin foi expulso da Servia, e depois degolado, e esta provincia entrou de novo na obediencia da Turquia. O celebre Ali, pachá de Janina, que se assenhoreára da Albania, e do Epiro, estendendo d'ahi o seu dominio ou a sua influencia a toda a Grécia; esse subdito rebelde, que durante quasi meio seculo zombára do poder dos sultões, foi vencido finalmente e justicado com seus quatro filhos (5 de fevereiro de 1822).

Desde o tratado de Bucharest até á presente epocha as relações exteriores da Porta não soffreram alteração, Mahmud II presencouo tranquillo toda essa tremenda lucta, á qual poz termo no oriente da Europa o incendio de Moscovo, e no occidente a batalha de Waterloo. Entretanto não foi sem muito trabalho, que o sultão conservou a mais stricta neutralidade durante o longo embate de tão grandes e tão oppostos interesses. Foi necessario armar-se de muita perseverança e de muita coragem para poder resistir as suggestões e ameaças, que lhe eram feitas alternadamente pela França, pela Grã-Bretanha e pela Russia.

No ultimo periodo da guerra com o pachá de Janina tinham começado a apparecer na Grécia os primeiros symptomas de uma insurreição geral. Aquelle intrepido guerreiro, vendo offuscar-se a sua estrella, soccorreu-se ao amor da independencia dos gregos para operar nas forças musulmanas uma diversão, que ajudasse a salvá-o do perigo que o ameaçava. Os seus agentes correram pois por toda a Grécia, espalhando proclamações e dinheiro. A's promessas e ouro do pachá de Janina, não tardaram a vir juntar-se tambem o ouro e promessas de auxilio do imperador da Russia.

Em março de 1821 Alexandre Ipsilanti levantou na Moldavia o pendão da independencia. Theodoro Wladirresko secundou logo o seu movimento na Valaquia. Os echos da liberdade repercutindo em toda a Grécia propagaram instantaneamente a revolução.

Seria d'ir demasiadas proporgões a um esboço, e muito mais do que o permitem os limites d'este jornal, se houvesse de seguir uma a uma todas as scenas d'este memoravel drama. E além d'isso são acontecimentos de tão fresca data, e occuparam por tanto tempo a attenção da Europa, e a penna de tão distin-

ctos historiadores, que não podem deixar de estar presentes á memoria de todos. As diversas phases d'essa heroica lucta do povo hellenico para reeonquistar a sua independencia e liberdade são geralmente conhecidas pelas muitas gentilezas e actos de amor patrio que as illustraram, assim como pelas innumeraveis atrocidades e carnificinas que a seu turno as enlucetaram.

No fim de sete annos de uma guerra cruenta, em que de parte a parte se empenhavam todas as forças, e para sustentar a qual concorreram em favor da Turquia o Egypto, Argel, Tunis e mais regencias barbarescas com soldados e esquadras, e a prol dos gregos a Inglaterra, a França e a Russia com armas, officias, dinheiro, e com todo o genero de auxilio indirecto, e mais ou menos occulto, resolveram as grandes potencias obstar com a sua intervenção ao proseguimento de uma guerra tão calamitosa.

Reunidos portanto em um commum acôrdo os embaixadores da Inglaterra, de França e da Russia, apresentaram-se ao sultão, instando-o vivamente para terminar a guerra. Porém todas estas diligencias foram baldadas. Mahmoud II permaneceu na resolução inabalavel de submitter os gregos a todo o custo.

Então as tres potencias concluíram um tratado para combinarem os seus esforços a fim de conseguirem a pacificação da Grecia. Um artigo d'este tratado estipulava, que no caso do gabinete ottomano se recusar obstinadamente a fazer cessar as hostilidades, e depois de esgotados todos os meios da persuasão, as ditas tres potencias empregariam a força para impedir a continuação da guerra, enviando immediatamente consules para a Grecia. Este tratado foi assignado em Londres a 6 de julho de 1827.

Mahmoud II, não podendo acreditar na sinceridade, e por consequencia na duração de uma alliança entre a França, a Inglaterra e a Russia para o enfraquecimento do imperio ottomano, no qual apenas a ultima interessava e de uma maneira, que não só affectava a politica, mas que ameaçava seriamente para o futuro os interesses das outras duas nações, não podendo convencer-se de que essas tres potencias levassem as cousas ao extremo de sustentarem com as armas a separação da Grecia, rejeitou a sua mediação, e resistiu a todas as instancias. E ao mesmo tempo tomava energicas medidas para activar as operações contra os sublevados, na esperança de os subjugar antes que os alliados pudessem entrar na contenda com intervenção armada. As desintelligencias, que lavravam entre os príncipes chefes da revolução grega, davam ao sultão fundadas esperanças de poder reduzir em breve a obediencia as provincias rebelladas.

Por um lado os triumphos do exercito musulmano, auxiliado pelas tropas egypcias, sob o commando de Ibrahim pachá, filho de Mehemet Ali, vice-rei do Egypto; e por outro lado o desenvolvimento que a anarchia ia tomando de dia para dia entre os gregos, tinham conduzido a causa da independencia da Grecia quasi aos ultimos paroxismos, quando as tres potencias alliadas fizeram constar officialmente ao governo provisório d'esta nação, os artigos do tratado de Londres, que estipulavam o modo de se levar a effeito a intervenção armada.

Não tardaram os alliados a fazer ostentação da sua força. A 20 de outubro de 1827 entraram na bahia de Navarino as esquadras ingleza, franceza e russiana em numero de vinte e tantas embarcações de diversas grandezas. Naquelle bahia achavam-se ancoradas as esquadras ottomana e egypcia em força de sessenta e tantos vasos de differente porte. Poucos momentos depois travou-se a batalha. Combateu-

se de parte a parte com a maior intrepidez, e no fim de tres horas e meia de um fogo terrivel, que fez atear o incendio em muitos navios turcos, e voar outros com explosões de paños, apenas restavam sobre as aguas de toda a armada musulmana umas vinte corvetas e brigues abandonados pela guarnição, e no mais lastimoso estado de destruição!

D'estarte se prestaram os canhões britannicos e francezes a aniquillar em proveito unicamente da Russia, a marinha ottomana, que Mahmoud II havia restaurado á custa de muitos desvelos e trabalho e de enormes despezas!

Esta catastrophe causou em Constantinopla a maior indignação possível. A guerra santa foi immediatamente proclamada, e todo o povo foi chamado ás armas em defesa da patria e da religião.

Em quanto na Turquia se faziam os preparativos para uma grande lucta, empregava o sultão todos os meios da brandura para acabar com a revolução grega. O esquecimento do passado, o perdão de todas as dividas de impostos, a conservação dos privilegios existentes e o accrescimento de outros novos, taes foram as promessas com que Mahmoud II tentou trazer os gregos á sua obediencia. Porém estes esforços não produziram resultado algum. Os gregos, alentados com a resolução das potencias mediadoras, rejeitaram as propostas do sultão. A este passo seguiu-se de perto a declaração de guerra á Turquia por parte da Russia.

No meio de tão difficéis circumstancias foram admiraveis a energia e actividade que o sultão desenvolveu. Em todos os arsenaes, fundições e estaleiros, trabalhava-se de dia e de noite, e o soberano todo inspeccionava por seus proprios olhos. As praças de guerra, que defendem as margens do Danubio, foram como por encanto reparadas, abastecidas e occupadas por fortes guarnições. De todos os angulos do imperio marçhavam forças para formar um exercito respeitavel junto ao Danubio.

Infelizmente todo este esforço foi baldado. Em maio de 1828 romperam as hostilidades. Os exercitos russianos passaram aquelle rio, e a sua marcha foi assignalada por uma serie de importantes victorias. Todas as praças da Dobruca caíram em seu poder, e apoz estas Anapa, Bazardjik e outras foram successivamente abrindo as suas portas ao vencedor.

Mahmoud II, sem perder o animo á vista de tantos desastres, resolveu partir para o exercito; mas o alento que a sua presença inspirou aos soldados não bastava para impedir os progressos do inimigo, que invadira as fronteiras do imperio por muitos e differentes pontos. Silistria e Chumla resistiam demodadamente aos mais vigorosos ataques; mas Varna, estreitamente cercada pelas tropas do commando do principe de Menschikoff, entregára-se por capitulação.

Neste estado de cousas tratou-se de fortificar a pressa a linha dos Balkans, ultimo reducto do imperio ottomano, fazendo caminhar para ali todas as forças disponíveis. Então vieram os rigores do inverno interromper as operações, e dar descanso aos turcos.

A narração de successos tão encadeados não deixou, que se conseguisse no lugar proprio um dos principaes actos de Mahmoud II, a extincção dos juisarats. Esta medida arrojada, que era a base indispensavel para todas e quequer reformas, mas principalmente para as que se pretendiam introduzir no exercito, foi posta em pratica no anno de 1826, mesmo quando o sultão se achava cercado das maiores difficuldades. Constantinopla presenciou en-

tão um terrível conflicto, mas esta milicia revolucionaria cessou de existir, para dar lugar á creação de novas tropas organisadas, disciplinadas e fardadas á europea (1).

Durante a campanha d'este anno (1828) tiveram lugar na Grecia acontecimentos importantes. Uma expedição partida de Toulon effectou o seu desembarque na Moréa, e tomando a offensiva contra os turcos, alcançou em pouco consolidar a independencia grega. A isto seguiu-se a reunião de um congresso em Poros para tratar da organização do novo estado, e da demarcação dos seus limites. O sultão porém, sendo convidado a enviar quem o representasse nas conferencias que se iam abrir, recusou-se a fazê-lo. Então as tres potencias alliadas apresentaram-lhe o protocollo, assignado em Londres aos 16 de novembro de 1828, pelo qual se compromettiam a tomar a Grecia sob a sua immediata protecção.

Na campanha de 1829 ainda maiores desgraças vieram opprimir os turcos. O pavilhão moscovita fluctuou triumphante sobre as muralhas de Silistria, e o general Diebitch, correndo de victoria em victoria, atravessa essa cordilheira dos Balkans, que os turcos julgavam inacessível, assenhorea-se de Adrianople, antiga capital do imperio, e pondo-se em communicação com as duas esquadras russianas que bloqueavam os Dardanellos e o Bosphoro, ameaça seriamente Constantinopla.

O terror que taes successos infundiram n'esta cidade não teve limites; o proprio sultão, apesar de toda a sua coragem, esmoreceu-lhe o animo. E o que mais completou o descoroamento geral foi o effeito produzido no povo pelas proclamações do general russo. Diebitch promettia o respeito pela propriedade, a segurança individual, e o livre exercicio da religião musulmana, e pedia em troca que todos se conservassem tranquilos em suas casas. O povo obedeceu de bom grado, e ficando mudo espectador da lucta, tirou a esta guerra todo o caracter de nacionalidade.

Em tão criticas circumstancias Mahmoud II pediu a paz, e o vencedor impoz as condições que lhe aprouve. A 14 de setembro de 1829 assignou-se em Adrianople o tratado de paz. A Russia restituiu todo o territorio conquistado na Europa, e o Pruth ficou sendo o limite entre os dous imperios, mas limite nominal, por quanto a suzerania do sultão sobre a Moldavia, a Valáquia e a Servia, ficou reduzida, por causa do protectorado, que o tratado de Adrianople conferiu ao czar sobre aquellas provincias, á simple formalidade da investitura dos hospodares, e a percepção de alguns tributos. Pelo mesmo tratado a passagem dos Dardanellos e do Bosphoro foi franqueada a todas as nações. O imperador Nicolau restituiu as conquistas que as suas armadas fizeram na Asia, menos as praças de Anapa, de Poti, e varias outras a uma extenção de mais de duzentas leguas de costa, que lhe foram cedidas a titulo de indemnisação pelas despesas da guerra, juntamente com a somma avultada de dez milhões de ducados de Hollanda, e de um milhão e quinhentos mil ducados para indemnisações particulares, e além d'isto obteve muitas vantagens commerciaes. Por um artigo especial a Porta reconhecia a independencia da Grecia, dando a sua adhesão ao tratado de Londres de 6 de julho de 1827, e ao protocollo de 22 de março de 1829.

Assim terminou esta guerra, cujos resultados fo-

ram, o desmembramento de uma parte da Turquia, a destruição da sua marinha, o transtorno das suas finanças, e finalmente o enfraquecimento physico e moral do imperio; e por outro lado o engrandecimento da Russia em poder e influencia, e a applicação do caminho para mais gigantescas eempresas. Estas immensas vantagens deveu-as a Russia á efficaç cooperacão dos seus alliados, a Grã-Bretanha e a França.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

## D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

### II.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos, não eram tão loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

A. GARRETT.

### O CONSELHO.

De todo se occultára o sul no distante horizonte; apenas um listão de cambiantes recordava o seu brilho aos mais altos séros de Cintra; e grossas nuvens acastelladas para o occidente, reflectindo as mesmas côres, davam pasto á imaginação vavaz que, em seus recortes, via mausóleos agigantados, feras descommunes, anjos e demônios. A paz da solidão começa de reinar por entre essa infecunda congerie de penedos que constitue a serra da Lua; porém duas vozes de homem quebram a mudez da natureza. Luiz de Camões, com a vista pregada no joven monarcha, segue, parado, todos os seus movimentos; e Diogo Bernardes, tendo abandonado a companhia d'el-rei, jaz tambem entre os rochedos, contemplando o velho poeta. Ficaremos um momento com estes, em detrimento d'aquelles.

— «Vae, mancebo inexperiente,» dizia Camões, «que só te lembram as palmas do triumpho, os canticos do applauso, os hymnos da victoria; e não vês o abysmo aberto na senda que vás trilhar; não vês o tigre mosqueado dos sertões africanos abrir as fauces para te tragar, a ti e aos teus, a ti e á tua patria... oh! cara patria!...»

Não pode continuar, porque as lagrimas lhe cortaram o dizer; deixou que corressem livremente, e emfim reunindo todas as suas forças: «Bernardes,» exclamou, segurando a mão do outro velho, «não podes tu salvar D. Sebastião, salvar Portugal; diz-me?»

— «Já não é tempo!» respondeu solemnemente Bernardes.

— «Quem lhe arreigou pois na alma esse projecto de destruição? Foi Satanaz por certo!»

— «Foi a nobreza, clamando contra a entrega que seu avô fez aos mouros de Saím, Azamor, Arzila e Alcacer; foram as promessas do xarife de o coroar imperador de Marrocos; foram os conselhos do seu confessor sobre a propagação da fé guerreando os infieis; foi a propria indole naturalmente bellicosa; e emfim o teu poema dos *Lusiadas*, que fortificou suas idéas sobre a preferencia das praças d'África,

(1) Pode ver-se a pag. 397 do 2.º vol. 1.ª serie, este notavel episodio da historia ottomana.

que estendem os limites de Portugal sem quebrar a sua unidade, ás colonias da India que tem o oceano de permeio, inimigo giganteu e implacavel, que torna impossivel a ligação de dous imperios das extremidades do mundo.»

— «Oh! desemparado de Deus que eu sou! Até o meu poema, que antepuz ao ouro, á vida, d'onde esperava basta colheita de bens para esta nação, porque a semente era a virtude... esse mesmo conspira contra a patria, contra o rei, contra mim!... Bem me lembro d'esses versos, que puz na bôca de um honrado velho, ao partir a armada para o descobrimento da India:

Não tens junto contigo o ismaelita,  
Com quem sempre teras guerras sobejas!  
Não segue elle do Arabio a lei maldita,  
Se tu pela de Christo só peijas?  
Não tens cidades mil, terra infinita,  
Se terras e riqueza mais desejas?  
Não é elle por armas esforçado,  
Se queres por victorias ser louvado?

Deixas crear ás portas o inimigo,  
Por íres buscar outro de tão longe,  
Por quem se despoõe o reino antigo,  
Se enfraquece e se vá deitando a longe?  
Buscas o incerto e incognito perigo,  
Porque a fama te exalte e te lisonje,  
Chamando-te senhor, com larga copia,  
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia!?

— «Oh! meus cantos tão queridos, tambem vós, em logar do diadema de gloria, que esperava me necesses, ajudades a assentar-me a corôa do martyrio! Tambem contribuis para sepultar Portugal, quando eu vos cria pregoeiros da sua gloria!»

— «Sim, grande Cancêes, os teus cantos sobreviverão á patria; elles serão a taboa que leve a distantes praias o nome d'este baixel que sogolra. D'este paiz que se perde! Milagre do genio! Assim como os poemas de Virgilio foram mais duradouros do que muitos dos monumentos que espalharam pelo mundo os senhores de Roma, assim os Lusitados recordarão aos seculos o glorioso nome portuguez, ainda depois de extincta esta nação!»

Em quanto os dous poetas são assaltados pela noite entre aquellas escabrosas devezas; dê-me o leitor a mão, desçãnos a serra, e por entre as tuas estreitas, tortuosas e imundas da villa, procuremos o palacio real, aonde deve reunir-se o conselho.

Elle cá está. Pouco difere hoje do que era então, na romantica desharmonia da sua elegante architectura. A mesma fabrica sumptuosa, composta de diversos lanços de edificios, obra de diferentes epochas; preciosos arrendados nas janellas e nas portas, e as duas elaminês gigantezas coroando esta construcção maravilhosa. Não sei se foi a Alhambra dos reis mouros de Lisboa, mas é certo que D. João o popular erguen parte da habitação real que ainda hoje admiramos, e que D. Manuel o feliz lhe deu mais extensão e brilho.

Entremos; que já por essas portadas gothicas se engolfou toda a conitivã: e de passagem escutemos o que dizem esses dous homens, que fallam de manso no pateo.

— «Então, Aldana, está firmemente resolvido sobre as vossas informações, a desferir as velas, e pôr as prôas em Africa?»

— «Sim, sr. D. João da Silva; partirá, apesar da eloquencia d'esses conselheiros velhos, que o cercam n'este momento.»

— «S. M. não se esquecera dos vossos serviços, quer veuga, quer fique vencido o actual rei de Portugal.»

— «Lucra de toda a maneira: se triumphã tem seguros de invasões barbarescas os seus portos do Mediterraneo; se morre, como é de esperar ficando vencido, é seu legitimo herdeiro.»

São dous traidores? Não. São dous agentes do Demonio do Meio-dia: o embaixador de Castella, e o capitão Francisco Aldana, que lá acompanhar a Africa o moço rei de Portugal.

Atravessemos essas longas salas, que lá diviso o logar do conselho. E uma pequena camara, em que avulta uma ampla poltrona de azulajo, e uma comprida bancada da mesma materia: taes os assentos destinados para o rei, e para os conselheiros de estado, magistratura instituida por D. Sebastião, e que chegou até aos nossos dias, triumphando de todas as reformas. Ainda hoje um creado do palacio, median-te pequena esportula, vos mostrará essa sala, e vos dirá, com aquelle tom convicto de *ciceroni*: Foi ali que D. Sebastião e o seu conselho decidiram a jornada d' Africa. O que não é verdade; porque havia muito que o rei decidira ir combater os infieis, e nenhum dos conselheiros apoiou, como hoje diriamos, a proposta do seu presidente: ponto importante que os meus leitores vão profundar, querendo proseguir na leitura d'este capitulo, tão veridico como todos os mais da presente historia.

Ao claro pallido dos brandões que circumdam a sala, descubrem-se os rostos contristados e abatidos de velhos guerreiros, que derramaram o sangue ás mãos de mouros e gentios; o aspecto severo de alguns letrados; e, como excepção, as physionomias juvenis de dous mancebos, ufanos de se acharem entre cavalleiros de tanta nomeada e conselheiros de tanta experiencia e saber. Os olhos de D. Sebastião mostravam quanto mais agradavel lhe seria um reccontro com inimigos, do que as admoestações que esperava ouvir d'aquellas bôcas laeas. Sentou-se, e a um signal seu todos lhe seguiram o exemplo. Apoz um momento de mudez, durante o qual parecia esta camara a officina de um estatuario, rompeu o silencio el-rei:

— «Laeas vassallos e conselheiros,» disse elle, «communique-vos que vou passar a Africa.»

E respirou livremente, como se houvesse arrancado de sobre o peito um terrivel pezo. Suspiros abafados, e logo um silencio sepulchral, corresponderam a esta confidencia. A pallidez espalhou-se por todos os rostos: porém o monarcha não descorou com estas mostras de desapprovação, antes mais senhor de si continuou:

— «Vou montar os leões em seus covis; vingar affrontas da christandade, estender meus dominios, e tirar da cabeça de um usurpador a corôa dos xarifes. Sei o que me espera: é a sorte de todos os homens emprenhedores. Se vencer, serei um rei digno de empunhar o sceptro; Lisboa me abrirá suas portas entre brados de alegria, e coroando-me de palmas; serei comparado a Cesar e a Alexandre. Se fôr vencido, chamar-me-hão louco, temerario, indigno de reger homens... Tal seria o destino do meu predecessor, que abateu a orgulhosa Ceuta, se aquelles deserdidos, tantas vezes mais numerosos que os nossos, sonberam defender seus lares; e bem diverso appellido coubera ao *Africano*, ao vencedor de Arzila, se a fortuna lhe embotára a espada nos areas d' Africa como nos campos de Toro. Não é para tratarmos das vantagens ou desvantagens d'esta jornada que eu vos chamei a conselho; reuni-vos para que a vossa experiencia e saber hajam de guiar meus passos. Fal-

lae. D. João de Mascarenhas, vós primeiro, que sois o decano do conselho.

Todos os olhos se dirigiram para o vencedor de Dio: e o ancião, erguendo a cabeça que os annos ja faziam peider, e amparando-se com as mãos a bancada, levantou-se, e disse com voz tremula:

— « Senhor, o dever de leal vassallo me impõe a obrigação de repetir o que tantas vezes tenho dito para salvação do reino. Ides perder-vos, senhor; que mui diminutas são nossas forças; bem pouco valem esses auxiliares mercenários de Italia e de Allemanha, e ainda menos valerão os partidarios mouriscos d'esse xarife imbecil, que se diz aguardaremos em Tanger. Quem seguirá as partes de um tyrano como Muley Hamet, que perdeu a corda por effeito de suas torpezas? Olhae que aguerridos são os mouros, e mui experimentado o seu chefe, Muley Maluco, que na Turquia aprendeu a combater. Os soccorros de Castella não chegam; e nossos peões são bisonhos; e a cavallaria christã está agonisante; o estandarte da Cruz ja se não cerca de lidadores como em outro tempo, e difficil será ja agora reconquistar nosso predomínio na Africa; melhor fóra sustental-o na India, que não vá desabar tambem. »

— « Já está D. Luiz de Attaide para o amparar, que não conta elle os soldados quando tem que abater o orgulho de descridos; com bem poucos desfez a liça de todas os potentados do Oriente »

— « Tambem eu os não contei, senhor, nos muros de Dio. »

— « A idade vos enfraqueceu os brios, » atalhou D. Sebastião, com um gesto que queria fingir alegria: « nossos physicos são de opinião que a velhice faz acobardar o mais valente guerreiro; que aos oitenta annos... »

— « Oitenta annos tenho, senhor, para vos aconsellar, porém vinte para combater por vós. »

— « Senhor, dae-nos ouvidos! » bradou outro velho cavalleiro, que se assentava a par de D. João Mascarenhas: « Desprezais os pareceres de homens experimentados, porque contrariam vossa vontade de ferro? Aleunbareis de cobardes aquelles de quem o mundo sabe o nome com espanto, por suas façanhas incriveis? Cuspireis tambem affrontas na face ressequida do vosso antigo ayo, só por que vos pretende salvar; que vos entrega seus filhos, mancebos esperancosos, e a unica consolação de seus dias, ja que a idade lhe não permite seguir-vos! Não attendereis finalmente aos avisos do céu? O incendio d'esse armazem, onde se alojavam os petrechos destinados a desgragada empreza, que se ignora como e quem lhe pegou o fogo!... A apparição de um cometa... »

— « Ah... ah... ah... » interrompeu o rei com uma gargalhada prolongada, « o cometa me avisa que accommetta. »

Mas logo, mudando de tom, acrescentou com gesto catregado:

— « Viria eu aqui só para ouvir as reprehensões de D. João Mascarenhas e D. Aleixo de Menezes? Nenhum de vós me facultará meios para sair bem d'esta empreza, de que não desisto? »

— « A minha espada, senhor, e a minha vida! » disse D. Christovam de Tavora, erguendo-se solemnemente da extremidade da bancada, onde tomara lugar como o mais moço dos conselheiros.

— « A sorte do meu rei será a minha; defender-vos-hei até ao ultimo transe da vida, por todos os meios ao meu alcance. »

Outro mancebo pronunciou estas palavras, pousando a mão direita sobre a cruz da sua espada. Era o juramento de um neto de D. João de Cas-

tro; o valor e fidelidade lhe couberam por herança: tinha de ser cumprido!

O rei levantou o conselho com estas palavras:

— « Partiremos amanhã para Lisboa, e em poucos dias para Arzila; accetto a vossa companhia, D. João de Castro; a vossa tambem, Christovam de Tavora; e os vossos filhos, D. Aleixo. Quanto a vós, D. João Mascarenhas, maior serviço fareis ao reino ficando do que partindo; encarrego-vos da governança dos meus povos, de parceria com o arcebispo D. Jorge d'Almeida, Francisco de Sá e Pero d'Aleagoa, que presentes estão. Não se sentirá a minha falta. »

Recolloendo-se em seguida aos seus aposentos, deu por despedidos os conselheiros, que foram saíndo cabisbaixos e silenciosos. A sala ficou deserta.

Quem diria que n'aquelle logar acabava de se pôr o sello á ruina de uma nação?

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

#### AS LOTERIAS.

Os effeitos das loterias, diz Edgardo Duval, são em toda a parte, e sempre, desastrosos. Similbante jogo, pois que a loteria não é outra cousa, consumindo as pequenas economias, estorva a accumulção dos capitães, e faz muitas vezes desaparecer aquelles que se haviam ja accumulado. Alimenta no espirito dos povos a cobiça e o desejo exagerado do lucro. A esperanza de conseguir de um só jacto, e sem trabalho, grandes fortunas, compelle muitos individuos a arriscar, não só o seu pequeno peculio, aquillo que tanto lhes custou a poupar, mas até não poucas vezes o dinbeiro que lhes não pertence, e cuja perda lança suas familias na miseria.

Entre nós, mais talvez do que em parte alguma, os resultados das loterias são horroreos; entrar nas sortes é para uma parte do povo, mórmente o da capital, uma verdadeira e fatal mania. Como o vicio do jogo a loucura das sortes é origem de muitos outros vicios, amortecendo o amor do trabalho.

As nossas leis reconheceram quanto eram perigosas as loterias, e prohibiram-nas em geral, permitindo sómente as que são feitas em favor da santa casa da misericórdia de Lisboa, e outros estabelecimentos de beneficencia.

A limitação, a excepção destruiu a regra sabiamente estatuida; e com o intuito louvavel de engrossar as rendas de alguns estabelecimentos de caridade, não se duvidou, por uma tolerancia, pelo menos imprudente, inocular no povo cada vez mais profundamente um habito, que o desmoralisa. Acrecece ainda mais que as loterias são um tributo pezadissimo, intoleravel.

Fazemos ardentes votos para que sejam severamente, e sem exclusão alguma, prohibidas as loterias, fonte de tantos males, e ruina de tantas familias!

#### O DESERTOR POLACO.

Poucos annos depois da ultima insurreição da Polonia, na qual tomára activa parte, bem como todos os seus parentes, Napoleão Thaden Wolny, mancebo de uma familia burgoeza de Kielec, pequena cidade da Polonia, foi preso por um destacamento rus-

so, e incorporado contra sua vontade em um regimento. Seu pae morrêra-lhe nos braços na batalha de Ostrolenka; seu irmão fôra sepultado em um carcere; seus dous tios estavam na Siberia. Wolny, persuadido de que se haviam esquecido d'elle, ia casar com uma menina de quem era ardentemente amado. A formosura da sua desposada enfeitou um official superior russo, chamado Bestuzew, que mandou prender Wolny, e depois raptára a gentil polaca, com quem casou para reparar a afronta que lhe fizera.

O mancebo foi privado do seu nome e sobrenomes, porque eram *revolucionarios*. O nome de Napoleão fôra proscrito em todo o imperio russo; o de Thadéu, que usára o heroico Kosciu-ko, não podia tambem ser tolerado, e o appellido *Wolny*, que significava *livre* em lingua polaca, não devia ser usado por um súbdito e soldado de sua magestade imperial. A nova recruta foi pois inscripta no livro-mestre com o nome de Ivan Matwiew Gorief, e mandada para a Lithuania.

Durante tres annos e meio, Wolny desempenhou o serviço com rigorosa exactidão, obedecendo pontualmente ás ordens dos seus superiores: procurava a solidão, fallava pouco, e em seu semblante mostrava fundos vestígios de tristeza e de infortunio, buscando nas suas reminiscencias o unico alívio á dôr que o consumia.

Um dia, que andava seismando na sua amargurada existencia, teve a boa fortuna de salvar a vida de um filho do seu oppressor, e d'aquella que nunca cessára de amar, quando na occasião em que folgava alegremente com outras creanças, estava prestes a ser espedaçado pelas rodas de uma carroça, puxada por cavallos desenfreados.

Passados os tres annos e meio do serviço, não vendo termo a seus trabalhos, e apertado pelo santo desejo de tornar a ver sua mãe velhinha, abandonou o regimento, e caminhando obra de seis semanas poudo chegar finalmente a Kielec. Apesar do cuidado com que procurára esconder a sua fuga, a policia russiana descobriu-lhe o paradeiro, arrancou-o aos braços da infeliz mãe, e fello-reconduzir preso a Grodno, onde estava o seu regimento. Com o futo rasgado, e os braços amarrados, Wolny marchava tranquillo e altivo no meio de uma escolta de soldados; e d'entre a multidão sympathica que o cercava saíam as vozes: é um defensor da Polonia!

Assim que chegou ao pé do claustro dos Dominicanos, transformado em prisão militar, a escolta parou, e ouviu-se um official russo bradar: — «Ao calabouço! ao calabouço! raça indestructivel de rebeldes!»

— «Não me levam la senão morto.» respondeu o prezo, «deixem-me fallar ao meu coronel.»

O official deu ordem para que o levassem á força; o soldado repetiu:

— «O meu coronel! quero ver o meu coronel!»

— «Infeliz, olha que é a morte o que tu pedes!» disse uma voz.

Mas o prezo desesperado não a ouviu. Resistia aos soldados, e talvez fosse victima d'estes, quando o commandante da praça appareceu a cavallo, e informando-se do motivo do tumulto, ordenou que se cumprisse o desejo do prezo.

A escolta obedeceu. Wolny respirou. Talvez tivesse algum motivo para confiar na bondade do seu coronel, que sabia que elle sempre tido sido um soldado pontualissimo e accedido; talvez que outras razões mais fortes lhe fizessem conceber alguma esperanza. Naquelle quadra de perturbações politicas, em que muitos polacos occupavam postos superiores

no exercito da sua nova patria, causas desconhecidas podiam favorecer o soldado no animo do chefe, e a sua obstinação, já se vê, que devia ser inspirada por um agente poderoso.

Foi pois com certa satisfação que o pobre Wolny caminhou com a escolta para o castello situado na extremidade da cidade, sobre as margens aleantilladas do Niemen.

Erigido por um principe da Lithuania ha cinco seculos, habitado depois pelos grão-duques, e pelos reis da Polonia, o castello de Grodno é hoje quartel dos generaes e dos officiaes superiores da guarnição russa.

A escolta formou em linha no pateo; os soldados, que poucos dias antes tinham visto expirar aos golpes da chibata, e n'aquelle mesmo pateo, um dos seus camaradas, olhavam com ar de commiseração para o pobre polaco, o qual porém, cheio de imprudente confiança, esperava que o coronel chegasse, ou que o mandasse subir ao seu quarto. De repente, em vez do coronel, appareceu uma senhora, que todos os soldados conheciam e veneravam; porque sempre intercedia pelos infelizes condemnados, e algumas vezes conseguira de seu esposo, por seus incessantes rogos, e pelas suas lagrimas, que modificadas cruéis sentenças, se salvasse a vida aos desgraçados.

Vinha agora tambem desempenhar a sua santa missão de caridade; mas quando deu com os olhos em Wolny, soltou um grito, abriu os braços como para o estreitar n'elles, e caiu sem sentidos.

Era Angelica, a formosa desposada de Wolny! Este quiz voar em seu soccorro, quiz erguela; não lhe era licito fazel-o, porque tinha os braços amarrados; apenas poudo beijar-lhe as mãos, e chamal-a pelo seu doce nome de donzella.

Esta scena teria durado apenas alguns segundos, quando o coronel chegou. Alto e vigoroso agarrou com força o mancebo ajoelhado, beijando as mãos de Angelica, que os soldados procuravam erguer, puxou-o para si, depois, fremente de colera, e fuzilando-lhe os olhos, deixou-o cair no chão. Era Bestuzew, que substituiria no regimento o antigo coronel, promovido a um posto superior.

Wolny olhou para o commandante com ar espantado, a bocca entreaberta, mudo de estupefacção. Aquelles dous homens miravam-se um ao outro, o primeiro, com terrivel alegria, o segundo como louco, ignorando o que se passára na sua ausencia, não percebendo o motivo por que Bestuzew estava ali, prostrado por este novo golpe.

— «Até que finalmente estás em meu poder!» bradou o coronel. «di-este que me querias fallar; pretendias annunciar-me o teu regresso; bem, muito bem!»

— «Eu não sabia que o meu antigo coronel tinha sido substituido;» murmurou Wolny.

— «Conduzam este miseravel,» replicou Bestuzew: «carreguem-no de ferros, e prendam-lhe ascadellas ás paredes do carcere.»

A resistencia era impossivel. Angelica, desmaiada, já ali não estava; o infeliz Wolny foi mettido em uma carroça destinada ao transporte dos condemnados á morte, e conduzido assim a prisão pelos soldados attonitos, que comprehendiam tanto aquella scena, como o povo que o seguia; mas suspeitavam que havia ali o que quer que é de particular e de horrivel.

Com ferros ao pescoço e nos braços, na triste solidão do carcere, Wolny não se deixou vencer do desalento; pensava em sua mãe, na mulher que amara, cuja affeição constante acabava ha pouco de re-

velar-se de um modo tão extraordinario, e alimentava uma esperanza, este ultimo refugio dos infelizes. Talvez que Angelica se atrevesse a interceder por elle, talvez que ouzasse visital-o, ou enviar-lhe alguma missiva consoladora. Elle não podia andar, nem chegar ás grades da prisão os olhos avidos; e todavia parecia-lhe sentir, por esse fluido desconhecido que nos circula as velas e nos faz estremecer á aproximação da mulher adorada, que Angelica passara por diante a sua prisão, para o ver ainda uma vez.

Mas o coronel tinha expedido as ordens mais severas; o prezo não recebeu visitas, nem cartas; ás suas supplicas e instancias em favor do desertor a desafortunada senhora só obteve respostas evasivas, ou palavras duras e ironicas. Tres dias depois da chegada do prezo, as tropas da guarnição estavam reunidas na praça em frente da antiga igreja dos Dominicanos, a infantaria formando um grande quadrado, a cavallaria nos flancos, duas peças de artilharia na bóca de cada rua. O refeitório dos frades servia de sala de audiencia do conselho de guerra; em cima de vasta meza, coberta de panno verde, viam-se um crucifixo, um busto do imperador, um codigo, papeis, tinteiros e pennas; sobre um banco estava um feixe de chibatadas, com que é uso flagellar os accusados quando não são explicitos nas suas respostas. Instrumentos de supplicio indigido antes da sentença condemnatoria: é a horrivel tortura da acareação applicada perante os juizes, vergonha eterna do antigo codigo judicial, conservado na Russia!

As portas da sala do conselho estavam dous guardadores de sentinella.

As dez horas e meia os juizes tomaram os seus logares; no meio, o coronel Bestuzew; á direita o primeiro vogal, o capitão Zyskoff; á esquerda, o segundo vogal, o 1.<sup>o</sup> tenente Replin; em seguida o 2.<sup>o</sup> tenente Dianof; ao lado do primeiro vogal, o sargento Ziemblax; em frente do presidente o capitão relator Muzykow, e á sua direita o secretario. Alguns d'estes militares traziam ao peito a medalha de prata outorgada por Alexandre pela tomada de Paris em 1814, e a que concedera Nicolau pela tomada de Varzovia, em 1831!

As onze horas o accusado foi conduzido perante os juizes, vinha vestido á paizana, com os braços amarrados, e machos de ferro nas pernas; a cabeça trazia-a descoberta, rapada de um lado sómente, e do outro com o cabello cortado reute; costume extravagante, que deve tornar um homem horroroso, cujo fim é difficil perceber, e que é talvez o resultado da phantasia, ou do capricho d'aquelles que se occupam unicamente em inventar supplicios. Assentaram-no ao lado esquerdo do capitão relator, atraz d'elle estavam dous soldados de espadas desembainhadas.

Os juizes beijaram o crucifixo por cathogorias, fizeram uma profunda saudação ao busto do imperador Nicolau I; depois o secretario ergueu-se, e leu o auto de accusação.

— Ivan Matwiew Gorief, idade vinte e sete annos. . . .

— Perdão, acudiu o accusado; eu chamo-me Napoleão Thadeu Wolny. . .

— Silencio! bradou o presidente, fazendo signal ao secretario para continuar.

Ao mesmo tempo o capitão relator virou-se para o accusado, e disse-lhe:

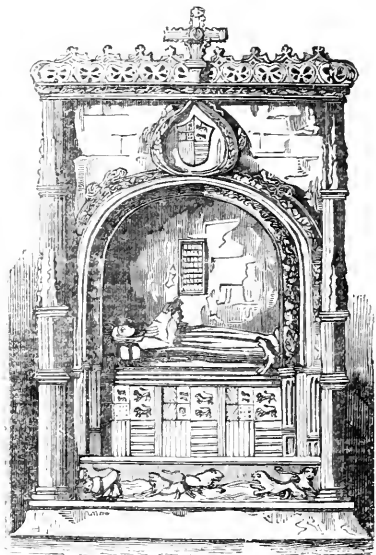
— Desde que assentastes praça não podeis usar d'esses nomes detestaveis.

Wolny quiz reclamar, mas obrigaram-no a callar-se, e o secretario proseguiu na leitura do auto

de accusação, que era aliás mui breve, e terminava pelas seguintes palavras:

— « Prestemos um justo tributo de elogio á nossa policia na Polonia, que soube descobrir o criminoso, e entregal-o á acção da justiga. O seu crime merece um castigo tanto mais exemplar, quanto é certo que as nossas tropas precisam agora mais do que nunca de ordem e de disciplina. »

(Continúa.)



TUMULO DO XV SEculo.

O mosteiro de S. Miguel do Monte, fundado pelo bispo de Calahorra D. João de Gusmão em 1398, e reedificado no reinado do famoso Filippe II, é um dos monumentos ecclesiasticos mais respeitaveis e curiosos de toda a Hespanha.

Acha-se collocado nos limites de Rioja e Alava, a quatro kilometros de Miranda do Ebro.

Reconstruido com toda a grandeza propria da melhor epocha das artes no reino visinho o mosteiro de S. Miguel ficou sendo desde então um verdadeiro primor de architectura; o claustro é sobre tudo de uma elegancia surprehendente.

A igreja era tambem ornada de quadros de grande merito, devidos a alguns dos melhores pintores hespanhoes.

Com a extingção das ordens religiosas este mosteiro, deserto dos seus piedosos moradores, foi entregue a varios habitantes d'aquellas visinhanças, que n'elle residem, evitando-lhe a ultima ruina, e alegrando a sua solidão.

Em uma das capellas da igreja conserva-se o tumulo de Pedro Lupez de Ayala, homem opulento, que concorreu tambem para a fundação do mosteiro de S. Miguel, enriquecendo-o depois de muitas alfaias preciosas.

Este tumulo, que a estampa representa fielmente, é um dos mais formosos especimens, que temos visto n'este genero de architectura.





COSTUMES DOS KALMUKOS.

Os **KALMUKOS**, kalmukos, ou eleuthas são um povo guerreiro da Asia, na Grande Tartaria, dividido em tribus, a cada uma das quaes preside um chefe com o titulo de kan. Desde 1737 pagam tributo ao imperador da China.

Como a maior parte dos povos de raça mongolica os kalmukos são buhlistas, ou, para melhor dizer, lamistas; mas o seu budhi-mo está muy adulterado. Veneram um grande numero de idolos, representando pela maior parte formas de mulher. Reconhecem um Deus supremo, ao qual estão sujeitos os genios bons e maus. Crêem na transmigração das almas como uma provação, mais ou menos longa, por que todos devem passar antes de comparecer perante o soberano juiz. Os santos terão em recompensa das boas acções que praticaram na terra o descanso na vida eterna, conservando a sua individualidade.

Os Kalmukos celebram todos os annos tres grandes festividades; cada uma d'ellas dura quinze dias. A mais importante é a que tem por fim festejar o regresso da primavera; a segunda, que se chama da benção das aguas, é em junho, e a terceira em dezembro.

O amarelo e o vermelho são as côres religiosas. Os templos de ordinario decoram-nos com ricas telas de seda; observam-se n'elles muitas imagens, en-

tre as quaes sobresae o idolo de Dehakichamuni, em bronze.

Posto que os kalmukos não admittam penas eternas, os seus padres tem procurado fazer acreditar que serão castigados no outro mundo aquelles que commetterem algum d'estes cinco peccados: Irreverencia para com Deus; crimes nos templos; falta de respeito aos pais; assassinato; offensas contra o clero.

Estes povos grosseiros vivem em tendas ou barracas de feltro, de quatro a cinco metros de diametro, cylindricas ate a altura do hombro, e cobertas com um tecto conico, aberto no centro para saída do fumo. A arimação d'estas barracas é muy simples e de facil construcção, como pode observar-se na estampa. Dous camellos bastam para transportar uma d'aquellas barracas, em que pode aljar-se uma familia inteira.

No centro da tenda conserva-se sempre uma pequena mesa, onde põem a panela, em que cozem a carne e preparam o chá. O chão cobre-mo com esteiras, tapetes e passio feltro. Em frente da porta estendem os coxins, ou camas, em que se deitam; a arimação da barraca penduram as armas, os odres, os utensilios de cozinha, as provisões, etc.

As mulheres fazem o comer, tratam das creanças, armam as tendas, fabricam as pelles, cortam os

vestidos, e cuidam do gado. Mui cedo perdem os poucos attractivos de que são dotadas na idade juvenil, e a sua physionomia assume um certo ar vaurol pouco agradável.

É extraordinária a frugalidade dos kalmukos. O que principalmente os alimenta é o chá; raras vezes compram cereaes ou pão aos seus vizinhos russos. Da China importam aquella planta, que lhe é remetida sob a forma de tijolos muito rijos; quando querem preparal-o as mulheres quebram alguns pedacos, deitam nos na panella de ferro, e temperam-nos com leite, manteiga e sal, e assim compõem uma especie de sopa amarellada, com que os kalmukos muito se deliciam. Attribuem a esta comida a virtude de prevenir a maior parte das doengas produzidas pelos resfriamentos.

Taes são os costumes mais singulares d'este povo da Asia, alias mui pouco conhecido dos europeus.

#### DESCRIÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

Um portuguez por nascimento e hespanhol de coração. D. Christovão de Moura, ramo dos senhores de Azambuja, e que, tendo acompanhado a Lourenço Pires de Tavora, quando este foi por embaixador a Madrid, (1), voltou ali com a princeza D. Joanna (2), que o recommendou a Filippe II, a quem foi bem accedido mormente depois da boa conta que deu da torpe missão com que, sob capa de cumprimentar o caduco cardeal rei, veio a Lisboa dispôr as cousas para a intrusão da corôa, aquelle homem ainda mais cabido com Filippe III, que lhe deu a grandeza com o titulo de marquez de Castello Rodrigo, que com el-rei seu paiz, e que o seu archimimistro e valido duque de Lerma (3), para afastal-o de seu amo, fez vice-rei de Portugal, foi quem então fundou, e vinculou de mão commum com sua mulher D. Margarida Corte Real (4), a quinta de Queluz, que trinta e sete annos mais tarde passou a dynastia que elle tanto procurou excluir do throno. Vêmnos agora com a mente ao espaço que decorreu no entremeio de 1603 e 1612, para n'aquella casa de campo, onde posteriormente se passaram tantos successos notaveis, e se fizeram tantas e tamanhas mudanças, tirar interesse de uma primeira tradição historica.

(1) Foi este illustre representante d'el-rei D. João III junto a Carlos V que n'uma audiência, em que este imperador, irritado contra a nosa côrte, disse em tom de ameaça que sabia quantos rios e quantas pontes havia em Portugal, lhe observou com grande presença de espirito, que este reino tinha hoje os mesmos rios e as mesmas pontes que havia em 1 de agosto de 1295, dia em que se deu a famosa batalha de Aljubarrota.

(2) Esta princeza, filha de Carlos V, irmã de Filippe II, mulher do principe D. João, filho d'el-rei D. João III, e não d'el-rei D. Sebastião, retirou-se depois de enviar, para Hespanha, sem de cá levar saudades, nem as deixar n'este reino.

(3) Francisco de Roxas ou San loval, marquez de Denia, duque de Lerma, e, depois de viuvo, cardeal.

(4) Esta senhora, filha de Vasco Eanes Corte Real, e de D. Catharina da Silva, filha do primeiro conde de Santa Cruz, era neta e herdeira da casa do nosso celebre navegante Gaspar Corte Real, que descobriu a Terra Nova.

Já findára o reinado longo e continuamente agitado do primeiro oppressor de Portugal, soberano, que uns baptisaram às avessas chamando-lhe *Prudente*, outros desbaptisaram do nome de homem dando-lhe o de *Demónio do meio-dia*, e que assaz bem se caracterizou a si mesmo no sumptuosamente formidavel edificio em forma de grelhas, e com visos de inquisição pastando no deserto, que elle, entre cabeços negros, que áquelle triste sitio deram a denominação de *Escorial*, erigiu para jazigo seu e da sua prole, que ali já juntar a agitação do mundo com a tranquillidade do claustro, ora n'uma bibliotheca cheia de livros e vazia de leitores (5), ora n'uma sacristia guarneecida de quadros de Raphael cobertos de bôlôr; já o altivo e discreto duque de Alva (6) tinha, em paga da conquista que fizera d'este reino, morrido, sem um ar de magua da parte do seu rei, n'um sotojo por baixo da camara real no pago da Ribeira, que Filippe II então habitava, e Hespanha, privada d'este e de outros homens de braço, e exhausta de cabaçadas, estava, todavia, ainda rica dos talentos de Quevedo, que nas suas *Bucolicas* soube seguir o tom simples e tocante de Virgilio, de Luiz de Leon e dos dous Argensolas, que os contemporaneos e a posteridade acharam dignos de ser comparados a Horacio, de Villegas que seguiu com tanta fortuna o genero de Anacreonte, de Calderon de la Barca, do seu rival Montalvano. Lope de la Vega Carpio, e Garcilasso, que da fonte do nosso Gil Vicente, beberam e communicaram aos francezes as bellezas dramaticas que os classicos de todas as nações consideraram como outras tantas regras e leis por onde se devia regular o theatro moderno; de Cervantes, que com a sua inimitavel novella, ou antes verdadeiro poema de D. Quixote acabou com uma instituição que bem util na sua origem mal podia ir com as idéas do tempo, incorrendo por esta produção no odio do ministro (as luzes que dão olhos a uns dão nos olhos a outros). Prodigiosa abundancia, ou mais veramente, prodiga sobejidão de talentos, cujos versos e prosas indennisam o paiz que os produziu da orchestra de vezes desafinadas dos seus oradores parlamentares do seculo 15.<sup>o</sup>, que levou a lingua e a litteratura hespanhola a todas as côrtes, e quando a de Madrid, que Boccadini compara a uma garganta, por onde tudo passa e onde nada fica, depois de uma tragedia, deu uma comedia, que, contra toda a arte dramatica e um impulso natural, acabou por catastrophes que, em vez de excitar lagrimas, provocaram a riso.

(5) Na immensa commuidade dos Jeronymos do Escorial, dos quaes um homem de bom humor dizia que comiam por espaço de doze horas, dormiam outras tantas, e estudavam o resto do dia, houve um bibliothecario muito estúpido que uma dama de muita graça propoz a Carlos III para ministro da Fazenda, por isso que, não tendo elle tirado nada dos livros, era de supôr que tambem se não aproveitaria de cousa alguma do thesouro publico.

(6) Este cortezo, não só perito nas armas, mas que tambem cultivou as letras, sendo por isso nomeado presidente da academia de Madrid, com ser muito altivo, e tão orgulhoso que tratava a todos por *zós*, era tão discreto, como jovial. Um dia que Filippe II, enfadado de ouvir falar alto algumas damas que estavam na casa immediata a sua camara, mandou ao duque de Alva que lhes dissesse que se fossem emhor; o duque, tão polido com as senhoras, como era insolente com os homens, entrando na sala em que ellas estavam, deu assim o seu recado: *Dice l'Alba alas estrellas que viene el sol, que se retiran ellas.*

Um rei muito moço, de bom natural, fraco, irresoluto, desaplicado e inerte, tendo por ministro universal um homem também inexperto, bondoso, fulto de forças, e indolente, governado por subalternos e parentes ambiciosos e intrigantes, tal era Philippe III, a quem o duque d'Osuna, que melhor que ninguém soube pintar uma situação por um dito agudo, chamou o *grão zabumba do estado*, e o duque de Lerma, junto a quem o engenhoso e faceto novelheiro Hesage poz com agudo pensamento o seu prototypo do cavalheirismo de industria, Gil Blas. Novos impostos nos alimentos e outros objectos de primeira necessidade para uma nação já sobrecarregada de tributos exorbitantes; duplicação do valor da moeda, recurso injusto e iniquo de que em Portugal se tinham seguido tão más consequências nos reinados dos reis D. João III, e D. Sebastião, e que fazendo augmentar na mesma proporção o preço de todos os generos, deu também occasião aos estrangeiros a introduzir, em troca d'aquelle moeda, outra fabricada nos seus paizes: a decrescente população, ainda mais diminuída por effeito de medidas ariscadas e intempestivas, que augmentaram as difficuldades de reparar mesmo lentamente as forças do corpo social enfraquecido: tal era o quadro que apresentava Hespanha no principio d'aquelle reinado. Se as violencias e tyrantias de que aquelles dous authomatos politicos, que tornaram a segunda sujeição de Portugal inda mais pezada e odiosa que a primeira, foram cegos instrumentos, verificaram a prophécia que Philippe II fizera no leito da morte, dizendo ao Marquez de Castello Rodrigo: *Ay, D. Christovan, que temo que mi hijo hade ser gobernado*, não é menos certo que todas as queixas e satyras que aquelles actos excitaram em toda a península apenas mereceram estas desprezantes palavras: *Los hespañoles son como los niños que, quando lhes lavan, lloran*; como se aquella pobre nação, que sómente se queixava de lhes alimparem as gavetas do dinheiro, grunhiu e se carpisse por lhe purificarem os dedos. Assim ficariam respondidos de repente, com um dito desengaçado por vir desaproposito, os aggravos fundados de uma grande nação oppressa, se o editor responsavel de tantas miserias não abrisse, pelos mesmos meios de que lançou mão para melhor as encobrir, outras tantas portas por onde ellas entraram pela peg dentro, e puderam penetrar os ouvidos do monarcha. Tinha o ministro e valido um filho unico, o duque de Uzeda, homem de boa maneira, e por confidente o jesuita Aliaga, grande intrigante, e, entendendo que de ambos podia tirar grande partido, poz o primeiro como camarista e o segundo como confessor aos dous lados de Philippe, pedindo n'este mesmo tempo, para si, ao papa o barrete de cardeal com que julgou que escaparia

Tendo elle n'outra occasião visitado a sr.<sup>a</sup> duqueza de Bragança D. Catharina, que para disfarçar a falta do tratamento que elle exigia, e que ella pela sua posição não queria dar-lhe, lhe fallou sempre com exclamações obsequiosas, como: *E Jesus que gosto que tenho de o ver...* *E Jesus que pena que terá meu filho de se não achar aqui agora...* *E Jesus que dia tão mau para fazer ragem*. n'outras expressões semelhantes, e tendo Philippe II perguntado se sua prima lhe dera tratamento, respondeu: *Deu-me o maior*: ao que o rei tornou, *culpa tratou-vos por excellencia? Ainda mais alto*, replicou o duque. *Pois deu-vos alleca?* tornou a instar o rei; ainda mais, tornou a responder o duque, *a prima de vossa sacra real magestade tratou-me por Jesus*.

mais a seu salvo das balas dos seus inimigos de corte, e poderia evadir as difficuldades em que o punham certas reclamações de uma parte do clero. Em todas estas combinações achou se elle de meio a meio enganado, porque o capello, que recebeu com a commissão ou condição de acordar os jesuitas com os dominicanos sobre um ponto de theologia de que elle não entendia nada, o que o metteu a ridiculo, e arrastou sobre elle as iras dos contendores, não o livrou dos embaraços em que alguns prelados, e os mesmos jesuitas (que na India christianisavam certos ritos gentilicos) continuaram a pôr aquelle estadista curto dos nós e atado, exigindo a expatriação dos moriscos: e o duque de Uzeda e o padre Aliaga, auctorizados do seu papel de criaturas, e desejosos de ser criadores, pondo-se á testa da intriga, que os grandes, desgostosos do duque de Lerma, contra elle tramavam, e assacando-lhe sobre tantas culpas e erros, um crime que elle não fizera, nem podia commetter, de tal modo azedaram contra elle o monarcha, que, o pezar e despeito das suas humilhações o demittiu e fez sair da corte. Chegando o cardeal ao seu retiro (nome que muitos homens nas suas circumstancias tem sabido pôr, mas de que muy poucos tem sabido usar) recebeu um decreto exauctorando-o de todos os empregos que tinha no pago, e um veado morto n'aquelle mesmo dia, que o rei lhe mandava de presente. Que desgano das grandezas do mundo, e que prova tão real das inconsequencias que se praticam nas cortes! Os historiadores não dizem, mas é bem de suppor a dor com que o novo e velho cardeal tragou aquelle presente vindo no mesmo dia de um tão severo castigo. Por mais cerradas que sejam as filas das opposições, nunca são nem podem ser tão possantes e tão fataes como os desacertos das administrações, que embem no arco as settas que as matam irremediavelmente.

Ligado por despeito com aquelles Syllas e Catilinas de obra grossa, o Marquez de Castello Rodrigo, amigo, e antigo collega de conspiração em Lisboa do duque de Osuna, mostrando-se n'esta capital (que elle ajudara a despír da preeminencia de corte), fiel e mudo executor de todas as vexações decretadas pelos tutores de Philippe III e do duque de Lerma, e anathematisadas galantemente pelo nosso clero (7), recebia nos tempos de vacações em Queluz os confidentes e as confidencias, que lhe enviavam de Madrid os seus consocios.

(7) Um livrinho intitulado *a Fora velhaco, ou ta Liberté da Portugal* contém entre outras tres anecdotas que vem em abono d'esta asserção. Estando o parochio da Sé n'uma sexta-feira de quaresma cantando uma missa, e passando por alto a collecta, que o arcebispo de Lisboa lhe advertiu que devia dar, perguntou o cura alto e bom som ao diacono: *Como se chama este demonio, que temos aqui como rei*, e respondendo-lhe o ministro: *Chama-se Philippe*, começou o parochio no mesmo tom: *Et famulum tuum Philipppum, Ducem, Abbatem, Rodricum Zagabam, coctroque omnis diabolo etc.* entre gargalhadas dos circumstantes. Também o celebre Fr. José Teixeira, pregando do amor do proximo na igreja de S. José, disse: «Irmãos, Deus manda-nos amar o nosso proximo que e toda a casta de bicho estranho, mouros, judeus, e até, o que parece incrível, os nossos tyrannos hespanhoes.» Finalmente o padre Luiz da Veiga, pregando diante do cardeal archidique Alberto, tomou por thema: *a Tolle grabatum tuum et ambula...* o que, acrescentando elle, quer dizer *em bona portuguez*: *a Pegue vossa alteza eminentissima em si, e ponha-se no olho da rua.*

Cuidaria agora alguém que eu ia dizer que a miseravel campanha de Flandres, que nos fez perder tantas das nossas colonias, e a tregua, ainda peor para nós, que o governo hespanhol, por esse tempo (1609), fez com os hollandezes, e que deu azos a dizer-se que elle não sabia fazer paz, nem a guerra, talvez excitassem remorsos que inquietassem o animo do principal instrumento da união de Portugal a Hespanha nos seus exercicios campestres: longe de mim tal pensamento; ha muito que eu tenho para mim que a ambição tresloucada, o espirito de facção, que é o mais ignobil de todos os espiritos, e a privação do sentido da vista acompanhada da perda do sentimento da propria cegueira, fazem que de tantos homens que se precipitam, nenhum caia em si; e se não, perguntem-no os nossos ouvidos aos nossos olhos.

Pouco depois foi o marquez chamado á côrte, onde, como muitas vezes succede, lhe custou mais a haver-se com os seus amigos politicos, que com os seus contrarios; e mais atormentado e punido por aquelles que por estes, acabou uma vida (com que a paciencia robusta de um graciano encheu um volume em 4.<sup>o</sup>) com o desgosto de deixar no poder um rival, mas sem o desprazer de presenciar o tragico fim do monarcha de quem fora tão estimado, e que poucos annos depois morreu victima da severa etiqueta com que havia sido embulado. O segundo marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Côrte Real, casado com D. Leonor de Mello, filha dos marquezes de Ferreira, e que, para não desmerecer do pae, concorreu com o jesuita Queiroga para a alveiosa prizaõ do senhor D. Duarte, e mandou matar um official hespanhol que n'ella o apiedava, sendo por estes servigos nomeado successivamente plenipotenciario no congresso de Munster, embaixador em Roma e governador de Flandres, nunca, depois de senhor de casa, habitou a quinta de Queluz. que depois da gloriosa revolução do 1.<sup>o</sup> de dezembro de 1640 passou, por sequestro, para a corõa. Tendo este marquez deixado uma filha, D. Leonor de Moura Côrte Real, que casou com D. Carlos Hodeii, que antes de ter o titulo de seu sogro, tinha o de marquez de Almonacide, e foi, da parte de Philippe V novo da princeza Luiza de Saboia, levar a procracção d'este rei ao principe de Carignan, aquelle famoso mudo, tão sabio e tão capaz, que tanto deu que fallar, e que fazer a França; e passando pelo tempo adiante os vinculos em que succellera aquella terceira marquez de Castello Rodrigo para a casa do principe Pio, foi com este que a nossa côrte tratou do compensativo do morgado de Queluz. (Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

## D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LEENDA NACIONAL.

### III.

Ai! mal aconselhado, quanto forte,  
Generoso mancho! Eternos lutos  
Preparas a chorosa Lusitania.

J. B. DA GAMA.

A PARTIDA.

QUEM ha que não tenha viva na imaginação, entre as doces recordações da meninice, uma lembrança

saudosos da noute de S. João? D'essa noute de religiosa alegria, festejada no campo e na cidade, no palacio e na choupana, por velhos e por mancebos; noute de folias, em que a donzella, sustendo a custo a agua preza pelos labios, aguarda ansiosa ouvir o nome do que ha de ser seu esposo; ou queimando a espinhosa alcachofra, anela que alvoreça a manhã para conhecer, pelo florir ou secar de uma flor, se a Deus apraz, ou não, conceder-lhe por marido o eleito do seu coração. Noute de liberdade, em que os moços galhofeiros, fóra de suas pouzadas, e ao som de cantares alegres, saltam a fogueira, que debalde altêa aschammas para os contrariar; ou tornando a praça publica em salão de sarau, fazem resoar musica singela, danças populares, e engraçadas lóas. Culpa grave entre mancebos e donzellas era, n'outros tempos, o repousar em tal noute, destinada a folgueiros innocentes, tão puros como a sua origem patriarchal!... Porém escura e silenciosa estava a cidade de Lisboa, em a noute de 23 para 24 de Junho de 1578; nenhum som harmonioso de voz ou instrumento quebrava a mudez das ruas solitarias; e não era por que todos os habitantes estivessem adormecidos; pelo contrario, muitos velavam. Enxergavam-se luzes pelas frestas de bastantes portas e janellas, e quem escutasse de perto percebia vozes sumidas e arfar de corações! Eram suspiros abafados, eram lagrimas de desconsono, que transpiravam por todos esses edificios, desde o palacio do grande até ao desvão do pobre... por que ao raiar do novo dia, dezeseite mil paes, irmãos, esposos, noivos, filhos, amigos, iam ser conduzidos para o matadouro de Africa!...

Lá vem rompendo a manhã d'esse infestado dia. Os altos montes do sul começam a avermelhar-se, e por entre as deliciosas veigas d'além se distingue o casal solitario ou a pequena aldeia, matizando de branco um extenso tapete de relva; d'aquem assoma o volto gigantesco da capital, e os vidros simples e corados dos templos e das habitações profanas, reflectem os raios do sol nascente com mil accidentes de luz: o Tejo ufano do azul de suas aguas, e os contornos de tão diversos navios que iam em breve mostrar os pavilhões de toda a Europa, completavam um soberbo quadro para o observador collocado na praia de Restello... e bastantes lá estavam que pela ultima vez gosariam do tão brilhante espectáculo! Era d'aquelle logar que se deviam soltar as velas de oitocentos baixéis, que, como as azas do anjo da morte, nosariam sobre tantos guerreiros até ao momento do exterminio.

Despovoados se achava já pela ante-manhã o labyrintho inextricavel de ruas estreitas e mal gradadas, becos tortuosos e immundos, que constituíam então a cidade de Lisboa, proximamente no gosto do bairro de Alfama, ainda hoje de pé, por mereço especial do terramoto de 1755; e o povo se arrojava em ondas pela margem do Tejo para o logar do embarque, uns a dar o extremo adeus a quem lhes era caro, outros por simples curiosidade... e para esses havia ali muito que ver!

De todo se erguera o sol no horizonte; era essa a hora prescrita por D. Sebastião para o embarque, e tudo o esperava a ponto. Na direita da hoste se vê um esquadraõ de velhos guerreiros do Oriente, que vestem pezadas armaduras como se foram cabaios de setim; seu capitão é D. Luiz de Menezes, que faz tremular o estandarte real como efferezmór do reino: só com o final alento o ha de elle deixar escapar das mãos em Alacacerquibir, quando já não restar com vida ou liberdade nenhum d'aquelles cavalleiros anciãos, cuja intrepida firmeza faria inveja á antiga legião macedonia. Seguem-se

os mancebos aventureiros, flor da nobreza e esperança da patria; commanda-os Alvaro Peres de Tavora, irmão do valido de el-rei: não se vê entre elles um rosto triste, como em os outros terços; são como tenues raios do sol, brillando por entre o aggregado de nuvens caliginosas. E d'ahi a pouco a arêa de uma valla ou a porta de um carcere ia abafar-lhes o fogo da vida, ou o entusiasmo da gloria! Apoz estes maneobos estão as levas da gente recrutada no reino, soldados sem experiencia e sem desejos de largarem seus lares, creados na paz do reinado de D. João III, e ouvindo só fallar de batallas áquelles que voltavam da India nos galeões de viagem; dividem-se em quatro terços, de que são coroneis D. Miguel de Noronha, Diogo Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora, e Vasco da Silveira: o porte d'estes chefes é marcial, presagia a victoria; porém, mau grado a suas esperanças lisonjeiras, é a morte ou a escravidão que Deus lhes ha fadado. Mais adiante pousam os poucos italianos que governa o marquez Thomaz Sternvile, os tudescos do coronel Martim de Borgonha, e os castelhanos de D. Alonso de Aguilár; capitães infelizes que tinham de juncar com seus cadaveres as margens do Lucus. Na extrema esquerda está a cavallaria, a pé, por ter já feito embarcar seus ginetes nas galés de transporte: são dous mil e quatrocentos soldados; e todo o exercito não excede a dezete mil.

Defronte do sumptuoso mosteiro, elevado pela piedade e pela grandeza de animo de el-rei D. Manuel á memoria do descobrimento da India, conversam o mestre de campo general, D. Duarte de Menezes; o baillio de S. João, Pero de Mesquita, capital geral da artilharia; Fr. Bernardo da Cruz, capellão-mór da expedição; o regedor Lourenço da Silva, justiça-mór do exercito, e os desembargadores Antonio Velho Tinoco, ouvidor-mór do campo, e Francisco Casado de Carvalho, furiel-mór: quem diria que nem as hecas de jurisconsultos os salvariam da espada! Alguns medicos se achavam ali tambem, que seguiam o exercito, para acabarem os que não sáissem bem mortos do logar da carnificina.

Uma nuvem de poeira que se descobriu ao longe no caminho da cidade, e o susurro que simultaneamente se fez ouvir entre o povo, deram a conhecer aos chefes que o monarcha se aproximava; correram rapidamente as fileiras, e em um momento aquella massa de soldadesca, muda, firme e unida, similhava uma gradaria de ferro: só tinham movimento as bandeiras que a viração da manhã fazia cedeir ligeiramente.

Em breves instantes aquelle espaço de terreno foi embebedo debaixo dos pés dos fogosos cavallos que traziam el-rei e a sua comitiva; e os soldados, ao signal de seus chefes, fizeram a usada cortezia militar, os estandartes se abateram, e os instrumentos musicos fizeram resoar hymnos guerreiros. O joven monarcha sorria ao aproximar-se das armas, como se já tivera seguro o fim de seus desejos; lustrosa era a companhia que o seguia, e o riso do soberano communicou-se áquelles vassallos tão leaes, tão cavalleiros; por fim o contagio apouso-se de toda a hoste: «Viva D. Sebastião, viva Portugal,» repetiam milhares de vozes de nobres e populares, de guerreiros e burguezes... Era o ultimo dia de prazer para esta pobre terra!...

D. Jorge Teilo, pagem do guião de el-rei, vinha na frente da cavalgada; aos lados de D. Sebastião sopeavam seus valentes corceis ricamente ajazados, o prior do Crato D. Antonio, filho do infante D. Luiz, e o duque de Barcellos, joven de doze annos,

que pela primeira vez ia arrancar do montante: as prizoês de Africa os esperavam! Apoz elles caminhavam os governadores do reino, e entre outros cavalleiros de primor que seguiam, notava-se D. Jayme, irmão do duque de Bragança; D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira; o duque de Aveiro; os condes de Tentugal, Redondo e Vímio; D. João de Portugal e Manuel de Sousa Continho; D. Christovão de Tavora; D. João de Castro, filho do védor da fazenda de el-rei, D. Alvaro de Castro, e neto do quarto visor-rei da India; D. Luiz, filho de D. Aleixo de Menezes; o valente Luiz de Brito, e os bispos de Coimbra e do Porto. Sangue tão generoso lá o tinha de confundir o Lucus em suas aguas!

Tudo estava prompto para o embarque. D. Sebastião foi o primeiro a saltar no esquite do galeão S. Matheus, aonde o aguardava D. Diogo de Sousa, capitão-mór da armada; cavalleiro já de dias, prudente, valoroso e experimentado. O esquite vogou para longe da praia, e foi atraer á nau capitanea, que salvou ao monarcha com toda a sua artilharia. Os bateis dos outros navios seguiam de voga arraçada, transportando os capitães e soldados da expedição. D'ahi a algumas horas não se via em Belem um pique, lança ou adaga. Brillando á luz do sol: lagrimas, imprecações e suspiros substituíam os brados de alegria, que o vento levára fora do Tejo, e que se evaeceram no oceano!

Os velhos não desprezavam a vista do punhado de aventureiros, que se embarcava em tão temeraria empreza; os mancebos olhavam com inveja para aquelle saimento, que ia celebrar os funeraes da patria nos campos de Alacerquibir; e as mulheres carpiam de ante-mão a sua viuvez, e a orfandade dos filhos que as cercavam... o lucto pousava no maior numero dos corações que ficavam.

Em quanto se concluía o embarque, tres dialogos de vario teor, curtos mas interessantes, tinham logar em diferentes pontos da extensa praia de Restello. Eram tres personagens que partiam, e davam o ultimo adeus a outros tantos que ficavam.

— «É optimo o seu plano, capitão; não se acubarde no momento da execução, que a sorte de um príncipe o espera.»

— «Descauce no meu zelo, sr. D. João da Silva.»

Estas palavras pronunciou o capitão D. Francisco d'Aldana; ignorámos qual era o seu plano. Alguem disse depois que elle saltara o grito de *retirar*, quando os mouros iam de vencia; não possuímos provas suficientes para o affirmarmos; porém, se nos atraigou, bem diverso premio lhe reservou Deus do que elle aguardava na Hespanha, porque o seu cadaver foi encontrado no campo da batalla.

— «Adens, Luiz de Camões,» disse uma voz fraca, porém melodiosa.

— «O céu te acompanhe, Bernardes,» lhe respondeu um velho, com o sorriso da desesperação nos labios: «não te esqueça este larga-vela para um canto da tua epopea.»

— «Ficas ahí, pazem imbelles, não queres ver como se combate?» Estas palavras soltou um escudeiro ancão com ar sombrio, e segurando fortemente o braço de um rapaz, que esquadrihava cuidadosamente as longanhas e braços dos cavalleiros que embarcavam.

— «Não, sr. Braz Fagundes,» disse Ayres Tinoco, escapando-lhe das mãos; «imagino que nada terá de aprazivel uma tal vista. Fico para saltar as fogueiras de S. Pedro, já que por vossa causa perdemos os folguedos da noute de S. João.»

D'ahi a pouco ouviram-se os apitos dos mestres a bordo dos galeões e gales; as velas soltaram-se a um tempo, o vento não tardou a enche-las, e as quilhas a obedecer-lhe: depois via-se o rasto que os navios deixavam na agua, e o brilho das armaduras dos guerreiros; escutava-se ainda o som das charamelas, que tangiam alegremente a bordo da capitanea; e depois?... Nada!...

Tudo estava acabado para Portugal!...

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

#### DESTRUIÇÃO DOS PARASITAS DOS VEGETAES.

N'um jornal de agricultura da Belgica publicou-se em maio do corrente anno uma carta de F. V. Raspail, na qual este sabio distincto indica um meio economico de desembaraçar certos vegetaes dos seus parasitas. Reproduzimos-a em seguida, e recommendamos a sua leitura aos nossos agricultores, folgando que uma pratica esclarecida lhes demonstre a efficacia d'este preservativo, que é aha da mais facil applicação.

Eis como se exprime o illustre philosopho:

«De todas as dissoluções que tenho ensaiado ha annos, para desembaraçar os vegetaes dos seus parasitas internos e externos, e os animaes dos vermes (moscas, mosquitos, toão e outros) que os atormentam, a que melhor resultado produzia é a dissolução aloética (uma gramma de piteira (aloes) o maximo para em litro de agua. O baixo preço d'esta substancia torna este processo dos mais economicos; e não coute insecto ou animal, por maior que seja, que não sinta uma repugnancia incrível por esta substancia, e não lhe repogue o seu amargo.

«Por meio de um grande pancel ou de uma escova lavam-se os troncos e ramos, assim como o couro dos animaes. Mergulham-se os carneiros e os animaes de pelo comprido em um banho d'esta solução; a mesma agua pode servir até se extinguir, e pode renovar-se uma ou duas vezes, juntando-lhe nova agua. Banham-se tambem depois as sementes, as estacas e todos os pans das estacadas; e finalmente emprega-se a quantidade que fica para regar a parte do terreno infectado de insectos, e os legumes devorados pelas lagartas, quando esses legumes são cultivados pela raiz ou pelo grão, e não pela sua folha.

«Por espaço de um anno tenho tido occasião de ver todos os dias, em um jardim que habito, os bons effeitos d'este processo.

«Quando cheguei a esta habitação no principio de maio de 1853, encontrei as arvores infectadas pelo pulgão e outros insectos. Entre outras uma velha macieira tinha o tronco coberto d'elles. Banheio com uma dissolução aloética; e os insectos que estavam proximos deixavam de vir ao seu tronco. No fim de um mez, desembarcei a macieira visinha, e durante todo o anno estas duas arvores não têm mostrado nem apparencia de parasita.

«Este anno encontrei alguns favos d'estes insectos, nos pontos da terra onde a dissolução não tinha podido chegar no anno antecedente. Quanto as macieiras que haviam padecido estão cobertas de flor e de folhas.

«Proximo a um muro exposto ao vento do levante estavam dois velhos troncos de peregrineiros, cujas folhas haviam seccado pela influencia do mal conhecido pelo nome de *cloque*, e que desde dous

annos nada produziam. Em junho de 1853 levei os seus troncos com terra envolvida na dissolução aloética: não sómente as folhas affectadas não tardaram em ser substituidas por folhas da mais bella vegetação, mas desde o primeiro de abril cobriram-se de flor, que se conservou apesar da geada das noites de 24 e 25 d'aquelle mez.

«Lisonjeio-me de preconisar este meio contra a tolesta da vinha e das batatas; geralmente se reconhece como eu hoje reconheço, que esta doença é o resultado, não de corrupção ou de insectos, mas dos phenomenos meteorologicos.»

#### O DESERTOR POLACO.

O PRESIDENTE dirigiu-se então ao accusado.

— «Mathwey, o tribunal permite-vos a defeza; fallae em russo, sode breve, e nada de palavras nem de idéas contrarias á ordem e á disciplina.»

— «Eu não conheço, senhores, a lingua russa de modo que...»

A palavra senhores todos os vogaes do conselho disseram:

— «Mais respeito; nós somos juizes e nobres.»

E um d'elles acerescentou:

— «Não importa que não saibaes correntemente a lingua russa; assim as vossas explicações serão menos longas.»

A acareação tomava já se vê logo do principio uma direcção funesta. Wolny não queria collocar-se na situação de victima de paixões politicas, e procurára revestir-se de todo o sangue-frio; mas, sem ostentar fanfarroneia, não queria humilhar-se, nem renegar o seu passado. Tinha desertado para ver sua mãe; era para desejar que a discussão se conservasse n'este terreno.

O presidente tocou a campainha, e procedeu ao interrogatorio.

— «Accusado, ainda vive vosso pae?»

— «Não; morreu nos meus braços, ha sete annos, na batalha de Ostrolenka.»

— «Foi pois vossa mãe, ou alguém da vossa familia que vos induziu a desertar?»

— «Minha mãe é pobre e velha; bem desejava ter-me ao pé de si, por que en era o unico amparo que lhe restava; mas nunca me deu o conselho que lhe imputaes. Em quanto a familia... eu já não tenho familia!»

— «Pois será possível que não tenhaes parente alguém?»

— «Nem um só.» respondeu o accusado, caíndo no lago que lhe armara o coronel; «men irmão, disseram-me, que geme em um carcere; meus dous tios talvez que já morressem na Siberia.»

O presidente voltou-se todo tremulo de colera para um dos vogaes, e disse-lhe de modo que todos ouviram:

— «Eu bem vos tinha dito que esterapaz pertencia a uma raga de revolucionarios, e de traidores.»

Era evidente que a acareação te tornára ociosa, e tinha apenas por fim provocar uma profissão de fé politica, em danno do desgraçado Wolny.

O coronel continuou.

— «Se vossa mãe vos não aconselhou este passo, se não tendes parentes; o que foi que vos obrigou a abandonar a vossa bandeira!»

— «A minha bandeira!» redarguiu o joven soldado, com firmeza, «a minha bandeira! Vi-a a derradeira vez no sitio de Warzovia! Depois dos desertres da minha patria concentrei todas as affeições em minha mãe, e em uma mulher...»

— «Basta! basta!» bradou o coronel com voz terrível.»

— «Essa mulher,» replicou o soldado com serenidade, «roubaste-m'a, depois de me terdes assentado praça pela violencia, pelo abuso da força!»

— «E mentira! é mentira!» disse o presidente, erguendo-se furo de raiva: «haveris de retratar-vos!»

— «Eu não posso retratar a verdade; não posso negar o que se passou comigo.»

— «Mentes: e eu vo-lo vou provar;» tornou o coronel. E voltando-se para os soldados da guarda, acrescentou: «Tragam o banco.»

Todos os que assistiam á audiência estremeceram, por que o tal banco era um instrumento de tortura.

O padecente, com as costas descobertas até á cintura, é collocado de brugos no banco, com os pés e pernas ligadas. Depois, sobre os rins, começam de desfechar-lhe chibatadas com uma vara muito flexivel; e cada golpe, as carnes, magoadas, retalhadas escorrem sangue... Faz dó ver seres humanos assim mutilados e martyrisados, até que a dor lhes arranque a confissão que se deseja; e isto não como castigo de um crime, não em virtude de sentença condemnatoria, mas como systema de acareação!

O banco estava prestes, as chibatadas na mão do verdugo; o pobre Wolny ia passar por aquelle doloroso supplicio; eis que se abre uma porta lateral da sala da audiência, e duas senhoras se dirigem aos juizes: uma d'ellas era moça, pallida, e estava tão doente, que mal podia suster-se de pé: a outra, quasi sexagenaria, conduzia pela mão uma creanga. Adiantando-se a sua filha, aproximou-se á meza do conselho, e prostrada de joelhos em frente do coronel, disse:

— «Meu genro: oxalá que eu chegue a tempo de conservar a vida a um homem, que salvou a de seu filho!»

E então, com voz cortada pela commoção, a mãe de Angelica referiu ao presidente estupefacto, aos juizes espantados, ao auditorio enternecido, como o accusado subtrahira a infallivel morte do filho do coronel; e levantando os braços, exclamou ao terminar:

— «Perdão, perdão para o seu salvador!»

Bestuzew, que ignorava estas circumstancias, ficou um momento immovel, surpreso, com os olhos baixos, e os sobrolhos carregados, como uma pessoa fatigada por uma scena desagradavel. A creancinha, largando a avó, correu aos braços de seu paé, pedindo tambem por aquelle a quem devia a vida. Angelica, que até ali sómente intercedêra com suas lagrimas, entendeu que devia dirigir algumas supplicas a seu marido.

O coronel, compellido a conter-se diante dos soldados, na presença dos espectadores e do tribunal, a que presidia, proferiu algumas palavras quasi intelligiveis, mas a sua physionomia mostrava que o pungiam profundamente o odio e o crime. Quando todavia todos esperavam um rompimento, dirigiu-se ás duas senhoras, e disse-lhes em voz alta:

— «Retirem-se, minhas senhoras; a justiça ha de cumprir a sua penosa missão; o vosso logar não é aqui.»

E com um gesto, que talvez todos creem expressão de meigo affecto, apertou o braço de sua mulher com força, e disse-lhe, em voz baixa, com os dentes cerrados, e a escuma a sair-lhe pelos cantos da boca:

— «Quereis que vos restitua o vosso amante, não é assim? Não... nunca. O que posso prometter é uma morte prompta para elle... He-vos!»

A infeliz senhora desatou a chorar, sua mãe eseu filho uniam as suas vozes ás lagrimas d'ella; mas o

coronel, retomando o seu logar, fez signal as sentinellas para que obrigassem a sair do tribunal quem assim viera perturbar os seus trabalhos. Wolny rugia, por não poder collocar-se entre os soldados e Angelica. Chegando á porta por onde entrara, e antes de a perpassar, Angelica voltou-se para o seu desposado, e como se ninguem mais ali estivesse, lançou-lhe um longo olhar, que parecia um supremo adeus, e que encerrava uma lugubre promessa.

A agitação produzida por aquelle inesperado episodio seguiu-se sepulchral silencio: todos os olhos estavam fitos no accusado, e o coronel, cujas ordenes se esperavam com ansiedade e receio.

Este ergueu ahiual a cabeça, e estendendo o braço disse com voz sumida, e como coada pelos labios convulsos:

— «Vae continuar o julgamento!»

N'este momento um grito agudo, estridente, terrível, gelou de espanto quantos estavam na sala. Wolny ficou petrificado, como se uma bala o ferira no coração; é que havia comprehendido!

(*Continúa*).

#### ESCOLAS DE LA MARTINIÈRE.

As ESCOLAS chamadas de la Martinière, do nome do opulento major Martin, que em seu testamento legára grandes sommas com esta especial applicação, são talvez de todos os estabelecimentos litterarios, que existem em Lyão de França o mais util, pela direcção eminentemente pratica que ali distingue o ensino.

As escolas de Martinière são dedicadas especialmente á instrução dos filhos dos operarios, que se destinam tambem á vida industrial.

O curso de estudos que seguem os alumnos comprehende a caligraphia, a grammatica, as mathematicas elementares, a physica, a chimica, o desenho, noções sobre administração de fabricas, etc.

Creou-se um methodo particular, pelo qual se procura attingir o mais prompta e regularmente que é possível e fim proposto de formar bons praticos e industriais.

As aulas, interrompidas apenas por algumas horas de recreação, estão alertas desde as sete horas da manhã até ás cinco horas da tarde.

Este util instituto conta hoje 400 alumnos, divididos em duas grandes secções de primeiro e segundo anno.

Todos os annos abrem-se varios concursos, em consequencia dos quaes, e afim de excitar a emulação, se affixam publicamente os nomes dos alumnos pela ordem do seu merito. Cada anno lectivo encerra-se com uma distribuição geral de premios.

As condições da admissão tem por base a idade dos candidatos, que não ha de ser inferior a dez nem a superior a quatorze annos, devendo comtudo apresentar certidão de approvação no primeiro grau de instrução elemental.

Cada classe comprehende uma ou muitas divisões, presididas por um brigadeiro em chefe, e subdivididas em bancos de sete logares, dirigidos cada um pelo alumno de maior merito, com o titulo de brigadeiro. A este ultimo pertence a guarda e responsabilidade do material.

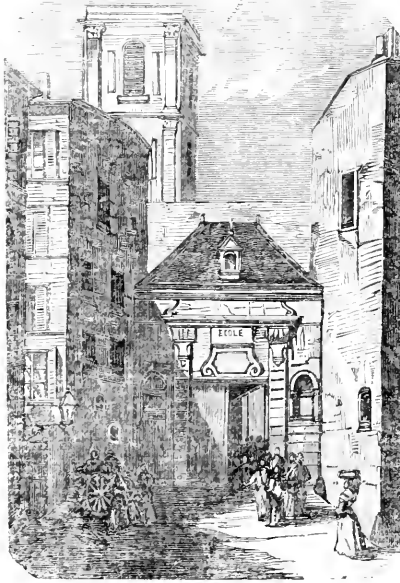
Todos os alumnos estão munidos de lousas, nas quaes escrevem, já os principios expostos pelo professor, já a solução dos problemas, que elle lhes propõe. A um signal ajustado todas lousas se levantam de modo que os repetidores possam verificar o trabalho dos estudantes.

O desenho occupa lugar importante no ensino de Martinière. Com effeito esta arte é uma das bases fundamentais da industria lyoneza.

Tal é em resumo a organização de tão notaveis escolas, cuja influencia beneficia cada vez se faz sentir mais na instrucção dos operarios lyonezes. Não se pretende convertel-os em sabios, ou engenheiros; mas sim em excellentes conductores de machinas, em bons tintureiros, caixeiros instruidos e contra-mestres intelligentes.

As disposições testamentarias do major Martin foram conhecidas em Lyão no anno de 1803; mas só em 1826 é que, superadas todas as difficuldades, a municipalidade poude adquirir, pelo preço de 75.000 francos, o antigo claustro dos augustinianos. Collocado em bairro pouco frequentado, e em uma rua estreita e escura, este edificio não tem apparencia alguma monumental. Interiormente compõe-se de uma vasta quadra cercada de arcadas, sobre as quaes correm os pavimentos em que estão estabelecidas as aulas, e outras officinas. As aulas são nuas de ornamentos e decorações, mas vastas, limpas e bem ventiladas. No pavimento terreo encontra-se um rico museu de machinas, com que mr. Aynard dotou o bello estabelecimento devido a phylanthropia do major Martin.

A nossa gravura representa o portal de entrada.



#### BIBLIOGRAPHIA

*Catálogo dos manuscritos portuguezes existentes no Museu Britannico, por Frederico Francisco de la Figanière Lisboa, Imprensa Nacional, 1854. Edição nilliba. 1 vol. de mais de 400 paginas em 8.º fr.*

Sabia-se por vaga tradição que na preciosa bibliotheca do museu britannico existiam muitos subsídios importantes para o estudo da nossa historia. Examinar porém, com o criterio e escrupulo ne-

cessarios, os registos d'aquelle vastissimo estabelecimento era um trabalho impertinente, e até certo ponto da maior difficuldade. O sr. Figanière, intelligentissimo empregado da nossa legação em Londres, não duvidou emprehendel-o, e poude concluir-o com a maior felicidade.

O catalogo do sr. Figanière, redigido com bastante clareza, e acompanhado de muitas noticias curiosas, contém a indicação, assim de todos os documentos que o auctor poude ali encontrar com relação a Portugal, e cuja existencia era totalmente ignorada, como a de entros, e não são poucos, que haviam desaparecido dos nossos cartorios, e que se julgavam para sempre perdidos. Contém tambem o catalogo do sr. Figanière a cópia textual e fidelissima de alguns documentos historicos curiosissimos. Por todos estes motivos entendemos que o auctor prestou ao paiz, com o seu interessante livro, um serviço valioso.

Vende-se em casa da Viuva Bertrand & Filhos, e na livraria do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8; preço 1\$000 rs.

No proximo mez de janeiro de 1855 começará a publicar-se o 12.º volume do Panorama, quarto da presente serie.

O editor não faz promessas pomposas; affiançando simplesmente que não cessará de empregar todos os esforços possiveis para manter a reputação de um semanario, que conta no numero dos seus collaboradores alguns dos nomes mais illustres na litteratura nacional.

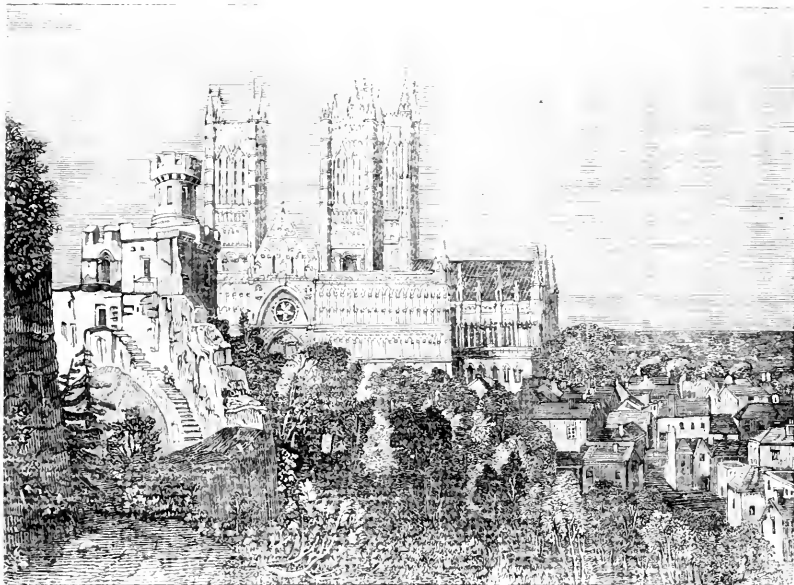
Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalho; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Áraujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergia Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$370 rs., por semestre 790 rs.





INGLATERRA — CATHEDRAL DE LINCOLN.

A magnífica cathedral de Lincoln, que depois da de York, é o mais vasto e mais formoso monumento da architectura normanda em Inglaterra, construída em uma eminencia, que domina a cidade alta e baixa, avista-se, a consideraveis distancias, dos cinco ou seis condados que cercam o Lincolnshire. O seu comprimento, de leste a oeste, é de 330 pés; a sua largura de 227. A portada e duas torres remontam ao 11.º século, e justificam a opinião dos antiquarios que attribuem a sua fundação, uns a Guilherme o conquistador, outras a seu filho Guilherme o ruivo. Posteriormente foi reedificada e consagrada a Nossa Senhora por Henrique II. As partes mais notaveis do immenso edificio são o còro e a capella da Virgem. Mencionam tambem alguns como obra digna de attenção, o sino grande, que tem 18 pés de diametro na boca.

Antes da reforma a igreja de Lincoln passava por ser a mais rica do reino; Henrique VIII apropriou-se da maior parte do seu thesouro, e durante as guerras religiosas, no reinado de Carlos I, os seus sumptuosos tumulos foram mutilados e profanados, e como quasi todos os edificios religiosos existentes n'aquella epocha, serviu de quartel aos soldados de Cromwell.

A cathedral não é o unico monumento de Lincoln; os viajantes vão ali admirar as ruinas do forte castello construído por Guilherme o conquistador, e a porta de New-port, que prova a antiga origem da cidade, porque remonta ao tempo dos romanos.

Quando toda aquella região caiu em poder d'es-

tes grandes conquistadores, Lincoln era habitada pelos *coritani*, tribus guerreiras, provindas das margens do Sena. As suas cidades consistiam apenas em um amalgaama de choças, defendidas com paredes de taipa, e troncos de arvores atravessadas.

Senhores das povoações informos d'aquellas horlas selvagens, os romanos crearam a cidade de muralhas, fortificaram-na, e formando o *Pass dyke*, grande lago artificial de quatro leguas de comprimento, uniram as aguas do Witham ás do Trente, e assim crearam a fonte da actual prosperidade commercial da antiga Lindun.

A invasão normanda veio renovar os bríos dos habitantes, abrir novos horizontes a industria, transplantar artes novas, trazer uma religião mais pura, aspirações mais altas. A lucta com os primitivos possuidores da terra desenvolveu n'elles a energia, a abnegação, o heroismo, principios de grandes cousas.

Hoje, uma longa e pacifica dominação tem feito fructificar as sementes lançadas á terra em um passado bem tempestuoso. A paz e a segurança fertilisam pouco a pouco estes campos, outr'ora encharcados e desertos; cidades opulentas se levantam; os charnecas arroteiam-se. Os vastos pantanos, que decaram a uma parte do Lincolnshire o nome de *Hol-land* terra baixa, enxugam-se, e entregam-se á cultura. Hoje as preciosas lãs dos seus volumosos carneiros, e os seus magníficos bois, são transportados pelas vias de communicação, de que os romanos lançaram as bases ha deztoitto seculos. As florestas, que

torneam o condado, já não servem de conto ao malfeitor; as estradas abrem-se ás pacíficas carretas dos lavradores, e os ecos, em vez de repetirem brados feroces de guerra ou gritos de terror, repercutem o alegre cantar da moça aldeã.

#### MORTE DO SR. VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

O PRINCEPE dos poetas portuguezes modernos já não existe. Depois de uma longa agonia, illustrada por actos da mais edificante piedade, o grande espirito do mimoso vate, solto das terrenas prisões, voou ao seio do Creator, d'onde emanára.

O dia 10 de dezembro foi um dia de lucto na capital; sê-o-ha sempre, onde quer que se falle ou se escreva a lingua portugueza.

E que, alto funcionario, ministro d'estado honorario, embaixador a differentes côrtes, rico de todas as grandezas e de todas as honras e distincções que o mundo pode dar, o sr. visconde de Almeida Garrett, o auctor do *Camões*, do *Pra Luiz de Sousa*, da *D. Branca*, e de tantas outras obras primorosas, admiradas por nacionaes e estranhos, era sobre tudo isso o chefe, o representante mais illustre da moderna litteratura.

O mundo acabou para o visconde de Almeida Garrett, mas a posteridade começa para o grande poeta que soube illuminar a nossa patria, esquecida e desconsiderada a um canto da Europa, com a esplendida claridade do seu genio.

Tardio, pela indole especial d'este semanario, aqui deponos este tão humilde como singelo tributo de saudade ao superior engenho, que acaba de apartar-se de nós, esperando que em breve penna devidamente habilitada pague, nas columnas do Panorama, mais digno feudo á memoria do *segundo Camões*.

#### GLORIA E SAUDADE.

AO PRINCEPE DOS POETAS PORTUGUEZES D'ESTE  
SÉCULO, O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Bem o vês, o alaud e o uir;  
D'estas mãos que não têm já poder;  
E o som derradeiro fugiu-me  
Do habito eterno que ergui ao nascer.  
GARRETT. — FLORES SEM FRUCTO.

#### I.

Não morren! — Voltou só a terra a terra!  
O que era fragil cinza, a sepultura,  
No avaro seio, para sempre encerra.

Vê-se ali dentro quanto é mal segura  
Essa, que o vulgo cego julga a vida;  
Ficou d'elle outra vida que mais dura.

Uma alma d'estas, nobre foragida,  
N'esse mundo, em que tudo lhe é saudade,  
Vaga attonita, achando-se perdida.

Chega a morte? Sauda a liberdade;  
É roto o carcere, a viver começa,  
Porque trouxe consigo a eternidade.

Quem ha que o vôo audaz hoje lhe meça?  
Perdem-se as vistas na amplidão do espaço,  
A que o espirito ardente se arremeça.

As azas fecha a mente de cansago,  
E as que ess'alma soltou deixam, fulgindo,  
No céu da patria um luminoso traço.

N'este é que vive, os raios espargindo,  
Que, não cabendo na morada estreita,  
A foram lentamente consumindo.

A argilosa prizão tornou, desfeita,  
Ao pó d'onde saíra; e o que era gloria,  
Dom de Deus, a immortalidade acceita.

Perece o que não lega uma memoria.  
Para o que a deixa as gerações, que ensina,  
A morte é mais esplendida victoria.

Se um seculo, apoz outro, a fronte inclina  
Ante o espirito, que ficou presente,  
E que este brilha e vive; — é rei, domina!

Dorme o corpo e dos males, que não sente,  
Alcança a paz. Depois, o tempo corre,  
Sem achar preza, despoza impotente;  
Porque espirito assim, nasce e não morre.

#### II.

Que importa? — Esta que tanto  
O grão poeta cantou,  
Doce mãe de amargo pranto,  
Eterna, como esse canto,  
Para choral-o ficou.

Ai! poeta da saudade,  
Quanta saudade aqui vês!  
Rompe a tua immensidade,  
E, luctuosa realidade,  
Has de encontral-a a teus pés.

A pintura que fizeste,  
Animada pela dôr,  
Toma as côres que lhe dêste;  
E, da sombra do cypreste,  
Surge, viva e triste flor!

Sobre a lyra, que o atauda  
Converte em sacra mansão,  
Suspira um pobre alauda;  
Se não vale o canto rude,  
Valha n'elle o coração.

Suspirar! — Elle sabia:  
Nós sabemos só gemer!  
Essa divina harmonia  
Muda esta; — e quem lh'a ouvia  
Nunca a deverá perder!

Quem, á magua e á formosura,  
Quem deu realce melhor?  
Quem a patria e a desventura  
Levantou com fé mais pura,  
Celebrou com voz maior?

Ao sea canto, perfumado  
Da casta musa natal,  
Grande, qual foi, venerado,  
Resurgiu todo o passado  
D'este, que era Portugal.

E jaz! — Só lhe vive a gloria  
Que diz: — « Rival de Camões! »  
É a musa, que precede a historia,

Entoa á sua memoria  
O echo das proprias canções.

A ti, ó povo, a quem fallo,  
O cantor vem de legar  
Um nome para guardal-o:  
Saibámos nós con-erval-o  
Como elle o soube ganhar!

## III.

Camões, Garrett! — Tres seculos ajoellham  
Ante o abraço fraterno que ora daes.  
No mutuo olhar os mesmos dons se espelham:  
Onde sois, irmãos ha, não ha rivaes

E dos avós o grupo heroico — cheias  
De louro as mãos, as bôças de louvor —  
Lhes forma em torno festivas cadeas  
Pasmando cada qual do seu cantor.

E, ao recebendo, que no rosto estampa  
Jubilo celestial, uma voz diz:  
« Quem entre os goivos te esfolhou da campã,  
O fior da patria, a quem tão d'alma quiz? »

Era a voz do poeta, que á tormenta  
As estrophes sem par tanta vez den.  
Depois, em tom sollicito, acerco-centa:  
« O meu filho, como eu, tambem morreu? »

## IV.

Não morreu! — Tornou só a terra á terra!  
O espirito glorioso está presente:  
Era da campã quanto a campã encerra.

Dorme o corpo e dos males, que não sente,  
Alcança a paz. — Depois o tempo corre  
Sem achar preza, despota impotente;  
Porque espirito assim, nasce e não morre.

MENDES LEAL, JUNIOR.

## OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO

## XXIV.

*Mahmoud II empreheve muitas reformas; opposição, que encontra; insurreições nas provincias; conquista de Argel pelos francezes; grande incendio em Constantinopla; invasão da chelera; primeiro jornal politico na Turquia; desobediencias do sultão com Mehmet Ali; guerra da Syria; victorias de Ibrahim pachá; Mahmoud II recorre á mediação estrangeira; procedimento da Inglaterra e da Franca; perplexidade do sultão; acceda finalmente os socorros da Russia; e lebro-se a paz com o Egypto; tratado de alliance offensiva e defensiva com a Russia.*

A deo astrosa lucta, a que vem por termo o tratado de Adrianopla, deixou a Turquia em uma situação muito precaria. Os sacrificios de todo o genero, que foi mister fazer para a sustentar, tinham extenuado as forças do paiz, e eshausto os recursos do thesoouro. A marinha de guerra estava aquietada. É peor que tudo isto, a força moral do imperio achava-se extincta, e desvanecido todo o prestigio das armas musulmanas. A guerra que acabava de termi-

nar tinha mostrado exuberantemente, que o imperio ottomano ja não podia entrar em lucta com a Russia sem comprometter a sua independencia.

Todavia Mahmoud II não se abateu no meio de tantos revezes e infortunios, Livre dos graves cuidados, que o occuparam, resolveu-se a levar á pratica as reformas que meditava desde a sua exaltação no throno. Os últimos acontecimentos tinham posto em evidencia a urgente necessidade de dar ao exercito a organização e disciplina de que tiravam tanta superioridade os exercitos das outras potencias europeas.

Persuadido portanto de que o progresso civilizador era o unico meio de levantar o paiz de tão grande abatimento, regenerando-o moral e physicamente, e por consequente habilitando-o a oppor uma barreira a ambição do seu poderoso vizinho, começou a fazer todos os esforços para introduzir no imperio os usos e costumes das nações civilizadas. Assim pois, ao mesmo tempo que fazia instruir e vestir todos os corpos do exercito a européa, e que li modificando a legislação no sentido de a aproximar o mais possível aos codigos das nações cultas; ao mesmo tempo que mandava vir de Franca e de outros paizes professores capazes de dar impulso ás sciencias e as artes, dava no seu palacio concertos e sarats á maneira dos mais soberanos da Europa. Entretanto não era possível fazer impunemente tantas innovações, em um povo, que a sua propria religião obrigava a ser estacionario.

Posto que a destruição dos janizaros tivesse acabado com o mais poderoso elemento de resistencia a toda a casta de melhoramentos sociaes, ficaram muitos inimigos irreconciliaveis das reformas, não só reunidos em corpo na propria capital. Os ulemas (1) que viam de mau grado as reformas de Mahmoud II, conhecendo a inefficacia da sua opposição legal, decidiram-se a conspirar contra a nova ordem de cousas.

A falta dos janizaros por um lado, e por outro a disciplina mais rigorosa das tropas, que faziam a guarnição de Constantinopla, juntamente com a muita energia, actividade e vigilancia do sultão, tiravam aos conspiradores toda a esperanza de poderem promover n'essa cidade movimento algum revolucionario de consideração. N'estas circumstancias voltaram as suas tentativas para as provincias. O estabelecimento de lazaretos, que se ia de encontro ás crengas de fatalismo tão arraigadas no povo musulmano, foi entre outras medidas a que serviu de pretexto a revolta, que não tardou a rebentar na Albania. Mustaphá pachá tomou o commando dos revoltosos, e reuniu em torno de si forças tão consideraveis, que apresentou a Reschid pachá, enviado pelo sultão a frente de vinte mil homems para combater os rebeldes, um resistencia tenaz durante todo o curso do anno de 1830.

Neste mesmo anno teve o sultão de deplorar mais uma perda bastante consideravel. A tomada d'Argel pelos francezes tirou á Porta um vassallo poderoso, que concorreria para as despezas do imperio com avultados tributos, e que lhe acudia com valiosos auxilios de soldados e navios em todas as suas guerras.

A rebellião de Mustaphá pachá não tardou a ser seguida de outras insurreições na Bosnia, na Macedonia, em Bagdad, e em Sentari, que deram muita que fazer ao governo até ao fim de 1831. Na propria capital começaram a sentir-se symptomas revo-

(1) Os ulemas são os doutores e interpretes do alcorão, e têm por chefe o mufti, que é a primeira dignidade na religião musulmana.

lucionarios. Um grande incendio, que abrazou quasi todo o arrabalde de Péra, residencia dos embaixadores estrangeiros e da população christã, deu logar a patentear-se a irritação do povo contra as innovações de Mahmood II, a quem alcunhavam de renegado. A peste e a cholera, levando a desolação por todas as provincias, vieram exasperar mais os animos. Estes terriveis flagellos foram olhados como castigos de Deus pelas quebras dos preceitos do alcorão, e lançados como taes a conta do soberano, que assim provocava as iras do propheta.

Mas apesar de todas estas commoções e contrariedades o sultão não recuava nem diante dos obstaculos, nem em frente das ameaças. Cada vez mais convencido de que o imperio só podia salvar-se por meio de uma regeneração completa, progredia inabalavel no seu systema reformador. Em quanto comprimia pela força o espirito de fanatismo, mais ou menos directamente declarado em insurreição, creava a ordem civil e militar de *Nichahi-Itikhar* e fazia publicar em Constantinopla o jornal *Monitor Ottomano*, escripto em turco e em francez; aquella destinada a servir de instrumento para a fundação de novos costumes, como estimulo de acções generosas; e este dedicado á consolidação das reformas, como um propagador de luzes, como um elemento civilizador.

Por este tempo vieram novos coidados inquietar o sultão. Mehemet Ali havia-se recusado a pagar os tributos em divida á Turquia, quando esta lhe os exigia apertada da necessidade de satisfazer á Russia as indenisações da guerra, impostas pelo tratado de Adrianopla. O pachá do Egypto procurára auctorisar a sua recusa com a razão dos auxilios que prestára á Porta durante aquella lucta. Entretanto, attendendo-se as obrigações, que ligavam o vassallo ao suzerano, deixava-se ver bem manifestamente que em tão obstinada negativa havia um pensamento de hostilidade. Pouco tempo se passou sem que apparecesse a descoberto.

Certa desintelligencia, que rebentou entre Mehemet Ali e o pachá de S. João d'Acree, forneceu pretexto ao primeiro para fazer grandes armamentos em terra e mar. Posto que o fim ostensivo de taes preparativos fosse uma simples vingança contra injurias pessoais, Mahmood II, conhecendo os projectos ambiciosos do vice-rei do Egypto, anteviu que a conquista da Syria era o verdadeiro alvo a que se dirigiam os seus tiros.

N'estas circumstancias o sultão fez as maiores diligencias para evitar o rompimento entre os dous pachás, e quando perdeu todas as esperanças de o conseguir, preparou-se tambem para marcar os limites a satisfação exigida por Mehemet Ali.

Em outubro de 1831 partiu d'Alexandria Ibrahim pachá, filho do vice-rei, a frente de trinta mil homens, e antes do fim de novembro estava pondo cerco á praça de S. João d'Acree, tendo já tomado a passagem varias cidades da Syria. Mahmood II ainda recorreu ora a brandura, ora as ameaças para obrigar Mehemet Ali a desistir da guerra, e chamar as suas tropas; mas como tudo fosse baldado, resolveu oppôr força á força; e em março do anno seguinte fez marchar contra o vassallo rebelde um corpo de exercito commandado por Hussein pachá, a quem conferiu por esta occasião o posto de feld-marchal, titulo nunca usado entre os musulmanos.

Reudou-se S. João d'Acree a 27 de maio, no fim de seis mezes de assedio, e depois de um ataque mortifero. A 14 de junho alcançou Ibrahim pachá uma assignalada victoria sobre o exercito ottomano a uma legua de Damasco, e no dia seguinte entrava triumphante n'esta cidade. Finalmente depois

de ter destróído as tropas do sultão em duas batalhas consecutivas, uma sobre o Oronte, que lhe deu a posse da cidade d'Alepo, e a outra no desfiladeiro de Beilan, que lhe entregou as chaves d'Antiochia, acabou de assenhorear-se de toda a Syria.

O vice-rei do Egypto fez então propostas de paz, em cujas condições entrava a posse da provincia conquistada; porém o sultão negou-se a todo o accordo, e poz em campo um segundo exercito sob o commando de Reschid pachá.

O novo general ottomano não teve melhor fortuna do que o seu antecessor. Uma só batalha decidiu de toda a campanha. A acção teve logar junto aos muros de Konia. Reschid pachá, que se havia extremado por seu valor, foi feito prisioneiro, e do seu exercito ficaram trinta mil homens fora de combate.

Mahmoud II, vendo destruida a ultima barreira, que podia oppôr á marcha triumphante do vencedor, recorreu á mediação da França e da Inglaterra. Mas não encontrando o desejado apoio n'estas duas potencias, mais inclinadas a lisonjear o vice-rei do Egypto, cujas boas graças requstavam com decidido empenho, entregou-se por fim nos braços do imperador Nicolau, que lhe promettia todo o soccorro na contenda em questão.

Quando as duas potencias occidentaes viram entrar no Bosphoro uma esquadra russiana, saída de Sebastopol, uniram então os seus esforços para obstar á intervenção mo-covita. Porém ainda assim todas as soas diligencias eram empregadas no sentido de afastar de Constantinopla a influencia da Russia, persuadindo o sultão a aceitar todas as condições que o vencedor lhe queria impôr.

Mahmoud II achava-se n'uma posição bem critica. Soberano de um imperio composto de raças tão differentes e tão segregadas pela diversidade de costumes e crengas, não podia resolver-se a ceder inteiramente aos caprichos e ambição de um vassallo rebelde; temia-se de um exemplo, que podia trazer á Turquia fataes consequências. Mas tambem conhecia os perigos de procurar vencer o por meio do auxilio russo. Assim pois, á noticia dos progressos, que faziam as armas egypcias na sua marcha sobre Constantinopla, aceitava com ancia todos os offerecimentos de soccorro que lhe fazia o embaixador de Nicolau I. Porém quando viu surgir no Bosphoro as esquadras do czar, apreciando todos os resultados possiveis de similhante allianga, recuava diante dos perigos, que os ministros inglez e francez não cessavam de lhe expôr em quadro de vivas cores. D'est'arte vacillava Mahmoud II no meio do embate de tão oppostos interesses e de tão contrarias influencias, e na presença de tão graves perigos.

A diplomacia franceza e ingleza tinha conseguido, que o sultão fizesse suspender a marcha da esquadra russiana, em quanto diligenciava novamente persuadir Mehemet Ali a acceder as propostas de paz apresentadas pelo gabinete ottomano. D'esta vez os seus esforços eram sinceros, mas a sorte das armas tinha dado ultimamente taes vantagens aos egypcios, que o vice-rei recusou-se positivamente a modificar as condições com que pretendia negociar a paz.

Ibrahim pachá, continuando na serie dos seus triumphos, apoderou-se de Magnesia, e de outras cidades da Asia Menor, e apresentou-se nas immedições de Smirna. Em tal apuro Mahmood II poz de parte todas as suas hesitações, e accitou sem reserva os offerecimentos, que o embaixador da Russia incessantemente lhe fazia. A 29 de março de

1833 partiu de Odessa uma expedição russa com tropas, que foram desembarcar na costa d'Asia, em frente de Therapia e de Buiuk-Dére. O conde Orloff, commandante em chefe d'esta força, e enviado extraordinario do czar junto ao sultão, fez a sua entrada solenne em Constantinopla, e logo declarou aos embaixadores da Grã-Bretanha e de França, que apesar de quaesquer reclamações, que houvessem de apresentar-lhe, a esquadra russiana não saíria do Bosphoro, nem as tropas do czar deixariam a Turquia em quanto Ibrahim pachá não evacuassee o territorio ottomano.

O general egypcio não avançou mais passo algum. Fez-se a paz, concedendo-se ao vice-rei do Egypto o governo da Syria, e os seus exercitos evacuaram a Asia Menor. A guerra acabou, mas antes que as esquadras e as tropas do czar deixassem a Turquia, assignou o sultão aos 8 de julho de 1833 um tratado de alliança offensiva e defensiva com a Russia por oito annos. Entre outras clausulas favoraveis a esta ultima potencia, obrigava-se Mahmoud II a fechar os Dardanellos aos navios de qualquer nação, que estivesse em guerra com o czar. Assim ficou triumphante em Constantinopla a influencia russiana. (Continúa.)

#### I. DE VILHENA BARBOSA.

### D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

#### LEENDA NACIONAL.

#### IV.

Santo era el-rei Luiz de França, santa sua tenção, e muí catholica a gente que levava contra os inimigos da lei de Christo, e foi desbaratado, preso e captivo.

#### II. DE MENDONÇA.

#### O REI E O POETA.

Não é nosso proposito seguir passo a passo a expedição d'África pelos portos de Lagos, Cadiz, Tanger e Arzila, nem ainda entrarmos-nos com aquelles militares de aventureiros christãos, já então reforçados dos agarenos de Muley Hamet, até ao campo de Alcaerquibir; nem indagar se, attendidos os conselhos dos velhos fronteiros, e até os do xarife e seus capitães, ainda a salvagão era possível; e menos descrever a batalha de 4 de agosto, que tantos historiadores tem, embora não sejam muito concordes entre si em varios pontos. Correremos um vcu sobre as façanhas do rei portuguez, dos seus vassallos e dos auxiliares estrangeiros, que todos rivalisaram em valentia; e abraçando n'um rapido olhar esse campo regado de sangue, semeado de mortos, e o rio Lucus, que leva ao mar uma corrente vermelha, contemplamos os resultados de uma batalha, de um só dia... de algumas horas de desdita!

Trinta mil cadáveres de senhores e de escravos, nivelados pelo anjo da morte, juncam o areal, ou deslisam pelas agnas do antigo Liso de Ptolomeu; a flor da cavallaria portugueza, as esperanças da patria, eilas afogadas em sangue; porém essas vidas custaram caras aos mouros. Todos os tres reis da contenda se perderam ahí: Muley Maluco expirou de um accesso febril no meio do combate; o xarife precipitou-se no Lucus, depois de perdida a acção; e D. Sebastião... oh! d'esse ninguém soube então o destino... ninguém o sabe de certo ainda hoje!

É morto, isso de certo; mas como, quando, e aonde?...

Depois de mil gentilezas de armas, o rei cavalleiro se enrahou, com a espada na mão, pelas cohortes mouriscas: similhante ao anjo do exterminio, levava a morte áquelles que tocava na sua rapida passagem. Desappareceu entre mil alfangas! E quanto dizem os portuguezes que, ultimos, o viram, D. Luiz de Lima, e Luiz de Brito, o salvador do estandarte real; e ambos depois prisioneiros.

Mas aonde conduziram o rei ou o seu cadaver? Morreu, foi prisioneiro, ou salvou-se? O Lucus não o envolveu em suas agnas, aliás o corpo de D. Sebastião appareceira como appareceu o do xarife; não foi reconhecido entre os mortos do campo, embora muitos fidalgos jurassem ser o seu um cadaver mutilado que lhes apresentaram: era o meio de o salvar se ainda vivia. Não foi mettido nas prizoés de Fez, não voltou á patria a empunhar de novo o sceptro, nem por então se ouviu fallar d'elle no mundo. Todavia muitos portuguezes começaram a esperar o seu regresso; e esta nova seita (que dura ainda hoje!) rein occupar as attentões da Europa, em lugar de outra similhante, levantada na Escocia, que já então começava a desesperar da volta do rei Jacques IV, morto na batalha de Flodden em 1513. Investigar se nosos avós d'aquella epocha tinham razão em esperar o *Desajado*, será o objecto dos seguintes capitulos, e de uma nota, em que resumiremos mais algumas noticias sobre o assumpto, que não cabiam na tela do romance.

Agora porém permita o leitor, que nos transportemos em rapido vcu a Portugal, não para ver a consternação de tantas familias, que fóra difficil encontrar palavras para pintar tamanha dor, mas para presenciar o fim de um homem, ligado á acção que nos propuzemos esboçar, ligado estreitamente ao destino portuguez.

A nova fatal da perda do rei e do exercito, que a olhos vistos sepultava a independencia e a gloria de Portugal, chegou até á humilde pousada do antigo guerreiro de Africa e do Oriente, do cantor das façanhas nacionaes; e o homem que travára de el-rei D. Manuel com um braço, e de Vasco da Gama com o outro, que se elevára com elles á immortalidade, por entre os escolhos da miseria e da calunnia, tão mal pago dos seus, que só encontrou conforto e verdadeira afeição no pobre jau, comprado como um objecto material, olvidando agora as ingratições de principes e de povos, para só se lembrar da perda do seu rei e da sua patria; maior que Catão ao ver expirar a republica entre as ruínas de Utica, excusando rasgar as veias, de puro despeito se finou, exclamando como o ultimo romano: *Patria, ao menos morreremos juntos!*

Que perdas!... D. Sebastião... Camões! Eram as armas e as letras personificadas; eram os genios da cavallaria e da epopéa!

E de ambos desconhecem hoje os portuguezes aonde descansam os restos mortaes!... Um d'elles, o mais valente, o mais cavalleiro de todos os seus reis... o outro, o mais probo, o mais sabio de seus contemporaneos!!!

#### V.

Aquí vejo caduca e debil gloria  
Descanar meu erro, co' a mudança  
Que faz a fragil vida transitoria.

L. DE CAMÕES.

#### VINTE ANOS DEPOIS.

Em 1598 já Portugal contava bastantes annos de es-

cravilhão nas algemas de Castella, Faremos como os vassallos mais leaes de D. Sebastião, como os briosos partidarios de D. Antonio, prior do Crato; não vultaremos á patria, pois que é nas plagas do exilio que temos de encontrar os personagens necessarios para a continuação da nossa historia.

Estamos a 24 de novembro. Um formoso sol de inverno italiano dardeja seus raios sobre a romantica Venezia.

A orgulhosa senhora do Adriatico, posto que já então decada do antigo poderio, e espoliada da sua corôa dos mares pelos navegadores portuguezes (que a haviam de ceder aos batavos e bretões) conservava ainda um apparato de grandeza como nos dias de gloria. Nos seus bellos canaes se espelhavam palacios de tobrés opulentos, aonde a magnificencia excedia o custo dedicado, mas que eram todavia elegantes; e defronte das portadas gothicas se viam muitas gondolas ricamente adornadas, e se escutavam os mais lindos versos do Tasso e do Ariosto, cantados pelos rudes gondoleiros. Não iremos porém descrever esta formosa cidade, a predilecta dos viajantes, a unica que deteve por dous annos em seu recinto o sombrio cantor de *Chül-Berold*; conduziremos apenas o leitor aquelles pontos que nos é foreoso visitar para o regular andamento da acção, começando por uma pequena casa, de mesquinha apparencia, situada perto da ponte de Paglia.

Entramos. Eis uma modesta sala. Algumas poltronas e assentos raios; dous bufetes, sobre um dos quaes se vê um espelho, objecto de pouco preço n'aquella cidade; e um retrato d'el-rei D. Sebastião com tosea moldura, era toda a sua mobilia. Junto ao bufete de Voluto estão sentados dous homens de idade desigual, mas, pelas feições, contrerances; cunho hespanhol; mixto da circumspcção dos godos e da vivacidade dos arabes. Um mancebo vestido á franceza acaba de entrar, e os dous levantam-se para o receber, mas apertando os punhas na mão, como quem se arreceia de alguma aleivostia.

— «E aqui,» perguntou o recémchegado, fazendo uma leve inclinação de cabeça, «a nousada de Pantalão Pessoa? Sera alguma de vossas mercês o cavalheiro que procuro?»

— «Eu sou quem buscase,» respondeu o mais moço; «vós, senhor, quem sois? d'onde vides, e a que fim?»

— «Meu nome é Pero Pantoja, e sou donzel do serviço do senhor D. Christovão, rei de Portugal,» tornou o mancebo, fazendo uma profunda vénia, e a menção de tirar o gorro de veludo, que trazia na cabeça; e depois continuou: «Venho de Paris por Marselha, e trago para vossa mercê uma carta do muito nobre e leal D. João de Castro, conselheira de estado que foi dos senhores reis D. Sebastião e D. Antonio.»

Abriu então o seu corpete de raso escarlate com passamanos de prata, e tirou um papel fechado com um fio de seda verde, que entregou a Pantalão Pessoa. Este passou ligeiramente pelos olhos o conteúdo do escripto, e depois, voltando-se para o seu amigo, disse: «Escuto, Antonio de Brito, o que nos diz D. João, e E leu o que segue:

— «Depois da infeliz expedição de D. Antonio de Meneses á costa da Mina em 1502, a procurar o nosso bom rei D. Sebastião, que se dizia estar ali; não tenho voltado durante nove annos, havia eu desanimado; porém o padre Fr. Estevão Caveira, da familia dos Sampaio, que aqui reside na cidade de Nantes, vem ha pouco procurar-me, e com indícios novos me deu a fé que me fallecia, mostrando-me muitas prophecias que dão como vivo o *Desjado*; al-

gumas das quaes, encontradas entre os papeis de um monro de Granada, com a data authentica de 1510, são de tal maneira claras, que me pareceu bem mandar-vos d'ellas um extracto, incluso. Por onde espero em Nosso Senhor, na Virgem Maria, e no bem-aventurado martyr S. Sebastião, que ainda verei, com estes olhos peccaçôres, assentado no throno de Portugal, o *Inceberto*.»

— «A prophecia reza assim,» continuou elle, tomando outro papel anexo á carta, e desdobrando-o:

Lá n'esses tempos vindouros  
Grandes feitos se verão.  
Pasmarão as gentes todas  
Com admiração:

Porém não aquelle reino  
Que por Deus foi escolhido,  
Por que será vencedor  
E não vencido.

Não te assustes se o vires  
Espantado e captivo,  
Por causa d'aquelle rei  
Que crêem morto, sendo vivo.

— «Não acredito nada d'isso,» interrompeu Antonio de Brito Pimentel; «só creio no que vejo.»

— «Mas,» tornou Pessoa, «não ouvimos nós a narração d'esse homem que ha alguns mezes chegou a Venezia, enviado, como diz ser, de el-rei D. Sebastião, e que alliança, não só estar vivo o monarcha, mas ainda proximo a apparecer-nos?»

— «Que credito merece esse homem, que tem atravessado a Italia como mendigo, com os vestidos despedagados, e a barba crescida como o ermitão; que chegando a Venezia se foi alojar na *Côrte Contarina*, bairro de infancia e prostituição, e que só encontrou para o hospedar um miseravel cosinheiro, misser Francisco chypriota?»

— «Não continueis,» atalhou Pantalão, com o subito de quem acaba de tomar uma resolução; «é essa uma censura que os estrangeiros nos deveram fazer, mas vou emendar o erro por minha parte; vou repartir esta pequena casa e o meu parco alimento com o enviado d'el-rei, e agradecer ao pobre chypriota a hospitalidade, que só elle offereceu ao peregrino.»

Quando já a partir, reparou que o joven portador da carta ainda se não asentára, e disse-lhe:

— «Amigo, veste a Venezia só por esta carta? Esperaes a resposta?»

— «Não vos disse que era donzel do serviço d'el-rei?» tornou o pagem, picado de assim ver menoscabada a sua dignidade de cortejo, posto que sem côrte: «Vim, proseguiu, como addido ao muito nobre e excellente senhor Manuel de Brito de Almeida, que foi valido de D. Antonio I, e hoje é embaixador de D. Christovão.» Depois abaixando a voz, e com ar de importancia, como quem estava ao cabo dos segredos de seu amo, continuou:

— «Vimos solicitar a protecção da republica e do papa para a restauração de Portugal; mais facil agora pela morte de Philippe II, que já conta dous mezes e tantos dias de sepultura.»

— «Offerecer da minha parte a Manuel de Brito esta humilde pousada; e vós, Pimentel, ficae para o receber. Eu vou aonde o dèver me chama. Adeus, senhores.»

Correu pela porta fóra, chegou á ponte de Paglia, alugou uma gondola, e vogando pelo *canalizo*, alcançou o arrabalde denominado *Côrte Contarina*,

bairro feio e hediondo. Parece que todos os flagellos por ali haviam passado: a guerra destruiu os grandes edificios, a peste infectando o ar, e a fome consumindo os habitantes; só rostos lividos e o descaro da devesidão appareciam as portas d'aquelles mesquinhos tugurios. Pessoa para nada olhava; caminhou apressado até a casa do chypriota, cujos signaes sabia de cor, e entrou, sem hesitar, por uma porta gretada, que se apoiava a paredes em ruínas. Lá dentro encontrou-se com uma mulher asquerosa, cerca de quatro ou cinco creanças, quasi nuas e chorando por pão; era a familia do cosinheiro aposentado. Elle estava sentado no unico banco que ali se enxergava, junto a uma porta pequena.

— «O nosso homem?» perguntou Pantaleão, entrando.

— «Está dormindo,» respondeu seccamente o hospede.

— «Não importa; necessito fallar-lhe.»

— «Abri esta porta, e entrae: achal-o-heis n'esse quarto, unico que temos, além d'este onde eu durmo, minha mulher, e seis filhos.»

O portuguez, já quasi suffocado pelo odor pestilencial da casa, abriu a porta, e . . . que viu elle! Um cubiculo escuro, fetido, sem luz nem ar, e sobre uma pouca de palha o homem que procurava.

— «Senhor, saí d'este lugar.»

O desconhecido acordou sobresaltado, e ergueu-se.

— «Quem sois vós? . . . Ah! Pantaleão Pessoa. . .»

— «Saí d'este inferno, senhor; quero que me revejais, vinde habitar a minha pobre casa, e lá nos revelareis, se quizerdes. . .»

Dizendo isto, foi conduzindo o homem mysterioso para fóra da pucella, e passando junto ao chypriota lhe deixou cair na mão algumas moedas de prata; encaminhou-se depois para a porta principal; e já transpunha o limiar, quando uma voz forte lhe bradou de fóra:

— «Larga esse homem, que pertence á justiça.»

E alguns aguazis se apoderaram immediatamente do desgraçado, separando-o de Pessoa. Este clamou irado:

— «Por que prendei este homem? . . . raça. . .»

— «É a ordem do conselho dos Dez,» interrompeu pausadamente o cabido dos aguazis: «creio que não tentareis resistir-lhe!»

O cavalheiro sabia bem o que era aquelle tribunal de sangue, que tinha por delegados o carrasco e o bravo; não continuou.

— «Salvae o vosso rei, Pantaleão Pessoa!» exclamou o prisioneiro.

— «Aonde esta elle? que perigo corre?» tornou Pantaleão suffocado, e lançando os olhos em derredor.

— «Está nas mãos dos familiares da inquisição de estado! . . . Corre o perigo de ser assassinado! . . .»

O incognito soltou aquellas palavras, debatendo-se entre os sayões que o arrastavam. Pantaleão Pessoa ficou asombrado, immovel, silencioso um momento; depois olhou em roda de si, e não enxergou viva alma; quiz duvidar do passado, como de um sonho, e por fim exclamou, apertando a cabeça entre as mãos:

— «Pois era el-rei de Portugal que eu vi em tanta miseria! . . .»

E correu para o canal.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## O DESERTOR POLACO

OUVIA SE grande tropel de passos e vozes, e pelas escuras e pelo pateo. Os juizes, uma vez como estatuas, pareciam interrogar-se com os olhos, o coronel estava attento, com o peito opprimido, e os olhos incendiados.

Pouco depois o sargento da guarda, precedendo pela porta grande do fundo, e na attitudo de um inferior para com seu superior, caminhou para o presidente, e disse commovido:

— «Coronel. . . vossa esposa. . . subiu a muralha andar do convento, e precipitou-se de uma janela.»

Um grande grito soltou-se do peito do presidente que presenciavam aquella scena.

— «Um medico! um medico!» bradou Bostzew com voz afogada pela cohera e pela dor.

— «O medico lá está, coronel.»

— «E que diz elle?»

— «Diz que nada há a esperar.»

O presidente recou na poltrona, atterrado d'esto golpe inesperado. Wolny não podia ver, nem ouvir nada, não tinha já consciencia do que se passava em torno d'elle.

Os dous assessores ergueram-se, e acceimaram-se ao presidente. Lhe rogaram que adiasse a audiencia para outro dia. O coronel porém lançou para elles um olhar inexprimivel, e contentou-se o solugar, disse:

— «Não; façae justiça!» e acceesentou, em voz mais forte: «O capitão-rebator tem alguma cousa a allegar em favor do accusado.»

— «Nada,» disse Muzykow: «os factos fallam por si mesmos.»

O accusado foi conduzido para fóra da sala da audiencia, propondo-se os dous quesitos seguintes aos juizes:

— «1.<sup>o</sup> O accusado é réu do crime de deserção?»

2.<sup>o</sup> O accusado foi a causa da morte da mulher do coronel?»

Os juizes responderam *sim*, por unanimidade!

O presidente redigiu a sentença; Wolny foi conduzido ao conselho, e o secretario leu em alta voz:

«Em nome de sua magestade imperial Nicolau Paulowitch, imperador e autocrata de todas as Russias, comprehendida a Polonia:

«Ouvidos os debates proscriptos por differentes ukases, visto o artigo do codigo penal concernente ao crime de deserção e de homicidio voluntario, e tendo escutado o capitão-enrogrado da deleza do réu.

«O conselho de guerra, estabelecido em Grohno, condemna Ivan Matwiy Goriet a pena de seis mil chibatadas, que lhe serão dadas pelos soldados do regimento, em que servia.»

Wolny ouviu sem pestanhejar, contemplou firmemente os seus juizes, e não proferiu uma unica palavra. Toda estava acobrada para elle, a mulher que amara morrera por causa d'elle, e elle era condemnado por sua causa, mas condemnado como se a tivesse morto, como um assassino. Quem lhe arrebatara a mulher que lhe pertencia ordenara o supplicio, a que havia de presidir.

Dous dias depois, na planície que o Niemen barcha do lado da toda cidade de Ponémone, um batalhão de soldados, armados de chibatadas de mais de um metro, formava uma comprida fileira; cosacos e gendarmes a cavallo continham e repelliam aquelles que haviam accorrido a presenciar esta cruel execução, mais horrorosa ainda que a pena de morte, e só digna das hordas selvagens.

Wolny apresentou-se resignado e firme. Ouviu novamente ler a sentença, e foi depois despojado dos uniformes.

É inútil descrever os pormenores d'estas execuções barbaras, que para vergonha e opprobrio nosso ainda são toleradas em Portugal, posto que se haja modificado extraordinariamente o seu primitivo rigor.

Basta dizer que o infeliz Wolny, depois de receber duas mil chibatadas, succumbiu á dôr e á perda de sangue; mas declarando o cirurgião que a

execução podia continuar sem perigo, o corajoso polaco foi amarrado a um carro especial, para o proseguimento do supplicio.

Quando tinha levado quatro mil chibatadas a vida revelava-se-lhe apenas por leves estremecimentos nervosos.

— «Conduzam-no ao hospital,» disse então o coronel. «As duas mil chibatadas que faltam, leve-as-ha depois de curado.»

— «Levem-no para o cemiterio,» acudiu o cirurgião; «este homem está morto!»



O BURRO AGUADEIRO.

O burro é um animal geralmente desconsiderado, mas em parte alguma talvez é victima de tão maus tratos como em Lima, capital da republica peruiana.

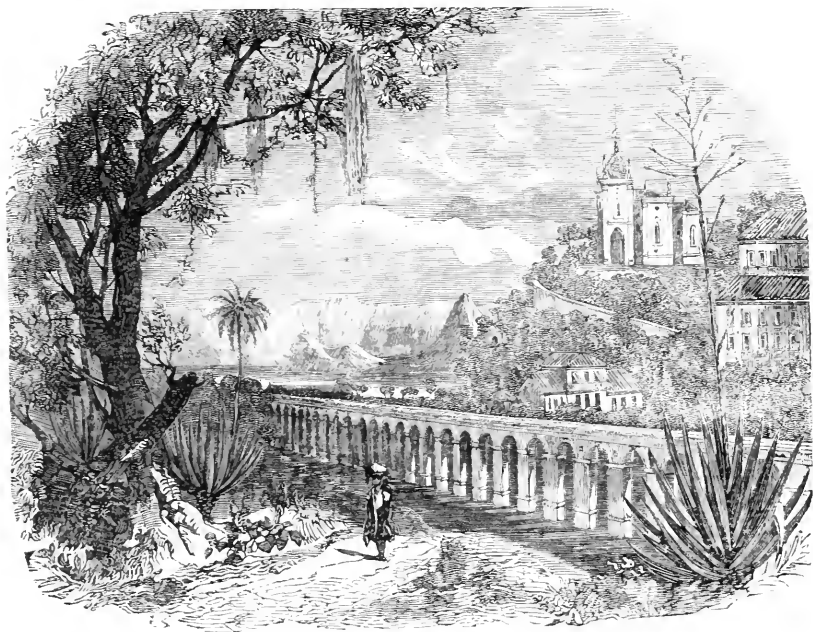
Não lhe valem os importantes serviços que ali presta: nem a sua docilidade e paciência admiráveis; se alguma vez, extenuado de forças, succumbhe á fadiga, para logo recebe de seu dono o mais cruel castigo; como se a fraqueza fosse um crime! Não são só porém pancadas com que o torturam. O burro em Lima está sujeito a uma especie de colligo, tão barbaro como os seus barbaros inventores, em que a cada desastre causado pelo pobre animal, ainda involuntariamente, corresponde a pena horrivel de mutilação. A primeira vez que algum que com a respectiva carga furam-lhe uma das ventas, á segunda repetem o mesmo supplicio na ou-

tra venta; á terceira cortam-lhe um bocado da orelha etc. etc. Assim não é raro encontrar pelas ruas de Lima animaes por tal forma mutilados que ninguem dirá que pertencem á raça azimina.

O que a estampa representa é o chamado *osno aguador*, o mais inoffensivo, o mais pacifico e o mais prestadio de todos os asnos, que nem por isso escapa á sorte dos seus irmãos, dadas iguaes infelicidades!

A corporação dos aguadeiros é em Lima uma das mais numerosas, e temíveis pela qualidade e instinctos dos individuos que a compõem. A distribuição de aguas na cidade quiz já contractual-a uma companhia com o governo, com as mais vantajosas condições, e em beneficio da hygiene publica. A corporação dos aguadeiros oppoz-se porém tenazmente, e as auctoridades não souberam ou não quizeram vencer a sua resistencia.





BRAZIL — AQUEDUCTO DA CARIOCA.

O AQUEDUCTO da Carioca no Rio do Janeiro é uma obra que pelas suas proporções e execução merece a qualificação de monumental. Começaram os trabalhos de sua construção no governo de Ayres de Saldanha Albuquerque, concluindo-se no anno de 1740. Os materiaes foram remettidos de Portugal, o que augmentou de certo a difficuldade e custo do aqueducto; mas nada se poupou em ordem a erigir uma fabrica digna de equiparar-se ás mais excellentes que n'este genero possui a Europa.

Começa o aqueducto da Carioca na montanha do Corcovado, medindo em comprimento até ao reservatorio, ou mãe d'agua, perto do convento de S. Antonio, cerca de seis milhas.

A gravura representa a parte do referido aqueducto, em que elle se ostenta com mais elegancia sobre formosas arcadas.

Rocha Pita diz ser «fama acreditada entre seus naturaes (os do Rio do Janeiro) que esta agua faz vozes suaves nos musicos e mimosos carões nas damas.» Ignorámos as razões em que se fundou o insigne chronista da America portugueza para avançar tão extravagante proposição. Mas sejam quaes forem as virtudes e qualidades das aguas da Carioca, o que é certo é que a conclusão do aqueducto foi de incontestavel vantagem para os habitantes da cidade de S. Sebastião, que até essa epocha se viam obrigados a abastecerem-se d'agua conduzida de enorme distancia.

OS IMPERIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

XXV.

*Diligencias da Grã-Bretanha e da França para fazer annullar o tratado de 8 de julho de 1833: revoltas nas provincias; novo tratado entre a Porta e a Russia: lucta de influencias estrangeiras na corte do sultão: prosequer este nas suas reformas: expedição e tomada de Trípoli: tentativas mallogradas sobre Tunis: desordens interiores, e viagem do sultão: descobre-se uma conjuração para assassinar o soberano: tratado de commercio da Turquia com a Inglaterra e com a França: guerra entre o vice-rei do Egypto e o sultão: batalha de Nézib: morte de Mahmoud II.*

O TRATADO de 8 de julho de 1833, concluído entre a Russia e a Porta, conservou-se occulto até setembro seguinte. Foi então que a Grã-Bretanha e a França puderam descobrir as principaes clausulas d'aquello acto, que no entender de ambas destruiu a independencia politica do imperio ottomano, pois que facultava ao gabinete de S. Petersburgo a intervenção nos negocios interiores da Turquia, todas as vezes que a ordem publica fosse alterada. Agora que viam o resultado do abandono em que deixaram o sultão, quando o cercavam maiores perigos, uniram os seus esforços para fazer annullar o tratado.

Tendo obtido do governo turco uma copia official do tratado, os ministros inglez e francez procuraram por meio da analyse dos seus artigos intimidar o sultão sobre as consequencias futuras de semelhante passo. Porém, apesar da verdade que havia nas palavras dos dous embaixadores, Mahmoud II, que não tinha razões, ou direi melhor precedentes, para confiar na sinceridade, efficaçia e solidez de uma alliança com a França e Inglaterra, recusou-se a annuir ás pretensões d'estas potencias. Mas nem por isso desistiram ellas do seu empenho, antes duplicaram as diligencias.

A correspondencia diplomatica entre os quatro gabinetes era cada vez mais activa. A energia e azedume, que appareciam em todas as notas das duas potencias occidentaes, e os preparativos bellicos, que se faziam nos seus portos, causavam serios receios pela duração da paz. Todavia estes meios empregados para desfazer a alliança russo-ottomana fallharam inteiramente, e não passaram de ameaças sem effeito. O tratado ficou vigorando, e a Grã-Bretanha e França viram-se obrigadas a limitar os seus cuidados e trabalho á neutralisação dos effeitos d'aquelle tratado, quando se apresentasse ensejo favoravel.

Ainda estava recente a idéa dos perigos, que ameaçaram o imperio; ainda os desastres da guerra estavam actuando sobre a industria do paiz e sobre o thesouro do estado, quando a rebellião tornou a levantar o collo. A Servia foi a primeira a revoltar-se. A Bosnia e a Albania seguiram de perto o seu exemplo.

Enfraquecido pelas consideraveis perdas, que soffrera durante a ultima lucta; desconsiderado mesmo no interior por todo o seguimento da campanha, pelo modo por que a terminou, e pelas condições humilhantes a que se sujeitou para com a Russia, o gabinete ottomano não se achava em circumstancias de vencer pela força as provincias insurreccionadas. Era arriscado recorrer á intervenção russiana, alem de que esse passo, excitando o ciúme da Grã-Bretanha e da França, traria consigo graves complicações para a Turquia. O sultão, apreciando devidamente um tal estado de cousas, resolveu transigir com os revoltosos.

Acommodou a Servia, reconhecendo o principe Milosch, seu hopodar, como independente durante o espaço de cinco annos, e isentando-a de contribuições, excepto de um pequeno tributo annual. A Bosnia e a Albania entraram tambem na ordem por meio de algumas concessões.

D'escarte se livrou Mahmoud II de conflictos nas suas relações externas; entretanto os acontecimentos que acabavam de ter lugar serviram de fundamento aos governos francez e inglez para renovar as suas reclamações contra o tratado de 8 de julho de 1833.

O imperador Nicolau, reconhecendo a necessidade de ceder alguma cousa para captivar a gratidão de Mahmoud II, e assim neutralisar as diligencias empregadas pela França e Inglaterra para afastar a Turquia da alliança russiana, apressou-se a concluir um novo tratado com o sultão, pelo qual lhe fazia cessão de uma parte avultada das indemnizações da guerra, que a Porta ainda devia á Russia. E além d'isto promettia effectuar quanto antes a evacuação da Valaquia e da Moldavia.

Não obstante estes arranjos continuaram as intrigas diplomaticas em grande escala. As duas potencias occidentaes não se decidiram a interpor o recurso das armas n'esta questão, que consideravam, e que realmente era, de tamanha importancia para o equilibrio europou. Mas enctaram na córte do sultão uma lucta de influencias com a Russia, lucta por-

fisa e tenaz, que acarretou sobre o imperio turco consequencias bem fataes. Cada um dos contendores conseguiu formar no seio do divan um partido favoravel aos seus interesses e politica, e, como succede sempre em tais casos, a nação não tardou em dividir-se nas mesmas parcialidades. A diplomacia britannica e franceza apoiavam-se nos partidarios das reformas, e procuravam por todos os meios ao seu alcance obter impulso e dar vigor ao novo systema, como ao mais poderoso elemento contra as ambições moscovitas. Os agentes do czar, chamando a si os inimigos das innovações, excitando-os e auxiliando-os na sua opposição a toda a casta de melhoramentos sociaes, organizavam uma resistencia vigorosa contra a vontade do sultão, desconhecitavam a sua auctoridade, faziam suspeitos a todos os bons musulmanos o seu amor de patria e o seu respeito pelo alcorão, e erguiam uma elevada barreira diante das influencias occidentaes. Assim no meio d'esta lucta, em que se iam gastando e amortecendo todos os instinctos generosos do povo, foram-se desenvolvendo muitos elementos de dissolução do imperio.

As condições da paz, que poz termo aos triumphos de Ibrahim pachá, pezavam no animo do sultão, que lhe pareceu haver concedido muito ao vasallo rebelde, e tambem tinham desagrado a Mehemet Ali, que julgava ter alcançado ainda pouco da posição vantajosa em que a sorte das armas o collocára. Portanto, olhando-se reciprocamente com desconfiança e má vontade, armavam-se e dispunham-se para a primeira occasião, que se lhes offercesse de poderem obter a reparação, que se desejavam. Em maio pois de 1834 rebentou na Syria uma insurreição contra o dominio egypcio, e Mahmoud II, querendo aproveitar-se d'este ensejo, que favorecia os seus intentos, fez marchar um exercito de mais de sessenta mil homens, destinado a despossuir Mehemet Ali d'aquella provincia. Porém a Inglaterra, a França e a Austria conseguiram fazel-o mudar de resolução.

Neste mesmo anno creou o sultão uma nova milicia, composta de varios regimentos organizados, instruidos e disciplinados segundo o melhor systema europeu. E tambem regularizou as relações exteriores do imperio, creando legações permanentes nas principaes córtes da Europa, e procurando homens habeis para o representarem. Por esta occasião foi mandado embaixador para Paris Reschid pachá, que tão distinctamente tem figurado na historia contemporanea da Turquia.

Em 1835 empreendeu Mahmoud II restabelecer a sua auctoridade em Tripoli, cujo bey se havia subtraído quasi inteiramente a suzerania do sultão. Era este um negocio de alta consideração politica, não tanto pela importancia de Tripoli, como pela dupla conveniencia de ter entre o Egypto e Argel um posto militar, que obstando ás invasões dos francezes para aquelle lado da costa africana, servisse de atalaia para vigiar os movimentos de Mehemet Ali.

Aproveitando-se o sultão da guerra civil, que lavrava n'aquella regencia por causa da successão, disputando encareçadamente o poder um irmão e um filho do defuncto bey, enviou uma esquadra com tropas de desembarque, que se apoderaram da cidade sem difficuldade.

Em 1836 e 1837 fez a Porta iguaes tentativas sobre Tunis, que tambem havia sacudido o jugo ottomano. Porém o governo francez, conculcindo este desigmo, mandou immediatamente uma esquadra vigiar de perto os movimentos da armada turca, e assim frustrou a premeditada empreza.

Durante o curso d'estes dous annos tiveram lugar algumas insurreições, mais ou menos graves, em dif-

ferentes provincias do imperio; e tambem o sultão levou a effeito uma viagem pelo interior do paiz com o fim de inspecionar o estado de defeza em que se achava, e de se informar exactamente do modo por que se administrava justiça ao povo. Mahmoud II visitou as praças de Varna, Chumla, Silistria e Koustchouk, e por toda a parte, onde se dirigiu, inspecionou os estabelecimentos publicos, recebeu e ouviu benevolamente as pessoas de todas as condições, que pretenderam dirigir-lhe supplicas ou queixas. Per esta occasião praticou muitos actos de justiça e de generosidade, ordenou algumas fundações de utilidade, e fez proceder a muitos melhoramentos nos diversos ramos da administração publica.

Pouco depois do seu regresso á capital descobriu-se uma conspiração, que tinha por fim assassinar-o, e incendiar os arrabaldes de Pera e Galata, residência dos estrangeiros e dos subditos christãos do grão-senhor.

Duas sabias medidas fizeram memoravel o anno de 1838: a nomeação de uma commissão encarregada de procurar os meios mais convenientes ao desenvolvimento do commercio, da industria fabril, e da agricultura; e a confecção de um codigo civil e criminal de accordo com as novas reformas e com as necessidades publicas. Até ali toda a jurisprudencia ottomana se exercera exclusivamente no alcorão.

Em agosto d'este anno concluiu a Grã Bretanha um tratado de commercio com a Porta, cujas clausulas um artigo especial fazia extensivas ao Egypto. Logo depois foram concedidas a França as mesmas vantagens.

A conclusão d'este tratado significava um triumpho obtido por estas duas nações sobre a influencia russiana; todavia o imperador Nicolau tinha conseguido formar no divão um partido seu tão forte, que não tardou a readquirir no gabinete ottomano o antigo ascendente.

O começo de 1839 foi assignalado por grandes preparativos militares em todo o imperio. A actividade com que se tratava de augmentar o exercito e a marinha, e a pressa com que se fortificavam as praças fronteiras da Syria, faziam recear o proximo rompimento da guerra com o vice rei do Egypto. Mehemet Ali, continuando a recusar se ao pagamento dos tributos devidos á Turquia, negar-se tambem a sujeitar-se ao tratado de commercio concluido entre o sultão, a Grã Bretanha e a França. Em breve se acharam pois os exercitos turco e egypcio em presença um do outro, o primeiro commandado por Hafiz pachá, e o segundo por Ibrahim pachá. As negociações diplomaticas obstarão porém durante alguns mezes ao rompimento das hostilidades.

A Inglaterra, a Russia e a França trabalharam assidua e energeticamente n'estes arranjos, mas sempre em sentido contrario, e medidas por interesses oppositos. Ao principio o gabinete britânico, com o intento de fazer vigorar ao Egypto o tratado que tanto favorecia o commercio inglez, exortou o sultão contra o vice-rei; e a Russia por consequente empregava toda a sua influencia para a conservação da paz. Depois como os esboços da França para trazer Mehemet Ali a um accordo pacifico fossem apresentados pela habilidade de um exato, o imperador Nicolau, mudou de politica, impetrou o grão-senhor para a guerra, e por meio de todo o auxilio deca, e precisasse para vencer o viceroy do Egypto. Então a Inglaterra voltou as suas diligencias para impedir a lucta a todo o custo, e unida a França declarou ao sultão, com as esquadras francezas e inglezas embarcadas qualquer conflicto entre os armados turco e egypcio.

Foram porém baldadas todas as tentativas para a paz. Algumas leves escaramuças deram começo ás hostilidades, e logo em seguida teve lugar a batalha de Nézib, em que os ottomanos foram completamente destregados, deixando no campo sete a oito mil homens entre mortos e prisioneiros, mais de cem peças de artilharia, e todas as bagagens e munições.

Mahmoud II não chegou a receber esta triste noticia. Quando entrou em Constantinopla o portador da noticia, já aquell soberano tinha fallecido, victima de graves padecimentos de entrancha, cujos progressos tinha ultimamente occultado a quantos o rodeavam, de maneira que a sua morte causou na corte e no paiz tanta surpresa quanta consternação. Viveu pouco mais de 5½ annos, e reinou 31.

Uma intelligencia não vulgar; um espirito recto, cheio de benevolencia e humanidade; vontade energica de praticar o bem; singular firmeza e perseverança em todas as empresas; coragem no meio dos perigos; muita presença de animo para supportar os infortunios; muitas virtudes privadas; todas estas qualidades collocaram a Mahmoud II entre os mais excellentes príncipes e os mais distinctos soberanos da raza de Osman.

As suas reformas assignalaram uma epocha inteiramente nova para os povos, cujos destinos dirigiu. Se essas reformas poderão salvar o imperio ottomano, ou se pelo contrario lhe abreviarão a existencia, é uma questão grave, que não pode ser tratada de leve, pois que é necessaria uma justa apreciação de mil circumstancias differentes, e ainda assim ficará dependente, a meu ver, de que o futuro a resolva. Mas o que se pode avançar sem receio é que lucrão muito com ellas a causa geral da civilisação, e tambem que bastante ganharam já muitos povos, que a sorte das armas arrenquão para debaixo do jugo musulmano.

Vendo que o seu imperio caminhava a passos largos para o juizo das nações, impellido em grande parte pela degeneração dos costumes, e pelo quebrao do espirito publico; profundamente convencido de que só uma regeneração social podia servir de base a um edificio tão colosso, que de dia para dia se enfraquecia e prostrava; resolveu librar o crescente musulmano sob a egide tutelar da civilisação europea. Se a meia lua do propheta empallidescer aos brilhantes raios de tão grande luz; se porventura se eclipsar totalmente, ainda assim restará muita gloria ao soberano, que metteu hombros a uma empreza tão grandiosa, levado de pensamentos tão nobres e generosos, e guiado por um impulso tão patriótico. E tambem alguém podera acrescentar, que ainda quando a Turquia tenha de succumbir no meio d'essa grande lucta, que ali está travada, ficaria para resolver outro problema: se um imperio assente sobre o islamismo e composto de elementos tão heterogeneos se podia conservar por muito tempo na presença da civilisação actual.

Portanto, qualquer que seja o curso dos acontecimentos, a posteridade ha de sem duvida fazer justiça a Mahmoud II, dando-lhe o epitheto de grande. E aquellos que quizerem julgar o evidentemente, não deverão só attender aos quilatos das suas reformas, e a influencia que ellas ja tem exercido na civilisação da Turquia, mas devem tambem apreciar as difficuldades que o cercaram, as resistencias com que luctou, os perigos que teve de arrostar, e finalmente os perigos que affrontou.

Mahmoud II legou a seu filho e successor Abdul Mejid, a ardida e espinhosa missão de dar complemento a sua obra civilisadora. Mas a essa impropria tarefa veiu ainda a ambição de um visulho poderoso

acrescentar maiores difficuldades e mais agudos espinhos.

Terminará pois aqui este esboço historico sobre os imperios bysantino e ottomano, para dar logar á questão do Oriente, em que se resume por assim dizer o reinado do actual soberano; questão immensamente grande de que pendem tantos interesses, em que se prendem todas as attenções, e em que estão empenhados os esforços das mais poderosas nações.

I DE VILHENA BARBOSA.

GARRETT

AO SR. ALEXANDRE HERCULANO.

Terra da minha patria! abre-lhe o seio  
Na morte ao menos. Breve espaço occupa  
O cadaver d'um filho. . . . .

CAMÕES. — GARRETT.

I.

EXTINCTO é tudo já: silencio triste  
Succede aos echos dos eternos cantos!  
Chora tu Portugal que o possuiste,  
Na morte ao menos não lhe negues prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario  
A' cruz da redenipção ir abraçar-se. . .  
Como a luz a expirar no santuario,  
Eu vi o grande espirito apagar-se. . .

Vi-o despir o manto dos arminhos,  
Arrancando da frente as vivas flores;  
Vi-o cingir a c'roa dos espinhos,  
Agradecendo a Deus aquellas dores.

Vi-o grande nos dias de ventura  
Erguer-se como genio da poesia!  
Vi-o grande na angustia e na amargura:  
Vi-o grande nas horas da agonia.

Como se lhe voltára a mocidade,  
Mais e mais a meus olhos se animava! . . .  
Grande, grande a crescer em magestade. . .  
Um gigante a meus pés se alevantava.

Era a posteridade que se erguia,  
Quando o espirito a Deus vouo seguro. . .  
E antes que fosse o corpo cinza fria  
O vulto lhe gravava no futuro.

II.

Mestre! meu mestre! um amigo  
Não vês que deixas aqui? . . .  
Que viveu sempre contigo,  
Que se guiava por ti. . .  
Mestre! meu mestre! — Jesus! —  
Eu não te tenho deixado:  
Não me vês ajoelhado  
Junto ao pé da tua cruz?

Já me não vês? Já não sentes  
Que te sustenho esta mão? . . .  
Ouves as preces, que ardentemente  
Brotam do meu coração? . . .  
— Pois assim te perderei? . . .  
Morto! morto o meu amigo! . . .  
— Orphão — só tuinha este abrigo,  
E sem este mesmo fiquei!

Entre tanto rosto enxuto  
Quem é que pode chorar?! . . .  
O mundo ri do tributo  
Que não se atreve a pagar!  
Adeus, mestre! — adeus, adeus. . .  
Eu aqui sou estranho, agora. . .  
Estes zombam de quem chora,  
Que aqui nem choram os teus! . . .

Minhas lagrimas ardentemente  
Correi, correi com fervor. . .  
Vergonha sobre essas frentes  
Que rirem da minha dôr!  
Podem lagrimas brotar  
D'um coração duro e rude;  
Mas Deus negou a virtude,  
Aos que não sabem chorar. . .

Oh! mestre! que desenganos!  
E que mundo enganador!  
Desde teus mais verdes annos  
Sempre gloria e sempre dôr!  
E eu nunca mais te verei  
A guiar-me entre os escolhos;  
Sobre esta terra de abrolhos  
Que outro arrimo encontrarei? . . .

Mestre, vês, eu choro e canto:  
Comtigo tudo aprendi.  
Deus abençoe este pranto,  
Que bem sabe o que eu perdi! . . .  
Que me resta agora a mim?  
Uma cruz no mundo erguida. . .  
O que me resta da vida,  
Senão desejar-lhe o fim?

III.

Caíu Athlante! e a lusitana gloria  
De crepes se cobriu.  
Porém, de pé, no pedestal da historia  
O gigante surgiu!

Esustem outro mundo — um mundo immenso! —  
O mundo do porvir! . . .  
Que pasmado a seus pés fica suspenso  
De nunca o ver cair.

Agora a patria... a patria, emfim, que acorda!  
Vem com seus esquadrões.  
Agora o povo... que a chorar recorda  
As immortaes canções.

E todos vão grupar-se nas fileiras  
Do cortejo final.  
Cobre-o com essas pompas derradeiras,  
E chora Portugal. . .

Gemem tresentos annos que passaram. . .  
Eternas convulsões!  
Que só depois de seculos acharam  
Um cantor de Camões!

IV.

Adeus, mestre! adeus, amigo. . .  
Eu fico chorando aqui.  
Como não posso ir contigo,  
Pedirei a Deus por ti.  
Se á morada derradeira,  
Não vou tambem na fileira,  
Onde vão alguns dos teus:  
É que não posso. . . é que o pranto  
Parece que tem encanto  
N'estes tristes olhos meus!

Como hei de viver agora,  
Um só dia sem chorar?  
Se me lembro a toda a hora  
Que não tornas a voltar...  
E tudo que tenho comigo  
Me lembra o mestre e o amigo,  
A quem sempre me encostei!...  
E os conselhos que me davas...  
E tudo que me ensinavas...  
Tudo, tudo quanto eu sei.

Oh! que sei eu, descuidado!  
Mas de que serve o saber?...  
Se eu nunca tinha contado  
Que me havias de morrer!...  
Tinba-te quando queria...  
A ti — o rei da poesia! —  
A ti — rival de Camões! —  
A ti — que além de ensinar-me,  
Descias sempre a mostrar-me  
Tuas divinas canções!

Oh! espirito sublime!  
Nunca te soube pagar...  
Mas a dor que hoje me opprime  
Diz-me se eu te soube amar!  
Orvalhado com meu pranto,  
Aceita o ultimo canto,  
Que a saudade me inspirou.  
Por ti amei a poesia;  
Deixo-a por ti n'este dia,  
Porque a luz se me apagou!

De ti nasceu, de ti vinha  
O fogo que me aqueceu;  
Todo em ti origem tinba,  
Contigo me falleceu...  
Fiquei só, frio e gelado;  
Do teu genio desherdado;  
Ha de o discip'lo viver?  
Não; recebe este holocausto:  
Onde o mestre cae exaustão,  
Vem o discip'lo morrer.

Eu vi-o lá no extremo do calvario  
A' cruz da redempção ir abraçar-se...  
Como a luz a expirar no santuario  
Eu vi o grande espirito apagar-se...

Chora tu Portugal, que o possuiste,  
Na morte ao menos não lhe negues prantos...  
Extincto é tudo já: silencio triste  
Succede aos ecbos dos eternos cantos...

F. GOMES D'AMORIM.

## D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDAS NACIONALES.

VL

O verdadeiro ou falso Sebastião que foi entregue em Veneza, e atormentado em Napoles, deixou duvidas profundas nos animos mais seguros.

A. GABRETT.

REI OU INFOSOR?

— « EMBORA haja eu errado, o meu erro ficará conmigo.

— « Porém vós levantaes-vos contra mim, e me arguís com as minhas calamidades.

— « Entendei sequer agora que Deus não é por um juizo de justiça que me affligiu, e me feriu com os seus acoites.

— « Clamarei pois padecendo violencia, e ninguém me ouvirá: bradarei, e não ha quem me faça justiça.

— « Por todas as partes fechou o meu caminho, e não posso passar; e no meu caminho poz trevas.

— « Despojou-me da minha gloria, e tirou-me a corôa da cabeça.

— « Destruiu-me por todos os lados, e pereço; e como a arvore arrancada me tirou a minha esperanza.

— « O seu furor se accendeu contra mim, e assim me tratou como a seu inimigo.

— « Mancomunados vieram os seus saltadores, e fzeram para si caminho sobre mim, e cercaram em roda a minha casa.

— « Poz longe de mim a meus irmãos; e os meus conhecidos como estranhos se apartaram de mim.

— « Os meus propinquos me desampararam: e os que me conheciam esqueceram-se de mim.

— « Os que moravam em minha casa, e as minhas minhas servas me reputaram como um estranho; e fui como um peregrino aos seus olhos.»

Uma voz fraca repetia estas endeças do velho Job, d'entre as paredes afumadas e grossas varões de ferro das prizoês de Veneza. Os rijos cancellos d'esta mansão de infortunio, não deixavam passar pela ponte dos Suspiros, para o receptaculo de todos os vicios denominado palacio Ducal, aquelles sublimes versiculos do livro dos livros, mas iam, atravez das grades, perder-se ao longe nas aguas do Adriatico.

O homem, que assim dava saída a seus pezares com resignação christã, era o mesmo a cuja prizoão assistimos na côrte Contarina; encerrado a principio em uma gaiola de ferro, e transferido depois para o calabouço onde acabamos de o ouvir, o desgraçado vira escotarem-se-lhe setecentos cincoenta e tres dias de vida entre os horrores do carcere, até este em que de novo o encontramos, que é a 16 de dezembro de 1669. No mesmo lugar, duzentos vinte e um annos depois, outro martyr do despotismo, o celebre Silvio Pellico, encarava como este os males presentes e o aspecto de mais temivel futuro, colbendo tambem forças para soffrer na consoladora leitura da Biblia.

A porta da prizoão acaba de se abrir, e um homem alto, magro, de olhos encovados, nariz comprido e cabellos grisalhos, parando no limiar, solta estas palavras com voz rouca:

— « Mareo Tullio Catisoni, pescador calabrez? »

Ao ouvir este nome, que diziam ser o seu, o prizioneiro lançou um ollhar de desprezo para quem o proferira; calou por um momento; depois fez um gesto entre resignado e despeitoso; por fim, abaixando a cabeça, resolveu-se a responder.

— « Eis-me aqui. »

— « Acompanha-me. »

O carcereiro deu alguns passos para fóra da prizoão, e o pobre encarcerado, seguindo-o, julgava acompanhar o algóz; porém não se atreveu a perguntar para onde o conduziam. O agourento carcereiro fechou e ferrolhou o calabouço, e sem dizer uma só palavra guiou o prizoado por um extenso corredor, na extremidade do qual havia uma ampla quadra, occupada n'esta occasião por alguns esbirros: chegado ahí, um dos sayões, vestido de negro e mascarado, como era de uso entre os familiares da inquisição d'estado, se apoderou do supposto calabrez,

e conservando o mesmo silencio, satu com elle para a ponte dos Suspiros.

D'ahi a pouco o prizonheiro achou-se á porta de uma sala, cuja mobilia o encheu de terror: era o logar dos tractos! Cruzando por entre estes instrumentos de martyrio, entrou em outra sala, com apparencia de tribunal;ahi o deixaram só.

Já o desgraçado calculava com horror qual seria a nova ignominia por que o fariam passar, quando um homem revestido com a toga de senador, veiu a elle com os braços abertos: no recemhogado conheceu logo o honrado Marco Quirini, um dos quatro juizes deputados para o julgarem, e que sempre lhe mostrara a mais decidida afeição; o infeliz não pdeu suster as lagrimas, e balbuciou estas palavras:

— «Vão matar-me; e eu que não posso paten-tear-vos a minha gratidão!...»

— «A justiça da vossa causa,» atalhou Quirini, «me fez interessar por vós; porém baldados foram os meus esforços para vos restituir a liberdade, quando ha dois annos, em publico exame, se acharam no vosso corpo todas as marcas naturaes, que, na corte de Lisboa, se dizia ter D. Sebastião; o senado decidiu que só reclamado por um principe reinante ser-vos entregue.»

— «Oh! meu Deus! E nenhum até hoje se lembrou!»

— «Um, senhor: o principe d'Orange, chefe das Provincias-Unidas, acaba de enviar por seu embaixador a Veneza o portuguez Sebastião Figueira, com o fim de vos requisitar.»

— «E então?»

— «O sena lo me encarregou de vos intimar a sua final sentença.»

— «Ah!... dizei... dizei... seja qual fôr!»

— «Em vinte e quatro horas saireis da cidade de Veneza; e em tres dias fora do territorio da republica.»

— «Oh! meu amigo, ainda serei feliz!»

— «Podeis partir. O cén vos restitua o que legitimamente vos pertence.»

Abragaram-se suffocados em lagrimas, e deram-se o ultimo adeus. O prezo tornou a aspirar livremente o ar de uma grande cidade.

Entretanto reunia-se em casa de Pantalão Pessoa um respeitavel conselho de portuguezes illustres, a que presidia D. Christovão, filho do prior do Crato.

Este principe generoso viera á Italia advogar ante o papa e a *Senhoria* a causa do captivo de Veneza, tendo largado o titulo de rei de Portugal desde o momento em que chegou a París, aonde residia usualmente, a noticia de ter apparecido D. Sebastião. Os outros congregados eram, além de Pantalão, e de Antonio de Brito, seu hospede effectivo, os seguintes cavalleiros e letrados. D. João de Castro, que fôra e continuou a ser o mais constante defensor do prezo, seu conselheiro leal e valido desinteressado; Fr. Estevão Caveira, ou, como vulgarmente lhe chamavam, o doutor Sampaio, homem respeitado por seu muito saber; foi elle quem solicitou em Lisboa os signaes de D. Sebastião, e que exigiu em Veneza o exame publico do corpo do encarcelado, para verificar a identidade da pessoa; mas estes servicos não lhe alcançaram a confiança do rei (se era um rei, o prezo) que antepoz a uma roupeta de domínico um sayo de cavalleiro; e o frade parecia despeitado contra D. João e contra seu amo, com quanto tentasse encobri-lo, Manuel de Brito d'Almeida, velho de bom conselho, e que sempre acompanhou o prior do Crato D. Antonio:

Diogo Manuel, cavalleiro de primor; Rodrigo Marques, e Sebastião Figueira, doutos e leaes portuguezes; e Fr. Chrysostomo da Visitação, monge de Cister.

Era Figueira que fallava, no momento em que chegámos á casa da ponte de Paglia, e dizia assim:

— «É hoje o dia marcado pela *Senhoria* para dar resposta á embaixada de que me encarregou Mauricio de Orange: «Sabbado teréis a nossa decisão,» me disse o doze, em presenca do senado. Serei pontual, von recebel a.

E saudando a assembléa, ía a sair, mas recuou, dando um brado de espanto e de alegria... Um homem assomára ao limiar da porta.

O novo personagem era de estatura ordinaria, magro, cabelo castanho escuro, pouca barba, e bigode, tudo da mesma côr; testa espagosa, e olhos, apesar de encovados, de uma viveza extraordinaria; nariz comprido, boca regular, e pé muito pequeno. Além d'estas feições geraes, via-se que o seu labio inferior era mais grosso e descaido do que o superior, o braço e a perna direitos mais compridos que o braço e perna esquerdos. Trajava uma roupeta comprida de seta, forrada de pelles, e gorro de veludo preto já bastante coga-lo.

Quasi toda a companhia o conheceu immediatamente, mas o sobresalto causou um turpor geral; foi Estevão Caveira quem primeiro rompeu o silencio com uma alloengão latina, como convinha a um doutor de Bolonha:

— «*Fidiusus eum et non erat aspectus!*» (1)

— «El rei!» clamaram todos os mais congregados a um tempo, correndo a beijar a mão ao recém-vindo.

— «Meus amigos, meus leaes vassallos,» lhes tornou elle com voz pouco clara, mas boa pronuncia portugueza, «eis-me outra vez entre vós!»

D. João, Pessoa, Figueira e Pimentel, que eram ainda jovens na occasião da fatal jornada de Alcaerquibir, não tinham olvidado a physionomia de D. Sebastião; e Diogo Manuel, mais mogo ainda, ouvira a seu pae descrever a figura do rei com tão vivas côres, que para logo julgou reconhecê-lo no chamado Marco Tullio calabrez. O entusiasmo d'estes cavalleiros não pode descrever-se.

Depois de uma effusão de congratulações, offerta e agradecimentos, convencionaram que o rei passaria aquella mesma noite em uma gondola para Padua, dirigindo-se por Florença a Leorne, onde embarcaria para passar á Fraença, que iria disfarçado com um habito monastico, e acompanhado por um só dos congregados, para afastar suspeitas.

Deram-se pressa a escolher o commissionado, e a eleição recaiu em Fr. Chrysostomo da Visitação.

Fatalidade!...

## VII.

*Lady Macbeth:* E's tu um homem?  
*Macbeth:* Sou; e um homem tal, que encara a sangue frio o que seria capaz de espantar o demonio.

W. SHAKESPEARE.

## TINHA DE SER!

O seculo 16.<sup>o</sup> fechara o seu curso; e despontava no oriente o primeiro dia do seculo 17.<sup>o</sup>, vendo escravidado Portugal, e perseguido esse homem, que tantos nobres guerreiros e sabedores reconheciam por seu

(1) Esta alloengão e copiada textualmente de uma obra de D. João de Castro, sobre o assumpto. d'onde tambem se tirou fielmente o retrato de D. Sebastião, e mais accessorios d'este quadro

legítimo soberano. Antes porém de atar o fio da nossa narração, permitta-nos o leitor que, collocados no ponto de intercepção d'estas duas grandes epochas, as comparemos em relação ao nosso paiz.

Quando alvorcou o seculo 16.º, viu a India e o Brazil descobertos já por nossos navegadores, a costa d'África explorada pelos portuguezes, e muitas ilhas do Oceano reconhecendo o nosso senhorio, mas estava ainda longe a nossa preponderancia como primeira nação commercial e maritima; foi durante o seu imperio que Affonso de Albuquerque sujeitou ao sceptro de D. Manuel os mais longiquos paizes; foi, como consequencia necessaria dos grandes feitos de nossos cavalleiros em além-mar, que o commercio, então confiado aos mercadores venezianos, tomou nova direcção, e os galeões portuguezes, vencendo os medos e as borrascas do cabo das Tormentas, as correntes de Natal e Zanguebar, as trações de Mombaga e Calecut, iam levar a India e a China o vinho e o azeite de Portugal, os pannos finos de Inglaterra e Castella, tafetás e sedas de Toledo, acolchoados de Napoles, veludos de Genova, damascos de Lucca, sarjas e luvás de Valencia, vidros de Venezia, vasos de Florença, lãs de Flandres, marlotas de Constantinopla, e outros mil objectos europeus: para voltarem a Lisboa, onde os aguardava o levantino, o genovez e o judeu, com seus saquiets preñes de ouro, e que a tróco de numerario iam abastecer a Europa de cravo das Molucas, noz de Banda, pimenta e gengibre do Malabar, canella de Ceilão, ambar das Malivas, sandalo de Timor, beijom do Achem, tecas de Cochim, anil de Cambaya, pau de Solor, cavallos da Arabia, alcatifas da Persia, selas, damascos e porcelanas da China, estofos de Bengalia, perolas de Kalkcar, diamantes de Narsinga, rubis do Pegu, ouro de Sumatra e prata do Japão!... Porém, que nos restava d'esses lucros e d'essa gloria no seculo 17.º? Apenas a recordação do que fomos, do que soubemos e pudemos! Os logares aonde se hasteavam as santas quinas na Africa, na Asia, na America e na Oceania, saltados por ismuelitas e protestantes, perdiam-se successivamente para Portugal; e na Europa mesmo o nosso nome era riscado da lista das nações independentes. Ser portuguez já não era um titulo glorioso, e os mais nobres caracteres d'esta terra vagueavam errantes pelo mundo, mendigando o pão do estrangeiro. No pequeno quadro que apresentámos aos leitores se entrevê a nossa desastrosa queda.

Raiara o dia 1.º de janeiro do anno 1604 da Redempção. Florença, o jardim da Toscana, não ostentava então suas galas naturaes, seus perfumes balsamicos, porque a estação já fria e chuvosa: era uma formosa mulher, trajando roupas de luto; porém a torre da cathedra ainda elevava até as nuvens seu campanario soberbo, as portas do Paraizo ainda a pousavam seguras ao *Replisterio*; o viajante tinha ainda para admirar as maravilhas artisticas espalhadas com mão larga pelos Melicis sobre aquelle solo abençoado, e mesmo ver o Arno, aguçado pelo sueste, debater-se e susurrar como opprimido entre as arcadas de mármore da ponte *della Trinitá*.

Sobre esta ponte, e n'ella de pouca, passava um monze de Cister, e depois de examinar vagorosamente as estatuas do estio, outono e primavera, que ali se vêem primorosamente lavradas, demorou-se largo tempo a contemplar a do inverno, como buscando a analogia entre a obra do círculo e a obra de Deus, que em toda a sua magestade se lhe desenrolava ante os olhos; algumas vezes interrompia o exame para seguir com a vista a estrada de Pisa, como que aguardando alguém, e logo voltava á estatua.

Um frade dominico appareceu na margem do rio, e foi este o signal para o bernardo concluir a sua analyse artistica e philosophica; correu a encontral-o, e travaram ambos rapida conversação.

Nenhum leitor deixara de ter conhecido n'estes personagens os respeitáveis e mil sabedores theologos, Fr. Estevão Cavaira e Fr. Christovão da Viçitação.

— «*Dominico doctor*,» proferiu o es-crivenha, ao aproximar-se do dominico, com as mãos cruzadas ao peito, e a hypocrisia pintada no rosto.

— «Que tendes feito?» atalhou o doutor Sampaio.

— «Tudo,» foi a resposta do primeiro.

— «Tudo?.. Contae-me isso.»

— «Escutae.»

Aqui o bernardo lançou os olhos em derredor, examinando se algum se avizinhava; por cautela, e chegou-se mais para o outro frade, e fez em voz baixa a sua infame narração.

— «Chegado a Florença,» disse elle, sem compunctia do nosso homem, fui alojár-me, como era natural, em um mosteiro da ordem do meu padre S. Bernardo, introduzi na minha cella o miseravel peregrino, e, como tínhamos ajustado, fui logo denunciado ao arcebispo de Pisa, ministro do grão duque Francisco. As ordens para a captura foram immediatamente passadas, e no dia 29 de dezembro, quando Marco Tullio me protestava a sua eterna gratidão, senti-me agarrado pelos esburrus, que a força o arrastaram para a prisão... Depois não tornei a vê-lo, mas constame que está a bom recado.»

— «Nem Judas Iscariotes o faria melhor!..» Agorá, sr. D. João de Castro, «perseguido com risotozão do frade de S. Domingos, a sede ministro, conselheiro e privado de D. Sebastião.»

Uma pouca de invjzi fizera um traidor do homem, que primeiro buscou salvar o prezo de Venezia, que tanto trabalhara n'esse sentido! Era frade e corteção, e tinha muito de ambas as cousas. Porém que admirava uma alvioxia em Estevão Cavaira? O vencedor de Dio não esmigalhou as palmas de tão glorioso cerco, sob alguns punhalos de ouro castelhano? A raga portugueza abastardeava-se sem remedio.

— «Que nos resta pois a fazer n'esta cidade?» perguntou o frade de Alcobaça.

— «Nada,» tornou Sampaio. «Partir já, para não encontrar os cavalleiros que deixei em B. lonha, e que ámbulá devem estar aqui. A cautinho, e em Madrid receberás os mil ducados promettidos pelo meu baixador do sr. magistade catholico em Venezia, D. Francisco Vêras de Arago.»

— «S'ja por caridade!» resumiu Fr. Christovão, e seguiu a Fr. Estevão, que, a largos passos, se afastava da ponte.

No outro dia chegaram a Florença os amigos do perseguido; julgou-se do seu espirito sabendo da captura do verdadeiro e do falso D. Sebastião, e do desaparecimento dos frades, D. João de Castro conheceu então que eram *razovets* as suspiras que concebira da fidelidade de Sampaio, depois que el-rei mostrára mais prolixidade, por elle (Castro) do que pelo príncipal. Também lhe lembrou um successo que ouvira relatar ao prisioneiro, e que lhe não passou mais da memoria até o estampar, com a singularidade que lhe era propria, no seu *Discurso da vida do bom vinho e desajalo D. Sebastião, rei de Portugal*, obra que se imprimiu em Paris no seguinte anno de 1602. Foi o caso, que achando-se el-rei encalado na prisão do *Jardim* em Venezia, pediu uma cruz aos seus fieis vassallos do clero, os quaes lhe mandaram um crucifixo de ouro, mas sem cordão d'on-

de concluir o desgraçado monarcha que o seu tempo de reinar não era ainda chegado; porém D. João interpretava agora de outro modo aquella falta, e dizia: Não é dos frades que lhe virá a corôa.

Todo embebido n'estes preciosos commentarios, foi procurar Manuel de Brito, porém o honrado velho estava completamente desanimado: não via salvação possível para o rei, nem esperança para a patria.

Depois de um extenso dialogo, a que pouparemos o leitor, resolveram ir fallar ao arcebispo de Pisa, visto ser prohibido o accesso junto ao grão-duque; o ministro attendeu-os, e fez-lhes entrever alguma possibilidade de salvação.

O prelado mentia infamemente; estava comprado pelo ouro de Castella. Alguem notou com grande attenção que n'esse dia caíra um raio na bella cathedral de Florença.

Todas as illusões se desvaneceram em tres mezes. Em lugar de ser entregue ao santo padre para o fazer julgar publicamente, como se dizia e era de justiça, foi abanlonado aos agentes de Hespanha, e conduzido a Napoles em um dos primeiros dias de abril.

Quando o infeliz prisioneiro atravessava a praça de Santa Maria, para sair de Florença, encontrou ali os seus leaes amigos, que vinham beijar-lhe a mão pela ultima vez: proscriptos do territorio hespanhol, era-lhes defeza a entrada em Napoles, então pertencente á corôa de Castella. Os velhos guerreiros choravam... elles, de coração de ferro, como a lamina das suas boas espadas!

Dons antigos conhecidos do leitor aproveitavam esta occasião de se darem mutuamente o adeus da separação.

— «Feliz sorte, sr. Pero Pantoja; Deus vos proteja, e a vosso amo, não sendo em detrimento do meu.»

— «Ide descansado, Ayres Tinoco, que nem D. Christovão, nem esse que leveis manietado, suplantarão o poder de Filippe III.»

O donzel foi encontrar-se com os portuguezes, e

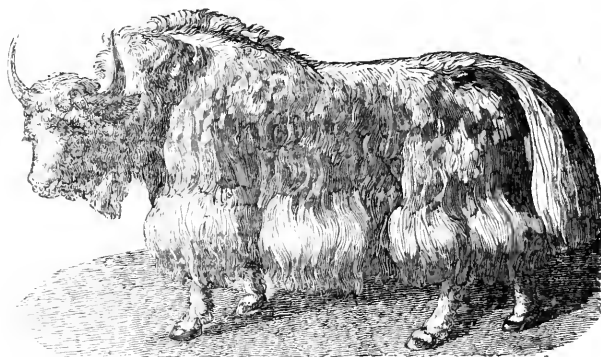
Ayres Tinoco incorporou-se na comitiva hespanhola. Os conselhos do velho Fagundes não tinham achado echo no coração do bello pagem: tornado escudeiro seguira as partes de Castella. Do covarde brotára o traidor. Sempre assim acontece.

Quanto aos honrados portuguezes, que seguiram na adversidade o homem que reconheciam por seu legitimo rei, tendo perdido a esperança de o salvar, a menos que não fosse reclamado por algum dos grandes potentados da Europa, espalharam-se pela Allemanha, França, Inglaterra e Italia, diligenciando alcançar a protecção dos soberanos. D. Christovão foi magnificamente acolhido pela rainha Isabel, mas nada poude conseguir de positivo. Manuel de Brito e Sebastião Figueira lançaram-se em Roma, mas o pontifice negou-se a intervir na questão! O imperador não foi mais generoso, mau grado aos esforços de Pantaleão Pessoa; e D. João de Castro, o homem leal e desinteressado por convicção e por herança, aquelle que havia jurado, no conselho de Cintra, defender o rei até ao ultimo transe da vida, por todos os meios ao seu alcance, não cessou de trabalhar em Paris, porém de balde! Defendel-o com a espada na mão era impossivel: o *juizo de Deus* estava abolido. e a cavallaria agonisante ia ser esmagada pelo immortal livro de Cervantes. Como Sansão, o cavalleiro hespanhol fazia desabar o templo, em cujas ruinas ficava tambem sepultado. Era a vingança do genio, a mais perigosa das vinganças!

Que restava pois a D. João? Trocar a espada pela penna. Assim o fez. Dirigiu 'aos tres-estados do reino uma memoravel representação sobre o assumpto; publicou, entre outros, o livro que já mencionamos n'este capitulo (rarissimo hoje;) e morreu velho, pobre e proscripto, mas sem curvar a cerviz ao jugo castelhano, como cumpria ao neto do visorei incorruptivel, do grande D. João de Castro.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



O YAK.

O YAK, ou boi com cauda de cavallo, entre todos os grandes quadrupedes da Asia era talvez o mais imperfeitamente conhecido; e contudo o yak é um animal precioso que presta mui valiosos serviços na região em que vive; e acclimado na Europa poderia ser de utilissimo emprego na agricultura.

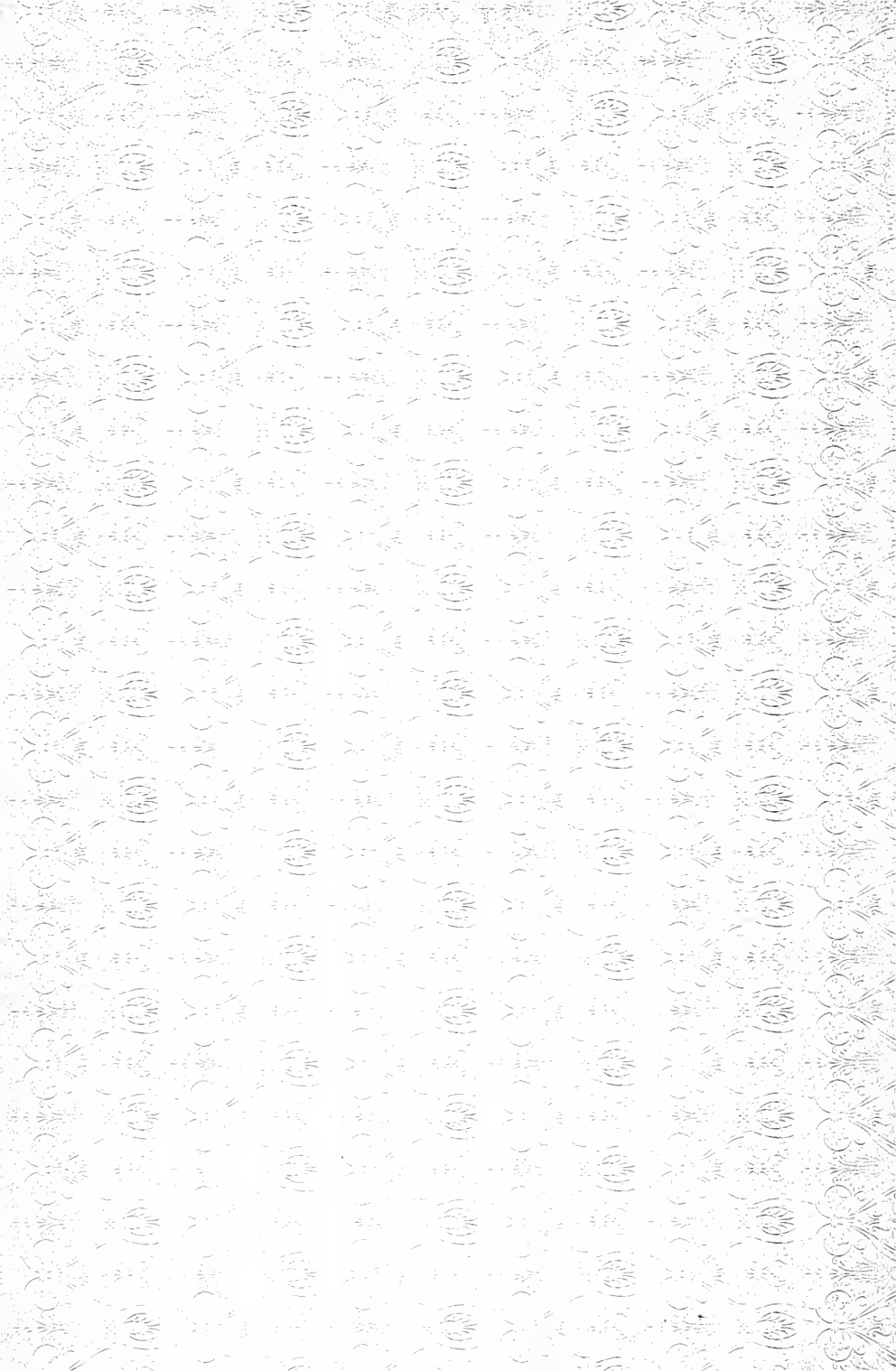
Considerado industrialmente o yak fornece tres sortes de productos; a clina da cauda, objecto de grande commercio no oriente; os pellos, e a lã de

que fabricam no Thibet uma fazenda muito forte, e quasi impermeavel. Os thibetinos e tartaros empregam-no como besta de carga e de tiro. A sua carne é de boa qualidade, e o leite de excellento gosto, e mui rico em materias saccharinas e caseosas.

O yak é sobrio, e vive bem nos climas mais fri-gidos; é manso e robusto, podendo assim tornar-se um poderoso auxiliar da agricultura, mormente nos paizes montanhosos.







4P  
65  
F36  
v.11

C Panorama

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

